BOLETIM

DA

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

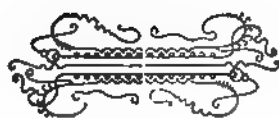
26.ª Série — 1908

BOLETIM

DA

Sociedade de Geographia de Lisboa

FUNDADA EM 1875

26.ª Série — 1908

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
Rua do Diario de Noticias, 110

1907

Direcção da Sociedade de Geographia de Lisboa

(ELEITA EM 25 DE FEVEREIRO DE 1908)

Presidente — Vice-Almirante Cons. Francisco Joaquim Ferreira do Amaral.

Vice-Presidentes — Coronel Carlos Roma du Bocage, Prof. Vicente Almeida d'Eça, Prof. Zophimo Consiglieri Pedroso, Cons. Rodrigo Affonso Pequito.

Secretarios Geraes — Capitão de Fragata Cons. Ernesto Julio de Carvalho e Vasconcellos, Prof. Dr. Francisco Xavier da Silva Telles.

Vice-Secretarios — Consul de 1.ª classe José Augusto Moreira d'Almeida, Capitão de Fragata Hypacio Frederico de Brion.

Thesoureiro — Luiz Eugenio Leitão.

Vogaes — Coronel Antonio Alfredo Barjona de Freitas, Cons. Antonio Duarte Ramada Curto, Cons. Conde de Penha Garcia, Coronel Cons. Joaquim José Machado, Cons. João Carlos de Carvalho Pessoa.

SÉDE DA SOCIEDADE

RUA DE SANTO ANTÃO

LISBOA

A Sociedade não toma sob sua responsabilidade as opiniões dos auctores dos artigos publicados no «Boletim».

26.ª Série — 1908 N.º 1 — Janeiro

BOLETIM

DA

Sociedade de Geographia de Lisboa

FUNDADA EM 1875

SUMMARIO

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
Rua do Diario de Noticias, 1[illegible]

1908

26.ª Série — 1908 N.º 1 — Janeiro

Director, proprietario e editor—*Sociedade de Geographia de Lisboa*—Rua de Santo Antão—Lisboa
Composição e impressão na Typographia Universal
pertencente a Coelho da Cunha, Brito & C.ª — rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

TRAÇOS GERAES SOBRE A ETHNOGRAPHIA DO DISTRICTO DE BENGUELLA

DUAS PALAVRAS

O presente e modesto trabalho foi elaborado tendendo tão sómente a um fim utilitario — o de bem servir os governos da nação portugueza pondo á sua disposição os poucos e fracos elementos com que os nossos minguados recursos intellectuaes pretendem concorrer para o enriquecimento e vulgarisação dos conhecimentos ethnologicos e economicos da Provincia de Angola, o que incontestavelmente conduz os poderes dirigentes a uma orientação racional e producente em materia da politica e administração colonial a seguir.

O utilitarismo d'este trabalho não se circumscreve só aos governos — tende tambem a servir os componentes ethnologicos, sociologicos e economicos das sciencias geographicas modernas.

Se um axioma é uma proposição evidente que não carece de demonstração, axioma é que: em materia de colonisação, na dominação e assimilação dos povos conquistados, o aproveitamento das riquezas coloniaes e a pacificação das relações ethnicas estão na razão directa dos conhecimentos dos recursos economicos e da ethnologia d'esses povos, para cuja assimilição nada ha melhor que a conquista economica operada pelo commercio e pela agricultura, que a conservação das boas relações mantida por uma politica indigena suave e consentanea com os usos, costumes, leis e tradições d'esses povos, cujo conhecimento é indispensavel para tal fim.

O presente trabalho, como resposta ao louvavel e util questionario publicado como circular pelo mallogrado Governador Geral de Angola, Eduardo Augusto Ferreira da Costa, no Boletim Official n.º 30 de 28 de Julho de 1906, obedece ao plano d'esse questionario. Circumscreve-se o mesmo trabalho apenas aos principaes povos do districto de Benguella, por ser sobre este districto que temos mais amplos e seguros conhecimentos, e mais principalmente aos gentios do Bihé, Bailundo e Nano, que são os que occupam as áreas maiores e mais importantes, quer ethnologica, quer economicamente. Temos

alguns conhecimentos sobre os districtos de Loanda e Mossamedes; arcar, porém, com as difficuldades, ás vezes insuperaveis, d'um trabalho d'esta natureza, em cujo decurso naufragam muitas vezes os investigadores e observadores mais pertinazes, abrangendo todos os povos da Provincia, cuja ethnologia é heterogenea, é obra de peso excessivo para os hombros de um homem só, e muito mais excessivo para a nossa pequenez.

Além de parcial é este trabalho resumido, e assim o fizemos, não só para se não tornar fatigante para quem o lê, como para attender á urgencia que o mallogrado Governador Geral tinha em obter as respostas.

Contém, porém, materias que mais tarde desenvolveremos e publicaremos separadamente. Taes são: os remedios e cura das molestias da Provincia; o espiritismo em Angola; os recursos economicos; grammatica, diccionarios, livro de versões sobre os dois dialectos principaes da lingua bunda, fallados nos districtos de Loanda e Benguella, que são os mais importantes e mais urge conhecer.

O mallogrado Governador Geral, como homem perfeitamente conhecedor de administração colonial e bom servidor da sua patria, que era, formulando aquelle questionario, iniciava o seu governo com uma sabia orientação politica, indigena, procurando harmonisar as leis e a sua administração com as instituições dos povos que vinha administrar. Os resultados d'uma administração assim orientada são efficazes.

E' assim que a Inglaterra resolve o problema de segurar aquella India mysteriosa, que para ella tem sido um verdadeiro pesadello, é assim que, pela boa potitica indigena, domina uma massa de mais de duzentos e cincoenta milhões de almas, e é pela conquista operada pela expansão commercial da Grande Companhia das Indias, que impera sobre aquelle colosso oriental.

Se esta modesta obra merecer a attenção e approvação dos governos, sentir-nos-hemos muito honrados e daremos por galardoado o trabalho da sua producção. Se, porém, nas tendencias utilitarias que nos guiaram, tivermos errado, que nos perdôe quem nos lêr.

ADVERTENCIA

Quando, no decurso d'este trabalho, não fizermos distincção dos usos, costumes e leis d'este ou d'aquelle povo, é porque a instituição é commum a todos ou, pelo menos, aos principaes d'elles.

Obedecendo sempre ao plano do questionario a que respondemos, apresentamos no fim d'este trabalho um pequeno vocabulario dos dialectos, dois dos principaes, fallados nos districtos de Loanda e Benguella. E aqui damos presentes as regras a observar na pronuncia e orthographia da lingua bunda, separadas por dialectos.

Obedecendo á simplicidade e clareza para mais facil comprehensão da leitura das palavras indigenas, não só dos vocabularios a que nos referimos, como as do dialecto do districto de Benguella que apparecerão no decurso d'esta obra, adoptaremos a orthographia que achamos mais simples e racional em harmonia com a phonologia da

lingua. Não se póde adoptar uma orthographia puramente portugueza, como recommendava o auctor do questionario, porque isso tornar-se-hia complicado e incomprehensivel, e difficil a leitura das palavras. A razão é uma : é que a lingua portugueza tem sons que não existem na lingua bunda e vice versa. A par das regras, originalmente nossas, que vamos apresentar, apresentaremos exemplos e comparações da pronuncia dos dois dialectos com a pronuncia de algumas palavras de linguas indo-europeas, para maior facilidade. Alguns linguistas que têm escripto sobre as linguas bundas, costumam empregar a orthographia portugueza, tendo de empregar o *t'* e o *n* no principio das palavras cuja primeira syllaba é *chi* ou nasal. Achamos esta sujeição orthographica não só inutil como complicada e prejudicial á comprehensão.

Porque, basta ensinar as seguintes regras :

O *ch* no dialecto de Benguella não tem o som de *x* que tem em portuguez, mas sim um som aspero e duro *tech* (pronuncia-se rapidamente) perfeitamente egual ao som que o *ch* tem em inglez como: *church* (egreja).

As consoantes *b*, *d*, *g* e *j*, quer em um, quer em outro dialecto, são sempre ditas com uma emissão de voz precedida de um som nasal no principio ou no meio da palavra. No dialecto de Loanda, porém, quando a palavra é um verbo e principia por um *b*, esta consoante deixa de ser precedida de som nasal, assim como outras excepções d'este dialecto.

Observadas estas duas regras, é desnecessario o emprego do *t'* e do *n* no principio das palavras, como usam escrever.

O dialecto da lingua bunda fallada no districto de Benguella e que vamos apresentar no vocabulario, é o mais puro e mais fallado e o que occupa maior área no districto, sendo por isso o mais importante e que é necessario aprender, pois é com os povos que fallam este dialecto que mais em contacto estão as auctoridades administrativas e militares e os commerciantes. Estes povos são os dos concelhos de Bihé, Bailundo, Caconda, Benguella e Catumbella, principalmente.

Os Ganguellas, Quillengues, Selles, Quiocos, Mundombes, Mucuandos e Bacuisses, têm dialectos proprios, differentes uns dos outros. O Quillengues e o Mundombe, porém, sabem fallar o dialecto bundo de que vamos tratar. Os outros gentios do Nano fallam todos o dialecto bundo de que vamos tratar; apenas em alguns d'elles como: Hanhas, Gandas, Caialas, Quissanges, Quiacas, Quibulas, Quibundas, Saques, Galangas, Galiatenas, Lendes, Ecumbiras, Quindumbos, etc., apparecem differenças phoneticas semelhando a falla um canto, que, comtudo, não alteram a estructura das palavras do dialecto. O dialecto mais puro é fallado pelo Biheno e depois pelo Bailundo ; estes dois povos, os mais avançados e mais importantes do districto, fallam mui nasalmente a ponto de parecer a falla um ronco.

Com a devida vénia, cabe-nos dizer duas palavras ácerca da creação de uma cadeira de lingua bunda e que faz parte da Escola Colonial que funcciona junto da Sociedade de Geographia de Lisboa.

Não sabemos qual é o programma que rege essa cadeira e quaes

os dialectos n'ella ensinados; outrotanto, o curso da mesma lingua e affins creado em Loanda (curso de interpretes Eduardo da Costa).

Em nosso fraco entender, porém, offerece-se-nos observar o seguinte.

A lingua bunda, como já dissémos, comprehende dois grandes e principaes dialectos fallados respectivamente nos districtos de Loanda e Benguella.

A nosso vêr, por serem elles que occupam as maiores e mais importantes áreas dos dois principaes districtos da Provincia, são esses dois dialectos que necessariamente, para d'isso se colher resultados de utilidade pratica, devem ser leccionados e constituir o programma do curso da lingua bunda. Os districtos de Benguella e Loanda, por serem os principaes da Provincia, quer economica, quer ethnologicamente, por serem os que têm melhor occupação administrativa e militar e por serem os seus povos os que estão em maior contacto com o elemento europeu, são aquelles que mais requerem a attenção não só dos governos, como geral; e é por isso que são os dois dialectos principaes d'esses districtos, os que devem ser leccionados.

A lingua ganguella, que tambem comprehende diversos dialectos, occupa uma grande área; a sua importancia pratica, porém, desapparece ao pé da lingua bunda, porque os povos ganguellas estão em pouco contacto com o elemento europeu e a sua occupação é ainda pouco densa, quer administrativa e militarmente, quer commercialmente. E só mais tarde, quando os ganguellas tiverem a importancia que têm os quimbundos, será necessario o estudo da lingua d'aquelles.

Como a cadeira creada é só uma, para que esse ensino seja real e tenha resultados producentes que permittam que o alumno que frequentou esse curso, saiba a lingua e, vindo para Africa, se possa perfeitamente entender com o preto indigena, dispensando os interpretes que não poucas vezes adulteram as traducções, enganando o funccionario a bem dos interesses que melhor lhe convenham, é mistér que esse curso seja leccionado por um professor que saiba bem os dois dialectos e o portuguez. Um homem em taes condições é difficil de se encontrar; porque, se este sabe o dialecto de Loanda, não sabe o de Benguella, e vice-versa.

E' raro encontrar-se quem allie os conhecimentos dos dois dialectos. E comtudo, o ensino de ambos é, a nosso vêr, indispensavel; porque em importancia nenhum sobreleva o outro. E o curso da lingua deve ser dividido em dois annos, sendo um para cada dialecto, o que não é muito.

A lingna bunda tem difficuldades taes de phonologia, declinação, concordancia, regencia, construcção, etc., que só um natural da Provincia que saiba os dois dialectos e tenha estudado o portuguez a poderá ensinar com proveito e utilidade. Pelos livros apenas, por muito bem que estes estejam confeccionados, nada se saberá rigorosamente.

E' necessario que o alumno esteja em contacto com o professor e o ouça pronunciar as palavras para bem aprender a dizel-as. Porque ha certos sons nasaes, muito difficeis de emittir, e que só um natural póde ensinar. A accentuação tonica é muito irregular, e a declinação das palavras variadissima.

Só um natural sabendo os dois dialectos e que tenha conhecimento da grammatica das linguas cultas, para d'esta deduzir as regras a construir no estudo da lingna bunda, o póde consegnir com segurança. A não se observar isto, o estudo da lingua nunca poderá ser real.

Segundo lemos, o actual proprietario da cadeira da lingua em Lisboa foi mandado pelo governo a Loanda para ahi colher elementos para poder cumprir o seu mandato em Lisboa. Pedindo vénia á respeitabilidade que nos merece, não só a mentalidade, como a condição ecclesiastica do actual professor, diremos que esses elementos não se colhem em mezes, mas sim em annos; alem d'isso, quem os fornecerá em Loanda?

E colhidos os elementos em Loanda após alguns annos, tinha que vir colher outros a Benguella; quem os forneceria? Assim, colhendo elementos para poder saber a lingua afim de a leccionar em Lisboa, pelas difficuldades que esta tem, levaria o actual professor annos e annos para aprendel-a bem e envelheceria n'essa tarefa. Tal não póde ter resultados praticos e reaes. O curso em Lisboa estaria todo esse tempo por funccionar, e a sua creação seria uma chimera. Como se fez, seria o mesmo que enviar um portuguez á Allemanha estudar o allemão para depois vir leccionar essa lingua em Lisboa. Ora, ninguem melhor que um allemão que saiba bem portuguez, póde leccionar em Lisboa a lingua allemã.

Pronuncia e orthographia do dialecto de Benguella

Faremos compôr o alphabeto de vinte letras, a saber: *a*, *b*, *d*, *e*, *f*, *g*, *h*, *i*, *j*, *k*, *l*, *m*, *n*, *o*, *p*, *r*, *s*, *t*, *u*, *v*, *y*.

As letras compostas são: *ch*, *nh*, *gn*.

O *a*, *e*, *f*, *i*, *m*, *n*, *o*, *p*, *t*, *u*, têm o mesmo som que em portuguez.

O *b*, *d*, *g*, *j* são sempre precedidos de um som nasal. N'este dialecto não existe o som brando do *g* portuguez antes de *e*, *i*, como por exemplo: Germano. Antes de qualquer das vogaes o *g* bundo tem sempre o som guttural do *g* portuguez antes de *a*, *o*, *u*, como por exemplo: gala. Assim, o *ge*, *gi* bundo, tem a mesma pronuncia do *gue*, *gui* portuguez. Para melhor frisar, diremos que é perfeitamente egual ao *ge* allemão, como na palavra *gestern* (hontem) — é sempre guttural.

Empreguemos o *h* na orthographia bunda para indicar que a syllaba que principia por aquella consoante deve ser aspirada, pois este dialecto tem muitas aspirações.

O *j* n'este dialecto tem sempre um som aspero (*degé* pronunciado rapidamente), pois, como já dissemos, não existe o som brando do *ge* portuguez; o seu valor é perfeitamente egual ao do *j* inglez, como por exemplo: na palavra *John* (João).

O *k* tem sempre antes de qualquer vogal o valor do *c* portuguez antes de *a*, *o*, *u*, como por exemplo: carta. Assim, o *ke*, *ki* bundo tem a mesma pronuncia do *qua*, *aqui* portuguez.

O *r* seja em que logar da palavra estiver tem sempre o sem brando do *r* portuguez entre vogaes, como por exemplo: *arame*. O som car-

regado ou valor forte do *r* portuguez no principio das palavras, como: *rama*, não existe n'este dialecto.

O *s* tem sempre, seja em que logar da palavra estiver, o som brando e sibilante do *s* portuguez no principio das palavras ou depois de consoante, como por exemplo: *soba*, *manso*. O valor forte do *(z)* que o *s* portuguez toma entre vogaes como *raso*, não existe n'este dialecto.

O *v* tem um som mais brando que o *v* portuguez; o seu valor é comprehendido entre o *b* e o *v* portuguez. E' perfeitamente egual ao som do *v* hespanhol, como na palavra *venga* (venha).

Empreguemos o *y* na orthographia bunda para indicar que elle representa o valor de dois *i* juntos mas pertencentes a duas syllabas differentes.

As vogaes têm sempre em qualquer logar da palavra o seu valor inicial e pronunciam-se sempre com som aberto.

Queremos dizer que o *e* bundo nunca toma o valor de *i* e que o *e* portuguez toma no principio da palavra; assim como o *o* bundo nunca toma o valor de *u* que o *o* portuguez toma no fim da palavra.

Convêm não esquecer que, além das explicações que démos sobre o *g* e *j*, estas consoantes, assim como o *b* e *d*, são sempre precedidas de som nasal.

Os valores portuguezes de *l*, *r* carregado, *ge*, *xe* (Xabregas), *okce* (oxydo) e *z* não existem n'este dialecto. São pois eliminados do seu alphabeto o *l*, *x* e *z*. Tambem eliminámos o *c* por ser desnecessario — como não existe o *z*, o *s* supprirá sempre o valor do *c* portuguez antes de *e*, *i*, e o *k* supprirá o valor da mesma letra antes de *a*, *o*, *u*.

Tambem eliminámos a letra *q* por ser desnecessaria; os valores portuguezes de *qua*, *que*, *qui*, *quo*, serão representados na orthographia bunda por *kua*, *ke*, *ki*, *kuo*.

A pronuncia portugueza do *gue* na palavra *guella* será representada tambem no dialecto por *gue* (gu-e), como por exemplo na palavra *ogue* (onça, panthera) que se pronunciará *ongu-e* fazendo preceder, conforme a regra, o *g* de som nasal, e separando o *gu* do *e*; o que indica ter estas palavras tres syllabas: *o*, *gu*, *e*.

O *ch*, como já explicámos, tem um som aspero (*teché* pronunciado rapidamente) egual ao do *ch* inglez.

O *nh* tem o mesmo valor que tem em portuguez.

O *gn* é uma consoante composta que empregamos para representar um som nasal especial que possue o dialecto e cujo valor se approxima muito do som nasal do *ng* final da palavra ingleza *young* (novo).

Este som nasal, porém, só se aprende a emittir rigorosamente ouvindo-o ao professor ou a um indigena.

Os signaes orthographicos que empregaremos, serão apenas o accento agudo para indicar as syllabas predominantes das palavras, e o til para indicar a nasalidade de certos diphtongos.

Em portuguez as palavras têm apenas um accento tonico. Em bundo ellas têm diversos accentos tonicos. Ha palavras que têm duas e tres syllabas ás vezes que se pronunciam quasi com egual força, havendo em todas as palavras uma syllaba que se pronuncia mais

fracamente que as outras. E' devido a esta irregularidade que a phonologia da lingua se torna difficil como dissemos; sendo essa difficuldade accrescida da das palavras homologas, homophonas e homonymas.

Comtudo, apresentaremos a seguinte regra geral para a accentuação das syllabas:

Nas palavras de duas syllabas, o accento tonico está na primeira sendo a segunda dita mais fracamente; quando a segunda, porém, é formada por diphtongo nasal, é ella que predomina. Nas palavras de tres syllabas é mais forte a segunda e mais fraca a ultima. Nas de quatro syllabas são predominantes a primeira e terceira, e mais fraca a ultima; quando, porém, esta é nasal, é ella e a segunda que predominam. Nas de cinco syllabas predominam a segunda e a quarta.

A ultima syllaba é pois sempre a mais fraca, excepto quando é formada por diphtongo nasal; n'este caso é mais forte que a syllaba precedente.

Temos visto sempre escrever-se o bundo com *n* e *m* para nasalisar as syllabas. Achamos desnecessaria tal orthographia que eliminaremos. Essa orthographia que se tem adoptado, só serve para encher as palavras de *n* e *m* sempre que essas palavras tenham *b*, *d*, *g* e *j*, o que as torna muito compridas e de complicada leitura, tornando tambem o aspecto d'ellas desagradavel á vista. Não empregaremos, pois, o *n* e *m*, como é vulgar, para nasalisar aquellas quatro consoantes, nem no principio nem no meio das palavras. Assim, como adoptaremos, torna-se mais facil a comprehensão da estructura das palavras, a divisão das suas syllabas, a sua accentuação etc. e sobretudo será a orthographia mais simples e clara, as palavras mais curtas, e o seu aspecto agradavel á vista.

Exemplos:

Ogóbe (boi), palavra de tres syllabas, pronuncie-se: *ongómbe* (como vulgarmente costumam escrever). Eliminámos o *n* e o *m* no meio da palavra por serem desnecessarios; pois que, segundo ensinámos, as syllabas *go* e *be* d'essa palavra devem ser ditas precedidas de som nasal.

Assim como escrevemos, tornou-se a orthographia da palavra mais simples, clara e agradavel á vista, e a palavra mais curta.

Ojágo (sala de palestra), palavra de tres syllabas, pronuncie-se: *ondjángo.*

Óchibúda (quinbundo), palavra de quatro syllabas, pronuncie-se: *ótchimbúndu.*

Óde (colmêa), palavra de duas syllabas, pronuncie-se: *ónde.*

Égu (larva), palavra de duas syllabas, pronuncie-se: *Éngu.*

Ógi (carneiro), palavra de duas syllabas, pronuncie-se: *Óngui.*

Oguígí (bagre), palavra de quatro syballas, pronuncie-se: *Ónguíngui.* Esta palavra, e como esta outras, faz excepção á regra da accentuação das palavras de quatro syllabas, porque n'ella a ultima syllaba é tambem accentuada, sendo fraca a segunda.

Odógoróka (milho grado), palavra de cinco syllabas, pronuncia-se: *ondóngoróca.*

O dialecto da lingua bunda do districto de Loanda que apresen-

taremos nos vocabularios, é o mais importante, o que mais urge saber, o que occupa maior área n'aquelle districto e é fallado pelos povos que estão em maior contacto com as auctoridades administrativas e militares, e com os commerciantes e agricultores. Ha n'esse districto alguns outros dialectos differentes uns dos outros e peculiares a alguns povos, taes como: Quissamas, Cassanges, Libollos, etc., mas a sua importancia desapparece ao pé do dialecto principal de que trataremos e de cuja pronuncia e orthographia vamos dar aqui as regras. Onde se falla hoje mais puramente este dialecto é no concelho do Duque de Bragança que foi povoado pelos Golas, povo que deu o nome á Provincia. Para este concelho se tinha retirado, com todo o seu povo, por occasião da occupação portugueza, a rainha Ginga que então residia em Loanda, de que era a soberana.

Os pescadores da ilha de Loanda têm um dialecto que apresenta differentes phonologicas do dialecto fallado n'aquella cidade.

Pronuncia e orthographia do dialecto de Loanda

Faremos compôr o seu alphabeto de vinte e tres letras, a saber: *a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, r, s, t, u, v, x, y, z.*

Só tem uma consoante composta: *nh* que tem o mesmo valor que em portuguez.

Os sons de *ch* aspero e *gn* nasal do dialecto de Benguella, assim como o *j* aspero d'este mesmo dialeto, não existem no dialecto de Loanda.

Têm o mesmo valor que têm em portuguez, as seguintes letras: *a, b, d, e, f, i, j, k, l, m, n, o, p, t, u, v, z.*

O *g* antes de qualquer vogal tem sempre o som guttural do *g* portuguez antes de *a, o, u*, havendo a observar perfeitamente o mesmo que se observa no dialecto de Benguella.

Empregamos tambem o *h* para indicar que a syllaba que começa por esta consoante deve sempre ser aspirada.

O *j* tem sempre antes de qualquer vogal o valor brando que tem em portuguez, como por exemplo: *Januario.*

A regra da pronuncia do *k* é perfeitamente egual á que fizemos observar no dialecto de Benguella.

As regras de pronuncia do *r* e *s* são perfeitamente eguaes ás que fizemos observar no dialecto de Benguella; no de Loanda o *r* nunca tem o valor do *r* portuguez no começo da palavra nem o *s* entre vogaes tem o valor de *z.*

O *x* tem sempre o valor do *x* portuguez, como em Xabregas.

O *y* tem o mesmo valor que tem no dialecto de Benguella.

Eliminámos, por serem desnecessarios, o *c, q*, em virtude das regras que démos sobre o *k* e o *s*. Os valores de *ca, ce, ci, co, cu, qua, que, qui, quo* portuguez serão representados por *ka, se, si, ko, ku, kua, ke, ki, kuo;* assim como os de *ga, ge, gi, go, gu, gue, gui* portuguez serão representados por *ga, je, ji, go, gu, ge, gi.* Sobre o *gue* portuguez na palavra *guella* ha a observar a mesma regra do dialecto de Benguella, assim como sobre o *gua.*

Como no dialecto de Benguella, n'este, o *e* inicial e o *o* final d'uma

palavra tem o seu som real e nunca tomam, como em portuguez, o som de *i* e *u* respectivamente n'aquellas condições.

E' preciso notar que o *v* d'este dialecto é egual ao portuguez e não ao de Benguella.

Como signaes orthographicos apenas empregaremos o accento agudo para indicar as syllabas predominantes; como este dialecto não tem diphtongos nasaes, não empregaremos o til.

Como as do dialecto de Benguella, as palavras d'este não têm um só accento tonico; dando-se a mesma irregularidade d'aquelle dialecto. Comtudo, apresentaremos as seguintes regras geraes:

As palavras de duas syllabas têm o accento mais forte na primeira; as de tres na segunda; as de quatro na segunda e terceira e mais frequentemente na primeira e terceira, e em algumas na segunda e ultima; as de cinco na primeira e quarta, e em algumas na segunda e quarta. Ao contrario do dialecto de Benguella, a ultima syllaba não é a pronunciada mais fracamente. Nas palavras de duas syllabas a força é quasi egual em ambas; nas de tres a primeira é a mais fraca.

Estas regras, porém, têm excepção que só se aprendem com a pratica da convivencia com o indigena ou com o professor. As mesmas difficuldades que apontámos no dialecto de Benguella crescem n'este com a irregularidade da nasalisação das consoantes.

As consoantes *d* e *g* são sempre precedidas de som nasal quer no principio quer no fim quer no meio das palavras.

As consoantes *b*, *f*, *v* e *z* quer no principio quer no meio das palavras têm nasalisação irregular, sendo em alguns casos nasaes e em outros não. As excepções á regra da sua nasalisação são muitissimas e só se aprendem ou com a pratica ou com uma boa grammatica. Não as apresentamos aqui, porque reservamos isso para as grammaticas que mais tarde apresentaremos a publico; além d'isso, tomariam um campo vasto que vae fóra do plano d'este trabalho que não é puramente glottologico e que cingimos ao plano do questionario.

Para este dialecto não adoptaremos nos vocabularios a orthographia simples e clara do dialecto de Benguella por causa da irregularidade dos sons nasaes que precedem as consoantes citadas.

Em nossos trabalhos posteriores, como daremos as regras e excepções da nasalisação, crearemos uma orthographia como a que agora apresentamos para o bundo de Benguella.

Por isso, adoptaremos provisoriamente e só para o vocabulario do bundo de Loanda apresentado n'este trabalho, parte da orthographia adoptada vulgarmente pelos que têm escripto sobre esta lingua. Empregaremos, portanto, o *n* e o *m* no meio das palavras para indicar as consoantes nasaes; mas não o faremos no principio das palavras por ser desnecessario. Indicaremos a nasalisação do *b, j*, *v* e *z* no principio das palavras com um asterisco.

As palavras que começarem por *d* e *g*, não levam indicação nenhuma, porque estas duas consoantes são sempre nasaes em qualquer logar da palavra.

Exemplos:

Menha (agua), palavra de duas syllabas, sendo a primeira um pouco mais forte.

Vúla (chuva), palavra de duas syllabas, sendo a primeira um ponco mais forte. Vulgarmente escripto e pronunciado *Mvúla*.

Gúzu (força), palavra de duas syllabas, sendo a primeira um pouco mais forte. Vulgarmente escrito e pronunciado *Ngúzu*.

Gandála (guardanapo), palavra de tres syllabas, sendo a segunda mais forte e a primeira mais fraca. Vulgarmente escripto e pronunciado *Ngandála*.

Gínga (lacraia) palavra de duas syllabas em que a primeira é um pouco mais forte. Vulgarmente escripta *Ngínga*. Pronuncie-se: *Nguinga*.

Rikálangá (lagarto), palavra de quatro syllabas, sendo mais fortes a segunda e ultima.

Mátafúmu (nome commum a escravos do mesmo dono), palavra de quatro syllabas em que são mais fortes a primeira e terceira.

Kuléláma (luzir, ter lustre, brilhar), palavra de quatro syllabas, sendo mais fortes a segunda e terceira.

Ribúlungúndu (torrão), palavra de cinco syllabas, sendo a mais forte a segunda e quarta.

Dándu (parente), palavra de duas syllabas mais um pouco forte a primeira. Vulgarmente escripto e pronunciado *Ndándu*.

**Jímba* (moéla, instrumento de musica), vulgarmente escripto e pronunciado *Njímba*.

**Bángi* (testemunha), vulgarmente escripto e pronunciado *Mbángi*.

**Zúmbi* (alma do outro mundo), vulgarmente escripto e pronunciado *Nzúmbi*.

Dénde (fructo da palmeira), vulgarmente escripto e pronunciado *Ndénde*.

**Bíji* (peixe), vulgarmente escripto e pronunciado *Mbígi*.

Em regra, a primeira syllaba é sempre a mais fraca, excepto: nas de duas syllabas, nas de quatro e cinco em que ha casos de ser forte a primeira. Nas de tres, porém, é sempre a mais fraca. E' forte nas de cinco syllabas, quando são palavras compostas, sendo a primeira de duas.

ETHNOLOGIA

CAPITULO I

Dos povos em geral

1.º

Os povos principaes que habitam o districto de Benguella são os seguintes:

Bihenos, Bailundos, Andulos, Quimbandes, Cachinges, Luimbes, Luelas, Luenas, Capocos, Quiocos, Luchasses, Lobales, Bundas, Canhocas (sendo estes ultimos doze designados genericamente por Ganguellas), Dondes, Momas, Sambos, Huambos, Quipeios, Quibandas, Quibullas, Soques, Galangues, Galangas, Ecumbiras, Lendes, Quiacas, Quidumbos, Galiatenas, Quissanges, Selles, Caialas, Hanhas (de Catumbella), Hanhas (de Benguella), Gandas, Quingolos, Chicumas,

Quequetes, Golas, Caluquembes, Cacondas, Luceques, Fendes, Nhembas, Dongos, Chicungos, Chicarapiras, Mussindos, Catocos, Mundombes, Mucuandos, Bacuisses, Quillengues, etc.

A maior parte d'estes povos pertencem á grande raça bantu. Não só o districto de Benguella como a Provincia de Angola, foi o enorme cadinho em que se operou a fusão de tres raças importantes — bantu, congoleza e hottentote. O districto foi primitivamente povoado pela ultima d'aquellas raças. A invasão das duas grandes raças — a bantu, vindo do sudéste e a congoleza vindo do norte e nordéste, mais fortes que a hottentote, veiu fazer evolucionor rapida e fortemente a anthropologia primitiva do districto e da Provincia. As raças invasoras chocaram-se e a resultante d'aquellas duas forças foi a direcção sul que, rechaçada e vencida, seguiu a raça hottentote. A congoleza e a bantu, repulsionadas fortemente pelo choque as suas principaes massas, estabeleceram os seus habitats: a primeira no norte e nordéste, e a segunda no sul, sudéste e léste da provincia. Das duas invasoras, porém, a que soffreu mais com o choque recuando consideravelmente, foi a congoleza. Abandonado o centro por esta, onde comtudo ella deixava vestigios sufficientes para perpetuar o seu typo, avançou de novo o bantu e occupou definitivamente a zona central. Começou então n'essa zona a obra importante da fusão das tres raças.

A raça hottentote, comtudo, não fôra toda impellida para o sul — em todo o seu primitivo habitat deixava tambem os seus vestigios embora pouco densos.

Parte d'esses vestigios entrou na grande fusão, e parte procurou habitats particulares onde se estabeleceu e occupa até hoje conservando o typo primitivo da sua raça. Os vestigios deixados densamente pela congoleza e o contingente trazido pelo avanço da bantu que entrava com a maior parte de elementos para a grande liga que se operou, fundiram-se então, produzindo os diversos typos que caracterisam os povos actuaes do districto. O typo que ficou predominando, porém, na grande fusão, foi o bantu, por ter sido esta raça a que entrára com maiores elementos.

O typo mais puro das raças invasoras encontra-se hoje: a congoleza no norte (districtos do Congo e Loanda), e a bantu no sudéste e sul (parte dos districtos de Benguella e Mossamedes). O centro da Provincia é occupado pelos typos resultantes da fusão das tres raças.

D'estes povos são mais fortes aquelles em que predomina o typo bantu, e que occupam o sul, sudéste e léste. No districto distinguem-se os povos genericamente ganguellas, os bihenos, bailundos, mundombes, mucuandos, bacuisses e quillengues.

Em belleza distinguem-se os gentios do Nano, sobrelevando os Hanhas, Gandas, Caialas, Quibullas, Quibandas, Selles, Quiacas, Quissanges, Cacondas, Caluquembes, Golas, cujas mulheres apresentam uma plastica admiravel. Conservam a sua frescura por longos annos, envelhecendo difficilmente.

E entre todos esses são mais perfeitos os Hanhas, Caialas, Golas e Caluquembes.

(Continúa)

AUGUSTO BASTOS

OBSERVATORIO METEOROL[illegible]

Resumo das observações [illegible]

Latitude S. = 8°.48'.45"

Distancia ao mar 187m,0 — **Altitude do bar[illegible]**

Mezes	Pressão atmospherica — Millimetros [1]			Temperatura á sombra — Gr. cent. [1]			Temperatura na relva — Gr. cent.		Temperatura no vacuo — Gr. cent.		Humidade relativa — Gr. cent. [2]			Tensão do vapor atmospherico — Millimetros [2]			Vento		Chuva		Evaporação em millimetros — Média
	Maxima	Minima	Média	Maxima	Minima	Média	Maxima	Minima	Maxima	Minima	Maxima	Minima	Média	Maxima	Minima	Média	Rumo predominante	Velocidade média	St. inferior	St. superior	
Jan.	754,5	747,9	750,5	29,4	21,5	24,4	50,9	20,0	63,7	43,2	95	61	81	21,1	17,2	19,2	SW	11	7,9	7,6	2,6[illegible]
Fev.	755,1	748,0	751,6	30,5	21,8	25,0	51,[illegible]	18,3	70,5	49,5	100	64	77	21,7	17,7	19,8	W	11	102,2	95,0	3,8[illegible]
Març	754,6	747,5	750,8	32,5	22,3	26,4	[illegible]0,9	19,5	72,0	36,6	95	54	76	24,9	16,4	20,0	W	13	37,3	32,0	3,0[illegible]
Abril	754,1	747,3	751,4	30,5	21,3	25,5	50,5	18,5	68,7	42,4	100	61	70	24,1	10,1	19,7	W	15	123,2	113,5	4,[illegible]
Maio	755,6	749,5	752,6	20,1	18,5	23,9	42,5	17,0	62,5	33,7	97	61	8[illegible]	21,3	14,4	18,9	W	11,0	1,2	1,2	2,0[illegible]
Junho	[illegible]50,8	754,1	754,5	23,0	15,5	19,[illegible]	35,0	13,7	59,1	33,5	95	69	81	17,0	12,[illegible]	14,8	SW	8	0,2	0,2	2,[illegible]
Julho	758,1	752,0	755,4	24,9	14,0	19,6	33,0	12,8	56,[illegible]	35,0	94	61	78	16,6	11,0	13,6	W	8	—	—	2,[illegible]
Ag.	759,0	752,7	755,9	24,4	15,0	19,3	4[illegible]	13,9	56,0	33,4	94	59	79	15,7	11,3	14,0	SW	7	—	—	2,1[illegible]
Set.	757,2	[illegible]51,0	754,1	25,7	17,0	21,1	48,6	16,0	63,1	45,7	96	63	83	17,6	14,0	16,0	SW	1[illegible]	—	0,1	2,2[illegible]
Out.	757,9	750,3	753,5	26,5	17,5	22,0	44,8	15,0	68	40,4	92	62	81	10,2	[illegible]4,2	16,7	SW	6	—	1,0	2,3[illegible]
Nov.	756,0	749,3	752,8	26,8	20,1	23,4	43,7	12,1	67,5	42,6	96	71	83	[illegible]0,2	16,7	18,3	SW	7	1,2	4,8	2,5[illegible]
Dez.	755,1	749,0	754,3	30,3	21,0	23,8	35,8	15,5	68,3	35,7	96	60	81	20,1	17,0	18,5	SW	14	4,4	8,4	2,6[illegible]
Anno	756,0	749,[illegible]	753,1	27,7	18,8	22,8	44,0	16,0	64,7	39,3	96	61	80	20,0	14,3	17,5	SW	10	277,6	264,4	2,8[illegible]

[1] Deduzidos do barographo e thermographo Richard.
[2] Tomadas das observações das 9 horas da manhã, meio dia, 3 horas da tarde e 9 horas da noite.

…TICO DE LOANDA

…nno de 1907

Longitude (E. de Gr.) = 13°.13'.15".

… 59m,25 — Elevação do terraço sobre o solo 20m,0

… dias		Quantidades de nuvens							Declinação magnetica		Inclinação magnetica		Intensidade magnetica	
Cacimbo	Nevoeiro	Ceu sereno 0	Algumas nuvens 0 a 1	Pouco nublado 2 a 3	Nublado 4 a 6	Muito nublado 7 a 9	Encobertos 10	Claros 10	Numero de grupos de observações	Valor médio da declinação NW.	Numero de grupos de observações	Valor médio da inclinação S.	Intensidade média da componente horisontal. — Unidades C. G. S.	Intensidade da força total. — Unidades C. G. S.
—	—	21	6	11	25	21	30	19	2	16°.25'.15",0	2	35° 15'.30",0	0,201508	0,246778
—	—	18	4	7	39	24	10	9	3	16° 28'.10",0	3	35° 25' 33",7	0,2017[illegible]	0,247336
—	—	7	—	4	53	31	17	18	3	16° 28' 10",0	3	35° 20' 28",7	0,201697	0,247262
—	—	6	7	16	39	28	7	17	3	16°.20'.10",0	3	35° 17' 21",2	0,201744	0,247124
2	—	13	17	14	17	24	17	23	3	16° 25'.10",0	3	35°.19' 57",5	0,202298	0,247971
11	—	26	11	7	10	8	28	22	3	16° 25' 20",0	3	35° 23' 27",5	0,201609	0,247307
6	—	41	17	9	13	2	26	12	2	16° 27' 10",0	3	35°.21' 30",0	0,202353	0,248272
15	2	49	7	13	11	5	24	14	3	16° 24' 23",3	3	35° 25' 43",7	0,202319	0,248[illegible]04
4	1	20	7	21	16	11	1	24	3	16°.21'.06",6	4	35° 23' 06",2	0,202778	0,248722
—	—	13	2	19	23	12	20	26	3	16° 27'.03",3	3	35° 26' 05",0	0,20[illegible]775	0,248[illegible]00
—	3	3	1	23	27	34	17	15	3	16° 24' 53",3	3	35° 24' 15",0	0,20[illegible]4[illegible]7	0,248374
—	2	3	1	17	30	50	14	9	3	16° 24' 50",6	3	35° 18' 00",0	0,201[illegible]0	0,247308
38	8	220	80	161	303	250	216	212	—	16°.25'.54",0	—	35°.21' 59",8	0,202050	0,247[illegible]

O Director,

ERNESTO AUGUSTO GOMES DE SOUSA.

EMMENTA DA CASA DA INDIA

(Conclusão do n.º 12 da 25.ª série)

Anno 1553

Partiu neste anno a 24 de Março domingo de ramos hua esquadra de 5 naus com estes capitaens

1) A Nau S. Bento em que hia o capitam mor Fernam Aluarez Cabral. *Perdeu-se esta no Cabo de boa esperança vindo para o Reino consta da Chronica do Rey D. Joam o 3.º parte 4. Cap.º 103.*
2) S. Antonio Capitam D. Manuel de Menezes
3) A Galega Capitam Ruy Pereira da Camara *Chegou a Cochim em novembro*
4) A Ascençam *que a Chronica chama Santa Cruz. Couto lhe chama tambem Santa Cruz.* Capitam Belchior de Sousa Lobo. Era nau de comercio armada por Diogo de Castro do Rio, arribou ao Reyno
5) Nossa Senhora de Loreto *alias Rosario* Capitam D. Payo de Noronha. Era nau de comercio, armada por Lucas e Nicolao Giraldes Invernou em Mozambique.

MORADORES DA CAZA DEL REY QUE NESTE ANNO E NESTAS NAUS PASSARÃO Á INDIA

Antonio Pereira vay provido da viajẽ de Maluco fidalgo da Casa do Infante D. Luis
Francisco Pereira de Miranda provido na Capitania de Chaul
Sebastiam de Ataide filho de Nuno vas de Castelo branco provido de viajem de Malaca e de Pegú
Gonçalo Falcam provido em Capitam de Zofala fidalgo da Casa real
Tristam Fogaça cazado com D. Brites Botelha provido das viajens de Pega
Francisco de Melo de Olineira filho de Jeronimo de Melo e de Caterina Pinheira fidalgo da Casa del Rey
Gonçalo Pinto de Araujo cavaleiro fidalgo casado cõ Isabel Tavares
D. Fernando de Meneses filho de D. Joam de Meneses, e de D. Maria Freire foi em S. Bento.
Simam Machado da Cunha filho bastardo de Alvaro da Cunha e de Cicilia Bras fidalgo da Casa em S. Bento.
D. Pedro de Meneses filho de Fernando da Silva de Menezes
D. Pedro de Noronha filho de D. Francisco de Noronha e de D. Filipa Pereira
Christovam de Mendonça filho de Affonso arraes de Mendonça moço da Camara

Sebastiam de Brito filho de Gabriel de Brito
Jorze de Melo Pereira filho de Francisco de Melo de S. Payo moço fidalgo
Ayres Falcam filho bastardo de Luis Falcam Moço fidalgo
Simam de Sousa filho de Andre Pereira das Coberturas fidalgo da Casa
Jorze de Melo filho bastardo de Antonio de Melo Comendador que foy de S. Joam e de Brites Fernandez Moço fidalgo
D. Joam de Menezes filho bastardo de D. Jorze de Menezes e de Anna Afonso do Amaral em Quimbre termo de Coimbra
Gonçalo Guedes filho de Gonçalo Guedes, e de D. Izabel de... [1] Fidalgo
Artur de Melo filho de Joam de Melo Fidalgo da Casa
[Diogo de Miranda Henriques filho de Antonio de Miranda de Azevedo e de D. Filipa de Noronha Fidalgo
Luis de Goes filho de Fructos de Goes e de Isabel Perdigoa Moço fidalgo do cardial
D. Martinho Rolim filho de D. Rolim fidalgo da Casa em S. Bento
D. Manuel Rolim seu irmam Moço fidalgo
Christovam Fogaça filho de Simão Fogaça Fidalgo em S. Bento
D. Aluaro Gonçalvez de Ataide filho de D. Antonio de Ataide Fidalgo
Manoel Correa filho de Nuno Gato e de Inez Correa vay provido em Feitor de Ormuz
Manuel da Gama filho de Estevam da Gama de Elvas e de Maria Sanches da Ponte fidalgo da Casa
Nuno Rodrigues de Beja filho de Joam Affonso de Beja e de Lucrecia Rodrigues Fidalgo do Infante D. Luis
Gonçalo Vas Carvalho filho de Fernão Vas Carvalho moço fidalgo
D. Antonio de Noronha filho de D. Martinho de Noronha na Galega.
Damiam Borges filho de Gonçalo Borges Moço da Camara
Ruy Dias Pereira filho de Duarte Pereira Fidalgo
Manuel de Vasconcelos vay por Capitam de Maluco Fidalgo
Pedro de Miranda filho bastardo de Diogo de Miranda e de Brites Fernandez
Duarte Peyxoto filho de Duarte Peyxoto e de D. Izabel da Silva moradores em Penhafiel
Martim de Castro filho de Andre Angelino Moço Fidalgo
Jorze da Silva vay por Capitam de Baçaim Fidalgo
D. Tristam de Menezes filho bastardo de D. Simão de Menezes, e de Mecia Simoa
D. Martinho de Azevedo filho de D. Manuel de Azevedo e de D. Marianna Moço Fidalgo
Gaspar Pereira filho de Manuel Pereira Moço Fidalgo
D. Joam de Abranches Leva a capitania de Dio
Pedro Alvares da Costa Escudeiro fidalgo filho de Manuel Aluares de Alanquer

[1] Ininteligivel a emenda aqui feita.

Fernam Pereira } filhos de Duarte Pereira
Nuno Pereira }

Nuno Pereira de la Cerda filho de Manuel Pereira e de D. Mayor de la Cerda Moço Fidalgo. Galega

Vasco Pereira de La Cerda seu irmam

Sebastiam de Brito fidalgo da Casa filho de Gabriel de Brito

Alvaro freire moço da camara filho de Simam Aluarez Boticario

Antonio Cardozo moço da Camara filho do Licenciado Joam Dias

Simão Alvares moço da Camara filho de Diogo Alvares Ensayador da Moeda

Estacio dias filho de Diogo Fernandez e de Margarida Pires morador no termo de Coimbra homẽ darmas

Jeronimo Serram filho de fernão Serrão e de Brites Lopes morador no lumear. dito

Filipe de Aguiar moço da Camara casado com Margarida Serram por Feitor de Maluco

Baltazar quaresma filho de Antonio quaresma para Feitor e Thezoureiro de Cochim

Belchior rebelo filho de Gonçalo rebelo para feitor de Chaul

Diogo Lourenço casado com Jeronima da Costa para Meirinho e Alcaide de Malaca

Fim do Livro de 1553.

Anno de 1554

Partiu neste anno de 1554 em 22 d'abril que era dia de Nossa Senhora dos prazeres do porto de Bellem hũa esquadra de seis naus á ordem do Vice Rey D. Pedro Mascarenhas com estes capitaens

1) Boaventura. Embarcou nella o Vice Rey
2) A Conceiçam. Capitam Miguel de Castanheda cazado com D. Violante da Serra.
3) Santa Cruz. Capitam Belchior de Sousa. *Perdeu-se voltando para o Reyno*
4) O Espadarte Capitam Fernam Gomes de Sousa filho do Chanceler. *Invernou em Mozambique*
5) A victoria por outro nome a Galega Capitam Francisco de Gouvea. *Invernou em Moçambique*
6) A Flamenga. Capitam D. Manuel Teles de Menezes *arribou a S. Thome*.

Consta do livro da emmenta da Caza da India e da Chronica do Rey D. Joam o 3º parte 4ª cap. III

Moradores da Caza del Rey que passaram a India nestas Naus

Jorze Camelo

Ruy Galvam filho de Jorze Galvam e de D. Helena da Silva

Jorze de Melo filho de Joam de Melo Comendador de S. Joam

Luis Vas de S. Payo filho de Francisco da Cunha da Torre de Mem Corvo
Diogo Botelho Pereira vay provido de Capitam de Cananor
Ruy de Melo Pereira filho de Francisco de Melo
Joam Lopes Leitam filho de Francisco Leitam
Ayres de Miranda filho de Fernam de Miranda
Christovam de Mendonça filho de Affonso Ayres de mendonça
Lourenço de Sousa filho de Alvaro de Souza
Antonio Guedes filho de Sebastiam de Moraes
Diogo de Miranda filho de Antonio de Miranda
D. Pedro Mascarenhas filho de D. Nuno Mascarenhas
D. Manuel de Almada filho bastardo de D. Fernando de Almada
Martim de Castro sobrinho de D. Joam de Melo Bispo do Algarve
D. Fernando de Lima vay provido na Viagē de Banda
Manuel de Mendonça }
Luiz de Mendonça } filhos de Pedro de Mendonça
Alvaro Teixeira vay provido nas viagēs de Malaca
Gaspar Pereira filho de Manuel Pereira
Ayres Gomes da Silva filho de Bras Teles
Diogo de Lemos filho de Pedro de Lemos
D. Tristam de Meneses filho bastardo de D. Simam de Meneses
Artur de Melo filho de Joam de Melo
Ruy de Pina Pereira filho de Fernam Brandam
D. Joam Pereira filho do Conde da Feira vay provido de Capitam de Malaca
Andre Zuzarte filho de Joam Zuzarte d'Azinhaga
D. Diogo Rolim filho de D. Rolim
D. Alvaro da Cunha filho de D. Ayres da Cunha
Pedro Peyxoto }
Diogo Peyxoto } filhos de Duarte Peyxoto
Luis da Fonseca
Antonio de Mendanha bastardo de Francisco de Mendanha
D. Luis de Almeyda filho de D. Lopo vedor da Princesa
Ignacio de Goes }
Pedro de Goes } filhos de [1]
Ruy Barreto Mascarenhas filho de Joam de Melo Barreto
D. Rodrigo Coutinho
Fernam Martinz Freire
Joam Freire filho de Jorze Furtado e de sua 3ª mulher
D. Francisco Mascarenhas filho do Capitam dos ginetes
Alvaro da Cunha filho de Duarte da Cunha do Algarve
Francisco de Melo da Cunha filho de Roque de Melo da Cunha
Jeronimo Coutinho filho de Diogo Ortiz
Jorze de Melo Pereira filho de Francisco de Melo de S. Payo
Simam de Sousa }
Ruy Pereira } filhos de André Pereira das Coberturas
Ruy de Sousa filho do Chanceller mor Alvaro Fernandez

---

[1] Em branco no codice.

Fernam d'avreu filho de Joam d'avreu
Diogo Paes Henriques filho de Carlos Henriques
Gonçalo Guedes filho de outro
Jorze da Silva filho de Henrique Correa
D. Joam de Abranches filho do Capitam D. Antam vay por Capitam de Dio
Luis Alvares de Tavora filho de Bernardino de Tavora
D. Jorze Coutinho filho bastardo de D. Alvaro Coutinho
Diogo da Gran
Paulo da Silva filho bastardo de Pedro Monis
Manuel Pereira de la Cerda }
Vasco Pereira de la Cerda } filhos de Manuel Pereira de la Cerda
Diogo Pereira filho de João Alvares Pereira
Alvaro Pereira filho do mesmo e de Margarida Ribeira
Diogo de Almeida filho do licenciado Antonio Lopes. e marido de [Izabel da Costa
D. Manuel Rolim filho de D. Rolim
Simam de Melo filho de Francisco de Melo de S. Payo
Martim Vas de S. Payo filho de Diogo de S. Payo
Christovam Pereira filho de Francisco Pereira de Berredo
D. Diogo Pereira filho bastardo do Conde da Feyra
Sebastiam de Ataide cazado com D. Francisca Leva as viajens de Maluco
Jorze de Gouvea filho de Pedro de Gouvea
Francisco de Teive irmam do doutor Diogo de Teive
Duarte Vaz Henriques filho de Charles ou Cheles Henriques
Francisco Borges filho bastardo de Joam Borges
D. Leonis Pereira filho bastardo do Conde da Feira
D. Antonio de Noronha o Catarraz filho de D. Martinho

Fim do Livro do anno de 1554

Anno de 1555.

Partiu neste anno para a India no 1.º de Abril hũa Armada composta de sinco naus e por capitam mor della D. Leonardo de Sousa que foy embarcado na primeira
1) Santa Maria de Braga
2) Ascençam Capitam Joam de Melo
3) S. Pedro Capitam Vasco Lourenço Carrasco cazado com Lusia Leme
4) S. Filipe Capitam Francisco Figueira de Azevedo
5) Conceicam [Armador Capitam Francisco Nobre

MORADORES DA CAZA DO REY QUE PASSARAM A INDIA NESTE ANNO A FOL 100 vº

Fernam Boto filho de Ruy Boto Machado
Manuel de Sousa d'avreu } filhos de Joam Rodriguez de Sousa
Bras de Souza
Garcia de Melo } filhos de Antonio de Melo netos de Fernão
Manuel de Melo } Vas de S. Payo
Artur de Melo filho de Joam de Melo
D. Nuno de Castelo branco filho de D. Pedro de Castelobranco
Tristam de Sousa filho bastardo de Martim Afonso de Sousa
D. Alvaro de Ataide filho de D. Alvaro de Ataide
Joze de Sousa de Melo filho de Henrique Camelo Pereira
Ayres Teles de Menezes filho de Ayres Teles
Gomes da Silva de Vasconcelos filho de Lopo Mendes de Vasconcelos
Alvaro Pires de Tavora filho de Bernardino de Tavora
Gomes annes de Freytas filho de Antonio de Freytas da Ilha da Madeira
D. Pedro de Sousa filho bastardo de D. Filipe de Sousa
D. Diogo de Ataide filho bastardo de D. Alvaro de Ataide
Antonio Homẽ filho de Pedro Homẽ de Coimbra

Fim do Livro do anno de 1555.

Anno de 1556.

Partiu neste anno para a India do porto de Bellem hũa armada composta de sinco naus, e por Capitam mor dellas D. Joam de Menezes sahiu em 30 de Março

1) **Graça** Capitania. O Capitam mor
2) **Flor de la Mar.** Capitam Jorze de Brito
3) **S. Giam.** Capitam Martim Afonso de Sousa vedor do Cardeal D. Henrique
4) **S. Vicente.** Capitam Pedro de Goes
5) **S. Paulo.** Capitam Jacome de Melo.

MORADORES DA CAZA DO REY QUE PASSARAM A INDIA NESTAS NAUS A FOL 58 v.º E SEG.

Diogo **Rodrigues** Pereira
Heytor **Rodrigues** Pereira
Antam **de Maris** filho do Licenciado Nuno Fernandez de Maris
Pedro **Alvares** de Mancellos filho de Antonio de Mancelos
D. **Tristam** de Meneses filho de D. Simam de Meneses

Manuel Pinto filho de Pedro Pinto de Evora vay por Alcayde mor de Mozambique
Luis de Miranda filho do doutor Jorze Machado
D. Joam de Noronha filho de D. Christovam de Noronha
D. Jorze de Sousa filho bastardo de D. Martinho de Sousa
Nuno Fernandez de Ataide filho bastardo de D. Tristam de Ataide
Jorze de Melo filho bastardo de Antonio de Melo Comendador de S. Joam
Andre de Sousa filho de Gaspar de Sousa vedor do Cardial
Garcia de Sousa filho bastardo de Thome de Sousa
D. Vasco Fernandez de Ataide filho de D. Afonso de Ataide
D. Francisco de Castro filho de D. Diogo de Castro do Sabugal
D. Lourenço de Sousa } filhos de D. Francisco de Souza
D. Diogo de Souza }
D. Joam Gonçalves de Ataide filho de D. Martim Gonçalves de Ataide
D. Joam de Ataide, provido por Capitam de Ormus
Sebastiam de Sousa filho de Manuel d'avreu de Sousa
Domingos de Sousa filho bastardo de Sebastiam de Sousa d'Elvas
D. Manuel de Lima filho de D. Joam de Lima
Antonio Godinho filho de Rafael Godinho
Andre de Tavora de Brito filho de Pero de Tavora Soares de Evora.
Fernam de Sousa de Castelobranco vay provido por Capitam de Chaul
D. Joam de Meneses filho bastardo de D. Joam de Meneses
D. Antonio de Noronha o Catarras filho de D. Martinho de Noronha vay por Capitam de Dio

Fim do Livro do anno de 1556

Anno de 1557.

Partiu neste anno para a India em 20 de Abril 2.ª oytava da Pascoa hũa Armada de 5 naus commandada pelo Capitam mor D. Luiz Fernandez de Vasconcelos
1) Nossa Senhora da Barca foy nella o Capitam mor
2) Assumpçam. Capitam Bras da Silva
3) S. Antonio. Capitam Cid de Sousa
4) A Aguia. Capitam Joam Rodrigues Zalema de Carvalho
5) N. S. das Reliquias. Capitam Antonio Mendes de Castro

Moradores da Caza Real que passaram a India nestas Naus a fol. 102 vº

Sebastiam de Ataide casado com D. Francisca de Sousa Leva as viajens de Pegu
Thomas Botelho filho de Pedro Botelho

Afonso vas Mascarenhas filho de Joam de Caminha
Luis de Goes filho de Fructuozo [1] de Goes
Antonio Pinto filho de Pedro Pinto
Rodrigo Gonçalves da Camara
Ignacio das Povoas filho de Diogo Fernandez das Povoas
D. Manuel d'Almada filho bastardo de D. Fernando d'Almada
Joam de Figueiredo de Laçerda filho de Manuel Correa de la Cerda
D. Pedro de Almeyda vay provido em Capitam de Baçaim
Heytor de Melo
Cosme de Brito } filhos de Lopo de Melo
Henrique Monis Barreto filho de Ayres Monis Barreto
Nuno de Mendonça filho de Simam de Mendonça
Antonio Barreto
Antam Barreto
Francisco Barreto
Andre Zuzarte
Antonio do Campo filho de Joam Zuzarte
D. Antonio de Castro
D. Pedro de Castro } Filhos de D. Diogo de Castro Capitam de Evora
Jorze Correa filho bastardo de Christovam Correa vay provido com as viajens de Banda
Joam de Sousa Lobo filho de Belchior Lobo de Sousa
Diogo da Silveira filho de Antonio da Silveira
Joam de Mendonça por Capitam de Malaca
Manuel de Mendonça filho bastardo de Luis de Mendonça
D. Paulo de Lima filho de D. Antonio de Lima
Balthazar de Sousa
Francisco Palha filho de Vasco Palha da Azinhaga
Jeronimo Correa filho de Antonio Correa
D. Luiz de Ataide filho de D. Alvaro de Ataide
Simam Delgado de Brito filho de Francisco Delgado de Brito
Antonio de S. Payo filho de Manuel de S. Payo
Joam fialho filho de Vasco Fialho que os Mouros mataram em Ceuta
D. Jeronimo de Menezes
D. Antonio de Menezes } Filhos bastardos de D. Pedro de Meneses
D. Filipe de Meneses filho de D. Henrique de Menezes Governador que foi da Caza do Civil
Nuno vaz de Ataide filho de Sebastiam de Ataide
D. Duarte de Vasconcelos filho bastardo de D. Antonio neto do Conde de Penella
Diogo de Saa filho de Joam de Sáa de Coimbra
Garcia Rodrigues de Tavora vay por Capitão de Chaul
Fernam Coutinho filho de Diogo Soares de Avreu
Diogo da Silva filho de Ayres da Silva, Neto de Francisco de Faria Alcayde mor de Palmela
Francisco da Silva seu irmam
Luiz de Melo filho de Ruy de Melo Alcaide mor de Elvas vay provido das viajens de Banda

[1] Aliás Fructos de Goes.

Diogo Barradas filho de Alvaro Barradas, e de Filipa de Proença
Joam de Mendonça filho de Simam de Mendonça
D. Diogo de Sousa filho de D. Antonio de Sousa
Jorze de Melo filho de outro, e neto de Jorze de Melo Monteiro mor
Fernam Martinz de Sousa } Filhos de Christovão de Sousa de Lamego.
Manuel de Sousa

Fim do Livro do anno de 1557.

Anno de 1558.

Partiu neste anno em 7 de Abril para a India hũa esquadra de 5. naus commandada por D. Constantino filho do Duque de Braganca

1) N. S. da Graça. Capitam o Vice Rey D. Constantino
2) A Rainha. Capitam Fernam, *Aleyxo dis Couto*, de Sousa Chichorro
3) O Castelo. Capitam Jacome de Melo
4) O Tigre. Capitam Pedro Peyxoto da Silva
5) ...... Capitam D. Payo de Mendonça [1]

Em outras Memorias que temos visto, e nas que tras Manuel de Faria no 3º tomo da sua Azia se nam faz memoria mais que de quatro naus e em lugar do 2º Capitam diz Fernando, ou Aleyxo de Sousa.

Moradores da Caza Real que nesta ocaziam passaram a India fol. 60 v.º

Ruy Borges irmam de Antonio Borges
Martim Affonso de Sousa filho de Pero Lopes de Sousa e de D. Izabel de Gamboa
Diogo de Tavora de Brito filho de Pero de Tavora Soares
D. Francisco Lobo filho de D. Luis Lobo e de D. Maria Coutinho
Jeronimo da Veiga filho de Manuel Cabral
D. Joam da Costa filho de D. Duarte da Costa e de D. Maria
Joam Gomes de Crasto filho de Martim de Crasto
Manuel de la Cerda filho de Joam Pereira
Pedro Vaz da Veiga morador em Santarem cazado com D. Inez. Vay provido em tres viajens de Maluco, ou das Molucas
Fernam de Melo cazado com D. Francisca de Almeida vay provido da Capitania do Navio do Trato de Mozambique
D. Joam de Castro filho de D. Simam de Castro
Manuel de Sousa filho de Diogo de Sousa
D. Jorze de Menezes filho de D. Joam de Menezes
Ayres de Saldanha filho de Antonio de Saldanha
Pedro da Silva filho de Manuel de Magalhães
D. Martinho Henriques filho de D. Bras Henriquez

---

[1] Riscado e emendado por outra letra para *Noronha*.

Duarte de Ataide filho de Ayres da Cunha
Antonio Miranda filho de Heytor Borges de Miranda e D. Joanna de Mariz
D. Fernando de Almeida filho de D. Joam de Almeida
D. Payo de Noronha vay provido de Capitam de Cananor
Vasco Delgado de Brito filho de Francisco Delgado de Brito
D. Diogo de Almeida filho de D. Lopo de Almeida
Christovam de Brito da Silva filho de Manuel Ayres da Silva, e de D. Maria de Vargas
Diogo de Melo filho de Garcia Zuzarte
Jeronimo Dias de Menezes filho de Damiam Dias Escrivam da fazenda
Fernam de Magalhães filho de Garcia de Magalhães
D. Antonio Manuel de Vilhena filho de D. Christovam Manuel
Manuel Freire filho de Bernardim Freire
Diogo Lopes Pacheco filho de Fernam Borges sobrinho de Jorze de Lima
Alvaro de Mendonça filho bastardo de Antonio de Mendonça vay provido da Capitania de Maluco
Joam Moniz filho de Lancerote Monis e marido de D. Leonarda
D. Diniz de Lancastro filho de D. Alvaro Coutinho Marechal.
Francisco de Melo filho de Jorze de Melo Monteiro mor do Reyno.
D. Jorze de Castelobranco filho de D. Simam de Castelobranco
D. Duarte de Vasconcelos de Menezes filho do D. Antonio de Menezes
Francisco de Faria filho do Doutor Christovam de Faria.
D. Francisco Henriques filho de D. Fernando Henriques
Tristam Fogaça vay provido da viajem de Pegu.
Jeronimo de Carvalho filho de Gaspar de Carvalho
Antonio Lobo de Brito filho de Joam Lobo de Brito e de D. Gracia moradores em Montemor o novo
Luis de Goes casado com D. Caterina de Andrade, vay provido com as viajens de Ceilam
Simam de Melo cazado cõ D. Inez.
Pedro de Mendonça *o Larim* [1] filho de Tristam de Mendonça

Fim do livro do anno de 1558

Diogo do Couto na Dec 7 liv. 6. Cap. 1. nomea mais estes
D. Luis de Almeyda } *filhos de D. Lopo de Almeyda que depois*
D. Francisco de Almeyda } *foy Capitam de Tanger*
Fernam de Castro filho do vedor do Duque
Gomes de Castro Moço fidalgo do Infante D. Luis
Gil de Goes despachado com a Capitania de Goa
Pero da Silva de Meneses irmão de Fr Thomas de Sousa frade de S. Domingos.

[1] Escrito á marjem, doutra letra.

Anno de 1559.

Partiu neste anno para a India em 28. de Março hũa esquadra de sinco naus commandada pelo Capitam mor

Lopo Vaz de Sequeira

A nau S. Antonio Capitam Pedro de Goes
A nau Assumpçam Capitam Francisco de Sousa
A nau S. Giam Capitam Luis Alvares de Sousa
A nau Conceiçam Capitam Lizuarte de Andrade
A nau S. Paulo Capitam Ruy de Melo da Camara Esta nau arribou ao Reyno

Moradores da Caza Real que passaram nesta ocaziam a India e vam a fol 100

Simam de Mendonça filho bastardo de Antonio Furtado vay por Alcayde mor de Dio.
Henrique de Saa filho de Gomes de Sáa vay por Capitam de Moluco
Diogo do Couto filho de Gaspar do Couto, e de Izabel Serram. *Este he o grande Diogo do Couto autor da historia da India*
Fernando de Miranda filho de Antonio de Miranda
Antonio de Refoyos vay por Alcayde mor de Ceylam
Manuel de Melo } filhos de Ruy de Melo
Leonel de Melo }
Christovam de Melo de Olivença
D. Manuel Henriques filho de D. Bras Henriques
Joam de Melo de S. Payo filho de Tristam de Melo de S. Payo
Alvaro Dias de Sousa filho de Manuel de Sousa Alcayde mor de Arronches
Manuel Monis filho de Diogo Monis e de D. Valentina moradores na Ilha da Madeira
Pedro de Castilho filho de Joam de Castilho e de D. Maria Fernandez de Quintanilha moradores em Thomar
Manuel de Castilho seu irmam [1]
Antonio Teixeira Pinto filho de Gonçalo Vaz Pinto
D. Martinho Henriques filho de D. Bras Henriques que nam partiu o anno passado
Belchior Marchioni Arraes filho de Pedro Paulo Marchioni
Jeronimo Nunes filho do Licenceado Leonardo Nunez [2] Fizico mor del Rey
Ayres Gomes de Abreu filho de Matheus Fernandez de abreu e de Maria Gonçalves de Alvim

---

[1] A' marjem, apanhando num colchete estes dois nomes, tem escrito a palavra *erro*. Com efeito só partiram na armada do anno seguinte.
[2] A' marjem : *Coronel*.

Lopo Mendes de Vasconcelos filho de Joam Fernandez de Vasconcellos
Ruy Pires de Tavora filho de Bernardino de Tavora
Heytor de S. Payo filho de Balthazar de Sam Payo morador em Tarouca
Manuel de S. Payo seu irmam
Pedro Gomes de Abreu filho de Antonio de Abreu de Oliveira.
Antonio de Abreu seu irmam

Fim do livro do anno de 1559.

Anno 1560.

Partiu neste anno em 20 [1] de Abril hua Armada de 5. naus commandada pelo Capitam mor Jorze de Sousa
1) A nau Castelo Capitam o mesmo Capitam mor
2) A nau S. Paulo Capitam Ruy de Melo da Camara, que havia arribado o anno antecedente *e neste naufragou*
3) O Galeam Drago Capitam Lourenço de Carvalho
4) A nau S. Vicente de Armadores Capitam Vasco Lourenço Carraça
5) A nau Cedro Capitam Francisco Figueira de Azevedo esta arribou ao Reyno
Tambem foy a nau Rainha

MORADORES DA CASA REAL QUE NESTE ANNO PASSARAM A INDIA A FOL 60 V.º

D. Pedro da guerra filho de D. Garcia Deça e de D. Antonia Pereira
Pedro de Castilho / Manuel de Castilho } Filhos de Joam de Castilho e de D. Maria Fernandez de Quintanilha moradores em Tomar
Diogo de Brito filho de Lopo Mendes do Rio e de Luiza de Abreu
Balthazar de Brito seu irmam
Fernam Rodrigues de Carvalho cazado com D. Lucrecia moradores em Goa vay provido das viajens de Ceilam
Fernam Gomes da Gran filho de Tristam Gonçalves da Gran e de D. Isabel de Soutomayor.
Pedro Boto filho de Ruy Boto e D. Joanna
Luis Botelho cazado com D. Brites de Brito morador em Azeytam
D. Alvaro de Noronha
Francisco Borges de Miranda filho de Antonio Borges de Miranda
Antonio de Miranda filho de Antonio Borges de Miranda
Antonio de Miranda filho de Heytor Borges e de D. Joanna de Maris moradores em Aveyro

[1] Emendado por outra letra para *25*.

Gonçalo de Miranda seu irmam
Diogo Pereira de Vasconcellos cazado com D. Francisca
Francisco Monteiro filho de Rodrigo Monteiro e de D. Branca
Ayres de Sousa | Filhos de Christovam de Sousa e de D. Guiomar de Castro
Ruy dias de Sousa |
D. Francisco Deça filho de D. Garcia Deça e de D. Antonia Pereira
Balthazar Pessanha de Castelobranco filho de Jorze Pessanha e de Izabel Velha
D. Francisco de Menezes filho de D. Joam de Menezes e de D. Maria Freire
Joam da Fonseca filho de Antonio da Fonseca e de Simoa de Araujo. Vay provido com as viajens de Maluco
Joam Gonçalves de Abreu de Lima filho de Leonel d'Abreu, e de D. Maria de Noronha
Lopo Gonçalves d'Abreu de Lima seu irmão
Ruy de Melo filho de Joam de Melo, e de D. Brites moradores na Faya.
Francisco de Melo de S. Payo filho de Tristam de Melo, e de D. Maria de S. Payo de Azevedo
Ruy Gonçalves da Camara filho de Joam Rodrigues da Camara e de D. Marianna moradores na Ilha de S. Miguel
D. Lopo de Moura filho de D. Manuel de Moura e de D. Izabel de Albuquerque.
Antonio Lobo da Gama filho de Juzarte, ou Luizarte Lobo que anda na India
D. Miguel da Gama filho do Conde da Vidigueira
D. Lopo da Cunha filho de D. Ayres da Cunha
Sebastiam de Maris filho de Nuno Fernandez de Maris, e de D. Violante da Esparragoza
Nuno Fernandez de Ataide filho bastardo de Tristam de Ataide
Tristam de Sousa filho de Ayres de Sousa e de Britez Rodrigues moradores em Guimarães vay provido Capitam de Chaul
Henrique da Gama filho de Antonio da Gama
Leonel de Melo | filhos de Ruy de Melo *que foy Capitam da Mina*
Christovam de Mello |

Fim do Livro do anno de 1560.

Consta da Relaçam do Naufragio da nau S. Paulo escrita por Henrique dias Boticario da nau que foram nella as pessoas seguirtes
O Padre Manuel Alvares Portugues | *Padres da Companhia*
O Padre Joam Roxo Valenciano |
Diogo Pereira de Vasconcellos (foy morto em Sumatra) com sua mulher D. Francisca e D. Isabel sua sobrinha delle filha de hũ seu irmão que morreu afogada
João Luiz Mestre
Antonio dias Piloto ignorante e teimozo
João gonçalves feitor q̃ue foea da mesma nau casado em Goa

Bento Caldeira criado del Rey por Feitor de Baçaim
Antonio Soares criado del Rey feitor dos Armadores moço da camara
Alvaro freire nacido na India criado del Rey filho do Boticario del Rey Simão Alvares em Goa
Fernão Luis Condestable
João dias que foy de Lisboa com a filha de Antonio Pessoa vedor da fazenda
A filha de Antonio Pereira
Pedro de Castro que se embarcou no Brazil por ir ver a India
Balthazar Marinho e
Lourenco Gomes de Abreu seu irmão
Joam de Sousa
Sebastiam Alvares da Fonseca
Bernardo da Lonseca marinheiro
Antonio Rodrigues de Azevedo irmão de D. Francisca
E iam nesta nau 32 mulheres

Anno de 1561.

Partiu neste anno a 9 de Março hũa esquadra de sinco naus e por Vice Rey da India D. Francisco Coutinho Conde de Redondo o dos ditos Galantes embarcado na nau Santiago.

Capitães

Gonçalo Correa da nau Flor de la Mar
Manuel Jaques da Nau Assumpçam
Francisco Figueira de Azevedo de S. Antonio
Pedro Alvares Vogado de N. S. da graça chamada por outro nome a Algaravia

Moradores da Caza do Rey D. Sebastiam que passarão nestas naus a India

Manuel de Saldanha filho de Antonio de Saldanha e de D. Joanna de Mendonça
Heytor da Silveira filho de Bernardim da Silveira [1]

Anno de 1583

Em 8 de Abril passou para a India a Nau S. Lourenço e foy Capitam della Balthazar Marecos

Partiram 6 naus a saber

---

[1] Seguem-se umas poucas de folhas em branco

1) *S. Filipe Capitam mor Antonio de Melo e Castro foy a Cochim*
2) *Santiago Capitam Fernam da Veiga*
3) *S. Francisco Joam Trigueiros*
4) *S. Lourenco Balthazar Marecos*[1]
5) *S.*[2] *Salvador. Estevam Alvo*[3]. *Este voltando para o Reyno no Cabo de Boa Esperança lhe levou o Mar hũa baranda e com ella seu sobrinho*
6) *Santiago Mayor*[4] *Manuel de Medeiros para Malaca*

Dec. 10. liv. 4. Cap. 5. — Faria Asia Portuguesa t. 3. cap. 2. n.º 14.

---

[1] Marcos — [2] Falta S. — [3] Alvares — [4] Falta Mayor.

27.ª Série — 1908 N.º 2 — Fevereiro

BOLETIM

DA

Sociedade de Geographia de Lisboa

—•—

FUNDADA EM 1875

SUMMARIO

Pag.

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
Rua do Diario de Noticias, 110

1908

Á MEMORIA

DE

Sua Majestade El-Rei D. Carlos Primeiro

E

Sua Alteza o Principe Real D. Luiz Philippe

1 de Fevereiro de 1908

Desde a sua fundação gosou a Sociedade de Geographia de Lisboa a insigne mercê de que o Chefe do Estado se declarasse seu Alto Protector e Presidente de Honra. N'esta qualidade lhe dispensou assignalados favores El-Rei D. Luiz, e da mesma fórma continuou o seu Augusto Filho, quando lhe succedeu. Igual honra já foi promettida por S. M. El-Rei D. Manuel II.

El-Rei D. Carlos professava pela Sociedade de Geographia a maior estima; não perdia qualquer occasião de pôr em relevo os serviços por ella prestados á Patria; comprazia-se em assistir, muitas vezes acompanhado pela Excelsa Rainha, a Senhora D. Amelia, ás suas sessões solemnes, onde tantas consagrações publicas se realisaram sob a sua Presidencia; concorria com os seus notaveis

trabalhos scientificos ás exposições que ella realisava; aos estrangeiros notaveis que vinham a Portugal, aconselhava-os a que não deixassem de visital-a; e n'essas visitas acompanhou os Chefes de alguns dos mais poderosos Estados da Europa, proporcionando assim á Sociedade de Geographia a opportunidade de lhes apresentar as homenagens da Nação Portugueza.

S. A. o Principe Real D. Luiz Philippe conhecia e estimava igualmente os trabalhos da Sociedade de Geographia. E n'esses trabalhos pode dizer-se que começára a collaborar, dedicando-se nos ultimos tempos da sua vida ao estudo das Colonias Portuguezas, das quaes, com tão grande proveito para o complemento da sua instrucção, visitára as principaes das duas costas africanas.

Por estas razões a Sociedade de Geographia de Lisboa acompanhou, como lhe cumpria, todas as manifestações de sentimento pela morte do seu segundo Presidente de Honra e do mallogrado Principe, conforme foi communicado á assembléa geral na primeira sessão havida depois d'esse infausto acontecimento e a essa manifestação exclusivamente dedicada.

Publicando-se agora o numero do *Boletim* correspondente a fevereiro, por esta forma se reitera o preito de agradecimento e de saudade.

27.ª Série — 1908 N.º 2 — Fevereiro

BOLETIM

DA

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

Director, proprietario e editor — *Sociedade de Geographia de Lisboa* — Rua de Santo Antão — Lisboa
Composição e impressão na Typographia Universal
pertencente a Coelho da Cunha, Brito & C.ª — rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

O DISTRICTO DE INHAMBANE

Conferencia na Sociedade de Geographia de Lisboa em 20 de Janeiro de 1908

Sr. Presidente
Minhas Senhoras e meus Senhores

Vou hoje fazer uma ligeira palestra sobre o districto de Inhambane, de que fui governador.

Não esperem V. Ex.cias de mim uma boa conferencia, porque eu não posso, por muitos motivos, fazel-a. Dons de intelligencia, dom de palavra, tudo me falta para poder desempenhar-me d'esta missão, d'uma maneira digna não de mim que nada valho, mas da illustre Sociedade perante quem eu tenho hoje a honra de falar.

Desculpem-me V. Ex.cias todas as faltas.

Possam a pujança do assumpto e o meu muito amor por esta Patria a Quem eu quero tanto, perdoar a falta de forças para trabalho de maior vulto.

Começarei pela historia do districto.

A historia do districto de Inhambane é, como todos as das nossas possessões ultramarinas, nebulosa.

Quiz profundal-a, li e reli os archivos, e não consegui chegar além de 50 annos. Do que essa historia reza, pouco ou nada se pode concluir. Os maiores dislates a par de medidas de subido alcance, heroicidades de mais antigos tempos a par de covardias sem nome, derrotas disfarçadas em pomposos reclamos, para enganar uma metropole afastada e com raros meios de communicação com as colonias. O terror infundido pelos vatuas do Manicusse, Musilla e Gungunhana, paralysava toda a iniciativa. O commercio entregue, na sua maioria, a pouco escrupulosa gente, era insignificante. A agricultura absoluta-

mente despresada — só os pretos cultivavam, e esses mesmos em muito pequena escala. D'entre todos os ramos de commercio era o principal a permuta de fato velho por marfim e cera. Os conflictos a que esta industria dava logar, eram constantes. O mais insignificante par de calças roubado era logo considerado pelos negociantes como «casus belli». Parecia que se tratava da honra de uma nação! No fim de contas, tudo se resumia a uma fatiota velha, suja já das nodoas de trinta gerações. Sobre o primeiro preto que encontravam, exerciam os commerciantes represalias O preto calava-se, porque estava só e era cobarde. Juntava duas centenas e atacava-nos. Estava talvez no seu direito...

Para evitar este estado de coisas foi prohibido esse commercio. Todos os bandos publicados foram-n'o debalde. A ganancia podia mais que o respeito pela lei. D'ahi o estado anarchico em que o districto se conservou até 1859. Desde esta data começou se a estabelecer os commandos militares. Mas o centro de revolta existia ainda, e poucas foram as vantagens d'esta medida tiradas n'essa occasião.

Alguma coisa se conseguiu, é certo. Mas o Gungunhana incommodava-nos sempre, eram continuos os vexames que soffriamos, sem que as auctoridades portuguezas, sem a força que, em toda a parte e em Africa principalmente, é um direito incontestavel, pudessem pôr-lhes cobro. Vem então a campanha de 1895. Antonio Ennes e os seus companheiros conseguem, por uma acção de força, acabar com a vergonha que o poderio vatua para nós representava. Essa data devia ficar bem gravada na mente de todos os portuguezes, porque ella representa, sem duvida alguma, a posse para nós da provincia de Moçambique. Se a perdessemos, quem sabe se, esfrangalhado o nosso dominio ultramarino pela perda d'uma das nossas mais ricas colonias, as outras não seguiriam o mesmo caminho. E, uma vez perdido o nosso ultramar, poderiamos com certeza resar pela alma d'este Portugal, que n'elle tem a unica garantia d'uma vida livre e feliz.

A dar o golpe final vem Mousinho de Albuquerque, essa figura epica, tão nobre, tão heroica, que menos parece uma realidade encarnada n'um homem, que um personagem creado para mostrar ao mundo que este povo, pequeno em numero, esmagado ao peso de tanta desdita, era ainda grande pela sublimidade do seu pensamento, sabia ainda ser grande pela magnanimidade do seu proceder, conservava ainda o sangue d'outras eras, esse sangue cheio de globulos rubros que foram a admiração do mundo e que ainda hoje, no meio da nossa triste decadencia, são o escudo que nos defende.

Mousinho d'Alburquerque dá o golpe de misericordia no poderio vatua. E de então para cá, todos os povos do districto nos obedecem, todos nos pagam tributo de dinheiro e braços.

Façamos uma rapida viagem pelo districto. E' ridentissimo o aspecto da entrada do porto. A' direita, as terras do Coxe, as plantações da Companhia Industrial e Agricola de Inhambane, a missão de S. José de Mongue, palmeiras de indigenas, a *compound* da Witwatersrand, o antigo commando de Maxixe. Ao fundo, palmares immensos, longas varzeas até á embocadura do Mutamba, com as margens

cobertas de canna saccharina, plantações de particulares, as ricas plantações da Inhambane Sugar Estates. E o scenario continúa assim, d'uma verdura que encanta, até que á esquerda apparece a villa, de uma brancura de aldeia minhota, ridente de luz; os ilheus dos Porcos e das Cabras, e, lá ao longe, o pharol da barra indicando o caminho, ensinando a evitar baixios.

Corramos o sul do districto. Uma embarcação leva-nos porto acima, subindo o Mutamba, até chegar á povoação d'este nome. O rio é navegavel ainda mais para montante, até á fabrica ingleza do assucar. Depois os troncos obstruem a passagem. Limpo, levaria até muito mais adeante. A estrada que segue para Cumbana é toda de areia, mau piso. Mas de Cumbana até Inharrime o solo é duro. A tamba, o cajueiro, a mafurreira, são as arvores que a cada passo ensombram o caminho. O aspecto é por vezes deslumbrante.

O commando do Inharrime assenta n'um monte. D'ali vê-se longe, já terras de Gaza. E, ao longe tambem, o mar, quebrando-se nos rochedos da ponta Zavora.

A costa é bordada de dunas. Entre ellas e a terra, seguem as lagôas que vão até á foz do Inhatumbo. Uma outra estrada leva-nos ao antigo commando de Zavália, hoje incorporado na circumscripção de Inharrime.

Eu não conheço nada de mais bello do que o panorama que d'ali se disfructa. As lagôas, as dunas da costa, o mar ao longe, muito azul, muito puro, a confundir-se com o purissimo azul do ceu d'Africa. Lá para o sul a foz do Inhatumbo, correndo entre dois montes, em que alveja aqui e além o fumo das palhotas dos pretos. Um scenario de magia.

Partindo da Ribeira Damba, onde se reduz a um estreito filete d'agua, vem correndo pelos commandos de Chicómo, Zavalla, e Inharrime, o rio Inharrime, augmentando passo a passo de largura, chegando a ter 800 metros de margem a margem, cheio de voltas que encantam a vista, até desaguar na lagôa Poellela, no commando de Inharrime. Esta lagôa é enorme e abundante em peixe.

Partindo do commando de Cumbana, outra estrada conduz directamente á região petrolifera de Nhangella. Vastas planicies onde abunda á superficie do solo a elacterite, com varias lagôas, entre as quaes a maior é a de Nhangella. D'esta região trataremos quando tratarmos das industrias do districto.

Agora, n'este rapido itinerario, vamos mais para o norte e oeste —commandos de Chicomo e Panda. Ahi é mais egual a paizagem, mas nem por isso menos attrahente. A planicie do Inhassumo, a perder de vista, campos sem fim onde abunda a caça grossa, a palapala, o antilope, o bufalo, a girafa, o eland, o porco bravo. Anda-se n'ella horas sem conto. Quanto mais longe se vae, parece que mais longe se está do termo.

Ainda ao sul do districto e muito proximo da villa, obra de 3 horas de caminho, ficava a administração de Guilala, circumscripção de pequena área, d'uma grande densidade de população, hoje extincta, tendo sido o seu territorio incorporado na circumscripção de Cumbana.

Passemos ao norte do districto. O antigo commando do Maxixe, fronteiro á villa. Uma estrada levando-nos ao commando de Homoine, uma outra ao longo da margem levando a Morrumbene, commando de Panga. Grandes machambas de indigenas se encontram a cada passo. O cajueiro e a mafurreira são abundantes. As sédes dos commandos são ligadas por estradas. Para ir para o norte, vae-se a Macoduene, séde do commando de Panga, d'onde parte uma estrada para Massinga, residencia do commando d'este nome. De Massinga para o norte a paizagem é monotona. Pequenas collinas, não deixando alongar o horizonte. Um mar de tamba e accacias espinhosas a encobrir a vista a a meia duzia de metros.

E assim vae o caminho até Villanculos. D'ahi para o norte, até ao limite do Districto com a Companhia de Moçambique, o panorama é já muito differente. Parte do caminho é feito ao longo da costa, na altura do Cabo de S. Sebastião, em frente ás ilhas do Bazaruto, ainda pertencentes ao Districto O peixe é abundante na bahia formada pelo Cabo, pelos indigenas chamada bahia Inhachidia E' a industria da pesca para o mercado da Beira, principalmente, a maior occupação dos pretos n'esta região.

A agua rareia. Só de longe a longe, em todo o caminho de Villanculos para o norte, se encontra uma povoação A 3 kilometros de Villanculos, caminho da povoação do Cabo Querquer, encontra se uma pequena lagôa de agua salobra.

E d'ali para o norte, entre as dunas da costa e a terra, corre uma série de 18 lagôas. D'uma d'ellas, a cerca de 10 kilometros de Villanculos, a lagôa Xenguana, nasce o rio Govuro ou Gohulo, que corre parallelo á costa até ao Chirruso, já em territorio da Companhia de Moçambique.

Depois, para oeste, o caminho é mais difficil ainda. Terreno ainda por desbravar, com poucas estradas e essas mesmo estreitas, a agua faltando cada vez mais. Povoações, só de longe a longe se encontram. De algumas d'ellas vão buscar a agua a um dia de viagem. E assim se vae até ás povoações do regulo Muabsa, ou, seguindo outro rumo, á povoação do regulo Masivi, o mais poderoso do commando.

Aqui teem v. ex.^{as} uma ligeira descripção do districto que, se n'uma parte do seu territorio, mórmente de Massinga para o norte, é arido, aridez em grande parte devida á falta de cultivo, tem no centro e sul terrenos feracissimos, de uma exhuberancia admiravel, prestando-se a culturas de toda a especie.

Vejamos agora as suas condições economicas, e, para isso, estudemos o seu commercio e a sua industria. O commercio importador tem por objecto, além de outros productos, o vinho chamado colonial, pannos, generos alimenticios, principalmente arroz e conservas, e as mil bugigangas de fabricação europeia que os pretos teem no maior apreço, como chapeus de chuva, calçado, chapeus de côco, fardas vistosas, espelhos, pentes, etc., etc.

Para se avaliar a importancia d'este commercio, basta dizer que

os respectivos direitos aduaneiros attingem uma media annual de réis 76:000$000. E a muito maior somma se elevaria, se fosse reduzido o preço dos fretes, egualando-os ou tornando os pouco superiores aos para Lourenço Marques, que agora excedem em quasi 50 por cento, se fosse egualada á de outros districtos da Provincia a pauta alfandegaria, que sobrecarrega os artigos de mais facil collocação, e, finalmente, se fossem construidos rapidos e baratos meios de transporte dentro do districto — o caminho de ferro de Inharrime por mim pedido, já proposto por Mousinho d'Albuquerque e agora em estudos, irá dar um grande incremento quer ao commercio importador, quer ao exportador.

Os principaes artigos de exportação são o amendoim, a borracha a cêra, o mel, a castanha de caju, o café, a copra, o mafurreira, as pelles e ultimamente o assucar. Até ha pouco tempo exportava-se grande quantidade de arroz, meixoeira e milho. — Estas culturas têm nos ultimos quatro annos sido muito desprezadas. A exportação tem diminuido consideravelmente.

Examinando os mappas de exportação agricola, reconhece-se que vae sendo cada vez menor o trabalho da terra pelo indigena.

Quaes as causas d'este facto que tão graves consequencias terá, sem duvida, para o Districto?

São muitas — e, n'esta rapida exposição, não ha tempo para de todas falar. Limitar-me hei a apresentar as principaes.

Occupa o primeiro logar a emigração para o Rand. Sahindo de Inhambane, annualmente, cêrca de 17.000 indigenas e sendo a população masculina valida do districo de cêrca de 57.000 homens, é quasi um terço da gente valida que emigra, é uma enorme percentagem de braços a faltarem ao trabalho da terra. O numero dos mortos por accidentes ou pela arduidade do trabalho eleva-se a 1,1 % — O numero de indigenas que se estabelecem no Transvaal a 2,1 % — Estes dois factos mais véem ainda mostrar a necessidade de para este assumpto olhar seriamente. E necessario é fazel-o, porque são grandes as vantagens d'esta emigração para nós provenientes.

Ao passo que a exportação agricola diminuiu, a importação augmentou, as receitas do cofre do districto triplicaram quasi.

Mas o futuro deve merecer mais attenção que o presente, os interesses d'uma colonia devem ser mais para attender que os lucros maiores ou menores auferidos quer por particulares, quer pelo Estado, mormente quando esses lucros sejam passageiros, como, no caso presente, eu creio bem serem, pelo decrescimo de população que esta constante e desproporcionada emigração, comsigo trará fatalmente.

Outra causa, de que já falei, é a difficuldade de transportes.

Sommando o numero de carregadores empregados annualmente pelo Estado aos empregados por particulares, dá isto, aproximadamente, 112 000. Ora sendo de, pouco mais ou menos, 100.000, o numero de mulheres e homens validos para carga, segue-se que cada um d'elles tem, cada anno, mais de um dia d'este serviço. E, tendo em conta que a maior parte d'elles veem de longe, com dois e mais dias de viagem

das suas povoações ao local onde vão fazer o carreto; sommando a estes dias os que perdem em descanço á chegada ao ponto de carga e ao de descarga; sommando ainda os que, pela sua inercia habitual, perdem pelo caminho, além do rasoavel; tendo em conta, principalmente, que, uma vez recebida a paga d'este serviço, já não trabalham emquanto a não gastam, e que grande parte d'ella é gasta em bebida que os prostra durante dois e tres dias, tudo isto é mais do que sufficiente para explicar, attento o augmento na importação e, conseguintemente, nos transportes, o crescente abandono a que a agricultura tem sido votada pelos indigenas.

Vimos, em ligeiros traços, o commercio. Vejamos agora as industrias — a agricola, a fabril e a mineira.

A industria agricola europea acha-se ainda em grande atraso em proporção á area do Districto e aos recursos do solo.

Mas alguma coisa ha já. As plantações de canna da Inhambane Sugar Estates, a ridente propriedade do sr. Miguel Paes, na circumscripção de Massinga, a plantação de borracha dos srs. Cardoso e Cabral, as plantações da Empreza Agricola e Industrial de Inhambane, são experiencias coroadas já do mais animador exito.

E' necessario animal-o.

E' preciso chamar capitaes ao Districto. Tirar-se-hia d'elles um enorme juro, bem seguro e garantido.

Mas, sobre os nossos capitaes, tanto se tem falado já, que não serei eu que aqui repita o que por tantos, com bem maior auctoridade que a minha, já disseram.

São surdos. — E' rezar por sua intenção.

As industrias fabris, são a do assucar e a dos oleos — a primeira, ingleza, florescentissima, dando um rendimento annual de cerca de 20:000 libras, livre de despezas e encargos. A segunda, portugueza, se não morreu já, pouco lhe deve faltar.

Quando eu sahi do Districto, apezar de existir ha meia duzia de dias, já ameaçava derrocada.

Qual a razão d'isto? Todos a sabem...

Resta agora tratar da industria mineira.

A que até agora mais attenção tem merecido, tem sido a do petroleo.

Esta vae em augmento. Adquiridos, com capitaes inglezes, possantes machinismos, entregue a direcção d'estes trabalhos a gente competente, conhecedora do assumpto, eram os resultados obtidos os mais animadores.

Quando os visitei, vi de um dos poços extrahir agua, com uma muito razoavel percentagem de petroleo.

A natureza do terreno atravessado, perfeitamente analogo ao das regiões petroliferas de Bakou, Pensilvania e Galicia, a presença, á superficie do solo, da elacterite, o resultado dos trabalhos feitos, tudo leva a crer na existencia de grandes jazigos que, pela analogia de terreno, já verificada por varias sondagens, se estenderão por uma enorme facha, cerca de um terço do Districto — desde o Chicongongo, nascente do rio Mutamba, até á costa, abrangendo esta desde o Coxe á ponta Zavora.

Mais algumas explorações mineiras se têm feito; mas a resistencia da parte dos indigenas a mostrarem o verdadeiro caminho que elles aliás conhecem, pelo menos os que conduzem a jazigos de cobre, visto que fabricam grande numero de enfeites com aquelle metal; a falta de conhecimentos technicos da gente que em tal serviço se tem occupado; a falta de dinheiro para levarem a cabo estas emprezas, tudo isto tem dado em resultado serem pequenos os resultados praticos obtidos.

Têm-se colhido amostras, mandam-se examinar e... fica se por aqui, embora o resultado da analyse seja animador!

Estou convencido de que, se fôr coroada d'exito a empreza do petroleo, todas as outras riquezas do solo serão em breve desvendadas, attento o cortejo de gente, immoral é certo, mas emprehendedora e que nunca desanima, que a descoberta de qualquer boa riqueza comsigo sempre traz.

Agora, que já falei da vida economica do Districto e que, para o fazer, tratei do trabalho dos indigenas, vou dizer alguma cousa sobre as raças, os usos e os costumes dos povos de Inhambane.

Depois, e para terminar, direi alguma coisa sobre a administração do Districto, sobre o que julgo necessario seja levado a cabo para fazer progredir aquelle territorio que em si encerra todos os quesitos necessarios para a mais prospera vida.

A differentes raças pertencem os indigenas do Districto e, por serem numerosas e se acharem muito misturadas, é difficil estabelecer a sua divisão por zonas de terreno.

No emtanto, póde-se dizer serem da raça mindongue ou Wazongue os povos que habitam as circumscripções de Chicomo, Homoine e a antiga circumscripção de Guilala, e parte dos de Panga e Inharrime;

Da raça m'chope os que habitam o antigo commando de Zavalla, a parte da circumscripção de Inharrime, comprehendida entre o rio e aquelle commando;

Da raça bitonga, os que habitam a villa de Inhambara, a antiga circumscripção de Maxixe, a de Cumbana e parte dos de Panga, Inharrime, Massinga e Villancullos;

Da raça macuacua, os indigenas da circumscripção de Panda e da parte dos de Mossinga e Villanculos.

Além d'estas, outras raças ha ainda, como valengues, bindongues, cossos, pinguines, bilenes, maguambas, mondaus, etc. Mas estes em tão pequena proporção, que breve se assimilarão ás outras mais importantes, como hoje já o estão em grande parte.

Dos usos e costumes das duas primeiras raças, pouco ha a dizer que Vv. Ex.as não saibam já.

Todas as mulheres tatuam o ventre e as pernas até á altura do joelho.

As mulheres m'chopes exageram horrivelmente esta tatuagem.

Na cara, homens e mulheres m'chopes se tatuam tambem.

Os homens mindongues não usam tatuagem. Furam sómente as orelhas, uso commum das duas raças m'chope e mindongue.

O casamento é por todos considerado como um negocio. Com-

pra-se uma mulher, porque ella representa um capital a explorar; é ella quem cultiva a terra — são as filhas que mais tarde rendem 10, 15 e mais libras.

O adulterio é vulgar. A multa é de 1 libra.

Nada de scenas tetricas. Isto de honra conjugal é para elles uma theoria. A libra é que é a verdadeira realidade.

Crêm todos na immortalidade da alma dos regulos. Os vulgares mortaes, esses morrem de vez.

Os feitiços e os feiticeiros abundam.

Faziam-se verdadeiras barbaridades á sombra d'estas crendices. Hoje está isso cahindo em desuso, devido á acção das nossas auctoridades.

As palhotas dos povos mindongues são dispostas sem regra alguma. A sua fórma, todos a conhecem. E' a mesma sempre: um cone assente sobre um cylindro.

As povoações dos m'chopes são em regra formadas por palhotas alinhadas em 2 ou 3 fileiras, com largas avenidas plantadas a larangeiras. Ao meio a casa de fumo.

Os povos da raça macuacua tem costumes differentes em alguns pontos. Os homens usam depois dos 30 annos uma corôa feita de cêra preta — succede isto em todos os povos oriundos da raça landim. Não se tatuam, nem os homens nem as mulheres. Acreditam no *chicuembo*, espirito dos antepassados. A elle imploram tudo: chuva, curas, sol, etc.

O casamento é sempre celebrado com grandes batuques. Mas, ao passo que nos povos *m'chopes* só depois de mil festas, bebedeiras homericas, danças, batuques, etc., o noivo póde levar a noiva para a sua palhota; que nos mindongues isto succede tambem—nos macuacuas a mulher é logo entregue ao marido. Só depois se festeja o casamento.

Da raça bitonga é difficil precisar usos e costumes. Fracos, de corpo e espirito, effeminados, facilmente se tem adaptado aos dos povos que com elles se ligam. Comquanto seja uma das raças occupando maior area de terreno, é, com certeza, a de menos importancia sob este ponto de vista.

E, agora, para não abusar mais da paciencia de Vv. Ex.as, que eu calculo, em consciencia, estar já esgotada, vou dizer alguma coisa sobre a administração do Districto.

Tão vasto é este problema, que apenas lhe indicarei os seguintes assumptos:

— a regulamentação do trabalho dos indigenas;

— a construcção de faceis meios de transporte atravez do Districto;

— a protecção á agricultura, pela creação de postos d'ensaio e pela transformação em administrações civis, com um regimen muito semelhante ao que Antonio Ennes deu ás de Lourenço Marques, dos commandos do Districto. Esta ultima obra já foi ha pouco tempo levada a cabo. Os seus resultados não podem deixar de ser os mais beneficos.

E, finalmente, para acudir á crise que a lei do alcool trouxe ao Districto, a montagem d'uma fabrica de assucar, pelo Estado, como

transição da cultura da canna saccharina para outra, cumulativa com aquella, até que, tendo os particulares os necessarios meios, possam explorar a industria do assucar, por sua conta propria;

— a reducção da pauta alfandegaria;

— a reducção dos fretes maritimos.

E, por ultimo, não falando senão nas questões mais essenciaes, a protecção á industria mineira e ás missões.

Da industria mineira já falámos e já alguma coisa nos ultimos tempos se fez em seu beneficio.

Resta agora falar das missões.

As missões são um possantissimo instrumento de civilisação. Urge desenvolvel-as, é necessario prestar-lhes todo o auxilio. A' que existia em Inhambane, de S. José de Mongue, o dispensei eu tanto quanto m'o permittiam as minhas pequenissimas attribuições. Urgia augmentar-lhe a dotação, urge augmentar-lhe o pessoal. Só assim poderemos contrapôr a sua acção á das missões estrangeiras, florescentes no districto, e, como Vv. Ex.as muito bem sabem e a historia da provincia de Moçambique o mostra bem, nem sempre de bons resultados para a nossa pacifica soberania.

E agora, para terminar, direi o que eu julgo imprescindivel para a prosperidade do districto, considerações que a todas as colonias devem ser applicadas.

Não irei aqui discutir serviços, não irei aqui falar de regulamentos. São tantos e tão variados, que não caberia isso em tão curto tempo. E eu já tenho falado d'isto tanto que tenho medo de ser accusado d'uma burocratophobia que, em verdade, não tenho. Limitar-me-hei a dizer que julgo a primeira condição para uma benefica administração, a homogenidade dos elementos que a constituem. E' preciso que todos, administradores e administrados, cooperem de alma, vida e coração, para o bem da colonia. E este desideratum, triste e bem custoso é dizel-o, está ainda bem longe de ser attingido, por falta de preparação de uns e outros. E' necessario educar o nosso colono, ensinando-lhe o meio em que tem de lutar, dando-lhe aptidões para bem se sair d'este combate, dando-lhe, sobretudo, uma grande educação civica que em toda a parte e em Africa principalmente, é condição «sine qua non» de progresso. E' necessario preparar o nosso funccionalismo, não enchendo-lhe a cabeça de leis e regulamentos, que para nada serve isso, porque para nada prestam indices vivos de legislação, mas dando-lhe uma educação administrativa solida, qualquer coisa que o norteie e lhe sirva de base para bem poder comprehender a utilidade de qualquer medida, dando-lhe, sobretudo, a faculdade de iniciativa, não ficando amarrado a um «magister dixit» que é sempre atrophiador de toda a vontade pessoal. E' claro que se hão-de cumprir todas as leis e regulamentos. Mas isso é uma obra bem facil, para que só muita paciencia precisa e para que pouca educação é necessaria Mais, muito mais do que tudo isto, é necessario educar moralmente todos os individuos que vão trabalhar para o ultramar. E isso faz parte da educação d'um povo, problema que por nós tem sido bem descurado até hoje, causa de todos os males que nos affligem.

THOMAZ D'ALMEIDA GARRETT.

TRAÇOS GERAES SOBRE A ETHNOGRAPHIA DO DISTRICTO DE BENGUELLA

(Continuado do n.º anterior)

2.º

Quasi todos os povos do districto não usam signaes distinctivos de raça.

Todos elles, porém, usam limar os dentes incisivos superiores e, ás vezes, inferiores.

Ha familias em que não existe esse uso, sob pena de apodrecimento e queda dos dentes. Os Quiocos limam sempre os incisivos superiores, e os Canhocas arrancam os incisivos inferiores.

Os Selles furam o nariz e usam como ornamento um pausinho ou ferro que atravessa a cartilagem. Os gentios do Nano usam muito furar as orelhas, trazendo como ornamentos pausinhos atravessados ou argolas suspensas. Adoptam muito este luxo os Selles, Caialas, Hanhas, Gandas e Cacondas. Entre os Caialas e Quissanges, os proprios homens adoptam muito o luxo. Os quimbundos propriamente ditos (Bihenos, Bailundos, Momas, Sambos, Huambos, Quipeios, etc.), fazem pouco uso d'estes ornamentos, uso que é completamente banido entre os Mundombes, Mucuandos, Bacuissos e Quillengues; comtudo, entre estes ultimos já se vem introduzindo a moda de usar ornamentos nas orelhas.

Estes signaes, porém, não são distinctivos de raça; mas capricho, moda imitada.

O furarem os Selles o nariz é o unico signal que póde ser considerado distinctivo de raça, assim como o arrancarem os incisivos inferiores os Canhocas. Os Salles importaram o uso de furar o nariz de um gentio do interior de Novo Redondo, chamado Ambiim, e de que são affins.

São, porém, os Ganguellas, geralmente, que mais usam limar os dentes.

3.º

Hoje, a indole de alguns povos do districto é boa, devido á occupação militar que se tem ido fazendo, e á expansão do commercio europeu que tem irradiado por quasi todos esses povos, pondo os em contacto immediato com o branco; o que, com o auxilio das granadas, tem tido por beneficos resultados alterar a pouco e pouco a sua primitiva má indole.

Porque é certo que, á excepção de um ou outro povo de indole naturalmente pacifica e boa como o Caconda, etc., todos estes povos eram essencialmente maus, e a sua principal occupação era o roubo, o saque, o assassinio e o fogo posto. Prova-se esta asserção com os exemplos historicos das invasões dos Galangues, Quiacas, Huambos, Bailundos e outros povos quimbundos ás regiões de Quillengues, Gambos, Humbe e Selles, invasões que se repetiram mais ameudadas ve-

zes no segundo e terceiro quartel do seculo dezenove. Ahi sé revelava claramente a má indole dos povos invasores — os gados roubados, as povoações incendiadas, os jovens escravisados, os velhos trucidados, os filhos arrancados ás mães, as mulheres separadas dos maridos, as irmãs dos irmãos, sem esperança de se tornarem a vêr. Os prisioneiros eram todos vendidos pouco a pouco, e Quiaca e Galangue eram então os grandes depositos aonde os colonos negreiros se iam abastecer de escravos.

D'esta asserção são provas as invasões dos Bihenos aos Quimbandes e Cachingues com o fim de lhes arrancar os gados. Aquelles primeiros foram, porém, sempre repellidos por estes ultimos.

Ociosos, os quimbundos, pouco creadores de gados, queriam viver á custa dos que os creavam.

Hoje perderam na maior parte essa indole, e são mais ou menos humanitarios e laboriosos, podendo-se viajar com segurança pelo interior do districto.

Alguns, todavia, eram tão maus, que conservam a sua indole primitiva; e dois d'estes povos, os Selles e Galangas, ainda hoje são anthropophagos. Entre os povos que têm má indole, sobresahem os Selles, Galangas, Caialas, Quissanges, Quibulas, Quibandas, Quiacas, e todos os povos Ganguellas. Em geral todos estes povos de má indole são ladrões, traiçoeiros e assassinos. Os Ganguellas são todos elles atrevidos, não admittem abusos, e entre elles chegam a matarse pelas questões que entre si se suscitam por occasião das feiras que fazem; e com estranhos, por qualquer questão fazem fogo, sendo preciso haver cuidado no trato com elles.

Os Caialas não admittem um insulto ou gracejo de um extranho; respondem com um tiro ou uma cutilada. São tão atrevidos que mesmo em Catumbella têm praticado essas proezas.

Os Quissanges são essencialmente ladrões e assassinos, verdadeiros salteadores que têm o atrevimento de se embuscar mui perto de Catumbella e assaltar á mão armada as comitivas do gentio e um ou outro incauto.

Os Soques, Hanhas, Gandas, Galangues tambem não são de boa indole, sobretudo, os primeiros.

Os Huambos, Sambos, Momas, Quipeios, e, mesmo, Bailundos não são de indole muito boa, bastando rocordar as atrocidades commettidas nas revoltas de 1902.

Entre os povos de boa indole, hoje, citaremos os Bihenos, Cacondas e outros povos visinhos d'estes, Quillengues, Mundombes e Mucuandos.

Os Bailundos, Guambos, Sambos, Momas, Quipeios, Andulos, Hanhas, Gandas e Galangues vêm no segundo plano, occupando um meio termo entre os bons e os maus.

Não obstante a sua diversidade, existem affinidades entre estes povos, taes como: entre os povos ganguellas; entre os Andulos, Bihenos e Momas; entre os Bailundos, Huambos, Sambos e Quipeios; entre os Quipeios, Quiacas, Quibandas, Quibulas, Soques, Galangas, Quequetes, Londes e Quissanges; entre os Selles, Caiallas e Hanhas de Catumbella; entre os Hanhas de Benguella e Gandas; entre os

e Golas ; entre os Mudombes, Mucuandos e Quillengues de pura raça (chamados Muchó) ; entre os Quillengues vindos de Humbe (chamados Honó) e os Humbes ; entre os Selles e os Abuim.

Estas são as principaes affinidades.

Os Quiocos, cujo nome iudigena é Chivokue. representam uma raça particular dos Ganguellas que se tem ramificado e assentado nucleos nos districtos de Loanda, Benguella e Mossamedes. Este povo primitivamente nómada, é audaz, aventureiro, intelligente e laborioso. Tem o genio de conquista e do predominio, e aonde chega, cria nucleos, não se deixando mais arrancar d alli.

Apodera-se do territorio, trabalha, impõe as suas leis, usos e costumes, e assimila os outros povos não se curvando a nenhum outro. E' guerreiro, emprehendedor e altivo ; e physica e intellectualmente é a melhor e mais forte raça do districto. A sua organisação politica, não é tão perfeita como as do gentio do Nano e outros ; têm, porém, um soba importante a que obedecem ; não consentem que elle faça injustiças exorbitando do poder de que está investido. Quando nómadas exerciam o roubo. Hoje trabalham e bastante ; a mais pequena cousa, porém, que se lhes faça, é pretexto para represalias.

Os Bacuisses são, a par dos Camussequeles (restos da raça hottentote), o povo mais selvagem de toda a provincia, e estão collocados, como aquelles, no mais baixo grau da sociedade. Extremamente selvagens, desconfiados e maus, não convivem, não recebem nem cruzam com povo nenhum. Quem fôr ás suas tribus, arrisca se a ser morto quando mal cuide. Vivem nas montanhas pedregosas do littoral sul do districto, familiarisados com os leões que ali abundam, não têm modo nenhum de vida, e apenas vivem do mel, da caça e dos fructos.

Os Camussequeles, estabelecidos em pequenas tribus em alguns pontos da provincia levam, como os Bacuisses, a vida mais selvagem. Como estes, nada fazem, vivem apenas do mel, caça e fructos, e não convivem nem cruzam com povo nenhum, sendo soberanamente desprezados pelos demais povos que, de quando em quando, os apanham e vendem como escravos. Onde abateram uma peça de caça, ali acamparam por alguns dias.

4.º

A maior parte dos povos do districto está hoje mais ou menos subordinado pelo temor das armas e pela occupação commercial. Alguns d'esses povos, que não são subordinados, são : os Selles, Galangas, Caialas, Mucuandos, Mucuisses, e alguns povos ganguellas de regiões afastadas da occupação militar.

Na maior parte d'elles, comtudo, se nota o cunho da insubordinação ; mormente sendo mal tratados e dando-se lhe jus a isso. Os que se revoltam com mais facilidade são entre outros : os Ganguellas, Selles, Caialas, Galangas, Bailundos, Huambos, Momas, Sambos e Quipeios. Os Bihenos, desde a guerra de 1890, chamada de Silva Porto, ficaram bem subordinados. Os proprios Mundombes eram antigamente insubordinados — abandonavam no caminho os brancos que conduziam em tipoia de Benguella ao Dombe, chegando a obrigal-os

a carregal-a e mettendo se um d'elles na tipoia. Reduziu-os, porém, á completa obediencia um acto energico do Major Bastos que lhes infligiu um castigo temeroso, e que elles nunca mais esqueceram.

As relações de commercio em que estão comnosco, são boas e muitas em alguns povos, poucas e más em outros.

Os que estão em melhores condições commerciaes são os Bihenos. Bailundos, Momas, Huambos, Sambos, Andulos, Quipeios, Quiacas, Quibandas, Quibullas, Quissanges, Soques, Dondes, Hanhas, Gandas, Caialas, Cacondas, Galangues, Caluquembes, Quingolos, Chicumas, Golas, Quillengues, Mundombes e mais povos de boa indole hoje e subordinados, e alguns dos povos ganguellas mais proximos.

Os que estão em peores condições são os Selles, Galangas, Mucuandos e Bacuisses.

Dos primeiros distinguem-se os Bihenos, Bailundos, Cacondas e Quillengues, com os quaes o commercio europeu é feito em maior escala; véem depois os gentios do Nano e os Ganguellas.

Os Galangas e Selles não gostam de que o branco vá negociar á sua terra. Os primeiros intimam-o a retirar-se; e se resistir, atacam-o; comtudo abrem excepções. Os segundos, depois de fazerem negocios com o forasteiro, empregam todos os artificios para o roubar, esperando o á retirada, e havendo exemplos de o matarem.

Os Galangas possuem um sólo uberrimo como o da Quibulla, que não é aproveitado. Os Mucuandos e Bacuisses possuem nas suas montanhas e valles fertilissimos muitas riquezas que consistem em minerio e borracha de primeira qualidade, que ás vezes vão vender á Equimina, e que são desconhecidas na maior parte da gente, fazendo por explorar. Já alguns audaciosos têm tentado lá ir, mas sempre mal recebidos e nada têm conseguido. Os Bacuisses desprezam essas riquezas; apenas os Mucuandas vão vender a borracha.

Augmentariam e tornar-se-hiam mais pacificas as relações commerciaes augmentando-se a occupação militar e administrativa nos povos em que se reconheça a sua necessidade. Desde 1902 tem augmentado a occupação militar com a creação de postos militares e construcção de alguns fortes; mas a occupação administrativa é estacionaria. De 1891 para cá, e ainda mais de 1903, o districto de Benguella, mórmente a metade sptentrional, tem-se enchido de commerciantes que se têm espalhado por quasi todos os povos, e com maior intensidade nos concelhos de Bihé e Bailundo. A área que hoje occupa o commercio europeu é enorme, estendendo-se ás Ganguellas; e a occupação administrativa é insufficiente para tal área e sua população.

Os concelhos actuaes do districto não bastam para bem administrar e fiscalisar o que se passa em tamanhas regiões; e esta insufficiencia torna-se mais sensivelmente prejudicial ás relações commerciaes nas regiões do Bihé, Bailundo, Nano e Ganguellas, cujas áreas e populações são muito grandes, e em que a occupação do commercio europeu é mais densa. A creação de mais concelhos n'essas regiões, e de postos militares e construcção de fortes nas regiões ainda insubordinadas que citámos, teria resultados producentes para o augmento e pacificação das relações commerciaes. Isso permittiria que

o commerciante estabelecesse o seu negocio em regiões onde lhe é hoje defezo fazel-o por ser n'ellas mal recebido.

As areas das regiões commerciaes são tão grandes que as auctoridades do interior não as podem fiscalisar; e, muitas vezes, escapa ao seu conhecimento o que occorre a tão grandes distancias, tornando-se inevitavel n'este ou n'aquelle ponto do concelho o commetterem-se desmandos e, mesmo, crimes, cujo resultado é conduzir os gentios á revolta, como succedeu em 1902.

Os destinos não só do districto como da Provincia e, ainda mais, das colonias, estão actualmente confiados a homens de preclaro saber, profundos conhecimentos coloniaes e boa vontade de impulsionar o fomento colonial portuguez que, infelizmente, se acha atrazado pelo ostracismo a que foi votado por muitos e muitos annos, sobretudo esta Provincia de Angola, genuinamente portugueza, e a colonia de maiores esperanças para o futuro.

Por isso com o que deixámos dito, quizemos apenas, com a tendencia utilitaria que nos guia n'este modestissimo trabalho, apontar um dos males que se oppõem á expansão rapida das relações commerciaes e á subordinação geral dos povos.

Outro maior mal que apontaremos, é a falta de vias de communicação rapida.

Os carros boers do districto, meio de transporte carissimo e moroso, são poucos e não dão vencimento ao movimento commercial do littoral com o interior.

Apenas restam os carregadores que todos porfiam em obter e que de dia para dia vão escasseando mais, porque o gentio hoje prefere negociar a transportar cargas; de fórma que esse meio de transporte vae-se tornando difficil e oneroso cada vez mais, o que é um verdadeiro entrave á expansão commercial.

5.º

A organisação politica de todos estes povos é por estados e sub-estados ou estados subordinados, sendo os primeiros governados pelos sobas e os segundos pelos sobetas. Estes são subordinados áquelles; e, por sua morte, quando não ha herdeiro ao throno, o novo sobeta sahe do grande sobado, nomeado pelo soba entre os grandes do seu estado.

Nas resoluções das grandes questões entre diversos estados, os sobetas têm de ouvir o parecer do soba ao qual estão subordinados, e que quasi sempre seguem. Assim os estados de Quissange, Quindumbo, etc., são subordinados ao de Quiaca.

Em caso de desaccordo entre os pareceres dos sobas e dos sobetas, estes, quando se sentem fortes, desrespeitam o parecer d'aquelles e revoltam-se, do que resulta a guerra. Se os sobetas vencem, deixa de existir a subordinação, tornando-se independentes. Estes casos têm-se repetido de seculo para seculo, desligando-se cada vez mais os estados uns dos outros, desmembrando-se tal organisação politica, a ponto de se encontrar hoje apenas em poucas regiões, sendo na maior parte independentes uns dos outros.

Esta mesma desconjuncção, alliada á vassallagem dos sobas ás

armas portuguezas, é que tem feito baquear consideravelmente o poder formidavel primitivo dos sobados. Assim se tem dado nos grandes estados do Bihé, Bailundo, Galangue e outros.

Outr'ora havia estados subordinados com grande poder; crescendo, ás vezes, esse poder a ponto de rivalisarem com os estados principaes, pegarem os sobetas em armas e desthronarem os sobas, de conspiração com os grandes dos sobados. Estes exemplos deram-se, entre outros, no antigo e poderoso estado de Quiaca, cujo poder formidavel acabou com o reinado do terrivel e bem conhecido Chanja, soba joven e guerreiro, que havia desthronado o seu antecessor e fechou o ultimo periodo das invasões dos gentios do Nano aos Humbes e Gambos.

A organisação politica dos estados subordinados é egual á dos principaes. Todos os poderes são exercidos pelo soba, secundado pelos seus ministros. Entre os povos Ganguellas, Mucuandos e Bacuisses, a organisação politica não tem a engrenagem complicada e a perfeição que tem nos outros povos do districto. A sua organisação é mais elementar, mórmente entre os Bacuisses e Mucuandos — adoptam estes e a maior parte dos Ganguellas a fórma patriarchal das instituições primitivas dos povos em geral. Entre a maior parte dos Ganguellas a organisação politica é por tribus e não por estados, tendo cada tribu o seu chefe ou soba. Cada clan ou libata tem o seu patriarcha, assim como cada familia o seu chefe. Nas decisões das questões entre as familias de um clan ou libata recorre-se ao chefe da libata, a que chamam *sékúru imbo* ou simplesmente *sékúru*; e nas decisões das questões entre familias de differentes libatas, não havendo accordo entre os seus chefes, recorrem então ao chefe da tribu ou *soma*.

Ha, comtudo, alguns povos Ganguellas que têm a organisação politica dos quimbundos, por estados; taes são, por exemplo, os de Nana-Candundo e de Cachingue. Este ultimo povo, que tem affinidades com os Ganguellas e com os Bihenos, possue até um estado poderoso. Entre os povos Ganguellas de fórma patriarchal citaremos os Luchasses, Lobales, Luenas, Luelas, Luimbes, Quiocos, Canhocas e outros.

Os Mucuandos e Bacuisses têm ainda organisação mais rudimentar que os Ganguellas, pois nem o chefe de tribu têm; apenas têm chefes de clans ou libatas.

Os Camussequeles que, como já dissemos, haviam estabelecido habitats particulares depois das invasões, têm a pouco e pouco abandonado esses habitats, achando-se desmembrada a sua primitiva organisação patriarchal. Hoje estão reduzidos ao estado nómada, percorrendo diversas regiões, fugindo dos Ganguellas que os apanham, e acampando onde abatem caça ou encontram uma colmeia para comerem o mel; ahi se banqueteiam, para levantarem depois o acampamento e continuarem as suas correrias pelas florestas, ás escondidas.

A fórma do governo é sempre a monarchia absoluta e hereditaria.

Hoje tem quasi cada povo o seu estado ou tribu, e, na maior parte, independentes uns dos outros, como já dissemos.

6.º

Como já dissemos, hoje acha-se completamente descabido o poder dos estados; e em muitos já o machinismo intrinseco da sua organisação politica não é completo e o mesmo; assim como muitos dos usos, costumes e leis antigas se têm adulterado fortemente, o que releva a tendencia de alguns povos em se assimilar ás instituições européas. Os povos que mostram melhor tendencia para a assimilação e se vão civilisando por largas gradações, são os Bihenos, Bailundos, Quillengues (Honó) e Cacondas.

Os estados mais poderosos eram antigamente os de Cachingue, Bihé, Bailundo, Quiaca, Huambo e Galangue. Hoje apenas resta o de Cachingue, que é o estado de maior embala, tendo decahido todos os outros. Como povo, porém, os mais importantes do districto são os Bihenos e Bailundos. Os Cachinques, Bihenos e Bailundos sempre se temeram uns aos outros. Os bihenos invadiram por varias vezes, em verdadeiras correrias, os Cachingues e Quimbandes, para lhes roubar os gados. Com estes ultimos foram sempre bem succedidos. Pelos Cachingues foram sempre repellidos e batidos.

7.º, 8.º, 9.º e 10.º

Não podemos determinar a situação, extensão, limites, população absoluta e relativa approximada, nomes e situações approximadas das embalas dos estados, porque nos faltam os elementos precisos, receando cahir em erro; abstemo-nos, portanto de fazer qualquer calculo approximado sobre estes quesitos. E qualquer calculo que se faça, é sujeito a grandes erros.

A população da Provincia tem sido computada pelos geographos, em dez a doze milhões de almas approximadamente, o que dá uma densidade maxima de nove habitantes por kilometro quadrado. O que, achamos, se não póde calcular sem erros, são as populações absoluta e relativa de cada estado, nem a sua superficie e limites, pela falta de recenseamento e de boa cartographia. O calculo da população podia-se obter pela cobrança de imposto de palhota. Ha estados grandes e pequenos, uns com muitas, outras com poucas libatas, e estas são de população diversa.

Assim, é difficil e erroneo o calculo.

As populações accumulam-se ao longo dos rios, nas planicies e nos montes.

A sua principal distribuição, porém, é ao longo dos rios, pela proximidade das aguas, afastando-se um pouco das margens, por causa das inundações.

Em seguida vem a distribuição nas planicies. A distribuição nos montes encontra-se nos povos de má indole e refractarios á civilisação, e que já escolhem essa posição, pela sua inexpugnabilidade nos ataques que tenham de soffrer, pelas más acções que praticam.

E' esta ultima a posição preferida pelos ladrões e salteadores, como os Caiales, etc., e pelos povos que não querem estar em contacto com ninguem, como os Mucuandos e Bacuisses. Afóra estas citações, todos os povos estabelecem se de preferencia ao longo dos rios nas encostas

das montanhas, ou nas planicies, sendo estes ultimos em maior numero.

São os povos da zona média, proximo do littoral, os que se estabelecem nas encostas; os da zona alta ou planaltos, como os Quimbundos propriamente ditos e Ganguellas, estabelecem-se em planicies, ficando apenas nos altos dos montes as embalas.

11.º

Ha alguns estados que têm entre si allianças em que se obrigam a mutuo auxilio na guerra offensiva e defensiva, em que facilitam as relações commerciaes e outros tratados. As provas d'esses tratados, são sempre testemunhaes e juramentaes, sellando se a alliança com sangue e presentes mutuos, seja um tratado entre estados, seja um pacto entre particulares. Entre sobas o juramento de sangue, consiste sempre no sacrificio de um boi ou pessoa, com a feitiçaria indispensavel.

Hoje, com a decadencia do poderio dos estados, poucas allianças existem, tendo caducado a maior parte d'ellas. Antigamente usavam-se muito, principalmente entre os povos do Nano, que andavam em constantes guerras e correrias ao sul da Provincia.

CAPITULO II

Do governo politico

12.º

O systema de governo é a monarchia absoluta e hereditaria na organisação politica por estados, e electiva em algumas tribus pequenas de fórma patriarchal; nas grandes tribus, como entre os Ganguellas, é hereditaria.

A auctoridade dos sobas é absoluta; não obstante ouvirem sempre o parecer do conselho por que são assistidos, resolvem em ultima instancia a seu bel-prazer, decretam leis, e nenhuma vontade se póde oppôr á sua. Salvo, quando ha descontentamentos contra elle, por incuria, iniquidades e despotismo excessivo; n'estes casos, tramam se as conspirações, deixam de acatar a sua vontade despotica, até que o depoem.

13.º

Os chefes indigenas (sobas) são nomeados por herança nos estados e nas grandes tribus; por eleição nas pequenas tribus e por falta de herdeiro ao throno (caso rarissimo). Na deposição de um soba nomeia-se sempre, para lhe succeder, um filho, sobrinho, irmão ou outro parente; nunca vão buscar chefe novo estranho á familia do deposto ou morto, excepto nas pequenas tribus em que não ha hereditariedade. Na deposição de um sobeta por insubordinação ao grande soba, este nomeia sempre, para o substituir, um dos grandes do seu estado. cortando-se a hereditariedade; nos outros casos, não decahe a hereditariedade.

Os chefes indigenas denominam-se *sóma* (nos estados e grandes tribus) e *sékúru* (nas pequenas tribus). *Sékúru* é tambem a designação do chefe da libata e da familia.

14.º

Além dos sobas e sobetas ha outras auctoridades gentilicas reconhecidas, que são representadas pelos conselheiros d'Estado e pelos dignatarios da Côrte. Ao corpo composto pelos Conselheiros chamam *Óchidúri* (pronuncie se: *ótchindúri)*, e á Côrte chamam *Erόbe* (pronuncie-se: *erómbe)*.

A importancia d'estas auctoridades é grande perante o soba e perante o povo, e relativa á sua categoria.

15.º

Os sobas dos estados e os sobetas são sempre assistidos por um conselho d'estado (óchidúri) e pelos dignatarios da Côrte. A esses dignatarios chamam *Vákuerobe* (os da Côrte, os cortezãos), e aos conselheiros, querendo designal-os isoladamente, chamam *Vámuénren eróbe* (os proprietarios, os donos da Côrte). A differença das denominações entre os dignatarios e os conselheiros provém do seguinte. Os dignatarios ou *Vákueróbe* são proprietarios provisorios da Côrte, porque são nomeados ou demittidos pelo soba, são escolhidos particularmente por este entre pessoas livres, e parentes e escravos seus, da mesma fórma que nos paizes cultos, um presidente de conselho de ministros compõe o seu gabinete. Havendo mudança de soba ha tambem mudança de dignatarios, e cada soba reina com os seus dignatarios que nomeia, podendo demittil-os.

Os conselheiros d'estado, *Vámuénren eróbe*, cujo conjuncto toma o nome de *Óchidúri*, são proprietarios effectivos, inamoviveis, vitalicios da Côrte, porque não são nomeados nem podem ser demittidos pelo soba. Se commetterem um delicto, são castigados conforme as leis, mas não perdem o seu logar. Além d'isso, estes logares são hereditarios, passando de paes para filhos e d'estes para netos. São tão garantidos como os pariatos vitalicios e hereditarios dos paizes cultos. Estes conselheiros não são livres, são os escravos e crioulos, netos e bisnetos dos primitivos escravos do estado, tendo por presidente. chamado *Sé Kúru i óchidúri*, o mais velho d'elles.

Estes pugnam pelo estado, a que pertencem; os dignatari s pugnam pelo soba, a que pertencem. Os dignatarios constituem um corpo particular do soba; os conselheiros, senadores ou pares, constituem um corpo geral do estado. Aquelles têm as suas libatas na povoação, onde têm suas familias e pódem dormir, e encontram-se na embala quando estão de serviço. Estes moram com suas familias dentro da embala, não têm libatas fóra. Mesmo com a mudança de sobas os conselheiros são inamoviveis — os reinados succedem-se aos reinados, e elles conservam se eternos na embala. Quando o povo está descontente com o reinado do soba, os seus principaes secúlos, os mais velhos e mais ricos, é com os conselheiros que se entendem, e a conspiração para a deposição do soba nasce então.

A auctoridade dos conselheiros e dos dignatarios é grande, sendo muito respeitada não só pelo povo como pelo proprio soba, que, a maior parte das vezes, segue o seu parecer.

A auctoridade dos conselheiros é tal, como representantes do estado, que são elles que depõem os sobas e os fazem subir ao throno.

Resolvem por morte do soba se o herdeiro presumptivo tem ou não competencia para ascender ao throno; e se entendem que não, elegem outro herdeiro, e a sua decisão e escolha é respeitada e cumprida.

Algumas vezes, quando entendem que nenhum dos parentes do morto residentes no estado tem competencia, vão buscar outro residente em outro estado ou mesmo um sobeta parente do morto para o elegerem, entregando-lhe a chefia do estado.

As duas importantes auctoridades denominadas *Muénrenkâria* e *Buba i erobe* pertencem ao conselho d'Estado; é o chefe ou presidente d'elles que preside á cerimonia da investidura dos sobas e os sagra, como os patriarchas sagram os monarchas europeus.

Os nomes indigenas dos principaes dignatarios da côrte são os seguintes:

Kápitágo (primeiro chefe de guerra e primeiro ministro), fazendo as vezes do soba no impedimento d'este; é a segunda auctoridade do estado nas funcções governativas.

Kárufére, segundo chefe de guerra.

Epárága, confidente, conselheiro privado do soba.

Késógo, mensageiro que abre sempre o cortejo. (Estes dignatarios são dois — primeiro e segundo).

Karei, pagem. (Estes tambem são dois).

Ukuasápi, guarda das chaves.

Dáka ou *Muénrendáka* (dono da palavra), pregoeiro que faz publicos os decretos do soba.

Muénrenchitári (dono do quintal), guarda da residencia particular do soba.

Muénrenchiuo (dono da panella ou do fogão), guarda da cosinha.

Muénrenchâro, portador da cadeira do soba.

Muénren-háma, portador do leito.

Muénreusámũa, varredor do quintal.

Úkueróga, primeiro creado de mesa.

Kátaráio, guarda da porta.

Katúmũa (derivado de *Okutúma*, mandar), portador de recados. (Estes são dois).

Estes ultimos sete dignatarios são escravos particulares do soba, que elle eleva a essas dignidades. Os oito primeiros são livres, escolhidos pelo soba entre o povo.

Epárága, porém, é sempre um sobrinho do soba.

O *Kápitágo*, *Kárufére*, *Epárágu*, *Muénrenkária* e *Búba i erôbe*, são as principaes auctoridades que compoem o governo do soba, exercendo com este as funcções governativas.

Os outros dignatarios, livres ou escravos, têem, comtudo, auctoridade e voto, como aquelles e como os conselheiros, nas questões julgadas pelo soba.

O *Muénrenkária* é uma especie de ministro de justiça, no julgamento das questões.

O *Búla i eróbe* é uma especie de condestavel da embala. A elle está confiada a sua guarda, como propriedade do estado, e a recepção das visitas nacionaes ou extrangeiras.

Na forma patriarchal o chefe é apenas assistido pelos secúlos mais velhos e mais ricos da tribu, convocando-os quando precisa de ouvir o seu parecer.

16.º

Os chefes indigenas tinham antigamente direito sobre a vida e liberdade dos seus subditos.

O crime era punido com a morte, se o chefe assim o sentenciasse, ou com a escravidão.

Pagava com a vida ou com a liberdade quem cahisse no desagrado do chefe.

Vimos uma occasião na Catumbella, já ha annos, um exemplo vivo d'um castigo mandado applicar por um soba a um subdito que tivera o atrevimento de commetter o crime de adulterio com uma das concubinas reaes.

O soba mandou amputar ao criminoso, não só o penis, como as mãos, os pés, as orelhas e o nariz, e procedeu ao curativo d'essas horriveis mutilações. O criminoso ficou curado, mas ficou representando um exemplo terrivel.

Hoje, com a occupação, já os chefes não têem direito sobre a vida nem sobre a liberdade dos seus subditos. Apenas os vendem como escravos nos casos de crime em que o reu, sentenciado a pagar a multa *(Mukáno)* imposta pelo chefe, não tem bens para cumprir a sentença nem parentes que lhe valham.

Sobre a propriedade não têm direito.

Têm direito sobre o serviço dos seus subditos, quando d'elles necessitem. Quando um soba ascende ao throno, tem o direito de exigir de cada libata, confórme a importancia d'esta, um certo numero de serviçaes que têem de ir residir na embala para o seu serviço.

Quando o soba tiver um serviço grande a mandar fazer e para o qual não sejam sufficientes os serviçaes que tem na embala, manda lançar pregões pelas libatas para estas lhe offerecerem o pessoal preciso. Este, emquanto está ao seu serviço, é sustentado pelo soba; não são, porém, pagos os seus serviços, são apenas remunerados com uma gratificação que consiste em *chibóbo* (cerveja de milho), aguardente e alguns pannos. E' de praxe, a que se não póde fugir, que as pessoas alheias ao serviço do soba e residentes na embala, isto é, as pessoas livres (mulheres), quando começam as chuvas e antes de principiarem as suas culturas, têm primeiro de ir fazer as sementeiras por alguns dias nas lavras do soba. O pessoal que levanta das libatas é sempre ou para transportarem cargas que elle precisa de mandar a qualquer parte, a maior parte das vezes para nogocios seus, ou para serviços de reparações na embala.

17.º

Os rendimentos dos sobas consistem nos emolumentos que têm direito a cobrar na decisão dos pleitos entre particulares, nas multas que impôem aos criminosos do estado e nos presentes que recebem frequentemente. Todos os sobas costumam mandar os seus secúlos commerciantes, mediante uma commissão, fazer negocio por sua conta, constituindo o negocio tambem uma das fontes dos seus

rendimentos. O pagamento que fazem aos carregadores do seu negocio, é inferior aos pagamentos usuaes entre particulares.

Têm, além dos rendimentos que citámos, a sua fortuna pessoal que consiste em propriedades agricolas, gados e escravos.

As producções das lavras são para a manutenção de toda a embala, presentes, armazenando o excedente de colheita.

O gado serve para abater, quer para alimentação sua quer para as cerimonias que o exigem, e representa moeda para compra de aguardente, armas, polvora, artigos de vestuario e adorno, etc.; para estas mesmas compras tambem dispôem dos escravos que tambem representam moeda.

Nos povos essencialmente creadores de gados, como os Quillengues, Mundombes, Mucuandos, Hanhas, Gandas, Selles, Quissanges, Ganguellas e outros, é que os sobas fazem dos bois moeda corrente, excepto entre os Quillengues, Mundombes, Mucuandos, Hanhas e Gandas; n'estes dois ultimos, porém, faziam antigamente.

18.º

Por morte de um chefe procede-se da seguinte fórma.

Principiam por occultar a morte do soba ao publico dizendo ás visitas que elle continua doente. Só toma conhecimento immediato da morte o pessoal da embala.

Exalado o ultimo suspiro, é o cadaver suspenso, pelo pescoço, do tecto de um quarto proprio; e ahi fica até que se decomponha por completo separando-se o tronco da cabeça. Por baixo collocam um vaso para recolher os vermes que vão cahindo do cadaver, e que são depois enterrados com o corpo. O tempo preciso para o tronco se separar da cabeça é de dois a tres mezes, confórme os corpos. Só depois d'isto é que se lança pregões por todo o povo participando a morte do chefe. Toda a familia do chefe toma luto, e a rainha viuva, acompanhada por duas ou tres filhas mais edosas, fica de nojo no quarto durante mais de um mez. Ahi come e recebe as visitas.

Então todos os grandes e pequenos do povo affluem á embala para dar os pesames, trazendo diversos presentes que consistem em gallinhas, porcos, fuba, feijão, aguardente e cerveja de milho para ajudar o custeio do obito a que têm de assistir, e que começa após os funeraes. Entre os Quillengues os presentes de gado meudo para o obito consistem em gallinhas e cabritos; entre os Mundombes, gallinhas e carneiros. As bebidas consistem em aguardente e *avére* (leite fermentado de vacca) entre os Mundombes e Mucandus, e aguardente e *arúvu* (vinho de palmeira) entre os Hanhas, Caialas e Selles.

E' uso, assim que se publica a morte do soba, fazer-se apanha de rapazes e raparigas que fornecem assim, vendidos, um contingente para o custeio do obito; por isso os chefes de familia não deixam os seus filhos passear pela povoação durante o obito.

Procede-se assim nos funeraes:

E' morto um boi soba (de grande armação), esfola-se e extrahe-se-lhe a carne o os ossos todos, ficando apenas o sacco formado pelo couro do animal. Dentro d'esse sacco é mettido o esqueleto, a cabeça do morto, com vestimentas de gala e os vermes da decomposição,

cosendo-se depois o couro. O boi fingido é então mettido em um grande caixão que se vae depositar no jazigo do soba. O cemiterio dos sobas fica sempre por traz da embala, e chamam-lhe *Ákókóto*.

No acompanhamento usam carpir e dar tiros constantemente.

Feito o enterro, começam as festas do obito.

Essas festas consistem em banquetes, para os quaes se abatem bois e porcos e se abrem ancoretas de aguardente, batuques e danças predilectas do morto, e duram mais de um mez.

A successão, sendo hereditaria, transmitte-se pela seguinte ordem: sóbe ao throno o filho primogenito. Entre os filhos têm preferencia os da rainha; e quando d'esta não os houver, os filhos de escrava preferem aos de mulher livre, buscando-se sempre a primogenitura. A' falta de filhos succedem os netos, depois irmãos, sobrinhos e primos.

E' sempre o *óchidúri* que elege o novo soba, observando as leis da successão; deixa de as observar quando entende que o herdeiro de direito não é competente para governar. E á falta de herdeiro presumptivo, elegem quem entendem, quasi sempre um sobeta.

Parece-nos racional e sensata a faculdade que existe de se pôr de parte o herdeiro presumptivo, quando se não reconheça n'elle competencia para governar.

(Continúa) AUGUSTO BASTOS

BIBLIOTHECA DA SOCIEDADE DE GEOGRAHIA DE LISBOA

Obras entradas nos mezes de Julho a Dezembro de 1907

(N'esta lista não se incluem as publicações periodicas)

Accordãos da Relação de Moçambique, volume II. Lourenço Marques, 1906. 1 vol. broc. 25×16. Offerta.

Actes du XIV^e Congrés Iuternacional des Orientalistas Alger, 1905. Langues musulmanes (arabe, persan et turc). Paris, 1907. 2 vol. broc. 25,5×16.5. Comprado.

Adalens Poesi. Efterlämnade Skrifter of Pelle Molin Utgifna och försedda med en lefnadsteckning öfver författaren of Gustaf of Geigerstam Femte Upplagan. Stockholm, s/d 1 vol. enc. 21×13. 309 pags. Offerta.

Agriculture (L') et les institutions agricoles du monde au commencement du XX^e siècle par L. Grandeau. Paris, MCMV. 4 vol. broc. 28,5×19,5. com gravuras e graphicos. Comprado.

Allocução proferida na sessão de homenagem a Theophilo Braga realisada no Grande Club de Lisboa em 24 de fevereiro de 1907 pelo presidente Antonio Cabreira. Coimbra, 1907. 1 folheto broc. 24×16,5. 3 pags. Offerta.

Allocução proferida pelo presidente do Conselho Central, sr. Barão de Studdart na Assembléa Geral de 22 de Julho de 1906. (Sociedade de S. Vicente de Paulo). Ceará. Fortaleza, 1906. 1 folheto broc. 21,5×14. 14 pags. Offerta.

Almanach do Exercito ou Lista geral de antiguidades dos officiaes combatentes e não combatentes do exercito e empregados civis. Publicado por ordem do Ministerio da Guerra referido a 31 de Julho de 1907. Lisboa, 1907. 1 vol. broc. 28×18. 569 pags. Offerta.

Almanach Illustrado da Parceria Antonio Maria Pereira para 1908. Lisboa, 1907. 1 vol. broc. 20,5×15. 104 + VIII pag com gravuras. Offerta.

Almanaque Brazileiro Garnier para o anno de 1905 e 1906. Publicado sob a direcção de B. F. Ramiz Galvão, anno III, anno IV. Rio de Janeiro, 1905. 2 vol. enc. 22.5×15 gravuras e mappas. Offerta.

Almanaque de la Ilustración para el año de 1908. Dirigido y compuesto por Don Antonio Garrido. (Anno XXXV). Madrid, 1907. 1 vol. broc. 31×23,5. 104 pags. e gravuras. Offerta.

Angoche. Breve memoria sobre uma das capitanias móres do districto de Moçambique, por Eduardo do Couto Lupi com 2 cartas e 53 illustrações. (Ministerio dos Negocios da Marinha e Ultramar). Lisboa, 1907. 1 vol. broc. 24,5×17,5. 276 pags. e indice. Offerra da Direcção Geral do Ultramar.

Annales Hydrographiques. Recueil de documents et mémoires relatifs à l'hydrographie et à la navigation collectionné par le Service des Instructions Nautiques. 2.ª serie. volume de 1906. Paris, 1906. 1 vol. broc. 24,5×16. VI + 391 pags. indice e mappas. Offerta.

Année (L') philosophique publiée sous la direction de F. Pillon. (Bibliothèque Philosophie Contemporaine). Paris, 1907. 1 vol. broc. 22,5×14. 272 + 32 pags. Comprado.

Année (L') psychologique publiée par Alfred Binet. Treizième année. Paris, 1907. 1 vol broc. 22,5×14. 494 pags. Comprado.

Année (L') sociologique publiée sous la direction de Émile Durkheim. Dixième année (1905-1906) (Bibliothèque de Philosophie Contemporaine). Paris, 1907. 1 vol. broc. 22,5×14. 688 + 32 pags Comprado.

Annexo ao Orçamento Geral do Estado na Metropole para o exercicio de 1905-1906. (Ministerio dos Negocios da Fazenda). Lisboa, 1905. 1 vol. broc. 33×22,5. Offerta.

Annexo ao Orçamento Geral do Estado na Metropole para o exercicio de 1906-1907. (Ministerio dos Negocios da Fazenda). Lisboa, 1906. 1 vol. broc. 31,5×21 5. Offerta.

Annexo ao Orçamento Geral do Estado na Metropole para o exercicio de 1907-1908. (Ministerio dos Megocios da Fazenda). Lisboa, 1907. 1 vol. broc. 31,5×21,5. Offerta.

Annuaire Météorologique pour 1901, 1902, 1903, 1904, 1905 e 1906, publié par les soins de A. Lancaster (Observatoire Royal de Belgique). Bruxelles, 1901 a 1906. 6 vol. broc. 14,5×9,5. Offerta.

Annuario de Minas Geraes. Publicado sob a direcção do dr. Nelson de Senna. Variedades biographias. Literatnra Indicações. (Anno II). 1907. Estatistica Chronica. Historia Chorographia. Finanças). Estado de Minas. Brazil, 1907 1 vol. broc. 24,5×16. 677 pags. e gravuras Offerta.

Annuario Demographico. Secção de estatistica demographo-sanitaria, anno XIII, 1906. (Republica dos Estados Unidos do Brazii. Eestado de S. Paulo. Directoria do Serviço Sanitario). S. Paulo, 1907. 1 vol. broc. 24×17. 194 pags. Offerta.

Annuario do Real Collegio Militar. Anno lectivo de 1905-1906. Lisboa, 1907. 1 vol. broc. 25,5×16,5. 222 pags. Offerta.

Annuario Statistico Italiano 1905-1907. Fascicolo primo. (Ministerio di Agricoltura, Industria e Commercio. Direzione Generale Della Statistica). Roma, 1907. 1 vol. broc. 26×18,5. 645 pags. Offerta.

Anthropologia (Elementos de). [Historia natural do homem.] Quarta edição, par J. P. Oliveira Martins. Lisboa, 1895. 1 vol. enc. 20×12,5. 275 pags. e o retrato do auctor. Comprado.

Aperçu sur l'Expédition Scientifique pour l'Exploration des pêcheries de la côte Mourmane et résumé des résultats acquis pendant la période de 1898 à 1905 par Dr. L. L. Breisfuss. (Comité d'Assistance auy Pêcheurs Russes de la côte Mourmane). Marseille, 1906. 1 folheto broc. 27,5×22. 47 pags. e gravuras. Offerta.

Applications (Les) sociales de la Solidarité por L. Bourgeois e outros. Paris, 1904. 1 vol. enc. 22×14. XX + 261 pags. e indice. Comprado.

Archief. Vroegere en latere mededeelingen voornamelijk in betrekking tot Zeeland, uitgegeven door het. Zeeuwsch genootschap der wetenschappen. 1907, Middelburg. 1907. 1 vol. broc. 23.5×14. 173 pags. × XL, e indice. Offerta.

Archivo de Marinha e Ultramar. Inventario por Eduardo de Castro e Almeida. Madeira e Porto Santo I. 1613-1819. (Bibliotheca Nacional de Lisboa).

Coimbra, 1907. 1 vol. broc. 37,5×27,5. xi + 401 pags. e gravuras. Offerta do auctor.

Arithmetica (Elementos de) redigidos conforme o programma dos lyceus, por Augusto José da Cunha. Quinta edição. Lisboa, 1887. 1 vol. enc. 20×12. 306 pags. Offerta.

Art (L') de conserver la vue. Traité d'hygiène oculaire utile à tous par le Dr. Arthur Chevalier, avec 95 figures intercalées. Cinquième édition. Paris, 1874. 1 vol. broc. 18,5×12. viii + 181 pags. e gravuras. Offerta.

Arte Antiga (Bibliotheca de Instrucção Profissional) Elementos de historia da Arte. vol. i. por João Ribeiro Christino da Silva. Lisboa, 1907. 1 vol. enc. 22×15,5. 112 pags. e gravuras. Comprado.

Augusto Montenegro (O Dr.) sua vida e seu governo, por Ernesto Mattoso. Paris, 1907. 1 vol. broc. 24×16. 251 pags. gravuras e indice. Offerta.

Aventures (Les) de Télémaque fils d'Ulysse, par F. Solignac de la Mothe Fenélon, Archevêque de Cambrai. Nouvelle édition, augmentée des aventures d'Aristonoüs. Paris, 1836. 1 vol. enc. 17,5×10. 376 pags. e gravuras. Offerta.

Avisos aos Navegantes. (Directoria de Hydrographia. Repartição da Carta Maritima). Janeiro de 1907. (Republica dos Estados Unidos do Brazil). Rio de Janeiro, 1907. 7 folhas broc. 24×16. Offerta.

Baudidos (Os) d'Angola. Grande romance sensacional. Lisboa, Agosto de 1907. Por José da Fonseca Lage. Lisboa, 1907. 1 vol. broc. 22×14. viii + 523 pags. e o retrato do auctor. Offerta do auctor.

Barnacles (The) [Cirripedia] containet in the collections of the U. S. National Museum by Henry A. Pilsbry (Smithsonian Institution United States National Museum). Bulletin, 60. Washington, 1907. 1 vol. broc. 25×15,5. x + 122 pags. e gravuras. Offerta.

Berich über die Ergebnisse der Beobachtungen an den Regenstationen des Liv. Est. Keerländischen Netzes für das jahr, 1902. s/l, 1902. 1 folheto broc. 25,5×17,5. 40 pags. Offerta.

Boa (A) Nova, por Eduardo de Carvalho. (Esboço de um poema). Vizeu, 1906. 1 vol. broc. 16×11. xiii + 96 pags. Offerta do auctor.

Boa (The) Entrada. Plantations S Thomé. Portuguese West Africa «La perle des Colonies Portugaises». By....... Edinburg, 1907. 1 vol. enc. 26×20,5. 63 + 33 pags. com gravuras. Offerta.

Bosquejo Historico sobre la Instrucción Publica em Mallorca. Por Rafael Ballester. (Impreso por acuerdo del Excmo. Ayuntamiento de Palma). Palma de Mallorca, 1904. 1 folheto broc. 15×17,5. 61 pags. e indice. Offerta.

Brazil (No). Uma epopêa maritima. Romance historico da actualidade illustrado com cincoenta photogravuras, por Eduardo de Noronha. Lisboa, 1905. 1 vol. broc. 19×12. 411 pags. e indice. Offerta do auctor.

Breves Apontamentos Estatisticos dos serviços municipaes nos annos de 1905 e 1905. (Camara Municipal do Concelho de Villa Nova de Gaya). Gaya, 1907. 1 vol. broc. 22×15 138 pags. e indice. Offerta

Breves considerações sobre a promoção a tenente dos alferes regressados do Ultramar e sua collocação na escala d'accesso, por Julio Gonçalves Ramos. Lisboa, 1907. 1 folheto broc. 22×15,5. 31 pags. Offerta.

Brinkman och Tegnér. Ett Vänskapsförhallande efter fortroliga bref skildradt af E Wrangel. Stockholm, 1906. 1 vol. broc. 20×14. 375 pags. e gravuras. Offerta.

Cabo Verde (Considerações sobre a provincia de). Communicações á Sociedade de Geographia de Lisboa, por Antonio Alfredo Barjona de Freitas. Lisboa, 1905. 1 folheto broc. 24×15. 72 pags. e gravuras. Offerta do auctor.

Cabo Verde. Numero commemorativo da passagem por esta provincia de Sua Alteza o Principe Real Senhor D. Luiz Filippe. Praia, 1907. Numero unico. 25×17,5. Offerta.

Cadastro Sanitario, por Augusto Pinto de Miranda Montenegro. Lisboa, 1907 1 folheto broc. 15×71. 24 pags. Offerta do auctor.

Caminho de Ferro (Projecto do) de Quelimane á foz do Chironge. (Chire), por Delphim de Miranda Monteiro. Lisboa, 1906. 1 vol. broc. 23×16,5. 103 pags. e mappas. Offerta do auctor.

Caminhos de Ferro de Orléans e do Midi. Excursions en France. Viagens nas rèdes Francezas, s/l. 1 folheto broc. 20,5×17. Offerta.

Carl Michael Belman Eu kultur-oche karaktärsbild Fran. 1700. Talet af Nils

Erdmann. Stockholm, 1899. 1 vol. broc. 23×15. xv + 471 pags. e gravuras. Candidatura.

Carta (Noticia sobre a) Hypsometrica de Portugal, par Paul Choffat. (Com uma carta tectonica). Versão do Original Francez, por Luiz Filippe d'Almeida Conceiro. (Commissão do Serviço Geologico de Portugal). Lisboa, 1907. 1 folheto broc. 25×16 5. 70 pags. e um mappa. Offerta.

Carta Organica das Instituições Administrativas nas Provincias Ultramarinas annotada por J. A. Ismael Gracias. Terceira edição consideravelmente augmentada. Nova Goa, 1899. 1 vol. broc. 25,5×16,5. xviii. 213 pags. Offerta.

Cartas de Diu. Primeira série (1902-1905), por Jeronymo Quadros. Nova-Goa, 1907. 1 vol. broc. 21,5×14,5. xix + 207 pags. e indice. Offerta do auctor.

Cartas Peninsulares, por J. P. Oliveira Martins. Edição posthuma Precedida d'um esboço biographico do auctor por seu irmão Guilherme de Oliveira Martins. Lisboa, 1895. 1 vol. enc. 20×12. 22ǐ pags. e indice. Comprado.

Caso (O) medico legal Urbino de Freitas, pelo Dr. Agostinho Antonio do Souto e outros (2.ª Edição Portugueza) melhorada e accrescentada. Porto, 1893. 1 vol. broc. 24×16. 542 pags. e gravuras. Offerta.

Catalogo do Museu da Artilharia, por Zephyrino Brandão (4.ª edição). Lisboa, 1906. 1 vol. broc. 23×16. 171 pags. e gravuras. Offerta.

Catalago dos livros, opusculos e manuscriptos, publicações periodicas e moedas, pertencentes á Bibliotheca Nacional de Nova Goa (India Portugueza). Por Octaviano G. Ferreira. Nova-Goa, 1907. 1 vol. broc. 25,5×17. 360 pags. Offerta.

Catalogue des publications se rapportant aux Congrès de Navigation. (Association International Permanente des Congrès de Navigation). Bruxellas, 1904. 1 vol. broc. 23,5×15,5. 288 pags. suplemento de 1906. Offerta.

Catalogus der Numismatische Verzameling van het zeeuwerkt door M. G. A. de Man. Middelburg, 1907. 1 vol. broc. 23,5×14 vi + 387 pags. e iudice. Offerta.

Centenario da promoção a capitão effectivo do Marechal Saldanha. Conferencia perante as corporações, por Francisco de Paula da Silva Villar. (Regimento n.º 1 de Infanteria da Rainha) 17 Agosto 1907. Lisboa, 1907. 1 folheto broc. 21,5×14,5. 30 pags. Offerta do auctor.

Christianisme (Le) à Ceylan par P. Courtenay. Paris, MCM. 1 vol. broc. 27,5×19. 1.053 pags. e mappas. Offerta do Sr. Bispo de Cochim. India.

Circulação (A) fiduciaria. Memoria apresentada á Academia Real das Sciencias de Lisboa, por J. P. d'Oliveira Martins. Lisboa, 1899. 1 vol. encadernado 20×12. 320 + v pags. Comprado.

Cocoa (Theobroma cacao or) its botany, cultivation, chemistry and diseases by Herbert Wright. A. R. C. S. F. L. S., With 18 plates and diagrams. Colombo, 1907. 1 vol. enc. 24,5×15,5. xxii. 248 + x pags. e gravuras. Comprado.

Coconut Palm (All about the) [Cocos Nucifera] including pratical instructions for planting and cultivation with estimates specially prepared for expenditure and receipts; a special chapter on desiccating Coconut, and other suitable information from a variety of sources; referring to the industry in Ceylon, South India, the Straits Settlements, Queensland, & the West Indies. Compiled by J. Fergusdn, C. M. G. (Third edition) Colombo, 1904. 1 vol. enc. 21,5×14 xi + 87 + cxcii pags. com gravuras. Comprado.

Coisas da nossa terra. Breves noticias da Villa de Aldeia Gallega do Riba-Tejo, por José de Sousa Rama. Lisboa, 1906. 1 vol. enc. 23×16: 136 pags. e gravuras. Offerta do auctor.

Collecção da Legislação Novissima do Ultramar do anno de 1906. (Repertorio Alphabetico subsidiario á). Lisboa, 1907. 1 folheto broc. 29×19,5. 39 pags. Offerta da Direcção Geral de Ultramar.

Collection des Ouvrages anciens concernant Madagascar. Tomo v. Ouvrages ou extraits d'ouvrages anglais, hollandais, portugais, espagnols, suédois et russes. (1718–1800) par M. M. Alfred Grandidier et Guillaume Grandidier. Paris. 1907. 1 vol. broc. 25×16,5 547 pags. e gravuras. Comprado.

Colonies Portugaises. Études documentaires sur les possessions Portugaises et leurs produits d'exportation. Par A. de Almada Negreiros. (Exposition Co-

loniale de Paris, 1906). Paris, 1907. 1 vol. broc. 19×13. 368 pags. e gravuras. Offerta do auctor.

Comercio Exterior Especial de la República O. del Uruguay y otros datos correspondientes a los trimestres primero y segundo del año 1906. (Dirección General de Aduanas Estadistica de Aduana). Montevideo, 1907. 1 folheto broc. 28×20. 31 pags. Offerta.

Commander Islands by N. A. Grebnitzky. Translated by Louise Wochlcke. The Ministry of the Agriculture and Domain. (Department of Agriculture). St. Petersburg. 1902. 1 folheto broc. 22×14 47 pags. e gravuras. Offerta.

Commercial (The) Possibilities of West Africa, being a Paper read at the Royal Colonial Institute, on March 19 th, 1907, by Viscount Mountmorres. (Liverpool University. Institute of Commercial Research in the Tropics). Liverpool, 1907 1 folheto broc. 24,5×17. 24+VIII pags. Offerta.

Commercio e Navegação. Estatistica especial. Anno de 1905. Ministerio dos Negocios da Fazenda. Lisboa, 1907. 1 vol. broc. 28,5×18,5. CXLIX+701 pags. Offerta.

Communicações da Commissão do serviço geologico de Portugal. Tom. VI. fasc. II. Tom. VII. fasc. I. Lisboa, 1907. 2 folhetos broc. 25×16,5. Offerta.

Como nós colonisamos. Interpretação da lei das concessões de terrenos no Ultramar. A questão da Colonia na Guiné Portugueza. A sua decisão, por Loff de Vasconcellos. Lisboa, 1907. 1 folheto broc. 22×14,5. 31 pags. Offerta.

Compagnie des Installations Maritimes de Bruges. Le port d'escale et le port interieur de Bruges. Por J. Nyssens-Hart. Bruxelles, 1898. 1 folheto broc. 23×16. 45 pags. gravuras e mappas. Offerta.

Compte-rendu de la Deuxième session. Vannes 1906 (Congrès Préhistorique de France). Paris, 1907. 1 vol. broc 25×16,3. 655 pags. e gravuras. Comprado.

Compte-rendu des séances et texte des mémoires publiés par la Commission permanente internationale de l'Enseignement Social (Le premier Congrès de l'Enseignement des Sciences Sociales). Paris, 1901. 1 vol. broc. 25×16. III+354 pags. Comprado

Concurso para a construcção e exploração de linhas ferreas americanas no concelho de Villa Nova de Gaya — Condições. Gaya, 1907. 1 folheto broc. 19×131 pags. Offerta.

Conférence (La) d'Algésiras [par] André Tardieu. Histoire diplomatique de la crise marocaine 15 Janvier-7 avril 1906. Paris, 1907. 1 vol. broc. 22,5×14. III+554 pags Comprado.

Congo (Le) léopoldien [par] Pierre Mille (Cahiers de la quinzaine). Paris, 1905. 1905. 1 vol. broc. 18,5×13+XIII+180 pags. Comprado.

Congrès de Navigation (Souvenirs de Neuf), par F. B. de Mas. 1885-1902. Bruxelles, 1907. 1 vol. broc. 23,5×15,5. XVI+267 pags. Offerta.

Congrès International de la Pêche — Rapports. Anvers, juin, 1907. Ostende, 1907. 1 vol. broc. 29×19,5. 160 pags. e gravuras. Offerta do sr. Vicente Almeida d'Eça.

Congrès International de Pêche et de Pisciculture, 1902, à St. Pétersbourg, 1.ere partie. Mémoires et comptes rendus des séances rédigés par M. N. A. Borodine, M. M. W. R. Baranovsky et R. H. Broschniovski, St. Sétersboug, 1903. 1 vol. broc. 26×17,5, XXI+258 pags. e mappas. Offerta.

Congrès International de Pêche et de Pisciculture, 1902, à St. Pétersbourg. Ueber die geographische verbreitung der Fische in den östtichen Meeren. Finige Beobachtungen über die Seefischerei in Japan. Von Peter Schmidt (St. Petersburg). Berlin. 1903. 2 folhetos broc. 25×16,5. Offerta.

Congrès International de Pêche et de Pisciculture, à St. Pétersbourg en 1902. Récipients mobiles, brevet n.° 4995, transport, conservation et commerce des comestibles. St. Petersbourg. 1902. 1 folheto broc. 20×13,5. 7 pags. Offerta.

Congrès International de Pêche et de Pisciculture, 1902. St. Petersbourg, II ième partie. Comptes-rendus des séances et rapports de la section VI. Russie. St. Petersbourg, 1902. 1 vol. broc 25×16,5 XXII+242 pags. Offerta.

Congrès International de Pêche et de Pisciculture tenu à St Pétersbourg depuis le 11 (24) février jusqu'au 16 février (1 mars) 1902. Procés verbaux sommaires, par M. N. A. Borodine. St. Pétersbourg. 1 folheto broc. 25×17 24 pags. Offerta.

Congrès International de Philosophie (Bibliothèque) II. Morale générale. La philosophie de la Paix. Les Sociétés d'Enseignement Populaire. Paris, 1903. 1 vol. broc. 23×16. 428 pags. Comprado.

Congrès (3.°) International du Commerce des Vins, Cidres, Spiritueux & Liqueurs (11 au 15 juin 1907). Organisé à l'occasion de l'Exposition maritime, internationale et universelle (Comité International). Bordeaux, 1906-1907. 1 folheto broc. 20,5×12. 64 pags. e gravuras. Comprado.

Congrès (Quatrième) International des Délégués représentant les Associations des Maîtres Filateurs et Manufacturiers du Coton, tenu dans les salles du Musikvereinsgebäude de Vienne (Autriche) du 27 au 20 mai 1907. Manchester, 1907. 1 vol. broc. 24,5×16. 270 pags. e mappas. Offerta.

Congrès International des Sciences Sociales et Economiques: 16, 17, 18, 19 et 21 Septembre 1907. (Revue Economique de Bordeaux). Tome XVII. n.° 117). Bordeaux, 1907. 1 folheto broc. 24×15,5. Comprado.

Construction (Sur la) d'une table de caractéristiques relatives à la base 30030 des facteurs premiers d'un nombre inférieur à 901800900, par M. E. Lebon. Paris, MDCCCVII. 1 folheto broc. 25×16. 7 pags. Offerta.

Contributions from the United States National Herbarium. Volume X. Part 4. The leguminosæ of Porto-Rico. By J. Perkins. Washington, 1907. 1 folheto broc. 24,5×15. Offerta.

Coqueiro (O) Producção e Industrias. Segunda edição (Resumida), por José Maria de Sá. Lisboa, 1907. 1 vol. broc. 19,5×11. 322 pags. Offerta do auctor.

Corpo Diplomatico Portuguez, contendo os actos e relações politicas e diplomaticas de Portugal com as diversas potencias do mundo, desde o seculo XVI até os nossos dias, publicado de ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa, por Jayme Constantino de Freitas Moniz. Tomo XIII. Lisboa, MDCCCCVIII. 1 vol. broc. 31×23. 665 pags Offerta.

Course in Agriculture (A Four-Years' College). United States Department of Agriculture. Office of Experiment Stations. Circular 69. Washington, 1906. 1 folheto broc. 23×14,5. 36 pags. Offerta.

Cretaceous (The) Flora of Southern New York and New England by Arthur Hollick. (United States Geological Survey). Washington, 1906. 1 vol. enc. 30×23. 219 pag Offerta.

Criterium (Le) Présentation et controverses. Dernier Chapiter, par A. Thieullen. (Études préhistoriques). Paris, 1907. 1 folheto broc. 31×21. 27 pags. e gravuras. Offerta.

Cultura (A) do Tabaco nos paizes tropicaes, por Lima Basto. s/l 1906. 1 vol. broc. 25×17. 102 pags. e gravuras. Offerta do auctor.

Defeza (A) Nacional, por Ferreira do Amaral, vol. I. Lisboa, 1907. 1 vol. broc. 22×15. 291 pags. Offerta do auctor.

Delemitación de Venezuela com Guayana Británica. Por las Selvas de Guayana desde el Atlantico hasta la Sierra de Parima, por los rios Barima, Amacuro, Demerara, Esequibo, Massaruni, Cuyuni, Acarabisi y Venamo, por el Doctor Elias Toro. Caracas, 1905. 1 vol. broc. 24,5×17. 289 pags. gravuras e ind. Candidatura.

Derecho Internacional privado: la Nacionalidad. Jus Soli. Legislación Dominicana. El codigo politico y el civil. Necesidad de mantener el principio territorial. Naturalizaciones. Privilegios de extranjeria. Domicilio. Heimathaosat. Cambio de nacionalidad en la mujer por el matrimonio, por el doctor Simon Planas Suarez. Santo Domingo, 1907. 1 folheto brochado 25,5×17,5. pags. Offerta.

Description et usage d'un nouvel anneau astronomique d'après un manuscrit inédit, par H. Brocard. Bar-le Duc, 1905. 1905. 1 folheto broc. 27×21,5. 10 pags. Offerta do auctor.

Deuda del Ferrocarril de Honduras. Tegucigalpa, 1904. 1 vol. broc. 28×19,5. 101 pags. Offerta.

Development (The) of Rhodesia and its Railway system in relation to Oceanic Highways By J. T. P. Heatley. From the Smithsonian Report for 1905. Washington, 19 7. 1 folheto broc. 24,5×16. Offerta.

Dictionnaire de Geographie, par Albert Demangeau. Paris, 1907. 1 vol. enc. 18×12. VIII+360 pags. e gravuras. Comprado.

Difamação (A) no estrangeiro contra Portugal. Copia do officio da Associação

Commercial de Logistas de Lisboa, dirigido á Camara do Commercio Anglo-Portugueza. Lisboa, 1907. 1 numero 31×24,5. Offerta.

Diversified Farming under the plantation system by D. A. Brodie and C. K. Maclelland (United States Departement of Agriculture Farmers Bulletin, 299) Washington, 1907. 1 folheto broc. 23×14,5. Offerta.

Documentos relativos ao Orçamento Geral do Estado na Metropole para o Exercicio de 1906-1907. Lisboa, 1906. 1 vol. broc. 31,5×21,5. 451 pags. Offerta.

Documentos relativos ao Orçamento Geral do Estado na Metropôle para o exercicio de 1907-1908. (Ministerio dos Negocios da Fazenda). Lisboa, 1907. 1 vol. broc. 31,5×21,5. 714 pags. Offerta.

Doença (A) do somno. Revista Critica, por Antonio de Padua e Charles Lapierre. (Separata do Movimento Medico). Coimbra, 1904. 1 vol. broc. 25,5×18. 108 pags. Offerta.

École (L') d'Anthropologie de Paris. (1876-1906). Paris, 1907. 1 vol. brochado 28×17 5. IX. 210 pags. e um retrato. Offerta.

Éducation (L') scientifique dans les petites classes. Par R. Godefroy, 50 leçons de choses d'après les choses. Paris, 1906. 1 vol. broc. 18,5×12. XI + 251. pags. e indice. Comprado.

Éducation sociale (Congrés international de l') 26-30 Septembre 1900 1.re partie: Rapports presentés par la Commission d'organisation. 2.éme partie: Compte-rendu des séances. (Expositien Universelle de 1900). Paris, 1901. 1 vol. broc. 25×16,5. XLV + 477 pags. Comprado.

Életricité (L'), ses lois et ses applications mises a la portée de tous, par Ernest Coustel. Ouvrage illutré de 175 + 179 gravures. I e II volume. Paris, s/d. 2 vol. broc. 22,5×14. Comprado.

Elementos para o estudo da condição physica e intellectual da mulher, por Jayme Pereira d'Almeida. Dissertação inaugural apresentada á Escola Medico Cirurgico do Porto. Porto. 1907. 1 folheto broc. 23,5×15,5. 70 pags. Offerta do auctor.

Elogio historico de Bento de Goes. Proferido no dia 11 de abril de 1907, tricentenario da sua morte, por occasião do solemne Te-Deum na Matriz de São Miguel Archanjo de Villa-franca do Campo pelo padre Manuel Ernesto Ferreira. Villa-franca do Campo, 1907. 1 folheto broc. 14,5×10. 27 pags. Offerta do auctor.

Elogio historico de Bento Fortunato de Moura Coutinho d'Almeida d'Eça, por Adolpho Loureiro. (Associação dos Engenheiros Civis Portuguezes). Lisboa, 1907. 1 folheto broc. 23×14,5. pags. e retrato Offerta do auctor.

Emploi (L') (De) des déchets de tourbe dans les cabinets d'aisance (closets) et de l'évacuation des matières fécales, des eaux d'égout et de fabrique, sous le rapport hygiénique, par A. Groenen daal C. Jzn., à Fiel. (Hollande). Hollande. s/d. 1 folheto broc. 21×13,5. 72 pags. Offerta.

Ensaios de Philosophia do Direito, José Mendes, volume I, II. S. Paulo, 1905. 2 vol. broc. 16.5×12. Comprado.

Ephemerides Astronomicas para o anno de 1908. Calculadas para o Meridiano do Real Observatorio Astronomico da Universidade de Coimbra, 1907, 1 vol. broc. 24,5×16,5. 192 pags. Offerta.

Esboço Biographico do doutor Caetano d'Andrade de Albuquerque, por Manuel Pereira de Lacerda. Ponta Delgada, 1907. 1 folheto broc. 21×15. 31 pags. e um retrato. Offerta.

Escripturação commercial industrial. (Bibliotheca de Instrucção Profissional. Manual do Operario). Lisboa, 1907 1 vol. enc. 22,5×15,5. 99 + XIV + III pags. Comprado.

Essai sur l'Origine de Bibracte d'Antun & des Édues, par H. P. Hirmeneck. Troisième Congrès préhistorique de France. Le Mans, 1907 folheto broc. 24×16. 10 pags. Offerta.

Estadistica Mercantil y Maritima Año Economico de 1905 á 1906. (Estados Unidos de Venezuela. Ministerio de Hacienda y Credito Publico). Cara as, 1906. 1 vol. broc. 32×23. 254 + II pags. Offerta do sr. Autonie Ferreira de Serpa.

Estatistica do Commercio e Navegação da Provincia de Moçambique. Circulo Aduaneiro da Africa Oriental, Anno de 1906. Lourenço Marques, 1907. 1 vol. broc 26×18 XXXIV + 335 pags e mappas. Offerta

Estatistica dos generos sujeitos á pauta dos direitos de consumo, annos de 1897

a 1906. (Portugal. Ministerio dos Negocios da Fazenda. Direcção Geral da Estatistica e dos Proprios Nacionaes. 1.ª Repartição). Lisboa, 1907. 1 folheto broc. 25,5×17. 36 pags. Offerta.

Estatistica Geral dos Correios. Anno de 1905. (Ministerio das Obras Publicas Commercio e Industria. Direcção Geral dos Correios e Telegraphos). Lisboa, 1907. 1 vol. broc. 33×23. 163 pags. e mappas. Offerta.

Estatisca Geral dos Correios da Provincia de Moçambique. Anno civil de 1906. (Secretaria Geral do Governo da provincia de Moçambique. Repartição Superior dos Correios). Lourenço Marques, 1907. 1 vol. broc. 26,5×18. 180 pags. Offerta.

Estatuto da Cooperativa Predial Portugueza. Approvados em 4 de Junho de 1907. Lisboa, 1907. 1 folheto broc, 22,5×15. 46 pags. Offerta.

Estatutos y Reglamentos de la Crux Roja Española. Madrid, 1907. 1 vol. broc. 16,5×11,5. 260 pags. Offerta.

Estudio sobre la enseñanza de la geografia com um prólogo de don Mateo Olrador y Bennassar por Rafael Ballester. Palma, 1901. 1 folheto brochado 22×18,5. VII + 56 pags. Offerta.

Estudios sobre producción, comercio, finanzas é intereses generales de la republica Argentina, por Cárlos Lix Klett con una introducción de Enrique M. Nelson. Bu nos-Ayres, 1900. 2 vol broc 27×18 com gravura. Offerta.

Exame e refutação dos pareceres constantes dos supplementos á «Coimbra Medica» ácerca do processo-crime Urbino de Freitas, pelo Dr. Agostinho Antonio do Souto. Porto, 1892. 1 vol. broc. 22,5×15. XV + 248 pags. Offerta.

Exposición (La) Colonial y los Congresos Colonial y de las Sociedades Geograficas de Marsella, por D. Alfredo Guomña y Marti. Madrid, 1907. 1 folheto broc. 23,5×15,5. 5 pags. Offerta.

Exposición que dirige al Congresso Nacional, en sus sesiones constitucionales de 1904, el ciduadano Ministro de Relaciones Exteriores. Edición oficial. Caracas, 1904. 1 vol. broc. 30,5×22. LXXVII + 131 pags. Offerta.

Exposition Internationale d'Océanographie, 1906 Section Russe. Aperçu des travaux exposés par la Marine Impériale Russe et des recherches océanographiques et limnologiques russes en général St Pétersboug, 1906. 1 folheto broc. 24,5×16,5. 16 pags. Offerta do auctor.

Exterminio (O) de um povo. Romance de costumes Transvaalianos, por Eduardo de Noronha. Lisboa, 1905. 1 vol. broc. 19×12,5. 389 pags. indice e gravuras. Offerta do auctor.

Fables de La Fontaine avec les vignettes de Carez, de Toul. Nouvelle edition, enrichie des notes de Coste. Dans laquelle on aperçoit d'un coup d'œil la moralité de la fable. — Paris, 1837. 1 vol. enc. 14,5×0. 360 pags. com gravuras. Offerta.

Fallencia (A) de Antonio Ezequiel Costa. (Uma questão commercial). Lourenço Marques, 1907. 1 folheto broc. 2 ×14. 26 pags. Offerta.

Fastos da Egreja. Vida de Jesus Christo. Obras completos de Luiz Augusto Rebello da Silva. Lisboa, 1907. 3 vol. enc. 18×11. Comprado.

Fermentação (A) alcoolica. Dissertação inaugural, apresentada por Eduardo Alberto Lima Basto. (Instituto de Agronomia e Veterenaria). Lisboa, 1902. 1 vol. broc. 21,5×15,5. 94 pags. Offerta do auctor.

Fermentos (Los) de la tierra y la alimentación vegetal, por el Academico Ill.mo Sr. Dr. D. Hermenegildo Corrêa publicado en octubre de 1907. (Memorias de la Real Academia de Ciencias y Artes de Barcelona Tercera epoca. 1 vol. VI. N.º 20). Barcelona, 1907. 1 folheto broc. 30×23,5. 50 pags. Offerta,

Festschrift zur Erinnerung an die Eröffnung des Neuerbauten Museums der Senckenbergischen Naturforschenden Gesellschaft zu Frankfurt am Main An 13 Oktober 1907. Frankfurt, 1907. 1 vol. enc. 26,5×19,5. Offerta.

Fischerei und Fischerbentung in den gewässern Russlands. Von I. D. Kusnetzow. (Ministerium für Landwirthschaft und Reichsdomänen. Departement fur Londwirthschaft). St. Pétersburg, 1898. 1 vol. broc. 23×15. 120 pags. Offerta.

Fischzuchtanstalt. Nikolsk und die Entwickelung der Fischzucht in Russland. (Ministerium für Landwirthschaft und Reichsdomänen. Departement für Landwirthschaft) St. Petersburg, 1902. 1 folheto broc. 22,5×15. 16 pags. e gravuras. Offerta

Flora och Pomona of Erik Axel Karlfeldt Andra Upplagan. Stockholm, s/d. 1 vol. enc. 21×14. 124 pags. Offerta.
Fourteenth Annual exhibition of American Art. Cincinnati Museum. s/l, 1907. 1 folheto broc. 16×12,5. 32 pags. e gravuras. Offerta.
Fridolins Poesi ach Dalmalningar pa rim of Erik Arel Harlfeldt. Stockholm, 1905. 1 vol. enc. 19×13,5. 258 pag. Offerta.
Further studies on the properties of unproductive soils. By Burton Edward Livingston. (United States Department of Agriculture. Bureau of Soils Bulletin 36). Washington, 1907. 1 folheto broc. 23×14,5. 71 pags. e gravuras. Offerta.
Geografia fisica, politica, economica, por Rafael Ballester e Castell. Palma, 1902 1 vol, broc. 21×14. 235 pag. Offerta.
Geographia (Elementi de) moderna [por] G. Gambino. s/l, 1906. 1 vol. enc. 27,5×49. XII+213 pags. e gravuras. Comprado.
Geographical Results of the Tibet Mission. By Sir Frank Jounghusband. From the Smithsonian Report for 1905, pags. 265-277. (No 1680). Washington, 1907. 1 folheto broc. 24×16. Offerta.
Géographie (Leçons de) conformes aux programmes du 4 août pour les écoles normales primaires et pour le préparation au brevet supérieur, par M. M. Joseph Fivre et Henri Hauser. Première année : géographie générale, Amérique, Océanie, Asie, Afrique. Paris, 1907. 1 vol. enc. 17×12. XI+744 pags. e gravuras. Comprado.
Géographie (Leçons de) physique [por] A. de Lapparent. Troisième édition, revue et augmentée. Paris, 1907. 1 vol, broc. 24,5×16. XVI+728 pags. e mappas. Comprado.
Geology of the Marysville Mining District, Montana. A study of igneous intrusion ond contacte Metamorphism by Joseph Barrell (Department of the Interior United States Geological Survey Professional Paper n.º 57). Washirgton, 1907. 1 vol. broc. 29,5×22,5. 177 pags.+VI, mappas e gravuras. Offerta.
Geometria Plana (Elementos de), por Adriano Augusto de Pina Vidal e Carlos Augusto Moraes de Almeida. Approvado pelo governo para uso dos lyceus. Quinta edição. Lisboa, 1887. 1 vol. enc. 21×14. 24 pags. e gravuras. Offerta.
Geschiedenis van de Spoorweg. Stakingen. «En de tolstandkoming der» Spoorwegwetten «in Nederland, 1903, door A. J. Stilting. Utrecht, 1903. 1 vol. broc. 15×16,5. 240 pags. Offerta.
Gladiador (O) [Esboço de um quadro], por Oscar de Pratt. Lisboa, 1907. 1 folheto broc. 19×12 15 pags. Offerta do auctor
Governo (Um) em Africa, por Th. de Almeida Garrett. Inhambane, 1905-1906. Lisboa, 1907. 1 vol. broc. 19×12. 264 pags. e indice. Offerta do auctor.
Guerra (A) Russo-Japoneza. Narrativa historica, militar, geographica, anecdotica, humoristica e de costumes, desde o rompimento das hostilidades até o cerco de Porto-Arthur com mais de setenta gravuras, retratos dos homens mais eminentes dos dois paizes, episodios da campanha, etc. Feita e coordenada, por Eduardo de Noronha. Lisboa, 1904. 1 vol. broc. 19×12. 416 pags. Offerta do auctor.
Guia de Sevilla, su provincia, & c. para 1893, por Vicente Gomez Zarzuela. Año XXIX. Sevilla, 1893. 1 vol. enc. 22×14,5. 124 pags. Offerta.
Guia o Directorio Anual de Caracas. Districto Federal y Estados de la republica para 1906. (Decimo año de su publicacion). Caracas. s/d. 1 vol. broc. 23×16. XL+634 pags. e gravuras. Offerta do sr. Antonio Ferreira de Serpa.
Handbook of American Indians North of Mexico. Edited by Frederick Webb Hodge. In two parts Part I: (Smithsonian Institutions Bureau of American Ethnology Bul. 30) Washington, 1907. 1 vol. enc. 24,5×15. IX+972 pags. e gravuras. Offerta.
Hellenismo (O) e a Civilisação Christan, por J. P. Oliveira Martins. Segunda edição. Lisboa, 1899. vol. enc. 20×12. 387 pags. Comprado.
Herança Davidson. Uma accusação de sonegação de bens anniquilada pelo proprio punho da auctora da herança, por João A. de Sousa Queiroga. Lisboa, 1907. 1 folheto broc. 26×17 53 pags. Offerta.

(Continúa)

27.ª Série — 1908 N.º 3 — Março

BOLETIM

DA

Sociedade de Geographia de Lisboa

FUNDADA EM 1875

SUMMARIO

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
Rua do Diario de Noticias, 110

1908

27.ª Série — 1908 N.º 3 — Março

BOLETIM

DA

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

Director, proprietario e editor—*Sociedade de Geographia de Lisboa*—Rua de Santo Antão—Lisboa
Composição e impressão na Typographia Universal
pertencente a Coelho da Cunha, Brito & C.ª — rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

O ARCHIPELAGO DE CABO VERDE

Conferencia da Sociedade de Geographia de Lisboa em 20 de fevereiro de 1908

Sr. Presidente.

Começo por agradecer á douta direcção d'esta Sociedade o ter-me proporcionado o ensejo para vir hoje aqui dizer duas cousas em favor da provincia de Cabo Verde e ainda mais agradeço a v. ex.ª as palavras affectuosas que acaba de me dirigir ao apresentar-me a esta assembléa.

Minhas senhoras e meus senhores.

Para não deixar de corresponder ao gentilissimo convite d'esta benemerita sociedade, venho realisar uma prelecção sobre o archipelago de Cabo Verde, só em obdiencia ás ordens do nosso illustre almirante, Conselheiro Ferreira do Amaral, seu digno presidente, e não a qualquer infatuação que detesto, nem por estar convencido de que esta nossa colonia precise ser mais conhecida do que já é.

A relativa civilisação e a indole pacifica e benevola dos seus habitantes bem definidas foram pelo referido almirante quando ministro da marinha e ultramar em 1892, que ao dar a esta Provincia uma Organisação administrativa assim se expressava no brilhante relatorio que precedia esse Decreto :... «que são dignos aquelles habitantes, de toda a consideração pelas suas tendencias civilisadoras, pela vida da familia que tanto apreciam e respeitam, pelas virtudes civicas que professam, mas aos quaes faltam ainda os elementos de educação scientifica para uma situação que poderia ser lisongear-lhes o amor proprio».

Dito isto, devidiremos esta prelecção em duas partes : a 1.ª desde

a descoberta do archipelago até á acclamação do governo liberal em 1833 e a 2.ª d'alli por diante.

Em 1460 descobriram-se as ilhas de S. Thiago, Fogo, Maio, Bôa Vista e Sal e em 1462 as restantes: Brava, S. Vicente, S. Nicolau, S.ta Luzia e S.to Antão. Acharam as cinco primeiras Diogo Gomes e o genovez Antonio Noli, e as outras Diogo Affonso.

Foram os descobridores premiados por El-Rei D. Affonso V, doando-se ao Noli a parte sul da Ilha de S. Thiago que d'ella foi nomeado seu capitão, e a Diogo Affonso a parte norte.

Formaram-se assim duas capitanias: a do sul com séde na villa da Ribeira Grande, e a do norte, villa dos Alcatrazes, no porto da Praia Abaixo.

Em 1462 a Ribeira Grande recebia os primeiros colonos, entre os quaes alguns italianos.

O povoador Noli distribuiu-lhes terras, sendo o algodão uma das principaes culturas a que se dedicaram, e que mais tarde teve larga exportação em Portugal.

A's duas capitanias chegavam da Guiné muitas caravellas carregadas de escravos: e, no regresso a Lisbôa, recebiam aquelles navios algodão.

Em 12 de junho de 1466 tiveram os moradores da ilha de S. Thiago uma Carta do monarcha, concedendo-lhes, álem de muitas liberdades, o previlegio de só elles poderem, com seus navios, tratar e resgatar nas partes da Guiné.

Esta Carta foi, portanto, a providencia mais salutar no sentido de se promover o povoamente do archipelago.

Ao findar o seculo XV já estavam regularmente povoadas as ilhas do Fogo, Maio e Bôa Vista. A villa da Ribeira Grande já contava a egreja de Nossa Senhora do Rosario, a ermida de N.ª S.ª da Conceição, onde se resavam missas por alma do infante e construida para aquelle piedoso fim, e um hospital.

A villa dos Alcatrazes entrou em pronunciada decadencia pela emigração dos moradores para o porto da Praia, de S.ta Maria, por ser este amplo e tranquillo. Em 1516 estavam em ruinas as casas dos Alcatrazes e em 1527 construiu-se na nova povoação uma pequena egreja sob a invocação de Nossa Senhora. Essa egreja tinha a valorisa-la não só a sua antiguidade mas a sua porta principal, em estylo manuelino; foi demolida em 1903, n'esse memoravel e fatidico anno de fome, a titulo de dar trabalho aos que imploravam soccorros alimenticios, quando a viação publica reclamava melhoramentos!!

O commercio da Ribeira Grande augmentou muito com a permissão concedida aos hespanhoes João e Pero de Lugo, em 30 de setembro de 1469, para explorarem a urzella; *fica assim corrigida* a noticia de que esse musgo fôra descoberto no reinado de D. João V, em 1730.

O rendimento annual da urzella, que era o melhor apanagio da Corôa, alcançou até aos sete primeiros lustros do seculo passado a importante cifra de 90 contos de réis; quando este rendimento co-

meçou a diminuir pela depreciação d'este artigo nos mercados, destinou o governo 24 contos de réis em beneficio da Provincia; e, pouco depois, decretou-se o seu livre commercio.

Esse commercio havia sido prohibido no reinado de D. João V, sendo concedido o seu exclusivo a arrematantes ou contractadores até 1819, em que o governo nomeou um administrador geral, que promovia a sua compra, arrecadação e embarque para Lisboa, mediante uma percentagem calculada sobre o producto da venda.

O Governo mandava dar á Provincia, uns annos por outros, como esmola do producto da urzella, seis contos de réis; só em 1823 subiu a vinte contos. Em 1839 passam a dar 24 contos que, apezar da despreciação desse musgo, foram garantidos pela Portaria régia de 7 de novembro de 1844.

O governo do monarcha D. João III, tomando a peito o progresso das ilhas, decretou medidas de grande alcance: os rendimentos das mesmas que até alli eram cobrados por arrematantes, ou contractadores, passaram a ser na ilha de S. Thiago por funccionarios de nomeação régia; nas outras pelos donatarios fazendo, então, D. João III doações: da ilha de Fogo ao Conde de Penella; da Brava e S.ta Luzia a D. João Pereira; de S.to Antão a Gonçalo de Sousa, e por morte deste fez D. Filippe I a doação ao Conde de S.ta Cruz; da ilha do Maio a Diogo da Silva e sua mulher D. Filippa de Vilhena; as de S. Vicente e S. Nicolau doou-as D. Sebastião á Condessa de Portalegre.

Como os donatarios abusassem dos privilegios que se lhes concedeu de nomearem capitães, e auctoridades com alçada no civel e crime, restringiu-lhes D. João III aquelles poderes, fazendo esse monarcha a nomeação do primeiro capitão corregedor, a qual muito agradou aos moradores.

No entanto os donatarios tiravam grandes lucros dos terrenos que concediam.

O commercio com a Guiné consistia na compra de escravos a troco de aguardente, tabaco e pannos fabricados na Provincia, (a sua primeira industria), que adquiriu grande importancia pela perfeição dos artefactos.

Tambem se deve a D. João III a creação do bispado, em 31 de janeiro de 1533, pela Bulla do Papa Clemente VII, a qual definiu os limites dos nossos dominios no continente da Guiné: ao norte, o rio de Gambia, e ao sul, o cabo de Palmas. Eram vastissimos, portanto, os territorios que possuiamos e hoje pouco nos falta para não termos nada.

Esta Bulla, documento de alto valor para a prioridade das nossas descobertas e soberania d'aquelles territorios, parece que era ignorada dos nossos diplomatas que collaboraram nas contendas havidas em Portugal com a França e Inglaterra.

Com a França, por causa do rio de Casamansa situado entre os de Gambia e Cacheu, e que desde 1648 era alli effectiva a nossa occupação commercial e militar. N'aquelle anno tremulava a bandeira portugueza em Zeguichor, situada na margem esquerda do rio de Casamansa. E incontestados eram alli os nossos direitos, sempre res-

peitados, que para os rendimentos da Corôa concorriam: o presidio de Zeguichor com 60$000 réis annuaes e o rio 225$000 réis.

Em 1837 o commandante militar do estabelecimento de Gorée, a bordo de uma escuna de guerra franceza, foi ao Casamansa por ordem do governador de Senegal; subiu o rio, até alli prohibido aos estrangeiros, e o commandante militar de Zeguichor, Carvalho Alvarenga, por não poder impedil-o, pela força de bala, protestou e reclamou auxilio do governador da Guiné, Honorio Pereira Barreto, que n'esta questão se tornou celebre pelas energicas notas que dirigiu ás auctoridades francezas; estas invocaram o seu direito ao Casamansa, citando-lhe o Tratado de Utrecht, mas não contestando o de Portugal. Occuparam Selho na margem direita, ou um terreno nesse sitio, que o chefe mandinga Sum Karık havia vendido a um negociante francez, e alli, n'um pequeno fortim, foi arvorada a bandeira franceza.

A nossa diplomacia, ao contrario de Honorio Barreto, deixou-se adormecer e os francezes por lá ficaram, espreitando-nos e esperando momento opportuno para deitarem suas garras ao resto da migalha.

Em 1886, o nosso governo não só cedeu á França o antigo presidio de Zeguichor e toda a margem esquerda d'esse rio, mas ainda uma larga facha de um riquissimo terreno situado ao norte do parallelo do Cabo Rocho. E n'esta doação, álem de Zeguichor, foram cedidos doze outros pontos importantes que ainda mais firmavam alli a nossa soberania. Fomos compensados, porém, recebendo ao norte do rio Zaire uma porção de territorio cedido pela França!

Na questão de Bolama com os inglezes, em que a nossa diplomacia não adormeceu, deixou de citar tambem o notavel jurisconsulto, então, conde d'Avila, essa Bulla, por a ignorar de certo.

A Inglaterra baseava os seus direitos a essa ilha, num outro adquirido por uma sociedade organisada em Londres, em 1792, com o fim de fundar um estabelecimento, ou colonia, na Africa occidental.

Em 1838 um navio de guerra inglez foi a Bolama; desembarcou marinheiros armados, que destruiram culturas, roubaram a casa do negociante Caetano Nosolini e levaram para bordo um grande numero de escravos, não só d'este negociante mas de outros, que estavam empregados no arroteamento das terras. Amiudadas vezes alli iam outros navios, que arriavam a nossa bandeira e deitavam á terra o pau onde ella se içava.

A nossa resistencia, porém, nunca enfraqueceu, e isso de muito nos serviu para que o presidente da republica dos Estados Unidos, arbitro n'esta questão, desse a sentença a nosso favor.

E assim foi brilhantemente resolvida em 1870 uma antiga pendencia em que, dia a dia, se affrontavam os nossos direitos e se insultavam as nossas auctoridades, devido ao grande talento e patriotismo do fayalense Antonio José d'Avila, que bem mereceu o titulo que mais tarde lhe deram.

Do governo de D. João III alguma coisa lucraram os moradores com a moralidade e bons exemplos do prelado D. Frei Francisco da Cruz, que na sua residencia leccionava aos ignorantes; a justiça fôra

garantida com a nomeação de auctoridades escolhidas; a agricultura tomou maior incremento pela introducção da canna sacharina, arroteando-se enormes tractos de terreno, banhados por poderosas nascentes d'aguas, os quaes a pouco e pouco, eram instituidos em morgadios e capellas.

Desenvolveram-se as industrias: da aguardente, de assucar e de tecidos de algodão, em pannos de differentes qualidades. O commercio d'estes pannos com a Guiné fôra de grande importancia, pois representavam a moeda para a compra de escravos; e de tal modo importante, que os moradores de Cabo Verde, reconhecendo a necessidade de se internarem na Serra Leôa, elegeram em 1594 André Alvares d'Almada, natural da ilha de S. Thiago, muito illustrado e conhecedor da costa da Guiné, para impetrar de D. Filippe I uma audiencia e convence-lo da utilidade de se povoar a referida Serra Leôa.

Alvares d'Almada tinha escripto um livro intitulado *Tratado dos Reinos da Guiné e Cabo Verde*, precioso trabalho sobre os rios e costa d'essa provincia, que mereceu ser impresso pela Academia Real das Sciencias de Lisboa em 1733.

Passando Alvares d'Almada ao reino, seguiu para Madrid onde, apesar de ser mulato, foi recebido pelo monarcha, a quem apresentou o seu tratado e supplicou-lhe para enviar missões religiosas alli. Em tal apreço foi tido Alvares d'Almada na côrte de Madrid que foi agraciado com o habito da Ordem de Christo e armado cavalleiro, apezar de os Estatutos d'esta Ordem se opporem a isso, pelo facto de ser de côr; e, ainda mais, contra as determinações dos mesmos estatutos, que exigiam dois padrinhos da mesma Ordem para um agraciado se armar cavalleiro, foi elle dispensado d'esta formalidade por não os haver em Cabo Verde.

Enviou então o monarcha padres, para alli e Guiné, que muito cuidaram da conservação do gentio.

Desde a acclamação do primeiro Filippe vimos uma espantosa tolerancia á nossa legislação referente ao commercio com os estrangeiros, a ponto de irem á Guiné despachar directamente navios, o que aliás era vedado. A camara e o povo protestavam, inutilmente, fundando-se no decrescimento das receitas que não chegavam depois para pagamento aos officiaes. A desastrosa influencia filippina em Portugal não só alastrou a miseria, como causou os maiores vexames e iniquidades aos moradores.

Até ao desejado D. Sebastião garantiu se sempre o privilegio que D. Affonso V havia concedido aos moradores, em 1466, *de só elles poderem commerciar com o tracto da Guiné.*

A' medida que se iam fazendo concessões das ilhas aos donatarios, mais augmentou a importancia d'aquelle previlegio, porque sem elle não seria muito facil o povoamento d'ellas: á sombra, porém, da ilha de S. Thiago onde os escravos eram despachados, tinha, por assim dizer, vigor aquelle privilegio em todo o archipelago e assim conviria á corôa para augmentar os seus rendimentos.

Tinham estes moradores na Guiné o seu principal mercado, onde iam buscar não só escravos, mas tambem ouro, cera, marfim e outros productos para Portugal.

Com os intrusos Filippes esse commercio com a Guiné ficou muito abalado. O seu primeiro acto foi abrir as portas aos castelhanos que, sem respeito pelas prerogativas d'aquelles moradores, carregavam seus navios e saíam directamente para Castella, esquivando-se aos direitos que haviam de pagar em S. Thiago.

Maiores victimas ainda foram os contratadores que não tinham meios de impedir esse commercio aos estrangeiros e assim eram prejudicados nos direitos, que não recebiam. Houve um contratador que achou mais conveniente entregar ao feitor só a precisa importancia para o pagamento dos funccionarios, por entender ser mais louvavel prejudicar o rei de Castella, não entregando a differença a que era obrigado pelo seu contracto. Fugiu para França com 200.000 cruzados; o contrabando passou-se a fazer em larga escala e assim entrou a Provincia em grande decadencia.

Esfriadas as nossas relações com o Summo Pontifice pela expulsão dos Filippes, acclamado D. João IV mimoseou este a Provincia dando-lhe frades, leigos e ambiciosos, para pastorearem as ovelhas, por isso que o Vaticano se negára a dar Bispos a Portugal e a egreja de Cabo Verde estava sem Prelado.

Os religiosos, em 1642, por falta de dinheiro para pagamento das suas ordinarias, que orçavam em mais de cinco contos, abandonaram a missão, voltando a ella mais tarde.

Em 3 de fevereiro de 1675 approvou-se o contracto para a fundação da Companhia de Cacheu e commercio da Guiné. A condição VI d'este contracto *respeitou* o privilegio, de só os moradores da ilha de S. Thiago poderem livremente resgatar escravos e commerciarem todos os generos; a condição X, porém, prohibindo a importação de productos ou fazendas do reino, que não fossem em navios da Companhia, evidentemente, semelhante contracto, veio não só prejudicar o commercio das ilhas mas tambem contribuir poderosamente para se definhar a agricultura por falta de braços.

Os moradores só podiam mandar, para negocio, os fructos da terra á Guiné.

Por alvará de 3 de janeiro de 1690 creou-se outra Companhia, a de Commercio de Cacheu e Cabo Verde, por tempo de seis annos.

O seu maior commercio consistia em escravos, que eram exportados para toda a parte; só não podiam ser vendidos a hereges.

Fôra encarregada da construcção da fortaleza de Bissau, cuja povoação assentava n'um terreno comprado ao rei de Bissau, Incinhate, a qual só veio a ser construida no reinado de D. José pela Companhia do Grão Pará e Maranhão, fundada em 1755, tomando, por isso, a Praça o nome de S. José. Esta Companhia, de posse do commercio exclusivo das ilhas e da Guiné, durante 20 annos, causou os maiores prejuizos aos habitantes, que estavam prohibidos de commerciar; era uma companhia soberana, com regalias especiaes concedidas pelo marquez de Pombal, que d'ella foi o seu grande protector e, segundo affirma um escriptor notavel, fôra seu Director. Em seguida a tão nefasta e perniciosa companhia organisou-se no reino em 1783 a Sociedade de *Commercio das Ilhas de Cabo Verde*, que pediu de arrendamento todos os rendimentos reaes das mesmas e Costa da Guiné,

mediante o pagamento annual de cinco contos de réis ; nesse sentido se decretou.

Até 1833 nenhuma outra empreza exploradora de commercio se organisou.

A agricultura desenvolveu-se muito, e mais seria de esperar esse desenvolvimento, se o commercio não tivesse sido victima de leis, por vezes imprudentes.

Das industrias chegou a adquirir uma certa importancia o fabrico de pannos de algodão, cujos preços variavam entre quatro a quinze mil réis e que constituia o principal commercio da Guiné, não só para a permuta de productos e compra de escravos, mas até com pannos se faziam pagamentos aos militares e funccionarios publicos.

O alvará de 23 de janeiro que prohibiu o commercio de pannos e roupas de Cabo Verde aos estrangeiros, sob pena de morte, matou essa industria, que foi imitada em França e Inglaterra ; os estrangeiros concorriam á Guiné com pannos de eguaes desenhos e mais baratos.

O commercio mais lucrativo, e isso é indiscutivel, foi o de escravos, emquanto o visconde de Sá da Bandeira não decretou a prohibição da sua exportação e mais tarde a sua abolição.

A instrucção publica limitava-se apenas a umas aulas de grammatica latina e de theologia moral creadas por decreto de 29 de novembro de 1803. Para ser padre em Cabo Verde não era preciso mais.

A colonisação das ilhas desertas começou pela de S. Vicente.

Em 1781 uma providencia régia mandou que se povoassem as desertas, e o Bispo, que então governava a Provincia, cuidou em 1782 do povoamento de S. Vicente, mas sem resultado.

Em 1795 egual sorte teve outra tentativa, morrendo miseravelmente João Carlos da Fonseca Rosado que se propoz povoa-la ; perdeu uma regular fortuna e os povoadores morreram quasi todos de fome, devido ás successivas esterilidades que soffre essa ilha, onde é inutil tentar-se qualquer cultura.

Até 1850 teve sempre uma população mui reduzida, geralmente composta de pastores, de urzeleiros e pescadores. Depois da morte de Fonseca Rosado que era o capitão-mór da ilha, outras nomeações, d'essa auctoridade, se seguiram, e para impedir o contrabando que faziam os navios baleeiros, americanos, deu-se-lhe alfandega.

De 1850 em deante que o porto Grande começou a ser frequentado por navios a vapor, que o demandavam em busca de carvão, povoou-se essa ilha com os naturaes das outras que alli iam buscar trabalho e assim tem hoje a população sete mil almas, proximadamente.

A ilha do Sal, outra deserta, foi povoada em 1839, devido aos esforços do conselheiro Manuel Antonio Martins, que já n'essa ilha habitava com a familia, a esposa e 16 filhos. O governo nomeou para alli auctoridades e deu-lhe alfandega em 8 de março de 1838.

A de Santa Luzia conserva-se ainda deserta. As outras ilhas possuem, em relação ás dos Açores e da Madeira, uma população mui

reduzida; é natural que assim seja e a razão, que não póde ser outra, provém, além da grande mortalidade que tem havido, devido á inanição, nas notaveis esterilidades de 1773 a 1776, 1831 a 1893, 1864 a 1866, 1903 a 1904, e outras de menos duração, tambem das creanças, que são mal tratadas, ingerindo alimentos solidos, e faltando-lhes com o indispensavel leite.

É da mais absoluta necessidade a creação de escolas do segundo grau em todos os concelhos das ilhas nos centros mais populosos.

Excepcionalmente indicamos trez d'estas escólas para cada uma das ilhas de S. Thiago e S.to Antão e duas para o Fogo.

Em S. Thiago: na Praia, Achada Falcão e Villa D. Maria II (Funchal).

Em S.to Antão: Villa Maria Pia, Villa da Ribeira Grande e Paul.

No Fogo: Villa de S. Filippe e Mosteiros.

Uma escola nas ilhas de S. Vicente, S. Nicolau, Boa-Vista e Brava.

Tratemos agora dos productos que constituem a riqueza deste archipelago.

O que a agricultura nos offerece de mais importancia é o milho, base da alimentação d'aquelles insulanos. Produz legumes de varias qualidades; batatas, doce e a chamada ingleza; hortaliças; mandioca, da terra e do Brazil, e grande numero de fructos dos paizes quentes.

De plantas *industriaes e economicas*, mencionaremos: tabaco, de superior qualidade, que rivalisa com o melhor da America e canna sacharina; de *medicinaes*, ha um grande numero, de que o povo se utilisa para cura das suas doenças; de *oleoginosas*, a purgueira, o jague-jague, (bafureira), da familia da Palma Christi, coqueiro, mostarda, etc., etc.; das *tinctoriaes*, a anileira que vive espontaneamente nos campos, espinheiro, branco e preto e o musgo ursella; das *textis*, amoreira, algodoeiro, linho de Sizal, coqueiro, carrapateiro (pita) bombardeira, palha carga, etc. etc.

Em algumas ilhas cultiva-se, pouco, a vinha que dá uvá duas vezes por anno; o vinho é fraco e semelhante ao verde.

Abunda gado das raças bovina, cavallar, caprina e suina.

Existem na ilha de S.to Antão uma grande variedade de preciosas aguas mineraes e na Brava ha uma carbonatada e magnesica de superior qualidade.

De industrias temos: o fabrico de sal; alguma ceramica, imperfeita; tecidos de algodão na ilha do Fogo; de colchas, pannos, rendas, chapeus de palha, etc., etc., assucar, aguardente de canna e de varias fructas, farinha de pau e de tapioca, etc., etc.

Sob o regimento constitucional entrou a Provincia numa época de prosperidades, embora sejam muito áquem das que eram para desejar.

Houve comtudo providencias de grande alcance, umas, dos titulares da pasta da marinha e Ultramar, e outras, de iniciativa de quasi

todos os governadores, que se tornaram dignos de admiração e estima dos governados.

Accentuaram-se mais essas prosperidades, desde 1839, com a nomeação de João de Fontes Pereira de Mello para governador.

O Visconde de Sá da Bandeira decretou a abolição do trafico da escravatura e da condição servil, e Joaquim José Falcão soube attender, nos seus sabios decretos, á instrucção publica e aos mais palpitantes assumptos de interesse para a vida economica da Provincia.

Em 1874 amarrou-se o cabo submarino ligando a ilha de S. Vicente á Europa, e em 1884 á Praia e ás provincias da costa occidental d'Africa.

Em 1866 creou-se um seminario lyceu na ilha de S. Nicolau com as indispensaveis disciplinas para os que se dedicam á vida ecclesiastica.

Em 1899 ordenou o governo, pela Commissão de Cartographia, o estudo dos portos principaes das ilhas, cabendo-me a gloria de ser nomeado para executar os trabalhos que hoje se acham publicados sobre a direcção do distincto engenheiro hydrographo Conselheiro Ernesto de Vasconcellos, illustre secretario desta sociedade.

Em 1896 começou a funccionar uma aula de nautica decretada pelo, então ministro, Conselheiro Moreira Junior.

Muitas das disposições do velho codigo administrativo de 1842 foram alteradas pelo, então ministro, Conselheiro Ferreira do Amaral que deu á Provincia uma organisação administrativa especial.

Em 1877 estabeleceu-se na Praia a primeira imprensa periodica, saindo á luz o «Independente» que grandes serviços prestou ao commercio e á agricultura.

Em 1879 a Guiné separou-se do Governo de Cabo Verde, formando um governo independente.

Um Alvará de 11 de junho de 1838 mandou transferir a capital para a ilha de S. Vicente por ser insalubre a Praia, onde residiam as auctoridades, que abandonaram a cidade da Ribeira Grande em fins do seculo XVIII; esta cidade, pela Bulla que erigiu o Bispado, continuou até 1858 a ser ainda a séde do governo.

Esta transferencia não se realisou, embora a Praia estivesse nas mesmas condições de S. Vicente, em 1838, quanto a edificios publicos, pois não possuia um só.

A Provincia pagava renda de casas para residencia dos governadores e installações das repartições publicas.

Foi providencial aquelle Alvará, porque, não concordando os governadores com tal transferencia, trataram de introduzir os indispensaveis melhoramentos na Praia, compativeis com os minguados recursos do erario da Provincia.

Deu-se logo começo a um hospital que teve a dirigi-lo, desde os alicerces, o notavel ministro Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, então engenheiro da Provincia, onde prestou relevantes serviços bem como na Guiné, onde foi; construiu-se o quartel para o batalhão; ligou-se a villa da Praia ás freguezias distantes por caminhos regulares, augmentando-se consideravelmente o commercio; adquiriram-se casas para repartições publicas e quartel general; construiu-se

um bello mercado; deu-se agua de boa qualidade aos moradores, canalisando-a de uma poderosa nascente a 4 kilometros de distancia; prohibiu-se que as casas fossem cobertas com colmo, e foram empedradas as ruas. A villa da Praia transformou-se por completo.

O governador Albuquerque, para melhorar as condições de salubridade dessa villa, á qual elle consagrára toda a sua energia, boa vontade e carinho em embelleza-la, mandou proceder á abertura de duas vallas collectoras para drenagem dos valles a oeste e leste da cidade, que na estação pluviosa se convertiam em pantanos, causas da tão fallada insalubridade de Cabo Verde.

Modificaram-se muito as suas condições e mais tarde o governador Serpa Pinto, que tinha pela Praia uma adoração especial, mandou retalhar aquelles valles de drenos parciaes. O resultado não podia ser melhor. Mostram as estatisticas que nenhum outro ponto da Provincia lhe excedeu em salubridade. Em 1906 chuvas torrenciaes destruiram parte dessas vallas: formaram-se então uns pantanos, que de ha muito já deviam ser drenados, mas que não teem sido. Custa-nos a acreditar que, por inexplicaveis conveniencias politicas da localidade, se exija que essa insalubridade se mantenha; só assim poderá convencer-se algum ingenuo da necessidade d'essa transferencia, impretrada em 1838, 1906 e 1907.

De 1839 a 1907 dois periodos distinctos se destacam nesta administração ultramarina.

O primeiro, que podemos cognomina-lo Sublime, terminou em 1899, e o segundo que teve a má sorte de se declararem fallencias em seis casas commerciaes, escassez de chuvas e fomes, que levaram á sepultura umas 20 mil almas, cognominaremos Funebre; tem assim mesmo, este segundo periodo, um anjo a torna-lo alegre que muito suavisou as cruciantes dôres que affligiam os habitantes.

Refiro-me ao notavel governador Antonio Alfredo Barjona de Freitas, bem conhecido d'esta Sociedade por uma brilhante conferencia que realisou sobre Cabo Verde. Durante a sua curta permanencia nesta Provincia bem cumpriu o seu dever; dotado d'uma rara energia, deixou o seu nome vinculado a importantes melhoramentos locaes; possuindo um coração diamantino enxugou muitas lagrimas e restituiu á vida milhares de famintos.

Encetou Fontes Pereira de Mello o primeiro periodo administrativo, tendo encontrado os cofres vasios, o funccionalismo atrazado em vencimentos seis mezes e o clero mais de um anno, e terminou esse periodo o conselheiro João Cesario de Lacerda, distincto medico naval, que deixou os cofres abarrotados de dinheiro; em 1889, que pela primeira vez governava a Provincia, entregou ao seu sucessor, uns 400 contos de réis, tendo accudido não só á crise de 1886 como executado muitos melhoramentos entre os quaes o da viação publica.

Foi neste periodo, de sessenta annos, que a agricultura tomou maior incremento pelo desenvolvimento da viação publica, encetada em 1859 pelo notabilissimo governador Calheiros.

A ilha de Santo Antão, porém, tem sido, relativamente, a menos contemplada com caminhos, a ponto de em algumas localidades apodrecerem os generos por falta de transportes.

Illuminam actualmente os portos 15 pharoes de differentes alcances e 6 pharolins que indicam o logar de desembarque Não está completa a pharolagem; bom seria que o governo da Provincia alguma coisa fizesse nesse sentido, aproveitando as indicações do illustre official da armada Alvaro Ferreira expostas na Memoria que apresentou ao Congresso Colonial d'esta Sociedade, sobretudo da illuminação da costa leste da ilha da Boa Vista.

Construiram-se bons hospitaes na Praia e S. Vicente.

Teem sido beneficiados os portos, facilitando-se a communicação com a terra por meio de pontes ou construcções de alvenaria. Falta dotar a importante ilha do Fogo com este melhoramento, facil de se realisar, na ponta do Valle dos Cavalleiros, a pequena distancia da villa principal e onde os navios encontram durante o anno o melhor e mais seguro ancoradouro.

Bem lastimavel tem sido a conclusão de uma ponte de ferro, no importante porto do Mindello, da ilha de S. Vicente.

A cidade do Mindello foi contemplada com uma importante officina, sustentada pela Provincia, cujo fim era especialmente servir de escola de aprendizagem para os officios de ferreiro e serralheiro. Tem sido uma escola de exploração!

Torno a fallar na viação publica que é um dos principaes factores para o desenvolvimento da agricultura, uma das fontes de riqueza que possue Cabo Verde. Está actualmente muito abandonada por falta de verbas no Orçamento não só para abertura de novos caminhos, mas até para conservação dos que estão feitos. Não nos desmente o Orçamento desta Provincia; compulse-o quem quizer e n'elle encontrará a razão por que hoje não se constroem caminhos e nem pharoes; dirá porque a cidade do Mindello não tem sido attendida nas suas justissimas aspirações, exigindo a conclusão da ponte e a construcção de uma outra de madeira para desembarque de passageiros, obrigados a quarentena, e tambem a reconstrucção do lazareto, que está a cahir depois de se ter gasto uma somma avultada; e dirá por que razão não ha verbas para saneamento das povoações, principalmente a da Praia que, por circunstancias de força maior, a sua salubridade deixa a desejar, e que, decerto, não haveria motivos para isso, se o bom senso e energia dos governadores Albuquerque e Serpa Pinto fossem imitados.

O estudo das questões economicas não tem merecido, ha alguns annos, a devida attenção; deixam-nos essa impressão os Boletins Officiaes da Provincia, que começaram a ser publicados em agosto de 1842. Ainda em tempos não mui distanciados, raro era o Boletim que não enchesse as paginas com assumptos de interesse para a vida economica dos habitantes; actualmente occupam-se nas Ordens á força Armada, de livros e assumptos militares que tratam, e de outras sinecuras semelhantes. Felizmente que ainda não baniram as estatisticas.

O commercio da exportação alcançou, n'outros tempos, o valor approximado de 400 contos, representando alli o milho com um valor de 80 contos e o assucar, da ilha de S. Thiago, de 20.

Estes dois productos, no total de 100 contos, deixaram de ser ex-

portados, por terem sido attingidos por pezados direitos nas alfandegas do reino e ilhas adjacentes.

O unico producto agricola que exporta esta Provincia, isto emquanto as pautas do reino derem licença, é a semente da purgueira; para o estrangeiro ha um direito differencial prohibitivo.

Não é crivel que a agricultura e industrias correlativas se desenvolvam n'um paiz onde faltam a instrucção, a viação e os mercados.

O valor da importação é mais do duplo do da exportação. Se Cabo Verde tivesse um mercado para collocar os seus productos, a exportação egualaria a importação.

São os *impostos indirectos*, cobrados pelas alfandegas, os que mais avolumam a receita publica, dando o carvão a verba mais importante; dos *directos*, a verba mais elevada é da contribuição predial que incide em predios urbanos; e, pouco mais ou menos, em uns 400.000 hectares de terreno cultivado.

Está Cabo Verde dotado de bellos portos, a cinco dias da Europa; tem uma rede de pharoes que garantem á navegação bastante segurança; possue uma população regularmente civilisada, que trabalha por tirar da terra o maximo que ella produz.

No entanto alli morre-se de fome, sendo uma das causas, por vezes, a esterilidade do solo, devido á falta, ou á escassez de chuvas.

Pouca attenção se tem prestado á resolução do problema das crises alimenticias que por diversas épocas têem dizimado as populações.

E' um estudo que, sendo resolvido, mais brilho daria ao talento d'aquelle que encontrasse uma solução ao problema, o que não será difficil.

Competiria decerto esse estudo mais aos governadores, que têem ao seu dispôr todos os elementos, ou informações, além de tempo e commodidades.

Infelizmente não se pensa n'isto; antes se cuida da mudança da capital da Praia para Mindello, que será excellente medida governativa para mais sacrificar os cofres publicos, já victimas de um orçamento demasiadamente generoso!

Cuide-se dos melhoramentos locaes, da protecção pelas pautas, á agricultura e industrias várias, da viação publica e da instrucção.

E' indispensavel a protecção das pautas, para que os productos obtenham collocação nos mercados.

Diz o notavel economista e professor Rebello da Silva: «Os mercados são os conciliadores naturaes dos interesses das cidades e dos campos, da industria fabril e da industria rural. Sem elles os capitaes agricolas não poderiam explorar a terra em condições vantajosas — mas por isso mesmo caras. Quando os consummos se alargam, dilata-se tambem a lavoura; quando elles se restringem, desmaia e desfallece.»

A viação publica merece especial attenção pela immediata influencia que exerce a favor da agricultura e no desenvolvimento da industria e do commercio.

Em Cabo Verde o custo de transportes dos productos para os portos de embarque varia com as condicções orographicas de cada

uma das ilhas; em geral as mais agricolas são as montanhosas, e se, em alguns logares, esse custo regula entre 5 a 10 por cento, outros ha em que se elevam a 50.

Da falta de uma regular viação soffre o cultivador, que não encontra preços remuneradores para os seus productos no commercio de exportação, quando devia obte-los, se attendermos ás magnificas condições agrologicas e geographicas d'estas ilhas.

A vida da industria depende da livre circulação dos productos e a viação é a arteria d'esta circulação.

A instrucção primaria para as classes laboriosas é o pão do espirito, tão necessario á intelligencia como o pão da vida ao corpo.

O homem é uma força productiva, mas esta força no estado bruto, sem educação e sem instrucção, pouco aproveita.

A sua arma offensiva nas luctas industriaes é o saber.

Em Cabo Verde a instrucção deixa muito a desejar.

O que, porém, desde já conviria alli, seria o ensino industrial, com o fim de se aproveitarem muitas materias primas de grande valor, que ha naquellas ilhas.

Não se resolvem as repetidas crises agricolas, e portanto commerciaes e financeiras, da Provincia, com a transferencia da capital da Praia para cidade do Mindello; primeiro, quanto a nós, estão as questões de economia rural que devem servir de base ao orçamento provincial.

Escreveu alguem: «Fundar um orçamento nas chuvas, reconhecidamente irregulares ou nullas; funda-lo ainda na navegação, sempre duvidosa, do porto Grande de S. Vicente, é lançar fundamentos muito contingentes. E' preciso estudar e praticar as questões economicas; é preciso prevenir, com os celleiros; é preciso regular, emfim, as operações economicas que se fundam nos rendimentos das propriedades, para que em tudo haja equilibrio. O equilibrio é a lei fundamental da vida; o desequilibrio é a morte, a e morte é o que ha em toda a Provincia, mercê do expediente exclusivo de meros expedientes *na occasião do perigo,* em vez do fundamento *da prevenção* muito antecipada».

Para se levar a cabo essa mudança da capital, que exigiria uma despeza incalculavel, tomou-se o expediente de se alterar o orçamento *que se funda em chuvas*, de modo a apresentar um saldo superior a 20 contos de réis (pouco mais ou menos *o deficit annual*); é uma habilidade, talvez innocente, para fazer convencer que a Provincia está prospera e que bem póde arcar com essa despeza.

Foi em 1838, já o dissémos, que sahiu um alvará do, então, visconde de Sá da Bandeira, mandando que a capital se fixasse na povoação do Mindello; n'essa epoca estava ella de facto na villa da Praia e de direito na cidade da Ribeira Grande.

Insistia por essa mudança o governador Pereira Marinho, e com razão, por que não tendo a Praia um só edificio publico e havendo necessidade de os construir, melhor seria que fossem num ponto re-

conhecidamente saudavel, além de outras condições que deveria satisfazer a séde de um governo.

Informando Marinho que S. Vicente álem do seu optimo *clima e bom porto*, tinha uma *extraordinaria abundancia d'agua, e magnificos terrenos apropriados á cultura de plantas horticolas*, não duvidou aquelle ministro em dar o Alvará referido.

O commercio e moradores da ilha S. Thiago representaram contra; não contestaram a magnificencia do Porto Grande, mas deixaram o governador Marinho a escorrer sangue por ter faltado á verdade, quanto ao resto.

A *muita agua* era de poços, quasi salgada; a de nascentes, mui pouca e em pontos afastados do local destinado á capital; *terrenos insusceptiveis de cultura; a ilha sujeita a estiagens prolongadas; o clima ainda não estudado e o local escolhido, para cidade*, proximo de um terreno pantanoso.

O governador Marinho, antes de deixar o governo, reconhecendo o seu erro, penitenciou-se; todavia a Praia não convinha e indicou a transferencia para a Trindade, na ilha de S. Thiago.

Exonerado do governo, foram encarregados de estudar este assumpto os que lhe succederam. Fontes Pereira de Mello, manifestando-se contra S. Vicente, procurou beneficiar a Praia, construindo um hospital; Paula Bastos, outro governador, combateu essa mudança com a maior energia em 15 de Outubro de 1842; D. José Miguel de Noronha indicava o sitio das Fontes a uns 12 kilometros da Praia, em 10 de Outubro de 1847; e assim o entenderam os demais governadores, que se seguiram, até que por decreto de 29 d'abril de 1858 foi fixada permanentemente a capital na Praia, por ter sido esta villa elevada á cathegoria de cidade.

Já nos referimos aos importantes melhoramentos que experimentou esta cidade, não só com o fim de modificar o seu mau estado sanitario, mas tambem de aformoseal-a, dando-lhe o ultimo retoque, o inolvidavel governador Serpa Pinto.

Em sete annos, de 1900 a 1906, que os pantanos não deram signaes de si por terem sido drenados, accusou a Praia 1659 obitos e S. Vicente, que tem a mesma população que a freguezia da Praia, 2110 ou sejam mais 451 obitos.

Vejâmos o que nos diz a estatistica.

Mortalidade nas cidades da Praia e de Mindello

aparte a mortalidade nos hospitaes

Praia (freguezia de Nossa Senhora da Graça)

Annos	Numero de obitos	Sexo		Naturalidade		
		Homens	Mulheres	Europeus	Indigenas	Outras partes do mundo
	157	80	77	—	145	12
	154	88	66	4	149	1
	206	96	110	1	205	—
	361	167	194	8	352	1
	358	188	170	5	353	—
	152	71	81	1	151	—
	271	149	122	5	266	—
Somma	1659	839	820	24	1621	14

Mindello (freguezia de Nossa Senhora da Luz)

Annos	Numero de obitos	Homens	Mulheres	Europeus	Indigenas	Outras partes do mundo
	185	92	93	11	171	3
	275	138	137	15	259	1
	249	135	114	5	244	—
	366	185	181	13	353	—
	341	176	165	9	331	1
	371	200	171	9	362	—
	323	161	162	3	320	—
Somma	2110	1087	1023	65	2040	5

Mortalidade nos hospitaes

Annos	Hospitaes		Albergados e famintos vindos do interior (Praia)
	Praia	S. Vicente	
00	68	22	—
01	61	22	—
02	72	17	—
03	392	34	2685
04	200	51	1697
05	85	74	7
06	114	27	—
Somma	992	247	5

A campanha contra a Praia não vem de hoje; prepara-se ella, muito pela calada, ha alguns annos, invocando-se a mesma razão de 1838 — *a insalubridade*, — que os adversarios demonstravam por uma falsa estatistica, comparando a mortalidade, sem estabelecer a devida relação, de toda a ilha de S. Thiago, que tem 11 freguezias e com uma população de 70.000 almas, com a da unica freguezia de S. Vicente, que tem uma população média de 7.000.

Essa estatistica, naquelles 7 annos, adrede preparada, não podia deixar de accusar muito mais mortalidade á Praia; *sendo ella feita pelo movimento hospitalar*, mais afeiou ainda o caso, porque com as esterilidades de 1903 a 1904, só devido á inanição entraram no hospital 4389 pessoas das quaes muitas falleceram, *não de febres mas de fome*.

O movimento foi na Praia de 992 obitos e em S. Vicente de 247 ou sejam mais 745 naquella cidade numero este inferior aos que succumbiram de inanição.

Regista-se o periodo muito insalubre da Praia anterior a 1876, em que não havia obras de drenagem no valle da Praia Negra; depois o de 1893 a 1894 em que as obras de esgoto foram destruidas mas logo reconstruidas; e, agora, o periodo de 1906 a 1907, em que identica destruição aconteceu com as extraordinarias cheias de 1906.

Está pois provado que a salubridade da Praia depende do valle da Praia Negra, que tem um pequeno pantano de facil e pouco dispendiosa drenagem. Muito conviria que essa drenagem se executasse já, para que ao menos se diga, que, drenado o pantano, não ha outros motivos para essa transferencia; pois seria muito para lamentar que para se satisfazer um capricho de um governador, que nada justifica, se queira sacrificar milhares de contribuintes, que serão as victimas de tanta loucura governativa.

Não é aqui logar para recriminações; do contrario, as nossas considerações nos levariam a ponto de justificarmos as apprehensões que temos e que as julgamos gravissimas.

O Porto Grande merece que lhe façam todos os melhoramentos, se não para attrahir mais navegação, ao menos para conservar a que o procura.

Os tres depositos de carvão, que alli existem, contribuem com um bom rendimento para os cofres da Provincia, pagando o carvão 300 réis por tonelada.

Ninguem contesta os grandes beneficios que a Provincia tem experimentado, depois de 1852 que o Porto Grande teve o primeiro deposito de carvão; esse beneficio, porém, não vem de uma propriedade, genuinamente portugueza, ou de capitaes portuguezes que garantam ao erario da Provincia uma fixa ou determinada renda, como garantem as propriedades agricolas, que em vez de decrescerem de valor, antes augmentam.

Que a navegação tende a abandonar os portos de escala, pelo grande raio de acção que têem adquirido os navios, devido ás machinas aperfeiçoadas que consomem muito menos combustivel do que as antigas, é um facto incontestavel que dia a dia está prejudicando S. Vicente e que terá, infelizmente, de voltar a ser o que outr'ora

foi *uma colonia de pastores*. E não tardará que a electricidade dê o golpe mortal aos depositos de carvão.

A mesma sorte terão Madeira e Canarias, mas estas nunca deixarão de ter os seus portos frequentados de navios, porque tem productos para exportar. A ilha de S. Vicente tudo importa, até agua: nada exporta.

Tenho visto em alguns relatorios officiaes consagrarem-se paginas brilhantes ao movimento commercial de S. Vicente, encarecendo o de importação, que é devido quasi todo ás muitas centenas de toneladas de carvão; mas se attendermos a que egual valor, em carvão, sahe pela exportação, a differença, que representa a importação do commercio a retalho, dá-nos uma exacta impressão da vida economica d'essa ilha, que só poderá a vir ter alguma importancia como vertice de um triangulo estratégico. Se a transferencia da capital podesse traduzir-se num augmento de receita da Provincia, o bom senso aconselharia, certamente, essa medida.

Emquanto S. Vicente, ou qualquer outra ilha, não offerecer melhores garantias do que a ilha de S. Thiago, é de esperar que o Governo não deixará de attender ao pedido dos moradores da Praia, para se fazer a obra da drenagem do pantano.

Termino agradecendo a attenção com que me escutaram.

CHRISTIANO DE SENNA BASCELLOS.

TRAÇOS GERAES SOBRE A ETHNOGRAPHIA DO DISTRICTO DE BENGUELLA

(Continuado do n.º anterior)

CAPITULO III

Da organisação guerreira

19.º

Todos estes povos não têm tactica de guerra. Atiram isoladamente ou cahem em avalanche sobre o inimigo, quando o tomam de surpresa. Usam defender-se em pontos fortificados pela natureza, como as montanhas e as embalas. Ahi, escondidos por detraz dos pedregulhos e das grandes arvores, atiram sobre o inimigo que, difficilmente acerta n'elles. Não fazem a guerra em campo descoberto; mas sim por emboscadas e surprezas.

Ha embalas que são verdadeiras fortalezas inexpugnaveis, de difficilimo accesso, e que só se consegue vencer á força de metralha e granada. Taes são a do Quequete e de Quissange, de grande altura.

Para chegar ao cume é preciso percorrer os seus sinuosos caminhos, de gatas, agarrando-se a gente ás pedras e ás raizes.

A embala do Chinjenji tem furnas entre os seus pedregulhos. Em tempo de guerra, o gentio recolhe-se a essas furnas e d'ahi atiram sobre o inimigo, tendo este de ser dizimado ou retirar.

20.º

A sua indole guerreira é má. São geralmente ávidos de sangue na guerra, e a vista dos cadaveres mais lhes desperta os instinctos sanguinarios e os torna deshumanos. Não poupam ninguem, não têm compaixão pelos vencidos. Escravisam e vendem os novos e trucidam os velhos.

A' victoria segue o saque e o incendio.

21.º

O armamento que usam são as armas de fogo, de que fazem maior uso (lazarinas e de pistão), e as armas brancas (machados, zagaias e settas). As armas brancas são fabricadas por elles, e as de fogo compradas aos commerciantes.

As zagaias são usadas pelos Quillengues, Mucuandos, Mundombes e Ganguellas especialmente.

As settas são mais ou menos usadas; fazem, porém, maior uso d'ellas os Ganguellas que as envenenam com uma substancia vegetal chamada *Kavóre*. Basta um pequeno ferimento feito por uma setta envenenada para produzir a morte. Os Ganguellas tambem fazem uso de facas grandes, especies de alfanges. Os machados são mais ou menos usados por todos.

Os Bacuisses fazem uso maior da zagaia. Os Quimbundos em geral, e os Selles, Caialas e Hanhas, fazem maior uso das armas de fogo e do machado.

22.º

Os principaes chefes de guerra são: nos estados bem organisados — o proprio soba, o *Kápitágo* e a *Káruféve;* nas tribus — o seu chefe. Além d'estes, porém, escolhe-se por occasião da guerra para chefes os mais valentes e dextros.

CAPITULO IV

Dos direitos civis

23.º

Não ha limite que divida a menor da maioridade. O individuo é considerado apto para tratar dos seus negocios assim que tenha o seu peculio que lhe permitta fazer a primeira transacção. O adolescente acompanha, ordinariamente, seu pae ou seu tio nas viagens que este faz ao littoral, ás Ganguellas ou outras regiões aonde tem de ir negociar; começa por levar uma pequena carga, e pelo seu trabalho recebe o pagamento proporcional. Assim prosegue no seu mister de car-

regador á medida que se vae fazendo homem; e assim que as suas economias o permittam, começa a negociar de sua conta.

24.º

A maior parte d'estes povos são hospitaleiros; e os que o são, usam de requintes de delicadeza, de attenção para com os individuos de outra povoação, tribu ou estado, considerando-os como hospedes. Seguem muito os principios da fraternidade: — em uma roda, se um tiver um cachimbo, offerecel-o-ha aos outros para n'elle fumarem; se tiver um bocado de comer ou de beber, partilhará com os outros irmãmente, embora caiba uma parte infima a cada um. Os hospedes são bem recebidos, agasalhados o tempo que quizerem, e sustentados dignamente.

Conforme a importancia do hospede, á sua chegada, mata-se uma gallinha, um cabrito, um porco ou um carneiro; e ha casos em que se mata um boi. E' claro que o tratamento do hospede é tambem conforme as posses do dono da casa.

Antes da primeira refeição offerece-se sempre, conforme o uso mais frequente de bebida adoptada, aguardente, quimbombo, leite de vacca ou vinho de palmeira.

A etiqueta, emanada da desconfiança do envenenamento, manda que o dono da casa beba sempre primeiro que o hospede dois ou tres tragos da bebida offerecida.

Os povos de má indole ou desconfiados consideram mal os individuos estranhos de outro povo, recebem-os mal deixando-os entregues a si proprios, quando não os intimam a retirar. Taes são: os Bacuisses, Mucuandos, Selles, Caialas, Ganguellas e Galangas.

25.º

Os brancos e mestiços são considerados como seres superiores, capazes de produzir cousas extraordinarias, dotados de grande poder devido á sua alta feitiçaria.

São geralmente respeitados, considerados e temidos, excepto entre os povos de má indole que os consideram como dominadores e usurpadores, desconfiando sempre de que os querem despojar do que é seu.

Entre os brancos é o portuguez que elles mais consideram e estimam.

26.º

O pae e a mãe têm apenas sobre os filhos o direito da obediencia, da tutela e dos seus serviços, emquanto estão em casa paterna. Os tios, porém, têm sobre os sobrinhos, filhos de irmã, os direitos de tutela, serviços e liberdade; podendo vendel-os quando tenham de pagar uma multa ou indemnisação e para isso não tenham bens. Se o pae, todavia, tiver meios, resgata o filho vendido, e nunca mais o tio tem direito algum sobre o sobrinho resgatado; se quizer vender algum, terá de escolher outro sobrinho.

27.º

Os direitos do marido sobre a mulher consistem apenas na obediencia que esta lhe deve e nos serviços a seu cargo que tem de prestar como dona da casa. Sobre a liberdade não tem direito algum.

28.º

A polygamia é permittida em todos os povos. As differentes mulheres podem viver na mesma libata, porém, cada qual com a sua cubata. Além de diversas mulheres livres, o homem póde ter varias concubinas escravas *(ákáma)*.

29.º

No casamento, o marido dá sempre um dote, não ao pae unicamente, mas a toda a familia da mulher.

30.º

A mulher na familia exerce o papel de dona de casa. E' ella que cultiva, emquanto que o homem vae negociar, transportar, caçar ou exercer qualquer outro modo de vida.

Além do serviço da lavra, é a mulher que varre e limpa a casa, cosinha para o marido e para sua familia, se este a tem na sua libata; cosinha, porém, em panellas separadas. E' ella que tem de fazer o quimbombo para o mata-bicho da manhã, a que chamam *Ógáu*, para a familia toda.

A mulher tem de fazer todo este serviço quando o marido é pobre e não tem escravos; quando os tenha, a mulher é auxiliada por duas ou tres escravas que lhe entrega o marido para esse fim ou em dote.

Em uma familia, os homens comem separados das mulheres; e a mulher não póde comer com os sogros ou tios, nem o marido com sogras ou tias do outro conjuge, indicando falta de respeito reciproco a inobservancia d'esta etiqueta.

E' uso reunir-se todas as manhãs a gente d'uma libata, por sexos, em salas circulares construidas apenas de pau a pique e cobertas de capim, chamadas *Jágo*, onde se entretêm a palestrar, fumar e beber.

Algumas mulheres não gostam que seu marido não seja bigamo, e pedem-lhe mesmo para ir buscar outra mulher para lhes fazer companhia e dividir com ellas o serviço domestico.

As concubinas escravas, quando o seu senhor tem uma ou mais mulheres casadas *(Ódóbua)*, só fazem um certo numero de serviços particulares, como o do quarto; e fazem a sua lavra particular. Fazem todo o serviço que compete á mulher casada, quando o homem é solteiro.

31.º

Não ha edade marcada para o casamento, quer para um quer para outro sexo.

Todavia, não usam casar-se muito cedo, á excepção dos povos do littoral, mais civilisados, que não olham á edade.

Ordinariamente a mulher não casa antes dos dezoito ou vinte annos, e o homem antes dos vinte a vinte e cinco. Raciocinam que a mulher, casando muito cedo, não tem o juizo sufficiente para ser boa dona de casa.

E' praxe rigorosamente seguida em certas familias dos povos do sul do districto o não poder casar a mulher sem a cerimonia da emancipação para o casamento, a que chamam *ókufékánran*.

32.º

E' permittido e frequente o divorcio; e este póde ser promovido pelo marido, pela mulher ou pela familia d'esta (tios maternos).

O homem repudia a mulher quando ha incompatibilidade de genios, quando ella é descurada e não sabe cumprir os deveres de dona de casa. A mulher divorcia-se do marido quando ha a mesma incompatibilidade de genios e quando é maltratada. A familia da mulher promove o divorcio quando esta, passados dois annos ou pouco mais, não tem filho, e as irmãs casadas com outros homens já tenham tido, no mesmo periodo.

O mobil que leva os tios maternos da mulher a provocar o divorcio quando esta não tem filhos, é o facto de representarem os filhos de irmã um capital de que se póde dispôr, vendendo-os, para occorrer a qualquer necessidade que, ordinariamente, é uma indemnisação que os tios tenham de pagar. E são sempre os irmãos da mulher que impellem os tios maternos a provocar o divorcio. Não lhes convem, por isso, que a irmã lhes não dê sobrinhos, e provocam o divorcio para ella se casar com outro homem e ter filhos.

33.º

A mulher, uma vez divorciada, é livre e independente do marido, e volta para casa dos paes ou parentes. Tornada á situação de mulher solteira, ahi fica até contrahir segundo matrimonio, sendo novamente dotada pelo novo marido. No caso, porém, de esterilidade attribuida ao marido a mulher não póde contrahir segundo matrimonio sem que o segundo marido restitua ao primeiro o dote de casamento que este havia dado. Dadas as circumstancias d'ella ainda não haver filho do segundo marido e que a familia provoque novo divorcio, o primeiro marido, se assim o quizer, tem o direito de a ir buscar outra vez a casa da familia e viver com ella, tornando a restituir ao ultimo marido o dote do casamento. Se não quizer ligar se outra vez a ella, póde exigir á familia que provocou o divorcio, o *mukáno* ou indemnisação por lhe terem attribuido a esterilidade, o que importa uma offensa grave;

e as offensas, calumnias e accusações falsas importam uma indemnisação.

Até o trocar o nome a uma pessoa ao chamal-a, julgando-se ser outrem, se paga com um *mukáno*. A' troca de nomes chamam elles *ókuvárura* (maguar, offender).

O marido não retira á mulher divorciada os bens que lhe tiver dado.

No casamento não existe a communidade de bens nem os conjugues herdam entre si.

A mulher divorciada não tem direitos nenhuns sobre os filhos, mas só o marido.

Comtudo, é costume levar a mulher os filhos mais novitos para os crear, e as filhas; ficando o marido com os filhos maiores, e com uma ou duas filhas crescidas, se quizer. Se o marido não quizer que a mulher leve nenhum filho, mesmo por crear, ella não leva nenhum.

Os filhos do sexo feminino que a mulher leva, ficam para sempre, no maior numero de casos, em casa da familia materna; não podem, todavia, casar sem que o pae tenha a competente participação e dê o seu consentimento; os do sexo masculino voltam sempre, depois de creados, para a casa paterna, ou de motu proprio ou induzidos pelos irmãos mais velhos que n'ella haviam deixado.

O pae póde, por sua espontanea vontade, fornecer o sustento para os filhos que a divorciada quiz levar; mas não é obrigatorio.

34.º

Ordinariamente, no caso de divorcio, quando não ha filhos menores a crear, a mãe leva os do sexo feminino e o pae fica com os varões. Quando um ou outro ficam com os filhos de ambos os sexos, estes vivem reunidos emquanto menores, sendo separados na puberdade.

Mas o mais vulgar que acontece é o seguinte: Quasi sempre as tias das filhas dos divorciados pedem-as aos paes para as crearem, e os tios pedem os filhos para os educarem; ficando assim quasi sempre separados mesmo antes de chegar á puberdade. Sem ser no caso do divorcio, acontece o mesmo.

35.º

Os direitos dos filhos das differentes mulheres, livres ou escravas, são eguaes, em vida do pae — este tem de os sustentar, vestir e proteger com a sua tutéla. A differença só se dá no direito de herdar, morto o pae.

36.º

Existe o direito de propriedade de terras, dos chefes ou dos particulares. Se a terra pertence a outrem, chefe ou subdito, quem n'ella tiver construido cubatas ou libata ou tiver plantado arvores, com consentimento do proprietario da terra, póde dispôr, doando ou vendendo, das construcções ou das arvores. Entre os Mundombes usa-se o alu-

guel de terras, pagando o rendeiro ao proprietario um dizimo annual, calculado sobre a colheita. Se o rendeiro quizer retirar-se das terras, póde vender ou dar o que n'ellas tiver cultivado ou construido, trespassando o aluguel.

37.º

Existe o contracto de compra e venda. As provas do contracto são testemunhaes, dando-se um signal adeantadamente para validar a promessa de venda. No acto do recebimento do objecto comprado paga-se o valor d'este. Se, depois do signal dado, o vendedor dispuzer do objecto para outrem, tem de restituir o signal; e se o comprador, depois do negocio fechado, desistir d'elle, não tem direito á restituição do signal.

Se, depois de um objecto comprado e pago, o vendedor usar de burla vendendo-o segunda vez a outrem, tem não só de restituir a importancia que recebeu da parte burlada como pagar uma indemnisação.

38.º

A divida é sagrada e não se póde fugir ao seu pagamento. Quando se contráhe uma divida, quer commercial quer particularmente, é sempre em presença de umas poucas de testemunhas que servirão para o provar mais tarde, se o devedor a quizer negar.

Provada testemunhalmente a divida, o devedor fica na completa dependencia do crédor e na obrigação de a pagar, seja como fôr.

O crédor tem tantos direitos sobre o devedor, que, até em ultimo caso, não encontrando este meios de pagar, póde aquelle dispôr da sua liberdade escravisando-o. Procedida a cobrança da divida, se o devedor se esquivar ao seu pagamento, o crédor para o obrigar a pagar appella para a justiça. Esta manda intimar o devedor a comparecer no tribunal das questões, e o crédor a apresentar as testemunhas. Reunidas as partes no sitio e dia designados, o chefe ouve o depoimento das testemunhas, e, provada a divida, sentenceia o devedor a pagar.

39.º

Existe o direito da progenitura entre os filhos, e além d'este, o morgadio.

Por morte d'um chefe de familia, a herança transmitte-se pela seguinte ordem: Se os filhos são todos de mulheres livres, herda o primogenito, não importando que a mãe seja a primeira, segunda ou terceira mulher do morto; e assim por edades. Se os filhos são todos de escravas, observa-se a mesma lei de primogenitura.

Se ha filhos de mulheres livres e de escravas, a preferencia cabe ao primogenito filho de escrava. Havendo sobrinhos e filhos de mulheres livres, herda o sobrinho mais velho; se, porém, houver tambem filhos de escravas, herdam o mais velho d'estes e o mais velho dos sobrinhos por egual. Havendo titulos de nobreza, a que chamam *ohóji*, n'aquelle ultimo caso, é o primogenito de escrava que os herda. Note-se que o sobrinho que herda é um filho de irmã e não de irmão.

A' falta de sobrinhos e filhos a herança transmitte-se pela seguinte ordem : netos, paes, avós, irmãos, tios, primos, cunhados, etc. E não havendo parentes, o que é rarissimo, pergunta-se ao morto se não tiver havido testamento (verbal perante testemunhas) quem quer que seja seu herdeiro. Ordinariamente, a escolha do morto recahe sobre as mulheres e sobre as pessoas da sua mais intima amizade.

A mulher não é herdeira ; e só tem parte na herança por vontade expressa do morto.

Estas differenças dos direitos baseiam-se no seguinte:

O filho de irmã prefere ao filho de mulher livre, porque este ninguem póde garantir e jurar que seja realmente filho de quem deixa a herança ; emquanto que o filho de irmã é parente garantido. Note-se que o filho de irmão inspira tanta desconfiança como o filho de mulher, podendo como este ser o fructo d'um adulterio. Comtudo, se quem deixa a herança é uma mulher, o filho legitimo prefere ao sobrinho herdando aquelle ; porque, n'este caso, não ha duvida. A causa, pois, da preferencia que os sobrinhos têm sobre os filhos, é só baseada na desconfiança do adulterio.

O filho de escrava prefere ao de mulher livre, herdando aquelle, porque o ultimo, depois de herdar, póde dividir a fortuna paterna levando parte d'ella para a casa materna ; emquanto que o filho de escrava, como não tem familia materna, não terá por onde dividir a fortuna herdada e conserval-a-ha intacta. Têm elles, pois, em grande conta a conservação da fortuna de uma casa. O direito de filho de escrava é tão grande, que apenas com elle concorre o filho de irmã.

Assim, existe o morgadio, competindo este ao primogenito, de escrava ; depois ao filho de irmã ; e por ultimo ao filho primogenito de mulher livre

Quem herda, ou o morgado, tem de sustentar e conservar na libata os outros filhos do morto até que elles se possam governar por si ; assim como as viuvas, se estas não tiverem meios ou já tenham perdido toda a sua familia e não tenham para onde ir, até que tenham ellas occasião de contrahir segundo matrimonio, passado o tempo de viuvez, que é de dois annos entre os povos mais rigorosos das praxes.

Não querendo o herdeiro universal ter de sustentar tanta gente, distribue uma parte da herança pelos irmãos e madrasta para se poderem governar, e é o que succede mais frequentemente.

A mãe do herdeiro nunca se separa d'elle.

A desconfiança sobre os filhos é tal que, mesmo por morte d'um soba, quem herda os bens é o filho de irmã, herdando o filho legitimo apenas o throno.

40.°

A viuva volta para casa da familia, se a tiver, ou se retira para outra parte tendo meios ; fóra d'estes dois casos fica na companhia do herdeiro universal nas condições que dissemos no numero 39.°

41.º

Em todos estes povos existe a escravidão local, excepto entre os Camussequeles.

O indigena boçal não serve livremente a outro; e quem o póde fazer, compra alguns escravos para o seu serviço, do contrario ver-se-ha em difficuldades.

A maior parte d'elles exercem o trafico dos escravos, resultante da venda que os tios fazem dos sobrinhos para pagar as multas, dos prisioneiros de guerra, o dos escravos que vão comprar á Luva, Ambuim e outras regiões.

Os povos do sul — Quillengues, Mundombes, Mucuandos, Cacondas, Bacuisses (e hoje os Gandas e Hanhas de Benguella), não exercem o trafico, apenas têm a servidão local. Compram alguns escravos para o seu serviço, como seja apascentar gado, etc.; mas não os vendem fazendo d'isso negocio. Só vendem um ou outro escravo seu, quando este tenha commettido algum delicto e entendam que não o devam continuar a ter ao seu serviço.

Os prisioneiros de guerra validos são escravisados ou conservados para resgaste, quando é gente cotada; os invalidos são trucidados.

42.º

Os contractos provam-se com testemunhas, em presença das quaes se fazem.

43.º

O juramento presta-se invocando o nome de *sabúru* (espirito da verdade) ou a memoria do parente mais respeitado.

Tambem se jura por Deus *(sukú)*, traçando com o dedo uma cruz no chão.

Quem jurar pelo *sabúru* e perjurar depois, adoece e corre risco de ser morto pelo espirito da verdade. Para se salvar tem de chamar um curandeiro, para este pedir ao *sabúru* que livre o doente e o desligue do juramento que havia feito, e fazer-lhe o respectivo curativo. Quando, porém, alguem perjurar; se, antes de commetter o perjurio, invocar o *sabúru*, fazendo-lhe vêr que é obrigado por circumstancias alheias á sua vontade a assim proceder, pedindo-lhe perdão, ao mesmo tempo que morde fortemente um pausinho especial a que chamam *enkáti*, não lhe acontecerá mal algum. Ao mal do perjurio chamam propriamente *sabúru* e tambem lhe chamam *oféra* (vento).

O mal principia por entorse do pescoço.

CAPITULO V

Do julgamento dos crimes e delictos

44.º

O tribunal que julga as questões gentilicas é composto pelo soba, que preside, pelos conselheiros d'estado e pelos dignatarios da côrte, nas questões transcendentes; nas questões pequenas é presidido pelo *Kápitágo* ou *Muénrenkária.*

O tribunal funcciona em um recinto, ao ar livre, cercado por arvores e conservando-se sempre limpo; chamam-lhe *Ekágo.*

45.º

Nos julgamentos das questões, que têm sempre logar de manhã, formados todos os membros que compõem o tribunal, as partes e as testemunhas, o presidente abre a audiencia com uma perlenga em que expõe a causa ou assumpto do julgamento. Depois dá a palavra á parte da accusação, que faz a exposição da sua queixa; ao réu, que faz a sua defeza; e por ultimo manda depôr as testemunhas.

Posta a questão nestes termos, o presidente convida os demais membros do tribunal a expôr a sua opinião; e em conformidade com ella, as mais das vezes, lavra a sentença.

Se ao tribunal não presidiu o soba, appella para a justiça d'este o réu, se se não conformar com a sentença dada.

46.º

Existe o juramento da casca. D'elle conhecemos duas especies, a que chamam a uma *Búrúgu* e a outra *Katába.* O primeiro é a casca de raiz de uma arvore, que se cose em agua, e que é venenosa. O segundo é um tuberculo, especie de mandioca, tambem venenoso.

Aquelle que se presta ao juramento para provar a sua innocencia em qualquer crime (ordinariamente, de feitiçaria) que lhe seja imputado, invoca primeiro o *sabúru* e bebe em seguida o cosimento do *Búrúgu.* Para que se prove a sua innocencia, é indispensavel que vomite immediatamente o liquido ingerido, e não soffrerá mal algum; se o não vomitar, ficará provado o crime de que é accusado. Começa por inflamar-se-lhe o ventre soffrendo dôres horriveis, até que sobrevenha a morte.

No juramento com a *Katába* dá-se a mandioca ao accusado para elle a comer; se, á medida que a vae mastigando, vae cuspindo frequentemente, isso provará a sua innocencia e não soffrerá mal algum; se fôr realmente criminoso, não conseguirá cuspir — a saliva coagular-se-lhe-ha na bocca. Começa então a inflamar-se-lhe a bocca e a cabeça, com soffrimentos horriveis, até que sobrevenha a morte.

Quando o criminoso ou sua familia têm meios de pagar a multa

do crime commettido, pede ao juramenteiró para que o salve da morte, dando-lhe este um antidoto para destruir o effeito toxico.

Isto é o que fazem. Não sabemos, comtudo, a que attribuir a differença dos effeitos immediatos dos toxicos ingeridos. O mais certo é ser ella devida á má fé e artificios empregados pelo juramenteiro, que naturalmente, se vende á parte que melhor lhe paga.

47.º e 48.º

Nos crimes de morte, mutilação, ferimentos, roubo, damno, adulterio, estupro, feitiçaria, traição e outros, provado o crime, o chefe do tribunal profere a sentença, que se cumpre pagando a multa do crime, cujo valor é conforme a gravidade d'este. O pagamento consiste em gado, escravos, generos, fazendas ou aguardente, conforme a principal moeda corrente dos povos. Se o criminoso não tem meios ou sobrinhos para vender e pagar nem familia que por elle pague, é escravisado ou vendido.

Antigamente, não ha porém muitos annos, quando o crime era commettido para com o chefe do estado ou tribu, o criminoso era mutilado, vendido, morto ou queimado.

Hoje a pena de todos os crimes é a multa, e no adulterio toma essa multa o nome especial de *Úkói*, principalmente usado entre os Mundombes, Mucuandos e Quillengues. Estes tres povos chegam a fazer d'isso uma exploração immoralissima, induzindo as suas mulheres a commetter o adulterio para receberem a multa respectiva.

CAPITULO VI

Dos recursos economicos

49.º

As primeiras occupações dos povos do districto são: o commercio; a agricultura; a creação de gados; o transporte de cargas; a exploração de borracha, cêra e mel; a caça; a pesca; a exploração da gomma copal; a industria metallurgica; o fabrico de oleo de palma, esteiras, panellas, quindas, cestos, pulseiras, anilhas etc.; a cortidura de couros.

O commercio é exercido em maior ou menor escala por todos os povos, á excepção dos Bacuisses, Mucuandos e Mundombes.

Distinguem-se porém n'este ramo os Bihenos, Bailundos e Gangellas. Convém notar que o commercio a que nos referimos, é o commercio propriamente dito. Os Mucuandos apenas vendem um bocado de borracha, e os Mundombes os seus productos.

A agricultura tambem é exercida em maior ou menor escala por todos os povos, excepto os Bacuisses, Camussequeles e Mucuandos; estes ultimos apenas têm uma agricultura muito rudimentar. Entre os povos agricolas distinguem-se os Selles, Caialas, Hanhas, Quibullas, Quillengues, Mundombes, e povos visinhos dos Cacondas e Galangues.

A creação de gados é exercida por todos os povos; distinguindo-se os Quillengues, Mucuandos, Mundombes, Ganguellas, Gandas, Kanhas, Selles, Quissanges e outros gentios do Nano; os que criam menos gados são os Bihenos, Bailundos e outros Quimbundos da região alta. No gado bovino distinguem-se os Quillengues, Mundombes, Ganguellas, Gandas, Hanhas, Selles e Quissanges; no ovelhum os Mucandos, Mundombes e Ganguellas (em carneiros de lã); no caprino os Quillengues; e no suino os Quimbundos.

Tambem fazem todos creação de gallinhas, distinguindo-se os Quillengues.

No transporte de cargas exceptuam-se os Bacuisses, Mucuandos, Mundombes e a maior parte dos Ganguellas; distinguem-se n'este mister os Bihenos, Bailundos e Quillengues.

A exploração da borracha é feita essencialmente pelos Ganguellas; os Quimbundos da zona média e os Mucuandos tambem a fazem, em pequena quantidade.

A exploração da cêra e do mel é feita por todos os povos do districto; distinguem-se, porém, na cêra os Ganguellas e Quillengues, e na alimentação de mel os Camussequeles e Bacuisses.

A exploração da gomma copal é feita pelos Selles e Caiolas actualmente. Antigamente os Quiacas e Quibullas tambem faziam a exploração da gomma; os Hanhas, Gandas, Quissanges e Mucuandos a da urzella (que hoje lá ninguem explora); os Selles e Hanbas da Catumbella o coconote.

O oleo de palma é fabricado pelos Selles e Hanhas da Catumbella.

A cortidura de couros é feita pelos Quillengues.

50.º

Os principaes artigos de permuta que constituem o commercio do districto são:

A borracha entre os Quimbundos e Ganguellas.

A cêra entre os Quimbundos, Ganguellas e Quillengues, distinguindo-se estes dois ultimos.

O gado entre os Quillengues, Ganguellas, Gandas, Hanhas, Selles e Quissanges.

Os mantimentos entre os Mundombes (farinha de mandioca), Selles, Caialas, Hanhas, Gandas, Cacondas e povos visinhos, Galangues, Quissanges, Quiacas, Quibullas, Quibandas (fuba, milho, feijão e batata) e Quillengues (milho, feijão frade e mancarra, massango e massambala). Os Quillengues tambem vendem ginguba.

A gomma copal entre Selles e Caialas, assim como tambem o oleo de palma entre estes.

Os couros entre os Quillengues.

O grosso, porém, do commercio do districto é formado pela borracha, cêra e gado; cabendo a palma da victoria á borracha, que é não só o primeiro genero de exportação do districto como de toda a provincia. Basta dizer que só a borracha entra com um valor de aproximadamente 90 % na exportação total.

Antes do commercio da borracha, ha pouco mais de trinta annos, os principaes generos de permuta consistiam em cêra, gado, couros, mantimentos, gomma copal, urzella, coconote, oleo de plama, passarinhos, pelles de onça e marfim; entrando este ultimo com o maior valor.

No periodo de pouco mais de dez annos a borracha tomou grandes porpoções, matando tudo.

51.º

As culturas dominantes são: o milho, feijão, abobora entre quasi todos os povos; a batata entre os Selles, Caialas, Quissanges, Hanhas, Gandas e Cacondas; a ginguba entre os Quillengues, Quibundos, e alguns povos Ganguellas como os Cachingues e Quimbandes; a batata doce entre quasi todos os povos; a massambala entre os Quillengues; o massango entre os Quillengues e Ganguellas; a mandioca entre os Ganguellas e Mundombes; o tabaco entre quasi todos os povos.

52.º

D'estes povos, os que têm mais abundancia de mantimentos são: Selles, Caialas, Hanhas, Gandas, Quiacas, Quibullas, Quissanges, Galangues, Mundombes, Cacondas e povos visinhos; os que têm mais escassez são: Mucuandos, Ganguellas e Quillengues (estes ultimos devido ás seccas frequentes que têm).

As culturas dominantes dos Ganguellas são o massango e mandioca.

Os Quiocos e Canhocas, porém, têm abundancia de mantimentos, sendo as suas culturas dominantes: milho, feijão grado, frade e mancarra, abobora, massango, mandioca, batata doce, ginguba, e tabaco.

Os Canhocas têm ainda mais a massambala e muitas bananas de tamanho descommunal. Os Quiocos tambem têm cebola e ricino.

Todos elles costumam armazenar os excedentes da colheita, mórmente aquelles que cultivam em maior escala.

Quando ha escassez de mantimentos, compram o aos povos visinhos e aos viajantes.

Os Quibundos compram a troco de borracha, gallinhas e porcos, e ás vezes gente.

Os Quillengues compram a troco de gallinhas, cabritos e bois.

Os Mucuandos compram a troco de carneiros; mas são os Mundombes que levam farinha para lhes comprar os carneiros; se lh'a não levarem, aquelles não se incommodam em a comprar, pois não exercem o commercio.

53.º

O gado que possuem estes povos consiste, como já dissemos em o numero 49.º, em bois (principalmente entre Quillengues, Mundombes, Ganguellas, Gandas, Hanhas, Selles e Quissanges); carneiros e ovelhas (principalmente entre Mucuandos, Mundombes e Ganguellas;

cabritos (principalmente entre Quillengues); porcos (principalmente entre Quimbundos).

Não podemos calcular a quantidade approximada do gado que possuem, por não termos base nenhuma para isso.

O districto tem regiões extensas de muito boas pastagens, e poderia crear muito gado, augmentando com a industria pecuaria a sua riqueza, se tal merecesse a attenção e iniciativa dos commerciantes e agricultores estabelecidos n'essas ricas regiões.

Estes povos empregam o gado por diversos modos:

Os bois servem de moeda corrente entre os Quillengues, Hanhas, Gandas, Selles, Quissanges e Ganguellas, empregando o gado bovino no commercio e no pagamento das multas; os seus couros são empregados pelos Quillengues no commercio e d'elles fazem todos os povos: patronas, correias e alpercatas. Os Quillengues, Mundombes, Mucuandos, Selles, Hanhas, Quissanges, fazem muito uso do leite de vacca, fresco ou fermentado, e d'elle fazem uma manteiga a que chamam *Gúdi* que empregam na alimentação como tempero, o os tres primeiros como cosmetico. Ao leite de vacca fermentado chamam *Avére* (uberes), e costumam misturar lhe farinha de mandioca ou batata doce. Não fazem estes povos muito uso da carne de vacca na alimentação. Os couros cortidos são tambem muito empregados como vestuario pelos Quillengues, Mundombes e Mucuandos; note-se que são couros de carneiros e cabritos.

O gado ovino é empregado na alimentação e commercio pelos Ganguellas, Mundombes e Mucuandos (estes ultimos já dissemos, só o trocam por farinha de mandioca que os Mundombes lhes levam).

O gado caprino é empregado na alimentação e commercio, principalmente pelos Quillengues; tambem serve de moeda a estes.

O gado suino é empregado na alimentação e multas, entre os Quimbundos.

O gado ovino tambem é empregado nas multas pelos Mucuandos e Mundombes; e serve de moeda entre elles.

O gado suino serve tambem de moeda entre os Quimbundos, no pagamento das multas.

Todas as especies de gado são mais ou menos empregadas, como vimos, na alimentação, e tambem no espiritismo e curativo das molestias.

As gallinhas são empregadas na alimentação por todos os povos, excepto os Mucuandos e Bacuisses que os não têm; e entram sempre no espirito e no curativo das molestias.

Nota: Do leite de vacca tambem fazem uso os Gandas.

54.º

O districto de Benguella é abundante em aguas, tiradas todas das redes dos rios Quanza, Cunene, Cubango, Cuando, Cuito, Queve, Balondo, Catumbella e S. Francisco. As cacimbas só são utilisadas no littoral. Tem tambem as chuvas que são abundantes na zona alta, distinguindo-se as regiões de Bihé, Bailundo, Ganguellas, Nano. A

região de Quillengues é, como o littoral, sujeita a frequentes seccas produzindo grandes faminas.

55.º

Quasi todos os povos exercem a caça, e por modos diversos. Os que a exercem menos são os Mundombes, Mucuondos e Quillengues. Os que a exercem mais são os Hanhas, Gandas, Quiacas, Selles, Bacuisses e Camussequeles.

Os melhoras caçadores, porém, são os Hanhas de Benguella, que chegam a fazer as suas caçadas, a que chamam *Ojévo* (vindo de *Okuiéva*, caçar), muito longe e por muitos dias, trazendo d'ellas grandes e numerosas peças de caça.

Os Ganguellas, Bihenos, Bailundos e povos do Nano ainda não citados, exercem a caça em escala mediana; e usam muito as queimadas, que bem prejudiciaes se tornam á vegetação florestal.

Os Hanhas exercem a caça por arte, os Bacuisses e Camussequeles por modo de vida.

Alguns caçam isoladamente; outros por magotes, levando farnel para alguns dias, quando querem ir longe, como os Hanhas.

Quasi todos estes povos empregam a arma de fogo, a setta e a móca. Os Ganguellas usam envenenar as settas com *Kavóre*, veneno vegetal a que já nos referimos no numero 21.º.

As queimadas têm sempre logar, de preferencia, no começo do verão. N'estas reunem-se uns poucos de caçadores, acompanhados de cães. Lançam fogo a tres dos pontos cardeaes da matta e vão esperar a caça no ponto livre, onde á medida que ella vae sahindo, espavorida e desnorteada, a vão abatendo.

Em quasi todos estes povos se exerce o culto de espirito da caça, que nos abstemos de descrever aqui, reservando isso para um outro outro campo.

A pesca é exercida por alguns povos do Nano e zona alta, nas redes dos rios Quanza, Cuito, Cuando, Cubango, Cunene, Queve, Balombo, Cuval e Cuiva; mas em pequena escala, apenas para sortir a sua alimentação. Taes são os principaes d'esses povos: os Bihenos, Bailundos, Ganguellas (distinguindo-se os Quimbandes), Quiacas, Cacondas, Galangues e Bucuisses. Estes ultimos exercem a pesca ao anzol, á beiramar, pondo-se de pé sobre as fragas. Os Cacondas e os Quimbandes usam muito o anzol pequeno.

Os meios de pesca empregados são:

1.º Uns saccos conicos feitos de uma especie de canniço, de malha estreita, tendo de comprimento dois a tres metros, e um diametro de bocca inferior a um metro.

Collocam estes saccos a juzante do rio, com a abertura para montante; aqui se collocam os pescadoras remexendo a agua que, em breve, fica turva com o lodo. Os peixes, desnorteados e cegos, vão na corrente do rio indo metter-se nos saccos que os esperam. O nome indigena do sacco é *Ochégo*.

2.º Empregam duas substancias vegetaes chamadas respectivamente *Uíu* e *Okarébe*. A primeira é um tuberculo semelhante á ba-

ta doce e á *Chitiga* (tuberculo da borracha), que pisam em grande quantidade. A segunda é a folha de uma arvore pequena que tambem é pisada. Preparadas assim, lançam essas substancias no rio. Ellas têm a propriedade de atordoar o peixe, podendo-se apanhal-o á mão. Quando lançam estas substancias usam collocar tambem os saccos que já descrevemos, e remexer a agua. Parte do peixe, vindo á superficie, é apanhada á mão; parte vae lançar-se nos saccos. Finda a pesca, parte do peixe é utilisado em fresco, e parte é escalado e secco.

A maior parte d'estes povos exercem algumas industrias, cujos ramos já descrevemos no numero 49.º. Na industria metallurgica destinguem-se: em enxadas os Andulos, Bailundos e Ganguellas; em facas os Ganguellas e Selles; em zagaias os Quillengues, Bacuisses, Mucuandos, Mundombes e alguns povos Ganguellas; em catanas e machados os Sellas e Ganguellas; os Quillengues tambem concertam armas de fogo.

No fabrico de esteiras distinguem-se os Bailundos e gentios do Nano; nas quindas. os Mundombes, Mucuandos e gentios do Nano, e como objectos d'arte os Cacondas que as fazem muito bonitinhas; nos cestos os Ganguellas; nas vassouras os Mundombes; nas anilhas e pulseiras os Selles, Caialas, Hanhas e Gandas. Artefactos de olaria fazem todos estes povos; hoje, porém, vae decahiudo esta industria por fazerem muito uso da louça de ferro esmaltado que compram ao branco.

Na cortição de couros e pelles distinguem-se os Quillengues, Mucuandos e Mundombes.

Hoje fabricam quasi tudo para o seu uso, e apenas vendem esteiras, vassouras e quindas.

No fabríco de esteiras tambem se distinguem muito os Ganguellas.

56.º

As transacções, excluindo as dividas particulares que se fazem testemunhalmente, fazem-se sempre á vista e não a praso. Nas dividas é mister o penhor, que consiste em escravos ou gado, ou fiador idoneo.

As moedas correntes principaes consistem em gado e escravos conforme os povos.

Entre os Quimbundos propriamente ditos é representada por escravos e porcos (no pagamento das multas); e por escravos e fazendas nas transacções commerciaes. A unidade da moeda fazenda é *Èchenránran* (medida de oito jardas), *Êrasóra* (do portuguez: lençol, medida de quatro jardas), *Èpeka* (medida de duas jardas).

Entre os mesmos Quimbundos tambem a borracha representa moeda corrente no pagamento das multas, sendo a unidade da moeda *Óchiríra* (carga de vinte e cinco kilos em média).

Os gentios do Nano têm, além das moedas todas dos Quimbundos propriamente ditos, os bois, nos que são creadores de gado bovino e que já descrevemos nos numeros 49.º e 50.º

Os Ganguellas têm por moeda corrente o gado, escravos e borracha.

Os Quillengues têm por moeda corrente só os bois e cabritos.

Os Mundombes têm por moeda corrente os bois, carneiros, cabritos e dinheiro.

Ós Mucuandos têm por moeda corrente principal os carneiros.

CAPITULO VII

Das principaes cerimonias

57.°

Faltam-nos os elementos seguros para descrever as cerimonias empregadas na celebração de tratados eu decisão de assumptos graves entre povos differentes. Sabemos, porém, que os povos se fazem representar pelos maiores do estado que ventilam a questão e a decidem, dependendo, comtudo, da sancção dos respectivos chefes d'estado. Sobre os tratados já dissemos em o numero 11°.

58.°

A unica cerimonia de que temos conhecimento por occasião de declaração de guerra, consiste em enviar o chefe que rompe as hostilidades um cartucho de polvora ao seu adversario; isto, depois da impossibilidade de qualquer reconciliação. Usa-se a declaração de guerra, quando o mobil d'esta é qualquer questão entre os povos; quando, porém, o seu mobil é a rapina, como as tantas que têm havido, não se faz declaração alguma e ataca-se o inimigo de surpreza.

O chefe que quer ir atacar outro, convoca todos os guerreiros do seu estado, por pregões, convidando todo aquelle que quizer tomar parte na pilhagem; e se tem algum ou alguns povos alliados ou affins, convida-os para esse fim. Começa a affluir toda a gente que se quer incorporar na guerra, e construe-se na séde do estado um grande acampamento, a que chamam *Ochiróbo*, onde se procede á pizagem do milho e arrecadações de mais provisões de bocca e de guerra. As mulheres tratam das provisões de bocca, e os homens das de guerra (confecção de cartuchos e balas). Isto dura dois e tres mezes durante os quaes ha quimbomba á farta. Findos os preparativos, é levantado o grande acampamento, marchando todo a corpo de guerra sob o commando supremo do chefe que promoveu a guerra, com acompanhamento de marimbas, flautas, tambores e cornetas.

59.°

As cerimonias da investidura dos chefes indigenas são complicadas, longas e cheias de mysterio. Aquellas de que temos conhecimento, são as seguintes:

Reunem-se todos os parentes do novo soba e principaes do povo.

Como já dissemos, é o *Óchiduri* que decide a eleição do novo soba, e é o chefe d'aquella especie de senado que o sagra. A sagração é feita na grande sala da embala com a assistencia de todos. No acto do chefe do *óchiduri* entregar ao novo chefe o bastão e o *Usése* (rabo de cavallo que usam todos os chefes e com que desviam as balas na guerra), profere aquelle o discurso da entrega do governo, que é apoiado pelos assistentes com repetidas salvas de palmas. Depois d'isto vão todos prestar a homenagem ao novo chefe, ajoelhando, batendo palmas, e jurando obdiencia e fidelidade. Cumprida a cerimonia da investidura, rompem salvas seguidas de tiros, e principiam as festas durante dias. Todos os que podem, véem presentear o novo soba, o qual tambem é felicitado e presenteado por embaixadas pelos sobas amigos visinhos. Estes presentes cobrem as despesas que o novo chefe tem de fazer com a sua ascenção ao throno.

Depois d'isto, tem que se proceder ao curativo do novo chefe para desviar d'elle os males do seu antecessor; esse curativo tem logar no cemiterio dos sobas.

Sem esse curativo, o novo soba não se livrará dos males, e não póde atravessar um rio. Na occasião do curativo no cemiterio mata-se um boi e uma pessoa (clandestinamente), que se põe a engordar por algum tempo para ser comida juntamente com o boi. Esta victima é apanhada longe do povo afim de ignorar o nome do novo soba; porque, se o souber e o invocar no acto do sacrificio, estará perdoada e livre da morte.

Quando um chefe sóbe ao throno, recebe durante muitos dias instrucções particulares do chefe do *Ochidúri* sobre a conducta que tem a seguir quer na politica quer na feitiçaria. O novo soba tem de matar por feitiçaria algumas pessoas da embala, sem ninguem saber que foi elle o feiticeiro, e as cabeças d'essas pessoas mortas são mandadas por elle enterrar nos logares mais importantes da embala, taes como a entrada da sua residencia particular, a cosinha, etc.

As almas d'esses mortos é que a guardarão e que elle consultará nos actos de magia.

Se o novo soba não fôr feiticeiro, não resistirá um mez sem adoecer e a ser morto pelos inimigos.

Um soba, se fôr deposto, não póde voltar, sob pena de desgraças, para a libata em que primeiro vivia e de que era chefe — tem que ir construir outra libata, longe da séde do estado. Quando o chefe d'uma libata é eleito soba, succede-lhe no patriarchado da libata, que então toma o nome de *Etúda*, o seu filho mais velho, que d'ahi em deante toma o nome particular de *Nugnúrun*.

Feita a sementeira do milho, se este crescer um pouco e deixar de chover por algum tempo, o soba tem de mandar adivinhar para saber a causa da falta de chuva. Ordinariamente o adivinho diz que são os antecessores que exigem um obito ou missas por sua alma.

O soba manda então matar um boi, fazer quimbombo e abrir uma ancoreta de aguardente, convidando os principaes da terra a assistir ao obito *(Onabi)*, que consiste em capinar o cemiterio onde têm logar as cerimonias do obito, varrêl-o, e proceder-se ás comidas, bebidas e batuques que duram alguns dias.

Começando a chover, logo nos primeiros dias do obito, indica que os antepassados do estado ficaram satisfeitos.

Os sobas são considerados como os maiores feiticeiros e magicos; porque o chefe d'um povo tem de possuir todos os segredos da feitiçaria, e da magia, para poder resistir, debellando-os, aos males que lhe podem fazer tantos inimigos que terá. E assim, são considerados invulneraveis, na feitiçaria como na guerra, attribuindo-se-lhes o poder de desviar as balas, fazer cahir ou cessar a chuva, prevêr os males que lhe querem fazer e as desgraças que lhe estejam para lhes acontecer, adivinhar os inimigos, transformar-se em animaes, arvores ou pedras, e desapparecer como por encanto, quando os brancos as querem prender. Taes os poderes que attribuiam ao celebre Sámakáka, que, pelas suas desapparições mysteriosas, consideravam um mytho.

O herdeiro presumptivo do throno, chegando a mocidade, separa-se do pae e vae construir uma libata deixando de viver na embala e sob a tutela paterna. Tem de fazer então longas e frequentes viagens a diversas regiões, procurando os maiores feiticeiros para com elles todos beber os maiores segredos da feitiçaria e de magia, sem o que não póde um soba ser forte nem temido.

60.º

Nas audiencias dadas pelos chefes indigenas convocam estes todos as auctoridades do estado e a gente mais cotada, para assistirem. O soba é sempre o ultimo a chegar, acompanhado pelos pagens *(Karéi)*. Quando toma assento o soba ou o *Kapitágo* ou o *Muénrenkária* ou a *Búba i érábe* ou outro grande da côrte, os assistentes batem palmas e comprimentam proferindo tres vezes a palavra *Karúga*, cumprimento que é retribuido com a mesma palavra.

Se a audiencia tem por fim uma communicação importante ou a decisão de um assumpto a resolver, o chefe faz a exposição, sendo a cada pausa cumprimentado com a palavra *Kúku* e palmas fracas Finda a exposição, pede o parecer de todas as auctoridades presentes, sendo a palavra dada por ordem hierarchica.

Se ha opiniões differentes na decisão de um assumpto, o chefe segue a opinião que diz com a sua e resolve; se a opinião é unanime segue a abandonando a sua, salvo caso de despotismo.

Se a audiencia tem por motivos um pleito, veja-se o que descrevemos no numero 45.º

E' sempre praxe beber-se uns copitos de aguardente nas audiencias. O primeiro pagem *(Karéi rinéne)* despeja primeiro uns pingos no chão para beberem os mortos; e antes de offerecer o primeiro copo ao soba, bebe elle primeiro, para tirar o feitiço ou veneno. Depois segue a roda por ordem de grandezas.

(Continúa) AUGUSTO BASTOS

DIVERSAS NOTICIAS

Amostras de productos das colonias portuguezas offerecidas ao Instituto de Liverpool

Em consequencia da contribuição, organisada pela Sociedade de Geographia de Lisboa, por indicação do Governo Portuguez, de productos das nossas colonias para a Exposição Colonial que em 1907 se realisou em Liverpool, o *Institute of Commercial Research* annexo á Universidade d'aquella cidade solicitou muito insistentemente que algumas, pelo menos, d'essas amostras ficassem fazendo parte da collecção d'esse Instituto.

Na anterior 25.ª serie do nosso Boletim foi publicada a correspondencia relativa á Exposição e a este pedido, feito quando ella se encerrou. A Sociedade de Geographia deliberou ceder ao Instituto as amostras de que houvesse duplicados. A esse proposito se publicam os seguintes documentos.

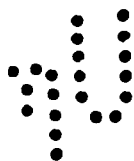
I

Copia — *Consulado de Portugal.* — Liverpool, 5 de março de 1907. — Ill.mo e Ex.mo Sr. Accusando a recepção do officio de V. Ex.ª de 7 do fevereiro ultimo tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Ex.ª que o Lord Mayor Sir Alfred Jones, e o Director da Universidade me pedem que em seu nome agradeça, com profundo conhecimento, á Direcção da Real Sociedade de Geographia de Lisboa o valiosissimo presente que acabam de receber, como V. Ex.ª se dignará de ver pelas cartas adjuntas. O vapor *Cypria* que deve chegar a Lisboa em 7 do corrente, leva as 47 amostras de madeira a que V. Ex.ª se refere no citado officio. Deus Guarde a V. Ex.ª Ill.mo e Ex.mo Sr. Carlos Roma du Bocage. Dig.mo Vice-presidente da Sociedade de Geographia de Lisboa. (a) Barão de Roussado.

II

The Liverpool University Institute of Commercial Research. — Liverpool, 3rd March, 1908. — Dear Sir. — *Tropical Products Exhibition.* — Acting on instructions given to me by the Portuguese Consul in Liverpool, I have despatched by the S. S. *Cypria* the 47 specimens of timber which you kindly lent to the above named Exhibition in Sptember last. I enclose Bill of Lading and should be much obliged if you would kindly acknowledge the safe receipt of the specimens in question. I have already written, on behalf of the Institute, thanking you for the gift to the Institute of the other exhibits. I am, Yours faithfully A. H. Milne. The President Royal Geographical Society of Lisbon, *Lisbon.*

III

The Town Hall, Liverpool 3rd March, 1908. Dear Sir, I have the honour to acknowledge the receipt of your communication of the 2nd instant, which I have forwarded to Lord Mountmorres. May I add my own thanks to those which I know he will express to you that your Governement have been good enough to present so valuable a gift to the Liverpool University Institute of Commercial Research. Iam, Sir, Your obedient Servant, R. Cabon Lord Mayor. Baron de Roussado, Consul for Portugal, Liverpool.

IV

Alfred L. Jones.— Colonial House. Water Street—Liverpool 19th February 1908.—My dear Colleague,—It is exceedingly kind of the Directorate of the Royal Geographical Society of Lisbon to present our Institute of Commercial Research in the Tropics, the samples of Portuguese Colonial Products. We all appreciate this kindly feeling, which is reciprocated in an equal degree by ourselves. Will you kindly convey to the Lisbon Society our great thanks for the most interesting specimens of their Colonial Products. With regard to the 47 samples of Wood, we shall arrange to have them shipped at once. Your faithfully. (a) Alfred Jones. The Baron de Roussado, Portuguese Consulate, Liverpool.

V

Liverpool University Institute of Commercial Research in the tropics. Liverpool, 18th February, 1908. — Dear Sir, I have to acknowledge receipt of your letter of the 17th instant, addressed to the Director ot the Institute, saying the Royal Geographical Society of Lisbon has decided to present to the Institute the samples of Portuguese Colonial Products which formed part of the Exhibition held in this city in September last, with the exception of the 47 samples of wood. I have to ask that you will kindly convey to the Directorate of the Royal Geographical Society of Lisbon the very cordial thanks of the Institute for this magnificent gift. The gift is highly prized and vill be of great educational value. I have instructed Mr. Cecil Hay Murray, who is taking charge of the exhibits, to have the 47 samples of timber referred to in your letter of the 17th instant shipped to the Geographical Society of Lisbon by the Booth Steamship Company. Your faithfully. (a) A. H. Milne. The Portuguese Consul, Portuguese Consulate, 42, South John Street.

BIBLIOTHECA DA SOCIEDADE DE GEOGRAHIA DE LISBOA

Obras entradas nos mezes de Julho a Dezembro de 1907

(N'esta lista não se incluem as publicações periodicas)

Herencia y Trabajo (Nota de antroposociologia), por el academico Dr. D. Ignacio Valente Vivo, publicada en Junio de 1907. Barcelona, 1907. 1 folheto broc. 30×23. 15 pags. Offerta.

Heroi (O) de Chaimite. Narrativa historica e militar illustrada com 57 photogravuras, por Eduardo de Noronha. Prefacios de Ayres de Ornellas e Henrique de Paiva Couceiro. Porto, 1906. 1 vol. broc. 19×12. 480 pags. e gravuras. Offerta do auctor.

Het Pessimisme door G. Wisse Yr. Hampen, 1906. 1 vol. broc. 27×18. 135 pags. Offerta do auctor.

Highland Cattle by John Roberts. United States Department of Agriculture. Bureau of Animal Industry. Circular n.º 88. Washington, 1905. 1 folheto broc. 23×14,5. Com gravuras. Offerta.

Histoire de la France contemporaine (1871-1900. I. Le gouvernement de M. Thiers Deuxiéme édition. II. La présidence du Maréchal de Mac-Mahon. L'échec de la monarchie, par Gabriel Hanotaux. Paris, 1904. 2 vols. broc. 25×16,5 com gravuras. Comprado.

Histoire des Mathematiques et de l'Astronomie. Par H. Basmans. (Extrait de la «Revue des Questions Scientifiques», avril 1907.) Paris, 1905. 1 folheto broc, 24,5×16,5. 17 pags. Offerta do auctor.

Histoire (Manuel d') des religions [par] P. D. Chantepie de la Saussaye. Paris. 1904. 1 vol. broc. 25×16. LIII + 714 pags. Comprado.

Histoire Naturelle, par J. Langlebert. Paris, 1891. 1 vol. enc. 18×11,5. 626 pags. e gravuras. Offerta.

Historia (A) Economica, por Adriano Anthero. Volume III. Edade Media. Porto 1907. 1 vol. ene. 23×15. 550 pags. Offerta do auctor.

Historia da fundação do Imperio Brazileiro, por J. M. Pereira da Silva. Segunda edição. Revista correcta e accrescentada. Rio de Janeiro, 1877. 3 vols. enc. 22×13,5. Comprado.

Historia da Republica Romana, por J. P. Oliveira Martins. Lisboa, 1907. 2 vols. enc. 20×12. Comprado.

Historia (Diu) I parte, por A. R. Pereira Nunes. Nova Goa, 1907. 1 vol. broc. 26,5×18. 162 pags. e gravuras. Offerta.

Historia (E'a) uma Sciencia? Por Pedro Lessa. S. Paulo, 1901. 1 vol. broc. 22,5×14,5. 108 pags. Offerta do auctor.

Historical (The) Geography of Europe, by Edward A. Freeman. Third edition, edited by J. B. Bury. London, 1903. 1 vol. enc. 23×15. LII × 618 pags. Comprado.

History (The) of the European Faune, by R. F. Scharff. London, 1899. 1 vol. enc. 19×13. VII + 364 pags. Comprado.

Home-Grown Tea. By George F. Mitchell (United States Department of Agriculture. Farmers'. Rul. 301). Washington, 1907. 1 folheto broc. 23×14,5. 15 pags. e gravuras. Offerta.

Hongkong general Chamber of Commerce For the members at the annual meeting held on 29 th may 1907. (Report of the general committee of the Hongkong, 1907. 1 vol. enc. 24×16,5. 35 + 243 pags. Offerta.

Hosanna ao Ill.mo e Ex.mo Sr. Cons. José Maria de Horta e Costa. Por Chateaubriand Baracho. (versos). Varcá, 1907. Uma folha avulso. Offerta.

Houille (La) verte par Henri Bresson. Mise en valeur des moyennes et basses chutes d'eau en France. Paris, 1906. 1 vol. broc. 25×16,5. XXII + 278 pags. e illustrado. Comprado.

Hygiene individuelle du Travailleur (Étude Hygienique, Sociale et Juridique), par le Dr. René Martial. Préface de M. le Sénateur Strauss. Paris, 1907. 1 vol. enc. 19×12. 351 pags. Offerta.

Importancia de la hidraulica aplicada por el Académico sr. D. Hermenegildo Corréa. Publicada en julio de 1907. (Memorias de la Real Academia de Sciencias y Artes de Barcelona. Vol. VI, N.º 17, 3.ª época). Barcelona, 1907 1 folheto broc. 30×23. 41 pags. Offerta.

Index — Catologne of medical and veterinary zoology. Part 17 [Authors : M. to Marterano.] By Ch. Wardett Stiles and Albert Hassall, M. R. C. V. S. (United States Departement of Agriculture. Bureau of Animal Industry. Bul. 39.) Washington, 1907. 1 folheto broc. 23×14,5. Offerta

Industria de Ceramica, por Pedro Prostes (Manual do Operario). Lisboa, 1907. 1 vol. enc. 22×15,5. XXIII + 134 + II pags. com gravuras. Comprado.

Industrie (L') du Caoutchouc au Portugal et aux Colonies Portugaises, par Eugène Ackermann. De la «Revue de Chimie Industrielle». Paris, 1907. 1 folheto broc. 27×21,5 com gravuras. Offerta do auctor.

Infante (L') Isabelle de Portugal et ses dix-spt prétendants (1669-1690), par Louis Farges [Extrait de la «Revue d'Histoire Diplomatique»]. Paris, 1907. 1 folheto broc. 25,5×17. 21 pags. Offerta do auctor.

Informações sobre o districto de Quelimane colligidas pelo governo do districto por occasião da visita de sua Alteza Real o principe Dom Luiz Filippe. Quelimane, 1907. 1 folheto broc. 23×22. 7 + 4 pags. Offerta.

Inglés sin Maestro. Por el Dr. Doppelheim. Barcelona, s/d. 1 vol. broc. 20,5×14. 158 pags. Offerta do sr. Joaquim Lima e Cunha.

Inscripções Indianas em Cintra. Notulas de archeologia ácerca dos templos hindús de Somnath, Patane e Elephanta, por João Herculano de Moura. Nova Goa, 1906. 1 vol. broc. 26×17,5. XVII + 254 pags. e indice. Offerta do auctor.

Instrucción (La) Primaria en Suecia, por Gustavo L. Ahlstróm. Stockholmo, 1902. 1 folheto broc. 21×13,5. 33 pags. Offerta.
Instruction (Histoire de l') et de l'éducation par François Gueux. Lausanne 1906. 1 vol. broc. 22×14. VIII + 736 pags. Comprado.
Internationalen (Dem) Congrek für Ffsherei und Ffshzucht zu St. Petersburg 1902, gewidmet dem Ffsherei derein für die provinz Brandenburg. (Mittheilungen des Fifcherei Bereins für die provinz Brandenburg. St. Petersburg, 1902. 1 vol. broc. 22×14. 222 pags. e mappas. Offerta.
Introducção á phytopathologia (Questões geraes de biologia vegetal). Dissertação de Concurso apresentado ao Instituto de Agronomia e Veterenaria, por Eduardo Alberto Lima Basto. Coimbra, 1904. 1 folheto broc. 23,5×17,5. 76 pags. Offerta do auctor.
Invasão (A) Franceza e Geoffroy de Saint-Hilaire. (A proposito d'um artigo do professor R. Blanchard), por Bettencourt Ferreira. [Museu de Historia Natural]. Lisboa, 1907. 1 folheto broc. 22×15. 15 pags. Offerta.
Irlande (L') Contemporaine et la question irlandaise, [por] L. Paul Dubois. Paris. 1907. 1 vol. broc. 22,5×14. VIII + 516 pags. Comprado.
Itinerario e Trabalhos da Commissão de estudos da estrada de ferro do Madeira e Mamoré. Impressões de viagem por um dos membros da mesma commissão. (Do Rio de Janeiro ao Amazonas e Alto Madeira). Rio de Janeiro, 1885. 1 vol. broc. 22,5×15,5. 232 pags. e gravuras. Offerta.
Jaarboek van het Departement van Landbouw in Nederlandsch Indië 1906. Batavia, 1907. 1 vol. enc. 27×17,5. XXV + 572 pags., gravuras e mappas. Offerta.
Jamestown Ter-Centennial-Exposition Norfolk Virginia. Abril 26 to November 30, 1907. Jamestown, 1907. 6 folhetos e um mappa. Offerta.
Japan (Bijzonderheden over) Behelzende een verslag van de huwelijks plegtigheden, begrafenissen en feesten der Japanezen, de Gedenkschriften der laastste Japansche keizers en andere merkwaardigheden nopens dat Ryk. Door den Heere Titsingh, in leven Opperhoofd der Vederlandf che factorig te Dejema dij Nangafaki. Met gekleurde Platen naar Japansche Originelen. Tweede Deel. Eerste Deel. S. Gravenhage, MDCCCXXIV MDCCCXXV. 2 vils. enc. 23×13. Para candidatura.
Johan Tobias Sergel Hans lefnad och verksamhet af Georg Gölhe. Stockholm, 1 vol. broc. 24×16,5 e gravuras. Offerta.
Klimatund I. Algemeine Klimalehre van Prof. Dr. W. Hoppen. (Sammlung, Goschen). Leipzig, 1906. 1 vol. enc. 15×10. Indice e mappas. Comprado.
Ladoga (Le lac de) au point de vue thermique (1897-1903). Communication faite au VIIème Congrès International de Geographie à Berlin en 1899, par Jules de Schokalsky avec deux cartes. Berlin, 1900. 1 folheto broc. 25×16 e map. Offerta do auctor.
Latest bucket dredgers constructed by Russian works. Rapport par M. A. N Bormann (xème Congrès de Navigation). Milon, 1905. Hamburg, 1905. 1 folheto broc. 23,5×15,5. 24 pags. e 12 pranchas. Offerta.
Ley Organica del Cuerpo Diplomatico Hondureño, Reglamento Consular, Ley sobre recepciones y privilegios de los agentes diplomaticos acreditados cerca del gobierno de Hondenas, Ley sobre misionns consulares extranjeras. (Republica de Honduras). Tegucigalpa, 1906. 1 vol. broc. 28×18,5. 97 pags. Offerta.
Leyes del Ministerio de Fomento de los Estados Unidos de Venezuela. Edición official. Caracas, 1904. 1 vol. broc. 23×15. 316 pags. Offerta.
Libro (El) Amarillo de los Estados Unidos de Venezuela. Presentado al Congresso Nacional en sus sesiones de 1899. Por el ciudadano, Ministro de Relaciones Exteriores. Caracas, 1898-1899. 1 vol. broc. 31×22,5. Offerta do sr. Antonio Ferreira de Serpa.
Life (The) History of the Twisted Wireworm (Haemonchus contortus) of Sheep and other ruminants. [Preliminary report.] By D. H. Banson (United States Department of Agriculture. Bureau of Animal Industry. Circular n.º 93) Washington, 1906. 1 folheto broc. 23,5×14,5. 7 pags. Offerta
Liga Maritima Brazileira (numero avulso). Rio de Janeiro, s/d. 1 folheto broc. 30×21,5. 32 pags. com gravuras. Offerta.

Ligeiro escôrço biográfico, por Cesar Correia. (Dr. Candido de Figueiredo). Vizeu, 1907. 1 folheto broc. 19×12. 17 pags. e retrato. Offerta.
Lisbon (The journal of a voyage to) by Henry Fielding. Edited, with introdution and notes by Austin Dobson. London, s/d. 1 vol. enc. 15,5×9,5. 187 pags. + 8. Offerta.
Liste des membres 1907. Association International Permanente des Congrès de Navigation. Bruxelles, 1907. 1 folheto broc. 23,5×15,5. 117 pags. Offerta.
Logique et histoire des Sciences. III. Bibliotheque du Congrès Internationale de Philosophie. Paris, 1901. 1 vol. broc. 23×16. 688 pags. Comprado.
Lourenço Marques (Report for the year 1906 on the trade of) Edited at the Foreigr Office and the Board of Trade. N.º 3.909. Annual Series. Diplomatic and consular Reports. Londo, 1907. 1 folheto broc. 24×15,5. 50 pags. Offertá.
Macau e Luis de Camões, por Jordão A. de Freitas (Do «Portugal», do dia 2 de junho de 1907. N.º 98). Lisboa, 1907. Folha avulso 31,5×21,5. Offerta do auctor.
Manuel Pratique d'Analyse de l'Urine. Instruction pour l'Examens chimique de l'Urine ainsi que pour la prèparation artificielle de l'Urine pathologique necéssaire pour les besoins des exercices pratiques et de l'enseignement. Avec un appendice : Analyse des sucs gastriques, par Dr. Lassar Cohn e Eugene Ackerman. Rixheim, 1907. 1 folheto broc. 20×13,5. 87 pags. e indice. Offerta do auctor.
Manuscrit (Un) interessant. Memoire présenté à l'Académie Royale des Sciences de Lisbonne, par Rodolpho Guimarães. Lisbonne, 1905. 1 folheto broc. 30,5×22,5. 10 pags. Offerta do auctor.
Map (The) of Europe by treaty ; showing the various political and territorial changes which have taken place since the general peace of 1814. Vol. IV. 1875 to 1891. By sir Edward Hertslet C. B. Loudou, 1891. 1 vol. enc. 25.5×16. mappas. Comprado.
Mappas Estatisticos do Hospital da Marinha relativos ao anno de 1906. Lisboa, 1907. 1 folheto broc. 28×17. 13 pags Offerta.
Mare (Il) par Federico Ratzel. Origine della grandezza dei Popoli. Studio politico-geographico. Traduzione e note di G. V. Callegari. Torino, 1906. 1 folheto broc. 26×17,5. 76 pags. Comprado.
Marea (La) ed i fenomeni concomitanti nel sistema solare. Traduzione Italiana di G. P. Magrini sulla seconda edizione Inglese. Su alcuni stude geofisici. Appendice del tradultore. Torino, 1905. 1 vol. broc. 21×13. IX + 440 pags. e gravuras. Comprado
Maritima (Repartição da Carta) Avisos aos Navegantes. Dezembro de 1905. Janeiro a Setembro de 1906. (Republica dos Estados Unidos do Brazil. Directoria de Hydrographia). Rio de Jaoeiro, 1906. 10 folhetos broc. 23,5×16,5. Offerta.
Marinha (A) de Guerra e a Educação Nacional. Estudo critico da actual organisação do Ensino e a Educação Naval Portugueza em 12 de abril de 1907, 1 folheto broc. 17×12,5. 78 pags. Offerta do auctor.
Mary Ann Davidson em livro d'inventario de bens. (Herança Davidson). Lisboa, 1907. 1 folheto broc. 26×17. 53 pags.
Maryland Geological Survey. Pliocene and pleistocene. Baltimore, 1906. 1 vol. enc. 26×18. 291 pags., gravuras e mappas. Offerta.
Mathemat—Mechanisch. Institut und artische Präzisionswerkstätten. Dresden. A. Par Gustav. Heyde. (Astronomische Instrument). Dresden, 1905. 1 folheto broc. 27×19. 51 pags. e gravuras. Offerta do auctor.
Medalha de D. Carlos I. Commemorativa da acclamação para galardoar serviçaes por Arthur Lamas, da collecção iniciada por José Lamas. Lisboa, 1907 1 folheto broc. 25×16. 8 pags. e gravuras. Offerta.
Memoria Anuario correspondiente al curso academico 1905 á 1906. Que se publica en cumplimiento de lo que dispone el articulo 26 del reglamento Universitaria (Universidade de la Habana). Habana, 1907. 1 vol. broc. 22,6×16,3. 366 pags. e gravuras. Offerta.
Memoria con sus correspondientes anexos que al ciudadano Presidente de la Republica presenta el ciudadano Secretario de Estado en los despachos de

Hacienda y Comercio. Santo Domingo, 1907. 1 vol. broc. 29,5×22,5. Offerta Antonio Ferreira de Serpa.

Memoria de Hacienda y Credito Publico presentada a la Asamblea Nacional Legislativa en su reunión ordinaria del año de 1905, por el Ministro del Ramo Don Fzlie Romero. Managua, 1905. 1 vol. broc. 31×21,5. Offerta do sr. Antonio Ferreira de Serpa.

Memoria del Ministerio de Fomento. Presentada al Congreso de los Estados Unidos de Venezuela en 1907. Par Manuel Pedro Ruiz. Caracas, 1907. 2 vols. broc. 31,5×21,5. Offerta do sr. Antonio Ferreira de Serpa.

Memoria elevada al Superior Gobierno par la comision central de extincion de la langosta. Invasion de 1906-1907. Montevideo, 1907. 1 folheto brochado 21,5×18. 8 pags. e mappas. Offerta.

Memoria presentada á la Asamblea Nacional Constituyente, par el Senôr Ministro de Hacienda y Credito Publico, Doctor don Saturnino Medal 1903-1905. Tegucigalpa, 1906. 1 vol. broc. 38,5×28. 329 pags. e mappas. Offerta·

Memoria que al ciudadano Presidente de la Republica General Ramon Caceres, presenta el ciudadano Ministro de Relaciones Exteriores Licenciano Emiliano Tejera. Santo Domingo, 1907. 1 folheto broc. 31,5×23. 120 pags. Offerta do sr. Antonio Ferreira de Serpa.

Memorias apresentadas ao IV Congresso Geographico Italiano 26 a 31 de Maio, 1907. Venezia, 1907. 20 folhetos broc. 24×15,5. Offerta.

Memorias de la Comision del mapa geologico de España, por L. Mallada. Tomo VI. Sistemas Eoceno, Oligoceno y Mioceno. Madrid, 1907. 1 vol. brochado 27,5×19. 686 pags. e gravuras. Offerta.

Meteorological Observations, made at the Hongkong Observatory in the year 1906. Hongkong, 1907. 1 vol. broc. 36×24,5. 108 pags. e mappas. Offerta.

Mtehods of Destroying Rats. By David E. Lantz. (United States Department of Agriculture. F'armers Bulletin 297). Washington, 1907, 1 folheto broc. 23×14,5. 8 pags. e gravuras. Offerta.

Mineral resources of the United States. Calendar year 1906. David T. Day. (Department of the Interior. United States Geological Survey). Washington, 1906. 1 vol. enc. 23×15. 1.043 pags. Offerta.

Mines du Transvaal (Étude sur l'état actuel des). Les gîtes. Leur valeur. Étude industrielle et financiére, par George Moreau. Paris, 1906. 1 vol. encadernado 24,5×16. IV + 218 pags. e illustrado. Comprado.

Mining Concession on the Rio Doce. State of Minas Geraes (Brazil) Description of some of the townships of its basin, travellers, enginiers, Brazilian and foreign naturalists in the valley of the Rio Doce. Description and report presented to the government of the state of Mines Geraes by Dr. Nelson Coelho de Senna, and Honorio H. Correia da Costa, and José Dantas. Rio de Janeiro, 1907. 1 folheto broc. 21,5×14. 45 pags. Offerta.

Minuta de Appellação da sentença que julgou os embargos deduzidos pelo bacharel Jacintho Augusto Sant'Iago Gouveia na acção de despejo que contra este foi proposta no juizo de Direito da Comarca da Figueira da Foz, por Charles Louis Vieillard. E as allegações finaes na mesma acção. Figueira, 1907. 1 folheto broc. 21,5×15. 37 pags. Offerta.

Misure Magnetiche nei dintorni di Torino. Declinazione e Inclinazione. Memoria del Dr. D. Roddaert. (Accademia Realle delle scienze di Torimo. (anno 1906-1907). Torino, 1907. 1 folheto broc. 31,5×23. Offerta.

Mocidade (A) de D. João V. Comedia drama em 5 actos. 2.ª edição. (Obras completas de Luiz Augusto Rebello da Silva). Theatro II. Lisboa, 1907. 1 vol. enc. 18×11. 156 pags. e indice. Comprado

Morale générale. La philosophie de la Paix. Les Sociétes d'Enseignement Populaire. (Bibliothéque du Congrès International de Philosophie II). Paris. 1903. 1 vol. broc. 23×16. 428 pags. Comprado.

Moûts, Vins et boissons fermenttés (Nouveaux appareils pour l'analyse rapide, et exacte des) Par E. Aduet (N.º 16). Paris, 1907. 1 vol. broc. 24×15,5. 96 pags. e gravuras. Offerta.

Mouvement (Le) scientifique en Belgique 1830-1905. Par J. Mees. Bruxelles, 1907. 1 folheto broc. 30,5×22. 48 pags. mappaz e gravuras. Offerta.

Museum für Volkerkund. Berichterstatter: Rob. Vonwiller, Konservator, s/d. s l. 1 folheto broc. 23×15,5. 8 pags. Offerta.

Navigaiton à Vapeur (Le Centenaire de la) et l'Exposition Maritime de Bordeaux, par P. Camena d'Almeida. Bordeaux, 1807, 1907. 1 folheto brochado 27×17,5. 35 pags. Offerta.

Nicotine in Tabacco (A New method for the determination of) By Wightman W. Garner. United States Department of Agriculture. Bureau of Plant Industry. Bolletin n.º 102, part VII. Washington, 1907. 1 folheto brochado 23×14,5. 43 pags. Offerta.

Nota sobre el supuesto granito eruptivo del «Serrat Negre» en las Montañas de la Nou, provincia de Barcelona, por el Académico Numerario D. Luis Mariano Vidal. Publicada en Julio de 1907. (Memorias de la Real Academia de Ciencias y Artes de Barcelona. Vol. VI. Mumero 18. Tercera época). Bareelona, 1907. 1 folheto broc. 30×23. 6 pags. Offerta.

Notas e Chronicas. Paginas da historia religiosa do Brazil. Seculos XVI a XX, por Nelson de Senna. S. Paulo, 1907. 1 vol. broc. 21,5×11,5. 118 pags. Offerta.

Obras Completas de Almeida Garrett. Grande edição popular, illustrada, prefaciada, revista, coordenada e dirigida por Theophilo Braga. Volume I. Poesia. Theatro (prosa e verso) Volume II. Prosa. Lisboa, 1907. 2 vols. broc. 3×21 e gravuras. Comprado.

Observatoires (Les) Astronomiques et les Astronomes, par P. Stroobant e outro. Bruxelles. 1907. 1 vol. broc. 24,5×16. 316 pags. e mappas.

Observatorio (Um) Meteorologico na Ilha do Fico. Carta aberta a Sua Alteza Serenissima o principe Alberto de Monaco. Lisboa, 1907. 1 folheto broc. 22×15. 4 pags. Offerta da Liga dos Interesses Publicos.

Odio velho não cança. Romance historico 2.ª edição. Obras completas de Luiz Augusto Rebello da Silva). Lisboa, 1907. 2 vols. enc. 18×11. Comprado.

Oração Civica pronunciada no salão nobre do paço municipal, no dia 2 de julho de 1907, por Silio Boccanera Juuior. Bahia, 1907 1 folheto broc. 19,5×11. 43 pags. Offerta do auctor.

Oração Funebre, por Silio Boccanera Junior. Pronunciada no Lyceu de Artes e Officios da Bahia em a noite de 30 de maio de 1907. Bahia, 1907. 1 folheto broc. 20×14. 69 pags. Offerta do auctor.

Orçamento geral e propostas de lei das receitas e das despezas ordînarias e extraordinarias do Estado na Metropole para o exercicio de 1905-1906. Lisboa, 1905. 1 vol. broc. 33×22,5. 169 pags. Offerta.

Orcamento geral e proposta de lei das receitas e das despezas ordinarias e extraordinarias do Estado na Metropole para o exercicio de 1906-1907. Lisboa, 1906. 1 vol. broc. 31,5×22,5. XXXIX + 155 pags. Offerta.

Orçamento geral e proposta de lei das receitas e das despesas ordinarias e extraordinarias do Estado na Metropole para o exercicio de 1907-1908. Lisboa, 1907. 1 vol. broc. 31,5×21,5. XXXIX + 311 pags. Offerta.

Orçamento, receita e tabellas da despeza ordinaria e extraordinaria das provincias Ultramarinas e districto autonomo de Timor no exercicio de 1907-1908. (Ministerio dos Negocios da Marinha e Ultramar). Lisboa,, 1907. 1 folheto broe. 33×23 Offerta da Direcção Geral do Ultramar.

Origines (Les) de la Réforme, par P. Imbart de la Tour Tome I. La France Moderne. Paris, 1905. 1 vol. broc. 22×14 XIII + 572 pags. Comprado.

Othello ou o Mouro de Veneza. As redeas do governo. (Obras Completas de Luis Augusto Rebello da Silva). Theatro I. Lisboa, 1907. 1 vol. enc. 19×11. 142 pags. e incice. Comprado.

Paleofitologia (Elementi di) del Ernesto de Poggio. Illustrato con 71 figure intercalate nel texto. (Le Piante Fossili). Torino, 1906. 1 vol. broc. 25×16,5. 200 pags. e gravuras. Offerta.

Paleografia popular. Arte de leer los documentos antiguos escritos en Castellano, por D. Jesús Mûnoz y Rivero. Madrid, 1886. 1 vol. broc 23×16. 268 pags. e indice. Comprado.

Para nitro-bengil-mercaptales y mercapoles. (Sobre algunos nuevos), Por el académico electo Dr. D. Agustin Murua y Valerdi publicada en octubre de 1907. (Memorias de la Real Academia de Ciencias y Artes de Barcelona. Tercera época vol. V, n.º 24. Barcelona, 1907.) 1 folheto broc. 30×23. 8 pags. Offerta.

Pedro I. Segundo (periodo do reinado de Dom). Narrativa historica. por J. M.

Pereira da Silva. Rio de Janeiro, 1871. 1 vol. enc. 20×13. VIII + 465 pags. + VII pags. e erratas. Comprado.

Periodical (The) Cicada, By C. L. Marlatt, M. S. (United States of Department Agriculture. Bureau of Entomology. Bulletin 71). Washington, 1907. 1 vol. broc. 23×14,5. 181 pags. e gravuras. Offerta.

Pescas (As) Maritimas na Belgica, por Vicente Maria de Moura Coutinho Almeida d'Eça. (Relatorio da Missão a Anvers). [Annaes de Marinha n.º 2]. Lisboa, 1907. 1 folheto broc. 23×14,5. 1 pags. Offerta do auctor.

Petição á Camara Federal para uma estrada de ferro de Porto-Alegre a S. Paulo. Planta da linha com os prolongamentos projectados para Montevideo e Bahia, por Argimiro da Silveira. S. Paulo, 1907. 1 folheto brochado 27×20. 9 pags. e mappas graphicos. Offerta.

Phenix (A) Revista quinzenal (n.º 1 a 18) vol. I e II. Villa Franca do Campo. (S. Miguel), 1902. 1 vol. enc. 26,5×18,5. 216 pags. com gravuras. Offerta do sr. Urbano de Mendonça Dias.

Philosophie générâle et métaphysique (Congrès International ds Philosophie). Paris, 1900. 1 vol. broc. 23,6×16. XXII + 450 pags.

Philosophie (Histoire de la) (Bibliothèque du Congrès International de Philosophie). Paris, 1901. 1 vol. broc. 23×16. 528 pags. e indice. Comprado.

Philosophie (Histoire de la). Les problèmes et les écoles, par Paul Janet [e] Gabriel Séailles. Cinquieme édition. Paris, s/d. 1 vol. broc. 22×14. III + 1.084 pags. Comprado.

Philosophie Moderne. (Histoire de la), par Harald Hoffding. Traduit de l'allemand, par P. Bordier. Paris, 1906. 2 vols. broc. 22×14. Comprado.

Physique (por) Langlebert. (Sem frontispicio). Paris, s/d. 1 vol. enc. 17,5×11,5. 568 pags. e gravuras. Offerta.

Planeta (El) Júpiter durante la opisicion de 1905-1906 y estudio sobre el origen de los corrientes atmosfericas de algunos astros, por el Academico D. José Coeñas Solá. (Memorias de la Real Academia de Ciencias y Artes de Barcelona. Barcelona, 1907. 1 folheto broc. 30×23. 21 pags. Offerta.

Politica Commercial (Trattado di), por il Prof. Luigi Fontana-Russo. Milano. 1907. 1 vol. broc. 22×15. XVI + 649 pags. Comprado.

Politiske (De) Hannstöparne. En idyll fran det Borgeliga Stockholm 1789-1791 of Niles Erdmann. Stockholm, MCMIV. 1 vol. enc. 19,5×13. 264 pags. e gravuras. Offerta.

Portos (Os) Maritimos de Portugal e Ilhas Adjacentes, por Adolpho Loureiro. Volume III. Parte I-II-III. Lisboa, 1906. 1 vol. broc. 25×16,5 e altas. Offerta do auctor.

Portugal (Le) Moderne. Étude Intime des Conditions industrielles du pays. 2me volume. Par Eugène Ackermann. Rixheim (Alsace), 1907. 1 vol. broc. 20×13,5. VIII + 123 pags. Offerta do auctor.

Portugal nos Mares. Ensaios de critica, historia e geographia, por J. P. Oliveira Martins. 2.ª edição. Lisboa, 1902 1 vol. broc. 19,5×12,5. 272 pags. Offerta.

Principal (The) Insectes affecting the tobacco plant. By L. O. Haward. (United States Department of Agriculture. Farmers. Bulletin 120). Washington, 1900. 1 folheto broc. 23×14,5. 32 pags. e gravuras. Offerta.

Problematical features in maps designed by Mercator and Desceliers by James Royburgh Mc Ciymont. Hobart, MCMAII. 1 folheto broc. 25×15,5. 10 pags. Offerta.

Problemi (I) dell' Universo, par Ernesto Haeckel. Prima traduzione Italiana autorizzata dall'Autore del Dott. Amedeo Herlitzka con una introduzione sulla filosofia monistica in Italia e aggiunte del Eurico Marselli. Torino, 1904. 1 vol. broc. 27×19. XLIII + 609 pags. e o retrato do auctor. Comprado.

Proceedings of the Twenty — Third annual convention of the Association of Official Agricultural Chemists, held at Washington, D. C. November 14-16, 1906. Edited by Hawey W. Wiley. (United States Department of Agriculture Bureau of Chemistry. Bulletin 105). Washington, 1907. 1 vol. broc. 23×14,5. 213 pags. Offerta.

Progresele Economice ale Romäniei Indeplinite sub Domnia M S. Regelui Carol I. 1866-1906. Tablouri Fiunrative si notite explicative de Dr. L. Colescu.

Bucuresti, 1907. 1 vol. broc. 27,5×21,5. 109 pags. e mappas em romanico e francez Offerta.

Projecto de lei de Fomento Rural apresentado á eamara dos senhores deputados na sessão de 27 de abril de 1887, pelo deputado J. P. Oliveira Marfins. Lisboa, 1887. 1 vol. broc. 23×14,5. 155 pags. e indice. Comprado.

Projet d'organisation de la Justice Internationale, par H. Lepert. Classification décimale : 341. 64. Monaco, 1907. 1 folheto broc. 21×10,5. 40 pags. Offerta.

Pumping Plants in California (Mechanical Tests of) By J. N. Le Conte and C. C. Tait. (United States Department of Agriculture Office of Experiment Stations. Bulletin 181). Washington, 1907. 1 folheto broc. 23×14,5. 72 pags. e gravuras. Offerta.

Purgueira (A) e o seu oleo. Dissertação apresentada ao Conselho escolar do Instituto de Agronomia e Veterinaria, por Augusto Sant-Iago Barjona de Freitar. Fevereiro, 1906. Lisboa, 1906. 1 vol. broc. 24,5×16. 149 pags. Offerta do auctor.

Quadros Açoricos. Lendas chronographicas pelo Dr. Manuel Antonio Ferreira Densdado. da Academia Real das Sciencias. Angra do Heroismo, 1907. 1 vol. broc. 20,5×13, xix + 300 pags. Offerta do auctor.

Raasätter Varmlandska Släktminnen fran Adertonhundra. Talets förra hälft. Uppleckcade af Lotten Dahlgren Tredje Upplagan. Stockholm, 1906. 1 vol. broc. 21×14. xv + 317 pags. com gravuras e musicas. Offerta.

Rapport du Bureau Executif sur la situation genérále de l'Association du 1er mai 1906 au 31 mars 1907. (Association Internationale Permanente des Congrès de Navigation). Bruxelles, 1907. 1 folheto broc. 23,5×15,5. 26 pags. Offerta,

Rapport rédigé pour le Congrès de pêche de St. Pétersbourg. De la necessitè des traités de pêche internationaux. Vienne, 1902. 1 folheto broc. 23×16. 8 pags. Offerta.

Rapporten van de Commissee in Nederlandsch. Indië voor Oudheidkundig Onderzoek op Java en Madoera. 1006. 6. Batavia, 1907. 1 vol. broc, 28×19,5. 125 pags. e gravuras. Offerta.

Rausso, por Homioio. Volume unico. (Obras Completas de Luiz Augusto Rebello da Silva). Romances e novellas I. Lisboa, 1907. 1 vol enc. 18×11. 152 paginas, indice e o retrato do auctor. Gomprado.

Razze (Le) Umane del Dott. Federico Ratzel, traduzione Del Mario Lessona. Torino, 1891-1896. 3 vols. broc. 37×19 com gravuras. Comprado.

Réglement Revisé. Édition de 1907. (Association Internationale Permanente des Congrès de Navigation). Bruxelles. 1907. 1 folheto broc. 23,5×19,5. 10 paginas. Offerta.

Regulamento da Corrida de Natação da Trataria a Pedrouços, organisada pelo Real Gymnasio Club Portuguez. Lisboa, 1907. 1 folheto broc. 21×13,5. 10 pags. Offerta.

Regulamento para as Escolas de Aprendizes Marinheiros. Approvado pelo decreto n.º 6.582 de 1 de Agosto de 1907. (Ministerio da Marinha). Rio de Janeiro. 1907. 1 folheto broc. 23,5×16,5. 19 pags. Offerta.

Relation (The) of the Composition of the leaf to the burning qualities of tobacco. By Wightman W. Garner. (United States Department of Agriculture. Bureau of plant industry. Bulletin 105). Washington, 1907. 1 folheto broc. 23×14,5. 25 pags. Offerta.

Relatorio ácerca das manobras no Exercito Inglez em 1904, por Arthur Ivens Ferraz. Lisboa, 1905. 1 vol. broc. 23,5×14,5 mappas e gravuras. Offerta.

Relatorio ácerca do carro regimental m/1908 apresentado pelo tenente-medico Julio Dantas. Lisboa, 1907. 1 folheto broc. 23×14,5. Offerta.

Relatorio Agronomico relativo ao anno de 1906. (Districto de Benguella). Loanda, 1907. 1 folheto broc. 25×18,5. 19 pags. Offerta.

Relatorio das Missões do Cuanhama e Evale, por João d'Almeida. (Governo Geral da provincia de Angola). Loanda, 1907. 1 folheto broc. 24,5×17. 57 paginas. Offerta

Relatorios Diplomaticos e Consulares. Serie annual. N.os 117, 118, 119, 120, 121 e 122. Rio de Janeiro, 1904. 6 folhetos broc 23,5×16.5.

Relatorios Diplomaticos e Consulares. N.os 115, 116, 123, 124, 125, 126, 127, 138,

129, 130 e 131. Serie Annual 1904. Barcelona, Salto, Hamburgo, Buenos-Aires, Rosario e Posadas, Porto, Southampton Cardiff e Genebra. Rio de Janeiro, 1905. 11 folhetos broc. 24×16,5.

Relatorio do delegado do Real Club Naval no jury da prova de natação. Travessia do Tejo, Trafaria, e Pedrouços em 1907. Lisboa, 1907. 1 folheto broc. 21,5×14,5. Offerta.

Relatorio do Governador 1906-1907. (Publicado em harmonia com a portaria provincial n.os 326, de 21 de maio de 1906). [Districto de Inhambane]. Lourenço Marques, 1907. 1 vol. broc. 24×15. VI + 140 pags. e mappas. Offerta.

Relatorio sobre as condições dos serviçaes negros. empregados nas plantações de cacau de S. Thomé e Principe e os modos de os obter em Angola. Lisboa, s/d. 1 folheto broc. 31,5×21,5. 20 + 8 pags. Offerta.

Rembrandt Een beschrijving ban zijn leven en zijnwerk met 32 Ajbeeldingen. Par F. Sckmidt· Degener s/d s/d. 1 vol. enc. 18,5×12. 153 pags. + XXXI. Para candidatura.

Reorganisação (A) do Banco de Portugal. Porto, 1877. 1 folheto broc. 18,5×12,5. 57 pags. Offerta.

Report (Annual) of Director of the Weather Bureau for the year 1904. Part. III. (Meteorological, Observations of the Secondary Stations During 1904. Departmdut of the interior Weather Bureau). Manila, 1907. 1 vol. broc. 29×23. 562 pags. Offerta.

Report (Annual) of the Director of the Weather Bureau for the year 1905. Part. I. Hourly Meteorological Observations at the Manila Central Observatory, 1904. (Department of the Interior Weather Bureau). Manila, 1907. 1 vol. broc. 29×23. 154 pags. e indice. Offerta.

Report of the library syndicate for the year ending december 31, 1906. [From the University library). Cambridge, 1907. 1 folheto broc. 27,5×22. 27 pags. Offerta.

Report (Twenty-Fourth Annual) of the Bureau of American Ethnology to the Secretary of the Smithsonian Institution, 1902-1908 by W. H. Holmes. Washington, 1907. 1 vol. enc. 29×30. XL + 846 pags. e gravuras. Offerta.

Report (Twenty-sixth Annual) Cincinnati Museum Association, 1907. For the year ending december 31, 1906. s/l. 1907. 1 folheto brac. 24×16,5. 71 pags.

Republica Argentina. El crescimiento de la poblacion. 1895-1906. Trabajo presentado al tercer Congreso Medico Latino — Americano de Montevideo por Gabriel Carrasco. Buenos Aires, 1907. 1 folbeto broc. 26×18. 14 pags. Offerta do auctor.

Respostas dos Agricultures da Provincia de S. Thomé e Principe ao Relatorio do Inquerito mandado fazer pelos industriaes inglezes. M. M. Cadbury, Fry, Rowntree e Stollwerck ás condições do trabalho indigena nas Colonias Portuguezas. (O Cacau de S. Thomé). Lisboa, 1907. 1 folheto broc. 32×22. 33 pags. Offerta.

Résultats obtenus par le dragage sur les senils des rivières. Organisation technique et administrative des travaux exécutes à cet effet. Rapport, par M. N. de Lelavsky (xe Congrès de Navigation. Milan, 1955). Bruxelles, 1907. 1 folheto broc. 23,5×15,5. 17. pags. e VII pranchas. Offerta.

Révolution Française. (Histoire politique de la) Origines et développmnut de la démocratie et de la république (1789-1804), par A. Aulard. Paris, 1903. 1 vol. broc. 25×16,5. XIII + 805 pags. Comprado.

Riassunto delle Osservazioni Meteorologiche fatte al grand hotel du Mont Cervin Giomein —Valtour (manche) in Valle d'Aosta durante la stagione estiva [luglio, agosto, settembre 1906] pel Dott. Carlo Albera (Publicazione dell' Osservatorio Meteorologico del R Collegio Carlo Alberto in Moncalieri). Perugia, 1907. 1 folheto broc. 24×16,5. 15 pags. Offerta.

Roleta (A) Favos de Mel, por Custodio Rodrigues, n.º 1. Edição ampliada. Distribuição gratuita. Paris, 1907. 1 folheto broc. 21×13,5. 94 pags. Offerta do auctor.

Rursum Vivat. Elogio funebre do conselheiro Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro, por F. J. Patricio. Porto, 1907. 1 folheto broc. 22,5×15,5. 24 pags. e uma gravura. Offerta do auctor.

Rujiters's (De) Afrikaansche Reis Een vergeten bladzijde uit het leven van on-

zen grooten zeeheld. Aan het volk verteld door A. Weruméus Cerning. Rotterdam, s/d. 1 vol. enc. 20,5×16. 168 pags. Para candidatura.

Ruyter (Het leven van Michiel Adriaanszoon de) Aan het nederlandsche volk verhaald door M Penning, s/d e s/l. 1 vol. enc. 25×17. 309 pags. e indice e gravuras. Para candidatura.

Ruyter (Het leven van Michiel Adrianuszoon de) door T. M. Looman. Met Platen. Amsterdam, s/d. 1 vol. broc. 23×14. 470 pags. e gravuras. Para candidatura.

Ruyter (Het leven van de) Opnieun Verhaald door J. Stamperius (G· Engelberts Gerrits. Amesterdam, s/d. 1 vol. broc. 20×14. 159 pags. e gravuras. Para candidatura.

Sachs-Villate. Dictionaire Encyclopédique français-allemand et allemand français. Redigé, en utilisant de nombreux matériaux fournis par Bernhard Schmitz, par Charles Sachcs et Césaire Villate. Édition compléte, augmentée d'un supplement 14me Édition stereotype, Revue et corrigée. Berlin. Schöneberg, 1905. 2 vols. enc. 27×19. Comprado.

Saint-Nazaire son Port, son Commerce (Société de Géographie Commerciale). Saint-Nazaire, 1907. 1 folheto broc. 27×19. 73 pags., gravuras e mappas. Offerta.

Servicio (El) Meteorológico de la Republica Mexicana. Por Manuel E. Pastrana. Mexico, 1906. 1 vol. broc. 26×17. 138 pags. gravuras. Offerta.

Situação Clara. Carta aberta ao cidadão Manuel d'Arriaga, por Antonio José d'Almeida. Lisboa, 1907. 1 folheto broc. 22,5×15. 16 pags. Offerta.

Situação Clarissima. Resposta á «Situação Clara» do cidadão Dr.·Antonio José de Almeida dedicado aos verdadeiros Portuguezes. Por Brito Nobrega, Lisboa, 1907. 1 folheto broc. 22×15,5. 19 pags. Offerta do auctor.

Sociologie pure par Lester F. Ward. Traduit de l'anglois avec le concours de l'auteur, par Fernand Weil. Paris, 1906. 2 vols. broc. 22,5×14. Comprado.

Station d'essai de pisciculture á evois. Décrite par Bernhard Ericsson. Helsingjors, 1901. 1 folheto broc. 26×18,5· 31 pags., gravuras e mappas. Offerta.

Statistica Agricola a Romaniei. Studiu analitic bazart pe cercetarile facute in anü 1904 si 1905 de L. Colescu. Partea I. Exploataire Agricole. Bucuresti, 1908. 1 vol. broc. 31,4×23,5. 100 pags., gravuras e mappas. Offerta.

Statistique Annuelle de Géographie comparée 1906. I Population, II Agriculture, Industrie, III Commerce, IV Finances, Forces Militaires. Par Jean Birot. Paris, 1906. 1 folheto broc. 21×13,5. 30 pags. e indice. Offerta.

Statistiques Coloniales pour l'année 1905. Publiées sous l'administration de M. Milliés-Lacroix. (Ministére des Colonies). Office Colonial. Melun, MCMVII. 3 vol. broc. 23,5×15,5. Comprado.

Statistiques Coloniales pour les années 1895-1894. Publiées sous l'administration de M. Milliés Lacroix (Ministére des Colonies. Office Colonial). Melun. MCMVII. 1 vol. broc. 23,5×15,5. XII + 273 pags. Comprado.

Stella (Amor sentimental), par Eduardo Eusebio de Queirós. Porto, 1907. 1 folheto broc. 18×11,5. 90 pags. Offerta do auctor.

Storgarden. En bok om ette hem of Karl. Erik Forsslund. Mitt hem är min kyrka. Tredje Upplagan. Stockholm, MCMIV. 1 vol. enc. 19,5×13,5. 283 pags. Offerta.

Storia della lotta della scienza con la teologia nella Cristianità di Andrea Dickson White. Prima traduzione Italiana acconsentita dall' Autore a cura del Giacomo Peroni. Torino, 1902. 1 vol broc. 27×19,5. XLIII-776. Comprado.

Studies on the digestibility and nutritive value of legumes at the University of Tennessee, 1901-1905 by Chas E. Wait. (United States Department of Agriculture. Office of Experiment Stations. Bulletin 187). Washington, 1907. 1 folheto broc. 23×14,5. 55 pags.

Subsidios para o estudo das Pozzolanas e sua applicação nas construcções. Memoria apresentada á Direcção Geral de Obras Publicas e Minas. Lisboa, 1907. 1 folheto broc, 23,5×14,5. 77 pags Offerta do auctor.

Sulle Leggi della Eredità par C. Correns. Lettura tenuta alla Seduta comune della Sezioni primarie delle Scienze Naturali e Mediche alla riunione dei Naturalisti e Medici Tedeschi a Meran il 27 settembre 1905. 2 figure a co·

lori e 2 in·Nero. Torino, 1906. 1 folheto broc. 23×15,5. 48 pags. Comprado.

Suplemento al Libro Amarillo de los Estudios Unidos de Venezuela. Presentado al Congreso Nacional en 1899. Arbitraji sobre los limites entre Venezuela y la Guayana Britanica. Augmento de Venezuella. Traducido del Ingles. Caracas. 1899. 1 vol. broc. 30,5×22,5. 962 pags, indice e diversas. Offerta do sr. Antonio Ferreira de Serpa.

Sur une disposition des caracterisques et indicateurs relatifs à la base 510.510 d'une table de facteurs premiers des nombres inférieurs à 9699690, par Ernest Lebon. Paris, 1906. 1 folheto broc. 24×16. 7i pags. Offerta do auctor.

Sysema dos Mithos Religiosos, por J. P. Oliveira Martins. 3.ª edição. Lisboa, 1904. 1 vol. enc. 20×12: 362 pags. Comprado.

Systèmes économiques. (Histoires des) et Socialistes, par Hector Denis. Paris, 1904-1907. 2 vols. 22,5×14. (Em publicação). Comprado.

Systèmes (Les) Socialistes et l'Évolution Economique, par Maurice Bourquin. Deuxième Édition. Paris, 1906. I vol. broc. 23×15,5. x + 525 pags. Comprado.

Table d'Élements rélatifs à la base 30030 pour la recherche rapide des facteurs premiers des grandes nombres. Par Ernest Lebon. (L'Enseignement Nathematique IXe année n.º 3). Paris, 1907. 1 folheto broc. 25×16,5. Offerta do auctor.

Tavola degli elementi relativi alla base 30030 per la rapida ricerca dei fattori primi dei numeri compresi fra 30030 e 510510. (Estratto dal Pitagora an. XIII, n.º 6-7). Palermo, 1907. 1 folheto broc. 24×17. 11 pags. Offerta do auctor. (Ernesto Lebon).

Terraplanagens e alicerces. (Bibliotheca de Instrucção profissional). Construcção Civil. Volume II...... Por João Emilio dos Santos Segurado. (Manual do Operario). Lisboa, 1907. 1 vol. enc. 22,5×15,5. 120 × VIII pags. com gravuras. Comprado.

Terremoto local del 18 febrero de 1907 y observaciones de los satélites I y III de Júpiter, por el Académico D. José Comas Solá. Publicado en Agosto de 1907. (Memorias de la Real Academia de Ciencias y Artes de Barcelona). Barcelona, 1907. 1 folheto broc. 30×23. 12 pags. e gravuras. Offerta.

Théorèmes Calculs et Remarques Relatifs à la recherche des facteurs premiers d'un nombre. (Mémoire Complémentaire). Cougrès de Lyon 1906. Paris, 1906. 1 folheto broc. 24,5×16. 10 pags. Offerta.

Timor (Districto Autonomo de) e Instituto Botanico de Buitenzorg (Java) Conferencia realisada em a noute de 13 de maio de 1907, por Alfredo da Costa e Andrade. (Sociedade de Geographia de Lisboa). Lisboa, 1907. 1 folheto broc. 25×16,5. 27 pags. Offerta do auctor.

Traços biographicos do grande africanista Jose Bathazar Farinha descriptos por José da Fonseca Lage. Lisboa, 1907. 1 vol. broc. 22×15. 213 pags. e gravuras. Offerta do auctor.

Traité (Le) Franco-Siamois du 23 mars 1907, par Joseph Joubert (Les relations de la France et du Siam). Paris, 1907. 1 folheto broc. 24×16. 24 pags. e mappas graphicos. Offerta do auctor.

Transmision de dibujos y fotografias con la telegrafia sin hilos, por el Academico D. Guilhermo J. de Guillén. Garcia publicada en Junio de 1907. Barcelona, 1907. 1 folheto broc. 30×23. 7 pags. e gravuras. Offerta.

Trasladação das ossadas de Portuguezes mortos em defeza de Diu (10 de agosto de 1546, 10 de agosto de 1906). Margão, 1906. 1 vol. broc. 22,5×14,4. 104 pags. + III pags. Offerta.

Tzarina (A) Sultão. Scenas intimas da vida imperial russa. Romance historico por Sacher Masoch. Traducção do Allemão refundida, por Eduardo de Noronha. Lisboa, 1905. 1 vol. broc. 19×12. 509 + 8 pags. e o retrato do auctor. Offerta do traductor.

Uit het leven en bedrijf van den heere Michiel de Ruyter. Bescherwen door Gerard Braadt. Amsterdam s/d. 7 vol. inc. 18,5×12,6. XXXII + s56 pogs. Offerta.

Valor (El) Monetario de la Higiene Publica. Buenos Aires en 1906. Trabajo

presentado al tercer Congresso Médico Latino-Americano de Montevideo, por Gabriel Carrasco. Buenos-Aires, 1907. 1 folheto broc. 26×18. 26 pags. e illustrado. Offerta do auctor.

Veröffentlichte Briefe, Aufsätze and Werke, 1860-1907. Von prof. Dr. G. Schweinfurth. Berlin, 1907. 1 folheto broc. 25,5×17,5. 19 pags Offerta.

Verslag over 1893-1902. Benevens Naamtijst van directeuren en leden. (Zeeuwsch Genoocschap der Wetenschappen). Middelburg, 1906. 1 vol. broc. 23,5×14. 127 pags. Offerta.

Vida (A) Japoneza, por Wenceslau de Morres. Terceira serie des Cartas do Japão (1905-1906) com um prefacio do auctor. Porto, 1907. 1 vol. broc. 19×12,5. 470 pags. Offerta do auctor.

Villa (A). Folha semanal de Villa Franca do Campo. Villa Franco do Campo (Açores), 1904. 39,5×25,5. Offerta.

Vinification. Articles de Caves. Appareils & Materiel pour la Manutention des Vins en cercles et Mousseux. (Institut œnologique de Champagne). Paris, 1907. 1 folheto broc. 23,5×15,5. 86 pags. e indice. Offerta.

Werkloosheid door Stilting (A. J.) Amsterdam, 1907. 1 vol. broc. 22,5 15,5. VIII + 187 pags. Offerta.

White-Pine (The) Weevil by A. D. Hopkins. (United States Departement of Agriculture Bureau of Entomology. Circular N.º 90). Washington, 1907. 1 folheto broc. 23×14,5. 8 pags, e gravuras. Offerta.

Relatorios

Associação de Classe dos Empregados do Commercio da Covilhã. Gerencia de 1906.
Atheneu Commercial de Lisboa. Gerencia de 1906 1907.
Caixa de Soccorros a Estudantes pobres. Anno de 1906-1907.
Companhia Caminhos de Ferro de Benguella. Anno 1906.
Companhia da Zambezia. Gerencia de 1906.
Companhia do Nyassa. Anno de 1907.
Companhia Real dos Caminhos de Ferro Atravez d'Africa. Anno de 1907.
Liga de Defeza dos Interesses Publicos. Anno de 1906-1907.
Real Centro da Colonia Portugueza. Anno de 1906.
Real e Benemerita Sociedade Portugueza. Anno de 1906.

Errata

Na pagina do rosto d'esta 26.ª serie, em baixo, onde se lê a data de **1907**, deve [illegible] **1908**.

27. Série — 1908 N.º 4 — Abril

BOLETIM

DA

Sociedade de Geographia de Lisboa

FUNDADA EM 1875

SUMMARIO

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
Rua do Diario de Noticias, 110

1908

27.ª Série — 1908 N.º 4 — Abril

BOLETIM DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

Director, proprietario e editor—*Sociedade de Geographia de Lisboa*—Rua de Santo Antão—Lisboa
Composição e impressão na Typographia Universal
pertencente a Coelho da Cunha, Brito & C.ª — rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

S. THOMÉ

Conferencia na Sociedade de Geographia de Lisboa em 5 de março de 1908

Sr. Presidente.

Agradeço a V. Ex.ª as palavras amaveis com que me apresentou. De facto cheguei a fazer da Ilha de S. Thomé uma segunda minha terra natal, de tantas recordações ter ligado a montes e rios, ás agulhas de rocha e ás cascatas das torrentes...

Minhas senhoras e meus senhores.

Vou tomar um pouco do vosso tempo occupando-me da Ilha de S. Thomé.

Aspectos. — Enxergada do largo, apresenta-se quasi sempre coroada por uma enorme massa de nuvens carregadas, tapando-lhe as terras altas, ensombrando as montanhas n'uma atmosphera pesada, sombria, quasi até ao littoral. Por debaixo da grande massa de nuvens tempestuosas mal se distingue o contorno escuro das terras que não estão encobertas; e a vegetação compacta das montanhas e terras baixas não permitte um contraste de côr no amontoado de terra e ceu que o vapor tem pela prôa. Foi este o primeiro aspecto com que a vi, ha mais de oito annos, n'uma madrugada de julho, de bordo do velho *Angola* que já esqueceu o rumo de S. Thomé.

No meu desterro porém, logo a seguir, tive occasião de a apreciar mais alegre, mais extravagante, cheia de caprichos naturaes, de contrastes curiosos de fórmas, de luz e de vida.

Da bahia de Anna de Chaves, mesmo nos dias luminosos que seguem uma noite de chuva forte, ou de trovoada, a Ilha nunca é encantadora. Terras altas ao fundo recortam-se para a esquerda n'uns dentes de serra mal feita com os cabeços do Pico, do Anna de Chaves, do Cabombey, do Formoso Grande — uma perspectiva sem planos definidos, que o verde continuo e monotono da montanha não deixa sobresahir a disposição das cordilheiras a destrinçar distancias — e

para a direita continuam-se, a cahir abruptas para o mar, n'uma inclinação mais forte, pelas terras do Rio do Ouro, da Ribeira Palma e da Planca.

Do littoral até ao recorte no ceu, parece que a terra vae subindo gradualmente, augmentando sempre de inclinação, em superficie francamente conica a terminar na Lagôa Amelia, sem pregas por onde se precipitem torrentes, sem cumiadas por onde se adelgacem montanhas. E' um enorme tapete verde, mais claro nas terras baixas, mais sombrio e carregado nas terras altas, em aguada continua, sem sombras, sem claro escuro, n'uma transição suave de tinta.

E esta perspectiva invariavel na sua vegetação, verde todo o anno do mar ao Pico, que foi a nossa primeira surpreza, tão agradavel no Principe depois da desolação de Cabo Verde, torna-se pela sua persistencia de côr e falta de relevo, uma tortura para o desterrado na cidade, que tenha alma.

Mas n'uma viagem de circumnavegação, em manhã de sol, que aspectos curiosos e variados não apresenta a ilha! Por Sant'Anna vê-se logo o Maria Fernandes com o seu pennacho de nevoeiro alvadio e o Cantagallo abrupto a caminho dos Formosos. Navegando para o Sul, dos Angolares nota-se a agulha do Cão Grande, o massiço pesado, violaceo do Cabombey. Da Praia Grande, de S. Miguel, como é caprichosa a disposição das montanhas, erriçadas de agulhas — o Zagaia, o Queijo, o Cão Grande, o Cão Pequeno, o Maria Fernandes ... ao fundo o Charuto apontando para o ceu do meio da Ilha, mal distincto por entre os seus irmãos mais pesados!

A extravagancia do relevo da ilha attenúa a monotonia da vegetação que a cobre toda, e dá-nos a impressão de terra selvagem desde a praia até ás montanhas centraes. A tira estreita de calhaus rolados, por sobre a qual as ondas mal se dobram, sinuosa e recortada, assombreada de coqueiros e tamarindos, fica logo encostada á terra cultivada de cacoeiros, quando não dominada pela rocha núa talhada a pique sobre o mar, com a terra por cima, até á aresta da escarpa, vestida da prodigiosa vegetação equatorial. De vez em quando uma ponta de terra alterosa penetra pelo mar abrigando um porto. O nevoeiro a mudar o scenario das montanhas, ou a trovoada pesada diluviando os montes, emquanto o mar estanhado nos reverbera o sol ardente.

Orographia. — Mas para quê proseguir, sem vos mostrar como são esses montes que evoquei ha pouco?

Cão Grande. — O Cão Grande é uma agulha gigantesca com mais de 350 metros de altura; é uma pedra mais alta que a Torre Eiffel!

Teriamos de multiplicar por 11 a altura do maior obelisco que sahiu de Thebas, dando-lhe um pouco mais de 200 metros de diametro na base e 80 metros junto do topo, de arredondar-lhe as arestas, collar-lhe umas trepadeiras nas rugosidades, dar-lhe umas asperesas na base e na superficie cylindrica, continuar a deixal-o bem de prumo, e teriamos mais ou menos prompto o Cão Grande.

Haviamos de dobrar a altura do monumento de Washington, e depois ainda fazel-o maior, para o collocarmos a par do Cão Grande.

E esta agulha é d'uma pedra só! Quantas vezes, olhando para ella, eu não scismei no arranco brutal da natureza para assim a adelgaçar atravez do terreno, e no conjuncto de forças que sobre este e aquella foram actuando até que a deixaram com a fórma que hoje tem!

Quem me diria a mim que havia de vêl-a, como enorme para-raios, fustigada pelas faiscas das terriveis tempestades do Sul da Ilha!

O topo do monotilho tem 673 metros de altitude. Muito mais alto que a serra de Cintra; a mais de um terço da altura da nossa serra da Estrella.

E' uma bella columna. Não ha menhir, nem chaminé de fabrica para se lhe pôr ao lado.

E para que a Ilha seja verde por toda a parte, até a pedra tem vegetação em grandes manchas.

Apresenta-se sempre mais ou menos cylindrica: é porém das terras do centro da Ilha, a caminho de Villa Verde, que ella é mais regular. De S. José da Praia Grande, de Novo Brazil, isto é, de sudéste a sudoeste da Ilha, apresenta-se com a base um tanto dilatada e com o topo mais adelgaçado.

Vê-se de todo o Sul da Ilha. E' muito curioso do Cabombey, na perspectiva da Praia Grande: são duas pontas de terra pelo mar dentro, a columna levanta-se alterosa a projectar-se no mar, como se fosse um pharol altissimo.

Cão Pequeno. — O Cão Pequeno é outra columna de pedra levantando-se obliqua nos montes do Portinho. Tem 390 metros de altitude. Sem as dimensões imponentes e regulares do Cão Grande, não deixa de ser muito interessante: e um oculo de alcance regular nota-lhe uma pequena pedra appoiada no topo. E' a marca natural das minhas referencias topographicas. Dista do Cão Grande cêrca de 4.160 metros.

Maria Fernandes. — O Maria Fernandes é o morro mais interessante de sudéste da Ilha. E' uma enorme pedra a nú pelo lado de sudoeste, acompanhada de terra até á orla do topo pelo nordéste. Em manhãs claras vê-se da Ponta da Fortaleza, na cidade, sobresahindo arredondado e escuro á perspectiva das terras do littoral.

Zagaia. — O Zagaia tem a fórma terminal do ferro de lança, o que lhe valeu o nome. E' uma agulha interessante das terras de S. Miguel. Está na região das maximas chuvas; e por isso, antes das grandes derrubadas e ainda hoje, apparece no scenario constantemente irrequieto do sul da Ilha, vestido de floresta até á base, perfurando as nuvens com o seu topo.

Cabombey. — Perto, mais para o interior, está o Queijo, um grande calhau de nome significativo da sua fórma. No centro o Cabombey com 1.400 metros de altitude, dominando pesadamente todo o sul da Ilha. Tem a fórma regular de monte, sem agulha de pedra a dominal-o. Dista da cidade 26 kilometros e meio, e o seu topo vê-se de lá no recorte do ceu limpo, para a esquerda do Anna de Chaves, quasi na direcção do Formoso Pequeno.

Pico. — Arrumado a oeste da Ilha, com 2.023 metros de altitude, está o Pico de S. Thomé. Cahe para o mar, do qual dista apenas

6.480 metros, d'uma maneira abrupta; e liga-se á cumiada principal da Ilha nas visinhanças da Estação Souza.

Só com estes elementos de descripção vemos já como será interessante. E' a serra da Estrella, um pouco mais alta, posta com o topo na vertical de Campolide, fazendo do Tejo, na Praça do Commercio, o mar do Equador!

Não tem a fórma adelgaçada em cone do Pico de Teneriffe, nem como elle se apresenta coberto de neve. Termina, pelo contrario, d'uma fórma alongada, com uma sella e está todo coberto de arvores, entre as quaes algumas quinas enfezadas. E' deveras curioso avistado da costa occidental da Ilha, das Neves a S. Miguel.

(Não tem neve; mas já vi cahir saraiva lá, no dia 28 de janeiro de 1904, ás tres horas e meia da tarde).

Charuto.— Entre o Pico e o Cabombey, na cumiada que d'este vae á Estação Souza, levanta-se o Charuto, cujo topo está a 1.356 metros de altitude. E' uma linda agulha, a mais central da Ilha, na região menos accessivel.

Formosos.— Na cumiada do Cruzeiro, entre o R. Ió Grande e o R. Abbade, salienta-se o Formoso Grande, o Formoso Pequeno, a Peninha, e na encosta do Ió o Occulto, agulhas de pedra de fórma mais ou menos caprichosa.

O Formoso Grande apresenta-se, visto da cidade e terras do norte da Ilha, um tanto como o Maria Fernandes visto de Villa Verde. E' todo de pedra. Passando-se encostado a elle, da banda dos Angolares, como é talhado a pique, parece que as grandes rugosidades, constituidas por enormes calhaus de basalto fendido, vem despenhar-se sobre a nossa cabeça.

No fundo da bacia de Ió, opposto á divisoria do R. Contador, levanta-se o Pico Anna de Chaves.

E agora que já sabemos o aspecto dos montes principaes, vamos dispol-os na Ilha.

N'esta carta a 1:40.000 reuni os meus trabalhos topographicos. Está estudada a topographia da Ilha desde a Ponta da Maria Apolinaria, ao norte da Foz do Rio do Ouro, por Monte Café, Lagôa Amelia, Pico, Cumiada do Morro Lembá, á Ponta Furada, isto é nas roças Rio do Ouro, Monte Café, Diogo Vaz e Terras de Santa Catharina, mais o terreno das roças Bella Vista e Valle Flôr.

Alguns cursos de agua — o Ió e seus affluentes principaes, parte do R. Mello e R. Manoel Jorge, pontos do R. Quija e seus affluentes — e muitos montes tambem estão definidos por mim.

A triangulação começa no Ilheu das Cabras e vem atravez do Pico terminar no Cabombey e Ponta Furada.

Aqui arrumemos o Cabombey com base forte e com os seus 1.400 metros de altitude. Ali o Pico, a ligar-se pela Estação Souza á cumiada do Calvario e á cumiada Charuto-Cabombey. Ponhamos aqui o Anna de Chaves; acolá o Zagaia. A chaminé da fabrica, o Cão Grande, vá para aqui; para ali, um tanto inclinado para o centro da Ilha, o Cão Pequeno. Fique ao norte a Lagôa Amelia, sem agua, sem

.xes, sem barcos... sem ser lagôa emfim, mas como um bello resto caldeira vulcanica. E vamos dispor em linha pela cumiada fóra o xculto, a Peninha, o Formoso Pequeno, o Formoso Grande; lá em iixo, depois da Botija e Godins, o Cruzeiro; junto do mar a Fra- :rnidade.

Arrumemos aqui para o norte o Moquinqui, lindo cone vulcanico solado nas terras baixas do Rio do Ouro. O Mongo, outro cone de lava, fique no começo das terras de Monte Café. O Cantagallo passe para as terras de Agua Izé, por aqui pouco mais ou menos.

Agora é facil relacionar os montes. A primeira coordenação geral revela-nos uma alterosa cumiada, do Calvario á Estação Souza, ligada d'ahi ao Pico, excentrico á divisoria principal da Ilha, e infle- ctida para o sul pelo Charuto e Cabombey. Como resultado d'esta disposição vem a excentricidade para oeste das grandes eminencias da Ilha. O Pico, da vertical, dista apenas 6.480 metros da costa occidental nas immediações da foz do R. Paga Fogo, e cêrca de 18.800 metros da costa oriental, n'uma linha pelo norte do Maria Fernandes: distancias minimas.

Eis um corte da Ilha pelo parallelo do Pico, schematico do Calvario para léste. Melhor se nota n'elle a excentricidade a que acabei de referir-me: 7.840 metros do Pico para Oeste; 23.560 metros para léste.

Do Calvario, a corresponder á cumiada do Charuto na delimitação da bacia do Ió Grande, segue a divisoria pela Peninha ao Formoso Grande, d'onde se inflecte mais para o sul, para ir pelo Cruzeiro aos montes da Fraternidade. Isto é, a cumiada principal da Ilha delimita as nascentes do Ió e seus affluentes das aguas de oeste e sul da Ilha.

A Lagôa Amelia póde considerar-se como vertice da região conica de nordeste da Ilha, entre o thalweg do R. do Ouro e o thalweg do R. Abbade.

O Formoso Grande, como vertice do pequeno sector de léste, do thalweg do R. Abbade á cumiada da Fraternidade, interessando radialmente a divisoria esquerda do Ió, pelo Botija e Cruzeiro.

O Cabombey e a cumiada que d'elle se estende até ao Homem da Capa repartem para léste e oeste as aguas do Sul. A cumiada do Zagaia ao Cabombey e a do Morro Lembá delimitam lateralmente a bacia do rio d'este nome.

As vertentes do Pico cahindo para oeste abruptas e desdobradas.

Pormenorisando um pouco, nota-se que o sector do norte da Ilha não apresenta agulhas de rocha, mas, pelo contrario, está crivado de restos de vulcões apagados: o Moquinqui, o mais perfeito cone de lava que tem a Ilha, junto de Guadalupe nas terras da roça Rio do Ouro, o Maclú, o Sacli, o Monte Macaco, o Monte Sameiro da Pinheira, as Caldeiras de Riba-Longa, o Mongo, o Caldeirão da Bemposta, o Monte das Quinas, o Morro Bandeira da Bemposta, a grande depressão de S. Pedro, as terras da Esperança (do Monte Café) a Lagôa Amelia.. De modo que contrasta flagrantemente com o terreno cavado, corroido do sul da Ilha, e cheio de agulhas de basalto,

aquelle sector do norte, a subir em cone para o vertice da La§
que tem 1.485 metros de altitude, e dista 17.850 metros da Fo
leza da Cidade.

Alguns cones vulcanicos estão quasi intactos: o Moquinqui,
exemplo, a Caldeira Grande da Riba-Longa, o Caldeirão da Bemp(
e a Lagôa Amelia.

Afóra este sector todo o resto da Ilha é caracterisado pelas (
sões profundas que soffreu, e pelas agulhas de rocha que attestai
enorme actividade dos agentes physiographicos. N'um ponto ou n
tro — a grande assentada da Ribeira Peixe e a que separa o R. M
tim Mendes do R. Umbugú pelo centro dos Montes de D. Augu
— grandes mesas de lava mal decomposta mostram que o sul da I
foi attingido pelo mesmo processo physiographico que o norte,
bora n'elle tenha dominado a intrusão sobre a erupção, que pre
mina no norte.

Por toda a parte, nas encostas asperas dos rios, nota-se a sol
posição das camadas de lava e basalto.

E' muito natural até que tenham edades muito differentes os
versos pontos da Ilha, ou que os phenomenos vulcanicos tenham s
cedido em ordem irregular, o que, com a distribuição climaterica,
plica o predominio da acção da agua e da intrusão no sul da Ilha
da erupção no norte.

As grandes erosões que a rocha altissima do Cão Grande, o
ria Fernandes e as agulhas dos Formosos, com as bacias profun
de todos os rios, manifestam, porque é que não bastaram sequer p
desfazer os amontoados vulcanicos do norte da Ilha? — O fact
que os sulcos profundos do R. do Ouro e da Agua Coimbra, dos
Manuel Jorge e Abbade, deixaram quasi intactas as caldeiras vu
nicas. O estudo das fórmas topographicas, com o da actual distril
ção pluvimetrica, parece mostrar que a edade mais recente das
madas superficiaes do norte da Ilha e a muito menor intensidade
chuva foram os motivos por que o sector de nordeste se aprese
muito pouco sulcado e corroido.

N'um ponto ou n'outro da costa occidental: na Rosema, na P
nha, na Ponta Diogo Vaz, na Ribeira Moça, apparecem camadas
calhaus rolados, cimentados com argilla e areias lavicas, alluv
originarias da erosão das terras altas do occidente da Ilha, qu
tambem devida a depositos maritimos e calhaus das praias desl(
dos por diastrophismo ou phenomenos vulcanicos. A ponta Di
Vaz, vista do mar, é o sitio mais azado para se observar a sobre
sição das camadas de basalto, de alluvião e de lava.

N'um ou n'outro contraforte, pelo conjuncto de phenomenos g
logicos, a cumiada apresenta-se como verdadeiro *dike*. Alguns
mais caracteristicos são: a divisoria entre o R. Maria Luiza e o
An'Ambô, a cumiada do Morro de S. João, na Ponta Furtada,
cumiada Lagôa Amelia — Calvario.

Deixando porém este assumpto das fórmas topographicas da Il
que tão longe me levava e tão obscuro ficaria sem uma carta mi
ciosa, vejamos a distribuição dos rios, para completarmos o est
de relance da sua chorographia.

Hydrographia.—A Ilha de S. Thomé está recortadissima de torrentes. A bacia principal é a do Ió Grande. Pude topographar este rio até á altitude de 726 metros, n'um percurso superior a 17 kilometros, onde existe a primeira cascata propriamente dita. (Este ponto dista 15.600 metros em linha recta horizontal do ponto inicial da medição que fiz). E' perto da Peninha, já muito na visinhança da cumiada do Calvario, ao pé das Escadas.

[O Calvario é um monte que fica na cumiada da Lagôa Amelia Estação Souza: e as Escadas do Calvario a passagem estreitissima e asperrima que lhe constitue a escarpa do lado do Pico. O caminho do Pico passa pela cordilheira, e por isso desce as Escadas. A passagem em alguns sitios só terá 50 centimetros de largura, se tiver; e o terreno cahe logo a mais de 45 graus. De modo que não se presta a temperamentos nervosos.]

A' altitude de 600 metros ainda avistei um caranguejo; e a 480 metros o ultimo camarão muito grande (fins de julho de 1903, gravana).

E' uma das curiosidades de S. Thomé pescar camarão na serra: n'este caso a uma altitude maior que a do Palacio da Pena. A verdade é que elle, com o charroco, sobe as torrentes da Ilha até altitudes muito elevadas. Lembro-me bem do dia em que almocei sobre a Perna do Diabo, uma ponte—que—Deus—fez [1] no R. Quija, junto de Villa Real, a ver o peixinho subir, como uma fita enorme de corpo vivo, a pedra humida da cascata, d'um e d'outro lado, bem encostado á agua a despenhar-se.

Surprehendeu-me aquelle processo especial de vencer 8 e 12 metros de rio a pique, e a teimosia da lucta pela vida que a grande massa dos pequenos seres revelava.

Imagine-se um amontoado semi-pastoso de milhões de corpusculos de dois centimetros de comprimento, estirado em fita continua côr de castanha d'um e d'outro lado da torrente, na rocha humedecida, como se fosse uma cobra indefinida, achatada de encontro a ella. A fita, de perto vê-se deslocar lentamente, com a velocidade de 40 centimetros por minuto, sempre a subir com movimento uniforme, sempre interminavel, sempre d'um castanho escuro, reluzente ao sol. De vez em quando despega-se d'aquella trepadeira viva uma mão cheia de peixes que cahem na torrente: os de traz cobrem logo a depressão da fita, e ella continúa a subir intacta, sem se notar a falta dos vencidos. E é assim, desde pela manhã até á noite, e desde a noite até pela manhã, um destilar continuo de milhões de corpos vivos, sempre a subir, uns por cima dos outros, collados em massa, como se fosse um todo de pequenas coisas que oscillam e se arrastam com um barulho especial, como de muitas mandibulas de insectos a roer folhas.

Nem sei quanto tempo e em quantos dias observei aquella lucta pela vida, aquella união de esforços, tão persistente, tão afincada.

E quantas vezes não fugiam elles de mim, despegando-se em grandes chapadas da parede de rocha humida, cahindo aos milhares na base do immenso degrau que já levavam quasi de vencida, quando eu

[1] Em S. Thomé, ponte que Deus fez é uma ponte natural constituida por uma rocha que atravessa o rio, e por debaixo da qual passa a torrente em cascata. Ha uma na Saudade, outra no Rio do Ouro, em Riba Longa.

apparecia na crista d'uma cascata, depois de ter suado valentemente para lhe vencer as margens escarpadas!

E chegava a ter pena d'aquelles pobres animalculos que nasceram talvez na grande bacia espelhenta de Monte Rosa, tão linda e calma, e que vieram atravez de perigos, fugindo á caça brutal que os homens lá em baixo lhe davam, rio acima, em busca das paragens frias do obó, dos penedos disformes do curso superior do Quija [1].

Vencida a crista da cascata aquella fita que vem a deslisar e a subir, descolla-se da rocha, alastra-se pela agua, e cada pequeno peixe vae só a nadar pela torrente acima, aproveitando aqui e acolá a adherencia da ventosa para se firmar ás pedras, n'algum rapido que o queira derivar rio abaixo.

Que trabalho enorme subir assim a grandes degraus de 10 a 20 metros, e a grandes patamares inclinados a enorme altitude de 300 a 500 metros em busca de um refugio!

Mas vamos aos rios.

Topographei depois o R. Anna de Chaves até á cascata (268 metros de altitude). Ainda tem charroco nas immediações d'este ponto.

Fui talvez a primeira pessoa europêa que viu a cascata do R. Anna de Chaves. O sitio não é muito convidativo; as margens, perto d'ella, são apertadas, a pique, e apresentam signaes de desmoronamentos recentes. Havia nevoeiro, um ar de pesadelo em tudo, que nos dava a impressão de que iamos ficar esmagados no leito da torrente, debaixo das margens prestes a derruir. A vista da cascata — uma enorme massa de agua a cahir vertical n'uma bacia profunda contornada de pedras, por entre as quaes se escapa sem trasbordar — o tom verde esmeralda da taça junto do perimetro e a côr de sepia carregada no centro, d'onde, no contorno da massa a mergulhar, se levantam jactos enormes de agua espumosa, com o barulho ensurdecedor, dão-nos uma impressão desagradavel. Um olhar attento para o sulco profundo por onde a agua desce antes de se despenhar, o kodak em acção... e larga rio abaixo.

Subi grande parte do R. Umbugú em 1901, entre a altitude de 160 e 960 metros, até á base do Cabombey.

Note-se em quão pequeno percurso o rio desce 800 metros. Pois se d'um salto só elle vence quasi 300 metros! N'esse fundo de sacco que tinha na minha frente — as margens talhadas a pique só me deixavam duas varas do ceu — o rio despenha-se pulverisado...

Mas deixemos as minhas impressões.

A bacia do Ió começa a ser delimitada pelo sul nas terras de D. Augusta; depois pela assentada entre o R. Martim Mendes e o R. Umbugú, pelo norte de S. José, a qual vae ligar-se á divisoria Quija-Umbugú a caminho do Cabombey. D'aqui segue a divisoria pelo Charuto e Estação Souza ao Calvario. De lá aos Formosos, Cruzeiro e Fraternidade. Como vemos, occupa uma area consideravel da Ilha.

---

[1] O angolar e o indigena apanham muito peixinho com um apparelho feito de *andala*, chamado quissacli. Secca-o ao fumo em folhas de bananeira.

Acontece apanhar n'um dia muitos cestos cheios, como tantas vezes vi na Fraternidade, quando regressavam do Ió para S.ta Cruz dos Angolares. Em algumas roças os serviçaes, ás vezes em numero superior a 100, téem chegado a tomar algumas rações exclusivamente de peixinho...

O Ió nasce por léste das Escadas do Calvario. O R. Anna de Chaves nasce entre o Morro Anna de Chaves e o Pinheiro, recebendo aguas tambem da base da Estação Souza.

(Ha uma divergencia de baptismo nos affluentes do Ió: a carta geral da Ilha, se um dia fôr executada, tudo esclarecerá).

Por oeste não ha nenhum rio a corresponder ao Ió em toda a cumiada central, nem isso era natural, dada a excentricidade das eminencias orographicas.

A bacia do R. Lembá é limitada pela cumiada do Zagaia pelo Cabombey ao Charuto; d'aqui pela cumiada do Morro Lembá. Pude medir este rio até á altitude de 273 metros, ficando este ponto a 4.500 metros do Pico. Note-se a elevação de 2.023 metros d'este vertice, e a exigua altitude do thalweg.

Por oeste da Ilha, do R. Lembá para o norte, ficam os rios Cantador, Paga-Fogo, Ribeira Moça, An' Ambô, Maria Luiza, umas insignificantes aguas de Monteforte e Generosa, e depois o R. Contador.

O R. Cantador nasce entre o Charuto e o Pico. Medi-o até 382 metros de altitude. Ahi passa elle em tunnel por debaixo de um enorme calhau que, tendo-se despegado das encostas, ficou entalado entre as margens escarpadissimas, da banda de cima de uma pequena cascata. Mais do que no rio Lembá, é para notar a profundidade a que corre n'este ponto: a vertical do Pico dista apenas 3.440 metros; ha assim uma differença de 1.641 metros de altura para aquella pequena distancia.

Bem applicado está o nome de Cantador. O thalweg é uma escada continua de cascatas: com uma cheia o rio faz um barulho enorme.

A queda do Pico para as nascentes do Cantador é enorme. Affeito, como estava, a olhar muitas vezes para 200, 300 metros de depressão talhada a pique a meus pés, tive uma verdadeira impressão de receio quando do Pico olhei pela primeira vez para a caldeira da nascente do R. Cantador. O nevoeiro tinha voado n'um levantar de panno: a meus pés, sem mais planos que o das hervas amarellecidas que o vento a subir deslocava uns 40 metros mais abaixo, via-se muito longe, quasi na vertical, o tapete verde sombrio da floresta, todo egual, sem uma arvore mais apparente na massa de verdura — tamanha é a distancia — e sómente a destacar-se n'elle umas pedras, que deviam ser colossaes, mas que pareciam uns pequenos calhaus rolados a orlar o leito d'um fio de agua — o Cantador — cuja musica chegava até mim. A queda deve ser de 800 metros, se não fôr maior [1]!

O sol brilhava a pique no ceu que a trovoada lavára. O Charuto elevava-se na muralha da encosta do outro lado. Por sobre o abysmo brincava nos ares, á minha altura, a 2.000 metros, um casal de pombos bravos. Que vista selvagem!

Subi o R. Paga-Fogo até 250 metros de altitude, a Ribeira Moça até 382 metros, o R. An' Ambô até 400 metros e o R. Maria Luiza até 150 metros de altitude. Note-se a divergencia em terras de Diogo Vaz do R. An' Ambô e Ribeira Moça, inicialmente muito proximos,

---

[1] Quasi 13 vezes a altura da ponte D. Maria Pia no Douro.

devida á elevação do Molundo de origem eruptiva. Não menos curiosa é a cumiada entre o R. Maria Luiza e o R. An' Ambô: as encostas são talhadas quasi a pique.

As medições d'estes rios foram até onde o tachymetro W.-Fennel poude subir. O leito das torrentes já era estreitissimo e aspero, e cheio de vegetação; as miradas insignificantes.

Na planta da Roça Diogo Vaz a 1:5.000, que com as das roças Rio do Ouro, Bella Vista e Valle Flôr tive ensejo de executar em 1905-1906, vemos bem o curso d'estes rios. Como seria util ter a Ilha toda topographada! Com uma carta assim pormenorisada póde-se estudar todos os melhoramentos a introduzir na viação, na irrigação, etc., d'uma fazenda; e evitava-se os traçados a olho dos caminhos de ferro e os colossaes disparates de viação que abundam em S. Thomé.

Toda a cumiada da Lagôa Amelia ao Pico, por oeste, interessa ao R. Contador, que pude topographar desde o Rebordello (480 m. de altitude) até ao Caldeirão de Ponta Figo (196 m.) n'um percurso de 3.400 metros.

Tendo tido ensejo de trilhar as cumiadas mais alterosas da Ilha — de Villa Verde ao Cabombey, do Cabombey a Villa Real, da Lagôa Amelia ao Pico, do Pico por Monte Castro até ao mar, de Diogo Vaz ao Monte das Quinas, do Formoso Grande ao Formoso Pequeno, da Graça ao Morro Lembá, da Ponta Furada pelo Morro de S. João e atravez das encostas do Bindá até ao Morro Irene — attingi tambem o coração da Ilha pelos thalwegs das torrentes, até onde o tachymetro poude subir. Só nunca puz uma estaca no R. Abbade.

Das Neves ao Guadalupe, por oeste, ha umas pequenas aguas — o R. Pro-Vaz, o Ribeira Funda, a Agua Castello, todas ellas muito interessantes pelas erosões nas encostas.

Depois o Rio do Ouro, de que a planta a 1:5.000 da fazenda d'este nome mostra grande parte da bacia da esquerda, oriundo das terras da Lagôa Amelia, e o R. Abbade, que nasce entre a Lagôa Amelia e o Calvario, em erosão profunda, véem divergindo e limitando o sector conico do nordeste da Ilha, que é sulcado logo pelo R. Manoel Jorge, depois pela Agua Grande, R. Mello, R. Diogo Nunes e Agua Clara Dias.

No sector de léste uns pequenos rios — Agua Izé, Ribeira Affonso, Micondó, Angra Toldo, Ang'Obó, Coimbra e S. João. E d'um e d'outro lado da cumiada que do Homem da Capa vem ao Cabombey, symetricamente, o Miová (do Cão Pequeno) e Zaviana; Mussacavú e Cahué; Quija, com os seus affluentes Chuf-Chuf, Maiango e Diogo Pena, tomando aguas do Zagaia ao Cabombey; e por léste a Ribeira Peixe e o R. Martim Mendes.

Falta apenas mencionar os pequenos rios do sector de sudoeste, com vertice no Zagaia: o R. Edgar... o R. S. Miguel.

Temos assim uma ideia geral da disposição oro e hydrographica da Ilha de S. Thomé.

Trabalhos topographicos. — Mas quantas fadigas, quantas pragas, primeiro que podesse encadear os montes e distribuir as aguas,

primeiro que medisse as altitudes do terreno e determinasse as dis-distancias entre montes e valles!

Longe de mim o horror de querer explicar-vos topographia; mas os que não são do officio, não fazem bem ideia do trabalho que dá a confecção d'uma carta topographica de paiz desconhecido e de mais a mais no Equador.

Na quasi totalidade os meus trabalhos topographicos foram feitos de empreitada: para auxiliares, serviçaes de Angola; raras vezes era acompanhado por ajudante europeu. De modo que todo o trabalho, desde o armar da barraca de lona e da confecção das minhas refeições de selvagem, até ao ajustamento da triangulação e promenores topographicos, eram dirigidos, quando não exclusivamente executados por mim, como foram todos os calculos e desenhos. Para cumulo de desfavores o clima equatorial, quente, muitas vezes abrasador, chuvoso, inconstante, tempestuoso, e o nevoeiro aterrador a bloquear-me n'um vertice dias e dias. Basta dizer-se que só para medir a base, trabalho que se fez de noite, e os angulos da minha limitada rede de triangulos, gastei 8 mezes. Muitas vezes gastei 8 a 12 dias na occupação d'um vertice de triangulação para fazer o serviço de 3 ou 5 horas. E trabalhei quasi sempre no tempo das chuvas, na quadra mais favoravel para observar.

Quem trabalha aqui em Portugal, n'este bello clima, não faz ideia das difficuldades que se encontram na topographia de S. Thomé. Lembro-me ainda do desespero dos ultimos dias passados no Pico, em agosto de 1906, na transição para as chuvas.

O meu serviço limitava-se a marcar um azimuth, o que demoraria 5 minutos. Esperei cinco dias desesperadores que o tempo limpasse um sector da Ilha onde tivesse um signal de triangulação, sentado desde pela manhã até á noite na caixa do theodolito, com este sempre armado em cima do tripé, ora abrigando-me com a capa de borracha, ora debaixo do immenso guarda-sol serrano.

O signal mais perto era o das Quinas de Diogo Vaz a 1.212 metros de altitude e a 1.970 metros do Pico: a dois passos, como vêem.

Todas as manhãs antes das seis horas partia d'onde foi a casa do Pico, a 1.931 metros de altitude, onde acampára com receio de que alguma trovoada forte me levasse pelos ares a barraca, se a puzesse junto do signal, e subia apressadamente os 92 metros, em cerca de vinte minutos, até ao vertice da Ilha; armava o instrumento, que lá tinha passado a noite nas caixas cobertas de capim, sentava-me na caixa maior e ahi estava a olhar para o nevoeiro a meus pés, não vendo nada além d'uns vinte metros do raio, tendo como unica distracção as observações do thermometro e do barometro, e a convivencia rara d'algum passarinho affeito áquellas paragens. Os tres pretos meus companheiros aqueciam-se das gotas frias que os apoquentavam na subida (que sensação desagradavel na ascenção penosa!) a um fogo de troncos de quina que eu cortára havia dois annos, quando fizera a triangulação. E eu perguntava a mim mesmo: quantas vezes ainda tenho de subir o Pico d'esta feita? Voltarei ainda a estas paragens?

O primeiro dia foi todo de anciedade, que o ceu estava revolto e dava esperanças de limpar. Mas em vão. Depois resignei-me. Cada

dia perdido era uma nova ascenção em perspectiva para a manhã do outro á hora do nascer do sol: a chuva fria, a 11 graus centigrados, a perfurar-nos o fato, a lama do terreno, o capim alto e molhado, e aquelles 30 metros a pique, no meio do caminho, escalados de mãos e pés bem firmes ás raizes das arvores, que haviam de ser vencidos em dois saltos pelo theodolito mais o Camella na abalada do ultimo dia...

Nem ao menos ao sol posto, antes da retirada de todos os dias, o ceu apresentava aspectos lindos. Só um dia por pouco não fui assaltado pela noite no Pico, por causa da paisagem.

Ás cinco e meia começou a limpar, e em poucos minutos, n'um rapido mudar de scenario, tinha a meus pés em toda a volta, dos confins do horizonte indefinido dos dois mil e tantos metros de altitude até vinte metros de mim, uma enorme geleira alvissima, chã, de nivel, deslocando-se suavemente para oeste, cheia de ondulações e sombras delicadas ao largo, a nordeste. Sobresahindo a esse mar branco não agitado, *unica mancha de terra*, estava apenas o topo do Pico a meus pés com uma extensão menor que trinta metros, em oval irregular, com uns pinheiros esganiçados e umas arvores de aspecto extranho; o signal da triangulação com o quadrado branco, como se fosse a vela da jangada mysteriosa d'esse mar phantastico. O sol a dois palmos acima do horizonte, todo radiante n'um ceu de chumbo cortado de fresco, muito extravagante, sem uma nuvem, sem o minimo tom avermelhado de crepusculo; e Venus atraz d'elle a caminho do occidente, destacando-se muito bem como estrella brilhante no ceu plumbeo [1].

Para léste a sombra do Pico muito esguia no mar de nevoeiro, sombra que parece que tem legoas de extensão, a terminar em bico aureolado por um resplendor de arco-iris, como se fosse a cabeça de um santo. Uma especie de illusão de que esse canto de terra com arvores musgosas e disformes ia a navegar na geleira tão suavemente como se deslisasse em mar estanhado. E por sobre tudo isto um silencio que não se exprime, a lethargia enorme da natureza que vae dormir debaixo do lençol branco do nevoeiro...

Dimensões da Ilha. — A Ilha de S. Thomé, por assim dizer, é um palmo de terra. Um canhão de 16 pollegadas collocado na Fortaleza da cidade, atiraria uma bala por cima do Pico a cahir na Ponta Furada. Serão 33 kilometros e meio. Um automovel iria n'uma hora de Fernão Dias ao Homem da Capa em boa estrada de cintura.

A Ilha terá de comprimento menos que a distancia de Lisboa a Azambuja, ou de Lisboa a Vendas Novas — 47,5 kilometros; de largura a de Lisboa a Alverca — 27 kilometros, e uma area menor que 1.000 kilometros quadrados.

Apezar d'isso gastei 7 horas, a andar sempre, do Pico á casa do Diogo Vaz, sempre a pé, uma hora por kilometro em linha recta horisontal (7,2 kilometros).

[1] Cheguei a vêr o planeta Venus ás quatro horas e meia da tarde, das immediações do Pico. O sol põe-se ás seis horas.

Os caminhos e trilhos são pessimos: o terreno é excessivamente accidentado e desdobrado.

Para ir da cidade a Villa Verde gasta-se um dia a cavallo: é menos de metade de um percurso de cintura. E ainda ha dois annos não era possivel tornear a Ilha a cavallo, pois não havia ligação da Burnay, em S. Miguel, com o Bindá, na costa occidental da Ilha.

A ascenção do Pico pelo Calvario ou pelo Monte Castro não exige menos de cinco horas a pé; a ascensão do Cabombey não se faz em menos de um dia com bom tempo. Eu subi-o em quatro dias, sempre debaixo de chuva.

Mas se a Ilha é um palmo de terra, é tambem um torrão prodigioso no clima, na riqueza florestal e agricola.

Clima — Está no Equador, isolada do golpho da Guiné, a pouco mais de 200 kilometros da terra firme, para que não sinta como dominadora a influencia d'esta. Está no mar das calmas equatoriaes — doldrums. Do sul a corrente de Benguella vem trazendo agua que vae aquecendo na marcha para o Equador, e que nas alturas da foz do Zaire se espraia a caminho da grande corrente equatorial do Sul e da corrente do Brazil. Do norte a corrente da Guiné vem aquecer-lhe o mar, dobrando pelas costas da Liberia aos Camarões. A Ilha de S. Thomé fica assim n'uma região maritima de corrente incerta, ora dominando do norte, ora correndo do sul; em todo o caso n'um mar calmo e quente, enchendo a atmosphera de humidade.

Do sul vem constantemente o vento superficial varrendo o grande mar aquecido, saturando-se de agua á medida que caminha para o Equador. Encontrando a alterosa montanha transversal do Cão Pequeno ao morro Castro, quando de sudoeste, do Cão Grande ao Pico e Cantagallo, quando sopra de sudeste, deixa formar as grandes nuvens pesadas pela condensação nas terras altas; e eis como ao factor orographico muito importante, juntando-se o factor florestal, se explica a permanencia da chuva nas terras centraes da Ilha.

E', sem duvida, o predominio do vento sul, mais a configuração orographica excentrica — o Pico e as mais altas cordilheiras e contrafortes muito ao occidente, e além d'isso, como que uma dupla muralha transversal ao vento: a cumiada do Cabombey ao Pico e a cordilheira do Cruzeiro — bem como a distribuição irregular da floresta e o predominio d'ella n'aquellas terras occidentaes, que dá uma tão desegual distribuição pluvimetrica na Ilha, e arrasta para o sector de sudoeste o ceu quasi permanentemente carregado, que do começo da gravana ao fim das chuvas caracterisa as terras desde o Morro Irene pelo Cabombey a Villa Verde. No Zagaia chove diluvialmente; no Uba Budo faz estiagem.

O vento de sudoeste é o mais desvantajoso ás terras de entre o Mussacavú e o Bindá. O massiço do Cabombey, acompanhado para o sul pelo espinhaço da Ilha, para oeste pela cumiada do Queijo ao Zagaia e para o norte pela grande cumiada do Charuto e terras elevadissimas do Pico, todas vestidas de floresta, produz condensações enormes e aquelles dias de chuva diluvial e ar frio e humido que mataram as plantações desde Monte Rosa a Riba Quija.

Era de prever, e não, me enganei, que a correcção do factor florestal seria importante para melhorar o clima de sudoeste da Ilha a ponto de se tornar propicio para a cultura do cacoeiro. O processo physiographico que contribuiu para o empobrecimento d'aquelles terrenos pelo diluvio constante a que estiveram submettidos, deixando sobre o esqueleto de rocha apenas uma delgada camada de terra sáfara, continúa ainda, attenuado apenas; e será sempre uma terra desfavorecida para as culturas equatoriaes o sector de sudoeste da Ilha. Pena foi que um ligeiro estudo não tivesse evitado a perda de tanta actividade e de tanto dinheiro em arroteamentos hoje de todo abandonados.

Foi longo o processo de estudar uma feição do problema cultural d'aquelle sector da Ilha. A experiencia mostrou emfim que, se o cacoeiro sobe no norte da Ilha até á altitude de 800 e mesmo 850 metros, como no Morro Vigia do Rio do Ouro e no Chamiço de Monte-Café, embora já em más condições agricolas, e póde ser cultivado ainda por 500 e 600 metros nas terras de Monteforte e Ponta Figo, no sector de sudoeste, pelo conjuncto de circumstancias geo-climatericas, mal se poderá ultrapassar a altitude de 350 metros em terras abrigadas do sul para uma producção remuneradora. O excesso da humidade atmospherica inherente á feição especial d'este sector e á configuração e orientação da Ilha, exclue a cultura do cacoeiro, do cafeseiro e até da bananeira de uma grande parte dos terrenos de entre o Mussacavú e a cumiada do Queijo. Hoje começa novamente a floresta a vestir, como estavam, aquelles terrenos, e a corrigir por certo modo as perturbações climatericas que as grandes derrubadas dos Angolares e de toda a Ilha n'estes ultimos oito annos trouxeram. E' o unico bem que tantos prejuizos e males nos legaram, bem que então existia de graça.

Deixando, porém, a questão climaterica que tomaria muito tempo, se commettesse o delicto de desenvolvel-a, embora só com os escassos elementos de que disponho, registemos que na pequena extensão da Ilha ha uma diversidade enorme de clima: emquanto registamos 11 graus centigrados desagradaveis no Pico nas manhãs da gravana ou das chuvas, a cidade derrete-se a 28 ou 33 graus á sombra; emquanto o nordeste da Ilha se mirra na gravana secca e ventosa, chove diluvialmente em S. Miguel.

Mesmo dentro da altitude da cultura cacoeira, até 800 metros, ha uma diversidade enorme de condições atmosphericas, como se vê pela epocha da maturação do cacao, tão differente do norte da Ilha para os Angolares, por exemplo, e pela distribuição da colheita no decorrer do anno. Não se faz bem ideia de quantas modalidades o clima apresenta ao longo da Ilha. Curioso seria o estudo dos factores principaes —humidade, chuva, vento, luz e electricidade —nos differentes pontos.

Quantas vezes por dias e até semanas consecutivas faz sol n'um ponto d'onde se vê a chuva cahir torrencialmente a 3 ou 5 kilometros mais longe...

Quantas vezes — e ainda me aconteceu isto em setembro de 1906 no Paga—Fogo de Diogo Vaz — estamos debaixo d'um ceu nevoento e de chuva, emquanto a 5 kilometros — em Santa Clotilde — continua soprar ininterruptamente a gravana secca...

Em 1904, na segunda quinzena de junho, chovia no curso superior do Lembá, além do Morro Irene; só a 8 de agosto chovia na Estação Palanque da Ponta Furada; no fim de agosto já chovia de Paga Fogo de Diogo Vaz á praia de S.ta Catharina; e só a 12 de setembro é que começou a chover nas Neves e nas terras altas do Norte da Ilha. Só então começou a accentuar-se em Ponta Figo o mesmo ceu carregado que de ha tanto tempo se notava para as bandas da Ponta Furada e que vinha seguindo-me.

Do Pico, ou do Cabombey, como é curioso vêr — quando se vê — o aspecto do tempo das differentes partes da Ilha, a inconstancia das condições atmosphericas d'uma terra tão pequena!

E como as cheias dos rios vem ás catadupas, estando o ceu azul, sem mesmo dar mais tempo do que o de salvar o tachymetro depois de ouvirmos os signaes de perigo que nos berra o porta-mira da frente! Da Pinheira vi isto muitas vezes no R. Manoel Jorge; e o mesmo no R. Lembá.

A terra com o vento secco da gravana fica toda gretada; as plantações de cacao e café perdem muitas folhas e chegam a ter muitos ramos nús. Quando se accentúa a approximação das chuvas, só com a humidade atmospherica, os cafeseiros engorgitam os gomos. Seis dias depois da primeira chuvada ficam todos cobertos de flores brancas, aromaticas.

E' uma linda vista a das plantações de café do Chamiço ao Morro Vigia, porque toda a encosta fica coberta de flores, que as folhas ainda não tiveram tempo de vestir as arvores. Em algum cafeseiro mais velho e maltratado ha festões de orchidias. Imaginemos uma encosta desdobrada, toda plantada de ameixoeiras baixas e copadas, floridas no mesmo dia de branco mimoso e basto... a perder de vista... mas em logar do nosso sol de março, ainda muito baixo, o sol fulgurante do Equador, a prumo sobre a cabeça...

Florestas. — Em 1900 ainda conheci a região dos Angolares coberta de floresta por toda a cumiada do Cruzeiro e encosta do Ió Grande, havendo só uma tira de um kilometro de largura derrubada junto da bahia de S.ta Cruz. As terras do Novo Brazil e Praia Grande, a cumiada central de Villa Verde e Riba Quija estavam como a natureza as fizera, todas vestidas de uma vegetação frondosa, permanentemente regada a enormes aguaceiros. Era um verdadeiro dominio da arvore. Nas encostas do Ió e do Umbugú então era um assombro. Os viros, os vermelhos, os gógós, as nesperas atiravam-se para o ceu em columnas colossaes, direitas e lisas, abrindo a copa muito alto, disputando todas com a sua folhagem sempre verde a luz egualmente distribuida a 12 horas por dia, durante todo o anno. Não havia falhas no continuo tapete de verdura, d'onde emergiam as agulhas do Cão Grande e Cão Pequeno, os dentes da Peninha e dos Formosos, o Morro Maria Fernandes.

O nevoeiro andava constantemente a alastrar-se pelas depressões, desenhando o systema hydrographico da Ilha, ou então a caminhar para as elevações massiças do Cabombey.

A trovoada e as chuvas eram phenomenos quasi quotidianos. A hu-

midade atmospherica era enorme: quasi a saturação. A lua raras vez apparecia no ceu defumado de Villa Verde: e mais de uma vez ti saudades do sol. Havia semanas consecutivas de chuva miuda e n voeiro tão denso que as casas a 40 metros não se destinguiam meio dia. Os livros, as botas, os chapeus e o fato apodreciam de h midade.

O machado começou, porém, a despir a terra. Por muitos meze da Soledade á Java, dos Angolares ao Bindá, ouviu-se permanent mente a canção animada dos negros a derrubar e o estalar forte d arvores que se abatiam de cambolhada. Foi um grande trabalh Quatro annos depois o machado já batia mais para o centro da Ilh já se encostava ao Cão Grande em Novo Brazil e trepava a car nho do Cambombey em Riba Quija. Os gigantes vegetaes cahiram p terra entregues á podridão para alimentarem os cacoeiros. D'entre troncos mortos da floresta surdiram como por encanto as plant ções eguaes e continuas — tão continuas e tão grandes que enfada — onde os fructos pullulam do chão até aos extremos dos ramos.

Plantações. — Para nós que estamos acostumados a vêr as cu turas de cereaes do nosso Portugal, e as suas culturas arboreas, difficil fazer bem ideia do que seja uma extensa plantação de c cao, bem unida e fertil na epoca da maturação.

Uma veiga de Minho semeada de milharal em terra de regadi no mez de julho, pelo meio dia com sol quente, ou em tarde caln do começo de agosto, é aprazivel, porque está-se a sentir a fecundida da terra a crear, adivinha-se o prazer da natureza no crescimento planta, na gestação do fructo. O mesmo para um trigal do Ribatej ondeado suavemente pelo vento do fim de maio. Mas a vista seg por sobre a seara, sem que soffra qualquer impressão pesada da su monotonia ou do seu crescimento.

A vinha baixa extensa, o olival continuo na planura ou na enco ta, um extenso pomar de larangeiras apresentam tambem algun coisa de ridente ou de triste, mas de vida appetecida e sã, que p derá influenciar-nos pela pujança do seu crescimento, sem nos enf dar, ou pelo encanto como recebem a luz; mas nunca nos saturan pelo menos o meu temperamento do pantheista minhoto nunca ach aborrecida a perspectiva das oliveiras do Penedo da Sauda ou de Montemór, nem os milharaes de Agueda ou da minha terr

O mesmo não se dá com as plantações de cacao. As arvore quasi sempre plantadas bastas e não alinhadas, atiram-se para o c disputando a luz. Os troncos um tanto tortuosos e manchados claro-escuro, dividem-se ahi pela altura de dois metros em tres cinco pernadas fortes, logo muito ramificadas, cheias de folhas con as do castanheiro, mas maiores, com os extremos dos ramos de u roseo tenro, muito mimoso; e — aspecto novo, desusado — desde chão até ao meio dos grandes ramos, quando não até ao extrer d'elles, a arvore apresenta-se coberta de pequenos melões dourad da côr das libras (porque libras valem?) ou então d'uma côr vio cea apposta ao dourado do resto. A gente em pé no meio da plan ção não vê senão a palissada de troncos distanciados uns dos out

de tres a cinco metros, todos cobertos de capsulas douradas, tão colladas a elles que mal se lhes nota o pedunculo; por de cima de nós entrecruzam-se os ramos, cheios tambem de fructos dourados, abrigados pela folhagem verde, densa, fechada. E é isto permanentemente de ravina a ravina, ao longo das poucas chãs e assentadas, a trepar e a dominar as encostas, a esconder as rochas dispersas... por toda a parte, enchendo-nos os olhos da sua côr dourada da riqueza, dominando-nos a cabeça com os seus ramos entrelaçados, que nos obrigam a abaixar, como se tivessemos de nos curvar perante arvore tão rica... Por sobre toda esta continua palissada que nos acompanha, sempre carregada de ouro, sempre abrigando-nos na folhagem densa, um ceu triste, pesado e humido, com a temperatura morna que a arvore agradece, mas que nos quebranta. A encosta escarpada, argilosa, vestida de capim, que nos estorva as botas ferradas; ou então o carreiro atormentado pela cumiada estreita e ingreme: adeante o charco povoado de enormes caranguejos, ensombrado de coqueiros, todo cercado de cacoeiros, perdido no meio da plantação indefinida...

Por toda a parte, desde pela manhã até á noite, o nosso horizonte limitado a 40 metros, se tanto, na estacaria dos troncos cheios de fructos, ou de todo nús depois da apanha, mostrando então melhor as manchas musgosas mais claras; e para o ceu um ou outro retalho de um azul desbotado ou de nuvem pesada, mal enxergado por entre a ramaria que nos cobre: uma especie de engaiolamento continuo, pesado, aborrecido. Nem ao menos uma canção perdida: apenas o silencio do mundo vegetal victorioso e o gemer triste da moqué.

Só d'um ou d'outro ponto da cumiada, ou da varanda bem ensombrada e de boa vista, ou então n'uma rara avenida entre plantações, é que se torna encantadora para o recemchegado a extensão longa da cultura do cacoeiro.

O mesmo não acontece á floresta. Esta esmaga-nos, não pelo enfado da sua continuidade, mas principalmente pela difficuldade na marcha e pela chuva que de todo nos tolhe o movimento. Mas com dias de sol, d'aquelle ceu lavado do Equador, a floresta é um encanto. Não se sente tanto o calor: o sol mal consegue manchar um ponto ou outro do terreno, tão fechada é sobre nós a abobada de verdura. O chão é tapetado de folhas mortas, de fetos, de begonias, de mil hervas e arbustos; outros maiores por toda a parte; arvores novas, esguias a buscarem um intervallo por onde lhes venha coada a luz; depois os grandes colossos, senhores da montanha, a bracejar lá muito em cima, disputando o sol. O silencio enorme, apenas perturbado pela voz do macaco, ou pelo gemer de alguma rola. Nem uma aragem de vento: não meche uma folha durante todo o dia.

Riqueza florestal perdida. — Foram essas plantas que o machado derrubou por kilometros e kilometros quadrados. Quanta riqueza não ficou a apodrecer?

Se tivessemos disposto de meios de transporte, isto é se não tivesse sido tão promettedora a cultura do cacoeiro que punha em infimo logar todo o aproveitamento das outras riquezas do solo, teria-

mos colhido da floresta de S. Thomé uma riqueza valiosa. Porque, se em muitos sitios não se presta o terreno para transporte facil da madeira, em muitos outros era facillima a installação de caminhos de ferro em busca de um porto de embarque. Por toda a Ilha, então, era simples a installação de turbinas hydraulicas que utilisassem a força disponivel dos cursos de agua. E não superabundava por toda a parte lenha para a alimentação das locomoveis da floresta? Não podiam os caminhos de ferro provisorios serpear encosta fóra, antes de se plantar o cacao, para trazerem a madeira, ficando logo um ou outro como definitivo para a exploração agricola?

Com a utilisação d'uma parte da madeira da floresta, que ficou a adubar excessivamente um terreno rico em demasia, teriamos colhido dinheiro para o melhoramento de muitas installações agricolas, para a sua viação regular, por exemplo, apressando ao mesmo tempo a amortisação dos capitaes, obtidos a credito em em grande parte, que se dispenderam nos grandes arroteamentos.

De Cuba sahiram enormes carregamentos de mogno para a America e para a Europa. Não podia a Ilha de S. Thomé collocar no mercado de Liverpool ou de Hamburgo algumas centenas de toneladas de amoreira, de gógó, de marapião e de jaca?

Assim como a California explora o redwood, não podiamos ter explorado aquellas essencias?

Positivamente, uma riqueza de milhares de metros cubicos de madeira preciosa, distribuida em muitos sitios — no Umbugú por exemplo — quasi tão densamente como o redwood na California, merecia que fosse utilisada para mais alguma cousa do que para adubo excessivo da terra.

Não me cabe, porém, o estudo dos motivos que orientaram a cultura da Ilha para o exclusivismo do cacao, e muito menos um balanço economico dos recursos naturaes da ilha e dos meios de os aproveitar.

Producção. — As plantações começaram a alastrar-se por toda a Ilha, buscando-se quasi exclusivamente semear a maxima superficie de cacoeiros. E foi assim que as roças novas dos Angolares: Soledade, Granja, Valle Carmo, Cruzeiro, Guayaquil, Santelmo e Ió Grande, appareceram plantadas em menos de cinco annos; que a Ribeira Peixe, o Novo Brazil, a Praia Grande, Villa Verde e todas as terras do Muscuavú a Diogo Vaz soffreram derrubadas enormes; emquanto o Rio do Ouro completava a plantação de todas as suas terras.

E logo a vastidão plantada começou a influir na producção da Ilha.

Cacau. — Em 1888 a Ilha de S. Thomé exportava pouco mais 1.500 toneladas de cacao. Em 1890 um pouco menos de 3.000 toneladas. Cinco annos depois, em 1895, quasi triplicava a producção — 7.200 toneladas. Em 1900 perto de 11.500 toneladas.

Já então se faz sentir, e cada vez mais por cada anno que passa, a influencia dos grandes arroteamentos. Assim em 1903 exporta-se quasi 21.000 toneladas, e no valor de 7.117 contos de réis! O primeiro semestre de 1907 — 12.876 toneladas, no valor de 3.365 contos de réis (S. Thomé e Principe).

Assim em 20 annos a producção da Ilha em cacao quasi se tornou 20 vezes maior em quantidade, e mais de vinte vezes maior em dinheiro : 302 contos em 1888 ; mais de 7.000 contos em 1907 !

Café. — A producção de café conserva-se porém sensivelmente no mesmo valor que ha vinte annos — 2.207 tonelladas e 448 contos em 1904.

Quinas. — Muitas plantações de quinas, depois de descascadas, foram aproveitadas para cacao; outras, como na Esperança, em S. Pedro e n'outros sitios, foram mais ou menos abandonadas, de fórma que hoje, mortas de velhas em grande parte, não darão senão colheitas de qualidade inferior. Pelo contrario em Diogo Vaz ha plantações novas, extensas e lindas. Em balanço final, a exportação da Ilha n'este genero deve ter diminuido talvez, por emquanto.

Temos assim expressa em numeros a actividade agricola da ilha.

E já agora um relance de olhos para a producção cacoeira da terra. Em 1894 S. Thomé exportava menos de um decimo da producção mundial que era de 69.096 toneladas. Esta quasi dobrou em 1903 — 126.795 toneladas. A Ilha de S. Thomé mais que triplicou a producção — 20.965 toneladas. De modo que estando em 1894 no quinto logar, abaixo da Venezuela, alcançava o terceiro em 1899, e ficava em segundo logar em 1903, exportando então cêrca de 700 toneladas mais de cacao que o Brazil, e quasi a mesma quantidade a menos que o Equador.

Em 1903 S. Thomé exportou já cêrca de *um sexto* da producção mundial.

Nenhum outro ponto do mundo apresentou tão rapido augmento de producção. E' por isso que a qualquer pessoa estes numeros suggerem considerações. Então o exame attento da Ilha nos seus recursos naturaes, no seu modo de trabalhar e viver, na administração particular e do governo, por quem de perto tenha vivido com todos estes elementos, mostraria que temos uma terra excepcional na riqueza, capaz de dispensar os mais rudimentares melhoramentos de viação publica, de saneamento, de previdencia e de conhecimentos, para se desentranhar em ouro. Não houve California, Australia ou Klondike como a Ilha de S. Thomé: porque á quasi totalidade dos grandes e pequenos plantadores não foi necessaria a vida aventureira do *gold hunter,* por acaso em condições mais mortiferas do que as do clima do Equador, para trazer os lucros prodigiosos que esta terra dá em troca de um tanto de persistencia n'uma agricultura cafreal em ponto grande.

Até onde irá o augmento de producção cacoeira ? — Reputei sempre o maximo de 40.000 toneladas. Como disse, a Ilha é pequena. Da sua area total, menor que 1.000 kilometros quadrados, numeros redondos, só 600 ou 700 poderão dar cacao.

Já não foi sem grandes prejuizos de tempo e de dinheiro que se alargou por alguns sitios a plantação de cacao. Assim o sector de sudoéste, de Monte Rosa a Riba Quija, mostrou-se ingrato, como era de prever, emquanto outras terras muito mais no interior — as immediações do Morro Irene no Bindá, e o Rebordelo de Ponta Figo junto do Calvario, por exemplo — toleravam o cacoeiro. Muitas plan

tações tiveram de ser abandonadas: outras não darão nunca sequer amostras muito reduzidas dos numeros phantasticos que, a tanto por cova e a tantas covas por kilometro quadrado, se lhes prophetisava.

E para mim é assente que não ficaremos por aqui com os arroteamentos insensatos. A febre de ouro levará por certo, mais dia menos dia, a derrubar algumas manchas de floresta que protegem as riquissimas plantações do Potó; e não deixará intactas algumas áreas florestaes que deviam ser consideradas como garantias climatericas. Assim como as florestas da Sierra, California, tem o seu valor pela agua que distribuem, assim tambem as das abas do Pico e do centro da Ilha, na maior parte terras escarpadissimas, têm exclusivamente valor climaterico. Não será imprudencia derrubar muito para o centro da Ilha?

Comprehende-se a derrubada em alguns cavalletes do interior muito favoraveis á cultura da quina, porque, sem quasi nenhuma perturbação no clima, a não ser nos primeiros annos — que a plantação de quinas veste o terreno com uma arborisação muito densa — temos o aproveitamento do solo. Mas não se explica a plantação de cacao e café em terrenos muito no interior, no limite, ou já fóra, das condições d'aquellas culturas.

Perturbação climaterica. — Os grandes arroteamentos do sul da Ilha trouxeram enormes pertubações no regimen das chuvas. O sol já brilha por semanas consecutivas em Villa Verde e no Valle do Ió. Santelmo e o Cruzeiro já perderam muitos d'aquelles dias de nevoeiro denso e de magicas atmosphericas. O clima mudou: mas não foi estudado o *quantum* de modificação que coube á desarborisação, especialmente a perturbação pluvimetrica e actinometrica, que tanto interessava ao estudo racional da exploração agricola de S. Thomé, para delimitação das reservas florestaes que seria necessario conservar como sagradas, bem como para a creação de zonas de verdura que podessem influenciar, corrigir, a extrema secura das gravanas excessivamente longas que ultimamente se têm accentuado em alguns sectores da Ilha.

Fizemos uma agricultura em ponto grande, e n'uma rapidez de magica: mas da parte dos interessados ninguem cuidou de prevenir a tempo os desastres que fatalmente haviam de acompanhar uma tão grande expansão cultural.

Com a perturbação climaterica vem a enorme mudança nas condições da absorpção pelo solo e no fluxo das torrentes. A floresta é uma esponja enorme, sempre humida e continua sobre a montanha. Afóra a acção condensadora atmospherica, traz um abrigo poderoso á seccura do terreno e favorece a absorpção da agua da chuva. E' necessario imaginal-a como ella é, colossal na grandeza das arvores tão bastas que mal deixam ver o sol, e tão densa de vegetaes de todas as fórmas desde as begonias e fetos até ás trepadeiras que tudo enleiam, a ponto de ser a marcha completamente impossivel sem o auxilio do machim para lentamente abrir caminho, para se comprehender o abrigo que dá ás encostas escarpadas. As nossas melhores matas de pinheiros e carvalhos, a linda arborisação do Bussaco, são

plantações de grandes arbustos comparadas com as florestas de S. Thomé, onde a planta domina completamente em quantidade e em grandeza. Merece as descripções de Stanley e de todos aquelles que viram as florestas equatoriaes do Continente Africano e da America.

Caminhando atravez da floresta, encontram-se fios de agua por todas as ravinas, no accidente mais insignificante do solo. O chão, todo coberto de hervas e detrictos vegetaes, está amollecido e humido por toda a parte.

Feita a derrubada, nota-se logo uma enorme modificação na humidade do solo, e as pequenas torrentes desappareceram. A atmosphera humida e fresca da floresta é substituida pelo calor forte das grandes clareiras recentemente abertas.

Quando então sobrevem uma d'essas chuvadas torrenciaes tão frequentes na Ilha, a agua, não encontrando a enorme esponja do obó e o chão bem disposto para lhe obstar a marcha, corre sem difficuldade pelas encostas nuas e produz aquellas grandes e rapidas cheias dos rios, cujas bacias estão derrubadas.

Assim as barrentas cheias do Ió nos ultimos annos não téem outra explicação. As erosões e desmoronamentos acompanham essas grandes cheias: o volume de terra levada pela agua encosta abaixo é muito consideravel [1].

Egualmente não prevenimos o perigo da unidade da cultura. Não ha duvida que o cacoeiro é a arvore mais propria para a agricultura de S. Thomé. A natureza foi prodiga comnosco: deu-nos uma ilha pequena, suspeitando de certo que nós não eramos capazes de a cortar com bons caminhos de ferro e boas estradas, se ella tivesse o tamanho de Cuba, de Java ou de Ceylão. Sabendo da nossa falta de espirito associativo, desdobrou-a em cavalletes radiaes, pondo no recorte maritimo um porto, uma enseada em cada foz de torrente, para que não nos vissemos obrigados, embora pequena, a contornal-a com um caminho de ferro indispensavel. Dispôl-a no Equador, em mar de calmas, e com um relevo enorme para que as culturas tropicaes tivessem um clima variado e propicio, e o homem um refugio temperado na montanha. Deu-lhe um solo rico, irrigado por muitas torrentes; e, para cumulo de favores, orientou-a bem, deixando a sudoéste uma area baixa insignificante encostada ás montanhas alterosas para que fosse diminuta a porção de terra desfavorecida no regimen climaterico. Parece que houve um verdadeiro balanço da nossa capacidade mechanica e administrativa, um olhar de entendido para os hottentotes e cafres de que dispunhamos para cavar a ilha de S. Thomé, no favor da Natureza com uma joia quasi lapidada por si. S. Thomé — *la perle des colonies portugaises* — é um privilegio de condições naturaes: por nós tem sido considerada como perola que só precisasse de engaste; não como diamante que tambem carece de lapidação.

Mas reparo, agora, que tendes estado a perder o vosso tempo dando-me attenção. Os assumptos principaes de que devia occupar-me ficaram de parte: o problema do trabalho agricola, o de viação e obras

---

[1] Téem-se dado desmoronamentos enormes em Villa-Verde, no Bindá, etc ..

publicas; da irrigação e regimen climaterico; da educação do indi gena, do povoamento da Ilha; do saneamento urbano e das roças, e tantos outros... Tratal-os-ha pessoa mais competente. Eu, para terminar, peço-vos sómente mais uns minutos de attenção.

Carta da Ilha — Temos no Equador uma ilha pequena, mas prodigiosa, onde a actividade nacional por si só conseguiu uma extensa exploração agricola.

Lentamente, quasi sempre fructo da iniciativa particular quando nossa, ou por trabalho de estrangeiros, tem-se reunido um conjuncto de elementos para o seu estudo scientifico e economico. Falta, porém, a base fundamental que é uma carta geral topographica.

O conhecimento oro e hydrographico da Ilha está apenas esboçado em grande parte da sua area. A carta mais perfeita que conheço, está cheia de erros e é deficiente para qualquer estudo. N'ella o Pico tem a mais 120 metros de altura, as bacias hydrographicas estão indefinidas, os montes e cumiadas fóra do sitio e não relacionados, as fazendas e villas dispostas com erros kilometricos.

Não basta para um torrão tão caprichoso a confecção de uma carta chorographica geral, mesmo do typo da nossa do reino a 1:50.000, em via de execução. E' necessaria uma carta topographica completa na hydrographia, no relevo e nas culturas, de fórma que pormenorise a physiographia da ilha, na escala de 1:20.000 nos terrenos cultivados e 1:25 ou 1:50.000 nas montanhas centraes. Só por esta fórma poderemos planear com precisão e consciencia os melhoramentos da Ilha, e fornecer uma base para o seu estudo scientifico.

O problema da viação continuará a ter soluções de acaso, se não fôr estudado pelos processos geraes, onde a carta é indispensavel.

Já por mais de uma vez se tem dito que todos os melhoramentos publicos da Ilha de S. Thomé são feitos com uma inconsciencia e incapacidade que revoltam. Urge estudar a Ilha para não se legislar ao acaso, nem se continuar por mais tempo a desbaratar dinheiro. Positivamente, diz mal carregar nos vapores da Empreza tanto ouro, sem sabermos como e onde se formam esses valores, e até onde podemos contar com os recursos da mina.

Já fizemos em S. Thomé uma exploração agricola extensa: precisamos, pelo estudo da Ilha, pela modernisação geral dos processos agricolas, e pelo ajuizado dispendio do dinheiro nos melhoramentos publicos, mostrar aos outros povos coloniaes que não exportamos cacao simplesmente por favor da Natureza, mas porque sabemos explorar racionalmente os recursos do nosso dominio. Teremos assim secundado a iniciativa particular, á qual exclusivamente devemos tudo o que se tem feito de util em S. Thomé.

EZEQUIEL DE CAMPOS

Nota.—Durante a conferencia uma serie de ampliações photographicas mostrou a configuração dos montes e agulhas principaes, e as cartas topographicas das roças Rio do Ouro e Diogo Vaz, com uma carta geral da Ilha a 1:40.000 elucidaram a disposição dos rios e corographia das Ilha.

No fim da conferencia mais de cincoenta projecções luminosas completaram a exposição.

RAÇOS GERAES SOBRE A ETHNOGRAPHIA DO DISTRICTO DE BENGUELLA

(Continuado do n.º anterior)

61.º

As cerimonias do casamento não são eguaes entre todos os povos, variam tambem com as posses das familias. Entre pessoas pobres sa-se o seguinte.

Entre os Quimbundos propriamente ditos e gentios do Nano, mandam um pequeno presente á familia da mulher que se requesta, afim de ficar firmada a auctorisação dos paes para o namoro.

Chegada a época do casamento, o noivo expede dois irmãos e uma irmã que vão pedir e buscar a noiva, levando o dote ou presente de noivado e um arco e setta; o dote consiste em fazendas, aguardente, gado, etc., e o seu valor varia com as posses do noivo. Chegados á libata da noiva, fazem os emissarios a entrega do dote aos paes e expõem o fim da sua missão. São principescamente recebidos com comidas e bebidas, matando-se gallinhas e um porco. Isto dura dois a tres dias, e só passado esse tempo, durante o qual se fazem os preparativos da jornada da noiva, entregam esta aos parentes do noivo, tendo-se préviamente lavado e vestido com os seus melhores trajos, untado de oleo de palma, penteado e entrançado o cabello. A noiva é acompanhada por uma irmã e uma sobrinha, que lhe levam uma quindinha e uma cabaça feitas expressamente para isso e lavradas artisticamente — estes dois objectos d'arte symbolisam o mister da mulher na familia.

No dia da chegada a casa do noivo, este, já preparado, recebe-os condignamente, abatendo um porco grande e gallinhas; dá uma festa, em que se come, bebe e dança, e que dura alguns dias. Para esta festa convida todos os parentes e amigos residentes na povoação, os quaes concorrem para as despezas com diversos presentes de comidas e bebidas.

Emquanto dura a festa, a noiva conserva-se fechada no quarto nupcial, onde come e recebe as visitas, e apenas sahe ao romper da manhã, cautelosa e recatadamente, para não ser vista por ninguem. Findas as festas, a noiva já póde sahir e tratar dos seus misteres.

O noivo faz-lhe então entrega da casa e d'uma enxada nova. Primeiro vae ella cultivar dois ou tres dias na lavra de uma cunhada ou de outro parente chegado do marido; depois d'isso, este faz-lhe entrega de um terreno virgem, préviamente limpo e desbravado, representando a nova lavra que ella tem de fazer.

Passados dois mezes pouco mais ou menos depois do casamento, vae a nubente visitar os paes e reconduzir a irmã e sobrinha que a haviam acompanhado. Essa visita é pela familia recebida com banquetes e festas em felicitação á filha. A' retirada d'esta os paes enviam, como presente ao genro e em retribuição do dote recebido, um

porco de tamanho regular e uma quinda de fuba. Recebido est‹
sente, o noivo dá outra vez uma festa, abatendo o porco.

Entre os indigenas civilisados do littoral usa-se o seguinte.

Na vespera do casamento o noivo envia o dote á familia da r
consistindo esse dote em fazendas, aguardente, vinho e dinheir‹
dia seguinte os parentes da noiva (tias e primas) levam-lh'a a cas‹
pois do jantar, e dormem todos na casa do noivo que, á sua che‹
lhes offerece o classico copo d'agua (aguardente, vinho e quimbo‹
No dia seguinte ao do noivado, almoçam e jantam todos em ca‹
noivo, retirando-se os parentes da noiva n'essa tarde.

Ordinariamente, é uso dar-se um banquete que dura um ou
dias.

Entre os mais civilisados, usa-se, não só n'este districto con
littoral da Provincia, levarem os parentes da noiva as provas d‹
gindade para serem apresentadas a toda a familia d'ella e amig‹
familia.

O casamento verdadeiro, aquelle em que os conjugues se nã
dem divorciar por qualquer pretexto futil e cuja gravidade é eg
dos casamentos dos povos cultos, é o que tem logar entre as far
ricas e nobres dos Quimbundos propriamente ditos e gentios do ‹
Estes casamentos têm, além das cerimonias que já descrevemos,
as seguintes.

Quando os paes, depois de receberem a visita da nubente, en
ao genro por presente, não um porco de tamanho mediano, ma
porco grande tendo presas, o noivo reconhece logo que os sogros
rem que elle seja esposo legitimo de sua filha. Este presente de ‹
é o precursor de um outro maior, que vem a ser um boi, que o ‹
brevemente receberá dos sogros. Os indigenas dão o nome de s‹
tanto aos paes como aos tios da mulher. Este porco de casamen
gitimo tem o nome particular de *Ogúru i esina*. Recebido elle, o ‹
passa a fazer os preparativos necessarios para as festas a que o‹
a recepção do presente do boi, que os noivos têm de comer pa‹
gitimar o casamento.

Este boi de casamento tem o nome particular de *Ogóbe i óbé*‹
Tres mezes depois do porco recebe o noivo o presente de boi, ‹
sempre feito por um irmão ou tio da noiva e não pelos paes d'
O noivo manda então convidar todos os parentes e pessoas das
relações para assistirem ás festas do casamento. Os convidados
correm sempre com grande quantidade de presentes de gallinhas,
cos, cabritos, quimbombo e aguardente. Além do boi o noivo ter
abater de sua conta algum gado meudo. As festas começam por
ças e canções especiaes d'esse genero, a que chamam *Obégéra*, ‹
ram proximamente oito dias, durante os quaes os noivos têm d‹
conservados em quarto escuro onde comem e recebem visitas, nã‹
dendo sahir; chamam a esta cerimonia *ókútura*, isto é, enviuva
tomar nojo.

Assim no casamento verdadeiro tomam o luto em vida; e
tarde, por morte de um dos conjugues, o outro já não tem que t‹
nojo, tendo a liberdade de andar por fóra. Passados os oito dias, n
se o boi, finalisando n'esse dia o nojo dos noivos.

Estes são lavados, vestidos e adornados com contarias, cintas e cordões proprios, e sahem do quarto para ajudarem a comer o boi e tomar parte no resto das festas, em que tambem dançarão ; as festas attingem o apogeu, e chegam a durar um mez e mais, regadas todos os dias com panellões e panellões de quimbonbo.

Tambem têm este casamento legitimo os sobas. Estes vão sempre pedir em casamento as filhas de outros sobas. Explicando:

O soba, ao subir ao throno, embora tenha já mulheres, tem que contrair novo matrimonio com a filha de outro soba de um povo, alliado ou affim, sendo esta a rainha *(Nána)* legitima. Na ascenção ao throno, o soba e a rainha chrismam-se, deixando os nomes dos seus nascimentos e tomando outros. A chrisma é obrigada a cerimonias que consistem em salvas de tiros e banquetes.

Assim, o soba *Chája* de Quiaca tinha por nascimento o nome de *Chibua* que deixára.

As cerimonias dos casamentos dos sobas são mais pomposas e os dotes mais ricos, consistindo em diversas cabeças de gado, ancoretas de aguardente, fazendas, etc.

Chája foi um dos mais poderosos e estimados sobas de Quiaca. Tendo desthronado com as armas o seu antecessor *Ukúrudúdu*, reinou por muitos annos. Adquiriu uma grande celebridade que ainda hoje dura, devido á sua boa administração e á sua valentia, mostrando-se sempre forte e bom, na fortuna como na desgraça. E a ultima invasão aos Gambos e Humbe, promovida por ella, foi um dos factos mais notaveis do seu reinado.

A causa d'esta ultima invasão, que mais visava a Huilla, foi a vingança. *Chája* tinha dois irmãos, um de nome *Kamuénho* e outro de de nome *Usignárun*. A mulher de *Chája*, de nome *Epuira*, era filha do soba *Atéhéde* de Huambo. Este ultimo promovêra uma invasão á Huilla, e haviam-o acompanhado aquelles dois irmãos do genro. N'essa guerra foi morto *Usignáruan*, irmão de *Chája*. Este ultimo, para vingar a morte do irmão, invadiu por sua vez a Huilla, sahindo se bem do proposito. O outro irmão sobrevivo, de nome *Kamuenho*, foi mais tarde soba de Zuquete.

Chája, sempre celebre, envelhecia no sobado de Quioca ; comtudo cercavam-o as invejas. Quando reconheceram a sua valentia enfraquecida pela edade, os invejosos e inimigos depozeram-o pelas armas. Teve que abandonar o seu estado, acompanhado por grande parte do povo que ainda lhe era fiel, e refugiou-se nas furnas do Chingengi a que já nos referimos no numero 19°. Isto foi ha cêrca de trinta e quatro annos. Sobre essas furnas edificou a actual embala que já descrevemos, e fundou o estado de Chingengi, de que foi o primeiro soba, e ahi morreu. Nas furnas viveu refugiado um anno, antes que edificasse a embala e creasse novo estado.

Ao novo territorio para onde vão os sobas depostos, chamam *Ocitúra* (vindo de *Okutúra*, assentar ou acampar) ; assim como aquelle d'onde sahem para subir ao throno chamam *Etúda* (vindo de *Ekutúda*, sahir).

Tambem se usa comer-se e proceder-se ás festas do boi de *Obégéra*, para firmar e jurar a amisade entre duas pessoas ; isto, entre

(Jába), Hippopotamo *(Géve)* ou Leão *(Hósi)*. Quando é um rapaz e uma rapariga, toma o primeiro o nome de *Jába* (que é masculino) e a ultima o de *Géve* (que é feminino). Quando são dois rapazes, o mais velho toma o nome de *Jába* e o outro o de *Hósi*. Quando são duas raparigas, a mais velha toma o nome de *Jába* e a outra a de *Géve*.

64.º

A circumcisão é praticada principalmente entre os Mundombes, Mucuandos, Bacuisses, Quillengues, Ganguellas, e alguns gentios do Nano. Os Quimbundos propriamente ditos não a praticam.

Entre os Ganguellas a creança é circumcisada quando cahe o cordão umbilical. Entre os outros povos a idade para a circumcisão varia, em geral, dos quatro aos quinze annos; ha adultos que tambem se circumcisam.

Usam no curativo envolver o membro circumcisado em folhas frescas de ricino, e quando se produz alguma ferida, fazem-a sarar com um pó vermelho que lhe applicam. A cura varía de oito dias (entre creanças) a quinze dias (entre adolescentes e adultos). Emquanto se não opéra a cura, não podem os paes do circumcisado ter relações conjugaes. O local onde se pratica a circumcisão é dentro da libata, por traz da casa; ahi construem uma palissada, em cujo recinto fica exposto ao ar livre o circumcisado; ahi passa os dias e as noutes, não podendo dormir em quarto. Geralmente usa-se praticar na mesma época a circumcisão em uns poucos de rapazes, variando o seu numero de dois a doze e mais, ficando todos expostos no mesmo recinto.

Depois de curados são muito bem lavados e vestidos. Os paes abatem uma cabeça de gado, ordinariamente um porco, e os circumcisados são festejados com comidas e bebidas. Depois d'isso, têem os rapazes de ir dançar, com acompanhamento de musica e cantos especiaes a essa cerimonia, nas libatas dos parentes e amigos, recolhendo presentes que lhes offerecem. Usam dançar empunhando cada um dois páusinhos muito bem lacrados. Estas festas duram alguns dias.

Os paes ricos matam um boi em vez de porco.

Circuncisar é na lingua bunda *ókuséva*, e ás cerimonias no seu conjunto chamam *ókufékánran*.

(Continúa.) AUGUSTO BASTOS.

O TERRITORIO DA COMPANHIA DE MOÇAMBIQUE

Viagem atravez do Buzi, Mossurize e Govuro

O coronel inglez A. J. Arnold, inspector de exploração da Companhia de Moçambique, dedicou-se ao estudo dos complexos serviços do seu cargo com o espirito organisador e impulsionador que é caracteristica dos homens do seu paiz. Os trabalhos que apresenta, poem em relevo o lado pratico das questões, ponderando os elementos de trabalho e as circumstancias favoraveis ou desfavoraveis do meio para a producção da riqueza. O recente relatorio sobre a viagem que emprehendeu no Buzi, Mossurize e Govuro, no desempenho das suas funcções, é muito interessante, não só para a Companhia de Mocambique como para todos so que se applicam ao estudo das nossas posseções ultramarinas. O reconhecimento do valle do Buzi, do sertão do Govuro e do Mossurize, na sua parte menos percorrida e conhecida, demonstra, com sobriedade e lucidez, que esse territorio é susceptivel de grande desenvolvimento, desde que a aptidão profissional, o animo emprehendedor e os capitaes a elle acorram, sendo alguns dos seus pontos susceptiveis de tornar-se nucleos de colonisação européa.

O coronel A. J. Arnold tem a sua reputação feita na Companhia de Moçambique, e ainda na Inglaterra, como homem pratico e de largas vistas; a prosperidade do territorio de Manica e Sofala reflecte-se, evidentemente, sobre o futuro de toda a nossa provincia oriental africana. Eis as razões porque o Boletim da Sociedade de Geographia não deve deixar na sombra o relatorio do coronel Arnold, não o publicando integralmente, por ser extenso, mas dando o resumo dos seus pontos capitaes.

Resumo do relatorio

Pelo itinerario e mappa que acompanham o relatorio, pode seguir se o traçado da viagem que durou de 19 de outubro a 3 de dezembro de 1907. Extensão percorrida: 912 kilometros, dos quaes 660 feitos a pé.

A viagem divide-se em 3 partes:

1.ª — Do Oceano (porto da Beira) á fronteira oeste ao longo do valle do Buzi.
2.ª — Do valle d'este rio ao Save através das vertentes de ambos.
3.ª — Do Massengesse no Save ao delta d'este rio.

I

O valle do Buzi

O valle do Buzi demora entre 30 a 40 milhas de distancia do Oceano, com as suas duas emprezas «Companhia Colonial do Buzi» e «Guara-Guara Estates Company».

As installações da Nova Luzitania devem ser acolhidas como *um passo definitivo* para o estabelecimento d'uma florescente industria assucareira na região do Buzi.

No Guara-Guara, animadores indicios de actividade crescente: as terras desbravadas e sulcadas pela charrua a vapôr. Arvore de borracha — Ceará — em abundancia. No vasto terreno da Zindoga vae desde já installar-se a nova exploração algodoeira, em terreno facilmente irrigavel, se se julgar um dia precisa a irrigação. Solo rico e adaptavel á cultura.

Caminhando na direcção da fronteira do Mossurize, chama principalmente as attenções do viajante a configuração topographica da região, com os seus grandes tractos de terras baixas, em que é viavel o irrigação em larga escala, pela construcção d'uma barragem no ponto em que o Buzi, emergindo d'entre as primeiras elevações de terreno, entra na planicie. Captando-se ahi as aguas, podia ser irrigada uma area de muitas milhas; o territorio de Companhia de Moçambique, quer por exploração propria, quer auxiliando as emprezas concessiona-

rias, poderia ficar com uma larga cultura e industria gossypina ou assucarei tornando toda aquella rica região independente das irregularidades das chuv: Uma das difficuldades a superar será a emigração insolita dos naturaes do Bı para a circumscripção visinha (Neves Ferreira); é tambem de frisar o contra: da attitude dos indigenas d'este paiz com a forma attenta e solicita com qı logo na fronteira, em Mossurize, elles acolhem o europeu. Outra nota: a pou iniciativa dos indigenas n'essas terras tão ferteis e ricas, quando, do outro la em Magunde, se iniciam os emprehendimentos dos naturaes n'uma bem trata plantação da manihot (arvore do Ceará) junto á povoação.

E' notavel a riqueza do solo em toda a extensão do valle. Mesmo na se do Zinhumbo, intermeiados de afloramentos de pedra lioz e reflexos de quart: se encontram tractos de depositos de alluvião promettedores de inexcedivel f tilidade.

São surprehendentes as plantações em Chibabara, com as suas 10:000 arv res de borracha, e excellentes as installações d'esta propriedade. Situação: pés acima do nivel das aguas, sobre um leito do rio rochoso com uma area pequenos rapidos; para oeste da propriedade, terrenos facilmente irrigaveis.

Continuando na direcção da fronteira, pelo Mossurize, chega-se á serra Z nhumbo, a uma altura approximada de 1.500 pés sobre o mar e de 500 pés sob Mossurize. Atravessado o rio, desce-se para o valle, que consiste n'um vas tracto em forma de rico solo alluvial, coberto aqui e alli de pequenos bosqu densos. As possibilidades agricolas d'este valle exhuberante demonstram-n'as *pomares de larangeiras*, que ainda existem, na que foi outrora a residencia de C saleiro, nas faldas da serra do Chuiguno, proximo de Manjacaze, onde em temp o Gungunhana era senhor absoluto. As larangeiras são specimens magnific com 20 a 30 pés de altura, cobertas em tempo proprio de milhares de pomos tamanhos e sabor excepcionaes; como diz o relatorio, não ha melhor no continen da Europa. Dadas que fossem as communicações adequadas com os mercados e teriores, o largo valle podia tornar-se muito proveitosamente explorado por e ropeus que se estabelecessem nas abas das serras norte e sul.

Spungabéra fica a cerca de 3.500 pés sobre o nivel do mar, consistindo e terrenos arborisados, mas com a sufficiente quantidade de terras abertas pa uma vasta creação de gados. Comtudo esta região, magnificamente situada e tre o Zonsé e os seus tributarios, está ainda em grande parte coberta de matag que difficulta a difficultará ainda durante muitos annos as pastagens.

As installações do commando são bem construidas e commodas. A mana de gado vaccum apresenta excellente aspecto. A população indigena é pouco n merosa.

Em Spungabéra começa a notar-se o distinctivo de classe, o annel zulu, corôa, que se vê frequentemente até ao Iofane, no Save, não tornando a appa cer depois. Os que o usam, são todos sobreviventes dos dias do Gungunhana.

II

De Spungabéra ao Save

Eram pouco conhecidos os factores geographicos das vertentes para os ri Buzi e Save n'aquella longitude. Passava por ser uma região sáfara, inhospi sem interesse. O relatorio apresenta-a sobre outro aspecto. Se não se encon agua corrente, passado o pequeno tributario do Mossurize, abundam os poç largos e razos de agua bôa para cosinhar; facil é torna-la potavel, fervend e filtrando-a.

A viagem continuou deixando a léste as esplendidas florestas de landolp no valle, subindo do prolongamento a SO. da serra do Zinhumbo n'uma ex são da cerca de 50 milhas atravez d'uma região ondulada, coberta de veget mais ou menos aberta até o valle do Umfamanosi, rio secco estreito, de mar baixas, que vae ter ao valle do Save depois de innumeras voltas.

A divisoria das aguas está entre Mapanda e Chemesindu, por 21° 10' de tude, a 800 pés do nivel do Mossurize. O caminho é atravessado por cavid seccas, mas bastante estreitas e profundas, facilitando a construcção de pe nas barragens artificiaes para represar as aguas das chuvas, formando depo por assim dizer naturaes. Tem de pensar se a sério no desenvolvimento d

região, porque a falta de correntes d'agua pode economicamente ser corrigida e remediada pela construcção d'esses reservatorios a que o relevo do terreno se presta á vontade. No emtanto a decisão sobre a possibilidade de tal solução só a deve dar um engenheiro competente, depois de minucioso exame do paiz em fevereiro ou março, epoca em que o volume das aguas pluviaes póde ser mais cuidadosamente medido.

O itinerario seguiu, ao longo do valle do Umfamanosi, para além de Maduma, que sobe em rampa de pedra lioz até um planalto de «dongas» occasionaes, afundando-se depois até Jacuti. Continuando até Jokosane entra-se no leito do Save, e viajando junto d'este n'uma extensão de 2 1/2 milhas, chega-se a Massengene, antigo posto da circumscripção do Govuro. A população indigena entre o Mossurize e o Save é pouco numerosa. Pequenas povoações e palhotas isoladas. Os naturaes, doceis ás auctoridades. Estradas bem conservadas até passar-se para a circumscripção do Govuro, onde os caminhos, n'uma distancia da cêrca de 10 milhas, são maus. A viagem, n'aquella secção, e no restante do percurso, tornou-se facilima. A alimentação para os indigenas não offereceu o menor obstaculo.

III

O valle do Save, de Massengene a Mambone

Massengene fica situada sobranceira ao rio, sobre rochedos de 40 pés acima do nivel medio das aguas; tem uma boa casa de madeira e matope, bem situada.

A largura total do rio, que n'alguns sitios excede 1.200 jardas, passa a ser de 400 a 500 jardas em Massengene. D'este ponto para Mambone a questão de especial interesse é o proprio Save e as suas possibilidades de navegação. Verifica o relatorio que os indigenas não o consideram como a grande via. Não téem almadias de percurso, mas simplesmente uns exiguos cóxes quadrados, feitos de casca d'arvore, para communicar d'uma para a outra margem, quando a corrente vae alta. O rio é vadeavel quasi todo o anno em quasi toda a parte, excepto onde ha pégos, como no Massengene. Toda a agua que alimenta a corrente, provém da Rhodesia. O relatorio conclue que o rio poderá ser navegavel para pequenos vapores de fundo chato e roda á pópa, mas só durante seis mezes no anno, o maximo.

Com respeito ás possibilidades agricolas das planicies adjacentes ao rio, ás quaes quasi que invariavelmente se limitam as culturas indigenas, é notoria a apparencia de riqueza. A topographia do paiz para além d'esta região é uma vasta planicie que se éstende para o sul, até quasi á fronteira, e que parece encerrar immensas possibilidades agricolas, tendo de intervir, para um desenvolvimento scientifico, a drenagem e a irrigação

Por estes meios indispensaveis se reservará á enorme planicie, cujo sólo é de primeira qualidade, e que comprehende toda a faixa littoral da circumscripção do Govuro, um futuro soberbo.

Incidentemente, o relatorio Arnold tece elogios á plantação de algodão, na concessão Mac-Callum. Refere que o que viu o encheu de admiração, porque uma coisa é lêr que se plantaram 1.900 acres, e outra muito differente é vêr essa plantação perder-se a distancia, com as suas secções cuidadosamente extremadas e divididas por magnificas estradas.

A orientação actual, que a experiencia fundamenta, é que a escolha das variedades gossypinas n'aquella parte do territorio deve recair do futuro sobre o algodão americano.

Passando a occupar-se da organisação administrativa do Govuro, o relatorio trata da deficiente cobrança do imposto e da capital questão da mão d'obra. A vastidão d'aquella circumscripção que abrange desde a costa maritima á fronteira ingleza e á de Quilimane, é administrada de Bartholomeu Dias, porto da séde, atravez de 150 milhas do territorio. D'ahi, a impossibilidade natural d'uma efficaz administração para além do alto Save, a oeste, em presença da organisação que actualmente téem os postos. Na opinião do relator, o remedio unico consiste na creação d'uma nova circumscripção que exerça influencia e vigilancia activas sobre os regulos mais sertanejos, tendo por séde Massengene. A consequencia immediata d'esta medida será, além de arrecadação do imposto, agora

mal cobrado ou não cobrado, tornar-se aquella região uma fonte de braços; não contribuindo quasi nada actualmente para a industria geral do territorio, poderá desde então fornecer mão d'obra, em especial para as minas de Manica, e ainda mesmo para as minas da propria região, cujos depositos mineraes provaveis occasionem o affluxo de europeus em numero progressivo.

A «*Consolidated Godfields*» está prospectando nas visinhanças de Macunize e garante-se a existencia de depositos de nitro entre o Lundi e o Limpopo.

De resto, além de defender a caça ao elephante que os boers veem dar a seu bel-prazer a dentro do territorio até junto do proprio Save, o desdobramento da circumscripção em duas seria de enorme vantagem pelo effeito moral sobre os naturaes do paiz. Entregues ás proprias forças ficarão indefinidamente na mesma situação, emquanto que, em constante contacto com o pessoal europeu, a pouco e pouco se irão civilisando. O estabelecimento de lojas em varios nucleos da região, nas quaes os indigenas podem adquirir artigos de prazer, seria ainda um estimulo a trabalhar e ganhar dinheiro.

Actualmente vão elles á Rhodesia e ao Transvaal procurar as commodidades européas.

IV

Observações Geraes

Geologia e mineralogia. — A maior parte do trajecto realisou-se atravez de formações em que predomina a pedra lioz avermelhada e cinzenta. O quartzo faz-se notar algumas vezes, principalmente nas serras vizinhas de Spungabèra, nos montes entre o Mossurize e o Save, e nas elevações a oeste do Jofane. Alguns afloramentos de quartzite bordada e specimens de conchas fosseis. A rapidez da viagem não consentiu mais que uma inspecção perfunctoria do paiz sob o ponto de vista minerologico.

Productos agricolas. — As culturas indigenas, exceptuadas as bôcas do Save e do Buzi, consistem quasi que exclusivamente em milho, mapira e mandioca.

A mafureira abunda ao longo do valle do Buzi e no Save. Tambem abunda no Save a Sanseviera digitalis em moitas de 20 a 25 jardas de comprimento.

A região percorrida fica fóra dos limites das florestas da landolphia, apparecendo em pouca quantidade as plantas productoras de borracha.

Fauna. — Caça no geral em grande quantidade, sobretudo na serra do Zinhumbo e suas ramificações na direcção da Mapanda e no Save. Na serra do Chinguno e no Save, elephantes. As principaes especies de caça que se encontram são: o *eland*, *hartebeeste*, *sable*, *tsetsebi*, *reed-buck*, *impala*, *n'yala*, *duiker*, *oribi* e *water-buck*.

Communicações. — O relatorio opina que a solução definitiva das communicações, entre o Oceano e a região alta do Buzi e do Save, consiste nos caminhos de ferro ligeiros e de via larga depois, á proporção que o trafego se desenvolver. Até lá, a ausencia da mosca tzé-tzè permitte facilmente o transporte por tracção animal.

Facilidade de viagem. — A excellente regra de levar os regulos a construirem e conservarem em boas condições uma ou mais palhotas em cada uma das povoações principaes ou sitios de paragem, permitte aos funccionarios da Companhia de Moçambique percorrerem o paiz sem o estorovo das barracas de campanha, o que facilita as viagens rapidas e reduz os despesas.

Cartas do territorio. — O relatorio refere-se ainda á multiplicidade de dialectos indigenas, e preconisa, para commodidade e vantagem de orientação dos viajantes e pesquizadores, o levantamento topographico de todo o paiz e a publicação de cartas de rigorosa exactidão.

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

INDICE

PARA A OBRA

PLANTAS UTEIS

DA

AFRICA PORTUGUEZA

PELO

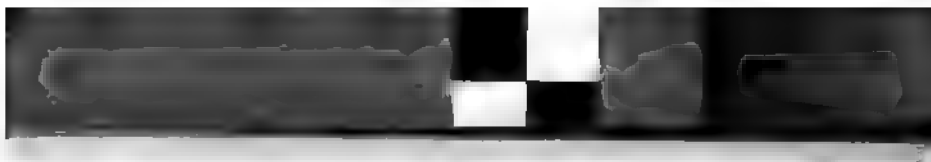
CONDE DE FICALHO

APURADO

POR

AUGUSTO SANT'IAGO BARJONA DE FREITAS

Agronomo S. S. G. L.

Lisboa — 1908

INDICE ALPHABETICO PARA A OBRA
DO CONDE DE FICALHO

«Plantas uteis da Africa Portugueza»

«No Boletim d'esta Sociedade publicou o Conde de Ficalho uma «serie de artigos interessantes sobre *Nomes vulgares d'algumas plan- «tas africanas, principalmente angolenses*. Quando os compilou n'um «volume, publicado tambem pela Sociedade de Geographia, acrescen- «tou muita materia nova, deu-lhe um titulo que julgou mais apro- «priado — *Plantas uteis da Africa portugueza*, — escreveu-lhe uma «introducção absolutamente inedita e fez um livro encantador, pois «esse livro é por assim dizer a historia do Continente Negro, feita pelo «estudo da botanica, mostrando como as questões botanicas histori- «cas e ethnographicas se ligam e se pódem reciprocamente elucidar.» Assim se referia o sr. conde de Arnoso, no elogio do illustre professor de botanica, ao livro verdadeiramente *encantador*, como lhe chamou, e tambem *utilissimo* para quem necessite conhecer as possibilidades de aproveitamento da nossa flora colonial.

Com proveito o consultámos por mais de uma vez, por ocasião da nossa estada em Cabo Verde.

Reconhecendo o incontestavel valor da obra, verificámos, todavia, as difficuldades da sua consulta, pela falta de um indice, que o auctor tencionava publicar com a parte relativa ás monocotyledoneas, a qual infelizmente não chegou a vir a publico. Com effeito se, depois de saber-se a ordem da successão das familias, se chega, em relativamente pouco tempo, a encontrar qualquer planta cujo nome botanico se conheça, não acontece assim quando apenas se lhe sabe o nome vulgar!

Por isso, e como em breve vamos ter necessidade, em Angola, de consultal-a repetidas vezes, resolvemos completar o indice, que em Cabo Verde começáramos, para uso proprio, e tivemos de interromper por motivo de outros trabalhos mais urgentes. Damo-lo porém hoje

á estampa na ideia de que possa ser util a mais alguem e de prestar homenagem á memoria do *De Candolle* da nossa Provincia de Angola.

Sentimos apenas que elle deixe muito a desejar pela sua imperfeição, em parte devida á rapidez com que tivemos de o concluir, em vista de outros trabalhos urgentes. Mas resta-nos a esperança de que entre os admiradores do Conde de Ficalho se encontrará alguem com competencia para publicar uma nova edição das *Plantas uteis da Africa Portugueza,* em que se aproveitem informações que vieram a lume posteriormente, e se accrescente a parte relativa ás monocotyledoneas, sendo provavel que o principal desse trabalho possa encontrar-se nos manuscriptos deixados pelo sabio botanico. Será então tambem ensejo de rever e aperfeiçoar o indice que apurámos.

Para facilidade da leitura imprimimos em typo *italico* os nomes vulgares europeus ou indigenas e em redondo os nomes botanicos especificos. Os nomes das familias e tribus são indicados em VERSALETES e egypcio. Parecendo-nos conveniente mencionar partes e artefactos de plantas, vão estes nomes em *italico,* precedidos de um * asterisco. As abreviaturas dos sabios que deram as denominações botanicas especificas ás plantas, vão em typo (*italico*) entre parenthesis.

Ao illustre director do Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa agradecemos o seu penhorante acolhimento.

AUGUSTO SANT'IAGO BARJONA DE FREITAS.
Agronomo — S. S. G. L.

INDICE

A

C

D

E

F

J

K

L

M

Q

U

V

W

X

Y

Z

6.ª Série — 1908 N.º 5 — Maio

BOLETIM

DA

Sociedade de Geographia de Lisboa

FUNDADA EM 1875

SUMMARIO

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
Rua do Diario de Noticias, 110

1908

6.ª Série — 1908 N.º 5 — Maio

BOLETIM

DA

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

rector, proprietario e editor—*Sociedade de Geographia de Lisboa*—Rua de Santo Antão—Lisboa
Composição e impressão na Typographia Universal
pertencente a Coelho da Cunha, Brito & C.ª — rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

S. M. EL-REI D. MANUEL II

Protector da Sociedade de Geographia de Lisboa

Attendendo ao que Me foi representado pela Sociedade e Geographia de Lisboa, e querendo significar-lhe de um odo authentico o Meu justo agrado pelo zelo e louvavel npenho, com que tem mantido e promovido os estudos e ploraçóes geographicas, e não menos pelo intelligente e dicado patriotismo e amor da verdade historica que tem npregado na defeza do bom nome e das glorias nacionaes: ei por bem Fazer-lhe a Mercê de Me Declarar Protector mesma Sociedade de Geographia de Lisboa. — O Pre-dente do Conselho de Ministros, Ministro e Secretario Estado dos Negocios do Reino, assim o tenha entendido faça executar. — Paço, em 14 de maio de 1908 — REI — *rancisco Joaquim Ferreira do Amaral.* — Está conforme. cretaria d'Estado dos Negocios do Reino, em 18 de Maio 1908. *Arthur Fevereiro* [1].

---

[1] COPIA — Ill.mo Ex.mo Sr. — Tenho a honra de passar ás mãos de V. Ex.ª a copia do Decreto de 14 de Maio corrente em que Sua Majestade El-Rei o Senhor Dom Manuel II Se Declara Protector da Sociedade de Geographia de Lisboa, de que V. Ex.ª é mui digno Presidente. — Deus Guarde a V. Ex.ª — Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino em 18 de Maio de 1908. — Ill.mo Ex.mo Sr. Presidente da Sociedade de Geographia de Lisboa. — (a) *Arthur Fevereiro.*

A LA RECHERCHE DU PÉTROLE AU PORTUGAL

Communicação á Sociedade de Geographia de Lisboa em 9 de março de 1908

Le pétrole se trouve dans toutes les parties du monde et plus fréquemment dans des formations sédimentaires secondaires surtout tertiaires, quoiqu'on en trouve également dans des terrai bien plus anciens, comme les terrains de transition et les terrains ca bonifères des Etats-Unis de l'Amérique du Nord. D'ailleurs en ce q concerne les nombreuses théories émises pour expliquer la formati des pétroles, il semble rationnel d'admettre que toutes ont un peu vrai et que la cause première des gisements de pétrole varie suiva les régions.

En Europe c'est surtout dans les roches arénacées de form tion tertiaire que l'on rencontre le pétrole. Du reste ce que l'on appel la pierre à pétrole est ordinairement composée d'un grès friable à gr grains d'une couleur brune et d'une odeur caractéristique. De faç générale les terrains pétrolifères des divers pays du monde se retro vent à presque tous les étages de l'échelle géologique.

S'il est vrai qu'en Europe le pétrole se trouve généraleme dans les couches tertiaires, il n'en est pas moins vrai qu'au Hanov p. ex. on en trouve aussi dans la série suprajurassique qui, ainsi qu' le sait, fait partie du secondaire. C'est là que l'on trouve des calca res appartenant au terrain néocomien et des calcaires et des gr d'une nature absolument jurassique. Et c'est dans ces calcaires et c grès jurassiques qu'on trouve le pétrole en plus grande quantité.

Or au Portugal c'est précisément dans des couches semblabl de la série suprajurassique qu'il y a des indices (et réellement de bo indices) de la présence du pétrole.

La série suprajurassique du Portugal comprend du calcaire structure parfois oolitique), du grès (souvent micacé), des marnes, et Au dessus du jurassique se trouvent les couches du crétacé inférie qui comprennent des sables et des grès.

Il y a d'autres pays encore on l'on trouve également des ind cations de pétrole dans le jurassique, mais alors ce n'est plus dans série suprajurassique, comme en Hanovre et au Portugal, mais da le jurassique moyen, comme dans d'autres parties de l'Allemagne Nord, et dans le jurassique inférieur, comme en République Arge tine, etc.

Voyons quels sont les indices qui ont été observés au Portug et en particulier dans la zone de Torres Vedras. D'abord il y a d sables et des grès fortement imprégnés et colorés par de la matiére bit mineuse qui, sous l'influence de la chaleur, arrive à se liquifier pl ou moins. Puis il y a des grès, compacts et durs, qui émettent u odeur pétrolifère quand on les casse et d'où la chaleur fait égaleme sortir un peu de bitume liquide. Ensuite il y a des marnes dont l fissures sont chargées de bitume plus ou moins liquide, suivant

plus de chance de rencontrer des nappes exploitables avec
ge.

es divers districts où le pétrole serait susceptible d'être ren-
sont ceux de Torres Vedras, de Leiria, de Caldas da Rainha,
intra, de Cascaes. Il n'est que tout juste de dire que, jusqu'à
nt du moins, ce n'est guère que dans les deux premiers que l'on
a réellement espérer un rendement avantageux. Et pour aujour-
je vais parler spécialement de la région de Torres Vedras.

Au point de vue géologique il y a aux environs de Torres Ve-
deux formations intéressantes. Au Sud et en se prolongeant vers
ord-Est il y a le jurassique supérieur, au Nord et au Nord Ouest
a le crétacé inférieur.

Au Nord de Torres Vedras et sur la rive droite du Rio Sizan-
le crétacé inférieur (le néocomien) recouvre le jurassique supé-
ur. A Torres Vedras les couches ont une plus grande régularité
ailleurs, tandis qu'en d'autres endroits il y a eu de tels boulever-
ments qu'il serait très difficile de savoir où l'on aurait des chances
foncer avec profit. Ce n'est que par un hasard que l'on pourrait
river à trouver au Portugal du pétrole dans des conditions bien plus
rables qu'à Torres Vedras. Vers Leiria et à plus forte raison, vers
ntra et Cascaes, les terrains sont tellement bouleversés, que la dé-
mination des courbures des couches, leur longueur, leur largeur et
ur allure, présente de telles difficultés que, faute de données certai-
s, c'est le hasard seul qui pourrait guider dans les premiers es-
is d'exploitation.

Voyons quelles sont les autres raisons pour effectuer les pre-
iers sondages aux environs de Torres Vedras. Vers l'ouest de Tor-
s Vedras il y a un grand pli anticlinal et c'est précisément dans
tte zone qu'en février 1908 on va commencer un nouveau sondage.
dis nouveau, parceque l'on avait déjà exécuté un premier sondage
i a été, il est vrai, incomplet par suite d'un sérieux accident de
e de sondage, mais qui n'en pas moins donné les indications d'un
ndant dégagement de gaz. Or d'abondantes émanations de gaz hy-

les synclinaux sont les plis rentrants. Dans les plis anticlinaux les 2 versants plongent dans des sens opposés).

Or scientifiquement il est pleinement démontré que les couches pétrolifères se rencontrent plus près de la surface dans les anticlinaux de grande amplitude que dans les autres, parceque, dans les premiers, les couches, n'ayant pas subi de resserrement latéral, ne se renflèrent pas au centre du plissement et conservèrent leur épaisseur d'origine, tandis que, dans les autres, l'épaisseur des couches s'augmenta en proportion de l'énergie de resserrement. En somme le pétrole doit se chercher dans les anticlinaux sur le point culminant des couches en choisissant surtout les anticlinaux séparés par de profonds et larges synclinaux.

Dans divers pays on a reconnu à bien des reprises que les accumulations énormes de pétrole se rencontraient surtout dans les anticlinaux. Et cela est surtout vrai pour les gisements du secondaire; or ceux de Torres Vedras appartiennent au secondaire.

Les anticlinaux drainent en quelque sorte les terrains des pétroles qu'ils contenaient et s'enrichissent d'autant plus qu'ils sont séparés l'un de l'autre par une plus grande distance. Il s'ensuit donc que les plissements principaux forment les réservoirs d'accumulation les plus grands.

De façon générale, c'est à l'ouest de Torres Vedras que les roches jurassiques s'étendent sur bien des kilomètres et c'est également sur bien des kilomètres que l'on trouve les indications de bitume.

Il est bon de faire remarquer que si partout le terrain est plus ou moins ondulé, la nature des collines n'est pas telle qu'elle pourrait empêcher le transport et l'établissement des machines. De plus l'eau ne manque pas dans la région, chose importante pour la facilité des travaux.

D'ailleurs il est bon de faire remarquer que, dans la zone de Torres Vedras qui semble propice au pétrole, il y a des gisements bitumineux qui depuis 20 à 30 ans déjà ont été exploités pour la fabrication d'asphalte. Mais ce n'est en somme que tout récemment qu l'on a songé qu'il pourrait bien y avoir du pétrole et tout le mérite e revient à Mr. Taylor, un Anglais.

Ce que le nouveau sondage, qui va être entrepris aux enviro de Torres Vedras, doit démontrer, c'est qu'à côté des échappeme de gaz qui ont déjà été constatés dans la même région, il y a a des suintements de véritable pétrole. Alors une fois que l'on aura manifestations de pétrole provenant des gisements contenus dans terrains à une plus ou moins grande profondeur, on aura des p de repère pour la détermination exacte des lieux de conservatio pétrole dans l'intérieur de ceux-ci.

Quant à la quantité de pétrole que l'on pourra trouver, o parfaitement autorisé à dire que cette quantité ne sera pas trop f car les sables et les calcaires bitumineux ont été reconnus su sieurs kilomètres. D'ailleurs la zone où l'on peut trouver du p n'est pas une zone restreinte en étendue, car elle s'étend su klm. de long et 40 klm. de large.

Déjà en allant de Lisbonne à Torres Vedras et un peu avant arriver à cette localité, il y a 3 tunnels qui traversent du calcaire. Dans les fentes de ce calcaire on trouve du bitume, et, pendant la saison sèche et chaude, ce dernier s'écoule du haut du tunnel. Puis tout près de Torres Vedras, aux bords du Rio Sizandro, il y a des conglomérats calcarifères qui sont imprégnés de bitume et il y a également des sables bitumineux.

En ce qui concerne Leiria il y a aussi des indications des couches da la série suprajurassique et il y a également du bitume, mais *a priori* les gisements pétrolifères des environs de Leiria sont moins facilement exploitables, attendu qu'ils se trouvent á proximité de zones éruptives qui ont tellement rejetté les couches secondaires que, jusqu'à présent, il serait réellement extrêmement difficile de dire où il faudrait faire les sondages. A plus forte raison il en est de même à Cascaes et à Cintra où jusqu'à présent les indications de pétrole sont en somme assez faibles, quoique la situation proche de Lisbonne serait assez favorable. D'ailleurs il ne faut pas s'étonner, si à Cascaes les indications sout beaucoup plus faibles, car là le jurassique est recouvert par le crétacé et naturellement alors les indices que l'on peut y trouver sont forcément plus faibles, tandis qu'à Torres Vedras on se trouve surtout dans la série suprajurassique (quoiqu'il y ait également à Torres Vedras des couches du néocomien du crétacé inférieur).

Aussi on voit, une fois de plus, que de toutes les couches pouvant indiquer du pétrole, ce sont celles de Torres Vedras qui présentent le plus de régularité et le plus de chances de succès.

On est donc absolument justifié de commencer les travaux dans cette zone-là.

Et dans ces questions de pétrole il ne faut pas oublier que *les sondages seuls peuvent démontrer de façon absolument nette qu'il y a des quantités de pétrole exploitables au point de vue économique.* Et ceci quoiqu'il ait été amplement démontré, au point de vue scientifique, qu'il y a du pétrole dans le sous-sol des terrains qui s'étendent de Cascaes à Torres Vedras et Leiria.

A quelle profondeur pourra-t-on trouver le précieux liquide? A mon point de vue je serais étonné si l'on en trouvait à moins de 350 à 400 métres; cependant l'avenir pourrait réserver des surprises agréables et il ne serait pas impossible que l'on en trouvât à une profondeur un peu moindre.

Ici je crois utile de venir donner quelques renseignements géologiques. C'est tout particulièrement pour l'ensemble du jurassique que les différents termes de la série varient considérablement d'un pays à l'autre. Toute la série jurassique (et particuliérement tous les termes de la série suprajurassique depuis le callovien jusqu'au portlandien) forme des types bien différents suivant que l'on est en France, en Allemagne du Nord, dans les Alpes, etc. De même le facies général du système jurassique du Nord-Ouest de l'Inde est extrêmement différent de celui d'Europe.

Au contraire pour d'autres couches, telles que les paléozoïques et celles du trias, les différences de flore et de faune sont beaucoup

moins prononcées suivant les divers pays que ne le sont celles de la série suprajurassique.

Le callovien qui, ainsi que l'on le sait, est à la base de la série suprajurassique (et qui au Portugal a été reconnu dans l'Estremadura) diffère énormément des couches du callovien qui existe en Angleterre. Au Portugal le callovien comprend des schistes et cette roche métamorphique est favorable à la conservation du pétrole. D'ailleurs à Portella, près de Torres Vedras, il y a également du sable calcarifère bitumineux.

Ces quelques indications suffisent pour montrer qu'il n'y a pas de quoi s'étonner, que le pétrole puisse être obtenu en quantité exploitable économiquement dans les couches du jurassique du Portugal, quoique une grande partie de la série soit composée de calcaires et de marnes. De plus l'argile oxfordienne qui est épaisse (on sait que dans la série suprajurassique c'est l'oxfordien qui recouvre immédiatement le callovien) agit comme un couvercle ou un tampon au-dessus de la couche pétrolifère (et ceci que cette couche pétrolifère soit d'origine primaire ou secondaire). Et sans ce couvercle il serait impossible au pétrole de se former et encore moins d'être retenu.

Je remarque en passant que les échantillons de bitume liquide, qui ont été recueillis, ont une densité de 0,98, sont d'une couleur d'un noir foncé et que le produit devient solide à + 9°,5.

Comme conclusion, on peut affirmer qu'il y a au Portugal de sérieuses indications de pétrole qui se rattachent principalement à la série suprajurassique quoique également un peu au crétacé inférieur. Jusqu'à présent on est obligé de considérer comme zone la plus avantageuse celle de Torres Vedras, car non seulement les indices sont aussi bons qu' ailleurs, mais aussi l'inclinaison et la régularité des couches sont particulièrement favorables.

Pourquoi suis-je venu insister sur la présence du pétrole au Portugal? C'est que ce liquide est plus précieux que l'or, car il sert de moyen d'éclairage, il peut remplacer avantageusement le charbon pour le chauffage des locomotives sur les voies ferrées et des générateurs à vapeur sur les navires, puis il peut remplacer le charbon dans les fabriques et même en métallurgie il peut servir (dans des fours spéciaux) à la réduction des minerais, ensuite il peut servir à la propulsion des automobiles et des navires aériens, etc.

Jusqu'à présent toutes les machines des voies ferrées du Portugal s'alimentent pour ainsi dire exclusivement de charbon anglais. Or comme il serait si facile de les alimenter avec du pétrole, on voit l'intérêt capital qu'il y a pour le Portugal d'aider à mettre à jour les couches souterraines de pétrole.

Jamais il n'y aura trop de pétrole; il ne faut donc pas craindre que le prix du pétrole aille en baissant, c'est plutôt le contraire qui pourrait se produire.

Il n'y a pas une seule substance minérale qui puisse devenir une aussi grande source de profits que le pétrole, bien entendu pour des gens qui sauront l'extraire avec intelligence, car entre les mains de gens maladroits la plus belle affaire du monde arriverait à être étouffée.

Quand un pays est assez heureux pour posséder un liquide aussi précieux que le pétrole, il ne faut pas qu'il hésite à faire les plus grands efforts pour le développement de son extraction.

EUGÈNE ACKERMANN,
Ingénieur civil des mines.

UMA INSCRIPÇÃO PORTUGUEZA EM ORMUZ

«Como se ganhou Ormuz, sabe-se, ou sabem-n'o pelo menos quantos conhecem e estudam a historia do nosso imperio asiatico... Mas como se perdeu Ormuz é que anda menos sabido e não é menos interessante.» Estas palavras, extrahidas do começo d'um dos mais bellos estudos do nosso mallogrado Luciano Cordeiro, véem a proposito da contribuição que abaixo se publica.

Ormuz fôra conquistada definitivamente pelo grande Albuquerque em 1515. Desde então a chave do Golfo Persico foi mantida pelos Portuguezes, a despeito de diversas investidas dos inimigos; o commercio desenvolveu-se; a fortaleza foi augmentada com diversas obras e sempre conservada em estado de defeza; o rei de Ormuz era-o apenas em nome e no brilho externo; governava o capitão portuguez; ainda em 1607 Falcão Figueiredo, no conhecido *Livro de toda a fazenda* (pags. 120-121), escreve o seguinte: «A fortaleza de Ormuz é de mais confiança que Sofala e mais honrada, porque é fronteira á Persia, Turco, Mogor e ao Catane, e outros reis e senhores poderosos. E' chave do Estado da India, frequentada do mundo todo e de venezianos. Os capitães teem muito estado e casa e gente de a cavallo... representam ali a grandeza de Sua Magestade, que tem n'aquella povoação um rei vassalo.»

Em 1622, ao cabo de prolongado assedio, posto pelos Persas, auxiliados pelos Inglezes, Ormuz rendeu-se, conforme Luciano Cordeiro narra no magnifico trabalho historico *Como se perdeu Ormuz*.

Com o decorrer dos tempos a importancia de Ormuz diminuiu muitissimo. A terra era insalubre; as correntes commerciaes desviaram-se; a ilha despovoou-se quasi; hoje apenas lá vão carregar minerio. Mas as ruinas da fortaleza ainda permanecem a attestar, como tantas outras por esse mundo fóra, o que foi essa obra prodigiosa, inacreditavel, dos Portuguezes em pouco mais de cem annos.

Um portuguez de origem, sempre enthusiasta pelos feitos da sua raça, e que pela sua vida aventurosa parece ter nascido no seculo XVI esteve no anno passado em Ormuz. E' d'elle a narrativa que se segue.

O que vi em Ormuz

Pedem-me para escrever as minhas impressões a respeito da viagem que fiz ao Golfo Persico e do modo como encontrei em Ormuz a placa com uma inscripção portugueza. Procurarei fazel-o pelo melhor modo

que possa, pedindo a quem me ler haja de desculpar a singeleza da minha narrativa, pois que eu nasci talvez para ser um aventureiro, mas não um escritor. Essa narrativa é fundada apenas nas minhas recordações, por isso que o apontamento unico que tomei, foi a copia da inscripção do que eu suppunha ser uma parte de uma sepultura.

Foi nos ultimos dias do mez de agosto do anno passado que eu visitei diversos portos do Golfo Persico, na qualidade de official do vapor inglez *Registan*. De Rushire fomos a Ormuz, ultimo porto da nossa escala n'aquellas paragens, a fim de carregar oxydo de ferro, conforme o contracto feito pelo nosso armador. E a proposito direi que o lucro do negocio d'este minerio é tal que permitte mandar lá um navio, saindo do porto de Penarth, de cerca de 6.000 toneladas, com quasi nenhuma carga, para levar 2.000 toneladas de minerio para Philadelphia.

Ora, emquanto me demorei na ilha, causaram-me grande impressão as numerosas ruinas que ali observava. Sabendo que aquella localidade fôra outr'ora occupada pelos Portuguezes, considerava tudo com muito interesse, e especialmente um grande castello antigo, que certamente deveria ter sido muito forte, e que se ergue na parte occidental da ilha.

O desempenho das minhas funcções absorvia-me quasi todo o tempo durante o dia; por isso não tinha opportunidade para me empregar em investigações. Entretanto succedeu que, desembarcando n'uma occasião na praia d'areia, descobri uma placa de ferro, approximadamente de quatro pés de comprimento e tres pollegadas de espessura, com um arganeu tambem de ferro em um dos lados. Afastando a areia que em parte cobria a placa, vi que ella apresentava uma inscripção; copiei-a com a maior exactidão possivel, a fim de poder ser decifrada, devendo observar que as lettras estavam em grande parte gastas pelo tempo, o grande destruidor que tudo apaga.

Imagino que aquella placa era a peça externa, ou de qualquer fórma estava ligada com outras da parte externa d'um gavetão, no qual o puxador fosse substituido pelo arganeu ou argola a que me referi, e pertencendo tudo a um sarcophago.

Sabendo que n'aquella localidade tinha havido sepulturas dos heroes portuguezes que tanto illustraram Ormuz, resolvi conservar a copia da inscripção até poder envial-a á Sociedade de Geographia de Lisboa, como agora faço, por intermedio de meu cunhado, o sr. Luiz Strauss.

Peço licença para observar que, ao passo que outros paizes julgam conveniente estudar aquella região, nenhum navio portuguez tem sido ali visto desde longa data, conforme me foi affirmado pelos homens de mais avançada idade, a quem me dirigi. Disseram-me tambem elles que, quando chove, frequentemente das muralhas esboroadas da fortaleza maior sahem ossadas, moedas e outros pedaços de metal, sem duvida empregados como balas ou metralha.

Na parte exterior da fortaleza existem ainda quatro grandes peças de artilharia, que actualmente servem de supporte ao unico pau de bandeira que ha na ilha. Ainda se vêem outras quatro peças mais pequenas em uma das torres da fortaleza, mas em situação tal que

seria muito perigoso procurar removel-as. E eis tudo o que resta do dominio portuguez em Ormuz!

Entretanto penso que aquelle local recompensaria muito quem se dedicasse a realisar ali uma exploração scientifica ou melhor archeologica, e estou certo que isto devia ser realisado de preferencia pelos Portuguezes, pois que elles certamente possuem documentos relativos a Ormuz; havendo canhoneiras portuguezas na India, não seria difficil que, de Gôa ou de Diu, fosse mandado um d'esses navios a Ormuz para proceder a essas investigações.

Ha tambem ruinas de um forte hollandez em Larak, outra ilha proximo de Ormuz; mas d'ellas pouco resta, o que mostra que a construcção portugueza era mais forte e mais perfeita.

Em Kishm, a antiga Queixome dos Portuguezes, tambem se vêem as ruinas de fortes por elles construidos, mas não tão bem conservadas como as da fortaleza grande de Ormuz. Alem d'isso aqui observam-se tambem as ruinas da cidade que outr'ora presenciou em roda dos seus muros os feitos gloriosos dos Portuguezes.

Tendo assim fornecido estas resumidas informações, conforme me foi solicitado, termino fazendo votos para que ellas possam ser uteis ao paiz de quem actualmente sou hospede, estando certo de que as pessoas esclarecidas que as lerem, saberão amplial-as e corrigil-as.

Segue a inscripção.

LSTASEPVLTVR
ALRDAMBROSI
OGOMPSEDRSÉ
VSBRPRIROSP
OIASDONARR
AMCISOVADPS
OVSASVAMO
IHRPOVAIRO
EILHASEOETRA
IOANAROIRMO
LIIDEIOAODESOV
SAIAIORAO. 151

Lisboa, abril de 1908.

FERNANDO JARDIM.

Primeiro ensaio de leitura da inscripção: «Esta sepultura é a de Ambrosio Gomes e de seus erdeiros P... Dias dona Francisca de Sousa sua molher dona ? filhas e ? Joana Roiz molher de João de Sousa e ? A. D (Anno Domini) 151...»

TRAÇOS GERAES SOBRE A ETHNOGRAPHIA DO DISTRICTO DE BENGUELLA

(Continuado do n.º anterior)

65.º

Entre muitas familias de certos povos, como: Mundombes, Mucuandos, Quillengues, Cacondas, Hanhas, Gandas, Salles, etc., são indispensaveis as seguintes cerimonias quando as raparigas chegam á puberdade, sem as quaes não podem casar.

Os paes preparam as bebidas indispensaveis ás festas que terão logar; e em uma bella tarde, quando as raparigas mal se precatam, são mandadas apanhar pelos paes e fechadas em um quarto sobre cujo sólo se tem deitado uma alta camada de areia. As raparigas são postas núas no quarto, tendo apenas uma tanga entre as pernas; cobrem-lhe o corpo, desde o ventre até debaixo dos seios, com uma corda entrançada feita de folha de bananeira. As raparigas, sabendo já que vão ser sujeitas ás cerimonias de puberdade, a que chamam tambem *ókufékánran*, põem-se a chorar, por saberem que poderão depois d'isso ser dadas em casamento. No dia seguinte, de manhã, são retiradas do quarto; e matam-se tantos bois quantas são as raparigas, se os paes todos d'ellas têem posses para o fazer; se o não podem fazer, é indispensavel que se mate pelo menos um boi dado pelos paes de uma das raparigas.

Mortos os bois, procede-se aos cosinhados, a que assistem todos os parentes e amigos convidados. Cada rapariga tem uma madrinha de cerimonias. Os rabos dos bois são reservados para serem entregues ás raparigas respectivamente, na occasião das danças e que adeante apresentaremos.

N'esse mesmo dia vão todos, debaixo de cantos especiaes, acompanhar as raparigas ao matto para passarem o dia debaixo de uma arvore escolhida para isso, onde todos comem, bebem e brincam.

A' tardinha regressam d'essa excursão.

Durante o trajecto, quer de ida quer de volta, as raparigas vão de olhos postos no chão não os podendo levantar para ninguem; levam um cortejo adeante e outro atraz de si, cantando sempre as canções especiaes. Usam pôr lhes na testa um penacho atado ao redor da cabeça. Essa arvore, sob a qual vão passar o dia, chamam-lhe *úti u epúda*.

No dia immediato vão ao matto á procura de uma substancia branca, em pedra, e que julgamos ser cré. Chegados a um local que revele indicios de conter essa cré, senta-se todo o cortejo no chão e põe-se a chorar (porque dizem que se não chorarem, a cré não será encontrada). Depois do choro cavam, e encontrando a cré, a que chamam *ochikera*, fazem d'ella grande provisão que levam para casa. No dia seguinte pisam-a e reduzem-a a pó. Dilue-se esse pó em agua ficando uma cal com que é pintado o corpo das raparigas. Esta operação repete-se todos os dias, durante um mez pouco mais ou menos. Quando se acaba a provisão da cré, vão buscar outra.

Determinado o dia em que devem acabar as pinturas, ordenam ás raparigas que vão roubar mantimentos ás lavras dos parentes, trazendo para casa o producto dos roubos. No dia immediato ordenam-lhes que se vão esconder onde queiram (sempre em libatas de pessoas conhecidas), sendo procuradas pelos paes até serem achadas. No dia seguinte são bem lavadas; e para ficar o corpo bem limpo, é esfregado, de noute, por varias vezes com uma massa feita de pirão e *gúdi* (manteiga de vacca). Então participa-se a todos que ellas vão ser mostradas ao publico.

São muito bem vestidas com pannos limpos franzidos, etc., e forma-se o cortejo para o passeio á povoação. As raparigas têem de levar o rosto coberto com um lenço grande para não serem vistas por curiosos; e quem quizer vêr-lhes o rosto, deixam-lhe levantar uma ponta do lenço para vêr, mediante um premio de pequeno valor. N'esta phase das cerimonias tomam as raparigas o nome de *Akuga*.

Percorrem a povoação, levando cada rapariga o rabo de boi que deram seus paes, e com o qual têem de dançar nas libatas que correm. As danças e os cantos são especiaes. Estes passeios duram alguns dias.

Hoje duram estas cerimonias pouco mais de um mez, e durante esse tempo ha todos os dias comidas, bebidas e danças. Antigamente duravam tres mezes.

Entre as familias que usam rigorosamente estes costumes, até as suas escravas não se podem ligar a homem nenhum sem passarem primeiro pelas provas d'estas cerimonias, sendo encorporadas no cortejo das filhas de familias que a ellas vão sujeitas a estas.

66.º

Uma das cerimonias por morte d'uma pessoa, é a seguinte.

Exhalado o ultimo suspiro, procedem á remoção dos trastes que mobilam o quarto para este se conservar livre; é limpo e atapetado com esteiras. Em seguida preparam os vestuarios com que deve ser enterrado o cadaver; é este lavado e vestido, mudando-se tambem a roupa ou esteiras do leito.

Manda-se immediatamente fazer a declaração respectiva ás pessoas conhecidas e parentes, que correm á casa mortuaria, levando presentes diversos para ajudar as despesas do enterro.

O choro começa logo que o individuo morre, e continúa todo o dia até ao escurecer. Usam carpir exaltando as qualidades que distinguiam o morto e cantando a sua genealogia. Ao escurecer começam as musicas e danças, escolhendo-se sempre de preferencia os cantos e danças que eram predilectos do morto, acompanhados de bebidas até alta noute.

Quando todos estão recolhidos e a dormir, é retirado o morto do quarto e mettido em uma tipoia. O feiticeiro começa então a perguntar ao morto qual foi a causa da sua morte — se devido a feitiço ou espirito. Apurada a causa da morte, perguntam ao morto, apezar da successão, quem quer que seja seu herdeiro universal *(Kápignáran)*; e, se tem filhos menores, quaes os seus tutores *(Jéjecúru)*, que são sempre um homem e uma mulher, amigos ou parentes.

Se o morto diz que a sua morte é devida a feiticeiro, é vingado por meios de feitiçaria que nos abstemos de descrever aqui por pertencerem a um outro campo dos nossos trabalhos futuros.

Note-se que as perguntas ao morto só são feitas com a assistencia da familia.

Ao romper a alvorada rompe outra vez o choro, ao escurecer a mesma cousa; e assim quotidianamente até acabar o obito.

No dia seguinte ao da morte é o cadaver outra vez mettido na tipoia coberta com um lençol, e conduzido ao cemiterio com numeroso cortejo e acompanhamento de tiros, cantos, musicas e choro.

Os Quimbundos cavam a sepultura em fórma de gaveta, isto é, fazem primeiro uma escavação vertical e depois fazem outra horizontal communicando com a primeira e formando com ella um angulo. E' n'esta ultima que mettem o cadaver. A sepultura é bem funda, e tapa-se a abertura com pedras, lançando-se-lhe depois terra por cima.

O obito *(nábi)* começa logo no dia do enterro e dura, quando o morto era rico, dez dias. Durante o obito ha danças, cantos, musicas e bebidas, matando-se de dias a dias um ou outro porco para comerem.

No ultimo dia do obito mata-se um boi e são rapadas as cabeças a todas as pessoas de casa, quando o morto era de alta estirpe; não o sendo, apenas se rapa a cabeça aos principaes membros da familia, esfregando-se-lhe o cabello com os pulmões do boi morto antes de ser cortado. Nenhuma pessoa, porém, pertencente á libata ou familia do morto come da carne d'esse boi do ultimo dia do obito; a carne é vendida ou comida pelos amigos e conhecidos que não dependessem do morto.

Se o morto era pobre, o obito dura apenas tres dias, e mata-se apenas um cabrito ou um porco.

Se não ha meios para se fazer o obito, chora-se apenas durante dois dias, e adia-se o obito para quando haja meios. Chamam a este addiamento *Okuvébika o nábi* (enterrar o obito).

Quando o morto possuia espiritos ou cultivava espiritismo dos ramos Calundu (do districto de Loanda, que está tambem implantado n'este districto), *Chihóbo* ou *Kadúdu* e *Sóje*, o cadaver não sahe pela parte do quarto; sahe por uma abertura que se pratica na parede do quarto.

Esse buraco só é fechado no ultimo dia do obito, matando-se um cabrito ou um porco. Além d'esta cerimonia, porém, a morte de qualquer pessoa espiritista, mórmente quando haja meios, exige uma infinidade de cerimonias complicadas e graves que não descrevemos aqui, porque tomariamos muito espaço, e reservamol-as para os nossos trabalhos exclusivamente sobre espiritismo.

No enterro de gente de alta estirpe e rica, faz-se passar o cadaver sobre um boi seguro por gente, logo á sahida do quarto mortuario, sendo esse boi morto em seguida. Chamam a esse boi *Odóbokuá* (de *ókuróboka*, saltar).

Nos funeraes dos espiritistas ricos as cerimonias exigem o sacrificio de tres bois.

Os Mundombes, Mucuandos e Quillengues de raça pura (Muchó)

usam deslocar completamente o cadaver emquanto está quente, e metterem-lhe a cabeça antre os pés, reduzindo o corpo a um volume muito pequeno e formando uma bola. Antigamente os Mundombes não esperavam que o moribundo exhalasse o ultimo suspiro — davam cabo d'elle com uma pancada. Depois é o cadaver embrulhado em pannos e exposto, á noute, fóra dos humbraes da porta, tornando a ser recolhido ao romper da manhã. Tambem fazem saltar o cadaver sobre um boi, á sahida do quarto mortuario, sendo em seguida morto o animal. Antes do cortejo chegar ao cemiterio vae um mensageiro apregoar ao redor do cemiterio que vae ser enterrado fulano de tal filho de fulano, rezando a genealogia e qualidades do morto. No cemiterio é morto outro boi, cujo sangue é vasado na sepultura; depois collocam n'esta o cadaver com todas as suas armas e insignias e collocam tambem na sepultura a cabeça inteira do boi morto, servindo de almofada á cabeça do morto. Depois d'estas cerimonias é que se procede á inhumação.

Entre estes tres povos, quando o morto é rico e de alta estirpe, mettem o cadaver na pelle de um boi, como fazem aos sobas.

A carne dos bois mortos no cemiterio e á sahida de casa é distribuida pelas pessoas presentes. O obito apenas dura dois dias, começando na noute do enterro; consiste em comidas, bebidas e cantos acompanhados pelo cadenciado de paúsinhos que batem uns de encontro a outros. No ultimo dia do obito procedem ao corte do cabello e morte de boi, como já descrevemos.

A' viuva, em todos os povos, não se costuma rapar a cabeça; apenas se lhe corta o cabello á frente. Entre os Mundombes os rapazes solteiros são enterrados atraz da libata. Entre os Quimbundos, o cadaver conserva-se em casa tres a quatro dias, durante os quaes corre o obito. As pessoas que véem assistir ao enterro e obito, trazem presentes de gallinhas, porcos, aguardente e quimbombo. O cadaver é enterrado embrulhado em pannos e esteiras.

Em todos estes povos a viuva ou viuvo, acompanhados por um ou dois filhos mais velhos, ou filhas, e pela mãe, tomam nojo, conservando-se no quarto mortuario alguns dias; excepto quando os conjugues eram legitimados pelo boi *obégéra*, que já descrevemos.

Cabe citar aqui o seguinte: entre alguns povos Ganguellas, taes como Canhocas e Quiocos, quando morre o soba é enterrado com elle, vivo, o escravo que elle tiver escolhido antes de expirar. A' victima partem as pernas para não fugir, e fica por baixo do cadaver.

CAPITULO VIII

Das crenças e superstições

67.º

Todos estes povos crêem, temem e respeitam um ente supremo, a que chamam *Súku* (Deus), architecto do Universo, que em tudo manda e de tudo dispõe.

Crêem tambem nos espiritos, bons e maus, nos seus beneficios e

maleficios, e cultivam muito o espiritismo, a que recorrem a maior parte das vezes no curativo de certas molestias e para o bom exito de qualquer empreza.

O espiritismo é sempre cultivado por meio de magnetismo das pessoas, e qué conseguem com batuques, danças, cantos e chocalhos feitos de cabaças pequenas; os batuques são tocados por traz do individuo que se quer magnetisar, os dançarinos e cantores ficam á frente d'ella, e os chocalhos são agitados por sobre a sua cabeça. Todos estes elementos são collocados a distancia calculada de fórma que actuem sobre a esphera nervosa do individuo.

Ao espiritismo chamam *Orodére* (espiritos); ao espirito *Odere*; ao estado magnetico chamam *Osáde*, e ao magnetismo *Orosáde* (estados magneticos). O entrar em estado magnetico ou estar magnetisado chamam-lhe *Okusigira*.

Os novatos são magnetisados sentados, e os mestres de pé; estes estes ultimos dançam, pulam, saltam fogueiras, pisam carvões accesos, falam, gesticulam, gritam, etc.

Os pretos não attribuem o magnetismo ás suas verdadeiras causas, mas sim á encarnação dos espiritos no cerebro do individuo. O magnetisado tem dupla vista, lê o que vae no intimo das pessoas, os seus pensamentos e sentimentos, adivinha as causas e effeitos dos males, e diversas outras cousas que se deseja saber. Se o paciente que se sujeita á prova, é refractario ao magnetismo, não attribuem o facto á sua má predisposição nervosa; dizem que tem a cabeça dura, o que significa ser difficil á encarnação dos espiritos no cerebro.

Fazem-o então levantar e é substituido por um outro. O magnetisado, voltando ao estado natural, sente-se extremamente fatigado, e esquece por completo tudo o que fez e disse no estado magnetico.

De todos os espiritos, o peor, o mais terrivel, é o *Sáburu* (que já descrevemos no numero 43), e a seguir, pela ordem da sua importancia, o *Chirúdo* (vulgarmente Calundu, importado do districto de Loanda), *Chihóbo* ou *Kadúdu* e *Sóje*. O mais benefico e inoffensivo de todos é o *Kámiam* (espirito das creanças e dos partos). Symbolisa o *Chihóbo* ou *Kadudu* uma especie de sapo, em cujo corpo está encarnado aquelle espirito, e que costumam ir apanhar, com as devidas ceremonias, ao rio. E' este um dos ramos mais complicados do espiritismo, a par do *Chirúdu*.

Têm estes povos objectos e logares sagrados, vedados aos profanos, e que pertencem ao espiritismo, á feitiçaria e á magia.

Os objectos consistem principalmente em chifres, machadinhos, cestinhos, cordas entrançadas, pennachos, chocalhos, cabacinhas, pelles, instrumentos de musica empregados no espiritismo, e mil outros. São tambem sagrados: o *Usése* (rabo de cavallo) dos Sobas e Secúlos, a *uhába* (especie de canastra) do negociante ou marchante, o arco e setta do guerreiro e do caçador.

Os principaes logares sagrados são as casas onde têem guardados os objectos do espiritismo, a que chamam *atábo* (no plural; no singular é *etábo*). São estas casas feitas de páu a pique e cobertas de capim; não levam terra amassada como as casas ordinarias.

Tambem são sagrados os logares (clareiras) ou recintos, onde praticam o ramo de adivinha a que chamam *ókuiáhura*.

São respeitados e evitados os logares onde se praticaram curativos de feitiçaria ou de molestias terriveis; estes logares conhecem-se sempre pelas cinzas, paus queimados e pedras que ahi deixam ficar. Quem pisar esse logar, apanha a molestia ou feitiço que ahi foi curado. Escolhem sempre de preferencia, para os curativos, a encruzilhada de diversos caminhos, a que chamam *Ánháham*. O proprio doente, assim que finda o curativo, volta costas a esse logar, e foge correndo.

68.º

Consideram a alma immortal. Quando os effeitos de luz fazem projectar ao corpo de uma pessoa duas sombras, sendo uma carregada e outra diffusa, a que chamam *Ochirébérébe*, dizem que a primeira das sombras é a alma da vida (essa é mortal com o individuo), e a outra a da morte que ellas consideram immortal e vagueando.

Para elles, morta uma pessoa, a sua alma vagueia e vem, alta noute, uma vez ou outra, visitar a sua casa e a sua familia.

A' alma dos mortos chamam *Ochirúnrum*.

Consideram sempre de mau agouro e temem o encontro da alma de um morto.

E' inoffensivo o encontro da alma de um estranho, a não ser que tenha sido enviada por um feiticeiro para fazer mal á pessoa; n'este ultimo caso essa alma é sempre a d'uma pessoa que havia sido morta por esse feiticeiro, e o seu encontro é fatal. Se a alma encontrada fôr a d'um parente, e se dê com ella de frente, é fatal o encontro, significando isso que o morto se desgostou com alguma acção má que praticou o vivo, e vem, por isso, castigal-o dando cabo d'elle. Para evitar tal fatalidade, é urgente que se vá ter no dia seguinte com o *Chibáda* (curandeiro) para fazer a adivinha e o curativo.

Se no encontro estiver a alma do parente voltada de costas para o vivo, não succede mal algum; mas é signal evidente de que o morto exige alguma cousa que é preciso cumprir, ou seja obito (mais ordinariamente), ou seja qualquer outra cousa que o morto quer que se faça, ou um proposito que elle quer que abandone.

No dia seguinte vae-se ter com o *Chibáda* para adivinhar o que quer o morto, afim de se cumprir a sua exigencia.

A alma dos parentes é o espirito que se encarna no cerebro da pessoa que cultiva o espiritismo, e é esse espirito que nos magnetismos fala pela bocca do magnetisado.

69.º

As ideias que téem sobre o sol, lua, estrellas, trovão, relampago, raio, arco-iris, cometas, echo e eclipses, são, entre os povos mais civilisados do districto, approximadas da realidade. Os mais atrazados consideram os phenomenos do Céo por diversas fórmas.

Uns consideram o sol um reflector enorme que mergulha no occidente no grande rio (mar) a que chamam *Karúga*; tem movimento proprio, estando a terra fixa em relação ao sol, e dá a volta á terra

de noute, passando por baixo da agua, para surgir de manhã no oriente. A mesma ideia fazem da lua que consideram femea do sol.

Outros consideram as estrellas pyrilampos pregados na abobada celeste, outros como fogueiras accesas por gente que lá vive em cima.

Uns consideram o raio como um animalsinho que cahe do céo por effeito da chuva, e que tem a força de queimar casas, destruir arvores e matar gente, enterrando-se depois no chão.

Outros consideram o relampago como o fogo resultante do choque das pedras de chuva lá em cima.

Uns consideram o arco-iris como o jacto do vomito de um animal semelhante a um bode, chamado *Chájagóbe*, que se acha escondido no rio; e é do sitio onde se acha esse animal que parte sempre o arco-iris.

Os cometas não são conhecidos por elles.

Os eclipses são considerados por uns como o effeito dos feitiços de dois sobas que rivalisam em poder e o põem á prova, vendo qual póde fazer cousas mais extraordinarias; por outros como feitiço dos brancos que fazem com que o sol e a lua se encontrem.

O trovão e o echo são considerados como realmente são. Alguns, porém, quando troveja, dizem que é Deus que está zangado com os homens e está ralhando.

De todos estes phenomenos, o que mais temem é o raio.

Attribuem a todo o cortejo celeste o movimento em torna da terra.

70.º

Todos estes povos têm superstições com relação a alguns animaes ferozes, taes como o leão, o jacaré, serpentes, etc., e algumas aves. E' crença geral que um animal feroz não mata uma pessoa sem que esta tenha commettido algum crime ou acção má, ou que esse animal tenha sido compellido por um feiticeiro para matar; e procedem sempre á adivinha para saber a causa de tal desgraça. Tambem crêem que certas pessoas têm o feitiço de possuir um leão para lhes guardar o gado, um jacaré, uma serpente, um lacrau ou qualquer outro animal, excepto a onça. Que ellas se pódem servir d'esses animaes para fazer mal a qualquer, arremessando-lh'os; têm esses animaes promptos para fazar mal a qualquer.

O possuidor de um leão tem primeiro de compellir o animal a ir matar uma pessoa; sustenta-o mandando-o apanhar gado alheio; e se, algum dia não tiver que lhe dar de comer, o animal volta-se contra o seu possuidor ou contra um filho ou parente d'elle e mata-o. Não descreveremos a cerimonia do feitiço para se possuir um leão por não pertencer a este campo. Apenas diremos que a base é recolher a baba do animal e guardal-a em um pequeno chifre que se tapa com um punhado de pellos do mesmo animal; o possuidor do leão tem que trazer sempre esse chifre suspenso do pescoço. Os povos onde é mais frequente este feitiço do leão, são os Quillengues, Mundombes e Mucuandos, por causa dos gados; os mestres, porém, são os Bacuisses, dos quaes aquelles povos vão buscar ou receber tal fei-

tiço. Os possuidores de leões afugentam qualquer outro leão que lhe não pertença, tirando um assobio forte do chifre que trazem pendente do pescoço, para obstar a que o animal lhes apanhe o gado.

Ha tambem um páusinho que trazem comsigo quasi todos os viajantes quillengues, mundombes, mucuandos, e mesmo alguns quimbundos em geral, que serve para afugentar o leão. Para isso basta queimar uma ponta d'esse páusinho e indicar com elle a direcção em que se acha o animal, para elle se retirar.

Tambem ha uma herva que se queima e cujo cheiro incommoda o animal e o faz retirar.

Se fôr morto um animal possuido por alguem, o possuidor morrerá tambem.

Morrendo o possuidor de um leão, o animal vae choral-o approximando-se de casa; e não abandona a porta sem que a familia do morto lhe diga que está livre por morte do seu senhor e vá procurar vida, dando-lhe um cabrito; só então se retira o animal.

Alguns consideram o leão como a encarnação da alma de um pessoa morta.

Ha um gato chamado *Kangánrim* que dizem ser a transformação de um feiticeiro.

E' tambem crença que atirando-se e ferindo-se um lobo, e escapando-se o animal, o atirador ficará doente para sempre.

E' de mau agouro matar-se uma coruja ou um mocho, e deve-se evitar.

De todos os animaes, porém, o mais temido e respeitado por todos, supersticiosamente, é uma aguia de grande envergadura, peito branco, costas e azas escuras e cauda vermelha, a que chamam *Hókohóko*, por onomatopeia do seu grito *Kokó*. Esta aguia tem um vôo alteroso, largo e sereno; e apparece mais frequentemente no tempo frio.

Ha uma molestia das creanças, que consiste em febre, oppressão e dôres no peito, respiração offegante e convulsões, a que chamam *Obíbi* ou *Ojira* (ave). Essa doença é attribuida por elles ao *Hókohóko*. Para a curar é preciso um curandeiro da especialidade que cultive o ramo de espiritismo chamado *Kámiam*; a cura é complicada, tem diversas phases e leva annos, atacando a doença de vez em quando a creança até esta chegar á edade de seis annos approximadamente. Só então está livre da molestia da ave. Não descrevemos aqui as phases da cura, por pertencer exclusivamente a outro campo.

A's vezes dá para as creanças terem ataques de choro que duram horas, e ás vezes dias, com pequenas intermittencias. No curativo figuram sempre as pennas e bocadinhos de carne secca d'essa ave. Os symbolos do *Obíbi* são pennachos feitos de pennas da aguia, cordões entrançados e pintados de encarnado, e pequenos chifres de corça de onde extrahem assobios na occasião dos curativos. Os curandeiros da especialidade trazem sempre comsigo esses symbolos nos actos dos curativos; nos mesmos actos põem os cordões entrançados *(ápáda)* ás creanças doentes, e têm de os usar de quando em quando até á cura completa.

Attribuem a essa aguia o seguinte:

Se uma creança encontrar a aguia, e, se no momento em que a sombra d'esta incidia sobre a creança, a aguia bater as azas violentamente e dér um grito, a creança ficará molestada e será necessario cural-a; apezar do curativo, porém, ficará aleijada d'um braço ou d'uma perna e idiota.

Se uma pessoa adulta ou um caçador encontrar duas aguias, vindo uma do norte e outra do sul, expellindo ambas gritos repetidos, e que ellas se encontrem no seu zenith e se envolvam, ficará tambem essa pessoa aleijada e idiota. Se, todavia, fôr um curandeiro do *Obibi*, puxa de um pequeno chifre antes que as aguias se encontrem, e extrahe d'elle assobios repetidos, proferindo apressadamente uma oração para esconjurar o perigo; então não lhe acontecerá mal algum; e as aguias, envolvendo-se, cahirão das alturas para o sólo, levantando em seguida o vôo e seguindo cada qual o seu rumo. A pessoa então, livre do perigo, vae recolher as pennas que ellas largaram no sólo, e leva-as para casa.

Se um caçador matar essa aguia, tem de a deixar onde cahiu, e ir á povoação buscar diversos curandeiros da especialidade para lhe fazerem o curativo no local; o curativo leva horas a fazer-se, e ahi passam o dia, regressando de tarde á povoação.

Se assim não fizer o caçador, e que, matando a aguia, pegue n'ella e a leve para casa, ser-lhe-ha fatal.

As creanças que têm tal molestia, não pódem comer ave de especie alguma, emquanto não estiverem livres da molestia na edade de seis annos, sob pena de lhes sobrevir um ataque cada vez que comam uma ave.

71.º

Os curandeiros são muito considerados e respeitados pelo seu saber e pela precisão que se tem d'elles; e por toda a parte são muito bem recebidos e mimoseados com presentes. Toda a gente porfia em estar nas melhores relações com elles, porque são tambem temidos; este temor provém de que muitos curandeiros são tambem feiticeiros, e estes são tambem temidos e execrados. O que é vulgarissimo é serem os curandeiros tambem adivinhos, e, portanto, espiritistas; porque para se adivinhar é indispensavel o espiritismo.

A sua influencia moral na população é grande. Os seus conselhos são ouvidos com religiosa attenção e quasi sempre seguidos; aproveitando-se d'esta influencia, levam as pessoas que recorrem aos seus conselhos, a fazer tudo o que querem para seu interesse.

Os curandeiros são designados pelos nomes de *Chibáda*, *Chivida*, etc. O feiticeiro é designado pelo nome de *Gága*.

72.º

As doenças são tratadas pelos remedios, magia e espiritismo.

Os remedios que empregam são quasi na sua totalidade vegetaes. Conhecemos grande parte d'esses remedios, de que adeante damos alguns exemplos resumidos. Não damos noticia de todos os que conhecemos, porque este assumpto representa um campo muito vasto que não cabe no presente trabalho, e reservamol-o para outro campo.

Esses remedios vegetaes têm propriedades muito curiosas taes ɔo: purgativos, vomitivos, calmantes, tonicos, adstringentes, emolɪtes, depurativos, toxicos, anesthesicos, etc., de que a sciencia ·dica não tem conhecimento. D'elles se poderia tirar grande proɪto e utilidade, tratados chimicamente, se se procedesse á sua in:stigação e estudo profundo que, bem ao contrario do que devia ɪr, tem desmerecido a attenção dos medicos africanistas.

Em nosso humilde entender os tralhos de investigação e estudo le taes remedios deviam ser commettidos aos medicos municipaes e lelegados de saude. Tambem julgamos que não seria muito difficil chegar-se a bons resultados, desde que os medicos se interessassem por esses trabalhos, procurando obter dos curandeiros, mediante premios estabelecidos, a revelação d'esses remedios e a sua applicação.

Se tão utilmente foram estudados e aproveitados pela medicina os remedios da opulenta e variadissima flora brazileira, porque se não póde fazer o mesmo aos remedios da flora africana?

Antigamente para se atalhar a febre com a quina era necessario tomar-se grandes tisanas com a sua casca; emquanto que hoje basta tomar alguns decigrammas d'esse alcaloide extrahido da casca, para se obter o mesmo resultado.

Temos a convicção de que esses estudos trariam resultados compensadores e enriqueceriam a therapeutica moderna, concorrendo muito Portugal para esse enriquecimento.

Como no interior não ha medicos, municipaes ou delegados de saude, poderia ser nomeada uma commissão de medicos para proceder a taes trabalhos no interior.

Estes remedios, de que alguns são violentos e de resultados muito efficazes, são applicados pelos curandeiros simplesmente, conforme a natureza os produziu. São applicados crús, pisados, ralados, macerados, cosidos ou fervidos.

Os curandeiros, com taes remedios, operam curas difficeis, para alguma das quaes a medicina é impotente. Esta nossa asserção baseia-se em provas que temos tido sobre doentes condemnados ou abandonados pelo medico e curados depois por indigenas. Abstemo-nos de exemplos que poderiamos citar.

Entre as molestias de que temos conhecimento de cura, conta-se: a diarrheia, o volvo, a ictericia, o rheumatismo, as ulceras, os tumores malignos, a syphilis, a gonorrhêa, o cancro, o prolapso do utero, a hemorroidal, affecções do baço, mordeduras de reptis, escorbuto, a variola, o sarampo, a erysipela, as belidas, as constipações, a tosse, as hemorragias, as inflammações, affecções da bexiga, a loucura, a anuria, os vermes intestinaes taes como: lombriga, tenia, que extrahem, dôres do peito, etc., etc.

Sabem extrahir um bala, praticam a sangria, applicam as ventosas, estancam o sangue nas grandes hemorragias, e operam amputações admiraveis.

Damos aqui alguns pequenos exemplos dos principaes remedios conhecidos, e a sua applicação mais usual.

Oromépe. E' uma amendoa lisa, castanha, que se contem em um fructo do feitio de uma cabaça grande. O fructo, producto de uma

arvore semelhante á amendoeira, contém grande quantidade das amendoas que por dentro são brancas e possuem cheiro activo.

Este remedio emprega-se:

1.º contra a dôr de cabeça — rala-se com vinagre ou agua e esfrega-se a testa e as fontes.

2.º contra as dôres de estomago e colicas — mastiga-se e bebe-se alguns golos de agua quente ou aguardente para ajudar a deglutição.

3.º contra as molestias uterinas e ulceras cancerosas. Possue proriedades calmantes.

Orodáu. E' semelhante á noz muscada, e é a raiz produzida por um sub-arbusto do mesmo nome. E' rugoso e pardo por fóra, branco por dentro. Possue cheiro muito activo e propriedades fortemente anesthesicas.

Este remedio emprega-se:

1.º contra as dôres de estomago e colicas, com a mesma applicação do *Oromépe.*

2.º contra o prolapso do utero nos partos — mastiga-se e borrifa-se o utero.

3.º contra a mordedura do lacrau, especialmente; para isso sarja-se com uma navalha a parte mordida, chupa-se o sangue e applica-se sobre a ferida, friccionando, o remedio mastigado; depois amarra-se pela parte superior, para impedir a circulação do sangue, o membro mordido.

4.º contra as ulceras cancerosas.

5.º contra as dôres de ventre e affecções de baço nas creanças — reduz-se a pó, dissolve-se em agua morna, e applica-se em clysteres.

E' um anesthesico tão forte que, esfregando-se com elle a mão, se póde pegar em um lacrau, que este perde toda a acção e não morde.

Ochísékua. E' um pau duro, amarello escuro, de cheiro penetrant Usa-se da seguinte fórma: esfrega-se o pau sobre uma pedra lis redonda, e bem lavada, conservando-se esta constantemente molha com agua. O pau vae-se desgastando e largando sobre a pedra u massa amarellada que se vae tirando com o dedo ou com uma f guardando se em um deposito. E' emquanto está de consiste molle que se applica o remedio; porque pouco tempo depois d posto ao ar, secca e endurece.

Este remedio emprega-se:

1.º contra o defluxo — pintando o nariz.

2.º contra a tosse — fervido com mel e fuba de bombó (f mandioca). Toma-se uma colher de manhã e outra á noute.

3.º contra o hemorroidal, — untando os tumores.

4.º contra os tumores malignos, cancro — untando a par ctada.

5.º contra a diarrheia — bebe-se dissolvido em agua fria c dente, duas a tres vezes por dia, sendo cada dóse equivalen de café.

olestias eruptivas (variola, sarampo, er

Ójériti. E' tambem um pau duro, aromatico, que se prepara como *Ochisékua.* Applica-se, do mesmo modo, contra a diarrheia.

Ohamâ. E' uma raiz que se pisa reduzindo-se a pó, e se bebe dissolvida com agua. Applica-se contra a diarrheia. E' um grande adstringente e produz effeitos rapidos.

Omútutútu. E' um páu duro que se prepara como *Óchisékua*, e se applica nas inflamações. Produz muitos bons resultados.

Uriagóbe. E' a folha meuda de um arbusto. Pisa-se, e applica-se a massa das folhas nas inflamações.

Osúyu. E' uma planta que se reduz a pó, e se applica contra o cancro, ulceras syphiliticas.

Obúburu. E' uma planta rasteira. Emprega-se:

1.° contra as dôres de ventre e affecção de baço nas creanças — cose-se e dá-se em clysteres.

2.° em massagens contra o rheumatismo.

Obókoió. E' a folha d'um arbusto. Pisa-se e côa-se a agua que se applica em clysteres contra a diarrheia. Essa agua coagula immediatamente.

Ocbádará. E' uma especie de aloes, folha oval, espalmada, verde, tenra. Ferve-se e emprega-se em banhos contra a ictericia.

Okabúrugu. E' uma planta rasteira, que se secca e pisa reduzindo-a a pó. Toma-se uma colher de chá d'esse pó dissolvido em agua ou quimbombo, como purgante.

Únhógnoron. E' a raiz de uma planta. Lava-se e põe-se a macerar em quimbombo que se dá a beber ás mulheres gravidas para evitar mau parto e que os recemnascidos padeçam do ventre.

Odédu. Arbusto. Corta-se um pau, rala-se e applica-se, bebendo em agua quente, no tratamento da ictericia. Pertence á flora do districto de Loanda, d'onde se manda vir, assim como *Obábahúrihúri* que se applica do mesmo modo na ictericia.

Ámónron. Folhas de ricino. Applicam-se quentes sobre o baço, e o seu cosimento emprega-se para banhos nos partos.

Uméke. E' um arbusto espinhoso, de folha meuda, e produzindo um fructo semelhante ao jambo, de que os Mundombes extrahem um oleo que usam como cosmetico.

A folha pisa-se e com a massa se esfrega o corpo dos doentes de variola. A agua da mesma folha emprega-se nas hemorragias da boca, bochechando.

Obóto. E' um arbusto de folha estreita, alongada e sinuosa. Encontra-se onde ha terra vegetal, e d'elle fazem vassoiras para varrer as ruas. A folha é pisada e cosida, e bebe-se contra a diarrheia, ou bochechando contra as hemorragias da boca. E' muito adstringente.

A raiz, ralada, tem a mesma utilidade.

Okamíngna. E' um arbusto de folha alongada e estreita. Pisa-se a folha e a massa applica-se no umbigo dos recemnascidos para o fazer sarar. O cosimento da mesma folha applica-se no escorbuto, bochechando.

Anhámim. São uns tuberculos alongados, de tamanho da mandioca, amarellos por dentro e escuros por fóra. Descasca-se o tuberculo, pisa-se e faz-se um cosimento que se emprega em banhos para os

partos e diarrheias. O mesmo cosimento emprega em clysteres contra a diarrheia.

Ogógo. E' um fructo semelhante a uma nespera grande. Os Quillengues fazem d'elle um vinho fermentado que muito usam e com o qual se embebedam frequentemente.

A casca da arvore que produz o fructo, é pisada, cosida e empregada em banhos para as parturientes e para os diarrheicos, e em lavagens nas ulceras da boca.

Tambem se emprega contra a tosse.

Ochibúgu. E' um grande arbusto que ora se eleva ora rasteja. A sua raiz é um remedio efficaz contra o rheumatismo e contra a paralysia, e applica-se do seguinte modo: o doente toma, antes de se deitar, um banho morno, enxuga-se, e em seguida esfrega o corpo todo com uma massa que vem a ser a raiz d'esse arbusto ralada com vinagre, aquecendo préviamente a massa. Este tratamento é observado durante um mez, se a molestia está muito adeantada. O doente fica livre d'ella por alguns annos. A raiz, cortada e cosida, emprega-se tambem em lavagens dos recemnascidos, filhos de paes syphiliticos, e a casca da raiz reduz-se a pó, para com elle se esfregar o corpo da creança. Com isto evitam que as creanças venham a ter as ulceras syphiliticas.

Kasánhabáre. E' uma planta pequenina que consta de quatro a cinco hastes do tamanho de um dedo, mas mais grossas, carnudas, verde-escuras, tendo uns pequenos picos. Empregam-se contra as belidas novas. Para isso, aquece-se a hastesinha ao fogo e, depois de fria, espreme-se sobre a belida a agua que contem a haste.

As belidas antigas, porém, não resistem ao curativo feito com buzio das praias. Mette-se o buzio em uma vasilha ou copo contendo um bocado de agua acidulada com o summo de um limão. O busio dis solver-se-ha em menos de um dia, e com essa solução se pinta a be lida, que em alguns dias desapparecerá totalmente.

Ukâi oiéra. E' uma especie de tojo. Da sua raiz pisada faz-se u cosimento que se emprega contra a diarrheia, quer bebendo quer chysteres.

Ochégéti. E' um pequeno arbusto de folha muito meuda e m aromatica. Utilisa-se o caule, folha e flôr, fazendo de tudo um que se toma para a tosse e dôres de peito.

Obúgurúru. E' uma arvore cuja casca, de um amarello p cento, se utilisa em cosimento para as dôres do peito. A m casca, reduzida a pó, toma-se em dóse inferior a uma colher d em matete ou caldo, contra as dôres do peito. O cosimento de tem a mesma utilidade. Com este remedio restauram as for carregadores do matto e fazem cessar o cansaço do peito q causa o peso da carga. Esta arvore tem tambem propriedade fugas, além de tonicas e restaurantes. E' amarga, mais mesmo que a quina, e poderia ser utilisada e explorada co Achamol a, como medicamentosa, uma das mais uteis prodı flora africana.

... E' uma arvore cuja casca, pisada e reduzid

Atúdua. E' um arbusto pequeno que produz um fructo vermelho, do tamanho de uma maçã pequena. A sua raiz pisa-se e reduz-se a pó, empregando-se em fricções no rheumatismo articular.

Kárukútu. E' uma pequena planta herbacea, cujas raizes, em numero de quatro ou cinco, adherentes, se põe a fermentar em quimbombos, e se dá a beber ás mulheres gravidas contra as dôres que costumam sentir no ventre.

Epiójorói. E' um sub-arbusto rasteiro cuja folha meuda se pisa, secca e reduz a pó; amassa-se com azeite de palma, e esfrega-se o corpo no tratamento da erysipela.

Ojúba. E' um arbusto cuja folha e raiz, pisada e amassada com oleo de palma, se applica no rheumatismo.

O oleo de giboia tem diversas applicações.

Emprega-se em fricções no rheumatismo. Na extracção das balas, introduz-se um bocado do oleo, quente, no buraco onde se acha alojada a bala e esfrega se tambem com elle a parte externa da ferida; e sobre esta se applica uma cataplasma quente de malva ou de certas hervas. Em um dia, vem a bala á superficie, e tira-se facilmente com uma ponta. A banha de giboia, empregada como tempero unico na comida dos syphiliticos, observando-se dieta, é um grande depurativo que limpa por completo.

O cebo da cabrito applica-se contra o baço, em fricções nas creanças.

As raspas de chifre, reduzidas a pó e disolvidas em agua ou aguardente, tomam-se contra a diarrheia.

O cosimento das folhas de malva é bom para semicupios nas diarrheias, hemorroidal, partos e banhos no tratamento da ictericia. A folha cosida emprega-se adaptando se a certas inflammações. O cosimento das folhas emprega-se em irrigações no tratamento do cancro e ulceras.

As folhas de goiabeira, casca de cajúeiro e a raiz da romanzeira, empregam-se no tratamento das diarrheias, pela sua adstringencia. Bebe-se e toma-se em semicupios. A casca de romã, pisada, tambem se applica nas ulceras.

No tratamento do cancro, quando este não está muito adeantado tornando-se incuravel, usam as lavagens e irrigações de folha de malva, e depois applica-se os pós de *óródáu*, *óromépe*, *óchisékua* e *osúgu*.

Para evitar que o filho de syphiliticos nasça com ulceras e herde o mal, dão á mãe, depois do primeiro mez de gravidez, um depurativo formado pelas raizes de arbustos fermentadas em quimbombo.

Contra a ictericia tambem dão a beber agua de farinha de mandioca, exposta ao relento da noute.

Extrahem os vermes intestinaes com um tuberculo semelhante á mandioca, porém um pouco menor. Pisam, seccam ao sol e reduzem a pó o tuberculo. De manhã cedo toma-se um bocado d'esse pó misturado com um pouco de sal de cosinha. Passadas duas a tres horas, sahem as lombrigas ou a tenia.

Todos estes povos, quando vêem que a molestia não cede aos remedios, recorrem á adivinha. Se a molestia é devida a feitiçaria, fa-

zem o curativo pela magia; se é devida a espiritos, fazem-o pelo espiritismo.

Um espirito nunca póde atacar uma pessoa estranha, mas sempre um parente; assim como um feiticeiro, a primeira morte que faz, ha-de ser em pessoas de sua familia, ordinariamente creanças (sobrinhos, netos).

Ha algumas molestias que curam pelo magnetismo. Taes são: o rheumatismo, a paralysia, a gotta, a loucura, etc.

Os ramos mais importantes do espiritismo cultivada por estes povos, são:

Ovirúdu ou *Ochirúdu*, *Óchihóbo* ou *Okadúdu*, *Ochiguáguáta, Osóje*, *Okánhe*, *Ókámiam*, *Ukógo*.

Os processos da adivinha, magia, etc., reservamol-os para os nossos trabalhos futuros.

73.º

Possuem remedios e feitiços que para elles têm propriedades para se fazer amar, para gozar da estima geral, para se fazer querido do seu senhor, superior ou chefe, para vencer o inimigo na guerra ou quebrar-lhe a ira, para ser bem succedido em qualquer empreza, para se conseguir todos os pedidos que se faça, para se livrar de feitiçaria, e mil outros.

Ao feitiço do amor chamam *ekúro;* e ao remedio que se applica na mulher cujo amor se quer obter, chamam *onámenrénram* (vindo de *okurámenrénran*, adherir, pegar). Este remedio é uma pequena flôr cheia de pequeninos picos, produzida por um sub-arbusto. Reduz-se a pó e applica-se por diversos modos que nos abstemos de descrever. Tanto póde ser usado por um homem como por uma mulher. A pessoa enfeitiçada com este remedio sentir-se-ha presa amorosamente á outra, não poderá passar sem vêl-a, acompanhal-a-ha por toda a parte, e procural-a-ha em sua casa.

Os povos do sul da Provincia tambem usam este feitiço com o gado, cães, escravos, etc., para lhes não fugir ou abandonar. E é com este feitiço que elles roubam o gado uns aos outros. E' naturalmente na propriedade adherente d'este pó, que se funda a fé que elles têm no seu emprego.

Para se ser rico e afortunado é indispensavel que, depois do feitiço feito, se commetta um incesto, sob pena de morte. A este feitiço chama-se *Ekóka* (vindo de *ókukóka*, arrastar, puxar), chamariz nos negocios. Quem possua este feitiço tem de ter enterrado no quarto um grande chifre ou uma panella cheia de remedios de magia.

Ao feitiço para se gozar da estima geral chama-se *Ojoére*, que significa sympathia, alegria, riso (vindo de *ókuióra*, rir, ter muitos amigos). Funda-se em um pausinho com que se esfrega disfarçadamente e de quando em quando os dentes, quando se falla com uma ou mais pessoas, cuja sympathia se quer captar.

O feitiço para se cahir nas boas graças dos superiores chama-se *Osába* (fortuna, ventura). E' preciso matar alguem da familia, e a pessoa que o possue, acaba sempre por ser victima d'esse feitiço.

O feitiço para quebrar a ira de um inimigo chama-se *Epágne-*

rénrem (vindo de *ókupágnerénram,* ameaçar). Funda-se em uma argolla de metal que se usa no braço e que se traz larga e pendente no pulso. Assim que se avista o inimigo de que se teme o odio, puxa-se a argolla para cima até apertar o braço. Tambem se usa um pausinho que se traz sempre. Assim que se vê o inimigo, morde-se fortemente o pausinho.

O feitiço para se ser attendido nos pedidos consiste em uma folhasinha de uma arvore especial. Leva-se essa folha debaixo da lingua e ahi se conserva emquanto se faz o pedido.

Para se livrar de feitiçaria, um dos meios que usam é um cinto a que chamam *Uvia u oróbi* (cinto de hervas), cosido e contendo dentro remedios (hervas).

Traz-se sempre esse cinto comsigo, um pouco largo. Assim que se avista uma pessoa tida em conta de feiticeiro, puxa-se o cinto para o abdomen até apertar — o feiticeiro nada poderá contra esse talisman.

O mesmo cinto serve para, quando se está em casa, se saber quaes as pessoas que nos visitam com intenções malévolas.

Se alguem quer fazer mal a outrem, ao entrar em casa d'este tropeçará.

74.º

Cabe citar aqui uma tradição, a nosso vêr, a mais importante de todos estes povos, á qual se attribue a origem de uma instituição enorme que existe não só em todos os povos de Angola, como, crêmos, em a maior parte dos povos d'Africa. A sua origem é mysteriosa e a data da sua fundação perde-se na noute dos tempos. E' necessario conceber a sua existencia de ha muitos seculos para se admittir e explicar a sua enorme ramificação actual que, a pouco e pouco, seguindo uma marcha gradual e lenta como o cruzamento das raças, abrangeu todos estes povos, vencendo a heterogeneidade da sua anthropologia e da sua ethnographia.

Essa instituição que apresentamos aqui, é um ideal para cuja realisação a raça branca tem trabalhado affincadamente nos ultimos tempos, com sacrificio de vidas, sem o conseguir. Esse ideal existe comtudo entre entre estes povos, e chamar-lhe-hemos communismo ou a communidade de bens.

Entre os communistas d'estes povos, a divisa é esta: «O que é meu e teu é nosso».

Um communista póde dispôr, precisando ou não, d'um objecto, animal ou pessoa d'outro communista, sem que este se possa oppôr a isso. A observancia das leis d'esta instituição é rigorosa; e os maiores observadores d'ella, e que a põem mais em pratica, são os Mundombes, Quillengues, Humbes, Gambos, Cuanhamas e outros povos do sul da Provincia.

Como é sabido de todos, ninguem, entre estes povos, póde tocar em um bem pertencente a outrem, sob pena de multa *(ovibo)*.

A offensa, a calumnia, a violencia, a troca de nomes, o gracejo, a mentira, o damno e mil outras cousas a que nós fechamos os olhos, não são perdoadas entre elles — são pagos com uma multa. Pois en-

tre os communistas não existe pena de especie alguma, inclusivamente para o adulterio.

Um communista póde offender outro, calumnial-o, violental-o, trocar-lhe o nome, gracejar com elle, mentir-lhe, damnifical-o, tirar-lhe qualquer cousa, de grande valor que seja, praticar crime de morte na sua familia ou libata, seduzir-lhe a mulher, que tudo ficará impune. No adulterio, porém, corre risco de ser morto por outro. Se um communista encontrar uma manada de bois pertencente a outro communista, póde atirar-lhe e matar. Mesmo dentro da libata o póde fazer. A liberdade do communismo vae ao ponto de dispôrem dos escravos uns dos outros. Se um communista morreu pobre ou abandonado, ou se morreu alguem da sua familia ou libata, e não haja meios de se proceder ao seu enterro e obito, são estes feitos pelos communistas mais proximos. Assim como, havendo communistas proximo do povo, é-lhes participado o fallecimento da pessoa, para elles virem lavar e vestir o cadaver, e assistir ao seu enterro. A observancia das leis d'esta instituição estende-se aos escravos dos communistas, que tambem o são. Esta instituição é hereditaria, passa de paes para filhos, de filhos para netos, e assim indefinidamente. Assim se explica, com o cruzamento dos povos, a sua grande ramificação e duração.

O nome por que se designam os communistas é *Chisoko.*

E' lei entre todos os povos que, encontrando-se em viagem um morto estranho á familia ou tribu, não se póde tocar no seu cadaver e enterral-o, sob pena de multa. Sendo, porém, communista, é de obrigação fazer-se-lhe o enterro.

Todavia, esta instituição não é ainda tão perfeita como se devia querer.

Sel-o-ha talvez mais tarde com o decorrer de muitos seculos pelo cruzamento continuo dos povos, apertando cada vez mais os seus laços e tornando-se geral entre todos os povos, tribus, familias e individuos (se a raça negra não fôr absorvida pela expansão do cruzamento com a raça branca).

Perguntar-nos hão agora:

Se existe tal instituição, como é lei pagar uma multa quem tocar no que é d'outrem ou para com este haja commettido um crime? Responderemos a esta pergunta com a seguinte explicação:

O communismo não é geral mas sim parcial, isto é, existe entre todos os povos, d'uns para outros differentes, mas não existe entre as familias ou libatas ou individuos d'um mesmo povo, excepto nos povos que não cruzam, taes como Mundombes, Mucuandos, Bacuisses e Quillengues de raça pura. Nos povos que cruzam, não existe o communismo no mesmo povo, e é isto o que falta a tal instituição para chegar á perfectibilidade.

Nos povos que não cruzam, e já citados, existe entre os individuos do mesmo povo; portanto n'esses é mais perfeita a instituição.

Dos povos do districto, os que têm maior reluctancia em cruzar, os que têm as suas tradições mais enraizadas e conservam sempre os seus usos, costumes, leis e linguas, tornando-se inassimilaveis, são os Bacuisses, Mucuandos e Quillengues de raça pura (Muchó). Ha

cruzamentos entre os tres ultimos povos, que são affins. Os Mundombes desprezam soberanamente os Bacuisses, os quaes para elles não têm valor nenhum; e a mulher mundombe que cruza com um *Ukuisse* é para sempre desprezada pelos Mundombes e não mais encontrará casamento no seu povo. Entre os Quillengues, existe distincção entre os de raça pura (Muchó) e os oriundos do Humbe (Honó); aquelles julgam-se superiores a estes. Comtudo, pela cohabitação, esta distincção vae hoje alargando, e já cruzam em pequena escala.

Como estes povos do sul são os que têm menor área de cruzamentos, são os que apresentam mais exemplos de communismo no mesmo povo. Assim, um Mundombe é communista de outro Mundombe; o mesmo succede entre os Mucuandos, Bacuisses e Quillengues Muchó. E são estes quatro povos que temos citado, que se não deixam assimilar, sendo muitos orgulhosos da sua raça e das suas tradições. O Mundombe é extremamente vivo, esperto e agil. Não se vê n'estes quatro povos a tendencia em usar os trajos europeus; não são capazes de usar calças, casaco, camisa, chapeu ou sapato, como se vê nos Quimbundos e nos Quillengues Honó, que de dia para dia mais porfiam em se civilisar e imitar o branco.

Tambem os gentios do Nano se civilisam e assimilam por gradações estreitas, é execepção do Caconda.

E' notavel a differença de agilidade e esperteza que ha entre estes povos do sul e os Quimbundos em geral. Estes são morosos, estando muito longe de correr e saltar como aquelles; bastando citar que os Bacuisses e Mucuandos têm tanta resistencia na corrida que perseguem uma zebra na corrida e conseguem fatigal-a, apoderando-se d'ella; e os Mundombes, correndo sempre, passam a tipoia que carregam d'uns para outros, o que os Quimbundos não podem fazer.

Estes povos do sul desprezam os Quimbundos; assim como os Bihenos, Bailundos e outros quimbundos da zona alta desprezam os da zona média (Quibulas, Quiacas, Quissanges, Selles, Hanhas, Gandas, etc.), a que chamam *Vábuéro*.

Como já dissémos, o communismo é parcial, existindo entre certas familias *(ápáta)* de um povo e outras de povo differentes, assim como um povo tem communismo com dois differentes — sendo estes laços, um pelo hereditariedade paterna e outra pela materna.

Por este encadeamento, se não houvesse solução de continuidade nas gerações, e se perpetuassem sempre, tal instituição seria hoje perfeitamente geral.

Assim, os Libolos têem communismo com os de Loanda e com os Bailundos; os Humbos com os Sambos e com os Gambos; os Mundombes com os Mucuandos e com os Quillengues Muchó; estes com aquelles dois; os Mucuandos com os Mundombes e com os Quillenques de raça pura; etc.

Só os Bacuisses têem communismo entre si e com nenhum outro povo, por não cruzarem com ninguem.

E entre todos estes povos, aquelle que não é communista, não tem valor social, chamando-lhe pária.

As familias communistas adoptam sempre nomes especiaes, só co-

nhecidos entre ellas, especie de senha, e que se prolonga por toda a geração d'esse tronco ou familia.

Esses nomes especiaes são quasi sempre os de animaes como : jacaré *(Ogadu)*, leão *(Ohósi)*, elephante *(Ojába)*, cão *(Obna)*, abelha *(Orunhihim)*, etc.

Para se tirar ao communista alguma cousa que se quer, é necessario invocar o communismo *(Okutíka)* e o nome ou senha adoptada por elle ou sua geração.

O communista póde permanecer na casa d'outro o tempo que lhe aprover comendo com elle.

Sobre a origem remota d'esta instituição corre uma unica tradição que é a seguinte.

Um soba tinha entre a sua familia uma mulher gravida. Sendo visitado por outro soba, viu este a mulher e apostou que o féto era femea, ao que o outro retorquiu apostando que era macho. Feita a aposta, propõe o visitante ao dono da casa que matassem a mulher e a abrissem para verificar qual dos dois ganharia a aposta. Acceitou o outro a proposta e assim fizeram. Extrahido o féto, viu-se que era macho, e que o dono da casa ganhára a aposta. Passado pouco tempo foi tambem este fazer uma visita ao outro, e vendo na sua manada uma vacca prenhe, fez identica aposta e proposta; morta a vacca, verificou-se que por sua vez tambem perdêra a aposta. Fizeram então os dois sobas o seguinte pacto:

Que como cada um tinha sacrificado uma pessoa ou uma vacca e os valores eram eguaes, ficavam quites, não tendo nenhum que pagar a outro a aposta perdida. Mas d'alli para sempre podia esse ou algum dos seus dispôr (posse, liberdade ou vida) do que pertencesse ao outro ou algum dos seus, sendo communs os bens e pessoas das duas familias, em vista dos sacrificios criminosos que haviam praticado.

D'ahi a fundação do communismo.

O exemplo foi seguido de tempos a tempos por uns e outros e foi-se estendendo a todos os povos até attingir a ramificação actual que tem. Quando certa familia de um povo tinha interesse em ter communismo com certa familia d'outro povo ou do mesmo (raramente), provocava a aposta que narrámos e ficava estabelecido o communismo. Ja ha muitos annos que se não fazem taes apostas; e a ramificação e duração do communismo actual são devidas em maior parte aos cruzamentos dos povos e propagação de gerações e não á renovação frequente da aposta que lhe deu origem. E para chegar ao estado actual, deve o primeiro exemplo ter-se dado ha muito seculos.

Se o communista intimado por outro a dar-lhe qualquer cousa, fóra de casa, nada tiver comigo, declara-se em divida e paga, logo que possa, sendo sagrada tal divida.

E' esta, indubitavelmente, a mais importante e curiosa de todas as instituições de Angola, a que tem tido e terá mais longa duração, e de maior valor social.

CAPITULO IX

De diversos usos

75.º

Hoje quasi todos estes povos usam mais ou menos pannos, ao passo que antigamente o vestuario consistia todo em pelles. Os Quimbundos, gentios do Nano e Ganguellas usam todos pannos, mas a maior parte com o tronco nu; um outro cobre o tronco com um panno ou um cobertor; entre as mulheres, algumas cobrem o tronco todo com um panno, outras apenas amarram um lenço encobrindo os seios.

Entre os Mundombes, os ricos e importantes vestem pelles muito macias, untadas de manteiga de vacca e d'uma substancia vermelha a que chamam *Húra*, e cobrem o tronco com um panno untado com as mesmas drogas; os pobres vestem pannos na parte inferior do corpo, tambem untados, e o tronco quasi sempre nú. As mulheres ricas tambem usam pelles como os homens; as pobres, porém, usam pannos, e ou cobrem o tronco com um panno tambem ou apenas encobrem os seios com um lenço. Os Mucuandos e os Quillengues de raça pura usam os mesmos vestuarios dos Mundombes, e untados sempre com o *Gúdi* e a *Hura*. Os Bacuisses só vestem pelles. Os Mundombes e Mucuandos, além d'aquellas duas drogas, usam como comestico o oleo extrahido do *Uméke*, fructo a que nos referimos em o numero 72.

Os Quimbundos usam como comestico, com que untam o corpo, cabello e pannos, o oleo de palma; assim como os gentios do Nuno.

Os Ganguellas usam como cosmetico o oleo de ginguba e o oleo de ricino.

Os Hanhas, Caíalas e Quissangues, usam ás vezes trazer uma pelle á frente, sobre o panno, decahindo mais e mais tal uso.

Os Camussequeles apenas vestem pelles.

Note-se que tanto os pannos como as pelles usadas pelos Mundombes, Quillangues e Mucuandos, são muitos curtos. Alguns mais atrazados, entre estes e os Bacuisses, assim como os Camussequeles, só usam a pelle adeante, trazendo o resto do corpo completamente nú.

Os pannos usados pelos Hanhas, Gandas, Selles, Caialas e Quissangues, são muito compridos, chegando quasi ao chão, mas não fecham roda completa — deixam sempre vêr um lado das pernas.

O uso da camisa vae-se introduzindo n'estes povos, especialmente entre os Quimbundos, Quillengues Honó e Ganguellas.

O cobertor de lã encontra uso mais ou menos em todos os povos, excepto entre os Bacuisses e Camussequeles.

As calças, casacos, chapeus, calçado, colletes, meias, ceroulas, camisolas, barretes, encontram uso entre os Quimbundos e Quillengues Honó especialmente. Os primeiros, porém, a usal-os foram os Cacondas.

Em viagem usam todos as alpercatas.

Além dos vestuarios que transcrevemos, usam estes povos, como principaes adornos, o seguinte:

Entre os Quimbundos, gentios do Nano, Ganguellas e Quillengues Honó, missangas e contarias usadas pelas mulheres no pescoço, pulsos, artelhos e cintura; e os anneis, cruzes, corrente amarella, e medalhas usadas pelos mesmos.

Entre os povos que usam sujeitar as raparigas ás cerimonias da puberdade, e que já descrevemos em o numero 65, as mulheres solteiras usam ao pescoço uma colleira feita de uma especie de palhinha que cortam aos pedacinhos e cosem formando a colleira.

As mulheres mundonbes ricas e importantes usam: ao pescoço uma grande colleira feita de dongo, nos ante-braços e pernas pulseiras feitas de umas poucas de voltas de arame, e á cintura um cordão de uma missanga cylindrica e branca, a que chamam *Osúre*. Quando a mulher, porém, passa ao estado de viuvez, tira todos estes adornos e vae entregal-os á familia do marido morto; portanto, a viuva mundombe não usa adornos.

O homem mundombe rico e importante, assim como o Mucuando e o Quillengues nas mesmas condições, usam por principal adorno o mandé natural e grande, perfeitamente limado a ponto de ficar branco, suspenso do pescoço. Antigamente davam um boi soba por um mandé, tal é a importancia que elles dão a este adorno, distinctivo de importancia e riqueza. O Mundombe importante tambem usam ao pescoço uma volta de dongo.

Algumas mulheres Hanhas, Gandas, Caialas e Quillengues, etc., tambem usam nos pulsos e nos artelhos as pulseiras feitas de algumas voltas de arame. Estas mesmas pulseiras feitas de uma ou de duas voltas de arame amarello são mais ou menos usadas por todos os povos, excepto os Bacuisses e Camussequeles.

Os Quimbundos compram muito ao commercio europeu os chapeus de chuva, sobretudos felpudos, cintos elasticos e de correia, cadeiras e bancos de lona, e malungas de metal, de que fazem muito uso.

As fórmas por que estes povos usam o cabello são diversissimas, e em alguns essas fórmas não se podem definir rigorosamente. Procuraremos comtudo explicar o melhor que podermos as fórmas mais dignas de menção, que são as seguintes.

As mulheres solteiras, entre os povos que as sujeitam ás cerimonias da puberdade que já temos citado, usam torcer o cabello deixando-o cahir sobre o pescoço e hombros em canudos semelhantes a tranças.

As mulheres mundombes e mucuandas casadas correm o cabello para traz, acertando-o com a mão, fazem um rabicho no alto da cabeça, e pendidos sobre as fontes trazem dois canudos tecidos á semelhança de tranças.

As mulheres casadas quillengues fazem tres bandós, sendo um no alto da cabeça e dois lateraes, presos todos atraz por tachas amarellas; os mesmos bandós são enfeitados no alto da cabeça com botões amarellos grandes; á noute, ao deitar, usam pôr sobre esse penteado uma especie de meio chinó feito de tres peças ligadas e entrançadas, e sobre o chinó amarram um lenço.

As mulheres solteiras dos Quimbundos, alguns gentios do Nano e das Ganguellas, usam o cabello solto; e as casadas entrançado e cahido; hoje as solteiras tambem o trazem em canudos.

Os homens solteiros mundombes, mucuandos e quillengues de raça pura, usam rapar a cabeça ao redor, tendo apenas no alto da cabeça uma porção de cabello em fórma de pyramide conica, a que chamam *Osúku;* os homens casados usam cabelleiras cahindo em bandós sobre as orelhas, a que chamam *Étúma.* Estas fórmas de penteado fazem, porém, pequenas differenças entre estes tres povos.

Os Bacuisses tambem usam cabelleiras.

Os Quillengues Honó usam o cabello por diversas fórmas: ora solto, ora rapado deixando ficar uma tira no alto da cabeça, ora com córtes variados.

Os homens dos outros povos do districto usam, na generalidade, o cabello solto.

Algumas mulheres de cabellos entrançados usam enfiar contaria nas tranças.

As fórmas que temos descripto, são as mais importantes e dignas de menção. Não temos conhecimento de nenhum povo que use rapar o cabello por completo.

Os Camussequelles, cujo cabello é raro e enrolado, semelhando a moscas, não usam penteado algum.

Alguns povos usam turbantes de panno ou pelle que se vêem em alguns homens, taes são: os Mundombes, Mucuandos, Bacuisses, Quillengues Muchó, Selles, Caialas, Hanhas, etc. Entre os Bacuisses é uso em todos os homens cobrir a cabelleira com turbante de pelle.

A pintura do corpo não nos consta ser usada por nenhum povo do districto.

Sobre tatuagem, alguns usam dar pequenos córtes no ventre e maçãs do rosto, outros fazer desenhos nas maçãs, braços e pernas com ponteados de agulhas embebidas em liquidos negros que se tornam indeleveis, como por exemplo o cajú, e em pós negros.

Aos córtes chamam *Orosóka*, e aos desenhos *Orobúba.* Sobre este ponto já dissémos algumas cousa em o numero 2, e abrangem taes usos quasi todos os povos, não se podendo fazer a distincção.

Nenhum d'estes povos usa furar os beiços.

O nariz apenas o usam furar os Selles, por imitação dos Abuim.

As orelhas são furadas por alguns povos que já citámos em o numero 2, sobresahindo os Caialas, Selles, Quissanges, Hanhas e Gandas, que usam grandes argolas de metal.

Os Quimbundos e Ganguellas fazem uso dos brincos ordinarios comprados ao commercio.

Alguns Quillengues Honó vão tambem furando as orelhas. Só não têm este uso os Mundombes, Mucuandos, Quillengues Muchó, Bacuisses e Camussequeles.

Os mais requintados n'este uso, porém, são os Caialas, Hanhas, Quissanges e Selles. Sobre a perfuração das orelhas e nariz veja-se o numero 2.

76.º

As danças d'estes povos são muito simples, consistindo apenas n
movimento lento e cadenciado dos pés, braços, hombros e cadeiras
taes são as mais usuaes entre os Quimbundos, gentios do Nano e Ga
guellas.

Alguns povos, porém, como os Mundombes, Quillengues, o mes
mo Quimbundos têem certas danças especiaes com seus nomes pro
prios. A distincção e descripção d'essas danças são difficilimas de fa
zer; por isso limitar-nos-hemos a citar os nomes indigenas das mai
dignas de menção.

Aqui pômos de parte a dança usada no littoral (vulgo rebita), po
ser demais conhecida. Procuraremos explicar:

Os Quimbundos e gentios do Nano têem as seguintes danças es
peciaea: *esáka*, *Okánhe*, *úchikáragá*, *óchibúdiagá* ou *ókudóũe*, *obégéra*

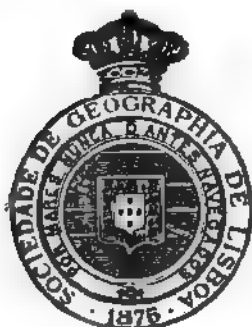
A primeira especie de dança consiste em duas rodas circumscri
ptas, sendo a interna formada per homens e a externa por mulhere
E' esta dança um jogo de bola segura fortemente por um dos homen
e que os outros porfiam em lhe fazer saltar da mão com pancada
fortes que lhe vão dando no braço procurando fastigal-o; conseguind
isso, apodera-se outro da bola, e assim successivamente, dançando to
dos. Se e bola, a que chamam *obúje*, fôr apanhada por uma das mu
lheres da roda externa, tem de ser resgatada pelos homens, com um
premio. A musica que acompanha esta dança, consta de dois instru
mentos, especie de tambores conicos e cylindricos: um é grand
chamado *agnóma*, conico, e faz o acompanhamento; o outro é peque
no, chamado *ohéjégo*, cylindrico, e faz a parte cantante.

Quando tem logar esta dança ou jogo, que dura quasi sempre do
dias, convoca-se, para tomarem parte na festa, as pessoas de dive
sas libatas, algumas residentes a dez leguas. E' um verdadeiro jo
olympico, em que os homens mostram perante as mulheres a sua des
treza e valentia.

(Continúa) AUGUSTO BASTOS

IX CONGRESSO INTERNACIONAL DE GEOGRAPHIA EM GENEBRA
27 JULHO — 6 AGOSTO 1908

Communicação

La *Commission des excursions scientifiques* du Congrés vous serait infiniment reconnaissante si vous vouliez bien rappeler aux lecteurs de votre *publication* qu'ils peuvent se procurer le *Livret des Excursions*, contenant leur programme et son analyse scientifique, moyennant 1 fr. 50, auprés du secrétaire, M. le prof. E. Chaix, avenue du Mail 23, à Génève, et surtout que les *derniers délais d'inscription* aux excursions sont fixés au *1.er Juin* pour les excursions qui précèdent le Congrés et au 1.er Juillet pour celles qui le suivent.

26.ª Série — 1908 N.º 6 — Junho

BOLETIM

DA

Sociedade de Geographia de Lisboa

FUNDADA EM 1875

SUMMARIO

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
Rua do Diario de Noticias, 110

1908

BOLETIM DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

Director, proprietario e editor—*Sociedade de Geographia de Lisboa*—Rua de Santo Antão—Lisboa
Composição e impressão na Typographia Universal
pertencente a Coelho da Cunha, Brito & C.ª — rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

RETRATO DE VASCO DA GAMA NO PARLAMENTO DO CABO

O Parlamento da Colonia do Cabo havia solicitado, em tempo, da Sociedade de Geographia de Lisboa, um retrato do grande navegador portuguez Vasco da Gama, a fim de ser collocado na sua bibliotheca.

A Direcção da Sociedade fez reproduzir em photographia o retrato a oleo que existe na sua séde, e que é considerado authentico; e em seguida enviou-o, com moldura appropriada, ao Parlamento do Cabo, do qual se recebeu o seguinte officio.

«Library of Parliament, Cape Town, 7 May 1907. — Ernesto de Vasconcellos, Esq., F. R. G. S. — General Secretary of the Sociedade de Geographia de Lisboa, Lisbon. — Dear Sir, The copy of the portrait of Vasco da Gama which you were good enough to have executed with such care, and which your Society has so generously presented to this Library, has now arrived in good order. — I am desired, in the name of Mr. Speaker and the Members of the Library Committee, to say how much the gift, and especially the gracious spirit in which it was offered, is appreciated. — In conveying to you their thanks I would take this opportunity of reciprocating the friendly sentiments based upon the mutual relationships between the two countries to which you have given expression. — The portrait is being hung in the Library where it will be regarded as an object of great interest. — I have the honour to be, Dear Sir, Your obedient servant.»

OS QUATRO GRANDES FLAGELLOS DO SECULO XX

Conferencia feita na Sociedade de Geographia de Lisboa, em 4 de maio de 1908

Sr. Presidente
Minhas senhoras e meus senhores

Antes de entrar na descripção dos quatro grandes flagellos que, de dia para dia, mais estão abastardando a nossa raça, ameaçando destruil-a, devo dizer que não me atreveria a vir occupar este logar, se não visse que é necessario, que é indispensavel, pôr-vos de sobre-aviso, elucidar-vos e — dirijo-me principalmente ás senhoras que me escutam — recrutar soldados leaes, obedientes e conhecedores do seu papel.

Com effeito, a alliança offensiva constituida pela reunião das diversas causas a que eu chamo *avariantes*, é tanto mais temivel, quanto é certo que bastava um só dos seus elementos para produzir a degeneração e o aniquilamento da especie humana.

Assim, se observarmos o quadro obituario, quer dizer, o quadro da mortalidade, relativo ao triennio de 1902 a 1904, vemos que, em Portugal, em 1902, só a «gastro-enterite» ou diarrhéa e a «tuberculose pulmonar» mataram *18.252* individuos, ao passo que a febre tiphoide, a variola, o sarampo, a escarlatina, a diphteria, a coqueluche (ou tosse convulsa), a meningite, o cancro, a grippe e a pneumonia, **todas juntas**, produziram 12.103 victimas!

Em relação á letalidade, (ou numero de fallecimentos) total, que, n'esse anno foi de 108.378 individuos, a quantidade de vitimas da gastro-enterite e da tuberculose representa mais de *16 por cento.*

Em 1903 estas duas doenças victimaram 19.786 individuos, ou sejam mais de *17 por cento* do total dos obitos; as outras doenças infecciosas de que fallei, tipho, variola, etc., só causaram 14.207 mortes.

Em 1904 o numero de individuos mortos pela tuberculose e pela diarrhéa em tenra idade foi 18.353, o que dá egualmente uma percentagem de *mais de 17* da totalidade obituaria; a febre tiphoide, o sarampo, etc., produziam só 12.189 obitos.

Quer dizer, em tres annos, a tuberculose e a gastro-enterite roubaram a Portugal *57.391 vidas*, o que representa *mais da decima parte da natalidade*[1] *correspondente* (535.893)!

Não está nem poderá ser nunca feita a estatistica relativa á mortalidade produzida pelos outros factores avariantes, a *avaria propriamente dita*, *a neisserose* e o *alcoolismo*; mas, quantos individuos morrem todos os annos victimados pelas gravissimas complicações

[1] Nome dado em demographia (estatistica applicada ao estudo collectivo do homem) á relação que existe entre o numero de nascimentos e a população.

tres outros flagellos ?! Quantos avariados contribuem para a
escencia da especie?
; bem, a essa conjura de males, qual d'elles o mais temivel, é
oppor uma barreira invencivel, declarar uma verdadeira guerra
:rminio, que nos preserve contra as suas arrojadas investidas e
segure a força, a saude e a longevidade dos nossos filhos.
higiene, que ensina a conservar e a melhorar a saude ; a pro-
ia, que tem por fim impedir o desenvolvimento das doenças ; a
psia, ou meio de destruir os microbios causadores das doenças
iosas e a therapeutica ou arte de curar, muito teem contribuido
sustar, em parte, a invasão dos agentes avariantes ; mas isto
asta.
sciencia, é certo, presta valiosissimo auxilio, illumina com a sua
alenta com as suas descobertas incessantes os propugnadores da
da humanidade, mas se o esforço e a perseverança individual
secundar, se cada um dos membros da grande familia humana
compenetrar do importante papel que, como factor adjuvante,
compete, a guerra continuará sem treguas e com poucas proba-
lades de victoria.
De que servem bellos planos estrategicos delineados por habeis
eraes, se estes não dispozerem de um exercito capaz de os execu-
?
Para o caso, meus senhores, os generaes são os medicos e os hi-
nistas ; o corpo do exercito sois vós.
A *tuberculose*, a *avariose* ou infecção especifica, a *neisserose* ou in-
ção gonococica, o *alcoolismo* chronico e a *gastro-enterite* ou diar-
a das creanças de tenra idade, vimol-o, são as principaes causas
nosso definhamento e da enorme mortalidade precoce.
E' necessario, comtudo, que se saiba, que qualquer d'esses gran-
flagellos é evitavel ou curavel. Demos as mãos para, n'uma santa
benefica cruzada, levarmos de vencida, aniquilarmos de vez essa
ntupla e devastadora calamidade. A's suas continuas arremettidas
vemos oppor tenaz resistencia.
Armemo-nos e pelejemos encarniçadamente, com vigor, com alma,
m toda a nossa vontade, em pró da conservação ou, melhor, do re-
venescimento da nossa especie ! Só assim se conseguirá ver dimi-
ida a letalidade ; só assim se elevará a média da vida humana !

O que vae seguir-se constitue a quinta-essencia das verdades que
o é dado ignorar a quem vive em pleno seculo XX e, uma vez que
m Portugal se não fundou ainda uma «Liga das mães de familia»,
estinada a promover a completa destruição dos factores avariantes,
menos que fiquem bem gravadas no espirito dos que me ouvem
rapidissimas noções que vou explanar.

Começarei pela

Tuberculose

A «grande ceifeira» ou a «peste actual», como alguns lhe chamam.
A tuberculose é uma doença «chronica», quer dizer, que percorre

lentamente os seus differentes periodos; «microbiana», isto é, produzida por um microbio ou micro-organismo, chamado *bacillo de Koch*, e «contagiosa» ou susceptivel de se transmittir de individuo para individuo, directa ou indirectamente.

Como doença chronica, é a mais frequente de todas; como microbiana é, talvez, d'entre as congeneres, a mais virulenta, (quer dizer, aquella que mais aptidão demonstra para se desenvolver e para segregar toxinas ou venenos), senão a mais insidiosa; como contagiosa, occupa principal logar, visto propagar-se *quasi sempre* pelo ar, não sendo, por isso, possivel evital-a, uma vez que o organismo esteja em condições de receptibilidade favoraveis á sua implantação.

Eu disse que a tuberculose se propaga «quasi sempre» pelo ar; assim é, com effeito. Os micro-organismos causadores d'esta terrivel doença são expellidos com a expectoração dos seus portadores; se não houver o cuidado de destruir esses microbios, se a expectoração seccar por não ter sido lançada em cuspideira apropriada, esses micro-organismos pairarão na athmosphera, de mistura com particulas da expectoração, sob a fórma de poeira, e facilmente penetrarão no apparelho respiratorio de individuos sãos, onde se conservam aguardando occasião azada para dar começo á sua obra devastadora.

D'aqui se deduz a necessidade imperiosa de obrigar *toda a gente*, sã ou doente, a escarrar em cuspideiras de algibeira.

Alem d'isso, os individuos tuberculosos, no periodo de doença a que nós, os medicos, chamamos — tuberculose aberta, — estão constantemente a pôr em perigo a saude de quem os cerca.

O chamado «perdigoto», essa particula de saliva que, com a fala, tantas vezes se escapa da bocca, é perigoso vehiculo do bacillo de Kock; o mesmo posso dizer d'essas outras pequenas gottas de saliva que, com o espirro, são projectadas com força. — São estes, outros meios, não menos perigosos, de contagio indirecto da tuberculose pelo ar.

Mas a doença não se propaga só d'esta fórma. O contacto directo com o tuberculoso, com as suas roupas do corpo ou da cama, com os objectos de que se serviu, com tudo emfim que possa ter estado em relação com elle, um simples aperto de mão, bastam para transmittir a tuberculose.

E, já que falei em apertos de mão, abrirei um parenthesis para declarar que sou adversario irreconciliavel d'esse velho habito, que considero perigoso e pouco asseado.

Propaga-se ainda a tuberculose quando se ingerem alimentos ou bebidas que contenham o bacilo tuberculoso, por exemplo, o leite de animaes tuberculosos, ou de uma ama tuberculosa; pelas vias genitaes; por uma ferida na pelle; etc.

Quanto é justificado o receio de aquisição da doença e que bem andam todos os que procuram impedir a sua invasão!

Avalia-se o grau de letalidade da tuberculose dizendo que, *em cinco mortes*, ha, em regra, *uma* devida a ella.

Em França, dil-o a estatistica, a tuberculose pulmonar, a tisica, mata mais de 150.000 pessoas por anno, o que, comparado com a

ção média, calculada em 39 milhões de almas, é realmente terrar!

a Portugal, em 1902, a tuberculose das meninges matou 373 duos, as outras tuberculoses com localisações extra-pulmonares, e a tuberculose pulmonar, *5.507*. — Em 1903, em 6.585 obitos tuberculose, *5.698* foram devidos á tisica, e em 1904 a tuberse extra-pulmonar matou 1.212 creaturas e a tisica *5.766!* Mortandade extraordinaria, só comparavel com a da gastro-ente, *ainda mais letal!* E consideram-se flagellos a peste, o cholerarbus e a febre amarella! Nunca qualquer d'essas doenças causou rtalidade egual!

Em Portugal, a quantidade total de victimas das diversas epideias de cholera e de febre amarella foi inferior á actualmente produla pela tuberculose, como se póde inferir de conscienciosos docuentos estatisticos.

Aterra-nos a ideia da assolação produzida por aquellas doenças e, i que de braços cruzados, contemplamos o destroço de vidas, a tinua e progressiva devastação de existencias, produzida por tão sta endemia, [1] pelo malefico bacillo de Kock!

E no entanto, meus senhores, a *tuberculose é curavel*; é até (em-a esta minha asserção pareça hiperbolica), a *mais curavel* de todas doenças chronicas. — Alêm d'isso, a tuberculose *é evitavel*, direi smo, *facilmente evitavel.*

O filho de um tuberculoso tem probabilidades de se tuberculisar. o quero com isto dizer que se herde a doença, que se nasça com a mente; longe vae o tempo em que reinava tal ideia; herda-se a redisposição para ella.

Como dizia o Professor Peter «não se nasce tuberculoso, nasce-se berculisavel».

Por consequencia, o filho de um tuberculoso póde deixar de morer tuberculoso, se a receptibilidade innata para a doença fôr contraiada por um bom regimen de vida.

Já que fallei de «receptibilidade innata», quer dizer, da aptidão especial para contrair a doença, com que nasce o filho do tuberculoso, devo dizer que não menos grave do que aquella é a «receptibilidade adquirida» ou, por outra, a probabilidade de aquisição favorecida pelo excesso de trabalho em más condições higienicas, pelo regimen alimentar deficiente ou irregular, pelo desregramento de vida, pelos excessos de toda a qualidade e, *principalmente*, pelo **alcoolismo**.

O filho de um tuberculoso que segue uma norma de vida regular, que se cinje completamente aos preceitos da prophilaxia, quer dizer, dos meios de evitar a doença, e da higiene, *póde* não morrer tuberculoso; é de observação corrente. O filho de pae e de mãe normaes que transgride esses preceitos, *tem todas as probabilidades* de morrer tisico; abundam os casos que corroboram esta asserção.

Diz o rifão: «Onde não entra o sol entra o medico». E' uma ver-

---

[1] Doença propria de uma região, quer se manifeste constantemente, quer appareça só em determinadas epocas.

dade. Quem vive n'um quarto onde nunca entra o sol, provoca a anemia ou pobreza de sangue e a chlorose ou «cachexia das virgens», estados estes favoraveis á installação do micro-organismo de Kock. É, aliaz, o que correntemente se observa no reino vegetal: A planta privada da luz solar em breve se estiola, definhe e morre.

Disse-o eu algures [1]: «Levanta-te, abre a janella, que a saude entra por ella». Com effeito, dormir n'um quarto sem janella, é attentar contra a propria existencia; é preparar terreno excellente para o desenvolvimento dos germens da tuberculose.

A semente d'este terrivel flagello, disse-o já, é transmittida ou propagada *principalmente* pelos *escarros seccos* dos doentes tuberculosos. Não adquire a doença quem estiver ao abrigo dos microbios contidos na expectoração e dos que, por outra via, até nós possam chegar.

Além dos processos de contagio que indiquei ha pouco, pelos alimentos, pelas particulas de saliva, etc., ha um outro, summamente grave, em que não posso deixar de fallar. Quero referir-me ao beijo e, principalmente, ao *beijo na bocca.*

E' este um dos meios mais seguros de contagio directo da tuberculose, tanto mais perigoso quanto, infelizmente, constitue uma prova vulgar de estima e de amor. E, não só por isto, como ainda por ser muitas vezes o vehiculo de outras doenças graves, como, por exemplo, a infecção especifica, o cancro, o noma [2], o escorbuto, etc., bom seria que, de vez, se acabasse com o habito de beijar as creanças, as pessoas do nosso conhecimento ou estima, etc.

Não menos abominavel é o costume de beijar imagens e placas de metal de saccos de andadores, onde toda a gente, n'uma aterradora promiscuidade, pousa os labios sujos ou infectados.

No piedoso acto praticado semanalmente por homens, senhoras e creanças e que consiste em beijar no pé as imagens do Senhor dos Passos ha, com effeito, perante a sciencia e o bom criterio, um perigo real e imminente.

Não podendo entrar aqui em pormenorisadas considerações ácerca d'esse lamentavel vicio social, pois isso me levaria muito longe, limito-me a relatar-vos um eloquentissimo caso de observação pessoal:

Ainda não ha muito, vi na Egreja da Graça, no tradiccional dia da Paixão de Christo, um misero andrajoso, coberto de feridas, esfregar pelo pé da imagem os olhos attingidos de ophtalmia purulenta, crendo alvarmente que d'isso lhe viria cura! Esperando a vez, estava uma senhora, acompanhada de uma creança d'uns sete ou oito annos, delgada e com aspecto doentio, a qual *foi obrigada* a colar os descorados labios, precisamente no ponto — notei-o bem — onde sua mãe os pousara e que fôra o escolhido pelo misero andrajoso, coberto de feridas e com as palpebras a trasbordar pus!... Sem commentarios.

---

[1] Conferencia sobre *Educação phisica*, realisada na *Tuna Commercial de Lisboa*, em 1 de Julho de 1906.

[2] Inflammação gangrenosa das gengivas, observada principalmente nas creanças depois de algumas doenças infecciosas geraes (sarampo, escarlatina, febre tiphoide).

ara evitar a disseminação dos germens da tuberculose, direi, ntamente, que é preciso:

mpedir a dispersão dos microbios, empregando cuspideiras de ›eira e cuspideiras fixas contendo um liquido desinfectante e col- las a altura conveniente;

desinfectar rigorosamente as roupas;

supprimir a varredura das ruas e das casas a secco;

não occupar nunca a chamada «zona de projecção» de um tuber- loso, quer dizer, não estar nunca collocado de fórma a poder ser tingido pelos microbios lançados pelo doente quando falla, tosse ou spirra;

affastar as creanças de mama das mães ou dos paes tuberculosos, ão consentindo, de fórma alguma, que estes as acariciem;

sob o ponto de vista da hospitalisação, separar completamente os berculosos dos doentes ordinarios;

em casa, não consentir que se cheguem ao doente senão as pessoas carregadas do seu tratamento;

esterilisar pelo calor o leite e a carne, não esquecendo que o leite be» á temperatura de 75 ou 80 graus, mas que só ferve a 101 aus; por outra, deve tirar-se a pellicula no momento em que appa- ce sobre o leite e deixal-o ferver em seguida cinco minutos;

proscrever os generos de salchicharia, a manteiga e o queijo fresco fermentado;

evitar beijar e ser beijado;

multiplicar a creação de sanatorios, (isto é, de estabelecimentos ituados em determinadas condições climatericas e destinados ao tra- tamento de doenças chronicas por meios puramente higienicos), e de ospitaes especiaes para tuberculosos indigentes e pensionistas, onde, o mesmo tempo, se applicassem medidas de prophilaxia e tratamento ethodico da doença.

Esta criação favoreceria a cura de um certo numero de doentes e, simultaneamente, supprimiria um foco permanente de infecção para os individuos sãos.

Os estabelecimentos d'este genero, montados com todas as regras e administrados directamente pelos poderes publicos, constituem no estado actual da questão, como bem diz o prof. Strauss, «o unico meio efficaz na lucta contra a temivel doença».

Os limites que impuz a este meu trabalho forçam-me a deixar por aqui as considerações a fazer acerca da tuberculose.

*
* *

Entro agora no estudo da

Avariogenese

Dou o nome de *avariose* á infecção chamada vulgarmente «espe- cifica» ou «grande avaria», e o de *neisserose* [1] á infecção gonococica,

---

[1] Leia: Naissérose. — Os gonococus são microbios em fórma de rim, juntos dois a dois pela sua face concava.

produzida pelo micro-organismo denominado «gonococcus de Neisser».

Está perfeitamente averiguado ser este o microbio productor da neisserose; quanto ao da avariose ou «espirillose chronica», estudos muito recentes de Schaudinn parecem provar ser ella produzida por um corpo espiralado, de dimensões relativamente grandes (18 a 27 millessimos de milimetro), a que primeiro se chamou «espiroqueta»[1] e a que se dá hoje o nome de «tréponema[2] pallido».

O conjuncto d'estas duas entidades morbidas tem o nome geral de «avaria» ou, melhor, de «avarigenese».

Esta dualidade infectante constitue, a par da gastro-enterite, do alcoolismo e da tuberculose, horrivel triada que nos rouba todos os annos milhares de vidas, um quarto flagello não menos mortifero, cuja letalidade, por causas multiplas faceis de perceber, não póde ser bem precisada.

A avarigenese é uma verdadeira calamidade devastadora, que ataca e fere ás cegas, insidiosamente, conduzindo á morte, se a sciencia não intervem a tempo, o velho, o adulto, o adolescente, a creança, o recemnascido e até o feto em via de desenvolvimento!

A *avariose* ou infecção especifica é uma affeção sempre grave que, desprezada ou mal medicada, muitas vezes *mata* a creança antes de nascer, quer dizer, infecta o embrião humano, oppondo-se ao seu completo desenvolvimento e creando-lhe condições incompativeis com a vida; *mata* pelas suas graves complicações ou torna desgraçado o homem cheio de virilidade; *mata* o velho que a desprezou por se julgar curado e *mata* ou transforma em doente chronica a mãe á qual o recemnascido communicou a triste herança paterna!

Ser «especifico», ser «avariado», como ser tuberculoso, não é vergonha nenhuma; d'isto todos se devem compenetrar, pois, caso contrario, o anathema dirigido sobre o desgraçado portador de tão horrivel doença, fará com que elle procure esconder o seu estado deixando de medicar-se convenientemente, o que multiplica as prob[abi]bilidades de contagio e redobra a virulencia do mórbo.

A infecção especifica adquire-se muitas vezes sem responsabi[li]dade, por contagio extra-genesico.

Com effeito, de que póde ser culpada a creança que, depois de [um] beijo, ficou avariada? Poderá ser mal visto o individuo que adqui[re] a doença por ter bebido por um recipiente infectado por outrem; [por] se ter servido de uma esponja ou de uma escova de dentes infecta[da]; por ter molhado com saliva a ponta de um lapis contaminado; [por] ter fumado pelo cachimbo de um especifico; por ter sido golpe[ado] na occasião em que o barbeavam; ou por ter levado á bocca [qual]quer objecto infectado? Evidentemente, não!

A infecção especifica não é — ponderem-n'o bem, — a conse[quen]cia de uma pratica impudica ou o apanagio de uma condemnavel [liber]tinagem; não é, de fórma alguma, sinonimo de devassidão, de [...]

---

[1] Nome generico dado ás bacterias ou micro-organismos que teem [a fórma] de filamentos enrolados em espiral.

[2] Quer dizer, fio espiralado.

che», como se costuma dizer á franceza; é unica e exclusivamente uma *desgraça*, um flagello tremendo, que póde atacar a creança ou o adulto, o homem ou a mulher, *toda a gente*, desde a choupana do pobre até aos dourados salões da realeza!

Doença temivel e justamente temida pelas gravissimas alterações que provoca no organismo, a infecção especifica constitue com a tuberculose uma dupla causa de depauperamento da nossa especie.

Necessario se torna, pois, que os poderes publicos e a iniciativa particular deixem de a considerar como doença «vergonhosa», dispensando-lhe a devida attenção e instituindo ligas que, como para a tuberculose, tendam a diminuir, senão a supprimir de vez as probabilidades de contagio e que, ao mesmo tempo, procurem preservar o individuo dos terriveis accidentes dos periodos secundario e terciario da doença.

A *neisserose* ou infecção gonococica é uma outra causa de avaria que se torna necessario tomar a serio, pelas graves consequencias que póde occasionar.

Geralmente considera-se benigna a infecção produzida pelo bacillo de Neisser, que deu o nome á doença. O portador d'esta liga-lhe, em regra, a importancia que se dá a uma vulgar constipação e, não se importando com a infecção ou seguindo um tratamento errado aconselhado por A ou B, torna-a chronica e susceptivel de lhe produzir serias complicações.

Esta doença, que está incluida no grupo das «vergonhosas» e da qual Ricord dizia, que «era preciso ter-se muitas vezes para se ser homem», é tão grave como a avariose, e não medicada ou inconvenientemente tratada, *mata* tambem pelas suas manifestações cardiacas, pulmonares, renaes, cerebraes, sexuaes, etc., o adolescente, o adulto e o velho; *mata* egualmente a creança antes de nascer; *mata* muitas vezes a mulher, victima expiatoria da neisserose do marido, ou então leva-a á meza das operações ginecologicas onde, se não deixa a vida, perde, com a ablação dos orgãos genitaes internos, a esperança da maternidade!

No entretanto, meus senhores, a avariose e a neisserose são curaveis ou evitaveis.

O processo de as evitar deduz-se do que já deixei exposto e do que mais adiante direi.

Pelo que respeita á cura, a da neisserose, quando a therapeutica é apropriada e o doente segue á risca as prescripções do medico, dá-se quasi sempre. A da avariose necessita mais perseverança; a cura da lesão inicial faz-se rapidamente, mas é preciso não esquecer que a doença volta a manifestar-se de uma maneira geral, passados annos, e, por consequencia, é necessario não nos illudirmos com uma cura apparente e seguirmos o tratamento destinado a evitar ou a diminuir consideravelmente esses accidentes.

Para impedir o contagio e as consequencias da avaria, é preciso dar a conhecer a todas as classes sociaes esta triplice verdade:

1.ª A avariose é um envenamento geral que invade e infecta todos os orgãos; é uma doença nefasta pelos multiplices perigos que

occasiona, perigos individuaes, perigos hereditarios e perigos sociaes, como bem dizia o Prof. Fournier.

2.° A avariose e a neisserose não são consequencias da devassidão, como é opinião corrente; toda a gente póde ser victima d'esses males e, a par da infecção «procurada e tão merecida», (usando da linguagem de alguns moralistas tão puritanos como pouco caridosos), ha infectados innocentes dignos de toda a compaixão.

3.° Não se deve considerar «vergonha» mas «desgraça» ser infectado; pois se fosse vergonha esta devia ser compartilhada por toda a gente.

E' necessario ensinar aos adolescentes de ambos os sexos as precauções elementares que *ninguem* deve ignorar, para se poderem defender do contagio directo ou indirecto das doenças infectantes em geral, tuberculose, avariose, neisserose, etc., e d'aquellas a que eu chamo — paravariantes, — ou sejam as que geralmente se contraem em igualdade de circumstancias; taes são: a pediculose, (piolhos no pubis), a sarna, etc.

Estas precauções pódem resumir-se da seguinte maneira:

Pelo que respeita ao contagio *por contacto directo:*

1.° Os paes devem habituar os filhos e as filhas a não beijarem pessoas que não conheçam; mesmo que se trate de pessoas de familia, não consentirão o beijo na bocca, mas sim na testa, longe dos olhos.

2.° Não se deve confiar uma ferida de um dedo, tão vulgar nas creanças, aos labios de uma pessoa que pretenda, sugando, sustar a hemorrhagia.

3.° Não se deve consentir que a creança se vá deitar com a ama ou com qualquer creada.

Quanto ao contagio *por contacto indirecto:*

1.° Ninguem se deve servir do garfo, da colhér, do copo, do guardanapo, etc., que tenham servido a outra pessôa. Devem ser rigorosamente pessoaes as esponjas, as escovas de dentes, todos os objectos de lavagem ou de toucador.

2.° Não se deve trincar alimento algum que tenha já sido mordido por outrem. Ninguem deve molhar em saliva um lapis ou qualquer outro objecto que lhe não pertença, nem mordicar, como é pessimo e vulgarissimo habito, qualquer objecto que lhe venha parar ás mãos. Ainda, ninguem deve chegar á bocca as estampilhas e a parte gomada dos sobrescriptos: utilise-se a agua para esse fim. Os homens não devem fumar por cachimbos ou boquilhas que pertençam a outros, etc.

N'uma palavra: Não se devem chegar aos labios ou introduzir na bocca os objectos que nos não pertençam.

Além d'isto, não é conveniente utilisarmo-nos, para qualquer fim, de tudo o que possa ser vehiculo de doença. Assim, por exemplo: Todos os homens devem afreguezar-se com um barbeiro e ter ahi uma caixa com instrumentos absolutamente pessoaes. E' extremamente perigoso deitar-se alguem n'uma cama que não tenha lençoes postos na occasião; da mesma fórma, é imprudencia assoarmo-nos aos

lenços de outrem. Os instrumentos de trabalho ou de musica só devem servir a seus donos; etc.

Toda a gente deve saber que as secreções do corpo, a expectoração, os corrimentos, etc., pódem conter microbios pathogenicos ou geradores de doença, e que n'uma gotta de liquido phisiologico ou pathologico se encontram milhares de microbios, os quaes sendo muitas vezes inoffensivos para o individuo que os traz, se tornam virulentos n'um terreno novo, n'um outro individuo predisposto.

Espalhe-se o horror ao contagio das doenças avariantes, incluindo a tuberculose, da mesma fórma que, pela educação se desenvolve o horror á mentira, á burla, ao roubo e a outras «avarias moraes», permittam-me o simile.

Os adolescentes prevenidos dos perigos da avariose desprezada ou mal medicada, serão os primeiros a declaral-a aos paes, sabendo de antemão que são bem acolhidos e melhor aconselhados, e os paes conhecedores do assumpto, empregarão todos os meios para dar coragem aos filhos e para os curarem completamente, não consentindo que casem antes de desapparecer todo o perigo de contagio.

E' preciso acabar de vez com o velho preconceito que considera a avaria uma doença «má», «vergonhosa» e «de que se não deve fallar».

A este respeito Boissière conta que um rapaz atacado de avaria lhe disse: «Um dia consultei meu pae a respeito de certas doenças de que ouvira fallar mas que não conhecia; respondeu-me, com rudeza, que «eram coisas em que se não conversava»! Esquecia-se de que tinha sido tambem rapaz, que naturalmente era um antigo avariado e não quiz dar-me os conselhos que lhe pedia; o resultado vê-se.»

Se alguem inquirisse d'este pae a razão do seu silencio, é provavel que obtivesse como resposta, que «não era conveniente despertar os sentidos do filho e que o assumpto era delicado de mais para ser tratado entre pae e filho»!

Mas, pergunto, devem ter-se esses escrupulos, quando a historia nos diz claramente quem foram as amantes dos reis, quando os jornaes relatam todos os dias casos escandalosos e quando a propria Igreja não hesita em fazer allusões á «Immaculada Conceição», á «Virgindade de Maria» e a outras expressões que, de fórma alguma, despertam pensamentos deshonestos em cerebros normaes?

A sciencia não é mais immoral do que a arte, e a verdade deve ser tão dissimulada como a nudez de uma Venus de Medicis ou de um Apoxyómenos do Transtévere.

E' necessario que esta verdade se diga, se mostre tal como é á mocidade, para que esta saiba bem o pezado tributo que paga ás affecções avariantes.

O sabio Prof. da Faculdade de Medicina de Paris e primeiro siphiligrapho, Fournier, fallando da idade em que se contrae a infecção avariante especifica, diz que, em 100 casos, 8 attingem rapazes e 20 raparigas, todos com menos de 20 annos! 4 por cento dão-se em raparigas com menos de 16 annos! O maximo da frequencia é, para a mulher, dos 18 aos 21 annos (30 por cento) e para o homem, entre os 21 e os 26 (50 por cento).

Por outro lado, o exame das estatisticas diz-nos que *a neisserose ataca* **um terço** (!) *da população das grandes cidades e que, em 7 individuos* **ha um** *avariado!*

Estes numeros, francamente, aterram!

E' caso para se dizer, paraphraseando um celebre dito do sabio e chorado Prof. Sousa Martins: «Avariados são todos os que parecem e mais metade dos que não parecem»!

Em toda a parte a doença avariante é conhecida e temida; basta citar a sua sinonimia para nos convencermos d'isso: «Mal francez», «Mal napolitano», «Mal hespanhol», «Mal dos allemães», «Mal dos pobres», «Mal dos christãos», «Mal dos turcos», ... mal de toda a gente!

A mãe deve conhecer os perigos a que está exposta a filha que vae casar; ha de chegar um dia, temos fé, em que ella exigirá do futuro genro um certificado medico, attestando que, «depois de ter affrontado os perigos da juventude, chegou á epoca de casar n'um estado em que não póde comprometter a saude ou a vida da mulher ou dos filhos.»

Esta exigencia é justificadissima, visto a estatistica demonstrar que, *em 5 mulheres avariadas*, **uma** foi infectada pelo marido, e que não é menor o numero de doenças do utero e seus annexos, devidas á neisserose contrahida pelo casamento.

As explanações que fiz ácerca da avarigenese, levaram-me mais longe do que eu esperava. Bom foi que isso acontecesse, pois se, por um lado vos roubei tempo e abusei da vossa attenção, por outro satisfaz-me a ideia de que, pela primeira vez em Portugal, se ouviu um propagandista acarretar com a responsabilidade de fallar sem rebuço sobre um assumpto considerado como secreto pelos moralistas ingenuos.

O caso de que tratei, confesso-o, é espinhoso, mas, se por toda a parte se faz propaganda contra a tuberculose, porque não devia considerar eu um dever fazel-a egualmente contra um outro flagello não menos terrivel? A isso me levaram o meu amor á sciencia, o meu coração de homem e o meu sangue de portuguez!

*

* *

Entro agora no estudo rapido de um outro flagello, o

Alcoolismo chronico

O alcoolismo chronico é um envenenamento que resulta do abuso habitual do alcool, mesmo que este não provoque a embriaguez.

Eu me explico: Um individuo que, depois de ingerir uma grande quantidade de bebidas alcoolicas, as expelle do estomago, é um alcoolico agudo, mas póde não ser um alcoolico chronico; por outra, é um envenenado, um individuo accommettido de doença aguda, passageira e inoffensiva, se a dose de veneno não foi desmedida.

Aquelle que se gaba de beber bebidas alcoolicas sem experimentar simptomas de intoxicação aguda, de ebriedade, arruina pouco a pouco a saude, pois que o alcool ingerido, não tendo sido expulso, absorve-se e entra na torrente circulatoria, indo alterar consideravelmente as visceras, tornando irregular o funccionamento dos diversos orgãos, criando incapacidade para qualquer trabalho, embrutecendo o individuo e abreviando-lhe a existencia; é a uma creatura n'estas condições que se dá verdadeiramente o nome de alcoolico.

O abuso das bebidas alcoolicas, tão espalhado hoje, tem origens diversas. N'uns, o gosto, um appetite especial por este genero de bebidas, convida e arrasta a excessos quotidianos; n'outros, é a ociosidade, a frequencia dos botequins, a convivencia com depravados e incorrigiveis bebedores que leva á ingestão do veneno; n'outros, ainda, é a necessidade de arranjar clientela dando o exemplo, como acontece aos vendedores de vinho e aos licoristas, ou o habito nefasto de tratar os negocios com o copo na mão.

Na classe dos operarios, e, em geral, na classe baixa, é uma delicadeza convidar para beber, para «tomar alguma coisa», a qualquer hora do dia ou da noite. Á falta de assumpto de conversação, apoz a troca mutua de saudações, vem logo o tradiccional: «V. bebe alguma coisa que eu pague»? O copo com vinho (em regra um ou meio litro), é o companheiro habitual do operario em descanço, e se não offerecer aos assistentes, conhecidos ou não, indica descortezia, não aceitar revela outra maior e é, muitas vezes, origem de conflicto grave.

Quer «beba» quer «pague», o operario é obrigado a enfrascar-se em vinho, a alcoolisar-se, a toda a hora.

Accresce a isto que, em certas manhãs de inverno (e bastas vezes tambem em outras estações), o frio convida á ingestão do veneno em dóse mais prejudicial; o vinho cede então o logar á agua ardente sophisticada, ascorosa bebida que escalda as gargantas e queima os estomagos.

O habito torna insensiveis as mucosas do apparelho digestivo, e assim se explica o facto bem conhecido d'aquelle creado de laboratorio zoologico que, de manhã, «matava o bicho» bebendo o alcool dos vidros das preparações!!

Direi, de passagem, que, nas classes pobres (e algumas vezes tambem nas ricas), se considera o alcool como «fortificante» e até como «alimento». O vinho é «o sangue dos velhos», «sustenta», «dá forças», dizem.

D'aqui a detestavel pratica de obrigar as creanças a tomal-o. Quem percorrer os bairros pobres, decerto notará a enorme quantidade de creanças, cujos bibes cheios de nodoas de vinho, confirmam bem o que acabo de dizer.

! O alcool sustenta o homem, sim, como a corda sustenta o enforcado!

Em casos mais raros, o alcool é tido por um consolador que faz esquecer, que afoga desgostos, dissipa atribulações e alegra o coração do homem. Lá o diz a Biblia: *Bonum vinum lætificat cor hominis!*

Outras vezes ainda, bebe-se de inverno porque «aquece» e de verão... porque «refresca»! De manhã, para «matar o bicho», de dia para «matar o tempo»; antes de caminhar, para «dar força ás pernas», depois de trabalhar, para «recuperar forças».

Appello para a consciencia dos que me ouvem: Qual de V. Ex.as deixou, pelo menos uma vez na sua vida, de mandar dar um copo de vinho a um operario ou a um serviçal que acaba de fazer em vossa casa um trabalho violento?

Muitos dos nossos rifões convidam ao alcoolismo. «Sobre peras vinho bebas, tanto que afogues as peras». «Antes das sopas molham-se as boccas».

«No meio das sopas molham-se as boccas» dizia o Bento dos *Velhos* de João da Camara; «no fim das sopas molham-se as boccas», continuava o personagem.

Habituado assim, pouco a pouco, o organismo, a ingestão do alcool torna-se uma necessidade imperiosa, uma paixão irresistivel, contra a qual se frustram todos os conselhos, se desatendem todas as considerações e se rompem todas as promessas, ainda as mais solemnes.

Quem bebeu ha de continuar a beber; é fatal.

Muitas vezes o alcoolismo é o resultado de uma affecção mental, por exemplo, da hipocondria (neurasthenia cuja causa se attribue a alteração funccional do estomago ou do figado). Os individuos atacados por esta doença abusam dos tonicos, na esperança de melhorar os seus soffrimentos imaginarios. Começam pelos vinhos generosos e acabam por consummir enormes quantidades de aguas-ardentes e de licores.

De passagem fallarei na «dipsomania» ou monomania da embriaguez, de Esquirol. N'este caso o individuo não se torna alienado porque bebe: bebe porque é alienado.

Finalmente, em alguns casos, a tendencia para os excessos alcoolicos é devida a transmissão hereditaria, como affirma Morel.

— O homem necessita absorver alcool?

Dividem-se as opiniões, mas, quanto a mim, e n'isto não faço mais do que seguir o parecer de verdadeiras auctoridades na materia, o alcool só deve ser ingerido como medicamento, tonico ou estimulante do sistema nervoso.

É um erro dizer que o alcool é necessario aos operarios que se empregam em trabalhos fatigantes, que anima, que repara forças. Não, o alcool não é nem alimento nem fortificante, é um veneno—agradavel, concordo—, mas perigoso como qualquer outro.

Não é apperitivo nem digestivo. A excitação artificial que provoca, é seguida de depressão nervosa, de resfriamento e de fraqueza. N'uma palavra: O alcool não é util a ninguem; prejudica toda a gente.

O detestavel habito de beber aguas-ardentes conduz rapidamente ao alcoolismo. Com effeito, as aguas-ardentes contêm, em geral, 45 e 55 por cento de alcool, quer dizer, mais de metade d'esse violentissimo veneno!

As bebidas que se encontram á venda com o nome de «higieni-

cas» tambem contêm alcool e devem, da mesma fórma, ser banidas do consumo.

O homem que bebe todos os dias uma grande quantidade de cerveja ou uns calices de cognac, de rhum, de genebra, etc., acaba por se tornar alcoolico como o que bebe agua-ardente.

Effectivamente, para o resultado, que differença ha entre o desgraçado andrajoso que, em manhãs de inverno, emborca em sordida taberna dez réis de agua-ardente e o individuo elegante, de bolsa recheada que, depois de libar copiosamente em casa, abanca em botequim de tom, onde passa grande parte da noite a consumir bebidas dispendiosas?

Que direi dos «apperitivos», nome sob que se mascaram tantas preparações cuja base é o alcool?

O que são o vermuth, o absinthio, o bitter. o Kirsch, os amargos, os licores aromaticos, senão bebidas que contêm, além de alcool, essencias que são venenos violentos?

O absinthio, por exemplo, é um producto da distillação de sumidades de losna, de raiz de angelica, de sementes de badiana, da canna aromatica e de outras sementes e folhas, addicionadas com um gramma por litro de essencia de cuminhos e de sulphato de cobre.

Ora, sabe-se que as essencias hidro-carbonadas e as camphoras ou essencias oxigenadas, ingeridas e absorvidas no estado de emulsão ou de dissolução, são venenosas, como demonstrou Meynier; por consequencia, o abuso d'este pseudo-apperitivo conduz a uma variedade de alcoolismo, o absinthismo, que, mais do que o alcoolismo propriamente dito, origina a mania, o amolecimento cerebral e a paralisia geral, devidas, segundo Motet, á acção venenosa das essencias que entram na composição d'esse perigoso licôr.

O vermuth é absinthio infundido em vinho branco. O Kirsch contém acido cianhidrico, o mais energico de todos os venenos; o bitter tem bagas de zimbro, raiz de genciana e de rhuibarbo, etc.

Além d'isso, as bebidas alcoolicas muitissimas vezes são sophiticadas, tornando-se, por este facto, mais perigosas.

Assim, falsificam-se: os vinhos com lithargirio e com alvaiade, as aguas-ardentes com acetato de chumbo, com acido acetico e até com acido sulphurico, etc.!

Necessita de apperitivos quem gosa de bôa saude? Não; em regra toma-os quem, encontrando n'elles o paladar approximado das «bebidas de guerra», os prefere a um bom copo contendo agua pura da fonte. Utilisa-os o alcoolico antes de jantar, como guarda avançada de outros venenos, companheiros inseparaveis do café caseiro e do botequim.

Entendo que: Tomar apperitivos é abrir o appetite com chave falsa.

O consumo de agua-ardente é verdadeiramente terrificante; basta dizer que em Paris entram cada anno mais de vinte e um milhões de litros de agua-ardente a 50 graus! Em Berlim, dil-o Roesch, a quarta parte dos estabelecimentos vendem agua-ardente! Na Suecia, cuja população é de cinco milhões e meio de habitantes, fabricam-se por anno perto de 200 milhões de litros de agua-ardente, consumida, na sua

quasi totalidade, pelos habitantes! O exercito inglez das Indias é dizimado pelo abuso das bebidas alcoolicas e Rufz attribue á cachaça a terça parte da mortalidade dos negros!

O habito de beber não arruina só o corpo; arruina egualmente o espirito, pois conduz ao desamor da familia, á irrascibilidade, ao esquecimento de todos os deveres sociaes, á preguiça, á miseria, ao roubo e ao assassinio.

Buveur gris voit trouble et tombe,
Buveur ivre voit rouge et tue.

disse J. Simon.

A esse pernicioso vicio, a esse envenamento chronico, são devidas, *pelo lado do sistema nervoso:*

as paralisias, a epilepsia alcoolica, as perturbações da sensibilidade, taes como, por exemplo, cephalalgias, estados vertiginosos, hiperesthesias ou exageros de sensibilidade, alterações da vista, desde as simples scintillações á ambliopia ou diminuição da agudeza visual e á amaurose, cegueira ou perturbação profunda da visão, etc.; as allucinações, a melancholia ou lipemania de Esquirol, a mania furiosa ou ferocidade alcoolica, que póde ir até ao homicidio, o delirium tremens ou delirio alcoolico agudo, a demencia ou a estupidez alcoolica, a paralisia geral, as congestões e hemorrhagias cerebraes, a meningite, a encephalite, etc., etc.!

Pelo que respeita ás *funcções da vida organica*, o abuso prolongado das bebidas alcoolicas determina:

gastrites ou inflammações do estomago, ulceras do estomago, enterites ou inflammações intestinaes, congestões do figado, cirrhoses, degenerescencia gorda do figado, ictericia, conhecida com o nome de ictericia aguda dos alcoolicos, lithiase biliar (pedra no figado), hipertrophia do pancreas, doença de Bright ou nephrite chronica, degenerescencia gorda do rim, atrophia e envenamento pelo acido urico, ou uremia, dispnéa ou falta de ar, accidentes pulmonares agudos, taes como, congestões, pneumonias alcoolicas, tuberculose pulmonar, revestindo muitas vezes a fórma «galopante», hipertrophia do coração, inflammação das arterias (arterite), gotta, diathese urica, anemia aguda dos alcoolicos e, finalmente, nas mulheres, perturbações menstruaes e metrorrhagias ou hemorrhagias uterinas!!

Toda a pathologia!!!

O alcoolismo é uma das causas mais frequentes, é um dos companheiros mais favoritos da invasão tuberculosa. Complica e agrava todas as doenças agudas.

Ainda não ha muito, tive eu o desgosto de vêr perecer de terrivel broncho-pneumonia um cliente e amigo que, atacado de pneumonia do vertice, certo se salvaria, se não fosse, como infelizmente era, um antigo e celebre bebedor de alcool.

O alcoolismo dos paes reflete-se nos filhos; se a morte os não ceifa em tenra idade (e quantas vezes mesmo antes de nascer!), estão ameaçados de idiotia, de epilepsia, de surmudez, de meningite e de tisica!

De tudo quanto acabei de dizer, conclue-se que o alcoolismo é

uma verdadeira calamidade social, um terrivel flagello das sociedades modernas, que rouba á humanidade a força, a intelligencia e a seiva.

Sob o ponto de vista moral o alcoolismo deprava, degrada e embrutece; sob o ponto de vista phisico, ataca os principaes orgãos e funcções; sob o ponto de vista da especie, abastarda-a e esterilisa-a.

Calcula-se que em Inglaterra o alcoolismo mata 50:000 individuos por anno.

Em França, dil-o Levy, em 46:500 mortes accidentaes, verificadas em sete annos, 1:600 são attribuidas ao alcoolismo.

Segundo Descurets, a sexta parte dos suicidios tem logar durante a embriaguez. Em 70 casos de cirrhose, perto de 30 são devidos ao alcoolismo. Em 1:000 casos de alienação mental, 200, segundo a estatistica de Morel, são attribuidos ao alcoolismo; e Mercé, medico da Bicêtre, verificou que o numero de alcoolicos duplicou em seis annos!

Em conclusão:

O alcoolismo ataca todas as classes sociaes, enruga as faces, altera as visceras, queima o sangue, desorganisa a intelligencia, perverte o coração e deprava o individuo. Inimigo insidioso, apossa-se pouco a pouco da sua victima e, aleivosamente, acaba por aniquilal-a.

Bem dizia Gladstone, que «o alcool fazia mais victimas do que a peste, a fome e a guerra»!

A agua entra em grande proporção na constituição do nosso organismo: Por consequencia, quem tem sêde deve beber agua.

A lucta contra o alcoolismo deve iniciar-se pela criação de ligas de abstinencia absoluta ou de abstinencia media e relativa (que parece que são as que dão melhor resultado), e pela publicação de periodicos de propaganda anti-alcoolica, á semelhança do que se faz, por exemplo, na Allemanha, e em França, onde ha associações importantes, como a ordem do Guttempler, que conta 700:000 socios e jornaes do valor da Revista mensal internacional anti-alcoolica, de Baden, do «l'Alcool» publicado pela Societé l'Union française anti-alcoolique, etc.

*

* *

O tempo urge e, por isso, vou passar a fallar-vos, de relance, acerca do ultimo dos grandes flagellos do seculo XX.

Mortalidade infantil

A mortalidade é enorme nos primeiros annos da vida e ainda durante todo o tempo em que o feto está incluido no organismo materno. Todas as estatisticas são concordes a este respeito.

Assim, em França, nascem, em media, por anno, 850:000 creanças; d'estas morrem 150:000! Mais da sexta parte!

A tuberculose mata perto de 4:000, as doenças contagiosas, 5:000; as affecções congenitas e pulmonares, 20:000 cada uma; a avariose, o alcoolismo e outras, 25:000; e a gastro-enterite ou diarrhéa consecutiva á má alimentação, **60:000**!

Pode bem dizer-se, que «uma creança que nasce tem menos probabilidades de viver uma semana do que um velho octagenario»!

A gastro-enterite é, por consequencia, o maior factor da mortalidade infantil.

Em Portugal, no anno de 1902, dil-o a Tabella do movimento phisiologico da população do reino, publicada pela Inspecção Geral dos Serviços Sanitarios, a natalidade foi de 176:029 creanças e a mortalidade por gastro-enterite, até aos 2 annos, 8:520. Em 1903, a natalidade foi de 183:138 e a mortalidade por diarrhéa, 9:680. Em 1904, a natalidade foi de 176:726 e o numero de victimas da gastro-enterite, 8:294.

Se compararmos estes numeros com os da maior letalidade produzida por outras causas, vemos que, em 1902, morreram de tuberculose 5:507 individuos, de enterite, *depois dos dois annos*, 3:058, de fraqueza congenita 4:472, de doenças do cerebro 5:026.

Quer dizer, a gastro-enterite das creanças de tenra idade, contribuiu para a estatistica obituaria com mais *3:500* victimas do que a tuberculose pulmonar, a mais letal apoz ella! Em 1903, contribuia com mais *3:982* mortes do que a tisica, representada por 5:698 victimas! E em 1904, com mais 2:528!

Assustadores e eloquentes algarismos! A gastro-enterite é mais do que o maior factor da mortalidade infantil; é, acabamos de o ver, o **maior factor da mortalidade geral**!

Necessario se torna, pois, que eu toque rapidamente na complexa questão da alimentação e da lactação.

Antes, de entrar na materia e visto a falta de cuidado ou a ignorancia das mães, como disse, contribuirem para o apparecimento da terrivel e mortifera gastro-enterite, permittam-me, duas palavras.

A mãe que, podendo, não amamenta o filho, não cumpre com o seu dever e é criminosa perante a sociedade.

Não é boa mãe a que, tendo leite e saude, não cria o filho e o entrega a uma creatura boçal e exploradora que, sem escrupulo de deixar o seu proprio ao desamparo, vem vender o leite que, de direito, a este só pertencia.

E, quantas vezes essa mercenaria communica doenças graves á creança que lhe pagaram para amamentar!

E' a mulher a unica femea que entrega a outra a criação dos filhos; pois não é vergonha, antes honra, ser mãe zelosa, e a que abandona o filho de mamma, para ir procurar, fóra de casa, distracções que só ahi devia encontrar, pratica uma immoralidade e não é merecedora do nosso respeito.

Já nos principios do seculo XVIII, Rousseau no *Emile*, revoltando-se contra as amas mercenarias e aconselhando as mães a cumprirem com o seu dever, diz: «*Point de mère, point d'enfant; point de mère, point de famille!*» E mais adeante: «*Voulez-vous rendre chacun à ses premiers devoirs? Commencez par les mères: vous serez étonné des changements que vous produirez!...*»

O leite da mãe pertence ao filho; a não observancia d'este lema constitue um roubo feito á creança que, mais tarde, tem todo o direito de exprobrar a extorsão de que foi victima.

Pugnar pela amamentação materna é defender a saude da creança e a moralidade da familia.

A aleitação pode ser natural ou artificial; natural quando feita pela mãe ou pela ama; artificial se a creança mama o leite pela têta de qualquer animal ou o bebe por colhér, copo ou mamadeira. Chama-se mixta a aleitação feita com leite de mulher e de outro animal, simultaneamente [1].

A fórma inoffensiva e a maís proveitosa de ministrar leite á creança é pelo seio da mãe. Ha, comtudo, casos que forçam a substituil-a pela ama, como são, por exemplo, a «agalacia» ou ausencia de secreção lactea, a doença, qualquer defeito organico da creança, etc.

E conveniente fixar as seguintes maximas:

1.ª Em regra, a mãe pode sempre amamentar o seu filho;

2.ª A idade, os accidentes febris e a doença da mãe só em certos casos contra-indicam a aleitação;

3.ª Na grande maioria dos casos uma nova gestação não implica abandono de aleitação;

4.ª Na opinião do Prof. Budin, a tuberculose incipiente da mãe não contra-indica a aleitação;

5.ª O recemnascido não precisa de alimento assim que nasce;

6.ª Attendendo ás exiguas dimensões e ao tempo que leva a esvasiar-se o estomago da creança, é necessario estabelecer um intervallo de duas horas e meia entre as sucções de dia, e de 3 a 4 nas de noite. Ao todo, 10 sucções em 24 horas, até aos 3 mezes, e 8, depois d'essa idade. — A duração d'estas sucções não deve exceder 10 minutos;

7.ª A ama deve ser rigorosamente observada por um medico.

A aleitação artificial é inferíor á directa. O leite de vacca, geralmente empregado para esse fim, precisa ser «cortado» com agua para poder ser tolerado pelo estomago da creança.

Além d'isso, os dois liquidos devem ser fervidos em separado e dados em proporções variaveis, conforme a idade da creança.

A alimentação das creanças, administrada sem methodo, conduz á dilatação do estomago, á díspepsia ou difficuldade de digerir e á terrivel gastro-enterite ou inflammação simultanea do estomago e dos intestinos, que, por si só, constitue um terço das causas de mortalidade infantil.

Esta doença escolhe de preferencia as suas victimas nas creanças alimentadas a mamadeira, o que não quer dizer que nas outras, as alimentadas directamente, deixe de apparecer; com effeito, n'estas a mortalidade por diarrhéa é ainda de 25 %!

Para resguardar as creanças d tão letal doença é necessario:

1.° Não lhes dar *senão* leite desde o nascimento até aos 8 mezes;

2.° Dar-lhes *principalmente* leite até aos 2 annos;

3.° Continuar *ainda* com o leite depois d'essa idade. Quer dizer, dos 2 aos 7 annos, alêm de alimentos solidos, a creança deve tambem beber leite;

---

1 *Guia das mães* —Ardisson Ferreira. 1907.

4.º Não esquecer que a mamadeira é quasi sempre prejudicial, principalmente quando não ha o cuidado de a desinfectar prefeitamente ou quando não é de modelo conveniente.

5.º O leite de vacca deve ser puro, fervido, renovado de 12 em 12 horas, e conservado em vaso de porcelana muito bem limpo.

6.º Dar leite á creança na quantidade, com o intervallo e a duração de que já fallei.

Para se ver como a administração prolongada de leite á creança a preserva, relativamente, de gastro-enterite, basta dizer que, no Japão, onde o leite é dado até muito tarde, a mortalidade por diarrhéa é 15 %, ao passo que nos outros paizes do occidente é 38,5 %.

Não podendo entrar em mais considerações sobre tão importante assumpto, pois isso me levaria muito longe, direi, para terminar, o seguinte:

A mortalidade geral nas creanças aleitadas com mamadeira é de **75 por cento**. (Peço o favor de irem fixando bem estas percentagens);

nas aleitadas por ama, **35** %;

nas aleitadas com leite esterilisado, **25** %;

nas mal amamentadas *pela mãe*, **10** %;

nas bem amamentadas *pela mãe*, **5** %, podendo chegar a **0** %!

Estes algarismos fallam mais eloquentemente do que quaesquer pormenorisadas considerações. Por elles se vê a superioridade da aleitação natural pela mãe e o perigo a que estão expostas as creanças alimentadas com mamadeira.

*

* *

Minhas senhoras e meus senhores

Cheguei ao cabo da tarefa a que me impuz, obrigado pelos deveres da profissão e tambem — porque não o dizer? — pela profunda magua que feriu o meu coração de portuguez, ao vêr que n'esta santa terra de Portugal, como lá por fóra, tão grande era o numero de individuos victimas dos Grandes flagellos do seculo XX.

Esta simples e familiar palestra, que outro nome se não póde dar á serie de despretenciosas considerações que fiz sobre o assumpto, decerto seria mais attrahente, se n'este logar estivesse alguem que se impozesse pelos seus conhecimentos pedagogicos e scientificos.

Eu, offerece-vos o meu modesto trabalho; compete-vos, senhoras e senhores, crear Ligas de educação materna, proteger as Consultas de creanças de mamma e os Lactarios e fundar a Liga contra a mortalidade infantil, o alcoolismo e a avaria, n'uma palavra, contra todos os flagellos que ameaçam desbastar a população de Portugal.

Associae-vos n'este multiplice fim, na certeza de que, d'esta fórma, praticareis uma acção **util, humanitaria e patriotica.**

Disse

Dr. Ardisson Ferreira

TRAÇOS GERAES SOBRE A ETHNOGRAPHIA DO DISTRICTO DE BENGUELLA

(Concluido do n.º anterior)

Okánhe é dança propria das mulheres.

Formada a roda, sahem duas ou tres mulheres do cordão e vão dançar para o centro movendo os pés, braços, hombros e cadeiras; estas são rendidas por outras duas ou tres, e assim successivamente Tambem se dança formando umas poucas de mulheres um cordão á roda da musica, fazendo girar esse cordão dançando sempre.

Ochikáragá e *óchibúdiahá* são danças em que tomam parte homens e mulheres ou estas so. Formado o cordão, sahem d'elle dois pares que vão dançar para o centro, fazendo piruetas e dando umbigadas como nas rebitas usadas no littoral. Quando são só mulheres que dançam não dão umbigadas, pois estas são dadas entre homem e mulher ; esses dois pares são depois rendidos por outros, e assim successivamente.

A musica d'estas tres ultimas especie de dança consta sempre de um instrumento para acompanhamento e dois para parte cantante, e que já designamos; e occupa sempre o centro da roda. Estas mesmas danças duram oito, quinze dias, e ás vezes um mez ; e para tomar parte n'ellas se convida muita gente, alguma residindo a leguas de distancia.

A mais importante, porém, d'esta danças é *obégéra* que dura sempre um mez e meio, e é sempre obrigada a boi ; esta ultima usa-se nos casamentos legitimos e nas allianças de amisade entre gente de alta estirpe, conforme já descrevemos em o numero 61. N'esta dança a musica consta de uns poucos de instrumentos de acompanhamento e cantantes, eguaes aos que já designámos.

A dança de *okánhe*, *óchikáragá* e *óchibúdiagá* são tambem ás vezes obrigadas a boi quando são promovidas por gente rica; e estas mesmas danças são as que se usa no espiritismo.

Além d'estas, ha danças de *okámiam*, *óchiguáguatá*, *ukógo* (dos caçadores) *ósóje*, *óchihóbo*, *óchirúdu*, etc., que não descrevemos por pertencerem exclusivamento ao campo do espiritismo, accrescentando a difficuldade e extensão da sua descripção.

As danças lentas e cadenciadas que os quimbundos usam actualmente, com a musica de instrumento chamado *Ochigúfu*, são importadas e originarias dos Ganguellas. Todas as danças, além da musica, são acompanhadas de canto e côro.

Os Mundombes e Quillengues usam uma dança originaria do Humbe, a que chamam *óchirúbóde*. N'esta formam duas alas fronteiras, sendo uma de homens e outra de mulheres. Sahem das fileiras dois ou tres pares dançando até que se encontrem no centro, onde está a musica, umbigando se ; voltam depois ás fileiras, e sahem outros pares ; e assim successivamente.

Os Mundombes tambem usam a dança no jogo da bola que consiste em arremessal-a de uns para outros, apanhal a com destreza,

batendo todos um cadenciado de palmas e dando pulos. Chamam-lhe *ésáka*.

Os Quillengues têem um exercicio a que chamam *ómudinhu*, que consiste em saltos prodigiosos em que atiram com as pernas posteriormente para o ar e a cabeça para baixo. E' acompanhado de palmas fortes.

77.º

Todos estes povos têm instrumentos de musica, variados, alguns distinctos e alguns communs a todos os povos.

Citaremos pela ordem da sua importancia os seguintes.

Áriba. E' o maior dos instrumentos, vulgarmente chamado marimbas. E' formado por uma serie de taboinhas sonoras, ligadas a pequenissimos intervallos por tirinhas de couro. Essas taboinhas variam em numero de doze a quinze, do comprimento de trinta centimetros, largura de dez e espessura de meio centimetro; estas dimensões diminuem do centro para as extremidades do instrumento. As taboinhas maiores chegam a ter quarenta centimetros de comprimento. A serie das taboinhas não representa musicalmente uma escala, mas sim notas variadas, dispersas, agudas e graves.

Os sons das taboinhas são reforçados por cabaças ôcas, oblongas, presas a pequenos intervallos por baixo das taboinhas, correspondendo a cada uma d'estas.

As cabaças são abertas superiormente e as suas dimensões tambem decrescem do centro para as extremidades. O instrumento é executado com duas baquetas com que se faz vibrar o som das taboinhas.

Este instrumento é commum a todos os povos, excepto os Quillengues, Mucuandos e Bacuisses.

E' o instrumento real, que se toca nas cerimonias dos sobas, acompanhado de flautas e tambores pequenos e grandes.

Ochigúfu. E' instrumento originario dos Ganguellas e que é hoje muito adoptado pelos Quimbundos. E' feito do tronco apparelhado d'uma arvore. A sua fórma é a de um trapezio isosceles invertido. E' feito de uma peça só, tendo no bordo superior uma fenda longitudinal que abrange todo o comprimento da peça. Interiormente é ôco, o que o torna sonoro. Tem pouco mais ou menos oitenta centimetros de comprido por sessenta de alto e vinte de largo na sua base. O instrumento, visto de um dos topos lateraes, fórma um triangulo isosceles cuja base assenta no chão, e a largura do bordo superior é de approximadamente tres centimetros. Portanto, o instrumento decresce da base para o bordo superior. E' tocado com duas baquetas com que se fere o instrumento lateralmente, na sua parte superior. Os sons são agudos em baixo e graves na parte superior.

Orubédo. E' uma flauta, ou antes clarinete, feita de uma peça só, contendo oito a dez buracos; não tem palheta nem chaves. Este instrumento é só usado pelos Quimbundos; e é, como a marimba, um instrumento real. Usam tocal-o em numero de tres, fazendo dois a parte cantante e o terceiro o contra-canto.

Ognóma. E' um instrumento cylindrico ou conico, fazendo o ef-

feito de bombo. E' feito de madeira. Quando é cylindrico tem duas aberturas que são tapadas com pelle. Quando é conico só tem uma abertura tapada tambem com pelle na parte superior ou base do cóne. As dimensões variam. Os Ganguellas usam sempre a fórma conica, tendo o instrumento grande comprimento; dão lhe o nome de *Odigu*. Ha tambem uns de pequenas dimensões que fazem a parte cantante, a que chamam *Ohéjégo*. Todos estes instrumentos são tocados ferindo a pelle com as mãos; e são usados por todos os povos, excepto pelos Mucuandos e Bacuisses.

Osicháje. E' este um instrumento geralmente usado por todos os povos da provincia. E' pequeno, portatil, e consta do seguinte: Uma serie de dez a doze dentes de ferro polido, formando notas dispersas agudas e graves, assentes sobre uma taboa approximadamente de quatrocentos a quinhentos centimetros quadrados de superficie. O comprimento dos dentes, decrescendo do centro para as estremidades, varia de cinco a quinze centimetros. Toca se ferindo os dentes com os dedos pollegar e indicador de ambas as mãos. Os sons são reforçados por uma meia cabeça sobre que se assenta o instrumento.

Ochisúba. E' uma especie de rabeca usada pelos Quillengues. O instrumento consta de uma caixinha rectangular, ôca, tendo proximamente quarenta centimetros de comprimento, vinte de largura e dez de altura. Sobre a caixinha estão corridas, como nas rabecas, seis a oito cordas, presas de um lado a uma extremidade da caixinha e do outro a diversos pausinhos curvos e flexiveis formando uma especie de leque. Estes pausinhos são embutidos na outra extremidade e erguem ao ar as suas pontas curvas, correspondendo cada um a cada corda. Toca-se o instrumento fazendo vibrar as cordas com os dedos.

Obúrubúba. E' um instrumento que se compõe de um arco constante de um pau delgado e um cordel, de um metro de comprimento. Em baixo, a uma altura de vinte centimetros, está presa ao arco uma meia cabacinha que serve para reforçar o som. Para se tocar o instrumento, applica-se a abertura da meia cabacinha sobre o umbigo, ficando seguro o arco com uma das mãos, e com a outra faz-se vibra a corda com uma verguinha.

Ékóra. E' um instrumento que se compõe de um arco de meio metro de comprimento, constante de um pau delgado lavrado com insicões transversaes e uma corda feita de folha de palmeira anã.

Executa-se com dois pausinhos, sendo um para pisar a corda e outro com que se chocalha as incisões do pau.

Apoia-se uma das extremidades do arco ao hombro, ficando a corda á superficie da bocca para se entoar a musica; a outra extremida é segura com uma das mãos que ao mesmo tempo segura o pausinho com que é pisada a corda.

Orukúguru. E' um instrumento tocado pelas mulheres exclusivamente. E' formado por um arco constante de uma estreita casca de bordão e uma linha. Tem um comprimento de quarenta centimetros pouco mais ou menos. Toca-se mettendo um dos lados da casca de bordão entre os dentes, e fazendo vibrar a linha com os dedos pollegar e indicador. A bocca entôa a musica.

Todos estes instrumentos de corda não são vulgares; e as cordas são enceradas, á excepção da que é feita de folha de palmeira.

Não descrevemos o chocalho (*rikanza*) e a puita por serem só usados nas rebitas do littoral e serem originarios do districto de Loanda.

78.º

As cubatas de todos estes povos assentam sobre o solo. As suas formas são variadas em todos os povos, sendo cylindricas, de secção quadrada e rectangular. A fórma, porém, mais geralmente usada é a cylindrica. As materias de que são feitas são: pau a pique revestido de terra amassada, e cobertura de capim.

Os Mundombes, Mucuandos e Quillengues Muchó usam só a fórma conica, formando a linha externa da cubata um arco convexo. As materias que usam são o pau a pique levantado a grandes intervallos e seguro por cordas, e cobertura de capim desde o vertice até á base do cóne. Não empregam a terra amassada. A fórma rigorosa das suas cubatas é uma meia oval. As portas são muito baixas, sendo necessario entrar agachado.

Os Bacuisses usam a mesma fórma e material de cubatas, mas são estas muito baixas, exigindo entrar-se de cocoras; outros não têm cubatas, dormem nas furnas formadas pelas pedras das montanhas.

Os Camussequeles usam umas cubatas muito pequenas e baixas, tambem conicas, feitas totalmente de canniço.

Os Mundombes, quando se mudam, levam comsigo as cubatas; para isso, desmancham o revestimento de capim, e levantam o esqueleto da cubata que carregam sobre grandes paus.

A fórma das cubatas da maior parte dos Ganguellas é tambem conica, representando uma meia oval; o material de que são feitas consta de pau a pique revestido de barro, e cobertura de capim. Usam, porém, fazer o solo interno da cubata um metro acima do nivel do solo externo, tendo de se subir uma escada para se entrar no quarto. As cubatas dos homens solteiros são sempre mais pequenas que as dos homens casados.

Os Quiocos usam construir as suas cubatas exactamente como o Quimbundos, cylindricas, e com o mesmo material.

As libatas, entre os Quimbundos e gentios do Nano, são sempr cercadas por palissadas de pau a pique de grande altura e por arv res; entre a gente do littoral e Mundombes por galhos espinhos quasi sempre, com altura de um a dois metros. Os Mucuandos, F cuisses e Camussequeles não usam cercas.

Entre os povos Ganguellas só são cercadas as embalas dos so ou embala de chefes de tribus; é prohibido aos particulares ter a batas cercadas, sob pena de morte.

Essas palissadas dos chefes ganguellas, além de ser feitas de a pique como as dos Quimbundos em geral, são revestidas de c exteriormente.

A fórma mais geral de todas as libatas, n'estes povos, é a lar.

79.º

Faltam-nos os documentos para definir com precisão a fórma geral das povoações; e os logares que quasi todos os povos preferem são os baixos e junto dos rios. Só os povos maus e solitarios escolhem os altos. Sobre este ponto veja-se o que dissémos em os numeros 7, 8, 9 e 10, sobre a principal distribuição da população.

CAPITULO X

Da linguagem

80.º

As linguas falladas pelos povos do districto são o bundo, o ganguella e o herrero ou ovampo, pertencentes á grande familia bantu que predominou na provincia de Angola. Todas estas linguas pertencem ao ramo das linguas agglutinativas, execepto a lingua dos Camussequeles (Hottentotes), que é monosyllabica, sendo reforçada com estalinhos da lingua no ceo da bocca e com o gesto. Estas linguas são pobres, possuem poucos substantivos abstractos; e a linguagem abunda, por isso, com figuras, taes como a metaphora, a periphrase, a allegoria, a onomatopeia e outras.

O ganguella comprehende diversos dialectos fallados pelos povos genericamente ganguellas. O bundo comprehende o grande e principal dialecto fallado pelos Quimbundos e gentios do Nano, e os pequenos dialectos fallados pelos Selles, Mundombes, Mucuandos e Quillengues Muchó. O herrero é fallado pelos Quillengues Honó. E mesmo no grande dialeto bundo existem differenças phoneticas entre os quimbundos e gentios do Nano.

Pequenos vocabularios dos dois dialectos da lingua bunda mais fallados nos districtos de Benguella e Loanda

DIALECTO DE BENGUELLA

Portuguez	Bundo	Portuguez	Bundo
Pão	Obóro	Não	Dáti
Carne	Ositu	Por fórma alguma	Kotóko, sió, bum
Vinho	Ovínhu (aportuguezado)	Senhor	Gnáram, agnáram
Vinho de palma	Arúvu	Sal	Omógua
Padeiro	Upágí u órobóro	Agua	Ováva
Sim	Ẽ	Cavallo	Ogéregé
Irmão, parente	Gádi	Quem	Érie
Irmão mais velho	Kóta	Senhora (casada)	Odóbua
Irmão mais novo	Négne, máje	Solteiro, solteira	Óchibúba
Mesa	Omésa (aportuguezado)	Só, sómente	Gnó, rika

Portuguez	Bundo	Portuguez	Bundo
Menina, rapariga	Uféko	Corrente (de metal), cadeia	Ériége
Menino, rapaz	Úkuéje	Correia	Óchipúsu
Farinha de mandioca	Osése	Cinto, cinta	Opóda, úviá
Fuba de milho	Osémam	A terra, o terreno	Éve, ósí
Fuba de mandioca	Osémam i obáue	Terra (pó)	Ómutótó
Vinagre	Óvidágeré (aportuguezado)	Torrão, pedregulho	Éué
Boi	Ogóbe	Pedra	Etári
Vacca parideira	Ojídi	Pó, poeira	Onéketéra
Vacca ainda não parida	Onémam	Tição	Óchitóga
Vacca maninha	Orutimim	Carvão (um)	Ekára
Boi inteiro, touro	Onuím	Carvão (carvões)	Ákára
Boi castrado	Osóve	Lenha	Órohuim
Bezerro ou vitella de mamma	Onánrem	Um pau de lenha	Óruhuim
Bezerro ou vitella desmammada	Onûmatáre	Pau, arvore	Órubúguagóro, óchibúguagóro
O sol (astro)	Ekúbi	Pau, arvore	Uti
O sol (luz solar)	Utánham	Figueira brava	Usóro
A lua (astro), mez	Ósâe	Espinho, espinha	Osógo
A lua (luar)	Ouí	Folha, papel	Eménran
A estrella	Órubúgurúru	Raiz, raizes	Óví
A chuva	Obéra	Casca	Óchipéta
O granizo	Ochíue	Mão, braço	Ókaóko
A neblina	Obúdu	Pé, perna	Okuru
O trovão	Odidimo	Palma da mão	Éka
O relampago	Uriákú, úriége	Planta do pé	Omáim
O raio, a faisca	Órusásem	Dedo	Ómuinem
O arco iris	Órukógoró	Unha	Órujára
A nuvem	Eréde	Pelle	Ochípa
O Céo	Iru	Couro	Oóádua
O frio	Obábí	Joelho	Ogóro i okúru
A frialdade, humidade	Utáraré	Cotovello	Ogóro i ókuóko
O calor	Oúia	Tornozello	Ókakésokeso
O fogo	Odáru	Cabello	Esíga, óchiséga, óchisámem, óchignónhan
A chamma, a corrente ou lingua do fogo	Uriége	Cabeça	Utue
A corrente (do rio)	Órusipa	Rosto	Opóro, óchipára
		Orelha	Etuím, ókutuím
		Testa	Óchipára
		Nariz	Énhúnrum
		Bochecha	Etâmam
		Queixo	Óchgére
		Mandibula	Orubájo

Portuguez	Bundo	Portuguez	Bundo
Olho	Iso	Milho	Epúgu
Dente	Jo	Milho meudo	Ókatéta
Dente molar	Eúdí	Milho grosso	Odógoróka
Bocca, beiço	Oménram	Feijão	Óchipóke
Pescoço	Osígo	Feijão frade	Ákúde
Sobrancelha pestana	Óchisókópia	Mancarra	Óviénrum
Bigode, barba	Órojére	Abobora amarella	Omútu
Hombro	Epépe	Abobora d'agua	Etira
O costado	Odúda	Hervas	Oróbi
As costas	Onhímám	Tabaco	Ákáia
A columna vertebral	Óruógo	Capim	Óuágu
O thorax	Órukóro	Batata	Ekápa
O peito (interno)	Onúnrom	Mandioca	Óchirigo
O peito (externo)	Onéte	Massambala	Ovása
O seio	Evére	Massango	Úué
A costella	Órumáti	Pirão	Ohíta, óvipúta
Barriga	Ímom	Naco de pirão	Óbu
Estomago	Úkútu	Naco de carne	Onúbá
Figado	Omúma	Peixe	Obísi
Baço	Obéri	Mel	Óuiki
Coração	Utíma	Cerveja de milho	Ochibóbo
Pulmão	Epúvi	Hydromel	Ovigúdu
Intestinos	Omínrian	Rio	Órui, ódui
Bexiga, pubis	Óchinéta	Margem, praia	Esínham
Umbigo	Ohópa	Areia	Eséke
Os rins	Orósióm	Lodo, lama	Onáta
Nadega	Etáko	Monte, montanha	Omúda
Testiculo	Eréve, etidi	Valle	Odába
Coxa da perna	Óchikáro	Savana	Enhánram
Canella da perna	Upídi	Planicie	Etápé
Osso	Eképa	Matta, bosque, floresta	Úsítu
Sangue	Osóde	Matto	Usége
Miolo	Ouógnó	Lavra, arimo	Épiá
Medulla	Upúmam	Negocio	Óchipidé
As cadeiras	Oviógo	Comitiva	Édo
A bacia	Obúda	Chefe de comitiva	Ohádo
Corpo	Etíba	Acampamento	Óchiróbo
Tendão, veia, arteria	Esípa	Embala	Obárá
Mar	Karúga	Panno	Ouága
A morte	Karúga, orófá	Fato, vestuario	Uuáro, úríko
A vida	Omuénhom	Carneiro, ovelha	Ógi
Comida	Okúriá	Carneiro de lã	Omémém
Bebida	Okúnuám	Porco	Ogúru
Aguardente	Ouaréde (aportuguezado)		

Portuguez	Bundo
Cabra, cabrito	Ohóbo
Cabrito castrado	Ọséregé
Bode	Óchitúpi
Gallinha	Ọsáji
Franga	Ọchipáji
Pinto	Óchipio (onomatopico)
Pintainho	Okáchipio
Gallo	Ekódobóro
Gallinha do matto	Ohága
Grou	Epáda
Grou corôado	Ohári (onomatopico)
Perdiz	Ọguári
Corvo	Ọchikuamága
Milhafre	Ọkapába
Andorinha	Ómiápia
Morcego	Orudíriri
Bufalo	Onhánim
Rhinoceronte	Ochimáda
Elephante	Ojába
Leão	Ohósi
Hippopotamo	Ogéve
Zebra	Ogóro
Corça	Obábi
Antilope	Ojírí
Gazella	Oménhem
Pessoa	Ọmúnum
Animal	Óchinhámam
Homem	Urúme
Mulher	Ukâe
Pae	Táte, só
Mãe	Ina, nhóhom
Avô, avó	Kúku
Bisavô, bisavó	Kúkurúru
Tio	Ináno
Filho	Omónram
Neto, neta	Onékúru
Bisneto, bisneta	Omókoróre
Sobrinho, sobrinha	Óchimúba
Sogro, sogra, genro, nora	Odátébo
Cunhado, cunhada	Onâuam
Primo, prima	Ochépuá

Portuguez	Bundo
Amigo, amiga	Ekába, ochóparága
Hospede	Ukóbe
Caçador	Ukógo
Caça	Ọjevo
Espingarda	Úta
Machado	Ojávití
Zagaia	Eóga
Machadinho	Ọchipópa
Cacete	Óbuéti
Lingua	Eráka
Guella	Egúrim
Guelra	Ekáfi
Casaco	Óchikútu
Camisa	Obija
Panno	Ọnága
Alpercata	Óruháku
Escravo	Upíka
Compra, negocio	Odádo
Faca	Omóko
Colher	Ogúto
Setta	Usógo
Arco	Ọhóji
Veneno	Óchihéba
Remedios	Óvihéba
Medico, curandeiro	Óchibáda
Feiticeiro	Ọgága
Feitiço	Ójága
Espingarda lazarina	Obája
Espingarda de pistão	Otópéka
Polvora	Ofúdága
Pederneira, espoleta	Etári
Cartucho	Usógo
Caminho	Ọjira
Cama, leito	Ura
Catre, leito	Utára
Cadeira	Ocháro
Molestia	Uvéra
Um doente	Uvéri
Epidemia	Efógi
Variola	Óchigógo
Erysipela	Esáu

Portuguez	Bundo	Portuguez	Bundo
Inflammação	Óchiréda	Dôr	Órugébia
Viagem	Órogéda	Casa	Ójo
Viajante	Ógéde	Familia	Epáta

DIALECTO DE LOANDA

Portuguez	Bundo	Portuguez	Bundo
Pão	*Bólo	Cabello, cabellos	Démba, jindémba
Carne	Xitú	Cabeça	Mútue
Vinho	Vinhu (aportuguezado)	Casa, posto	Pólo
Vinho de palma	Malúvu	Pescoço	Xíngu
Sim	Xím	Olho	Résu
Irmão	Opánge, pánge	Orelha	Ritui
Parente	Ondándu, dándu	Dente	Riju
Irmão mais velho	Kikóta	Bocca	Rikánu
Irmão mais novo	Dénge	Beiço	Muzúmbu
Mesa	Oméza (aportuguezado)	Braço, mão	Lúkuáku
Não	Káná	Dedo	Mulémbu
Senhor	Gána	Unha	Kiálá
Sal	Múngua	Osso	Kifúba
Agua	Ménha	Perna	Kináma
Quem	Né	Ventre, barriga	Rivúmu
Só, sómente	Gó	Peito	Túlu
Solteiro	Kikúri	Costas	Rimá
Feiticeiro	Mulóji	Nariz	Rizúmu
Fuba de milho	Fúbá	Boi	Gómbe
Poeira	Fúfu	Cabra, cabrito	Hómbo
Farinha	Farinha (aportugúezado)	Bode	Kihómbo
Rola	Fúkúmba	Gallo	Rikólombólo
Senhor, amo	Gána, fúmu	Centopêa	Rizálála
Polvora	Fúndánga	Lacrau	Ginga
Pirão	Fúnje	Elephante	* Zamba
Sovaco	Hábia	Leão	Hóji
Cama, leito	Háma	Vida	Muénhu
Mosquito	Hámua	Sangue	Manhinga
Gallinha do matto	Hánga	Lingua	Rimi
Gallinha	Sánji	Barba	Muésru
Pessoa	Mútu	Abobora	Rinhungu
Homem	Rijála	Banana	Rihónjo
Mulher	Muétú, muátú	Peixe	* Béji
Filho, creança	Móna	Chuva	* Vula
Infante, adolescente	Móna dénge	Rio, riacho	Gíji
Escravo	Mubika	Terreiro	Gángúla
		Corda	Gógi
		Corrente	Lúbambu
		Onça	Íngo
		Tambor, batuque	Góma
		Carregador	Gámba

Portuguez	Bundo	Portuguez	Bundo
Mandibula	Gándélu	Tempo quente	* Bánze
Jacaré	Gándu	Fogo	Túbiá
Senhor (casado)	Ga nhála	Cinza	Utókuá
Senhora (casada)	Ga muétu	Lenha	Jininbi
Cabaça	Gánza	Pau	Múxi
Pobre	Gáriáma	Hippopotamo	Gúvu
Espirro	Gáxáxa	Jacaré	Gándu
Chifre	Géla	Formiga	Xixikinha
Cajá	Génge	Mosca	Íngi
Viajante, forasteiro	Génji	Aranha	Kinjándandá
		Corvo	Kilómbelómbe
Umbigo	Gómbó	Aguia	Hólokóko
Intestinos	Miria	Coruja, mocho	Kákóko
Ventre	Mála	Perdiz	Guári
Senhor, superior	Muári	Abutre	Húmbi
Margem	Zénza	Garça real	Déle
Capim	Uángu	Homem branco	Mundéle
Caçador	Mukóngo	Homem preto	Mumbúndu
Calvicie	Ribála	Hospede	Mujitu
Sobrancelhas	Mikásu	Chaga	Ribúte
Cotovello, joelho	Kékúmúna	Cheiro	Rizumba
Costellas	Jimbánji	Pelle (couro)	Kíba
Columna vertebral	Muóngóngo	Cabellos brancos	Jímvi
		Porta	Ríbitu
Moella	* Jimba	Limiar da porta	Muélú
Estomago	Muxima	Areia	Kísékelé
Coração	* Zúndu	Terra, terreno	Íxí
Guella	Kikélengu	Mar	Kalúnga
Prato	Rilónga	Sepultura	Kíná
Panno	Muléle	Tio	Sékulú
Panella	Imbia	Sobrinho	Muébú
Nuca	Rikóxi	Pae	Tátá
Cão	Imbua	Mãe	Máma
Carneiro	* Búri	Neto, neta	Muláula
Ovelha	Méme	Avô, avó	Kúku
Bode	Kisútú	Carta	Mukánda
Sol (astro)	Rikúmbl	Tabaco	Makánha
Sol, luz solar	Luánha	Cachimbo	Péxi
Lua, mez	* Béji	Casa	Ínzo
Luar	Kiéji	Cumieira	Óugo
Estrella	Tétembuá	Cosinha	Rimvúla
Nuvem	Ritúta	Fumo	Ríxí
Arco iris	Hóngoló	Queixo	Géu
Nevoeiro	Mufúke	Cadeiras	Mióngo
Neblina	Isúkusúku	Coxa	Ritákaláka
Tempo frio	Kixibu	Nadega	Ritáku
Frio	* Bámbi	Pubis	Kinéta

Portuguez	Bundo	Portuguez	Bundo
Placenta	Kíbu	Valle	Hónga
Secundinas	Jisúna	Encruzilhada	Jipâmbu
Ponte	Mulálu	Caminho	* Jila
Caneca	* Búngu	Ave	* Jila
Pégada	Ritánda	Porco	Gúlu
Montanha	Mulúndu		

AUGUSTO BASTOS.

RELAÇÃO DOS MANUSCRITOS, GRAVURAS, PHOTOGRAPHIAS, MEDALHAS, ATLAS E CARTAS GEOGRAPHICAS ADQUIRIDOS PELA BIBLIOTHECA DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA NO ANNO DE 1907.

Manuscritos

Carta de Alforria. Manuscrito em folha solta que mede 270×217 mm. Pela parte superior lêem-se as palavras: Patria! Libertad! Constituicion! e por baixo, impresso: Sello tercero, que por sua vez encima as palavras tambem impressas, separadas por duas mãos apontando «Tres Reales» = Ao canto superior direito o brazão da «Provincia de Corrientes». O documento contém 17 linhas manuscriptas, foi passado em 20 de agosto de 1846, em favor da escrava Lapaz Cano, na provincia de Correntes, um dos Estados da Confederação Argentina. Offerta do sr. Manuel José Ferreira Alegria.

Le Portugal auprès de la célébration du 300me Anniversaire de la Naissance du lieutenant amiral-général Michiel Adrienszoon de Ruyter dans la «Nieuwe Herk, à Amsterdam le 23 mars 1907.

E' um volume encadernado em percalina verde que contém na folha que lhe serve de rosto a dedicatoria manuscrita a côres, com os dizeres: «A la Société de Geographie à Lisbonne. Offert par H. S. Wattel promoteur et délégué du comité portugais de De Ruyter». Vem em seguida uma folha com oito retratos de Ruyter, em épochas differentes (gravura); Segue-se a descripção da festa religiosa na «Nieuwe Kirk» de Amesterdam. A descripção é feita á machina de escrever e a illustrá-la tem tres photographias representando: a chegada de S. M. a Rainha da Hollanda áegreja, o Mausoleu de Ruyter e o retrato da Rainha Guilhermina. Na ultima pagina estão collocadas as seis estampilhas do correio commemorativas. Contém ao todo 6 pags.

Passe-port de M. Francisco de Mello, ambassadeur extrordinaire de Portugal. 2 exemplares.

E' uma reproducção typographica do passaporte passado ao embaixador portuguez Francisco de Mello, em 1667: pertencia aos archivos do almirante Ruyter. Esta reprodução é acompanhada por uma communicação manuscripta em que se transcreve o que succedeu depois do passaporte ter sido passado. A transcripção é feita da obra intitulada: «Het leven van De Ruyter» e está traduzida em francez. Occupa 55 linhas de papel almasso terminando pela divisa do almirante hollandez «Intaminatis fulget honoribus». No alto da primeira lauda do manuscripto, ao canto direito lê-se: «Communication de M. C. F. Gysberti Hodenpyl». De capa serve a este

documento uma folha de papel almasso branco com o titulo no alto : «Note historique sur l'annèe 1667», as armas da Hollanda á direita e as de Portugal á esquerda. As armas dos dois paizes são encimadas pelas respectivas corôas.

Gravuras e photographias

Portrais de l'amiral hollandais M. Az de Ruyter 1607-1676, etc. Collecção de 11 reproducções em gravura do retrato do almirante De Ruytor. Tem por capa uma folha de papel almasso branco com o titulo acima. Estão soltas. Offerta.

Bandeira velha da Companhia dos Guardas Marinhas. Duas photographias colladas em cartão. Dimensões 21,5×17. Representam, respectivamente, a lado da bandeira aonde se vê a imagem e o lado do escudo. Offerta da Escola Naval.

Bandeira nova da Companhia dos Guardas Marinhas. Duas photographias : representando os dois lados da bandeira ; d'um, o escudo d'armas portuguezas, do outro, a imagem da Virgem. As photographias estão colladas em cartão e medem 21,5×17. Offerta da Eseola Naval.

Egreja da Graça, Santarem. (Portugal). Cinco photopraphias não collocadas, numeradas e representando respectivamente :

N.º 1 Altar mór (17,5×12).
» 2 Gapella onde repousa Alvares Cabral (descobridor do Brazil) (12×9).
N.º 3 Altar e tribuna (17,5×12).
» 4 Côro e rosacea (12×9).
» 5 Portão (12×9). Offerta do sr. Francisco Ignacio da Silva.

Pimai (Ruinas de). Duas photographias, não colladas, medindo cada uma 20,5×15cm. Um representa um dos muros exteriores de Pimai que fica á distancia de 316 kilometros de Bangkok. Offerta do sr. Joaquim Antonio.

Carro de Transporte de Pimai a Korat. Photographia não collada medindo 20,5×15. Korat fica a 264 Kilometros de Bangkok. Offerta do sr. Joaquim Antonio.

Angola, sertão, uma aldeia indigena do Bihé. E' uma photographia de 13×8,5. collada em cartão.

Angola. Paisagem do Bihé. E' uma photographia de 12×8,5 collada em cartão.

Angola. Um grupo de naturaes. Bihé. E' uma photographia de 12×8,5 collada em cartão.

Angola. Cubata e rebanhos de carneiros no Bihé. E' uma photographia de 12×8,5 collada em cartão.

Angola. Uma aldeia indigena no Bihé. E' uma photographia de 12×8,5 collada em cartão. Esta e as quatro photographias precedentes são reproducção de provas photographicas tiradas pelo africanista José d'Anchieta, e offerta do sr. Dr. Bettencourt Ferreira.

Guiné. Feitoria Belga em Bambayá 165×115mm.
Sahida d'um casamento da egreja de Bolama 170×119mm.
Residencia do Governador, em Bolama 172×119mm.
Uma kermesse em Bolama 162×119mm.
Dança de indigenas da raça Branca, no dia da sua festa 165×119mm.
Dança de Grumetes como os seus fatos guerreiros. Bolama, 172×118mm.
Entrada do cemiterio de Bolama. 172×119mm.
Ponte Caes e parte da Avenida marginal de Bolama. 171×118mm.
Regulo Abdulay e a sua côrte 172×119mm.
Parte central do hospital de Bolama. 172×119mm.
Residencia official de Bissau 165×115mm.
Festa da Circuncisão. 165×112mm.
Oração da tarde dos indigenas da raça Mandinga. 120×29mm.
Mulher de raça Toranca 161×110mm.
Rua dos Grumetes — Bairro indigena — Bolama. 160×115mm.
Festa da Circuncisão. 190×118mm.
Ponte Caes de Bissau. 165×115mm.
Regulo (fulo) Joró Mané, com a sua côrte de mulheres. 166×113mm.
Regulo (fula) Gombée, com a sua côrte. 166×113mm.

Regulo (fula) Seillu Coiada, com a sua côrte de mulheres e tocadores. 163×111mm.
Rua do Gran Creoulo — Bairro indigena. Bolama, 172+119mm.
Mulher de raça Toranca 159×117mm.
Rua do Marquez d'Avilla e Bolamà. Bolama, 157×111mm.
Ponte Caes de Bolama 165×113mm.
Residencia dos officiaes em Bolama, 167×113mm.
Aspecto da Egreja de Bolama em dia festivo. 167×115mm.
Egreja de Bolama. 170×121mm.
Casa Commercial B. Soller — Bissau. 165×115mm.
Residencia official de Bissau. 165×115mm.
Regulo (fula) Ioró Biri e seu filho o ministro Sambagine e Sambenhama. 167×113mm.
Batuque de Bijagós. 169×113mm.
Avenida D. Luiz 1.º — Bolama 154×111mm.
Estas photographias são todas colladas em cartão.

Medalhas

De Ruyter. De prata. Foi cunhada esta medalha para commemorar o tricentenario do almirante hollandez Michael Adrienz de Ruyter. No anverso vê-se o retrato do almirante circumdado pelas seguintes palavras: «Michael de Rviter Provinciarvm Confœderat—Belgic. Archithalassvs Dux Et Eques.»; no reverso a representação de um combate naval e pela parte inferior a indicação; «Pvgnando». Este exemplar veio acompanhado de um documento impresso que reza assim. «Les soussignés, Hollandais, en raison de la haute valeur, qu'ils attachent au hommage rendu par Sa Majeste le Roi de Portugal et des Algarves et par la Société Gèographique de Lisbonne au Lieutenant-Amiral-Général Michiel Adriaenszoon de Ruyter á l'occasion de son troiscentiéme anniversaire au 23 Mars 1907, se sont décidés à présenter en preuve de leur reconnaissance et de leur appréciation de cet acte de piété: la Médaille commèmorative (frappée sur le vieux poinçon d'il y a trois siècles chez la Monnaie Nationale) en or pur à Sa Majesté Trés Fidèle: en argent: à la Société Géographique; en bronze: au Ministère; et c'est ainsi qu'ils prient Votre Excellence respectueusemente d'en permettre l'expression de leurs sentiments dévoués et des leurs remercimeuts on échange de la courtoisie de Portugal, et chérissent la confiance et l'espoir qu'il plaira à Votre Excellence d'agreer ce signe de souvenir. De Votre Excellence les humbles et obéissant serviteurs: Max. C. H. E. Mertens. H. Mendes da Costa C. J. Van Nievelt. A Son Excellence le Directeur de la Société Géographique de Lisbonne.»

Outro exemplar. De prata. Este exemplar da medalha de Ruyter foi offerecido pelo Governo Hollandez e entregue na Sociedade pelo ministro dos Paizes Baixos, Mr. Van Eys.

Atlas

Peutingeriana Tabula Itineraria ex Augusta Bibliotheca Vindobinensi cura Francis. Christ von Scheyb 1753. Atlas constituido por XII gravuras medindo 54×34. São reproducções de cartas antigas. Não tem frontispicio nem qualquer outra indicação por onde se possa facilmente verificar a data original. Offerta.

Neptune (Le) Oriental par M. D.'Aprés de Mancvillette A. Paris, MDCCLXXV. Vol. enc. 53,4×43,5. Este exemplar figurou na exposição de Cartographia Nacional sendo premiado. Comprado.

Atlas historique, généalogique, chronologique de A. Lesage (comte de las Cases) avec des augmentations, par J. Marchal, de Bruxelles, et de nombreuses améliorations par une Société de Savans et de gens de lettres. Bruxelles, MDCCCXXXVII. 1 vol. enc. 58×37.5. Comprado.

Atlas moderne ou collection de cartes sur toutes les parties du globe terrestre par plusieurs aucteurs. A. Paris chez Lattre, graveur ordinaire du Roy de M.gr le Duc d'Orléans et de la Ville, Rue S.t Jacques n.º 20. Contem este atlas um indice, duas cartas de espheras e globos e 75 cartas graphi-

cas coloridas de diversos auctores e datados do altimo quartel do seculo XVIII. Encadernação recente. Offerta do sr. David de Mello Lopes.

Atlas Universal de Géographie Moderne, par Richard Andrée contenant 126 cartes générales et 126 cartes de détail, imprimés en couleurs. Texte des cartes en allemand. Avec table de matiéres, abréviations et explications des noms géographiques en français et un index alphabétique complet des noms. Quatriéme edition revue et augmentée, par A. Scobes. Leipzig, 1901. 1 vol. enc. 45,5×30. Comprado.

Berghaus Physikalischer Atlas. Dritte Ausgabe. 75 karten in sieben Abtheilungen, enthaltend 514 Darstellung über Geologie, Hydrographie, Meteorologie, Erdmagnetismus, Pflanzenverbreitung, Tierverbreitung und Volkerkunde. Herausgegeben von Prof. Dr. Herne Berghaus Gotha. Justus Perthes, 1892. 1 vol. enc. 40,5×16,5. Comprado.

Climatological Atlas of India. Published by the authority of the Government of India under the direction of sir John Eliot. Edinburgh, 1906. 1 vol. enc 46×33. Indice, introducção e 120 mappas coloridas. Comprado.

Madagáscár et dépendances. Statistiques générales situation de la colonie au 1er janvier 1906 population ad ministration — agriculture — élévage — industrie et commerce. Melun, 1906. 1 vol. enc. 35,5×29. 305 pags. Offerta.

Atlas démonstratif des droits du Brésil au territoire contesté par la Grande Bretagne. Paris, 1903. 1 vol enc. 54×43. E' um exemplar do Atlas que acompanhava a «Primeira Memoria» do Dr. Joaquim Nabuco, e publicada pelo governo do Brazil por occasião da discussão entre aquelle governo e o da Gran-Bretanha acerca dos limites da Guyana Inglesa. O atlas contém 90 reproducções de cartas e outros documentos antigos que dizem respeito aos territorios do Brazil. Comprado.

Commissão geographica e geologica do Estado de S. Paulo. Exploração do Rio Paraná; I (Barra do Rio Tieté ao Rio Paranahyba); II (Barra do Rio Tieté ao Rio Paranapanema). Publicado no periodo presidencial do Dr. Jorge Tibiriçá sendo secretario da Agricultura o Dr. Carlos J. Botelho 1906. São Paulo, 1907. [Broc. 44×33. 24 pags. de texto e mappas e estampas]. Interessantes informações ácerca das regiões estudadas, dados que são para recommendar aos estudiosos interessados. Offerta.

Exploração do Rio Tieté. Barra do rio Jacaré. Guassir ao Rio Paraná 1906. (Commissão Geographica e Geologica do Estado de S. Paulo). São Paulo, 1907. 1 folheto broc. 44,5×32. 18 pags. mappas e gravuras. Offerta.

Cartas Geographicas

Monde connu des anciens. Gravura colorida medindo 31×20,5. Folha solta de qualquer obra do seculo XVIII. Offerta.

Europa

Carte de l'Europe dediée á son Altesse Royale Monseigneur Charles Louis Archiduc d'Autriche... par J. B de Bouge. 1803. Offerta. Esta carta compõe-se de 50 folhas medindo 43×24, constituindo agora um atlas a que faltam as folhas X, XX, XXX e XL. As folhas estão soltas.

Carte d'Europe. Gravura colorida medindo 22×18. Folha solta da obra geographica. Offerta.

Mappa Geographico de Portugal e Hespanha com designação dos pontos invadidos pela cholera-morbus nos annos de 1853 & 1854. Litographia 48,5×24,5. Offerta.

Carta de Portugal e suas colonias coordenada por Hugo de Lacerda. 1874. Gravura colorida 64×44. Offerta.

Ao centro da gravura está a carta continental tendo pela parte superior o mappa mundo; lateralmente um pequeno texto referente ás colonias e cartas respectivas em varias escolas.

Patriarcado de Portugal. Gravura a preto medindo 22×14,5. Offerta.

Carta de Portugal com designação das estradas a que se refere a proposta de lei n.º 51. Offerta. E' uma lythographia da Imprensa Nacional, sem data. Dimensões 42×28.

Reino do Algarve. Gravura a preto medindo 22×14.5. Offerta.
Provincia do Alemtejo. Gravura a preto medindo 22×14,5. Offerta.
Carta de limites entre Portugal e Espanha. Escala de 1:2000 000. Tem a indicação das linhas ferreas dos dois paises. Offerta.
Provincia da Extremadura. Gravura a preto medindo 22×14,5 Offerta.
Mapa de la provincia de Extremadura districtos Leiria, Santarem, Lisboa. Cartas sob a direcção de D, Benito Chias y Carbó. Mappa colorido medindo 19×12,5 collado em panno e dobrado com capa. Offerta.
Provincia da Beira. Gravura a preto medindo 22×15,5. Offerta.
Provincia de Traz-os-Montes. Gravura a preto medindo 22×14,5. Offerta.
Portugal. Folha n.º 16, d. Abrantes. Escala de 1:50.000. Ampliada e rectificada em Direcção Geral dos Trabalhos Geodesicos e Topographicos no anno de 1900. Offerta.
Planta da Real Fabrica de Fiação de Thomar. Escala de 1 metro por 4000 metros. Gravura a preto. Offerta.
Mappa Physico da Hespanha. Lisboa, na officina lytographica da Rua Nova dos Martyres, 1835. Dimensões. E' folha solta de obra geographica (estampa 2.ª) onde está representada tambem toda a costa de Portugal. Offerta.
Fronteiras da Espanha e França entre Bayonne e Narbonne. Escala 1 2000.000. Sem data. E' uma lythographia onde se vêem marcadas as linhas ferreas das duas partes limitrophes, Offerta.
Teatro de la guerra en el Norte de Espana. Estellã (Navarrra) 30 junio 1874. E' uma prova lithographica. Dimensões 31×44. Offerta.
Bilbao. Teatro de la guerra en la Norte de España. (croquis autografo) Escala de 5 kilometros equivalentes a 0m,89. E' uma prova lythographica. Offerta.
Paris Echelle 1:50000. Dressé, héliogravé et publié par le Service Géographique de l'Armée. Planta topographica, colorida. Offerta.
Paris, seus fortes e redes de caminhos de ferro. Lisboa, setembro de 1870. Gravura avulso medindo 18×16. Offerta.
Plan de Paris avec l'indication des incendies et des dégâts causés par la Commune du 18 Mars ou 29 Mai 1871 par le Dr. E. Pierotti. Gravura colorido na escala do 1:41,500. Offerta.
Paris pendant l'exposition 1867 (Juillet) Gravura colorida medindo 85,3×57,5. Offerta.
Brie — Comte — Robert. (Seine et Marne.) Echelle 1:50.000. Dressé, héliogravé et publié par le Service Géographique de l'Armée. Planta topographica colorida. Offerta.
Corbeil. (Seine et Oise). Echelle. Idem.
L'Isle — *Adan* (Seine et Oise). Echelle 1:50000. Idem.
Pontoise (Seine et Oise) Echelle 1:50000. Idem.
Rambouillet (Seine et Oise). Idem.
Versailles (Seine et Oise). Idem.
Dammartin en Göele (Seine et Marne). Idem,
Lagny (Seine et Marne). Idem.
Carte du Grandaché du Luxembourg. Gravura a preto medindo 41×37. E' um exemplar da edição do «Primeiro de Janeiro». Offerta.
Carte de l'Italie Meridionale. Escala de 40 leguas, 79mm. E' uma folha solta de qualquer obra geographica. Seculo XVIII. Offerta.
Wallis's plan of the cities of London and Westminster 1804. Gravura colorida medindo 1m,13×0m,415. Offerta
New (A) and accurate plan of the city of Bath to the preyear 1803. Scale 1000 pés equivalendo a 69mm. Gravura a preto. Offerta.
Plan des attaques de Sebastopol 1854-1855. Dimensões 32×23. Folha solta do jornal francez «L'Illustration». Offerta.
Carte du theâtre de la guerre entre l'Allemagne et le France. 1870. E' uma lythographia a côres medindo 44×41. Offerta.
Frankfurt on the Main. (Plan of). Pequena lithographia medindo 15×11,5, em ambas as margens prependicularmente tem uma pequena relação das casas religiosas museus, hoteis, monumentos, etc. Não tem data. Offerta.
Kronstadt (Plan de) et de ses fortifications avec la portée et la direction de ses feux. Lythographia 18,5×11,6. E' a plancha 7 de qualquer publicação em

que se mostra a posição da esquadra anglo-franceza, a direcção dos ogos dos differentes fortes e a posição respectiva da asquadra russa. Offerta.

Kronstadt et ses fortifications. Vue prise du fort Reesbank du côté de St. Pétersbourg. Lythographia medindo 19×10,5. Offerta.

Sébastopol (Plan de) et de ses fortifications avec le portée et la direction de ses feux. Lythographia 18,5×11,5. E' a plancha 8 de qualquer publicação contendo além da disposição das esquadras franceza e ingleza a indicação do numero de bocas de fogo que guarneciam os fortes respectivas. Offerta,

Circuito da Ilha Terceira dividido om 8 districtos militares, traçado e orientado por Joaquim Bernardo de Mello Nogueira de Castello em março de 1831. E' uma lytographia a preto medindo 19,5×44 e em que se mostra a força de cada districto, os logares accessiveis á collocação dos fortes e numero de bocas de fogo. Tambem traz o numero de fogos. Offerta.

Mappa geographico do theatro da guerra em 1854 para esclarecimento das posições mais interessantes que são occupadas e disputadas entre a Russia e Turquia, publicado pela livraria Arsejas. Penaguião des. E uma lithographia medindo 52×38. Offerta.

Mappa do theatro da guerra Russo-Turca. (Publicado no «Diario de Noticias» de 14 de junho de 1877). Dimensões 38×25. 2 exemplares. Offerta.

Guerra do Oriente. Dimensões 14×14. Foi este mappa que representa o theatro da guerra russo-turca na Asia, publicado no numero de 3 de junho de 1877 do «Diario da Manhã». Offerta.

Theatro da guerra do Oriente. Lithographia a preto. Sem data nem nome do auctor. Dimensões 46,5×35. Offerta.

Theatro da guerra no Danubio. Dimensões 13×13,5. Saiu no «Diario da Manhã» de 22 de maio de 1877, este mappa que se refere á guerra russo-turca. Offerta.

Carte du théâtre de la Guerre dû Orient 1876. Gravura colorida 35×24. Offerta.

Africa

Africa, concinnata secundum observationes membror. Acad. Regal. Scientiarum et nullorum aliorum et juxta recentissimas annotationes. Per G. de l'Isle geographum Augustæ Vindelicor. Prostat apud Tobiam Conr. Lotter. Grav. a côres. Dimensões 57,5×44. Sobre cartão. Offerta.

Afrika (Karte von) mit Namenverzeichnis aus Stielers Hand-Atlas, Escala 1:7.500.000. Gotha: Justus Perthes Carta assente em panno com capa. O indice de nomes tem 124 pags. Comprado.

Afrique. Gravura colorida medindo 21×18; folha solta de obra geographica do seculo XVIII Offerta.

Carte de l'Empire de Maroc comprenant les royaumes de Fez, de Miquenez et autres qui ont été réunis à cet Empire pour servir aux recherches historiques sur les Maures et à l'histoire de l'Empire de Maroc, par M. de Chénier. Dimensões 33,5×31. Gravura a preto sem data. Offerta.

Mapa del Imperio de Marruecos. Dimensões 39,5×27,5. Folha solta do jornal espanhol «La Epoca» distribuida aos assignantes do mesmo jornal. Contém tambem um plano de Ceuta e outro da praça de Melilla. Offerta.

Maroc. Tanger. Dressé et publié par le Service Géographique de l'Armée en 1906. É a folha n.º 2 da carta franceza de Marrocos na escala de 1:500.000. Offerta.

Maroc. Fez. Dressé et publié par le Service Geographique de l'Armée en 1905. É a folha n.º 4 da carta de Marrocos na escala de 1:500.000. Offerta.

Tunisie. Environs de Gafsa. Echelle 1:50.000. Dressé, héliogravé et publié par le Service Géographique de l'Armée. Offerta.

Tunisie. Mahrés. (El Aquareb). Echelle 1:100.000. Dressé, héliogravé et publié par le Service Géographique de l'Armée. Offerta.

Tunisie. Nakta. Dressé. héliogravé par le Service Géographique de l'Armée. Echelle 1:100 000. Offerta.

Tunisie. La Skhirra (Mahrés). Echelle 1:100.000. Dressé, héliogravé et publié par le Service Géographique de l'Armée. Offerta.

Mappa do theatro da guerra franco-tunesina Dimensões 27×20. É folha solta do «Correio da Noite» jornal de Lisboa. Offerta.

Carte ou l'on voit les nouvelles découvertes dans le Nord de l'Afrique tracée par le Major J. Rennell en 1798. Escala de 100 milhas equivalentes a 9m. Offerta.

Suite de la Coste de Guinée depuis le cap Apollonia jusqu'à la Rivière de Volta ou la Costa d'Or. Echelle de 15 lieus marines de France et d'Angleterre de 20 au degré 99mm. É folha solta de qualquer obra géographica. Na margem inferior esquerda d'esta gravura tem a indicação de Tome IV. n.º 1. A obra referida deve ser do principio do seculo XVIII. Offerta

Provincia de Angola. Cartas dos districtos de Benguella e Mossamedes, 1895. Escala 1:1000.000. Em 4 folhas. (Commissão de Cartographia). Offerta.

Carte de la Coste d'Angola depuis la rivière de Bengo jusqu'à celle de Quanza. Gravura a preto, medindo 26,5×20. É um duplicado da carta catalogada no «Catalogo da Exposição de Cartographia Nacional», sob o n.º 704. As denominações, porém, encontram-se só em francez. Offerta.

Africa Occidental Portugueza Huilla, folha n.º 8. Commissão de Cartographia. 1:1000.000. 1906. Descreve as regiões entre 18º e 15º 30º lat. e 13º e 13º de long. Offerta.

Carte de la rade de Benguella et Rivière de Cantonbelle. Escalla de 1 legua maritima, 53mm. É um duplicado da carta catalogada sob o n.º 740 no «Catalogo da Exposição de Cartographia Nacional. Offerta.

Asia

Carte d'Asie. Gravura colorida, medindo 21×18,5 ; folha solta de obra geographica do seculo XVIII. Offerta.

Siberia. Map of Goldfi·lds and Mines in the Goldfields and Zaisanst Districts of the Semipalatiusk territory — Norton Griffiths. Escala de 5 milhas equivalentes a 38mm. Sobre tela. Sem reguas. Candidatura do sr. Griffiths. Offerta.

Asie. Lan-Tcheou-Fou. Dressé, heliogravé et publié par le Service Géographique de l'Armée. (Janvier, 1901). É a folha 40.º, n.º 102.º E. da carta francêsa da Asia na escala de 1.1000.000. Offerta.

Asie. Kachgar. Dessiné; héliogravé et publié par le Service Géographique de l'Armée. (Avril 1901). E' a folha 40.º, n.º 78.º E da carta franceza da Asia na escala de 1:1.000.000. Offerta.

Asia Caboul Pechawer Dessiné, héliogravé et publié par Service Géographique de l'Arméo. (24 mai, 1901). E' a folha 36.º n.º 72.º E. da carta franceza da Asia na escala de 1:100.000. Offerta.

Asie. Tai-Yuan Fou. Dessiné, héliogravé et publié par le Sarvice Géographique de l'Armée. (Juin, 1901). E' a folha 40.º n.º 114.º E. da carta francesa da Asia de escala de 1:1000.000. Offerta.

Asie. Pamir. Dressé, héliogravé et publié par le Service Géographique de l'Armée. (Decembre, 1901). E' a folha 40.º n.º 72.º E. da carta francesa da Asia na escala de 1:100.000. Offerta.

Asie. Song-Pan Ting Dressé, héliogravé et publié par le Service Géographique de l'Armée. (Janvier, 1902). E' a folha 36.º n.º 102.º E. da carta francesa da Asia na escala de 1:1.000.000. Offerta.

Asie. Hai-Fong. Ton. Echelle de 1:1.000.000. Dessiné, héliogravé et publié par le Service Géographique de l'Armée. (Juin, 1902). Offerta.

Asie. Khiva. Dessiné, héliogravé et publié par le Service Géographique de l'Armée. (Juillet, 1902). E' a folha 44.º n.º 60.º E. da carta franceza da Asia na escala de 1:1000.000. Offerta.

Asie. Nour-Ata. Dessiné, héliogravé et publié par le Service Géographique de l'Armée. (Juin, 1904). E' a folha 66 º E — 44.º n.º da carta francesa da Asia na escala de 1:000.000 Offerta.

Asie.. Tachkent. Dessiné, héliogravé et publié par le Service Géographique de l'Armée. (Octobre, 1904). E' a folha 44.º n.º 72.º E. da carta franceza da Asia na escala de 1:1.000.000. Offerta.

Coast of China. London. Published 27 april 1812 by A. Arrowsmith Dimensões 95,5×63,5. Ao canto superior direito tem a planta do porto de Macau. Sondagens em pés. Comprado.

Nouvelle Carte du Royaume de Bengale. Folha solta de qualquer obra geographica, medindo 34×28. Offerta.

America

Amreica Meridionalis concinnata juxta observationes dñn Acad. Regalis Scientiarum et nounullorum aliorum et juxta annotationes recentissimos per G. de l'Isle geographum vealis prostat Augustae Vindelicorum apud Tobiam Conr. Lotter. Grav. Colorida 57,5×44. Offerta.

Amérique Méridionale. Dimensões 21,5×18. Gravura colorida folha solta de qualquer obra de Geographia. Offerta.

Chile (Costa de). Arica. Escala de 1:2000. E' uma carta hydrographica com sondagens em metros. Publicada pela officina hydrographica de Valparaizo em 1906. Offerta.

Canal Smith. Canales Mayne i Gray. Publicado por la Oficina Hidrografica, Valparaizso (Chile) Marzo 1906. Sondas i alturas en metros. Escala 1:30.000. Offerta.

S. Paulo (Estado de S. Paulo). Brazil. Edição preliminar 1905. Triangulação por Horacio F. Williams. Topographia por Arthur Horta O' Loary, Carlos F. Scheler. Escala de 1:1000 000. Publicado pela Commissão Geographica do Estado de S. Paulo e dividido em quatro folhas coloridas : Pindamonhangaba Casa Branca, Pirassununga, e S. Paulo. Oberta.

America Septentronalis, concinnata juxta observationes dñn Academiae Regalis Scientiarum et nonnulfiorum aliorum, et juxta annotationes recentissimas per G. de L. Isle, geographum venalis prostat Augustae Vindelicorum apud Tobiam Conr. Lotter. Gravura a côres medindo 57,5×44 Offerta.

Amérique Septentrionale. Gravura colorida medindo 22×18. Folha solta de obra geographica do seculo XVIII. Offerta.

Floral Areas of the State of Washington compiled on base mape of United States General Lad Office by Charles V. Piper 1905. Escala de 1 polegada equivalente a 12 milhas. Offerta.

Folhas	Estado	Folhas	Estado
Altica	N. J.	Tennant Harbor	Maine.
Bakersfield Special	Cal.	Wellington	Ohio.
Blackhawk	Colo.	West Union	W. Va.
Burnsville	W. Va.	Belleville	W. Va.-Ohio.
Central City	Cola.	Brier Hill	N. I.
Clymer	N. J.	Bengettstown	Pa.
Depenw	N. J.	Burlington	Vt.
Detroit	Mich.	Chardon	Ohio.
Dover	Del.-Md.-Pa.	Chesterhill	Ohio.
Hamilton	Ohia.	Coatesville	Pa.-Del.
Harrispn	Ark.-Ma.	Dadeville	Ma.
Jerome	Ariz.	Dexter	Mich.
Kent	Ohio.	Cagle	Wis.
Lima	Ohio.	Ellenville	N. J.
Littleton	W. Va.-Pa.	Ellicott	Md.
Mason	Ohio.	Farmington	Conn.
Maxwell	Cal.	Farmington	Mo.
Medina	Ohio.	Glenville	W. Va.
Mexico	N. J.	Goldfield	Nev.
Ogdensburg	N. J.	Grand Central Special	Alaska.
Owensville	Md.	Hertford	N. C.
Potosi	Ma.	Highmarket	N. I.
Saint Onge	S. Dak.	Idaho Springs Special	Cola.
Sycamare	Ohio.	Kasaog	N. I.

Folhas	Estado	Folhas	Estado
Koshkonsong	Wis.	Pisgah	N. C.-S. C.
Matinicus	Me.	Punxsutawney	Pa.
Milford	N. Ib.	Pleasanton	Cal.
Manhegan	Me.	Frinceton	N J.
Morristown	N. J.	Saline	Micha.
Mount Sterling	Ohio.	Silver Lake	Wis.
Nantahala	M. C.-Tenn.	Pelocaset	Oreg.
New Martinsville	W. Va.-Ohio.	United States Base Map	11×16.
Nome Special	Alaska.		
Red Mills	N. I.	Vale	S. Dak.
Rockland	Me.	Van Horn	Tex.
Romulus	Mich.	Ipsilanti	Mich.
Saint Marys	Md.-Va.	Angelica	M. I.
Silver Plume Special	Cola.	Bristolville	Ohia.
South Lyon	Mich.	Brownsville	Pa.
Sebree	Hy.	Bulpog Special	New.
Springfield	Ohio.	Camelsback	Ariz.
Sutherland	Ky.	Casadepaga	Alaska.
Tiffin	Ohio.	Cartersville Special	Ga.
Tombstone Special	Ariz.	Chandler	Okla.
Urbana	Ill.	Colusa	Cal.
Wankesha	Wis.	Cowee	N. C.-S. C.
Wiliamsburg	Va.	Dahlonega Special	Ga.
Willoivs	Cal.	Davisville	Cal.
Wilonington	Del.-N. J.	Dayton	Ohio.
Wyanaotte	Mich.	Decorah	Iowa.
		Dunnigan	Cal.
Mappas geraes		Eldorado	Ill.
		Elizabeth	W. Va.
Amargosa Region	New.-Cal.	Ely Special	Nev.
Bright Angel	Ariz.	Evansville	Wis.
Joplin District	Ma. Kans.	Fort Mc Dowell	Ariz.
Oil Center Special	Cal., NortSheet	Frisco Spcial	Utah.
Oil Center Special	Cal. South. Sheet,	Gilbert Peak	Wtah-Wyo.
		Greensburg	Pa.
Bayon Sara	La.	Hinsdale 8pecial	Mont.
Birmingham Special	Ala.	Harrisville	W. Va.
Bisbee Special	Ariz.	Holbrook	W. Va.
Bordentown	N. J.-Pa.	Indian Valley	Cal.
Boxelder	Mont.	Iron Springs Special	Utahl.
Burlington	Pa-N. J.	Jefferson	Ohio
Caddo Gap	Ark.	Hingwood	W. Va.
Carnegie	Pa.	Kintla Lakes	Mont.
Catatonk	N. J.	Hirwin	Wyo.
Central City Special	Cola.	Lake	Wyo.
Chopaka	Wash.	Lake Pleasan	N. I.
Conneaut	Ohia-Pa.	Louisville	Hy.
Crawfordville	Ga.-S. C.	Madison	Wis.
Desert Well	Ark.	Mentor	Ohio.
Kremlin	Mont.	Mount Adams	Wash.
Lake Geneva	Wis.	Veshannock	Pa.
Lambertville	N. J.-Pa.	New Bloomfield	Pa.
Lonesome Special	Mont.	New Cumberland	Pa.
Milwankee	Wls.	New Haven	Ill.-Ind.
Milwankee Special	Wis.	Piseco Lake	N. I.
Mitchell Butte	Oreg.-Idaho.	Pittsburg	Pa.
Patuxent	D. C.-Md.	Plattzburg	N. S.-Vt.
Phoenixville	Pa.	Relay	Md.

Folhas	Estado	Folhas	Estado
Saint Marys	W. Va. Ohio.	Winfield	N. S.
Socoro	N. Mex.	Woodland	Cal.
Solomon	Maska.	Wyndmere	N. Dak.
Springfield	Ill.	**Mappa Geral**	
Thornton	W. Va.		
Tupper Lake	N. S.	Coeur d'Alene	Idaka Mont.

26.ª Série — 1908 **N.º 7 — Julho**

BOLETIM

DA

Sociedade de Geographia de Lisboa

—•—

FUNDADA EM 1875

SUMMARIO

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
Rua do Diario de Noticias, 110

1908

26.ª Série — 1908 N.º 7 — Julho

Director, proprietario e editor—*Sociedade de Geographia de Lisboa*—Rua de Santo Antão—Lisboa
Composição e impressão na **Typographia Universal**
pertencente a Coelho da Cunha, Brito & C.ª — rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

AOS VENCEDORES DOS CUAMATOS

Sessão solemne na Sociedade de Geographia de Lisboa em 31 de maio de 1908

A Sociedade de Geographia de Lisboa havia votado por acclamação, em assembléa geral de 18 de novembro de 1907, a proposta da Direcção para ser conferida a Medalha de Honra (de ouro) da Sociedade á Columna expedicionaria aos Cuamatos na pessoa do commandante da Columna, o então capitão dos serviços do Estado Maior o sr. José Augusto Alves Roçadas, e para que a este fosse conferido o diploma de socio honorario da Sociedade; e em 13 de janeiro do corrente anno votou outra proposta, tambem da Direcção, para que igual diploma de socio honorario fosse conferido ao chefe de Estado Maior da columna, o capitão dos serviços do Estado Maior sr. Eduardo Augusto Marques, ao commandante de companhia de marinha, o primeiro tenente da armada sr. Victor Leite de Sepulveda, e ao commandante da companhia de infantaria n.º 12, o sr. capitão Francelino Pimentel. Seguem as propostas.

1.ª

Senhores.

Desde o seu inicio, ha mais de 32 annos, que a Sociedade de Geographia vem pugando, por diversos meios ao seu alcance, pela integridade dos nossos dominios d'além mar; e na época historica em que elles mais estiveram em jogo, não trepidou em vir á estacada, forte no direito que nos assiste, para expôr clara e desassombradamente, quaes os fundamentos e razões em que se firma o paiz, para manter esses padrões da nossa vitalidade que, pela fórma como se ergueram, foram, e são ainda hoje, o assombro de poderosas nações que muitas vezes não conseguem impôr-se perante as raças indigenas com a mesma singelesa por que nós o fazemos, sem ter os seus vastos recursos, que substituimos pela perseverante intrepidez das nossas armas.

Para a Sociedade de Geographia são por isso dias de grande
bilo todos aquelles em que se affirma por qualquer acto de extr
dinario valor que na raça portugueza ainda rebrilha o mesmo an
valoroso dos heroicos tempos da nossa historia.

Na Africa portugueza hoje, como na India outr'ora, o nome
tuguez deixa apoz si um rasto luminoso, d'onde irradiam, nos cla
da fé, os fructos de uma acção firme e suave que implanta civil
sação, cria fundas raizes e produz os beneficos resultados que se
lheram em todos os campos onde foi preciso exercer a nossa vi
dade.

A poderosa Inglaterra, a forte Allemanha e a sabia França
perto conhecem o que lhes tem custado firmar o seu dominio em
ritorios coloniaes visinhos dos nossos, muitas vezes habitados por
bus das raças que nos nossos vivem. Que o digam os Ashanti
Zulus e os Matabelles, que o proclamem os Herreros e os Ovam
que o affirmem os Hovas e os Tuaregs para de outros não fallarn

Contra elles marcharam numerosas e custosas expedições mil
res, providas de todas as condições que a arte da guerra colonial a
selhara. Valorosos, disciplinados e bem conduzidos foram os solda
que compuzeram essas expedições, mas a peleja nem sempre foi
roada do melhor exito, nem sempre foi rapida como seria para d
jar. Venceram-se ás vezes, apoz profiada lucta e por meios indirec

Todos sabem, senhores, porque é recente, a campanha longa
a Allemanha tem sustentado na região do Herreros da sua coloni
SW. africano que, pelo sul de Angola, com esta confina, levar
nos, porém, a vantagem de aquelle territorio estar ligado a Sua
pmund pelo cominho de ferro de Windhoëk; o que quer dizer qu
tropas expedicionarias se transportavam commodamente ao campo
peleja, onde chegavam frescos e bem dispostos para o combate.
davia foram necessarios successivos reforços para refazerem de
tres soffridos, apesar dos grandes recursos de que dispunham os
pedicionarios.

Não deve por isso admirar que nós, sem esses poderosos meio
acção, tenhamos tido desastres que nos enchem de magua, mas
bem depressa sabemos vingar, encendrados por uma vontade firme,
uma viva coragem que nos leva sertões a dentro em marchas de
dias, atravez d'um paiz sem subsistencias, sem agua, arenoso e de
aridez assustadora, só entrecortada por algum curso d'agua sem
rente em floresta de espinheiros, accacias e bauhinias, que são
mais fortes baluartes da raça negra opponente á marcha da civil
ção que ali vamos impôr vingando ultrages que não deviam ficar
punes.

Senhores. — Se é cedo ainda para podermos fazer a historia
campanha do sul de Angola e para apreciar todo o prestigio qu
armas portuguezas devem á victoria brilhante da columna expedi
naria commandada pelo major do serviço do Estado Maior, José
gusto Alves Roçadas, não o é, de certo, para dar justo galardão
alto serviço prestado ao paiz por essa expedição, quando os fa
que apontamos lhe fazem realçar mais o valor.

Não foi, porém, sem custo que tal se fez! Contra um indigena aguerrido, cheio de si depois do desastre de 1904, possuindo armas aperfeiçoadas que lhe não vendemos, empregando quasi o systema boer de alvejar de preferencia os officiaes e praças européas; n'essas longinquas paragens ficaram alguns dos nossos bravos officiaes e soldados que não voltarão a receber o carinho dos seus, nem as bençãos da Patria, mas cuja memoria ficará vinculada nas paginas da nossa acção civilisadora.

Das luctas desesperadas do cerebro, e do coração, em que se debateram esses devotos crentes de uma orientação sabia, olhar fito na bandeira da nossa terra e — quem sabe — se sangrando ainda a saudade dos que victimas da tremenda catastrophe de 1904, inda clamavam vingança, não podemos nós tirar-lhes o significado verdadeiro. Chegavam-nos da heroica expedição noticias que ora nos parecia querer alluirem as nossas esperanças, ora nol-as vivificavam com o bafo alentador da nossa fé no valor do soldado portuguez.

Mas em breve tempo veio a confirmação da ultima victoria, assegurando a definitiva occupação dos dois Cuamatos na região d'além Cunene.

A Sociedade de Geographia de Lisboa, que julga enobrecer-se recebendo no seu seio os heroes da moderna epopêa portugueza, não póde deixar de manifestar o seu jubilo por tal feito cumprindo uma divida de gratidão para com aquelles que arriscaram a vida na defeza dos sagrados direitos do nome portuguez tantas vezes coberto de louros nos mares e terras africanas.

A Direcção, convicta de interpretar o sentir de todos aquelles que compõem a nossa agremiação, tem a honra de submetter ao criterio e ao patriotismo da Assembléa Geral a seguinte proposta:

«A Direcção da Sociedade de Geographia de Lisboa congratulando-se com o rapito e feliz exito da campanha contra os Cuamatos e tendo em consideração os serviços que a columna expedicionaria ao sul de Angola vem de prestar ao paiz, tornando effectiva a occupação d'aquellas regiões, e levantando o prestigio do nome portuguez; e usando das faculdades que lhe confere os artigos 11.º e 24.º do Estatudo Geral, julga de seu dever pedir á Assembléa Geral que approve:

1.º Que na pessoa do seu commandante, seja conferida, a *Medalha de honra da Sociedade de Geographia de Lisboa* á expedição do commando do major do serviço do Estado Maior José Augusto Alves Roçadas, governador da Huilla.

2.º Que ao referido official, pelo seu provado esforço, serviços eminentes e sciencia militar, seja concedido o diploma de socio honorario da Sociedade de Geographia de Lisboa.

Sociedade de Geographia de Lisboa, 18 de novembro de 1907.

A DIRECÇÃO

2.ª

Senhores:

Em sessão de 18 de novembro de 1907 foi relatada pela Direcção, em obediencia ao que prescreve o Estatuto, a proposta para ser eleito socio honorario da Sociedade de Geographia de Lisboa, o capitão Alves Roçadas, pelo alevantado serviço prestado ao paiz pela victoria alcançada contra o gentio do Cuamato no sul da nossa provincia d'Angola. conferindo-se tambem a medalha d'honra á expedição na pessoa do seu benemerito commandante.

Sendo limitado o quadro dos nossos socios honorarios e não conhecendo então a Direcção qual o numero exacto dos commandantes das diversas unidades, não podiam, n'aquella proposta, ser incluidos esses officiaes em conjunto.

N'este momento porém, tendo já recolhido a Lisboa esses officiaes e mediante consulta com o commandante da expedição e verificando-se que elles excediam o numero de vagas existente n'aquelle quadro, resolveu a Direcção, porque á expedição se conferira a medalha de ouro, como ficou dito, que a maneira mais consentanea de ampliar a anterior proposta e de prestar homenagem mais directa aos brilhantes officiaes que acompanharam o commandante Roçadas, tomando parte na campanha do Sul d'Angola, era eleger socios honorarios o chefe do estado maior da columna e cada um dos officiaes mais antigos das forças de marinha e do exercito que tomou parte nas operações de guerra contra o Cuamato.

Não se excedia assim o numero restricto dos socios honorarios e pela situação especial d'estes officiaes na campanha a que nos vimos referindo, tornava-se mais largo o preito que a Sociedade de Geographia rende aquelles que, illustrando o seu nome em relevantes serviços, fazem realçar a gloria das armas portuguezas como se referiu na proposta que a Direcção vos apresentou, e que com applauso foi votada pela assembléa na sessão a que acima se allude.

Additando por conseguinte essa proposta, a direcção cumpre o dever de submetter ao vosso justo criterio, que proclameis socios honorarios os seguintes officiaes:

Capitão de serviço de Estado Maior, Eduardo Augusto Marques, chefe do estado maior da columna; 1.º tenente da armada, Victor Leite de Sepulveda, commandante da companhia de marinha; e Francelino Pimentel, capitão da companhia de infantaria 12, os quaes fizeram parte da columna de operações no sul do Angola e que tão triumphantemente combateu.

Sociedade de Geographia de Lisboa, 13 de janeiro de 1908.

A Direcção

*
* *

Nos termos do Estatuto Geral a entrega de medalha d'honra havia de ser feita em sessão solemne presidida pelo Chefe de Estado, Protector e presidente de Honra da Sociedade ; e por virtude do encadeamento de factos occorridos veiu a succeder que essa sesssão, realisada em 21 de maio, foi, ao mesmo tempo que a derradeira solemnidade de consagração aos vencedores dos Cuamatos, a primeira vez que S. M. El-Rei D. Manuel II, que dias antes se havia dignado declarar-se Protector da Sociedade, comparecia em assembléa geral e como Chefe de Estado visitava a séde da Sociedade de Geographia.

Resultou d'este facto que a sessão solemne de 21 de maio, organisada conforme o Estatuto determina, assumiu imponencia desusada e extraordinario brilho, pela numerosissima concorrencia de socios, pessoas de suas familias e convidados, e principalmente pela prolongada ovação feita a El-Rei tanto á entrada como á sahida da sala Portugal.

Era Sua Magestade acompanhado por S. A. o Senhor Infante D. Affonso, que tomou assento á esquerda d'El-Rei. Dirigiu a sessão, por ordem e em nome do Augusto Presidente d'Honra, o vice-presidente da Sociedade em exercicio o sr. coronel Carlos Roma du Bocage, e exerceu as suas funcções o secretario geral da Sociedade sr. conselheiro Ernesto de Vasconcellos.

Aberta a sessão, o sr. vice presidente Bocage leu o seu discurso, e em seguida o commandante da columna, já promovido a major por antiguidade e a tenente-coronel por distincção fez anarrativa da campanha. Seguiu-se a entrega por El-Rei dos quatro diplomas de socios honorarios e de medalha d'ouro. Por ultimo El-Rei pronunciou um discurso que foi calorosamente applaudido.

A conferencia do sr. tenente-coronel Roçadas, já está publicada. Resta, pois, reproduzir os dois discursos pronunciados na sessão so lemne de 31 de maio de 1908.

Discurso do vice-presidente sr. coronel Bocage

SENHOR:

Antes de conceder a palavra ao valente soldado, que nas terras do Ovampo tanto illustrou as armas portuguezas, digne-se Vossa Magestade permittir que eu lhe agradeça, em nome da Sociedade de Geographia de Lisboa, a mercê que se dignou fazer-lhe acceitando a sua Presidencia de honra, a exemplo do que antes haviam praticado seus augustos pae e avô. Ao nosso agrodecimento sincero e caloroso, consinta Vossa Magestade que eu associe os ardentes votos d'esta patriotica instituição pela vida e prosperidade do seu protector e do seu Rei; votos ardentissimos para que seja longo, tranquillo e glorioso o reinado de Vossa Magestade.

Reinado cujos breves dias bastaram já para que Vossa Magestade manifestasse o seu entranhado amor pela patria que o viu nascer, e o seu indefectivel respeito pela lei que é a base essencial da liberdade e a mais segura garantia da ordem e do progresso, nas sociedades cultas.

*

* *

Durante longos annos, com trabalho indefesso e nunca desmentido patriotismo, tem a Sociedade de Geographia de Lisboa contribuido, quanto em si coube, para a continuação das nossas passadas glorias, procurado conservar o respeito das tradições, que tão grande fizeram a nação portuguoza e lhe permittiram revindicar para si no desenvolvimento da civilisação humana, um quinhão immensamente superior ao que naturalmente corresponderia ás forças da sua população e á extensão do seu territorio. Estou certo de que posso affirmar solemnemente, em nome de todos os meus consocios, que havemos de continuar sem desfallecimento a nossa obra e concorrer devotadamente para o engrandecimento do vastissimo dominio colonial, que é o mais seguro penhor da autonomia e da prosperidade nacional. Assim se cumprirá a missão que a Portugal compete no concerto de esforços com que todas as nações civilisadas precisam contribuir para o progresso da humanidade.

Para essa gloriosa, para essa nunca satisfeita aspiração da nacionalidade portugueza, pode Vossa Magestade contar com o leal e dedicadissimo concurso da Sociedade de Geographia de Lisboa, quer se trate de avivar a memoria de heroismos remotos, quer de glorificar os mais recentes, quer ainda de preparar emprehendimentos futuros. Aqui hão-de encontrar sempre acolhimento cordeal os que por muito amarem a patria bem a souberam servir, e caloroso enthusiasmo aquelles que para ella colheram novos louros, vindo accrescental-os á farta messe que nos legou o passado.

No constante empenho de bem servir a nação, teve sempre á sua frente a Sociedade de Geographia de Lisboa os seus augustos Presi-

dentes de honra, que nunca deixaram de manifestar-lhe particular interesse e a quizeram constantemente associar á commemoração dos mais felizes successos dos ultimos reinados. Aqui vieram os Chefes d'Estado das mais poderosas nações render preito a um honroso passado e affirmar o seu respeito pelos nossos direitos em terras de além mar; aqui foram, com assistencia dos reis de Portugal, glorificados os ousados exploradores, que trouxeram para o mundo culto o conhecimento de ignoradas regiões e os heroes das ultimas campanhas africanas, onde bem claramente se affirmou quanto a nossa raça conserva ainda os dotes que a tão vasto imperio levaram o dominio da corôa portugueza.

*

* *

Não parecerá estranho ao coração de Vossa Magestade, filho e irmão amantissimo, que esses dias venturosos não possam ser por nós recordados sem profunda saudade d'Aquelle a quem Vossa Magestade succedeu no throno de Rei e na Presidencia de honra da nossa Sociedade, saudade de El-Rei o sr. D. Carlos, cuja palavra inflammada em patriotico enthusiasmo nos parece ainda ouvir fazendo vibrar este vasto recinto ao entregar a medalha d'ouro da nossa Sociedade ao heroe de Chaimite, Mousinho d'Albuquerque.

Immarcessivel saudade nos cumpre tributar tambem ao Senhor D. Luiz Fillippe, cuja brevissima vida publica n'um só acto se resume; e esse, todo se dedica ao nosso dominio colonial, que o moço e esperançoso Principe, tanto queria estudar e conhecer.

Permitta Vossa Magestade que á memoria d'aquelles a quem tão violentamente precipitou no tumulo um horrivel attentado, a Sociedade de Geographia de Lisboa consagre o preito da sua dôr.

*

* *

E agora, Senhor, que esse dever é cumprido, encaremos confiados o futuro; pois ainda ha bons, leaes e valorosos portuguezes que hão-de saber manter pura e gloriosa a bandeira da patria!

D'isso tivemos prova na campanha ainda ha pouco ferida em terras de além — Cunene, cuja narração vamos ouvir da bocca d'aquelle que tão sabiamente a preparou e tão denodamente a conduziu, do brilhante official em quem não sabemos qual admirar mais, se a coragem intemerata, o inquebrantavel sangue frio, se as incomparaveis qualidades de chefe disciplinador e prudente.

E' grande prazer e motivo de grande orgulho para a Sociedade de Geographia de Lisboa poder tributar-lhe hoje o seu mais alto galardão, associando ao tenente-coronel Roçadas, na merecida homenagem que lhe compete, os seus immediatos collaboradores. Mais extensa queria a Sociedade a homenagem prestada, outros haveria, entre os officiaes que mais se illustraram na guerra do Cuamato, que ella muito folgaria incluir no numero dos seus socios honorarios; mas

esse numero é contado, e escasso, mercê de Deus, para tantos que em terras d'Africa têem continuado as nossas brilhantissimas tradições. D'entre todos escolheu a Sociedade, em representação dos seus camaradas de terra e mar, os nomes dos senhores: capitão Eduardo Augusto Marques, chefe do estado maior das forças em operações; capitão Francelino Pimentel, commandante da companhia de infanteria n.º 12 e o mais antigo dos officiaes do exercito de terra, e Victor Leite Sepulveda 1.º tenente d'armada e o mais antigo dos officiaes da sua corporação, que tomaram parte na campanha.

Quererá Vossa Magestade certamente entregar-lhes os diplomas de socios honorarios; e ao chefe da expedição, a quem cabe maior quinhão na gloria commum, alem de egual diploma a nossa medalha d'ouro.

*

* *

Resta-me, se Vossa Magestade ainda m'o permitte, agradecer ao tenente-coronel Roçadas em nome da Sociedade a honra que lhe fez vindo n'este dia dar-nos conta dos seus gloriosos feitos e mostrar-nos como um punhado de soldados portuguezes, mil e quinhentos contra vinte mil ousados combatentes, soube vencer n'uma campanha de poucos mezes povos dos mais bem armados e aguerridos d'entre os qua habitam a Africa, irmãos pela raça d'aquelles contra quem, com tão grande esforço e durante tão longo tempo, tem luctado o admiravel exercito, que entre todos os do mundo é tido por modelo.

Ao commandante das forças portuguezas, a quem tão grande gloria conquistou para Portugal, o nosso mais enthusiastico applauso: a Vassa Magestade calorosas felicitações por haver tido ensejo, logo no alvorecer do seu reinado, para galardoar tão gloriosos feitos.

Discurso de S. M. El-Rei

E' a primeira vez que, na qualidade de Protector e Presidente de Honra, me encontro na benemerita Sociedade de Geographia de Lisboa, guarda fiel das tradições do nosso glorioso passado, pioneiro intrepido do nosso vasto dominio colonial.

Dois sentimentos bem portuguezes e bem profundos me dominam n'este local e n'este momento: o patriotismo e a saudade. Tudo n'esta sala diz o muito que fizémos, mostra o muito que valemos, e assim me orgulho de ser portuguez! As palavras de sentida justiça que ouvi consagrar áquelles que tão cruelmente foram arrancados ao serviço da Patria, á memoria respeitada e querida de meu Pae e á do meu chorado Irmão, em cuja vida tão curta se destacou o amor pelas nossas colonias, lembram-me o enthusiasmo com que um e outro foram aqui acclamados, e essa lembrança encheme a alma de saudade!

A festa a que presido, por egual confunde no meu coração os mesmos dois sentimentos: recordo saudosamente que foi das mãos do meu amado Pae que os heroes, a quem ella é dedicada, receberam o mandato honroso de partirem para a guerra; e sinto-me preso do mais puro patriotismo ao entregar-lhes por minhas mãos a gloriosa insignia e os diplomas com que esta Sociedade os recompensa por haverem cumprido o encargo que El-Rei D. Carlos lhes havia confiado.

Na minha missão de Rei, cujo primeiro mestre foi Mousinho d'Albuquerque, nada ha mais grato do que vir assim associar-me ao povo Portuguez no reconhecimento devido aos seus heroes.

Tenente-coronel Roçadas! Ao agradecer-lhe e aos seus

companheiros d'armas a coragem sem limites e o admiravel amor patrio com que defenderam e honraram a bandeira portugueza em terras d'Africa não traduzo só nas minhas palavras, o meu sentir pessoal e a d'esta Sociedade; pela boca do Rei falla todo o Portugal.

Meus senhores! N'esta sessão memoravel manifesta-se uma das mais bellas funcções d'esta sociedade: galardoar os bons servidores da Patria; não quero por isso encerral-a sem accentuar que faço os mais ardentes votos pelo engrandecimento de uma instituição que, honrando a memoria dos nossos maiores e premiando os que no presente se distinguem, patrioticamente educa o povo portuguez no culto dos seus grandes homens, o melhor estimulo e o mais seguro guia para um futuro prospero!

DISTRIBUIÇÃO TOPOGRAPHICA DA DOENÇA DO SOMNO NA AFRICA TROPICAL FRANCEZA PELO DR. PAULO GOUZIEN[1]

A doença do somno é uma affecção muito espalhada nas possessões francezas do oeste africano. Nenhuma d'ellas (Senegal, Alto Senegal e Niger, Guiné, Costa de Marfim, Dahomé, Gabão e Congo) está exempta d'este mal e certas regiões pagam um tributo particularmente pezado a esta endemo-epidemia.

A carta junta[2] dá uma synthese geral da distribuição da trypanose humana n'essas differentes colonias, segundo os elementos d'informação que possuimos actualmente: relatorios de missões, notas diversas publicadas sobre este assumpto, documentos pessoaes colhidos na nossa recente viagem ao Sudão (1905-1907).

No Senegal a affecção parece ter estado outr'ora muito espalhada, principalmente na «Costa Pequena» (Poponguine, Portudal, Nianing, Joal), onde certamente cauzou serias assolações ha uns vinte annos. Hoje desappareceu quasi completamente da colonia, e não se encontram ali senão casos esporadicos bastante espaçados, nas regiões de Rufisque e de Nianing, assim como um certo numero de casos d'importação, dos quaes foram observados sete em S. Luiz, nos annos de 1905-1907. Este desapparecimento progressivo da hypnose é, sem duvida, devido ao desbaste no matto das margens do Senegal, que deviam servir de *habitat* ás moscas tsétsé.

Pelo contrario, a affecção propaga-se com uma certa intensidade nas margens do Casamança (Ziguinchor, Sedhion), bem como nas do Gambia, pelo qual parece ter-se difundido nas bacias superiores do Senegal e do Niger.

Na Guiné a doença do somno é bastante rara e não se revela senão por casos isolados, sem revestir o caracter epidemico. Observa-se principalmente nas regiões do Fouta-Djallon.

Entre as localidades attingidas destacam-se: Siguiri, Damsakura, Kankan, Kourussa, Banko, Sandénia, Dinguiray, Kollangui, Ditinn, Timbo, Labé, Sigon, Médina-Kouta, Nadeli, Bussura, Kadé, Tuba, Télimélé, Sinbaya, Gumba, Friguiagbé, Medina-Uassu, Kuria (na Filacungi), etc.

As glossinas parece que não andam em enxames na colonia; as diversas especies de tsétsé estão todavia ali representadas e em certos logares abundam estes dipteros.

---

[1] Este estudo é traduzido de uma publicação feita recentemente pela *Associação Scientifica International de Agronomia Colonial* e intitulada *Documents français sur la Maladie du Sommeil*, referida a fevereiro do corrente anno.

[2] Dispensamo-nos da publicação da carta por, do texto, bem se depreheuder qual a distribuição topographica da doença do somno.

Na costa do Marfim, a affecção é ainda mais raramente observada, salvo nas regiões do *hinterlaud* (margens do Baulé, região de Seguela e de Kong); comtudo a *Glossina palpalis* abunda na região baixa, e todas as cidades do littoral, situadas ao longo das lagumas e dos braços dos rios, estão evidentemente infestadas.

Da mesma fórma no Dahomé, onde, apesar da presença muitas vezes constada do inseto picante, a hypnose não se mostra senão excepcionalmente em casos isolados.

No Congo, a apparição ou antes a disseminação da doença parece que não vae além de doze annos. Assim, a região de Loango, actualmente infestada d'hypnose, parecia indemne em 1895. A affecção, depois de uma marcha bastante caprichosa, sem orientação determinada, parece, actualmente, seguir para o norte, subindo o curso do Ubangui.

Damos aqui, por ordem ascendente de frequencia, as localidades do Congo onde tem sido notados casos autochtones ou importados da doença do somno: Libreville, cabo Lopo Gonçalves, N'jolé, Banghi; — Mayomba, Brazzaville ; — Irebu, Liranga ; — Loango. Sabe-se que as missões francezas de Berghe — Sainte Marie e de Kimpésé, situadas na margem esquerda do rio, no Estado Independente do Congo, tiveram de ser abandonadas depois de terem sido quasi totalmente dizimadas pela doença.

No Alto Sanegal e no Niger — e o nosso inquerito abrange todo o territorio da colonia, de Kayes ao lago Tchad — a affecção está, sobretudo, espalhada do interior da Curva do Niger onde se encontram alguns centros d'uma virulencia notavel. As regiões que mais têm soffrido são o Lobi e o Mossi, que banham os tres Voltas no seu curso superior. A affecção parece ter seguido uma via ascendente, nascendo nas margens do Volta principal, perto da sua embocadura no golpho da Guiné, para se espalhar gradualmente na região superior, pela rede dos seus affluentes e dos inumeraveis braços que ali vão derramar-se.

A hypnose occupa a area de um losango figurado na nossa carta e cujos angulos são occupados pelas quatro partes principaes dos circulos — Koury, Uagadugu, Gana e Sikasso — com um extremo dirigido para Kutiala.

Pelo contrario, certas regiões do Sudão francez, taes como o Sahel ao Oeste (Nioro, Gumbo, Sokolo) e a Este, o territorio do Zinder, comprehendido entre o Zinder e o lago Tchad, parecem completamente livres do flagello, que não encontra ali as condições necessarias á sua disseminação.

Finalmente, algumas regiões ribeirinhas do grande rio, posto que poupada pela doença parecem susceptiveis de contagio ulterior, em consequencia do apparecimento de numerosas moscas tsétsé no territorio, — como succede no Doré, onde a *Glossina palpalis* está especialmente espalhada, e egualmente no valle do Bani, affluente do Niger, onde abunda o insecto picante, sem que, até hoje, se tenham observado casos que não sejam importados.

A doença do somno é muito conhecida dos sudanenses e os pre-

tos não ignoram que um dos primeiros symptomas é a hypertrophia dos glanglios cervicaes. Alguns curandeiros diz-se mesmo, que teem obtido algumas curas pela ablação dos ganglios tumificados. De resto, a maior parte dos idiomas locaes possuem um vocabulo especial para designar a doença; o radical «somno» existe a maior parte das vezes: *suna dimi*, em bambara; *sinoh'o* ou *sunoh'o dimi*, en malinke; *nélavân*, em volof; *dadariko*, em lobi; *niawe doïgnol*, em foulbé, etc... Outras vezes chamam-lhe a «doença do tremôr» (Kokos, da região de Kury).

Nenhuma das raças indigenas está ao abrigo dos assaltos do mal, e se os Peuhls, raça nomada de pastores, são menos atacados do que os outros habitantes d'essas regiões, é porque, a fim de se pôrem em guarda contra as epizootias que dizimam, bois e carneiros elles fogem sytematicamente dos doentes, dos cursos d'agua e acampam, com os rebanhos, a alguns kilometros d'estes ultimos, nas zonas exemptas de tsétsé. «A agua mata os homens e as moscas matam os bois», affirmam elles, sem suspeitar que os insectos picantes são funestos tanto a uns como a outros, e que, quando se affastam da agua para proteger os seus gados, salvam-se a si proprios da hypnose.

E', além d'isso, crença geral no paiz que a agua dos Voltas é doentia e póde, assim como os peixes que n'ella se pescam, ser causa da doença tão temida. Todavia, esta opinião não está a tal ponto enraizada no espirito do povo, que se não possa destruir á força de perseverança e de pacientes demonstrações. O negro, na sua alma simplista, é muito accessivel á lição das coisas, e não ha nada que possa ferir tanto a sua imaginação, como a explicação natural de certos factos, de que elle póde, por si mesmo, verificar a realidade, sem os ligar a sua verdadeira causa.

No circulo de Koury, no qual uma das circumscripções, a de Boromo, foi cruelmente assolada pela doença, os indigenas, interrogados em muitos logares, foram sempre unanimes em declarar que as aldeias immediatamente ribeirinhas do Volta negro—de margens muito escarpadas e arborisadas n'esta parte do seu curso — aldeias edificadas a menos de 500 metros de distancia e, por consequencia, na zona occupada pelas glossinas, tinham sido mais ou menos destruidas pelo flagello. E accrescentavam que, nas localidades para alem d'esta zona (a 1:500 ou 2:000 metros do rio), a doença não attingira senão os individuos que, em resultado das necessidades dos seus officios ou dos seus negocios, tinham atravessado o lugar perigoso ou habitado n'elle por mais ou menos tempo : caravaneiros, pescadores, lavadeiros, barqueiros, carregadores de agua..., ao passo que aquelles que tinham ficado na aldeia : velhos, creanças de pouco tempo, enfermos, pessoas de classe mais elevada... tinham sido respeitados pela epidemia. Quanto ás aldeias que estão a 4 ou 5 kilometros dos rios, continuam a ser muito povoadas e parece que não teem sido, nem de leve, roçadas pela doença, que se desenvolve com tanta violencia pelas visinhanças.

Estes factos servem de ensinamento e teem a sua conclusão : apresentados pelos proprios indigenas, não podiam deixar de servir para

sua propria edificação. Visto que todos os habitantes das aldeias contaminadas bebiam a mesma agua e comiam o mesmo alimento, principalmente os mesmos peixes, era facil fazer-lhes comprehender que a causa do mal estava, não na sua alimentação, mas em frequentar as margens dos cursos d'agua e que as moscas picantes que elles temiam tanto para os seus animaes, eram tambem perigosas para elles mesmos porque lhes communicavam uma doença analoga.

Desde então os chefes dos postos e os medicos teem-se esforçado, nas suas digressões, por realçar aos olhos dos indigenas o interesse d'estes factos e as consequencias praticas que d'elles derivam. As explicações e os conselhos teem impressionado vivamente aquelles a quem se dirigem, e é de esperar que esta propaganda activa, na qual tem já tomado parte um consideravel numero de convertidos á nossa causa, produzirá os melhores fructos.

A doença do somno é de importação recente, relativamente, no centro da curva do Niger. Se, conforme a tradicção verbal, parece attingir, para certas regiões, 40 ou 50 annos, ha outras em que a doença não começou a manifestar-se, pelo menos sob a fórma epidemica, senão ha uns dez annos. E' assim que os indigenas do circulo de Gaoua attribuem a origem á invasão do Lobi pelas hordas saqueadoras de Samores (1897) que contribuiram em larga escala para a affecção em um paiz iminentemente propicio a recebel-o, graças ao regimen das suas aguas e á abundancia das glossinas. Da mesma fórma, as nossas colonias militares com o numeroso sequito que arrastam atraz de si, e actualmente ainda, póde dizer-se, o desenvolvimento crescente das vias de communicação, concorrem para o mesmo resultado.

E se o mal ficou por tanto tempo confinado a espaços restrictos, sem laços mutuos apparentes, antes de se extender para além dos seus lugares de origem, é porque o indigena é pouco inclinado, por natureza, a abandonar o seu meio e que — excepto para as populações nomadas, pastores e caravaneiros — existe apenas quando os aborigenes se affastam, sem necessidade, para além de duas ou tres horas de marcha das suas aldeias. A extensão projectada da rede do caminho de ferro atravessando a curva do Niger pode tambem ser considerada como devendo fornecer á endemia um poderoso meio de diffusão, se se não aconselharem as medidas a tomar prevendo-se esta eventualidade.

A affecção manifesta-se, nos seus principaes centros, por ataques epidemicos, no desenvolvimento dos quaes tem quasi desapparecido algumas aldeias. Assim, no valle do Bambassu (circulo de Gaoua), calculam-se em 15 % o numero dos indigenas atacados.

Algumas vezes a hypnose aloja-se temporariamente em certas localidades que abandona em seguida para continuar a devastação um pouco mais longe.

Este facto está ligado com a emigração das proprias glossinas que se deslocam frequentementepor enxames (regiões de Bendiagara, de Kury, de Sikasso), de um ponto para outro, arremessando-se algumas vezes, em grupos compactos, sobre as embarcações que costeam as margens dos rios. Parece que certas essencias teem a faculdade de

detêr mais especialmente as glossinas, porque estas ultimas se encontram principalmente sobre as folhas de arvores floridas e nas de fructos odoriferos. Ordinariamente os seus *habitats* são as mimosas, as mangueiras [1], as gommiferas, os mangues e as euphorbias.

As tsé tsé reapparecem no principio da estação das chuvas, são notavelmente numerosas na épocha da baixa das aguas e á maneira que se vae approximando a estação secca vão-se tornando mais raras; depois conservam-se nas margens dos Voltas que não seccam completamente.

Em geral não avançam mais de que 500 metros para o interior, bem que possam ser occasionalmente arrastadas para além d'este limite habitual, quer pelos caravaneiros, quer pelos carregadores de agua ou por qualquer outra forma. As regiões em que são mais abundantes são: o valle de Falémé affluente do Senegal, no do Bani, affluente do Niger, mesmo pelo curso do grande rio, de Tombuctu a Gaya, nos braços da curva do rio, nas margens dos Voltas, na região de Dori e nas margens do lago Tchad.

A maior parte das vezes a presença d'estes insectos coincide com diversas trypanosomiases animaes — taes como a *M'bori*, especie de *surra* de que soffrem os camêlos. Tem-se notado em certas regiões, que o desapparecimento d'estas epizootias tinha seguido o exodo ou a destruição da caça grossa selvagem e, sobretudo, o arroteamento accidental das terras ribeirinhas dos rios, sem duvida como consequencia da diminuição ou desapparição das glossinas, hospedes das margens com vegetação, vivendo do sangue dos animaes que as frequentam.

Outras variedades de moscas picantes — Tabanus, Hippoboscus, Stomoxys... — existem em profusão no paiz, e sabe-se que o agente vector da *souma ou soumaya* (doença da humidade), que persegue tão cruelmente os rebanhos, é semelhantemente uma stomoxe.

É geralmente á estação das chuvas que os indigenas doentes fazem referencia a respeito do principio da sua affecção. Mas nada é mais variavel do que a duração do periodo de incubação. Parece entretanto, que é mais curto nas regiões mais particularmente infestadas de glossinas, circumstancia que parece em relação com a maior frequencia das inoculações infectantes e talvez tambem com o seu mais alto grau de virulencia. Seja como for, a affecção, uma vez declarada, evoluciona em seis mezes ou um anno para o seu termo fatal.

---

[1] O A. escreve *manglier* e *palétuvier* mais adiante; são rhizophoras que se traduzem por mangue de onde vem a conhecida e magnifica madeira tão abundante nas colonias portuguezas.

E' de suppôr que, em vez da *manglier;* o *A.* escrevêsse *manguier*, (mangueira arvore que dá a apreciada *manga)* e que um erro de revisão deixasse passar assim. Seguimos esta hypothese na traducção.

MOVIMENTO SOCIAL

Sessões da Sociedade de Geographia de Lisboa

Sessão especial em 7 de janeiro de 1908. — Presidente o sr conselheiro *Francisco Joaquim Ferreira do Amaral*; secretarios os srs. conselheiro *Ernesto de Vasconcellos* e Dr. *Silva Telles*.

Resumo da sessão. — O sr. Presidente refere-se á exposição photographica colonial que a Sociedade acaba de organisar e cujo exito foi muito além do que se esperava. Diz que a vulgarisação de conhecimentos coloniaes precisava ser completada por meio de conferencias. Assim, a Sociedade de Geographia deliberou, desde logo, convidar os cavalheiros que mais conhecimentos tivessem da vida, dos costumes, do commercio, industria e territorio especialmente referentes a cada uma das nossas colonias para que viessem á Sociedade, dizer do muito que sabiam e que todos desejavam aprender. Cabia hoje a vez á Guiné cuja elucidação estava a cargo do sr. Loureiro da Fonseca. Em seguida o sr. Loureiro da Fonseca faz a sua communicação sobre a Guiné sendo acompanhada por grande numero de projecções electro-luminosas.

Sessão especial em 9 de janeiro de 1908. — Presidente o sr. Conselheiro *Francisco Joaquim Ferreira do Amaral*; secretarios os srs. conselheiro *Ernesto de Vasconcellos* e Dr. *Silva Telles*.

Resumo da sessão. — O sr: Presidente disse que a conferencia que ia ter logar era a segunda da serie que a Sociedade de Geographia no intuito de fazer uma desenvolvida propaganda sobre as nossas colonias, resolveu iniciar. Faz a apresentação do sr. Montalvão e Silva que ia dizer alguma coisa do muito que sabe sobre Timor.

O sr Montalvão e Silva faz a sua communicação sobre Timor que é acompanhada de projecções electro-luminosas.

Sessão ordinaria em 13 de janeiro de 1908. — Presidente o sr. *Carlos Roma du Bocage*; secretarios os srs. conselheiro *Ernesto de Vasconcellos* e Dr. *Silva Telles*.

Resumo da sessão. — Admissões. Eleito por acclamação, socio correspondente o Duque de Abruzzos a quem, o sr. presidente communica, vae ser offerecida a insignia social. O sr. presidente congratula-se pela presença da ex.ma sr.a D. Maria Thereza de Moura Coutinho Almeida d'Eça. Voto de sentimento pelos socios fallecidos. O sr. E. Vechi offerece um folheto intitulado «Antonio Cabreira.» Proposta da direcção nomeando socios honorarios os srs.: Alves Roçadas, Eduardo A. Marques, Francelino Pimentel e Victor Sepulveda O sr. Santos Ferreira faz a sua communicação sobre o escudo d'Armas de Portugal, sua origem e successivas modificações.

Socios admittidos n'esta sessão. — Ordinarios: os srs. Angelo Fadon Lizasso, José Joaquim Gonçalves de Medeiros, Avelino Augusto da Silva Monteiro, Gonçalo Pereira Pimenta de Castro, Nuno de Freitas Lomelino da Fonseca, José Martins, Antonio Sarmento Pereira Brandão, Carlos Caldeira da Costa, Antonio Ribeiro da Silva, João Teixeira dos Santos, Domingos Marques Diogo, Benjamim Buzaglo Junior, Antonio de Magalhães Barros Judice Queiroz, José Antonio Coxito Granado, Manuel Xavier Trindade Roquette, Fernando Vaz de Sampaio e Mello, Adolpho Alves Pereira d'Andrade; — *Correspondentes:* S. A. R. Duca degli Abruzzi, F. von Nievelt, C. H. E. Merteus, H. Mendes da Costa.

Sessão especial em 20 de janeiro de 1908. — Presidente o sr. conselheiro *Francisco Joaquim Ferreira do Amaral;* secretarios os srs. conselheiro *Ernesto de Vasconcellos* e *Hypacio de Brion.*

Resumo da sessão. — O sr. Presidente annuncia a realisação da terceira conferencia e faz a apresentação do sr. Almeida Garrett que irá fallar sobre Inhambane d'onde foi governador. O sr. Almeida Garrett faz a sua communicação sobre Inhambane que é acompanhada por projecções electro-luminosas.

Sessão ordinaria em 10 de fevereiro de 1908: — Presidente o sr. *Carlos Roma du Bocage;* secretarios os srs. *Dr. Silva Telles* e *Moreira d'Almeida.*

Resumo da sessão.—O sr. presidente refere-se á morte violenta do chefe do Estado que foi acompanhada da de Sua Alteza o Principe Real. Recorda os serviços prestados por Sua Magestade El-Rei ao paiz e á Sociedade. Encerra-se a sessão em signal de sentimento e fixa-se a noite de 25 do corrente para a assembleia geral administrativa.

Sessão especial em 20 de fevereiro de 1908. — Presidente o sr. *Vicente Almeida d'Eça;* secretarios os srs. conselheiro *Ernesto de Vasconcellos* e *Dr. Silva Telles.*

Resumo da sessão. — O sr. presidente faz a apresentação do conferente pondo em relevo a sua brilhante folha de serviços como official da Armada e como filho enthusiasta de Cabo Verde. O sr. Senna Barcellos faz a sua communicação sobre o archipelago de Cabo Verde, sendo acompanhado de projecções electro luminosas.

Sessão administrativa em 25 de fevereiro de 1908. — Presidente o sr. *Carlos Roma du Bocage*; secretarios os srs. conselheiro *Ernesto de Vasconcellos* e *Dr. Silva Telles.*

Resumo da sessão. — Discussão do relatorio de 1907 e parecer da Commissão de Contas sendo approvados sem impugnação. Eleição dos corpos gerentes para 1908. *Direcção* — Presidente, conselheiro Francisco Joaquim Ferreira do Amaral. Secretarios geraes, conselheiro E. Julio de Carvalho e Vasconcellos, dr. Francisco da Silva Telles. Vogaes, Antonio Alfredo Barjona de Freitas, conselheiro Antonio Duarte Ramada Curto, Carlos Roma du Bocage, Conde de Penha Garcia, Hypacio Frederico de Bryon, conselheiro Joaquim José Machado, José Augusto Moreira d'Almeida, conselheiro José Carlos de Carvalho Pessoa, Luiz Eugenio Leitão, conselheiro Rodrigo Affonso Pequito, Vicente d'Almeida d'Eça, Zofimo Consiglieri Pedroso. *Commissão de contas.* — Effectivos, Augusto Patricio Prazeres, Francisco dos Santos, Luiz Diogo da Silva; Supplentes, Francisco Ignacio de Carvalho, José dos Santos Netto.

Sessão especial em 5 de março de 1908.—Presidente o sr. *Vicente d'Almeida d'Eça;* secretarios os srs. conselheiro *Ernesto de Vasconcellos* e *Moreira d'Almeida.*

Resumo da sessão. — O sr. presidente refere-se em termos elogiosos ao sr. Esequiel de Campos que vae fazer uma conferencia sobre S. Thomé. O sr. Esequiel de Campos faz a sua communicação sobre S. Thomé que é acompanhada de projecções electro luminosas.

Sessão ordinaria em 9 de março de 1908. — Presidente o sr. *Carlos Roma du Bocage;* secretarios os srs. conselheiro *Ernesto de Vasconcellos* e *dr. Silva Telles.*

Resumo da sessão. — Admissões. O sr. presidente felicita a Sociedade pela presença de Mr. Clements Marckam, presidente honorario da Sociedade de Geographia de Londres. Voto de sentimento pelos socios fallecidos. O sr. Ca-

breira agradece a sua reconducção para a secção de mathematica. O sr gene Ackermann faz a sua communicação sobre «O petroleo em Portugal

Socios admittidos n'esta sessão. — Ordinarios: Julio Barradas Morg Crescencio Wenceslau Fernandes, Antonio Correia Pereira, Carlos Frec Lecor Buys, Ayres Paes de Lima Castello Branco, José da Fonseca Lag cques Fialho Leite, Carlos Manuel Duarte dos Santos, Joaquim Marque gueira, Armando Ribeiro Bravo, Thomaz de Mello Breyner, Arnaldo C Fortes, Visconde de Mairos, Alfredo Rebello, Jacob Ruah, Joaquim Prado Bernardo Correia Ribeiro, João Maria Ferreira, Carlos Marques e Sá, Al Candido Cordeiro Pinheiro Furtado, João Carlos da Costa; Corresponde srs. Baron C. G. W. F. van Vredenburck, João Lopes da Silva Martins J João Coelho Gomes Ribeiro, Esequiel de Campos, Luiz de Figueiredo I do Canto Corte Real.

Sessão especial em 16 de março de 1908. — Presidente o sr. *Carlos du Bocage;* secretarios os srs. conselheiro *Ernesto de Vasconcellos* e *dr. Telles.*

Resumo da sessão. — O sr. presidente apresentou o sr. Hypacio de proferindo a seu respeito palavras do mais justo e subido elogio. O sr. faz a sua communicação sobre a India e seus monumentos acompanhada d jecções electro-luminosas.

Sessão especial em 30 de março de 1908. — Presidente o sr. *Carlos du Bocage*; secretarios os srs. conselheiro *Ernesto de Vasconcellos* e *dr. Telles.*

Resumo da sessão. — O sr. presidente faz a apresentação do confere sr. João Carlos da Costa. O sr. J. C. da Costa, faz a sua communicação a existencia de jazigos petrolifeos na provincia de Angola. A communi foi acompanhada de projecções electro-luminosas.

Sessão ordinaria em 4 de maio de 1908. — Presidente o sr. *Consiglier droso;* secretarios os srs. *dr. Silva Telles* e *Moreira de Almeida.*

Resumo da sessão. — Admissões. Voto de sentimento pelos socios falle O sr. presidente refere-se ao livro offerecido pelo sr. Motta d'Almeida «A na alimentação». Refere-se em seguida ás proximas sessões, a da inaugu do busto de Sá da Bandeira e a da entrega da medalha de ouro ao sr. Roçadas. O sr. dr. Ardisson Ferreira faz a sua communicação sobre os «q maiores flagelo do seculo XX». O sr. Eugene Ackermann sobre a «Linhit Portugal, sua origem e suas applicações».

Socios admittidos n'esta sessão. — Ordinarios: srs. Manuel Vaz de San e Mello, Manuel Augusto de Mattos Cordeiro, Conde do Alto de Mearim, I cisco d'Albuquerque, Arthur Rodrigues de Almeida Ribeiro, Leonard S bielle, Jacob Levy, G. Saint René Taillandier, Manuel Augusto Ferreira M Ricardo da Fonseca, Guilherme Augusto Vidal Junior, Amelio de Barros, Gonçalves Figueira, Alvaro de Freitas, Pedro Doria Nazareth, Simão de mão Correia Arouca, Sebastião Cabral da Costa Sacadura, Camello Lima, nio Maria Raposo de Souza Alte, Manuel Mendonça Freitas, Gastão Sant' Barjona de Freitas, N. Libano Fialho Gomes, Ronald Garland Jayme, Maria d'Agrella, Antonio d'Oliveira Pina, Carlos Vaissier, Alfredo de Mend David, D. José Maria da Silva Pessanha, José Julio Correia da Silva, C Ferreira, Joaquim Borges Caldeira, Visconde das Larangeiras, Antonio d veira, José Agnello da Silva Ramos, Abilio de Jesus Meyrelles, José Mari Souza Andrade, José Joaquim de Castro, Pedro José Pereira, Carlos Aug Lory, Gabriel José Gonçalves Pereira Bastos, Manuel dos Santos Loure Henrique Antonio de Vasconcellos, Francisco Carlos Botelho Moniz Teix Adelino Martins Pinto, Antonio Alfaia de Carvalho, Jorge Justino de Mo Teixeira, Julio Augusto Ferreira, João Pereira de Magalhães; Correspon tes: srs. B. Itiberé da Cunha, Antonio Martins de Azevedo Pimentel, A. J.

ting, M. Stible, J. Ph. Schaeffer, Abel de Abreu Campos, F. U. Ockerse, Carlos d'Azevedo de Menezes, José Athayde Marcondes.

Sessão solemne em 31 de maio de 1908. — Sob a presidencia de *Sua Majestade El-Rei D. Manuel* II. Aberta a sessão o sr. Carlos Roma du Bocage agradece a S. M. a sua presença. Procede-se á entrega da medalha de ouro ao commandante da expedição Alves Roçadas e dos diplomas de socios honorarios a este e a Eduardo Augusto Marques, chefe do estado maior da expedição; Francelino Pimentel, commandante da companhia de infantaria e Victor Leite de Sepulveda, commandante da companhia de marinha. O sr. Alves Roçadas faz a sua communicação sobre a campanha. Segue-se S. M. El-Rei.

MOVIMENTO DE SOCIOS ORDINARIOS NO 1.º SEMESTRE DE 1908

Existentes em 31 de dezembro de 1907	2:289	
Transitados de correspondentes	21	
Admitidos	85	2:395
A deduzir:		
Por se despedirem	41	
Transitados a correspondentes	8	
Fallecidos (sendo um honorario)	20	
Eleito honorario (era ordinario)	1	70
Existentes em 30 de junho de 1908		2:325

Socios fallecidos no 1.º semestre de 1908

Mezes	Nomes	Profissões	Data da admissão
Janeiro...	Joaquim Esteves Pereira.....	Empregado no commercio	10- 4-906
»	Francisco Rodrigues Lapa....	Commerciante...........	4- 4- 95
»	José Pereira de Carvalho.....	Negociante	7-11- 92
»	Francisco Alves da Rosa....	Proprietario............	1- 6- 96
»	José Rodrigues Mano........	Commerciante...........	5- 6- 99
»	Conselheiro Hermenegildo A. Pereira Rodrigues.........	Funccionario Publico.....	15-11- 80
»	José Simões de Oliveira Martins	Auditor de Marinha......	7- 6-906
Fevereiro.	Eduardo Augusto Rodrigues Galhardo (Honorario)....	General, Vice-Presidente da Direcção em 1907, Vice-Presidente da commissão Africana em 1906-1907.................	10- 1- 89
»	Alberto Carlos de Paiva Rapozo	Guarda-livros...........	1- 6- 85
Março	Dr. Antonio d'Ordaz Elvas Mascarenhas..............	Medico.................	6-12- 97
»	Agostinho Guilherme Romano	Agente Consular...	6- 4- 96
»	Carlos Marques Baptista da Silva Leão...............	Official da Companhia dos Tabacos.............	7- 3- 96
Abril.....	Raphael de Mello Amaral.....	Negociante	7-11- 98
»	Dr. Francisco da Costa Felix..	Medico.................	8- 3- 97
»	José d'Oliveira Guimarães....	Machinista Naval........	7- 5-906
Maio......	Alfredo Correa..............	Funccionario Publico	7- 2- 98
»	José Ferreira dos Santos e Silva	Capitalista............	6- 6- 98
»	Julio Augusto Nunes	Proprietario............	1- 6- 85
Junho	Antonio Francisco Bayão.....	Commerciante...........	16-12-901
»	Manuel Nunes Geraldes......	Lente da Universidade...	30- 5- 81

IBLIOTHECA DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

Obras entradas dos mezes de janeiro a março de 1908

(N'esta lista não se incluem as publicações periodicas)

...onos. Instrucciones Jenerales Dr. Simon; Santiago. Publicado par el Sindicato de Potasa; Santiago, 1906. 1 folheto broc. 18×13. 48 pags. Offerta do sr. Herold & C.ª

...ubação da Vinha, Olivaes e arvores de fructo. Empregando o nitrato de sodio. Delegação Portugueza no Permanent Nitrate Committee. Lisboa, 1905. 1 folheto broc. 23×16-17 pags. Offerta do sr. Herold. & C.ª

...ubação das Vinhas (Resultados praticos da) Vindimas de 1905. Pelo agronomo Ramiro Larcher Marçal. Lisboa, 1906. 1 folheto broc. 21,5×14,5. 32 pags. e gravuras. Offerta idem.

...ubação de plantas horticolas, arvores de fructo e flores empregando o nitrato de sodio ou salitre do Chili, 2.ª edição correta. Lisboa, 1907. 1 folheto broc. 19×12,5. 20 pags. Offerta idem.

...ubação do Tabaco. Berlim, s/d. 1 folheto broc. 18,5×13. 6 pags. e gravuras. Offerta idem.

...ubação dos cereaes, trigo, cevada, centeio e aveia. Fertilisados com o nitrato de sodio. Delegação Portugueza do «Permanent Nitrate Committee» de Londres. Lisboa, 1907, 1 folheto broc. 23×15,5. 28 pags. e gravuras. Offerta idem.

...ubos de potassa, naturaes (Importancia dos) [Kalium] Sob o ponto de vista da cultura racional, por Jos. Goertz (Aos agricultores portuguezes). Lisboa, 1891. 1 folheto broc. 24×15. 37 pags. e gravuras. Offerta idem.

...ubos para plantas das zonas tropicaes. Guia e resultados das experiencias. Syndicato de vendas das minas de potasio. Leopoldskall-Stassfurt, s/d. 1 vol. broc. 23,5×15,5. 97 pags. e gravuras. Offerta idem.

...uas (As) e o ar na hygiene e na saude, por Guilherme Ennes. (Bibliotheca do povo e das escolas, n.º 222). Lisboa, 1904. 1 folheto broc. 16,5×10,5. 62 pags. Comprado.

...odão colonial (Associação Industrial Portugueza). Mensagem dirigida ao Ministro da Marinha e Ultramar, em 15 de março de 1908. Lisboa, 1908. 1 folha avulsa 36,5×21. Offerta.

...imentation (L') des Travailleurs, par le Docteur René Martial. Extrait de la «Revue d'Hygiène et de Police Sanitaire», n.º 6, Juin 1907, pags. 514. Paris, 1907. 1 folheto broc. 23×14,5. 16 pags. Offerta.

...manaque Náutico para el año 1909. Calculado de orden de la superioridad en el Instituto y Observatorio de Marina de San Fernando. San Fernando, 1907. 1 vol. broc. 26,5×13. xi+644 pags. Offerta.

...mérique (L') Centrale (Les richesses de) Guatemala, Honduras, Salvador, Nicaragua, Costa-Rica, Par Désiré Pector. Preface de M. E. Levasseur. Paris, 1908. 1 vol. broc. 22,5×14. ix+363 pags. Offerta do auctor.

...nuaire Astronomique de l'Observatoire Royal de Belgique publié par les soins de G. Lecointe 1908. Bruxelles, MDCCCCVII. 1 vol. enc. 18×12. LII+272 pags. e gravuras. Offerta.

Annuaire pour l'an 1908, publié par le Bureau des longitudes. Avec des notices scientifiques. Paris; 1907. 1 vol. broc. 15,5×9,5. Offerta.

Annuario da Escola Medica Cirurgica de Lisboa em 1905-1906, coordenado sob a direcção de P. A. Bettencourt Raposo. Lisboa, 1807. 1 vol. broc. 25×17. 177 pags. Offerta.

Annuario da Escola Medico Cirurgica do Porto. Anno lectivo de 1906-1907. Porto, 1907. 1 vol. broc. 23,5×15,5. xxxviii+295 pags. Offerta.

Annuario do Real Collegio Militar. Anno lectivo de 1906-1907. Lisboa, 1907. 1 vol. broc. 25×16,5. 170 pags. e graphicos. Offerta.
Annuario Estatistico de Portugal 1903. Vol. I. (Ministerio da Fazenda. Direcção Geral de Estatistica e dos Proprios Nacionaes). Lisboa, 1907. 1 vol broc. 26×17,5. Offerta.
Antropologie (Congrès International d') et d'Archéologie préhistoriques. Compte-rendu de la treizième session. Monaco, 1906. Tome 1er. Monaco, 1907. 1 vol. broc. 25×16,5. LI+459 pags. e gravuras. Inscripcção.
Antient Cymric Medicine. A reprint of the historical souvenir issued by B. W. & Co. on the occasion of the Meeting of the British Medical. Association at Swansea, 1903, London, s/d. 1 folheto enc. 18,5×11. 52 pags. e gravuras. Offerta.
Architectura de Zamora, Leon, Asturias e Galliza, por Alfredo Vaz Pinto da Veiga. (Associação dos Engenheiros Civis Portuguezes. Excursão a Espanha em 1906). Lisboa, 1907. 1 folheto broc. 23×14,5. 29 pags. e gravuras. Offerta do auctor.
Arte Mediéval (Bibliotheca de Instrucção Profissional. Elementos de historia da arte. Vol II). [Manual do operario]. Lisboa, 1907. 1 vol. enc. 22,5×15. 133 pags. Ind. e Catal. Comprado.
Ausbau (Der) des Konigsberger Innenhafens. Mit 12 Tajeln. Im Augtrage des Magistrats von Richter. Hönigsberg, 1907. 1 folheto broc. 31×23,5. 42 pags. mappas e gravuras. Offerta.
Australia (The First Discovery of) and New Guinea. Being the narrative of Portuguese and Spanish Discoveries in the Australasian regions, between the years 1492-1606, with descriptions of their Old Charts. By George Collingridge de Tourcey. Sydney: 1906. 1 vol. enc. 22×14. 136 pags., mappas coloridos, e gravuras. Offerta do auctor.
Azote barato. As leguminosas em geral e o tremoço em especial como origem de azote. Estrumes verdes para as principaes culturas: Vinha, Batata, Cereaes, etc. Pelo agronomo Ramiro Larcher Marçal. Lisboa, 1905. 1 folheto broc. 2,5×14. 32 pags. e gravuras. Offerta dos srs. Herold. & C.ª
Azote (O) pelos Drs. B. Alino e C. Giner, versão do hespanhol, por J. V. Paula Nogueira. (Bibliotheca do Portugal Agricola). Lisboa, 1901. 1 folheto broc. 18,5×12,5. 56 pags. Offerta idem.
Baunilhas. Versos. Por Alexandre Fernandes. Bahia, 1902. 1 vol. broc. 22×14. 129 pags. Offerta do sr. Silio Boccanera Junior.
Birds (The) of North and Middle America. By Robert Ridgway. Part IV. (Bulletin of the United States National Museum. N.º 50). Washington, 1907. 1 vol. broc. 25×15,5. XXII+973 pags.—XXXIV pranchas. Permuta.
Botanica (Curso Elementar de) para I, II, III, IV, V, VI, VII, classes dos cursos dos lyceus, por Antonio Xavier Pereira Coutinho. Approvado por decreto de 7 de setembro de 1907. Paris, 1907. 3 vol. enc. 18×12 e gravuras. Offerta dos editores.
Brazil (O) Central. Estudos patrios pelo Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel. Rio de Janeiro, 1907. 1 vol. broc. 23,5×16. 116 pags. e mappas. Offerta do auctor.
Bulletin de l'Association Technique Maritime. N.º 18. Session de 1907. Paris, 1907. 1 vol. enc. 27×18. LXXIII+432 pags. Offerta.
Cabreira (Antonio), Noticia succinta da sua vida e obras pelo professor Emilio Augusto Vecchi. Lisboa, 1907. 1 folheto broc. 23×16. 32 pags. e um retrato Offerta do auctor.
Cacao (La Fumure du) [Résultats d'Expériences] Par A. Couturier. Paris, 1902. 1 folheto broc. 24×15,5. 28 pags., indice e gravuras. Offerta do sr. Herold. & C.ª
Cafeeiro (Experiencias sobre a cultura racional do), pelo Dr. F. W. Dafert. Stassfurt, 1899. 1 folheto broc. 23×16. 70 pags. e gravuras. Offerta do sr. Herold & C.ª
Calculo das probabilidades, theoria dos erros e methodo dos minimos quadrados. (Noções sobre.....), por Rodolpho Guimarães (Bibliotheca do povo e das escolas. N.º 223). Lisboa, 1904. 1 folheto broc. 16,5×63 pags. Comprado.

Calendario della Basilica Pontificia. Del Santissimo Rosario in Valle di Pompeia. Per l'anno 1908. Valle di Pompeia, 1908. 1 vol. broc. 14,5×9,5 Offerta.

Caminho de Ferro do Norte da Ilha de S. Thomé. Elementos do projecto do 1.º troço «Cidade. Cruzeiro da Trindade», por Ezequiel de Campos. Porto, 1908. 1 vol. broc. 23×15,5. 101 pags., mappas e gravuras. Offerta do auctor.

Campanha (A) do Cuamato. Homenagem do Club Militar Naval ao commandate, officiaes e praças expedicionarias da columna d'operações aos territorios do Sul da Provincia de Angola em 1907. Lisboa, 1908. 1 folheto broc. 23×15,5. 55 pags. Offerta.

Canna de Assucar. Berlin, s/d. 1 vol. broc. 18,5×13,5. 96 pags. e gravuras. Offerta do sr. Herold & C.º

Capital (A) Federal e a Constituição da Republica. Appello ao Congresso Nacional por João Coelho Gomes Ribeiro. S. Paulo, 1907. 1 folheto broc. 23×16. 43 pags. Offerta do auctor.

Carlos (D.) O Desventuroso. Notas intimas, por Joaquim Leitão. Porto, 1908. 1 vol. enc. 18,5×10,5. 206 pags. Comprado.

Catalogue of the type and figured specimens of Fossils, Minerals, Rocks and Oris in the Departement of Geology, United States National Museum. Prepared under the direction of George P. Merrill head curator of geology. Part. II. Fossil vertebrates; Fossil plants; Minerals, Rocks, and Ores. Washington, 1907. 1 vol. broc. 24,5×15,5. 370 pag. Permuta

Catalunha e as Nacionalidades Ibericas, por Julio Navarro y Monzó. Lisboa, 1908. 1 vol. broc. 19×13. XXVI+347 pags. Offerta do auctor.

Chimica (A) na vida diaria. Preleções populares, por Lassar-Cohn. Versão portugueza de R. Spengler. Lisboa, s/d. 1 vol. enc. 20×13. X+372 pags. e gravuras. Offerta do traductor.

Coconuts (The Manuring of) Par Henry M. Alleyn. s/l. s/d. 1 folheto broc. 21,5×14,5. 15 pags. e gravuras. Offerta do sr. Herold. & C.ª

Como se deve adubar. Guia do agricultor para o emprego racional dos adubos mineraes pelo Dr. Hugo Mastbaum. Lisboa, 1897. 1 folheto broc. 21,5×15,5. 56 pags. e figuras. Offerta idem.

Compte Rendu de la Xème Session. Mexico, 1906. (Congrès Géologique International). I II fasciculo. Mexico, 1907. 2 vols. broc. 28×20,5. Gravuras e mappas. Inscripção,

Caso Agricolo-Legal (Um) Pelos agronomos Manuel V. Lobo Rodrigues Chicó e J. V. Gonçalves de Sousa. Lisboa, 1908. 1 folheto broc. 20,5×14. 16 pags. Offerta dos editores.

Compte Rendu in-extenso des Travaux. 3me Congrès International organisé à Bordeaux les 11, 12, 13, 14, 15, 17 et 18 juin 1904. Comité International du Commerce des vins, cidres, spiritueux et liqueurs. Exposition Maritime International & Universelle de Bordeaux. Paris, 1907. 1 vol. broc. 27×22. 573 pags. e gravuras. Inscripção.

Congrès (11e) d'Education Sociale-Comment la Classe Ouvrière a compris la solidarité; les caisses de secours et le Viaticum. La solidarité dans le combat par Edmond Briat et Dr. R. Martial. Bordeaux, 1907. 1 folheto broc. 23,5×15,5. 18 pags. Offerta.

Corps Rouges (Sur les) des Téléostéens, par Anthero Frederico de Seabra. Paris, 1897. 1 folheto broc. 24×15,5. 55 pags. e gravuras. Offerta do auctor.

Costa Rica (The Cyperaceae of) by C. B. Clarke (Contribution from the United States National Herbarium. Vol. X, Part 6) Washington, 1908. 1 folheto broc. 24,5×16. Permuta.

Cultura d'Algodão. Guia para tornar lucrativa a plantação d'Algodão. Berlim, s/d, 1 vol. broc. 18,5×13,5. 98 pags. e gravuras. Offerta do sr. Herold & C.ª

Cultura dos sobreiros (Regimen a seguir para a) para melhorar as condições da sua producção e obter cortiças de boa qualidade, por Jacintho Rocha. Lisboa, 1907. 1 folheto broc. 20×13. 16 pags. Offerta idem.

Culture Maraîchère (Petit conseiller pratique de). A l'usage amateurs jardiniers,

cultivateurs et ouviers, par J. B. Sannes. Traduit par O. Verstraete. Bruxelles, 1907. 1 folheto broc. 24,5×16. 40 pags. e gravuras. Offerta idem.

Discurso proferido na sessão inaugural do Hospital D. Carlos 1.º em 28 de setembro de 1906. Pelo governador José Celestino da Silva. Dilly, 1906. 1 folheto broc. 24,5×20. 4 pags. e indice. Offerta do auctor.

Discurso pronunciado na inauguração do Grupo Escolar da Cidade de Pitauguy (Minas) em 24 de novembro de 1907, pelo deputado Nelson de Lima. Bello-Horizonte, 1907. 1 folheto broc. 22×14. 15 pags. e o retrato do auctor. Offerta do auctor.

Eczéma (La) [A propos de] Ulcus rodens. Par R. Martial. Em o n.º 29 de «La Clinique» de 19 juillet 1907. Offerta.

Eczéma (L') [Traitement de] par la radiothérapia (Étude critique), par Leredde et R. Martial. Le Mans, 1905. 1 folheto broc. 24×16. 15 pags. Offerta.

Educação (A) do caracter. Discurso proferido na sessão solemne da abertura das aulas e distribuição de premios, por Alfredo Augusto de Oliveira Machado e Costa (Real Collegio Militar 1907-1908). Lisboa, 1907. 1 folheto broc. 25×16. 24 pags. Offerta do auctor.

Electricidade (Diversos aspectos de la ley de Ohm bajo el punto de vista de la enseñanza elementar de la) Par el Académico D. José Mestres y Gómez. Publicada en octubre de 1908. (Memoiras de la Real Academia de Ciencias y Artes de Barcelona. Vol. VI. Núm. 22). Barcelona, 1907. 1 folheto broc. 30×23,5. Offerta.

Elogio funebre do conselheiro de estado Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro pelo Dr. Augusto Joaquim Alves dos Santos. Proferido nas exequias solemnes mandadas selebrar pelo partido regenerador no templo de S. Domingos, de Lisboa no dia 13 de novembro de 1907. Coimbra, 1907. 1 folheto broc. 24×15,5. 46 pags. Offerta do auctor.

Emigração portugueza. 1901 a 1904. Ministerio dos Negocios da Fazenda. Direcção Geral de Estatistica e dos Proprios Nacionaes. Lisboa, 1904-1907. 4 vol. broc. 25×17,5. Offerta da Direcção Geral da Estatistica do Ministerio dos Negocios da Fazenda.

Encyclopedia portugueza illustrada. Diccionario Universal publicado sob a direcção de Maximiano Lemos. Caderneta 103 a 104. Comprado.

Engrais (Les) Chimiques en Algérie et Tunisie, par H. François. Paris, 1906. 1 folheto broc. 21,5×13,5. 8 pags. Offerta do sr. Herold & C.ª

Engrais (Les Minéraux en Culture Maraîchère). Essais d'engrais chimiques avec addition de potasse sur légumes par D. Grazide. Paris, 1906. 1 folheto broc. 21×13,5. 14 pags. e gravuras. Offerta idem.

Engrais (Les) Par Alfred Jouon. Parthenay, s/d. 1 folheto broc. 15,5×10,5. 86 pags. Offerta idem.

Enseignement (L') Colonial en France et à l'étranger por le Dr. Edouard Heckel et Cyprien Mandine (Exposition Coloniale de Marseille 1906). Marseille, 1907. 1 vol. broc. 28,5×19,5. 198 pags. Inscripção.

Esboço Monographico sobre os Cetonideos de Portugal, por Anthero Frederico de Seabra. (Estudo sobre os animaes uteis ou nocivos á agricultura). Lisboa, 1905. 1 fobheto broc. 23×14,5. 36 pags. e gravuras a côres. Offerta do auctor.

Esboço Monographico sobre o Platycerideos de Portugal, por Anthero Frederico de Seabra. (Estudos sobre os animaes uteis e nocivos á agricultua). Lisboa, 1905. 1 folheto broc. 22×14,5. 21 pags. e gravuras a côres. Offerta do auctor.

Esboço Monographico sobre os Scarabaeideos de Portugal (Coprini), por Anthero Frederico de Seabra. (Estudos sobre os animaes uteis e nocivos á agricultura). Lisboa, 1907. 1 vol. broc. 23×14,5. VIII+176+VII pags. Com gravuras a côres Offerta do auctor.

Estatistica Generale de Cereales y Oleaginosos. Republica O. del Uruguay Año agricola 1906-907. Por Juan José Aguiar. folha solta 27,5×49,5. Offerta.

Estatistica Geral dos Correios da Provincia de Cabo Verde. Anno civil de 1904. (Secretaria Geral do Governo da Provincia de Cabo Verde. Repartição Superior dos Correios). Praia, 1907. 1 folheto broc. 29×20. 80 pags. Offerta.

Estatutos da Sociedade Portugueza de photographia. Lisboa, 1907. 1 folheto broc. 20,5×13. 25 pags. Offerta.

Estudos Contemporaneos (Philosophia, Historia, Politica e Diplomacia), por João Coelho Gomes Ribeiro. São Paulo, 1907. 1 vol. broc. 23,5×16,5. 276 pags. e indice. Candidatura.

Étiologie (L') de la Paralysie Générale par le Dr. René Martial [Extrait] Em o n.° 9 da «Revue de Médecine» le 10 Septembre 1906. Offerta.

Falsificações alimentares, por Cardoso Pereira (Liga Nacional Contra a Tuberculose). Famalicão, 1908. 1 vol. broc. 24,5×14,5. 133 pags. Offerta.

Families (The) and genera of Bats by Gerrit S. Miller, Jr. (Smithsonian Institution United States National Museum, Bulletin 57). Washington, 1907. 1 vol. broc. 24,5×15,5. XVII+282 pags.—XIV estampas e gravuras. Permuta.

Flax Growing in Ireland by O. W H. Roulston. Dublin, s/d. 1 folheto broc. 21×14. 88 pags. e gravuras. Offerta do sr. Herold. & C.ª

Folhas Seccas (Versos), por Costa Goodolphim. Elvas, 1907. 1 vol. broc. 19×12,5. 179 pags. Offerta do auctor.

Fumure (La) dans les rapports avec la production laitiére, par O. Verstraete. Bruxelles, 1906. 1 folheto broc. 24,5×16. 10 pags· Offerta do sr. Herold & C.ª

Gabon (Le) ce qu'il a été, ce qu'il est, ce qu'il doit être, par M. Ch. Noufflard. Melun, 1908. 1 folheto broc. 25,5×16,5. LV pags. Offerta.

Garrett dia a dia. Ephemerides garrettianas, por Alberto Bessa. Lisboa, 1907. 1 folheto broc. 27×18,5. 61 pags. Offerta do auctor.

Géographe (Le) Thomas Lopez et son œuvre. Essai de biographie et de cartographie, par Gabriel Marcel. New York, Paris, 1907. 1 vol. broc. 25×16,5, 114 pags. Offerta do auetor.

Geology and water resources of the Bighorn Basin, Wyoming by Cassius A. Fisher. (Departement of the Interior. United States Geological Survey. Paper n.° 53). Washington, 1906. 1 folheto broc. 29,5×23. VI+72+IV pags, mappas e gravuras. Offerta.

Governo da Provincia da Guiné. 38 exemplares especimes de impressos uzados na Secretaria do Governo da Guiné e serviços officiaes 1908. Bolama, 1907. 30 numeros avulso. Offerta do Governo da Provincia da Guiné.

Grammatica franceza (Resumo de). Para I. II e III classes do curso dos lyceus, por R. Foulché Delbosce A. R. Gonçalves Vianna. Approvado pelo decreto de 7 de setembro de 1907. Paris, 1907. 1 vol. enc. 19,5×13. 198 pags. e gravuras. Offerta dos editores.

Grammatica Ingleza para II e III classes dos cursos dos lyceus, por A. R. Gonçalves Vianna. Approvado por decreto de 7 de setembro de 1907. Paris, 1907. 1 vol. enc. 19,5×13. 98 pags. e gravuras. Offerta dos editores.

Guia do Timoneiro ou o Summario dos Conhecimentos necessarios para exame, por João Duarte Rhodes e Raul Annay Cardoso. Pelo Real Club Naval de Lisboa. Lisboa, 1907. 1 folheto enc. 21×15,5. 50 pags. Offerta dos auctores.

Habitações operarias em Portugal. Relatorio apresentado ao 3.° Congresso da Liga Nacional contra a Tuberculose, por Antonio de Azevedo. Coimbra, 1905. 1 folheto broc. 22,5×14. 61 pags. Offerta.

Hamlet. Opera em 5 actos e 7 quadros. Por A. Thomas. Lisboa, 1881. 1 folheto broc. 20×13,5, 34 pags Offerta.

Heraldo da Madeira. Natal de 1907. Funchal, 1907. Numero commemorativo do Natal. Offerta.

Histoire de France, par Ernest Lavisse. Tome septième. II. Paris, 1907. 1 vol. broc. 23,5×18,5. 414 pags. Comprado.

Historia de Portugal popular e illustrada de Manuel Pinheiro Chagas. Continuada desde a chegada de D. Pedro IV á Europa até á morte de D. Maria II por J. Barbosa Colen, e d'ahi até aos nossos dias, por Marques Gomes. Tomos 89 a 96. Comprado.

Importancia extrategica da viação accelerada da provincia da Beira Baixa. Necessidade economico militar de uma nova linha ferrea, por Pedro Romano Folque. (Extrato da «Revista de Engenharia militar»). Lisboa, 1899. 1 folheto broc. 24,5×16. 37 pags. Offerta do aucter.

Industria alimentar. Bibliotheca de Instrucção Profissional. (Manual do Operario). Lisboa, 1907. 1 vol. enc. 22×15,5. 112 pags., indice e um catalogo. Comprado.
Influencia do catholicismo no direito portuguez. Memoria lida na sessão inaugural do 70.º anno academico da Associação dos Advogados de Lisboa, em 8-1-1908, por A. Pinto Gouveia. Lisboa, 1908. 1 folheto broc. 22,5×15. 40 pags. Offerta do auctor.
Instituto Historico e Geographico Brazileiro, por Mario Ney. («Renascença» n.º 45. Novembro 1907.) Offerta.
Instrucções praticas sobre o modo de colligir, preparar e remetter insectos para o Laboratorio de Pathologia Vegetal, por Anthero Frederico de Seabra. (Estudos sobre os animaes uteis e nocivos á agricultura). Lisboa, 1907. 1 folheto broc. 23×14,5. 52 pags. e gravuras. Offerta do auctor.
Instrucções praticas sobre o modo de remmetter plantas doentes e seus parasitas (insectos) para o Laboratorio de Pathologia Vegetal e lista das epiphytias mais conhecidas em Portugal, por Anthero Frederico de Seabra. (Direcção Geral de Agricultura). Lisboa, 1906. 1 folheto broc. 23,5×15. 13 pags. Offerta do auctor.
Juis (Le) dans la fabrication des isolants électriques et son emploi comme adjuvant du caoutchouc. Par Eug. Ackermann. (Em «La Revue de Chimie Industrielle». Janvier 1908. n.º 217). Paris, 1908. 1 folheto broc. 26,5×21,5. 34 pags. Offerta do auctor.
Japan (Herpetology of) and adjacent Territory by Leonhard Stejneger. (Smithsonian Institution United States National Museum Bul. 58). Washington, 1907. 1 vol. broc. 24,5×15. xx+577 pags. e gravuras. Permuta.
Kalidüngung der Weingärten. Von E. Lierke, Leopoldshall. Stassfurt. Herausgegeben von der Agrikultur. Abteilung des Verkaufssyndikats der Kali-, werk Leopoldshall. Stassfurt, 1903. 1 folheto broc. 24×16. 41 pags. Offerta do sr. Herold. & C.ª
Kalidüngung (Die) in den Tropen und Subtropen. Don Dr. U. Felber und D. Walta. Kalle, 1907. 1 vol. broc. 24×16. 113 pags. e gravuras. Offerta do sr. Herold. & C.ª
Klassischen Iagdgründen ein (In) Birschgang an Klios Kand von Alphons Baron Engelhardt. Schnellenstein. Neudauen, s/d. 1 folheto broc. 25×17,5. 27 pags. e gravuras. Offerta.
Kunftdüngung im Forftlichen Betriebe von Professer J. P. Beiler. Berlin, 1907. 1 vol broc. 23,5×16. 96 pags. e gravuras. Offerta idem.
Labiadas (As) de Portugal. Contribuição para o estudo da flora portugueza, por Antonio Xavier Pereira Coutinho. Lisboa, 1907. 1 vol. broc. 23,5×17,5, 135 pags. Offerta do auctor.
Législation Colonial (Mouvement de la) [Colonies françaises et Pays de protéctorat] 1896 1906, par Henry Babled. (Exposition Colonial de Marseille, 1906). Marseille 1907. 1 vol broc. 28,5×19,5. 554 pags. Inscripção.
Leituras Portuguezas. Colligidas por J. Barbosa de Bettencourt 1.ª, 2.ª e 3.ª classes. Approvadas pelo decreto de 7 de setembro de 1907. Paris, 1907. 1 vol. enc. 19,5×13. VII+279 pags. e gravuras. Offerta dos editores.
Ligação directa de Lisboa com a rede do sul do Tejo. (Necessidade economico-militar da) e sua solução pratica, por Pedro Romano Folque. (Extracto da «Revista de Engenharia Militar»). Lisboa, 1899. 1 folheto broc. 24,5×16. 17 pags. Offerta do auctor.
Liga de Instrucção em Vianna do Castello (Estatutos). Vianna, 1907. 1 folheto broc. 21,5×16. 17 pags. Offerta.
Linhas ferreas (Medição de obras de arte de) n'um estudo de reconhecimento. Methodo estabelecido para pontes e viaductos, por Pedro Romano Folque. (Extracto da «Revista de Engenharia Militar»). Lisboa, 1898. 1 folheto broc. 24,5×16. 25 pags. e gravuras. Offerta do aucéor.
Lisbon and Cintra. With some account of other sities and historical sites in Portugal, written by A. C. Inchbold, illustrated by Stanley Inchbold. London, MCMVII. 1 vol. enc. 24×17. x+247+4 pags. e gravuras. Comprado.
Lissabon (Illustrier Fühaer Durch) Nebst hurzen Anmerkungen über Portugal.

Bearbeitet von Luise Ey. Leipzig, s/d. 1 vol. broc. 15×10 134 pags. e gravuras. Offerta da auctora.

Lourenço **Marques** (O Porto de). Communicação de Hugo de Lacerda feita em sessão de 2 de dezembro de 1907. (Sociedade de Geographia de Lisboa). Lisboa, 1907. fasc. broc. 23,5×15,5. 42 pags. e mappas.

Lourenço **Marques**. The Delagoa directory 1908. A year book of information regarding the Port and Town of ..... Lourenço Marques, 1908. 1 vol. broc. 21×14. 145 pags. e mappas. Offerta do editor.

Lupus **tuberculeux** traité par les caustiques chimiques, par Leredde et R. Martial. (Extrait de «Revue Pratique des Maladies Cutanées Syphilitiques et Vènériennes», n.º5, mai 1907). Le Mans, 1907. 1 folheto broc. 24×15,5. 8 pags. e gravuras. Offerta.

Maladie (La) de «de Beurmann» par R. Martial. Em o n.º 41 de «La Clinique» de 11 d'outubro 1907. Offerta.

Mathematica (Obras sobre) do Dr. F. Gomes Teixeira Publicadas por ordem do Governo Portuguez. Vol. II. Coimbra, 1906. 1 vol. broc. 30,5×52. 424 pags. Offerta.

Medalha Commemorativa do casamento de D. João VI, por Arthur Lamas. Da collecção organizada por José Lamas. Lisboa, 1908. 1 folheto broc. 25×16,5. Offerta do auctor.

Methods of Analyses of the Potash Salts. Employed in the Laboratories of the Potash Industry. Stassfurt, 1906. 1 folheto broc. 18,5×11.5. 20 pags. Offerta do sr. Herold. & C.ª

Memorias de la Real Academia de Ciencias y Artes de Barcelona. Tercera epoca. Vol. III. Bercelona, 1907. 1 vol. broc. 33×35 e gravuras e 28 pranchas. Offerta.

Milho, batatas, cebolas, prados e hortaliças (A cultura do), por meio de adubos chimicos, empregando o nitrato de sodio. Delegação portugueza do «Permanent nitrare Committe». Lisboa, 1905. 1 folheto hroc. 23×15,5. 15 pags. Offerta do sr. Herold. & C.ª

Mining Concession on the Rio Doce State of Minas Geraes (Brazil) Description of some of the townships of its basid Travellers, Engineers, Brazilian and foreign naturalists in the Valley of the Rio Doce. Description and Report presented to the Government of the State of Minas Geraes by Dr. Nelson Coelho de Senna. Rio de Janeiro, 1907. 1 folheto broc. 21,5×14. 45 pags. Offerta.

Mocidade (A) de D. João V, por Luiz Augusto Rebello da Silva. Lisboa, 1907. 4 vols. enc. 18×10,5. Comprado.

Momentos importantes en la historia de la quimica orgánica. Memoria de Ingresso del Académico Dr. Aingust Murua y Valerdi. Publicada en diciembre de 1907. (Memorias de la «Real Academia de Ciencias y Artes de Barcelona». Vol. VI. Núm. 23). Barcelona, 1907. 1 vol. broc. 30×23,5. Offerta.

Myosite Syphilitique Gommeuse du Biceps par Lozé, Leredde et R. Martial. (Extrait de la «Revue Pratique des Maladies Cutanées Syphilitiques et Vénériennes n.º 8 Août 1907. Paris, 1907. 1 folheto broc. 24×16. 8 pags. Offerta.

Néogène (Le) Continental dans la basse vallée du Tage (Rive droite) 1.er Partie. Paléontologie par Fréderic Roman. Avec une note sur les empreintes végétales de Pernes par M. Fliche. 2.e Partie, Stratigraphie par Antonio Torres. [Commission du Service Géologique du Portugal]. Lisbonne, 1907. 1 vol. broc. 32,5×25. 108 pags., gravuras e mappas. Offerta,

Neurópteros nuevos por el academico correspondiente R. P. Longinos Navás, publicada em enero de 1908 (Memorias de la Real Academia de Ciencias y Artes de Barcelona. Tercera epoca. Vol. VI, N.º 25). Barcelona, 1908. 1 folheto broc, 30×23,5. 25 pags. e gravuras. Offerta.

Nitrato de Sosa (Empleo d l) y de otros abonos quimicos en los principales cultivos de España por Juan Gavilán. Madrid, 1907. 1 folheto broc. 19×13. 31 pags. Offerta do sr. Herold & C.ª.

Notas e chronicas. Paginas da historia religiosa do Brazil. Seculos XVI e XX. Por Nelson de Senna. S. Paulo, 1907. 1 vol. broc. 31×11,5. 118 pags. Offerta do auctor.

Notas fitogeograficas criticas por el académico numerario Dr. D. Juan Cadeval y Diars, publicada en enero de 1908 (Memorias de la «Real Academia de Ciencias y Artes de Barcelona». Tercera época, vol. VI. Num. 26.) Barcelona, 1908. 1 folheto broc. 30×23. 22 pags. Offerta.

Noticias archeologicas extrahidas do Portugal Antigo e Moderno de Pinho Leal com algumas notas e indicações bibliographicas por Eduardo Rocha Dias. Addenda II. Lisboa, 1908, 1 folheto broc. 21×14. 76 pags. Offerta.

Nuestro Estilo por el academico numerario D. José Masriera y Manovens. Publicada en enero de 1908. Memorias de la Real Academia de Ciencias y Artes de Barcelona. Tercera época, vol. VI. Num. 24). Barcelona, 1908. 1 folheto broc. 30×23. 6 pags. Offerta.

Nutrition by Plants during different periods of their Growth. (On the Assimilation of the Elements of) By Dr. H. Wilfarth, Dr. H. Römer and Dr. G. Wimmer. Translated from the German by B. Leslie Emeslie. London, s/d. 1 folheto broch. 22,5×14,5. 72 pags. e um catalogo de plantas. Offerta do sr. Herold & C.ª

Nutzbringende Vermendung des Düngers. Bericht erstattet in der Dünger.= Abteilung der Deutschen Landmirtschasts = Gesellschast von Rittergutsbefitzer R. Freytag. Roitz. Berlin, 1907. 1 folheto broc. 24×17. 13 pags. Offerta, idem

Obras publicas. (Novo methodo de decumentação das despezas de) Elaborado e proposto em 1895 por Pedro Romano Folque (Extracto da «Revista de Engenharia Militar»). Lisboa, 1900. 1 folheto broc. 23,5×15,5. 10 pags. Offerta do auctor.

Oração proferida na sessão solemne de abertura em 30 de outubro de 1907 por Alfredo Vaz Pinto da Veiga (Escola do Exercito 1907-1908). Lisboa, 1907. 1 folheto broc. 25×16,5. 24 pags. Offerta do auctor.

Palestra realisada na séde da Academia de Estudos Livres na noite de 29 de dezembro de 1907 por Luiz Furtado Coelho. Lisboa, 1908. 1 folheto broc. 23,5×15,5. pags. Offerta.

Partage (Le) de l'Océanie. Par Henri Russier. Paris, 1905. 1 vol. broc. 25×16 XI+370 pags., mappas e gravuras. Comprado.

Parto Cesareo (O). Sua historia, sua technica, seus accidentes e complicações, suas indicações e prognostico. Dissertação de concurso composta e apresentada á Escola Medico-Cirurgica do Porto por João Monteiro de Meyra. Porto, 1908. 1 vol. broc. 28,5×19,5. XIX+149 pags. Offerta do auctor.

Pesca (A) por Carlos Diniz (Bibliotheca do Povo e das Escolas, numero 224). Lisboa, 1905 1 folheto broc 16,5×10,5. 63 pags. Comprado.

Pétrole (Explotation du) Historique Extraction. Procédés de Sondage. Géographie et Géologie. Recherches des Gîtes. Exploitation des Gisements. Chimie. Théories de la formation du pétrole par L. C. Tassart. Paris, 1908. 1 vol. broc. 28×19. XIV+726 pags. mappas e gravuras. Comprado.

Pigmentation des Muqueuses (A propos de la). L'étiologie du vitiligo: R. Martial. Em o N.º 46 de «La Clinique», de 15 Nov. 1907. Offerta.

Plantes (La nourriture des) et l'emploi rationnel des engrais. Conférence faite á Tavannes, le 27 janvier 1907. Par le Dr. Arnold Kossel. Montier, 1907. 1 folheto broc. 21,5×13,5. 41 pags. e grav. Offerta do sr. Herold & C.ª.

Plantes (Les) Tropicales de grande culture par E'. de Wildeman. Tome I. Caféier. Cacoyer. Colatier. Vanillier. Bananiers. Bruxelles, 1908. 1 vol. broc. 27,5×18,5. VIII+390 pags. e estampas. Comprado.

Poesias de Ramos Coelho vertidas em italiano, hespanhol, sueco, allemão e francez. Lisboa, 1907. 1 vol. broc. 19×12. VIII+301 pags. e Ind. Offerta do auctor.

Polygrapho (Um) Argentino Ernesto Quesada. Perfil litterario por João Coelho Gomes Ribeiro. S. Paulo, 1900. 1 folheto broc. 23×15,5. 45 pags. Offerta do auctor.

Pommery (Louis). Membre titulaire de l'Académie de Reims. 1841-1907. Notice par M. Paul Pellot. s/l., 1907. 1 folheto broc. 22,5×18. 26 pags. Offerta do auctor.

Potasse (L'Ere de la) par Henri Blin. Lille, 1906. 1 folheto broc. 21×13. 56 pags. e gravuras. Offerta do sr. Herold & C.ª.

Pour la recherche rapide des fateurs premiers des grands nombres par Ernest Lebon. Paris, 1908. 1 folheto broc. 23×14,5. 7 pags. Offerta.

Principles (The) of soil fertility applied to warn out dyked lands by professor W, W. Andrews. Toronto, 1907. 1 folheto broc. 18,5×11,5. 12 pags. e gravuras. Offerta do sr. Herold & C.ª.

Problema (O) Naval Portuguez. Estudo por A. Pereira de Mattos. Tomo I. Porto, 1908. 1 vol. broc. 24×16,5. XV+381 pags. Offerta do auctor.

Proceedings of the United States National Museum. Volume XXXII. Par Charles D. Valcott. (Smithsonian Institution.) Washington, 1907. 1 vol. encadernado 23×15,5. XVI+767 pags. e LXXXII pranchas. Permuta.

Productions (Les) minérales et l'extension des exploitations minières par L. Laurent. (Exposition Coloniale de Marseille 1906), Marseille, 1907. 1 vol. broc. 28,5×19,5. 150 pags. e gravuras. Inscripção.

Rapport annuel présenté par le Comité à l'Assemblèe Générale du 26 Avril 1907 (Association des Intérêts Maritimes de Gand.) Gand, 1907. 1 vol. broc 24×15,5. 148 pags.+XXI. Offerta.

Recent Madreporaria of the Hawaiian Islands and Laysan by T. Wayland Vaughan (Smithsonian Institution United States National Museum — Bull. 59) Washington, 1907. 1 vol. broc. 31,5×24. 427 pags.+XCVI pranchas. Permuta.

Règlement et programme général avec les circulaires d'invitation au Congrès, des renseignements détaillés sur son organisation, la liste des délégations et diverses informations pratiques (Neuvième Congrès International de Géographie). Génève, 1908. 1 folheto broc. 21×13.5. 56 pags. Inscripção.

Regulamento da Capitania dos Portos (Governo da Provincia da Guiné). Bolama, 1906. 1 folheto broc. 25×18,5. 52 pags. Offerta.

Regulamento da Imprensa Nacional da Provincia da Guiné. Approvado por portaria provincial n.º 99 de 16 de maio de 1906. Bolama, 1906. 1 folheto broc. 22×14,5. 20 pags. Offerta.

Regulamento para a secretaria geral (Governo da Provincia da Guiné). Bolama. 1906. 1 folheto broc. 25×18,5. 13 pags. Offerta.

Regulamento para as residencias da Provincia da Guiné. Bolama, 1906. 1 folheto broc. 25×18,5. 12 pags. e diversos modelos. Offerta.

Relatorio das operações militares no Concelho do Ambriz pela Coiumna Movel de Policia. Por Fernando Astolpho da Costa. Novembro Dezembro de 1907. Loanda, 1908. 1 folheto broc. 24×16,5 e um mappp. Offerta do auctor.

Relatorio do Governador do Districto de Inhambane, Augusto Cardoso. 1906-1907. Lourenço Marques, 1907. 1 vol. broc. 24×15,5. VI+140 pags. Offerta.

Relatorio do Governador do Districto de Moçambique, Pedro Massano de Amorim. 1906-1907. Lourenço Marques, 1908. 1 vol. hroc. 24×15,5. 179 pags.+II. Offerta.

Relatorio do Governador do Districto de Quelimane, Eduarde do Couto Lupi. 1906-1907. Lourenço Marques, 1907. 1 vol. broc. 24×15,5. 109 pags. e Indice. Offerta.

Relatorio do Governador do Districto de Tete. J. Bettencourt. 1906-1907. Lourenço Marques, 1907. 1 vol. broc. 24×15,5. 94+III pags. Offerta.

Relatorio do Instituto Infante D. Affonso. Lisboa, 1908. 1 folheto broc. 21,5×14. 84 pags. Offerta.

Relatorio do Serviço dos Correios da Provincia de Cabo Verde relativo ao anno de 1805. Por Antonio Sarmento de Vasconcellos e Castro. Secretaria Geral do Governo da Provincia de Cabo Verde. Repartição Superiôr dos Corre:os). Praia, 1907. 1 folheto broc. 29×20. 80 pags.

Repertorio alphabetico subsidiario á collecção da legislação novissima do Ultramar do anno de 1906. Lisboa, 1907. 1 folheto broc. 29,5×20. 39 pags Offerta.

Report on the diatoms of the Albatross Voyages in the Pacific Ocean, 1888-1904. By Albert Mann (Contributions from the United States National Herbarium Volume X, Part 5.) [Smithsonian Institution United States National

Museum] Washington, 1907. 1 vol. broc. 25×15,5 com gravuras. Permuta

Report on the progress and condition of the U. S. National Museum far the year ending june 30, 1907. By Richard Rathbun. (Smithsonian Institutian United States National Museum). Washington, 1907. 1 vol. enc. 23×15. 118 pags. Permuta.

Report (Twenty — Fifth Annual) of the Bureau of American Ethnology tp the Secretary of the Smithsonian Institution. 1903-1904. Washington, 1907. vol. enc. 29,5×20. xxix+296+cxxix pranchas. Permuta.

República (La) Dominicana. Directorio y Guia General por Enrique Deschamps. Barcelona, s/d. 1 vol. enc. 25,5×17. 836 pags. e gravuras. Offerta.

Ressources (Les) agricoles et ferestiéres des Colonies Françaises par Henri Jumelle (Exposition Coloniale de Marseille 1906). Marseille, 1907. 1 vol. broc. 28,5×19,5. VIII+442 pags. Inscripção.

Results of investigation into the Cost of Parts and of their operation by Elmer L. Corthell (Permanent International Association Congresses). Brussels, 1907. 1 folheto broc. 24×15,5. 58 pags. e mappas. Inscripção.

Resumo dos resultados obticos em 21 departamentos da França, empregando simultaneamente o nitrato de sodio e os adubos phosphatados pelo Dr. D. L. Grandeau. Lisboa, 1897. 1 folheto broc. 22,5+25. 16 pags. Offerta do sr. Herold & C.ª.

Rio Esla (Sobre el origen del). Conferencia dada en la Real Sociedad Geográfica el dia 26 de Noviembre de 1907 par el teniente V. Garcia Rey. Leon, 1908. 1 folheto broc. 22×15. 40 pags. Offerta do auctor.

Scienciocracia. Socialismo pratico por Pedro Romano Folque. Lisboa, 1907. 1 vol. broc. 20×12,5. XXIII+510 pags. Offerta do autor.

Seeds and plants, imported far distribution in cooperation with the agricultural experiment of agriculture. Section of sud'and plant introduction Inventory n.º 8. Washington, 1901. 1 vol. broc. 22,5×14,5. 106 pags. Offerta.

Selecta Ingleza. Colligida por J. C. Berkeley Cotter e annotada por A. R. Gonçalves Vianna. II.ª e III.ª classe. Approvada pelo decreto de 7 de setembro de 1907. Paris, 1907. 1 vol. enc. 19,5×13. VIII+352 pags. e gravuras. Offerta dos editores.

Sganarello (Le cocu imaginaire) Comedia em um acto. Par Molière. Traducção de Henrique Lopes de Mendonça. Lisboa, 1887. 1 folheto broc. 19×12,5. 47 paus. Offerta.

Siolim (A freguezia de) por Antonio d'Athayde Lobo. Parte I. Nova Goa, 1907. 1 folheto broc. 16×11. Dedic., pref., gravuras e 28 pags. Offerta do auctor.

Tabaco (A Cultura do). Publicado pelas Minas dos Saes Potassicos de Stassfurt (Alemanha). Stassfurt, s/d. 1 vol. broc. 18×13,5. 96 pags. e gravuras. Offerta do sr. Herold & C.ª.

Taboas synopticas para exame e analyse de algumas fibras, fios e tecidos por Armenio Monteiro. Lisboa, 1907. 1 folheto enc, 18,5×13. 78 pags. Indice e gravuras. Offerta do auctor.

Tachygraphia por J. Fraga Pery de Linde. (Bibliotheca do Povo e das Escolas). Numero 225-226. Lisboa, 1906. 2 folhas broc.. 16,5×11 e gravuras. Comprado.

Therapeutica (A) Magnetica. Minuta do aggravo de João Leão Quartin, contra o M. P. Vianna, 1908. 1 folheto broc. 20×14,5. 15 pags. Offerta do auctor.

Travaux & Titres (Exposé des) du Dr. René Martial. Deuxième édition. Le Mans, 1908. 1 folheto broc. 24×15,5. 19 pags. Offerta.

Trechos escolhidos de auctores portuguezes para uso da 4.ª e 5.ª classe por J. Barbosa de Bettencourt. Approvados pelo decrto de 7 de setembro de 1907. Paris, 1907. 1 vol enc. 19,5×13. XVI+596 pags. e gravuras. Offerta dos editores.

Tuberculose (La) et l'hygiène des ateliers. Communication présentée au Congrès International de la Tuberculose. Paris, 2-7 octobre 1905. Par la Délégation de la Commission permanente des Congrès de l'Hygiène des Travailleurs et des Ateliers et rédlgée par les soins de Ch. Woillot et du Dr. René Martial. Paris, 1905. 1 folheto broc. 23,5×16. 13 pags. Offerta.

Untersuchungen über den Schiffahrtsbetrieb auf dem Rhein. Weser-Hanal von Dr. Ing. Sympher. Chiele e Bloch. Berlim, 1907. 1 folheto broe. 27×19. 88 pags. Offerta.

Wie dünge ich meinen Kartoffelacker? S/d. e S/l. 1 folheto broc. 25×16,5. 7 pags. e 3 gravuras. Offerta do sr. Herold & C.ª.

Wie zeigt sich der Kalimangel bei Klee und Timotheegras? Von Dr. Hjalmar von Feilitzen, Hannouor, 1904. 1 folheto broc. 25×17. 12 pags., gravuras e estampas. Offerta, idem.

Zoologia (Lições Elementares de). Para I, II, III, IV, V, VI, VII, classes do Curso dos Liceus por F. Mattozo Santos e Balthazar Osorio. Approvada pelo decreto de 7 de Setembro de 1907. Paris, 1907. 3 vol. encadernados 18×11,5 e gravuras. Offerta dos editores.

Relatorios

[A]ssociação de Soccorros Mutuos de Empregados no Commercio de Lisboa. Anno de 1907.

[A]ssociação de Soccorros Mutuos dos Empregados no Commercio e Industria. Anno de 1907

[C]aixa Economica Operaria. Anno de 1906.

[C]ompanhia da Real Fabrica de Fiação de Thomar. Gerencia do anno de 1906.

[C]ompanhia de Seguros Tagus. Anno de 1907.

[C]ompanhia Geral de Seguros Probidade. Gerencia de 1907.

[C]ooperativa Predial Portugueza. Gerencia de 1906.

[Re]al Velo Club do Porto. Gerencia do 1907.

Catalogos

[Ca]talogo geral da antiga casa Bertrand. Lisboa, 1907. 1 vol. broc. 26,5×18. VIII+115 pags. e gravuras. Oflerta.

[Ca]talogue général de la maison Georges Bargeaud. Classeurs, meubles et matériel pour Bibliothèques et Bureaux. Paris, 1904. 1 vol. broc. 23,5×15,5. 122 pags. e gravuras.

[Ca]talogue générale du Comptoir ethnographique de Belgique. 1908. Vente achat-échange. Bruxelles, 1908. 1 folheto broc. 24×15,5. 22 pags. e gravuras.

26.ª Série — 1908 N.º 8 — Agosto

BOLETIM

DA

Sociedade de Geographia de Lisboa

FUNDADA EM 1875

SUMMARIO

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
Rua do Diario de Noticias, 110

1908

BOLETIM DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

Director, proprietario e editor—*Sociedade de Geographia de Lisboa*—Rua de Santo Antão—Lisboa
Composição e impressão na Typographia Universal
pertencente a Coelho da Cunha, Brito & C.ª — rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

MITRAS LUSITANAS NO ORIENTE

Catalogo dos Vigarios Geraes e Visitadores das Missões do Norte e do Sul de Goa, e dos Superiores Ecclesiasticos de Cranganor, Cochim, Meliapor, Malaca, Macao e Moçambique e suas circumscripções, com a recopilação das ordenanças por elles expedidas.

I — Norte.

a) BOMBAIM.

1557? — *P.e Alexandre Valignano*, jes., visitador das missões do Norte (1).

15.. — *P.e João Soares:* «Chaulensem antistitem» assim o qualificam Maffaei *Opera Omnia* I, 390.

1581 — *P.e Claudio Rodolpho Aquaviva*, jes., visitador das missões do Norte: do que fez n'essa visitação dá elle mesmo amplas noticias na sua carta, transcr. nas *De reb. japon., indic. et peruan. epist. recent.*, Antuerp. 1605 p. 809, 10 e seg.

158.. — *P.e Nuno Fernandes de Siqueira*, nom. pelo arcebispo D. Vicente da Fonseca visitador das egrejas do Norte (2).

1603 fev. 15. C. r. «Tambem me dizeis que o arcebispo de Goa D. Aleixo de Menezes estar *(sic)* determinado de ir visitar n'aquelle verão as fortalezas do Norte, lhe pedireis quizesse ir invernar a ellas, para com sua presença e auctoridade aquietar a cidade de Chaul e provêr as mais, a que elle se offerecêra mostrando n'isso muito zelo de meu serviço, e partira em 25 de maio...; que o arcebispo procedeu como convinha a meu serviço, e que depois de ter visitado e cumprido com as obrigações de seu officio pastoral, entendera na arrecadação de minhas rendas, em que achara muitas desordens e que reformara isto de tal maneira, que cresceram nove mil pardaos de

(1) *Oriente portug.* N. Goa 1907 maio p. 186.
(2) *Archivo Portg. oriental* III, 157.

ouro nas ditas rendas»... «Que andando visitando o arcebispo as egre-
jas de Tannah», achara tambem ahi muitas malversações, e deu
ordem no pagamento evitando despezas phantasticas; que achara
ainda muitas desordens nas fortalezas de Baçaim e Damão (3).

Em 1605 em virtude da pastoral do mesmo arcebispo Menezes (I
P. p. 113), foram authenticados, não consta por qual superior eccle-
siastico, 120 milagres obrados por N. S. Remedios, titular da egreja
do mesmo nome em Baçaim, alguns dos quaes se relatam na *Hist. S.
Doming.* III 1. 5. c. 15 e no *Santuar. Marianno* VIII, 212.

1610 janeiro 21. C. r. Concede ao provincial dos jesuitas, em
Goa, para ajuda de custo, quando fosse visitar as egrejas do Norte,
200 pardaos d'esmola. — *Docum. rem. Ind.* I, 286.

Em 1615 estando de visita ás egrejas do Norte o arcebispo D.
Christovão de Sá (I P. p. 119 e 606), intentou fundar em Baçaim
um recolhimento, «para guarda da honestidade das donzelas e casa-
das moças, cujos maridos acontece andarem muito tempo ausentes»;
não se levou a effeito esse projecto pelo desapprovar s. mag. em c.
r. de 20 fev. 1618, movido pela seguinte informação do vicer. Ind.
(30 dez. 1616): «N'este inverno passado estando o arcebispo... em
Baçaim, tratou de edificar ali um mosteiro ou recolhimento de mu-
lheres, e se entende que o effeituaria se a cidade que a principio lhe
pediu ou facilitou, o não encontrára depois, e posto que o arcebispo
sabe da ordem que ha de v. m. em contrario, todavia para que ella
se cumpra melhor, convirá que v. m. lhe mande escrever sobre isto,
e advertil-o que não se intrometta n'estas obras» (4).

Estão publ. nos *Doc. rem. Ind.* IV, 78, 9 documentos justificando
o arcebispo da accusação, que falsamente se lhe fez de ter pretendido
entrar em Baçaim a cavallo debaixo do pallio, e que o levasse de re-
dea um dos fidalgos daquella cidade. No arch. t. tombo encontra-se
a c. r. de 15 março 1617 mandando, que os bispos da India não
entrem em seus bispados a cavallo debaixo do pallio; e outra c. r.
de 7 março 1619 em que el-rei se dá por satisfeito das justificações e
informes enviados pelo arcebispo de Goa, a respeito de sua entrada em
Baçaim. Outrosim encontram-se copias da c. r. de 27 março 1620 exi-
gindo informação do vr. Ind., sobre as egrejas que o mesmo arcebispo
mandou erigir de novo no Norte, — e da resp. do vr. de 18 fev. 1621.

Em 1617 (?) escreveu o vr. Ind. a s. mag.: «O arcebispo d'esta
cidade veiu o anno passado do Norte onde era ido a visitar, e correu
pessoalmente todas aquellas terras em que trabalhou muito» (5).

1616 — Provincial dos jes. em Goa: foi visitar as suas casas do
Norte (6).

---

(3) *Bolet.* Goa 1880 n.° 101: v. ib. 1881 n.° 143.

(4) V. Bocarro dec. 13 p. 623. — *Documt. rem. Ind.* IV., 848, — *Bolet.* 1883,
n.° 267. Lê-se na *Rebelion de Ceyl n y los progr. de su conq.*, Lisb. 1681, pag. 65
que o arcebispo invernou em Baçaim em 16 8. A respeito do recolhimento de
donzelas que se fundou em Baçaim, para nelle se receberem meninas especial-
mente orfãs v. *The origin of Bombay*, Gerson da Cunha, Bomb. 1900 p. [illegible]

(5) *Bolet.* 1884 n.° 15.

(6) V. b. 1883 n.° 267.

Na obra ms. do arcebispo de Goa D. Ignacio de S. Thereza *Estado do pres. est. da Ind.* § 46 se diz, que «em Chaul fizeram os moradores uma descortezia a um bispo governador, a quem visitando a fortaleza deram de proposito um encontrão e o fizeram cahir; principiando ao mesmo passo da queda do prelado o descaimento e ruina d'aquella cidade». Não aponta o nome do bispo nem o anno em que isto se passou: seria D. Fr. Manuel de S.to Antonio, de quem adiante faço menção?

1617? — *P.e Francisco Callaça*, conego da sé de Goa, nom. pelo arceb. D. Christovão visitador das missões do Norte. Em 1618 Vasco da Gama, capitão da fortaleza de Chaul afrontou este visitador, mandando botar fóra da egr.a em Chaul a cadeira posta para seu assento; do qual aggravo queixando-se o arcebp.o ao vice-rei, foi por este reprehendido pelo desacato feito contra a egr.a o dito capitão, e com mais razão do que o vice-rei fizera com D. João Silveira e João Cayado de Gamboa, pelo que commetteram contra o bispo de Malaca (V. adiante cap. *Malaca)*, sendo em caso mais leve (7). Por sua parte queixando-se dessa reprehensão a s. mag. o d.o V. da Gama, e mandando elrei informar o vicerei, respondeu este em 18 fev. 1621 que encarregára ao chanceller da relação a inquirição desse facto, e o chanceller disse «que estava lembrado que o capitão de Chaul V. Gama se queixára á relação do arcebp.o, o mandar notificar com cominação de censuras..., que se não intromettesse em defender a jurisdicção real, e deixasse esse cuidado ao ouvidor a quem pertencia. E que tambem se queixára de Francisco Callaça, dignidade dessa sé de Goa visitador do arcebp.o, indo a Chaul se tratar com pompa episcopal, sentando-se nas egr.as em cadeiras d'espaldas de velludo sobre alcatifa csm sitial diante»...

1619? — *P.e João Fernandes d'Almeida*, inquisidor, visitador das egr.as do Norte; acerca de sua visitação informou o vr.Ind. a s. mag. em 14 fev. 1620: «O inquisidor 2.o João Fernandes d'Almeida foi visitar as partes do Norte, por ordem do inquisidor geral, e ha perto de um anno que anda naquellas partes»; e em 12 dez. 1621: «Resultou muito fructo d'esta sua jornada, assim por muitas cousas que havia que remediar, por haver muitos annos que não tinha passado áquellas partes (do Norte) outro ministro da inquisição; como por o inquisidor (Almeida) se baver nella com muita inteiresa e prudencia, deixando grande satisfacção de seu procedimento nesta visita».

Deferindo a pretenção do arcebispo D. Sebastião de S. Pedro, da visita que queria fazer ás partes do Norte, e pedia embarcações e as mais cousas que se deram aos seus antecessores, quando foram visitar aquellas missões, mandou s. mag. em c. r. de 23 fev. 1629 que se désse ao arcebp.o, o que se costumou dar aos seus antecessores para esta visita.

Do relatorio ou representação que fr. Simão de Nazareth, provincial dos francisc. em Goa dirigiu a s. mag. em 13 dez. 1629 consta,

---

(7) *Chronista Tissuary*, 1869 n.o 42, — *Doc. rem. Ind.* IV, 211 — *Ensaio hist. ling. concani*, N. Goa 1858, p. 204.

que no Norte possuiam aquelles relig.os 18 egr.as com mais de 25:000 christãos (8).

Em 4 jan. 1630 escrevia o vr. Ind. a s. mag.: «Lembrei ao cabido mandasse visitador (ás missões do Norte), e ao bispo D. Apollinar d'Almeida que passa a Ethyopia ordenei chrismasse, como o fez, em todas as cidades do Norte (9).

Em 1636 e nos annos ant. e post. o prior do conv.to dos august. em Mascate, era vigario da vara de todo o estreito e christandade do mar Persico.

1633 — *Fr. Jeronymo da Paixão*, visitador das egr.as do Norte, como vigario ger. dos dominic. e como governador do arcebispado de Goa, que então era juntamente (10).

Em 8 março 1636 o vr. da Ind. deu conta a s. mag. «de um crime.. enorme.., que se commetteu no Norte.., e foi que indo fr. Jeronymo da Paixão, vig. ger. da ord. de S. Domingos, que se achava no Norte (onde era ido visitar seus conventos, com poderes de commissario do s. officio), a uma aldea da jurisdicção de Baçaim por nome Cassumba, de que é senhorio um fidalgo por nome André Telles de Menezes, levando comsigo um relig.o seu companheiro e o licenc. Francisco Calassa vig. de Baçaim, e outras pessoas e officiaes do eccles.o, para o effeito de mandar quebrar um pagode de grande adoração dos gentios, que na dita aldea estava com notavel escandalo dos christãos, e por ser em terra de v. m., e querendo executar o intento que levava, lhe saiu ao encontro a gente da mesma aldea com muitas armas, e com grande impeto e alarido feriram mortalmente os d.os padres e officiaes que com elles iam de feridas, de que em breves horas morreram com grande sentim.to dos christãos, porque o dito fr. Jer.o era relig.o de exemplar virtude e santidade». N'outra c. de 11 de nov. seg. dizia o mesmo vr.: «Fr. Jer.o da Paixão morreu no Norte pela nossa s.ta fé.., e os relig.os da sua ordem me affirmam, que seu corpo em Baçaim onde está, obra muitos milagres de que se está fazendo averiguação».

Acerca do que obraram em Bacaim sobre materias eccles.as, os visitadores das fortalezas do Norte despachados pelo vr. da Ind., «que passaram uma provisão para os vigarios das freguezias não levarem azeite nem outras cousas pelos casam.tos dos gentios, nem pelas ramadas que para elles fazem, e queimas de corpos mortos de parentes, e não conhecerem das causas dos seus freguezes, e outra para se lhe cumprirem ao povo gentio as provisões que tivessem em seu favor, e para os pais dos christãos não tomarem seus filhos por orfãos», — declarou s. mag. em c. r. de 19 fev. 1636, «que os visitadores seculares se não podiam intrometter nos matrimonios dos gentios, nem mandar aos vigarios cousa alg.a sobre elles..; porém sendo o que elles ordenaram conven.e ao serviço de Deus e bem das christand.es,

(8) *Bolet.* 1884 n.o 109,
(9) Ib. 1884, n.o 51.
(10) V. I P. d'estas *Mitras*, pag. 140, — *Relaç. sum. serviços rel dominic.* pag. 10, *Aziolg. domin.* Lisb. 1709 i, 266.

vos encom.[do] (ao vr. Inc.) que chamando o arcebispo de Goa, trateis com elle a materia, e achando que convém o que os visitadores haviam ordenado, o faça elle executar por provisões suas dirigidas aos vigarios, pois a elle tocam estas prohibições, e advertireis tambem ao arceb., que lhes não consinta tomarem conhecim.[io] das causas de seus freguezes, mais que naquelles casos que por direito e constituições synodaes lhes pertencer fazel-o...»

1636 — *Fr. Antonio Baptista*, dom., visitador das egr.[as] do Norte: depois bp.[o] eleito de Macao.

Na c. r. de 14 jan. 1639 se diz: «Sobre a provisão que se passou para os botiqueiros da fortaleza de Chaul, avençaes de minha fazenda, poderem vender nos domingos e dias santos os mantimentos que quizessem, ante missa com a porta meia aberta e depois patentem.[te], e os escriptos que sobre a materia escreveu ao secretario desse estado, o bispo de Cochim sendo governador delle..; e outra semelhante provisão (que passou D. Jeronymo d'Azevedo). que o bp.[o] dizia não constava se praticasse, nem era justo que se mandasse nella ao vigario da vara ecclesiastico que a obedecesse.., (resolveu) que esta provisão se recolha e não use della, por quanto na jurisdicção eccles.[a] e guarda dos preceitos da s.[ta] egr.[a] cathol.[a] se não pode intrometter outrem».

A 1 out. 1641 foi acclamado elr. D: João IV em Chaul, presidindo a funcção religiosa o p. Gonçalo Fernandes de Sá, prior e vigario da matriz collegiada de Chaul, como se vê do respectivo termo d'acclamação e juram.[to], que existe no arch. t. tombo.

Existe tambem nesse arch. a queixa que em 20 dez. 1642 fez a s. mag. fr. Manuel de S.[to] André, que servia nas terras do Norte de pai dos christãos desde 1636, de que os ministros seculares não guardavam os privilegios e isenções dos christãos novam.[te] convertidos; sobre a qual s. mag. em c. r. de 4 ab. 644 exigiu informação do vr. da Ind.

Em 1644 era fr. Fernando do Rosario, aug., visitador das missões de Mascate.

1646 —*P.[e] Gregorio Domingues*, jes., nom. visitador dos collegios, casas e egr.[ac] dos jes. no Norte; foi-lhe arbitrada em 3 nov. 646 ordinaria pela fazenda de Goa.

1648 — *Fr. Francisco da Conceição*, franc., visitador das egr.[as] do Norte. «Visitei as partes do Norte o an. pass. (diz elle a s. mag. em uma representação dat. de 16 jan. 649), onde fiz dous baptismos geraes de infieis de mais de 700 almas, que por suas livres vontades vieram ao gremio da s. madre egr.[a], e o que é mais de considerar, muitos orfãos se baptisaram com grande apllauso do christianismo, como se póde vêr pelas certidões que apresento».

Em 1649 recolhendo-se a Goa *fr. Jeronymo Ferraz*, provincial dos francisc. da visita ás egr.[as] do Norte, levou de Chaul a madeira precisa para o tecto da egr.[a] de Parrá, como das casas parochiaes, e deu tambem todo o necessario para o culto divino (11)

---

(11) *Ens. hist. ling. concani*, p. 413.

1650? — *P.e Bento Ferreira*, jes., reitor do seminario de Rachol, nom. por seu provincial visitador das egr.as de Bombaim.

D'um «vescovo missionario» que achava-se em Chaul em 1672, falla fr. Vicente M. de S. Caterina de Sena *Viaggio all' Ind or.* 129.

Pelos an. de 1682 entrando pelas terras do Norte com um formidavel exercito, o terrivel inimigo da religião christã Sivagy, destruiu quantas egr.as pôde a ferro e fogo (12).

Entre os annos 1685 a 97 o p.e João da Gloria, missionario portg. em Mazagão, converteu e baptisou a Mathens, filho do finado «lieutenant (de Bombaim) Tharpe», pelo qual facto foi preso... (13).

A p. 196 da I P. d'estas *Mitras* ficou dito que o arceb. D. Agostinho da Annunciação mandou visitadores, que por elle visitassem as missões do Norte.

Desde 1698 até 1728 os relig.os francisc. que parochiavam as egr.as do Norte, haviam convertido e baptisado 1009 gentios, perto de 300 dos quaes em tp.o do arceb. D. Ignacio de S. Theresa: no *Discurso apologet. em que se mostra a fals. da queixa que os canarins remetteram ao cons. do ultr. contra os rel. francisc...* (ms. bibl. nac. Lisb. e arch. t. tombo), está inserta a estatistica d'esses individuos baptisados em cada uma das sobred.as egr.as

1702 — *P.e Manuel João Vieira*, inquisidor, e deão da sé de Goa, nom. visitador das egr.as de Bombaim. Em 1714 tornou a visitar as mesmas egr.as (14).

1715 — *D. Fr. Manuel de S.to Antonio*, bp.o de Malaca: achava-se n'esse a. 1715 em Goa; acceitando a jurisdicção do cabido da sé prim.al, passou a Bombaim com a delegação de visitador das egr.as (15): propoz a s. mag. que era m.to conven.e haver um bp.o portuguez em Baçaim, e el-rei mandou em c. r. de 12 ab. 1718 informar sobre esta materia ao vicer. da India. D'uma desattenção que se fez a este bp. visitador o general da praça do Norte, faz menção o arceb. de Goa D. Ignacio de S. Theresa no *Estado do pres. est. da Ind.* § 48.

Na c. r. de 26 out. 1716 dizia s. mag. ao vice rei da India: «... Se viu o que escrevestes em carta de 11 jan. d'este an., em como. . a falta de fragata fôra causa com que o bp.o (de Malaca) se detivesse n'essa cidade (de Goa), sem embargo de se lhe ter deferido a todos os seus nogocios que o obrigaram a vir a Goa, e que representando-vos o cabido que visto se ochar n'essa cid.e o bp.o de Malaca, e não serem as terras do Norte visitadas havia 30 an.s, seria conven.e que o dito prelado fosse a esta dilig.a, e como julgaveis ser este nogocio tanto do serviço de Deus, em ordem e se castigarem alg.s escandalos que não faltavam naq.las terras, propuzereis ao bp.o esta materia, e que assentindo n'ella, e que para este effeito vos resolve-

(12) V *Santaur. Marianno* VIII, 217, 23, 4, 60, 2.

(13) *The English in western India*. Phil. Anderson, Bombaim 1854 p. 134.

(14) *Arch. portg. or.* VI, 159, 78, *Notic. e document. para a hist. de Damão*, Bastorá 1900 p. 128.

(15) No *Bolet.* 1861, n.o 23 estão publicadas as 2 cartas do vicer. Ind. de 5 e 6 nov. 1714, propondo ao dito bispo que vá visitar aquellas missões, e a de 31 julho 716, remettendo ao cabido a carta que do Norte escreveu o bispo.

reis a dar-lhe embarcação para seu transporte. Me pareceu bem dizer-vos que obrastes bem n'este particular de que me dais conta, e que espero de vós que recolhendo-se o bp.º d'esta visita para Goa, concorrais com todos os meios para que vá para o seu bispado, onde se considera fará gr.de falta a sua pessoa para o pasto das suas ovelhas, que ha tantos annos estão sem terem quem os governe».

Respondeu o vicer. em 17 jan. 1718: «Quando cheguei do reino..., se achava já n'esta cidade o bp.º de Malaca, que se havia recolhido das terras do Norte, logo que chegou a ella o arceb. primaz»: acrescenta que para a viagem d'aq.le bp,º para Timor aprestára um patacho.

Em 19 jan. 1719 respondeu assim o vicer. da Ind. a sobred. c. r. de 12 ab. 1718: «... O bp.º de Malaca se achava em Bacaim, e não devia ter muita vontade de voltar para Timor; supponho que por essa razão deu a v. mag. arbitrio de criar se novo bp.º para o Norte... Não sendo tão larga a viagem, podem os arcebispos de Goa ir visitar alg.as vezes a prov.cia (de Baçaim), hoje a melhor e maior da sua jurisdicção»: allega que a faz.da publ.a não pode pagar mais a congrua de novo bp.º, e que no mesmo sentido de não ser conveniente a criação de bispado em Baçaim, se deliberou no congresso do povo e senado da camara de Baçaim no dia 2 d'aq.le mez.

Em 1717 o p. Jorge Pereira era vig.º da vara e prior da matriz de Chaul.

1719 ou 20 — *Fr. José de S.ta Theresa*, dom., visitador das missões do Norte.

Creio que em 1728 era em Chaul vig. da vara e prior da sé o p. Peregrino de Mesquita.

1736? — *Fr. Miguel da Madre de Deus*, francisc., visitador dos conventos da sua ordem na provincia do Norte (16).

1737 — *Fr. Lourenço da Encarnação*, visitador das missões (17).

Em 1738 maio 17, q.do os marathas conquistaram Salcete, destruiram innumeraveis egr.as, conventos e sanatorios (18).

Em 1744 foi nom. pelo arcebispo de Goa um «visitador para as terras do Norte». Não sei quem fosse.

Em 1789 intentou o arceb. S.ta Catharina, como se disse na I P. p. 523, nomear o *p. Eusebio Luciano Carvalho Gomes da Silva*, vig. g. em Bombaim e mandal-o por seu visitador as terras do Norte, com faculd.e para conferir o sacr.to da confirm.ão, mas por modestia elle se excusou (19).

---

(16) *Oriente portg.*. N. Goa 1906, p. 277.

(17) *Notic. e doc. p. a hist. Damão*, 128.

(18) *Relaç. guerr. Ind. desde 1736 até 1740*. Lisboa 1741 — *Chron. cous tituc. Goa* 1836, n.º 54, — *Notes on the hist. and antiq. of Chaul and Bassein*, J. Gerson da Cunha. Bomb. 1876, p. 199, — *Oriente portg.* 1906, n.os 3, 4 e seg. p. 85 e seg. Consta da *Gazeta de Lisboa* 1726, n.º 52, que em abril 1725, o Pelogy e o Marata invadiram contra a fé dos pactos que tinham feito com o general D. Luiz da Costa a provincia do Norte, roubando e queimando 12 aldeias, empregando 14 000 homens n'esta expedição. V. mesma *Gazeta* 1732, n.os 28 e 29.

(19) *Compend. da vida do dito Eusebio Silva*, cap. XIII, — *Sernache do Bom Jardim*, Candido S. Teixeira, Lisb. 1906, p. 121, 6.

1789 — *P.e João Antonio da Silva*, parocho da Raia e desembargador da rel. eccles. de Goa; nom. por provis. archiep. de 7 maio vigario ger. de Bombaim; e por outra de 5 maio visit. ger. das missões de Tanna e Baçaim. Conseguiu que os missionarios carmelitas da propaganda, estabelecidos em Bombaim, que se haviam apoderado de todos as egrejas fundadas pelos portuguezes no Norte, aproveitando da injusta protecção do governo britanico em 1726, prestassem juramento a 15 maio 1789 (20), de não reconhecerem ali outra autoridade que não fosse a do primaz do oriente, a não obedecerem mais que a este só e aos seus delegados, e finalmente a não se intrometterem em cousa alguma relativa ás suas egrejas. Por indulto pontificio de 20 jul. 1738 chrismou a muitos fieis. Regressando a Goa fal. na Raia a 16 dez. 1816 (21).

1790 - *P.e Ignacio Gomes*, vig. g. por nom. do arcebispo (22): tinha sido antes vig. da vara de Baçaim, do qual cargo foi deposto pelo arceb. em 1767, e depois reconduzido. Publicou as seg. ordenanças (como vig. da vara):

1) 1770 Dezembro 30. *Circular* do vig. da vara de Baçaim Ignacio Gomes. Diz que as justificações na falta de assentos dos baptismos, casamentos e obitos são da competencia do vig. da vara, e não dos parochos por não serem juizes no foro externo, como decidiu o arceb. de Goa. Introduziu-se esse abuso de fazerem as justificações os parochos, no tempo em que elle (vig. da vara) foi privado d'este officio, mas como agora está reintegrado, quer que corram as cousas por sua ordem, e declara por nullas as justificações que outrem fizer (23).

2) 1774 Setembro 16. *Decreto* do mesmo vig. da vara. Determina que: 1 o vigario de N. S. Remedios tirando rol dos que não costumam ouvir missa de preceito, proceda contra elles conforme está prescripto no § 8 da pastor. archiep. de 60 (*sic*) (24), ou lhes imponha penitencia poblica .., 2 mande fazer pia baptismal que não ha, e seja q.to antes, á custa da fabrica ou do povo, fechada para se conservar nella a agoa sagrada, por não ser permittido fóra dos casos de necessid.e baptisar-se sem ella; 3 como não tem compromissos a con-

---

(20) *Resp. ao «Address d'O'Connor»*, 138, — *Reflex. sobre o padr. portug.* 17, — *Addenda to the Patriot* for june 1878 Bomb., pag. 12, 9. — *Plain facts plainly told*, Bomb. 1885, pag. 58, — *Timesof Goa*, 1885, n.o 14, — *Mensageiro Bombayense*, 1831, n.o 34, — *Doc. apres. ás côrt.* 1887. I., 244, 5.

(21) *Report from the select committee appointed, to report the nature and substance of the laws and ordinances existing in foreign states, respecting the regulation of their rom. cathol. subjects in ecclesiast matters, and their intercourse with the sec of Rome, or any foreign eccles. jurisd.* 1813, 1851 (não indica o anno nem o logar da impressão) fol. — *V. P. José Vaz* 1867 pag. 276, 77 n., — *Relat. e prop. que apresent. a commiss. das miss. ultr. A. T. S. Leitão Castro*, Lisboa 1883, pg. 9, — *Anglo Lusitano*, 1888 n.o 81, — *Indio imparcial*, Bomb. 1843 n.o 12.

(22 *The padroado question*, Bomb. 1885, p. 44, — *Plain facts plainly told* 41 — *Times of Goa* 1885 n.o 14.

(23) Encontram-se esta e as seg. ordenanças qne dizem respeito ás egrejas e missões de Bombaim, nos livros paroch. do Espirito S., N. S. dos Remedios. Sandor, Pal'e e Papri (Baçaim), e de Mazagão, S. Miguel de Mahim, Tanna, etc.

(24) Refere se á pastor. de arcebp.o de Goa de 27 setb. 1760 (1 P. destas *Mitras* p. 283).

fraria de N. S. Remedios formada pelos fieis na egr.[a] principal deste titulo, nem a de N. S. Mercês na egr. filial das Mercês, manda que em 6 mezes segundo o § 11 da cit. pastor. do arceb., os confrades façam compromissos e lh'os remettam para elle os submetter á approvação do primaz, sob pena de serem dissolvidas as irman.[des]; 4 o vigario mande dar melhor forma e devida composição ao retabolo do altar collateral que designa, e acha-se desconcertado, e seja á custa da fabrica, do povo etc.; 5 em tempo competente o vigario mande o rol da christ.[de] para ser registado no cartorio do varado, como o arceb. ha determinado; 6 o parocho seja muito solicito em dar as suas ovelhas o pasto espiritual da divina palavra na lingua vulgar, em instruir as parteiras da freguezia no modo de baptisar os recemnascidos, e a todos no modo de receberem os sacram.[tos]; 7 se tenha a egr.[a] com gr.[de] decencia e limpeza, para o que deverão contribuir os freguezes, e lhe dê parte q.[do] elles não poderem fazer, para se próvidenciar por outra via.

Cabe aqui, para se observar possivelmente a ordem chronologica, intercalar summariamente as seg. circul. d'um vigario da vara de Baçaim:

3) 17... *Circular* do vig. da vara de Baçaim Nicolao Francisco da Conceição. Em execução da ordem *(sic)* do arceb. de Goa do 30 de maio *(não indica o anno)* determina que, cessando o abuso de servir-se para se administrar baptismo «de agoa benta que se instituiu *ad effugandam ommem potestatem inimici mostri,* e não da agua sagr.[a] com chrisma, que se indica para ministerio» deste sacram.[to]: se faça pia baptismal nas egr.[as] que as não tem, ou de pedra ou de latão dentro em dois mezes, sob p. de susp. ao parocho e multa de 5 rp. ao fabriqueiro; e entretanto se faça pia lacreada por dentro e por fôra, para conservar agua benta com chrisma; 2 sempre se conserve nessa pia agua sagrada com mistura de santo oleo de chrisma sob p. de susp. ao parocho: remette formulas d'orações para benedicção que os parochos devem copiar nos seus rituaes; 3 nas egrejas «não correrão nem valerão os livros actuaes e futuros, que são dos baptisados, dos obitos, dos casamentos, dos cofres e das justificações, que não forem rubricados por mim ou por meu aetecessor... *(acha se neste logar mutilado o livro donde transcrevo esta circul.).*

4) 1786 Janeiro 29. *Circular* do mesmo vig. da vara Conceição. *(Não sei como ella principiava, por se achar mutilado o respectivo livro)...* Transmitte aos mission.[os] copia do decr. archiep. de 19 maio 1785 para ser publicado nas egr., registado no livro compet.[e] «em ordem de conservar o seu vigor a todo o tempo, para emenda futura de todos os sacerdotes absolutos, e seculares perversos sem medo de Deus», e depois afixado á porta da egreja.

1795 — *P.[e] Antonio Pinto de Gloria*, n. de Bombaim, vig. da vara de Mahim e Bombaim. eleito pelo povo para vig. ger. em 25 maio, e por tal reconhecido pelo governo britannico em 29 do mesmo mez; resignou o cargo em 18 jun. 1798 (25).

---

(25) V. I. P. destas *Mitras* p. 359 pastor. do arcebp.[o] de jun. 1795.—*Report* atraz cit., n.[o] 16,—*Relat.* Leitão Castro p. 10, 11. — *Inst. portg. educaç. e instr no or.* I. 223.

Aqui deixo archivada a seg. ordenança, d'essa epoca, d'um vig. da vara de Baçaim.

5) 1795 Outubro 28. *Edital* do vig. da vara e visitador das missões de Baçaim Vicente Filippe Peres. Annunciando aos missionarios

---

O *Patriota*, Bomb. 1880 jan. p. 11, — e o *Relat.* Leitão Castro p. 8, 13 e 14 trazem a resenha dos seg vigarios da vara de Tanua e Salcete:

Padres Andre da Silva, Francisco de Mello, João da Silva, Jacintho da Silva eleito em dez. 1819. Francisco Gongalves eleito dez. 1835, Ignacio Lonrenço da Silva, nom. provisor do arcebispado de Goa 15 out. 1853, Diogo Manuel Gomes nom. jan. 1854. e Pedro Avelino Verissimo de Souza nom. 14 ag. 1878.

Depois de muitas investigações eu apurei mais os seguintes:

Padres Henrique Soares nom. em 1750, Bartholomeu do Horto nom. em 1765?. e deposto pelo arcebp.° quando era vigario em Condotim; Ignacio de Noronha punido pelo arcebp.° com excom., a qual lhe levantou outro arcebp.°, Santa Catharina, e o reconduziu no officio de vigario da vara; o licenc. Francisco da Cruz vara de Tanna e Baçaim nom em 1773?; Antonio Pinto da Gloria, vara de Mahim Bombaim (1794?); Ignacio Pereira do Monte vara de Tanna (1810?); Antonio Marianno Soares, vara de Bombaim, Baçaim e Mahim, nom. em 1831; João Braz Fernandes, nom. 1 ag. 1887 e Gabriel Francisco da Silva, nom. novb. 1890 — V. p. 2 da *The so-called pastoral and monitory circul. letter* (do sr. A. T. S. Leitão Castro de 23 maio 1879) *against the ensuing election of a new vic. gen. in the Tannah collectorate, with notes observ... thereon*, printed et the Educat. society's press Byculla, (Bomb.) jul. 1879 fol. de 14 e 9 pg. — *Relat. da nova dioc. de Damão*, pelo seu 1.° bp.° D. Antonio Pedro da Costa, Bomb. 1892, p. 8, 9 e 29.

Dos vigarios da vara de Baçaim pude colher os nomes seguintes:

Fr. André Baptista, aug., nom. pelo arceb. D. Aleixo de Menezes (1597?) (I P. p. 109), e padres Thomé de Mello e Castro vig. foran. de Baçaim nom. em 1658; D. Rodrigo de Noronha, vara em tp.° do arceb D Ignacio de S. Thereza; em 1729 dizia esse p. Noronha que «no decurso de 12 ans. tres vezes tem exercido este cargo»; Manuel Vicente Feio prior e vig vara deBaçahim em 1739: Ignacio Gomes, deposto pelo arceb. em 1767 como atraz ficou dito; Cypriano João Godinho, nom. em 1767, perseguido atrozmente pelo seu antecessor I. Gomes teve de fugir de Baçaim no mesmo a. 1767; Ignacio Gomes reconduzido 1767; Francisco da Cruz vara de Tanna e Baçaim (1773?); Nicolao Francisco da Conceição; Vicente Filippe Peres nom. 12 set. 795; Gregorio Correia da Graça, suspenso pelo arceb. a 10 jan. 1807; Diogo Agostinho de Souza; Antonio Marianno Soares, vara de Baçaim e Mahim 831, José Scipião Pedro Antonio Gomes (183..); Mathias José Lobo nom.18 out. 859. Filippe Ant.° Pinto nom. 864, Frlncisco Xavier de Nazareth, nom. 20 jul 1875? fal. 9 fev. 1896 e Roque Hermenegildo Barreto, nom. 17 março 95 — *Seconda spedit. all'Ind. or.* di mons. Seb. Hiusep. di S. Mar., Roma 1672 p. 37; Venent. 1683 p. 22, 3, — *Chron. constituc Goa 1836 n.° 54.* — *Oriente portg* 1907 jun. p. 214, — *Annuar. archid. Goa 1897 p. 134.*

Agora encontro outra resenha dos vigarios da vara: 1806 ag. 12 provisão do arceb. de Goa, nom. p. Francisco T Mello vigario da egr. de Bandorá, «tambem por vara da jurisdicção de Tanna» vaga pelo fallecim.^to do p. André da Silva — 1808 nov. 12 Idem Francisco Berreto, vigario de Condotim por vara de Tanna, pelo fallecim.^to de Francisco de Mello — 1808 dez. 5 Id Ignacio Pereira do Monte, vig. de Bandora e vara de Baçaim por vara de Tanna, vaga por morte de Francisco Barreto — ...' Jacyntho da Silva —1836 jan. 7 Id. Francisco Gonçalves, vig. de Caliana por vara de Tanna, vaga por morte do p. Jacyntho da Silva — 1853 outb. 15 Id. Ignacio Lourenço da Silva, vig. de Bandará por vara de Tanna, em logar de Francisco Gonçalves — 1854 fev. 10 Id. Diogo Manuel Gomes, vig. de Tanna no logar de Ignacio Lourenço da Silva que o era.

V. Provisão do governador das missões A. Tho. S. Leitão Castro. de 23 maio 1879, prohibindo eleger-se vigario da vara de Tanna, por morte de p. Diogo M. Gomes — impressa em Madrasta fol. de 4 p.

fieis a sua nomeação em visitador das egrejas e capellas deste vado de Baçaim, pela provis. archiep. de 12 set. deste an. de 1795, m faculdade de conferir o sacram.[to] de confirmação aos fieis, e de lgar as causas pertencentes ao foro contencioso eccles., diz que vai rir visita as egrejas e admoesta ao povo a que venha denunciar no u tribunal se souber das cousas seguintes:

1 Se o seu vigario é omisso nas obrigações parochiaes, não faz tação nos dias de guarda, a procissão das almas, os actos de fé...; se não executa os ritos da eg.[a] decentem.[te]; 3 se morreu algum ristão sem sacram.[tos] por culpa do vigario..., se o vigario admistra os sacramentos aos indignos; 4 se não derisca por si no rol da ristandade aos confessados e commungados da quaresma; se confre sacramentos aos excommungados, ou abençoa os casam.[tos] dos e não sabem a doutrina christã; 5 «se nos casam.[tos] tomam algum nheiro mais do que é devido, lisongeando ou desculpando aos conhentes, ou se as multas e condemnações applicam para si»; 6 se officiaes da egr.[a] são desobedientes aos seus parochos; se insinuam christãos que não denunciem os crimes na visita, ou reprehendem que denunciam; 7 se elles (officiaes da eg.) não sabem a doutrina ristã, ou não ensinam nos dias de guarda, ou não ensinam aos casdos; 8 se não tratam da limpesa da egr.[a] e dos altares, ou se usam paramentos para usos profanos.

9 Se sabem que é algum christão feiticeiro, vai ao pagode, consulta os infieis sobre eventos futuros, ou contribue com alg.[a] pensão bagateiro; 10 se algum christão faz offertas ao pagode; 11 se gum christão blasphema do nome de Deus, da Virgem SS. ou dos ntos; 12 se algum filho bateu em seus pais ou ascendentes; 13 se gum pai vendeu seus filhos aos mouros; 14 se algum christão é rario; 15 ou possue os bens alheios injustam.[te], ou anda namora, ou tem largado a sua mulher; 16 ou leva as causas da nossa região ao juizo secular, para não obedecer ao seu parocho, ou aconlha a outrem a não obedecer; 17 se alguem deixou de baptisar os us filhos em 8 dias depois de nascidos, ou não pediu os sacram.[tos] stando gravemente doente; 18 se algum christão não ouve missa nos as de guarda, ou não observa os preceitos de Deus e da egr.[a], 20 alguem é casado com sua parenta, ou é casado com 2.[a] mulher, ivendo a primeira. Manda que os parochos leam este edital ao povo.

? — *P.[e] Francisco de Mello*, visitador geral de Bombaim. Em 1808 dministrou o sacr.[to] de chrisma a m.[tos] christãos.

? — *P.[e] Gregorio Corrêa de Graça*, vig. g. (?) do Norte (26). os decr. que expediu para as egr. de Baçaim usava da formula seg.: Padre Mestre Gregorio Corrêa de Graça, Professor Regio da Real niversid.[e] por S. Mag. Fidel., Sindico das Ordens dos Menores stas terras de Norte, Mission.[o] Apost., Vigario da vara e Visitador Baçaim e seus districtos...» Os seus decr. são dados «na casa Releta de Agaçaim». D'um livro da egr. do Espirito S. (Nandakal,

(26) A *Conjur. de 1786 em Goa*, nota a arv. geneal. da famil. Pinto de Cunlim n. 4 p. 155. —*Anglo-Lusitano*, 1887 n.º 76.

Baçaim) p. 52 consta, que pela port. archiep. de 10 de jan. 1807 fo suspenso este p. Graça, tanto do ministerio de parocho, como de vig da vara de Baçaim, em consequencia «dos enormes crimes e desordens por elle commettidas.» Delle achei as seg. ordenanças:

6) 1804 Agosto, 1. *Circular* do vig. da vara de Baçaim Gregorio C. Graça. Alegra-se por vêr em socego as missões deste districto; diz que do prelado de Goa recebeu poderes para dar remedio a males que sobrevierem; determina que os mission.[os] instruam os seus parochianos nas materias da fé; no tocante á religião e á jurisdicção eccles.[a] os christãos recorram aos superiores eccles.[os], e de nenhuma sorte aos tribunaes civis. sob p. de excom., como prescreve o decr. (*de 16 out. 1804)* do arceb.; manda que se registe esta circul. nos livros compe.[tes], e se publique ao povo em 3 domingos.

7) 1804 Setembro 6. *Circular* do m.[mo] vig. da vara Graça. Conforme ao direito diz que pertence aos superiores legitimos a nomeação dos mestres-capella, «e por nenhum principio ao despotismo» dos parochos e seus freguezes. E porque lhe está encarregado pelo arcb. o governo destas provincias, e lhe incumbe provêl as do que importa para o bom regimen dellas, quer que os parochos notifiquem os mestres-capella para haverem sua instituição, que se ha de passar no cartorio do varado a requerim.[to] delles com previo exame de sua aptidão. Para obviar as tristes consequencias de se descobrir o impedimento do parentesco, entre as pessoas que contrairam já o matrimonio, como já tem succedido, ordena que todos os contrahentes sem excepção, tenham ou não tenham impedim.[to], façam a justificação no cartorio do seu juizo, a qual se ha de fazer depois de correrem os banhos; o que manda aos parochos avisem a seus freguezes.

8) 1804 Setembro 18. *Decreto* do m.[mo] vig. da vara Graça. Prescreve o seg. regulamento: 1 procurarão os vigarios extremada limpeza e aceio em suas egr.[as], especialmen.[te] dos altares que devem estar decentem.[te] ornados, de modo que inspirem veneração em os que os visitam, e depois de acabadas as missas se cubram; tambem estejam decentes as egrejas aggregadas á principal; 2 não permittam se faça nas egr.[as] estrepito e conversas, ou se falte respeito ao templo; as mulheres não estejam ahi descobertas ou vãmente ornadas: nisto sejam os parochos os primeiros em dar bom exemplo; 3 guardem com veneração e limpeza os s.[tos] oleos, a fonte baptismal, a taça com que se baptisa, &.

4 No fazer as sagr.[as] funcções, especialm.[te] para missa e doutrina tomem o tempo mais commodo ao povo, sacrificando os seus proprios commodos, e 5 ajuntem á modestia o decoro possivel, para que causem devoção aos que assistem á essas funcções; 6 não recusem jámais ouvir confissões q.[do] lh o pedirem; q.[to] aos enfermos ponham toda a dilig [a] a que estão obrigados; 7 nos dias solemnes ou em que se pode lucrar alg.[a] indulg., camo o arceb. tem concedido a alg.[as] egr.[as], sejam diligentes em ir para o confessionario logo que for dia, e avisem ao povo publicando a indulg.

8 Não confessarão aos freguezes atropeladamente sem espirito de mansidão e prudencia: diz que elle tem observado certos confessores

«fazerem reprehensões tão asperas no acto de confissão, em voz alta de maneira que todos ouvem, e ainda chegam dar pancadas... Nesta materia observem a praxe que nestes dias hei de publicar, e não tardará muito» ; até então sigam a praxe de bispo de Meaux ou de Verdum. 9 No ensino da doutrina christã se façam ajudar de meirinhos capazes, para instruir os meninos no mesmo tempo que os vigarios separadam.[te] devem instruir aos adultos ; este exercicio do cathecismo não farão tão tedioso e prolixo, que deixem muitos de assistir a elle ; 10 todos os domingos farão a estação explicando o evangelho, guardando-se de fazer apologia em sua defensa, ou queixarem-se dos damnos que lhe fizerem os freguezes; e 11 não omittirão os actos de fé, etc., recitando-os de joelhos em voz alta, clara e devota com o povo.

12 Tenham a sacristia limpa e em boa ordem prohibindo nella conversações, principalmente aos seculares, os quaes não devem entrar nella sem necessidade: lembra que dizem trinta doutores que, se as cousas destinadas para o santo sacrif.[o] da missa estivessem notavelmente rôtas ou immundas, se peccaria mortalm.[te] celebrando com elles: 13 com magoa diz que tem observado «em alg.[as] agr.[as] as hostias tão menos aceadas que ás vezes parecem apas» ; recom.[da] aos parochos cuidado em ter hostias bem feitas de flor de farinha de trigo escolhido ; o vinho de boa qualidade ; ter um ferro bem polido para aparar as hostias e particulas, e uma pequena taboa lisa para sobre ella as cortarem, e não sobre os bancos ou caixões : as hostias sejam do tamanho de 12 vintens; as pessoas que as fizerem tenham limpas as mãos.

14 Devem pôr toda a vigilancia em arrancar os escandolos dentre o seu povo, applicando os proporcionados meios, como admoestações &, guardando nellas mansidão ; aliás os devem denunciar ao superior legitimo, que é elle vig. da vara. 16 Na visita dos enfermos tratem de lhes administrarem os sacramentos... ; 16 procurarão que nenhum dos seus freguezes morra sem que o tenha a cabeceira (ao vigario) ; esta assistencia é uma das mais importantes obrigações do parocho ; seria em balde toda a vida occupar-se na santificação das almas dos seus freguezes, se por fim o demonio faz nellas presa naquella hora, e isso por seu descuido d'elles par.[os] ; 17 tb.[m] lhes devem fazer assistencia corporal soccorrendo aos enfermos pobres ; porquo «havendo bens eccles.[os], devem os sobejos da congrua sustentação redundar em soccorro dos mais pobres, e obras de caridade». Não aconselhem aos freguezes... disposição alguma perpetua, nem que lhes deixem alguma cousa com obrig.[ão] de lhes celebrar tantas missas, tantos legados em seu favor, para fugir a nota de avarentos».

19 Avisa aos vigarios e admoesta a todos seus jurisdiccionados que, passado o tempo determinado para se fazer as confissões annuas, ficam os omissos incursos na excom., sem tirar a qual por despacho superior, os vigarios não podem confessar em semelhantes casos. 20 Os vigarios não permittam que entrem as mulheres no cruseiro, mas fiquem fóra das grades. 21 Não se elejam fabriqueiros sem licença do supe-

rior a quem o direito commum dá esta regalia, «e não devem ser eleitos por despotismo dos freguezes, que não tem por nenhum principio poder para isso em direito» : esses fabriqueiros eleitos «com licença do superior e nomeação do parocho, se conservarão até o rendimento do vigario ao novo que lhe succeder, não havendo justo impedim.[to] para acceitar a sua desistencia». 22 Como n'estas missões não ha cofres com 2 chaves para recolher os rendimentos das egr.[as] determina que tudo quanto pertencer á fabrica e irmandade, fique em poder do vigario dando elle conta ao superior.

9) 1805 Fevereiro 12. *Circular* do mesmo vig. da vara Graça. Condoendo-se do estado lamentavel da pobresa em que se acha constituido o povo, quer que os parochos : 1 o não opprimam «com exorbitantes legados», mas observem o regulam.[to] estabelecido d'accordo do povo e do vara passado, ainda com alguma diminuição nos seus proprios emolumentos, mas não nos que pertencem á fabrica e irmandades ; 2 não podem perceber emolumentos das certidões do baptismo, extrahidos dos livros de sua parochia, por ser isto contra o sobredito regulam.[to] e contra o estylo ; que restituam o dinheiro percebido, aliás serão castigados ; 3 nem percebam dos casam.[tos] mais do que o estabelecido, antes seja menos, attenta a miseria do povo. 4 O vigario de Purim a quem commissionou para fazer as justificações sobre o parentesco, não perceba coisa alg.[a] destas justificações, e se tiver recebid. restitua.

10) 1805 Julho 17. *Circular* do mesmo vig. da vara Graça. Inculcando as vantagens da oraçao mental, e mostrando qne o mais facil methodo de orar é, — tomar um livro, como o evangelho, aos poucos lêl-o, considerar attentam.[te] as verdades que nelle se tratam, procurar nutrir-se delles, e destas passar a outra verdade ou outra consideração, — em consequencia da determinação do arcb. prim. manda aos vigarios : 1 exhortem o seu povo a que façam a oração mental nos dias de guarda, ao menos por um quarto de hora antes da estação, fazendo meditar por si os vigarios um ponto breve sobre os vicios mais predominantes ; 2 façam elles vigarios exercicios espirituaes por 9 dias em sua propria freguezia sem a desamparar, por serem obrigados a residencia, assim nem uma noite e um dia inteiro poderão demorar-se em outra parte, e sendo preciso sair lhe dêm parte ; 3 preparem-se para prestar exame de moral e liturgia até 15 agosto; 4 lhe remettam o rol de sua christand.[e] e uma relaçao dos omissos ; e 5 ao vir ao exame traga cada um a sua provisão.

1808 — *Fr. José Joaquim da Conceição*, visitador das missões do Norte (27).

1811 — *P. João de Sousa e Silva*, vig. da vara e visitador ger. das missões de Bomahim, nom. pela provis. archiep. de 9 fev. Expediu a seg : —

11) 1811 Setembro 2. *Circular* datada de Mahim de baixo. Annunciando aos vigarios a sua nomeação pela provis. do arceb. de Goa, de 9 fev. ant., em visitador das egr.[as] e capellas estabelecidas nos

(27) *Notic. e doc. p. a histor. de Damão*, p. 138.

districtos de Mahim, Bombaim, Tanna, Caranja, Baçaim e Tarapor, com a faculdade de conferir chrisma aos christãos, manda que elles avisem ao povo, que por não poder o arceb, pessoalmente visitar estas missões, fará a visita elle visitador: tambem recommendem aos fabriqueiros e thesoureiros, que deixem as contas escritas nos livros competentes; avisem as irmandades, ao clero e povo para a sua recepção delle, segundo o ceremonial da egreja...

Em seguida transcrevo outra circul. desse anno: —

12) 1811 Setembro 25. *Circular* do vig. da vara de Tanna e Salcete Ignacio Pereira do Monte, datada de Bandorá. Communica aos vigarios o contexto do officio que recebeu do arceb., no qual manda sob p. de sup. que nenhum parocho sáia de sua freguezia, ainda no tempo que o direito lhe permitte, sem licença do prelado ou do vig. da vara; sendo muito escandaloso elles sairem para divertim.[tos] inuteis, com prejuizo grave de faltarem a administração dos sacramentos a seus freguezes.

(Continúa)

P.e Casimiro Nazareth

A AGRICULTURA NA PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE

Empenhado em fomentar a agricultura da provincia, e entendendo que o seu desenvolvimento seria demasiadamente lento quando entregue unicamente aos capitaes portuguezes e convinha por isso attrahir estrangeiros ás suas explorações agricolas, convidou o Governador Geral de Moçambique, sr. major Freire de Andrade, para uma viagem de reconhecimento da provincia o sr. Nicholson, secretario da Associação de Agricultura do Transwaal e o sr. Sim então inspector florestal na colonia do Natal, nomes de reconhecida auctoridade na Africa do Sul.

Está viagem foi iniciada na companhia do jornalista Padwell, do Agronomo americano Barrett, chefe de Repartição de Agricultura da provincia e do Chefe de Secção de Veterinaria Conacher, e ácerca d'ella teem os jornaes da Africa do Sul e o *Futuro* de Lourenço Marques publicado alguns relatorios ou noticias especiaes, do maior interesse.

Com a devida venia transcrevemos do *Futuro* alguns desses relatorios.

Relatorio do director da Repartição de Agricultura sr. D. W. Barret

Os terrenos ao longo do rio Incomati desde a foz até á Manhiça acham-se situados, com poucas excepções, muito baixo para que ahi se possam fazer culturas de importancia, excepto durante a estação da secca. Comtudo, por meio d'um systema de diques e fossas e de

bombas centrifugas é provavel que certas áreas de terreno podessem ser reclamadas e viessem a produzir boas colheitas de canna sacharina e arroz. Em Marraquene o administrador mostrou-nos algumas amostras de arroz cultivado nas proximidades. Ao longo d'este rio poder-se-hiam plantar varias especies de eucalypto, arvores estas que auxiliariam a remoção do solo do excesso de agua. O milho cultivado na visinhança de Marraquene é de má qualidade. Até á Manhiça encontraram-se poucos mosquitos. N'esta região teem sido conhecidos poucos casos de doença em gado bovino apoz a infecção de 1905-1906. No Incanine estudou-se o processo de cultura adoptado pelos indigenas.

Na Manhiça fez-se uma inspecção das plantações de amendoim, de ananazes, bananas, etc. Verificou-se que uma epidemia fungosa está gravemente prejudicando as folhas da planta do amendoim, obstando por isso ao completo desenvolvimento da semente; obstruem tambem o crescimento da planta as ervas damninhas e o capim. Os ananazes pareciam soffrer com a obstrucção do capim e outras ervas, tendo as suas raizes em mau estado de saude, o que dá logar a que as folhas apresentem uma côr amarellenta ou vermelhaça. As bananeiras pareciam muito pouco productivas devido ao numero demasiado de rebentos e ao envenenamento proveniente de certas hervas; em cada tronco não se deve deixar mais de 4 ou 5 hastes productoras, e n'uma circumferencia de cinco metros não se deve permittir o crescimento de herva. Afim de evitar os estragos do vento é preferivel antes plantar as bananeiras *en bloc* do que em filas. Não se recommenda a plantação de vinha a não ser que se possa dedicar attenção especi l á prevenção de doenças.

São de pouco valor para culturas as planicies de areia que atravessámos entre a Manhiça e Magude. Notou-se, especialmente nos terrenos mais baixos, grande quantidade de erva apparentemente conveniente para pastagens de gados. A cêrca de 8 kilometros de Magude o solo transforma-se na rica marga do valle rio; esta parte da região acha-se quasi deshabitada em razão da occorrencia ali, ha alguns annos atraz, de casos de peste bubonica. A fertilidade do solo é attestada por erva de 2 a 4 metros de altura e por arvores alterosas. Os milharaes cultivados pelos indigenas nas immediações de Magude encontram-se no mais perfeito estado, achando-se quasi inteiramente livres de ervas damninhas e mostrando que na sua cultura foram empregados cuidados desusados. O milho actual (segunda colheita) é bom, e cêrca de 8 por cento das hastes contem duas espigas; a qualidade cultivada não é pura nem é tão productiva como outras qualidades o podiam provavelmente ser. A erva bravia nas planicies entre Magude e a missão de S. Paulo é notavelmente egual na sua qualidade, comprehendendo umas 4 especies e tendo de altura de 1 $^1/_2$ a 2 metros; algumas variedades ordinarias attingem, em solo humido 4 metros de altura. O gado examinado em Chobella encontra-se em excellente condição. Desde a occorencia de ha dois annos, que aliás causou apenas leve estragos, consta ter havido pouca doença entre as 4.000 cabeças de gado ou mais que existem n'esta circumscripção.

Na propriedade de Chibella notou-se excellente manteiga, encontrando-se ali um separador de creme marca Alpha e uma machina de gello.

A estrada de Magude para a missão de S. Paulo atravessa uma planicie contendo pelo menos 25.000 hectares de fecundo solo argilo-calcareo. Não é pedregoso, e são poucas as arvores e as ervas damninhas que ali se encontram. D'esta área cêrca de 3 % está sendo cultivada, ao passo que cêrca de 98 % parece ser adequada a culturas ricas. Podiam aqui ser empregados vantajosamente arados a vapor. Encontra-se agua a 2 ou 3 metros da superficie. Para irrigação das culturas durante o periodo das seccas podia obter-se agua por meio de bombas movidas a vento. Os transportes fazem-se actualmente na sua quasi totalidade pelo rio Incomati. Uma linha ferrea que ligasse Lourenço Marques, por via Magude, a Chibuto e a Inhambane, abriria á exploração uma das mais ricas regiões agricolas do mundo. A planicie entre Magude e o lago Chanao devia produzir 2.000.000 alqueires de milho por anno.

Na visinhança de S. Paulo o solo é demasiadamente areento para a maioria das culturas, posto que amendoim, ricino e, na estação das chuvas, milho devam ahi produzir bons resultados. A plantação de ananazes na missão de S. Paulo denota grande falta de cuidado; as plantas acham-se completamente suffocadas pelo capim e pelas ervas damninhas.

Entre S. Paulo e Bilene a natureza arenosa do solo não permitte a cultivação intensiva. Comtudo, vêem-se numerosas pequenas áreas plantadas pelos indigenas com milho e amendoim. Em S. Paulo, assim como em Magude e em Chibuto, eram muito numerosos os mosquitos da variedade anopheles.

Entre Bilene e Chibuto o terreno, que é de alluvião, argilo-calcareo, parece ser de excellente qualidade; embora sem duvida bastante humido durante a epocha das chuvas, apenas uma pequena parte d'esta área é susceptivel de inundação por periodos longos. Ha aqui uns 20.000 hectares que se adequam a culturas ricas; o terreno, que é de pequena ondulação, é facilmente drenado; deve ser possivel cultivar-se aqui com bom exito milho, algodão, tabaco e, quando as terras sejam convenientemente irrigadas, canna saccharina.

Do Chibuto ao Chai-Chai a estrada passa atravez de planicies de solo de alluvião.

Cêrca de 20.000 hectares parecem adequados á cultura de canna de assucar, arroz e algodão; uma lagôa, que acompanha a linha dos montes de areia a uma distancia de 3 a 4 milhas do rio, intercepta a communicação entre os terrenos arenosos elevados e as terras que marginam o rio. A área de alluvião encontra-se mais ou menos submergida nas epochas muito chuvosas. A lagoa não póde ser facilmente drenada. Deve ser possivel a irrigação da parte mais elevada da planicie, pois a altura a que seria preciso elevar a agua do rio não iria álém de 3 a 4 metros na epocha não chuvosa.

No caso de ser possivel remover as restricções contra o fabrico do alcool, recommenda-se a plantação da maior parte d'esta planicie

com canna saccharina. Poder-se-ia auferir um lucro addicional de 30 por cento na cultura da canna n'esta área no caso do melaço poder ser utilisado na producção de alcool desnaturado ou em quaesquer preparativos alcoolicos. Como já o indicou o sr. dr. E. Saldanha no seu relatorio sobre os terrenos do valle do Limpopo, a região do Chai Chai possue as seguintes muito importantes vantagens: fertilidade do solo, faceis meios de communicação, extensos tractos de terreno onde pódem ser empregadas machinas agricolas, facilidade de irrigação e drenagem a um custo relativamente pequeno, immunidade de obstrucções e uniformidade de temperatura com poucas seccas. Modificadas as leis que regulam o fabrico do alcool, o valle do baixo Limpopo passaria immediatamonte a ser uma das melhores regiões do mundo para a exploração da industria da canna saccharina.

Na parte da região do valle atravessada até aqui pela missão, as ervas bravias são de excellente qualidade para pastagens de gado. Apezar de nos encontrarmos em meiados da estação secca ha ainda abundancia de forragens verdes. As doenças usuaes nas folhas das plantas vêem-se por toda a parte nas ervas mais velhas, e em alguns pontos encontrou-se um parasita fungoso nas extremidades da planta. Considerada, porém, sob o ponto de vista geral, a erva acha-se livre de plantas damninhas e está em esplendido estado. Como disse o sr. dr. E. Saldanha no relatorio citado, as vantagens do valle do Limpopo são não só abundantes mas perennes, pois são muito pouco affectadas pelas seccas.

O algodão e o tabaco devem dar-se bem nos terrenos planos, excepto nas partes onde o solo adquira demasiada saturação de agua na epocha do calor. Nos terrenos de alluvião deve ser possivel fazer-se com bom exito a cultura da luzerna, especialmente se cada hectare fôr sujeito ao tratamento d'uma tonelada de cal. No Chai-Chai acha-se em condicções muito promettedoras uma área de 35 hectares plantada de luzerna. Algumas das plantas que produzem colheitas subterraneas parecem dar-se aqui bem; nas áreas perto das lagoas convem experimentar a cultura do *taro* e *yantia*, mormente se as leis existentes poderem ser modificadas de maneira a permittir o fabrico do alcool.

Nas áreas arenosas produzem bem a cassava, o amendoim e o ricino; as variedades actualmente cultivadas na região parecem, porém, ser de qualidade inferior. O sesame desenvolve-se bem.

Convem plantar faixas de arvores a angulos rectos aos costumados ventos que açoitam as planicies. Todos os outeiros e montes deviam ser plantados de arvoredo.

Póde-se fazer em boas condições o transporte de productos por via fluvial até Magude pelo Incomati, e até Chibuto, pelos rios Limpopo e Changonal. Durante uma grande parte do anno póde estabelecer-se com barcos pequenos communicação com pontos ainda mais para montante.

Em algumas regiões, como por exemplo nas planicies entre o Bilene e o Limpopo, podiam ser vantajosamente installadas linhas fer-

; em via convenientemente cons-
de 3 a 5 toneladas.
ente medidas para combater as
; para esse fim justifica-se a ado-
eve permittir qualquer movimento
ansporte, sem autorisacção por es-
naria. O perigo da infecção prove-
é tambem um assumpto de impor-

orios ate agora atravessados apre-
notavelmente boa.

---

mo nataliano sr. T. R. Sim

mico da Provincia de Moçambique de-
tão estreitamente ligados que para uma
obretudo de ser tomados no seu conjuncto
n que cada um possa ser tratado em espe-

que até agora tenho examinado, isto é, a vi-
Marques e a parte do littoral do Limpopo a
ntes linhas geraes chamaram a minha attenção:
ão indigena feliz, contente, industriosa, obediente
:

em muitos pontos o total e em outros quasi o total
tente, considero este facto como um dos de maior
n relações amigaveis permanentes, estabelecidas entre
a população, a agricultura ou qualquer outro ramo de
ia praticamente impossivel e a este respeito a situação
com a da parte britannica da Africa do Sul onde a in-
a Inglaterra muitas vezes affecta a acção local, deixando o
n'uma posição completamente inintelligivel para elle, é toda
do methodo portuguez, cujo braço robusto mas amigo é de-
nte reconhecido como todo poderoso. Poder-se-ha dizer que os
nas são aqui naturalmente mais dados á agricultura, mais pa-
os e mais industriosos que os das outras colonias da Africa do
mas o facto é que o Governo possue aqui condições mais favo-
veis para fazer desenvolver uma communidade agricola indigena,
tivamente productora sob a direcção europeia, de que os que se
otam n'outros pontos, e ao mesmo tempo os emigrantes ou conces-
ionarios pódem obter a necessaria mão d'obra indigena, em condições
azoaveis para qualquer empreza a que queiram metter hombros.

Uma tal situação permitte naturalmente a existencia de grandes
ultivadores ou Companhias, trabalhando ao lado dos productores in-
ligenas, com satisfactorios resultados para ambos. A exploração de
astas áreas, districtos inteiros mesmo, por meio dos productores in-

digenas de generos de exportação de modo a produzir mais do que o necessario para o consumo local, merece toda a attenção e auxilio, o que por consequencia implica o facto de que:

(b) *São necessarios melhores meios de transporte:*

Actualmente o paiz produz já muito que, se houvesse meios de transporte, podia ser exportado; como não existem, todo esse excesso (e talvez mesmo mais) é convertido em bebidas fermentadas para consumo local, com grave prejuizo do interesse publico. O rio Inharrime é uma via fluvial de grande valor, mas actualmente não conduz a parte alguma. Ligado que fosse pela via ferrea com um ou ambos dos portos visinhos, uma exportação de productos que se addicionaria ou substituiria á exportação de homens seria certamente o resultado immediato.

Tendo em attenção a natureza plana do paiz, o solo arenoso e o baixo preço da mão d'obra local, parece-me que simples linhas de via reduzida, servidas por vagonettes, mesmo sem machinas, seriam de grande auxilio para drenar os productos para uma linha principal.

(c) *Especial attenção a dedicar a cada localidade:*

A posição geographica, solo, clima, meios de transporte utilisaveis e o preço local da mão d'obra, tende tudo a tornar impossivel a generalisação de qualquer preceito applicavel, e isto mais se accentua se considerarmos tambem os districtos do norte da provincia. Em todos os pontos percorridos eu verifiquei a existencia de immensos recursos, mas ha a notar que as culturas e processos variam rapidamente a curtas distancias.

(d) *Lourenço Marques:*

Uma grande margem para desenvolvimento em larga escala existe n'este districto nos fornecimentos de productos da estação invernosa e colheitas temporãs para o Transvaal e outros mercados da Africa do Sul, assim como n'um melhor fornecimento do mercado local. Com um clima proprio para os productos de horta e floricultura, impossiveis de cultivar na maior parte do Transvaal durante a estação invernosa, e para os quaes ha constante procura, é realmente de extranhar a sua não cultura aqui. Ha no Natal productores que mandam por semana durante todo o inverno muitas toneladas de tomates para o Transvaal; o mesmo fazem outros com couves, couve-flor, e grandes quantidades de rosas e de cravos. Lourenço Marques, com a sua elevada temperatura média e menor extensão de via ferrea, acha-se em muito melhor posição, mas não exporta cousa alguma. O solo faz prever colheitas temporãs, e mesmo que em alguns pontos seja necessario addicionar adubos, as condições naturaes são boas quasi que em toda a parte excepto n'alguns terrenos de argila dura.

A cultura intensiva de pequenas áreas (5 a 10 hectares) dará certamente melhor resultado n'este sentido do que as «machambas» espalhadas em grandes propriedades, tendo-se em attenção, está claro, a judiciosa escolha da cultura para esse determinado terreno. Assim, a maioria dos fructos vulgares, taes como, laranjas, tanjerinas, limões, ananazes, peras, guiabas, pecegos, mangas, ameixas, papaias, etc., cultivados em pontos escolhidos, perto de Lourenço Marques, poder-

se-hiam apresentar com algumas semanas de avanço em todos os mercados da Africa do Sul, o que equivale a dizer que o melhor preço e o mais certo mercado seria obtido antes que a concorrencia dos productos d'outros pontos se podesse apresentar. Para o mercado local seria desejavel que a cultura se estendesse a outros fructos communs, e mesmo as especies tropicaes em limitada producção tambem obteriam um facil mercado.

A cultura de fructas para exportação merece tambem attenção especial, não esquecendo que se a exportação de *citrus*, limões, laranjas, etc., do Natal só principia em julho, as mesmas especies acabam por essa epocha em Lourenço Marques, e por isso póde facilmente este districto fornecel-as um mez antes d'essa data para a Europa, que durante esse tempo é bem mal servida.

Para a agricultura em geral muitos dos pontos percorridos no districto de Lourenço Marques são mais ou menos utilisaveis; para a cultura de assucar só poucos poude observar até agora; com respeito a arvores e a plantas fibrosas tratarei mais adiante.

(e) *Valle do Limpopo:*

Muito sinto não ter podido examinar melhor este terreno. O que d'elle vi, isto é, para cima do Chai-Chai e n'uma extensão de muitas milhas para além, é totalmente differente do que tenho visto na Provincia e tão completamente superior que é para surprehender que tenha estado na posse dos indigenas por tanto tempo. E' uma planicie d'alluvião estendendo-se a perder de vista, com uma largura d'alguns kilometros e atravez da qual o rio Limpopo cava o seu leito tortuoso em profundidade sufficiente para evitar extensas inundações nas cheias e aonde, ao longo das suas margens, n'uma distancia de muitos kilometros, este valle forma provavelmente o mais fertil tracto de terreno em larga extensão conhecido na Africa do Sul. O seu solo, é profundissimo e de primeira qualidade, bastante nivelado em toda a extensão para a cultura a vapor, para a irrigação superficial, e para os transportes por vagonettes; não existe na Africa do Sul nenhum outro valle que melhor se preste á cultura assucareira em grande escala, nem onde as facilidades para preparação, cultura, colheita e fabrico possam ser tão abundantes. Perto do Chai-Chai tem o sr. David Cagi uma larga área com luzerna em vigorosa condição, da qual bastantes colheitas têem já sido cortadas e expedidas para o Transvaal.

Sem irrigação e mesmo sem lavra funda era excellente o estado d'esta cultura, o que mostra ser possivel em larga escala a exploração d'este ramo agricola. Se porém a luzerna tem o seu valor para exportação, maior o possue para ser utilisada em verde, porque, com montes arenosos em toda a extensão do valle e continuando para além n'uma longa distancia, os gados e avestruzes darão provavelmente no futuro a esta área um valor correspondente ao que hoje tem OUDTSHOORN e outros pequenos campos de luzerna irrigados da colonia do Cabo. Productos horticolas para uso local são aqui cultivados na perfeição.

E' sobretudo especialmente para a canna d'assucar e como objecto da mais alta importancia que eu julgo este terreno bem proprio. A

região do Chai-Chai por muitos kilometros a montante e a juzante do rio para os lados da lagoa pode ser facilmente drenada sendo ahi as condições melhores do que as que existem em qualquer parte do Natal ou da Zululandia, lembrando-me por vezes alguns dos melhores locaes no valle do baixo Umhlatuze, alargados em enorme escala. Uma ou mais fabricas n'esta planicie servidas por linhas Decauville e pela via fluvial converteriam uma vasta área á roda do Chai-Chai n'uma enorme plantação d'assucar, que, alargando se por todo o valle com a procura do seu producto, poderia vir a fornecer mais do que o consumo total da Africa do Sul. Sem receiar as geadas ou seccas e com todas as condições favoraveis dever-se-hiam cultivar só as melhores variedades, porque a pequena e resistente canna UBA cultivada extensamente no Natal como a unica variedade applicavel aos terrenos pobres ali utilisaveis, não se póde comparar como producto, em peso, materia sacharina, ou facil manipulação, com as qualidades superiores de canna, onde estas podem ser cultivadas.

Entretanto, os indigenas, aqui bastante numerosos, cultivam milho, ameixoeira e diversas variedades de Sorgho e Panicum com esplendido resultado, assim como amendoim, gergelim, etc., colhendo tambem o fructo da «Mafureira» para fazer um oleo; estas arvores marcam no valle o curso do rio que é assim visivel até consideravel distancia. A municipalidade do Chai-Chai adquiriu uma charrua Fowler, a vapor, para alugar aos cultivadores, tendo-a eu visto a trabalhar na planicie.

(f) *Quisico e Inharrime:*

Estas terras teem um ligeiro e muito arenoso solo com grande profundidade, usualmente sem agua superficial mas sufficientemente humido para poder dar boas colheitas de milho, milho miudo, etc., e produzir cassava por toda a parte. Não é a população industriosa (para indigenas) e parece-me ser duvidoso se o beneficio derivado da exportação de homens para o Transvaal compensaria a sua falta, se houvesse meios de transporte para os productos ou se se estabelecessem feitorias locaes. Tomando em conta as ideias novas que os indigenas regressados do Transvaal importam para as povoações, poder-se-ha perguntar se o resultado não poderá eventualmente ser bastante serio. Mas, dado o transporte e fabricas centraes, estas terras só por si e unicamente com o trabalho dos pretos poderiam dar um excesso de producção superior á exportação total da Provincia como ella era ha 10 annos antes da enorme diminuição em que gradualmente tem cahido.

Dever-se-hia naturalmente pensar na introducção d'uma melhor qualidade de milho visto ser o genero que o indigena mais facilmente póde cultivar; o milho é, porém, volumoso e pesado e, portanto, o custo do transporte merece previa consideração. Quanto mais concentrada fôr a fórma em que puder ser produzido um determinado artigo, tanto mais lucrativa deve ser a sua producção. O amido extrahido da cassava, a farinha de tapioca, a agutiguepa, *(arrow-root)* e os diversos oleos parecem ser os productos mais promettedores. E' muito grande o numero de plantas utilisaveis para oleos, mas acho

preferivel seleccionar algumas e fazel-as produzir em grande quantidade do que plantar muitas variedades, a não ser para experiencias.

A mafurreira encontra-se em toda a parte devendo a sua producção ser collossal; no entanto é só usada para alimento dos indigenas e para cosmeticos, mas o seu oleo, quando extrahido localmente das suas boas sementes, poderá vir a ser um dos mais valiosos productos do paiz, devendo por isso merecer toda a attenção do Governo. A arvore abunda em toda a parte onde tenho estado na Provincia, mais especialmente em Quisico, e a sua utilisação ali poderá dar a toda a população um proveitoso emprego nas suas povoações, no qual todos podem tomar parte.

Conhecem e cultivam os indigenas tambem o amendoim e essa cultura propagar-se-hia dado o caso de ser iniciada e se desenvolver a industria do fabrico d'este oleo *in loco*. Egualmente podia ser aproveitada a semente da «Pelfaria pedata»; uma trepadeira que os indigenas cultivam e cujas sementes utilisam. O oleo de ricino é tambem um dos productos que se podem incluir n'esta lista, pois a sua cultura é muito simples e a planta existe ali a matto, sendo a importação actual d'esse oleo enorme na Africa do Sul. Comtudo, n'este assumpto é necessario muito estudo e experiencia, pois as especies d'esta planta variam immenso no seu valor economico e só as melhores devem ser utilisadas. Outros productos se poderiam ainda mencionar, mas nos que ficam indicados, e aos quaes se póde acrescentar o gergelim, que já ali é cultivado, temos uma lista já bastante extensa.

No momento actual é de primeira necessidade estabelecer faceis meios de transporte, obter machinas e installar armazens centraes ou feitorias, onde se possa effectuar a compra dos generos por preços rasoaveis e constantes. São de esperar as fluctuações de preço nos mercados consumidores e melhor será principiar com o pagamento ao indigena pelo mais baixo preço possivel do que estabelecer uma cotação que mais tarde seja preciso reduzir.

(g) *Inhambane:*

São mais tropicaes as condições existentes em Inhambane. Os coqueiros que se veem por toda a parte indicam um factor commercial não observado mais para o sul. Posto que este possa ser o extremo limite da cultura commercial do coqueiro, as arvoros são bastante vigorosas e cedo productivas e os resultados obtidos justificam a propagação da cultura e uma mais extensa utilisação do producto. O paiz é muito proprio para esta cultura e uma grande industria n'um só ramo é sempre recommendavel. Outras industrias agricolas a explorar são as que já acima mencionei. As plantações de canna de assucar na Mutamba apresentam uma boa vegetação em curiosas condições de solo, mas a área adaptavel a esta cultura no districto é um tanto limitada.

(h) *Borracha:*

A landolphia póde ser vista em quasi toda a parte do districto por mim atravessada, muitas vezes em grande quantidade; actualmente é exportada de alguns pontos, havendo outros d'onde tambem

a protecção de diversas outras especies, deixando a sua designação para quando novamente relatar sobre o assumpto.

O uso da Mafureira (Trichilia Emetica) já foi mencionado. Das arvores exoticas muitas ha adequadas ás condições locaes e possuindo qualidades que lhes dão um valor commercial quando convenientemente cultivadas. D'ellas me occuparei em um relatorio posterior.

(k) *Concluindo:*

A' capacidade productora d'esta parte da Provincia é enorme e em extremo diversa, podendo especialisar-se, além da creação de gados, as seguintes culturas:

Em Lourenço Marques:
Fructa temporã e tropical, productos horticolas de inverno, etc.

No valle do Limpopo:
Assucar, luzerna, cereaes, etc.

Na região de Quisico:
Oleo, amido, farinhas.

Em Inhambane:
Productos do coqueiro.

Em geral:
Fibra, borracha, oleos e cereaes.

Finalmente, as necessidades da Provincia n'este momento são: experiencias nas estações experimentaes do Governo com respeito a novas culturas e ao aperfeiçoamento das existentes; melhores meios de transporte; concessões de terrenos em bases fixas, rasoaveis, e claras, tanto para o governo como para o concessionario; protecção ás industrias indigenas, estabelecimento de fabricas de moagem ou auxilio a quem as installar; fabricas de assucar, prensas para a extracção de substancias oleaginosas; armazens centraes para a compra de borracha, fabricas de serração de madeira. etc.

BIBLIOTHECA DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

Obras entradas nos mezes de abril a junho de 1908

(N'esta lista não se incluem as publicações periodicas)

Abertura (A) dos Portos do Brazil. Ensaio historico por Vicente Almeida d'Eça (Sociedade de Geographia de Lisboa). Lisboa, 1908. 1 vol. broc. 26×16,5. 99 pags. Offerta do auctor.

Accordãos do Tribunal da Relação de Loanda do anno de 1907. Loanda, 1907. 1 vol. broc. 23×16,5. 195 pags. Offerta.

Acta da sessão de posse da directoria e das commissões permanentes em 30 de janeiro de 1908. (Instituto Historico e Geographico Brazileiro). Rio de Janeiro, 1908. 1 folheto broc. 18,5×12. 32 pags. e retratos. Offerta.

Agriculture (L') au Dahomey, par N. Savarian. Paris, 1906. 1 vol. enc. 24,5×15,5. 110 pags, indice, mappas e gravuras. Comprado.

Agua da Serra do Trigo. A soberana das aguas de mesa mineral natural. Valle das Furnas. S. Miguel. Açores. Lisboa, s/d. 1 folheto broc. 16,5×12,5. 15 pags. e gravuras. Offerta.

Aide-Mémoire à l'usage des officiers d'artillerie. Troisième édition (1856). Paris, 1861. 1 vol. enc. 21,5×14. LV+1024 pags.+109 pranchas. Offerta do sr. Eduardo Ildeffonso de Azevedo

Almanaque Brazileiro Garnier para o anno de 1907. Publicado sob a Direcção de João Ribeiro. Anno V. Rio de Janeiro, 1907. 1 vol. enc. 23×15,5. 484 pags., gravuras e mappas. Offerta.

Amazonas (Estado do) Leis, decretos e regulamentos. Administração do Exm. Sr. Dr. Silverio José Nery. Tomo I. 1907. (De 23 de julho a 31 de Dezembro). Rio de Janeiro, 1901. 1 vol. broc. 22×16. 606 pags. Offerta.

Amores de um marinheiro. Narrativa historico romantica, por Candido de Figueiredo. (Brinde aos srs. assignantes do «Diario de Noticias» em 1898). Lisboa, 1898. 1 vol. broc. 19×13. XIV+198 pags. Offerta do sr. Eduardo Ildefonso de Azevedo.

Anãtome de Thomas Bartholinus, s/d e s/l. 1 vol. enc. 17,5×11,5. 488 pags., indice e gravuras (sem frontispicio). Offerta idem.

Année (L') Scientifique et Industrielle. Cinquante et unième année (1807), par Emile Gautier. Paris, 1908. 1 vol. broc. 19×12. 175 pags. e 76 figuras. Comprado.

Annuaire de l'Université de Toulouse pour l'année 1906-1907. Toulouse, 1906. 1 vol. broc. 17,5×11,2. 165 pags. Offerta.

Annuaire de l'Université de Toulouse pour l'année 1007-1908. Toulouse, 1907. 17,5×12. 175 pags. Offerta.

Annuaire Météorologique pour 1908 publié par les soins de A. Lancaster. (Observatoire Royal de Belgique) Bruxelles, 1908. 1 vol. broc. 14,5×10,5. 488 pags. Offerta.

Annuario de «O Benguella» Brinde aos assignantes 1908. 1.º anno. Benguella, 1908. 1 vol. broc. 14×9. Offerta do jornal «O Benguella».

Annuario do Lyceu Central de Lisboa, 3.ª zona escolar á Lapa. Anno escolar de 1907–1908. Lisboa, 1908. 1 folheto broc. 20×13. 67 pags. Offerta.

Annuario do Lyceu Nacional d'Aveiro. Anno lectivo de 1906-1907. Aveiro, 1908. 1 folheto broc. 22×13,5. 55 pags. Offerta.

Annuario. MCMVII. Sociedade dos Architetos portuguezes. Anno III. Lisboa, 1907. 1 folheto broc. 24,5×19,5. 71 pags. e gravuras. Offerta.

Ano académico de 1907 á 1908. CXLV de la creacion de este cuerpo. CXXXVIII. de su erección en Real Academia. Nómina del personal académico. (Real Academia de Ciencias y Artes). Barcelona, s/d. 1 vol. broc. 15,5×9,5. 167 pags. e indice.

Anthropologie (Leçons d') philosophique. Ses applications à la morale positive par Daniel Folkmar. Paris, 1900. 1 vol. broc. 23×14. xiv+336 pags. Comprado

Anti-Cristo (O). Segunda edição do poema refundido, completo e acrescentado com as Téses Selvagens, por Gomes Leal. Lisboa, 1908. 1 vol. broc. 20,5×10,5 xviii+493 pags. e indice. Offerta dos editores.

Anuario Estadistico de la República Oriental del Uruguay. Tomo ii. Años 1904 á 1906. Montevideo, 1907. 1 vol. enc. 31×21. xxxvi+941 pags., gravuras e mappas. Offerta.

Anuario (Memoria) de 1906 a 1907 (Universidad de la Habana). Habana, 1908. 1 vol. broc. 22×17. 228+lxvi pags. e gravuras. Offerta.

Apontamentos para a tactica de cavallaria, por José Raymundo de Palma Velho. s/l, 1889. 1 vol. broc. 22,5×15,5. 332 pags.+xiv. Offerta do sr. Eduardo Ildefonso de Azevedo.

Argentine (L') au xx^e^ siècle, par Albert B. Martinez et Maurice Lewandowski. Deuxième édition. Paris, 1906. 1 vol. broc. 19×12. xxxi+432 pags. e mappas. Comprado.

Arte de navegar ou taboas de longitude. Por Isaac T. Heartte em Baltimor. traduzido do inglez em linguagem vulgar, por Manuel Coelho Cintra. Lisboa, 1849. 1 folheto broc. 23×15,5. 39 pags. Offerta do sr. Eduardo Ildefonso de Azevedo.

Aryen (L'). Son rôle social par G. Vacher Lapouge. Paris, 1889. 1 vol. enc. 23×14. xx+569 pags. e gravuras. Comprado.

Aryens (Les) au nord et au Sud de Hindou Kouch, par Charles de Ujfalvy. Paris, 1896. 1 vol. broc. 25×16. xv+488 pags. e mappas. Comprado.

Assainissement (L') et le repeuplement des rivières par Dr. C. Weigelt, de Berlim. (Traduction française de M. le professeur C. Julin). Bruxelles, 1903. 1 vol. broc. 22×14. 668 pags. e gravuras. Permuta.

Aves de Angola da exploração de Francisco Newton, por Anthero Frederico de Seabra. (Extr. do Jorn. Sc., Math. Phys. Nat. Tomo vii, n.º xxvi, Lisboa, 1905). Lisboa, 1905. 1 folheto broc. 24,5×16,5. 11 pags. Offerta do auctor.

Avisos aos navegantes (Directoria de hydrographia. Repartição da carta maritima). Maio a Agosto. [Republica dos Estados Unidos do Brazil]. Rio de Janeiro, 1907. 4 folhetos brocs. 24×16. Offerta.

Basse Bretagne (La) Étude de géographie humaine par Camille Vallaux. Paris, 1906. 1 vol. broc. 25×16,5. 320 pags. e gravuras. Comprado.

Beauté (La) de la femme par le Dr. C. H. Stratz. Traduit de l'allemand por Robert Waltz. Deuxième édition. Paris, s d. 1 vol. enc. 24,5×16. v+337 pags. e gravuras. Comprado.

Belgique Africaine (Dans la) Par J. Flamme [Notes de voyage]. Bruxelles, 1908. 1 vol. broc. 25×16,5. viii+316 pags. gravuras e mappas. Candidatura.

Bucetos vulgares. Articulos varios. Por Manuel Valera Garcia. Sevilla, 1892. 1 vol. broc. 18×11,5. 97 pags. e indice. Offerta do sr. Eduardo Ildefonso de Azevedo.

Breviario (Entre o) Do livro inedito «O poema da vida», por Adriano Anthero. Porto, 1908. 1 folheto broc. 21,5×14,5. 27 pags. Offerta do auctor.

Brinde aos srs. assignantes do «Diario de Noticias» em 1873, 1887, 1889, 1890, 1894 e 1895. Lisboa, 6 vol. broc. 18×12. Offerta do sr. Eduardo Ildefonso de Azevedo.

Budget (Le) par René Stourm. Cinquième édition revue et mise au courant. Paris, 1906. 1 vol. broc. 23×14. xvi+653 pags. Comprado.

Campanha (A) do Cuamato em 1907, pelo alferes Velloso de Castro. Loanda, 1908. 1 vol. broc. 23,5×16. 280 pags., indice e gravuras. Offerta do Governo de Loanda.

Caoutchouc (Le) dans l'Afrique Occidentale Française, par Ives Henry. Paris, 1907. 1 vol. enc. 25×15. 2?9 pags. e gravuras. Comprado.

Caracter (O) revelado. Sciencias e phantasias. Por Abilio Monteiro. Porto, 1908. 1 vol. broc. 19×12. 370 pags. Offerta do auctor.

Carta (A) e as côrtes de 1826. Offerecidas aos membros das assembleias eleitoraes, por José Pinto Rebello. Bayonna, 1832. 1 folheto broc. 19,5×12,5. 53 pags. Offerta do sr. Eduardo Ildefonso de Azevedo.

Centenario de uma medalha da guerra peninsular 1708-1908, por Arthur Lamas. Lisboa, 1908. 1 folheto broc. 25×16,5. 27 pags. e estampas. Offerta do auctor.

Champagne (La) [por] Émile Chantriot. Étude de géographie régionale. Paris, 1906. 1 vol. broc. 25×16,5. xxiv+316 pags., gravuras e mappas Comprado.

Cocotier (Le). Culture industrie et commerce dans les principaux pays de production. Coprah, huile fibre de coco et dérivés divers, par E. Prudhomme. Paris, 1906. 1 vol. enc. 25×16. 491 pags. e gravuras Comprado.

Collecção de modelos a que se refere o regulamento geral para o serviço dos corpos de exercito. Lisboa, 1877. 1 vol. broc. 133 pags. Offerta do sr. Eduardo Ildefonso de Azevedo.

Collecção de projectos de leis dos dissidentes do partido progressista 1906-1907. s/l e s/d. 9 folhetos brocs. 34×22. Offerta.

Commercio (O) de Vinhos nos Paizes Baixos e a Real Companhia Vinicula do Norte de Portugal. Porto, 1908, 1 folheto broc.. 23×15,5. 47 pags. Offerta.

Como se adquire a fama ou historia d'um calumniado por Raphael das Dores. Lisboa, s/d. 1 vol. broc. 20,5×14. 226 pags. e o retrato do auctor. Offerta do auctor.

Como se póde evitar a tisica. Publicado pela Liga Nacional contra a Tuberculose. Lisboa. 1900. 1 folheto broc. 15×11. Offerta.

Conferencia sobre o Sul de Angola. A proposito das operações militares no Cuamato. Feita na Sociedade de Geographia de Lisboa, pelo governador da Huilla, José Augusto Alves Roçadas. Lisboa, 1908. 1 folheto broc. 23,5×14,5. 41 pags. Offerta do auctor.

Congrès de Navigation (Association International Permanente des) xime Congrès. Saint. Pètersbourg 1908. i. Section : Navigation intérieure. 18 mémoires. ii. Section : Navigation maritime 22 mémoires. Bruxelles, 1908. 40 folhetos brocs. 23,5×15,5. Inscripção.

Cooperativas (As Sociedades) de Consumo, por Charles Gide. Traducção de Ricardo Jardim. Lisboa. 1908. 1 vol. broc. 19,5×11. 204 pags. Comprado.

Correspondencia do Marechal Duque de Saldanha. Editada por Guilherme J. C. Henriques (da Carnota). iii. Lisboa, 1906. 1 vol. broc. 22×16. x+224 pags. e um retrato. Offerta do editor.

Coton (Le) dans l'Afrique Occidentale Française par Ives Henry. Paris, 1906. vol. enc., 25×15. vi-347 pags. maps. e gravs. Comprado.

Coton (Le) en Egypte. Culture—préparation—exportation par Henri Lecomte. Paris, 1905. vol. enc. 25×16. 162 pags. e gravs. Comprado.

Crise (A) amazonica e a borracha — 1908. Por J. A. Mendes. Pará, 1908. vol. broc. 22×15-105 pags. e maps. de exportação. Offerta do auctor.

Crise (La) morale des temps nouveaux par Paul Bureau. Deuxième édition. Paris, 1908. vol. broc. 18,5×12. xi-460 pags. Comprado.

Despertar (O) d'um sonho (Romance historico). Episodios da descoberta do caminho maritimo para as Indias por Lourenço Cayolla. (Brinde aos senhores assignantes do «Diario de Noticias».) Lisboa, 1897. vol. broc. 19×13-178 pags. Offerta do snr. Eduardo Ildefonso de Azevedo.

Développement (Le) mental chez l'enfant et dans la race par James Marck Baldwin. Traduit de l'anglais par M. Nourry. Paris, 1897. vol. broc. 22,5×14-xiv-464 pags. com graphicos. Comprado.

Diccionario Bibliographico portuguez. Estudos de Innocencio Francisco da Silva. Applicaveis a Portugal e ao Brazil continuados e ampliados por Brito Aranha. Tomo xviii (11.º do supplemento) Lisboa mcmvi vol. broc. 23,5×14,5-13 pags. intr. ind. 412 pags. Offerta do auctor.

Diccionario Bibliographico Portuguez. Estudos de Innocencio Francisco da Silva. Applicaveis a Portugal e ao Brazil continuados e ampliados por Brito Aranha. Tomo xix Lisboa, mcmviii. vol. broc. 23,5×14,5-406 pags. e gravs. Offerta do auctor.

Diccionario Universal da lingua Portugueza. Por uma Sociedade de Litteratos. vol. enc. 31×20,5-1506 pags. Offerta do snr. Eduardo Ildefonso de Azevedo.

Dictionaire français-portugais (Nouveau). Composé par le capitaine Emmanuel de Sousa & par Joachim Joseph da Costa & Sa, Lisbonne, mdcclxxxiv. vol. enc. 29,5×21 5-617+583 pags. Idem.

Direitos politicos e civis. Liberdade, suffragio universal e descentralisação. Dissertação apresentada ao Congresso Nacional de Livre Pensamento por Fernão Botto Machado. Lisboa, 1908. folh. broc. 20,5×13,5-24 pags. Offerta do auctor.

Discursos proferidos na Camara dos Senhores Deputados da Nação Portugueza por Joaquim Henriques Fradesso da Silveira (Os arrolamentos) Lisboa, 1870. folh. broc. 22,5×14,5-63 pags. Offerta do snr. Eduardo Ildefonso de Azevedo.

Divorce (Influence du) sur la puissance paternelle. Thèse pour le doctorat présentée par Félix Carné (Université de Toulouse) Montauban, 1907. vol. broc. 23,5×15,5-141 pags. Offerta.

Dot mobilière (De la) sous le régime dotal avant et après la séparation de bien principal. Thése pour le doctorat présentée par Thés Coeurveillé (Université de Toulouse) Toulouse, 1907. vol. broc. 24×15,5-148 pags. e indice Offerta.

E'conomie politique (Principes d') par Charles Gide. Onzième éditon corrigée et augmentée. Paris, 1908. vol. broc. 18,5×11,5 XII-659 pags. Comprado.

E'conomie sociale. Les intitutions du progrés sociale au début du xx^e^ siecle. Troisième édition. Par Charles Gide. Paris, 1907. vol. broc. 18,5×12-188 pags. e indice. Comprado.

Een Jaar aan Boord H M. Siboga door Mevrouw A. Weber. Van bosse. Leiden, 1904. vol. broc. 21×15,5 337 pags. maps. e gravuras. Offerta.

Elementos de projecções (Bibliotheca de Instrucção Profissional) Vol. II. Manual do operario Cisboa, 1908. vol. enc. 22,5×15,5. 139 pags. Ind. e um catalogo e gravs. Comprado.

Encyclopedia popular. Leituras amenas apropriadas a todas as edades, sexos, estados, profissões e inteligencias. Director e proprietario João José de Sousa Telles. Tomo I. N.^os^ 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11. Lisboa, 1867. 10 folh. 14×9. Offerta do snr. Eduardo Ildefonso de Azevedo.

Especies madeirenses do genero bystropogon, l'herit por Carlos A. de Menezes. (Separata da «Broteria». vol. IV 1905). Lisboa, 1905. folh. broc. 22,5×15-6 pags. Offerta do auctor.

Essai de bibliographie jaina. Réportoire analytique et méthodique des travaux rélatifs au jainisme avec planches hors sexte par A. Guérinot (Annales du Musée Guimet. Toume vingt-deuxiéme) [Ministère de l'Instruction Publique]. Paris, 1906. vol. broc. 25,5×16,5 XXXVII-568 pags, e gravuras, Permuta.

Essai sur la tectonique de la chaîne de l'Arrabida par Paul Choffat (Commission du Service Géologique du Portugal), Offerta.

Estatutos da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro. Approvados em 8 de Julho de 1883. Rio de Janeiro, 1883. folh. broc. 23×16-13 pags. Offerta.

Estudio relativo á la explotacion cientifica y económica de este depósito miral, con apuntaciones sobre la práctica en los paises extrangeros e algumas anotaciones interessantes par Antonio L. Armenta (La Mina de Sal Gema de Zipaquira). Bogotá, 1908. folh. broc. 24×16,5-49 pags. e gravs. Offerta.

E'tats Hypothécaires (De la délivrance des). Thése pour le doctorat (Sciences Juridiques) par Jeceu Cassan (Université de Toulouse). Toulouse, 1907. vol. broc. 24×15,5-148 pags. Offerta.

Finances Contemporaines par Alfred Neymarck. I. Trente années financières.— II. Les budgets — III. Questions économiques et financières. — IV-V L'Obsession fiscale. Paris, 1903-1905. 5.º vol. broc. 22,5×14. Comprado.

Flandre (La) E'tude géographique de la plaine flamande en France, Belgique et Hollande (par) Raoul Blanchard. Paris, 1906. vol. broc. 25,5×16-VIII-530 pags. e mappas. Comprado.

Formularios dos conselhos militares seguidos de notas e repertorio alfabetico coordenados por A. B. J. Guerra. Lisboa, 1858. vol. broc. 21×13-167 pags. Offerta do snr. Eduardo Ildefonso de Azevedo.

Fundação (A) de Porto Alegre por Augusto Porto Alegre. Porto Alegre, 1906. vol. broc. 19,5×14-160+XXX pags. e gravs. Offerta do auctor

Geloof en Wetenschap door G. Wisse, Jr, Kampen, 1908. vol. enc. 27×18-212 pags. Offerta do auctor.

éographie agricole de la France et du monde par J. du Plessis de Grenédan. Paris, 1903. vol. broc. 22,5×14 xx+624 pags. e grav. Comprado.
ommes, résines d'origine exotique et végètaux qui les produisent particuliérement dans les Colonies Françaises par le Dr. Hubert Jacob de Cordemoy. Paris, 1900. vol. enc. 25×16-IX+312 pags. e gravs. Comprado.
ramineas (As) do Archipelago da Madeira. Por Carlos Azevedo de Menezes. Funchal, 1906. folh. broc. 22×14-55 pags. Offerta do auctor.
rammatica franceza (Elementos da) por Lhomond. Traduzidos em Portuguez, offerecidos á mocidade Portugueza por Manuel Teixeira Cabral de Mendonça. Lisboa, 1814. vol. broc. 15,×10,5-XVIII+158 pags. Offerta do snr. Eduardo Ildefonso de Azevedo.
randeur et décadence de Rome por G. Ferrero. Traduit de l'italien par M. Urbain Mengin. Treiziéme édition. Paris, 1907-1908. 5 vols. brocs. 19×12. Comprado.
rand (The) Exhibition of Japan, 1912- its aims and scope. A collection of the English Spesche by Viscount Kentaro Kaneko. s/l, e s/d, folh. broc. 22×15. 22 pags. Offerta.
rèves des Chemis de Fer et Législation........ Par A. J. Stilling (Mouvement Gréviste). Anvers, 1903. vol. enc. 22,5×15,5-210 pags. Candidatura do auctor.
uia de viajantes em Lisboa e suas visinhanças. Lisboa, 1845, folh. broc. 15,5×11-90 pags. e ind. Offerta do snr. Eduardo Ildefonso de Azevedo
erança Davidson — Lei reguladora d'esta successão — Pareceres de professores e jurisconsultos nacionaes e estrangeiros, offerecidos na causa pelos Condes de Sabrosa. Lisboa, 1908. vol. broc. 27×18-VIII+276 pags. Offerta.
istoire des rélations du Japon avc l'Europe aux XVI^e e XVII^e siécles par H. Nagaoka. Paris, 1905. vol. broc. 25×16,5-323 pags. e indice. Comprado.
istoire (L') des idées théosophiques dans l'Inde par Paul Oltramare. (Annales du Musée Guimet. Bibliothéque d'études). Tome vingt-troisiémes [Ministère de l'Instruction Publique]. Paris, 1907. vol. broc. 25×16,5-382+XII pags. Permuta.
istoria de Portugal (Complemento) Um reinado tragico. — Edição popular e illustrada. Tomo I. Tomo II. Comprado.
istoria geral de Portugal, e suas conquistas: offerecida á Rainha Nossa Senhora D. Maria I. Por Damião Antonio de Lemos Faria e Castro. Tomo I. Lisboa, 1786. vol. enc. 15×10,5-LVI+382 pags. Offerta do snr. Eduardo Ildefonso e Azevedo.
istoria Militar da Madeira. (Os alicerces para a). Conferencia realisada no quartel de infantaria 27, no dia 21 de Março de 1908. Por Alberto Arthur Sarmento. Funchal, 1908. folh. broc. 28,5×21,5-21 pags. Offerta do auctor.
ymno do Centro de Instrucção e Recreio dos Carteiros Effectivos do Porto por Sousa Moraes. Porto, 1908. folh. broc. 36×26,5. — Offerta.
déal (L') Moderne par Paul Gaultier. Paris, 1908. vol. broc. 18,5×12-VIII+358 pags. Comprado.
mpôts (Systèmes généreaux des) [par] René Stourm. Deuxiéme édition revisée et mise au courant. Paris, 1905. 1 vol. broc. 23×14. VI+430 pags. Comprado.
nstrucção provisoria para o estabelecimento e levantamento das pontes de equipagem Eiffel para vias de communicação ordinaria. Primavera de 1887. (Polygono de Tancos). Lisboa, 1887. 1 folheto broc. 21×14. 12 pags. Offerta do snr. Eduardo Ildefonso de Azevedo.
nstrucção provisoria sobre o assentamento rapido do caminho de ferro Décauville. Primavera de 1887. (Polygono de Tancos). Lisboa, 1887. 1 folheto broc. 21×13,5. 11 pags. Offerta idem.
nstrucções auxiliares para os commandantes dos destacamentos. Diligencias e escoltas dos corpos de infantaria e caçadores. Contendo em resumo differentes disposições dispersas em regulamentos, ordens e circulares. Lisboa, 1883. 1 folheto broc. 23×14,5. 84 pags. e indice. Offerta idem.
nstrucções para o ensino theorico-pratico, nos corpos de cavallaria, de 22 de fevereiro de 1888. Lisboa, 1888. 1 folheto broc. 22,5×14,5. 14 pags. Offerta idem.
nstrucções para o ensino theorico pratico, nos corpos de infantaria. Appro-

vadas por portaria de 10 de dezembro de 1886. Lisboa, 1886. 1 folheto broc. 21,5×14. 22 pags. Offerta idem.

Instrucções para o methodo de reiteração empregando os theodolitos de dois oculos construidos por Froughton & Simms, por F. Folque. Lisboa, 1866. 1 folheto broc. 23,5×16,5. 7 pags. Offerta do sr. Eduardo Ildefonso de Azevedo.

Instrucções para os trabalhos hydrographicos dos rios, portos e barras e observações de marés, sondas e nivelamentos com a descripção e rectificações de theodolito, por Filippe Folque. Lisboa, 1864. 1 folheto broc. 24,5×16. 28 pags. e gravuras. Offerta idem.

Instrucções provisorias para os trabalhos de fortificação de campanha. Capitulo II. Entrincheiramentos improvisados. 2.ª edição. (Escola pratica de engenharia). Lisboa, 1887. 1 folheto broc. 22,5×15,5. 86 pags. ind. e gravuras. Offerta idem.

Instrucções sobre os serviços de segurança em campanha para regular provisoriamente o ensino dos corpos de cavallaria. Lisboa, 1886. 1 folheto broc. 17×11,5. 100 pags., indice e mappa. Offerta idem.

Interprétation Sociale et Morale des principes du développement mental. Étude de psycho-sociologie, par James Mark Baldwin. Traduit par G. L. Duprat. Paris, 1899. 1 vol. broc. 22,5×14. VI+580 pags. Comprado.

Introduction à l'étude de la figure humaine, par le Docteur Paul Richer. Paris, s/d. 1 vol. enc. 24,5×16. VIII+190 pags. Comprado.

Invasões (As) de Gafanhotos em Portugal. A proposito de um parasita notavel do Stauronotus Maroccanus. Tunbery, por A. F. de Seabra. Lisboa, 1901, 1 folheto broc, 25,5×18,5. 33 pags. com gravuras a côres. Offerta do auctor.

Joia (A) do Vice-Rei. por Pinheiro Chagas. (Brinde aos senhores assignantes do Diario de Noticias em 1888). Lisboa, 1888. 1 vol. broc. 17,5×12,5. 150 pags. e indice. Offerta do sr. Eduardo Ildefonso de Azevedo.

Jute (Le). Culture et industrie en France et à l'étranger. (Extrait de l'Agriculture Pratique des Pays Chauds). Paris, 1907. 1 folheto broc. 24×15,5. 15 pags.

Kapoencultuur (De) Vereeniging ter Bevordering der Katoencultuur in de Nederlandsche Kolaniën. Bewerkt door R. A. de Monchy Jr. Hengelo, 1905. 1 vol. broc. 22×14,5. 127 pags e gravuras. Offerta.

Labiadas (As) do Archipelago da Madeira, por Carlos Azevedo de Menezes. Funchal, 1907. 1 folheto broc 21×14,5, 18 pags. Offerta do auctor.

Lagrimas e Thesouros. Fragmento de uma historia verdadeira. Por Luiz Augusto Rebello da Silva. 3.ª edição. Lisboa, 1908. 2 vol. enc. 18×11. Comprado.

Legislação militar de execução permanente de 1887 e 1888. Coordenada pelo tenente coronel de cavallaria, Antonio Francisco d'Aguiar. Extremoz, 1889. 1 vol. broc. 22×14,5. 216 pags. Offerta do sr. Eduardo Ildefonso de Azevedo.

Legislação militar. Principaes disposições que constituem materia de execução permanente de 1891 collecciouadas dos documentos officiaes, por João Chrysostomo Pereira Franco. Volume III. Coimbra, 1892. 1 folheto broc. 26×17. 87 pags. Offerta idem.

Leixões (Porto de). Projecto do melhoramento do porto de abrigo e criação de um posto commercial annexo elaborado pelos engenheiros Adolpho Loureiro e Antonio dos Santos Viegas. Lisboa, 1908. 1 vol. broc. 27×18. 138 pags. e estampas. Offerta dos auctores.

Linnés Pluto Svecicus ock beskrifning öfwer stenriket utgifna of Carl Benedicks. (Uppsala Universitets Arsskrift 1907). Uppsala, 1907. 1 vol. broc. 24,5×16. Offerta.

Lista annual de antiguidades dos officiaes da armada e mais pessoal em serviço dependente do Ministerio da Marinha Coordenada na Secretaria da Majoria General da Armada. Lisboa, 1908. 1 vol. broc. 27×17,5. 252 pags. Offerta da Majoaria General da Armada.

(Continua)

26.ª Série — 1908 N.º 9 — Setembro

BOLETIM

DA

Sociedade de Geographia de Lisboa

FUNDADA EM 1875

SUMMARIO

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
Rua do Diario de Noticias, 110

1908

6.ª Série — 1908 N.º 9 — Setembro

BOLETIM
DA
SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

irector, proprietario e editor—*Sociedade de Geographia de Lisboa*—Rua de Santo Antão—Lisboa
Composição e impressão na Typographia Universal
pertencente a Coelho da Cunha, Brito & C.ª — rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

MITRAS LUSITANAS NO ORIENTE

(Continuado de pag. :63)

1812 — *P.e Francisco Parras*, mission. em Mazagão; nom. pelo rcbp. Galdino vig. ger. do Norte: em 13 maio 812 deu parte de sua meação ao gov.no britannico (28). Exerceu o cargo por 16 annos, regressando a Goa em nov. 829, fal. 15 out. 857 com 87 an. idade.

Delle tenho a archivar as circul. que seguem:

13) 1812 Junho 22. *Circular*. Suscita a observancia das ordenanças promulgadas pelos arcebispos Neiva Brum e Sta. Catharina: specialmente manda que os missionarios cumpram o disposto no § 9 da pastoral de 27 set. 1700; permitte comtudo que os parochos assistam independentemente de sua licença, aos enterros n'outras freguezias, ou vão a ellas para se confessarem ou ouvirem de confissão, ou para satisfazerem outra necessidade urgente, devendo recolher-se á sua egreja com brevidade.

14) 1812 Novembro 12. *Circular*. Diz que do arcebispo de Goa recebeu exemplares das Constituições d'este arcebispado, e os missionarios os mandem buscar á sua residencia, e as observem ficando obrigados a pagar o custo da impressão, se o governo da metropole assim determinar (29). Avisa que por estas constit. nenhum decr. dos arcebispos de Goa ficou revogado ou derogado.

---

(28) Cotineau no seu *Journal* ou diario, vert. em portg. e publ. no *Inst. V. Gama* IV, 77, 268, 70, 2, — *Report* cit. atraz n. 16 p. 3, 6 e seg., — *Relat*. Leitão Castro II, 2.

(29) «Do penultimo capit. das mesmas constit. (diz a pastor. do arceb. de Goa de 4 out. 1812), se vê a obrigação das fabricas comprarem cada uma um exemplar, para ficar permanentemente na egr., mas como a mente de s. alt. r. é dal-as de graça aquellas egr. que forem pobres, especialmente as de missão, determinamos que as fabricas que não puderem compral-as nos requeiram, e as que puderem as comprem.»

13) 1817 Junho 4. *Decreto.* Manda que os missionarios cumpram o decr. archiep. de 1 jun. 1809 (I P. p. 372): quanto ao prescripto em seu § 4, se observe a rubrica do missal, relativamente a hora da celebração da missa, seja resada ou cantada. Para obviar os inconvenientes de concorrerem ás festas dos oragos das egrejas, os parochos abandonando as suas christand.es, quer que não assistam a ellas mais que 5 padres; o 6.º que assistir, seja convidado ou não, fica suspenso: esses 5 padres, tomada a refeição depois da festa, se recolham a suas casas debaixo da mesma pena: os que hão de assistir serão os mais visinhos, e de preferencia os que não forem parochos. Se não houver em Baçaim mais que 5 padres, só 3 serão convidados, os quaes com o parocho da respectiva egr.a farão o numero de 4. Se houver na egr.a alg.a funcção no dia immediato á festa, sejam chamados para esse dia naquelle mesmo numero e forma acima ditos; os quaes findo o acto se recolherão a suas egr.as, sob a pena sobredita. Lembra o que o arceb. tem determinado sobre a oração mental quotidiana de manhã, o que elle vig. ger. mandou fazer nas tardes dos domingos. Transmitte copia da circul. de 4 set. 1775, do vig. da vara de Baçaiam Nicoláo F. da Conceição (30).

Vão insertas neste logar mais as ordenanças que seguem:

16) 183.. *Provisão* do vig. da vara de Baçaim p.e Diogo Agostinho de Souza. Determina: 1 que os cadaveres dos defunctos sejam enterrados nas covas que os interessados livrem.te escolherem, e pelos funeraes se recebam legados prescritos no regimento de cada parochia, não obrigando o parocho «a fazer legados grossos»; e não se dê sepultura aos que a mandam denegar as constit. do arcebispado de Goa e o ritual rom. Será punido o parocho que «constranger alguem por augmento de legados.» 2 O producto das collectas e mealheiros da egreja reverta em benef.º da fabrica; 3 pelos baptismos receberá o parocho um quarto *(de rup.)* dos pais do baptisado, e dos padrinhos 2 larins (um larim corresponde a meia tanga de Gôa e a um vintem de Portugal); o mais é voluntario: não se usará de capa, se a não pedirem pagando.

4 O benzimento das casas como não seja de estricta necessidade e obrigação fazer-se no tempo paschal, os parochos não podem exigir próes salvo offerta voluntaria, nem os freguezes obriga-los a benzer suas casas, «sem ainda attender ao tempo nem modo».

5 Os bemfeitores das egrejas e os presidentes que tiverem feito festas se morrerem pobres, o parocho averiguada esta circumst.a por depoimento de 4 ou mais pessoas juramentadas, enterre seu cadaver no logar que destinarem, e de preferencia n'alguma cova em que fosse sepultado algum dos seus antepassados, sem exigir nada do covato e franquia das insignias da irmandade, devendo o parocho acompanhar o cadaver como d'ordinario, resar uma missa e fazer 6 sinaes.

6 Se o parocho não póde obrigar ninguem a fazer legados avultados, deve comtudo antes do enterro haver os seus emolumentos, ou

(30) Da circul. de 4 set. 1775 a que nesta se allude, não achei registo em livro algum: será a que atraz n.º 3 ficou transcripta?

serem elles garantidos por penhor equivalente ou fiança de pessoa abonada, a qual passará ao parocho uma obrigação em papel sellado, podendo aquelle penhor ser vendido se dentro em um anno não fôr resgatado, ou haver-se o credito dos fiadores, se a parte não solver a divida. 7 Para as missas solemnes taxa o estipendio de 5 rup., sendo 1 rp. para os musicos cantores; para as que se cantarem aos domingos, sendo de um padre 2 1/2 rp., sendo 1/2 rp. para os musicos; para as missas cantadas em dias de semana 1 1/2 rp., sendo 1/4 aos musicos: em todo o caso o parocho porá 4 velas no altar. 8 Não poderão os par.os sem consultar o vigario da vara, castigar os freguezes pondo-lhes ossos ao pescoço, nem absolvel-os da excom. publicamente. 9 Manda dar aos meirinhos 18 rup. annuas do cofre da fabrica, e 6 rp. lhes paguem os parochos, ficando desonerados desta contribuição os freguezes: poderão elles meirinhos haver dos contrahentes do matrim.n 3 poiças, e pelo baptismo 2. 10 A despesa do guizamento para missas correrá por conta das fabricas.

Em additamento aos §§ 3, 4 e 7 manda que os par.os benzam as casas dos freguezes conforme o estylo e ordem antiga, e hajam a offerta voluntaria: quanto a offerta pelo baptismo continúe o antigo costume, e pelos repiques hajam o que prescrevem os regulamentos dados pelo vig. da vara V. F. Peres. Onde fôr costume haverem os musicos 2 larins, pela missa cantada do estipendio de 1 1/2 rp., estejam por este costume, e nada pelo baptismo salvo offerta voluntaria (31).

17) 1837 Setembro 20. *Circular* do vigario da vara de Tanna Francisco Gonçalves. Por ordem da autoridade ecclesiastica de Gôa manda aos parochos, que «os contractos esponçalicios sejam celebrados entre os contrahentes de 12 a 14 annos», perante elles parochos, pratica que elles procurem introduzir com suavidade evitando perturbações.

18) 1839 Abril 15. *Circular* do mesmo vigario da vara F. Gonçalves, dirigida aos missionarios de Baçaim e Sanjan *(sic)*. Tomando em consideração o que ponderaram os christãos do districto respectivo, e, d'accordo com os parochos de N. S. dos Remedios e Purim, determina: 1 que reverta ao cofre da fabrica o dinheiro que nos mealheiros se encontrar em domingos, dias santos e dias festivos, ao qual os vigarios não tem direito algum; 2 o benzim.to das casas se faça dentro do tempo paschal, recebendo os parochos som.te o que voluntariam.te cada um quizer dar; 3 pedindo alguem ao parocho use de pluvial nos baptisados e casam.tos, d'elle poderá receber o costumado; 4 por conta da fabrica correrá a despeza da egr.a, do guizam.to e salario do meirinho; 5 nenhum vigario poderá mandar fazer seu serviço privado como moer, encher agoa, rachar lenha aos noivos que vão a egr.a aprender cathecismo; 6 nem obrigar os freguezes a fazerem festas contra vontade d'elles, nem funeraes cuja despesa exceda a suas posses; 7 não poderá «enterrar pessoa alguma fallecida sendo digna fóra da egr.a ou do cemiterio», recebendo sua esportula:

(31) Do livro paroch. de Nandakal.

recom.[da] a todos os missionarios de Baçaim, não dêm ao publi[co] semelhante escandalo. Manda ler esta circul. nas egr.[as] ao povo.

19) 1839 Maio 16 *Carta circular* dirigida pelo mesmo vigario d[a] vara Gonçalves aos seus jurisdiccionados e freguezes da egr.[a] de Mane. Communica-lhes a resposta tida do governo local, denegand[o] sancção á nomeação de certo clerigo, feita pelo vigario apostolico de Bombaim em parocho da egreja de Mane; e manda que continuem [a] reconhecer por seu parocho ao p.[e] Manoel Marianno Godinho, se[m] dar ouvidos aos seductores (32).

Em 1836 e 1839 foram decretadas pelo governo inglez subve[n]ções mensaes, aos missionarios portuguezes que parochiavam cert[as] egr.[as] dos districtos de Salsete e Baçaim; talvez fosse devida es[ta] concessão á diligencia do juiz que era em 1836 no Concão, Jorge G[i]berne (33).

Em 1839 tentaram os adversarios do padroado usurpar a egr.[a] de Mane: tendo os padroadistas recorrido aos tribunaes, foi decidido [o] litigio e a appellação a favor do missionario portg (34).

N'esse a. 1839 se reedificou em Baçaim a egr.[a] de N. S. dos R[e]medios: custou 9.500 rp. (35).

1839 — *P.[e] Antonio Marianno Soares*, desde 1829 missionario [de] Mazagão (36), promovido em out. 1831 a vigario da vara de Bo[m]baim (37), Baçaim e Mahim, e finalm.[te] nom. vigario ger. do Nort[e], cargo que exerceu desde 1839 até 1866. Sua correspond.[a] official co[m] as autorid.[es] superiores sobre materias de jurisdicção.., está e[n]rada no *Appenso* ao n.º 35 do *Bolet.* 1844, — *Defens. do r. padr.* [n.º] 49, — *Bolet.* 1850 n.º 47; 1853 n.º 51; 1854 n.[os] 28, 38 e 1858 n.[os] 73, 74, 75, 76, 77 e 80, — *Abelha B...*, — *Revol. Setb.* 1851 [os] n.[os] 2642 e 2814.

Em seu nome, dos mission.[os] e christãos seus jurisdiccionados [di]rigiu p.[e] Soares á s. sé em dez. 1839, uma representação em for[ma] de ladainha (38), contra as invasões dos missionarios da propag.[da].

Em 1848 depois de fal. Fortini, vig. ap. de Bombaim, a gra[nde] maioria de catholicos nativos d'esta cidade e suas dependencias (2[...] individuos), enviaram á s. sé outra representação, pedindo a erec[ção]

---

(32) *Abelha Bomb.* 1849 n.º 35.

(33) *Patriota* Bomb. 1860 n.º 1. V. *Memor.* Loureiro p. 222, 3. Monta a 71[...] rup. ou 2:775$630 rs. a quantia que o governo inglez dá annualmente aos mi[s]sionarios portg., e para as egrejas a cargo delles.

(34) *Bolet.* 1857 n.[os] 7 e 8 e 1858 n.º 0

(35) *Bolet.* 1858 n.º 71 V. 1. P. desta obra p. 113 e *Hist. do culto de N. S.[ra] em Portugal*, Lisb. 1899 p. 215, — *Ethiopia Oriental* cap. 10, — *Hist. S. Dom.* [...] 416.

(36) V. meu *Calend. eccl. e lit. Goa* 1871 p. 334.

(37) Lê-se no *Mensageiro Bombayense* 1881 ag. 11 n.º 22: «o vigario d[a] vara A. M. Soares se encarregou de todo o acto (exequias pelo arceb. de Goa S. Galdino), que foi celebrado á sua custa,» recitando elle a oração funebre.

(38) Publ. esta ladainha no *Defensor do r. padr. II*, 36: foi composta por p. Agostinho do Rosario Lourenço, então administrador do hospicio do Culabo.

capital de presidencia e suas jurisdicções em bispado suffra-
da metropole de Goa, nomeando para ella um bispo por-
ez. (39).
.° Soares foi um dos quatro mission.os portg. de Bombaim, de-
do na camara dos deputados em 1853 por benemerito da patria,
sua adhesão e lealdade aos direitos do padroado portg. (40).
Promoveu q.to estava a seu alcance a educação e instrucção da
dade de Bombaim (41).
Condecor. com o hab de Christo por decr. de 30 de jun. 1841, e
o da Conceição por outro decr. de 26 fev. 1851; nom. por decr.
9 ab. 1851 (42) arcediago da sé de Goa, concedendo-se-lhe a fa-
.° de usar desde logo das honras, insignias e prerogativas desta di-
ade, independentem.te da respectiva posse, e em q.to permanecer no
cicio de parocho da egr. de Mazagão e vigario geral das egr.as
Norte. A port. r. de 5 ag. 1852 (43) louva o p.° Soares pela sua
eza na justa defensão dos direitos do padr.°, e manda que pela
pub. de Goa lhe seja abonada a prestação mensal de 60 xs., como
pensação das despesas extraordinarias que então fazia como vi-
ger. Pedindo posteriormente o p. Soares, que esta prestação
sal se declarasse vitalicia como recompensa dos seus serviços, a
r. de 10 nov. 66 mandou que o arceb. de Goa informasse com
u parecer. Do resultado não sei.
Outra port. r. de 29 fev. 1856 (44) o manda elogiar pelo zelo re-
e patriotico com que se houve na defensa dos direitos do padroa-
Por decr. de 17 fev. 1858 promovido a thesour.°-mór da sé de
e pelo de 15 jul. 68 a chantre (45).
Em abril 1866 antes de largar Bombaim, recebeu dos seus juris-
onados, varias demonstrações de apreço em que tinham os ser-
relevantes que elle fez ás missões do Norte: uma das sub-
ções promovidas para se lhe offerecer alguma prenda, montou em
de mil rup.; e em 16 abr. 66..; em 18 do mesmo mez por oc-
da festa de S. Francisco d'Assiz na egreja de N. S. Salvação
ahim de baixo, a que o p.e Soares assistiu, lhe fizeram os fre-
s daquella egr. outra ovação, e depois de lida uma allocução
oria, lhe offertaram uma taça de prata com inscripção apro-
: o p.e Soares agradeceu o enthusiasmo dos manifestanles, ac-
a taça offerecida, a qual espontaneamente doou á mesma egr.a

) *Observador* Bomb. 1848 n.° 25.
V. I. P. destas *Mitras* p. 518. 9, — *Jorn. do Commerc.* Lisb. 1868 ab.
d. Portg 1868 jun. 2.
V. *Abelha B.* 1855 n.° 363 e *Bolet.* 1856 n.° 6 onde está publ. o discurso
g. g. Soares, recitado por occasião dos exames dos alumnos da escola
e Cavel.
Bolet. 1851 n.° 23, — *Abelha B.* 1851 n.° 142.
Bolet. 1852 n.° 41.
Ib. 1856 n.° 31
V. *Obras* do arceb. Amorim, III, 168.

da Salvação, para perpetuar nella a sua memoria, usando se della na 5.ª f.ª st.ª. como vaso de dar agoa aos que commungassem e em outras semelhantes occasiões (46).

Em 29 jun. 1866 offerecendo a renuucia do cargo de vigario ger. das missões do Norte, o arcebp.º por sua port. de 4 jul. lh'a acceitou, declarando que elle servira aquelle cargo «com zelo e intelligencia pelo decurso de muitos annos e em difficeis circumstancias».

Indo-se para Goa no mesmo a. 66 requereu a s. mag. em 1870 dispensa das suas obrigações de chantre da sé no côro, em attenção a sua idade e aos seus padecimentos, o que provava por documentos: o govern.or ger. v. de S. Januario informou este requerim.to em 8 nov. 70, dizendo: «o requerente é digno da graça que solicita, e que os seus longos e sempre leaes serviços á coroa de Portugal, donde recebeu alem das regias mercês que o condecoraram, o titulo de benemerito que as côrtes lhe conferiram, o tornam recommendavel á benevolencia de s. mag. Estrenuo defensor do regio padroado no oriente, combateu sempre com firmeza poderosas influencias, e portuguez d'antes quebrar que torcer tudo arriscou pela honra do seu paiz, e pelas prerogativas reaes que nunca deixou postergar. Tudo nelle tem abatido a velhice, menos o patriotismo que o anima». Fal. em Mapuça terra da sua naturalidade, a 14 jul. 72.

A port. r. de 7 nov. 1840 (47), em resposta a uma representação dirigida a s. mag. pelos procuradores dos cathol.os portg. de Bombaim, louva o zelo e activid.e com que elles tem pugnado pelos interesses dos seus constituintes, e pela defesa dos direitos da corôa portg. ao padroado das egr.as da Asia, e lhes assegura que o gov.º tem novam.te reclamado perante o gov.º inglez, afim de que se expeça ordens aos governadores inglezes da India, para que mantenham na conformidade dos tratados os direitos do padroado de s. mag., e faça restituir ao diocesano de Goa e a seus suffraganeos as egr.as portg. usurpadas pelos propagandistas. Outra port. r. de 30 jun. 1841 (48), em resposta ás representações dirigidas ao governo pela «commissão erecta em Bombaim para a conservação e reinvindicação dos direitos do padroado real das egr.as do Norte», se lhe declara que estando restabelecidas as relações com a côrte de Roma, e estando nomeado arcebp.º para a sé de Goa que não tardará em ser sagr.º, em breve os votos da commissão serão satisfeitos, e o seu zelo e esforços premiados.

Em 1846 tentaram os mission.os da propg.da empolgar a capella de N. Sr.ª da Conceição de Baicallá; propoz-se demanda em nome de Miguel de Lima, que na occasião do seu casam.to illudido pelos d.os mission.os se sujeitára a jurisdicção delles, renegando a legitima do arcebispado de Goa; esta demanda durou alg.s mezes e em junho do

---

(46) *Patriota* de Bombaim 1866 maio 5 n.º 4.
(47) *Bolet.* 1841 n.º 6.
(48) Ib. 1841 n.º 36.

m.^mo anno foi decidido que a capella pertencia ao padroado portg., como filial da egr.ª de Mazagão, e condemnado o autor nas custas (49).

Em 1849 edif. a egr.ª de N. S. Mãi de Deus, de Palle, em Baçaim: custou 6000 rp. (50).

Em novb. 1850 reverteram á jurisdicção do padroado os freguetes da egr.ª de N. S. Salvação de Mahim, sendo reivindicada a d.ª egr.ª usurpada em 1813, por sentença judicial de 13 jun. 1851: custou esta demanda mais de 7000 rp. (51).

Por sentença judicial de 7 de dez. 1863 fai reivindicada a egr.ª de Mane: da qual tendo appellado o vigario ap. de Bombaim, foi decidida a appellação em 23 jul. 1855 a favor da jurisdicção do padroado, declarando-se que ao mission.º portg. pertence a posse da egr.ª e casas parochiaes de Mane (52).

Em 20 jun. 1854 se reivindicaram as egr.ªs de S. Miguel de Mahim (53) e S.^to André de Bandorá; por sentença de 22 jun. foram mandados restituir á irmand.^e de S.^to André de Bandorá, os trastes e prata e ornam.^tos roubados pelos satellites da propg.^da (54).

No mesmo a. 1854 tendo sido impedida pelos gentios a fabricação a egr.ª de S.^ta Cruz do Monte Calvario em Baçaim, os christãos recorreram aos tribunaes, os quaes decidiram a contenda a favor do mission.º portg. (55).

Crelo que foi nesse a. 1854 que se fizeram importantes obras (800 rp.) na sobred.ª egr.ª de S. Miguel, — e em Baçaim foi reparada a de S. Thomé, custando 3875 rp.; e edificada em 1856 a de N. S. Mercês, custando rp. 6000 (56).

Aqui vão exaradas tres ordenanaas do vig. g. Soares, e outras quatro de um vig. da vara, dessa epocha:

20) 1850 Novembro 9. *Provisão.* Levanta a suspensão injusta e incompetentem.^te fulminada contra o p.^e J. Braz Fernandes, de Bombaim, e o nomea parocho da egr.ª de N. S. Salvação de Mahim, absolvendo-o de qualquer censura se em alguma incorresse (57).

21) 1854 Julho.. *Aviso* da camara eccles. Diz que em 16 d'este mez haverá preces na egr. de Mazagão, pelo feliz successo das armas do exercito anglo-francez no Oriente (58).

---

(49) *Bolet.* 1856 n.º 7.
(50) Ib 1858 n.º 71.
(51) *Bolet.* 1850 n.º 47; 1851 n.º 26 e 1857 n.ºs 9 e 10. — *Abelha B.* 1851 n.º 18.
(52) *Bolet.* 1853 n.º 51; 1854 n.ºs 28 e 33 e 1855 n.º 31.
(53) Principiou á demanda para a reivindicação da egr. de S. Miguel em 1853; despesa total rp. 8231 : 5 : 7.
(54) *Bolet.* 1854 n.º 28
(55) *Bolet.* 1854 n.º 33.
(56) Ib. 1856 n.º 71.
(57) *Abelha B.* 1850 n.º 111. A pena de susp. fôra intimada a p. João Braz Fernandes, em carta do administrador ap. de Bombaim A Hartmann de 31 de out. 1850, publ. na cit. *Abelha* e na *Revol. Setb.* 1851 ag. n.º 2642.
(58) *Abelha B.* 1854 n.º 302.

22) 1857 Agosto 19. *Circular*. Reprova os meios tortuosos por que algons sacerdotes pretendem serem providos em parochos, lhes pede não escandalisem por este modo os christãos, e ameaça com a pena de suspensão a quem persistir nesse proposito.

23) 1851 Agosto 4. *Circular* do vigario da vara de Baçaim *P.e Mathias José Lobo* (59). Diz que por ordem superior estão os missionarios do seu districto dispensados, de apresentarem ao prelado as suas provisões (*pastor. de 19 de maio 1851 do vig. cap. do arcebp. de Goa)*, das quaes podem usar pelo tempo que lhes foi concedido ultimamente.

24) 1856 Abril 24. *Alvará* do mesmo vig. da vara Lobo. Em execução da ordem do prelado, que o manda visitar as egrejas d'este districto de Baçaim, designa os dias 5 a 8 de maio prox. para a visita a 4 egr.as que aponta, e quer que os parochos cumpram o que a respeito de semelhantes visitações lhes prescrevem as constit. goan. e o regim.to, e deixem as contas das fabricas e irmandades promptas e outros livros; e avisem o povo.

25) 1857 Fevereiro 14. *Circular* do mesmo vigario da vara Lobo. Diz que se estende ás missões do seu districto o indulto de comer carne, e aos missionarios a dispensa por dez annos, de applicarem a missa *pro populo* nos dias santos abolidos (*pastor. do vig. cap. de Goa de 19 de julho e 23 agosto 1856)*.

26) 1857 Maio 13. *Circular* do mesmo vigario da vara Lobo. Annuncia aos missionarios do districto, que o prelado de Goa concede aos christãos dispensa do jejum nos 3 dias das rogações.

1867 — *Pe. Diogo Manuel Gomes*, nom. em 10 fev. 1853 vigario da vara de Tannah (60); superior das missões de Bombaim por port. archiep. de 8 fev. 67, e vigario geral em 1876. Caval. da ordem de S. Thiago da Espada por decreto de 25 fev. 61. Pode vêr se sua correspondencia acerca dos negocios ecclesiasticos no *Bolet.* 1856 n.º 90 1858 n.º 78 e 1860 n.º 3.

A pedido dos clerigos seus conterraneos de Bombaim, compôz uma *Collecção das praticas em marata, ou discursos d'um parocho a seus freguezes, e d'um pai de familias a seus filhos e subditos* (por um missionario indigena): foi impressa esta *Collecção* em caracteres romanos á solicitação da commissão ahi estabelecida para promover o bem da religião, Bombay 1860 typ. de Luiz Maria de Souza, em 2 tom. em 8.º, contendo o 1.º vol. III — 204 pag. com 27 praticas, e o 2.º 288 pag. com 23 praticas.

Foi pelos esforços empregados por este vig.º da vara, que os tribunaes inglezes de Bombaim mandaram restituir á jurisd.ão do padr.º, o que se verificou em 16 nov. 1862, a egr. de Versovah, que na noite de 4 julho ant. tinha sido por traição do parocho della fr. Maurelio do

---

(59) *Nobiliarch goana* II, 220, — *Bolet.* 1858 n.º 71 : ficou atraz notado que o p. Lobo foi nom. vig. da vara de Baçaim, por provis. de 18 de out. 1850. Fal. em paroche de Siolim, a 7 iul. 1873 — *Bolet.* 1873 n.º 53.

(60) V. *Abelha B.* 1854 n.º 279, — *Patriota* Bomb. 1880 jan. p. 12.

Espirito S., egresso do conv. de S. Francisco de Goa, invadida e usurpada pelos miss.os da propg.da.

P.e Gomes fal. a 5 ag. 1878, e está sepultado na egreja de Dabul com o seguinte epitaphio:

Aqui jazem os restos mortaes do muito reverendo
Diogo Manuel Gomes,
Cavalle ro da ordem de S. Thiago
Vigario geral das missões do Norte,
Fallecido n'esta cidade a 5 d'Agosto de 1878
Da idade de 64 annos e 11 mezes.
Oriundo de Ambolim de Salcete do Norte,
E ordenado presbytero em 1837,
Parochiou successivamente as egrejas de
Caliana, Malvana, Versova e Gondotim,
Com as aggregadas de SS. Trindade e Aldea mar.
Reedificou com muita lida e sacrificios pessoaes
As de Condotim e Trindade, que achou em ruinas e sem meios;
Melhorou todas as outras onde parochiou,
E fundou uma nova em Matheran.
Foi nomeado Vara do districto de Tannah em 1853,
Superior das missões do Norte em 1867, e
Vigario geral do Norte em 1876.
Por seus relevantes serviços no varado,
Foi condecorado pelo rei Fidelissimo.
Esta cova perpetua foi-lhe offerecida
Pela freguezia de Dabul, em reconhecimento
Do seu efficaz apoio para a sua erecção.
Pede-se um P. N. e A. M.

Publicou as circulares seguintes: —

27) 1867 Fevereiro 14. *Circular.* Transmitte aos missionarios copia da port. archiep. de 8 deste mez, relativa á sua nomeação, ao cargo de superior das missões do Norte, e representante do arceb. metropolitano perante as autoridades locaes.

28) 1868 Agosto 20. *Circular.* Communica aos missionarios que o sto. padre pela sua encycl. de 17 out. 1867, manda fazer em todo o orbe preces publicas pela defeza da egreja perseguida, com indulg. plen. aos que recitarem essas preces; designa praso para se satisfazer as condições prescriptas para se lucrar a indulg.

29) 1868 Dezembro 19. *Circular.* Remette aos missionarios copia da port. archiep. de 16 deste mez, dando certas providencias para a construcção de cemiterios, visto o governo local prohibir a sepultura de cadaveres nas egrejas.

30) 1870 Novembro 19. *Circular.* Para se cnmprir manda aos mission.os copia da port. archiep. de 29 set. 1870, prescreven do preces pub.as, por se achar o papa em grave tribulação.

31) 1873 Novembro 24. *Circular.* Communica aos vigarios copia da port. da junta gov. do arcebispado de Goa de 12 deste mez, pro-

hibindo que os mission.[os] abençoem os matrim.[os] dos individuos naturaes de Goa, sem lhe apresentarem certidão dos proclamas publicados na parochia da sua naturalidade etc.

32) 1876 Julho 25. *Circular*. Manda que os mission.[os] avisem a seus fregueses, que não demorem levar á sepultura o cadaver do seu parente ou amigo, que venha a fallecer acommettido de colera ou bexigas, como se insinúa no officio do chefe de saude publica, que a este acompanha por copia (61).

33) 1877 Abril 16. *Circular*. Transmitte aos missionarios copias do offic. do primaz de 11 deste mez, determinando que se elle achar resistencia da parte do actual fabriqueiro e administradores (da egr.[a] de...), em cumprir o que s. ex.[a] lhes determinou, lhes dê a demissão nomeando para gerir as temporalidades da egreja uma commissão... «As chamadas juntas dos freguezes para tratarem dos negocios concernentes á egreja, são causas permanentes de partidos, e por tanto de desordens...», expressam.[te] prohibe que ellas se reunam. «E' mister que os fieis saibam, que ainda sendo doadores e fundadores das egr.[as], nenhum outro direito lhes compete nas temporalidades d'ellas, que não seja o de simples administradores, sob a... inspecção da autoridade ecclesiastica, sendo nullo tudo que fizerem contra a vontade della...»,—e (copia) d'outro officio tambem de 11 d'abril, ordenando que o vigario ger. faça collocar os bancos da egr. de Cavel na forma anteriorm.[te] determinada: serão punidos os parochos e freguezes transgressores d'esta ordem.

34) 1877 Novembro 22. *Circular*. Transmitte aos missionarios copias da port. archiep. (de 22 de maio ant.), que nomea visitador das missões do Norte o p.[e] A. T. S. Leitão Castro, e d'um § do offic. archiep. de 15 deste nov., dirigido a elle Gomes, no qual avisa que, por não permittir agora o estado d'elle vigario geral longos trabalhos e fadigas, necessarias para tomar contas da administração dos cofres das egrejas, tem nom. visitador no temporal das egrejas o dito L. Castro. Quer que os missionarios cooperem para este visitador desempenhar sua commissão.

35) 1878 Março 2. *Circular*. Remette aos missionarios copias das circul. do arceb. (de 21 fev. ant.) e do vigario geral do arcebispado (de 20 fev. ant.), pelas quaes mandou-se fazer suffragios por alma de Pio IX, e preces pela eleição do seu successor. Diz que não duvida estejam feitos os ditos suffragios, como tambem as preces sobreditas, que elle proprio prescrevêra na sua circular promulgada logo que se recebeu pelo telegrapho, noticia da morte do papa. Participa que foi já eleito papa Leeo XIII, pelo que manda se cante nas egrejas *Te Deum*. Avisa que o arcebispo por doente regressa de Madrasta, interrompendo a visita pastoral...

36) 1878 Junho 12. *Circular*. Prescreve preces por 3 dias *ad petendam pluviam*, e domingo seg. se cante um sol.[e] *Te Deum* pelo restabelecimento da saude do arcebispo de Goa.

1877 — *P.[e] Antonio Thomaz da Silva Leitão e Castro*, nom. por

(61) Do livro paroch de Marol.

port. r. 22 de maio 1877 para servir em alguma das dioceses do real padroado na Asia, segundo a incumbencia que lhe fôr dada pelo arcebispo de Goa; e por provis. archiep de 14 nov. 1877 e de 1 maio 78, nom. visitador das missões de Bombaim e Gates, com o encargo de tomar contas ás fabricas, irmandades e associações pias das egrejas (63).

Expediu as ordenanças que seguem:

37) 1877 Dezembro 3. *Circular*. Annuncia que vai começar a visitação ás egrejas: entretanto exige dos missionarios: 1 inventario dos bens moveis e immoveis, que possuem a egreja principal e as egrejas e capellas annexas, e as confrarias nellas instituidas; 2 a folha da receita e despeza ordinaria dellas, e da extraordinaria provavel; 3 outra folha com as contas do ultimo mez, pela fórma que indica. Manda avisar os fieis que elle recebe quaesquer queixas e accusações que, porventura tenham de fazer sobre malversação dos fundos dos cofres... (64).

38) 1878 Janeiro 11. *Circular*. Prohibe: 1 que os gerentes dos co fres das egrejas. sem licença do arcebispo alienem os bens das egrejas e capellas; 2 acceitem ou recusem legados pios; 3 arrendem os predios das egrejas por mais de 3 annos (65).

39) 1878 Fevereiro 6. *Portaria*. Prohibe que no districto de Baçaím, se arremate antecipadamente o producto das futuras esmolas, que os fieis hajam de lançar por devoção no mealheiro ou cepo das egrejas.

40) 1878 Fevereiro 8. *Circulur*. Exige dos missionarios resposta aos seguintes quesitos: 1 se na sua freguezia se receberam legados pios, com encargo de satisfazerem perpetuamente, ou só por um certo tempo; 2 em que consistem esses legados, se em missas, festas...; 3 se se acceitaram alguns legados e quaes, durante a gerencia do actual missionario; 4 se houve para esta acceitação licença superior (65).

41) 1878 Maio 16. *Circular*. Para ser lida ao povo e registada, transmitte aos missionarios, copia da provis. archiep. de 1 deste mez, relativa á sua nomeação para visitador das missões (65).

42) 1878 Maio 31. *Circular*. Na conformidade das const. goan. declara incursos na pena d'excom., os ecclesiasticos e seculares que sonegarem qualquer propriedade, alfaias, valores, livroe ou documentos pertencentes á fabrica, confraria..., bem assim os que tiverem em seu poder, destruirem ou falsamente affirmarem que não existe, algum livro ou documento d'essas fabricas, confrarias..., ou lh'os não entregarem a elle visitador (65).

---

(63) *Botet*. 1877 n.º 49, — *Obras* de D. Ayres 492, — *Patriota* Bomb. 1878 jun. p. 22, — *Clero Portg.* Lisb 1890 n.º 189.

(64) Impressa em Bomb. fol., e transcr. no *Patriota* 1878 jun. p. 22.

(65) Estas 4 circul. foram todas impressas em Bomb. fol.

b) GATES

Em 1826 fundou o mission.º portug. fr. Clemente da Mãi Dolorosa, a egr.ª de N. S. Conceição em Belgão; reedif. em 1851.

1856? — *P.e João Marianno Gonçalves*, mission. em Malwane; nom. por provis. de... visitador, e por outra de... 1857 vigario g. das missões dos Gates (1): os relatorios de sea visitação ás missões estão publ. com doc. no *Bolet.* 1857 n.os 9 a 11 e 1858 n.º 69 (2). O decr. de 24 nov. 1853 (3) lhe concedeu as honras de conego da sé de Goa; e o offic. do gov. da Ind. de 21 jun. 1850 o poder usar a medalha que a christand.e de Malwane lhe offereceu em 21 out. 55, como testemunho de gratidão pela fundação da egr.ª daquella missão (4). Nom. parocho d'Anjuna por dec. de 14 maio 55 (5). Pela port. r. de 20 jul. 57 foi mandado louvar pela fundação da egr.ª de Vingorlá.

Outra port. r. de 27 jul. 58 approvou o arbitramento de 150 xs. mensaes, que fizera a junta da faz. de Goa a este visitador das missões de Gates. Fal. em Arporá terra da sua naturalidade a 18 maio 1878.

Por sentença judicial de 27 maio 1856 foi reivindicado, o terreno adjacente á egr.ª de Caladique que havia sido usurpado por dois gentios brahmanes (6).

Poucos annos antes de 1856 foi erecta a egr.ª de Savantvady, por diligencia do p. João Antonio de Souza (7).

A port. r. de 18 nov. 1856 (8) louva o zelo, com que o mission. de Bellary e Adoni p. Luiz Gonzaga Rodrigues, se houve na reivindicação por sentença dos tribunaes inglezes da egreja de Muduniguiry, e se emprega em obter egual resultado a respeito da egreja usurpada de Raichur.

Em 1857 reivindicou-se judicialm.te a egr.ª de Tamaricopa, usurpada pelos mission.os da propag.da; e por sentença judicial de out. 58 mandou se restituir á d.ª egr.ª portg. de Tamaricopa, os trastes de ouro, prata, imagens e roupa que tinham sido roubados (9).

Em 1859 se obteve sentença judicial sobre o cemiterio de Darvhar, a favor do mission.º portg. (10).

O visitador Gonçalves expediu o seg.:

---

(1) V. ports. r. de 5 março e 10 set. 1857 mandando nomear vig. ger. para os Gates. — *Sustentaç. do clero paroch.* 135 40, I.
(2) V. *Bolet.* 1845 n.º 43.
(3) Ib. 1854 n.º 10.
(4) Ib. 1854 n.º 49.
(5) *Bolet.* 1855 n.º 29, — *Obras* arceb. Amorim III, 156.
(6) *Bolet.* 1856 n.º 47.
(7) Ib. 1850 n.º 43.
(8) Ib. 1857 n.º 1. — *Abelha B.* 1857 n.º 2.
(9) *Bolet.* 1857 n.os 9 e 10 e 1858 n.º 85.
(10) *Bolet.* 1759 n.º 84.

43) 1836 Novembro 14. *Edital*. Dá por aberta a visita as missões dos Gates, em desempenho do seu cargo de visitador.

1877 — *P.e Antonio T. R. Leitão Castro*, nom. visitador das missões dos Gates por provisão archiep. de 14 nov. (11).

II — Sul (Canará).

1638 ? — *Fr. Simão da Graça*, aug., visitador das egr.as do Sul. Pela c. r. de 13 março 1645 encommendou-se ao vicer. Ind., que se enviasse a Onor, nos invernos, um religioso que instruisse aos moradores nas cousas necessarias para sua salvação, e lhes pregasse o evangelho.

1648 — *Fr. Francisco da Conceição*, franc., visitador das egr.as do Sul (depois de o ter sido nas do Norte, como atraz p. 5 se disse). N'uma representação que elle dirigiu a s. mag. em 16 jan. 649 diz: «Visitei as partes do Sul, e achei muitas egr.as nossas mettidas pelas terras dos reis de Malavar, que é gr.de gloria para v. m. cathol. vêr, que tem vassallos fieis nas terras e reinos dos reis infieis». Diz que assistem relig.os francisc. em Cranganor, Calicoulão, Porcá, Vaipim, Coitote, Cariture, Betimano, Alapar..., e outras christ.des e egr.as. «E agora de novo alevantarei duas no pagodinho com titulo de N. S. Conceição e no mato da rainha..., onde muitos se querem converter á fé, que por falta de ministros por não terem de que se sustentem o não fazem, que com mil pardaos cada anno ganhariam milhares e milhares de almas para o cêo.»

1649 ? — *P.e André Gomes*, vigario da missão de Canará, e depois parocho da egr.a de S. Lourenço na ilha de Goa. No *Prompt. Dif. Indic.* p. 91 se diz que elrei D. João IV, pelos serviços que elle fez na dita missão do Canará, o nomeou para bispo delle e o papa lhe passou lettras de sagração, que trouxe o p.e Pedro Borges, vigario que foi da egr.a de S.ta Luzia (Daugim), vindo de Roma, e por chegarem depois da sua morte (3 jul. 1657) não surtiram êffeito (1).

Eram a esse tempo «les circonstances de cette mission (do Canará) tristes et graves. Lorsque les troupes portugaises se virent forcées

---

(11) V. atraz p. 290.

(1) N'uma «Historia de Canará» escripta pelo mission.o p. Maffei, e recentem.te (1902) publicada no periodico *Mangalor Magazine*, lê se que elrei D. João IV (1640 a 1658) induziu o papa a nomear p.e Andre Gomes, presbytero indiano para vigario apostolico do Canará, visto oppôr-se o rei do Canará ao provimento deste cargo em clerigo europeu, mas quando chegaram a India as bullas pontif.as levadas por pe Borges, era já fallecido o p. André Gomes. Veja-se o ultimo dos interessantes artigos a este proposito publicados na *India Portg.* Orlim 1902 n.o 2041, por sr. Philoteio Pereira de Andrade. Em quasi identicos termos vem consignada no cit. *Promptuario das Difiuic-Indic.* do p. Leonardo Paes, esta noticia da nomeação do p. André Gomes em bispo do Canará, parecendo que um copiasse o outro. V. tambem *Memor dirig. pela christandade de Mangalor a C. Bonnand*, N. Goa 1868, — e o opusc. *André Gomes*, publ. pelo mesmo sr. Andrade, Bastora 1897.

Posto que me sobejem desejos de averiguar e saber com certeza se foi ou não nomeado por D. João 4 e confirmado pela s. sé em bispo do Canará o p.e André Gomes, devo dizer que alem do livro cit. do p.e Lenordo Paes e de «Man-

d'évacuer les derniéres places fortès qu'elles occupaient sur la côte du Canara, les archevêques de Goa abandonnérent aussi cette mission, qui fasait partie de leur archidiocese. Ils y furent peut-être contraints par les circonstances» (2).

1681 — *P.e José Vaz*, n. de Sancoale, vigario foraneo do Canará nom. pelo cabido *sede v.* Saiu de Goa em março 1681. Reformou a egr.a de Mangalor, que era uma barraca coberta de palha e a poz em forma e com aceio devido ao templo de Deus; erigiu uma egr.a em Barcelor e outra em Gangalim, consagrando ambas a SS. V. Maria, instituindo irmandades para o seu culto, a de Gangalim com o titulo de sua Immaculada Conceição, e a de Barcelor com o de N. S. Rosario; fabricou tambem ermidas em varias partes. O relatorio que o p.e Vaz mandou dessa missão a autorid.e eccles.a de Goa em 4 set. 681, foi publ. na *Vida* deste P. José Vaz 1867 p. 46, transcr., vert. em francez, na cit. obra *L'ap. Ceyl. p. J. Vaz p.* 18 a 21. Confirmado no cargo de vigario da vara pelo arcebp. D. Manuel Souza Menezes. Recolheu a Goa em 1684 com licença do governador do arcebispado (3).

1684 — *P.e Nicolau de Gamboa*, que tinha partes competentes para zelar no augmento d'aquella cristand.e ficou substituindo o p. J. Vaz.

1701 — *P.e João da Cunha*, capellão fidalgo, protonotario ap., nom. visitador das missões do Canará (4).

Em 1702 fundou o p.e Miguel de Mello a egr.a do Menino Jesus em Bantual (5).

1722? — *P.e Vicente de Basto*, orator. da congr. de Lisboa, nom. pelo arceb. D. Ignacio de S. Thereza visitador nas terras do Canará e commissario geral d'ellas (I. P. p. 222). Reedificou em Mangalor a capella chamada do bispo (fund. por D. Thomaz de Castro).

172... — *P.e Sebastião do Rego*, n. de Neurá, nom. pelo m.mo arceb. D. Ignacio mission.o da egr.a de N. S. Bom Successo na côrte de Bedrur; ahi edificou um templo de pedra e cal conduzindo de Goa os officiaes; d'aquella missão transfer. pelo dito arceb. para a do Rosario de Mangalor, com a incumbencia de vigario da vara das missões do Canará. Vestiu depois a roupeta de S. Filippe Nery na congr. do orator. de Goa a 20 jan. 1730. E' autor da *Vida do ven. p.e José Vaz*, Lisb. 1745, 4.o, — de *Noticia da fundaç. do orat. de Goa* e da *Hist. univ.* da m.ma casa, ambas mss. (6).

---

galor Magazine», nunca me viu nas minhas investigações historicas a talho de foice, documt.o algum que pudesse ilucidar esta materia.

(2) *L'Apôtre de Ceylan p. Joseph Vaz*, por Ladislas Michel, archev· de Thebes, deleg. ap. des Ind. or., Calcutta 4896 p. 12.

(3) *The Life of fath. J. Vaz*, by S. C. Chitty, Colombo 1848 («Supplem. to the Ceylon Messenger») .p. 3, — *Mem christd. Mangal.* 4, — *Estud. biogr.* 233 — *Vida P. J. Vaz.* 1867 p. 42, 6, 9, — *Bolet.* 1860 n.o 68, — *Dicc. pop.* XIII, 291, — *Valmiky Bunuar*, 1886 p. 71. — *L'ap. p. Jos. Vaz* 12, 4, 22, 5, 8.

(4) *Nobiliarch. goana* N. Goa 1861 I, 48 — *Quadros biographicos dos padres illustres de Goa*, p.e Expectação Barreto, Bastorá 1899 I, 205.

(5) *Vida p. J. Vaz* 167 n.

(6) *Bibl. lus.* III 699, — *Dicc. bibl. portg.* VII, 222, — *Quad. hist. Goa* II 94 e seg., — *Revista contpor.*, Lisb. 1965 n.o 11, — *Vida p. J. Vaz* n. prelim. p. 4 e seg, — *Oriente portg.* 1905 p. 275, 6, 482 e 87.

1740 ? — *P.*[e] *Jacintho Manuel do Rego*, n. de Verná. licenc., nom. pelo governador do arcebispado Lino Coelho de Vargas, visitador da missão do Canará e vigario da egr.[a] de N. S. Rosario de Barcelor, vara e juiz das justificações deste districto: tomou posse do cargo em maio 1740: recolhendo-se a Goa, foi nom. vigario da egr.[a] de Varcá, a qual parochiava em 1749. Entrou depois para o convento de S. Caetano, onde fez a profissão em maio 752; ahi fal. 29 dez. 768. No Canará expediu 2 circulares ou pastoraes, dat. de 4 maio 1740, que não alcançei (7).

17 . . . — *P.*[e] *Pedro Rodrigues*, parocho de S. Lourenço, nom. visitador das missões do Canará.

1751 — *P.*[e] *João Gonçalves*, n. de Chorão, nom. visitador da missões do Canará, por provis. de 27 out. do arceb. Neiva Brum.

17 . . — *P.*[e] *Caetano Francisco Couto*, n. de Pangim, vigario foraneo do Canará por nom. da m.[me] arceb. N. Brum (8).

Em 1765 ? era vigario da vara (em Mangalor ?) p.[e] Caetano Pires da Silva.

? — *P.*[e] *Joaquim Machado*, visitador da missão do Canará muitos annos antes de 1766: d'elle é o seg.

44) . . ? *Decreto*. «. . . De hoje em diante para quietação e socego d'esta christand.[e], e se evitarem odios e contendas já decididas perante os r. parochos e vigarios da vara, e quando a decisão não fosse justa, e tiverem de novo que requerer sobre a m.[ma] materia já decidida, o farão no termo de 30 dias perante o superior da missão, e em sua ausencia perante os r. vigarios da vara, e passado dito termo nenhuma causa será admittida 2.[a] vez ao juizo, para assim se observar a ordem da justiça, e não andarem sempre em contendas, e os r. parochos que acceitarem contendas já decididas por seus antecessores e louvados, declaro por suspensos e as partes por condemnadas sendo a demanda de dinheiro ou cousa que o valha, na terça parte do que requererem, e se applicará para fabrica, ficando juntam.[te] privados do direito para poderem requeror.» (*Ms. bibl. nac. Lisb*).

1770 fev. 8. Carta do govern.[or] de Goa. Participa á côrte que interinam.[te] encarregou da administração da feitoria de Mangalor, e de todos os seus direitos ao vigario da vara d'aquella christand.[e], emquanto não chegue ahi feiror que jà tem uomeado.

17 . . — *P.*[e] *Leitão Lobo*, 18 an.[o] mission.[o] no Canará, vigario da vara e duas vezes superior e visitador das missões (9).

1782 — *P.*[e] *José da Espinola*, nom. pelo arceb. S.[ta] Catharina visitador das missões do Canará.

Em 1807 era visitador das missões do Canará *p.*[e] *Miguel José Mendes*: depois vigario ger. do arcebispado (I P. 469).

---

(7) V. *Oriente portug.* 1905 p 484 e .7.
(8) *Conjuraç. de 1787 em Goa* 42. V. a adiante capit. *Cochim*.
(9) V. o quo diz a respeito dos vigarios ger. do Canará. Francis Buchanan *N Journey from Madras through the countries of Mysore, and Mulabar*. . ., London 1807 III, 24 e Madras 1870 II, 219.

18.. — *P.e Cosme Bernardo Camillo Valeriano*, visitador das missões por nom. do arcebp.o. Sua biogr. está publ. na *Illustr. Goana*, 1865 IX, 1 a 5, — e no *Anglo-Lusit.* 1888 n.o 95. Expediu o seg.:

45) 1813... *Decreto.* Declara quaes as attribuições e regalias dos budhavontos (10).

Em 1819 foram visitadas muitas egrejas do Canará pelo arcebp. S. Galdino.

1828 — *P.e Querobino Furtado*, n. de Chinchinim, nom. por provis. archiep. de 28 nov. visitador geral das missões do varado de S. Sivansor e egr.as annexas; chegou a Sadashigor para desempenhar esta incumbencia em 8 dezb. Depois provisor e vig. g. do arcebpado de Goa, onde fal. 14 set. 1841.

1838 out. 24. Resposta de p. Paulo Antonio D. C. á carta dos christãos de Caliampur, na qual perguntavam se era livre e espontanea a desistencia delle vigario capit. do arcebispado de Goa, e se o arcebispo eleito era ou não verdadeiro prelado a quem elles deviam obedecer, — diz que sim, como já declarou em sua circular (11) que fez publicar em todas as egr.as, e que todos devem reconhecer ao dito arceb. el. por legitimo prelado. A respeito da questão do scisma suscitada pelos propg.das, diz que em q.to não haja sentença do papa ninguem pode ser tratado de facto por scismatico (12).

Em 1844 era superior interino das missões do Canará o p. *Antonio do Rosario*: não sei q.do começou a exercer este cargo, nem q.do findou tal incumbencia.

Em 1845 muitos missionarios e christãos da jurisdicção do padroado do Canará, protestaram contra a circul. publicada ahi por fr. Bernardino de Sta. Ignez, intitulado vig. ap. do Canará: dizem que a jurisdicção do actual prelado de Goa a quem elles estão sujeitos, é a unica legitima e verdadeira pelas razões que expendeme nulla a do referido fr. Bernardino, e por isso considerando-o bispo intruso, tem direito a repelir a sua entrada e dos ministros que elle nomear, nas egrejas pertencentes ao padroado; e o fazem responsavel pelos damnos que o exercicio de sua jurisdicção occasionar; pedem ao magistrado local mande registar este protesto nos livros de sua repartição, e por algum official della, o notifique ao sobredito vig. ap. (13).

Em out. 1847 os catholicos moradores em Cananor dirigiram ao sto. padre uma representação, pedindo remedio aos males que os affligem e tanto prejuizo tem causado á religião catholica, desde que se tem querido privar a corôa portugueza do dlreito do padroado das egrejas do oriente (14).

---

(10) Do livro paroch. de Honor. *Budhavont* termo da lingua concani, que significa prudente, sizude; nas missões do Canará exercem os budhavontos as funcções de cabeças dos bairros, juizes de paz e tambem procuradores ou syndicos da egreja.

(11) Pastoral de 25 nov. 1837? — V. I P. p. 431.

(12) *Bolet.* 1838 n.o 59.

(13) *Jorn. s. egr. lusit.* 1846 n.o 4.

(14) V. no *Observador* Bomb. 1847 março 27 carta do barão da Venda da Cruz de 2 jan. 47, escr. de Roma a F. Oav. Souza e outros catbolicos de Cananor.

1855 — *P.e Antonio João Ignacio Santimano*, nom. visitador das issões do Canará por provis. de 2 março. V. adiante cap. *Cochim*.

1856 — *P.e Euzebio Antonio Baracho*, n. de Varcá, nom. pelo igar. capit. Almeida missionario do Canará em 16 jan. 1833, onde hegou em abr. sg., começando desde logo a servir de coadjutor do issionario de Mangalor; em seguida nom. pelo vig. capit. Paulo A. Dias vigario da egr. de S. José de Pezar. Depois que se publicou na ndia o nefasto breve *Multa praeclare*, o p. Baracho com 3 outros missionarios portg., desertando do seu posto bandeou-se pela propaganda, andou pregando que era intruso na diocese de Goa o arcebp.º d. D. Antonio Feliciano, e arrastou consigo todas as egr.as deste districto, menos 3. Não tardou porém que, arrependidos dos seus erros abandonassem aquelle partido, e rendessem obediencia com os respectivos freguezes ao arcebp.º Torres, a cuja instancia mandou o governo civil (5 dezb. 1844 e 7 fev. 45), que os delegados do procurador da corôa de Salecte e Bardez levantassem o sequestro, a que se tinha procedido nos seus bens, pela razão da sua infidelidade, e ao mesmo tempo fizessem proceder a sequestro nos bens d'outro missionario do Canará, n. d'Orlim..., por constar que é um dos mais escandalosos pela sua rebeldia e pertinacia (15).

«É verdade (acrescenta o doc. cit. na nota) que desde a sua reversão, conservou-se firme e teve de soffrer por isso perseguições, 9 dias de prisão (em novbr. 1844) e mais 25 dias (outb. 45). gastou perto de 3000 rp. para defensão da sua egr.a de Pezar, da invasão dos propagandistas, e para a reivindicação das de Sirvão etc.», de que logo fallarei.

P.e Baracho foi nom. vig. da vara... por port. arcebisp. de 12 .. 1847; promovido a coadjutor do vig. g. do Canará (em 1853?), neste cargo definitivamente provido em 30 jun. 56. Sua correspondencia official está publ. no *Botet.* 1853 n.os 28 e 34; 1855 n.º 73; 1857 n.os 11 e 13 e 1860 n.º 35. O der. de 1 março (185. ?) concedeu-lhe as honras de conego da sé de Goa, e o de 2 do mesmo mez agraciou-o com o hab. de Christo. A port r. de 21 ab. 1867 (16) louva seu zelo pela reivindicação da egr. de Sirvão. Em 23 setb. 1868 participava elle ao arcebp.º, que depois da chegada de s. e. a Goa, se tinham fundado no Canará novas egrejas: — a de Carvvar, Barcur, Udevar, Sirey, e agora a de Mangalor —, todas as quaes estavam providas de parochos. Fal. em Pezar a 30 abr. 1870 (17).

A egreja de Sirvão de que acima fallei, foi usurpada em abr. 1856 e maltratado o p.e José Maria da Costa, vig. da egr.a de Qhi-... em. Levando-se o caso aos tribunaes, por sentença de 5 jan. 57 foi

---

(15) *Bolet.* 1845 n.os 5 e 6. V. I P. destas *Mitras* p. 473 e 476 ports. 7 jun. e 21 agosto 1844. — «Chegando a Goa o arcebp.o Torres (diz um doc dat. de 1866 que tenho presente), poz-se o p.e Baracho em campo a favor do padroado, mas já não póde trazer muitas das egrejas que levára, de forma que se hoje ha vigario apostolico em Mangalor, ao p.e Baracho se deve».

(16) *Bolet.* 1857 n.º 42.

(17) *Bolet.* 1859 n.º 38, — *Oriente Cath.* n.os 78 e 80, — *Obras* do arceb. Amorim III, 147, 66.

2

mandada restituir a seus legitimos possuidores os p.es da jurisd.ão do padroado, e por outra sentença 31 março 1860 mandados restituir aos padroadistas todos os trastes de ouro, imagens, vestim.tos, escripturas e fundos da egr. de Sirvão, e até os breviarios do vigario que tinham sido roubados. Paulo da Cruz, aggressor do p. J. M. Costa, foi condemnado a dous mezes de prisão com trabalhos publicos (18).

Em 1862 o vigario de Caliampôr p. Thomaz das Mercês alcançou, que pelo governo de Madrasta fossem declarados isentos dos direitos em todas as alfandegas da India, os param.tos e utencilios de culto que de Goa fossem embarcados para as missões da India, e se destinassem para uso das egr.as pertencentes ao padroado portg. (19).

Passo a exarar as ordenanças expedidas por p.e Baracho:

46) 1859 Julho 25. *Circular.* 1 Para haver uniformidade nas missões relativamente a sanctificação dos dias de guarda, diz quaes elles são, e manda enquadral-os em uma tabela, para ser afixada nas sacristias das egrejas; 2 pelos missionarios manda exhortar os christãos a fazerem preces: pela paz e socego publico, pela ratificação da concordata acerca das missões do padroado, e para a salva chegada á India do arceb. D. Antonio Trindade; 3 na missa manda se diga a oração *Ne despicias* afim de applacar a Deus, e cessar o cholera morbus em Goa (20).

47) 1865 Março 21. *Circular.* Por ordem superior declara cessada a faculdade de que usavam os missionarios, de conceder dispensas matrimoniaes, o que diz ser reservado ao prelado.

1870? — *P.e Domingos Caetano da Silva*, n. de Candolim, nom. missionario de Madrasta por provis. de 22 jan. 1866; parochiava a freguezia de S. João em Madrasta, quando foi encarregado em 29 de nov. 1870 da regencia do seminario de S. Thomé; entrou em exercicio em 3 dezb. Nom. em 1871? vigario ger. interino do Canara; exerceu o cargo 2 annos. Fal. em Goa a 21 jan. 1886.

1871 — *P.e Avelino João Marçal Barreto*, n. de Velção; nom. em 10 dez. 1860 vigario de Chandor e Comptá; posse 27 jan. 61: continuou até 1867 em que foi transfer. a 25 jan. para a missão de Qhirem, posse 10 março; nom. vigario ger. interino do Canará e vigario da egr. de Pezar por port. da junta gov. do arceb. de 16 ag. 71; promovido a vigario ger. effectivo em 19 jan. 72 (21).

Expediu as ordenanças sg.:

48) 1873 Novembro 7. *Circular.* Em virtude da port. da junta gov. do arceb. de 13 out. ant.: 1 prohibe que se exija por occasião dos enterros ou matrimonios, os creditos dos cofres da egr. ou dos particulares; a convir alguma dilação d'essa cobrança, aconselha que se faça em beneficio dos pobres; 2 diz que as justificações se não devem omittir, por não comparecerem os individuos notificados a esse fim,

---

(18) *Bolet.* 1856 n.os 34, 68, 69; 1857 n.os 11, 19, 20. 22 e 42 e 1860 n.o 16. — *Abelha B.* 1857 n.o 12.

(19) *Bolet.* 1852 n.o 65.

(20) Esta circul. e as que seguem, expedidas pelos vig. ger. do Canará, extractei as dos livros paroch. de Sadashivagor, em 1884.

(21) *India Portg.*, Orlim, 1901 n.o 1932 março 9.

ıas fazel-as do modo possivel; 3 comina a p. de susp. ao missionario ue fizer extorsões por occasião das funcções parochiaes.

49) 1873 Novembro 29. *Circular*. Manda que se cumpra o dis- osto na port. de 14 deste mez da auctoridade eccles. de Goa, que rohibe aos missionarios sob p. de susp., abençoar os matrimonios e sugeitos naturaes de Goa, sem apresentarem além d'outros docu- ıentos, a certidão dos banhos corridos na freguezia de sua natura- dade.

50) 1877 Junho 12. *Circular*. Em virtude das instrucções rece- idas do arcebp.º, determina que nas missões do Canará se observe seg. regulamento (constante de 7 capit.): 1 todas as missões do anará fazem parte integrante do arcebispado de Goa; estão no espi- tual e temporal sujeitas ás leis especiaes desta archidiocese; 2 os ıbriqueiros e freguezes são meros administradores dos bens da egr.ª spectiva, sob a fiscalisação da autoridade ecclesiastica: a nomeação e seus gerentes é da competencia do representante do arcebp.º, a em devem prestar conta da administração dos cofres; 3 elles não odem sem licença alienar ou hypothecar os bens da egr.ª sob p. 'excom.

4 O vigario faça logo inventario desses bens moveis e immoveis om claresa declarando seu valor, rendimento, confrontações dos pre- ios, encargos que sobre elles pesam, e lhe transmitta duas copias desse ıventario: no fim de cada anno se faça no inventario descarga dos bjectos gastos, e inscripção dos novamente adquiridos. 5 Haja em ala egr.ª 9 livros para o registo das ordens superiores, para assen- s dos baptismos, casamentos e obitos, para a escripturação da re- eita e despesa da fabrica e para a da irmandade, para o invenеario, ara termos de posse dos vigarios e para actas da junta do povo: o vro destinado para inventario terá 2 partes, uma para descripção os pertences da fabrica e outra para os d'irmandade, declarando em doou os objectos; no da receita e despesa se escreverá nas 1.ªs aginas o catalogo dos irmãos da confraria, seus nomes e moradas; serva a si o encargo de numerar e rubricar esses livros, quanto ás gr.ªs do 1.º e 2.º varado, e commissiona os varas do 3.º e 4.º dis- icto para identico trabalho dos livros da respectiva circunscripção. ı escripturação da receita e despesa da fabrica e dos cofres das mand.ºs se faça em livros novos, a começar de janeiro 1878: diz o ue se ha de fazer caso se possa ainda utilisar d'alguns antigos li- ros.

6 Ficam subsistindo separados o cofre da fabrica e o da irman- ade; nas egr.ªs onde houver mais d'uma irmandade, poderão os co- es fundir-se em um só, se o vigario com o povo o julgar. Nas egr.ªs de não ha confraria, o vigario a organise e submetta o compromisso sua approvação. 7 As contas da receita e despesa se façam por no civil de janeiro a dezb., por ser este o costume local, e não por nos economicos. 8 Os gerentes dos cofres podem ser removidos elo arcepb.º ou pelo vigario ger., e suspensos pelo respectivo vara. Em dia fixo em cada freguezia, em novbr. ou dezbr.º de cada anno, e escolherá para administração da fabrica um fabriqueiro, sujeito

de boa conducta, desobrigado do preceito da confissão, que não seja devedor da egr.[a], e não seja por ordem superior excluido; se o vigario o recusar por não lhe merecer confiança, o povo apresentará 5 individuos para o vigario escolher um; póde tambem o vigario recusar estes, devendo neste caso propôr um de sua confiança ao respectivo vara para ser definitivamt.[e] nomeado fabriqueiro: essa ultima hypothese dando-se na egreja dirigida pelo vara, a nomeação do fabriqueiro toca ao vigario ger. 10 Da mesma maneira se praticará, para a escolha de thesoureiro do cofre da irmandade, indicando o povo (ao vara?) 3 individuos e o vigario 2. Nenhum fabriqueiro poderá ser readmittido antes de se desresponsabilisar da anterior gerencia.

11) Haverá um procurador geral dos cofres da fabrica e irmandade, escolhido pela forma estabelecida para a nomeação de thesoureiro. 12 Para a revisão das contas dos cofres, será apresentada ao respectivo vara, uma lista contendo dez nomes de pessoa capazes, 4 indicadas pelo vigario e 6 pelos freguezes, e o vara escolherá tres, «quando d'accordo não fiquem eleitos:» nas egr.[as] regidas pelos varas, a escolha dos revisores compete ao vigario g. 13 As contas se encerrarão no fim de cada anno; depois de revistas em março seg.[te], serão submettidas á approvação do vigario ger. 14 Em junho de cada anno deverão as mesas ordinarias, enviar ao vigario g.[l] em duplicado, o orçamento da receita e despesa provavel, para o anno vindouro, afim de ser submettido á approvação do arcebp.[o]. 15 Os novos gerentes entrarão a funccionar desde janeiro, sendo-lhes pelas mesas transactas entregues os cofres respectivos.

16 E' inhibido aos vigarios e ainda aos varas criar «os cargos de principal, bemfeitor e outros de semelhante posição», nem provêr os que vagarem: os que pretenderem taes cargos deverão requerer ao vig. ger. 17 Da posse que o novo vigario tomar do seu cargo se lavrará termo no livro, sendo lhe pelos gerentes dos cofres entregues por inventario todos os pertences da egreja; desse termo se remetterá 2 copias ao vigario g. 18 Os empregados e officiaes das egrejas continuarão a gozar as honras e prestar os serviços, como é de pratica em cada freguezia, em quanto se não mandar o contrario.

19 Ao procurador dos cofres cumpre promover o incremento delles, recorrendo quando necessario ao fôro civil, munido da competente autorisação assignada pelo vigario e um dos mesarios. 20 Esses mesarios são 6: «o presidente da festa e outros officiaes;» o procurador nas funcções religiosas «occupará o ultimo logar depois do chamador»; nas egr.[as] d'Agrar e Qhirem se observará o costume.

21 Não poderão os administradores dos cofres sem licença do arcebp.[o], «aceitar ou recusar heranças, legados, doações ou fundações, comprar, vender, trespassar, hypothecar bens immoveis, nem arrendal os por mais de 3 annos»; contrair emprestimos de valor excedendo a terça parte da renda annual do respectivo cofre; vender ou empenhar objectos preciosos da egreja, nem recorrer ao foro civil como autores ou réos. 22 Em casos urgentes deverão sollicitar licença do vig. ger. ou ao menos do da vara respectivo. 23 A este respeito o

recurso ao arcebp.º será por intermedio do vig. ger., afim d'este informar se convém ou não deferir: no caso de se obter licença do arcebp.º, não vindo pela secretaria do vig. ger., a este se remetterá copia da petição e do despacho.

24 Pertence exclusivamente ao vigario o regimen interno da egr.ª, sem ingerencia do fabriqueiro, thesoureiro, confrades, etc.; assim pois compete-lhe regular os exercicios de piedade e tudo que diz respeito ao cumprimento dos seus deveres parochiaes; velar pela ordem e acceio do templo e cemiterio, «marcar o logar dos bancos e cadeiras», e a collocação das imagens, guardar e fazer uso dos vasos sagrados, paramentos, livros e todo o necessario para a celebração do culto divino, «guardar o archivo parochial» ; nomear e demittir o sachristão, meirinho e os demais officiaes da sua egr.ª, destinar a alfaia segundo a maior ou menor solemnidade das funcções; marcar hora rasoavel para a celebração da missa conventual e outros actos de devoção; designar dia para se festejar o orago da sua egreja, de modo que se harmonise com as festas das egr.ªs visinhas. 25 Em todas as egr.ªs se porá na sacristia uma tabella contendo as missas, officios e pensões que cada cofre tenha de satisfazer; no fim do anno se remetterá ao vig. ger. certidão jurada de estarem cumpridos esses encargos, ou declaração negativa e fundamentada.

26 Os parochos procurarão sempre proceder com imparcialidade, caridade e zelo pelas cousas da religião e da sua egreja, sem se intrometterem em cousas estranhas ao seu ministerio, e manter possivelmente harmonia com os demais missionarios portg.ses, e até com os estranhos.

Additamento — 27 A exoneração do meirinho e outros serventes da egr.ª, o parocho a não fará sem consultar o vig. ger. ou ao menos o vara respectivo, e este sempre se aconselhará com o vig. ger. quanto aos empregados da sua egreja. 28 A revisão das contas da gerencia dos cofres se verificará até 15 de março: e não se effectuando o parocho fará termo de não comparencia dos revedores, e remetterá as contas ao vig. ger.

51) 1877 Agosto 26. *Circular.* Recommenda aos vigarios da vara por ordem superior, que percorram ao menos uma vez em cada anno as missões do seu districto, e dêm-lhe conta de assim o haverem feito: e informem qual a melhor circumscripção dos districtos ecclesiasticos.

III — Arcebispado ad honorem de Cranganor e Serra (1).

a) Arcebispos sagrados (2).

1600 — *D. Francisco Roz*, jes., catalão ou aragonez; chegou a Goa em 1584. Ficou dito na I P. p. 92 que elle foi nom. pelo arceb. Menezes govern.[or] da diocese de Cranganor em jun. 1599, depois de celebrado o synodo de Diamper. Anteriorm.[te] por provis. de 16 fev. 1597, como adiante se verá, tinha sido nomeado pelo m.[mo] arceb. para esse mesmo cargo em execução da respectiva bulla de Clemente VIII de 27 jan. 1595) publ. no *Subsidium ad Bullarium patronat. Portugaliae*..., Allappé 1903 p. q.)

1600 março 18. C. r. «Pelas informações que tive de ser morto o arcb. de Angamale (Mar Abraham?), e ser m.[to] necess.[o] prover-se naq.[la] egr.[a] de estado catholico, antes que lhe pudesse ir outro, provido pelo patriarcha de Armenia, mandei pedir ao s. padre que extinguisse naquella egr.[a] a dignid.[e] e titulo de arceb.[o], e a reduzisse a bispado suffraganeo do arcebp.[o] de Goa, e provesse neste bispado á minha apresentação a Francisco Rodrigues, relig.[o] da comp. que foi embarcado *(sic)*, que tinha as partes necess.[as] para estar entre os christãos da d.[a] Serra de Angalame, e saber a sua lingua e escripturas e lh'as ter emendadas, e se entender que será bem recebido d'el-

---

(1) A respeito do estabelecimento dos christãos na Serra do Malabar, em Coulão, Cochim e Meliapor — v. *Collecç. notic. p. a hist. e geogr. nac. e ult.* II, Lisb. 1867 n.º 6 c. 2 e 4 a n.º 7 p. 345 a 47, — Moreri *Dicc. hist. Meliap.*, — Barros d. 3 I. 7 c. 11, — D. Couto d. 7 I. 1 c. 2 e d. 12 I. 3 c., — Assemani *Bibl. or.* IV, 441, — Raulin *Hist. eccl. malab.*, Roma 1745 p. 379 e seg., — San Roman 70 e seg., — Guzman *Hist. miss. que han hecho rel. comp*, Alcalá 1601 I, 150, — Chardon *Hist des Sacrements*, Paris 1745 V., 457, — *Os liv. indian. e a martyr S. Tho.* p. 30, 1, = Maff. *Opera* I, 49, 50, 1, — Lafitou I, — G. Arthus *Hist. Ind. or.* 262 e seg., — D. Tho. C. Bem II, 6, 7 e seg., — Gouvêa *Jorn. arceb.* 10 e seg., — *Hist. univ. des Indes orient. et occid.*. Douay 1605 II, 47, — *Var. hist. christ. or.* 114, — *Lend. Ind.* III c. 26, — Gauth. Schouten *Voyage aux Indes or.* I, 553 e seg., 587, — *Imag. virt. n. Evora* I. 3 c. 9, — *Prompt. dif. Ind.* 255, 6. — *Orie. conq.* II c. 1 d. 2 § 13 e seg., — *Hist. g. miss. cath.* I c. 4 e 33, — *An historical disquisition concern. the knowoledge wich the anciens had of India*..., W. Robertson, London 1802 p. 94, 5, — *Portg. discov. and. miss. in Asia* 60 a 71, = *Missiones Catholicae.. descriptae*.., Roma 1892 p. p. 214 e 601, = *Les Martyrs de l'Inde*, Calcutta 1896 p, 8. Se a conversão dos indios do Malabar ao christianismo é devida ao ap. S Thomé, se a Thomas o Manicheo ou discipulo de Manes cerca do a. 277, se ao mercador armenio Thomas Cana no 8.º sec. = v. *The imp. gazetteer of India* VI, 231.

(2) Catalogo dos prelados de Cranganor está publ. na *Coll. doc. e mem. acad r. hist. portg.* 1722 I. cat. arceb. Serra, — Assemani *Bibl. or.* IV, 168, 440, 1, — *Dissert. chron. e crit. sob. a jurispr. Portg.* IV, 219, 2). — *Lusitan. sac.* III, 16, — *Polit. mor e civ.* IV, 468, — *Hist. eccl. malab.* 425, 39, 45 e seg., — Bertrand *Hist. do Madure*, Paris 1847 p 230, — *Gab lit. font.* IV, 79, — *Calend. eccl. e lit* Goa 1870 p. 251, — *The Madras cath. directory* 1878 p. 77, — *Anglo. Lusit* 1886 n.º 17. Far. Souza *Asia* III, 520, 1, enumera somente os seg. arcebispos: D Francisco Roz, D Estevão Brito, D. Diogo Seco «q nó llego allá», D. João de Rocha «q oy (1640) vive».

les, e que pudesse ser consagrado na India por um bispo som.te, como vereis pelas letras que vão nestas vias, dirigidas a D. Fr. Aleixo de Menezes arceb. de Goa, e houve ordem que o d.o bp.o haja 200$ réis de dote para d.a egr.a a custa de minha fazenda, de que lhe mandei passar a provisão..., e por ser esta materia de tanto serviço de Deus e meu, e em prol d'aq.la se pede, vos encom.do que a favoreçais.. em tudo que a vós tocar» (3).

1600... C. r. Diz que nas náos que partiram... foram para India por tres vias as bullas, para D. Fr.co Roz se sagrar em bp.o da Serra em que s. santid.e o confirmou; faz-lhe mercê de 200$ rs. de dote em cada an., que começaria a vencer do dia que fosse sagrado em diante: e elle não sendo ainda sagrado por não terem ahi chegado as bullas, encommenda ao vr. que ordene se faça logo. Outra c. r. de 22 fev. 1601 diz que o an. pass. foram para India as d.as bullas de confirmação do bp.o de Angamale D. Fr.co Roz: faz mercê áq.la egr.a de 200$ rs. de dote em cada anno (4).

Com effeito tendo chegado a Goa as d.as bullas em 1600, foi D. Francisco sagrado ahi em 1601 pelo arceb. Menezes: em 1605 promovido á dignidade de arcebp.o. Em 1601 e 602 visitou muitos logares de sua christd.e: por via dos cassanares que despachou para as missões, se conseguiu a conversão d'uma numerosa christd.e, que descaira de seu primitivo estado.

«Omnes prerogativas (diz Raulin *Hist. eccl. malab.* pag. 19), quas Clemens (papa) in gubernatore designando exigebat, cumulate habebat (Franciscus Roz); virtutem, doctrinam, prudentiam, linguas praeterea callebat malabaricam ac syriacam; erat denique illis christianis acceptissimus.»

1602 março 20. C. r. A vista da informação do vr. Ind., de que «D. Fr.co Roz bp.o de Angamale se não podia sustentar com os 500 cruzad. que lhe mandei assentar de dote...», faz mercê ao d.o bp.o de mil xs. cada an. por tp.o de 5 annos (5). Algum tp.o depois acrescentou s. mag. aq.le dote com 5000 xs., e o vr. Ind. fez mercê ao bp.o de 2 pipas de vinho de Portugal cada an. para missas, o que s. mag. confirmou.

1604 março 23. C. r. O bp.o de Angamale «vos hei por mui encommendado (ao vr. Ind.), para que nas materias de sua obrig.ão o ajudeis, e tambem nas proprias de sua pessoa o favoreçais no que houver logar».

1605 jan. 28. C. r. «A mesma (satisfação) tenho do bp.o de Angamale por a inform.ão que me escreveu o arcebp.o primaz e (o vr.), pelo que de suas cartas tenho entendido de zelo com que exercita o seu officio, e acode ás materias de meu serviço; pelo que deveis ter com sua pessoa m.ta conta».

---

(3) *Bolet.* 1880 n.o 27.
(4) Ib. 1880 n.o 32 e 1881 n.o 40.
(5) *Bolet.* 1880 n.os 68 e 70 e 1881 n.o 80.

1605 fev. 26 e 1607 jan. 17. Cartas r. Remette para India bullas para a mudança da sé de Angamale para Cranganor (6).

Tendo o arceb. Roz prendido a Pero Affonso, vigario da fortaleza de Cranganor, o capitão della João Gomes Faio com alg.s padres e seculares armados, lhe foram tirar o d.º preso de dia publicamente, de que resultando gr.de escandalo, mandou s. mag. em c. r. de 24 março 1608, que o vr. Ind. se informasse do caso, e achando culpado ao dito Faio o tirasse da capitania e castigasse condignam.te (7). Outra c. r. de... 1608 (arch. t. tombo) § 10 manda que sejam punidos no que couber na justiça, os bispos que se acharem culpados em acção de força, na tirada do vigario da fortaleza d'Ormuz, preso á ordem do bp.º d'Angamale.

O breve *Alias nos* de 21 março 1609 concedeu a D. Francisco Roz, poder receber o pallio das mãos do arcediago d'Angamale (8).

Com respeito a este arcebipo deu o vr. da India a s. m. as seg.tes informações: em 1619 fev. 19: «O arceb. de Crang. procede com bom exemplo que sempre deu, conservando (sic) naquella christand.e da Serra, onde padece seus trabalhos, está pobre e cego, e desejo acudir-lhe com alg.a cousa se puder para se desenvidar»; em 1620 fev. 14 (9); em 1621 jan. 10: «O arceb. da Serra está cego, e para se comporem as differ.as que se tem movido com o arcediago, e outras de seus subditos que pedem assistencia de prelado que os visite e acuda as mais obrigações pastoraes», convirá nomear-se-lhe coadjutor; em 15 fev. seg.: «Posto que o arceb. de Crang. está falto da vista, e que por isso e por sua idade convirá dar-lhe successor, todavia elle não cessa de continuar com as obrigações de seu officio pastoral..., ainda assim visita as suas egrejas, e se acha com aq.les christãos e jejua com elles ao seu modo que é mui apertado»; em 18 fev. 1622: «O arceb. de Angamale D. Francisco Roz é prelado de muita virtude, e sem embargo de sua muita idade e de estar carecido da vista, se occupa no cumprim.to de suas obrigações»; entretanto convém se lhe dê coadjutor.

A c. r. de 16 fev. 1622 recom.da ao vr. Ind. o seg.te: por quanto está já dado coadjutor e successor ao arceb. de Crang., se o vr. entender que o d.º arceb.º está de todo impedido, lhe aconselhe que se recolha e deixe o governo ao coadjutor. Outra c. r. de 1 fev. 623, manda que o vr. dê todo o favor necess.º aos prelados e ministros que andam naq.las partes pregando a fé catholica, e avisa de ser já nomeado coadjutor e successor no bispado de Cranganor.

Em 12 março 1623 escrevia o vr. «... O arcebispo de Crang. D. F. Roz corre ainda mui bem com as cousas e obrigações daq.le

---

(6) *Doc. rem. Ind.* I, 5, 85, 6, 9, 158, 265 e 336, — *Bolet.* 1881 n.os 113, 36 e 17. Consta das cs. r. de 17 jan. 1607 e 20 fev. 1610 que o clero da Serra se queixára a s. mag., por se ter supprimido ao bispo d'Angamale o titulo de arcebispo.

(7) *Doc. rem. Ind.* I, 235, 6.

(8) *Corpo diplomat. portg.* XII, 155. v. vos *Doc. rem. Ind.* II, 364 c. r. de 5 março 1613 relativamente ao arcediago de Serra publicar-se no pulpito arceb. metropolitano da India, e não ter superior senão o papa.

(9) V. *Ens. hist. ling. concani.* p. 204.

arcebispado, e eu o vi e achei com boa disposição, posto que maltratado da vista, e assim por isto como porque o relig.[o] que se lhe tem nomeado para coadjutor..., que eu tb.[m] vi em Cochim não está tido por muito a proposito para isso, e assim o entendi dos mesmos relig.[os] da companhia, não fiz com o arceb. a diligencia que v. m. manda, e tambem entendi que as letras da coadjutoria... não são vindas».

Em jan. 1624 acrescentava: «Quanto ao arceb. de Crang. e bispo eleito para seu coadjutor..., tirando estar o arceb. falto de vista, cumpre em tudo o mais pontualm.[te] e com m.[ta] satisfação daquella christand.[e], com as obrigações da sua egr.[a], e o bispo eleito alem de se entender que não tem a inteiresa e outras partes que para aq.[la] gente se requer, não lhe vieram ainda as bullas. E assim está agora aqui em Goa.»

Na c. r. de 9 fev. 1624 diz s. m. ao vr. «Sou informado que o coadjutor eleito do arcebispado de Crang., se applica naquella christand.[e] a bandos, e em particular ao arcediago Jorge, que se teve sempre por mui prejudicial á quietação della, pelo que vos encom.[do] m.[to] procureis que haja entre elle e o arceb. toda a boa correspondencia, e que aprenda a lingoa e ritos caldeos.»

O arceb. Roz governou a diocese até ao a. 1624 em que fal. a 18 fev. Escreveu na lingoa malabarica: «*Doctrina christiana; Ritus baptisandi, inungendi infirmos, nuptias celebrandi*», vertidos do latim; traduziu o Missal, o Breviario e o Ritual romano (10).

Na *Voyage aux Indes* de Gauth. Schouten I, 427, 8, 9, 36, 40, 1, 2, 3, faz-se menção das muitas eg.[as] fund.[as] em Cranganor: «une grand église portug., bâtie á l'honneur de S. Jâcques, une peu eloignêe du rivage»; egr.[a] de S. João, egr.[a] de S. Thomé «qui avoit été bâtie

---

(10) *Prima spedit. a. Ind. or.* Guiusep. S. mar. Roma 1666 p. 2; *Seconda spedit.*, Roma 1672 p. 147; Venet. 1683 p. 83, — Ribadeneira *Biblioth.* 249. — D. Couto d. 7 l. 1 c. 2 e d. 12 l. 3 c. 4 e seg. — Assemani *Bibl. or.* IV. 168, — *Lusitan. sac.* I, 433 v, —Bocarro 322 e 473, — Logan *Malabar*, Madras 1887 I, f10, — Rae *The syrian church in India* 1892 p. 254, — Soled. *Hist. seraf.* 2hron. *ord. s. Franc. prov. Port.* III, 522, — Du Jarric I, 814, = *Rel. an. cons. q. ces. os p. comp.* II, 86 v. 7, 8 v. 9, — *Hist. y rel. anal. de cosas que q. hiseron p. c. J. p. l. pt. d. or. 160*, — Guzman *Hist. miss.* I, 133, 4, 5, 6, 43, — *Flos sanct. august.* II, 586, 97, — Gouvea *Jorn.* arceb. I. 3 c. 8, —Le Quien *Oriens christianus*, Paris 1740 II, 1281, — Alv. Semedo *Hist. un de la Chine* 225, — *Ann. lit. s. J. a* 1596 p. 852, —*Lettere an. Etiop., Malab., Goa* 1620-24, Roma 1627 p. 56 e 94, — *De reb. japon., .ndic. et per. epist.* 820, 1, 2, 4, 33, = *Hist. eccl. malab.* 58, 425, 39, — Amb. Miraeo *Geogr. eccles.*, Lugduni 1620 p. 318, — *Bullar patr.* I, 348, — *Orie conq.* II, 209, — Far. Souza *Azia* I. 126, 9, — *Imag. virt. n. Evora* 416, — *Synopois annal. s. J. in Lusitan.*, A. Franco, Aug. Vindel. 1726 p. 1 9, — La Crose *Hisi. du christian des Ind.* 1724 prefac. e pg 146, 320, 1, 31, 2, 7; pref. 75 a 77, — *Gab. hist.* III, 75, — *Santuar. Mar.* VIII, 308, 27, — D. Tho. C. Bem I, 108 e II, 9, — J. Hough *The hist. of chistian. in Ind.*, London 1839-45 I, 300, 1 e II, 194, 209. 14, — *Chron. Tyssuary* 18?8 n.° 30, — *Arch. portg. or.* III doc. 373, —*Doc. rem. Ind.* I, 18, e 345, 6; II, 79, 80; III, 273, 344 e IV, 14 e 42, — *Bolet.* 1860 n.° 90; 1872 n.os 76 e seg.; 1881 n.° 79; 1882 n.os 36 e 224 e 1883 n.° 3, = *Hist. miss. cath.* III, 180, 1, = Civezza *Hist. miss. francesc.* VI, 241, — Cret Joly *Hist. c. J.* III, 195, — *Portg. discov and miss. in Asia* 146, 209, 10, 20, 38. 72, — *Ens. hist. ling. concani doc.* n.° 1.

par portug..., et qui étoit fort exhaussé, construite de pierre et de chaux.»

1624 jan. C. r. sobre a muita gente inutil que tem entrado no collegio de Cranganor.

Por esses tempos «fundaram os dominicanos egreja de pedra e cal em Cadaturty, e pedindo licença ao arcebp.º de Cranganor para se benzer, a não quiz dar, e porque elles a benzeram e nella celebraram missa, foram excommungados, e tiveram de retirar-se para Timor» (11).

Fr. Francisco Donato, dom., fundador da sobredita egr.ª de Cadaturty, partiu para Solor, donde voltou para Goa e foi mestre no seu convento: o arcediago de Cranganor que lhe era muito affeiçoado, escreveu a Roma e ao rei de Portugal, pedindo o mesmo padre por arcebp.º de Cranganer (12).

(Continúa)

P.e Casimiro Nazareth

BIBLIOTHECA DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

Obras entradas nos mezes de julho a setembro de 1908

(Conclusão)

(N'esta lista não se incluem as publicações periodicas)

Loi et pratique constitutionelles de l'Angleterre, par Sir William R. Anson. Traduction de C. Gandilhon. Paris, 1903-1905. 2 vol. broc. 23×14. Comprado.

Malho (O) N.º 293. Anno VII. (Rio de Janeiro, 4 de Abril de 1908). Numero avulso, 40 pags. illustradas. Offerta.

Mammiferos de Madagascar no Museu de Lisboa, por Anthero Frederico de Seabra. (Extr. do Jorn. Sc. Math. Phys. e Nat. Tom. VI, N.º XXVI). Lisboa, 1902. 1 folheto broc. 25×15 8 pags. Offerta do auctor.

Mammiferos e aves da exploração de F. Newton em Angola, por Anthero Frederico de Seabra. (Estr. do Jorn. Sc. Math. Phys. e Nat. Tomo VII, N.º XXVI). Lisboa, 1904. 1 folheto broc. 25×16,5. 8 pags. Offerta do auctor.

Manejo d'Armas de Fogo e de todos os fogos executados tanto em ordem unida como na ordem extendida e bem assim do manejo de espada para os srs. officiaes. Por José da Rosa. Evora, 1859. 1 folheto broc. 22,5×16. 88 pags. Offerta do sr. Eduardo Ildefonso de Azevedo.

Manual de cavallaria. Para uso dos cabos e soldados voluntarios de um anno. Compilado por A. F. d'Aguiar. Extremoz, 1859. 1 vol. broc. 18,5×12. 101 pags. Offerta idem.

Manual do Electricista. (Manual do Operario. Bibliotheca de Instrucção Profissional). Lisboa, 1908. 1 vol. enc, 18,5×11,5. 375 pags. e gravuras. Comprado.

Manual do sapador do infanteria. Edição official. Lisboa, 1888. 1 vol. brochado 17×12. VII + 258 + 106 pags. Offerta do sr. Eduardo Ildefonso de Azevedo.

(11) *Rel. ig. summar. seu rel. domin. Ind.* fr. Anto. Purif., Litb. 1635 p. 6.
(12) Ib p 5 v.

Marquez (O) de Pombal e o seu Centenario. Notas biobibliographicas. Separata do tomo XIX do Diccionario Bibliographico, por Brito Aranha. Lisboa, MDCCCCVIII. 1 vol. broc. 23×15. 179 pags. e gravuras. Offerta do auctor.

Mechanica (Tratado de) por M. Maria. Traduzido do francez. Coimbra, 1812 1 vol. enc. 18×12. VIII + 337 pags. 184 figuras. Offerta do sr. Eduardo Ildefonso de Azevedo.

Meili (Julius). Noticia necrologica, por Arthur Lamas. (Separata d'O Archeologo Português» XII, N.os 9 a 12 de 1907). Lisboa, 1907-1908. [Em folha solta].

Memoria historica sobre os ultimos successos do Pará. Por Izidoro Francisco Guimarães. [A bordo da Corveta «Eliza» que foi á cidade do Pará, onde chegou no dia 31 de maio de 1835, afim de proteger os portuguezes ahi residentes. E' acompanhada de 27 documentos]. s/d e s/l. folheto brochado 18,5×13. 27 pags. Offerta do sr. Eduardo Ildefonso de Azevedo.

Memoria sobre o corpo d'engenheria em Portugal e sobre a nova organisação de que carece, para os melhoramentos sociaes do pais offerecida aos senhores officiaes desta distincta corporacão pelo sr. João Luiz Lopes. Lisboa, 1846. 1 folheto broc. 24×17. 46 pags Offerta idem.

Memorial justificativo da estrada de ferro de Porto-Alegre a S. Paulo, por Argimiro da Silveira. S. Paulo, 1908. 1 folheto broc. 27×20. 14 pags. Offerta.

Mensagem e annexos lida perante o Congresso dos srs. representantes em sessão extraordinaria de 15 de Janeiro de 1901, pelo Dr. Silverio José Nery. (Estado do Amazonas) Manáos, 1901. 1 vol. broc. 34×23. 180 pags. Offerta.

Mine (La) de cuivre de la Caveira et le Chemin de Fer du Rio Sado. Description et rapports (pelo) Marquis de Liveri. Lisboa, 1896. 1 folheto broc. 24×16. 30 pags. e mappa. Offerta do sr. A. Loureiro da Fonseca.

Ministerio da Industria. Viação e Obras Publicas (Republica dos Estados Unidos do Brazil). Rio de Janeiro, 1898. 1 vol. broc. 28,5×20,5. 443 pags. e indice. Offerta.

Mission Chari. Lac-Tchad. 1902-1904. L'Afrique Central Française. Récit du voyage de la Mission, par Aug. Chevalier. Paris, 1908. 1 vol. broc 28×19. XV + 776 pags., cartas e gravuras. Comprado.

Mocidade (A) de D. João V, por Luiz Augusto Rebello da Silva. 4.ª edição. Vol. - V. Lisboa, 1908. 1 vol. enc. 18×11. Comprado.

Molluscos (Os) por Armando da Silva. (Bibliotheca do Povo e das Escolas. N.º 22). Lisboa, 1903. 1 folheto broc. 16,5×10,5. 62 pags. e gravuras. Comprado.

Morale Positive (Études de) par Gustave Belot. Paris, 1907. 1 vol. broc. 22,5×14. VII + 523 pags. e indice. Comprado.

Naval (The) Annual 1908. Edited by T. A. Brassey. Portsmouth, 1908. 1 vol. enc. 25×16. X + 452. pags. e gravuras. Comprado.

Nota sobre a existencia de «Diomedia Imutabilis» nas costas occidentaes de Africa, por Anthero Frederico de Seabra. (Extr. do Jorn. Sc. Math Phys. e Nat. Tom. VII, N.º XXVII). Lisboa, 1905. 1 folheto broc. 25×16. 6 pags. Offerta do auctor.

Note sur les Cétacés du Portugal. A propos d'une nouvelle espèce pour la faune portugaise, par A. F. de Seabra. (Extrait du Bul. de la Soc. Port. de Sc. Nat.) s/l, 1907. 1 folha solta 24×16. Offerta do auctor.

Notice sur les espèces Madériennes du genre Scrophularia. Par Carlos A. Menezes. Funchal, 1908. 1 folheto broc. 21×13,5. 11 pags. Offerta do auctor.

Noticia dos Ministros e Secretarios d'Estado do regimen constitucional nos 41 annos decorridos desde a regencia installada na Ilha Terceira em 15 de março de 1830 até 15 de março de 1871 Lisboa, 1871. 1 folheto brochado 22×16. 40 pags. Offerta do sr. Eduardo Ildefonso de Azevedo.

Noticia sobre quatro grandes medicamentos francezes. Por Charles Chanteaud. Paris, s/d. 1 folheto broc. 18,5×13. 39 pags. e o retrato do auctor. Offerta.

Nouvelles archives des missions scientifiques et litteraires. Choix de rapports et instructions publié sous les auspices du Ministère de l'Instruction Publique et des Beaux-arts. Tome XIII. fasciculo 4. Tome XIV, fasciculo 1, 2, 3 e 4. Tome XV. fasciculo 1 e 2. Paris, MDCCCCVI. MDCCCCVII.

Obligation (De l') alimentaire dans la parenté naturelle. Thèse pour le docto-

rat présenté, par Maurice Cabanettes. (Université de Toulouse). Toulouse, 1907. 1 vol. broc. 24×15,5. 122 pags. Offerta.

Oeuvres de monsieur de Montesquieu. De l'Esprit des Loix. Nouvelle édition Revue, corrigée, et considérablement augmentée par l'auteur. Tome premier. Londres, MDCCLXIX. 1 vol. enc. 17×10 CXLVIII + 430 pags., mappas e gravuras. Offerta do sr. Eduardo Ildefonso de Azevedo.

Ordres (Les) Chevaleresques du Royaume de Portugal, par Antonio Padula. Traduit de l'Italien avec l'autorisation de l'auteur, par Paul Pellot. Reims, 1908. 1 folheto broc. 25×16. 26 pags. e gravuras. Offerta.

Parcs (Les) nationaux argentins, par Eugène Autran. (Ministère de l'Agriculture Extrait du «Boletin de Agricultura»), Buenos Ayres, 1907. 1 folheto broc. 22×14,5. 41 pags. e gravuras. Offerta.

Parietarias por Candido de Figueiredo. Sexto brinde. (Brinde aos senhores assignantes do «Diario de Noticias»). Lisboa. 1870. 1 vol. broc. 18×12. 160 pags. Offerta do sr. Eduardo Ildefonso de Azevedo.

Partage (De la réforme du) Judiciaire. Thèse pour le doctorat, par Raphaël Camps. (Université de Toulouse). Toulouse, 1906. 1 vol. broc. 24,5×16. 170 pags. Offerta.

Pindamonhangaba. Apontamentos historicos, geographicos, genealogicas biographicos e chronologicos, por Athayde Marcondes (1680–1906). S. Paulo, 1907. 1 vol enc. 24×16,5. 325 pags., retrato do auctor e gravuras. Offerta do auctor.

Poesias. Claro-Escuro. Télas do Paraná. Campo Santo, por Moysés Marcondes. Lisboa, 1908. 1 vol. broc. 19×11. 254 pags. Offerta dos editores.

Pombaes militares (Projecto e instrucções para o estabelecimento de) no Continente de Portugal, por Augusto C. Bon de Sousa. Lisboa, 1888. 1 vol. broc. 23,5×14,5 158 pags. e mappas. Offerta do sr. Eduardo Ildefonso de Azevedo.

Ponte sobre o Tejo proximo a Lisboa. Pontes sobre os rios Lima, no Minho, Tay e Forth na Escocia. Por Miguel Carlos Correia Paes. Lisboa, 1879. 1 folheto broc. 22,5×14,5. 47 pags., um retrato e um mappa. Offerta idem.

Programma para a commemoração da Guerra Peninsular e respectivo relatorio, elaborados pela commissão nomeada por portaria de 2 de Maio de 1908. Lisboa, 1908. 1 folheto broc 28×18. 15 pags Offerta.

Psychologie du peuple français, par Alfred Fouillé. Quatrième édition. Paris, 1903. 1 vol. broc. 22,5×14 IV + 391 pags. e catalogo. Comprado.

Quatro (Os) grandes flagellos do seculo XX, por Dr. Ardisson Ferreira. Lisboa, 1908. 1 folheto broc 25,5×16,5. 22 pags. Offerta do auctor.

Questão arrumada. Impugnação dos embargos deduzidos contra o accordão proferido pelo Supremo Tribunal de Justiça na segunda revisão civel N.º 32 468. Por Joaquim dos Reis Torgal. Lisboa, 1908. folheto broc. 22×15. 31 pags. Offerta.

Races européennes (La hierarchie des) par C. C. Closson. Traduit de l'anglais, par H. Meeffang (Extrait de la «Revue Internationale de Sociologie»). Paris, 1898. 1 folheto broc 25×16. 14 pags. Comprado.

Races humaines du Soudan Français, par H. Sarrazin. Vol. I. Chambéry, 1902. 1 vol broc. 25×16 IX-302 pags., indice, figuras e mappas. Comprado.

Races (Les) et les nationalités en Autriche-Hongrie par Bertrand Auerbach. Paris, 1898. 1 vol. broc. 22,5×14. 336 pags, gravuras e mappas. Comprado.

Ramie (La) et ses analoques aux Indes Anglaises d'après le Dr. George Watt. Traduit de l'Anglais par G. Bigle de Cardo. Paris, 1907. 1 vol. enc. 24×16. 123 pags Comprado

Recopilação de todos os documentos relativos á Revisão Pautal desde 1903 até 1907 (Associação Industrial Portuense) Porto, 1908. 1 vol. broc. 27,5×19. DXXIV pags Offerta

Réforme (La) des écoles primaires supérieures. Enseignement technique primaire industriel, agricole, commercial, maritime par René Leblanc. Paris, 1907 1 vol broc 20×13,5. 216 pags e gravuras. Comprado.

Regeneração (A) da Fauna Ornithologica da Matta Nacional do Bussaco, por Anthero Frederico de Seabra. Oitavo anno N.º 2 (Ministerio das Obras Pu-

blicas, Commercio e Industria. Boletim da Direcção Geral de Agricultura). Lisboa. 1905. 1 vol. broc. 25×18. 160 pags. Offerta do auctor.

Registro Civil (Republica dos Estados Unidos do Brazil Directoria Geral de Estatistica). Rio de Janeiro, 1897. 1 vol, broc. 27,5×10,5. cx+439 pags. e indice. Offerta do sr. Director da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Regulamento de tiro para as armas portateis. Approvado por portaria de 20 de janeiro de 1881. Lisboa, 1881. 1 vol broc. 17×11,8. IX+209 pags. e gravuras. Offerta do sr. Eduardo Ildefonso de Azevedo.

Regulamento do commissariado de viveres, e transportes para o exercito Portuguez. Lisboa, 1892. 1 vol. broc. 14,5×10,5. 114 pags. Offerta, idem.

Regulamento geral para o serviço dos corpos do exercito. Approvado por decreto de 21 de novembro de 1866. Lisboa, 1877. 1 vol. enc. 16,5×11,5. 194 pags. +41 pags. Offerta idem.

Regulamento para o abono de transporte aos funccionarios publicos que se deslocarem em serviço na provincia (Governo da Provincia da Guidé). Bolama, 1908. 1 folheto broc. 25,5×17,5. 12 pags. Offerta.

Regulamento para o manejo e exercicio de fogo com carabinas de artilharia. Lisboa, 1865. 1 folheto broc. 14×9.20 pags. Offerta idem.

Regulamento para o serviço de correspondencias telegraphicas, telephonicas, semaphoricas. postaes e sua contabilidade. Approvado por portaria provincial n.º 173. A, de 23 de março de 1908. Lourenço Marques, 1908. 1 vol. 24×15. 108 pags. Offerta.

Regulamento para o serviço interno das tropas de infanteria. Approvado por decreto de 25 de abril de 1889. Lisboa, 1889. 1 vol. broc. 17×11,5. 97 pags. e gravuras. Offerta do sr. Eduardo Ildefonso de Azevedo.

Regulamento para o uso dos uniformes da cavallaria. Lisboa, 1887. 1 folheto broc. 24×16,5. 11 pags. e gravuras. Offerta idem

Regulamento provisorio para o serviço do exercito em campanha. Lisboa, 1890. 1 vol. broc. 17×12. 414 pags. e mappas. Offerta idem.

Regulamento provisorio para os exercicios de pontes militares. Parte I. Pontes improvisadas. Capitulo II. Nós e ligações. (Escola Pratica de Engenharia). Lisboa, 1808. 1 folheto broc. 23×16. 28 pags., indice e XIII estampas. Offerta idem.

Regulamento provisorio para os exercicios de pontes militares. Parte 2.ª Pontos de equipagem. Capitulo 4.º Escola de navegação. (Escola Pratica de Navegação). Lisboa, 1888. 1 folheto broc. 21,5×1[illegible]. 62 pags., indice, mappas e gravuras. Offerta idem.

Regulamento sobre a instrucção tactica da cavallaria. Lisboa, 1885. 1 vol. broc. 17×11. 254 pags. Offerta idem.

Rei D. Carlos, o Martyrisado por Ramalho Ortigão 1908. Lisboa, 1908. 1 folheto broc. 25,5×19. 20 pags. e um retrato. Offerta.

Relatorio apresentado ao Congresso de Instrucção Primaria e Popular, promovido pela Liga Nacional de Instrucção. A Educação Primaria do Povo Portuguez. Por Eduardo Alberto Lima Basto. Lisboa, 1908. 1 folho broc. 21×14,5. 34 pags. Offerta.

Relatorio da missão extrordinaria de Portugal a Siam de que foi encarregado como ministro plenipotenciario de S. M. F. o conselheiro Isidoro Francisco Guimarães. Macau, 1859. 1 folheto broc. 20,5×13. 37 pags. Offerta do sr. A. Loureiro da Fonseca.

Relatorios sobre Moçambique por A. Freire d'Andrade. Volume I. Lourenço Marques, 1907. 1 vol. broc. 23,5×15 e mappas Offerta.

Resposta da Associação Commercial de Loanda ao conselho de administração da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Atravez d'Africa em apreciação do relatorio do mesmo conselho relativo ao exercicio de 1906-1907. Loanda, 1908. 1 folheto broc. 24,5×17. 44 pags. Offerta.

Retraites (Les) Ouvrières par R. Persil & G. Barbier. Avec une introduction par A. Millerand. Paris, s/d. 1 folheto broc. 18,5×12. 87 pags. Offerta.

Revista Estrangeira. Jornal mensal. Volume 1.º N.ºs 1, 2, 3. Lisboa, 1853. 3 folhetos broc. 29,5×20. com gravs. Offerta do snr. Eduardo Ildefonso de Azevedo.

Revista militar. Tomo IX. N.º 4. Abril. Lisboa 1857. 1 folheto broc. 22,5×15. Offerta idem.

Riqueza (A) Petrolifera d'Angola. Communicação feita em sessão de 30 de março de 1908 por João Carlos da Costa. (Sociedade de Geographia de Lisboa). Lisboa. 1908, 1 folheto broc. 22,5×16. 15 pags. Offerta.

Rôle (Le) de l'E'tat dans l'Assistance Judiciaire (Lois des 22 Janvier 1851 et 10 Juillet 1901). Thèse pour le doctorat ès-sciences juridiques pour Louis Colombeix. (Université de Toulouse). Agen, 1905. 1 vol. broc. 24×16. 240 pags. Offerta.

Rotating Chambered. Breeck Fire. Arms, (On the application of machinery to the manufacture of) And their peculiarities. By Colonel Samuel Colt. With an abstract of the discussion upon the paper. Edited by Charles Manby. Vol. XI. London, 1853. 1 folheto broc. 22×13,5. 40+15 pags. e gravs. Offerta do snr. Eduardo Ildefonso de Azevedo.

Saint-Marin (République de) E'tude historique par le Vicomte Oscar de Poli. Paris, 1901. 1 folheto broc. 24,5×15. 23 pags. Offerta.

Sanatorios por Judice Cabral. (Liga Nacional Contra a Tuberculose). Lisboa, 1901. 1 folheto broc. 21,5×14,5. 35 pags. Offerta.

Saudação a S. M. El-Rei D. Manuel II por Roberto Pinto. Luz, 1908. 1 folheto broc. 22×15. 6 pags. Offerta do Real Collegio Militar.

Science et Réligion dans la philosophie contemporaine par Emile Boutroux. Paris, 1908. 1 vol. broc. 18,5×12. 400 pags Comprado.

Selecta et veteribvs loca, ivssv regis fidelissimi in lvcem edita, et scholarvm lingvae latinae vsve adcommodata. Pars I. Pars II. Conimbricae, MDCCCXXVII, MDCCCXXIX. 2 vol. enc. 16,5×10,5. Offerta do snr. Eduardo Ildefonso de Azevedo.

Serviço de campanha das tropas de infanteria. Instrucções provisorias para o estacionamento, marchas e fortificação improvisada. Lisboa, 1880, 1887. 2 folhetos brocs. Offerta idem.

Sessão pubica da Academia Real das Sciencias de Lisboa em 16 de Junho de 1907. Allocução do vice-presidente Silva Amado e relatorio dos trabalhos da Academia por Adriano Augusto Pina Vidal. 1907. 1 folheto broc. 21×15 XVI 68 pags. Offerta da Academia Real das Sciencias.

Situação (A) do Paiz. Abalos da Sociedade Portugueza. Depois da representação, em 1892, que pedia aos poderes constituidos a amnistia dos exilados de 31 de janeiro, por Joaquim Silvano, filho. Numero 1. Porto, s/d. 1 folheto broc. 21,5×14. 40 pags. Offerta do auctor.

Skeletal remains Suggesting or attributed to early man in North America by Ales Hrdlicka. (Smithsonian Institution. Bureau of American Ethnology. Bulletin 33). Washington, 1907. 1 vol. enc. 24×15. 113 pags.+XXI pranchas. Candidatura.

Socialismo (Le) par N. Colajanni. Traduit sur la 2e édition italienne, revue et augmentée, par M. Tacchella. Avec une préface de G. Sorel. Paris, 1900. 1 vol. broc. 18,5×11,5. XXI+411 pags. e indice. Comprado.

Sociétés (Les) de secours mutuels et l'organisation des retraites pour la vieillesse en France et en Belgique par Paul Clerc. Paris, 1907. 1 vol. broc. 25,5×16,5. IV+222 pags. Comprado.

Statesman's (The) year book. Statistical and historical annual of the States of the World for the year 1908. Edit. by J. Scott Keltie, London, 1908. 1 vol. enc. 18,5×12,5. LXXXIV+1712+32 pags. Comprado.

Statistique (La). Ses difficultés, ses procédés, ses résultats par André Liesse. Paris, 1905. 1 vol. broc. 19×12. VIII+182 pags. Comprado.

Statistisches Jahrbuch der haupt und residenzstadt Budapest VIII. Jahrgang. 1905. Redigirt von Dr, Gustav Thirring. Budapest, 1907. 1 vol. enc. 26×19. XXII+359 pags. Offerta.

Studies of Tropical American Ferns. N.º 1 By William R. Maxon. (Contributions from the United States National Herbarium. Vol. X. part 7). Washington, 1908. 1 folheto broc. 24,5×15. Permuta.

Suède (La) Pittoresque. Publiée par Svenska Turistföreningen (Guides de la Société des Touristes suédois N:o 38). Stockholm, s/d. um album 33×24,5. Offerta de Kungl Universitets Biblioteket, de Upsala.

ur **les corps longes** des Téléosteens (Note préliminaire) Par M. A. F. de Seabra. (**Estrait** do Bul. du Mus. d'Hist. Naturelle). s/l, 1897. 1 folheto broc. **24,5+16,6.** Offerta do auctor.

ur **Quelques** Oiseaux d'Angola envoyés par Francisco Newton. Contribution à **l'étude de la** distribution géographique des Oiseaux de l'Afrique Occiden**tale par** Anthero Frederico de Seabra. (Extrait du Bul. de la Soc. Port. **de Sc. Naturelles**). s/l, 1907. 1 folheto broc. 24×16. Offerta do auctor.

ur **Quelques** variétés remarquables de perdrix du Portugal par Anthero Frederico **de Seabra.** (Extrait du Bul. de la Soc. Port. de Sc. Natur), s/l. 1907. **2 folhas soltas** 24×16. Offerta do auctor.

ur **un cas** tératologique observé ckez «l'Atherina presbyter. Cuv. et Val. par **A F de Seabra** (Extrait du Bul. de la Soc. Port. de Sc. Nat). s/l, 1907 **uma folha** solta 23,5×16. Offerta do auctor.

nopse **dos diplomas** officiaes de caracter permanente. Publicados no Boletim **Official da** Provincia de Moçambique referida aos annos de 1906 e 1907 e **coordenada** por A. Abranches de Sousa. Lourenço Marques, 1908. 1 folheto **broc. 24,5×14,5.** 28 pags. Offerta do auctor.

ure **(La)** sur les chiens. Thèse pour le doctorat presentée par Eugène Com**pans** (Université de Toulouse. Faculté de Droit). Toulouse, 1907. 1 vol. **broc.** 23,5×15.5. 117 pags. e indice. Offerta.

emplo **(No)** dos Jeronymos. Oração funebre pronunciada nas exequias do El-**Rei D. Carlos** I e do Principe Real D. Luiz Filippe por A. Ayres Pacheco. **Mandadas** celebrar pelo governo no dia 25 de abril de 1908. Lisboa, 1908. **1 folheto broc.** 26 5×18,5. 24 pags. Comprado.

erathologia (**Nota** sobre um caso de) do Dorcadion Brannani, Schauf. Por An**thero Frederico** de Seabra. (Separ. dos An. de Sc. Nat. An. x). s/l, 1906. 1 **folheto broc.** 24,5×16,5. 8 pags Offerta do auctor.

erra. **Bemdita.** Por D. Virginia de Castro e Almeida. Lisboa, 1907. 1 vol. broc. **18,5×12.** 330 pags. Comprado.

hé **(L'arbre à)** Theabiridis. Par M. Coulombier. Paris, 1900. 1 vol. enc. 22×13,5. **VI+164** pags. e gravuras. Comprado.

hèses **presentées** à la Faculté des Sciences de Paris par l'obtention du titre de **docteur de** l'Université par J. Chautard. 1er thèse. Étude sur la géographie **physique** et la géologie do Fouta-Djallon et de ses abords orientaux et oc**cidentaux** (Guinée et Soudan français) 2e thèse. Propositions données par **la Faculté** Sontenues le 24 juin devant la commission d'exaem. Paris, 1905. **1 vol. broc.** 24,5×16. 210 pags., gravuras e mappas. Comprado.

hé **(Technologie** du) Composition chimique de la feuille. Récolte et manipula**tion. Procédés** européens. Procédés asiatiques par H. Neuville. Paris, 1905. **1 vol.** enc. 25×15. 269 pags. e gravuras. Comprado.

omada (**A**) da Bahia de Tungue no parlamento e na imprensa. s/l, 1887. 1 vol. **broc.** 24,5×18. 143 pags e 3 mappas. Offerta do sr. Eduardo Ildefonso de **Azevedo.**

opographie pratique de reconnaissance et d'exploration (por) E de Larminat (E' **o fasciculo** annexo ao livro intitulado «Topographie Pratique» do mesmo **A.). Paris,** 1907. 1 folheto broc. 31×21,5. 32 pags. e gravuras. Comprado.

opographie pratique de reconnaissance & d'exploration suivie de notions élé**mentaires** pratiques de géodésie et d'astronomie de campagne (por) E. de **Larminate** 2e édition. Paris, s/d. 1 vol. broc. 22,5×14. 391 pags., gravuras **e fasciculo** annexo. Comprado.

ransvaal (**The**) and its Mines. (The Encyclopedic History of the Transvaal). **Edited by** L. V. Praagh. Johannesburg, 1906. 1 vol. enc. 31,5×25. 676 pags. **indice e** gravuras. Offerta do Governo de Moçambique.

ransport (**De** la Notion du) de contrebande de Guerre et de sa répression. **Thése pour** le doctorat és sciences politiques et économiques, por Marcel **Cros** (Université de Toulouse. Faculté de Droit.) Toulouse, 1905. 1 vol. **broc. 24×16.** 187 pags. Offerta.

unisie (**Essai** d'une description géologique de la) D'après les travaux des mem**bres de la** mission de l'exploration scientifique de 1884 à 1891 et ceux pa**rus depuis** par Philippe Thomas. Paris. MDCCCCVII. 1 vol. broc. 24,5×16. **XXXII+217** pags. e mappas. Permuta.

Tunisie (La) et l'œuvre du protectorat français par Gaston Loth. Paris, 1907. 1 vol. broc. 25×16,5. 282 pags. gravuras. Comprado.

Um artista brazileiro (In memoriam) por Silio Boccanera Junior. Bahia, 1908. 1 folheto broc. 21,5×11. 35 pags. Offerta do auctor.

Végétaux (Les) utiles de l'Afiique tiopical française. Études scientifiques et agronomiques publiées, par M. Aug. Chevalier, 1905-07. Fasc. I, II e III, (em publicação). Comprado.

Versos por Alfredo da Cunha. Brinde do «Diario de Noticias» em 1899. Lisboa, 1899. 1 vol. broc. 19×13,5. 245 pags. Offerta do sr. Eduardo Ildefonso de Azevedo.

Verzeichnis von Photographien aus Osterreich. Ungarn und Nachbatländern. Herausgegeben vom Geographischen Institut der K. K. Universität Wien' II. Lieferung. Par Dr. Adolf E. Forster. Wien, 1907. 1 folheto broc. 22×14,5. 22 pags. Offerta.

Viação de S. Thomé (Apontamentos), por Ezequiel de Campos. s/l, 1904. 1 vol broc. 24,5×16,5. 145 pags. e mappas. Offerta do auctor.

Voleurs (les), les vagabonds, et l'armée. Thèse pour le doctorat en droit par Jean Gabriel Cournet. (Université de Toulouse) Toulouse, 1905. 1 vol. broc. 24×16. 171 pags. Offerta.

Voyage en France [por] Ardouén Dumazet 8e serie : Le Rhône du Léman à la mer. 10e série : Les Alpes du Lèman à la Durance. 12e série : Alpes de Provence et Alpes maritimes. Deuxième édition. Paris, 1903-1904. 3 vol. enc. 18,5×12. mapsas e gravuras. Comprado.

Ziegler (The) Polar Expédition 1903 1905. Anthony Fiala, Commander. Scientific results. Obtained under the Direction of William J. Peters. Representative of the National Geographic Society im Charge of Scientific Work. Edited by John A. Fleming. Washington, 1907. 1 vol. enc. 29×24. VII+630 pags. e mappas. Offerta do Estate of William Ziegler.

Catalogos

Catalogo annotado dos livros sobre o Brasil e de alguns autographos e manuscriptos pretencentes a J. C. Rodrigues. Parte I. Descobrimento da America. Brasil Colonial, 1492-1822. Rio de Janeiro, 1907. 1 vol. broc. 27×19. VI+680 pags. Offerta do auctor.

Catalogo da Exposição de Geographia Sul. Americana. Realizada pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro e inaugurada em 23 de fevereiro de 1889. Brazil, 1891. 1 vol. broc. 23×15,5. xx+473 pags. Offerta.

Catalogo do mostruario de productos da provincia de Angola organisada em junho de 1907 por occasião da visita a Loanda de Sua Alteza o Principe Senhor D. Luiz Filippe, por Ernesto Augusto Gomes de Sousa. Loanda, 1907. 1 folheto broc. 28×20. 84 pags. e estampas. Offerta do auctar.

Catalogue (A) of Rare and Valuable Books. Bernard Quaritch. London, 1908. 1 folheto broc. 24×15,5. 70 pags. Offerta.

Relatorios

Academia de Estudos Livres. Anno de 1906 e 1.º semestre de 1907.
Associação Commercial de Lisboa. Anno de 1907.
Associação Commercial de Lojistas de Lisboa. Gerencia de 1907.
Associação Commercial do Porto. Anno de 1907.
Associação Industrial Portuense. Anno de 1903-1907.
Centro Commercial do Porto. Anno de 1907.
Cooperativa de Pão «A Persistente». Gerencia do anno de 1907.
Jardim Zoologico e de Acclimação em Portugal. Anno de 1907-1908.
Sociedade Portugueza da Cruz Vermelha Anno 1908.
Université de Toulouse. Année scolaire 1905-1906.

26.ª Série — 1908 N.º 10 — Outubro

BOLETIM

DA

Sociedade de Geographia de Lisboa

FUNDADA EM 1875

SUMMARIO

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
Rua do Diario de Noticias, 110

1908

26.ª Série — 1908 N.º 10 — Outubro

BOLETIM
DA
SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

:tor, proprietario e editor—*Sociedade de Geographia de Lisboa*—Rua de Santo Antão—Lisboa
Composição e impressão na Typographia Universal
›ertencente a Coelho da Cunha, Brito & C.ª — rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

O INFANTE D. HENRIQUE

Conferencia inaugural das festas do Centenario, feita no salão do Palacio de Crystal do Porto [1]

Destes altos, povoados de jardins, entre os quaes se ergue o pa› da industria, consagrado hoje á apotheose do homem terrivel, ha cinco seculos deu corpo, fórma, designio e rumo ás forças exivas da nação, baptisada pela revolta de Lisboa, e confirmada victoria de Aljubarrota; nestas salas onde os productos de Porl ultramarino vém dar o ultimo testemunho do exito dessa ema gloriosa que, tendo enchído com hymnos de victoria os mares ndia, creou um segundo Portugal na America depois de chamar istencia social os archipelagos do Atlantico; destes altos formomos, sobranceiros ao Douro e á sua cidade, a minha imaginação evocando os velhos tempos de ha cinco seculos.

Vejo o monte negro da Sé, a cidade dos Bispos, apertada no seu › de muralhas com os dentes de granito mordendo o azul do céo; as ondas da casaria obscura galgando por sobre as muralhas, arem, insinuando-se nas gargantas apertadas e nos altos arbori›s que hoje são o Porto. Foi além, na Sé, que se casaram D. João I . Phelipa, a Ingleza. O valle que desce desde Santo Ovidio até)ouro, coração actual do Porto e divisoria da cidade velha e da le nova, apresenta-se-me já habitado pela população dos burgue›empre hostis aos Bispos Suzeranos.

'ara oeste, nos altos de Cedofeita, o cabido colonisa, arroteando

[1] Este trabalho do erudito historiador, não obstante o sub-titulo que se con, não chegou a ser lido na solemnidade a que se destinava em 1894; só› teve publicação occasional n'uma folha do Porto, não sendo, porém, rezido nos volumes das obras do auctor. Póde assim considerar-se quasi o. A Redacção do *Boletim* agradece ao sr. dr. Guilherme d'Oliveira Marmão de Oliveira Martins e cultor devotadissimo da sua memoria, o favor ; ter facultado a publicidade de mais uma das brilhantes syntheses do escritor.

os campos inclinados pela encosta de Villar. S. Francisco, aqui no sopé do proprio monte em que nos achamos, está começado apenas : principiaram os frades a edificar o seu templo no mesmo anno de Aljubarrota: 1385. E' em frente de S. Francisco, no velho paço real, deitando sobre a rua nova aberta por D. João I, nesse futuro coração do Porto commercial, é ahi que vem ao mundo, em 4 de março de 1394, o infante D. Henrique.

Já o periodo heroico da revolução e da guerra tinha passado. A paz com Castella, vivamente desejada pelo rei, embora ainda não sellada, era, porém, um facto.

As resistencias internas haviam cessado principalmente com a emigração dos parciaes adversos para Castella.

A monarchia de Aviz erguia-se soberana sobre o seu povo, retemperado nas longas batalhas da independencia, e enraizava-se profundamente no sentido novo da vontade popular unanime. Uma alma, ardente de desejos e ambições inominadas, animava a nação. Sentia-se a necessidade de um grande acto para confirmar o baptismo da independencia. Mas que acto? Que façanha? Que ventura? Que empreza? Uns lembravam a conquista de Gibraltar, outros a de Granada aos mouros; mas o rei prudente, receiando nova guerra com Castella, optou por Ceuta: continuar o Algarve além-mar; proseguir para o sul a guerra santa da conquista.

Decidiu-se a expedição em 1415: tinha o infante D. Henrique 21 annos. Ordenou-se o armamento de duas esquadras : uma em Lisboa, outra no Porto. Para aqui veio o infante dirigir a equipação da frota logo em janeiro e seis mezes bastaram para a ter concluida; pois enganar-se-hia muito quem julgasse os navios desse tempo com as idéas posteriores ao seculo XVI, quando estava aberto o periodo das grandes viagens. Então o navegar consistia ainda, segundo fôra desde os tempos mais remotos, em seguir ao longo das costas durante o dia, aportando a qualquer angra para pernoitar. Só o Mediterraneo se cruzava, deixando a terra a perder de vista; por isso os pilotos e mareantes das Baleares, de Genova ou de Piza tinham então o sceptro de navegadores. Para as armadas serviam os navios de pesca e de commercio sem mais apparelho, porque tão pouco a arte de combater no mar differia dos combates terrestres.

Os navios eram simples transportes que eventualmente se transformavam em fortalezas fluctuantes. Destes navios, o maior era a náo, barco por ventura semelhante ao falucho ou patacho da nossa navegação costeira, e raras vezes de capacidade superior a cem toneladas. Eram os navios de commercio arvorados em transportes de guerra. Desta especie armou e guarneceu D. Henrique no Porto vinte. Navegavam á vela e chamavam lhes navios redondos, em opposição á fórma esguia das galés que andavam, em regra, a remo e erão o typo do navio de combate herdado da Antiguidade. Galés, armou o infante sete. Além destes navios a que hoje chamariamos de linha, completava a frota um numero incerto de barcas, varineis e caravelas, navios de vela ou remo das *Companhas* de pescadores, cujos fac-similes exactos se encontram ainda hoje pelas praias de Portugal : a cara-

vela tão celebre na historia das primeiras descobertas africanas tem, quanto a mim, o seu representante fiel na falúa ribatejana.

Na primeira semana de julho estava prompta a frota no Douro, e daqui, onde nos achamos, podemos tambem evocar com a imaginação o quadro desses navios garridamente empavezados de balsões e estandartes multicolores, onde aos symbolos heraldicos dos guerreiros se juntava o pavilhão tricolor do infante D. Henrique e a sua divisa que era ainda apenas um promessa: *Talent de bien faire*, arte de proceder com acêrto. Já na escolha deste motto o infante dava a medida do seu genio futuro: nenhum capricho, nenhuma vaidade, nenhum amor: sómente a obediencia cega á *freima* que ainda inconsciente lhe ardia já no pensamento juvenil. Toda a chusma das galés e dos marinheiros das náus vestia as côres do infante. O irmão, futuro duque de Bragança, commandava uma das náus. As guarnições estavam todas a postos. Levantaram-se as ancoras. O dia era bello. No ar azul fluctuavam as bandeiras, e de bordo de cada navio o som rutilante das charamelas écoava pelas encostas abruptas vestidas de pinhaes. Dos dous lados do rio que a frota descia, apinhava-se o povo desde os Guindaes até á Foz, desde Gaya até á Aforada, respondendo ás trombetas de bordo com um trovão de acclamações.

No dia 20 chegou a esquadra a Lisboa; mas quando tudo estava prevenido, e fixado para 23 o dia da partida, a rainha morreu de peste. Traço revelado da energia quasi deshumana deste homem ainda na verdura dos annos, ainda virgem dos amargores que retemperam a vida! Quando o rei viuvo fugia doudo de dôr, para além do Tejo, quando a bordo da esquadra todas as guarnições vestiam luto e os navios tinham arriado as bandeiras em signal de dó, o infante, esgazeando o olhar, enrugada a frante, descaroavel o animo, foi a bordo, mandou vestir de gala as tripulações, mandou que as trombetas tocassem os hymnos de guerra, e que a esquadra partisse no proprio dia destinado: o dia seguinte ao da morte da mãi. Perante a gloria da empreza, que importava uma mulher menos sobre o mundo? Se o seu coração sangrava, e talvez não sangrasse, comprimia-o seccando o sangue com a chamma que, abrazando-lhe o peito, lhe incendiava o pensamento. Nos 21 annos que contava, conformára-se-lhe já o animo por um modo que aos da sua geração parecia singularmente arredio. Tinha o aspecto temeroso. Fallava pouco: se o irritavam, não rompia em colera, mas recolhia-se amodorrado com uma mistura de desdém e ira concentrada que infundia quasi medo. Attribuia-se isto á energia da sua vontade indomavel, e á complicação de pensamentos que se lhe enovellavam no cerebro. O retrato que chegou até nós, corroborado pelas descripções dos chronistas coevos, mostra-nos um homem feio, corpulento, ossudo, com o cabello negro e duro, com a tez escura, a testa breve, o mento forte, e sobre a bocca rasgada um bigode negro, curto e farto. A physionomia corresponde ao que sabemos do caracter.

Ceuta conquistou-se facilmente em um só dia, 21 de agosto. Em Ceuta foi o infante armado cavalleiro; á volta o rei fêl-o duque. Tres annos depois, voltou á Africa. Nesses tres annos, entre a primeira e

a segunda viagem de Ceuta, está inscripto o periodo genesiaco do seu pensamento. A energia da sua vontade ia encontrar um adversario condigno. A chamma, que lhe incendiava o peito, ia ter um alimento duradouro e fecundo, tornando-se o clarão deslumbrante que havia de illuminar o mundo.

*
* *

Em 1418, o seu plano estava evidentemente delineado. As suas idas á Africa; o que ouvira aos mouros; a tradição da viagem ás Canarias pelo Peçanha em tempo d'el-rei D. Affonso IV; a lenda dos maghulinos de Lisboa; as tradições fantasticas das ilhas oceanicas; a noticia dos reinos dourados da especiaria que Marco Polo visitára; as lendas varias sobre o Preste João, e as funebres descripções arabes do mar tenebroso que acabava em fogo desfeito em nuvens: tudo isso se revolvia na mente do infante, desvairando-a. Mais tarde, o livro da viagem de Marco Polo e os mappas que seu irmão Pedro lhe trouxe de Veneza, acabaram de o seduzir.

Atravez da sombra densa das chimeras apontava luminosamente um facto: era a existencia de um outro mundo, encantado, lá para o Oriente. Como nas lendas celtas, guardava-o a ferros um monstro: o musulmano, alastrado por toda a Africa Septentrional. Seria impossivel exterminar esse dragão? Não havia de ser; e além d'isso o mar estava patente. Dar-se hia a volta ao mundo. Era um erro suppôr que o cabo *Não* fosse o limite navegavel: já Catalães tinham ido até ao rio do Ouro; já nós proprios tinhamos ido ás Canarias. Mas quem diria que para além o mar tenebroso não era, com effeito, essa confusão cahotica de sombras e lodos ferventes em que o mundo acabava, no dizer dos arabes? Quem assegurava que em vez de um cahos se havia de achar um continente regular e costeavel? Dizia-o, assegurava-o ao infante a sua fé! Adivinhava: por isso a estranheza esquiva e a seccura do seu genio erão a consequencia necessaria de um dos aspectos que a idéa fixa imprime ao caracter dos homens.

Encontrada a empreza e formado o plano, mais esquivo, mais duro, mais absorvente ainda se tornou o genio do infante. Não consentindo o pai no proseguimento da guerra de Marrocos, por *extenuar o reino*, via adiada essa primeira ametade do seu plano; e contando com tempos breves mais propicios entregou-se de corpo e alma á segunda. Consumia os dias, velava as noites, estudando, indagando, alchimista de especie nova, os segredos da terra e do mar, procurando extrahir a pedra philosophal da verdade geographica. A gente da sua casa, os marinheiros de Lagos, os forasteiros que chamava para a volta de si, erão os companheiros de cogitações incessantes nessa praia algarvia, de onde para a esquerda se divisava Marrocos, para a direita o mar infinito, enigmatico. A pleiade dos primeiros navegadores, Zarco e Baldaya, Perestrello o Genovez, Gonçalo Velho e Gil Eannes, Antão Gonçalves e Nuno Tristão, Lançarote, Gonçalo de Cintra, os Dias, Vicente e Diniz, mais Pedro tambem de Cintra, Alvaro Fernandes, formavam-lhe a côrte de especie nova; uma côrte

amphibia, sobre que pairava nos confins austraes do reino, o genio que lhe havia de definir a missão e o destino gloriòso. Estes momentos de germinação de uma idéa são sacrosantos.

Pela primeira vez o genio do homem concebia uma fórma nova do ideal apprehendendo-a syntheticamente. A verdade scientifica, enxertando-se na fé religiosa, excitava o espirito do infante: era outra fé que surgia para o mundo.

Lagos, porto relativamente importante pelas suas pescarias e armações, parece não ter convindo ao infante para ahi iniciar os seus tralhos. Necessitava um logar, que por deserto, pudesse ser absolutamente seu e onde nenhuns embaraços viessem estorvar a realisação dos seus multiplos planos. Ao sul de Lagos, a pequena distancia, encostada ás eminencias do cabo de S. Vicente, abre-se a pequena bahia de Sagres, abrigada por uma peninsula que se alonga pelo mar obra de um kilometro. Nessa lingua de terra, cuja largura não excede meio kilometro, decidiu o infante fundar uma villa sua, que fosse ao mesmo tempo um estaleiro, uma escola e um porto franco.

Chamavam-lhe terça ou *tercena*, do italiano *darcena:* elle queria que se chamasse a *villa do infante*. Planeou, sem chegar a realiza-lo, installar ahi uma colonia de genovezes, procurando attrahir para a sua villa o commercio do Oriente, cujo emporio de Ceuta fôra desfeito pela conquista de 1415. O logar escolhido pelo infante é o extremo absoluto das terras portuguezas, e dizem no Algarve que por um singular effeito da conformação da terra se ouve ahi claramente o que a bordo dos navios, passando ao largo, vão fallando as tripulações. Installada assim, como nao ancorada na extrema praia portugueza, a *Villa do infante* tornou-se o élo que soldava a antiga nação guerreira ao novo Portugal maritimo incipiente. Na sua escola, cercado pela pleiade dos que ião ser seus primeiros cooperadores, o infante colligia os mappas e instrumentos usados pelos mercantes mediterraneos: o astrolabio, a bussola, um chronometro rudimentar, e as cartas de que alguns, em um excesso de louvor indiscreto, attribuem a invenção ao proprio infante. Completando esta parte do seu progamma de iniciar os companheiros nos segredos da navegação mediterranea, contratou o celebre Jayme de Mayorca, mestre dos cartographos baleares no ultimo quartel do XIV seculo.

Chamavam-lhe em Palma *el judío de las brujulas,* porque ao desenho dos mappas juntava a arte da fabricação dos instrumentos nauticos. Baptisado, trocou o nome de Inferda Cresques pelo de Jayme de Ribes, e de Palma partira para a côrte do Rei Martinho do Aragão, cahindo em desgraça depois da morte deste, que foi quando o infante D. Henrique o contratou,

E' um absurdo suppôr, meus senhores, que alguma grande empreza humana nasceu jámais de pensamento individual, como no mytho se pretende ter sahido Minerva da cabeça de Jupiter. O condão dos grandes feitos e o merecimento dos grandes homens está em adivinharem as tendencias collectivas da sociedade em que se encontram, e de imprimirem a sua direcção nitida e firme ás forças dispersas, aos ensaios desencontrados dos tempos anteriores.

Seria, pois, absurdo suppôr que o pensamento e até o facto das navegações tivesse nascido abrupta e milagrosamente da idéa do infante. Não. Elle encontrou por todo o litoral de Portugal colonias de mareantes e armadores, de negociantes e pescadores que, sobretudo á sombra das leis protectoras de el-rei D. Fernando, tinham tornado intensa a vida commercial maritima dos portuguezes. E essas proprias leis revelam que o movimento nesse sentido vinha desde muito longe. Póde dizer-se que acorda aqui na região do norte quando Gelmirez, o bispo de Compostella, contrata Genovezes para a defeza do Minho contra as irrupções dos Vikings normandos nos primeiros tempos da occupação arabe. A marinha militar é em Portugal coeva da fundação da monarchia, apparecendo-nos alliados os nomes de Affonso Henrique e Fuas Roupinho.

No tempo de Eduardo III de Inglaterra, temos o tratado que os armadores do Porto e Lisboa fizeram com esse rei para a pesca reciproca nos mares dos dois paizes. D. Diniz, repetindo o exemplo do bispo de Compostella, contrata para seu almirante o Genovez Peçanha.

Os foraes registam abundantes testemunhos da importancia das pescarias nas costas e rios de Portugal. Por outro lado, se é um facto que a marinha portugueza antes e muito mais depois do tempo de D. Fernando tinha uma importancia superior, não é menos verdade que as incursões pelo Oceano não eram facto novo, nem até para nós proprios portuguezes. Do tempo de Affonso IV resta a noticia de uma ou mais viagens dos Peçanhas até ás Canarias.

O atlas catalão de 1375, o portulano laurentino de 1351, o mappa trazido de Veneza pelo infante D. Pedro, mencionam, além da costa africana até ao rio do Ouro já visitado, de um modo, com effeito, obscuro e sujeito a impugnações, ilhas atlanticas que têm sido identificadas modernamente com os archipelagos de Madeira e dos Açores. O valor e o alcance, pois, da empreza do infante D. Henrique estão em elle ter vindo, no momento opportuno, enfeixar e unificar essas tentativas anteriores em um pensamento firme e comprehensivo, sabendo explicar de um modo efficaz e pratico as forças reaes creadas em um paiz que a situação geographica e as condições da politica peninsular tinham de impellir para a expansão ultramarina. Installado em Sagres, de 1418 a 1433, as expedições successivas enviadas contra a costa austral de Marrocos, póde dizer-se que nenhum resultado importante conseguem. São quinze annos em que, por este lado, as tentativas do infante não provocam mais que o riso dos invejosos e a satisfação dos mal feridos pelo seu genio orgulhoso e esquivo.

Apenas, por accidente logo no principio da empreza, se descobre o archipelago da Madeira, que todavia ficou sob o dominio da corôa; bem como o dos Açores no fim deste periodo, em 1432, pelo achado da ilha de Santa Maria. Na costa africana não fôra possivel passar além do cabo Bojador, que a opinião geral considerava um *nec plus ultra*. Nada, porém desacoroçoava o animo do infante: nem a inutilidade das viagens africanas, nem o escarneo desdenhoso dos cortezãos, nem o abandono em que o pai o deixava e a opposição te-

naz com que impedira, tanto o progresso das emprezas marroquinas, como o plano que tivera de conquistar as Canarias. D. João I por cousa alguma deste mundo queria levantar a sombra de um conflicto com Castella, depois da arriscada guerra de que sahira rei.

*

* *

Em 1433, D. João I morreu; e assim que D. Henrique vio sobre o throno seu irmão Duarte, o bom e passivo principe destinado ao martyrio, pesando sobre elle com toda a energia da sua vontade refreada por quinze annos de contrariedade, começou por lhe extorquir a doação da Madeira. Ahi deu primeiro largas ao seu genio de colonisador. Iniciou as culturas novas da canna e da vinha, multiplicou as doações, coalhou a ilha de colonos algarvios, organisou o imposto, creando, completo em todas as suas faces, o primeiro typo moderno da colonia de povoação. Não bastava, porém, isto para a febril impaciencia do infante. Facilmente o irmão lhe déra a Madeira; mais difficil, porém, era obter delle que se lançasse na temeraria empreza de Tanger. Vendo inutil a acção da sua eloquencia ardente, vendo colligados contra si ambos os irmãos, D. Duarte e D. Pedro, D. Henrique não hesitou em lançar mão de todas as armas para conseguir seus fins. Poz principalmente em campo a ingenuidade santa, a candidez quasi infantil do irmão menor D. Fernando, que tambem reclamava para si uma outra Ceuta; e sendo baldados esses rogos, seduziu a rainha, promettendo-lhe para o filho que trazia no ventre, a herança que desenhava magnifica á imaginação deslumbrada da cunhada. Nas afflicções do parto a rainha extorquio de D. Duarte a annuencia á empreza de Tanger.

Era em 1436. Tres annos durou a teima persistente do infante até ver realisados os seus fins. Essa tragedia assim iniciada entre as dores de uma parturiente, as lagrimas anciosas do rei afflicto, e depois os vagidos do infante recemnascido, provinha da dura e descaroavel de D. Henrique, inaccessivel ás hesitações de uns, ás afflicções de outros, aos raciocinios de todos. Tinham-no por desvairado? Mas esse proprio desvairamento, signal certo do genio fatidico retemperado na vontade inquebrantavel, esmagava o querer incerto dos tibios e o querer dolorido dos fracos. Não tinha coração o infante.

Quando a expedição de Tanger partio, em Agosto de 1437, havia já tres annos que por fim Gil Ennes dobrára o cabo Bojador, e que Baldaya fôra até ao rio do Ouro. A' imaginação do infante apparecia-lhe toda a sua empreza, em ambas as suas faces, em um horizonte doirado de esperanças, que a sua fé transformava em certezas. Havia de tornear-se a Africa! Havia de conquistar-se Marrocos! Todavia Tanger foi uma immensa catastrophe, da qual, para se salvar a si e aos restos do exercito, teve de deixar em penhor, nas mãos dos mouros, o infante D. Fernando, Isaac sacrificado em holocausto ao designio fatidico de que o infante se sentia portador. Elle que não chorára uma lagrima perante o cadaver da mãi morta santamente;

elle que não hesitára em explorar em seu proveito a fraqueza da rainha gravida e a afflicção de irmão passivo: como, porque hesitaria em entregar aos mouros essa victima condemnada, se ella espontaneamente, estendendo os braços ás algemas, pedia para si o martyrio? Era seu irmão? Era; mas os heroes, abrazados pela chamma de uma paixão, renegam a familia, conforme até prescrevem os textos sagrados: «por mim esquecerás pai e mai».

D. Fernando ficava nas mãos dos mouros em refens da promessa da entrega de Ceuta, promessa que D. Henrique fizera na idéa de a não cumprir, mas fizera com essa certeza do imprevisto que é propria dos homens de acção. De Tanger, mandando os restos da expedição para o reino, foi elle a Ceuta, a vêr se conseguia com milagres de astucia e arte salvar o irmão que sacrificára. Vendo perdidas todas as esperanças, sabendo que flagicios crueis o pobre irmão soffria nas vesperas de sua morte proxima, não é crivel que a deshumanidade de D. Henrique fosse a ponto de não sentir vararem-lhe a cabeça as estocadas do remorso. Passou talvez então a crise mais dura da sua vida. Desesperado, em 1438, veio encerrar-se em Sagres, fugindo á côrte, onde por seu lado o rei penava as dôres do arrependimento. Depois de repetidas instancias, D. Duarte consegue avistar-se com o irmão em Portel, pensando obter delle o que todos lhe negavão, isto é, o conselho da entrega da Ceuta para resgate do irmão martyr. Em vez disso, porém, D. Henrique hirtamente funebre, diz-lhe com uma voz tremenda que arme outra expedição, que torne a assaltar Tanger. E voltou a fechar-se em Sagres. Era o mesmo que sellar a sentença de morte immediata do irmão captivo. Pouco depois, em setembro, D. Duarte finava-se de dôr. Dois cadaveres, os cadaveres de dois irmãos, jazião por terra para cimento do edificio grandioso das descobertas portuguezas. Assim na India e em Babylonia era uso, depois de abrirem as valas onde se lançavão os fudamentos dos templos magnificos, lastrarem primeiro o solo com victimas humanas sob que repousavão as fiadas de pedras cyclopicas.

Ceuta não se entregou; mas o infante, de quem antes o geral da gente ria, provoca agora o sentimento de reprovação e terror que a deshumanidade infunde sempre ou até que é coroada pelo exito, transformando o réprobo em heroe. O malogro de sua empreza marroquina, o escasso proveito das viagens africanas e o remorso pelas crueldades commettidas, em vez de lançarem o infante no caminho do arrependimento, cada dia mais lhe excerbavão a paixão ardente que o devorava, rebelando-o contra a injustiça da sorte, contra o esquecimento do Deus que tinha a peito servir, contra o mundo accusador e hostil que o cercava. A estranheza do seu genio transforma-se em uma hypocondria formal, a sua dureza em uma misanthropia systematica. Quem o observava parecia-lhe vêr o espectro de um homem fundido em bronze. Só em Sagres, com os seus marinheiros que lhe trazião constantemente noticias dos paizes ignotos, sobre que elle sentia ter lançado a garra leonina, só com esses e com o mar o seu espirito empedernido travava relações, mais de pensamento que de

alavras, nas longas horas de esperança tragica, debruçado sobre o 'ceano.

*

* *

As viagens não cessavam, e á maneira que se repetiam, augmen-ivão em amplitude, ganhando em importancia. Já as caravelas dos xploradores desciam com Diniz Fernandes e Antonio Gonçalves até o *Porto do Cavalleiro*, em 1439; já Nuno Tristão voltava com um arregamento de escravos; já vinha ouro do golpho de Arguim; já s algarvios não riam das emprezas do infante: pelo contrario, todo o spanto era pouco para contemplar esses typos singulares de creatu-as de paizes longinquos, raças hybridas de mouros e negros que for-iam a transição ethnologica para as regiões da Negricia, na baixa luiné.

Em 1444 fórma-se em Lagos a primeira companhia ou syndicato le armadores para a exploração da costa africana; e deste modo o nfante inventou um novo typo de exploração colonial para juntar aos nteriores.

A frota da companhia, sob o commando de Lançarote, regressou om um amplo carregamento de escravos; e, quando na praia, a ca-allo, o infante assistia á partilha dos captivos e em volta o povo ontemplava boquiaberto a enormidade do resgate, D. Henrique, elle, mestre da Ordem de Christo, donatario dos territorios africanos, rmando cavalleiro a Lançarote, era verdadeiramente rei de um novo eino: o negro reino das sombras, onde os homens tinham essa côr, nde os sertões derramavam especiarias e os areiaes ouro; imperio gnoto cujos confins se perdiam nos paramos mais distantes do mundo, cujas portas vedadas a todos era esse mar immenso que vinha bei-ar-lhe os pés na praia de Lagos e de que fizera para si um canto errado — *mare clausum.*

Depois da primeira companhia de Lagos, registra-se em 1445 a iagem de Diniz Dias, que desce até á foz do Senegal; em 1446 a le Alvaro Fernandes, que visita a Goréa e vae até ao Rio Grande; em 1447 a de Nuno Tristão que desce até ao Rio Nuno. Nesse pro-prio anno largava de Lagos a frota da segunda companhia em uma xpedição mais importante, em que os navios do Algarve se junta-vam a outros vindos de Lisboa, do Porto e da Madeira. Mas antes, esse proprio anno de 1447, outras complicaçõos distrahiam o infante la sua idéa fixa. Livre dos encargos e cuidados de familia, porque s votos proferidos na milicia de Christo lh'o vedavão, repudiando as educções communs do amor illicito, porque para lhe abrazar o peito inha uma paixão só, não podia, porém, esquivar-se por completo aos uidados da regencia do Estado, quando a morte do infante D. João o martyrio do infante D. Fernando lhe impunham a arbitragem na ontenda armada entre o regente D. Pedro e o duque de Bragança, ara a disputa da influencia no animo do rei criança, Affonso V.

Em 1438, depois da morte de D. Duarte, viera de Sagres de fugida, ompôr a dissidencia entre D. Pedro, esse principe philosopho, e a

rainha viuva regente. A revolução do anno seguinte deu o poder a D. Pedro e á rainha o exilio. D. Henrique absteve-se; mas em 1441 não pôde deixar de acompanhar o regente a Traz-os-Montes, para congraçar o conde de Barcellos, que da contenda sahiu feito duque de Bragança. Não ficou, porém, submettido o poderoso bastardo de D. João I; e logo que a regencia do irmão terminou, pela subida de Affonso V ao throno, o duque de Bragança entendeu chegada a hora da desforra. Com a elevação de Affonso V começa a guerra a D. Pedro, que em 1447 se vê forçado a abandonar a côrte, recolhendo-se ao seu ducado de Coimbra.

Essa tragedia, ultimada ao cabo de dois annos em Alfarrobeira, tem como primeiro episodio a supplica serena e grave que de Coimbra o ex-regente faz para o Algarve a seu irmão, a fim de o vir aconselhar a soccorrer. Veio a Coimbra D. Henrique, mas era exactamente quando estava accesa a faina nos estaleiros de Lagos para o equipamento da segunda frota de Lançarote. Nem a afflicção nem o remorso lhe toldavam agora o espirito; nem a afflicção, porque ao contrario, a alma lhe nadava em esperança e contentamento; nem o remorso, embora o seu desapego houvesse de ser causa da morte de um terceiro irmão, quando a sua temeridade victimára já os dois primeiros. Distrahido, responde com evasivas a D. Pedro, que lhe expunha candidamente a situação. Emquanto um, nas vesperas do fim, abria a sua alma imaginando impregnar com ella o sangue fraterno, o outro ouvia-o mal, impacientemente, e em resposta nem lhe dava consolações nem conselhos. As caravelas do Lançarote dançavam-lhe na idéa, carregadas de negros e de ouro. Partiu. O pobre regente viu-se abandonado, sentiu-se perdido; mandou ainda emissarios ao irmão pedindo lhe que voltasse: elle limitou-se a recommendar-lhe prudencia. Num salto estava em Lagos. A frota de Lançarote largou. Com ella foi ordem do infante para que se levantasse em Arguim uma fortaleza e uma feitoria, com que o seu imperio africano ancorasse de vez nessas praias, que elle nunca devia ver, mas que a obsessão permanente do seu espirito e as informações dos navegadores avidamente recolhidas, rapidamente transportadas para os mappas, lhe representavam fielmente á imaginação.

Que admira, pois, que em 1449 o infante se achasse no campo sacrilego de Alfarrobeira? Que fosse testemunha visual do assassinato de D. Pedro, levado ao extremo do desvairamento pelo abandono desapiedado em que o deixára? O rei era uma creança, e a roda de fidalgos que o cercavam nunca perdoára ao regente o querer introduzir ordem na administração do Reino. Essa creança, esses fidalgos pretendiam realisar um reinado de façanhas guerreiras em que os despojos das praças marroquinas désse a cada qual uma farta porção de saque a repartir.

Não era o saque a ambição de D. Henrique: era a conquista, era a realisação final do plano malogrado em Tanger. Não é de crer, pois, que em seguida a Alfarrobeira, o remorso o perseguisse, como talvez succedeu antes. Então os cadaveres dos irmãos immolados afundavam-se em uma sombra de desesperança quasi absoluta; agora

o cadaver do regente perdia-se no deslumbramento de uma esperança dourada.

Além disso, D. Henrique contava já 50 annos, e os caracteres, como o seu, petrificam com a edade.

*

* *

Já ninguem duvidava da importancia nem do valor das viagens africanas, que davam brado no mundo. As caravelas portuguezas tinham fama universal; não havia melhores navios sobre o mar, dizia-o o italiano Cadamosto que veiu a Portugal contratar com o infante a sua viagem de exploração.

Partiu, em 1455, e foi até á Gambia, voltando em segunda viagem, cinco annos depois, com o seu conterraneo Antonio da Nola que descobrira o archipelago de Cabo-Verde, ao tempo em que Pedro de Cintra corria toda a costa da alta Guiné até ao Cabo da Verga. Ahi ficaram as descobertas do infante em Africa, na data da sua morte.

Dois annos antes della, em 1458, já com 64 annos, acompanhou o rei seu sobrinho á conquista de Alcacer-Ceguer, prologo das emprezas do «Africano» e desforra da catastrophe de Tanger. Morria feliz, no seu cenobio de Sagres, em 13 de Novembro de 1460, esse monge de especie nova que, na propagação da sua fé, na violencia da sua vontade, repete, porém, os typos anteriores dos sectarios, como foi, por exemplo, S. Domingos de Gusmão, o terrivel exterminador dos Albigenses. Morreu feliz de certo, porque morrendo via o edificio dos seus sonhos, se não construido, que para tanto não bastava uma vida humana, levantado, porém, já fóra dos alicerces, desenhando-se á luz clara do dia, como realidade positiva. Arrancára ao Oceano tres archipelagos, e toda a costa atlantica da Africa superior até ao golpho da Guiné. A chegada ao Oriente estava segura, quer pelo mar, quer por Marrocos, cuja conquista, entregue o reino ao braço ferreo de um rapaz, havia de consummar-se. Via os resultados positivos e completava com a sua imaginação agonisante a edificação magnifica a que lhe faltava apenas pôr o remate.

Morreu, de certo, feliz; e todavia não passava de um sonho, nascido da ignorancia geographica dos tempos, a idéa de relacionar a descoberta do Oriente com a conquista de Marrocos; não passava de outro sonho a esperança de que o sobrinho conquistasse esse imperio e não esquecesse o mar, pois logo que o infante morreu, Affonso V, absorvido pelas suas emprezas temerarias, pôz de parte a prosecução da metade fecunda do plano duplo do grande homem. E foi só depois, ao chegar o dia da desforra de Alfarrobeira, com o reinado de D. João II, que se rematou a obra iniciada em Sagres, quando Azambuja se assenhoreou da Mina, Cão descobriu Angola e Bartholomeu Dias dobrou o Cabo, a que o rei pôz o nome de Boa Esperança. O pensamento germinado no ponto humilde da costa do Algarve tivera em 1460 o termo da sua primeira expansão; depois ampliava-se á

Africa inteira, para logo se estender ás Indias e até aos confins do mundo, vindo Magalhães dar-lhe a volta, depois do Gama e de Colombo, em direcções oppostas, o terem descoberto quasi inteiro na sua redondeza.

Taes foram as consequencias do pensamento creador do infante D. Henrique. São o facto supremo da historia moderna, e por isso ao infante compete com justiça a corôa dos heroes. Não é, porém, só a descoberta do globo que estava em germen no seu pensamento: é ainda outra idéa fecundissima que nos conferio, para sempre, a nós portuguezes, o titulo de iniciadores da colonisação de terras extra-europeas, desertas ou povoadas, barbaras, selvagens ou civilisadas. Cabe-nos a honra, e essa honra devemo-la ao infante e aos herdeiros do seu pensamento, de termos feito o catalogo completo das instituições coloniaes, pois todos os povos que vierão depois de nós repetiram estas nossas descobertas sem lhes juntarem um só traço essencialmente novo.

Achamos os typos todos na massa plastica de um genio dominador, que parece termos perdido. Achou o infante para as ilhas desertas, com a transplantação de colonos contractados, a introducção de culturas industriaes exoticas, criando assim, na Madeira principalmente, o primeiro typo das colonias de emigração. Restaurou da Antiguidade phenicia e grega os resgates com os indigenas nas costas africanas, e tambem o trafico dos escravos; restaurou por igual dos Antigos o typo das colonias-feitorias, como a de Arguim, defendidas por uma fortaleza. Achou, por fim, o typo das companhias de navegação e commercio, como forão as de Lançarote, typo que, tendo iniciado a fortuna colonial de Inglaterra, constituio uma nação viva, a Hollanda.

Não pára aqui o inventario das descobertas coloniaes portuguezas, embora acabe com a morte o quadro das invenções do infante. D. Affonso V, para se isentar do trabalho das navegações, celebrou os conhecidos contratos de Fernão Gomes para a descoberta e exploração da Guiné; e esses contratos são o typo das concessões com delegação de soberania, especie com a qual a Inglaterra levantou o edificio extraordinario do seu imperio da India. D. João II instituio no Casamansa e no Congo os primeiros protectorados sobre estados indigenas, typo agora seguido por todos, por inglezes, por hollandezes, por francezes, nos seus dominios de terras povoadas de raças inferiores. Instituio mais, no proprio Congo, a colonisação pelas missões, e em S. Thomé as colonias penaes ou colonisação por degredados. E finalmente, quando o Oriente era nosso, os *prazos* em Moçambique e os direitos dos *casados* de Gôa, inventados por Albuquerque, creárão typos novos de instituições destinadas a fixar os immigrantes cruzando-os com as populações indigenas.

Se o pensamento do infante, avassallando tudo, se tornou a propria alma portugueza no seculo de ouro da nossa vida historica, tendo em si a visão de um mundo ignoto, tinha com ella tambem a idéa clara, a idéa pratica e modos de o dominar, reger e fecundar. Poderá alguem contestar a razão e o orgulho com que agora, quando nos resta apenas memorar tempos transactos, lhe fazemos a apotheose? Não. To-

tavia ha quem levante a sua férula de pedagogo para castigar o homem por não ter sido bom, o que é verdade; attribuindo-lhe, porém, ás acções motivos determinantes, que sómente provão o acanhamento das vistas dos criticos detractores e a sua ignorancia do que é a natureza humana, esse mixto indeterminavel de sombra e luz, de grandeza e mesquinhez.

Accusão o infante de ter sido apenas um avarento ambicioso que aproveitou a sciencia e a actividade maritima dos portuguezes, já assaz firmada, para o simples reconhecimento de um bocado da costa africana; accusão-no de ter estabelecido a escravidão, como se ella não fosse ainda no seculo XV um facto geral em toda a Europa; accusão-no de ter convertido tudo em monopolio proprio. Esse homem, tão desapiedadamente cruel para com os seus, obedeceria unicamente ao instincto e á violencia de um egoismo obscuro e abjecto. Ora, esse homem a quem os votos impedião de ter familia e formar casa, e que portanto não podia ser desvairado pelos motivos naturaes tantas vezes predominantes, esse homem que não era um avaro nem vaidoso, que vivia como um monge no seu cenobio de Sagres, sem luxo, sem arte, sem ostentação nem galas; como póde admittir-se que obedecesse a motivos de um egoismo estreito, quando tinha uma vida quasi asceta, e quando não tinha em volta de si familia a quem legar riquezas accumuladas? D. Henrique não era como seu irmão, o conde de Barcellos, um duro e avido fundador de casa: a esse sim, a esse podem applicar-se as criticas formuladas contra o infante, a D. Henrique nunca, pois são inconsequentes.

Era duro, era pratico, era imperioso; mas todos estes traços de caracter, em vez de os pôr ao serviço de um egoismo obscuro, votára-os á missão magnifica, seára fecundissima, cujas mésses terião por herdeiros Portugal, a Humanidade.

Era secco, era deshumano; mas, embora seja triste dizê-lo, são estas as qualidades ou os defeitos inherentes ao avassallamento de um cerebro por uma idéa, e á necessidade cruel da victoria da lucta com os homens.

Quem sabe como foi Cesar, segundo Suetonio o pinta; quem leu em Plutarcho a vida de Alexandre, e nas suas proprias cartas a de Albuquerque; ou a de Napoleão nas chronicas e memorias infinitas com que se lhe tem desenhado o retrato: reconhece logo que a caridade bondosa, a humanidade effectiva são causas certas da ruina para a acção pratica da vida, embora sejão penhores seguros de victoria duradoura no espirito da gente agradecida.

A santidade é, em regra quasi sem excepção, o pólo opposto do heroismo. E quem, no decurso desta propria vida que acabamos de percorrer, comparar as physionomias candidamente boas de D. Duarte e de D. Fernando, ou o aspecto luminosamente claro de D. Pedro, com a feição terrivel de D. Henrique, verá logo a exactidão humana destas observações. A acção tem de ser descaroavel: só á comtemplação é dado ser logica ou boa.

O que uma tem de efficaz, tem a outra de poeticamente sublime. E qual valerá mais: o heroismo ou a bondade? O carinho ou a energia?

Pergunta ociosa; porque no grande côro que os homens vão cantando épicamente atravez dos tempos, são indispensaveis todas as notas. A acção é a fé, sem a qual se não levantão montanhas. A bondade é o perfume doce, sem o qual a vida seria insoffrivel. O proprio egoismo é o constructor da riqueza; e até os nescios, quando são innocentes, têm o seu papel na orchestra, dando realce e pondo em relevo as qualidades eminentes dos homens.

Entre os heroes devorados por uma fé e votados a uma acção desapiedada, reunindo em si á ancia do propagandista a energia do conquistador, figura o infante D. Henrique, mais ainda pelas consequencias incomparaveis dos seus designios, mais ainda pelo caracter percursor do seu heroismo, do que pelo resultado effectivamente immediato de sua façanha. Não ha, portanto, apotheose mais justa, nem mais cabida; pois se um Henrique foi o fundador desta nação, outro Henrique vem, tres seculos depois, abrir-lhe as portas da immortalidade.

Oliveira Martins

SOBRE AS LIGNITES (LINHITES) DE PORTUGAL, INCLUINDO O AZEVICHE E SOBRE ALGUNS NOVOS EMPREGOS NA INDUSTRIA

Communicação feita á Sociedadede de Geographia de Lisboa na sessão de 4 de Maio de 1908

Antes de começar a minha communicação vou dizer qual o fim a que viso.

Portugal é rico sob muitos pontos de vista; ha um pouco de tudo. O que é preciso principalmente é a compenetração da ideia de que tudo isso é absolutamente necessario que se utilise para a prosperidade do paiz. Toda a monocultura como toda a monoindustria é um prejuizo; é preciso de tudo um pouco. Ora a industria da lignite, sem poder occupar o primeiro lugar n'este bello paiz, pode todavia tornar-se uma industria importante. Até hoje tem-se feito pouco caso d'esta substancia, mas pretendo mostrar que a lignite poderá ser ainda muito util para o desenvolvimento da industria nacional. Desejaria poder estimular os numerosos proprietarios de terrenos que têem lignite, para bem examinar e estudar os seus productos, porque em circumstancias favoraveis adviriam para este paiz grandes proveitos.

Tal é o fim da minha communicação.

E' verdade que em primeiro lugar estudei o uso do azeviche em algumas applicações industriaes, mas afinal o que é o azeviche? E' sómente uma variedade de lignite que tem o defeito de ser mais cara do que algumas outras variedades que, pelo menos, para diversos usos, podem ser approximadamente eguaes. Empregar o azeviche para os quaes se podem applicar algumas variedades muito ordinarias da lignite, seria, pouco mais ou menos, tão razoavel como calçar com

epitas de ouro, em vez de pedras ordinarias, as ruas que pizamos.

Fallemos mais especialmente da lignite; vejamos o que ella é.

A lignite é um combustivel mineral. A lignite provém da decomposição imcompleta da materia cellulosica da lenha. Geologicamente a lignite é de formação menos antiga do que a hulha. Ha diversas variedades de lignite, entre as quaes se podem notar as variedades fibrosas e as variedades terrosas. A percentagem das cinzas da lignite varía entre 5 e 10 %; a proporção da humidade pode chegar a ser a metade do peso. Pela dessecação ao ar a humidade reduz-se a $^1/_5$. Mesmo depois de ser bem dessecada a lignite absorve, exposta ao ar, uma nova proporção de agua; portanto é um pouco hygroscopica. Encontra-se nas camadas superiores de diversos terrenos sedimentosos.

A lignite é um combustivel, porque, quando arde, desenvolve quantidade de calor que pode ser utilisado domestica e industrialmente; ella é menos inflamavel do que a lenha, mas mais do que a hulha.

Mencionamos já o azeviche que é uma variedade compacta da lignite, negra, ou ás vezes negro-acastanhada, e bem mais solida do que as lignites ordinarias; elle é bastante duro para poder ser trabalhado ao torno e polido.

Antigamente o azeviche, como talvez alguns de V.as Ex.as sabem, era muito empregado para as joias em occasião de lucto, mas a fragilidade e a combustibilidade da substancia, junto aos caprichos da moda, occasionaram a substituição d'aquelle por productos artificiaes como, em alguns paizes, por vidros inquebraveis negros, etc.

Em Portugal encontra-se o azeviche em Porto de Moz, mas as outras variedades de lignite encontram-se em muitas outras localidades.

O preço da extracção do azeviche não é exaggerado e pode dar esperança de exploração vantajosa, mas a extracção das lignites ordinarias é ainda muito mais barata; portanto, quando puderem empregar-se as lignites ordinarias, será preferivel empregal-as.

No que vou dizer, referir-me-hei não ao azeviche em particular, mas ás lignites em geral, subentendendo-se, porem, que o azeviche dará um pouco melhores resultados de que as variedades mais ordinarias de lignites.

De collaboração com o Director technico da fabrica da Companhia de Borracha de Lisboa, Snr. Roscius Catin, fiz uma serie de experiencias para ver se havia meio de utilisar as lignites para o fabrico de isoladores electricos. Começámos os ensaios para este unico fim, mas reconhecemos que as lignites podem ser utilisadas na fabricação de muitos productos em que ainda não se empregaram.

A condição essencial para o aproveitamento da lignite é a de transformá-la em primeiro lugar em pó tão fino quanto possivel. E' relativamente facil peneira-la e o pó incorpora-se tambem com facilidade nos productos de base cautchu.

As nossas experiencias demonstraram que a substancia era susceptivel de se agglomerar para formar um todo homogeneo, podendo

apresentar-se em formas differentes, solidas e rigidas, a fim de poderem ser empregadas como isoladores. Para a orientação das experiencias feitas tomámos como base a fabricação das ebonites, actualmente tão numerosas e variadas. Procuravamos obter um producto que podesse rivalisar em preço com os isoladores de ebonite conhecidos. O emprego dos succedaneos do cautchu (les factices) e dos cautchus regenerados de residuos (em summa das substancias que se podem obter por preço mais modico) permittem-me dizer que com a lignite finamente pulverisada pode-se obter um bom isolador. O isolador fabricado pode conter 60 % (e mesmo um pouco mais) de lignite, podendo perfeitamente chamar-se isolador de lignite ou mesmo ebonite-lignite.

Naturalmente a percentagem depende da natureza do objecto fabricado, e é essa a razão porque não posso dar em absoluto o *quantum* da economia resultante quando se empregar lignite, mas desde já affirmo que ha realmente economia.

Apezar da qualidade defeituosa do agglutinante empregado (porque por motivo de economia usámos «factices» e cautchus regenerados em lugar de bons cautchus) o producto tem uma cohesão satisfactoria; a coloração é de negro acinzentado e susceptivel de bom polimento. Fabricámos diversos objectos: tubos, espheras, etc.; e tenho pena de os não poder aqui apresentar, mas como não sabia quando as minhas occupações me permittiriam fazer esta communicação, remetti-os para a França e Allemanha a pedido de amigos meus. Uma esphera, das que fabricámos, com 30 millimetros de diametro, atirada ao chão, saltou, sem alterar-se, pouco mais ou menos á altura do ponto de onde foi atirada.

A materia obtida é tambem de notavel estabilidade; resistiu perfeitamente á immersão em agua a ferver.

Outra particularidade é a leveza do producto; empregando o azeviche, a densidade é de 1,3. Ajuntando a isto que o preço é de cerca de 260 réis o kilogramma (quando se emprega o azeviche, porque, no caso de se empregar qualquer outra especie de lignite, o preço é inferior), comprehender-se-hão as vantagens economicas que poderão advir do emprego d'esta materia nas numerosas applicações industriaes. As experiencias promettem muito, mesmo pondo de parte a questão dos isoladores.

No que diz respeito á coloração do producto, pudémos obter todos os tons, desde o cinzento escuro até ao bello negro, juntando determinadas proporções de negro de petroleo. Depois pelo polimento conseguimos dar os tons mais suaves e os mais bellos brilhos.

Deve-se notar que o azeviche e as outras variedades de lignite não podem ser empregados com vantagem senão sob a fórma de pó impalpavel, o que é facil de obter com os mechanismos da grande industria; o que não poderia fazer-se facilmente com machinas defeituosas ou incompletas. Seria pois conveniente que uma grande fabrica fizesse aqui a pulverisação d'este producto e a revenda em seguida ás diversas fabricas de cautchu e d'outras substancias que poderão servir-se d'ella como adjuvante util.

Importa pois generalisar o estudo d'esta substancia para os seguintes empregos:

1) Na fabricação das ebonites tão numerosas e tão espalhadas para os objectos de luxo e de toucador;

2) Como adjuvante na grande industria do cautchu.

Tenho todas as razões para julgar que esta substancia prestará ainda grandes serviços.

Aos chimicos direi que, ao lado do azeviche e das outras variedades de lignite, ha n'estes novos productos uma certa proporção de agglutinante de base succedaneos de cautchu e de regenerados variados. E ainda mais, ha um pouco de alcatrão (muito pouco), magnesia calcinada e uma certa proporção de enxofre, indispensavel para a vulcanisação.

Até hoje não posso indicar a composição exacta da materia, porque esta é propriedade minha e do meu collaborador, o sr. Catin. Até que possamos obter a patente, não podemos dar todos os pormenores da operação; apezar d'isso, podemos dizer que, modificando mais ou menos a percentagem de um ou outro dos constituintes, chegamos a obter uma verdadeira gamma de productos, dos quaes cada um corresponde a necessidades e a usos differentes.

Pode perguntar-se como é possivel que a lignite, que afinal é um carvão impuro, chega a ser um isolador de electricidade.

A isto responderei que o carvão da ebonite de base lignite tem a propriedade de isolar, quando pelo calor ou compressão não tenha subido a um certo grau de temperatura.

Como conclusão eu pretendo exaltar toda a vantagem da industria da lignite. Ao contrario da industria do petroleo que, muito rica, sim, mas exigindo todavia capitaes enormes, mesmo já para as primeiras pesquizas (sabe-se as tremendas sommas necessarias para fazer umas sondagens), ao contrario da industria do petroleo, como dizia, a exploração de lignite (quero dizer a extracção) é possivel mesmo com diminuto capital. Nunca o proprietario de um terreno contendo lignite terá de satisfazer ás exigencias que as condições de um terreno petrolifero lhe impõem, quando, não tendo bastantes meios para poder explora-lo por conta propria, fôr forçado a dirigir-se a capitalistas que poderão ser necessarios.

Uma outra applicação das variedades de lignite é a possibilidade de as empregar em grande escala como côr mineral negra.

Fallei do emprego da lignite como isolador e na fabricação das ebonites, mas ha tambem muitas outras applicações que se estudam actualmente.

E é assim que na construcção naval o emprego de boas qualidades de lignite está sendo estudado. E de boa origem sei que em muitos paizes se procuram novas e novas applicações d'esta substancia mineral.

No norte da Italia ha lignites que afinal não são melhores do que as de Portugal, e actualmente ha uma Companhia, com séde em Veneza, que trata de submetter estas substancias em apparelhos especiaes a quaesquer distillações a fim de obter productos varios. Isso podia tambem fazer-se aqui.

E' de esperar que Portugal entre n'este concerto de povos adeantados para o seu proveito e para o de todos os povos civilisados.

Houve tempo em que nos affligia o encontro da lignite, quando esperavamos a hulha. Chegará agora aquelle em que nos alegraremos quando a encontrarmos? Talvez!

Tenho dito.

EUGÈNE ACKERMANN

Engenheiro de minas pela Escola de Minas de Paris

MITRAS LUSITANAS NO ORIENTE

(Continuado de pags. 306)

1624 — *D. Estevão de Brito*, jes., nom. em principos de 1620 coadjutor e f. succ. do arcebispado de Cranganor, sagr. em Goa em 29 set. 1624 (I P. p. 136); governou 17 an.s; fal. 2 dez. 1641 (13).

«O arcebp.º que agora é de Crangan. D. Estevão de Brito (informação do vr. de 24 jan. 1625), por seu anteccessor D. Fr.co Roz. ser fallecido, foi ha pouco daqui (Goa) para a sua egr.a, tem-me parecido boa pessoa, e que procurará acertar em sua obrigação. E antes que partisse lhe fiz advertencia..., sobre o arcediago.» «O arceb. de Crangan. (inform. 23 fev. 627) está na sua egr.a, continuando com as obrigações della, que são trabalhosas por serem em terras de reis gentios, onde m.tas vezes padece descommodidades e falta de respeito.» Nos mesmos termos informa em 18 fev. 1630 e acrescenta: «Apaixonado me dizem se tem mostrado o arceb.º nas duvidas de seu sobrinho (João de Brito com Antonio Coutinho), e tb.m escreve com paixão contra D. Filippe Mascarenhas, nas differenças que tem com os p.es da comp., e passa o arceb. nesta paixão os limites de moderado» (14).

1630 março 26. C. r. O arceb. de Crang. se me queixou da alteração que ha na sua eg.a, causada por alg.s relig.os estrangeiros da

---

(13) *Ens. hist. ling. concani* doc. n.º 1, — *Prima spedit. a. Ind. or.* 2; *Seconda sped.*, Roma 1672 p. 150: Venet. 1683 p. 85, — *Relaç. sum. serv. rel. domin. Ind.*, Lisb. 1635 p. 6, — *Append. a cens. d lib int. Consideraz.* 18, — *Risp. ad un lib. contro le 12 ridess. int. Difesa.* 71, 2, 4, — *Vida P. Basto* 524, — *Oriens christian.* II, 1281, — L. Ranke *The hist. of the popes*, London 1850 II. 236, — *The land of the Fermauls* 234, — *Imag. vit. n. Evora* 416, — *Côro das mus.* IV, 259, — Bertrand *Hist. Madure* 202, 3, 30, — *Doc. rem. Ind.* I, 285, 6, — *Bolts.* 1872 n.º 76 e 77, — S. Rit. congr. Meliapur. *Beatif. seu declarat martyr, Jo. de Brito* 1737 p. 229 e 1851 II. 220, 9. — La Crose prefac., — *Esame e difesa decr. publ. Pudiscerí.*, c. *Tournon* 368, — *Risp. a. accuse.. pratic.. miss. Madurey* 273, 411, — *Portg. discov. and miss. in Asia* 272.

(14) *Ens. hist. ling. concani.* p. 212 e *Bolet.* 1884 n.º 167. Em c. r. de 31 março 1631 se diz que o an. pass. se escreveu ao vr., exigindo a lista dos despachos a Jorge de Souza da Silva, sobrinho do arceb. de Crang., e porque o arceb. lhe refere (a s. mag.) ter outro sobrinho (o sobredito João de Brito) que tem tambem serviços, exige informação.

ord. de S. Domingos, que se foram áquelle arcebispado a tratar da conversão dos gentios, estando a conta dos relig.os da comp., com o que se alterou tudo, negando-lhe em alg.as partes a obediencia e respeito que se lhe tinha, ao que dera causa o prior do convento de S. Domigos de Cochim, mandando a estas missões um relig.o estrangeiro (Fr. Francisco Donatoi de quem atraz p. fallei), com outros de sua ordem, e posto que o bispo governador desse estado avisou ao seu vigario geral os mandasse recolher, não tivera effeito até agora, pedindo-me mandasse provêr na materia, e vendo eu o referido e o que o d.o bp.o governador me escreveu. . (encom.da ao vr.), que com ordem do vig.o geral de S. Domingos façaes recolher logo estes religiosos..., visto estar a conta dos da comp. aquella christ.de, e se ter por inconven.e que relig.os de differ.es religiões assistam na conversão de uma christ.de.» Outra c. r. de 27 março 1636 ordenando que os relig. dominic. sáiam da Serra, por estar a conta dos p.es da comp. a administração daquella christandade, e prohibindo a communicação dos mesmos relig.es com o arcediago Jorge, que se suppõe scismatico, —respondeu o vr. em 9 nov. 1636 que fr. Antonio Bapt.a vig. g. da ord. de S. Domg.os, affirmava que nunca foram seus relig.es á christand.e da Serra.

Em c. de 20 jul. 1631 deu csnta o vr. da Ind. a s. mag., da promessa que por meio deste arceb. de Crang. fez ao d.o vr. o rei de Cochim, «que faria logo dar razão ás egr.as, christãos e vassalos de v. m., a quem tem forçado...».

1638 março 25. C. r. «O arceb. de Crang. me escreveu em... 16 dez. 634, que executaria a ordem dada acerca de se pôr em um cofre de duas chaves, a ordinaria que se dá aos eccles.os daquelle arcebispado, de que teria elle uma, e outra o bispo de Cochim, e os eccles.os se queixavam, em uma junta que para esse effeito fizeram, de que tendo-se-lhe passado provisão para se lhe pagarem 2000 xs., que vem a ser 20 por anno a cada vigario, e tendo se lhe feito consignamento para esta paga na aldeia de Cassabe de Caranja, havia m.tos an.s que escassam.te se lhe pagava metade, pelo que se juramentaram de não servirem suas vigararias, não se lhes dando a ordinaria por encheio, e resultaram gr.des inconven.es de elles não servirem aq.las egr.as ao rito romano, e tornar-se ao babylonico que puxava por aq.la gente: e que tb.m as ordinarias delle arcebp.o estavam... (mal pagas), e ficaram defraudados todos..., pedindo-me lhe mandasse dar compensação..., e que se lhe guardasse a provisão que tinha, para se lhe pagarem sete homens para o acompanharem, que não importará mais que até 120 xs. por an., e se acudisse ao reparo da ruina que ameaçava a sé d'aq.le arcebispado. E havendo visto tudo pela importancia de que é ao augmento e conservação da fé catholica.., (encom.da ao vr.) façaes que com effeito se pague aos ministros daquella eg.a..., e assim fareis pagar ao arcebp.o por inteiro tudo o que se lhe deve de suas ordinarias..., e que assim se paguem com effeito os sete hsmens que lhe são dados para o haverem de acompanhar..., pois convém tanto a autorid.e da egr.a, e que os ministros della de semelhante logar tragam o acompanham.to necess.o, e acerca do re-

paro da sé... procurareis accommodar aq.[le] que fôr possivel a fabrica da egr.[a] nova que propõe no sitio...» — Resp. vr. 8 dez. 1638: diz que por causa de uma gr.[de] tempestade que houve nas terras de Caranjá, «foi fallivel a satisfação que havia de haver o arceb. de Crang.», mas em pouco tp.[o] elle será resarcido; que elle arceb. «continúa nas obras daquella sé, e a tem quasi acabada, tudo por sua industria e meios que buscou de a pôr no estado em que está.»

Em 1639 25 fev. escrevia Antonio Pereira (?): «O sr. arceb. (de Cranganor) me escreveu por vezes, que reparava aquella sé de Crang. a sua custa, tirando o gasto da propria sustentação, tendo-a tão limitada, por lhe quebrarem na paga de seus ordenados e dos mais ministros daquella christd.[e] 1200 patacões por an., de uns poucos (annos?) a esta parte.»

1641 — *D. Francisco Garcia Mendes*, jes., foi reitor do collegio de Baçaim, do de S. Paulo em Goa em 1629 e 30, da casa prof. do B. Jesus e ultim.[e] provincial; sagr. em Goa (I. P. p. 146) em bp.[o] de Ascalona e coadj. e successor de D. Estevão de Brito, por cuja morte entrou no governo desta diocese de Cranganor em 1641, e continuou por 18 an. até 3 set. 659 em que fal. com 81 d'idade. Visitou mais de uma vez as freguezias de sua diocese; estabeleceu dotes para donzelas pobres e fundou um monte pio, «cuja lei era (dizem os p.[es] Franco e Nadasi), que q.[m] d'elle levasse emprestimo só tivesse obrigação, de dar a seu tempo outro tanto sem mais alg.[a] pensão; porém se no tal tp.[o] não satisfizesse, d'ahi por diante inviolavelm.[te] se lhe não emprestasse cousa alg.[a] do tal monte (15). D'elle diz o cit. Nadasi, que «praeter linguam lusitanam et latinam, callebat hebraeam, graecam, chaldaicam, syriacam, tamulensem, canarinam, industanam... Electus Cocini gubernator (govern.[or] civil da cid. de Cochim), id munus tanta reipublicae utilitate implevit, ut pergere juberetur: maxime cum eo rem feliciter agente, hollandi quoqne Cocinensem obsidionem solvere sunt coacti. Sed ille ætatis ac sanctae quietis obtentu, eo magistratu se abdicavit.»

Na *Relação dos success. das arm. portg. nas part. da Ind. e tomada de Aycóta... até o a.* 1661, Lisb. 1663 se faz menção a p. 3 e 4 deste arceb. Garcia, «cujo zelo do serviço d'elr. em muitas occasiões tinha a todos admirado, não só por seu gr.[de] talento, virtude e letras, mas por haver acudido aos cidadães e povo da fortal. de Crangan. com seus emprestimos, dadivas e esmolas, mas por haver pago varias vezes de sua casa o quartel aos soldados, refazendo á sua custa gram parte dos muros que estavam arruinados, vigiando e rondando ás noites: nos maiores apertos impedindo com seu cuidado e vigilan-

---

(15) *Imag. virt. n. Evora* l. 3 c. 8 a 14 e p 436, — *Syn. ann. s. J. Lusit.* 168, 317, 40, — Nadasi *Ann. dier. mirabil. s. J* II, 141, 2, 3, — *Ann. glor. s. J. n. Lusit.* 514 a 17: merece ser lida nestas duas obras a biogr. deste digno e santo prelado, — *Oriens christ.* II. 1281, — *Hist. eccl. malab.* 425. 39, 40, 7, — Ribadeneira *Biblioth.* 354, — D. Tho. C. Bem I, 108 e II, 9 e 10 — Day 234, 7, 8 — La Crose 1724 pref. e pg. 337; 57, 61, 7, 87, 91, 5, 6, 7, 45. — *Hist. portg. no Malabar* introd. p. 80, — *Evora glor.* 339, — *Hist. Madure* 230, 310.

cia a entrada do rei Samorym, que tinha ameaçado aquella cidade. Portanto julgaram todos que elle só tomando sobre si o governo da cidade, poderia dar remedio á miseria em que se viam e allivio no aperto em que estavam.» Depois de muitas hesitações, «podendo com elle (arcebp.º) mais o zelo do serviço d'elr., e movido do culto divino e amor d'aquellas christandades..., se sujeitou ao officio do govern.or e capitão, tendo 80 an. de idade... Bem mostrou a experiencia o acerto desta eleição» (16).

Nas informações annuas dizia o vr. Ind. a s. m. em 1641 dez. 14: «Nas christandad.es da Serra... é arceb.º D. Francisco Garcia, relig.º que foi da companhia, está mui carregado de annos mas procede com toda boa satisfação»; — repetia quasi o mesmo em 20 dez. 642 e 5 set. 643. Em 19 dez. 650 informava: «O arceb. da Serra é relig.º da comp., como são sempre, cuidadoso de sua egr.a, mais vehemente que socegado, de que tem nascido parte de discordia entre elle e o arcediago da Serra, porém de presente não tenho queixas suas». Em 27 dez. 651 informava o conselho do gov.: «O arceb. de Crangan. é de m.ta idade, e não ha escandalo algum contrario á sua virtude».

1643 março 8. C. r... «Sobre se vos haver recommendado por c. de 8 março 640, procurasse melhorar a consign.ão dos 500 cruzad. do dote do bp.º do Ascalona, coadjut. do arceb. de Crangan.., e me pareceu dizer-vos que por esta ser a minha primeira obrig.ão, e com ella haver em concedido os s. pontif.es a ord. de Christo os diztmos nas partes ultramar.as, de que como mestre que sou della..., vos encarrego m.to acudais ao pagam.to do bp.º com pontualidade, para sua sustentação.»

1645 jan. 14. C. r. «O arceb. de Crang. se me queixou que os vreis... do c. de Linhares para cá, contra a forma de suas provisões se intromettiam na arrecad.ão das rendas do cassabé de Caranja e dos foros... da aldea Varcá, aonde tem quebradas suas ordinarias e dos curas do seu bispado, por cuja causa as não cobram e padecem, e porque minha tenção é que se não faltem aos ministros do s. evangelho, com aquillo que está taixado para sua congrua sustentação, a que as rendas desse estado estão em primeiro logar obrigadas», encom.da ao vr. que faça «dar cumprim.to as provisões que o arcebp.º tem, para que seja pago na forma dellas». — Resp. vr. 10 jan. 646: «As necessid.es deste estado occasionaram tantas faltas a todos..., me pareceu necess.º mandar pôr verba em meus ordenados e de todos os ministros seculares...; informando-me de Cochim q.do por ahi passei sobre estas mesmas queixas do arceb., vim alcançar que pagando a fazenda ordin.as para 10 relig.os de comp. missionarios da Serra, não assistem nella mais que 2, a que nem o arceb. põe remedio nem se queixa, de que nasce m. parte dos descontentam.tos daq.la christ.de com elle, em que o deixei composto, e v. m. deve... de a mandar ouvir por meio das cartas do seu arcediago».

---

(16) V. *Vida P. Basto* 392.

1645 dez 2. C. r. Em deferimento da carta da cidade de Cochim de 10 dez. 644, «acerca das duvidas que havia entre os christãos e sacerdotes cassanares que residem na Serra, porque ordenando eu que dessem 20 pardaos a cada vigario, se lhe davam som.ᵗᵉ 10», diz que o vr. «mande deferir com effeito as pagas d'estes vigarios» — Resp. vr. 10 dez. 647: «Aos p.ᵉˢ cassanares se lhes paga conforme o regim.ᵗᵒ da fazenda..., e cobra o arceb. da Serra para de sua mão lhes fazer pagam.ᵗᵒ, assim que ha algum desvio não é por falta dos ministros de v. m., e já os mesmos cassanares q.ᵈᵒ passei por Cochim me fizeram esta queixa, e lhes ordenei que nomeassem procurador seu para tratar d'esta cobrança, e de presente se me não queixam.»

1646 nov. 15. C. r. «A cid. de Cochim... me representou a alteração que havia entre os christãos e sacerd.ᵉˢ cassanares da Serra, por causa de serem mal pagos, porque mandando-se-lhes dar 20 pardaos se davam 10 a cada vigario; encom.ᵈᵒ vos façaes compôr estas desinquietaçees de maneira, que se não destruam aq.ˡᵉˢ christãos, e a elrei de Cochim recommendareis que os trate com todo o favor« — Resp. vr. 18 dez. 647: «Na paga das ordinarias dos christãos e sacerdotes cassanares da Serra, não ha alteração alguma da parte dos ministros de v. m., e se lhes encaminha por via do arceb. de Crangan. seu prelado, como sempre se fez, e as que se movem são entre o mesmo arceb. e arcediago, aos quaes deixei compostos q.ᵈᵒ vim de Ceylão, sobre duvidas que acerca destas mesmas materias havia entr'elles».

1647 março 27. C. r. Aos relig.ᵒˢ da comp. «se dê todo o favor que merecem, pelo bem que nestas partes tem servido, e m.ᵗᵒ sangue que tem derramedo na dilatação da fé, e em particular se faça o mesmo com o arcebp. de Crangan.» — Resp. vr. 24 dez. seg.: «Aos relig. da comp. amo e respeito; o serviço de v. m... não aborreço, de que tem nascido descontentarem-se estes relig.ᵒˢ, porque em nenhuma maneira posso ajustar o que pretendem em seu augm.ᵗᵒ, com o que mais convém ao serviço de v. m. e suas ordens e a administração da fazenda real, em que tendo tanta parte se quererem sempre melhorar, que é toda a occasião de chegarem a v. m. differ.ᵉˢ informações, porque com estes relig.ᵒˢ não tenho pleito nem causa alg.ᵃ para os descontentar.»

1648 jan. 15. C. vr. «Fui agora avisado de Cochim, como a christandade da Serra se havia m.ᵗᵒ alterado com o seu prelado, fazendo costa com o arcediago que, como natural e entre elles de grande autorid.ᵗᵉ, q.ᵈᵒ passei por Cochim o compuz com o arceb.ᵒ, e de aqui os tenho procurado conservar em amizade, mas nada tem bastado e venho a temer perder-se aquella christ.ᵈᵉ, que vivamente pede se lhe mettam outros religiosos, e s. santid.ᵉ assim ordena por um breve; os de comp.ᵃ não tem mais sujeitos nella... (senão o p.ᵉ Salvador Machado, reitor do semin. e mestre da lingua malabar e suriana; outro p.ᵉ que é companheiro do arceb. nos negocios da Serra, e com elle anda nella e está aprendendo a lingoa, e mais 2 p.ᵉˢ); e assim como não hei de alterar sem ordem de v. m. cousa alg.ᵃ em aquella

christ.de, me pareceu tb.m dar conta a v. m. do estado em que se acha.»

1649 jan. 27. C. r. «Sobre a falta que havia de mission.os na christand.e da Serra, e intentos que o s. p.e tinha de a mandar remediar», sobre a qual materia escreveu tb.m a s. mag. «o arceb. de Crang., dando conta de tudo o que ahi havia succedido nestes an.s passados, e da pouca obediencia e respeito que o arcediago lhe tem, e rigores com que é tratado do rei de Cochim, apontando que o remedio de tudo está em lhe não faltardes com os favores e boa correspond.a de que necessita e lhe são devidos, para poder cumprir com suas obrigações como o deseja fazer e procura» : encom.da «que, em tudo o que fôr justo e se offerecer, favoreçais ao arceb. até com elrei de Cochim, p.a que modere seus procedim.tos contra elle, e estranhando ao arcediago não lhe ser mui obed.e, e ao arceb. mando escrever que dos casos que se offerecerem... vol-os communique, e que procure ter provida aql.a christ.de de obreiros do s. evangelho, para que se não esfrie por sua falta, antes va em augmento.» — 469 fev. C. r. «Se não retardem aos vigarios de Crang. as ordinarias,» porque pelo ministerio em que se occupam são dignos de serem favorecidos», e tb.m aquella christ.de — Resp. vr. 26 nov. 650: «Muitas são as causas porque o arcediago da Serra e o arceb. de Crang. andam descontentes um do outro, e tb.m dá motivo a este descontentam.to a paga das ordin.as que v. m. é servido se dêm aos clerigos da Serra; porém, sr., não é pelo modo que se entendem nesse reino, porque as ordin.as paga-se lhes da fazenda de v. m., em que se não ha falta e vão a poder do arceb. da Serra, de quem os clerigos se queixam por não receberem tudo o que lhes cabe; eu procuro de os compôr e por isso tenho advertido bastantemte. assim ao arceb. como ao arcediago, e o mesmo faço com elrei de Cochim.»

1651 março 4. C. r. «O arceb. de Crang. me representou aqui, que o arcebp.o seu antecessor havia mandado fazer uma egr.a nova por conta de sua ordinaria, por não ser capaz a antiga de se celebrarem nella os officios divinos com a decencia devida, a qual deixou por aperfeiçoar e sem retabolo nem outro algum ornato, pedlndo-me que por quanto se pagava hoje mal a d.a ordin.a, lhe fizesse mercê mandar-se-lhe dar uma esmola, para se acabar o retabolo e o mais de que necessitava a d.a egr.a» ; encom.da ao vr. que «tomando as informações do estado em que se acham as obras da d.a egr.a, a façais prover com uma esmola conven.e, para que se possa pôr em perfeição, por ser de ruim exemplo e ainda causar grande escandalo verem-se na India as egr.as dos christãos menos ornadas e decentes que os pagodes dos gentios» — Resp. do conselho do gov. 20 dez. seg. «Ao arceb. de Crang. se tem feito aviso para que trate por seus procuradores, de mandar requerer nesta côrte o de que necessita a egr.a, de que esta c. de v. m. faz menção, e fazendo com informação das pessoas a quem o recommendamos nos avisassem do estado em que se acha aquella egr.a e do que mais necessita, se lhe deferirá como o tp.o permittir, se bem a fazenda real se ache exhausta para estas e outras despesas que de ordinario se requerem, havendo m.to a que acudir e de partes que pedem prompto remedio.»

1651 março 6. C. r. «O arceb. de Crang. me representou que o vr. Ayres Saldanha fez mercê em meu nome a seu antecessor D. Franc.º Roiz, de uma manchua para nella poder visitar e fazer as mais obrigações de seu officio pastoral em seu arcebispado, e assim mais de 7 homens para o acompanharem para mais autoridade de sua pessoa, pedindo-me lhe mandasse confirmar as provisões que das mercês referidas se lhe passaram, e que se lhe consignasse a despesa de uma e outra cousa em parte, donde houvesse bom pagam.to» : encom.da ao vr. que favoreça esta pretenção, por ser m.to conveniente que quando o arceb. vai visitar o seu arcebispado, o faça com autoridade devida a sua dignidade — Resp. cons. gov. 20 dez. seg. Diz que ao arceb. Crang. avisou que mandasse apresentar a provisão sobred.a, «para lhe pormos o cumpra-se, e se lhe consignar o pagam.to da manchua e soldados, onde commodam.te possa ser satisfeito.»

1651 merço 21. C. r. Diz que recebeu do arceb. de Crang. Garcia 2 cartas de 20 nov. e 1 dez. 649, sobre os pagm.tos do que lhe pertence serem mais pontuaes, e sobre m.tos particulares tocantes ao reparo, segurança e defensa da fortaleza de Cranganor: quer s. m. que se lhe não retardem os pagam.tos, e o vr. providencêe acerca da segurança da sobred.a fortaleza.

Em 1653 os christãos de S. Thomé de Cranganor capitaneados pelo arcediago Thomé do Campo, insubordinaram-se contra este prelado catholico que os governava, e voltando ao schisma se sujeitaram ao bispo nestoriano do seu rito syro-chaldaico; até os commissarios pontificios nomeados a pedido deste arcebp.º e vindos ao Malabar, para chamar á razão os rebeldes, foram-lhe adversos (17). V. notafin. *I.*

(17) «Anno 1653 universa ferme archidioecesis Cranganorensis ducentum animarum millibus constans, quadringentibus tantum exceptis, adversus archiep. suum D. Fransciscum Garziam s. J. consurgens, in tetrum schisma abivit, sed et impio ausu duodecim sacerdotes, auctores schimmatis, manum mitram que imposuerunt cuidam Thomae de Campo, eumque episcopum salutaverunt et coli praeceperunt. Ad hos reducendos carmeliti disc. in Malabariam missi sunt, quorum maxime opera octoginta quatuor paroeciae ad unitatem redierunt, ex quibus proveniunt catholici ritus syromalabarici; triginta vero duo paroeciae obstinate in schismate perdurarunt..» — *Missiones catholicae.. descriptae* in an. 1892 (an. IV), Romae 1892 p. 604. V. Assemani *Bibl. or.* IV, 168, — *Hist. s. Domq.* IV, 149, — *Prima spedit. a. Ind· or.* 2, 4, 135, 64, 84; *Seconda sped.* 56, 64, — *Bibl. lus.* II, 157, 8, — D. Tho. C. Bem I. 108, 9 e II, 8, 10, — *Imag. virt. n. Evora* I. 3 c. 9 e 10, — *Viag.* Paol. s. Bartol. 136, 7, 9, — *Reforma de los descalzos de nuestra Senora del Carmen*, fr. Anast. de S. Teresa, Madrid 1739 VII; 294, 5, 352, — La Csoze 1724 p. 88 e 352, — *Bullar. patr.* II, 79, 81, 2 a 5, = Rae *The syrian church in India* 259, = *Vida P. Basto* 540, — John Wil. Kaye *Christianity in India*, London 1859 p. 34, = *Hist. miss. cath.* IV, 352, — *Bolet.* 1860 n.º 90; 1872 n.º 87 e 1884 n.º 165, — *Portg. discov. and mis. Asia* 272 e seg., — *Imper. gazett. Ind.* VI. 242, — *Dicc. pop.* VI, 29. Um dos commissarios pontif., fr Guiuseppe di S. Mar., depois bispo de Hierapoly (*Bullar. patr.* II, 79, 83 e seg. 98 e seg.) entra em muitas particularidades a respeito do procedimento dos christãos de Crang. rebellados contra o arceb. Garcia, nas suas *Prima spedit. all' Ind. or.* Roma 1666 e *Seconda Spedit.*, Roma 1672: esta *Seconda Sped.* foi reimpresse em Venetia em 1683, juntando-se-lhe *Il Viaggio all' Ind or.* de fr. Vicenzo di S. Cater. de Siena, outro commiss. pontif. que nesta sua *Viaggio* dá conta das dilligencias que empregou, para a conversão dos scismaticos desobedientes ao seu prelado.

Obrigado do levantam.to geral da Serra, refugiou-se o arcebp.o em Cochim; tinha então 74 an. d'idade e estava na India havia 52. Alguns cassanares conservaram-se na obediencia deste arcebp.o, e a Cochim foram outros dar-lh'a, mas eram poucos em comparação dos m.tos que seguiram ao arcediago Thomé do Campo, sobrinho e successor do arcediago Jorge, ambos os q.o foram quasi sempre embrulhadores da chist.de e perpetuos inimigos dos arcebispos. O vr. da India mandou correr o pagam.to das ordinarias ao arceb., porque posto as não houvesse de despender no m.mo effeito para que eram applicadas, se valesse d'ellas para ajuda das despesas que fazia em procurar a reducção daq.as ovelhas (18).

Compoz este arceb.o na lingoa brahmane dous vocabularios, um portg.-brahmane e outro brahmane-portg.; e verteu o *Flos Sanctorum* na lingua malabarica.

(Continúa)

P.e CASIMIRO NAZARETH

BIBLIOTHECA DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

Obras entradas nos mezes de julho a setembro de 1908

(N'esta lista não se incluem as publicações periodicas)

Algodão (A. B. C. da Plantação do) Obra do Departamento Imperial da Agricultura das Indias Occidentaes. Traduzida do inglez por Luiz C. Moreira Bastos (Governo Geral de Angola). Loanda, 1908. folheto broc. 23,5×17. 52 pags. e ind. Offerta.

Almanach do Exercito ou Lista geral de antiguidades dos officiaes combatentes e não combatentes do exercito, e empregados civis, publicado por ordem do Ministerio da Guerra, referido a 30 de junho de 1908. Lisboa, 1908. vol. broc. 28×18. 581 pags. Offerta.

Alvenaria e Cantaria volume III. Por João Emilio dos Santos Segurado (Bibliotheca de Instrucção Profissional. Construcção Civil). Lisboa, 1908. vol. enc. 22,5×15,5. 160 pags. cat. e gravuras· Comprado.

Amazonas (A Imprensa no) 1851-1908. Publicação feita sob os auspicios do Governo do Estado. Amazonas-Manaos, MCMVIII. 1 vol. broc. 27×20. 110 pags. Offerta do sr. João Baptista de Faria e Sousa.

Année (L') Psychologique. Publiée par Alfred Binet. Quatorzième année, Paris, 1908. 1 vol. broc. 23×14. 499 pags. e gravuras. Comprado.

---

(18) *Bolet.* 1872 n.os 76, 77, 81, 82 e 1873 n.o 1 certidão da rainha de Cochim em abono do arcebispo Garcia.

Annual exhibition of American Art (Fifteenth.) Cincinnati Museum, 1908. 1 folheto broc. 16,5×12 31 pags. e gravuras. Offerta.

Annuario da Universidade de Coimbra. Anno lectivo de 1907-1908. Coimbra, MDCCCCVII. 1 vol. broc. 20,5×13. CCCLXXXI+351 pags. e gravuras. Offerta da Bibliotheca da Universidade de Coimbra.

Anthropométrie ou mesure des différentes facultés de l'homme par Ad. Quetelet. Bruxelles, 1871. 1 vol. broc. 25,5×16,5. 479 pags. e uma c/5 figuras e mappas. Comprado.

Antiquities of the upper gild and salt river valleys in Arizona and New Mexico. By Walter Hough. (Smithonian Institution. Bureau of American Ethnology. Bulletin. 35.) Washington. 1907. 1 vol. enc. 24×15. 96 pags.+x pranchas mappa e gravuras. Permuta.

Anuario del Servicio Meteorologico de la Dirección del Territorio Maritimo. Tomo octavo correspondiente al año 1906 (República de Chile) Valparaiso, 1908. 1 vol. broc. 26,5×18,5. III+416 pags. Indice e mappas. Offerta.

Aplicaciones de la electricidad á la agricultura por el academico Ilmo. Sr. Dr. D. Helmenegildo Gorria. Publicada en mayo de 1908. (Memorias de la Real Academia de Ciencias y Artes de Barcelona. Tercera época. Volume VI. Numero 33.) Barcelona, 1908. 1 folheto broc. 30×23. 57 pags. e indice. Offerta.

Avisos aos navegantes (Republica dos Estados Unidos do Brazil. Directoria de Hydrographia. Repartição da carta maritima. Setembro a dezembro de de 1907.) Rio de Janeiro, 1907. 4 folhetos broc 23,5×16. Offerta.

Bicentenario (O) de Linneu na Suecia. Visita a alguns jardins botanicos. Por J. A. Henriques. Coimbra, 1908. 1 folheto broc. 23×15,5. 41 pags. Offerta do auctor

Cabo Verde (Noticia da Flora das Ilhas de). Fogo e Brava por Alfredo da Costa e Andrade, (Extracto da «Revista Official da Missão Agronomica». N.º 4 de 1908). Praia, 1908. 1 folheto broc. 27×18,5. 44 pags. e indice. Offerta do auctor.

Caçadores 5 d'El-Rei. Apontamentos para a sua historia 1708-1908 pelo tenente Saturio Pires e alferes Gonçalves Amaro. Lisboa, 1908. 1 vol. broc. 24,5×16,5. 200+III pags. Indice e retratos. Offerta.

Canal (El) de Panamá Francisco Alayza Paz Soldán (Sociedad de Ingenieros del Perú. Memoria n.º 12). Lima, 1908. 1 folheto broc. 24.5×17,5. 45 pags. Offerta.

Cautchouc (Au pays du) Le nord du Brésil, la région de l'Amazonie, du Pará et de Matto-Grosso, l'avenir du pays — l'alliance des peuples latins. Par Paul Théodore-Vibert. Paris, 1908. 1 folheto broc. 17,5×12. 18 pags. e retratos. Offerta.

Carlos I (El-Rei D.) Elogio funebre proferido no dia 1 de abril de 1908 na Matriz de S. Miguel, nas solemnes exequias mandadas celebrar pelo Senado de Villa-Franca do Campo pelo Padre Ernesto Ferreira. S. Miguel—Açores, 1908. 1 folheto broc. 15,5×10. 21 pags. Offerta do auctor.

Cartographie Portugaise (Les origines de la) et les cartes des Reinel par Jean Denucé. (Université de Gand.) Gand, 1908. 1 vol. broc. 24,5×17. VIII+136 pags. e mappas. Offerta do auctor.

Casa (A) dos fantasmas. Episodio do tempo dos francezes por Luiz Augusto Rebello da Silva. 2.ª edição. Volumes I, II. Lisboa, 1908. 2 vol. enc. 18×10,5. Comprado.

Cegueira (A) em Portugal. Memoria apresentada por F. Meyer-Waldeck (Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa.) Lisboa, 1908. 1 folheto broc. 25×16. 47 pags. Offerta.

Century (A) of fine cotton spining Mc. Connel & C.º Ltd. Aucoats: Manchester. 1790-1906. Manchester, 1906. 1 folheto enc., 28,5×22. 56 pags. e gravuras. Offerta do sr. Edgar Prestage.

Chile e Brazil. Sessão solemne do Instituto Historico e Geographico Brazileiro em homenagem á nação Chilena e consagrada á officialidade do couraçado Almirante Cochrane. Rio de Janeiro, 1889. 1 vol. broc. 24×16,5. 210 pags. Offerta da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.

Christovam Colombo e o descobrimento da America pelo conselheiro J. M. Po-

reira da Silva. (Conferencias publicas effectuadas na cidade do Rio de Janeiro). Rio de Janeiro, MDCCCXCII. 1 vol. broc. 24×16. XI+182 pags. Offerta da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.

Colombo. Poema por Manoel de Araujo Porto-Alegre. Rio de Janeiro, 1892. 1 vol. broc. 24×17,5. XX+733 pags. e um retrato. Offerta da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.

Colonisation (De la) chez les peuples modernes. Sixième édition complètement remaniée et considérablement augmentée. Paris, 1908. 2 grossos volumes 23×14. Comprado.

Commissão central de bibliographia brazileira. Anno I. Fasciculo I. Rio de Janeiro, 1895. 1 folheto broc. 22×15,5. 38 pags. Offerta da Bibliotheta Nacional do Rio de Janeiro.

Compte-rendu de la troisième session. Autun 1907. (Congrès Préhistorique de France). Paris, 1908. 1 vol. broc. 25×16,5. 1044 pags. e gravuras. Inscripção.

Conde (O) de Linhares, Dom Rodrigo Domingos Antonio de Sousa Coutinho. Pelo Marquez do Funchal. Lisboa, 1908. 1 vol. broc. 24×16. 386 pags. e um retrato. Offerta do auctor.

Conferencias (As) de Haya por João d'Oliveira. (Extracto da Revista de Engenheria Militar). Lisboa, 1908. 1 folheto broc. 24×16,5. 79 pags. Offerta do auctor.

Congrès Historique International de la Guerre de l'Independance et son époque (1087-1815). Primer Centenario de los Sitios de Zaragoza (1808-1809). Fiestas commemorativas. Zaragoza, 1908. 1 folheto broc. 14,5×10,5. Inscripção.

Congrès (IX) International de Géographie de Genève. 27 Juillet-6 Aoit 1908. Contributions de la Société de Géographie de Lisbonne. Lisboa, 1907. 14 folheto broc. 24×15,5. Inscripção.

Cultura e exploração dos montados. Guia util aos lavradores, negociantes de cortiça e creadores de gado suino por Joaquim Marques do Coitto. 3.ª edição. Evora. 1906. 1 folheto broc. 16,5×11. 84 pags. e indice. Offerta do auctor.

Cura da Tuberculose Humana (Uma resolução clinica do problema) Por Evaristo Cutileiro. Evora, 1908. 1 folheto broc. 21,5×16,5. 28 pags. Offerta.

Curva (La) Lemniscata y sus relaciones con la circunferencia y con la hipérbola equilátera por el académico numerario Dr. D. Santiago Mundi y Giró. Publicada en abril de 1908. (Memorias de la Real Academia de Ciencias y Artes de Barcelona. Tercera época. Volume VI. Numero 32). Barcelona, 1908. 1 folheto broc. 30×23. 12 pags. Offerta..

Defesa de João Franco. Duas epistolas de João Franco, dirigidas a um antigo condiscipulo e resposta d'este. Edição do auctor. 1907-1908. Lisboa, 1908. 1 folheto broc. 17,5×12,5. 24 pags. Offerta.

Deus (Por) e Santa Maria. Discurso pronunciado na egreja de Nossa Senhora dos Martyres de Lisboa em 13-V-908. Por Santos Lourenço. Lisboa, 1908. 1 folheto broc. 32,5×23. 24 pags. Offerta do auctor.

Discurso proferido pelo dr. João Augusto Martins no dia 25 de abril de 1908. (Monumento a Antonio Ennes em Lourenço Marques). Lourenço Marques, s/d. 2 folhas 37×25. Offerta.

Elementos de historia da arte. Volume III. Arte na renascença por J. Ribeiro Christino. (Bibliotheca de Instrucção Profissional). Lisboa, 1908. 1 vol. enc. 22,5×15,5. 146 pags. Indice, catologo e gravuras. Comprado.

Emmenta da casa da India por A. Braamcamp Freire (Sociedade de Geographia de Lisboa). Lisboa. 1907. 1 folheto broc 26×16,5. 72 pags.

Entre Mortos. Carta inedita de Mousinho de Albuquerque a Sua Alteza o Principe Real D. Luiz de Bragança. Lisboa, 1908. 1 folheto broc. 25,5×18. 14 pags. + 11 innumeradas contendo a reproducção photographica reduzida do autographo. Offerta.

Epigraphie (D') [Notes] et de papyrologie judiriques par E'douard Cuc. I, III. Extrait de la Nouvelle «Revue Historique de Droit français et étranger», Mai-Juin 1908. Paris, 1908. 1 folheto broc. 22,5×14. Offerta.

Eruption (The) of Peléç. A summary and discussion of the phenomena and their

sequels by Angelo Heilprin. Philadelphia, 1908. 1 vol enc 36×28. 72 pags. xliii illustrado com o retrato do auctor, uma gravura e indice. Offerta.

Estadistica sismológica de 1907, en Barcelona (Observatorio Fabra) Observaciones sismicas durante el año 1907 por académico D. José Comas Solá. Publicada em abril de 1908. (Memorias de la Real Academia de Ciencias y Artes de Barcelona. Tercera epoca. Volume vi. Numero 31). Barcelona, 1908. 1 folheto broc. 30×23. 16 pags. Offerta.

Estatistica do Commercio e Navegação. Anno de 1907 (Provincia de Moçambique. Circulo Aduaneiro da Africa Oriental.) Lourenço Marques, 1908. 1 vol. broc, 27×18,5. xcvii+359 pags. e mappas. Offerta.

Estatistica dos Rendimentos da Provincia de Moçambique. Annos de 1897-1898 a 1906-1907. (Repartição Superior de Fazenda). Lourenço Marques, 1908. 1 vol. broc. 24×31. 152 pags. graphicos e indice. Offerta.

Estatistica Geral dos Correios da Provincia de Cabo Verde. Anno civil de 1906-1907. (Secretaria Geral do Governo da Provincia de Cabo Verde). Lisboa, 1908. 2 folhetos broc. 29×20. Offerta.

Estatistica Geral dos Telegraphos da Provincia de Moçambique. Annos civis de 1904 a 1906. Lourenço Marques, 1908. 1 folheto broc. 27×17,5. 61 pags. Offerta.

Estatutos da Associação de Beneficiencia e Instrucção do Campo Grande. Lisboa, 1908. 1 folheto broc. 15,5×10,5. 12 pags. Offerta.

Estatutos da Liga Nacional de Instrucção, Approvados pelos socios fundadores. Lisboa, 1908. 1 folheto broc. 21,5×14,5. 12 pags. Offerta.

État (L') le droit objectif et la loi positive par Léon Duguit. Paris, 1901 1 vol. broc. 23×14,5. 623 pags. Comprado.

Expansão Economica Mundial (Segundo os Congressos de Mons e do Rio de Janeiro), por B. Itibiré da Cunha. Rio de Janeiro, 1907. 2 vol. enc. 24×16. Offerta do auctor.

Geografia de la República del Paraguay, por Hector F. Decoud. 5.ª édición. Leipzig, 1906. 1 vol. broc. 20×15. 127 pags. mappas e 50 gravuras. Offerta.

Geografia Universal segun el procedimiento ciclico, por Martin Restrepo Mejia. Bogota, 1908. 1 vol. enc. 17×12,5. vii+312 pags. Offerta.

Grammatica (Elementos de) e Diccionario da lingua dos Boróros-Coroados de Matto-Grosso, pela Missão Salesiana. Cuiabá, 1908. 1 folheto broc. 23,5×15. 65 pags. Offerta.

Guerra Peninsular (Centenario da). Contribuição da Camara Municipal de Aveiro para a sua historia. Notas e documentos, por Marques Gomes. Aveiro, 1908 1 folheto broc. 21×15. 38 pags. e gravuras. Offerta.

Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Nova serie. 2.ª classe. Sciencias moraes e politicas, e bellas lettras. Tomo xi. Parte i. Lisboa, mdccccvii. 1 vol. broc. 31×23. Offerta da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Historia Sagrada (Resumo da) em portuguez e em tétum para uso das creanças de Timor compilada pelo P.e Manuel F. Ferreira. Lisboa, 1908. 1 vol. broc. 21×14,5. 116 pags. e gravuras. Offerta do auctor.

Homenagem ao seu quinquagenario em 21 de oitubro de 1888. (Instituto Historico e Geographico Brasileiro fundado em 21 de oitubro de 1838. Supplemento ao tomo li da «Revista Trimensal»). Rio de Janeiro, 1888. 1 volume broc. 23,5×16,5. 343 pags., retratos, gravuras e mappas. Offerta da Bibliotheca Nacional no Rio de Janeiro.

Hygiène Coloniale par les docteurs Alliot, Clarac e outros. (xi du «Traité d'Hygiène» de Chantemesse et Mosny). Paris, 1907. 1 vol. enc. 24,5×16. 559 pags. e gravuras. Comprado.

Informe presentado á la corte suprema de justiça de la nación el 30 de mayo de 1908, por su presidente Dom Féliz Romero. Mexico, 1908. 1 folheto broc. 23×15,5 27 pags. Offerta.

Institution (L') Consulaire en Belgique depuis 1830. Par Jules Mees. Renaix, 1908. 1 folheto pags. 24,5×15. 79 pags. Offerta do auctor.

Java Oorlog (De) van 1825 30 doar E. S. de Klerck, Uitgegeven doar het bataviaasck genootschap van kunsten en wetenschappen met medenwerkin

van de nederlandsch indische regeering. Vijf de deel. Batavia, 1908. 1 vol. enc. 27×18,5. XI+758 pags. e 1 mappa. Offerta.

Joyeria (La) y la Orfebreria en España. Memoria leida por D. Antonio Garcia Llansó en el acto de su recepción y discurso de contestación por el académico numerario D. José Masriera y Manovens. Publicada em mayo de 1808. (Memorias de la Real Academia de Ciencias y Artes de Barcelona. Tercera época. Vol. VII. Núm. 1). Barcelona, 1908. 1 folheto broc. 30×22,5. 17 pags. Offerta.

Lequios (Les Iles). Formose et Riu. Kiu et Ophir, par J. Denucé. Bruxellas, 1907. 1 folheto broc. 22×15,5. 31 pags. Offerta.

Lista de antiguidades dos officiaes combatentes e não combatentes dos quadros do Ultramar e do exercito do reino em commissão militar no Ministerio da Marinha e Ultramar. Publicada por ordem do mesmo Ministerio referida a 31 de dezembro de 1907. Lisboa, 1908. 1 vol. broc. 25×16. 242 pags. Offerta.

Maryland Geological Survey Calvert County. Baltimore, 1907. 1 vol. enc. 26×18. 227 pags., e gravuras. Permuta.

Maryland Geological Survey St. Mary's County. Baltimore, 1907. 1 vol. enc. 26×18. 209 pags., e gravuras Permuta.

Material Agricola, por Henrique Fraucem da Silveira. (Bibliotheca de Instrucção Profissional). Lisboa, 1908. 1 vol· enc. 22,5×15,5. 182 pags. e gravuras. Comprado.

Memoria que al ciudadano presidente de la republica, general Ramon Caceres, presenta el ciudadano ministro de relaciones esteriores Licenciado Emiliano Teja. Santo Domingo, 1908. 1 vol. broc. 30,5×23. Offerta do sr. F. Arturi Rodriguez.

Méthodes Américaines d'Éducation générale et technique par Omer Buyse. Paris, 1908. 1 vol. broc. 25×16,5. 744 pags. e gravuras. Comprado.

Minerial resources of the United States. Calendar Year 1906. (Departement of the Interior United States Geological Survey). Washington, 1907. 1 vol. enc. 23×15. 1.307 pags. Permuta.

Misure magnetiche nei dintorni di Torino. Componente orizzontale. Memoria del Dr. D. Boddaert. (Reale Accademia Delle Scienze di Torino. Anno 1907-1908). Torino, 1908. 1 folheto broc. 31,5×23 e um mappa· Offerta do Osservatorio di Mangalieri.

Mitteilungen des seminars für orientalische sprachen an der Königlichen Friedrich. Wilhelms. Universitat zu Berlim. Por Dr. Eduard Sachau. Jahrgang X. Berlin, 1907 3 vol. broc. 25×17. Permuta.

Monnaies du moyen-âge et monnaies de la période 1550-1649. N.º 2 592 du catalogue. En vente aux prix marqués chez J. Schulman. (N.º LI Septembre 1908). Amsterdam, 1908. 1 folheto broc. 22×15. 97 pags. e gravuras. Offerta.

Nodoa de Sangue, por José Joaquim Fragoso, 1 de fevereiro de 1908. Nova-Goa, 1908. 1 folheto broc. 19,5×12. 26 pags. Offerta do auctor.

Nota de precios de los articulos de mayor consumo en el trimestre de octubre a diciembe de 1907. (Secretaria de Fomento, Colonizacion e Industria). Mexico, 1908. 1 folheto broc. 22,5×16. 65 pags. Offerta.

Nota sobre conducción de aguas termales por el académico numerario Exemo é Ill.mo Sr. D. Silvino Thós y Codina. Publicada en abril de 1908. (Memorias de la Real Academia de Ciencias y Artes de Barcelona. Tercera época. Vol. VI. Núm. 30). Barcelona, 1908. 1 folheto broc. 30×23. 7 pags. e gravuras. Offerta.

Notes on the osteology of the thalattosaurian genus nectosaurus by John C. Merriam. (Bulletin of the Department of Geology). Berkeley, 1908 1 folheto broc. 27×18. Offerta.

Noticia ácêrca de algunas experiencias con placas autocromas lumière, por el académico Dr. D. Eduardo Alcobé y Arenas. Publicada em marzo de 1908. (Memorias de la Real Academia de Ciencias y Artes de Barcelona. Tercera época. Vol. VI. Num. 28). Barcelona, 1908. 1 folheto broc. 30,5×23,5. 11 pags. Offerta.

Obrigatoriedade (A) do Registo Civil. Por Fernão Botto Machado. Lisboa, 1908. 1 folheto broc. 21,5×15. 82 pags. Offerta.

Organisation (L') Judiciaire dans les Colonies Portugaises par A. de Almada Negreiros (Rapport extrait du «Compte-rendu de la Session de l'Institut Colonial», tenue à Paris en Juin 1908). Bruxelles, 1908. 1 folheto broc. 22,5×14,5. 31 pag. Offerta do autor.

Paso de mercurio delante del sol. Observaciones de Marte oposicion de 1907. Sobre la probable existencia de un anillo alrededor de Jupiter por el académico D. José Comas Sola. Publicada en marzo de 1908. (Memorias de la Real Academia de Ciencias y Artes de Barcelona. Tercera época. Volume VI. Número 27.) Barcelona, 1908. 1 folheto broc. 30,5×25. 14 pags. e gravuras. Offerta.

Pereira d'Andrade (Dr. Philotheio). Apontamentos bio-bibliographicos, obras biographicas, revistas, diarios e periodicos nacionaes e estrangeiros. Publicados pelo jornal «A Luz» de Bombaim. Edição melhorada e accrescentada com novos documentos. Anno XII. Numeros 567 a 571. Bastora, 1907. 1 folheto broc. 23×15. 16 pags Offerta

Pesca (A) e a Piscicultura em Portugal. Discurso proferido na Camara dos Senhores Deputados na sessão de 8 de junho de 1908 pelo sr. Conde de Azevedo. Lisboa, 1908. 1 folheto broc. 23×14,5. 20 pags Offerta do auctor.

Preliminary descriptions of four new races of gigantic land tortoises from the Galapagos Islands. By John Van Denburgh. Expedition of the California Academy of Sciences 1905-1906. Volume I. San Francisco, 1907. 1 folheto broc. 25,5×18. 6 pgs. Offerta.

Principes d'Economie Politique. Par Gustav Schmoller. Deuxième partie. Tome IV, Tome V. Traduit de l'Allemaad par Léon Polack. Paris, 1907-1908. 2 vol. broc. 23×14. Comprado.

Problema (O) do Cancro (Etiologia e tratamento) Por José d'Oliveira Lima. Porto, 1907. 1 vol. broc. 23×16. XI-467 pags. e gravuras. Offerta do auctor.

Production (La), le travail et le problème social dans tous les pays au début du XXme siècle par Léon Poinsard. Paris, 1907. 2 vol. broc. 25+19. Comprado

Programma para a Commemoração da Guerra Peninsular e respectivo relatorio elaborados pela commissão nomeada por portaria de 2 de maio de 1908. Lisboa, 1908. 1 folheto broc. 28×18. 15 pags. Offerta.

Programme officiel du premier Congrès International du Froid. Tenu à Paris du 5 au 10 octobre 1908 à la Sorbonne. Paris, 1908. 1 folheto broc. 24×17.5. 68 pags., gravuras e mappas. Inscripção.

Propaganda cooperativa. I Conferencia publica realisada em 9 de novembro de 1905 sobre e cooperativismo e a lavoura. II. Artigos publicados no «Jornal do Commercio» sobre a instituição dos syndicatos agricolas. Por Carvalho Borges Junior. Rio de Janeiro, 1908. 1 folheto broc. 25×17. 63 pags. Offerta do auctor.

Protococcacées et desmidiées d'eau douce, recoltées à Java et décrites par Ch. Bernard (Département de l'agriculture aux Indes Néerlandaises.) Batavia, 1898. 1 vol. broc. 26×18. 230 pags. e XVI planches. Offerta.

Prova monetaria de real de cobre de D. Filippe III. Por Manuel Joaquim de Campos (Rassegna numismatica. Anno V. Orbetello, Luglio, 1906. Numero 4). Offerta do auctor.

Quaternary myriopods and insects of California. By Fordyce Grinnell, Jr. (Bulletin of the Department of Geology). Berkeley, 1908. 1 folheto broc. 27×18. Offerta.

Rapport sur les Moluques. Reconnaissances géologiques dans la partie orientale de l'Archipel des Indes Orientales Néerlandaises par R. D. M. Verbeek. Batavia, 1908. 1 vol enc. 25×17.5. XLV844 pags. Offerta.

Rapports. Communications. Voeux. (Actes de l'Institut Colonial de Bordeaux. Congrès Colonial de Bordeaux 4-8 Aout 1907. Bordeaux, 1908. 1 vol. broc. 25×16.5. 741 pags. Inscripção.

Reflexiones acerca de la evolucion de las especies animales. Memoria de ingreso del académico Dr. D. Jésus Goizueta y Diaz y algunas reflexiones sobre la evolución regresiva que se opera en España en contestación á la misma por el académico numerario Dr. D. Agustin Murua y Valerdi. Pu-

blicada en marzo de 1908. (Memorias de la Real Academia de Ciencias y Artes de Barcelona. Volume VI. Número 29). Barcelona, 1908. 1 folheto broc. 30,5×23. 33 pags. Offerta

Règlement et programme général. (Neuvième Congrès International de Géographie. Genève, 27 Juillet 6 Aout 1908.) Genève, 1908. 1 folheto broc. 20,5×13,5. 56 pags. Inscripção.

Religião (A) da Morte, por Fernão Botto Machado. Artigo reproduzido do diario «A Republica» e offerecido ao Gremio Excursionisia do Monte. Para a sua propaganda livre-pensadora. Lisboa, 1908. 1 folheto broc. 21×14. 10 pags. Offerta.

Reorganisação administrativa da praganã de Nagar Avely. Approvada por portarias provinciaes N.os 226, 227, 228 e 229 de 22 de Junho de 1908. Nova Goa, 1908. 1 folheto broc. 26,5×15. 82 pags. Offerta.

Report of the general manager of railways for the year ended 31st december 1907. (Central South African Railways). Pretoria, 1908. 1 vol. brochado 33×21. x+157 pags., graph. e gravuras. Offerta.

Report of the library syndicate for the year ending december 31, 1907. (From the University reporter, 1907-1908). [Cambridge University Library]. Cambridge, 1908. 1 folheto broc. 28×22. 24 pags. Offerta.

Report (Twenty-seventh annual). Cincinnaty Museum Association. s/l. MCMVII. 1 folheto broc. 24,5×16,5. 75 pags. Offerta.

Reports on the geodetic Survey on the Transvaal and Orange River Colony, executed by Colonel Sir W. G. Morris, and of its connection, by Captain H. W. Gordon, R. E., with the Geodetic Survey of Southern Rhodesia, with a preface aud introduction by sir David Gill. (Vol. v). London, 1908. 1 vol. broc. 33,5×21. 563+xxxvii pags., gravuras e mappas. Offerta.

Representação dirigida á Camara dos Dign.os Pares do Reino pela Commissão delegada dos industriaes e negociantes de marcenaria e estofador. Lisboa, 1908. 1 folheto broc. 20,5×14. 8 pags. Offerta.

Roumanie (La) 1866-1906. (Ministère de l'Agriculture, de l'Industrie, du Commerce et des Domaines). Bucarest, 1907. 1 vol. broc. 24,5×16,5. VIII+494 pags., gravuras e mappa. Offerta.

Russia (A) por dentro. Esboço analitico da civilisação moscovita por Ladislau Batalha com prologo por Consiglieri Pedroso. Lisboa, 1905. 1 vol. broc. 20×13. XIII+456 pags. Offerta do auctor.

Russian (The) Expansion towards Asia and the artic in the middle ages (to 1.500) by C. Raymond Beazley. Reprinted from the American Historical Review. Vol. XIII. N.° 4, July, 1908. 1 folheto broc. 26,5×18. Offerta.

Salvação (A) de Portugal, segundo um estrangeiro amigo. Aos portuguezes esclarecidos, que desejam a prosperidade do seu paiz. Lisboa, 1908. 1 folheto broc. 23×15,5. 18 pags. Offerta.

Saude Publica, por Emilio Ribas, 1907. S. Paulo, 1908. 1 folheto broc. 23×16. 46 pags., e mappas geographicos Offerta.

Science des finances (Principes de), par F. S. Nitté. Traduction française de J. Chamard. Paris, 1904. 1 vol. broc. 22,5×14. xxx+749 pags. Comprado.

Services (Les) géologiques du Portugal de 1857 á 1899, par Joaquim Filippe Nery Delgado. (Extrait des Communicações da Direcção dos Serviços Geologicos. Tom. IV. Fasc. I.) Lisbonne, 1900. 1 folheto broc. 25×16. XLVIII pags. Offerta.

Sessão solemne do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. Celebrada a 12 de outubro de 1892 em commemoração do 4.° Centenario do descobrimento da America e homenagem á memoria de Christovão Colombo. Rio de Janeiro, 1892. 1 vol. broc 22×14,5. 157 pags. e um retrato. Offerta da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro,

Sources (Les) inédites de l'histoire du Maroc par le comte Henry de Castries. Paris, 1905-1907. 3 vol. broc. 28×19. Comprado.

Statistiques de la Navigation dans les Colonies Françaises pendant l'année 1906 Publiées sous l'administration de M. Milliès-Lacroix. Melun, 1908 1 vol. broc. 24×15,5. 508 pags. Offerta do Ministère des Colonies.

Statistiques du Commerce des Colonies Françaises pour l'année 1906. Publiées sous l'administration de Mr. Milliés-Lacroix. Tome 1er Statistiques géné-

rales. Colonies d'Afrique. Tome II. Colonies d'Asie, d'Amérique et d'Oc
nie. Melun, 1909 2 vol. broc. 24×15,5. Permuta.

Systéme silurique du Portugal, Étude de stratigraphie paléontologique par J
Nery Delgado. (Commission du Service Géologique du Portugal). Lisbo
1908. 1 vol. broc. 32.5×25. 245 pags. e mappas. Offerta.

Tennyson an inaugural lecture given in the arts theatre of University Coll
Liverpool, november 1, 901. By Oliver Elson, Liverpool, 1901. 1 foll
broc. 24×18,5. 26 pags. Offerta do sr. Edgar Prestage.

Tracteur (Project de) Auto-Polaire présenté par M. M. William Cruyt et
liam Van Brabant. Bruxelles, 1908. 1 folheto broc. 24×16. 14 pags. e
vuras. Offerta.

Tratado didáctico de las geometrias no-euclideas por J. M. Bartrina y Ca
Publicada em Junio de 1908 (Memorias de la Real Academia de Cie
y Artes de Barcelona. Tercera época. Volume VII. Número 2. Barce
1908. 1 vol. broc. 30×23. 274 pags. e gravuras. Offerta.

Tuberculosis (The Fight Against) in Portugal by Dom Antonio Maria de
castre. Lisbon, s/l. 1 folheto broc. 24×15,5. 44 pags. e gravuras. Offe

Verhandlungen der österreichischen. Kommission für die internationale Er
sung. Protokolle uber die am 29. Dezember 1906 und am 26. März
abgehaltenen sitzungen. Wien, 1907. 1 folhelo broc. 23×15,5. 22
Offerta.

Viagens pelo interior de Minas Geraes e Goyaz pelo dr. Virgilio M. de
Franco. Rio de Janeiro, 1888. 1 vol. broc. 22×16. 180 pags. Offe
Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.

Vida (A), a morte apparente e a morte real, por Miguel de Leonissa. S.
1908. 1 vol. broc. 23×15,5. 92 pags. e o retrato de D. Carlos I. Offe
auctor.

Vimaranis monumenta historica a saecvlo nono post Christvm vsqve ad
mvm ivssv Vimaranensis Senatvs Edita pars I. Municipalidade de G
rães, Vimarane, MDCCCCVIII. 1 vol. broc. 34×23,5. XIV+76 pags. Offe
Sociedade Martins Sarmento.

Voyage de François Pyrard de Laual. Contenant sa navigation aux Indes
tales, Maldiues, Moluques, Bresil : les divers accidens, adueutures &
gers qui luy sont arriuez en ce voyage, tant en allant & retournan
pendant son sejour de dix ans en ce pais lá. Troisièsme et dernière é
reveue. Paris, MDCXIX. 2 vol. enc. 17,5×10,5. Offerta do Ex.mo Minis
Hollanda em Lisboa.

Catalogos

Catalogo official da secção portugueza. Organisado e elaborado por B. C
-inato da Costa (Exposição Nacional no Rio de Janeiro em 1908.) L
1908. 1 vol. broc. 22×14,5. IX+630 pags. e gravuras. Offerta.

Catalogue (A) of oriental history languages & litterature, including
on oriental art and natural history. London, 1908. 1 vol. broc. 24×
pags. Offerta.

Catalogue (An Illustrated) of books printed during the Fifteenth and Six
Centuries. Part I. Xylography typography N.º 265. London, 1908.
broc. 24,5×18,5. 111 pags. e gravuras. Offerta.

Catalogue 1680 stars for the equinox 1900. From observations made
Royal Observatory, Cape of Good Hope, during the years 1905-1906.
burgh, 1907. 1 folheto enc. 32×25. 44 pags. Offerta.

Relatorios

Caixa de Soccorros a Estudantes Pobres. Gerencia no biennio de 1906-
Real Centro da Colonia Portugueza. Anno correspondente ao de 1907.
Sociedade Protectora das Cozinhas Economicas de Lisboa. Gerencia de

Série — 1908 N.º 11 — Novembro

BOLETIM

DA

ociedade de Geographia de Lisboa

—◆—

FUNDADA EM 1875

SUMMARIO

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
Rua do Diario de Noticias, 110
—
1908

;érie — 1908 · N.º 11 — Novembro

BOLETIM

DA

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

roprietario e editor—*Sociedade de Geographia de Lisboa*—Rua de Santo Antão—Lisboa
Composição e impressão na Typographia Universal
:ente a Coelho da Cunha, Brito & C.ª — rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

O GENERAL JOAQUIM FILIPPE NERY DELGADO

Noticia necrologica lida na sessão
›ociedade de Geographia em 9 de novembro de 1908

---

uelle verdadeiro homem de sciencia resta-nos a sua grande uma grande saudade.

ıdo são tantos os amargos trances por que passa a vida da da patria, a perda de um varão prestante, que na sua da não teve outro fito senão o de ser util á terra que tanto cuja constituição e estructura com tanto amor e proveito ıra, tal perda torna-se ainda mais pungente e afflictiva.

breves palavras consagradas á sua memoria querida, tenho mente em mira chamar a attenção dos nossos consocios para raços mais salientes de tão egregia individualidade; outros ıtorisados acceitarão pressurosos o encargo de delinear a sua ia.

collaboração com Carlos Ribeiro, venerando fundador da em Portugal, lançou Nery Delgado as primeiras bases da ›logica do solo patrio, que viu a luz de publicidade em 1876, llaboração com o nosso eminente consocio Paulo Choffat deu ›a em 1899 uma nova carta, em que se resumiam todos os ıentos adquiridos sobre a contituição geologica de Portugal data.

o em virtude do enorme encargo, que acceitára com Carlos de estudar e classificar todos os grandes agrupamentos de quer sedimentares quer plutonicos ou vulcanicos, dedicou-se o das rochas e das faunas Paleozoicas, Mesozoicas e Caino-presentadas no país, para o que muito lhe aproveitaram as

luzes e conselhos do seu antigo mestre Pereira da Costa, tambem director e fundador da primeira Commissão geologica.

Só quem conhece a exiguidade de recursos com que aquelles benemeritos e ousados precursores contavam no meio scientifico do paiz ha 50 annos, para emprehenderem tão improba tarefa, é que pode apreciar o seu alcance e extraordinaria valia.

Consagrou-se depois o nosso geologo mais especial e minuciosamente ao estudo dos terrenos paleozoicos. As suas investigações, a que sempre presidiu um extremado respeito pela verdade scientifica, são de capital importancia para a sciencia, e o material de estudo colligido de modo cauteloso e presistente, e ordenado com inexcedivel rigor, é de um valor inapreciavel.

Grandes memorias e outros escriptos de menor tomo foram o fructo do seu indefesso trabalho. Do ultimo, *Système silurique du Portugal*, terminára elle a revisão typographica semanas antes de fallecer. Representa esta memoria o complemento das suas perseverantes lucubrações. Ahi fica para attestar ao mundo dos especialistas e dos estudiosos qual era o alcance da sua obra scientifica, pelo que toca á era primaria ou paleozoica.

Já proximo da sua hora derradeira, ancioso inqueria do dedicado geognosta, que sempre nas excursões o acompanhava, se tinha verificado a existencia de certos factos essenciaes para refirmarem as suas conclusões, e cuja existencia na Serra do Bussaco a molestia que o prostrara lhe não permittira constatar pessoalmente, como fôra seu proposito.

Extremoso pela familia, querendo á vida como todos que por muito a conheceram, não puderam, nem os intimos affectos, nem os rebates implacaveis da morte que se avisinhava, prevalecer sobre as suas preoccupações de homem de sciencia! Raro exemplo de dedicação pela obra a que consagrára o melhor da sua preclara existencia.

Mas não era só n'esse ramo predilecto dos seus estudos, e que mais dedicadamente se votára, que o General Delgado dera provas de eximio trabalhador.

Conjunctamente com os estudos geologicos e paleontologicos, mostrára elle decidida tendencia para as investigações anthropologicas e de archeologia prehistorica, que tantos elementos subministraram já para a solução de importantes problemas da biologia e da existencia primitiva da humanidade. São tambem de alta valia os trabalhos do nosso chorado consocio n'estes ramos do saber, avultando entre elles a sua *Noticia ácerca das grutas da Cesareda*, dada á estampa em 1876. D'esse trabalho disse um abalisado archeologo

inglez, que deveria considerar-se como classico, tal fôra o rigor, o methodo e o criterio scientifico com que os factos se achavam ahi expostos e estudados.

A proposito do seu trabalho *La grotte de Furninha à Peniche*, publicado no *Compte-rendu* da 9.ª sessão do Congresso internacional de Anthropologia e de Archeologia prehistoricas, realisado em Lisboa em 1880, teve o sabio Virchow occasião, quando examinava no Museu da Commissão Geologica o expolio recolhido n'essas cavernas, de manifestar de viva voz quanto o impressionava a exactidão, o methodo e os conhecimentos profundos de osteologia que o explorador revelava na sua ordenação e classificação. O General Delgado com justo desvanecimento referia aos seus intimos este facto, que elle tinha na conta de um dos seus mais lusidos galardões.

A sua actividade operosa e a versatilidade das suas aptidões não se manifestavam sómente n'estes campos scientificos que deixamos mencionados.

Na exploração technica e condições de abastecimento de aguas potaveis para as povoações, e seu melhor aproveitamento; nos seus trabalhos de fiscalisação official das mesmas explorações; na direcção das obras para o aproveitamento das nascentes de Bellas e do Sabugo; na execução de trabalhos preparatorios das exposições internacionaes; na representação official do Governo em varios congressos e viagens scientificas, de que existem numerosos relatorios elaborados com a maxima consciencia e erudição; nos diversos trabalhos de geologia applicada para que fôra chamado a dar o seu parecer; no *Relatorio ácerca da arborisação geral do País*, em collaboração com Carlos Ribeiro, publicado em 1868; em varios trabalhos biographicos sobre José Victorino Damasio, Carlos Ribeiro, Lapparent; em summa, em todas as manifestações do saber e da experiencia em que a sua auctoridade era invocada, ou reclamada officialmente, o General Delgado poz sempre o cunho da sua lucida intelligencia, da sua probidade e do seu amor ao trabalho, jámais se esquivando sob pretexto algum ao cumprimento do dever.

Não cabe nos limites acanhados d'esta brevissima noticia a enumeração de todos os seus copiosos escriptos, quer publicados, quer inéditos. O General Nery Delgado em todos revelava, a par do seu elevado saber, um culto escrupulosissimo pela vernaculidade.

A sua carreira como alumno foi uma série de bons exitos, obtendo bastantes premios pecuniarios e elevadas distincções nas escolas superiores que cursou.

Finalmente, como chefe, como camarada ou como amigo, quem

poderá olvidar a sua desaffectada urbanidade, a velha cortezia de outros tempos, cheia de benevolencia, de amenidade e de respeitos, reflexo da sua alma affectuosa e bôa.

Nas suas relações officiaes manteve sempre os foros de funccionario prestadio e de inconcussa integridade.

De genio em extremo retrahido, evitava e até obstinadamente se negava a exhibições que, sob o seu ponto de vista, reputasse como de alardo ou ostentação. Sendo general de divisão e tendo acceitado algumas veneras nacionaes e estrangeiras, nenhuma das quaes solicitára, raros serão aquelles que se lembrem de o terem visto com o uniforme.

Agraciado com a carta do conselho em 1893, immediatamente requereu a renuncia de tal graça.

Nunca procurou envolver-se na politica de partidos. As suas convicções eram extremamente liberaes e inspiradas no mais acendrado patriotismo, eram o reflexo das que professavam Victorino Damasio, Gilberto Rolla, Oliveira Marreca, Henrique Nogueira e Elias Garcia, vultos venerandos das nossas velhas pugnas civis e precursores da democracia moderna.

Uns foram seus educadores, outros venerados amigos, a cuja memoria ainda hoje prestava piedoso culto.

Por alguns dos mestres mais queridos da sua juventude no Collegio Militar e na Escola Polytechnica ainda agora se mostrava saudoso, recordando os honrados preceitos que elles lhe haviam incutido com o ensino; um d'elles, Joaquim da Costa Cascaes, auctor do *Alcaide de Faro* e portuguez de lei, outro, o grande zoologo José Vicente Barbosa du Bocage.

Pondo aqui remate a este breve e desataviado tributo de homenagem ao meu antigo chefe e companheiro de trabalho de tantos e tantos annos, é com intimo sentimento de tristeza que relembro, que nem sequer na sua hora extrema me foi dado apertar-lhe a mão leal e amiga.

J. C. Berkeley Cotter.

TOPONYMIA DO PAIZ DOS BENADIRES

Communicação ao Congresso Geographico Italiano em 29 de maio de 1907

INTRODUCÇÃO

Não é esta a primeira vez que o *Boletim* da nossa Sociedade se honra, publicando trabalhos do sr. Joseph Joûbert. Não carece, pois, o distincto publicista francez que seja feita a sua apresentação como dedicado amigo de Portugal. Essa amizade pelo nosso paiz, mostra-a o sr. Joûbert em varios escritos seus onde a Portugal se faz justiça, ás glorias portuguezas se presta homenagem, e onde o nosso viver social, politico e economico é estudado com interesse e sympathia. E ainda quando o sr. Joûbert não se occupa directamente de Portugal nos seus escritos, quando as suas homenagens são dirigidas aos fastos gloriosos de outras nacionalidades, mesmo ainda a paizes de maior cotação ao presente no movimento mundial, o dedicado amigo de Portugal não se esquece, sempre que a occasião se lhe offereça, de ir apontando as balizas com que os portuguezes assignalaram o sulco luminoso, que no encalço d'elles as outras nacionalidades europeas percorreram e alargaram até chegarem aonde hoje estão.

Porque quem deu a primeira pedra para os alicerces d'esses magestosos monumentos que são o orgulho das nações europeas, os seus imperios coloniaes, quer estejam ainda ligados ás metropoles, quer, attingida a maioridade social, se tenham desligado d'ellas, fomos nós os portuguezes, foi a pleiade gloriosa dos nossos navegadores.

Mas a essas nações peza-lhes reconhecer que a sua riqueza foi adquirida com os despojos do nosso immenso patrimonio — tão grande, que o não podiam administrar, tão grande, que deu para repartir por todas as que vieram no nosso encalço, e ainda nos ficou uma parte bem cubiçada. A justiça dos homens é sempre assim: só cala as disputas e exalça os meritos, só não se ensombra, só faz justiça, quando uma sepultura se abre para receber um organismo que entrou em decomposição.

Quando a Grecia foi reduzida a provincia romana, os patricios da Roma dominadora espoliavam-na para com os despojos preciosos ornamentarem as suas villas deslumbrantes; mas, reconhecendo a superioridade da cultura grega, embora decadente, era a ella que iam buscar os modelos para a sua formação intellectual e artistica.

A antiga Hellade soffre o ferreo jugo do poder material de Roma, mas impõe-lhe as leis do espirito; a clientela dos seus philosophos, dos seus rhetoricos, accrescenta-se mais e mais com os discipulos que lhe vem da orgulhosa Roma; os seus homens de Estado, os seus escritores, os seus artistas, que lhe deram nome immorredouro no passado, são estudados e imitados pelos orgulhosos conquistadores. E o

espirito latino, robusto mas pesado, modifica-se, apura-se em contacto com a acuidade, a clareza do espirito grego.

Materialmente, quem venceu foram as armas romanas; moralmente, foi a Hellade subtil. Quem domina pela força, o romano poderoso, curva-se voluntariamente á servidão espiritual que lhe é imposta pelo helleno vencido.

E a Roma dominadora, o imperio avassalador, ruiu tambem um dia ao embate das ondas dos barbaros. Mas os materiaes do vasto edificio eram tão sólidos, tão bem apparelhados, que todos os organismos politicos de então para cá, formados n'esta parte do mundo que esteve encorporada no imperio, quando, por sua vez, quizeram edificar as proprias construcções sociaes, foi lá, nos escombros do magestoso edificio derrocado, que procuraram o material necessario. E d'essa proveniencia de muitas das suas instituições, dos seus codigos, das suas leis, dos seus usos, se orgulham as nacionalidades que pela raça, pela estructura intellectual, mais directamente descendem da Roma antiga, e ainda as outras, as formadas por esses barbaros que abateram o grande imperio, mas que se sentiam deslumbrados e dominados pela sua magestade imponente.

Dos proprios Arabes — os inimigos mais implacavelmente combatidos, porque além da opposição de raça, havia a opposição de fé, ou antes de fanatismo contra fanatismo — do seu dominio, da sua civilisação se buscam carinhosamente os vestigios. A arcaria rendilhada, o derruido lanço de muralha, o esguio minarete, o canal de irrigação fertilisando terras aridas, o vocabulo harmonioso, a lenda poetica que embala a imaginação, são joias de inestimavel valor, que todos prezam e admiram, e quem as tem mostra-as envaidecido.

Mas succede assim com o que deixou de existir, com o que já não faz sombra a ninguem. É mais difficil alcançar justiça para os rivaes, para os que teem ainda vida propria e independente, para os que teem logar cubiçado por insaciaveis ambições. Esses são olhados de má sombra; move-se-lhes guerra por todos os meios; contra elles vae-se sem escrupulo até á calumnia, e emprega-se sobretudo este meio: o esquecimento voluntario, calculado, da má fé, dos seus meritos, dos seus serviços, dos seus pergaminhos de nobreza, de todos os titulos gloriosos que lhes dão jus ao reconhecimento e ao respeito de alheios.

Como nós portuguezes nos podemos queixar d'isso! Ha factos bem recentes — e bem mesquinhos.

Mas ha outros mais serios e mais antigos; são erros graves, injustiças flagrantes; algumas, por de ha muito estarem acceitas e inscritas nas paginas da Historia, talvez nunca mais de lá saiam.

O Cabo da Boa Esperança e o Estreito de Magalhães são *padrões* postos pelos portuguezes, marcando os extremos das vastidões oceanicas que elles primeiro que ninguem percorreram — e são *padrões* gloriosos da Humanidade, assignalando a passagem d'ella, o caminhar do progresso, o ponto de ligação de uma epoca para outra na Historia Universal. Mas primeiro que tudo são *padrões* gloriosissimos dos portuguezes; e como *padrões* d'esses não se destroem a tiros de peça,

como os nomes que elles recordam, não se podem apagar a cinzel de canteiro, os que não gostam de os ouvir, seguem outro processo: abastardam-nos, dão-lhes naturalisações estranhas, e com o tempo, não se desanimando, o resultado é seguro: a passagem descoberta por Magalhães no extremo do continente americano, a ligar o Atlantico ao Pacifico, é hoje o Estreito de *Magellan;* a ponta que separa o Atlantico do Indico, o Cabo das Tormentas para Bartholomeu Dias, o Cabo da Boa Esperança para Vasco da Gama, cada um o denomina hoje conforme lhe apraz.

Estes são os dois exemplos que mais avultam. Mas ha-os numerosos. Não teem passado sem protesto de nacionaes, e, para nosso consolo, de estrangeiros tambem. Entre os primeiros, não deve esquecer-se Luciano Cordeiro, o mallogrado secretario perpetuo d'esta nossa Sociedade, cuja acção reivindicadora tem sido continuada pelo seu successor e continuador. Entre os ultimos, tem logar primacial o sr. Joseph Joûbert, pelo calor e sympathia que põe em nos fazer justiça. Aquelles *erros* que nos espoliam de direitos bem adquiridos, foram apontados pelo sr. Joûbert na sua publicação intitulada *Nomenclatura geographica das costas d'Africa*, onde o dedicado amigo de Portugal lavra o seu protesto contra a injustiça historica havida para com os gloriosos descobridores d'aquellas paragens, mostra tambem a inconveniencia de para alguns pontos haver mais de uma denominação, mas não as primitivas, as dadas pelos descobridores d'esses logares, ou então muito alteradas, demonstra as vantagens de todo o genero que haveria em se assentar n'uma denominação e advoga a justiça que se nos deve, de que essa denominação ficasse sendo a que lhes foi dada pelos que primeiro chegaram a esses logares.

N'este seu novo trabalho, *Toponymia do paiz dos Benadires*, volta o sr. Joûbert a referir-se a esse assumpto da alteração dos primeiros nomes de varias partes das costas africanas, e da sua variabilidade, e embora d'esta vez pareça inclinar-se a acceitar as alterações, já como que consagradas pelo uso, não deixa comtudo de fazer justiça a Portugal, e de lamentar que outros lh'a não tenham feito.

Bastaria a feição e o interesse d'este trabalho do sr Joûbert, para marcar logar no nosso *Boletim;* mas ha ainda outra razão a indicar-lhe esse logar: a gratidão d'esta Sociedade, que tanto timbra no amor da Patria, a um devotado amigo de Portugal.

Maria Therkza Almeida d'Eça.

TOPONYMIA DO PAIZ DOS BENADIRES

Quem quer que se occupe, por pouco que seja, das curiosas questões de Toponymia, ou de nomenclatura geographica, não póde deixar de se sentir impressionado pela lastimavel diversidade de nomes, muita vez *extravagantes*, dados a um mesmo logar, a uma mesma localidade, a um mesmo ponto, sobretudo nas costas occidentaes e orientaes d'Africa. Parece que n'este caso o litoral do Continente Ne-

gro tenha primazia. Pode-se dizer, sem exagero, que n'esta ordem d'ideias abundam os exemplos. Eis aqui alguns tirados quasi ao acaso e bem carateristicos.

Na costa da Senegambia ou antes das *Rivières du Sud*, em frente do porto francez de Konakry, destinado a um tão bello futuro, estende-se o gruposinho das ilhas chamadas de Los ou Loos, que a Inglaterra cedeu á França em virtude do tratado de 8 d'Abril de 1904. Os navegadores portuguezes que descobriram este minusculo archipelago em 1446, deram-lhe o nome de *Ilhas dos Idolos* por causa das praticas idolatras dos insulares. Por uma extravagancia os *Idolos* transformaram-se em Los, ou porque os navegantes achassem esta abreviação mais commoda, ou porque os cartographos tenham por engano abreviado o nome, escrevendo apenas a ultima syllaba d'elle.

Ha um outro exemplo muito original; o de *Sierra Leone*, colonia ingleza situada entre as possessões francezas das *Rivières du Sud* e a Republica da Liberia. O primitivo nome portuguez era *Serra Leôa*, que se transformou em *Sierra-Leone*, palavra hybrida, hespanhola na primeira metade, italiana na segunda. Mas d'onde vem a extranha palavra? Uns supposeram que se devia attribuir a arrogante denominação, recordando o «rei dos animaes», á pretensa semelhança (bem vaga) com um leão repousando, que mostraria um grupo de montanhas que domina Freetown, a capital da colonia. Outros suporiam que a apparição d'um leão tivesse espantado Pedro de Cintra, quando o marinheiro portuguez desembarcou n'aquella costa em 1467. Cadamosto, o illustre navegador veneziano (cuja gloriosa memoria eu me sinto feliz em saudar de passagem), que entrando ao serviço de D. Henrique de Portugal, collaborou nos descobrimentos, no meado do seculo XV, das ilhas de Cabo Verde e da costa d'Africa até ás embocaduras do Rio Grande, Alvise de Cadamosto suppunha que aquella denominação devia ser attribuida aos ribombos do trovão que se ouvem por cima das montanhas que cercam a costa, quando sopram ventos tempestuosos. «O ribombo do trovão», escreve aquelle intrepido filho, de quem Veneza se orgulha justamente, «ouve-se até 700 milhas pelo mar ao largo de *Serra Lyonne!*»

No extremo da Africa austral, a cidade da qual um ousado agente hollandez da «Companhia das Indias Neerlandezas», Johan von Rilbieck, lançou os fundamentos pelos meados do seculo XVII, situada perto do Cabo das Tormentas que recebeu do rei de Portugal o nome de *Cabo da Boa Esperança*, tem, conforme as nacionalidades diversas e as geographias dos differentes paizes, os nomes de *Cap* ou *Capo di Buona Speranza*, *Cap de Bonne Espérance*, *Cape of Good Hope*, *Cap der Guten Hoffnung*, etc.

Inutil é insistir sobre os inconvenientes que resultam para as relações postaes, commerciaes, maritimas, diplomaticas, etc., d'esta inopportuna diversidade de nomes dados a um unico e mesmo porto.

2. N'um Congresso das Sociedades de Geographia italianas, o mais natural é falar-se das colonias do reino d'Italia; limitar-nos-hemos pois, n'este estudo de toponymia, aos territorios do oriente afri-

cano, onde fluctua a gloriosa bandeira da Casa de Saboia, (desde que em 1888 o Sultão d'Obbia sollicitou o protectorado italiano), e em particular a Bilâd-ez-Zendj, «O paiz dos Zends», que os auctores arabes celebram desde o seculo x, particularmente Maçudi na sua obra intitulada *Prados d'Ouro*, bem como o grande compilador de tratados geographicos Abulféda.

Comecemos pela grande arteria fluvial, o *Giuba*, que serve de limite entre as possessões da Italia e as da Inglaterra.

«Este rio, o mais importante do paiz dos Somalis, quer pela ex«tensão do seu curso, quer pela abundancia das suas aguas, escreve o «illustre geographo Elisée Reclus, nasce em plena Ethiopia, com o «nome de *Gougsa*, o antigo *Rio dos Fuegos* dos navegadores portugue«zes».

Quantas variantes de nomes para este *Rei* dos cursos d'agua d'aquella região, magestoso rio de 1:000 kilometros, nascido em paiz Galla, tributario do Oceano Indico, em cujos rapidos em 1845 Van der Decken naufragou, depois de, o primeiro, lhe ter entrado a barra, que o americano Chaillé-Long subiu em 1873, até 300 kilometros do litoral, e que tem sido objecto de tão fructuosas explorações feitas por illustres viajantes nossos compatriotas, taes como Ugo Ferrandi, Ruspoli, o capitão Grixoni e outros ainda!

Assim Chaillé-Long escreve geralmente *Juba* ou ainda *Jub;* o capitão francez Guillain, auctor do livro *Documents sur l'histoire, la géographie et le commerce de l'Afrique Orientale,* obra com meio seculo de existencia e comtudo muito estimada e que ao sr. Ugo Ferrandi, com a sua alta competencia e a sua delicada cortezia, aprouve qualificar de «verdadeiro monumento», o meu compatriota, digo, emprega o termo *Djoub;* o P.^e^ Lobo escreve *Juba;* sir Samuel Baker, um illustre explorador inglez, cuja memoria peço licença para saudar de passagem, falla d'um rio chamado *Djouba.*

Passemos aos geographos. Elisée Reclus escreve *Djouba* e accrescenta «este rio chama-se Ouebi (Webi), nome que pouco difere «de Abaii ou Alto Nilo e que significa egualmente «Rio» ou «Agua «corrente».

Vivien de Saint-Martin no seu *Nouveau Dictionnaire de Géographie Universelle* chama a este rio *Dieb* (Djeuba ou Djab).

As *Instructions Nautiques sur les côtes Sud Est d'Afrique* dizem que o rio Djoubb (com dois bb) foi navegado em 1897, até aos rapidos a 407 milhas da sua embocadura, pelo *Kenia* da Companhia Ingleza do Este africano, e na sua erudita obra *Les Çomalis*, publicada em 1893, o sr. Gabriel Ferrand, vice-consul da França, emprega exactamente o mesmo termo *Djoubb* ao descrever o curso d'este rio.

L'Atlante d'Africa, magnifico trabalho do «Instituto Italiano de Artes Graphicas», do qual desnecessario é fazer o elogio, imprime *Giuba*, que parece ser a denominação *official* adoptada pela Italia, e esta publicação faz a seguinte judiciosissima observação: que estando a partilha territorial da Africa *effectuada*, por assim dizer, entre as grandes potencias coloniaes europeias, parece logico e pratico adoptar

uma orthographia *definitiva*, a da potencia soberana, ou occupante, ou protectora.

Permitti-me que me apoie na grande auctoridade do celebre explorador, o illustre Residente na *Somalia italiana meridionale*, em Bardera, refiro me ao sr. Ugo Ferrandi, que em dezembro ultimo me dava a honra de me escrever:

«Nós os italianos, damos hoje o nome de Giuba a todo o curso do «rio, emquanto que os indigenas chamam-lhe *Ganane* e apenas sob «esta denominação o conhecem.

«O nome de *Giuba* ou *Giub* foi dado pelos Arabes, que apenas «conheceram a embocadura da *Ganane*, não se tendo nunca arriscado «a penetrar no interior da região», o que nós chamamos, usando um «termo allemão bem apropriado, *hinterland.*»

Giub é uma palavra arabe que significa: *poço não empedrado.*

Eis, conforme o sabio explorador e escritor, qual seria a etymologia d'essa palavra:

«Póde-se suppor que em tempos passados, durante a monção do «NE. (unica estação durante a qual os pangaios frequentam a costa), «os navios arabes estacionavam na embocadura do Ganane, para ahi «embarcarem escravos, e que em vez de penetrarem no rio, cuja «barra offerece difficuldades e perigos, fundeavam proximo da mar-«gem esquerda do Ganane, mesmo na costa. Effectivamente, a qui-«nhentos metros pouco mais ou menos da embocadura, ao longo da «margem maritima, encontram-se *numerosos poços cavados* na areia, «pouco profundos, providos de excellente agua, proveniente das infil-«trações do rio atravez das areias, ou então das aguas fluviaes for-«necidas pelas terras accidentadas, visinhas e superiores ao nivel do «mar».

De resto esta opinião é corroborada pela seguinte curiosa passagem do sr. Marcel Devis, auctor de tão erudito trabalho *Le Pays des Zendjis* ou «La Côte Orientale d'Afrique au Moyen âge», o qual em 1883 escreveu:

«Entre Braoua ou Bédouna e Mélenda, não assignalam os geogra-«phos arabes nenhum ponto de escala, a menos que se não queira re-«conhecer o Juba das cartas modernas (na embocadura d'um impor-«tante rio) no Djoubb de Yaoût, cidade proxima do paiz dos Zendjs «na terra de Berbera, d'onde se exportam pelles de girafa que servem «para na Persia se fabricar calçado.» E o sr. Devis acompanha estas breves palavras do auctor arabe do *Medjem-el-Bouldân*, geographo do XII seculo, acompanha-as, repito, com esta caracteristica nota: *Djoubb*, *Djebâb* no plural, significa *um poço não empedrado no interior.*

Não está aqui, meus senhores, uma explicação etymologica muito natural, quando se pensa na importancia capital que teem aos olhos de todos, viajantes ou habitantes, voluntarios ou nomadas, os bons poços, providos d'agua não salobra, nas regiões desertas, requeimadas, resequidas pelos ardores solares, «nos paizes da sede?»

Em todo o caso esta explicação, qualquer que seja a opinião que d'ella possam ter os arabisantes e os enthusiastas da linguistica, dá muita honra ao seu erudito auctor, o sr. Ferrandi.

3. Passemos ás localidades maritimas do *Barr-el-Benadir* ou paiz dos Portos, cujo nome vem do arabe *Bender*, porto, e *Dir*, costa, exactamente «Costa dos Portos», região que se segue a *Barr-el-Kazaïn*, ou «Paiz dos Rochedos» e a *Sif-el-Tauïl*, arida e pedregosa praia de 250 kilometros de extensão.

Eis aqui uma cidade, ou antes uma aglomeração de cabanas e de lojas, que depois de ter sido successivamente reclamada pela Italia e pela Allemanha, por occasião da demarcação das respectivas espheras de influencia das potencias europeias n'aquellas costas, fôra cedida á Gran-Bretanha em 1890 e fazia parte dos territorios especialmente designados sob o nome de *East Africa Protectorate*. Queremos falar de *Kismajo*, ou *Kismayou*, ou *Chisimaju*, ou *Kisimajo*, no paiz somali, e que conservou o seu nome indigena. Não me pertence recordar que em virtude d'uma nova convenção anglo-italiana, datada de 13 de janeiro de 1905, o governo britannico cedeu á Casa de Saboya uma faxa de territorio onde se comprehende este porto e a estrada interior que conduz a Lugh, concessão importante para o futuro da Somalia italiana meridional, visto Kisimajo ser o unico fundeadouro abordavel durante o anno todo. Quanto á etymologia, o sr. Ferrandi, conforme elle escreveu em 1896 na *Esplorazione commerciale*, fal-a-hia derivar para Kisimajou, da lingua *suahili: Kisima* poço e *jou* por cima; e com effeito, n'esta localidade tambem se encontra boa agua em abundancia e a pouca profundidade.

Por esta etymologia vê-se ainda que importancia os indigenas ligam á existencia de poços na sua ardente região.

E visto que fallei do *suahili*, seja-me permittido, de passagem, recordar a importancia d'este idioma usual dos traficantes arabes que, partindo da costa oriental se aventuram no *hinterland*, lingua empregada sobretudo pélos Musulmanos em todos os mercados, em todas as estradas da Africa oriental, que foi um poderoso auxiliar para os grandes exploradores na sua rude tarefa, verdadeira *lingua franca*, propagada do litoral para o interior e que ha trinta annos attrahe a attenção dos estudiosos da Europa!

Mogadiscio, o Mogadaxo dos portuguezes, tambem chamado Mogadisho, Maqdachou, Magadisso, Magadisciu, Mogduciu, que sei eu, offerece um dos mais interessantes exemplos para o estudo da toponymia geographica e da etymologia que nos occupa.

Mogadoxo é uma cidade antiga, da qual El-Edrisi, o famoso geographo arabe (nos meados do seculo XII) ignorava a existencia, mas que Yaoût, mais completo que os seus predecessores, designa no começo do seculo XIII como estação de negocio, fundada pelos Musulmanos arabes, á qual mais tarde Ibn-el-Madji, de Mossoul, dá a lisongeira cognominação de *Kebira*, a grande, epitheto que um seculo depois, em 1337 (anno 738 da hegira), Ibn Batuta ainda reforça empregando o superlativo, quando lhe chama *mountena-hiyat-al-Kébr*, «a maior possivel». Além d'isso Ibn Kaldum não dizia d'esta cidade, no fim do seculo XIV, que *ella trasbordava d'habitantes*», e accrescentava que «o seu estado de civilisação era o da vida nomada, e que n'ella havia muitos mercadores?»

Para mim esta apreciação da importancia de Magadoxo ou Maq-

déchou, concorda com as informações colhidas pelos portuguezes d'uma chronica arabe, descoberta, julga-se, em Quiloa, quando D. Francisco d'Almeida conquistou esta ultima cidade, e cuja traducção foi felizmente conservada por um escritor da Luzitania, João de Barros, na sua nutavel *Asia Portugueza*. Seria necessario fazer remontar a fundação de Magadoxo a epoca um pouco anterior áquella em que vivia Yaout, mas o novo estabelecimento só no meado do seculo XIII teria adquirido verdadeiro desenvolvimento commercial. Então esta cidade era vasta, habitada por uma população activa e industriosa. E' assim que os bellos e afamados pannos, fabricados pelos seus tecelões, «que, diz Ibn Batuta, testemunha occular, derivam o nome do da cidade, e que não teem eguaes», eram muito procurados no Egypto, e mais longe ainda, no Oriente. Magadoxo passava então por ser a mais rica e florescente cidade de toda a costa oriental d'Africa, de tal modo que, no começo do seculo XVI os portuguezes capitaneados pelo illustre Albuquerque não ousaram atacal-a.

Magadoxo, que outr'ora contava mais de cem mesquitas, cuja belleza Pedro Alvarez gabava em 1500, está muito decahida.

Ruinas, mais ou menos invadidas pelas areias, é apenas o que d'ella resta; Guillain calculava a sua população em 5:000 individuos somalís, arabes ou escravos, e o doutor Alfonso Oliva, que d'ella fez uma descripção muito pittoresca no *Bolletino della Società Africana d'Italia* em 1898, admittia que a cidade tivesse pouco mais ou menos 9:000 habitantes.

A conquista das colonias arabes do litoral foi o signal da decadencia de Magadoxo, a qual foi acabada pela invasão dos somalis do clan selvagem dos Abgal, espalhados nos arredores. «A occupação italiana, escreve o sr. Ferrandi, realisou-se entre ruinas».

A cidade compõe-se de dois bairros, *Hamar-Uin* e *Sciangani*, o primeiro assemelhando-se a vasta necropole, e sendo o segundo um amontoado de casas quadradas cobertas por terraços; os somalis dão indifferentemente um d'aquelles dois nomes a Magadoxo, reunião d'aquellas duas povoações.

Segundo o sr. Ugo Ferrandi, Magadoxo seria termo proveniente do arabe, mas do arabe do Hadramaut — Magad (estar, jazer) e Sciah (cabra), logar onde repousam ou se deitam as cabras.

Quanto a *Hamar-Uin*, a etymologia continua duvidosa.

Uin em suahili quer dizer grande; muitos pretendem que Hamar significa *vermelho*, talvez por allusão aos terrenos avermelhados que alli se encontram; mas esta palavra não é suahili, não ha duvida que é arabe; por vermelho dizem os suahilis *godud*. Em suahili a palavra *Amar* quer dizer *outro*.

O sr. Ferrandi apresenta, com razão, a duvida de que os antigos Somalis fossem bastante pittorescos na sua linguagem, para darem tal denominação a Magadoxo por allusão á passada grandeza *alterada* da cidade; o erudito philologo acredita-o tanto menos quanto o zenith da grandeza de Magadoxo coincide com a vinda ao paiz do arabe Ibn Batuta, epoca durante a qual sem duvida os Somalis não habitavam a região.

Quanto ao termo *Sciangani* (*Hauvia* em suahili) significaria *elegante*.

Révoil, o explorador francez da Somalilandia e conhecido autor da estimada obra *Voyage au cap des Aromates*, esse dá outra etymologia. Mogadisho seria a corrupção da palavra arabe *Megrad-el-Chata*, que significaria «porto do rebanho», e encontraria a sua explicação n'uma lenda local, que é contada pelo francez Guillain. «Pouco depois da chegada dos Musulmanos», escreve este auctor, «um dos xe-«ques mais venerados... que passava por ser inspirado por Deus, «teve uma visão; appareceu-lhe uma ovelha illuminada por luz sobre-«natural. Desde então o local onde se deu o milagre, foi considerado «como santo; quando o xeque morreu, alli puzeram o seu tumulo que «veio a ser um logar de peregrinação. Mais tarde construiu-se alli «uma mesquita cujo nome *Megaad-ech-châta* (leia-se *Mesdjed-ech-chât*) «commemora a maravilhosa apparição, pela qual aquelle local fôra «consagrado, e por extensão applicou-se em seguida a toda a cidade».

«Si non è vero è ben trovato». Vê-se bem que se está no paiz oriental da poesia e da lenda creada pela imaginação de azas douradas.

Os arabes teriam feito de *Megaad-ech-châta* ou *Mesdjed-ech-chât* Mogdichou, depois Maguduchu; os portuguezes chamaram-lhe Magadoxo e Mogadixo. Ferdinand Holfer no capitulo «Afrique Orientale» da grande obra *L'Univers* usa do termo *Mugadasho*. O geographo Vivien de Saint-Martin prefere *Mogadicho*. Elisée Reclus, esse diz *Magdochou*. Emfim, vós, meus senhores, chamaes á cidade sujeita ao dominio da Italia e sobre a qual fluctua a vossa gloriosa e illustre bandeira «oggi italianamente *Mogadiscio*», conforme o dr. Alfonso Oliva com auctoridade verificou. Façamos votos para que esta consagração official seja definitiva.

Emfim, um detalhe omisso, ligando-se com o nome de Mogadaxo, foi trazido a lume pelo sr. Alfred Grandidier, o celebre auctor do magistral trabalho sobre a *Histoire de Madagascar*. Do nome d'essa antiga cidade, accrescentado pela fama, ter-se-hia derivado o da grande ilha malgache. No XIV seculo Marco Polo, um nome, senhores, que se não póde pronunciar em Veneza, sem evocar uma das glorias mais brilhante da cidade dos Doges, cidade celebre entre as mais celebres, Marco Polo, digo, o famoso viajante cujos vestigios se encontram em todo o Oriente, e que de bom grado narrava as maravilhas do Universo, apraz-se em descrever os Estados de *Mogadiscio*, que elle escrevia indifferentemente *Magadeigascar* e *Mogelasio* (corrupção do termo Mogadiscio e Magadiscio), regiões na verdade situadas na costa oriental d'Africa, um pouco ao norte do Equador. Interpretando mais tarde a narrativa do famoso veneziano, o cosmographo allemão Martin Behaim, fez desde 1492 figurar no seu globo de Nuremberg (o mais antigo e o mais celebre de todos) aquelles Estados como uma ilha triangular arbitrariamente situada em pleno Oceano Indico, cortada pelo Tropico do Capricornio e chamada *Madeigascar* ou Madagascar.

Sabe-se, seja dito de passagem, que a grande ilha malgache, chamada pelo arabe Maçudi no seu livro *Prados d'Ouro* do X seculo *Menuthias Djafuna*, mais tarde ilha de *S. Lourenço*, *Madecasse* para os indigenas, depois ilha *Dauphine* ou *France Orientale*, ficou sendo

definitivamente *Madagascar*, que teria assim uma etymologia arabe, como de resto a teem muitas localidades da costa oriental d'Africa, onde desde tantos seculos traficam os negociantes sectarios do Islam.

4. Como nos limitamos a um quadro restricto, apenas citaremos ainda os tres portos de *Brava*, *Merka* e *Ouar-Cheick*.

Brava ou Baraua, Bareoua para Elisée Reclus, na extremidade do paiz dos Kafires, a praça ou *bandar* mais importante entre o cabo Guardafui e Mombaça, seria a *Bâouâri* de que falla Yaoût? E' curioso que nem Abul-Féda, nem nenhum outro geographo arabe, fazem menção d'ella; em todo o caso a Brava moderna, que apenas conta alguns milhares de habitantes, é antes um ancoradouro do que um porto, bem que a cidade outr'ora houvesse tido os seus dias de actividade commercial. Segundo a tradicção recolhida pelos indigenas, dever-se-hia ligar o seu nome ao de um santo musulmano, Ali Braua, que teria sido n'aquelles logares um fervoroso apostolo do Islam.

Quanto a *Merka*, tambem chamada *Marka*, *Meurka*, a sua antiguidade é attestada ao mesmo tempo por uma antiga mesquita de Omar, apresentando ainda a data de 1560, e pela menção que d'ella é feita no diccionario geographico arabe de Yakut-el-Hamoui (1230 da nossa era); e a cidade representou um certo papel quando foi da conquista do paiz dos Benadires pelos sultões de Zanzibar. Para a etymologia d'esta cidade certos auctores, phantasiando sobre os nomes das duas cidades visinhas Merka e Brava, disseram que *Merka* é uma palavra alterada do arabe *makar* «enganar, proceder com doblez», emquanto que *Brava* ou *Braua*, vem de *barr*, outra palavra arabe, «ser piedoso e bom». E' caso para se perguntar com Guillain, se os habitantes de Merka acceitariam de bom grado esta explicação etymologica.

Emfim, citemos por ultimo *Ouar-Cheik*, de nome arabe, cuja etymologia não está ainda fixada, tambem chamada *Ouarchek*, Ouarckh, Ouarrichir, Uars-cec, conforme a lemos n'um artigo da *Rivista d'Italia* intitulado *Il Benadir e la Schiavitù*, e *Ouarrichir* por Elisée Reclus, onde outr'ora, segundo a tradicção, se erguia uma cidade construida de pedra, mas que hoje apenas é uma aldeola desprovida de tudo. Parece, porém, que Uarsceic é o termo em favor ao presente.

Depois d'estes cinco portos, Kisimaja, Brava, Merca, Mogadiscio e Uarsceic, que constituem a região costeira de *Bahr-el-Benadir*, terminaremos por algumas palavras sobre o Cabo Guardafui, o famoso cabo dos Aromatas, o *Aromata akron kai emporion* de Ptolomeu e do *Periplo do Mar Erythreu*, em arabe *Rasitsir*, o cabo do Captivo, *Guardaf* ou *Girdif* para os Somalis, tristemente afamado por tantos naufragios causados por falta de pharoes, o Cabo Guardafui, digo, deriva a origem do seu nome da palavra italiana *Guarda*, «adoptada, diz Elisée Reclus, na lingua franca com o sentido de «*estar em guarda*, ou antes «olha e foge, *guarda e fuggi*», como allusão aos perigos a que se expõem os navegantes n'aquellas paragens outr'ora infestadas de crueis corsarios, piratas que eram o terror dos marinheiros!

Não seria justo desejar-se que, d'uma vez para sempre, o nome de cada localidade, de cada porto d'aquellas costas, fôsse fixado defini-

tivamente, *ne varietur*, para utilidade tanto do commercio, como da navegação?

JOSEPH JOUBERT

Trad. por
MARIA THEREZA ALMEIDA D'EÇA

MITRAS LUSITANAS NO ORIENTE

(Continuado de pag. 330)

1693 — *D. Diogo da Annunciação Justiniano*, n. de Lisboa, da congr. de S. João Evang. (19), eleito arcebp.º de Cranganor por D. Pedro II, confirm. por Innocencio XII em 19 ab. 694. Diz a *Evora gl.* 315, 37 que elle foi sagr. em 1703, e querendo da Europa partir para a sua egr., os achaques lh'o não permittiram, e por isso renunciou a mitra, e que D. Simão da Gama arceb. d'Evora o adoptou por seu bp.º coadjutor. Outros AA. dizem que elle governou algum tp.º a sua diocese, e depois resignou. Fsl. 8 nov. 1713. (20).

1704 — *D. João Ribeiro*, jes., confirm. em arceb. de Cranganor por Clemente XI em 5 dez. 1701 (bull. arch. nunciat. Lisb.). Sagrou-se em 29 jul. 1703. Por certas causas tendo perdido direito a usar do pallio, lhe foi esse direito restituido (21). Deste arceb. dizia o mission. Tachard, s. J., em carta dat. de Bengala... 1711: «Christiani S. Thomæ montes Malabariœ incolunt.., habent autem archiepiscopum quem rex Lusitaniæ nominare consuevit: nunc veró est D. Joannes Ribeiro, antiquus societatis nostræ missionarius in Malabaria, qui linguas ejus regionis optimé callet, ac præ sertim syriacam, quæ est eruditorum lingua». No *Bolet.* 1874 n.º 11 está publ. uma carta

---

netia em 1683, juntando-se-lhe *Il Viaggio all' Ind or.* de fr. Vicenzo di S. Cater. de Siena, outro commiss. pontif. que nesta sua *Viaggio* dá conta das dilligencias que empregou, para a conversão dos scismaticos desobedientes ao seu prelado.

(18) *Bolet.* 1872 n.ºs 76, 77, 81, 82 e 1873 n.º 1 certidão da rainha de Cochim em abono do arcebispo Garcia.

(19) Recitou a *oração funebre* nas exequias da rainha D. Maria Sophia, celebradas na egr. da misericordia de Lisboa a 11 de setb. 1696: foi impresso em Lisb. 1699, 4.

(20) *Mem. hist.. arceb., bp.. ord. N. S. Carmo* I. 276. — Assemani *Bibl. or.* IV, 449. 50, — *Bibl. lus.* I, 661. — *Anno hist.* III, 255, — *Gab. hist.* V, 110. — *Hist. eccl. malab.* 445, — *O céu ab. na terra* — *Hist. cler. S. Jo. Ev.* I, 531 — *Vida p. Anto. Vieira*, p. André de Barros, Lisb, 1858 p. 403, *Bibliog hist. port.* 69, — *Dicc. bibl. portg.* II, 142 e IX, 107, — *Bullar. patr.* III, 3, — *Cat. Miss. bibl. Ebor.* III, 251, *Descr. moed.* III, 279, — *Dicc. pop.* VI, 483, — *Portg. ant. e mod.* IV, 313. — *Hist. Congo*, Lisb. 1877 p. 339, — *Portg. discov. and miss. Asia* 279, 83.

(21) As particularidades deste facto constam dos *Fasti novi orbis et ordinationum apostol, ad Indias pertin. precearium.* Venet. 1776 p. 517 e 18, an. 1707.

deste arceb., de 24 set. 1714, dando noticia ao vr. Ind. do estado em que se achava aquella diocese; diz que apesar da pouca vista e outros penosos achaques, originados quasi todos das muitas molestias e desconsolações que naquelle arcebispado tem padecido, vai rebatendo como pode as cavillações dos scismaticos, e opposição que lhe fazem os carmelitas mission.os da propg.da; expõe as inquietações que lhe moveram dous daquelles mission.os ha pouco fallecidos, oppondo-se á sua jurisdicção delle bp.o e ás regalias do padroado, valendo-se para isso de herejes e reis gentios, sem reparar se era ou não aquillo licito. Fal. o arceb. a 24 jan. 1716 no seminario d'Ambalacate onde exercitou o cargo de reitor, da qual morte deu parte ao cabido da sé de Goa o vr. Ind., em carta de 17 fev. 716, e que nomeasse logo govern.or para aquelle arcebispado, afim de que se evitassem perturbações, com a introducção dos mission.os da ppg.da (22). Será a este arcebp.o que se refere a p. 135 e 205 do I t. o A. do *Verd. meth. de estudar*, ou é ao seu successor?

Pelo breve *Solliciti* de 15 jan. 1707 (23) pediu Clemente XI ao rei de Portugal, que empregasse o seu zelo e autoridade para remover os impedim.tos, que os hollandezes oppunham ao livre exercicio da jurisdicção deste arceb. Ribeiro.

1722 — *D. Manuel Carvalho Pimentel*, jes.; partiu de Lisboa em mission.o para a India em 1698; eleito arceb. de Crang. por D. João V, confirm. a 20 jan. 1721, sagr. em Goa 20 fev. 722 (I P. 219); presidiu 31 an.o (24).

1751 — *D. João da Serra* ou *João Luiz Vasconcellos*, jes., sagr. em Calicut pelo bp.o de Cochim D. Clemente (I P. p. 249); presidiu 5 an.o (25).

1758 — *D. Salvador dos Reis*, jes., n. de Villalobos de Leão de Hespanha; confirm. em arceb. de Crang. por obito de D. João Luiz, a 18 jul. 756 por Bento XIV; sagr. em Anjenga pelo d.o bp.o D. Clemente em 5 fev. 758: entrando desde logo no governo continuou por 21 an.o (26).

(22) *Bullar. patr.* III, 3, e Append. I, 375, — La Crose *Hist. christ. Ind.* 1724 p. 420 e II, 211, — *Hist. eccl. malab.* 445, 6, 7. — *Hist. Madure* 230, — *Portg. discov. and miss Asia* 284, — *Bol.* 1861 n.o 23 p. 187 e 1874 n.o 9, — J. Hough II, 248, 9. Em 30 out. 1704 passou este arcepb.o attestação sobre a legitimidade dos ritos malabaricos — *Esame e difesa decr. c. Tournon* 56, 160, 1, 2, 3, 254, 76, 367, 8, — *Leatif. seu declar. mart. Jo. Brito* 229, 30, — *Risp. a. accuse pratic... miss. Madur.* 42, 5, 7, 9, 263, 478 e 179, — *Jorn. soc. cath.* Lisb. 1852 n.o 34, — *Hist. b. J. Brito* p. 323, 4: nessa *Hist. J. Brito* p. 352 a 54 está transcr. a carta que este arceb. escreveu em 12 jan. 1712 ao papa, instando pela canonisação deste martyr.

(23) *Bullar patr.* III, 266.

(24) *Syn. annal. s. J. Lusit.* 403, — *Gab. hist.* XI, 99. — *Hist. eccl. Malab.* 449, — *Viag. Paol. s. Bartol.* 18. — *Gazeta Lisb.* 1721 n.os 7 e 13, — *Elog. hist. reis Portg.* 158, — *Elog. funeb. e hist. D. Jo. V.* p. 294, — *Hist. Madure* 230, — *Bolet* 1861 n.o 70, — Hough II, 389.

(25) *Hist. Madure* 230.

(26) *Lusitan. sac.* III, 170, — *Dict. hist. geogr. sacr.* 280, — *Hist. Madure* 230. Deixa-se vêr da *Carta da edif.*, *gl. trab dos mission. c. c. J. Madure* 1738, 1740 Lisb. 1736 e 1746 p. 24, 34 e p. 25, — e das *Conquistas na Ind. em apost. miss c.*

Na I P. p. 250 ficou dito que por este arcebp.º, como tambem o bispo de Cochim, não excluir os jesuitas da administração das parochias, como s. mag. insinuava, determinou el-rei que um e outro prelado se recolhessem ao reino, e como o não fizessem foram em Goa declarados por desnaturalisados, cessando com elles toda a communicação, e ultim.º foram presos. Elucidam esta materia os seg. doc.: —

1760 dez. 7. Offic. do vr. c. da Ega. «Persuado-me será de maior efficacia, que os dous prelados o arceb. de Cranganor e o bp.º de Cochim, sejam mudados para outras dioceses, por haverem sido jesuitas da primeira classe».

1761 abr. 7. C. r. dirig. ao vr. Constando que pelo vr. da Ind. foi insinuado aos arcebispo de Crang. e bp.º de Cochim que, visto terem sido no reino postos em reclusão os p.es da comp., pelo facto de terem tido parte no horroroso insulto contra a pessoa do rei, e sequestrados os seus bens, deviam os mesmos prelados inhibir os d.os p.es nas suas dioceses, e substituil-os por outros mission.es, e os d.os prelados mostrando-se insensiveis á intim.ão dos referidos insultos, em vez de suspenderem logo os d.os p.es, usaram de tergiversações para os conservarem nos seus postos, — diz que ouvidos muitos ministros theologos e canonistas, escreve aos d.os bispos chamando-os á sua côrte, e o vr. lhes mande as 2 cartas que acompanham, e no caso de não obedecerem e continuarem a favorecer os jes., declare por editaes esses 2 prelados ou qualquer delles que desobedecer «por notorios rebeldes, socios dos traidores e adversarios contra a minha real pessoa e estados., havendo-os por proscriptos e desnaturalisados e privados de todas as honras.., sendo seus bens sequestrados»..

1761 dez. 13. Carta do arceb. de Crang. ao vr. «Recebi a c. de v. e. com a inclusa de que elrei n. sr. me fez honra, e em que ordena me faça prompto para partir logo para essa capital para dahi fazer viagem para a sua côrte. Na verdade se eu attendesse só ao desejo que tenho de me vêr livre desta cruz, sem demora me poria a caminho, para obedecer as r. ordens de s. m., sem attender aos incom.os de tão dilatada viagem na minha idade avançada. Mas considero que o partir daqui sem s. m. dar outra provid.a a esta diocese, não pode ser serviço de Deus e de s. m., pois tanto que eu partir tenho por infallivel que todas estas egr.as, com irreparavel detrimento do r. padroado se sujeitarão ao vigario ap., ou o que será peior se sujeitarão a um scismatico que com o nome de bispo, a força de 40:000 xs. que offerece ao rei de Travancor (como por repetidos avisos tenho noticia), pretende que o rei faça que lhe obedeçam todas as eg.as catholicas, sitas nas terras conquistadas pelo mesmo rei, que são muitas em n.º, o que conseguirá facilmente se não houver quem se lhe opponha. Dous an.s antes pretendeu o mesmo o d.º scismatico, e eu fazendo visitar ao rei por um p.e mission.º, com muito trabalho deste e bastantes gastos meus consegui, que o rei désse sentença a favor dos cathol.os,

---

J. soccorr. pelo céo, Lisb. 1750 p. 48 e 56 que este Salvador dos Reis era pelos a. de 1740 superior e visisador das missões de Madure & no bispado de Cochim.

mas agora por cobiça do dinheiro se esqueceu ou não quer estar pela sentença; e eu me acho sem mission.[os] aptos para este effeito, e tambem sem dinheiro para me oppor a tão forte inimigo, comtudo com a noticia desta nova pretenção tenho feito alg.[a] dilig.[a] por me oppôr, mas as taes dilig.[as] nada valem se não vão bem pesadas com ouro. Peço pois a v. e. que visto eu ficar nesta diocese por maior serviço de Deus e de s. m., esperando novas ordens do mesmo sr. (a quem informo de tudo o que se passa), e que proveja de outro melhor modo esta diocese...»

1785 — *D. José Cariati*, n. de Cranganor, doutorado em Roma. Vindo a Lisboa esteve m.[tos] an.[s] por ordem de D. Maria I, hospedado no mosteiro de S. Bento; por apresentação da mesma rainha em jul. 1782 em arceb. de Crang., foi confirm. por bulla *Divina disponente clementia* de 16 dez. 1782 de Pio VI; outra bulla da m.[ma] data (ms. nunciat. Lisb.) lhe concede o uso do pallio; sagr. em Lisboa partiu para Goa em 785, onde chegou em maio 86 e ahi fal. a 9 set. seg., quando se preparava para ir para o seu arcebispado (27).

Em 1790 durante a guerra de Tipunabalo foi totalmente destruida a residencia archiepiscopal de Puttancherre, e não se tornou a edificar, residindo os prelados desta diocese nas casas parochiaes de qualquer egreja a sua escolha; tambem foi queimado o seminario (d'Ambalacate?). Passados tempos alguns caritativos erigiram novo seminario, que pouco durou.

1823 — *D. Fr. Paulo de S. Thomaz d'Aquino e Almeida*, domin., confirm. em arceb. de Crang. a 16 jan. 1819, sagr. em Goa no colleg de S. Thomaz em 4 de março 1821: em 1821 e 22 fez parte do conselho do governo provisiocial de Goa. Presidiu ao governo da sua diocese desde 17 janeiro 1823 e algum tp.[o] ao do bispado de Cochim até sua morte, que occorreu em Olicare a 19 dez. 823; contava 51 an. de idade: está sepult. na egr.[a] de Changanacheira (Cranganor); o epitafio sepulc. está publ. no *Inst. V. Gama* II, 177, — e *Descr. moed.* III, 354. A *Oração funeb. a sra. D. Maria I, rainha fid. pronunc.* (por este fr. Paulo) *a 7 maio 1817 nas exeq. que o senado de Macao fez celebrar na cathed. da mesma cid.* foi impressa em Macao ou na Ind. em 8.º gr. (28). Sua necrologia está publ. na *Gazeta de Goa* 1824 n.º 5.

b) Arcebispos eleitos — Governadores do arcebisdado — Vigarios geraes

1557? — *P.e Pero Gonçalves*, vigario da vara em Cranganor (1); depois vigario ger. em Cochim.

(27) *Manuscr. de Lisboa*, p. a. de 1783 p. 11, — *Gazeta Lisb.* 1782 1.º supl. ao n.º 30. — *Lusit. sac.* III, 18 v. 9. — *Conjur. de 1787 em Goa* 14, 57 e seg. — *Doc. apres. ás côrt. Nova ... e s. sé*, Lisboa. 1887 I, 207.

(28) *Relaç. ... polit. Goa* 8 n.. — *Dicc. bibl. portg.* VI, 372, — *Dicc. pop.* XI, 200, — *As colon. portg. no sec. 19* p. 47. — *The Portg in Ind.* II, 455.

(1) *Oriente conq.* I, c 1 d. 2 § 29.

Em tempo do papa Gregorio XIII foram de Cranganor a Roma, por instigação dos portg., dous sacerdotes nat. desse povo, D. Jorge da Cruz e D. João da Cruz, a quem o papa fez m.tas honras e deu m.tas indulg.as para a sua egr.a, e um altar privilegiado nella: recolhendo-se a suas terras fundaram a egreja de S. João Bapt., morrendo D. João em 24 jun. 1598 (2).

O *Santuar. Mar.* VIII, 86 faz menção d'uma missão que em 1578, do collegio de Cochim foram os jesuitas dar na freguezia da Assumpção de N. Sr.a em Angamale, por occasião de ahi se publicar um gr.de jubileu concedido pelo referido papa Gregorio XIII áquella egr.a, o qual enviou á mesma egr.a uma custodia com reliquias.

1597—*P.r Francisco Roz*, jes., por provis. de 16 de fev. do arceb.o D. Aleixo de Menezes, nom. govern.or e vig. ap. do bispado da Serra: não surtin effeito essa provis. pelas razões que apontam Gouvea *Jorn. do arceb.* p. 12,8,—Raulin *Hist. eccl. malab.* p. 19, — e *Flos sanctor. august.* II, 534 (3).

1597 — *Jorge da Cruz ou de Christo*, arcediago (4), nom. por provis. archiep. de Goa de maio ou jun. 597, gover.or do bispado de Cranganor, com 2 adjuntos o p.e Fr.co Roz e o reitor do collegio de Vaipicota (Ant.o Toscano?) (5): não acceitou o arcediago a patente, mostrando-se enfado em lhe mandar adjuntos. Se lhe passou outra patente de governad.or só e sem adjuntos; acceitou-a o arcediago, mas não querendo fazer a profissão da fé, ficou tambem esta patente sem effeito; e se fez a profissão mais tarde foi com ficção. Antes de partir da Serra para Goa, tornou a passar o arceb.o Menezes provis. em out.

(2) Gouvea *Jorn.* arceb. 31, 90 v, 91.

(3) D. Tho. C. Bem II, 9,—*Santuar. Mar.* VIII, 308,— La Crose *Hist. Christ. Ind.* I, 116.—Day 224,—J. Hough I, 300,—*Portg. discov. and miss. Asia* 189.—*Hist. portg. no Malab.* introd. p. 79,—Lobley *The chourch and the chourches in southern Ind.*, Cambridge 1870 p. 65 e 97.

(4) Arcediago era unica dignidade na egr.a de Angamale: arcediago era o vigario do bp.o no foro contencioso e ministro das temporalidades. Ao arcediago Jorge encommendára Mar Abraham antes de morrer (I. P. p. 90), o governo da diocese de Angamale emquanto de Babylonia lhe não chegava bispo.

(5) Fundaram os jes. este collegio em Ambalagata, Chanotd ou Vaipicota em 1584, a que deu risco o p. Ant.o Guedes Moraes, e com «pensions obtained from the king of Portugal», para suprir a falta que no collegio instituido por fr. Vicente de Lagos (I P. p. 33) se sentia, d'ensino das lingoas chaldaica e syriaca tão necessarias ao clero daquella diocese «Here was a noble jesuit college, containing a oplendid library» — F. Day 238, 9, 221, 3,— Lo Cley 56, Rae *The syrion chourch in Ind.* 244,—*De reb. japon., ind. et peruan. epist.* 726, 91.—*Flos sanct. august.* II, 560,—*Orie. Conq.* II, 208,—*Ann. lit. s. J. an.* 1582 p. 106 e *an.* 1596 p. 852.—*Hist. eccl. malab.* 11, 2,—*Travel of the jesuils* II, 296. *Alguns capitulos tirados das cartas que vieram este a. de 1588 dos padres da comp. de J., que andam nas partes da Ind., China, Japão*... Lisb. 1588 p. 5 v., — *Hist. critic., dogm., controv.... chrét. orient.* 89,— *The land of the Permaes* 9, 221 3, — *Hist. miss. cath.* II, 481,—La Crose *Hist. christ Ind.* 1721 p. 56, 103 e 345 e I, 83,—Gouvea *Jorn.* arceb. 7,—*Ann. marit. e colon.* 1843 n.o 7 p. 315, —*Santuar. Mar.* XIII, 321,—*Vida v. J. Brito*, London 1851 p 340, 1, 2,—*Hist. J. Brito*, Lisb. 1852 p. 293,—J. Hough I, 248,—*Hist. Madure* 257,—*Arch. portg. or.* III, 195, —*Doc. rem. Ind.* I, 84, 5, 128, 246. 97,—*Bolet.* 1872 n.o 77.

ou novb. 1600 ao arced. Jorge, de govern.[or] do bispado do Malavar, até vir o bp.[o] que nomeasse o s. pontifice (6).

Dos documentos officiaes que se occupam deste celebre arcediago Jorge, a quem s. mag. fez mercê de 150 xs. de tença cada anno, e do seu successor vê-se o seg.: — 14 março 1616 (*Doc. rem. Ind.* III, 48) c. r. encom.[da] ao vr. Ind., mande para o reino este arcediago por causa do seu máo procedim.[to]. — 30 dez. 1616 c. vr. diz que o arced. está reduzido e obediente ao arceb. de Crang. qae o absolveu (7). — 12 março 1618 c. r. se suspenda a prisão do arcediago, em quanto se conservar com bom procedim.[to].

6 março 1627: c. vr. sobre o arced. da Serra estar quieto e em boa conformid.[e] com o arceb. de Crang. seu prelado. — 18 ab. 1628 c. r. pela boa informação que s. mag. teve pelo arceb. de Cranganor, do bom proced.[to] do arced. Jorge lhe faz mercê de lhe mandar lançar o hab. de Christo que pretende, para o ter com 50 xs. de tença cada an. — 26 março 1630 c. vr. acerca do proced.[to] do arced. da Serra, o qual por andar inquieto com o arceb. de Crang., não lhe declarou a sobred.[a] mercê do hab. de Christo com 50 xs, de tença. — 4 dez. 1630 c. vr. diz que ao arced. se passaram os despachos necess.[os] para esta mercê que s. mag. lhe fez (8). — 31 marbo 1631 c. r. «O arced. da Serra me escreveu... sobre as razões que se lhe offereceram sobre se haver de permittir, que naq.[la] christ.[de] que está a conta dos p.[es] da comp., entrem n'ella relig.[os] das 4 ordens mendicantes»; quer que o vr. dê a entender ao arced. que não convêm tratar de haver nisto novidades. — 14 jan. 1633 c. vr. «Grande trabalho (me escreve o arceb. de Granganor) padece com o arcediago da Serra, que elle tem por scismatico, porque por momentos lhe perturba os cassanares, e ainda os persuade que não obedeçam a egr.[a] romana, ao que tenho acudido com todos os remedios que me ha sido possivel, e ordem tem minha o capitão de Cochim e ainda credito de quantid.[e] de dinheiro, para que se o arcebp.[o] lhe disser por papel seu, que convém matar-se este arcediago que o mate, e com o custo dinheiro que fizer seja q.[l] fôr, porém sem papel claro do d.[o] arceb. não trate mais que de remedios brandos, porque posto que eu entendo que só este do rigor sancará tão gr.[de] mal, todavia é a materia de tanto peso para a consciencia, que eu me não atrevo a tomal-a sobre ella e sem preceder esta petição do d.[o] arceb., que se queixa amargam.[te] de que D. Filippe Mascarenhas (vicer) fez este arced. que usasse deste modo, só por encontrar o d.[o] arceb. e os p.[es] da comp.; não posso eu crêr isto de um fidalgo de tanta qualid.[e], porém o ar-

(6) *Prima spedit. o Ind. or.* 3. — Gouvea *Jorn.* arceb. l. 1 c. 5, 6 e l. 2 c. 15. — *Flos sanct. august.* II, 554, 5, 86, — La Crose *Hist. christ. Ind.* 1724 p. 78, 219, 30 e I. 117, 8 e II, 57, 8, — *Hist. eccl. malab.* 19, 20, — *Hist. miss. cath.* III, 181, — *The land of Permauls* 234, — J. Hough I, 296, 301, 2 e II, 102, 3. — O. Tho C. Bem I, 108 e II, 8, — *Imag. virt. n. Evora* 416 — *Doc. rem. Ind.* III, 486, — *Portg. discov. and miss. Asia* 189. — *Bolet.* 1860 n.º 00 e 1872 n.º 76, — *Hist. dos portg. no Malab.* introd. p. 79, — Lobley 65.

(7) *Bolet.* 1883 n.º 266.

(8) *Bolet.* 1885 n.º 209.

cebp.º tenho experimentado que tem virtude e verdade, e que falla naq.las materias com todo o sizo e tento.» S. m. respondeu em 7 jan. 634: «De nenhum modo devieis dar semelhante ordem (de que se matasse o arcediago), ainda que o arceb. o pedisse, o que não é crêr pois incorria então em notoria irregularid.e; procurareis por todos os meios.., que o arceb. e o arced. estejam conformes.»

27 março 1636. C. r. Constando a s. m. por inform.ão do vr. Ind. e do capitão de Cochim, que o arced. Jorge é scismatico, que o rei de Cochim «o favorecia por o obrigarem com peitas, posto que lhe não fosse affeiçoado,» «que o arceb. de Crang. se queixava dos relig. de S. Domingos, attribuindo-lhes a rebellião do arcediago, e nos pulpitos se desacreditavam uns aos outros,» sobre as q.s materias recebeu s. m. 2 cartas do d.º arceb., de 16 dez. 634 e 20 jan. 635 em que se referem o estado daq.la christd.e e relig.os que se occupam nella, e fruto que fazem sem embargo do estorvo que lhes faz o arcediago, a quem tem por scismatico e aos seus cassanares que tem em um recolhim.to, pretendendo por meio dos relig. de S. Dog.os e de fr. Francisco Donato, italiano relig. da m.ma ordem, que trouxe papeis seus assinados só pelo arcediago.., e que em o arced. morrendo haviam todos de largar o recolhim.to em que estavam.., e pedindo-me o mandasse desobrigar do arcebispado»: manda s. m. que o vr. não consinta que no aecebispado da Serra entrem outros relig.os que os da comp.a, nem os deixe ter communic.ão com o arced. por cartas, e procure que o arced. esteja conforme com o arcebp.º.

Atraz p. 21 se intercalaram outros doc. attinentes ás inquietações que moveram estes arcediagos ao arcebispo de Cranganor D. Estevão de Brito.

Expediu o govern.or do arcebispado arcediago Jorge da Cruz o seg.:

52) 1599 março? *Edito.* Manda com p. de excom. que ninguem tome ordens com o arcebp.º de Goa; os que as tomarem não serão admittidos no bispado da Serra, e elles e seus parentes e todos os que nisso forem conniventes, serão castigados por elle arcediago e pelos reis cujos vassalos fossem (9).

Depois de terminado o synodo de Diamper em 1599 foi dividido o bispado da Serra em 75 freguezias, dando o arceb. de Goa a cada uma o limite e districto, que pareceu conven.e á admin.ão dos sacram.tos e pasto espir.al do povo fiel, e foram nomeados para todas seus vigarios e parochos: para todas essas egr.as elrei de Portugal dava estipendio ou congrua.

1599 — *P.e Francisco Roz*, novam.te nom. govern.or do bispado por provis. archiep. de Goa de jun. 599 (10): estava exercendo este cargo q.do foi promovido a bispo desta diocese, como atraz ficou dito. Ao seu zelo não menos que ao do arceb. D. Aleixo Menezes se deve a reducção dos scismaticos da Serra. Escreveu alem das obras atraz

(9) Gouvea *Jorn.* arceb. 38 v, 30.
(10) V. breve *Cupientes* de 21 de jun. 1597 de Clemente VIII no *subsidium Bullar. patr.* p. 11.

mencionadas: um *Tratado da reducção da christand. da Serra do Malab.*, ms ; trasladou em chaldeu o *Tratado ou cathecismo* composto pelo d.º arceb. Menezes para uso dos abexins; tambem reviu a traducção da lingoa latina na lingoa malabar, dos decr. do syn. de Diamper, feita por alguns sacerdotes do rito latino do bispado de Cochim.

1617 — *D. Jeronymo Xavier*, jes., sobrinho de S. Franc.º X., chegou á India em 1581 ; foi reitor do colleg. de S. Paulo em Goa, e depois preposito da casa prof. do Bom Jesus : denominado apostolo do Mogol, no qual imperio esteve m.^{tos} annos desde 1594, e onde escreveu entr'outros opusculos, um intitul. *Directorio dos reis* e dedicado em 1609 ao rei Jalanguir Johau Guir : é na lingoa persia, ms., consta de 4 capit. e trata da reverencia e obed.ª que devem ter os reis para consigo, do amor e direcção que devem dar nos seus gr.^{des} officios, e do amor, amparo e provid.ª que devem ter para com o povo. Diz o *Santuar Mar*, que elle offereceu ao principe filho do imperador Echebar um livro da Vida de Christo, que fez em lingoa parsia. Eleito por Filippe II para coadjutor e successor de D. Fr.^{co} Roz arceb. de Angamale : «Sed Hieronimo (diz Nadasi *An. dier. mirab.* I, 319) prae mitris fuere labores atque pericula, quibus apud Mogorenses exantlatis Goam redux dieu clausit,» a 17 jun. 1617, assistindo a suas exequias o arceb. D. Christovão de Sá (11).

Desde setb. 1659 que fal. o arcebp.º Garcia, entrou no governo da diocese de Cranganor, o vigario geral nom. por aq.^{le} prelado — diz La Crose *Hist. Christ. Ind.* II, 174 sem apontar o seu nome.

Nesse mesmo tp.º nomeiou um dos dous partidos, em que se achava então divido o cabido da sé prim. de Goa, para governar a diocese de Crang. o *p.e Manoel Serrão*, thesour.º mór da sé de Cochim, e ainda que outro partido se oppoz não obstante foi o p. Serrão a Cranganor, tomou posse do cargo, «habitando anche nel palazzo

(11) *Hist. gener. de l'empire du Mogol*, François Catrou, Haye 1708 p. 108 e seg. — *Histoire gen. des voyages*. Paris, t. 37 p. 127, — *Agiol. lus.* III, 721, 2, 33, — D. Couto XIV, 73, 503, 4, — Far. Souza *Asia* I. 257, — Bocarro 357, — *Benoit de Goes mission. dans l'Asie centr.* 1603-1607, J. Brucker, Lyon 1879 p. 6, — *Stichtbare Levens van Eenighe religieusen, broeders coadiuteurs vand soc. J.* . . T'antwerpen 1667, 8.º de 703 p., pg. 407 e seg., — *Oriens christ.* II, 1281, — *Fasti s. J.* II, 146, 318, *Santuar. Mar.* VIII, t. 21, 90 e 91. — *Orient. Conq.* II. 154, 5. — *Syn. a. s. J. Lusit.* 128. — Bartoli *Asia* 217, — Guzman *Hist. miss.* I. 143, 257 e seg. — La Crose *Hist. christ. Ind.* 1724 pref. e p. 331, 3 e 521 e I pref., — Ribadeneira *Biblioth.* 348, 9, *Hist. eccl. malan.* 439, — *The land Permauls* 234, — *Rel. an. cons. . fizer. p. comp.* I. 2 p. 52 v, — *De reb. japo., ind. . . epist.* 798 a 800, 11, 2, — *Var. hist. christ. or.* 3 v, — *Ann. marit. e col.* 1841 n.º 10 p. 371, — L. Ranke *Hist. pop.* II. 252. — Damignac I. 162 n. e II. 210 n., — *Hist. miss. cath.* III. 181, — Feller *Biogr. univ.* Xavier (Jerôme), — *Arch. portg. or.* III, 674. — *Memor. de um sold. da Ind.* 251, — *Dic. rom. Ind.* II, 163, III, 389, — Miss. jes. no or. 141, — *Vida e tres Xavb.* Mappe 1907 fev., — J. Hough II, 285, 94, — *Gramm. Marathi* expl. em ling. port., Pa. Nery Pires, Bomb. 1854 p. 103 n. — *An hist. and arch. sketch Goa* 3, 7, — *Dict. miss. cath.* I. 1399, — *Dicc. pop.* XIV, 190, — *Inst. portg. ed. e instr. ...* I. 76, *Portg. discov. and miss.* Asia 272, — *Bolet.* 1883 n.º 97 e 102, — *Archivo da Torre do Tombo* p. 15.

reivescovale» algum tp.º, «fomentou o espirito inquieto e defendeu ertinazm.te o seu posto» (12).

1662 — *P.e Francisco Barreto*, jes.: em Goa ensinou philosof. es an. e theol. 2; foi reitor do col. dos jes. em Colombo e depois m Cochim; partindo para Roma em procurador das missões em 1642, oltou a India não sei q.do: em Roma imprimiu a seg. obra: *Relaone delle miss. e christianitá che appartengo alla prov. di Malavar ella comp. di G.*, Roma 1645, 12.º; reimpr. Tournay 1645. 8.º e aris 1645, 2 v. in 12. Visitador geral das missões dos jes., e deois provincial na India: nom. arcebispo da Serra por D. João IV, depois bispo de Cochim; a morte que intempestivam.te o arrebatou n Goa a 26 out. 1663, impediu que possuisse esta dignidade (13).

? — *P.e Braz d'Azevedo*, provinciai dos jes. em Cochim, arceb. eito de Angamale (14).

1682 — *P.e André Freire*, jes. e provincial em Cochim, arceb. eito de Cranganor: suas bullas de confirm. chegaram a Goa depois e sua morte em Mampolim em 1692 (15).

1684 — *P.e Manuel de Souza*, da cong. do orat. de J. C.; duas ezes eleito preposito da casa do Espirito S., fundador da cong. do rat. d'Estremoz: em 15 maio ou 19 out. 684 nom. por D. Pedro II rcebp.º da Serra, e em 28 out. 696 bp.º do Funchal, mas ambas stas dignid.es recusou. Fal. 17 nov. 717 (16).

P.e João de Brito recusou a dignidade d'arcebispo de Cranganor, ara que o queria nomear D. Pedro II (1 P. p. 203 n., 22) (17).

? — *P.e Francisco dos Reis Martello*, cong., recusou a dignid.e 'arceb. de Cranganor (18).

1688 — *D. Fr. Jeronymo de S. Thiago*, lente de mathematica na niv. de Coimbra, dom abbade do most. de S. Bento de Lisboa; onfirm. em arceb. de Crang. por Innocencio XI em 8 jan. 1688 bulla arch. nunciat. Lisb.); acceitou o cargo, mas depois por seus chaques se excusou. N. no Porto em 1644 e fal. em Lisboa a 15 g. 1720 (19).

---

(12) *Seconda spedit. o. Ind. or.*, Roma 1672 p. 49, 50, 1, 8, 61; Venet. 1638 29, 34, 6.

(13) *Restaur. de Portg. prodig.*, Lisb. 1643 p. 215, — *Syn. an. s. J. Lusit.* 1, 307, — *Bibl. lus.* II, 116, — M. Sev. Far. *Not. de Portg.* II, 181, — *Imag. virt. Evora* 862 3, — Ribadeneira *Biblioth.* 215, — *Evora glor.* 429, — La Crose *ist. christ. Ind.* I pref. e II, 77, 363, — *Vida P. Basto* 46, 196, 216, 407, 8, — J. ough II, 215, 93, 4, — *Hist. Madure* 230, — *Dicc. pop.* III, 155, — *Bolet.* 1872 83.

(14) *Vida P. Basto* prol. e p. 554.

(15) *Ann. gl. s. J. Lusit.* 498, — *Imag. virt. n. Evora* l. 4 c. 4 a 9, — *Lusit.* c. III, 17 v, — *Estud. biogr.* 235, — *Hist. Madure* 230, — *Jorn. soc. cath.*, Lisb. 52 n.º 34, — *Hist. b. Jo. Brito*, Lisb. 1852 p. 271, — *Le Madure, la nouv. mis-n.*, Aug. Jean, Lille 1887 p. 254. 5, — *L'apôt. Ceyl*, p. *J. Vaz* 54.

(16) *Lusit. sac.* III. 1) v, — *Gab. hist.* VII, 71, 2, — *Estud. biogr.* 235.

(17) *Hist. b. J Brito*, Lisb. 1852 p. 258, — *Les Martyres de l'Inde* 156, — *nsageiro de Maria.* Lisb. 1906 março p. 76.

(18) *Lusitan. sac.* III, 17 v.

(19) *Gazeta Lisb.* 1720 n.º 34, — *Coll. doc. e mem. acad. r. hist. portg.* IV 1724

1689? — *P.e Antonio Pereira*, provincial dos jes. em Goa, arceb. eleito da Serra (20).

1755 — *D. Antonio José Collaço Leitão*, bispo de Cochim, provido pelo arceb. de Goa Neiva Brum em 4 jan. no governo interino de Cranganor, por obito do arceb. D. João Luiz: tomou conta desta diocese e continuou a governar até fev. 758, em que a entregou ao arceb. D. Salvador dos Reis.

1778 — *P.e Pedro Figueiredo*, orator., n. de Goa, nom. pelo arceb. Assumpção Brito govern.or do arcebispado de Crangan. depois da morte do arceb. D. Salvador dos Reis. Partindo de Goa chegou a Calicut, sem poder penetrar Cranganor nem tomar posse do seu cargo, em razão das perturbações causadas pelos mission.os da propg.da. Desistiu em 24 out. 779. Em 1781 era inquisidor em Goa (21).

Em offic. de jan. 1781 deu parte o bispo govern.or da diocesse de Goa S.ta Catharina à côrte, que o govern.or (não diz o nome) que elle nomeou em 1780 para Cranganor, não acceitou a provisão allegando causa justa. Deve ser differente de ant. e do seg.te.

1780 — *Fr. José da Soledade*, carm., nom. a 28 jan. govern.or do arcebispado de Crang.; tomou posse a 22 fev., exerceu o cargo, com alg.a interrupção, até 9 fev. 787. Depois bp.o sagr. de Cochim.

1781 — *Fr. Manoel de S. Francisco*, francisc., n. de Damão, nom. govern.or interino de Cranganor pelo m.mo bp.o govern.or S.ta Catharina que tinha delle boas informações, e de que era dotado de prud.a e zelo: levou em sua companhia 5 relig. (22).

1786 — *P.e Timotheo Xavier*, jes., nom. pelo arceb.o de Goa governador do arcebispado de Crangan. em março 786.

1786 — *Cassanar Thomaz Pareamakel*, nom. govern.or do arcebpa.do de Crang. por provis. de 21 set. ou novb. Compoz uma *Grammatica Portg. — Malabar*, ms. Fal. 10 de março 1792 (23). 2 cartas (mss.) deste govern.or eccles. dirigidas ao arceb. de Goa, uma sem data (1787), outra de 24 nov. 1787, fol. de 4 p. encontram-se entre os mss. bibl. nac. Lisb., onde tambem existe copia de uma representação dirigida por esse bp.o, ao rei de Portugal pelos christãos de Cranganor em que pedem: 1 que nomêe arcebp.o de Crang. o sobred.o Thomaz Pareamakel, quando não a Abraham de Taxil ou a Thomaz de Patotam, sacerdotes do rito syro chaldaico; 2 sejam por s. mag.e confirmados os 12 conegos e um arcediago para presid.e delles, que foram eleitos pelo povo, e 3 sejam arbitradas congruas aos parochos das egr.as de Cranganor, e uma dotação ao seminario.

Consta porem d'um officio do bispo de Cochim de 29 out. 1792 (*Estado da Ind.* correspond. offic. 1792 p. 116 a 118 — ms. bibl. nac. Lisboa) ser. ao arceb. de Goa, que este govern.or eccles. Pe-

[illegible] — *Dicc. bibl. portg.* III, 270, — [illegible]

(20) [illegible]

(21) [illegible] 1787 [illegible] p. 72 [illegible] 35 p. 55

(22) Ib. loc. cit.

(23) Ib. p. 15 [illegible] n. 180

reamakel machinava contra o padroado portg. e contra aq.[te] bp.[o]; e na carta que o governo da Ind. escreveu ao rei de Travancor em 8 dez. 1792, em ordem a livrar o sobred.[o] bp.[o] de Cochim do vexame que padecia da parte dos ministros d'aq.[le] rei, se lhe diz: «que o d.[o] p. Thomaz Pareamakel promove esta perturbação, em vingança de não ser provido em arceb. de Cranganor, sem que isto esteja na mão do bispo de Cochim, mas sim na de s. mag. fidel., que o não tem nomeado por conhecer, que não tem o caracter de virtude necessario para tão alto ministerio, pelo que não parece proprio do magnifico rei, o patrocinar um homem soberbo e vaidoso, que obra contra a sua propria religião, e que será tão rebelde ao magnif.[o] rei, como o é a s. mag. fid.»

1800 — *José Caetano da Silva Coutinho*, clerigo sec.; n. da villa das Caldas da Rainha, bachar. em canones, nom. arceb. de Crangranor em 1800; não se realisou a confirmação. Em 4 nov. 1805 nom. bispo do Rio de Janeiro, confirm. em 1806, sagr. em 15 março 807 (24).

1800 — *Dr. cassan. José C. eamgurechil*, govern.[or] episcopal nom. em 7 maio 1799; posse a 3 jul. 1800, presidiu até 31 dez. 1801.

1802 — *Fr. José do Patrocinio Telles*, dom., nom. a 8 março, posse a 25 abr., exerceu o logar até 20 ab. 1806. Passou para a diocese de Cochim.

1806 — *P.[e] Theodoro Botelho Homem*, clerigo sec., eleito arceb. de Crang. em 8 jan., e confirm. por Pio VII em 26 ag. (25).

1806 — *Fr. Manoel de S. Joaquim*, domin., nomeado governador do arcebispado por provis. archiep. de Goa de 25 fev.; posse a 10 ab.: serviu o logar até 12 jan. 1810.

1810 — *Fr. Domingos da Conceição*, francisc., nom. por provis. archiep. de 20 fev.; posse a 29 março; governou até 23 ab. 1820 esta diocese, e interinamente a de Cochim.

Em 1810 se fundou a egr. de Arnatucare.

1820 — *Fr. Joaquim de Sta. Rita Botelho*, francis.; nom. a 19 fev., posse a 24 ab.; occupou o logar até jun. 821; por indulto pontificio chrismou mais de 50:000 christãos; acumulou algum tempo o governo eccles. de Cochim. Desde 1849 até 59 governador do arcebispado de Goa (I P. p. 499).

1821 — *Fr. Paulo de S. Thomaz d'Aquino e Almeida*, governador do arcebispado; depois arcebispo sagr., como atraz ficou dito.

1824 — *Fr. Manoel de S. Joaquim das Neves*, dom., nom. governador do arcebispado a 27 jan., posse a 15 ab.; presidiu até 29 jan. 1826.

1825 — *D. José Joaquim da Immaculada Conceição Amarante*, nom. arceb. de Cranganor. e confirm. por Leão XII em 19 dez. 1825 (bull. nunciat. Lisb.).

---

(24) *Alman. p. o a. de* 1807, Lisb. p. 44. — *Memorias histor. do Rio de Janeiro*, Rio de Jan. 1820 22 V, 267, — *Direito civ. eccl. Brazileiro*, Rio de Jan. 1866 I P. II. 561. — *Dicc. cop* IV, 410: a *Hist. estab. scient. portg.* IV. 384 diz que elle foi eleito arceb. de Crangan. em 1809.

(25) *Alman. p. o a. de* 1807, Lisb. p. 42.

1826 — *Fr. João do Porto Peixoto*, da ord. do men. da Soledade, nom. governador do arcebispado a 24 nov. 1825; posse a 29 jan. 26; finou-se em 1838 ag. ou 29 julho. Em alguns documentos officiaes é arguido de ser affecto a propaganda (26). Expediu a seg.

53) 1837 Abril 24. *Provisão*. Entrega as missões do Madure ao bispo eleito de Meliapor, para as governar, visto elle estar velho e residir mui longe d'ellas.

1838 — *D. Fr. Manuel de S. Joaquim Neves*, ainda uma vez nom. govern.[or] interino do arcebispado, por provis. do arceb. eleito de Goa de 28 ag. (27): eleito arceb. deste diocese de Crang. por decr. de 12 de nov. 1845 (28); presidiu até nov. 48. Por decr. de 23 ab' 45 agrac. com a commends da ord. de Christo. Fal. a 10 jan. 49 (V. *Cochim*.) Escreveu a seg.:

54) 1845 Junho 10. *Carta* ao vig. da vara F. R. Torres. Manda que faça constar aos cassanares o seg. trecho do offic. de 15 maio recebido do arcebp.[o] no qual se lê: «Os honrados cassanares que se tem conservado firmes debaixo da jurisdicção de v. s., dirigíram-nos em 17 de março ult. uma carta que tivemos a satisfação de remetter ao governo de s. mag. em 22 abr. Quem nos dera mais documt.[os] como este! Não responderemos porque inteiramt.[e] nos fallece o tempo, e porque o uso que fizemos da sua carta foi a maior prova que podiamos dar de nossa estima».

Em 1838 havia em Cranganor 72 egrejas do rito syriaco, sujeitas a jurisdicção do padroado, com uma população de cerca de 76:000 almas: ao vig. ap. de Verapoly eram sujeitas 42 egr. com 32:000 christãos (29).

1849 — *P.[e] Francisco Xavier Borges*, nom. govern.[or] do arcebispado a 9 de jan.; posse a 25; presidiu á governsção desta diocese, como tambem a de Cochim, até 20 jun. 55. Sua correspondencia está pul. no *Bolet.* 1853 n.[o] 35.

Em 1855 foi reinvindicada judicialm.[te] a egr.[a] de Putencherre, a principal das egr.[as] do arcebispado de Crang., onde os prelados portg. costumavam tomar posse do seu cargo; tinha sido usurpada havia mt.[os] an.[s], e foi em 18 fev. 55 que della tomou posse o mission.[o] portg. (30).

1854 — *P.[e] Agostinho do Rosario Lourenço*. V. *Cochim*.

1855 — *P.[e] Antonio João Ignacio Santimano*, governador das dioceses de Crang. e Cochim, por provs. de 2 jan.; posse deste arcebp. de Crang. a 8 jun. V. *Cochim*.

(26) V. I P. destas *Mitras* p. 451 — *Bolet.* 1838 n.[o] 44. — *Inst.* V. *Gama* II, 180. — *Hist. g. miss. cath.* IV, 641, — Obras do arceb. D. Ayres, — *Doc. apres. ás côrt.* 1887 I, 206.

(27) V. I P. destas *Mitras* p. 451, — Suppl. ao n.[o] 45 *Bolet.* 1838, — *Preg lib.* 1838 n.[o] 39. Em 2 outb. avisava ao respectivo vig. da vara, que elle iria tomar posse do cargo dentro em 8 dias.

(28) *Bolet.* 1846 n.[o] 3, — *Jorn. s. cgr. lusit.* 1846 n.[o] 2.

(29) *Hist. miss. cath.* IV, 354, — *Ann. prop. fé*, Lisb. 1889 n.[o] 67 p. 406.

(30) *Bolet.* 1855 n.[os] 12 e 16.

Querendo pôr termo a agitação e inquietações em que se achavam s christandades de Malabar, publicou mons. Saba. commisario ponticio para a circumscripção das dioceses da India, um decreto a 21 or. 1863 (d'accordo com o arcebispo de Goa e dizem que tambem om o vig. ap. de Verapoly), permittindo aos christãos de Cranganor otar no praso de 8 dias a jurisdicção d'aquellas duas mitras de Cranganor ou de Verapoly, a que queriam ficar pertencendo. Grande numero e egrejas, para cima de 60, manifestaram-se pela jurisdicção do padroado; o que por tal forma alarmou os adversarios qee induziram a sé a revogar em (1870?) aquelle decr. como contrario ao art. 1o da oncordata de 1857, e a auctorizar o vig. ap. de Verapoly para aceitar aquellas suas christandades, que tinham nesse meio tempo passado para as do padroado, caso ellas expressamente lh'o pedissem (31).

1864 nov. 10. Port. r. Antoisa o governador ger. do estado da ndia a acceitar o offerecimento d'uma casa, para residencia dos prelados de Cranganor.

1864 — *P. Antonio Paulo Pinto*, nom. vig. geral e governador as dioceses de Crang. e Cochim por prov. archiep. de 10 dez. Fal. m Madrasta. (v. *Cochim*) Publicou as circul. que seguem:—

55) 1864 Dezembro 31. *Circular* dirigida aos missionarios e christãos de Cranganor e Cochim. Participando a sua nomenção ao cargo e vig.° g., diz que mais cedo não pôde por causas justas dirigir-lhes, que só em obediencia ao preceito superior acceitou este cargo, para cujo bom desempenho solicita as orações do clero e povo; os missionarios especialmente diz que espera, cooperarão para effectuar-se o desejado melhoramento das missões. Inculca aos parachos necessidade de ensinarem a seus freguezes a sciencia da salvação. demonstra os inconvenientes que derivam de ingnorar o povo, as verdades eternas: a exemplo dos apostolos SS. Paulo, Thomé e Xavier recommenda aos parochos, tratem deligentemense de salvar almas. Os christãos especialmente do rito syriaco de Cranganor, diz que fallam muito em levantar novas egrejas e capellas; por suas acções parece, porém, estarem esquecidos que elles são templos vivos de Deus; exhorta-os a que procedam honestamente, guardando-se de offender a Deus; recommenda aos missionarios e aos chefes de familias promovam a instrucção moral e religiosa da mocidade, e não a deixando frequentar as escolas dirigidas por protestantes, pelo perigo que dahi segue, procurem fundar escolas sob a direcção de mestres de provada virtude.

56) 1866 Março 2. *Circular*. Por ordem do prelado de Goa prohibe que se administre sacramentos nas egrejas de Cranganor e Cochim, aos que tenham estado em Ceylão, sem apresentarem bilhete da desobriga, assignado por algum missionario portuguez (32).

1865 — *P.e José Emiliano Corrêa*. V. *Cochim*.

---

(31) Obras do arceb. D. Ayres d'Ornellas, — *Doc, apres. ás côrt.* 1887 I, 303, 4.

(32) Esta circul. e a ant. achei-as registadas somente no livro paroch. de Pattalunguel, Cochim.

1866 — *Pe. José Benedicto Moreira*. V. *Cochim*.

1866 — *Fr. José Ayres da Silveira Mascarenhas*, bachar. em theolog., nom. por decr. de 14 de maio 1866, para servir em alguma das dioceses do r. padroado na Asia, segundo a incumbencia que lhe fôr dada pelo arcebispo de Goa, por parecer que concorrem no mesmo presbytero as qualidades proprias para ser empregado como vigario ger. de alguma diocese, ou como superior da missão: uma port. r. de 20 março 1863 mandou que o arceb. de Goa informasse sobre a pretenção deste presbytero, que requeria ser nom. professor de sciencias ecclesiasticas em algum seminario da Asia. Não sei o que diria o arceb. Pe. Mascarenhas chegou a Bombaim em outb. 66: foi nom. vigario ger. de Cranganor por provis. archiep. (antes de 1 dez. 66): largando de Goa a 16 dez. tomou posse do cargo em fins do mesmo mez. Poucos mezes esteve á testa da administração; partindo para Europa foi em 1870 designado pelo bispo d'Angola, onde elle era então reitor do seminario e chantre da sé, governador daq.^le bispado (33).

Por decr. de 7 maio 1867 foi acceita a doação feita por Paray e outros catholicos de Cranganor, de um terreno com uma casa, n'uma elevação á beira do rio que de Alva vae a Cranganor, por elles comprados para fundação de seminario: e trespassados ao arcebp.º de Goa por escripturas publicas de 25 jul. e 9 nov. 1866; e avaliados a casa em 3500 rp., e a cerca com pomar de nogueiras em 500 rp. «The Portuguese and Dutch selested it (Feira d'Alva) as the sanitarium of Cochin, and such it is considerad» (34).

1867 — *P.^e Francisco Rodrigues Torres*, n. e mission.º de Cochim (35), nom. vigario ger. interino de Crang,: agrac. por decreto de 21 jul. 1866 com o hab. de Christo. Sua correspond. offic. está publ. no *Bolet* 1861 n.^os 58 e 93. Fal. 4 jan. 68.

1867 — *P.^e Antonio Correia dos Reis Coelho*, n. da freguezia de St.ª Marinha da Pedreira, no bispado de Braga, vigario g. de Crang. nom. por provis. archiep. de 18 nov., posse a 22 dez., presidiu até 20 de jan. 69. De sua visita ás egr.^as deu conta o *Oriente Cath.* n.º 49. Passou a ser presid.^te da junta govern. do arcebispado de Goa (I P. p. 555,6). Fal. 30 abr. 1898. Publicou na lingua malabariça as ordenanças que seguem:

57) 1867 Dezembro 23. *Circular*. Participando aos vigarios da

(33) *Dicc. bibl. portg.* XII, 270 — *Obras* arceb. Amorim II, 280. V. *Bolet.* 1877 n.º 53 port. r. de 12 março 1877 relativo ao abono de vencimentos a este vigario geral.

(34) *Oriente Cath.* n.º 19 — *The imperial gazetteer of India* I, 206 — O cit. decr. de 7 maio 67 traz erradas as datas das escripturas publ., que nos originaes vem em chronologia malabar, e o traductor errou. A primeira escriptura segundo o decr. tem a data de 11 jul. 1865, e a segunda de 25 outubro 66: ha erro. A escriptura da doação do terreno tem a data de (era malabar) 11 Harcaddagam 1041, que corresponde a 25 jul. 66, a escriptura de doação da casa tem a data de 25 Tulam 1042 ou seja 9 nov. 66. Foi-me communicada esta rectificação pelo ex.^mo e rev.^mo sr. bispo de Cochim D. Matheus d'Oliveira Xavier, a quem agradeço mui reconhecido a gentileza.

(35) *I. P. V. Gazeta* II, 128.

vara a sua escolha pela s. sé em 1865, em substituto eventual do arcebispo de Goa no exercicio da jurisdicção delegada sobre as dioceses suffraganeas á metropole de Goa, diz que pelo arceb. primaz foi elle nom. vigario geral e superior das missões do rito syriaco de Cranganor, e visitador geral das de Cochim e Ceylão, do qual cargo tomou já posse: para o bom desempenho do qual invoca o auxilio celeste, espera a coadjuvação do clero, para se levar a effeito o que elle emprehender para maior gloria de Deus e bem do clero e fieis, e conta com a obediencia dos christãos. Confirma as licenças..., manda promulgar esta circ. nas egrejas.

58) 1868 Fevereiro 6. *Circular*. Contém umas *disposições regulamentares* dispondo o seg.: 1 que haja em cada egreja parochial até 24 jun., 3 livros comprados pelo cofre da egreja, para registo dos baptismos, casamentos e obitos: 2 o parocho lavre esses assentos dentro em 24 horas depois de celebrado o acto respectivo, sob p. de susp. no caso d'omissão; os cassamares passem com juramento certidões das missas que celebrarem dos legados da egreja, e essas certidões antes da festa principal da egreja, o parocho lh'as remetta a elle vig. g., declarando quantas missas se celebraram, e quentas ficam por dizer desses legados, e em cuja mão estão: 4 os parochos e fabrfqueiros façam cumprir os legados pios deixados em testamento, e lhe denunciem os testamenteiros e herdeiros que se descuidarem de cumprir os taes legados. 5 Os parochos e capellães sob p. de susp. são obrigados a fazerem nos dias de guarda, com o povo no templo os actos de fé, esperança e caridade, e homilia antes da missa ou ao evangelho; ou ao menos deverão ler por um quarto de hora, algum livro de doutrina christã ou de praticas moraes; 6 e resarem por si ou por algum cassanar junto o povo nesses dias de guarda, o terço do rosario na egreja.

7 Sob p. de susp. o parocho não consinta que nenhum cassanar oiça em sua egr. de confissão, sem apresentar a competente licença ou provisão; 8 nem esses parochos recebam nem deixem receber aos cassanares dinheiro, no acto da confissão ou por motivo della; 9 antes da desobriga o parocho examine os confessandos na doutrina christã, e sem esse exame os não confesse.

10 Todos os annos depois da festa do Corpo de Deus, em que termina o praso da desobriga, os parochos lhe remettam o rol das familias residentes na sua freguezia, declarando o n.º dos commungados, dos menores que ainda não commungaram, dos confessados e dos inconfessos: 11 antes de 31 jul. os parochos e os cassanares deverão requerer licença para confessarem (excepto áquelles a quem elle já a tiver dado), juntando á petição o ultimo despacho tido: espaçado esse dia, ficam cassadas todas as licenças, ainda que fossem dadas sem limite de tempo.

12 Todos os sacerdotes devem comprar até 15 jun. o compendio de theologia por S. Ligorio, que se acha vertido em malabar; e 13 juntar-se quinzenalmente na egr. para conferencias moraes, devendo o parocho, presidente, fazer a cada sacerdote perguntas sobre theol. moral e liturgia: ou ler-se um capit. do compendio sobredito; apon-

tando-se as faltas dos cassan. que não assistirem; 14 manda que todos os cassan. peçam licença para confessarem, antes de expirar o tempo da licença anterior, juntando ao seu requerimento o ultimo despacho, e attestado parochial da vida e costumes, do serviço prestado á egr. e d'assistencia ás conferencias: sem o que diz não dará tal licença. 15 Todos os casan. sob p. de susp. deverão residir nas casas parochiaes; e 16 não entrarão na egreja sem levar vestida sua batina, e terem meias e sapatados quando houverem de celebrar missa ou assistirem á alguma funcção ecclesiastica.

17 No requerimento para dispensa de parentesco, se forme a arvore da geração, se allegue causas verdadeiras, e junte-se certidão de baptismo dos contrahentes.

18 Quando elle mandar para ser informado pelo parocho algum requerimento, deve voltar com a informação esse requerimento, com todos os despachos dados sobre a materia.

19 Para boa e regular gerencia dos bens e cofres das egrejas, manda que os thesoureiros prestem no seminario d'Alva perante a commissão a esse fim nomeada, contas todos os annos antes da festa principal de sua egreja; aliás ha de prohibir essa festa, e punir o thesoureiro e o porocho.

20 Com o fim de fazer reviver o espirito sacerdotal, diz que tem resolvido abrir o seminario com uns exercicios espirituaes por dez dias em beneficio dos cassanares que elle ha de convocar: no seminario haverá desses exercicios 3 vezes no anno, para todos os cassanares, sem faltarem ás freguezias poderem fazer o retiro espiritual, quando elle os chamar. Manda publicar estas instrucções em 2 domigos á missa parochal, e tel-as patentes na sacristia de modo que todos as possam ler 56.

1869 *Pe. Francisco de Jesus dos Santos e Sousa Moreira Barbosa* (V. I P. pag. 771). Tendo ido a Cranganor em companbia do vig. gerel Pe. Reis, foi ahi empregado em professor do seminario d'Alva, e na retirada d'aquelle para Goa, encarregado interinamente deste vicariato, á cuja administração presidiu desde 20 jan. 69 até março 70. Expediu na lingoa malabarica as seg. ordenanças:—

59 1869 Outubro 17. *Circular.* Exhorta os cassanares, e christãos d'Annacalenguel etc., a que não perturbem a paz, vivam unidos pelos laços da caridade, não escandalisem os infieis e hereges com desordens e partidos, que o evangelho condemna e vivam obedientes a seus legitimos superiores; louva os que se tem conservado fieis á jurisdicção do prelado; aos que . . . se escrupulisam sobre a legitimidade da jurisdicção de certos padres, manda que leiam a sua ordem publicada a este proposito dias antes; os que não se satisfizeram com as providencias que elle adoptou, diz que não deviam proceder como o fizeram, mas recorrer á auctoridade competente e aguardar sua decisão.

Aos que [illegible] o arcebispo defunto *(vig. ap de Verapoly)* [illegible] ordem, para o arceb. primaz [illegible] egrejas, e que elle não fez caso [illegible] homem muito sabio, virtuoso e prudente [illegible] foi porque o não devia, e o

cardeal prefeito não é papa; se o primaz recebeu semelhante ordem do prefeito, havia de responder-lhe alguma cousa, e se não fosse cousa que satisfizesse, o prefeito não desistiria de sua empresa. Que mais fez o prefeito? Nada que conste. Aos que dizem que o primaz despresou as ordens superiores, responde: não era capaz d'isso, ou então os da propaganda e o prefeito podiam recorrer ao papa, o qual tinha muitos meios de obrigar o primaz a obedecer; mas ainda assim não devia o vig. ap. actual e quem faz suas vezes, proceder como o estão fazendo contra o prescripto por todas as leis divinas e humanas, civis e ecclesiasticas, que não permittem semelhantes escandalos; podiam sim recorrer ao papa, e este escrever ao primaz, e qualquer delles escrever a elle vig. g. que faça isto ou aquillo, e elle obedeceria promptamente.

59) 1870 Março 18. *Circular.* Diz que tendo communicado ao delegado apostolico, hoje presidente da junta gov. do arcebp. de Goa, o requerimento d'alguns christãos de Cranganor em que pedem que, para haver uniformidade, se prohibisse aos subditos do padroado entrada nas egrejas sem decente vestido; e tendo constado ao dito presidente d'igoal prohibição passada pelo vig. ap. de Verapoly, e acceita por seus jurisdiccionados, lhe foi insinuado a elle vig. g. interino pelo presidente, o qual continua a ser ainda vig. gl. de Crang., que mandasse em nome da religião, da moral, da modestia christã, e até da progressiva civilisação que se nota no povo de Malabar, que todos os fieis seus subditos, andem sempre decentemente vestidos, principalmente havendo de assistir a actos ecclesiasticos e entrar na egreja.

Não só pois para cumprir esta insinuação superior, mas por estar persuadido que, os christãos imitarão com mais gosto a seus antepassados, que quando vieram da Syria, vinham certamente vestidos, do que a esses gentios que são a vergonha e opprobrio do genero humano, que mais parecem brutos do que homens, que não podem deixar de escandalisar muito ás pessoas que tem alguma honestecidade, pejo, modestia, temor a Deus, e horrorisam aos virtuosos europeus, quando chegam a estas partes do oriente, manda que todos andem decentemente vestidos, mórmente quando houverem de assistir ás funcções religiosas e entrar na egreja. Isto pede por Jesus e Maria, a isto exhorta em nome da religião santa que elles professam, religião que não permitte a minima indecencia, nem sequer um olhar malicioso, nem ainda os máos pensamentos.

«Vêde, diz, aquella excelsa Sra. a V. Maria, vêde; que modestia! ella mesma por suas mãos fez para o seu JESUS quando menino, uma tunica...; e se os jodeos o despiram para o açoutar e pregar na cruz, foi sempre contra a sua vontade, foi isto um dos seus tormentos: o mesmo (diz) d'alguns santos martyres, cujas imagens vós vêdes nuas; só para os atormentar os despiram contra sua vontade.» Se nós fossemos tão innocentes como nossos primeiros pais Adão e Eva, quando sairam das mãos do Creador, puderamos andar nus; o vestido da graça nos bastava; mas hoje não.

Condemna o uso de certas pessoas, que se contentam com cobrir

uma parte do corpo com um pequeno panno, deixando o resto exposto ás vistas de tantos olhos lascivos! «Que escandalo, exclama, apparecerem algumas mulheres christãs com um panno tão curto, que deixa descobertas parte das pernas, e assentarem-se d'uma tal maneira, que ainda mais descobrem; e isto até no logar santo!» Recommenda que não façam assim, cubram todo o corpo, ensinem a religião a seus filhos, o que os fará agradaveis a Deus, e até mais honrados diante dos homens. Hoje (diz) até os gentios que teem instrucção, andam decentemente vestidos; e os que andam descobertos são miseraveis ignorantes, que amam os costumes barbaros dos seus antepassados, e querem imitar esses malditos idolos deshonestos, que elles chamam deoses, sendo aliás demonios.

«Só a religião christã é que tem tido a gloria de civilisar os povos mais barbaros; a ella pertence tambem civilisar a India, e a vós, c. i., pertence ser os primeiros a dar o exemplo ás outras castas e aos outros povos, instruindo vossos filhos o melhor que puderdes, vestindo-vos a vós e vestindo-os a elles desde pequeninos. Fazendo assim dareis ao delegado apost. summo prazer, que o obrigará a fazer os maiores sacrificios para voltar ao meio de vós, a ensinar-vos o caminho do céo...;» e tambem elle (vig. gl.) muito se alegrará com isto. Adverte aos christãos que não acreditem a quem disser que acabou o padroado, pois ainda não consta que o concilio (do Vaticano) tratasse desta questão.

1870 — *P.e Antonio Vicente Lisboa*, vig. geral de Cochim, interinamente encarregado por port. archiep. no. 107 de 11 de março; pouco durou esta administração; do qual tempo só encontrei a seg:—

61) 1870 Março 22. *Circular*. Annunciando a sua nomeação em vig. g. interino para administrar esta diocese, com recommendação de que procurasse tranquillizar os animos dos cassanares e christãos, os exhorta a que vivam socegados; assegura que nas sessões do concilio do Vaticano nada, absolutamente nada se tratou ácerca das missões da India, como alguns malevolos e adversarios do padroado tem assoalhado, e não estando revogada nem alterada a concordata feita a este respeito, deve manter-ese o *statu quo*. Confirma as provisões dos parochos. Diz que sabe de certas machinações tramadas pelos partidarios da propg.da, a qual respeito exige dos missionarios certas informações.

1870 — *P.e Benedicto do Rosario Gomes*, por provis. de 4 ab. 1866 missionario de Cochim; nom. vigario g. interino de Cranganor por provis. archiep. de 27 ab. 70; posse a 15 maio; e effectivo por provis. de 20 jul. do mesmo a. 70 exerceu o logar até maio 76.

1875 — *P.e Valentim Constantino Fernandes*, n. de sabigão, superior que foi da prelasia de Moçambique; nom. vigario geral de Cranganor por provis... Não chegou a tomar posse.

(Continúa)

P.e Casimiro Nazareth.

26.ª Série — 1908 **N.º 12 — Dezembro**

BOLETIM

DA

Sociedade de Geographia de Lisboa

FUNDADA EM 1875

SUMMARIO

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
Rua do Diario de Noticias, 110

1908

26.ª Série — 1908 N.º 12 — Dezembro

Director, proprietario e editor—*Sociedade de Geographia de Lisboa*—Rua de Santo Antão—Lisboa
Composição e impressão na Typographia Universal
pertencente a Coelho da Cunha, Brito & C.ª — rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

AS PESCAS MARITIMAS EM PORTUGAL

Para o livro intitulado *Notas sobre Portugal*, organisado pela Commissão encarregada de colleccionar os productos destinados á Secção portugueza da Exposição do Rio de Janeiro em 1908, coube-me a honra de ser convidado a escrever o capitulo sobre as *Pescas em Portugal e as salinas.*

Procurei, como me cumpria, dar uma ideia, tão exacta quanto eu soubesse, da situação actual das pescas portuguezas, subordinando o desenvolvimento do thema que me fôra proposto, á limitação do espaço concedido. A despeito, porém, dos meus esforços, e não obstante suppôr que havia reduzido as noticias ao minimo indispensavel, succedeu que a escrita veiu a exceder em muito o numero de paginas disponiveis; d'ahi a necessidade de realisar largas reducções.

Publicado, pois, o livro, pareceu-me que seria de algum interesse dar mais larga divulgação ás noticias sobre a nossa industria da pesca, porventura uma das que menos são conhecidas. Tal é o motivo da presente publicação, na integra, do primitivo trabalho, com a suppressão das poucas linhas que n'elle haviam sido dedicadas ás pescas fluviaes, por ter sido este ponto melhor tratado por outro collaborador das *Notas sobre Portugal.*

I. — Introducção

A situação geographica da Peninsula e a grande riqueza da sua fauna maritima fizeram com que desde a mais remota antiguidade tivessem fama as suas pescarias. Um dos artigos de trafico lucrativo dos Phenicios era o peixe salgado levado por elles da Iberia. Mais tarde, sob o dominio carthaginez e principalmente no tempo dos Romanos, desenvolveu-se muito o exercicio da pesca maritima, e ha noticias certas de estabelecimentos fixos n'essa epocha.

Designadamente a parte da Peninsula que depois foi Portugal,

apresenta condições muito favoraveis para a pesca. Portugal inteiro, póde dizer-se, é uma praia de mar; n'ella e ao longo dos rios que constituem os seus systemas hydrographicos, se estabeleceram os primeiros e mais importantes povoados; e assim uma parte relativamente grande da gente portugueza se applicou desde bem cedo a explorar as aguas maritimas e as fluviaes. As duas notaveis *rias*, de Aveiro e de Faro, eram dois riquissimos mananciaes de facil aproveitamento. Desde os primeiros tempos se encontram nomes de povoações que demonstram a applicação á pesca maritima, e até á de especies depois extinctas (Baleal, Athouguia da Baleia, etc.). Os foraes estão cheios de preceitos relativos a pescarias e sua tributação.

D. Diniz fundou, ao norte da sua dilecta villa da Pederneira, a povoação de Paredes, exclusivamente destinada á pesca. Com os descobrimentos maritimos do seculo XV iniciam-se as pescas longinquas. O Infante D. Henrique favoreceu a formação, em Lagos, d'uma companhia para a pesca nas costas de Africa recentemente descobertas. No mesmo dia memoravel (7 de junho de 1494), em que era assignado em Tordesillas o espantoso Tratado, pelo qual Portugal e Castella partilhavam o mundo, outro Tratado se assignava entre as duas potencias reservando para Portugal o exclusivo da pesca desde o Cabo Bojador até ao Rio do Ouro. A seguir aos descobrimentos dos Côrte-Reaes na America do Norte, estabeleceu-se a navegação para o Banco da Terra Nova, á pesca do bacalhau; Aveiro foi no seculo XVI o grande emporio d'essa pescaria longinqua. Mais recentemente o Marquez de Pombal fundou no extremo léste do Algarve a Villa Real de Santo Antonio para ser um importante porto de pesca. Nos nossos dias pescadores algarvios foram, em seus pequenos cahiques, estabelecer-se no Porto Alexandre, no sul de Angola. Açoreanos e cabo-verdeanos constituem ainda hoje uma parte importante das tripulações dos baleeiros americanos.

A agricultura e a pesca foram e são as duas industrias naturaes dos Portuguezes. Das suas qualidades de pescadores pacientes e audazes resultaram as suas excepcionaes aptidões para os descobrimentos maritimos e para todas as outras applicações aos diversos usos do mar.

II. — Situação actual

Conforme a região onde se exercem, classificam-se as pescas em: *lacustres*, *fluviaes* e *maritimas*; e estas em *costeiras*, *do alto* e *longinquas*. Consideremos por agora as pescas costeiras e do alto de Portugal continental.

Em relação a pescas está adoptada a expressão *planalto continental*, para significar a faxa ao longo das costas, mais ou menos em declive, até á profundidade de 100 braças, na qual apparecem e podem ser capturadas as principaes especies comestiveis. Esta faxa é muito *mais estreita* em Portugal e nas restantes costas occidentaes da Peninsula do que nas costas dos outros paizes da Europa banhados pelo Atlantico. D'este facto resulta uma excepcional variedade de condições bathymetricas junto das nossas costas, verificando-se a existen-

cia, em espaço mais limitado, de especies mais numerosas e com abundancia maior de individuos; e assim a industria da pesca fornecia productos em quantidade sufficiente para a alimentação nacional, que foi sempre ichthyophagica em alto grau, e ainda para exportação. Nos ultimos 50 annos o augmento da população, a melhoria das suas condições economicas, as facilidades de circulação no interior e principalmente o rapido augmento da exportação, tudo concorreu para tornar mais intensa a applicação ás pescas maritimas. Empregaram-se novos apparelhos, cada vez mais aperfeiçoados, para poderem colher maior quantidade de peixe com o trabalho de menor numero de individuos; o producto annual das pescas foi augmentando. Começou-se então a prever que esse augmento deveria ter um limite, se a abundancia das especies o tivesse, como, aliás, nem todos admittiam. Um derradeiro invento levou ao maximo a intensidade das pescas: as redes de arrastar rebocadas por vapores. Entretanto o planalto portuguez era sómente explorado por pescadores portuguezes, com excepção de uma parte da costa do Algarve, onde havia, e ha, a concorrencia de pescadores hespanhoes, origem de controversias grandes entre as duas nações. Mas, desde 1904, começaram a apparecer na nossa costa vapores de arrasto estrangeiros, os quaes, esgotados ou quasi os seus planaltos, vinham procurar trabalho no nosso; e esses vapores, de exploração muito economica, lucravam trazendo aos nossos portos o peixe por elles colhido. Os resultados foram: augmento de alimentação de peixe pelo barateamento, relativo, do custo de algumas especies; diminuição dos lucros dos pescadores nacionaes; despovoamento, relativo, do planalto para as especies que os vapores principalmente colhem. Por isso os vapores estrangeiros começaram já a estender os seus lanços para o planalto da costa de Marrocos; os portuguezes procuram transformar-se de modo a poderem ir tambem áquella costa; e d'este modo a pesca com vapores, que era *do alto*, tende a transformar-se em *longinqua*.

Mas a industria da pesca é tão natural aos Portuguezes, que, a despeito d'estes incidentes, ella tem sempre enthusiastas. Todos os annos são requeridas novas concessões de locaes, principalmente para armações de sardinha e depositos de lagostas (V. *infra*), e por toda a costa se observa o desenvolvimento na applicação de iniciativas e de capitaes. As informações que se seguem, condensadas quanto possivel, servirão para completar este esboço.

III — As especies maritimas

Em dois grandes grupos se podem dividir as especies ichthyologicas maritimas: as *sedentarias* e as *emigrantes*; estas ultimas podem ainda ser subdivididas em *viajantes* e *emigrantes propriamente ditas*; d'umas e d'outras contam os naturalistas cerca de 270, constituindo a riqueza da nossa fauna maritima. Nem todas são comestiveis, ou de uso vulgar e agradavel. Algumas são raras, outras de avultada frequencia. Em geral a biographia dos peixes contem ainda hoje muitos pontos de interrogação; d'aqui resulta que a technica das pescas e a

sua administração pelo Estado teem de soffrer frequentes vari
conforme os novos conhecimentos que vão sendo adquiridos.

Sob o ponto de vista de fino sabor, os melhores peixes das
maritimas portuguezas são: *pregado, rodovalho, imperador*, .
salmonete, linguado, cherne, corvina e *atum*. Em relação á abı
cia convém mencionar: *sardinha, carapau, pescada, faneca*
crustaceos ha a indicar: *lagosta, lavagante* e *camarão*. Dos mo
cephalopodes citaremos: *polvo, lula e choco;* e dos bivalves:
mexilhão, ameijoa e *berbigão*.

Digamos poucas palavras sobre algumas das principaes es|

Sardinha. — Muito abundante em toda a costa. Apresen
vezes irregularidades, ainda hoje inexplicaveis, na sua freq
Ha alguns annos desappareceu quasi de repente das costas de
ça, ao mesmo tempo que recrudesceu em abundancia nas de Po
foi essa uma das causas do desenvolvimento das nossas fabri
conservas. A sua maior frequencia é, normalmente, a seguin
norte, de outubro a janeiro; no centro, de dezembro a abril;
de setembro a dezembro.

Pescada. — E' o peixe graúdo de uso mais vulgar; emp
nos hospitaes, como dieta, depois do linguado e da faneca. A p
adulta colhe-se nas grandes profundidades, de mais de 100 r
Da applicação de certas artes de arrasto resulta a pesca da *ma*
que é a pescada ainda não adulta, e d'ahi a diminuição das a
que chegaram a ser consideradas peixe rico. Mas o arrasto a
veiu tornar mais frequente a pescada, que é hoje assaz abund
mercado de Lisboa, não tanto já pela colhida na nossa costa
pela que os vapores trazem de mais longe.

Carapau, chicharro (carapau grande). — Especies muito ab
tes, muito usadas pela classe popular, pelo seu baixo preço; po
escasseiam e encarecem.

Atum. — Peixe de grandes dimensões, chegando a 1 metro
de comprimento, muito apreciado, principalmente de conserva.
rece quasi exclusivamente na costa do Algarve, em duas epoc
secutivas, mas passando em direcções oppostas: de abril a
transita de oeste para léste *(atum de direito)*, de julho a ago
léste para oeste *(atum de revez)*. A explicação d'esta mudar
está ainda hoje cabalmente conhecida. A frequencia do atum
variavel de anno para anno. A sua pesca só pode ser exerci
grande industria.

Lagosta e *lavagante.* — Assaz abundantes, sobretudo a pr
nas costas do norte e do centro. O seu uso era pouco vulgar
tugal. Ha cerca de 20 annos começaram a ser procuradas por
geiros, principalmente francezes, que as compravam aos noss
cadores, levando-as em pequenos navios, de construcção ad
para as poderem conservar vivas em agua do mar. Desde
pesca da lagosta e lavagante desenvolveu-se muito; constru
nas rochas da costa depositos apropriados, onde a agua do ma
e nos quaes se conservam os animaes vivos até serem exporta
pesca tornou-se intensiva.

Ostra commum ou *ostra portugueza.* — Vulgar, quasi sempre de pequenas dimensões e de gosto mediocre. O capitão de um navio que de Portugal levava um carregamento de ostras para França, tendo-se demorado na viagem, imaginou-as mortas e lançou-as ao mar n'um ponto da costa d'aquelle paiz; como nem todas estivessem mortas, formaram-se bancos, d'onde hoje são extrahidas as ostras chamadas portuguezas, que se vendem no mercado de Paris. Tem-se tentado, com pouco exito, repovoar os nossos bancos com a *ostra franceza*, mais saborosa, e que em tempos existiu espontanea no Algarve.

Mexilhão; *ameijoa*; *berbigão.* — Molluscos bivalves muito apreciados. O mexilhão abunda principalmente na ria de Aveiro; a ameijoa na ria de Faro; e são ambos objecto de commercio lucrativo. O berbigão, mais vulgar em quasi toda a costa, é principalmente empregado pela classe piscatoria.

Bacalhau. — Esta especie é a de maior consumo em Portugal, sobretudo nas classes media e popular. O grande desenvolvimento das pescarias dos Portuguezes no Banco da Terra Nova diminuiu muito a partir do seculo XVII. Actualmente vão alguns navios, que trazem o peixe para seccar nos seus portos de armamento — Figueira, Lisboa e Ponta Delgada e ultimamente tambem em Aveiro. Mas a proporção do bacalhau chamado nacional é minima, comparada com a do chamado bacalhau estrangeiro, que é necessario importar para satisfazer ás necessidades do consumo.

Cetaceos (baleia, cachalote). — Afóra a pesca realisada por nacionaes fazendo parte das tripolações de navios estrangeiros, hoje só nos Açores se fazem armamentos para a baleia, e ainda assim, apenas para apanhar as que passam á vista das ilhas, e que se procuram arpoar com incrivel audacia e não pequeno risco.

Das especies abyssaes, em geral não comestiveis, devem-se mencionar os variados *esqualos* e outros peixes, alguns raros; o seu conhecimento foi muito augmentado pelas explorações oceanographicas iniciadas nos nossos mares em 1870 pelo *Porcupine* e *Norna*, continuadas por outros navios, entre os quaes se devem mencionar o *Travailleur* e o *Talisman* e mais tarde o *Princesse Alice* do Principe de Monaco, e finalmente ampliadas pelas companhas do yacht *Amelia*, d'El-Rei D. Carlos, cujos estudos e collecções foram devidamente apreciados pelos naturalistas nacionaes e estrangeiros.

IV. — A technica

A industria da pesca maritima carece essencialmente de *apparelhos* para a captura das especies, de *barcos* para a applicação d'esses apparelhos e transporte de pescaria, e ainda subsidiariamente de *estações* ou *portos de pesca*, devidamente preparados com armazens, caes, abrigos e outros auxiliares para a boa utilisação da industria. O emprego do conjunto d'estes instrumentos de trabalho constitue a *technica*, que será tanto mais aperfeiçoada, quanto mais elles concorrerem para a melhor utilisação.

Dos *barcos de pesca* ha em Portugal grande variedade, m
do se ainda typos de data muito antiga e de construcção assaz p
tiva; talvez alguns d'esses typos conservem ainda vestigios do
cos phenicios. Muitos d'elles são assaz originaes, alguns especia
nossas costas, alguns outros tendendo a desapparecer. Citarei
saveiros, *ilhavos* e *meias-luas*, de poppa e proa recurvadas, as *b*
póveiras com o nome, quasi sempre religioso, sobresaindo das
vivas do costado, os *cahiques do Algarve*, de fórmas elegantes
lembram as antigas caravelas. As *rascas da Ericeira* e as *mul*
Barreiro, typo este que tanto enthusiasmou o notavel archeolo
val francez, o almirante Paris, deixaram de empregar se.

Todas as embarcações de remo ou de vela usadas nas noss
cas, são, com rarissimas excepções, construidas em Portugal.

São muito numerosos e de variadissima nomenclatura os
mentos empregados em pesca. Podem classificar-se em: *fisgas*,
e congeneres, *apparelhos* de *linha* com um ou mais *anzoes*,
dragas (arrastos). As redes podem ser ou de *emmalhar*, qu
peixe nadando atravez das suas malhas fica entalado n'ellas,
plesmente de reunir o peixe em um bolso ou *sacco*. — Os app
para a pesca da sardinha estão hoje officialmente classificad
fixos e *moveis;* os primeiros abrangem as *armações (valencia*
dondas), e os segundos subdividem-se em apparelhos de *emm*
de *cercar (para terra, para bordo)*. Os apparelhos para a p
atum na costa do Algarve são todos fixos *(armações*, antigam
madravas). Uma armação de sardinha, e mais ainda uma arm
atum, consta d'um conjunto assaz complicado de redes, am
boias, com nomenclatura especial, e cujo emprego demanda m
ber experimental. Os *vapores de pesca* empregam-se ainda
mente no *arrasto* pelo fundo; os apparelhos por elles usados
dos de invento estrangeiro, com o nome generico de *trawls;*
de muito aperfeiçoados, os seus effeitos não podem deixar de
siderados destruidores. — Entre a grande variedade de app
alguns ha que são antagonicos entre si; assim os *cercos* e *gal*
antagonicos com as *armações*, *sardinheiras* e *artes de chaveg*
arrastos com os *apparelhos de linhas* e *redes fundeadas;* ond
lhe um d'estes apparelhos, não podem trabalhar os outros,
mutuamente se prejudicam. Certamente uns apparelhos são ma
feiçoados que outros, ou, talvez melhor, uns colhem mais pe
outros; mas nem todos os pescadores podem dispôr dos melh
parelhos; d'ahi a necessidade de intervir o Estado, regulando
cicio dos diversos apparelhos.

Nem todas as especies são egualmente frequentes na nos
durante o anno inteiro; já dissemos o que succede em relação
e á sardinha; por isso tambem a applicação da technica varia
epochas durante o anno.

São numerosissimos os nossos *portos* ou melhor *estações d*
visto que na verdade não temos um porto de pesca com tod
envolvimento necessario, como ha em alguns outros paizes, n
tos, principalmente no Norte; mas tambem é certo que as c

ıossos mares são em geral mais favoraveis que as dos mares do
: da Europa. Adiante voltaremos a este ponto.

V. — Os pescadores

s seguintes numeros, tirados de estatisticas cada vez mais aper-
ıdas, mas em todo o caso fornecendo sómente elementos aproxi-
s, indicam os individuos (homens, mulheres e creanças) empre-
; na pesca maritima em quatro epochas, no continente e nas ilhas
entes (Açores e Madeira). A elles ter-se-ia de accrescentar os dos individuos que mais ou menos permanentemente se dedicam á pesca fluvial propriamente dita, e tudo deveria porventura ser augmentado com um coefficiente de correcção. Se a esse total se juntassem ainda os numeros representando os individuos empregados nas industrias de transformação, nas salinas, e em outros trabalhos directa ou indirectamente relativos ás pescarias e seus derivados, chegariamos talvez a muito perto de 58:000, isto é, a mais de um centessimo da
ação total do continente e ilhas, como representando a quanti-
da gente portugueza (na Europa) que vive da extracção dos pro-
s do mar e dos rios.

s	Individuos
	29.564
	34.766
	41.548
	45.191

alando se de *pescadores*, deve-se distinguir entre o *trabalhador*
iamente dito, em geral proletario, e o *industrial*, dispondo de
ıes mais ou menos avultados. No norte o trabalho da pesca é
mente individual; no sul, e principalmente no que respeita ás ar-
es, é collectivo; os pescadores do norte são, pois, mais indepen-
s, mas tambem mais sujeitos a crises, por vezes bem tristes.
oda a parte havia, porém, o espirito associativo, mas especial-
e sob a fórma religiosa (*irmandades*, *compromissos*); apparecem
ı tendencias para associações modernas, principalmente no sul.
thnicamente as povoações piscatorias, sobretudo no norte e no
o, formam nucleos, por vezes muito caracteristicos (*póveiros*,
anneiros (da Foz do Douro), *ilhavos*). Os *varinos* (oriundos de
e Murtosa, mas vivendo em grande numero em Lisboa) são os
dores por excellencia; as suas mulheres dão ás ruas da capital a
alegre dos pregões da venda do peixe, e da elegancia, por vezes
tural, das suas figuras, que tanto impressionam os estrangeiros.
pescadores são, em geral, morigerados; por isso a criminali-
é diminuta entre elles; casam cedo, e são muito prolificos. A
ıstrucção deixa bastante a desejar; em diversos centros de pesca
ıero de mulheres sabendo ler e escrever é muito superior ao dos
ıs; por isso muitas vezes são ellas as gerentes das pequenas so-
es; ha mesmo muitas mulheres negociantes de peixe. — Os ho-
são bons marinheiros; Ilhavo é ainda hoje a patria de grande
) de officiaes da marinha mercante. — Os duros trabalhos do
s soffrimentos do proletariado, as tradições, o espirito religioso,
ados da familia, são os principaes elementos da vida mental
cadores, que se manifestam nos seus descantes e diversões.

Os pescadores emigram pouco; alguns teem ido para Africa (Mossamedes); das crises por que a Povoa de Varzim tem passado, resultou um começo de emigração para o Brazil (Pará, Maranhão).

VI. — A industria

Nos trabalhos estatisticos elaborados pela Commissão Central de Pescarias consideram-se tão sómente as pescarias sob a jurisdição administrativa do Ministerio da Marinha, isto é, as que se realisam no *mar* e nas *aguas salobras* (aguas dos rios, rias e esteiros até onde aquella jurisdicção se exerce). Considerando, pois, o seu conjunto sob a denominação geral das *pescas maritimas*, diremos que a industria d'estas se póde dividir em: *pequena*, quando é exercida por um individuo só ou apenas com pessoas de familia, empregando apparelhos seus proprios; *media*, quando é exercida por uma *campanha*, da qual em geral o *mestre* é o proprietario do barco e por vezes tambem das rêdes; e *grande*, a qual se applica principalmente á pesca da sardinha e do atum por armações, bem como á do bacalhau e é em muitos casos exercida por *sociedades commerciaes*.

O custo do apparelho completo, incluindo as embarcações, d'uma armação valenciana para a sardinha oscilla entre 7 e 14 contos; o de uma armação de atum entre 14 e 20 contos. Em 1906 lançaram-se 133 armações de sardinha e 17 de atum.

Condensando os dados da ultima Estatistica publicada, com a correcção, relativa ao valor da pescaria, mencionada na Obs. 1.ª ao quadro que mais adeante se publica, temos que os seguintes numeros representam a valorisação da industria das pescas maritimas portuguezas (continente e ilhas adjacentes) no anno de 1905. D'estes numeros póde concluir-se approximadamente a relação entre o capital empregado na industría e o producto bruto da exploração. Não seria, porém, exacto que da relação entre o valor d'este producto e o numero de individuos se pretendesse deduzir o lucro de cada um d'estes, vista a diversidade, acima indicada, dos modos como a industria se exerce.

1905	
Numero de individuos.	45.191
Numero de embarcações.....	10.179
Tonelagem das embarcações.	30.215^{m3}
Valor das embarcações......	826 contos
Valor dos apparelhos	1.992 contos
Valor da pescaria	5.418 contos

A industria distribue-se regionalmente por *estações* ou *portos de pesca*, já definidos. D'estes podem contar-se cerca de 110 só no continente, alguns de importancia minima. A determinação do valor d'um porto de pesca póde fazer-se sommando o valor do material empregado com o da pescaria colhida. Fazendo esse trabalho para o anno de 1905, encontramos o seguinte, em relação aos nossos portos de pesca maritima de importancia superior a 120 contos.

...ncia dos dezenove principaes portos de pesca em 1905; ... outras informações

(Os valores são dados em contos de réis)

Nomes	Valor do material		Valor da pescaria		Importancia do porto	Numero de individuos	Embarcações	
							Numero	Tonelagem
...etubal *	357	+	750	=	1.107	3.527	697	2.740
...veiro *	185	+	530	=	815	4.250	892	1.116
...illa Real de Santo Antonio*	57	+	636	=	693	1.325	197	882
...isboa *	126	+	452	=	578	1.129	169	1.415
...ezimbra	185	+	381	=	566	1.524	467	1.039
...azareth	142	+	253	=	395	1.378	273	992
...agos	200	+	152	=	352	1.140	233	1.271
...lhão *	195	+	142	=	337	3.619	420	1.808
...eixões	116	+	216	=	332	1.922	580	1.925
...illa Nova de Portimão	138	+	163	=	301	1.395	261	975
...aro *	226	+	53	=	279	1.792	469	2.208
...ovoa de Varzim	120	+	151	=	271	2.834	475	2.577
...igueira * (com Buarcos)	82	+	176	=	258	3.192	417	1.309
...orto *	78	+	148	=	226	1.674	385	1.216
...eniche	59	+	159	=	218	632	213	517
...unchal	51	+	107	=	158	973	515	1.315
...ascaes	67	+	86	=	153	412	81	230
...avira *	118	+	33	=	151	740	222	458
...onta Delgada	28	+	99	=	127	2.066	343	751

...ervações. — 1.ª Todas as indicações são extrahidas da *Estatistica das* *Maritimas* no anno de 1905; mas o valor da pescaria é augmentado de ...bre o que a *Estatistica* fornece, sendo este augmento arbitrado pela ex...ia para corrigir as deficiencias provenientes de diversas causas, e entre ...valor da alimentação dos proprios pescadores. — 2.º Os portos marcados ...são aquelles em que, além da pesca maritima, ha a das aguas salobras. ...a valorisação do porto de Aveiro inclue-se a das diversas estações de ...esde Furadouro até Mira, tanto da beira-mar como da ria, e por isso o ...dinario numero de 892 embarcações. — 4.º Lisboa, como porto de pesca, ... as diversas estações das duas margens do Tejo, desde Pedrouços até ...a, e ainda a de Caparica; esta é de todas a mais importante, quanto ao ... de individuos empregados na pesca, seguindo-se-lhe Seixal, Barreiro e ...a. — 5.º Aos valores da pescaria, para Lisboa e Porto, ha que accres... respectivamente os de 210 e 122 contos (sem augmento de 25 %) de peixe ... pelos vapores de arrasto estrangeiros; mas estes valores, pela sua ori...ão podem entrar na determinação da *importancia* d'aquelles dois portos ...a. — 6.ª N'este mappa apparece Cezimbra em quinto logar, ao passo que ...os anteriores occupava o primeiro; é manifestamente um anno excepcio...te mau para Cezimbra que sempre foi considerada o primeiro porto de ...le Portugal. — 7.º Leixões valorisa-se em parte pelo peixe que ali é le...elos pescadores da Povoa de Varzim; d'ahi o logar inferior occupado no ... por este ultimo porto de pesca, que até ha poucos annos era o primeiro ...a do norte; entretanto é certo que diversas causas concorrem para a di...lo da importancia da Povoa, como porto de pesca. — 8.º Da mesma fórma

Villa Real de Santo Antonio valorisa-se em parte com a pescaria de outros portos do Algarve, principalmente Lagos, Faro e Tavira, que ali é levada por mar para as fabricas.—9.ª Na valorisação dos portos, que tambem armam para o bacalhau e para a baleia, não se incluem os elementos relativos a estas pescas, que a *Estatistica* considera á parte.—10.ª Estas observações e outras que por brevidade se omittem, mostram que as indicações do mappa só são exactas *grosso modo;* serão necessarios estudos estatisticos de muitos annos para se poder chegar a conclusões mais rigorosas.

No fim d'este trabalho se publica um quadro com os principaes elementos das pescas maritimas e das aguas salobras, no decennio de 1896-1905.

VII — A preparação

O peixe *fresco* que se destina ao consumo immediato, não carece de qualquer trabalho de preparação; quando muito algumas especies são *salpicadas*, isto é, recebem externamente leve porção de sal; e emprega-se tambem o gelo, principalmente na pesca exercida pelos vapores. Mas logo que o consumo tem de demorar-se, o peixe carece de ser preparado. Este trabalho pode ter em vista sómente conservar o peixe até ser cosinhado, ou então preparal-o desde logo para o consumo ulterior. Em Portugal empregam-se principalmente os seguintes processos: *secca, salga, salmoura, escabeche* e *conserva* propriamente dita.

A seccagem emprega-se no Algarve para preparar a *moxama* (tiras de atum, prensadas e seccas ao ar livre) e as *ovas de atum;* e em alguns pontos de pesca para a arraia e o cação; tudo isto de pequena importancia industrial. O bacalhau é salgado e secco ao ar livre. O escabeche emprega-se para o mexilhão (Aveiro) e algumas especies de peixes ricos. A salga e a salmoura applicam-se principalmente á sardinha e atum. N'outros tempos empregou-se muito a pescada salgada.

Mas a preparação industrialmente mais valiosa é a que realisa pela conserva, e que se applica tambem principalmente á sardinha e ao atum, e, em quantidade muitissimo menor a outros peixes e á lagosta. A industria da conserva do atum em latas foi introduzida em Villa Real de Santo Antonio por um italiano, com o fim de exportar o peixe preparado para o seu paiz; por isso os lettreiros das latas eram escritos na sua lingua. Mais tarde vieram industriaes francezes preparar a sardinha, que introduziram no seu paiz, em latas com lettreiros em francez. A seu exemplo começaram os industriaes portuguezes a preparar as conservas de peixe; hoje esta industria está muitissimo desenvolvida no nosso paiz, e as conservas portuguezas de peixe conquistaram já logar preeminente no consumo mundial. Os principaes centros de fabricas de conservas de peixe são: Mattosinhos, Espinho, Lisboa, Setubal (o mais importante) Faro e Villa Real de Santo Antonio.

VIII — A circulação no paiz; o commercio

Já dissemos que a gente portugueza é altamente ichthyophaga; a sardinha e o bacalhau são alimentos vulgares, principalmente nas provincias do norte e do centro do paiz; por isso se aproveitam todos os meios para fazer circular o peixe fresco; a viação accelerada veiu

itar muitissimo essa circulação; mas ainda se empregam os trans·
ꞌs em solipedes e até o transporte á cabeça a grandes distancias;
ꞌentemente em aldeias sertanejas, e muito afastadas da costa, se
apregoar peixe fresco; e villas e cidades do interior teem o seu
ado especial de peixe em determinados dias da semana.
ssim, pois, uma grande parte do producto das pescas maritimas
ısumida no paiz, tendo de se lhe addicionar ainda o peixe im-
do. Segundo a *Estatistica especial de commercio e navegação* para
, o valor do peixe importado n'esse anno foi de 3.494 contos;
ı verba só o bacalhau, chamado estrangeiro, entra por 3.012
s; e no resto avultam 208 contos de peixe fresco importado de
ınha, sendo principalmente pescada e outros peixes graúdos de
para consumo immediato no Porto e sardinha do sul de Hespa-
ara as fabricas de Villa Real de Santo Antonio.
as, a par d'este deficit de producção para o consumo interno de
, cumpre pôr em relevo o alto valor da nossa exportação. No quadro ao lado foram condensados os valores da exportação, em 1905, dos cinco principaes productos de industria extractiva do continente e ilhas (excluindo, portanto, a reexportação dos generos coloniaes); e n'elle se vê que as pescarias exportadas occupam o quarto logar, immediatamente depois dos principaes productos agricolas do paiz. No quadro que ·, damos o desenvolvimento da exportação de pescarias em 1905.

Exportação em 1905 (*Valores em contos de réis*)	
hos	10.480
ꞌiça e rolhas	3.664
ctas, legumes e assemelha-ꞌs (batatas, etc.)	2.244
ꞌarias	2.202
eraes	1.336

Pescarias exportadas em 1905; principaes paizes importadores

Designações da pauta	Valores	Nomes	Valores
ıha de conserva	1.493 contos	Inglaterra	528 contos
		Allemanha	247 »
		França	201 »
		Belgica	114 »
		Brazil	100 »
ıha fresca e com sal	261 »	Hespanha	170 »
		Brazil	28 »
fresco e com sal	176 »	Hespanha	168 »
de conserva	145 »	Italia	128 »
s peixes frescos e com sal	53 »	Hespanha	41 »
co (lagosta, etc., excepto os-ı) *	32 »	França	21 »
		Hespanha	11 »
ꞌ de peixe	26 »	Inglaterra	15 »
s peixes de conserva	16 »	S. Thomé	5 »
Somma	2.202 contos		

Pro memoria — Ostras exportadas no valor de 27$000 reis.

Finalmente daremos a seguinte nota da variação dos valores das principaes especies exportadas em cinco annos.

Designações	Annos (Valores em contos de réis)				
	1901	1902	1903	1904	1905
Sardinha de conserva	1.154	1.299	1.428	1.342	1.493
Sardinha fresca e com sal	196	802	198	220	261
Atum fresco e com sal	141	52	106	123	175
Atum de conserva	180	195	255	180	145

IX — **Varia**

Alguns productos do mar e das aguas salobras são colhidos com destino immediato a adubos das terras: são principalmente os *caranguejos* e as *plantas marinhas*. Os caranguejos são apanhados sobretudo no norte, desde Caminha até á Figueira, e conhecidos pelos nomes de *pilado* e *mexoalho*; a pesca exerce-se exclusivamente por meio de redes de arrastar para terra; o producto d'esta pesca em 1905, augmentado de 25 o/o sobre o da Estatistica, avalia-se em 143 contos. As plantas marinhas propriamente ditas (a que os pescadores chamam *argasso*, *sargaço*, etc.) são colhidas em toda a costa, mas especialmente no norte. Os habitantes das costas em geral apanham as que são arrojadas pelo mar; mas entre Espozende e a Povoa vão buscal-as a alguma distancia em jangadas muito caracteristicas, tripoladas por um só individuo, por vezes uma mulher. Na ria d'Aveiro as plantas criam-se em *praias*, porções de terreno ou sempre alagadas ou que descobrem na maré baixa; a colheita do *moliço* (nome generico com que essas plantas são designadas) dá logar a uma industria assaz desenvolvida e de effeitos destruidores para a fauna que habita as mesmas aguas.

Tem-se feito tentativas para o desenvolvimento da piscicultura, principalmente nas aguas salobras; por emquanto pouco ha de aproveitavel. Os chamados *viveiros* de peixe na ria d'Aveiro são quasi todos meros depositos, alguns fazendo parte das salinas. Na ria de Faro téem tido um certo desenvolvimento os *depositos de ameijoas*. Pensa-se na organisação de uma estação experimental, organisada conforme os preceitos dos modernos conhecimentos.

Em todas as colonias portuguezas mais ou menos se exerce a pesca maritima. Os mares que rodeiam as ilhas de Cabo Verde são piscosos, e tambem ali existe o *coral*, cuja apanha é exercida principalmente por italianos. No districto de Mossamedes, da provincia d'Angola, e principalmente em Porto Alexandre, está muito desenvolvida a pesca, exercida por algarvios; a maior parte do peixe colhido é preparado pela seccagem, e tem consumo certo no resto da provincia e ainda na de S. Thomé para alimentação dos serviçaes das roças.

Em Lourenço Marques iniciou-se ha poucos annos a pesca de arrasto por vapores. No archipelago do Bazaruto, proximo da costa de Sofala, e nas ilhas de Cabo Delgado e costa fronteira ha bancos naturaes de *ostras perliferas*, para cuja exploração scientifica se teem organisado companhias.

X — Sal; salinas

A industria da extracção do *sal marinho* (chloreto de sodio) é muitissimo antiga no nosso paiz. Ha documentos do seculo IX relativos ás salinas d'Aveiro; quando os Portuguezes conquistaram Alcacer (do Sal), encontraram já ali a industria em plena laboração pelos arabes. Esta industria exige locaes da maior serenidade; por isso não pode ella estabelecer-se nas costas, e tem de se exercer principalmente em terrenos banhados por aguas salobras, o que demanda maiores superficies de evaporação e mais tempo para esta se completar.

Uma salina consta de um *viveiro*, onde são recolhidas as *aguas-mães*, e de um ou dois *taboleiros* quadriculados; a agua vae passando de um para outro d'estes reservatorios, cada vez mais carregada em salinidade, até que no ultimo começam a formar-se os cristaes que são successivamente colhidos e depostos em pequenos monticulos nas divisorias das salinas, e mais tarde reunidos nas *eiras* em montes de rigorosas formas geometricas. O trabalho das salinas exige muitos cuidados. O conjunto das salinas d'uma região offerece espectaculo *sui generis* com aquella extensão, por vezes vasta, de terreno quadriculado, onde as aguas serenas reproduzem as imagens como espelhos, e com os montes de sal alvinitente a quebrar a monotonia da paizagem.

Existem salinas (ou *marinhas de sal,* conforme se diz mais geralmente): na parte mais larga da ria d'Aveiro, entre Ilhavo e a foz do Vouga; na Figueira; na margem direita do Tejo, na Povoa de Santa Iria; em Alcacer do Sal e em Faro. As mais importantes em productos são as de Alcacer do Sal e Aveiro.

Eis os principaes elementos da industria salineira em Aveiro. Em geral o *proprietario* da marinha dá-a de exploração a um *marnoto* (o operario industrial propriamento dito), e os dois partilham os lucros liquidos. Uma marinha de grandeza regular exige o trabalho de 1 marnoto e 1 moço; quando a abundancia é maior, é necessario o auxilio de um outro moço e de 1 mulher carregadeira. Além do sal, ainda as marinhas produzem moliço, o que dá um accrescimo de lucro, mas tambem um accrescimo de trabalho para a limpeza. Tambem é origem de lucro o peixe que entra nos *viveiros*, e que em Aveiro é colhido de dois em dois annos. Em 1888 existiam em Aveiro cêrca de 400 marinhas, empregando, pois, normalmente 800 homens além dos que fazem os serviços de carga e descarga dos barcos e manobra d'estes; n'essa época o valor do sal produzido em Aveiro era calculado em 64 contos.

O sal portuguez adquiriu a justificada fama de ser do melhor do mundo; por isso era elle procurado pelas outras nações; desde o seculo XV Setubal deve ao commercio do sal grande parte do seu des

envolvimento. Mas com o decorrer dos tempos, e principalmente a partir da segunda metade do seculo passado, essa procura tem diminuido muito, devido, ao que parece, e em relação aos paizes do norte da Europa, ao desenvolvimento da exploração do sal mineral (sal gemma) e do seu emprego. Da *Estatistica do commercio e navegação* extrahimos os seguintes elementos da nossa exportação de sal em 1905: quantidade — 81.866 toneladas; valor — 87 contos; principaes paizes importadores: Hollanda — 27.000 t., França — 13.500 t., Suecia — 12.000 t., Hespanha — 8.000 t., Inglaterra — 7.500 t., Allemanha — 7.000 t., Noruega — 4.500.

XI

A administração das pescas

A administração superior das pescas maritimas e nas aguas salobras pertence ao Ministerio da Marinha, que a realisa pelos seus representantes: chefes dos departamentos, capitães dos portos e delegados maritimos. Na Direcção Geral da Marinha a 2.ª repartição tem a seu cargo os serviços das pescas. Como corpos consultivos ha as Commissões de pescarias, a saber: central junto á Direcção Geral, departamentaes junto aos departamentos, e locaes junto ás capitanias. A acção do Ministerio da Marinha applica-se á regulamentação do exercicio da pesca, fiscalisação e protecção das especies. Os dois principios fundamentaes da legislação portugueza actual sobre pescas estão consignados no Codigo Civil: art.º 395.º—liberdade de pesca, sem distincção de pessoas, sujeita aos regulamentos administrativos; art. 396.º — regulamentação nas aguas publicas pelo poder executivo.

A tributação das pescarias maritimas é exercida pelo Ministerio da Fazenda, por intermedio dos seus agentes; o *imposto de pescado* é de 5,032 0/0 *ad valorem*; o valor é o da *lota*, venda do peixe quando é desembarcado. O bacalhau nacional paga 12 réis por kilo.

A administração das pescas fluviaes propriamente ditas pertence ao Ministerio das Obras Publicas. Mas, por excepção, e em virtude do respectivo Tratado, a fiscalisação da pesca do rio Minho, na parte commum á Hespanha, é exercida por delegados do Ministerio da Marinha.

Fevereiro de 1908.

VICENTE ALMEIDA D'EÇA.

LE MONT CASSEL

Rectification de l'altitude officielle d'après des constatations géologiques

La petite ville de Cassel dont il va être question, est située à 30 km. du port de Dunkerque dans le Département du Nord. Elle est batie au sommet de l'une de ces collines tertiaires de Flandre dont le mode de formation géologique a donné lieu à diverses théories explicatives, isolées qu'elles sont au milieu du pays plat et formées de couches de sédiment absolument horizontales. Celle de Cassel est la deuxième vers l'Ouest, et la plus élevée ; le mont des Cattes, le mont Noir, le mont Rouge, le mont de Kemmel, etc., s'étendent en ligne, mais isolés, dans la direction de l'Est en travers de la frontière franco-belge. Toutes ces collines sont formées de couches horizontales de sables très divers, mais en très grande partie de l'époque éocène moyenne du terrain tertiaire inférier. La partie supérieure, la cime de ces collines, des plus hautes seulement est de l'epoque pliocène ou tertiaire supérieure, constituée par des sables et des grés diestiens. L'epoque miocène n'est représentée que par une mince couche d'argile impermeable. La mer tertiaire dite bassin anglo-belge a déposé ces sédiments en vastes plages, car cette région était sur ses bords ; puis, à l'époqne glaciaire, des inondations, des cataclysmes ont enlevé tout cette couche de sable immense et épaisse de plus de 100^{m}, sauf ces collines isolées qui sont restées comme les repères ou indicateurs des anciens niveaux, peut-être par la résistance plus grande de bancs de grés, ou plutôt par le croisement des torrents venant des terrains secondaires restés plus élevés ou souléves et qui en s'entrecroisant et tourbillonnant formaient des points morts, seuls endroits où les couches sableuses n'étaient pas emportées. L'argile yprésienne, sur laquelle reposent les nombreuses couches de sable, était du reste elle-même profondément ravinée par les eaux cataclysmiques, puisqu' au mont Cassel les sables sont assis sur cette argile à la cote de 76^{m} d'altitude, tandis que dans la plaine voisine cette argile descend à la cote de 10 a 20^{m}. Elle donne à toute cette plaine une fertilité indirecte, c-à-d. qu'elle est elle-même difficile à cultiver là ou elle se montre à la surface, mais elle est en général recouverte d'une couche de terre arable, limon sableux qui profite de l'humidité retenue par l'argile et aussi de tous les engrais que l'on y dépose, rendant facilement et largement de riches récoltes et produisant de gras pâturages. Cette couche d'argile yprésienne, épaisse de 80 à 100^{m}, détermine aussi un habitat particulier bien différent de celui des pays voisins du Pas-de-Calais et de la Somme, où le sous-sol est une craie perméable absorbant l'eau des pluies. Ici il y a une dissémination complète des habitations, et bien peu se groupent autour des églises ; c'est que le cultivateur a un très grand avantage à s'installer dans le voisinage même des champs qu'il cultive quand il peut, comme je viens de le

dire, trouver partout à fleur de terre une eau bonne et assez abondante pour les besoins de son exploitation. Il suffit de creuser une fosse dans le sol arable jusqu' à l'argile et même un peu au delà en entamant celle-ci pour former le fond imperméable de la cuvette destinée à mieux conserver l'eau de pluie qui arrive par ruisssellement ou simplement par infiltration continue des parois de la terre arable servant de nappe aquifère.

Mais cette dissémination des habitations si commode pour la culture a eu l'inconvénient de donner aux habitants un caractère peu communicatif et d'entretenir la routine et les habitudes surannées, donnant difficilement accès au progrès. Le sol et l'homme ne sont-ils pas toujours intimement liés dans leur existence ! Cependant les belles routes, praticables en toutes saisons, que l'on a créées depuis 30 ans, ont préparé avec l'aide de l'instruction et du service militaire obligatoires une évolution favorable qui commence à s'accomplir.

On pourrait se demander comment la ville de Cassel a pu s'établir au sommet d'une colline de sable et y trouver l'eau nécessaire aux besoins de la vie ; c'est que le mont Cassel a un sommet d'une surface assez vaste présentant à l'Ouest une éminence ou butte de 19^{m} environ de haut d'où nait une crête longue de quelques centaines de mètres se dirigeant vers l'Est. Tout le sommet sableux se trouve être une mappe aquifère, car il repose sur une couche d'argile mince mais imperméable qui seule représente la période miocène, les sables divers qui sont au dessous étant de l'éocène. Ils reposent sur la grande assise d'argile de Flandre ou Yprésienne, de sorte que vers la base du mont, vers la cote 75 mètres, naissent de nombreux filets d'eau qui forment um certain nombre de ruisselets arrosant la campagne environnante.

Tel est le Mont Cassel, si connu par les campagnes de Jules César contre les Menapiens qui y avaient établi un retranchement et fortifié la butte.

De là ils guerroyaient contre les Morins, qu'ils en avaient chassés, ravageant periodiquement leur pays et se retirant avec les dépouilles dans leur citadelle qui se trouvait cependant encore sur le territoire des Morins. Mais ceux-ci, plus paisibles et adonnés à l'agriculture, étaient impuissants à empêcher les courses rapides et désastreuses des envahisseurs. Jules César trouva excellent le point stratégique et s'en empara pour soumettre ces barbares qui reculaient devant lui et s'abritaient, insaisissables dans leurs vastes contrées marécageuses s'étendant jusqu'à l'estuaire de l'Escaut. Les Romains voyant la butte facile à fortifier et ayant de l'eau à volonté s'installérent à demeure au sommet du Mont Cassel, d'où l'on pouvait surveiller tout le pays jusqu'à la mer ; ils y établirent une véritable forteresse et les ruines des murailles romaines existent encore aujourd'hui. Du haut de ce castellum la vue devait s'étendre à environ 90^{km} de distance, l'horizon géométrique étant une circonférence de près de 200^{km} de longueur.

Aujourd'hui cette belle situation est devenue une station sanitaire ravissante, et un casino a remplacé la citadelle romaine qui était res-

se un point stratégique jusqu'au XVIII^e S., bien qu'une magnifique ollégiale ait été élevée dans l'enceinte, à la fin du XI^e S., par le Comte de Flandre Robert le Frison; elle disparut lors de la tourmente révolutionnaire de 1792. La forteresse était tombée en ruines, aute d'entretien, la paix n'ayant cessé de régner dans la region depuis l'annexion du pays à la France pour Louis XIV.

Tous ces longs préliminaires sont bien connus dans notre région du Nord, mais j'ai cru devoir les rappeler à mes honorés et savants collègues de Lisbonne, pour rendre plus intéressante la communication courte mais importante qui va suivre.

Depuis quelques années, faisant por raison de santé des séjours à Cassel considérée comme station hygiénique, j'avais observé avec surprise que la plaque du nivellement général, posée sur la Place du Marché, indiquait 151^{m},159 d'altitude et que l'altitude officielle du Mont inscrite sur les cartes des Ministères était de 157 à 158^{m}, tandis que le sommet du Mont qui est celui de la butte du Castellum me paraissait surélevé d'une vingtaine de mètres d'après des repères pris par moi sur l'Hôtel de Ville du haut de la butte. J'avais appris qu'une tradition populaire disait que la butte est l'œuvre de l'homme et qu'elle est faite de terre rapportée. Il y avait là un sujet d'étude, j'en fis l'occupation de mes loisirs.

Des observations faites sur les talus me laissèrent indecis, me montrant tantôt des sables jaunes, tantôt de la terre arable. Irrégularité du reste très explicable. Cependant les sables jaunes me surprenaient, car il me semblait peu prudent et peu normal de former avec du sable une butte pour construire sur la crête de ses talus des murailles et sur le point le plus culminant un chateau-fort. De plus des restes de murailles de l'époque romaine existent encore et je trouvais surprenant qu'une tradition de terre rapportée put dater de cette époque si lointaine, et que de si peu d'importance elle ait pu traverser vingt siècles sans même l'appui d'une légende. Voilà comment je fus amené à soupçonner une erreur et à la rechercher.

A Lille, je consultai une foule d'atlas et d'ouvrages géographiques pour me documenter par l'altitude indiquée dans chacun d'eux et là je fus surpris de la variété des chiffres dont je veux donner ici un exemple par quelques citations :

La carte du Ministère de la Guerre et celle du Ministère de l'Intérieur....	157^{m}
Le Dictionnaire scientifique de G. L. D. de Rienzi........	166^{m}
Le grand Atlas départemental de H. Fisquet.............	175^{m}
Le Dictionnaire d'Histoire et de Géographie de Louis Grégoire	110^{m}
Le Dictionnaire d'Histoire et de Geographie de Bouillet ...	157^{m}
La carte géologique du département du Nord de Doniol....	156^{m}
La France, le Nord d'Ardouin Dumazet, pag. 197....... ..	163^{m}
L'annuaire du département du Nord de Raret............	170^{m}

Comme on le voit, c'est en vain que je voulais m'éclairer, la ques-

tion restait obscure et moi perplexe, quand tout-à-coup par coïncidence de faits imprévus j'eus la bonne fortune d'obtenir une solution.

Depuis la démolition de la vieille forteresse et de l'ancienne collégiale St. Pierre, au XVIIIe S., le sommet de la butte était resté en grande partie une simple terrasse couverte d'herbes et d'aspect bien morne pour les étrangers qui viennent nombreux en été pour admirer l'immense et magnifique panorama que l'on aperçoit de ce modeste sommet. Il y a une trentaine d'années, la Municipalité y fit établir un jardin mieux en rapport avec la beauté de l'attrayant spectacle; mais l'accès de la butte était resté peu agréable et le chemin tortueux que y conduisait devait souvent être indiqué aux touristes.

La Municipalité actuelle, frappée de cet état de choses, résolut de faire construire une rampe décorative menant directement de la Grande Place à l'Hôtel-Casino bati sur la terrasse. Pour exécuter ce projet, on fit dans la butte une profonde entaille que nécessitait le travail de terrassement et j'étais justement alors en séjour à Cassel. Aussitôt je me rendis compte de l'interêt que pouvait présenter cette coupe au point de vue géologique et je suivis les travaux avec une persévérant assiduité. Voici le résultat des mes observations.

Au début, à la base de la butte, la coupe du talus me montra du sable jaune d'une extrême finesse qui le faisait s'agglomérer facilement par l'humidité. Ce sable formait des bandes en couches indiquées seulement par la couleur ocreuse plus ou moins roussâtre, elles avaient une inclinaison régulière de 30 à 40°, on y voyait briller de nombreuses et fines paillettes de mica. A la hauteur de 3m, le sable étant moins fin on y distinguait les grains et on y rencontrait, très-dissé minés, de petits morceaux de grès ferrugineux noirs et lustrés, le formes irrégulières ou en minces plaquettes plus rugueuses; il y avait aussi, mais plus rares, des morceaux de silex jaunâtre en forme de boules plus ou moins sphériques et d'un diamètre variant de 1 à 5 millimètres. Je reconnus là du sable diestien, caractéristique du terrain pliocène. Ensuite à mesure que la tranchée entamait plus profondément la butte, et que la coupe s'élevait, je constatai que le sable jaune devenait plus grossier et que les moroeaux de silex et de grès ferrugineux qu'il contenait augmentaient de volume, tout en conservant l'apparence de dépôt en couches trè speu différentes de couleur et de grain, avec une inclinaison plutôt importante vers la partie extérieure de la butte.

A la cote 5 mètres, le sable était devenu visiblement plus gros; les plaquettes de grès, plus abondantes, avaient jusqu'à 8 ou 10 centimètres de coté et 1 à 2 d'épaisseur. Les silex aussi, plus fréquents et plus fortement patinés, mesuraient jusqu'à 2 cent. de diamètre. Il n'y avait plus de mica. Jamais je n'ai rencontré lá de fossiles ni de vestiges de l'homme primitif; de plus le dépôt paraissait plus horizontal et moins stratifié.

Je compris bientôt que j'étais devant um terrain diestien, dont le sable avait été remanié par des ruissellements dus à des pluies abondantes, après la grande érosion, et que le sable fin, plus facile-

ment entrainé, avait coulé vers le pied de la butte, laissant plus haut le gros sable.

En effet, vers 10^{m} de hauteur au dessus du seuil de départ, le sable continuant à grossir, contenait, enchevêtrés, des blocs de grès de toutes formes et dimensions, ayant parfois jusqu'à 0^{m},50 de long, sur 0^{m},25 de large. Ils devenaient tellement nombreux qu'ils se touchaient, et qu'il n'y avait plus que le sable nécessaire pour remplir les interstices.

Malheureusement, vers la cote 11^{m}, que je crois du reste être la hauteur du sable en ce point, la tranchée, obliquant à gauche pour faire déboucher le chemin sur la terrasse de la butte, en face du Casino, ne recoupa plus que de la terre végétale plus ou moins sableuse et exempte de décombres sur une épaisseur d'environ 2^{m}, puis ensuite contenant de nombreux morceaux de grès, de briques, de mortier, etc., jusqu'à la surface du terrain, c. à. d. sur 2^{m} encore de hauteur.

En effet, la terrasse au seuil supérieur du nouveau chemin est à 15^{m},68 de hauteur au dessus du seuil inférieur, à l'entrée de la rue Alexis Bafcop, et la rampe a 72^{m} de longueur, ce qui lui donne une pente de 0^{m},22 par mètre.

Des diverses constatations qui précédent il résulte les déductions suivantes:

1.° — Sur le plateau du Mont Cassel, la butte du chateau n'est pas l'œuvre de l'homme, mais un mamelon naturel constitué par les sables diestiens qui couvrent les sommets de presque toutes les collines tertiaires de Flandre, et il peut être le seul point facile à explorer qui n'ait pas été influencé par l'érosion cataclysmique. Le séjour d'eaux diluviennes ayant pu avoir ailleurs une action sur les couches sableuses des étages inférieurs, on remarque autour du mont une certaine différence de niveau des sources produite par l'affaissement irrégulier de la couche d'argile supérieure sur les flancs du mont dont l'eau avait enlevé en partie le bord extérieur des couches tendres sur les pentes où il n'y avait pas de conglomérat solide, grèseux ou coquillier, pour résister.

2.° — Ce mamelon supérieur ou butte est formé entiérement de sables déposés à l'époque tertiaire et sa masse faisait partie de la grande plaine qui était le fond ou la grève de la mer tertiaire belge et qu'un cataclysme diluvien a raviné à l'époque glaciaire.

3.° — Son existence, comme butte surmontant le plateau, date de l'époque des ravinements cataclysmiques du début de l'époque quaternaire, sans que l'homme ait contribué à sa formation ; mais il a pu en niveler la partie supérieure, depuis la conquête romaine, pour l'approprier à recevoir des constructions défensives, telles que la muraille qui en entourait la partie supérieure.

4.° — Sa hauteur d'environ 12 à 15^{m} était à l'époque de sa formation bien supérieure, l'érosion par le vent et surtout la pluie ayant enlevé ou en fait ruisseler les sables les plus fins jusqu'à la base du mamelon, de même qu'on retrouve au pied du mont lui-même des

couches de sables fins et de minimes morceaux de grès et de de silex provenant de l'érosion par ruissellement des eaux pluviales, dépôt bien différent par la forme des éboulis produits sur les flancs les plus abrupts du mont après sa formation, soit par des eaux abondantes, soit par des phénomènes atmosphériques.

5.° — L'épaisseur de 3 à 4^{m} environ de terre végétale et de décombres en l'endroit observé, permet de supposer qu'on a rapporté en certains point (ici c'est l'endroit où la collégiale était batie, tout près de la partie Est du mur d'enceinte) et à certaines époques, plus ou moins de terre qui, s'ajoutant à des décombres de constructions, habitations ou fortifications souvent démolies d'après l'histoire, a permis de niveler assez bien le sommet de la butte, donnant un fond de verité qui a été ensuite bien exagéré, comme cela arrive fréquemment, à la tradition de terre apportée par l'homme pour créer entièrement la butte qui ne fut que nivelée par lui.

6.° — J'ai donc conclus en dernier ressort que la butte qui domine le plateau couronnant le Mont Cassel appartient par son origine à la géologie et non à l'histoire ; elle doit donc être comprise dans la mesure de l'altitude du Mont, tandis qu'elle a été négligée dans les travaux du Service du Nivellement général et dans certaines études géologiques sérieuses à cause de la tradition qui jetait un doute sur son origine.

La Société de Geographie de Lille convaincue de l'erreur par mon rapport sur mes constatations, a communiqué celui-ci au Service de Nivellement au Ministère des Travaux Publics qui l'a pris en considération, l'a contrôlé et a fait mesurer l'altitude complète. Celle-ci a été trouvée de 173^{m},50 d'après la lettre du Directeur du Service, M. Lallemand, qui a bien voulu annoncer ce résultat à la Société de Géographie, ajoutant qu'il avait communiqué les faits au Service de la Carte à $^{1}/_{100.000}$ du Ministère de l'Intérieur et à la Direction du Service géographique de l'armée au Ministère de la Guerre, lesquels avaient répondu que la rectification serait faite sur les planches pour la réédition des feuilles contenant le Mont Cassel.

Dans cette rectification, je vois d'abord la satisfaction de rendre à une donnée scientifique l'entière exactitude qu'elle doit avoir, et ensuite de faire disparaître ainsi les inconvénients et les irrégularités qui pouvaient naitre de l'erreur. Il y avait en effet défaut de concordance entre l'horizon géométrique calculé et l'horizon géographique constaté par les yeux, facilement surtout du coté de la plaine maritime, à peu près au niveau de la mer, permettant ainsi de diriger le rayon visuel qui doit être une tangente à la surface terrestre, sur la circonférence qu'il peut décrire autour du mont isolé.

Au point de vue géologique, le centre de l'action conservatrice de la colline lors de sa formation est incontestablement la butte, et on ne doit plus tenir compte des ondulations du plateau pour la recherche de ce centre d'action à propos de l'étude des couches en placer et des couches de remaniement. De plus la colline de Cassel se trouve de beaucoup la plus élevée des collines tertiaires de Flandre et il

faut prendre en considération cette altitude dans l'étude des deux couches miocène et pliocène qui sont des dépôts de peu d'épaisseur ne formant que la cime de ces diverses collines.

Enfin le mode de formation et la constitution de ces collines qui n'ont rien de commun avec les phénomènes de plissement de la croûte terrestre, ni avec les cataclysmes volcaniques, sont intéressants pour tous, par leur originalité spéciale.

De plus aussi, se trouve mise au point vrai, la tradition exagérée qui a eu une influence nuisible sur les travaux et les études de savants appréciés.

Je tiens à dire, pour terminer, qu'en même temps que j'observais les travaux de terrassement au point de vue géologique, j'ai eu la bonne fortune de pouvoir faire des constatattions archéologiques très-intéressantes pour l'histoire de la vieille cité flamande, mais je ne les crois pas du ressort d'une société de géographie. Je dirai seulement que dans les fondations de très anciennes fortifications, du XIII[e] S., en apparence, j'ai trouvé un blocage où il y avait de gros morceaux de mortier romain à tuiles concassées, qui provenaient à n'en pas douter, d'après la forme et le volume, de pierres factices assez grandes datant de l'époque de l'occupation romaine, et dont on avait utilisé les débris, la pierre ou les briques manquant vers l'époque citée plus haut, pour une reconstruction urgente et rapide devenue nécessaire par des hostilités peut-être imprévues. Il existe du reste dans le musée de Cassel une des ces pierres factices à bâtir en mortier romain, ayant pour dimensions $42 \times 22 \times 12$ centimètres ; c'est un spécimen bien rare dans notre pays.

J'ai l'honneur de présenter cette communication, non pour l'intérêt spécial qu'elle ne peut avoir à l'étranger comme ici, mais comme exemple de résultats importants d'une étude bien simple mais très soigneusement conduite.

E. Çantineau

Archiviste de la Société de Géographie de Lille, membre de la Société Géologique du Nord, membre de la Commission historique départementale, membre correspondant de la Société de Géographie de Lisbonne, du Comité Flamand de France, etc.

SOBRE A QUESTÃO DO CACAU

A importante questão do cacau de S. Thomé tem tomado tão diversos e por vezes tão inesperados aspectos, que não são inuteis todas as informações de que se possa dispôr para bem a apreciar.

Por isso pareceu interessante publicar a traducção de alguns artigos que sobre o assumpto foram escritos no *Gordian*, bem conhecida revista de Hamburgo, que téem a vantagem de nos tornar conhecidas as apreciações mais correntes na Allemanha sobre esta momentosa questão.

Traduzido do *Gordian*, de Hamburgo, de 17 de Setembro de 1908, pags. 2.107 — 2.111.

O preço normal das favas de cacau

Depois do nosso ultimo relatorio ácêrca dos novos projectos para a formação de um trust, avançámos um passo ou antes dois. O primeiro passo foi dado por Lisboa, conforme o communicaram á *Kölnische Zeitung*, no sentido de se querer, em Lisboa, e dever esperar-se, que o meio kilo de cacau attinja um preço normal de 60 a 70 pfg. valor Hamburgo. O segundo passo foi dado pelo *Gordian*, que declara que na presente occasião esses desejos são irrealisaveis. Em Lisboa dir-se-ha que naturalmente se sabe que o *Gordian* cria uma agitação com o fim de obter os preços mais baixos; aqui diremos que isso é inexato: o *Gordian* tem repetido muitas vezes que o preço normal do cacau em bruto obtido em plantação podia ser de 55 M. Os preços normaes têem valor em tempos normaes. Nos annos em que tem havido preços normaes, por ex. 1902, 1903, 1904, 1905 e 1906, houve um desenvolvimento de consumo normal; de 1902 a 1903 o consumo augmentou em numeros redondos 60 milhões de kgr., o que faz 8 milhões por anno. Isto é normal, porque as colheitas téem egualmente augmentado em 25 milhões de kgr. depois de 1902. *Este desenvolvimento em producção e em consumo tornou-se* **possivel, porque os preços medios foram os seguintes, em Marcos:**

1902	1903	1904	1905	1906
123,40	116,20	114,95	110,73	112,46

por 100 kgr., o que dá para estes cinco annos um preço medio de 115,57 marcos cada 100 kgr., valor Hamburgo. **Nós devemos tratar de alcançar esta normalidade por todos os meios e no interesse de todos em geral, dos productores de favas de cacau, do commercio ordinario, da industria e do consumidor. Antes de tudo é necessario que o consumo entre na normalidade, para além da qual tem sido lançado ha cêrca de 12 mezes. E como preços muito elevados téem restringido o consumo, não ha outro meio senão o seguinte: o de repôr o consumo na sua vida normal sem abaixamento de preços. Esta ideia fundamental deduz-se das seguintes phrases pelos quaes os adversarios d'estas ideias se exprimem e pelas quaes tentamos ensinar aos adversarios que devem acceitar as nossas propostrs. A *Kölnische Zeitung*, de 2 de setembro, esqueceu o que dizemos abaixo, que é interessante porque se falla ahi pela primeira vez do preço do cacau que os senhores de Lisboa pensam poder attingir. Até agora tem-se andado em volta d'este assumpto como gato por brazas. Nós mandamos a 4 de Setembro á *Kölnische Zeitung* uma proposta a este relatorio. Diz o relatorio de Lisboa a respeito da situação do mercado do cacau. E' inexacto que o trust dos plantadores de cacau se tenha formado com o fim de fazer alterar artificialmente os preços. Em consequencia das perpetuas manobras dos importadores hamburguezes os preços baixaram de tal fórma ha 2 annos que nem os plan-**

tadores de S. Thomé, nem os intermediarios de Lisboa chegaram a cobrir os seus gastos. Foi para remediar-se esse mal que se formou n'esta occasião o trust, ao qual adheriram immediatamente as casas mais importantes. Apenas, porém, se ouviu fallar d'esta combinação, o mercado allemão começou, sob a direcção do *Gordian* e de alguns fabricantes, a comprar a torto e a direito, pelo que os circumstantes de Hamburgo, sobrecarregando uns sobre os outros, faziam alterar artificialmente os preços, sem que aqui, em Lisboa, tivesse sequer experimentado obter preços mais elevados, posto que os commissarios de Lisboa acceitassem sem objecção os preços elevados que lhe eram offerecidos. O preço de 50 marcos indicado no artigo 857 é, em tempo normal, insufficiente para os plantadores e para os commissarios. Só quando o cambio está a cêrca de 300 réis por marco, como tem succedido algumas vezes, é que os plantadores de S. Thomé pódem, com os gastos que teem, vender a 50 marcos. O preço normal que o trust espera alcançar actualmente e que se quereria manter, é entre 60 e 70 marcos. O trust de Lisboa tem bastantes meios para poder supportar a campanha e os plantadores serão ajudados, se fôr necessario, por concessões de credito, de maneira a não serem obrigados a vender por qualquer preço. Porém, até hoje, ainda não se offereceu essa occasião ao trust. De mais o cacau de S. Thomé não perde proporcionalmente senão pouca percentagem de gordura pela armazenagem prolongada na alfandega de Lisboa, emquanto que o aroma torna-se mais fino. Outro tanto não succede com o cacau da Bahia. No clima quente e humido da Bahia o cacau não se conserva em proporção senão pouco tempo e é esse o motivo por que ahi se vende sempre, sobretudo porque são pequenos plantadores sem grandes capitaes, e commissarios providos egualmente, a maior parte, de meios limitados, que ahi fazem o negocio.

O dever do addido commercial portuguez na embaixada de Paris, que foi, como se sabe, mandado ao Brazil para fazer um accordo entre os productores de cacau portuguezes e brazileiros, não consiste em organizar um trust geral com o fim de uma alta sem pés nem cabeça. Tem antes por fim offerecer aos plantadores da Bahia um armazem *franco* na alfandega de Lisboa, no qual o seu cacau, abrigado contra a destruição, possa ficar armazenado á vontade. D'esta fórma, e combinando se o credito necessario, evitar-se ha que os brazileiros vendam em qualquer occasião, e portanto abaixo do preço, a fim de evitar unicamente perdas importantes e de cahirem inteiramente na mão dos commissarios. Não ha pois intenção (nem nunca houve) de formar um trust para manter o preço normal de 60 a 70 marcos. Os stocks cedidos a 50 marcos provinham todos de plantadores que não tinham ainda adherido ao trust e que tinham precisão de dinheiro. O stock actual dos armazens de Lisboa é de cêrca de 160.000 saccas, das quaes pelo menos 100.000 saccas estão já vendidas para serem carregadas até ao mez de novembro. Este stock diminue dia a dia, porque a primeira colheita, que deu um excellente resultado, está esgotada.

A colheita principal far-se-ha este anno um pouco mais tarde que de ordinario; entretanto não se póde naturalmente dizer nada por agora da sua quantidade. Provavelmente deve ser tão consideravel como a do anno anterior, talvez um pouco maior, porque, actualmente, outras plantações se encontram aptas para a exploração. Uma plantação de cacau produz, sete annos depois da sua installação, a primeira colheita. A colheita da Bahia parece que será, apezar dos continuos relatorios contrarios, bastante boa, ainda que uma parte d'ella seja destruida.

Em poucas palavras póde resumir-se a situação n'isto: o trust de Lisboa pensa em ceder, o menos possivel, aos especuladores da baixa e aos commissarios de Hamburgo, mas não quer, de fórma alguma, produzir uma alta exagerada. Da mesma fórma as negociações com o Brazil não téem por fim sanear o mercado, porque, conforme se disse acima, os plantadores de S. Thomé não pódem resistir pelo preço de 50 marcos. Para as emprezas de S. Thomé a mão d'obra occupa o primeiro logar, porque se sabe que a ilha não tem indigenas; os trabalhadores provéem todos do continente.

Estes trabalhadores são sempre objecto de preoccupação para o governo e para os plantadores, porque a Inglaterra emprehendeu, ha annos e em consequencia das suas tendencias humanitarias, uma campanha contra a fórma como os negros são recrutados. Segundo todos os relatorios os trabalhadores pretos de S. Thomé vivem em melhores condições na sua pretendida escravidão do que innumeraveis dos seus collegas brancos na Inglaterra *livre*. Todavia como Portugal depende, sob mais de uma fórma, da Inglaterra, cede-se pouco a pouco tambem n'esse assumpto aos *desejos* dos alliados e a mão d'obra em S. Thomé torna-se de anno para anno mais cara. O preço de 60 a 70 marcos deixa aos interessados um beneficio de cêrca de 6 a 7 %; sobre esta base dever-se-hia poder chegar a um accordo razoavel entre a offerta e o pedido, graças ao qual as duas partes encontrariam as suas vantagens.

A nossa resposta é a seguinte:

A' redacção da *Kolnische Zeitung*, Colonia.

Respondemos, se o permitte, ao relatorio que nos foi enviado de Lisboa, principalmente, porque n'elle lêmos o nosso titulo *Gordian*. Ignoramos naturalmente de que campo provém o relatorio que pretende provar que é inexacto ter-se formado o trust dos plantadores de cacau com o fim de artificialmente promover a alta de preço. Quem emitte esta pretensão, faz jogo de palavras.

Se se lhe perguntar com que outro fim então este trust se formou, esperar-se-hia sempre a resposta de Lisboa. Talvez para promover a baixa do preço? Entretanto, em todos os tempos, os commissarios de Lisboa e os seus ajudantes em Hamburgo podiam chegar a esse resultado sem o trust. Para que negar o que toda a gente sabe? o que se comprehende em parte, o que mesmo no nosso modo de ver é permittido até um certo limite?

Vista claramente, a marcha das coisas é a seguinte. Nos trez annos de colheita produziram

Em 1902..........	123.480:686 kilogr.
» 1903..........	125.925:770 »
» 1904..........	151.152:152 »
Totul.....	400.558:608 »

Durante os mesmos tres annos não se puderam vender para consumo senão em 1902—113.655:811 kilgr.; em 1903—121.725:602; em 1904 — 137.921:977. — Total, 373.303:290. D'estes 3 annos ficaram pois, por vender, em numeros redondos, 27 milhões de kilogr., que se juntaram ás provisões do mundo inteiro, que subiam no 1.º de janeiro de 1902 a cerca de 28 ½ milhões de kilogr. Em 1906 colheram-se 5 ½ milhões de kilos de cacau menos do que em 1904; mas o consumo augmentou 5 milhões de kilogr., porque os preços eram baixos. Em 1906 colheu-se, de novo, menos do que em 1904, mas 4 milhões mais do que em 1904; entretanto o consumo do anno de 1904 augmentou 12 milhões de kilogr. Pelo fim do verão de 1906 o commercio, principalmente á commissão, que trabalhava sempre na baixa, não se importou nada com a mudança de situação do mercado. Só alguns grandes interessados possuiam uma pequena estatistica, na qual se podiam fiar. Estes viam escrito que o consumo seria maior do que a colheita em 1906, os plantadores de Lisboa declararam que não queriam por mais tempo sujeitar-se aos preços dictados por commissarios nos seus proprios armazens, assim como nos dos outros, e exigiam um preço de 55 a 60 marcos pelo cacau de S. Thomé. Como os fabricantes tinham tido durante 3 annos um preço medio de 47 a 48 marcos, e como elles calculavam o importancia do trust abaixo do seu valor, comprou-se pouco a maior preço na esperança de que o trust não poderia manter-se. Gastaram-se todas as provisões. Mas quando os plantadores não voltaram aos antigos preços, realizaram-se compras forçadas ainda a preços mais elevados. A especulação, sempre activa, arranjou tambem nova situação: vendidas quasi todas as suas provisões, houve por algumas semanas uma baixa. Se os plantadores se amedrontassem, ter-se-lhe-hiam comprado de 30 a 40:000 saccas. Na mesma occasião annunciava-se a alta; assim se gastou o anno de 1907. Os preços foram augmentados (segundo os plantadores) contra a sua vontade e sem sua intervenção até 120 marcos.

Hoje vemos os resultados d'este modo de proceder; o consumo diminuia consideravelmente em todos os paizes, emquanto que de outra forma, em tempos ordinarios, cada anno traz um augmento. Segundo as cifras de colheita e de consumo conhecidas até hoje, o anno de 1908 traz já uma diminuição em consumo de cerca de 5 milhões de kilogr. As epochas da colheita, para os dois paizes principaes, S. Thomé e Bahia, são: entre novembro e fevereiro para S. Thomé, e entre agosto e fevereiro para a Bahia. Na região da Costa do Ouro a epocha da colheita é tambem entre outubro e fevereiro. Não faltarão, portanto, novas chegadas nos mezes proximos. Os senhores de Lisboa dizem que é preciso que tenham um preço medio de 60 a 70 marcos; os fabricantes dizem que não é senão sobre uma base de 50 pf.

para cacau de consumo são, que o consumo que de tal forma se t
retardado póde ser augmentado de novo. Talvez que seja possi
um accordo a meio caminho. As circumstancias em que se encontr
os dois maiores paizes de consumo do mundo inteiro, se desenvolv
na base de um preço de 70 marcos; mesmo a 60 marcos elle não p
senão vegetar.

Os grandes centros de consumo, principalmente os de cacau
pó, não poderão ser reconstituidos e augmentados senão quand
preço se aproximar de 50 marcos. Sabe-se que este preço dá rei
mento aos plantadores, que exploram racionalmente, mais de 6 a 7
De mais, Lisboa tem hoje um agio de oiro de cerca de 15 %, o
se póde então juntar ao preço de 50 marcos.

Se, como se pretende em Lisboa, o trust não pensa de fó
nenhuma em produzir uma especulação sem razão de ser, pod
todavia julgal-o porque os factos parecem confirmal-o.

Qualquer alta dos preços, acima das tarifas, que torne imposs
um augmento de consumo, é uma cortadella na propria carne
plantadores. As colheitas véem umas atraz das outras; os stc
augmentam; e não virá longe o dia em que será necessario ceder a
pf. o que poderia ser fabricado e consumido a 50 pf.

Os fabricantes sabem perfeitamente que ninguem faz e conse
plantações de cacau para morrer de fome. Mas os fabricantes sa
tambem que a um preço medio de 50 pf., pouco mais ou me
plantações de cacau bem tratadas são minas de oiro para os s
proprietarios. N'este momento, em que os plantadores de Lisboa
dem mandar um emissario ao Brazil, poderiam tambem man
alguem aos grandes paizes de consumo, á Allemanha, á Holland
Inglaterra, para experimentar ligar os interesses da industria
seus. Uma agitação sómente do lado dos plantadores produzia na
dustria, attendendo á alta dos preços n'estes ultimos annos, prim
a impressão seguinte: «aqui está; o poder de Lisboa só é muito
queno; para o reforçar buscam se alliados, afim de recomeçar
commum o que se conseguiu, no ultimo anno, tão facilmente».

Entretanto a situação actual deveria poder provar que, se a
de bom senso dos plantadores se reproduzisse, se elles se porta
uma vez mais tão mal com o consumo, seis mezes depois a cris
produzir-se-hia mais violenta. Chegando-se um dia em que pequ
colheitas e fortes augmentos de consumo tivessem reduzido muit
stocks do universo, então nenhum fabricante recusaria conceder
plantadores um preço mais elevado. Mas primeiro é preciso cu
em reanimar o consumo e isto não se obtem aos preços de 60
marcos; tal não pode conseguir-se senão a preços que se approxi
de 50 marcos.

O «*Hamburger Nachrichten*» reproduziu tambem o nosso rela
enviado á «*Kölnische Zeitung*». Um cavalheiro de Hamburgo, qu
bemos ser director d'uma plantação dos Camarões, respondeu a
dizendo:

«Visto que se travou discussão entre dois adversarios, a resp
da normalidade de um preço conveniente do cacau em bruto, pa

s por si só não pode nunca fazer d'elles minas de oiro, e
nos ainda dar continuamente grandes rendimentos por he-
rreno cultivado.
os por ex. na brochura *Manuring of cocoa in Ceylan* (Editor
erg u. C.º) no que diz respeito a Ceylão, que ali o rendi-
de 2 1/2 cwt. por acre, pouco mais ou menos 300 Kgr. por
Este beneficio, no que diz respeito a S. Thomé e tambem á
onia dos Camarões, ao preço de 50 marcos os 50 Kgr. (de
eciso ainda deduzir cerca de 10 % para frete, seguro, cor-
e outros gastos), não pode, na verdade, senão dar em resul-
o o adversario pretende, a morte pela fome para as pessoas
n e conservem plantações; sómente, em condições muito
almente favoraveis, é que este preço pode dar pequenos lu-
lantação que só se obtem depois de muitos annos. A asser-
ie, só com a base de 50 marcos para o cacau de consumo,
de novo animar-se, depois de ter soffrido uma paragem,
a fundada, mas o que não tem fundamento é a pretensão de
olutamente preciso conservar esse preço que não dá nenhum
á maior parte dos plantadores, sob pena de assustar o con-
— A má situação actual ajudará a reanimar o consumo de
ie tem diminuido em parte, por grandes reclamos, como ha
npo se não vêem; então quando o consumo retomar a sua
e, os interessados deverão acautelar-se em não esticar dema-
orda novamente, senão para assegurar aos plantadores em-
pelos cacaus de consumo um preço de pouco mais ou menos
s, com o qual plantações exploradas em menos boas condi-
em satisfazer-se. Estas considerações não téem dito respeito
ções exploradas por indigenas que trazem ao mercado quali-
eriores; entretanto cumpre lembrar que actualmente mesmo
caus, vindos da Costa de Marfim attingem um preço de cerca
arcos e fazem por ex. concorrencia ao de bem melhor quali-

costa visinha dos Camarões téem de pagar 55 marcos por tonelada, cêrca de 22 % mais; parece que, para grandes quantidades, os commissarios inglezes téem um preço menor para a expedição. Se, pelo pelo menos, pudessemos esperar a mesma garantia.»

Como julgamos que este cavalheiro defendia os interesses dos plantadores, n'esta occasião, com uma vista muito curta e visto a sua pretensão de que nós tinhamos emittido ideias erroneas — que elle deseja evitar desde já que se divulgem — fomos obrigados a responder ainda uma vez, o que fizemos pelo seguinte relatorio publicado no *Hamburger Nachrichten* do 10 de setembro.

«Como Hamburgo é actualmente o maior mercado do cacau do universo, como em Hamburgo se encontram os interesses dos plantadores e fabricantes, como os de exportadores, importadores, negociantes e agentes, deve permittir-se-nos fallarmos em publico d'aquillo de que se não trataria, de outra fórma, senão no pequeno circulo dos interessados. Tomamos, pois, a liberdade de ajuntar tambem algumas palavras ao que o representante dos plantadores de Hamburgo diz na edição da manhã do *Hamburger Nachrichten* do 8 de setembro.

O expedidor quer esclarecer algumas phrases do *Gordian* no intuito *de impedir desde o principio que se espalhem idéas erroneas.*

Estas idéas erroneas consistem, segundo este cavalheiro, em que o partido do *Gordian* — abaixo comprehende-se por erro a defeza á vista da baixa de interesses dos fabricantes — dá o seguinte conselho: como o consumo do mundo inteiro em 1908 perdeu nos primeiros 6 a 8 mezes, em consequencia dos preços tão elevados do cacau, já mais de 6 milhões de kilogr., como ao mesmo tempo os principaes paizes de colheita téem fornecido mais de 24 milhões de kilogr. de cacau a mais, é tempo de animar energicamente o consumo por tarifas reduzidas para a materia em bruto e fabricada.

As phenomenaes colheitas do corrente anno no Equador, Trindade, Bahia, S. Thomé, Costa do Oiro e em S. Domingos fazem subir a cifra da colheita do universo em 1908 a pelo menos 172:000.000 kilog.

Se o consumo se não animar nos mezes proximos, favoraveis á venda, o consumo do universo não excederá 150:000.000 kilogr. Só d'este anno ficarão pois 22:000.000 kilogr. não empregados; os stocks do universo montarão em 31 de dezembro de 1908 a uma quantidade de cêrca de 700:000.000 kilog. Isto é um stock como nunca se viu. Seriam pois mal aconselhados os plantadores pelos que os dirigem ou por seus outros conselheiros responsaveis ou irresponsaveis, não se inquietando com esta mudança de situação, se decretassem muito simplesmente: exigimos pelo nosso cacau 60 ou mesmo 70 pf.

Dissémos muito expressamente que é necessario, antes de tudo, acautelarem-se para que o consumo seja novamente animado. De mais temos recommendado: «Se chegar a occasião em que pequenas colheitas e fortes augmentos de consumo tenham fortemente feito ceder os stocks do universo, então nenhum fabricante recusará conceder aos plantadores um preço mais alto». Como o expedidor admitte que a nossa affirmação «o consumo chegado a tal altura deve ser

animado e isto não é possivel senão quando os plantadores cedam o cacau para o consumo *primeiro* á 50 pf.» é fundada até um certo ponto, é difficil saber em que, entre nós, consistem as opiniões erroneas.

Em boa consciencia não se póde negar que um preço medio de 50 pf. por libra deixa aos plantadores de cacau um bom lucro. A plantação dirigida por este cavalheiro poderá subsistir a este preço?

Nós o veremos no artigo: «Como se chegam a tirar lucros das plantações de cacau?» do *Gordiau*.

N.º 306. Cita-se ahi o calculo do prof. Warburg, de Berlim, que diz: «Com o preço no mercado de 45 pf. alcança-se 5 % de dividendo e cada ½ pf. a mais augmenta 1 %.

Com	o	preço	de 46 ½	pf.	podem-se	pagar	6 %	de	dividendo
»	»	»	» 48	»	»	»	7 %	»	»
»	»	»	» 49 ½	»	»	»	8 %	»	»
»	»	»	» 51	»	»	»	9 %	»	»
»	»	»	» 60	»	»	»	15 %	»	»

Não citaremos calculos, entre outros o do prof. Wohltmann Halle; mas seremos obrigados a cital-os, se se tentar ainda ter se a pretenção de dizer que as nossas ideias são erroneas.

Desejamos sinceramente aos plantadores de cacau um bom lucro sufficiente; sabemos que se correm grandes riscos na industria das plantações; mas as condições commerciaes inquietam-se pouco com bons ou maus desejos, como se póde calcular!

E' por isso que julgamos, agora como antes, que é preferivel que todos os interessados tratem em primeiro logar da collocação do restante das grandes colheita. Se de 31 dezembro passamos para o novo anno com um stock normal, se tivermos por collocar sómente 55 a 60 milhões de kilog., então os negociantes, os fabricantes e os consumidores poderão trabalhar com mais segurança no augmento do consumo do que, se este tiver continuado a dormir e os stocks tenham subido a 70 a 75 milhões de kilog.

Se isto succeder, o anno de 1909 não trará certamente aos plantadores mais do que um preço entre 40 e 45 pf. Um anno a 60 pf. e outro a 40 pf. não dá como média senão 50 pf.

Com isto a penna póde descançar até nova ordem.

Em poucas palavras repetiremos o que se nos afigura:

1.º Se os plantadores de Lisboa em bom ou mau anno desejam uma saida segura para o producto das suas colheitas, devem acautelar-se, d'accordo com a industria, para que o consumo possa augmentar de anno para anno da mesma fórma que os productos das colheitas téem augmentado e continuarão a augmentar.

2.º Este dever não póde ser cumprido senão quando todos os elementos especuladores estejam affastados da instancia do commercio, e quando fabricantes e plantadores se ponham de accordo com preços estabelecidos para muito tempo.

3.º Um trust de plantadores que queira cumprir esta missão, será abençoado pela industria; um trust que quizer de novo levar os preços para a alta, será combatido e isto seria o unicamente necessario para a diminuição do consumo.

4.º A industria é toda de opinião que o augmento da necessidade de productos de chocolate não irá para diante, se não houver á sua disposição grãos sãos para fabricação ao preço de 50 marcos os 50 kilogr., valor Hamburgo.

5.º Pelo contrario a industria estava inteiramente prompta a conceder preços mais elevados quando os centros populares, que actualmente são hostis aos fabricantes de cacau, se lhe tornem sympathicos, quando as necessidades do mercado universal tiverem augmentado ou quando maus annos de colheitas tiverem encarecido e diminuido a producção.

Segundo as ultimas noticias de Lisboa, duvida-se muito nos centro em questão que possa chegar-se a accordo ainda no corrente anno entre Lisboa e Bahia. Uma grande parte de pessoas da Bahia parecem ligadas por fortes contractos de entrega, principalmente para a Allemanha.

Nos jornaes de Lisboa exprime se a opinião de se não fazerem relatorios até nova ordem, quer sobre o estado ae coisas, quer sobre o cacau.

Como o mez de setembro é o principal mez de ferias para os Lisboetas, parece que o tempo dos grandes calores não será de qualquer fórma interrompido.

Traduzido do *Gordian*, de Hamburgo, de 4 de setembro de 1903, pags. 2:076 a 2:078.

O trust S. Thomé-Bahia

Em um relatorio provisorio que enviamos a 16 de agosto, dissemos o que segue das tendencias do trust negociado entre S. Thomé e a Bahia.

O negocio não deve ser inteiramente considerado como ameaça vã; o poder dos plantadores de S. Thomé é, como toda a gente sabe, hoje maior do que ha dois ou trez annos.

Se os plantadores querem a serio procurar protecção unicamente contra a especulação, se a sua associação quer pôr-se d'accordo com os fabricantes e consumidores dos seus productos e com o commercio ordinario, então o commercio, a industria e os consumidores não téem nada melhor a fazer do que ajudar estas tendencias.

Não se deve comparar um trust de plantadores, verdadeiro e bem intencionado, com um trust especulador. A fortuna dos plantadores é immutavel nas plantações; os plantadores são obrigados a diligenciar que as suas installações dêem rendimento permanente; mas este não póde dar-se aggravando o consumo. Os preços devem pois ser estabelecidos de fórma que os excedentes das colheitas annuaes sejam absorvidos pelo consumo.

Pelo contrario a fortuna dos especuladores não é immutavel, porque, se não dá resultado, quando se emprega na corrente da alta, dal-o-ha quando se dirigir na baixa. O que advem da producção e do consumo é indifferente á especulação. Eis a razão porque a especulação—tanto a da alta como a da baixa—é a inimiga commum da industria da producção e do commercio ordinario.

Se as duas, a producção e a industria, desejam fazer causa commum a valer, se o commercio ordinario quer servir de traço de união, então não haverá logar para a especulação, que não é mais do que um desmancha-prazeres causador de perdas.

Os plantadores desejam buscar tranquillidade.

Lisboa anuncia que já se fizeram consideraveis vendas com o preço de base de:

3.900 a 4.000	para a qualidade fino	por arroba
3.500 a 3.800	» » » paiol	
2.400 a 2.700	» » » escolha	

Isto dará, a um agio de 14 %, valor Hamburgo:

55 marcos para 50 kilogr. do fino
49 » » 50 » » medio
36 » » 50 » » ordinario

Em Lisboa chamam-se a estes preços a situação que cobre os gastos. No jornal «Diario de Noticias», de 25 de agosto, lia-se o seguinte :

«E já ninguem se illude com o que se escreve aqui ou acolá, com mais verdade, menos verdade, muita ignorancia das coisas, por vezes, ornamentação de palavras vãs, etc.; tudo isso já não serve de nada. O cacau, o nosso e o dos outros, representa hoje na agricultura colonial, no commercio, na industria fabril, no consumo, tamanha importancia, que nenhum d'esses interessados esquece a necessidade da informação directa, isto é, no proprio local da compra e venda. E n'este mesmo momento temos a certeza de que, d'entre o grupo dos mais interessados, lá de fóra, aqui se encontra algum de confiança, colhendo as «suas notas», que, completas, seguem ao seu destino,—e lá vae elle em egual missão para o Brazil. Não nos parece, pois, momento para frivolidades; ao contrario concluiremos com as mesmas palavras d'uma das nossas ultimas revistas — «com fogo não se brinca»; e basta o exemplo do que se passou no anno passado, em que se affirma terem deixado de entrar na nossa praça talvez uns mil e tantos contos.

E' fóra de duvida de que as primeiras phrases são dirigidas ao *Gordian*, porque toda a cidade de Lisboa sabe que este ultimo não se ouve completamente ahi no commercio do cacau e *orna o todo com palavras vãs* em lugar de numeros judiciosos.

O *Gordian* agradece muito, se é d'elle que se quer fallar. Se realmente não é senão o commercio, isto é, o lugar onde se compra

e vende, que está no caso de fornecer a melhor informação, então eu não tenho mais que reflectir e começarei o commercio do cacau. Natural o meu modo. E ficarei muito reconhecido aoo collegas de Lisboa pelo bom conselho que me dão agora.

De mais escrevem nos: O numero do mez d'agosto que acaba de publicar-se da revista mensal colonial de Lisboa, *Revista Portugueza Colonial e Maritima*, occupa-se tambem da convenção projectada entre Portugal e o Brazil em vista da valorisação do cacau.

Diz o seguinte: Na presente occasião a convenção acerca do cacau está negociada por um funccionario considerado do consulado, que tem exercido as funcções de consul em Bordeus e que foi, ha alguns annos, agente commercial junto da embaixada de Portugal em Paris, onde occupou este lugar de uma maneira brilhante; entretanto não nos consta que elle se tenha occupado em qualquer occasião em especial dos artigos coloniaes. Comtudo não ha a menor duvida que não tenha partido a fim de se occupar do cacau portuguez no Brazil, e pode-se concluir das informações que temos, que se trata de uma combinação entre Portugal e o Brazil que visa á manutenção de elevados preços em vista das exigencias dos importadores allemães; 1). O que é certo é que a situação do cacau portuguez não é somente pouco segura na Allemanha, mas tambem na Inglaterra. Em Inglaterra continua o movimento contra o cacau portuguez, ainda que de uma maneira mais ou menos aberta. E' provavel que no proximo inverno seja novamente mandada ás nossas possessões da Africa Occidental uma missão de importadores inglezes por causa do *slave-cocoa*; 2). Na Allemanha os industriaes procuram obter do governo a nomeação de um perito commercial, mas o governo mostra se pouco disposto a crear ainda outros empregos d'agentes commerciaes no estrangeiro; 3). Na Allemanha julga-se que as despezas feitas por esse tal agente commercial seriam compensadas largamente, porque assim evitar-se-hiam perdas consideraveis. Sabemos que se consultaram sobre este assumpto os productores das colonias portuguezas e que estes se pronunciaram favoravelmente; 4). Se assim é, como se explicará a missão extraordinaria mandada pelo governo do Brazil, a fim de negociar uma acção commum contra a especulação dos importadores estrangeiros, especialmente dos Allemães em cacau portuguez? 5).

A estas explicações responderemos a seguinte:

Ao n.º 1: Não se deverá entender sempre em Lisboa sob o nome de «importadores» allemães ou hamburguezes os fabricantes «allemães», da mesma fórma porque, de futuro, se não devem tomar como especuladores de Lisboa os plantadores de Lisboa. As pretensões dos «importadores allemães» são, porque n'ellas está comprehendido egualmente o commercio de especulação, differentes das pretensões dos fabricantes. A prova d'isso está em que os plantadores e os fabricantes desejam preços eguaes para um longo tempo. O commercio da especulação deseja o contrario; não prospéra senão quando póde levar os preços ora á baixa, ora á alta. Se os plantadores e os fabricantes querem attingir o fim a que visam, é preciso, primeiro do que tudo, aniquillar a especulação.

Ao n.º 2: *Slave-cocoa;* trata-se das tendencias de alguns fabricantes a procurarem aos trabalhadores de S. Thomé melhores condições de trabalho e mais liberdade e direitos de disporem de si mesmos.

Ao n.º 3: Não é seguramente mais que o desejo do auctor das explicações acima que o governo allemão se tenha mostrado pouco favoravel á nossa proposta — veja-se o *Gordian* n.º 319 — de ter em Lisboa um perito commercial allemão! Não sabemos nada d'isso; pelo contrario, temos ouvido de diversos lados opiniões que poderiam provar o contrario.

Ao n.º 4: Se os productores portuguezes, no numero dos quaes nós podemos tambem comprehender os plantadores de cacau, são sympathicos á ideia de crear um logar para um perito commercial allmão, isto prova que os plantadores approveitariam de boa vontade qualquer occasião para se libertarem de especulação e que elles esperam que o perito allemão, tanto como instancia objetiva, não poderá senão pôr em ligação directa plantadores e industria.

Ao n.º 5: Se o auctor citado se admira d'esta attitude dos plantadores, isso provém de que elle confunde de novo interesses dos plantadores e fabricantes com os interesses do commercio de especulação. Este ultimo teme e combate tudo o que trouxer, nas trocas, a ordem, a tranquilidade e a luz; elle quer muitas estatisticas e relatorios, mas não para os plantadores e fabricantes, para elle só. Os plantadores que vendem, e os fabricantes que compram, devem ficar no obscuridade. E' sómente então que este negocio floresce.

Completeramos este artigo ainda hoje com as palavras seguintes do *Jornal do Commercio*, de Nova-York, de 22 de agosto p. proximo:

«Ser-nos-ha permittido dizer algumas palavras do projecto phantastico, de que nos chega o echo por sobro o Oceano, do acolhimento favoravel que a proposta de valorisação portugueza para o cacau tem encontrado no Rio de Janeiro. A maior parte do cacau a comprar na Europa passa pelas mãos do commercio hamburguez. Este ultimo considera a ideia do partido de Lisboa de «*corner*» não sómente o cacau de S. Thomé, mas tambem, o da Bahia e Pará, como puro erro.

«Este partido tinha em 1907 levantado os preços de 45 marcos a 120 marcos; a consequencia natural foi uma forte diminuição do consumo e o edificio inteiro demoronou-se, quando a crise industrial rebentou na America.

«Os preços voltaram-se e o trust de Lisboa fechava o mercado do cacau ao preço de 70 a 80 marcos. A grande colheita da Bahia arruinou o projecto e Lisboa foi obrigada a deixar uma grande parte a 50 marcos. Actualmente Lisboa activa de novo o mercado e o successo appareceu com um augmento de preço de cerca de 10 %. Comtudo é pura imaginação da chicana da alta apregoar que Hamburgo baixa artificialmente os preços. O fabricante europeu está muito disposto a pagar 50 marcos pelo bom cacau são, e elle sabe que por este preço o plantador tem um lucro conveniente, mas recusará seguir os promotores de «*corner* a 80, 100 e 120 marcos». Dir-se-ha que é um leitor do *Gordian* ou um negociante de favas de cacau, que manejou a penna do auctor d'este relatorio; não podemos por isso, todavia,

approvar tudo quanto se diz n'essa linha segundo a opinião d'este negociante de favas de cacau, porque em certos postos differe da opinião do *Gordian*. Póde muito bem ser que o auctor espiritual do relatorio não se deve procurar em Nova-York, mas em Hamburgo.»

Ao artigo citado acima, de Nova-York, oppômos outro que circulava na mesma cidade no começo de junho, cantando por diapasão muito differente :

«Não é justo tornar Lisboa responsavel pelas variações de preços nos mercados de cacau. Em todas as qualidades se notavam já em 1906 alterações para julho e agosto, sendo inevitavel uma alta ; para qualquer outra materia prima esta alta ter-se-hia produzido forçosamente.

«Esta alta de preços occasionada por muitos novos pontos de vista fez com que os fabricantes, temendo mais fortes augmentos, começassem a comprar no desembarcadouro uma maior quantidade do que o tinham feito até então. Isto fez naturalmente reforçar ainda mais os preços.

«Os fabricantes mandam então os seus caixeiros viajantes a todos os paizes ; e, pelo que nos consta, cada caixeiro carregou os seus clientes de grandes quantidades, o que obrigou os fabricantes a comprar de novo e d'esta vez a preços mais elevados.

«A tendencia para a baixa de 1904 e de 1905 transformou-se em uma enorme especulação para a alta ; e não sómente os negociantes, os fabricantes e os vendedores a retalho de cacau e chocolate, mas tambem «Pedro e Paulo» começaram a especular com o cacau como se fosse um papel de credito.

«Quando o mercado excedeu 18 c., os nossos amigos de Lisboa, os sr. Burnay et C^ie^, escreveram no *Jornal de Commercio* que este novo augmento era muito lamentavel, mas que, visto os fortes pedidos que provinham de todos os lados, elles nada podiam fazer contra a grande avidez dos plantadores (o que é humano), que naturalmente não cedem a 18 c., desde o momento que algumas pessoas lhes offerecem 18 $^1/_4$ e ainda mais.

«Quando o mercado desceu para baixo de 18 c., Lisboa resistiu (o commercio ou os plantadores ?) e experimentou manter os preços a 18 c., não o vendendo mais barato.

«Então viram se fabricantes que declararam que ficariam satisfeitos, se o cacau se mantivesse sempre a 18 c., pois que todos os seus desejos seriam os de um preço permanente de cacau, indo contra os seus principios especular se com materia prima.

«O programma de Lisboa foi alterado em consequencia da má situação geral do mundo inteiro e das grandes colheitas da Bahia e da Trindade, mas o principio de base era exacto ; e, contra a opinião de alguns jornalistas europeus, dizemos que Lisboa é tão responsavel do curso do mercado do cacau como Nova-York, Hamburgo, Bahia, Trindade ou Guayaquil, etc.. (Isto já foi dito e provado ha muito tempo pelo *Gordian*).

O *Gordian* excita os fabricantes a lançarem á margem o cacau de Lisboa, mas encontrará pouca gente que o faça, sobretudo entre aquelles que têm o habito de fazer opinião por si mesmos.

«**Se Lisboa** estivesse d'accordo em deixar baixar rapidamente os **preços de 25 a 13** cent., então — ousamos dizêl-o — os fabricantes **teriam soffrido** enormes perdas».

Aqui estamos nós a vêr o divertido jogo: não foi ninguem, ninguem **fixou** os preços, ninguem os fez subir!

***A* falla** do partido da alta de Lisboa e attribue-lhe todo o erro; ***B* pretende** que os Lisboetas não foram a causa da alta exagerada e **livra-os de** toda a responsabilidade.

E aqui está como nós aqui sabemos melhor onde foi forjada e **empregada** a tesoura que cortou o fio vital do desenvolvimento da **industria** e do commercio do cacau no ultimo anno.

Traduzido do *Gordian* de Hamburgo, de 4 de setembro de 1908, pagina 2090.

A guerra aduaneira entre a Allemanha e Portugal.

Se se chegou ao extremo realmente, resultaria d'isso para a industria **allemã** do cacau que elle deveria riscar o cacau de S. Thomé dos **seus fornecimentos**, que deveria fazer como a sua irmã franceza, que se **vê obrigada** a subsistir sem o cacau de S. Thomé e procurar um substituto **no da** Bahia, Samana e Acra. Isto far-se-hia já, mas seria tambem **prudente** da parte de Portugal o saber se deve restringuir ainda **mais a** possibilidade de saida para o seu cacau; sera bom que em **Lisboa** reflictam sobre isto. O cacau de S. Thomé deveria ir principalmente **para** Inglaterra e para a America do Norte. Em logar dos **trez grandes** clientes qne tinha até hoje, ficaria rednzido a dois; **d'esses dois** a America do Norte não comprava habitualmente senão em **uma certa** occasião, e a Inglaterra *só* não póde de fórma alguma empregar **a** quantidade principal de cacau de S. Thomé.

Trad. por EUGÉNE ACKERMANN

RAPPORT SUR L'INDUSTRIE ET LE COMMERCE DE ROUBAIX-TOURCOING EN 1908

Il est très lifficile de donner une appréciation détaillée sur la **marche du** commerce et de l'industrie dans un centre comme le nôtre, **ceci à** cause du grand nombre et de la diversité d'entreprises **de nos grandes** villes industrielles et commerciales: Roubaix-Tourcoing. **Ces** villes représentent á elles seules la plus grand partie du **haut commerce** et de la grande industrie de la France.

On peut cependant estimer que l'année 1908 a, en général, été **une année** mauvaise pour tout le monde. Cette estimation portant sur **la marche** générale des affaires, peut pourtant être inexacte, si l'on **veut analyser** tel ou tel établissement particulier.

Néanmoins, dans les Peignages de laines, où le travail était assez actif au début, il a diminué considérablement dans le second semestre de l'année, par suite des pertes considérables d'argent que laissaient aux négociants et aux peigneurs de laines leurs achats du début de la saison.

Dans les Filatures la laine l'alimentation a été assez bonne dans le premier semestre, grace aux ordres remis l'an dernier.

Par contre le second semestre a été mauvais pour la filature qui a filé á des prix de famine.

La filature de laines cardées a travaillé à peu prés dans les mêmes conditions que la filature de laines peignées, soit mal dans l'ensemble.

Dans la filature de coton, le premier semestre n'a pas été fameux, mais le second a été désastreux; la crise américaine, le lock-out des filateurs anglais, ont commencé á produire partout leurs effets et ont été cause d'une grande accumulation de stocks, chez tous les filateurs et fabricants.

Dans les tissages de lainages pour robes et draperies, l'activité a diminué progressivement, sourtout dans la robe qui a été fort abandonnée toute la saison.

En Ameublement, l'année a été mauvaise, trés mauvaise ; la crise américaine s'est portée plus spécialement sur tous les objets de luxe, elle a donc eu beau jeu pour faire arrêter plus de la moitié des métiers qui travaillaient pour les Etats-Unis, et cela depuis le début de l'année 1908.

Quant au commerce des matiéres premiéres, en genéral cela n'a pas été mieux, la baisse de tous les articles n'a fait que toujours s'accentuer, à part les derniers mois qui ont profité d'une réaction de quelques pour cent; l'ensemble a été défavorable.

L'avenir immédiat des marchés est assez incertain et le cours des matiéres premiéres en général constitue même le plus sérieux sujet de préoccupation pour tous ceux qui sont engagés dans le Commerce ou l'Industrie textiles. On ne peut pourtant pas, aprés avoir passé une mauvaise année, croire que 1909 ressemblera à 1908; après la pluie viendra le beau temps; il est donc à supposer qu'après la maladie que la France commerciale et industrielle a passée, la convalescence se continuera jusqu'à ce que la santé lui soit tout à fait revenue, chose qui ne peut plus maintenant se faire attendre longtemps. C'est le meilleur souhait que tous les Français formulent la veille de an 1909. Tout monde en profitera.

Tourcoing, le 12 Décembre 1908.

LOUIS LORTHIAS

Consul

Membre de la Chambre de Commerce

MITRAS LUSITANAS NO ORIENTE

(Continuado de pags. 306)

1876 — *P.e Francisco de Jesus dos S. de S. M. Barbosa,* vigario geral de Cranganor, por provis. archiep. de 21 abril; posse em maio seg.: finou-se a 18 julho immediato e foi sepult. na egreja d'Amarabady em Cochim. Expediu a seg.: —

62) 1876 Maio 19. *Circular.* Lembra aos christãos as infinitas misericordias de Deus, cuja prova é o ter conduzido dos confins da Europa para as plagas do oriente, um prelado nobilissimo, sapientissimo e virtuosissimo — D. Ayres d'Ornellas, com faculdades e poderes extraordinarios, o qual... «vos ama sinceramente em J. C., deseja de coração vossa felicidade temporal e eterna, e anhela vir quanto antes ao meio de vós, para vos animar, abendiçoar e consolar.» Annuncia a sua nomeação ao cargo de vigario geral, e diz que posto conheça a exiguidade das suas forças, sente-se todavia cheio de animo e confiança, lembrando que acceitou este cargo... «por vosso amor e para vosso bem, e afim de obedecer a quem tão digno é de mandar-me, e que tambem vós suavisareis os meus trabalhos, obedecendo a quem Deus enviou ao meio de vós, possuido da melhor vontade, não de tosquiar as ovelhas, mas sim de as «pascentar.»

Diz que não devem desanimar-se ainda os que, pertencendo de direito á jurisdicção do padroado, por desgraça cairam no scisma, pois o primaz tem pelo rescripto pontificio de 16 nov. 1875, faculdade de admittir á communhão catholica os fieis seus subditos do rito syro-chaldaico, incursos pelo facto de sua adhesão ao scismatico e intruso bispo J. E. Mellus e a seus socios, despachados illegitimamente pelo patriarcha da Babilonia, nas censuras fulminadas no breve *Speculatores* de 1 agosto 1875.

Por delegação do primaz diz que pode elle vigario geral, receber os referidos fieis que, arrependidos desejarem submetter-se ao seu legitimo pastor: os exhorta a que entrem para o rebanho do Bom Pastor, visto fóra da egreja não haver salvação; lembra a morte que tem ceifado a vida a muitos seus conjenctos (dos scismaticos), que nada lucraram com suas teimas, senão as penas do inferno; incita a todos a que obedeçam a seus legitimos pastores, principalmente a Pio IX, que tendo por elles especial predilecção, mandou ao meio delles por visitador o bispo Meurin, vig. ap. de Bombaim, para os ouvir, remediar os males em que estão submergidos, e informar a s. sé sobre as coisas que mais os interessem; manda que todos ouçam e obedeçam a este visitador; reccorda os tempos em que os seus antepassados, reunidos no synodo de Diamper, juraram perante o arcebispo de Goa D. Aleixo de Menezes obediencia ao papa, reconheceram a egreja cath. romana por cabeça, mãe e mestra de todas as egrejas, e as que lhe não quizerem ser sujeitas, as tiveram por hereticas e scismaticas; reconheceram que eram falsos prophetas os que lhes tinham trazido de Babylonia a maldita heresia nestoriana.

Desd'então até hoje, pergunta, que mais lhe tem trazido de lá? e responde: o scisma e só o scisma com os erros e males que lhe são inherentes. Sem demora pois (aconselha) que abandonem esses embusteiros, temendo que Deus cansado de os esperar, os deixe entregues aos horrores do scisma, castigando-os severamente.

Depreca ao apostolo S. Thomé que se não esqueça destes seus filhos predilectos, volva suas vistas para esta terra pizada com seus pés e regada com o seu sangue, e intercedendo com Deus obtenha para estes pobres illudidos, o perdão dos erros passados e a perseverança na fé: e proteja a elle vig. g. para elle seguir suas pizadas, imitar suas virtudes, e saber dirigir os filhos para onde elle apostolo dirigiu os pais. Conclue exhortando a todos a que orem a Deus para que, applacada sua justa ira, ponha termo a tantas desordens e perturbações.

1876 — *Pe. Benedicto do R. Gomes,* novamente entrou como vigario geral interino na administração desta diocese, em virtude da port. archiep. de 20 jul. e continuou até abr. 77. Nom. por decr. de 15 dez 1874 parocho de Raia.

1877 — *Pe. Casimiro Christovão de Nazareth,* vigario geral de Cochim; nom. vigario geral interino de Cranganor por port. archiep. de 20 ab. Entrei em exercicio a 1 de maio.

Ordenanças expedidas: —

63) 1877 Maio. 25 *Circular.* Communiquei aos missionarios e christãos ter sido eu nom. vigario geral inter. de Cranganor, com autorisação para exercer este cargo desde logo e independentemente de posse; annunciei ter eu faculdade de admittir com certas restricções as egrejas, familias e individuos que da jurisdicção do padroado directamente passaram ao scisma mellusiano. Recommendei-lhes não só se conservassem firmes sob a dita jurisdicção do padroado, mas trabalhassem por fazer voltar ao aprisco do Bom Pastor, os que delle haviam desertado: disse que essa conversão dos dyscolos se me affigurava mais facil agora, que o patriarcha de Babylonia se submetteu á s. sé; não podendo por conseguinte tardar o regresso a sua terra, do bispo intruso J. E. Mellus, e com sua retirada terminar o deploravel scisma. Confirmei aos parochos a jurisdicção e faculdades concedidas por meus antecessores, e os exhortei a que cumprissem diligentemente os seus deveres de curas d'almas, trabalhando a exemplo do Divino Pastor, pela salvação das ovelhas que lhes estão commettidas.

Exigi delles as seg. informações: 1 quantas e quaes egrejas cada um delles administra, seu orago, se tem capellas filhaes; se as egrejas e capellas foram este anno caiadas: além da missa nos domingos, que funcções solemnes se celebram no decurso do anno; 2 quantas confrarias ha em cada egreja, seu padroeiro, se tem compromisso devidamente approvado, qual a receita e despesa annual e as fontes da receita; se ha sobras em que se empregam; quaes as fontes da receita da fabrica, e qual sua receita e despesa em cada anno; se foram approvadas por meus antecessores as contas das irmandades e fabricas, data da ultima approvação: 3 quanta a população catholica da parochia, quantos adultos de 7 annos para cima se desobrigaram

pela quaresma ultima; que diligencias tem empregado o parocho para attrair ao tribunal da penitencia os inconfessos; 4 q.[tos] infieis converteu o parocho nos 3 ultimos annos á fé catholica; se poderá tentar-se a conversão de mais alguns; 5 quantos cathequistas ha na freguezia, se elles cumprem sua obrigação de ensinarem a doutrina christã, por quem são pagos; 6 se na parochia ha escola, de quantos frequentada, o que se ensina, quem paga o salario ao professor; 7 quantos clerigos de ordens sacras e menores ha na missão; se os menoristas tem as necessarias habilitações para se ordenarem in sacris; se ha individuos com propensão para a vida clerical.

Requisitei o inventario dos vasos sagrados, paramentos, livros euchologicos e utencilios do culto, existentes em cada egreja, para celebração da missa e administração dos sacramentos.

64) 1878 Abril 15. *Circular.* Participei aos parochos que se vão reabrir as aulas do seminario d'Alva no dia.. , e os convidei a mandarem ahi a criar os que nas suas freguezias desejarem alistar-se na milicia clerical.

IV = Bispado de Cochim.

I) Bispos sagrados (1).

No *Indice ger. doc. arch. T. Tombo* aponta-se uma carta do bispo de Cochim expondo a el-rei, o máu governo d'aquella terra no tocante á religião.

Faz-se menção no *Gabin. hist.* II, 245 d'um bispo de Cochim — D. João d'Aguiar em 1552 ou 57 : no qual tempo se fundaram em Punicail uma egr. (por p.[e] Henriq. Henriques?), e 2 hospitaes sendo um d'elles por p.[e] João de Deus (2), annexo á capella de N. S. Anjos e um seminario (3).

---

(1) V. Catalogo dos bispos de Cochim na *Collecç. doc. e mem. academ. hist. portg.* I catal. dos... Bisp. Coch., — Far. Souza *Asia* III, 520, — *Dissert. chron. e crit. sobre a jurispr. Portg.* V. 220, — *Lusitan. sac.* III. 20, — *Politica mor. e civ.* IV, 465, 6, — *Estud. biogr.* 167, — *Gabin. lit. Font.* IV, 248, — meu. *Calend. eccl. e lit.* Goa 1870 p. 248, — *Madras cath. directory* 1878 p. 78, — *Anglo-Lusit.* 1886 n.º 15. — *Annuar. Archidioc. Goa* p. 1897 p. 221 ; 1901 p. 204 nos quaes se enumeram por engano D. Fr. Matheus Gomes Ferreira, D. Francisco Laynez e D. Bernardo de S. Caetano; nenhum destes tres foi bispo de Cochim. Algures vi mencionado entre os bispos de Cochim *Fr. Manuel de S. Luiz*, franc.

(2) V. nota final N.

(3) Bartoli *Asia* p. 475 falla tambem n'um semin. fund. por esses tempos em Coulão. — *Oriente conq.* I. 172. — *Epist. Ind. et Japan.* de multar. gentium ad Christ. fidem per s. *J. convers.* 3 ed. Lovan. 1570 p. 275, — Imag. virt. n. Coimb. I. 527, 39, — Al. Rhodes *Voyage et miss.* 34, 7, — *Santuar, Mar.* VIII. 282, — *Atalaia Cath.* 1861 p. 58, — *Hist. egr. cath Portg.* VII P. II. 180. s. — *Imprensa em Goa nos sec.* 15, 16 e 17 p. 70, — *Ramalhate christão* 1871 n.º 20. — *Miss. jes. no orie. nos sec.* 16 e 17, Lisb. 1894 p 130. D'algumas egrejas restauradas na c. da Pescaria, e outras fund. de novo em 155 1 52 dão noticia os *Diversi avisi partic. d. Ind.* 1551-58 p. 71.

1558 — *D. Fr. Jorge Themudo*, 1.º bispo de Cochim, sagr. em 8 jan. 1557 (e não 4 fev. 54 como por engano se disse na I P. desta minha obra p. 53); presidiu 7 ou 8 annos, sendo em 1567 nom. arcebispo de Goa. sobre suas visitações ás freguezias do seu bispado de Cochim, e outros serviços ahi prestados e em Ceylão, Meliapor, etc. — v. Diogo Couto VIII, 30, 8 e XIV 292, — Far. Sousa *Asia* III, 124, — Lucena 1. 3 c. 5, — *Orie. cong.* I, 108 e II, 235, 6, 55, — San Roman 397, — *Claustro domin.* III, 60 e 226 — Touron *Hist. hom. illustr. ord. S. Domg.* IV, 458, — Danrignac I, 280, — *Epist. Ind. et Japan.*, Lovan. 1570 p. 272, 89; Bergomi 1747 p. 89, 90, — *The Land of the Permanls* 109, — *Vida de D. Paulo de Lima Per.* 54, — *Ann. marinha porty.* I, 476, — *The Portg. in Ind.* I, 515, — *Hist. egr. cath. Portg.* VII, P. II, 315, — *Arch. portg. or.* III, 221, — *Conquista do reino de Pegu*, Lisb. 1829 p. 41 e 55, — e *Miss. jes. no orie.* 34.

N'uma carta escr. de Goa a 1 dezb. 1572, que ainda ha pouco tive occasião de vêr ms. no arch. t. tombo. lê-se que o arceb. Themudo, que havia dias estava doente de uma chaga interior na bexiga, pediu «aos p.^{os} (jes.) que o deixassem morrer aqui (no collegio de S. Paulo), porque nisso levaria sua alma muitas consolações; despojaram-lhe logo a enfermaria e concertaram-lha como convinha, e d'elle fiearam tratando perto de 2 mezes, e desenganado dos medicos tomou todos os sacramentos, e a 30 d'abril á meia noite fal. No prestito funebre iam o arcebispo D. Gaspar e os bispos de Malaca e de Cochim com suas capas e mitras, o cabido, religiosos, irmandade da misericordia..»

Em 1569 se fundaram as egr.^{as} de S. Thiago de Palurte e a de... em Mampolim (4).

1586 — *D. Fr. Henrique de Tavora e Brito;* governou 2 annos: delle diz Touron *Hist. hom. illust. ord. S. Domg.* IV, 450 cit. na I P. desta minha obra p. 601: «Quoiqu'il ne fut pas le premier evêque qui eût paru á Cochin, il y trouva bien des choses á faire, qui ne demandoient pas moins de resolution et defermeté, que de sagesse et de prudence. Mais le plus difficile travail ne l'etonne jamais, et depuis qu'il le put rendu familière la langue des indiens, il ne degardait pas comme au dessons de lui de catechiser les enfants, d'instruire les maîtres et les domestiques, de leur administrer lui-même les sacremens, et de prendre connaissance de tous leurs besoins, soi spirituels ou temporales. Il avoit pris le archev. de Brague (D. Barthol. dos Martyres) par son modéle, et il marcha toujours sur ses traces».

Estava elle em Goa governando o arcebispado *sede vac.*, quando foi promovido á dignidade de arceb. de Goa (I P. 65 e 601) (5).

Em 1577 se fundou a egr. de Vaipicota, que então pertencia ao districto, de Cochim e em 1582 a de N. S. Neves em Tuticorim com

(4) *An. lit. s. J. a.* 1582 p. 102, — Bartoli *Asia* 475, — *Orie. conq.* II, 47, 64 e 241.

(5) *As cid. e villas da monarch. portg. q. tem brazão d'arm*, Lisb. 1860 III, 27, — *Miscel. hist. biogr.* 120, — *Monum. e lend. Santarem*, Lisb, 1883 p. 640.

casa de residencia aos missionarios, bem assim um seminario (em 1588) onde se criavam com intenção de serem clerigos trinta e tantos mancebos nat. da terra, e mais um hospital, offerecendo logo os paravas 200 cruzados, para remedio dos pobres e outras despezas (6).

1579 — *D. Fr. Matheus de Medina*, confirm. em bispo de Cochim em 29 jan. 1577 por Gregorio XIII (*Corpo diplom. portg.* X, 535). De caminho de Portugal para a India esteve a invernar em Moçambique em 1579; chegou a Goa em 9 outb. Presidiu ao governo do seu bispado até 1588, em que foi nom. arceb. de Goa pela bulla *Romani pontificis* de Xisto V de 20 fev. 1588 (I P. p. 77 e 602) (7).

Em 1580 fundaram os rel. augustin. em Cochim o seu convento, tendo o bispo Medina feito a elles doação da ermida de N. S. Guadalupe, que depois foi substituida por uma formosa egr. sob a invoc. de N. S. da Purificação.

Na c. r. de 11 fev. 1585 encommendou-se ao vicer. Ind. fizesse o pagamento do bispo de Cochim, da sé e ministros eccles.os aos quaes se lhe deviam mais de 40.000 perdaos dos annos atraz; esta recommendação foi renovada nas cartas r. de 6 março 578 e de...588.

Outra c. r. de...1588 resolve a pretenção do deão e cabido da sé de Cochim, de se lhe mandar acrescentar os seus ordenados, pelos tempos serem differentes do que no principio se estabeleceram, no custo dos generos.

Em 1587 passou em Cochim o inverno o bispo de Macau D. Leonardo de Sá, indo depois para Goa (8).

(*Continúa*)

P.e Casimiro Nazareth

(6) *Alg. capitul. tir. das cart... padres.. Ind. e China...*, Lisb. 1588 p. 7 v, — *Orie. conq.* II, 110 e 758, — *Santuar Mar.* VIII, 85, — Du Jarric. III, 725, — *Voyag. et miss.* Al. Rhod. 1653 p. 32, — *Hist. gen. voyages XXXIII*, 199, — *Hist. egr. cath. Portg.* VII *P.* II, 350, — *Portg. descoverg and miss. in Asi* 47. Na *Host. P. Basto* p. 53 faz-se menção d'um collegio existente em Tuticorin.

(7) *Corpo dipl. portg.* XII, 30 a 40, — *Arch. portg*, or. III, 104, 56.

(8) *Corogr. portg.* III, 150, — *Arch. portg. or.* III, 180.

MOVIMENTO SOCIAL

Sessões da Sociedade de Geographia de Lisboa

Sessão ordinaria em 9 de novembro de 1908. — Presidente, o sr. ***Carlos Roma du Bocage;*** Secretarios: os srs. cons. ***Ernesto de Vasconcellos*** e dr. ***Silva Telles.***

Resumo da sessão. — Expediente. Admissão de socios. O sr. presidente communica a offerta d'um opusculo intitulado *Um verso dos Luziadas*, do sr. Silva Leal; lê a lista dos socios fallecidos no intervallo das sessões, referindo-se em especial aos srs. Sousa Machado e Nery Delgado. O sr. Almeida d'Eça, associando se ás palavras do sr. presidente, faz o elogio do Rev.º missionario E. Lecomte, fellecido em Angola. O sr. Berkeley Cotter, como secretario da Secção de Zoologia da Sociedade, refere-se ao sr. Nery Delgado, presidente que foi da mesmas ecção. Em signal de sentimento o sr. presidente encerra os trabalhos.

Socios admittidos n'esta sessão. — *Ordinarios:* Srs. Antonio Maria Marques Perdigão, José Verissimo Marques da Silva, Antonio Corrêa de Pinho, Alfredo de França Doria, Henrique de Mello Archer e Silva, Antonio de Faria, Eduardo Affonso Pibeiro de Moura, Manuel Rodrigues da Cruz, Rodrigo Rodrigues, Joaquim Nunes da Silva, Francisco Xavier de Barcellos Brandão, Duarte Bruno de Mello, Bernardo de Alpoim de Cerqueira Borges Cabral, Alberto Vaz Guimarães, José Caeiro da Motta, Antonio Telles de Vasconcellos Pignatelli, Angelo Alberto Frederico d'Oliveira, Firmino da Silva Moraes, Alberto de Barros Castro, Affonso Dornellas Cysneiros, Carlos Augusto Pereira, Antonio Carlos Augusto de Figueiredo Viale, João Ferreira, Julio Cesario Pinheiro de Mello, Augusto da Rocha Romariz Junior, Mario Paes da Cunha Fortes, Joaquim Antonio Acabado. Antonio Francisco Gonçalves, Augusto Borges C de Sampaio. *Correspondentes:* Srs. Ubaldo Rexach y Medina, Antonio do Nascimento Leitão, Arthur Barrote, Alfredo José de Carvalho, Charles Bourquin.

Sessão ordinaria em 7 de dezembro de 1908. — Presidente, o sr. ***Vicente Almeida d'Eça;*** Secretarios: os srs. cons. ***Ernesto de Vasconcellos*** e dr. ***Silva Telles.***

Resumo da sessão. — Expediente. Admissão de socios. O sr. presidente refere-se á falta de concorrencia ás sessões, ao curso colonial e seus effeitos, á publicação d'uma das melhores memorias d'um alumno da Escola Colonial, que vae ser publicada no Boletim, e ao convite feito pelo governo de Saxe para uma exposição photographica a realisar em Dresde no proximo anno. Voto de sentimento pelos socios fallecidos. O sr. A. Cabreira offerece o folheto de que é auctor, sobre um estudo da raça latino-slava. O sr. secretario geral, cons. Ernesto de Vasconcellos, refere-se á organisação d'uma lista de socios correspondentes. O sr. presidente apresenta o missionario C. Bourquin que vae fazer uma communicação ácerca dos indigenas de Moçambique, seus usos e costumes e maneira de os educar. Segue a communicação. O sr. presidente agradece.

Socios admittidos n'esta sessão. — *Ordinarios:* Srs. Alfredo Appell, Carlos Joaquim Michaelis Vasconcellos, Paulo de Moura Coutinho Almeida d'Eça, Tito Affonso da Silva Poiares, Manuel Joaquim de Carvalho, Lourenço Caldeira da Gama Lobo Cayolla, David de Carvalho, Eduardo Ferreira da Silva, Christovam Adolpho Ribeiro da Fonseca, Antonio José Pires Avellanoso, Luiz Cyriaco d'Oliveira. Nuno Freire Themudo, Francisco d'Oliveira Paes, José de Mattos Gomes Ferreira, José Maria Vilhena Barbosa de Magalhães, Luiz Filippe Freitas d'Andrade Albuquerque.

Sessão especial em 23 de dezembro de 1908. — Presidente, o sr. ***Vicente Almeida d'Eça;*** Secretarios, os srs. cons. ***Ernesto de Vasconcellos*** e ***J. A. Moreira d'Almeida.***

Resumo da sessão. — O sr. secretario geral dr. Silva Telles, faz a sua communicação sobre o Congresso de Geographia de Genebra.

Reunião das Commissões e Secções

Commissão executiva da Exposição de Dresde. — Reuniões em 11, 21, 28 de novembro e 12 de dezembro.

Commissões americana e de emigração. — Reunião conjunta em 21 de dezembro, presidida pela mesa da Sociedade. Tratou-se d'uma proposta enviada pela Direcção, ácerca d'um premio a conceder ao auctor da melhor memoria sobre «O modo mais efficaz de promover a completa união moral da colonia portugueza no Brazil com a mãe patria, apresentando os alvitres para evitar a sua desnacionalisação e indicando egualmente os meios mais apropriados para lhe dar a indispensavel força na lucta com as outras colonias estrangeiras que ali lhe disputam a influencia».

Movimento de socios ordinarios no 2.° semestre de 1908

Existentes em 30 de junho	2.326	
Transferidos de correspondentes	13	
Admittidos	47	2.386

A deduzir

Por se despedirem	26	
Transitados a correspondentes	4	
Fallecidos (sendo 1 honorario)	22	
Eliminados por falta de pagamento de quotas	57	109
Existentes em 31 de dezembro de 1908		2.277

Socios fallecidos no 2.º semestre de 1908

Mezes	Nomes	Profissão	Data da admissão
Julho ...	Alberto José Vergueiro.......	Official do Exercito.....	13- 1- 96
»	Manuel de Souza Machado (honorario)..................	» » »	7- 2- 98
»	Abilio Lopes da Costa Pereira	Agricultor.............	4- 2-901
»	Conde de Villa Verde........	»	4- 6-900
»	Jorge C. Pinto Moraes Sarmento....................	Official do Exercito — Vogal da Commissão Africana	25-10- 86
Agosto ..	Joaquim Filippe Nery Delgado	General de divisão — Presidente da Commissão Geologica — Vice-Presidente da Sociedade em 1888 — Vogal do Conselho Central e das secções: Astronomia, Meteorologia, Anthropologia, Ethnographia e Cartographia....... .	3-11- 83
»	Conde de Tondella	Proprietario e capitalista	6- 5-907
»	Augusto Justiniano d'Aranjo..	Industrial.............	21-12- 81
»	Antonio Francisco da Costa Lima....................	Engenheiro — Lente da Escola Polytechnica — Vogal das Secções de: Astronomia, Zoologia, Ensino Geographico e Instrucção Publica Nacional...............	7- 7- 97
Setembro.	Augusto Pinto de Miranda Montenegro..........	Engenheiro — Presidente do Conselho de Melhoramentos Sanitarios...	2-11-906
»	João Augusto d'Oliveira......	Proprietario..	9- 3-903
»	Augusto de Bastos......	Pharmaceutico..........	11-12-905
Outubro..	Antonio Martins Correia Junior..........	Commerciante..........	19-12-901
»	Manuel Freire Caria.........	Medico................	2- 6-902
»	Carlos Pecquet Ferreira dos Anjos................ ..	Negociante — Vogal das Secções de Commercio e Industria	7-11- 86
Novembro	Leonel Tavares de Mello.....	Escrivão de Direito.....	1- 9- 96
»	Manuel Joaquim de Campos...	Numismata	13- 1- 96
»	José dos Santos Coelho Godinho	Escrivão de Direito.....	4- 4- 98
»	Joaquim Marques Nogueira ..	Proprietario	9- 3-908
»	Antonio Pinto da Trindade...	Veterinario.......	8- 3- 97
»	Albino Narciso Maia.	Capitalista...........	8-11-907
Dezembro	Caetano da Silva Fortes......	Proprietario	14- 5-908
»	Zacharias José Pereira.......	Empregado no commercio	8- 3- 97

MOVIMENTO DO MUSEU DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

Receberam-se para o Museu, durante o anno de 1908, os seguintes objectos.

Janeiro

Stereoscopia com vistas da Roça Boa Entrada em S. Thomé, catalogada com o n.° 6:652, offerta do Sr. Henrique de Mendonça, S. S. G. L.

Collecção de 12 exemplares de madeiras, e 3 amostras de cascas de arvores do districto do Congo, offerta por intervenção da Direcção Geral do Ultramar, catalogada com os n.°ˢ 10:643 a 10:658 e 3:451 e 3:453.

Cabaço grande, instrumento musico feito e usado pelos Mandingas da Guiné (adquirido por compra); catalogado com o n.° 9:238.

Collecção de amostras de mineral aurifero e de antimonite e cobre de Timor.

Exemplares de conchas peroliferas que abundam nas costas de Timor, offerta do Sr. Julio Montalvão e Silva, S. S. G. L., catalogadas com os n.°ˢ 10:648, 10:685, 10:686, 10:687, 10:688 e 10:689.

Fevereiro

Vistas stereoscopicas, contendo diversos trechos da Roça Rio do Ouro, em S. Thomé, 200 chapas, offerta do Sr. Marquez de Val Flor. Catalogadas com o n.° 5.934.

Março

Bandeira que pertenceu á Columna movel de policia do commando do capitão Fernando Astolpho da Costa, que submetteu os povos do concelho de Ambriz. Catalogada com o n.° 5:270.

Abril

Sélla tomada ao regulo de Bandóra-Bonco pelas forças portuguezas, em seguida ao combate de Campampe em 1 de dezembro de 1907. Catalogada com o n.° 3:427. Offerta do Sr. João Augusto d'Oliveira Muzanty, commandante da columna militar e governador da Guiné, S. S. G. L.

Maio

Bandeira usada pela companhia de marinha na expedição aos Cuamatas, commandada pelo Sr. tenente Victor Leite Sepulveda, que foi catalogada.

Junho

Amostras de madeiras do Prazo Massingire do districto da Zambezia (Moçambique); 147 exemplares diversos, offerta da Companhia da Zambezia, que foram catalogados.

Julho

Collecção de esculpturas, em massa de trigo; industria muito antiga e hoje quasi extincta da ilha Graciosa (Açores); offerta do Sr. Jayme Neves, S. S. G. L. Catalogada com o n.° 8:275.

Haste revestida de arame de latão com a bandeira portugueza, chapeu de pennas de avestruz, bengala de ebano usada, tinteiro de latão e Alcorão arabe, que pertenceram aos regulos de Mataca e Quamba; offerta da viuva do coronel Manoel de Souza Machado, commandante da expedição contra o referido regulo. Foram catalogados.

Outubro

Fato completo de pequeno pastor de 7 annos de edade, denominado «Ajuda de pastor» do concelho de Arrayollos, offerta do Sr. João Arthur Lopes, S. S. G. L., catalegado com o n.º 2.058.

Durante o anno, junto com os trabalhos ordinarios da limpeza geral, procedeu-se á beneficiação de diversas secções de productos e artigos coloniaes, taes como: as das armas chinezas, collecções de zoologia, fructos, cacaus, cafés, madeiras, tecidos, etc.

Continuaram os trabalhos da nova reorganisação do Museu Colonial, catalogando e rotulando de novo os productos expostos n'este museu.

Estatistica dos visitantes do Museu em 1908

Janeiro	1:063
Fevereiro	1:244
Março	1:483
Abril	2:130
Maio	1:830
Junho	1:037
Julho	980
Agosto (incluindo excursionistas)	2:794
Setembro » »	2:930
Outubro » »	1:774
Novembro	1:582
Dezembro	1:675
Total	20:522

Resumo

Visitantes em dias destinados pelo regulamento	16:834
» forasteiros e excursionistas	3:290
» estrangeiros	398
Total	20:522

INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS NA 26.ª SERIE

Annexo ao n.º 4 (abril) da 26.ª serie:
Indice da obra do Conde de Ficalho. *As plantas uteis de Portugal* por A. S. Barjona de Freitas, S.S.G.L.

27.ª Série — 1909 N.º 1 — Janeiro

BOLETIM

DA

Sociedade de Geographia de Lisboa

—◆—

FUNDADA EM 1875

SUMMARIO

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
Rua do Diario de Noticias, 110

1909

BOLETIM

DA

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

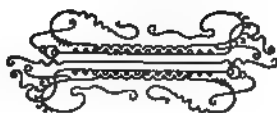
27.ª Série — 1909

BOLETIM

DA

Sociedade de Geographia de Lisboa

FUNDADA EM 1875

27.ª Série — 1909

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
Rua do Diario de Noticias, 110

1909

Direcção da Sociedade de Geographia de Lisboa

(ELEITA EM 27 DE FEVEREIRO DE 1909)

Presidente — Vice-Almirante Cons. Francisco Joaquim Ferreira do Amaral.

Vice-Presidentes — Coronel Carlos Roma du Bocage, Capitão de Mar e Guerra Prof. Vicente Almeida d'Eça, Prof. Zophimo Consiglieri Pedroso, Cons. Rodrigo Affonso Pequito.

Secretarios Geraes — Capitão de Mar e Guerra Cons. Ernesto Julio de Carvalho e Vasconcellos, Prof. Dr. Francisco Xavier da Silva Telles.

Vice-Secretarios — Consul de 1.ª classe José Augusto Moreira d'Almeida, Capitão de Fragata Hypacio Frederico de Brion.

Thesoureiro — Luiz Eugenio Leitão.

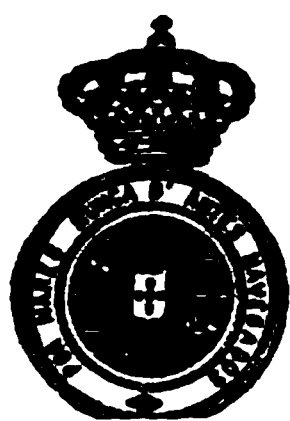
Vogaes — Coronel Antonio Alfredo Barjona de Freitas, Cons. Antonio Duarte Ramada Curto, Cons. Conde de Penha Garcia, General Cons. Joaquim José Machado, Cons. João Carlos de Carvalho Pessoa.

SÉDE DA SOCIEDADE

RUA DE SANTO ANTÃO

LISBOA

A Sociedade não toma sob sua responsabilidade as opiniões dos auctores dos artigos publicados no «Boletim».

27.ª Série — 1909 N.º 1 — Janeiro

Director, proprietario e editor—*Sociedade de Geographia de Lisboa*—Rua de Santo Antão—Lisboa
Composição e impressão na Typographia Universal
pertencente a Coelho da Cunha, Brito & C.ª — rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

A SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA E OS TERRAMOTOS NO SUL DA ITALIA

I

Telegrammas trocados

Da Sociedade a S. M. o Rei d'Italia:

«Lisboa, 30 de dezembro de 1908.

À Sa Majesté le Roi d'Italie. — Société Géographique Lisbonne a l'honneur présenter Votre Majesté ses plus profondes condoléances par la grande catastrophe vient d'éprouver votre pays. — Président.»

Do Ministro da Casa Real d'Italia á Sociedade:

«Roma, 1 janvier 1909.

Je vous remercie au nom de Sa Majesté le noble témoignage de sympathie pour la nation italienne dans cette circonstance. — Ministre Maison Royale, Ponziovaglia.»

Da Sociedade aos presidentes de:

Società Geografica d'Italia, Roma;

Reale Academia dei Lincei, Roma;

Società Africana d'Italia, Napoles;

«Lisboa, 30 de dezembro de 1908.

Société Géographie Lisbonne, profondément émue grande catastrophe Sicile, envoie ses sympathies votre Société. — President.»

Da Società Geografica d'Italia á Sociedade:

«Roma, 2 janvier 1909.

Profondément touchés démonstration cordiale solidarité vis-à-vis terrible catastrophe, priére agréer expression vive reconnaissance. — Capelli, president.»

Da Academia dei Lincei à Sociedade.

«Roma, 4 gennaio 1909.

Academia Lincei sua seduta odierna esprime profonda sua gratitudine interessamento grande sciagura italiana catastrofe Sicilia, Calabria; vincoli fraterni leniscono nostro ineffabile dolore. — Presidente Blaserna.»

II

O terramoto de Messina e de Regio de Calabria

Conferencia na Sociedade de Geographia de Lisboa em 11 de janeiro de 1909

Summario: As transformações da face da Terra. Phenomenos lentos e phenomenos bruscos da mobilidade phisionomica do nosso planeta. Distribuição geographica d'esses phenomenos. O Sulco Transversal da Terra. A Bacia Romana ou Mar Latino. Considerações geraes sobre a historia phisica do sul da Italia. Phenomenos estructuraes mais importantes no Terciario. Condições actuaes da zona siculo-calabreza. Considerações geraes sobre as variedades dos sismos. O macrosimo de Messina e do Regio. Ondulações sismicas em Portugal.

Os sismos, que destruiram as cidades de Messina e Regio, são manifestações agudas dos phenomenos estructuraes da terra, são aspectos logicos da dynamica do globo. Toda a região siculo-calabreza apresenta caracteres tectonicos de tal modo evidentes, as suas condições topographicas são tão particularmente interessantes, que as grandes convulsões, antigas e modernas, de que tem sido victima, não devem causar espanto nem estranheza a quem examinar com attenção esse solo instavel e inquieto.

Os technicos, os especialistas no assumpto, não desconhecem essas condições da estructura phisica do sul da Italia. Por isso, tambem, o terramoto de ha poucos dias e todos os outros registados pela historia antiga e recente são phenomenos que elles julgam perfeitamente naturaes, isto é, subordinados a forças que mais de preferencia se fazem sentir n'essa zona da *linha dos Mediterraneos*. Mas, tratandose de indicar quaes as energias ou manifestações geodynamicas que provocaram esse tremendo cataclismo, — o maior, até hoje, pelo numero das victimas, — é indispensavel preceder o estudo das condições sismicas do sector italiano que vae da Sicilia até ao norte do massiço de Silla, na Calabria, de um certo numero de considerações scientificas, que devem servir para interpretar com segurança o que vem a ser, como phenomeno estructural, esse terrivel abalo de terra, e quaes as razões que concorrem para que a região siculo-calabreza seja um dos fragmentos da face do globo mais expostos a commoções d'esta natureza.

*
* *

A phisionomia da Terra caracterisa-se por uma mobilidade permanente; ella não é hoje o que foi hontem e o que será amanhã. A distribuição dos continentes e dos oceanos, as variações morphologicas das superficies emergida e immergida, a altitude dos relevos, os caracteres das escarpas, tudo varia, tudo se transforma sem interrupção. Cyclos apoz cyclos se seguem traduzindo phenomenos de

...al de intensidade e duração de cada um dos seus periodos. A ... da Terra não soffre transformações harmonicas e symetricas. ... contrario. A asymetria, a irregularidade nos pormenores, a falta ...nergia entre certas manifestações parecem ser os caracteres fun...entaes d'essa ininterrupta mobilidade phisionomica. Na era *Pri...a*, por exemplo, a sedimentação é activa; á formação lithoge... correspondem alterações orogenicas, movimentos de elevação, ...ma grande intensidade. E emquanto a emersão das terras se vae ...zando, os desnudamentos consecutivos, a grande obra da destrui...não cessa. É a phase formadora do globo. Na era *Secundaria*, mo...to de suspensão da forte actividade do nosso planeta, não se inter...em os phenomenos glyptogenicos ou de destruição. Os mares trans...em as terras passadas, de sorte que as grandes formações orogeni... da era anterior são invadidas e abandonadas pelo mar a largos ...dos de tempo. Na era *Terciaria* surgem movimentos estructuraes ...ntensos como na era Primaria. As regiões immersas emergem, ha ...dimentos colossaes vagarosamente realizados em varias zonas ...Terra, formam-se brechas profundissimas e immensas traduzindo ...as de menor resistencia, de instabilidade tectonica. Apresentam-se ... as grandes linhas phisionomicas da Terra, as suas feições prin...es, muitas ainda incompletamente definidas. E a todas estas oscil...es da terra e do mar correspondem certos e determinados phe...enos da vida: a cada transgressão oceanica pertence o começo de ... novo cyclo geologico e com este a chegada de typos animaes ...togenicos e o renovamento da fauna maritima.

A era *Quaternaria* caracterisa-se por uma relativa permanencia ... caracteres morphologicos e climaticos da superficie terrestre: é ...a *homozoica*, do apparecimento do homem. Embora, desde o seu ...eço, não se tenham observado plicaturas como as das eras pri...a e terciaria, no entanto as grandes pregas das formações ter...as continuam ainda soffrendo, umas, fortes deslocamentos verti...

extremamente lentas e o tempo decorrido ser insignificante em c
paração com o que foi necessario aos cyclos das primeiras phase
globo.

Mas todas essas transformações da superficie terrestre, toda
sas variações dos oceanos e da terra emergida, todos esses phen
nos de enrugamentos e de fracturas revelando acções centrifu
centripeta na massa do globo, não se fazem sem manifestações mec
cas, umas de marcha extremamente lenta, outras de mais vigor
e outras ainda de effeitos bruscos. São estas que mais nos fere
sentidos, por serem instantaneas e cairem facilmente no domin
nossa consciencia.

Essas transformações mechanicas dividem-se em dois grupos
cipaes: as que se caracterizam por uma extrema lentidão e a
téem o caracter da agudez, da commoção brusca. Pertencem a
meiro grupo os *movimentos bradisismicos*, *horizontaes* ou *tangenci*
os *movimentos verticaes*, lentos tambem, activos e passivos; n
gundo grupo encontram-se as *manifestações vulcanicas* e os *m*
sismos ou tremores de terra. Quanto aos movimentos a que se
nome de *microsismos*, constituem uma fórma da ondulação da n
plastica da Terra e suppõe-se serem em parte dependentes das i
ou condições astronomicas e em parte traduzirem manifestaçõe
das da arfagem do volume da terra.

Todos estes phenomenos mechanicos estão entre si intima
relacionados. São, na sua essencia, funcções de causas geraes i
cas. A differença da intensidade, a sua duração, os seus effeit
caes mais ou menos importantes, não indicam de modo algum
diversidade de origem; elles traduzem alterações estructuraes pr
das em grande parte por condições internas e em parte pela in
rencia da agua e de outras causas externas. A lentidão de um
gamento tangencial bradisismico, como é, por exemplo, a for
da plicatura dos Alpes, dos systemas Beticos ou dos Pyrineus,
comparavel á instantaneidade de um abalo sismico; os abaixan
e os afundimentos verticaes, como se téem dado e continuam
nifestar-se no Mar Egeu, no Mar Tyrrheno, téem aspectos mui
versos dos que apresentam as regiões vulcanicas, de activida
tensa, como nas Aleucianas e em outras nesgas da Terra, onde
vantam e se afundam ilhas creadas por immensos esforços ce
gos transmittidos ás profundidades bathymetricas, rompendo gr
fossas abyssaes ou profundissimos *umbigos* oceanicos.

*

* *

Toda a superficie da Terra está mais ou menos sujeita a
phenomenos mechanicos que traduzem alterações estructurae
entanto, quando se procede ao exame das diversas zonas do
reconhece-se que ha zonas *estaveis*, planificadas ou peneplanifi
onde se não observam esses accidentes geotectonicos; outras, de
bilidade menos accentuada, que são como personalidades chega

um periodo de equilibro organico, de completo desenvolvimento; outras, finalmente, *instaveis*, cujos caracteres phisionomicos ainda não estão completamente definidos, e sujeitas por isso a alterações devidas a uma estructura ainda não systematisada. Mas dentro d'estes tres grupos de caracteres fundamentaes toda uma longa escala de cambiantes diversas se reconhece. Da maxima estabilidade das planuras da Russia europêa e asiatica até á instabilidade manifesta do solo das regiões siculo-calabreza, antilhana, andina, aleuciana, etc., essa escala apresenta gradações mais ou menos regulares, indicando onde são sempre provaveis as grandes oscillações do solo, onde estas são menos frequentes e onde são raras ou nullas. E', não só pelo processo estatistico, mas tambem pela analyse dos caracteres tectonicos e geomorphologicos das respectivas zonas, que se chega a conclusões d'essa ordem.

Mas as zonas estaveis não tiveram sempre a tranquillidade que hoje apparentam. Nas primeiras edades do globo foi tambem grande a inquietação do seu solo, as plicaturas fizeram-se com um immenso vigor, o vulcanismo e os sismos atormentaram com uma extraordinaria intensidade e frequencia os estractos do seu organismo phisico. A geologia sabe reconhecer as cicatrizes d'essas lutas tremendas, que são tanto mais claras quanto menos estaveis se mostram as regiões estudadas. E é assim que os vulcões extinctos do Tian-Shan, do Plató Central da França, da Africa oriental e meridional, são outros tantos documentos a revelar o que teria sido o solo d'essas zonas da superficie durante os mais remotos periodos geologicos. E do mesmo modo o exame da estructura das formações terciarias nos mostra quaes os segredos de toda essa colossal movimentação de determinadas faixas do Globo, caracterisada por extensos enrugamentos, por deslocamentos verticaes, por lithoclases, por um vulcanismo activo e por sismos mais ou menos violentos e de grande ou de pequena área de propagação.

Nas regiões do globo onde todos estes phenomenos se não observam, a estabilidade é maxima; onde elles se registam em fraco grau ou como echos propagados de longe, a firmeza do solo é menos garantida. Mas nas zonas instaveis todas essas manifestações estructuraes se notam, umas com o seu caracter fundamental de lentidão, outras com a tara manifesta da instantaneidade e da intensidade.

E' á luz das sciencias geologicas que se interpretam as phases das transformações da terra. As suas feições fundamentaes e secundarias, todos os seus caracteres morphologicos, esclarecem-se quanto á sua significação e á sua razão de ser. As suas modificações estructuraes não se fazem illogicamente; manifestam-se, pelo contrario, onde confluem particularidades geophisicas reveladoras da instabilidade do solo. Os phenomenos agudos do vulcanismo e os sismos não surgem indistinctamente: são resultados de condições, de motivos, que estão em harmonia com outros phenomenos estructuraes, como são as grandes fracturas ou lithoclases, os afundimentos, as fossas abyssaes proximas, a natureza das escarpas submarinas, as plicaturas e ainda muitos outros phenomenos de natureza tectonica. D'onde se

conclue que a esta synergia das manifestações geodynamicas devem corresponder causas geraes identicas.

*

* *

São tres as principaes linhas phisionomicas do globo onde encontramos todas essas alterações estructuraes: a *crista do Atlantico*, que vae da Islandia á Ilha de Tristão da Cunha, passando pelo Archipelago dos Açores; a *corôa andina*, da Terra do Fogo á Nova Zelandia, contornando o Oceano Pacifico, e a *linha dos Mediterraneos* ou *sulco Mesogeu*, a que se dá tambem o nome de *fractura transversal da Terra*. Em todos as tres se observam tanto os phenomenos lentos como as manisfestações bruscas do tectonismo. Elevações actuaes, grandes afundimentos, plicaturas, lithoclases, vulcanismo intenso e sismos repetidos, eis o quadro das convulsões bruscas e da movimentação lenta d'essas regiões. Os effeitos centripetos e centrifugos do enrugamento total e lento da massa terrestre traduzem-se por meio de numerosas alterações mechanicas, realizando-se de um modo extremamente vagaroso. Mas, ao mesmo tempo, este ageitamento das camadas da terra, pela contracção geral, provoca outras consequencias que preparam as suas manifestações agudas, como o vulcanismo e os sismos.

A crista do Atlantico é como uma columna vertebral, cujas vertebras craneanas se encontrassem na Islandia, e cuja terminação coccygea parecesse residir na insignificante ilha de Tristão da Cunha, dividindo o Oceano Atlantico em duas zonas, oriental e occidental. Ladeiam-na grandes profundidades abyssaes, sulcos reveladores de immensas alterações estructuraes. Os enrugamentos orogenicos dão-se em toda a espinha dorsal; os afundimentos e as elevações lentas accompanham certamente as plicaturas; o vulcanismo é activo; os sismos são frequentes. Estes caracteres estructuraes revelam uma actividade tectonica que contrasta com a peripheria do Atlantico, feita em grande parte de blocos massiços primitivos, de terras de estructura estavel.

A *corôa dos Andes*, verdadeira corôa de fogo, porque os vulcões activos succedem-se a curtos intervallos, é outra feição predominante da face da Terra. Por entre blocos massiços, uns archaicos, outros de formação primaria, as plicaturas terciarias, que se encostam umas vezes e se engrenam outras com os massiços antigos, provocaram e provocam ainda deslocamentos activos, afundimentos, immensas lithoclases, todos os aspectos possiveis de uma juventude estructural. E a traduzirem as manifestações agudas da sua dynamica inquieta, frequentissimos macrosismos em todo esse rebordo marginal do Pacifico, destruindo cidades, como na California e no Chile, alterando os relevos bathymetricos e transformando lentamente a morphologia da zona peripherica dos continentes proximos.

*

* *

o *sulco transversal da Terra* ou *fractura transversal*, feição
tica do globo e a que talvez primeiro se mostrasse na evo-
al do planeta, que mais interessante se nos apresenta no
vista das suas condições estructuraes e da sua historia phi-
o uma immensa brecha feita na terra obliquamente ao seu
raphico, ella corre de oeste a leste todo o nosso Mediter-
ssa ao golfo Persico e ao Mar das Indias, atravez de largas
emergidas, como o Norte do Libano, a Mesopotamia, o
ab; sóbe ás planuras do Indus; continúa para o Oriente
hydrographica do Ganges — como a do Indus, sedimentada
io; desce para o sul, marginando as Nicobares, as Anda-
pendores occidentaes de Sumatra e Java. Ao occidente do
eo prolonga-se, atravessando o Atlantico, até ás Antilhas,
Mexico e a America Central. Em todo este percurso ladeiam-
ras ou rugas colossaes, como são os systemas Beticos, os
Apeninos, os Carpathos, os Balkans, o Caucaso, toda a
nassa orogenica que se espalha pelo Kurdistan, Armenia,
al, Hymalaia, até ás ultimas pregas que se perdem ao oc-
Java.
relevos mais importantes do globo, são a formação oro-
lerna, iniciada no começo da era Terciaria e não terminada
no se observa, por exemplo, nos Apeninos, no Caucaso e
Andamanes-Java.
formidavel geosynclinal a estructura é profundamente in-
sa instabilidade traduz-se por phenomenos mechanicos, len-
osos e bruscos. As *plicaturas* que marginam o sulco Meso-
fundimentos parciaes da Iberia primitiva, da Tyrrhenida,
co, da Romelia oriental e do continente Egeu; as *elevações*
se reconhecem na Asia Menor e ao norte do Kurdistan, e na
tlantico por levantamentos bathymetricos; a distribuição
abyssaes em grande parte da area do geosynclinal, como
pigos do Tyrrheno, do Jonico, do Levantino, do Yucatan e
ros; as innumeras *lithoclases* espalhadas atravez d'essa
nensa e das terras proximas, creando zonas de forte insta-
ão, todos, signaes evidentes de que as camadas geologicas
faixa da terra occupada pelo grande geosynclinal hyma-
se encontram n'uma phase de equilibrio instavel, procurando
accomodarem para um repouso futuro.
linha dos Mediterraneos, de uma notavel persistencia desde
nais remotas da vida do Globo, muitos fragmentos ganha-
relativa segurança, outros sedimentaram-se, elevaram-se
nte, em outros ainda a emergencia e a solidificação pro-
terações architectonicas consideraveis, de modo a se apre-
morphologicamente, de um modo inteiramente differente do
segmentos do mesmo geosynclinal primitivo. Fez-se assim
ação das zonas do Indus, do Ganges e do Chat el-Arab, le-

vantou-se o norte do Libano, a fractura no Atlantico perdeu a
tão caracteristica do nosso Mediterraneo. E isto importa diz
brecha vai-se fechando, mas á custa de movimentos estruct
elevação, de afundimentos, de plicaturas, com manifestações
agudas, como são o vulcanismo e os macrosismos. Toda ac
tectonica, que o geosynclinal e as suas margens offerecem, tra
phase de juventude em que o organismo ainda se não est
não adquiriu ainda as linhas definitivas da sua conformação

*

* *

De todos os fragmentos do *sulco Mesogeu*, interessa-nos
larmente o nosso Mediterraneo. A sua estructura, os seus c
morphologicos, as suas relações de contiguidade, de continuic
associação com as terras e com os mares proximos dão-lhe um
nomia inconfundivel.

Collocado entre o massiço archaico da Africa septentri
um lado, e a plataforma russa, as zonas hercynicas penep
das e estabilisadas da Allemanha Meridional e da França (
ainda outras zonas primitivas da Iberia e da Peninsula Ba
todas as suas linhas phisionomicas mostram que a distribu
fórma das suas terras e dos seus mares, os seus caracteres orc
as suas fracturas e todos os seus phenomenos estructurae
estão tão intimamente relacionados entre si, de tal modo s
nam, que todos elles teem relações causaes, isto é, são dep
de forças geodynamicas, que ora se exteriorisam por alteraç
chanicas lentas, ora por convulsões bruscas. Mas todos es
nomenos são logicamente consequentes de causas identica
bora se apresentem, por condições locaes, de um modo mais
nos violento nos seus effeitos, provéem todos das mesmas
tectonicas.

E' deveras notavel a face do Mediterraneo. As suas pr
formação terciaria, encostam-se ás formações primarias ou inf
atravez dos seus fragmentos, desmoronando uns, levantando
afundindo grandes retalhos da sua superficie bathymetrica, a
fechando estreitos, alterando as escarpas maritimas, todo u
junto de transformações morphologicas que indicam qual o v
suas energias tectonicas. As suas pregas encurvam-se e loca
de fórmas as mais variadas. São caracteristicos os encurv
da crista hymalaio-alpina de encontro ao Plató hercynico da
aos blocos primitivos em volta do Monte Branco, ás formaçõ
tallinas do Monte Rosa, aos massiços archaicos da Romelia (
dos Rhodopes e outros ainda dispersos pelo oriente europeu
Asia. A orogenia betica não desmoronou a Iberia ou a Meseta
como succedeu á Tyrrhenida e a uma grande parte do Co
Egeu. A curvatura orologica dos Alpes da Transylvania e
kans é semelhante á dos systemas Beticos e do Atlas. O arc
calabrez é egual ao que é formado pelos Carpathos e pelos

ransylvania. Quem analiza os caracteres hypsometricos e orologicos as terras que envolvem o Sulco Mediterraneo, colhe immediatamente ndicações seguras de que estamos em presença de uma zona do Globo ortemente agitada e de que essas terras marginaes e as maiores pro-undidades do Sulco se distribuem do modo como as encontramos, por orças endogenas que se conhecem e que se prevêem.

Mas não são só as plicaturas marginaes que nos conduzem a esta onclusão. Outros signaes reveladores de immensas alterações es-ructuraes se observam ainda. Por toda a zona mediterranea do geo-ynclinal hymalaio-alpino encontramos, dispersos, fragmentos de massi-os primitivos, rugas de formações archaicas, revelando afundimen-os consideraveis, desmoronamentos colossaes, fortissimas acções cen-ripetas, tendo provocado variadissimas diaclases, fossas abyssaes, uebrando ligações estructuraes e provocando outras variedades de henomenos tectonicos. É assim que o exame geologico da Sardenha, a Sicilia, da Toscana, da Calabria, da Turquia, das ilhas do Mar Egeu mostra os motivos da interrupção na continuidade antiga de odas estas terras: fragmentou-se a pouco e pouco a terra primitiva recambrica e cambrica; as formações orogenicas terciarias comple-aram, se não continuam ainda, essa obra de destruição, e onde antes, as primeiras edades do Globo se encontrava uma nesga de terra ontinua, vêem-se hoje ilhas dispersas, fragmentos que pertencem á esma origem geogenica.

A *distribuição dos abysmos* do Mediterraneo é outro caracter ectonico a considerar. O Mar das Baleares, o mar Tyrrheno, o mar Egeu, o mar Levantino são expressões geographicas que significam onvulsões geologicas; são traços phisionomicos muito particulares e ue pelo modo como se distribuem e pelas differenças que apresentam m relação ás zonas bathymetricas proximas, confirmam a hypothese a sua origem estructural.

Na peripheria do Mediterraneo, e em especial em certas regiões, s *escarpas marginaes e submarinas*, quer na sua fórma consequente, quer por outros caracteres verticaes e horizontaes, indicam phenome-os de elevação activa, como se observa na região do Aspromonte, na alabria, ora circos de afundimento, como se reconhece na costa oc-idental da Italia, na costa mediterranea da Hespanha, de Trafalgar o Cabo Não, na Peninsula Balkanica, na Grecia e em muitas outras egas do sul europeu. As costas dos paizes mediterraneos são prin-ipalmente estructuraes. Todas denunciam, quer aspectos de enruga-entos, e elevações activas, quer desmoromamentos e afundimentos. stão em intima relação de dependencia tanto com os caracteres oro-ctonicos tangenciaes, como com os deslocamentos activos e passivos.

Toda esta movimentação do solo, elevando-se, deprimindo-se, plis-ndo-se, abriu estreitos como o de Bonifacio, entre a Corsega e a rdenha, e o que separa a Sicilia da Tunisia; fechou outros, como estreitos terciarios do sul da Italia, do Crati, Catanzaro, Messina spromonte e o estreito Betico na Hespanha; rasgou a successão dos clinaes e sinclinaes dos systemas Beticos ao Atlas, formando a ha do Estreito de Gibraltar; alterou ainda outros e continua

alterando-os na sua fórma, grandeza e profundidade, como o E
de Messina. E todas estas alterações, embora lentas, mostram ta
como os phenomenos que indicámos são modalidades morphol
das mesmas causas tectonicas.

A *extrema irregularidade dos relevos bathymetricos* é um ca
estructural que com os anteriores se prende. Basta consultar a
publicada pelo Principe de Monaco, para comprehendermos imı
tamente como o polymorphysmo e a extrema irregularidade da
fundidades do Mediterraneo e as suas numerosas fendas traduz
terações estructuraes accentuadissimas. A comparação das isol
com essas brechas submarinas, que parecem confluir em quatro r
principaes, confirma a hypothese das elevações e abaixamentos
perficie immergida d'este fragmento do grande geosynclinal. S
tambem que os phenomenos agudos da tectonica manifestam-
modificações bathymetricas. Desequilibrios architectonicos da
ficie emergida actuam fortemente nos fundos proximos, e vice-
Toda a historica phisica do Mediterraneo, desde as primeiras
da vida do Globo, é um permanente abaixar-se e elevar-se,
correspondem phenomenos egualmente estructuraes nas terras
mas. E assim é que a *fossa levantina* não é estranha á ele
que fez emergir a primitiva continuação oriental da *linha dos
terraneos;* a *fossa jonica* está em intima dependencia rela
com as elevações do sul da Italia e do oeste balkanico; a *foss
rhenica* traduz desmoronamentos lateraes, lithoclases e elevaçõe
ninas; os afundimentos que produziram lentamente a *fossa bale*
crearam ondulações successivas para o oeste e para o sul, provo
plicaturas, como são as formações beticas e o Atlas.

A *distribuição insular* no Mediterraneo merece uma menção
cial. As Sporadicas, as Cycladas, as Jonicas, as Tyrrhenas, disp
em arcos de circulo, revelam afundimentos centraes; as Baleare
fragmentos de um antigo prolongamento iberico, ligando-se prov
mente á Corsega e ás formações crystallinas sobre que se creara
Alpes occidentaes; Malta, Gozo, Pantelaria, Lampedusa, são pı
ctos vulcanicos e mostram qual a intensidade dos movimentos t
nicos que abaixaram a velha terra que ligava a massa cambric
Sicilia ao massiço primitivo da Africa do Norte.

A *fórma peninsular* de quasi todas as terras que vão do occid
ao oriente do Mediterraneo, desde a Peninsula Iberica até á Asia
nor, é outro caracter morphologico a indicar, tratando-se da an
do Mediterraneo no ponto de vista geodynamico. A Calabria é
de massiços que se elevaram e de estreitos que emergiram; as
ninsulas gregas foram produzidas principalmente por afundiment
desmoronamentos; todo o rendilhado da costa occidental da Asia
nor, em contraste flagrante com a peripheria meridional lisa, a pr
de fracos degraus submarinos e com grandes profundidades pı
mas, é outro exemplo importante das transformações estructuraes
caracterisam a vivacidade extrema da faixa mediterranea.

Todos estes phenomenos teem entre si relações causaes. Esta
sociações de caracteres morphologicos são outras tantas manif

ções muito claras de que esta zona do Globo não chegou ainda á phase de equilibrio, de estabilidade. E a denunciar ainda mais a sua inquietação, basta mencionar o seu vulcanismo activo e a sua actividade macrosismica, para se concluir com segurança que do golfo Alexandreta até ao Estreito de Gibraltar, que é approximadamente o eixo da *depressão mediterranea*, as terras emergida e immergida vivem n'uma perturbação dynamica permanente.

*

* *

Dá-se á metade occidental do Mediterraneo o nome de *Mar Romano* ou *Mar Latino*. A metade oriental poder-se-hia subdividir, no ponto de vista dos caracteres tectonicos, em duas regiões, o *Mar Levantino* e o *Mar Jonico*. Embora relacionados entre si, é no entanto, para o fim especial da interpretação dos phenomenos sismicos que destruiram Messina e Regio, muito mais interessante para nós o estudo do Mar Romano. Se supposessemos ainda emergidas as antigas ligações entre a Sicilia e a Tunisia, o aspecto das duas principaes *cuvettes* latinas, a fossa balearica e a fossa tyrrhenida, constituiria uma zona geographica muito particular.

Cercado por formações terciarias na maior parte da sua peripheria, de mistura com fragmentos da Era Primaria, o Mar Romano, tal como se nos apresenta, é o resultado de innumeros afundimentos que se deram principalmente desde o começo da Era Terciaria. Estes phenomenos provocaram, por uma ondulação plastica da massa terrestre, plicaturas em todas as direcções. Construiram-se d'este modo os systemas Beticos, que se encostaram ao massiço primitivo da Meseta Iberica sem a fragmentar. Succedeu o mesmo aos enrugamentos do Atlas, que foram de encontro ao massiço archaico da Africa Septentrional. Surgiram os Apeninos por uma ondulação vinda do oeste e do noroeste, e o seu levantamento gradual provocou os desmoronamentos tyrrhenos, de que se encontram vestigios notaveis na Sardenha, na Sicilia e em toda a peripheria occidental da Italia sul-peninsular.

Todas estas alterações estructuraes modificaram os caracteres morphologicos que distinguiam primitivamente o Mediterraneo occidental; fechou se o golfo terciario do Ebro e emergiu o antigo Estreito Betico; flectiu-se a plicatura betico-marroquina para formar o Estreito de Gibraltar; perdeu-se a ligação da velha terra iberica com as Baleares; afundaram-se muitas nesgas da primitiva Provença; desmoronou-se a maior parte da Tyrrhenida; elevaram-se gradualmente, acompanhados estes phenomenos de phases agitadissimas sob a fórma de vulcanismo e de macrosismos, os *estreitos primarios* e *secundarios* que juntavam a depressão central ou jonica com a occidental ou latina.

Emquanto todos estes phenomenos de causa endogena se produziram, alterando profundamente as feições d'este segmento do Sulco Mesogeu, tanto o solo emergido como o fundo do mar revelavam uma actividade prodigiosa. E assim se reconhece que o vulcanismo foi de uma intensidade excessiva durante esses tempos remotissimos da vida

do globo. Dil-o ainda hoje o exame geologico de toda a Italia peninsular e insular, e tambem as ilhas ao norte e ao sul da Sicilia. Confirmam a mesma idéa os sismos referidos, muito extensos, que ora acompanhavam a formação vulcanica, ora com esta eram synergicos revelando a mesma etiologia.

Em tudo quanto temos dito, descobre-se a interdependencia de todas estas manifestações geodynamicas. São umas lentas, são outras bruscas, mas todas se criam nas mesmas zonas, todas são indicadoras de uma falta de equilibrio das differentes camadas geologicas que constituem o solo d'essas regiões. As plicaturas que rodeiam o Mar Romano, os seus afundimentos, as lascas dos continentes que ainda hoje se vêem emergidos, — como são a Corsega, a Sardenha, o Archipelago Toscano, uma parte da Sicilia, da Toscana entre o Tibre e o Arno, o aspecto caracteristico das costas occidentaes da Italia e da Sicilia, as fracturas que se irradiam em differentes direcções, as fortes oscillações sismicas do solo, tão frequentes que só se comparam em numero ás do solo japonez, os seus numerosos vulcões, presentemente apagados, e os que se encontram em plena actividade, são consequencias das mesmas energias internas do globo.

Onde ha vulcanismo em actividade e macrosismos intensos e frequentes, encontram-se tambem, sem duvida possivel, todas as manifestações que indicámos, umas mais accentuadas do que outras. Não ha phenomenos agudos onde as causas geraes não predisponham o solo para a sua producção. Nas terras estaveis da Africa e do Brazil podem dar-se e dão-se elevações, mas, emquanto esses massiços se não flectirem ou se desmoronarem, criando zonas de menor resistencia n'uma plasticidade susceptivel de enrugamentos, a agudez geodynamica fará falta e não poderemos, por isso, encontrar essas manifestações agudas que são o terror das populações da Calabria.

É estudando a historia phisica da Italia meridional e da região siculo-calabreza, que se pódem apreciar melhor, não só as causas geraes tectonicas que imprimiram um caracter distinctivo ao sul da Italia, mas tambem as condições regionaes, as circumstancias topographicas e as energias de outra ordem que concorreram para que esses tremendos resultados se déssem. Ver-se-ha que são as proprias causas geraes, de natureza tectonica, que preparam o apparecimento das oscillações sismicas bruscas, como das erupções violentas, que se produzem em quasi toda a metade oriental da *Bacia Romana*.

*

*   *

Do que temos dito se avalia a importancia que damos ás condições tectonicas geraes. Os phenomenos agudos, sismos e vulcões, são locaes, principalmente os ultimos. São as condições estructuraes que explicam a *tendencia* de certas regiões de se manifestarem sob aquellas duas fórmas. São ellas tambem que facilitam a intervenção da agua como uma das grandes forças, pelas suas propriedades phisicas e chimicas, na genese d'esses phenomenos geodynamicos.

ındo se examina detidamente a morphologia do sul da Italia nas
:lações com a tectonica e a estratigraphia, reconhece-se que
ninsula é, na sua parte mais importante, uma terra de forma-
ativamente recente. A sua peripheria encontra-se n'um traba-
:ssante de construcção e de destruição; os seus contornos não
tam caracteres definidos; os seus relevos estão sujeitos a phe-
s estructuraes de elevação e de deformação. A terra emersa,
resce; emerge ainda mais, constantemente; a terra primitiva
ı-se, desmorona-se, afunda-se. E este trabalho, de demolição como
cimento em zonas e regiões contiguas, dá bem a ideia de
ıistoria phisica da Italia, historia ainda não concluida, porque
ıerosos os vestigios de fortes elevações quaternarias.
aracteristico o *encurvamento dos Apeninos* ligurios, toscanos,
s, até aos Abruzzos. Esse encurvamento abrange, na sua con-
:, os peneplanos da Toscana, entre o Tibre e o Arno, da ve-
ı que se flectiu, afundindo-se as nesgas que a ligavam ao Ar-
o Toscano, á Corsega e á Sardenha. Para o sul dos Abruzzos
palmente depois dos Apeninos napolitanos, os systemas oro-
ıs da grande plicatura italiana irregularisam-se, interrompem-
endas, por diaclases immensas, misturando-se com fragmentos
cambrica e precambrica, que a pouco e pouco se abaixam para
rem a emersão de novas formações.
antiga Tyrrhenida, que seria um grande archipelago ou
ontinental ligada á Africa septentrional, á Meseta Iberica e
ı crystallinas da actual Provença, — restam hoje varios reta-
sul da Italia: o monte Peloritano perto de Messina, a maior
. Sardenha e da Corsega, o Archipelago Toscano e a Toscana
:eira. Foi no começo do Terciario que os desmoronamentos do
tyrrheno se accentuaram. Á medida que se formava a prega
que se faziam as plicaturas Beticas, do Atlas e dos Apeninos.
:rciaria assistia ao desmoronar gradual d'essas velhas massas
ı, a maior parte d'ellas contemporaneas de uma epoca em que
.inda não apparecêra ou estava simplesmente esboçada.
a hoje as relações phytologicas e zoologicas entre esses fra-
da terra primitiva são entre si e com a Africa do norte mais
lo que com as terras emersas no Terciario. O estudo paleontolo-
dia a dia melhor documentado, confirma a observação já an-
sobrevivencias da flora a indicarem as ligações phisicas pri-
que entre todos estes bocados da Italia existiam nas primei-
do Globo.
ı essa obra de destruição necessaria para que os Apeninos e
s plicaturas da *Bacia Romana* se produzissem, não se fez sem
colossaes alterações estratigraphicas. As plicaturas recentes,
lases que percorrem o paiz e o Mar Tyrrheno em todas as
ı, os abaixamentos do solo em uns pontos e as elevações em
ıs afundimentos, as transformações morphologicas das terras
ıres de toda esta região tiveram manifestações agudissimas,
mos violentos e numerosos vulcões.
é na segunda metade da era Terciaria que o afundimento da

Tyrrhenida se dá no sul da Italia e formam-se então as *ilhas* do Peloritano na Sicilia, Aspromonte, Silla e muitas outras na Calabria. Entre esses fragmentos percorriam estreitos, que indicavam diaclases profundissimas, revelando fortissimas commoções estructuraes. Todo o sul italiano modifica-se completamente. As complicações estratigraphicas são numerosas; deslocamentos formidaveis quebram as ligações primitivas entre as terras; os circos de afundimentos, que ainda hoje se encontram, mostram a grandeza dos desmoronamentos; o fundo do mar altera-se sem cessar: levanta-se aqui, abaixa-se acolá; abrem-se uns estreitos e fecham se outros; as fracturas irradiam-se em todas as direcções; consolidam se algumas ilhas vulcanicas; o vulcanismo é de uma actividade prodigiosa; os sismos trazem a superficie que se vae emergindo e a parte já emersa n'uma convulsão permanente.

E' durante a ultima parte do Terciario que se rompe a ligação da Sicilia com a Africa, que surgem os vulcões da Pantelaria, de Lipari e da Utica, levantam-se os baixos de Graham e eleva-se todo o norte da Sicilia; a emersão de toda a Calabria provoca o desapparecimento dos antigos estreitos de Sarti, Mesima, Catanzaro e Aspromonte; e o Estreito de Messina soffre uma notavel diminuição na sua largura.

Outros phenomenos acompanham essa inquietação do sul da Italia. Desapparecem os golfos primitivos, o *Golfo Latino* por exemplo; o geosynclinal de Napoles eleva-se e surge o seu vulcanismo actual. Na Sicilia levanta-se o Etna, como se fôsse um bloco expellido das entranhas da terra. E emquanto todos estes e muitos outros phenomenos se vão dando, fazem-se no Mar Tyrrheno e no Mar Jonico immensas fossas abyssaes, como a indicarem as relações causaes que existem entre a emersão das terras proximas e a sua elevação gradual com os afundimentos dos mares contiguos.

Todos os antigos estreitos hoje emergidos, com excepção do Estreito de Messina, são zonas de notavel instabilidade. Em todo o sul da Italia, principalmente na linha siculo-calabreza, as elevações activas, os desmoronamentos e os afundimentos lateraes não cessam. O *Mar Romano* é o mais inquieto de todos, e, por varias circumstancias, de todos os seus fragmentos, a nesga siculo-calabreza, a mais movimentada e mais variavel. Basta considerar, nas suas relações de contiguidade e de associação, todos os phenomenos estructuraes que temos muito resumidamente indicado, para se ver como todos elles se relacionam, como se encadeiam no espaço e se filiam no tempo.

*

* *

Mas é analysando as condições tectonicas do ***sector siculo-calabrez*** que com mais segurança podemos reconhecer como os seus sismos, ordinariamente muito intensos e numerosos, traduzem aspectos agudos de immensos e profundos movimentos estructuraes que se vão realizando muito lentamente. Ha signaes evidentes da insta-

bilidade do seu solo; condições particularissimas concorrem para essa instabilidade. Embora as restantes regiões do sul da Italia e do oriente siciliano sejam tambem fortemente commocionaveis, é no arco siculo-calabrez que essas condições parecem confluir para justificarem todos os extraordinarios terramotos que trazem em terror permanente as populações d'esta formosa terra italiana.

Temos até aqui mostrado como as condições estructuraes se fazem sentir em qualquer região do globo onde os terramotos se manifestam. Vimos que ha zonas previlegiadas na producção das oscillações do solo. Dissemos que o Sulco Mesogeu era particularmente interessante pela notavel instabilidade dos seus estractos, e d'esse sulco era o nosso Mediterraneo o segmento mais importante pela sua phisionomia sempre agitada. D'este mar, a zona menos tranquilla é, sem duvida, a tyrrhena. Pois bem. E' justamente o sector siculo-calabrez, atravessado pela fractura sobre que correm as aguas do Estreito de Messina e que é ladeada pelos massiços Aspromonte no oriente e Peloritano no occidente, ambos de origem primaria, ou precambrica, o trecho mediterraneo no qual, a par de todas as manifestações estructuraes indicadas, se observa um conjuncto de circumstancias que tornam essa nesga do Sul da Italia extremamente predisposta a abalos violentissimos. Todas as alterações geraes da estructura, que mencionámos, deram a essa região uma phisionomia muito especial, que a tornam inconfundivel com qualquer outra da *fractura transversal da Terra*.

É caracteristica a morphologia tanto da Calabria como da Sicilia oriental. Do Valle do Agri até á extremidade do Aspromonte, os Apeninos Calabrezes são a continuação dos Apeninos Napolitanos ou meridionaes. Mas a sua direcção é differente da parte restante da prega que corre do sul da Toscana até á fractura do Agri. Encurva-se para o occidente, a começar n'este ponto, correndo entre duas fossas abyssaes, a do Tyrrheno, de perto de 4.000 metros, e a do Jonico, de 4.000. E como a altitude dos relevos calabrezes regula por 1.500 metros, o perfil vertical dá, entre o fundo das duas fossas e a maior altitude da prega, uma differença approximadamente de 5.000 metros. A massa calabreza é, portanto, uma enorme espinha levantada entre dois grandes abysmos. Esta coincidencia mostra as relações de dependencia entre os caracteres bathymetricos e hypsometricos d'esta zona do Mediterraneo.

Depois do Aspromonte vem o sulco ou Estreito de Messina, de 2.000 metros de profundidade. Embora muito profundo, os desnivelamentos para o lado do Mar Tyrrheno e do Mar Jonico orçam, em media, por 2.000 metros, o que traduz uma estructura especial.

A região calabreza é toda fortemente torturada. A sua fórma é diversa da dos outros fragmentos da prega apenina. O Monte Pollino, entre o Agri e a fractura do Crati, offerece declives bruscos, gargantas cortadas a prumo, todo elle quasi nu; ao sul, o massiço gneissico de Silla apresenta uma fórma geral muito mais suave, declives menos bruscos e todos cobertos de intensa vegetação. Mas entre o Silla e o Pollino desapparece a ligação da cadeia. Segue-se a fractura do Crati,

outr'ora um estreito que emergiu durante a segunda metade do Terciario. A ligação é simplesmente pliocenica e quaternaria, a exemplo do que se observa entre Silla e S. Nicolau, separados pela antiga diaclase de Catanzaro, — egualmente um estreito que se levantou no fim do Terciario,—e entre Aspromonte e S. Nicolau e entre aquelle e Poro, separados tambem por antigas brechas,— como as de Mesima e Aspromonte, — hoje elevadas por uma sedimentação terciaria e quaternaria.

E', portanto, uma fórma *interrompida* e não *continua* que observamos nos Apeninos Calabrezes. São massiços primitivos separados por formações terciarias e elles proprios fortemente elevados, como se reconhece principalmente no Aspromonte, cujas escarpas traduzem deslocamentos centrifugos no Quaternario. Esta disposição das differentes peças dos Apeninos calabrezes, em virtude de antigas brechas que se foram sumindo a pouco e pouco, dando logar a elevações successivas, é um caracter morphologico importante a considerar. Toda essa zona, entre os umbigos jonico e tyrrheno, é cortada por lithoclases hoje sedimentadas; toda ella é desconnexa e mostra que não existe ainda, entre as suas diversas partes, uma ligação estructural que indique solidez. Pelo contrario, todas essas fracturas são centros sismicos e todos os relevos lateraes são de uma instabilidade manifesta. Vê-se n'esta associação dos caracteres morphologicos do encurvamento calabrez, do isolamento dos massiços, das fracturas emersas, das fossas abyssaes, a leste e oeste, uma relação causal que justifica a hypothese d'esse conjuncto de caracteres constituir a condição principal dos sismos calabrezes. A profunda brecha do Crati, de perto de 1.200 e 1.500 metros, que se está elevando desde o plioceno; o massiço crystalino de Silla; o isthmo calabrez entre o golfo de S. Eufemia e o Golfo Squillaci com as suas formações terciarias e quartenarias; a tira calabreza terminando no enorme *morro* de Aspromonte, que continúa a elevar-se tanto mais quanto os degraus bathymetricos lateraes se afundam, não deixam duvidas sobre a significação da contiguidade e associação d'estes caracteres.

Na Sicilia observa-se o seguinte. O Monte Peloritano é a continuação crystallina da Italia meridional, mas separada d'esta pelo Estreito de Messina, cuja profundidade chega a ser, na sua parte menos larga, de 100 metros. A formação apenina corre ao oriente e ao sul por Pantellaria e pelas pequenas profundidades proximas até ao norte da Africa. O Etna é um mamillo vulcanico levantado inteiro no rebordo da fossa jonica. Entre o Peloritano e os massiços calabrezes os desmoronamentos provocaram a formação d'essas ilhas primarias, cujas divisorias maritimas se foram elevando a pouco e pouco. O Estreito de Messina é o ultimo resto dos estreitos que existiam no começo do Terciario em toda a zona siculo-calabreza.

Vemos d'este modo o massiço crystallino de Peloritano, ao sul de Messina, separado da construcção vulcanica muito nitida do Etna pela *baixa* de Alcantera. O Etna separado completamente da planicie de Catanea. E percorrendo todo o oriente da Sicilia, grande numero de fracturas, uma ladeando o norte da Sicilia, outra correndo o Es-

treito de Messina, a terceira passando sob o Etna e ainda muitas outras convergindo umas no Jonico e outras no Tyrrheno e passando por Ustica e o archipelago de Lipari.

Todos os caracteres morphologicos da Sicilia oriental traduzem a desconnexão estructural que reconhecemos na Calabria. A's suas differentes peças falta a solidez architectonica, porque ellas como que se encostam, sem se ligarem inteiramente. O tectonismo d'esta região é portanto caracterisado por um certo numero de signaes que mostram bem a instabilidade particular do seu solo. Emquanto a parte occidental offerece uma relativa segurança estructural, a metade oriental, em mais intima relação de contiguidade com o Jonico e com o Tyrrheno, revela a inquietação natural das terras que procuram elevar-se, crescer, em prejuizo de outras mais antigas. É d'essa instabilidade estructural que surge a sua vivacidade sismica e o seu vulcanismo muito activo.

As *linhas isoanomalas da gravidade* do sul da Italia, embora não possam constituir um documento de valor indiscutivel, são no emtanto um factor a considerar na analyse que vamos fazendo d'essa região. Effectivamente é no sector siculo-calabrez onde essas linhas melhor se accentuam.

Se nos detivessemos no estudo das escarpas marginaes e submarinas d'esta zona italiana, veriamos, tanto na Calabria como na Sicilia oriental, a confirmação da hypothese que estamos sustentando. Na verdade, todas essas escarpas, principalmente as que ladeiam o Estreito de Messina, mostram, pelo seu caracter consequente e pelo seu forte declive, — como pequenos degraus da massa continental até ás ultimas profundidades, — uma estructura predisposta a deslocamentos verticaes. A brecha de Messina separa, cortando, o crystallino do Peloritano do massiço do Aspromonte. As alterações n'essa fractura, como na que segue ao norte do Etna para o mar de Lipari, reflectem nas terras proximas a ondulação correspondente. A massa plastica da crista propaga a ondulação, e onde ella encontra as diaclases e as disjuncções estructuraes, quando o movimento estructural é agudo, os seus effeitos se fazem sentir com maior violencia.

Basta examinar rapidamente o aspecto da costa siciliana entre os ilheus Cyclopes, ao norte de Catanea, até Messina. Essa costa lisa está cortada a prumo, principalmente na sua metade norte, e ladeia uma enorme depressão que vae, successivamente mais accentuada, até á fossa Jonica. E', sem duvida alguma, uma nesga de afundimentos e de desmoronamentos devidos a forças geodynamicas que confluem n'essa região, devidas ás suas particularidades tectonicas. Do lado opposto, desde o Cabo Spartivento até Regio, o bloco do Aspromonte vem até ao mar, e o desnivelamento de cerca de 5.000 metros que vae da sua parte mais alta até ao ponto mais profundo do Estreito ao sul do *Cabo delli Armi* é uma feição egual á do lado opposto da fractura percorrida pelas aguas que ligam o Jonico ao Tyrrheno.

Temos, portanto, no arco siculo-calabrez um certo numero de caracteres que convem associar para comprehendermos a sua instabilidade. A fórma estructural desconnexa d'essa região, as grandes fossas abyssaes que ladeiam a columna vertebral flectida no Estreito

de Messina, os caracteres estructuraes das suas escarpas costaes e submarinas, as muitas fracturas que a percorrem em diversos sentidos, parecendo, porém, confluir no Jonico e no Tyrrheno, os antigos estreitos primarios e secundarios levantados na era seguinte e no quaternario, a formação mamillonar vulcanica do Etna sobre o rebordo da depressão occidental do Jonico, a separação entre o Peloritano e o massiço do Aspromonte, os signaes reveladores das elevações activas principalmente no sul da Calabria, a associação d'essas elevações com os afundimentos proximos, o levantamento que se está observando na fractura de Messina, semelhante ao que se fez na lithoclase do Crati, são caracteres geomorphologicos e geotectonicos que traduzem toda uma forte instabilidade, manifestando-se por duas ordens de alterações mechanicas, umas lentas, bradisismicas, outras bruscas, macrosismicas, como manifestações quentes, agudas, da tendencia para o equilibrio e para a estabilidade que essa zona do Sulco Mesogeu procura adquirir.

*

* *

Não é nossa intenção fazer um estudo de sismologia pura; muito menos o de analizar todas as doutrinas, — e são muitas, — que pretendem explicar os tremores de terra. Nas *Actas das sessões da Associação Internacional de Sismologia* estes assumptos teem sido ventilados com uma competencia muito especial. E nas obras de Dutton, de Hobbs, de Montessus de Ballore, de Neumayr e de todos os principaes sismologos italianos, como Mercalli e Agamennone por exemplo, as theorias apresentadas até hoje são expostas com muita clareza, para nos absternos de as apresentar novamente.

De quanto se tem escripto sobre esta materia se deve concluir que os terramotos teem causas *predisponentes* e causas occasionaes ou *efficientes*. As primeiras preparam o solo para as convulsões, para as manifestações quentes do desequilibrio da sua massa: são condições de producção. As segundas, encontrando o terreno preparado, desenvolvem energias que tornam provaveis essas manifestações bruscas. Ha por isso macrosismos que traduzem um grande desequilibrio das camadas estratigraphicas: são os *macrosismos axiaes* ou *lineares*, que, consoante a direcção das fracturas, podem mostrar se rectilineamente ou curvilineamente ou sob a fórma radiada. São estes os abalos que se dão em todas as direcções das lithoclases e caracterisam-se não só por não revelarem um epicentro definitivo, mas tambem porque o primeiro abalo intenso é precedido e segudo de outros menos fortes e separados uns dos outros por semanas ou mezes, mas surgindo na mesma zona estructural. Entram n'este grupo, em especial, os sismos observados na Austria e em muitos fragmentos da *fractura transversal da Terra*.

Ha terramotos de causa vulcanica. São os que teem o hypocentro na formação vulcanica e o epicentro perfeitamente definido. Quando se apresentam sem a intervenção de outras forças, distinguem-se com facilidade. Estes terramotos pertencem ao grande grupo dos *sismos*

centraes e são por isso analogos aos que são provocados por *desabamentos*, quer estes sejam devidos á acção dissolvente e destruidora das aguas interiores que chegam a formar, principalmente, em terrenos calcareos, verdadeiros rios subterraneos, quer á influencia dos gazes, quer finalmente á acção directa do vapor elevado a uma tensão enorme e por isso com uma grande força expansiva.

Effectivamente, os recentes estudos de Martel, em França, mostram que nas zonas de fracturas, das maiores lithoclases, quer da superficie emergida como da superficie immergida, é mais facil a introducção das aguas das chuvas, dos rios e dos mares. Immensas massas de agua descem d'este modo por essas brechas, alagam-nas, dissolvem aqui, desmoronam acolá, abrindo sempre caminho e destruindo, de modo que representam, em grandeza, verdadeiros rios e torrentes subterraneas susceptiveis, se não fossem os rapidos, de serem navegados. A *potamologia interna* ou *espeleologia* dá hoje esclarecimentos importantes ao sismologo, porque lhe mostra como as condições geraes da estructura d'uma região não equilibrada ou estabilisada predispõe á interferencia de certos agentes como é, por exemplo, a agua. O illustre director do Observatorio Geodynamico de *Rocca di Papa* (Roma), Dr. Agamennone, vae até a sustentar como a principal causa efficiente dos sismos a agua que se introduz por todas as fracturas da Terra e do fundo dos mares e, correndo por ellas na sua permanente obra de destruição, dá logar aos desmoronamentos que se traduzem na superficie do planeta sob a fórma de sismos violentos.

Ao grupo dos *sismos centraes* pertencem tambem os que são devidos a *explosões* provenientes de uma rapida evaporação das aguas e fazendo-se sentir e caracterisando-se principalmente por detonações violentas e locaes. E, alem d'estes, ainda se incluem os abalos *mixtos* para os quaes interveem muitas causas, isto é, phenomenos de desabamento, explosões, dissolução nas camadas da terra ao lado das lithoclases e dentro d'estas.

Os *sismos regionaes* são ainda outro grupo e difficil de ser interpretado. Distribuem-se regular ou irregularmente, continua ou desconnexamente, n'uma area consideravel ou pequena sem um epicentro definido. Mas estes terramotos não se differençam muito dos axiaes senão na fórma da distribuição dos seus abalos, o que póde ser devido ao modo como se distribuem as linhas instaveis da região.

Ha, finalmente, os *sismos locaes* que surgem nas zonas fortemente deslocadas e que por vezes podem adquirir uma grande intensidade.

E' muito difficil precisar a qualidade de um sismo no sul da Italia. Embora a intensidade da convulsão se localise, a ondulação propaga-se em regra radialmente, isto é, na direcção de todas as fracturas que com a zona ondulada se prendem. Para muitos sismologos os sismos siculo-calabrezes são em regra *mixtos*. Como soffrem a acção do vulcanismo activo da região, podem por isso ser considerados de natureza vulcanica. São tambem indubitavelmente *estructuraes*, porque todas as grandes convulsões revelam immediatamente alterações muito notaveis na profundidade dos mares proximos. E é assim que se explicam não só os afundimentos tyrrhenos e jonicos e as elevações

que se observam em muitos pontos do Estreito de Messina. E não se póde negar a intervenção do factor agua, como quer Agamennone, porque a chamada d'esta para o interior da camada superficial da crista é tanto maior quanto mais numerosas e mais profundas são as brechas na superficie emergida no fundo do mar.

Vê-se destas considerações que o problema das causas efficientes dos sismos não está ainda completamente resolvido. Mas sobre o que não é admissivel a duvida, é quanto ao papel que gosa a estructura da região. Na verdade, de tudo quanto dissemos, —e todos os trabalhos estatisticos feitos até hoje não deixam hesitações no nosso espirito, —pode-se affirmar que as relações causaes entre os sismos e as condições estructuraes a que nos referimos são muito intimas. Se ha região no globo onde essas condições tectonicas melhor se pronunciam, é certamente o arco siculo-calabrez. E o vulcanismo activo que o atormenta deve tambem agravar a predisposição que elle apresenta para os grandes desequilibrios do solo e concorrer poderosamente para tornar mais complicados, quanto á etiologia, os abalos de terra frequentissimos que torturam a região que estamos estudando.

As informações recebidas até hoje não nos esclarecem sufficientemente para avaliarmos a influencia de cada uma das condições geraes e das causas especiaes na producção da catastrophe de Messina e de Regio. Não foi, certamente, devida a nenhuma ondulação sismica vinda do mar. O abalo deu-se no arco siculo-calabrez e a sua maior intensidade foi na parte siciliana. A vibração não se limitou áquelle arco; propagou-se radialmente para as Lipari, Catanea, Aspromonte, etc. Qual a intervenção do Etna e da massa vulcanica subjacente? Ignoramos. Mas, n'este phenomeno, a julgar pelas informações estranhas aos meios scientificos, parece que a impulsão foi vertical e não horizontal ou tangencial. Appareceram fendas sismicas de fórma radiada, o que confirma a direcção vertical do abalo. As alterações na profundidade soffridas pelo Tyrrheno significam uma consequencia das condições estructuraes.

E' unicamente sobre documentos recolhidos pelos technicos e na região castigada que será possivel apreciar com segurança a qualidade ou variedade do notavel macrosismo que ficará na historia da humanidade como o mais terrivel de todos. O nosso fim principalmente, foi mostrar que a zona siculo-calabreza possue uma estructura de tal ordem, está collocada em condições topographicas tão particulares, que é, de todo o Mediterraneo, o fragmento o mais predisposto e, por isso, o mais instavel. As condições estructuraes que a caracterizam não se encontram senão em limitadissimo numero das regiões da Terra. O seu vulcanismo activo dá-lhe ainda maior vivacidade e prepara-a para sismos violentissimos. As suas innumeras fracturas e as fossas abyssaes facilitam a absorção das aguas. De sorte que todo um conjuncto de circumstancias favoraveis cria a essa região o triste previlegio de ser a parte da Europa a mais atormentada e a mais instavel.

*
*   *

Tratando-se de uma catastrophe d'esta grandeza e lembrando-nos que tivemos já, na segunda metade do seculo XVIII, um terramoto cuja intensidade ficou tradicional, surge naturalmente a pergunta: se o nosso paiz tem condições semelhantes ou que de perto se aproximem das da Sicilia e da Calabria.

N'um excellente trabalho do sr. Choffat encontram-se descriptos os principaes tremores de terra registados em Portugal. Dutton, na sua notavel obra sobre *Sismologia*, esclarece-nos sobre o problema da producção dos sismos no nosso paiz.

A Peninsula Iberica possue uma parte estavel: é a *Meseta Iberica*. Em Portugal, temos uma grande faixa occidental que póde ser exposta a oscillações sismicas: é o triangulo que vae, pouco mais ou menos, de Ovar até perto de Abrantes e d'este ponto até á extremidade do Algarve. E' certo que dão-se sismos locaes, como os registados na Serra da Estrella e no Montejunto, mas todos os nossos sismos ou véem dos systemas beticos, propagados atravez das plataformas terminaes do oeste da Meseta Iberica, ou são transmittidos do oeste, isto é, do mar. Dutton, referindo-se ao grande terramoto de Lisboa, não hesita em o fazer derivar de uma ondulação sismica vinda do Atlantico.

Seria necessario, para bem conhecer os motivos do apparecimento dos sismos em Portugal, analysar as condições estructuraes que caracterizam a faixa triangular onde elles se manifestam e as profundidades proximas do litoral. Nem é esta a nossa intenção, nem nos seria facil a tarefa, por nos faltar uma competencia especial sobre assumptos relativos á tectonica do paiz e das regiões proximas. Mas pode-se affirmar que as nossas condições estructuraes, apezar da má visinhança que nos offerece a *fractura transversal* no seu caminho atavez do Atlantico e a *crista central* d'este oceano, não se parecem com as da zona siculo-calabreza. Teem-se registado varios sismos de valor insignificante, alguns violentos e ficou memoravel o de 1755. No entanto, comparando a nossa estatistica com a dos sismos da Sicilia Oriental e da Calabria, que se contam por milhares e um grande numero d'elles tendo produzido uma mortalidade consideravel, conclue-se que os abalos que devastaram Messina e Regio são phenomenos sempre provaveis n'essa zona italiana e que só excepcionalmente poderiam ter um echo violento na parte do nosso paiz que costuma ser visitada por oscillações do solo d'esta natureza.

As cartas bathymetricas publicadas pelo Principe de Monaco mostram-nos que o valle oriental do Atlantico passa junto das costas de Portugal. As nossas plataformas são curtas; as zonas abyssaes não se acham a grandes distancias de nós. Além d'isso, a SO. do Cabo de S. Vicente uma notavel elevação bathymetrica, que chega a 600 metros da superficie oceanica, surge bruscamente entre profundidades de 2 a 3 mil metros e mais. Temos perto o sulco Mesogeu no seu provavel prolongamento occidental. São, certamente, condições a attender.

E' possivel que as ondulações sismicas vindas do lado do Oceano estejam em grande parte relacionadas com os phenomenos estructuraes que se manifestam n'esse Sulco, que corre a não grande distancia de nós, de cujas margens surjam fortes abalos, que, propagados, dêem nos Açores e na parte de Portugal estranha á Meseta Iberica, os sismos que nos têem visitado.

Silva Telles

Professor do Curso Superior de Letras
e da Escola de Medicina Tropical

III

O sarau no Theatro de D. Maria II

Conhecida a intensidade da catastrophe que na manhã de 28 de dezembro destruira quasi por completo as cidades de Messina e Reggio, causando tantos milhares de mortes e deixando os sobreviventes em circumstancias tão lastimosas, a Direcção da Sociedade de Geographia de Lisboa reuniu-se em sessão extraordinaria, a 4 de janeiro, para deliberar sobre a participação no geral movimento de soccorro áquella tão grande desgraça.

Resolveu-se que o concurso da Sociedade nas subscripções que iam iniciar-se, fosse representado pelo producto total das entradas em um sarau, de cuja organisação ficou encarregada a Mesa de Direcção conjuntamente com os directores srs. Consiglieri Pedroso e Hypacio de Brion. A inscripção para a assistencia a esse sarau seria aberta primeiramente para os socios, e só depois para o publico, se alguns logares restassem. As despezas do sarau seriam integralmente pagas pela Sociedade.

Foi o Theatro de D. Maria II o local escolhido para o sarau, que se realisou na noite de 15 de janeiro.

El-Rei D. Manuel II, Presidente de Honra da Sociedade, dignou-se assistir. Tanto á chegada como á partida de S. M. a Direcção da Sociedade acompanhou o seu Presidente de Honra. Deve observar-se que era a primeira vez que El-Rei comparecia em um theatro da capital, depois da sua proclamação, tendo assim maior significação as saudações calorosas e espontaneas, em que toda a sala se manifestou quando El-Rei appareceu no sêu camarote e no fim do sarau.

O sr. marquez Paolucci di Calboli, Ministro d'Italia, occupava um camarote, a convite da Direcção da Sociedade.

Todos os logares do theatro haviam sido tomados pelos socios e suas familias, e d'esta maneira a concorrencia foi extraordinaria.

Dividiu-se o sarau em tres partes, abrangendo os dois brilhantes discursos pronunciados pelos socios os srs. Consiglieri Pedroso e cons. José de Alpoim, a recitação de poesias expressamente compostas por alguns dos nossos mais delicados espiritos, e a execução primorosissima de trechos de canto e de musica instrumental, realisada por amadores, com acompanhamento dos mais distinctos profissionaes.

Adiante se publicam na integra as poesias e os discursos.

A parte musical foi desempenhada pelas sr.as D. Gabriella Jardim Strauss, D. Laura Marques, D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso, D. Candida Kendall, D. Ermelinda Cordeiro, D. Ida Blanch e Miss Hilda King e pelos srs. Somers Cocks, Alfredo King, Antonio Lamas, Pedro Blanco, Rey Collaço, Sarti, Bonnet e Lambertini. Como se vê, era o escol artistico da sociedade da capital.

A Grande Tuna Feminina, por especial obsequio e em attenção ao fim caridoso do sarau, prestou a sua valiosa coadjuvação, executando tres composições sob a firme direcção do sr. Mantua.

A assistencia coroou de intensos e bem merecidos applausos os oradores, os poetas e os cultores da grande arte que offereciam os seus talentos ao serviço d'uma obra meritoria.

No começo e no fim do sarau a banda do corpo de Marinheiros executou os hymnos nacionaes de Portugal e Italia, que foram ouvidos de pé.

A casa *Editora*, de Lisboa, publicou, sob o titulo de — *Theatro de D. Maria II, sarau de caridade a favor dos sobreviventes da catastrophe de Messina e Regio, promovido pela Sociedade de Geographia, 15 de janeiro de 1909* — um programma excellentemente impresso, com a indicação de todos os numeros do sarau e as poesias, offerecendo esse bello trabalho das suas officinas para ser vendido em proveito das victimas do terramoto.

IV

AS POESIAS

FÉ, ESPERANÇA E CARIDADE

(A proposito da catastrophe de Messina)

Treme a cidade toda em convulsão terrivel!
Nem templo nem altar pódem manter-se em pé!
E no doido arquejar do cataclysmo horrivel
vendo inutil a prece, e o soccorro impossivel,
vacilla a propria Fé!...

Depois... ruinas, sangue, injurias e gemidos,
e o fogo a caminhar como um chacal que avança!...
Sobre escombros a arder, contorcem se feridos!
E ao ver em tanto horror tantos ideaes perdidos,
vae succumbindo a Esperança...

Mas subito clarão, como arrebol de aurora
começa illuminando a tragica anciedade:
Coragem! Vosso mal vae ter descanço agora!
Que ao desolado campo onde a desgraça mora,
chegou a Caridade!...

Vem a sorrir! O amor, com que ella acalma as dôres,
brilha aos olhos seus e diz quem Ella é.
A tudo ha-de acudir multiplicando amôres!
E aos tristes corações n'um alluvião de flôres
fará voltar a Fé!

Por onde Ella passar, pairando na atmosphera
ha-de deixar consolo, e bençãos, e bonança!
E em breve, ao reflorir de nova primavera,
nos peitos juvenis trinados de chimera
virá cantar a Esperança!

E quando houver cumprido essa missão gloriosa
de transformar em riso as lagrimas e os ais,
então a Caridade, a dôce irmã piedosa,
irá chorar de dôr na campa silenciosa
dos que não voltam mais

BRANCA DE GONTA COLAÇO.

MISERIA HUMANA

(Dialogo entre a Terra e o Homem)

A Terra

Homem soberbo e vão, meu filho e meu verdugo,
Com que paciencia e amor te soffro e te acarinho!
Supporto resignada o teu pesado jugo,
E dou-te o leite, a lã, a carne, o pão, e o vinho.

Padeces? No meu seio as lagrimas te enxugo.
Gosas? No campo em flôr perfumo o teu caminho.
E ha seculos sem conta anoiteço e madrugo,
Sentindo-te a pisar-me em tôrvo desalinho!

Por isso me revolto em convulsões extranhas,
E, odio no coração e fogo nas entranhas,
Protesto contra ti, Homem soberbo e vão...

O Homem

Quem sou eu? Quem sou eu? No horror do cataclysmo
Sou um peito esmagado a agonisar no abysmo,
Não sou ninguem!...
O' Terra, ó minha Mãe, perdão!

CONDE DE MONSARAZ.

Finda o anno: na folha derradeira
Põe o genio do mal um negro traço,
E diz: quero deixar, por onde passo,
Lembrado o meu poder d'esta maneira:

Vou derruir uma cidade inteira
N'um arranco medonho do meu braço,
Hei-de ao mundo mostrar, no mal que faço,
Que só, no mundo, a dôr é verdadeira.

Mas por sobre a ruina, o luto, o pranto,
Que nascem d'um desastre nunca visto
Um anjo estende o luminoso manto.

«Não reina inteiro o mal, onde eu existo,
«Sou da fraternidade o beijo santo,
«Sou a pedra angular da lei de Christo!»

CELESTINO SOARES.

TERRA DE AMARGURA

Do monte Hybla em chegando a primavera,
Descerão as abelhas sussurrantes,
Em busca das planicies verdejantes,
Em que, á luz de um sol de oiro, o mel se gera.

Desertos verão campos, onde erguera
A Musa antiga os melicos descantes,
E entre prados escombros fumegantes,
Farejando cadaveres, a fera.

Da calcinada terra e do mar bravo,
Attonitas, n'um funebre delirio,
Fugirão, sem ter mel para um só favo.

Pois em cada bonina, em cada lirio,
Deixa o pranto da angustia acerbo travo,
Resaibo horrendo, o sangue do martyrio.

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA.

SUNT LACRYMÆ...

Tremeu a terra firme em louca convulsão,
Bramiu o mar profundo alevantando as aguas,
Rugiu a natureza, irou-se a creação,
E ao som d'esta revolta atearam-se as fragoas.

Abriu então a fauce o solo em turbação,
Levando d'um só trago, alheio a tantas magoas,
Aquella gente viva, em torva confusão,
Mulheres cheias de horror, co'os filhos nas anagoas.

Em breve adormeceu o monstro tragador,
Depois de satisfeita atroz voracidade,
E começou tranquillo a fera digestão;

E a luz do sol levante enchendo-o de calor,
Alumiava bem, trazia claridade,
A esses sitios sós, ruinas em montão!

ARDISSON FERREIRA.

SURGE ET AMBULA...

Rugiu o mar, tremeu o solo, em guerra,
E foi tamanho o mal, a mortandade,
Que se vestiu de luto a propria Terra,
Acordou, soluçando, a Humanidade.

Mas, sobre o mar de escombros, que hoje encerra
Apenas morte — extranha claridade —
Já um clamor de Vida se descerra,
Rasga um facho de luz a immensidade.

Povos irmãos, no mesmo anceio unidos,
Num resurgir de fé, de crença audaz,
Já erguem, vencedores, os vencidos.

Resplende o sol, reina de novo a paz.
Italia, troca em vida os teus gemidos!
Levanta-te e caminha... Vencerás!

RIBEIRO DE CARVALHO.

MESSINA

Poesia dedicada a El-Rei D. Manuel II e destinada ao sarau do Theatro D. Maria em beneficio das victimas do sul da Italia.

Após o terremoto ergueu-se na cidade
A sombra do terror junto á calamidade!...
A angustia, a fome, a sede, a morte horrenda, dura
Debatendo se atroz nas garras da loucura!
N'esse instante solemne o rico sem abrigo
Fraterniza na dôr com o mais vil mendigo.
Inimigos de sempre os odios terminando,
Ao ver tanta desgraça abraçam-se chorando.
Quem é que ao recordar esse sangrento abysmo
Não sente estremecer as fibras do organismo?
A terra semelhava o inferno do Dante,
Ou um amphitheatro immenso e fumegante
Em que o homem luctava entre martyrios lentos
Com o fermir ruidoso e cru dos elementos!
Pensae de quanta audacia e quanta abnegação

Os russos deram fé n'aquella situação;
Internando-se alli na amalgama horrorosa,
Valendo ao infeliz n'aquella hora angustiosa,
Elles luctavam mais e foram mais valentes
Que os béllicos heroes e rudes combatentes.
Com os seus corações enalteceram tanto
O imperio moscovita (excelso paiz santo!)
Que na sua bandeira em caracter's de luz
Devia-se escrever: «Bondade de Jesus!»

Senhor:

Não obstante esse exemplo imponente d'amor
Que reflecte nobreza e galvaniza o mal
Como a expressão da dor no antro sepulchral;
Não obstante o egoismo, esse espasmo que leva
O poeta e o povo a meditar na treva
E arrasta como um caos a sophismada lei
A condemnar a Deus e a abominar um Rei;
— A condemnar a Deus, a embeber em cicuta
O seu divino rosto e a sua barba hirsuta
E a abominar um Rei c'os jorros de materia
Que manam da preguiça e irrompem da miseria —
Eu não posso, Senhor, quando medito a sós
Deixar de amar a Deus e admirar a Vós!
Com a clarividencia e luz da minha fé
Vejo na vossa fronte a crença de Noé,
O condão de Anoel e o gesto rude e grato
Da ousadia do Cid e da alma de Viriato.
(Por isso espero em vós um propheta da *Paz*
Genial como Moisés e bello como Ajax).
....
Se não podeis prestar os vossos nobres hombros,
A' bruta remoção dos revoltos escombros,
Fazeis o que podeis, tomaes a Presidencia
Da obra gigantesca e justa de clemencia
Para angariar ouro e com elle salvar
As victimas que o ceu reserva a mais penar!
E assim lembra, Senhor, vossa philanthropia
O exemplo de Jesus e as graças de Maria!

ADOLFO RODRIGUEZ CASTAÑÉ.

V

O cataclysmo na Italia

Discurso do Snr. Consiglieri Pedroso

SENHOR!
ALTEZA!
Sr. Ministro d'Italia!
Minhas senhoras e meus senhores:

> ... Nessun maggior dolore,
> Che ricordarsi del tempo felice
> Nella miseria; ....
>
> Dante, *L'Inferno*, cant. v

Se não tem precedentes na historia dos grandes cataclysmos terrestres — pela crueldade e pelo horror — a catastrophe que, com o coração coberto de luto, aqui vimos hoje rememorar, póde dizer-se tambem que sem precedente é o commovedor movimento de solidariedade compadecida, que de todos os pontos do mundo civilisado converge para o local da funebre tragedia, que nos sobresalta e nos apavora, confrangendo-nos a alma n'um immenso aperto de dôr!

Parece que o homem, sentindo subitamente decuplicar-lhe n'este angustioso transe a força e a audacia, acceitou o repto da natureza brutal e impiedosa, e procura com a grandeza da sua dedicação altruista responder ao desafio, impondo-se á propria fatalidade das leis naturaes por um d'esses impulsos sublimes de generosidade, que arrancam lagrimas a todos os olhos e redimem todas as fraquezas e todas as miserias da nossa pobre humanidade!

Dos mais apartados confins da Europa, com effeito, da America, da Africa, do Japão, da China e da Australia, — como se uma gigantesca corrente de sympathia fraterna enlaçasse no seu colossal amplexo a terra inteira, — o grito é o mesmo: minorar na medida do possivel o soffrimento dos que escaparam á morte, e attenuar, até onde ser possa, os effeitos da extraordinaria desgraça, que não tem egual.

Todas as nações sem excepção se sentem feridas pelo golpe inesperadamente vibrado á nobre Italia, e como irmãs carinhosamente ajoelhadas diante da que lhes serviu de mãe na primeira infancia e lhes guiou depois os passos ainda incertos na radiosa estrada da vida, procuram diminuir-lhe o infortunio, tentando compartilhal-o.

É que a Italia, meus senhores, é a *alma mater* da civilisação moderna, é a fonte perenne onde os maiores genios da Europa, desde Gœthe até Ibsen, foram buscar amor e inspiração. Na esphera humanitaria do direito, no dominio positivo da sciencia e da politica, e nos céos ideaes da arte onde cruzam, como nos circulos do seu immortal poema, as mil creações da eterna belleza, que só ella soube conceber e realisar, a Italia é a primeira, mais do que a primeira, é a unica — é o grande modelo inegualavel.

*
* *

Na antiguidade, com Roma, deu á historia a nação universali
por excellencia, em cujo seio se fundem como n'um enorme cadi
todas as raças e todas as crenças; e depois de ter cantado com o n
mavioso e burilado dos poetas — Vergilio — a fundação da cid
que se havia de converter n'um mundo, lega ás gerações futuras, c
a suprema synthese da sua cultura, o novo direito humano do *Dig*
e das *Pandectas* e a nova religião do *Evangelho.*

Na alta Edade-Media, á propria raiz das invasões, dá-nos
Theodorico o primeiro esboço de um estado politico ordenado; fu
em Bolonha a mais antiga e a mais respeitada das universidades
ropeias — aquella que de todas as escólas havia de ser mestra-
depois, em meio da desordem e das trevas dos seculos ferreos qu
guem, dá-nos no papado de Gregorio VII e de Innocencio III a u
força moral capaz de se impôr ao cahos do Occidente, retalhad
mil feudos rivaes e em mil irreconciliaveis inimizades — força m
que encontrou fórma plastica e integralmente se realisou com o s
dos tempos na instituição mais resistente, que tem existido e med

No seculo XIII, meus senhores, dá-nos a Italia o Dante; no s
XIV dá-nos Petrarca e Boccacio; no seculo XV dá-nos Leonar
Vinci e Savonarola; no seculo XVI dá-nos Raphael e Miguel A
dá-nos o Ariosto e o Tasso; no seculo XVII dá-nos Galileu, o f
dor da astronomia moderna; no seculo XVIII dá nos Beccaria,
cursor do moderno direito criminal; no seculo XIX, emfim, a c
a aurea série, onde se encontra tudo quanto de melhor e mais b
espirito humano tem produzido sobre a terra, dá-nos essa pleia
tilante que nas differentes provincias do saber é a gloria não
paiz, de que constitue desvanecido e justificado orgulho, mas d
manidade inteira, que reclama como pertencendo-lhe de direi
rico patrimonio, grande de mais para uma nação só!

São da Italia, meus senhores, todos esses pensadores-philoso
que vão de Giordano Bruno a Terencio Mamiani; todos esses
lissimos politicos, que vão de Macchiavelli a Cavour e aos outro
dadores do moderno reino; todos esses illustres soldados, que vã
Sforzas a Garibaldi, o legendario heroe de Caprera, e a Carl
berto, o grande vencido de Novara.

São da Italia todos esses geniaes musicos que, desde Pale
até Verdi, em ondas de harmonia celestial e em melodias, que
cem aos nossos ouvidos mortaes echos vindos de outros mundo
lhores, nos tem enlevada a existencia n'um arrebatamento per

São da Italia todos esses artistas de raça, desde os canto
Beatriz e de Laura — os dois mimosos symbolos do amor philoso
e do amor idealista — até esses pintores que de joelhos traçava
suas télas a dôce e sorridente figura da *Madonna*, coroada da
nitas perfeições, que a Renascença começava a sonhar como a t
idealisação da mulher na dupla e casta encarnação de esposa
mãe.

Á Italia pertencem ainda esses benemeritos sabios, de Galvani ao padre Secchi, a Schiaparelli e a Marconi; esses talentosos dramaturgos de Goldoni a Bracco, a Giacosa e a Rovetta; esses romancistas de nomeada de Manzzoni a Foggazzaro e a d'Annunzio; esses inspirados e perfeitissimos lyricos de Leopardi a Carducci e a Vittoria Aganoor; e essas divinas mulheres da Ristori á Duse, que tantas vezes nos fizeram passar pelos nervos, violentamente saccudidos, o sagrado arripio da grande arte!

E são tambem italianos, meus senhores, todos esses argutos economistas desde Davanzati até Ricca-Salerno e Cossa; todos esses criminalistas celebres, desde o auctor do *Tratado dos delictos e das penas* até Lombroso e Ferri; todos esses sociologos originaes, desde Vico a Sighele, Sergi e Garofalo; todos esses historiadores eminentes desde Guicciardini e Muratori a Cesar Cantú e a Ferrero; todos esses viajantes ousados, desde Marco Polo, que devassou os mysterios do Extremo Oriente, até ao sympathico duque dos Abruzzos, que desvendou os segredos do Extremo Norte; todos esses immortaes revolucionarios, emfim, que desde Mazzanielo—o audaz napolitano—até Mazzini—o tenaz carbonario—ensinaram ao mundo como se redime uma patria, mesmo á custa dos mais dolorosos sacrificios.

*
* *

Das modernas nações latinas não ha nenhuma, que não deva alguma cousa á Italia. Sem a Italia não teriamos nós o nosso Sá de Miranda, não teriamos a maioria dos nossos quinhentistas — toda a nossa escóla italiana —; não teriamos mesmo os *Lusiadas*; e a heroica epopeia dos nossos descobrimentos haveria sido outra sem esses marinheiros italicos, que a partir do reinado de D. Diniz para Lisboa trouxeram o genio das suas cidades maritimas.

Sem a Italia não teria a Hespanha Garcilasso, talvez o seu maior poeta, e não teria Colombo, em cuja fronte Genova não soube adivinhar a estrella da inspiração que ia dar a Castella um mundo, o qual ainda assim a sorte quiz que ficasse com o nome de outro illustre italiano tambem, Americo Vespuccio.

A' Italia deve a França a noção da verdadeira arte na sua litteratura, o sentimento da belleza esthetica, que até ao seculo XVI lhe faltou.

Deve-lhe, como generosa desforra que ella tirou das invasões de Carlos VIII, de Luiz XII e de Francisco I, — este rei francez inscripto como cidadão de Veneza no *Livro de Ouro* da republica, — o conhecimento dos requintes de gosto dos Estes e dos Urbinos, e da elegancia aristocratica da côrte de Ferrara, que tão grande influencia haviam de exercer na transformação artistica do povo francez. Deve-lhe ainda o bello capitulo d'essa especie de cavallaria litteraria, em que a Italia mystica da Edade-Media, como a Magdalena que tivesse ajoelhado macerada e contricta n'um «Campo Santo», no poetico dizer de Edgar Quinet,

«*pentita sempre, ma cangiata mai,*»

se transforma na castellã amorosa que, embriagada por se vêr outra vez restituida á paixão dos sentidos, completa com um grito de triumpho a obra dos trovadores apenas esboçada na Provença. E até por ultimo a França deve á Italia esse terrivel Corso de genio, que a encheu de gloria militar, e que haveria feito d'ella para sempre a primeira nação do mundo, se, estonteado pelos seus extraordinarios triumphos, não tivesse querido na sua incommensuravel soberba desafiar o propio Destino, que não se deixa provocar impunemente!

A' Italia, finalmente, aos seus Scaligeros, aos seus Leão X, aos seus Julio II e á requintada curiosidade humanista dos seus Medicis deve o mundo a revelação da inimitavel civilisação grega e o poder ler hoje as immortaes composições de Sophocles, de Platão e de Homero!

Supprima-se a influencia italiana, meus senhores, na litteratura ingleza e terão desapparecido da obra de Shakespeare, com Julieta e Desdemona, as duas mais extraordinarias e pungentes tragedias, que teem feito soluçar peitos humanos. Supprima-se a influencia italiana na litteratura allemã e a obra de Gœthe fica mutilada, pela amputação das suas mais bellas e classicas paginas. Sem a influencia italiana não existiria o *Corregio* de Oehlenschäger, essa preciosa joia das lettras nordicas; e até Wagner, o menos latino dos grandes artistas modernos, foi á Italia buscar o motivo para uma das suas mais inspiradas creações.

*

* *

Se da arte e da sciencia, propriamente ditas, passamos a outros dominios que mais directamente contendam com a evolução social das nações, ainda n'elles a Italia affirma e mantem o mesmo incontestavel primado.

Foi ella quem vibrou o primeiro golpe ao feudalismo triumphante com a implantação das suas republicas, que nos apparecem como um grito de liberdade em meio da oppressão universal, que soffocava todas as iniciativas de renovação e progresso. Genova, Pisa, Amalfi e Veneza são os centros de cultura livre, onde se elaboram os primeiros elementos de prosperidade das nações actuaes. Aves altaneiras, soltando o vôo dos castellos roqueiros da peninsula e pairando como o alcyão acima das *italiane tempeste*, foi ao mar, onde não ha escravidões, onde não existem nem senhores nem servos, que estas cidades confiaram a guarda da liberdade do commercio, que era o seu mais valioso thesouro.

A instituição do credito, a fundação dos bancos, a invenção da lettra de cambio, tudo quanto constitue hoje a base da nossa organisação economica, devemol-o á Italia tambem.

A Veneza, á rainha coroada do Adriatico, devemos-lhe mais ainda. No seculo XV explorou ella commercialmente, para proveito da Europa inteira, todas as nações da terra, e foram as suas esquadras

ás ordens da Senhoria, empavezadas com a cruz do Redemptor, que salvaram o Occidente christão e o impediram de cair sob o dominio dos turcos.

*
* *

Aqui está, meus senhores, em brevissimo esboço e sem querer mais abusar da benevola attenção dos que me escutam, por que razão o mundo veste hoje luto ao ter noticia da pavorosa desgraça, que se abateu sobre duas das mais bellas cidades italianas. Essa formosa Sicilia, que ainda ha pouco parecia com os seus pomares eternamente em flôr um jardim encantado, preparado adrede por algum deus bemfazejo, para ali se gozarem ideaes prazeres, está agora convertida em parte n'um montão de ruinas fumegantes. São gritos de afflicção, gemidos de dôr os que n'esta hora ali se ouvem, em vez das alegres canções palpitantes de amor e de vida, que não ha muito ainda lhe animavam os campos verdejantes e as ridentes praias beijadas pelas vagas, que do mar Jonio lhe traziam no seu doce marulhar o perfumado osculo da Grecia.

Que terrivel capricho da insensivel natureza poude sem piedade destruir n'um instante só tantas vidas preciosas, tão importantes capitaes, tanta alegria, tanta felicidade?! Que odiosa sanha foi capaz de fazer tanto mal, sem uma compensação sequer?!

Sem uma compensação, meus senhores?... Quem sabe?...

Esses torvos couraçados, até hoje mensageiros predestinados de morte, construidos como uma perpetua ameaça de destruição para os povos, esqueceram-se pela primeira vez da sua missão sinistra, e lá vão n'este momento, em romagem tres vezes santa, levar dos respectivos paizes soccorros e auxilio aos pobres sobreviventes de Messina e de Reggio.

Será este espectaculo, nunca antes presenceado, o annunciador do novo dia de fraternidade que surge, fecundado, ai de nós! pelo sacrificio, não se sabe a que divindade sanguinaria, de tantas victimas innocentes?

Ah! senhores, se o sentimento de solidariedade entre os homens, se a cessação da inimizade que separa as nações, se o transformar-se o ferro homicida dos engenhos de guerra no instrumento fecundo de paz e no abençoado obulo da caridade que enxuga lagrimas e leva amparo aos que soffrem, tinham de ser comprados ao terrivel preço de tamanha hecatombe, ajoelhemos duplamente commovidos diante da enorme necropole de Messina, que no seu immenso horror nos terá servido a todos nós de redempção!

Disse.

BIBLIOGRAPHIA

La Côte d'Azur Russe. — Voyage au Caucasse Occidental. (Mission du Gouvernement Russe, 1903), par E.-A. Martel, avec 450 illustrations, d'après les photographies de l'auteur et les dessins de Lucien Rudaux. Un volume in-8°, broché, 11 fr.; relié demi chagrin amateur, tranche dorée, 15 fr. (Librairie Ch. Delagrave, 15, rue Soufflot, Paris).

O governo russo encarregou em 1903 o sabio speleologo Mr. E. A. Martel, de uma missão geographica e hydrologica no Caucaso Occidental entre Novorosük e Sonkhüm. A obra de que tratamos é o relatorio official d'essa commissão, e a sua publicação foi retardada em consequencia dos acontecimentos que se deram naquelle país de 1904 a 1906. Mas Mr. Martel não se limitou a fazer um trabalho de aridez scientifica, produziu uma obra de alto valor litterario, divulgadora da historia e das bellezas do littoral caucasico — a *Riviera* do Caucaso — sendo a edição ornada de 400 illustrações, representando trechos da região, de um pittoresco encantador, typos, costumes, etc.

E' livro de apreço por todos os motivos e onde a par do valioso estudo que significa, á altura do respeitavel nome que o subscreve, ha revelações de bellezas que todos apreciarão.

Estudo sobre a exequibilidade do projecto de pharolagem da costa de Moçambique, Lourenço Marques, 1908.

A competencia do distincto official da armada, sr. Hugo de Lacerda, auctor d'este estudo, o methodo e a seriedade que se impõem nos seus trabalhos, dispensam-nos de tratar do assumpto ácêrca do qual S. Ex.ª escreve o que se póde escrever com mão de mestre. Basta que em cumprimento de um dever, a que gostosamente satisfazemos, transcrevâmos o que sobre a exequibilidade do projecto em questão diz o mesmo senhor:

«Do exame a que procedi, e como adiante se poderá ver, reconheci, e com satisfação, não só pelo facto como pela muita consideração pelo auctor, que o projecto é exequivel nas suas linhas geraes de sequencia de caracteres luminosos e escolha de principaes possições a assignalar.»

E, reproduzindo o trecho em que o auctor do projecto declara quanto é urgente tomar uma orientação definida para levar a cabo tão importante melhoramento seguindo um plano em que se gasta o strictamento necessario ao fim que se tem em vista, termina assim o trabalho do sr. Lacerda:

«Esta é a boa doutrina, da qual sem grave erro, ninguem se póde desviar.

....

Trata-se de uma obra humanitaria de valor politico e fundamentalmente economica».

Esboço monographico da Amendoeira. I. Noticia Historica por J. V. Gonçalves de Souza e M. de Souza da Camara. Typographia *La Bécarre*, Lisboa, 1908.

E' o primeiro fasciculo de uma separata da *Revista Agronomica*. Os auctores chamam-lhe modestamente *esboço monographico*, mas se, como e de esperar, o trabalho proseguir com o desenvolvimento que mostra neste fasciculo, elle será na litteratura agricola portuguesa um dos de mais vasta erudição e de invulgar merecimento.

Só technicos com a nobre paixão do seu *métier* pódem arcar com a responsabilidade que se impuzeram os dois estudiosos agronomos e é realmente para louvar a fórma como se propuzeram tratar da amendoeira que, como qualquer nomada e veneranda tribu, se aclima e cresce em qualquer meio.

Jvas. (Producção e preparação). Versão do italiano por J. V. Gonçal-
ɪ Souza. Typographia Adolpho de Mendonça, Lisboa, 1908.

rabalho foi publicado pela Direcção de Agricultura e Commercio da
de Tunis e a sua traducção, em separata do *Boletim da Real Asso-
ɪtral da Agricultura Portugueza*, é sem duvida, um serviço que se
viticultores portuguezes.
elle das castas que pódem produzir uvas mais proprias para serem pas-
comparação dos methodos seguidos pelos viticultores de Tunis com
ɔs nos outros países, e finalmente indica os aperfeiçoamentos a intro-
reparação da passa da uva com o fim de augmentar o valor do pro-
ressante e sempre opportuno.

ɪ *de Agricultura Pecuaria e Fomento.* Loanda, 1908. O art. 7.º do Re-
da Agricultura das Provincias Ultramarinas, feito quando geriu a
ɪrinha e ultramar o conselheiro José de Mello Gouveia, no ministe-
idencia do Marquez d'Avila e de Bolama, ordenava que, em todas
ɪs ultramarinas, se fizesse a publicação regular dos seus annaes
ɪ portaria que criou o *Boletim da Agricultura, Pecuaria e Fomento*,
visa esse regulamento que, por motivos extranhos, naturalmente,
de outros funccionarios que teem superiormente dirigido a provin-
ha sido cumprido ainda, em especial, na referida parte.
anto muito para louvar aquella iniciativa do sr. Governador Geral
ɪor ella se prova que alguma coisa de util se póde fazer sem novas
ɪham embaraçar ainda mais a enorme teia de aranha que é a legis-
guês. E já que fallamos em legislação ultramarina não podemos
por incidente reparar no volume que temos na nossa frente e que
aos annos de 1875 a 1878. Contém 737 paginas, tendo havido nesse
npo tres ministros do ultramar: Andrade Corvo, Mello Gouveia e
ɪeiro; a legislação do ultramar que, desde então para cá, é a menos
ɔrresponde ao anno de 1895 e contém 409 paginas!
sei se d'este facto se póde tirar alguma conclusão; mas é para no-
lade dos nossos legisladores que n'um crescendo de innovações teem
, com tão enorme trabalho, pôr a par das colonias dos países estran-
lonias do nosso país...

*ɪnsular. Centenario da instituição da Junta Provisional do Supremo
do Reino, no Porto.* Conferencia por Francisco de Paula da Silva
Lisboa, 1908.

ɪo de infantaria sr. Silva Villar realisou no dia 19 de junho do anno
egimento n.º 1 de Infantaria da Rainha, uma conferencia, por mui-
otavel, commemorando o Centenario da Junta Provisional do Su-
rno do Reino. E' uma licção de historia de que certamente muito
a assistencia por rememorar um facto importante d'aquelle sangrento
ossa nacionalidade. A conferencia vem seguida da reproducção da
ɔ discurso de Guilherme Pitt, pronunciado no parlamento inglês,
ɪlitica da França e das razões que, pela attitude d'aquella nação,
glaterra a continuar a guerra.

J. F.

BIBLIOTHECA DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

Obras entradas nos mezes de outubro a dezembro de 1908

(N'esta lista não se incluem as publicações periodicas)

Abertura (A) dos portos do Brazil. Ensaio historico por Vicente Almeida d'Eça. (Sociedade de Geographia de Lisboa). Lisboa, 1908. 1 vol. broc. 26×16. 99 pags. Offerta.

Acção civel ordinaria, por Maria Pereira dos Santos Vandumen, reu o Commendador Francisco Pereira Batalha. Loanda, 1908; uma folha solta 26×18,5. Offerta.

Açores (Service Météorologique des). Résumé d'Observations de 1907. Lisbonne, 2908. 1 folheto broc. 23,5×29. 15 pags. + 8 folhas soltas e gravuras. Offerta.

Acta Universitatis Lundensis. Nova series. Lund Universitets Arsskrift ny Följd. Andra afdelningen medicin samt matematiska och naturvetenskapliga ämnen II. III. 1906-1907. Lund, 1906-07-08. 2 vol. broc. 29,5×22,5 e gravuras. Offerta.

Agrimensura e Cadastro Predial na Provincia de Moçambique, por Pedro Luiz de Bellegarde da Silva. Volume I. Lourenço Marques, 1908. 1 vol. broc. 25×16. XLIX + 192 pags., gravuras e mappas. Offerta do auctor.

Album Descriptivo. Livraria Chardron. Lello e Irmão. Porto, 1908. 1 folheto broc. 30,5×24,5. 26 pags. e gravuras. Offerta.

Album en honor del general y doctor Don Dionisio Gutierrez commemorando el 23 de diciembre de 1907, fecha histórica en los anales del partido liberal. Editores Aureliano Bustillo C. y Abelardo Pacheco. Tegucigalpa. 1908. 1 folheto broc. 28×19. 67 pags. e um retrato. Offerta.

Alcoolismo (O). Succintas considerações sobre o seu papel em Nosologia e em Sociologia. Elementos para o estudo do alcoolismo em Portugal. Dissertação inaugural apresentada á Escola Medico-Cirurgica do Porto, por Alberto da Costa Ramalho Fontes. Porto, 1908. 1 vol. broc. 29,5×20,5. x+228 pags. illustrações e retrato do auctor. Offerta do auctor.

Algumas relaciones históricas raras y curiosas, por el Marqués de Lourencin. (Boletin de la Real Academia de la Historia. Tomo LIII. Caderno v. Noviembre, 1908.) Madrid, 1908. 1 folheto broc. 24×15,5. Offerta do sr. Marqués de Laurencin.

Almanach de Gotha. Annuaire généalogique diplomatique et statistique. 190[illegible] Cent quarante sixième annèe. Gotha, s/d. 1 vol. enc. 15×10. 1.236 pags. gravuras. Comprado.

Almirante (El) Don Antonio de Alliri en la orden de Calatrava. Publicado en el «Boletin de la Real Academia de la Historia». Madrid, Abril de 190[illegible] Por El Marqués de Laurencin. Madrid, 1906. 1 folheto broc. 23,5×16 se[illegible] pag. esp. Offerta.

Anales Diplomaticos y Consulares de Colombia, Publicados bajo la direcoión de[illegible] Dr. Antonio José Uribe. Tome I e II. Bogota, 1900-1901. 2 vol. broc. 23,5×16,5 e 25×17,5. Candidatura.

Année (L') Philosophique. Publiée sous la direction de F. Pillon. Paris, 1908. 1 vol. broc. 23×14. 288+32 pags. Comprado.

Annuaire pour l'an 1909, publié par le Bureau des Longitudes. Avec des notices scientifiques. Paris, 1908. 1 vol. broc. 15,5×95. Comprado.

Annullação de contracto de venda de um terreno, por Luiz Judice Carneiro da Costa e outros. Comarca de Loanda 1.ª vara J. G. Videira. Auctora, D. Maria Pereira Batalha e seu marido. Loanda, 1908. 1 folheto broc. 22,5×14. 84 pags. Offerta.

Antonio Correia d'Oliveira mit proben feiner Dichtung. Von Luise Ey. s/l. s/d. 1 folheto broc. 21,5×16. pags. de 647 a 685. Offerta do auctor.

Apontamentos (Breves) Estatisticos dos serviços municipaes no anno de 1907. (Camara Municipal do Concelho de Villa Nova de Gaya). Gaya, 1908. 1 vol. broc. 23×15,5. 150 pags. Offerta.

Applications (Les) directes et indirectes de l'électricité à la médecine et à la chirurgie, [por] Virgilio Machado. Lisbonne, 1908. 1 folheto broc. 37×26. 66 pags. e table de matieres. Offerta do auctor.

Articulos de Nicolás Augusto González contra la prensa calumniadora de Moxico. (Publicados en el Diario de Centro-America). Guatemala, 1908. 1 folheto broc. 19,5×13. 31 pags. Offerta do sr. D. Ulpiano A. de Valenzuela y Montilla.

Articulos sobre la Mosquitia, por la direccion. Condiciones economicas de la Republica de Honduras, por Désiré Pector. (Traduccion de «La Bandera Liberal»). Tegucigalpa. 1908. 1 vol. broc. 19,5×14. 109 pags. Offerta.

Ateneu Barcelonès. Sessió pública inaugural del curs acadèmic de 1904 a 1905, 1905 a 1906 y 1906 a 1907 de 1907 a 1908 de 1909 a 1909. Barcelona. 1907. 2 folhetos broc. 22×15 e um vol. Offerta do sr. Pedro Sureda Rosa.

Atti del Sesto Congresso Geographico Italiano adunato in Venezia dal 26 al 31 maggio 1907. Volume seconde. Conferenze, memorie e comunicazioni. Venezia, 1908. 1 vol. broc. 24,5×17. 467 pags., gravuras e mappas. Offerta.

Ba-Ronga (Les) Étude éthnogaphique sur les indigènes de la Baie de Delagoa. Moeurs, droit coutumier, vie nationale, industie, traditions, superstitions et réligion, par Henri A. Junod. Neuchatel, 1899. 1 vol. broc. 24×16. 517 pags. e gravuras. Comprado.

Beijo (O) do Infante, por D. João da Camara. Lisboa, 1898. 1 folheto brochado 21×14. 31 pags. Offerta.

Bibele yi nga testamente ya khale ni Le'yintsha. The holy bible in the Thanga language. London, 1907. 1 vol. enc. 22,5×15. 241 pags. e mappas. Offerta do sr. W. Benoit.

Biografia del doctor D. Bartolomé Sánchez de Feria y Morales escritor Cordobez del Siglo XVIII y juicio critico do sus obras. Por Henrique Redel. Segunda èdición. Córdoba, 1904. 1 vol. broc. 21×14. 144 pags. e indice. Offerta.

Birds (List of the) of the Quangtung Coast, China. By J. C. Kershaw (from «The Ibis» for April 1904) s/l. 1 folheto broc. 23×14,5. 14 pags. Offerta.

Bolivia. Its position, products, and prospects. A sketch compiled from original information and official returns. London, 1901. 1 folheto broc. 22×14. 20 pags. e um mappa. Offerta do Dr. Pedro Suarez Rosa.

Bolivia (Los ferrocariles en) [por] Ignacio Calderon, 1906. Washington, s/d. 1 folheto broc 23,5×15,5 23 pags. Offerta do sr. Dr. Pedro Suãrez.

British committees, commissions, and councils of trade and plantations 1622-1675 by Charles M Andrews (John Hopkins University Studies in historical and political science. N.os 1, 2 e 3. Series XXVI). Baltimore, 1908. 1 vol. broc. 24,5×14,5. 151+XII pags. Offerta.

Capitaine (Le) Landolphe et le premier établissement des Français au Bénin, par M. Paul Gaffarel. (Extrait des An. de l'Inst. Col. de Marseille). Marseille, 1902. 1 folheto broc. 25×16. 30 pags. Offerta.

Carne (A) na alimentação, por F. Motta d'Almeida, com um prefacio do Ex.mo Sr. Coronel do Corpo do Estado Maior, Abel Botelho. (Questão palpitante). Lisboa, 1908. 1 vol. broc. 22×14,5. 258 pags., indice e gravuras Offerta do auctor.

Cataventos (Os) por Rocha Peixoto. (Separata do Tomo II. Fasciculo 3 do Portugalia). Porto, 1907. 1 folheto broc. 27,5×20. 12 pags. e gravuras Offerta.

Célébration du cinquantiéme anniversaire de la fondation de la Société de Géographie de Genève, 1908. 1 folheto broc. 23,5×15,5. 36 pags Offerta.

Ceratopsia (The) by John B. Hatcher. Based on preliminary studies by Othniel C. Marsh. Edited and completed by Richard S. Lull. (United States Geological Survey). Washington, 1907. 1 vol. enc. 30×23. XXX+300+II pags., e gravuras. Permuta.

Cinquième décade du De Orbe Novo de Pierre Martyr d'Anghiera. Tradait par Paul Gafarel. Dijon, 1901. 2 tomos broc. 22,5×14. Offerta.

Colombia, a land of greats possibilities, by John Barrett. London, 1906. 1 folheto broc. 27×18,5. 16 pags. Offerta.

Colonisation (La) et les colonies, qar Pierre Aubry. Paris, 1909. 1 vol. enc. 18,5×12. xiv+278+xii pags. Comprado.

Colorado (Surface water supply of) River drainafe above. Iuma, 1906, [por] R. I. Meeker [e] H. S. Reed. Washington, 1908. 1 vol. broc. 23×15. 149 pags., e mappas Permuta.

Comedia llamada Discordia y question de Amor, en la qual se trata en subido metro, y conceptos muy sentidos, la incoustancia de Amar, y sus variables efetos. Son interlocutores las personas siguientes: Dos Pastores, Salucio y Petronio, dos Pastoras, Leonida y Siluia, el Dios de Amor, Diana, Diosa de la Castidad, Belisa Ninfa, un Bouo. Compuesta por Lope de Rueda, Representante. (Separata da reproducção e profaciada por Francisco R. de Uhagón publicada na Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos. Abril, Mago 1902). Madrid, 1902. 1 folheto broc. 23,5×17. 17 pags. Offerta.

Commemoração do 1.º Centenario da Guerra Peninsular 1808-1908. Par J. C. de Faria e Castro. Funchal, 1908 uma tolha solta. Offerta.

Commemorazione [Por] Duca di Bonito, Garafolo na «Età Nova». Rivista sociale-politica artistica. N.os 10 e 11, 1908. Napoli, 1908. 1 folheto brochado 32×23. 17 pags. Offerta.

Compte rendu des travaux du Congrès. (Exposition Coloniale de Marseille, 1906. Congrès de l'alliance française et des Sociétés de Geographie. Tenu à Marseille du 10 au 15 septembre 1906). Marseille, 1908. 1 vol. broc. 25×16,5. 285 pags. Inscripção.

Comuneros (Los) por Posada y Ibáñez. (Biblioteca de Historia Nacional. Vol. iv). Bogotà-Colombia, 1905. 1 vol. broc. 25×17,5. xvi+449 pags. e indice. Offerta.

Conception (La) actuelle de l'enseignement de la géographie, par M. Vidal de la Blache. (Conférences du Musée Pédagogique 1905). Paris, mdcccv. 1 folheto broc. 19,5×12,5. 24 pags. Offerta do auctor.

Conditions (Les) géographiques des faits sociaux par M. P. Vidal de la Blache. Extrait des «Annales de Géographie», tome xi, 1902. Paris, s/d. 1 folheto broc. 25,5×17. 15 pags Offerta do auctor.

Conferencia por Antonio Ferreira de Serpa. (Contribuição para resolver o problema economico Portuguez). Lisboa, 1908. 1 folheto broc. 17,5×13. 16 pags. Offerta.

Congrès International des Sciences Sociales et Économiques du 16 au 21 septembre 1907, organisé par la Société d'Économie Politique de Bordeaux. Documents préliminaires, rapports, discussions et comptes-rendus publiés sous la direction de M. Jean Villate. Paris, 1908. 1 vol. broc. 25×16,5. 456 pags. Inscripção.

Contribution à l'étude des symptomes et du diagnostic du cancer primitif du poumon par le Dr. A. Christidis. (Extrait de la Rev. Med. Pharmaceutique). Constantinople, s/d. 1 folheto broc. 18×13,5. 18 pags. Offerta.

Contributions from the United States National Herbarium. Volume x. Systematic investigations in phanerogams, ferns, and diatoms. Washington, 1906-1908. 1 folheto broc. 24,5×15. Offerta.

Corogne (La) (Janvier 2809) par P. Gaffarel et Commandant Louvot. Paris, 1900 1 folheto broc 22,5×14. 23 pags. Offerta.

Correspondance de Michel Hennin et de d'Anville, par M. Gabriel Marcel. (Extrait du «Bulletin de Géographie Historique et Descriptive», N.º 3, 1907). Paris, mdcccviii. 1 folheto broc 23×15. 44 pags. Offerta.

Côte (La) d'Azur Russe. (Riviera du Caucase) Voyage en Russie Méridionale, au Caucase Occidental et en Transcaucasie. (Mission du gouvernement Russe, 1903) [por] E. A. Martel Paris, 1908. 1 vol. broc. 28×19,5. 356 pags com gravuras e uma carta col Offerta do auctor

Coup d'œil sur la Société de Géographie de Génève, par Arthur de Claparède. Génève, 1908. 1 folheto broc 24,5×16. 76 pags. e gravuras. Offerta da Société de Géographie de Génève.

Crise (A) vinicola, por Adriano Anthero. Discursos proferidos na Camara dos Senhores Deputados nas sessões de 6 e 7 de Agosto de 1908. 1 folheto broc. 23×14,5. 44 pags. Offerta.

Dall' «Autodidacto» di Taphail. [Par] Duca di Bonito, Garofalo (na «Età Nova» Rivista sociale, politica e artistica. N.º 12, 1908). Napoli, 1908. 1 folheto broc. 32×23. 31 pags. Offerta.

Date (Le) piú memorabili del nostro risorgimento, por Leopoldo Palatini. Esttrato dal Giornale l'Esercito Italiano. Roma, 1896. 1 vol. broc. 17,5×11,5. 114 pags. Offerta do auctor.

Déchets (De l'emploi des) de tourbe dans les cabinets d'aisance (closets) et de l'évacuation des matières fécales, des eaux d'égout et de fabrique, sous le rapport hygiénique, par A. Groenendaal. Tiel, s/d. folheto broc. 21×13,5. 72 pags. Offerta.

Découvertes des Portugais en Amérique au temps de Christophe Colomb, par Paul Gaffarel et Charles Gariod. Paris, 1892. 1 folheto broe. 25,5×16,5. 38 pags. Offerta.

De Orbe Novo (Cinquième décade du) de Pierre Martyr d'Anghiera, traduit par Paul Gaffarel. Dijon, s/d. 1 vol. broc. 22,5×14. 120 pags. Offerta do auctor.

Deutsche französisches Worterverzeichnis der die Steinzeit bettreffendem Literatur. (Langage técnique pour la description des pierres utilisées, travaillées et taillées). Von G. Schweinfurth. Berlin, 1906. 1 folheto broc. 23×15,5. 74 pags. Offerta.

Diccionario portatil das linguas Portugueza e Alleman, por D. Antonio Edmundo Wollhein. Tomo I. Leipzig, s/d. 1 vol. enc. 15×11,5. 313 pags. Offerta.

Diez (El) de Febrero. Bogotá, Colombia. (1906). New York. s/d. 1 vol. enc. 22,5×15. xxxiii+327 pags. e gravuras. Offerta do sr. Ulpiano A. de Valenzuella J. Montilla.

Discours prononcé à la séance générale du Congrès, le samedi 5 avril 1902, par M. Vidal de la Blache. (Congrès des Sociétés Savantes). Paris, MDCCCCII. 1 folheto broc. 26,5×17,5. 18 pags. Offerta do auctor.

Discurso leido ante Sus Majestades y Altezas Reales par el Ex^{mo}. Sr. D. Alejandro Pidal en junta pública celebrada por la Real Academia Española el dia 17 de mayo de 1908 con motivo del centenario del Dos de Mayo. Varias poesias patrióticas de autores que vivieron durante la guerra de la Indepedencia. Madrid, 1908. 1 folheto broc. 26,5×19,5. 67 pags. Offerta do sr. dr. Elias Alfaro e Navarro.

Discurso leido en la Universidad Central en la solemne inauguración del curso académico de 1901 a 1902 por el doctor D. Vicente Santamaria de Paredes. Madrid, 1901. 1 folheto broc. 26,5×19. 88 pags. Offerta, idem.

Discurso leido en la Universidad Central en la solemne inauguración del curso académico de 1902 à 1903 por el doctor D. Blas Lázaro é Ibiza. Madrid, 1902. 1 vol. broc. 26,5×18,5. 98 pags. Offerta, idem.

Discurso leido en la Universidad Central en la solemne inauguración del curso académico de 1903 à 1904 por el Doctor D. Amalio Gimeno y Cabañas. Madrid, 1903. 1 folheto broc. 26,5×19. 53 pags. Offerta, idem.

Discurso leido en la Universidad Central en la solemne inauguración del curso académico de 1904 à 1905 por el Doctor D. Fernando Segundo Brieva y Salvatierra. Madrid, 1904. 1 vol. broc. 26,5×19. 117 pags. Offerta, idem.

Discurso leido en la Universidad Central em la solemne inauguración del curso académico de 1905 à 1906 por D. José Echegaray y Eizaguirre. Madrid, 1905. 1 folheto broc. 26,5×19,5. 74 pags. Offerta, idem.

Discursos leidos ante la Real Academia de Bellas Artes de San Fernando en la recepcion pùblica del Ex.^{mo} señor D. José de Cárdenas y Uriarte el dia 24 de Noviembre de 1901. Madrid, 1901. 1 folheto broc. 26×38,5 65 pags. Offerta, idem.

Discursos leidos ante la Real Academia de Bellas Artes de San Fernando en la recepcion pública del señor D. Antonio Garcia Alix el dia 18 de Enero de 1903. Madrid, 1903. 1 folheto broc. 28×19.5. 65 pags. Offerta, idem.

Discursos leidos ante la Real Academia de Ciencias Morales y Politicas el 7 de Enero de 19·6 presidiendo Su Majestad el Rey (q. D. g.) en la recepcion pùblica del ex.^{mo} y revm.º sr. Doctor D. Victoriano Guisasola y Menendez

Obispo de Madrid. Alcalá. Madrid, 1006. 1 folheto broc. 27×19. 78 pags. Offerta, idem.

Discursos leidos ante la Real Academia de la Historia en la recepcion publica del señor Don Juan Pérez de Guzmán y Gallo el dia 20 de mayo de 1906. (Dogmas de la politica de Fernando V el Católice). Madrid, 1906. 1 folheto broc. 27×19,5. 74 pags. Offerta, idem.

Dumont D'Urville (Le contre-amiral). 1790-1842. Par le baron Hulot. Paris, 1892 1 folheto broc. 22,5×14. 52 pags. retrato e mappas. Offerta.

Eere rœmvolle bladzijde uit de geschiedenis van den Geneeskundigen diens van het Leger der Vereenigde Staten van Noor-Amerika, door Dr. J. A Romeyn. (Overdruk uit het Militair-Geneeskundig Tijdschrift, 1908). s/l 1 folheto broc. 23,5×15. 3 pags. Offerta.

Egg-cases (On the) and early stages of some South China Cassidiæ by Z. C. W Kershauw and Frederick Muir (from the «Trans. of the Entomological So ciety of London». Sept. 26 the, 1907.) 1 folheto broc. 22×14. s. pags. esp Offerta do auctor.

Eldest (The) Church. Book of the English Congregation in the Hague (Holland given as a transcript bv M. G. Wildeman. The Hague, 1906. 1 folheto broc 24×16. 84 pags. Offerta do auctor.

Elektrische (Der) Schiffszug von Dr. Georg. Meyer Berlin (Siemens-Schucker Werke). Munchen, 1908. 1 folheto broc. 32×24. 21 pags. e gravuras. Offerta

Elementos de modelação de ornato e figura. Por Josef Fuller. (Bibliotheca d Instrucção Profissional. («Manual do Operario»). Lisboa, 1908. 1 vol. enc 22×15,5. 125 pags. ind. e gravuras. Comprado.

Elenco bibliographico delle Accademie, Societá, Instituti Scientifice, Direzion di Periodici, ecc., Corrispondenti con la Reale Accademie dei Lincei, e in dici delle loro publicazioni pervenuta all'Accademia sino a dicembre 190 Roma, 1908. 1 vol. broc. 19,5×13,5. 421 pags Offerta da Biblioteca dell Reale Accademia dei Lincei.

Elizabethan (The) Parish in its ecclesiastical and financial aspects by Sedle Linch Ware (Johns Hopkins University Studies in historical and politic sciennce. N.os 7, 8. Series XXVI). Baltimore, 1908. 1 vol. broc. 24,5×15 93+XII pags. Offerta.

Entrecasteaux (D') 1737-1793, par le Baron Hulot. (Extrait du «Bulletin de Société de Géographie»). Paris, 1894. 1 vol. broc. 22,5×14, 143 pags. e gr vuras e mappa. Offerta do auctor.

Ephemerides Astronomicas para o anno de 1909, calculadas para o meridiano Real Observatorio Astronomico da Univ. Coimb. Coimbra, 1908. 1 vol. br 24×16. VII+247 pags. Offerta.

Esposizione Internazionale di fotografia artistica e scientifica. Torino, giugn luglio, 1907. Torino, 1907. 1 folheto broc. 24×17. 63 pags. e gravuras. (ferta do sr. Julio Worm.

Estatistica do Commercio e Navegação. Anno de 1906. (Portugal, Ministerio Negocios da Fazenda). Lisboa, 1908. 1 vol. broc. 23,5×18,5. CXLIX+ pags. Offerta.

Estatistica dos generos sujeitos á pauta dos direitos de consumo. Annos de 1 a 1907. (Portugal, Ministerio dos Negocios da Fazenda. Consumo em L boa. Lisboa, 1908. 1 folheto broc. 25,5×17,5. 36 pags. Offerta.

Estatistica geral do movimento commercial e maritimo no territorio de Man e Sofala, em 1907. (Companhia de Moçambique. Alfandega da Beira). Be 1908. 1 vol. broc. 25×36. 119 pags. e quadros graph. Offerta.

Estatistica Geral dos Correios da Provincia de Moçambique. Anno civil de 19 (Inspecção das Obras Publicas da Provincia de Moçambique). Loure Marques, 1908. 1 vol. broc. 27×19. 158 pags. Offerta.

Estatutos do Instituto Historico e Geographico Parahybano. Parahyba do No 1908. 1 folheto broc. 22×14,5. 12 pags. Offerta.

Estatutos (Projecto de reforma dos) elaborado pela commissão nomeada e de dezembro de 1905. (Associação de Soccorros Mutuos dos Emprega no Commercio e Industria). Lisboa, 1908. 1 folheto broc. 32×23,5. 67 p Offerta.

Estudio de la catenaria y de sus aplicaciones mecánicas por el académico D. J

y Biaggi. Publicada en septiembre de 1908. (Memorias de la «Real mia de Ciencias y Artes de Barcelona». Vol. VII. Núm. 3). Barcelona, l folheto broc. 39×23. 37 pags. Offerta.

les mines d'or et d'argent de la Colombie [por] Vicente Restrepo. 5 de la deuxième édition, suivi d'extraits de l'ouvrage «Riqucza Mide la Republica de Colombia», par Fortunato Pereira Gamba. Tra- ı de l'espagnol par Henry Jalhay. Bruxelles, 1908. 1 vol. broc. 24× 4 pags. Offerta do sr. Henry Jalhay.

cinologica de Portugal. (Subsidio para o estudo da). Epochas da crea- ·eproducção, por Luiz Gonzaga do Nascimento (Boletin de la «Real ad Española de Historia Natural». Octubre, 1908. s/l, 1908. 1 folheto 5,5×16,5. 8 pags. Offerta do auctor.

(As), por A. A. da Rocha Peixoto. (Separata do Tomo III. Fasciculo Portvgalia»). Porto, 1908. 1 folheto broc. 26,5×19,5. 44 pags. e gra- Offerta.

·k (The) of Union. A comparison of some Union Constitutions. With :h of the Development of Union in Canada, Australia and Germany; ıe text of the Constitutions of the United States, Canada, Germany, rland and Australia. Prepared for and issued by the Closer Union y. Cape-Town, 1908 1 vol. enc. 25×15. 207+CXVIII pags. Offerta do istrador geral da Companhia dos Caminhos de Ferro da Africa do Sul.

Ibis for October 1908. Professor Barboza do Bocage. s/l s/d. Uma fo- lta com capa. Offerta.

s). Guia pratico da industria e commercio das fructas. (Sociedade Bra- para animação da Agricultura). Lisboa, 1908. 1 folheto broc. 23× 6 pags. ind. e gravuras. Offerta.

Kronichem In het licht gegeven door P. N. van Doorninck. Arnhem, l vol. broc. 24×16. 98 pags Offerta.

van het geslacht de Jong later de Jong van Rodenburgh en Van le Jong. Opnieuw bewerkt door M. G. Wildeman. s/l, 1906. 1 folheto 23×15,5. 72 pags. e gravuras. Offerta do auctor.

(Le) Thomas López et son œuvre. Essai de biographie et de carto- ie par Gabriel Marcel. Madrid, 1908. 1 vol. broc. 24×16. 123 pags. a do auctor.

: (La) économique et son enseignement dans les écoles supérieures nmerce. Rapport présenté par M. Jules Mees. (Congrès International ımique Mondiale). Bruxelles, 1905. 1 folheto broc. 25×16. 12 pags. pção.

' and geology of a portion of Southwestern Wyoming with special nce to coal and oil, by A. C. Veatch. Washington, 1907. 1 vol. broc. 23. v+178+VIII pags. ill. e mappas fim do texto. Permuta.

' (Applied) A preliminary sketch. With ten maps. By J· Scott Keltie. d Edition. London, 1908. 1 vol. enc. 18,5×12,5. VI+199 pags. e map- Offerta do auctor.

The life history) Chinensis, Felder. Butterfly. Destroyers in Southern . (From the «Trans. of the Entomological Soc. of London». May 20th . 1 folheto broc. 21,5×14. 8 pags. e gravuras. Offerta do auctor.

ıt (The) of South Africa. Vol. I, II s/l, 1908. 2 vol. enc. 24,5×19 com ıs. Offerta do sr. administrador geral da Companhia dos Caminhos de · da Africa do Sul.

(A Comparative) of South African Languages, by W. H. I. Bleek, ı. Phonology. London, 1862. 1 vol. enc. 21,5×14. 322+108 pags. Com- ι

woorden in het Sanskrit door H. Hern. s/d. s/l. 1 folheto broc. 27+19. ıags. esp. Offerta do auctor.

ı (L') Spinosa, par J. Daveau. Extr. do Bol. da Soc. Brot. Vol. XUIII . Offerta do auctar.

Bourgogne et les Croisades en Espagne, par Paul Gaffarel (Extrait Mémoires de la Societé Bourguignoune de Géographie et d'Histoire», XVII, année 1901). s/l. s/d. 1 folheto broc. 22×14. 30 pags. Offerta.

e des Empires du Japon et de Russie [por] Comte L. de Montalbo et

duc A. Astraudo. (Exemplar N.º 212). Roma, MCMVI. 1 vol. enc. 31,5×21,5. 93 pags. e ill. Offerta do sr. Conde de Montalbo.

Historische, geneologische en heraldische aanteekeningen betreffende het adellijk geslacht stapert door Z. C. H. Matile. Amsterdam, 1895. 1 vol. enc. 31,5×24. 139 pags. Offerta.

Harloge (Une) décimale au Capitole en 1794, par Joseph de Rey-Pailhade. (Extrait du «Bulletin de la Société Archéologique N.º 38). Toulouse, 1908. 1 folheto broc. 24×15,5. 11 pags. Offerta do auctor.

Ice and its natural history by J. I. Buchanan. London, 1908. 1 folheto broc. 22×14. 34 pags. e gravuras. Offerta.

Iceland, its history and inhabitants by herr Jon Stefanssen (from the Smithsonian Report for 1906, pages 275-294). Washington, 1907. 1 folheto broc. 24,5×15,5. Permuta.

Ideal (El) Geográfico y los Progresos de la Geografia, por Ricardo Beltrán y Rózpide. Madrid, 1908. 1 folheto broc. 24×16 16 pags. Offerta do auctor.

Iles Baléares (Les). Palma et Miramar, par Paul Gaffarel. (Extrait du «Bul de la Soc. de Geogr. de Marseille). Marseille, 1907. 1 folheto broc. 24,5×16. 20 pags.

Inneming en plundering van het huis poederoeven op 14 April 1493, volgens bescheiden uit het Straatsarchief te Wetzlar. Medegedeeld door P. N. van Doorninck. (Overgedrukt uit Bijdragen en Mededeelingen der Vereeniging «Gebre», deel x). s/l. s/. 1 folheto broc. 24×16. Offerta.

Inde (Le Peuple de L') d'après la série des rècensements, par P. Vidal de la Blache. Extrait des «Annales de Géographie», tome xv, 1906. 1 folheto broc. 25,5×16,5. 50 pags. e mappas. Offerta do auctor.

India (Lhe commercial products of) being and abridgment of «The Dictionary ot the Economic Products of India» by, Sir George Watt. London, 1908. 1 vol. enc. 25,5×16. 1189 pags. Offerta pelo «India Office».

Industria (L') germenica delle machine da scrivere, par Emilio Budan. Il primo ventennio. Esttrato dai Num. 2 e sequenti della Rivista: «Scrittura e Composizione a Macchina». Roma, 1908. 1 folheto broc. 30×21. 29 pags. e gravuras. Offerta.

Intorno alle origine della lingua italiana. [Por] Duca di Bonito Garofalo na «Età Nova». N.º 14, 1908. Napoli, 1908. 1 folheto broc. 32×23. 12 pags. Offerta.

Investigaciones de hidrologia sabterránea en la comarca de Bañolas (Provincia de Gerona), por el académico numerario D. Luis Mariano Vidal. Publicada en septiembre de 1908. «Memorias de la Real Academia de Ciencias y Artes» de Barcelona. Vol. VII. Núm. 5. Barcelona, 1908. 1 folheto broc. 30×23. 19 pags. e gravuras. Offerta.

Italica (La) por el R. P Maestro Fr. Fernando de Levallos de la Orden de S. Geronimo en el Monasterio de San Isidro del Campo. Sevilla, 1886. 1 vol. broc. 23×17. XVIIC+341 pags. ind. cat. e um mappa. Offerta do sr. José Moron Cansino.

Itinéraire archéologique de Delt, par M. G. Wildeman. 2 édition, revue, corrigée et augmentée. Delft, 1906. 1 vol. broc. 19×13. 95 pags., gravuras e indice. Offerta.

Ivapon undyba ou Vaporundyva, por Edmundo Krug. (Extrahido da «Revista da Sociedade Scientifica de São Paulo» (Brazil). S. Paulo, 1908. 1 folheto 23,5×16. 10 pags. Offerta do auctor.

Japans Laminariaceer (Om) af F. R. Kjellman och J. V. Petersen. Upsala, 1884. 1 folheto enc. 21,5×14. Offerta.

Katalog der im jahre 1904 registrierten seismischen storungen, zusammengestellt von Elmar Rosenthal, Strassburg, 1907. 1 vol. broc. 27,5×19. VIII+145 pags. Offerta.

Kershaw (J. C. W.) The life history of Spindasis lohita (From the «Trans. of the Entomological Society of London», September 26 the 1907. 1 folheto broc. 22×12 sem pag esp. gravuras. Offerta do auctor.

Lettre (Tre) autografe di Cristoforo Colombo, consei vate nel Palazzo Municipale di Genova, por Angelo Boscassi. Genova, s/d. 1 folhoto broc. 33×24. Offerta do sr. Angelo Boscassi.

y notas historicas, por Herminia Gomez Jayme de Abadia. Bogotá, 1 vol. broc. 23,5×16. 202 pags. e ind. Candidatura do sr. D. Miguel de Villanuelva de Almeria.
) de Plata. Contos y Sonetos. Lluvia de flores. Poesias de Enrique Re- Cordoba, 1907. 1 vol. broc. 22×14. 206 pags. e ind. Offerta.
(Neuestes Gemalde von) Leipzig, 1799. 1 vol. enc. 18×11,5. 504 pags. .vuras. Offerta.
Civil, por Adriano Anthero. Discurso proferido na Camara dos Senho- Deputados na sessão de 6 de Julho de 1908. Lisboa, 1908. 1 folheto 23×14. 21 pags Offerta do auctor.
·il e Joias da Coroa. Discurso proferido na Camara dos Senhores De- los na sessão de 14 de Julho de 1908, por Manuel Affonso de Espre- a. Lisboa, 1908. 1 folheto broc. 23×14,5 pags. Offerta do auctor.
(Os) de Luiz de Camões. Fac-simile da primeira edição dos Lusiadas um prefacio do dr. Theophilo Braga. (2 exemplares N.os 236 e 237). ia. CCCLXXIV. 1 vol. broc. 24×16. Comprado.
(Um verso dos). Por Silva Leal. Lisboa, 1908. 1 folheto broc. 20×14,5. gs. Offerta do auctor.
(Le) scriventi del Cavaliere de Knauss (1753-1760). Par Emilio Bu- Estratto dal «Lo Steno-Dattilografo». Milano, 1908. 1 folheto broc. 0.5. 8 pags. e gravuras. Offerta.
Apontamentos para o estudo da lingua) pelo capitão mór do Mossuril, nio Camizão. Lisboa, 1906. 1 vol. broc. 22,5×15,5. 143 pags. Offerta do r.
ur en 1756, par M. Bernard. Marseille, 1906. 1 folheto broc. 25,5×16,5. gs. Offerta.
o Automobilista. Por Eugenio Estanislau de Barros. (Manual do Ope- Bibliotheca de Instrucção Profissional). Lisboa, 1908. 1 vol. enc. ×11,5. 295 pags. cat. e gravuras. Comprado.
o Serralheiro Mecanico, por Carlos Pedro da Silva. (Manual do Opera- Bibliotheca de Instrucção Profissional). Lisboa, 1908. 1 vol. enc. 18,5× 340 pags. e gravuras. Comprado.
La) Marchande Italienne, par Georges Delvuax, s/l e s/d. 1 folheto 21,5×14. 19 pags. Offerta do auctor.
Geological Survey. Volume six. Baltimore, 1906. 1 vol. enc. 26×17,5. ags. gravuras e mappas. Permuta.
(Expédition de) contre le Portugal, par Paul Gaffarel. Dijon, 1899. 1 to broc. 22,5×14. 34 pags. Offerta.
antiga por A. Christidos (em grego). Communicação lida na commis- le Biologia em 8 de março de 1904. 1 folheto broc. 28,5×20. Offerta.
lum de viaje, por Joaquim Rocha. (Regiones amazonicas) 1905. Bogotá. ibia, 1905. 1 vol. broc. 21,5×16. 206 pags. Offerta do sr. Miguel Ruiz llanueva, de Almeria.
correspondiente al año 1907 presentada á la Direccion General de iccion Primaria y al Ministerio de Industria, Trabajo e Instruccion ca por el Doctor Abel I. Pérez. Tomo I e II. Montevideo, 1908. 2 vols. 29×19,5. gravuras e mappas. Offerta.
de las experiencias realisadas en la escuela práctica de agricultura nal de Jerez de la Frontera acerca de la nitrificación natural de los ios basada sobre el estudio de las aguas de drenage. Formulada por luardo Noriega. (Ministerio de Fomento). Madrid, 1907. 1 folheto broc. ×11,4. 87 pags. e ind. Offerta do sr. dr. Elias Alvaro y Narro.
presentada al gobierno de S. M., por el delegado regio D. José Maria .. (Los Pósitos en España). Madrid, 1907. 1 vol. broc. 24×16,5. 208 Offerta. idem.
premiadas con accesit en el concurso abierto por el Ministerio de Fo- por Real decreto de 14 de septiembre de 1905 sobre el tema; ensi- sus ventajas, construccion y aprovechamiento de los silos, procedi- os de ensilaje. Autores : D. Miguel Padilla y Erruz y D. Manuel M.a y Angulo y Francisco Caamaño Marquina. (Ministerio de Fomento)

Madrid, 1907. 1 vol. broc. 25×17. viii+128+127 pags. e figuras. Offerta, idem.

Menorca española en 1808. Extracto de un fragmento traducido y entresacado del cronicón titulado «Diary de Mahó», su autor el erudito cronista menorquim Don Juan Roca y Vinent. Mahón, 1908. 1 folheto broc. 21,5×16. 35 pags. Offerta do sr. Conde de Torrepulida

Mensagem dos juizes de paz de Lisboa e seus escrivães, enviada a Sua Magestade El-Rei D. Manuel ii, por occasião do seu anniversario natalicio. s/l, 1908. Uma folha solta 43,5×28. Offerta.

Metamorphoses (On the) of two Hemiptera. Heteroptera from Southern China [por] J. C. W. Hershaw and G. W. Hirkaldy (From the «Transactions of the Entomological Society of London» June, 5 1908). 1 folheto broc. 21,5×14. Offerta.

Mexican (The) and Central American species of Sapium, by Henry Pittier. (Contributions from the United States National Herbarium. Volume xii, Part 4. Washington, 1908. 1 folheto broc. 24,5×16 e gravuras. Offerta.

Minerales de Tungsteno. Explotations de estas minerales en España. Usos á que se destinam Possibilidad de ser substituido el Tungsteno por otros cuerpos en la fabricación del acero. Por el académico D. Ramon de Manjarrés y Bofarull. Publicada en septiembre de 1908. (Memorias de la Real Academia de Ciencias y Artes de Barcelona. Vol. vii N.º 4) Barcelona, 1908. 1 folheto broc. 30×23. 13 pags. Offerta.

Mines de Porto de Mós (Portugal) Concessions minières du site des Hortas, des Fragas do Castello d'Alcaria et d'Alvados. Memoire descriptif. Lisboa, 1908. 1 folheto broc. 21,5×15. 83 pags. gravuras e mappas. Offerta do sr. Eug. Ackermann.

Mittel and Sudamerika [por] K. Haebler. Sonderabdruck aus der Weltgeschite Herousgegeben von J. v. Pflugk-Hartung. Berlin, s/d. 1 folheto broc. 30×22. s. pag. esp. gravuras Offerta.

Moçambique (Provincia de) Repartição de saude. Relatorio do serviço de saude. Anno de 1907. [Por] José de Oliveira Serrão de Azevedo. Lourenço Marques, 1908. 1 vol. broc. 25,5×16. 289 pags. e indice. Offerta.

Modernos (Os) projecteis d'infantaria e os seus effeitos sobre o organismo, por Manuel Gião. (Separata da «Revista Polytechnica». Vol. i, 1905 n.º 4). Offerta do auctor.

More about Zambesia minerals. By Stephen J. Lett. London, 1908. 1 folheto broc 28×21,5 pags. Offerta do auctor.

Navegação exterior de Portugal e suas colonias, por Adolpho Loureiro. Separata do livro: «Notas sobre Portugal. Lisboa, 1908. 1 folheto broc. 25×16,5. 26 pags, gravuras e mappas Offerta do auctor.

Neutral rights and obligations in the anglo-boer war by Robert Granville Campbell. (Jokn Kophins University Studies in historical and political science. N.os 4, 5 e 6 Series xxvi). Baltimore, 1908. 1 vol broc. 24,5×15,5. 149+xi pags. Permuta.

Nineteenth annual report 1905. Twentieth & twenty-first reports for 1906 and 1907. (The Newton Abbot Society for the prevention of cruelty to animals). Newton Abbot, 1906 1908. 2 folhetos broc. 21,5×14 Offerta.

North (To the) Magnetc Pole and through the Northwest Passage by Capt Roald Amundsen From the Smithsonian Report for 1906, pages 249-273 (With plates i vi). Washington, 1907. 1 folheto broc. 24,5×15,5 gravuras. Permuta.

Notas sobre Portugal. Volume i. (Exposição Nacional do Rio de Janeiro em 1908). Lisboa, 5908 1 vol. broc. 26,5×18. 814 pag. Offerta da Commissão da Secção Portugueza na Exposição do Rio de Janeiro.

(Continúa)

27.ª Série — 1909 N.º 2 — Fevereiro

BOLETIM

DA

Sociedade de Geographia de Lisboa

FUNDADA EM 1875

SUMMARIO

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
Rua do Diario de Noticias, 110

1909

27.ª Série — 1909 N.º 2 — Fevereiro

BOLETIM

DA

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

Director, proprietario e editor—*Sociedade de Geographia de Lisboa*—Rua de Santo Antão—Lisboa
Composição e impressão na Typographia Universal
pertencente a Coelho da Cunha, Brito & C.ª — rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

OS VULCÕES DAS ILHAS DE CABO VERDE E OS SEUS PRODUCTOS [1]

PREFACIO

Das ilhas do Atlantico, o grupo de Cabo Verde ficou até hoje quasi desconhecido, ao passo que as ilhas mais ao norte, as Canarias e os Açores, teem sido cuidadosamente exploradas sob varios pontos de vista. A maior distancia, a difficuldade da viagem n'estas ilhas pouco cultivadas e tambem especialmente os meios de communicação muito limitados entre ellas, dão a explicação d'isto.

O fim da minha viagem era preencher a lacuna dos nossos conhecimentos. Não podia fazer uma exploração completa do archipelago em vista da grande difficuldade de chegar a algumas d'estas ilhas (porque ás vezes é necessario esperar muitas semanas para arranjar um navio, para visitar as mais pequenas) e tambem em vista dos limitados meios de tempo e de dinheiro.

Todavia, posso apresentar os seguintes resultados: ha presença d'um antigo continente, ha uma estructura interessante, complicada de diversos vulcões do grupo contendo productos mineralogicos muito variados, como tambem formações de contacto. Portanto estas ilhas apresentam cousas ricas e interessantissimas que permittem pôl-as a par das outras ilhas do Atlantico e estimulam a outras pesquizas.

Esta obra é dividida em duas partes, a parte topographica geologica e a parte mineralogica petrographica. Esta divisão era muito necessaria especialmente para melhor fazer sobresahir uma serie de

---

[1] A Direcção da Sociedade de Geographia de Lisboa resolveu fazer traduzir e publicar no Boletim a importante obra «*Die Vulcane der Capverden und ihre Producte*» do dr. Gœlter, professor na Universidade de Graz, pelo especial interesse que tem para o estudo d'aquella nossa possessão ultramarina. É esta traducção, executada pelo sr. Eng. Ackermann, que hoje começamos a publicar. A obra original foi dada á estampa em Graz, em 1882; desde essa epoca até ao presente as condições economicas e outras do archipelago de Cabo Verde teem-se modificado; mas o interesse do estudo da vulcanologia permanece.

factos de importancia geral. Se na investigação dos productos ei
tudo o que foi possivel para empregar os methodos mais moder
para os applicar em todos os casos, esforcei-me egualmente para
claramente os resultados agrupados, para não cançar o leitor com
numero demasiado de particularidades.

Só peço que não critiquem muito acerbamente as faltas em que
turalmente incorri na investigação d'uma terra ainda pouco estud.

E' occasião para agradecer áquelles que tanto me ajudaran
minha viagem. Em primeiro logar o Real e Imperial Ministerio da
trucção Publica por me ter concedido um subsidio de viagem. A
deço tambem ao Ministro austro-hungaro em Lisboa, M. Freiherr
Dumreicher, e ao Governo Portuguez e aos funccionarios publicos
Ilhas de Cabo Verde.

Mais agradeço a uma serie de pessoas particulares, entre as q
menciono especialmente os srs.: dr. Custodio Duarte, J. A. Ril
e Fileno de Lima. Tambem estou reconhecido ao sr. F. Kertscher
seu auxilio na investigação chimica das rochas e dos mineraes.

Finalmente devo tambem agradecer á casa editora a boa e:
ção da presente obra.

Graz, Paschoa de 1882.

O Auctor.

I

PARTE GEOLOGICA E TOPOGRAPHICA

O archipelago de Cabo Verde comprehende 8 ilhas grandes
Thiago, S.to Antão, Boa Vista, Fogo, Mayo, S. Vicente, S. Nic
Sal e mais 4 ilhas pequenas.

Pela sua situação geographica todas estas ilhas se dividem em
grupos, o grupo septentrional, S.to Antão, S. Vicente, Sal e Boa V
e o grupo meridional que se compõe das outras quatro. Foi sóm
em quatro das ilhas que o auctor fez um estudo completo; e por is
d'essas quatro que vamos tratar aqui. Como n'esses vulcões que e
relativamente bem conservados, a topographia é de importancia,
receria racional combinar os dados geognosticos com a represent
das condições topographicas, que naturalmente só podem ser com
hendidas pela exposição cartographica; infelizmente havia n'isso 1
tas difficuldades, de entre as quaes a principal era a falta, até l
de cartas topographicas completas.

E' verdade que ha cartas maritimas inglezas em grande es
nas quaes a orographia das terras foi tomada em consideração,
n'estas cartas apenas os contornos da costa são exactos, emqu
que todo o resto é obra de phantasia. Especialmente os mappa:
glezes da Ilha de S. Thiago e de S.to Antão estão de tal modo l
da verdade, que não podiam servir de base para novos mappas, s
preferivel pôl-os completamente de parte.

Infelizmente, fiando-me na excellencia dos mappas que tinha, não trouxe comigo os instrumentos necessarios para os fazer; e portanto, quando no logar proprio reconheci a sua inteira inexactidão, fui obrigado a contentar-me em fazer, pelo menos, um mappa á vista com instrumentos imperfeitos.

Quanto á ilha de S. Thiago, a copia, em verdade um tanto incompleta, d'uma carta manuscripta do defunto geologo Barth, que recebi por intermedio do sr. Delgado, de Lisboa, serviu-me um pouco, apezar de ter sido levantada n'uma viagem rapida, sem os instrumentos proprios, e apezar de estar cheia de erros, a ponto de precisar de ser inteiramente refundida.

Nas outras ilhas só podia contar com as minhas proprias observações. N'estas condições, é claro que as cartas aqui publicadas podem unicamente ter o fim de dar uma ideia da orographia para facilitar a comprehensão geologica. E' por isso que estes mappas não são em grande escala, o que tambem seria mais difficil de executar. Devo portanto contentar-me dando cartas approximadas das quatro ilhas. Da parte occidental da ilha de S.to Antão, que é muito interessante e complicada, dou um mappa ainda incompleto e precisando de muitas emendas, o qual mostra a distribuição das diversas crateras e dos diversos cones. Apezar d'este mappa dever ser considerado unicamente como um esboço, a publicação d'elle parecia necessaria para a intelligencia da topographia d'esta serra vulcanica.

Vou tratar agora mais especialmente das diversas ilhas.

ILHA DE S.to ANTÃO

E' esta a ilha mais occidental do archipelago de Cabo Verde. Tem a fórma d'um trapezio, e a sua superficie é de cerca de 16 leguas quadradas geographicas allemãs. O comprimento maximo é de 7 leguas. A ilha está em 16.° de latitude septentrional e em 27° 20′ a 27° 44′ de longitude occidental de Paris.

A costa do sudoeste, que tem o maximo de comprimento, quasi que não apresenta bahias. As costas são ou inteiramente planas ou apenas 20-30 metros acima do nivel do mar; é somente na ponta oriental que a costa é pedregosa e altos recifes formam uma praia inacessivel. A costa do nordeste, que tambem tem muito poucas bahias, é extraordinariamente escarpada e tem de 250 a 350 metros de altura; encontram-se rochas escarpadas á beira-mar até á ponta norte e que são sómente interrompidas onde os dois largos valles (do Paúl e da Ribeira Grande) desembocam. A Ponta do Sol ou Ponta do Norte é uma pequena lingua de terra que se extende na direcção do norte e que tem pouca altitude (2-4 metros); serve de protecção contra a acção das vagas a uma pequena bahia que é a unica da região aonde se pode desembarcar.

Do outro lado d'esta bahia eleva-se mais a costa, sendo mais ou menos rochosa até á ponta occidental; a costa nunca é plana, sendo em alguns pontos, como, por exemplo, na embocadura da Ribeira Alta até á Ribeira Marziana pouco elevada, emquanto que da Ponta do Sol até Garça é muito escarpada.

A costa occidental parece ter muito mais bahias; a grande bahia do Tarrafal mostra na sahida do valle costas planas e baixas, mas que ao norte ficam a altitude consideravel, emquanto que a ponta sudoeste da ilha parece bastante plana.

A ilha de S.to Antão é formada pelo espinhaço da montanha gue se estendede léste para oeste, espinhaço que se junta no occidente a uma alta montanha em fórma de cone, da qual é separada por uma depressão. Esta ultima montanha denomina-se o Topo e é a maxima elevação da ilha. O espigão que junta as montanhas póde dividir-se em duas partes: na parte media a montanha de Maroço e na parte occidental o monte de Pico com a cratera da Cova. Ainda que ambas estejam em communicação topographica, a parte media no occidente da Cova tem uma outra cratera que justifica a separação de ambas, que é necessaria pelas razões geologicas.

Ao sul do citado espigão, no sopé da montanha, ha uma pequena planicie interrompida por pequenas collinas. Vamos considerar primeiro a parte occidental da ilha, depois a parte media e a planicie na vertente sul do espigão e finalmente a região a montante do Topo.

Pico da Cruz — Cova

Do espigão, que liga suavemente a cratera da Cova ao Pico da Cruz, a montanha vae em declive lento para o Norte e é bastante escarpada para o Sul. Tres grandes valles muito fundos cortam o primeiro, emquanto que a parte mais ao sul é unicamente atravessada por pequenos e insignificantes barrancos e fossos.

Esta differença das duas partes da montanha é muito extraordi naria.

O Pico da Cruz fórma a maxima elevação d'este dorso oriental. As vertentes para o sul e a léste são abruptas e escarpadas; a vertente para o norte é unicamente escarpada na parte superior, em quanto que mais abaixo começa um declive mais suave.

Para o sul existem á superficie unicamente camadas d'um tufo de côr castanha que muitas vezes se transformam em agglomerados ou delgadas camadas de lapilli.

E' entre estas camadas que se encontram lavas escuras d'algumas centenas de pés de espessura, em geral basaltos com nephelina ou limburgite que estão alternados com as camadas de tufo e de lapilli.

A mesma coisa acontece na costa septentrional e oriental; só na parte superior é que se reconhecem muito bem as possantes camadas de tufo e de lapilli, (o aspecto da quebradura da pedra pomes é de côr vermelha castanha ou branca acastanhada). Aqui ha tambem pequenos cones e crateras da mesma materia que estão em máu estado de conservação. No Pico da Cruz não ha nenhuma cratera em estado de conservação.

Este pico é formado d'uma rocha tephritica á qual está encostado na ponta do sudeste um conglomerado branco de pedra pomes; provavelmente houve ahi uma pequena cratera, o que é indicado pelas massas de tufo e camadas de lapilli, de basaltos, escorias de lava

e pelas paredes de rochas escarpadas e laceradas, que atravessam verticalmente as massas projectadas.

Conforme o que se póde julgar pela constituição de toda a ilha, parece que não podia ter havido aqui uma grande cratera, porque mesmo o logar faltaria para ella.

Parece que a grande massa do veio nasceu de dentro d'esta cratera e é esta massa que vae na direcção do occidente para a Cova e que é formada d'uma rocha tephritica. Conforme todas as probabilidades esta rocha é mais nova que as lavas. Em algumas partes encontra-se tambem lava escoriacea preta e pedra pomes.

As ejecções do Pico da Cruz compõem-se na sua maior parte d'uma rocha que póde ser classificada entre os basaltos de magma, de estructura granulosa com muita hauyne; junto com esta ultima rocha encontram-se muitos conglomerados compostos de pyroxene e d'olivine ou de pyroxene puro ou de pyroxene com hematite.

Do Pico da Cruz até a cratera da Cova abaixa-se o espigão. E' sómente em 1C0 metros de cada lado que é escarpado; mas, cerca de 100 metros abaixo d'este espigão e no lado do norte, o terreno fica mais plano que no lado do sul. O terreno comprehende essa tephrite e phonolithe que apparentemente nasceram da cratera da Cova. Esta cratera está muito bem conservada com paredes muito escarpadas. E' regularmente circular e o diametro d'ella varia entre 700 e 900 metros. O fundo da cratera é perfeitamente plano e mostra frequentemente escorias basalticas; é coberto de verdura e tem mesmo hoje uma colonia humana. Para a Ribeira do Paul o contorno mostra uma depressão e aqui o contorno da cratera sómente tem uma altura de 50 metros. Ha tambem um canal subterraneo pelo qual as aguas da cratera correm para a Ribeira do Paul. Ao lado do Pico da Cruz existe a maxima altitude do contorno da cratera.

As paredes da cratera são muito escarpadas e é sómente no lado do sudoeste que ha um estreito caminho que vae em innumeras voltas.

A estructura da cratera é na parte inferior muito visivel. Para o norte e o occidente ha poderosas massas de ganga de phonolithe e de tephrite, separadas por estreitas listas de camadas escoriaceas e lapilli; as phonolithes, que se apresentam em fórma de stratificação, formam camadas mais abaixo no valle de Paul. São rochas diversas sob o ponto de vista petrographico. Uma d'estas rochas, que é uma phonolithe impregnada, encontra-se na Ribeira da Torre em differentes pontos; uma outra rocha mais densa encontra-se mais no occidente. De mais a propagação d'estas phonolithes na parte noroeste da ilha é muito consideravel.

Na vertente do sudoeste ha especialmente pedra pomes e camadas de lapilli, como tambem um tufo rico em olivina, de côr amarella castanha.

As camadas parecem muitas vezes perturbadas pelas massas de lavas que estão proximas. Sobre estas camadas encontram-se lavas estratificadas para o noroeste e phonolithes para o oeste. E' preciso notar que, ao sul, a phonolithe é particularmente branqueada, prova-

velmente pela exhalação de vapores acidos. O fundo da cratera consiste em escorias basalticas pretas. Não se observaram massas projectadas. Tambem ha ausencia completa de pequenos filões e esta cratera é caracterisada pelas poderosas massas de correntes de massas fluidas em incandescencia.

Para o occidente o cone é separado da outra montanha por meio de uma pequena depressão que tem o nome de Agua das Caldeiras. E' preciso notar que de nenhuma parte se póde observar a fórma da cratera, porque sómente na proximidade immediata é que se percebe a abertura; na verdade a crista mais alta não deixa adivinhar nenhumas crateras.

Consideremos agora a terra do sul da crista Cova-Pico. E' dividida em tres partes pelos dois valles mencionados.

Na altura do declive da Agua das Caldeiras para a Ribeira Grande encontramos a continuação da parte media da crista, de que fallaremos adiante, e que consiste d'um numero infinito de pequenos cones de tufo e de crateras; estes podem seguir-se tambem na descida de Agua da Caldeiras para a Ribeira Grande. A 1:000 pés abaixo d'esta crista muda o aspecto. Toda a parte do noroeste da ilha consiste d'uma poderosa formação de lavas, separadas por camadas de tufo e lapilli.

Os valles parecem unicamente valles de erosão. O mais importante é o da Ribeira Grande, ao principio escarpado desde a Agua das Caldeiras; depois, pouco a pouco, o estreito valle torna-se mais largo, as paredes são mais fundas, vêem-se muitos fossos lateraes escarpados e lacerados, como a Ribeira de João Affonso e a Barra de Ferro, que terminam n'aquelle.

A Ribeira da Torre é similar; principia o seu curso no occidente da Cova, mas em parte alguma tem largura consideravel e é sómente um kilometro antes de desembocar que se abre e que forma uma pequena planicie, emquanto que ha em toda a parte um forte declive.

E' exactamente a mesma caracteristica que tem a Ribeira do Paul, um valle estreito, fundo, mas muito mais pequeno que começa a léste da Cova e que segue a direcção de nordeste. Estes ultimos valles tem sómente pequenas covas lateraes que são tambem fundas. A Ribeira da Torre e a Ribeira Grande reunem-se n'esta sahida e no pequeno logar plano, que assim se tem formado, está a pequena cidade, a unica da ilha, que portanto é tambem chamada de modo conciso a Povoação.

Examinando-se esta região, em nenhum logar se encontra o signal da abertura de cratera independente, mas as lavas de cima, entrando sob um angulo muito pequeno e separadas por camadas de lapilli, estão expostas por toda a parte regularmente. Os mesmos basaltos com nepheline, nephelinites, basaltos com feldspatho, a magma e as phonolithes podem reconhecer-se desde da Ribeira da Torre até á Ribeira do Paul e indicam um grande ponto de erupção commum que justamente tem de procurar-se na Cova ou em uma segunda cratera visinha. As costas escarpadas por algumas centenas de pés

deixam claramente ver a estructura regular do massiço; a extensão das phonolithes, das nephilinites e das correntes de basalto varia entre 10 e 25 metros; as inclusões, dentro das camadas de tufo e de escorias, que, em geral, não são tão espessas, são vulgarmente de pedra pomes ou de fragmentos de lava da mesma composição que as rochas; em muitos pontos, por exemplo a 3 kilometros ao norte de Paul, encontram-se numerosas massas projectadas de mineraes conglomerados de augite e de biotite.

Nas partes mais fundas d'este massiço de lava emergem pequenos veios, que são relativamente raros no valle, entre a Ribeira da Torre e a Ribeira do Paul, emquanto que na Ribeira Grande, na Ponta do Sol e a oeste d'estas, apparecem ás vezes em massa; é especialmente para o valle da Garça que são extraordinariamente frequentes; aqui a direcção é em geral de WSW. para ONO., emquanto que na Ribeira do Paul ha alguns que são quasi verticaes a esta direcção. Todos estes veios téem sómente pequena espessura, de 1 a 3 metros; muitas vezes são verticaes ou quebram sob angulos de 60° a 70°; na Ribeira da Torre a entrada é dirigida para norte.

A substancia d'estes veios é geralmente bem differente da das lavas que a impregnam; são as phonolithes que são mais frequentes na Ribeira do Paul e na Ribeira da Torre, emquanto que para o valle da Garça apparece a limburgite e o basalto com feldspatho; as massas dos veios d'esta região parecem ser a continuação dos que são tão frequentes na parte media.

Se a vertente do sul se distingue topographicamente da vertente do norte, isto tambem succede sob o ponto de vista geologico e petrographico; em nenhuma parte encontramos no declive septentrional independentes pontos de erupção, mas são muito frequentes no sul; quando se desce do Pico ou da Agua das Caldeiras encontra-se nos declives um grande numero de pequenos cones que nem sempre estão bem conservados, mas que, apezar d'isso, mostram claramente a sua independencia; estes cones tem formado grandes rios de lava e basaltos escuros em nepheline, rica em olivine, e em plagioclase que jazem sobre os mais antigos basaltos. Aqui já não apparece a phonolithe, podendo bem ser que as camadas fundas não estejam bastante desnudadas pelos barrancos; mas tambem é provavel que ao menos as mais recentes fusões da phonolithe, que são visiveis nos declives do norte e do este, não existam no declive do sul, porque mesmo nos barrancos mais fundos não se vêem. A unica corrente de phonolithe n'este lado derivou-se da cratera da Cova para a depressão da Agua das Caldeiras; as outras derivaram-se todas para a Ribeira do Paul, o que concorda com as camadas na cratera da Cova. No sueste nenhuma phonolithe se encontra.

De mais, facilmente se explica a diversidade da montanha: a estructura, a principio symetrica, foi perturbada pela producção de numerosos pequenos abysmos na vertente meridional, abysmos que só podiam derivar o material para o sul, emquanto que a maior cratera da Cova derivava as suas lavas phonolithicas mais recentes em direcção septentrional e occidental e emquanto que correntes oc-

casionaes no declive meridional foram cobertas pelas muitas lavas basalticas; estes numerosos abysmos téem certamente contribuido para a destruição das massas mais antigas e portanto produziram o declive mais escarpado.

A parte media da ilha

Quuando se vae da Cova para a depressão das Aguas das Caldeiras e depois d'ahi para cima na direcção do occidente, vê se como a crista se alarga; encontram-se na crista e no declive septentrional numerosas pequenas crateras geralmente de tufo castanho ou de pedra pomes, emquanto do outro lado emergem numerosos cones que forneceram correntes de lava. Descendo para o norte, para a Ribeira Grande ou para a Ribeira da Garça, desapparecem a alguns 100 metros debaixo da crista; pequenas collinas de tufo e a montanha são atravessadas por fundos desfiladeiros; n'uma palavra temos aqui a construcção que vimos na Ribeira Grande ou na Ribeira do Paul. Esta estructura parece claramente aberta no muito romantico e escarpado valle da Garça que tem paredes rochosas de cerca de 1:000 metros de altitude, como tambem no valle de Alta Mira.

No valle da Garça encontra-se tambem phonolithe em veio, mas esta phonolithe é já mais rara para o occidente e já não existe de nenhuma fórma debaixo das correntes no proximo valle parallelo. As lavas do vulcão da Cova evidentemente não se teem estendido mais longe que o valle da Garça e aqui começa um segundo barranco ao qual a parte media da ilha deve a sua actividade. Mais longe dominam os basaltos, principalmente a limburgite e a nephelinite.

Ao occidente da Cova para os Maroços, que é o nome da parte media da ilha, começa uma formação particular. A crista larga, como tambem os declives (menos o declive septentrional que o declive meridional) são cobertos d'um grande numero de cones e crateras de pedra pomes branca e castanha e tambem de tufo fino.

Já nas partes mais altas do valle da Garça e da Ribeira Grande se vêem os vestigios de numerosos cones de tufo e de pedra pomes que são muito difficeis de reconhecer, porque especialmente para o norte a acção da erosão é muito visivel. E' mais facil de ver esta massa na crista entre as Aguas Caldeiras e o Maroços.

Todo o declive meridional é coberto de crateras ainda bem conservadas de tamanho variavel; não é facil estabelecer o numero d'estas crateras. Quando se vae da crista de Aguas Caldeiras para o occidente, encontra-se geralmente durante algumas horas só um cone de pedra pomes vermelha e de tufo terroso de côr castanha; um cone mais alto do Monte Polho, que fornecem uma corrente de lava na direcção do sul, isola este cone do cone mais occidental. Junta-se ao Monte Polho o Morro da Espadana que é egualmente um consideravel cone de tufo e de pedra pomes, mas sem ter conservado a cratera que forneceu diversas correntes de leva.

D'aqui vae na distancia de alguns kilometros uma planicie larga coberta de verdura e de arbustos de compositas, a Lagoa Achada, que faz uma notavel impressão.

Lagôa Achada

Para o norte são só cones isolados por uma serie de montanhas altas que descem escarpadas para a Achada e que mostram claramente a estructura do tufo e de camadas de lapilli como estreitas correntes de lava.

A largura da planicie um pouco elliptica é de mais de um kilometro, emquanto que o comprimento vae de 3 até 3 kilometros. Para o sul o declive mergulha bastante no mar; a uns 100 metros mais abaixo encontra-se um segundo terraço mais pequeno de constituição similar, emquanto que na mesma altura que a Lagoa Achada (que é unicamente separada por alguns cones mais altos) começa egualmente uma segunda planicie, a Lagoinha, que se junta ás maiores montanhas do Morro da Espadana que já foram mencionadas.

Os declives para o sul, separados da planicie por cones mais altos, mostram diversos pequenos cones independentes. A planicie da lagoa é coberta por um sem-numero de pequenos cones que consistem em escorias e lava; unicamente os maiores cones são de pedra pomes. Na Lagoa Achada ha 30-50 d'estes cones e a altura d'elles é de 3-12 metros, emquanto que o diametro é entre 5 e 20 metros. Os cones da Lagoinha Achada são um pouco mais altos e menos numerosos, como tambem estão a maior distancia uns dos outros.

Mas como se póde explicar a formação d'este maravilhoso grupo de pequenos cones que está indicado na gravura da vista do sudoeste? Podia talvez pensar-se em uma formação analoga ao hornitos, quer dizer as elevações produzidas por vapores num campo central de lavas. Mas quando se consideram mais de perto os pequenos cones, não se vê nenhuma semelhança com aquelles que se formam numa corrente de lava, ao contrario dão a impressão de cones independentes formados n'um velho solo craterico, o que tambem é confirmado pela transição aos semelhantemente construidos cones maiores que estão situados no declive para o sul.

Provavelmente o solo da Lagoa Achada era uma cratera elliptica cujo contorno sul foi mais tarde feito saltar pelas erupções posteriores que tem trazido para a superficie os numerosos pequenos cones no declive da montanha. Tambem se nota isto quando se observa a Lagoa Achada do Maroços que fica mais alta, e tambem quando se observam os cimos circumvisinhos.

Todo o declive vulcanico das aguas das caldeiras até ao Maroços que fica mais no occidente, é caracterisado pela numerosa presença de pequenos cones que raramente tem mais de 100 metros de altura. Fóra da Lagoa Achada que representa provavelmente uma grande cratera, não ha vestigios de grandes crateras. Atraz da Lagoa Achada, na direcção norte, encontram-se os vestigios de mais outros cones com uma altitude de 30 a 80 metros e tambem em parte com pequenas correntes de lava.

A Lagoa Achada está entre os valles da Garça e da Ribeira Grande; o declive para o primeiro valle mostra muitas pequenas crateras e no oeste eleva-se abruptamente sobre o valle e no meio d'uma pequena planicie uma cratera maior, o Monte Vermelho, que tem approximadamente 100 metros de altura. Subindo o valle da Graça até ao Ma-

roços, encontram-se no cimo massas de tufo muito espalhadas e muito espessas; dentro d'estas massas ha numerosos crystaes soltos, especialmente de augite, amphibole e olivine em crystaes isolados, grãos e tambem muitos conglomerados. Ás vezes as camadas comprehendem unicamente estes crystaes isolados e os fragmentos d'elles.

Estes productos de erupção são mais novos que as lavas já mencionadas; ás vezes nota-se que as camadas d'elles são discordantes com as ultimas. As erupções parecem ter-se mantido até aos tempos mais recentes e ainda terem-se formado quando os valles já existiam.

Quando se chega ao cimo, vê-se a larga crista bastante plana sobre a qual jazem as lavas e escorias; quando se vae para o occidente até ao ponto mais alto, o Maroços, chega-se logo a uma depressão elliptica em fórma de cratera que aqui tem ainda alguns decametros de profundidade, e cujas dimensões são comprehendidas entre 100 e 200 metros.

Para o sul a crista abaixa-se primeiro lentamente, em fórma de terraço; é ao principio uma montanha ondulada que se estende até á Ribeira Fria, para depois se abaixar de repente muito fundo para a planicie.

A montanha é cortada por diversos valles correndo todos na direcção de SO. O primeiro pequeno valle é o da Ribeira Pinta; vem depois o valle da Ribeira Fria que é mais largo, e o valle da Ribeira das Bodas. Nas partes mais fundas d'estes valles vemos uma estructura analoga á do valle do norte, espessas massas de lava quebrando para sueste, separadas por pequenas camadas de tufo. É sómente na Ribeira das Bodas que ha veios.

No declive entre a Ribeira das Bodas e a Ribeira Pinta encontram-se outra vez pequenos cones que em parte consistem em pedra pomes; encontram-se tambem crateras de tufo, que forneceram espessas correntes de lava, como se observou em todo o declive do do sul. As partes superiores em fórma de terraço da Garça apresentam espessas camadas de pedra pomes, que vão até á Lagoa Achada; a pedra pomes é no vertente do sul muito mais frequente que no vertente do norte, aonde apparece mais esporadicamente.

Da cratera elliptica precedentemente nomeada vae-se pouco a pouco ao mais alto cimo que consiste de lava escoriosa escura e que tem o nome de Maroços; é uma montanha em cone que não mostra nenhuma cratera; tambem não é observada nenhuma grande cratera na visinhança, mas diversos cones independentes que consistem de tufo e de lavas sem attingir a altura do Maroços. O declive do Maroços para o norte é plano. No sul desce escarpado para a Ribeira das Bodas.

No occidente do cimo do Maroços abaixa-se a rocha escarpadamente para o fundo valle da Ribeira d'Alta Mira. Aqui a crista larga que ás vezes tem mais de um kilometro torna-se de repente mais estreita e por isso (e porque além é cortada por numerosos desfiladeiros e fissuras) é impossivel seguil-a. Além d'isso a crista abaixa-se fartamente para o occidente e fórma uma depressão consideravel entre a parte media da ilha e a parte occidental que é a montanha do

Topo. Os desfiladeiros nos dois lados da estreita cova abrem-se mais largamente em estreitos valles que são muito fundos e circumdados de paredes escarpadas. No lado norte os valles são muito similares de formação e mostram uma repetição do valle de erosão da Garça, mas são ainda mais estreitos que este; as cristas que os separam são muito estreitas, ás vezes téem sómente alguns metros de largura. Só com grande difficuldade é possivel cruzar estes valles por atalhos e subir as paredes padregosas e escarpadas; quando se chega á altitude da crista, recomeça immediatamente a descida em outra parede pedregosa e não menos escarpada e alta. Uma das passagens mais difficeis é o Salto Prieto, o precipicio negro que vae dos Maroços para o valle da Alta Mira. Aqui a estructura é manifesta; abaixo das lavas que evidentemente vem das crateras dos Maroços, apparecem as antigas massas eruptivas com a disposição do valle da Garça, lavas separadas por lapilli, por pedra pomes e por camadas de tufo; tambem se encontram aqui de novo as massas projectadas d'augite e de olivine que tinhamos visto na subida do valle da Garça para a crista.

Observamos a mesma estructura, as mesmas massas de lava, differentemente espessas, 3, 20 metros, com camadas interpostas de substancia solta, nos valles de Jorge Luiz, Ribeira da Cruz e Marciana.

Nas partes superiores do valle a inclinação é exactamente para o norte e não se observa um desvio nem para oeste nem para léste; toda a região é caracterisada nos dois declives pela apparição em massa de numerosos veios menores e maiores, que quasi sempre são verticaes e que apresentam em geral a direcção WSW. para ONO. Esta é a estructura mais frequente, ha ainda veios em todas as direcções possiveis; no valle da Alta Mira muitos téem uma direcção quasi vertical; no valle da Ribeira das Patas, onde centenas de veios parallelos envergem como muralhas de massa de entulho e de tufo, a direcção principal é a que já foi indicada acima, mas tambem as ha nas paredes pedregosas verticaes em todas as outras direcções; junto dos veios verticaes ha outros com inclinações de 45° para o sudoeste; não é raro encontrarem-se grande quantidade de veios particularmente torcidos.

Quando em geral os veios dirigidos para WSW. e ONO. se apresentam tão frequentemente aos olhos do observador, esta direcção é vertical á direcção do valle, mostrando-se portanto mais facilmente aos olhos d'um viajante de passagem do que aos que seguem a direcção do valle, que todavia parece-me serem os mais frequentes.

E' só a parte media da ilha, entre a Ribeira das Patas e o valle da Garça, que parece ser caracterisada pela apparição de veios em massa; mas o lado sul é mais pobre que o lado norte, porque já rareiam na Ribeira Fria e faltam inteiramente mais ao oriente; a occidente da Ribeira das Patas são tambem raras e n'esta Ribeira só se encontram na parte superior em fórma de circulo, em quanto que faltam na parte inferior. A região principal d'estes veios é portanto no declive sptentrional entre a Ribeira Mariana e o valle da Garça, porque, como vimos, elles apparecem na parte occidental da ilha

sómente mais esporadicamente, em quanto que nos valles da Alta Mira pódem vêr-se de 10 em 10 metros.

Tão inconstante como a estructura d'estes veios é a inclinação; entretanto observámos que ella é mais frequente de 70-80° para o sul e para léste, quando os veios não são verticaes, como succede muitas vezes. Para os veios que vão de sul para norte a inclinação é frequentemente para o occidente. Nenhuma disposição radial foi observada; os veios em geral cruzam-se e ajuntam-se. Por isso não se póde tirar qualquer conclusão ácêrca d'um centro eruptivo. A maior parte dos veios são muito estreitos e são de fórma bem clara, unicamente enchimento de fissuras existentes; é sómente para os maiores, que mostram o parallelismo indicado, que se póde admittir que a erupção tenha uma determinada direcção com formação de fissuras.

A natureza dos veios apresenta diversidades; por outro lado tambem não ha concordancia com as camadas de lavas interrompidas.

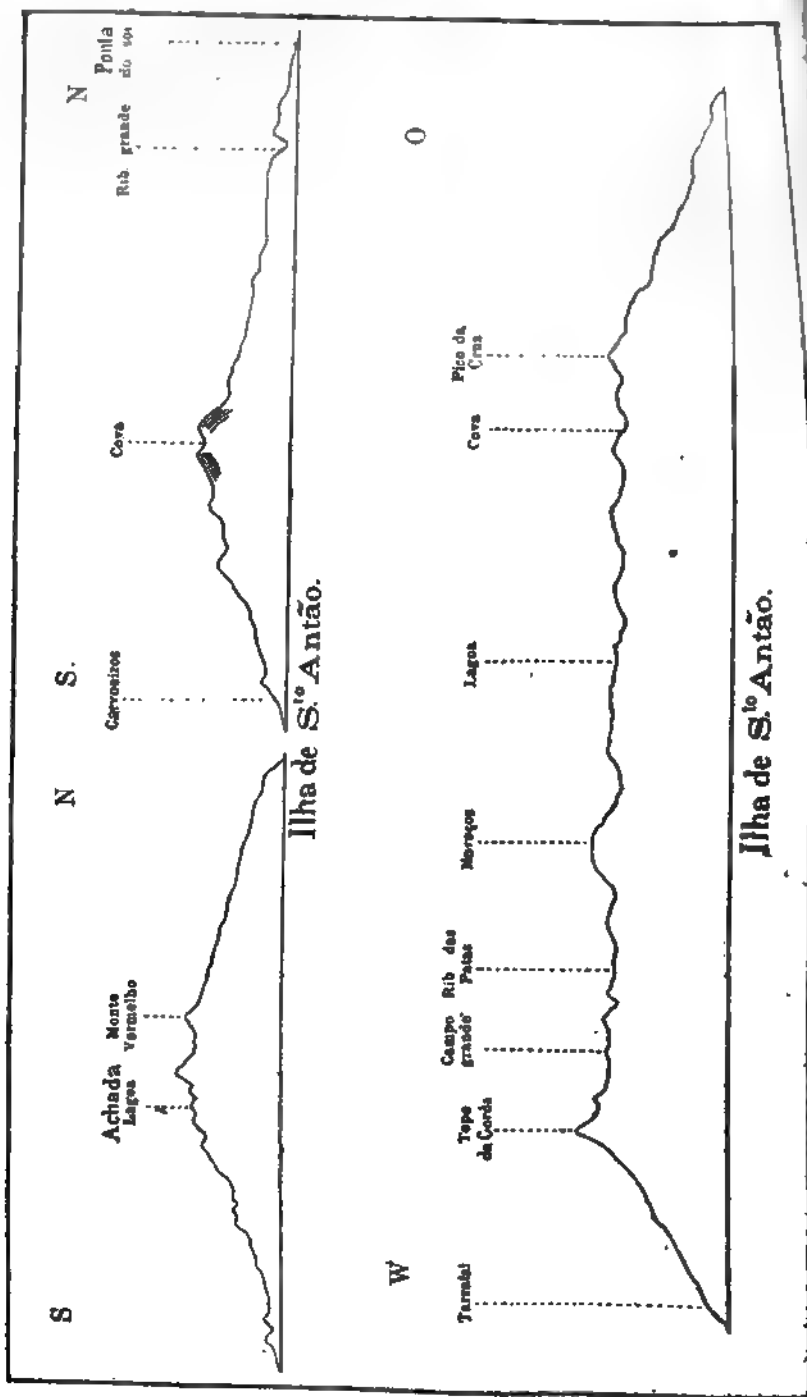
Mesmo estas camadas de lavas não são inteiramente identicas entre si. Infelizmente as rochas que reuni, não são bastante completas, para poder dar com particularidade uma ideia perfeita da constituição petrographica das correntes e dos veios; indicarei comtudo os resultados a que cheguei. Relativamente á constituição pedregosa das correntes de lava predominam n'esta parte da ilha, no norte como no sul, a limburgite e a nephilinite, ao passo que o basalto com plagioclase é muito raro; assim em quanto que a parte occidental da ilha é caracterisada pelas rochas phonoliticas, tephriticas e basaltos com feldspatho, as primeiras faltam totalmente na parte media da ilha e são supplantadas por basaltos, a cuja magma se associam tambem basaltos com nepheline. Estas rochas são caracterisadas por uma grande riqueza em augite que tambem domina na substancia solta.

Quanto á substancia dos veios, ha tambem rochas phonolithicas e tephriticas apezar de não serem tão frequentes, como a limburgite e nephelinite que predominam.

Os perfis que adiante se publicam (fig. 2), servem para explicação da parte media e occidental da ilha, e especialmente para esclarecer até certo ponto a configuração topographica.

Para terminar as considerações sobre a parte media da ilha seria necessario fazer mais algumas observações sobre a estructura da planicie que se estende na costa do sul; como já disse, ella tem uma altitude muito insignificante e levanta-se lentamente até á montanha, a sua largura sendo muito variavel. Nos Carvoeiros, na Ribeira Fria e na Ribeira das Bodas é muito consideravel, de 1, 2 kilometros, emquanto que ao oriente dos Carvoeiros sómente tem algumas centenas de metros, tornando-se ainda menor do outro lado da Ribeira das Patas.

Quanto á estructura d'esta planicie, temos, na base, lavas antigas que vinham da crista da montanha e que foram cobertas por tufos, pedra pomes e correntes de lava; estas correntes derivam de pequenas crateras ainda em bom estado de conservação que se encontram em grande numero na planicie e no declive meridional. A

S
N
Achada
Lagoa
Monte
Vermelho
S.
N
Carvoeiros
Cova
Rib. grande
Ponta
Ilha de S.to Antão.
W
O
Tarrafal
Tope
da Corda
Campo
grande
Rib das
Patas
Moroços
Lagoa
Cova
Pico da
Cruz
Ilha de S.to Antão.

altitude das pequenas crateras de pedra pomes da planicie que tem tambem fornecido lavas, é variavel; são poucas as crateras que téem mais de 60 metros.

Algumas d'estas estão ainda fechadas, mostrando só uma pequena abertura, outras formam perfeitas montanhas conicas, outras são interrompidas d'um lado por correntes de lava. De resto muitas d'estas crateras dão a impressão de terem sido produzidas nos tempos mais recentes.

O numero das pequenas crateras é tão grande que não era possivel indica-las todas no mappa em virtude da sua escala, só algumas d'ellas estão marcadas; é preciso notar tambem que no mappa ellas parecem relativamente maiores que o que são na realidade; o liametro na base é apenas de mais de 160 metros. Muito proximo los Carvoeiros encontram-se seis d'estes cones para o lado do declive tres para a costa oriental, e ainda quatro na parte mais estreita da lanicie a léste; a maior parte d'elles produziram lavas; as camadas e pedra pomes estão a alguma distancia dos cones espalhados e a spessura d'ellas é muito grande, de 4 a 7 metros. É notavel uma peuena cratera circumdada d'uma segunda elevação que fórma um valle que apresenta um vulcão em miniatura. Fóra dos já mencionados ıcontram-se mais seis cones que forneceram maiores correntes de va (limburgite com muita olivine) no declive para Aguas das aldeiras. Ao occidente dos Carvoeiros não se encontram na planicie ınes, e é sómente a grande distancia, para a Ribeira Pinta, que appaırecem mais três no declive.

Entre a Ribeira das Bodas e a Ribeira Pinta existem na altura versos cones assim como tambem se apresentam em grande numero declive da Lagoa Achada, conforme já mencionei.

Tambem na saida da Ribeira das Bodas se encontram quatro peıenos cones de pedra pomes e uma série de outros; entre os quaes um, uito alto, na proximidade da Ponta do Sul, assim como encontramna direcção da Ribeira das Patas e mais longe para Sudoeste.

O numero dos cones dispersos que se encontram no sopé do deive meridional é de cerca de 20; sem contar os numerosos cones dependentes nas camadas mais altas, que, seria impossivel nuerar de modo certo, porque não se podem vêr todos ao mesmo mpo d'um mesmo ponto e porque assim haveria facilmente engas; entretanto penso poder affirmar que, alem dos pequenos cos e das escorias da Lagoa Achada, ha bem 40-50 d'estes pequenos nes independentes. Quanto á formação d'esta parte media da a, nunca observamos cratera maior, o que nos leva a suppor que n dado occasião para o amontoar d'estas massas de lavas. Emanto podemos reconhecer na parte occidental da ilha a cratera da va como aquella que tem fornecido a maior parte de substancia ra a formação, não podemos dizer com certeza, se a parte media Ilha, entre a Ribeira das Patas e Aguas das Caldeiras, foi produa por uma ou por multiplas crateras; segundo todas as probabililes a cratera principal não é que foi; e mesmo que se supponha ella era a antiga cratera da Lagoa Achada, chega-se á convicção

de que depois da formação das espessas massas de lava, que se mostram por toda a parte n'esta região, a direcção da força vulcanica foi mudada, apoz ter feito emergir os numerosos veios que são tão frequentes na Ribeira das Patas, na Alta Mira e no valle da Garça; em logar de um ou alguns abysmos maiores formaram-se um sem numero de pequenas e insignificantes crateras que deram á crista e ao declive do sul a sua extraordinaria configuração actual e que provavelmente modificaram consideravelmente a fórma primitiva da montanha por numerosas massas de pedra pomes que ella tem formado e tambem pela passagem das camadas juntamente com a erupção.

A erosão que modificou tão completamente as partes mais antigas da montanha, não teve tempo de destruir estes productos mais recentes; isto mostra (especialmente se se tomar em consideração o clim tropical) que o periodo de repouso para os vulcões de S.[to] Antão recente.

(Continúa).

Dr. C. Dœlter

Traduzido do allemão por Eugène Ackermann

MITRAS LUSITANAS NO ORIENTE

(Continuado de pag. 530 da 26.ª serie)

1588 — *D. Fr. André de St.ª Maria*, confirm. bispo de Coc em 20 fev. 1588 (Culla *Apostolatus officium* — *Corpo dipl. po* XII, 35 e 37). Presidiu até 1610: fundou na sua diocese um vento da sua ordem (dominio.), dedicado a S. João Baptista (desta obra p.. 79): foi em 1599 governar o arcebispado de sendo -lhe acceita a resignação da mitra de Cochim nas cartas r. 2 jan. e 4m arço 1614, e pela s sé em 16 fev. 615. V. *Docum.* *Ind.* III, 106 e *Corpo dipl. portg.* XII, 195 (9).

1593 março 10. C. r. Diz el-rei que o bispo D. André se qu

(9) *Ann. marit. e colon.* 1844 n.os 5 p. 185, — Bocarro 516, 9, — *Ve plant.* 75, 6, 429, 30, 8, 45, — Soled, *Hist. seraf.* III, 527, — *Santuar. Mar.* 327, — *Ann. lit. s. J. a.* 1596 p. 847, 50, — *De reb japon., indic. et peruat* 729, 32, — *Flos sanctor. augustin.* II, 587, 8, — *Itinerar de las miss. Ind. o* e 262, — *Doc. rem. Ind.* I, 18, 61, 114, 62, 240 e II, 79, 80, — *Dicc. pop.* XI e X. 37, — *Portg. e os estrg.* II, 294 e 565, — *Arch. port. or.* III, 156, 9, 283, 384 e seg.. 441, 2, 544, 699, e 803, — *Descr. moed.* III, 200, — *Bolet.* n.os 39, 40 a 46, 88, 98, 120; 1881 n os 27, 57, 58, 60 e 61 e 1882 n.º 35 Hough II, 132, — *Hist. egr. cath. Portg.* VII P. I, 225, — *Hist. miss. cath.* 22, — *Inscr. lapid. Ind. portg.* 67, 130, 3, — *Hist. eccl. malabar.* 12, 4, 5, 21 276 a 82 a carta que este bispo D. André escreveu, para ser presente no sy de Diamper, a que não pôde assistir por se achar então em Ceylão, e a resp do synodo, a qual como a referida carta do bispo foram primeiro publ. por veia na *Jorn. do arceb.* Menezes in fine, e depois no *Bullar. patr.* append a 56.

he não ter pago o seu ordenado, nem ao seu clero, e enviava isto procuração ao reino para renunciar o seu bispado, e manda .. arço 1594. C. r. «...E assim me pede o bispo mande acudir brevidade áquella sé de Cochim, antes que venha ao chão de o velha, e por ser informado que foi uma das primeiras egrejas, se fizeram nessas partes depois do descobrimento dellas; e que e não acudirem virá de todo ao chão», encom.da ao vicer. Ind. de reformar esta egr.a e provêl-a de ornamentos pela falta que ha, e serem gastados os que lhe forem dados, quando se ordequella sé». Outra c. r. de 22 março 1612 sobre o mesmo obje-*Doc. rem. Ind.* II, 414.

ı *Ind. g. doc. t. tombo* I, 168, aponta-se uma «Minuta da carta i (de 22 dez. 1597), sobre varias deterninações pertenc.es ao o de Cochim», bem assim a c. r. de 22 set. 1600 «para o bispo ›him sobre varias materias.»

98 jan. 15 C. r. Responde as cartas do bispo D. André de 2 e 597. Faz menção da visitação que elle fez ás egr.as do arceo de Goa no tp.o que o governou... «Approvo a lembrança › fazeis para o s. padre dever de conceder que haja legado seu estado, para o que com m.ta razão apontais a D. Fr. Aleixo de ›s. arcebp.o de Goa, pelas m.tas partes que n'elle concorem...; lei apresentar ao s. p.e, e vindo a sua resposta (a remettes livros que pedis para o côro da vossa sé e... os missaes e ·ios tenho mandado se vos enviem» (10).

1600 e 604 foi tal a perseguição que moveu aos christãos o Travancor, que se dispersaram mais de 20:000, e muitas egr.as abatidas: em 1607 revocado o rei a melhores sentim.tos pelos s do p. Nicolao d'Espinola, jes., reitor do collegio de Coulão, as não só se reedificaram pelos m.tos donativos do mesmo rei, ıda multiplicaram-se e a pouco e pouco foram voltando os chrise se tinham exilado (11).

1602 se fundou a egr.a de N. S. Saude em Palliporto ou Porcá

se a. 1602 suscitando-se em Ceylão conflictos de jurisdicção s mission.os jes. e francisc., «o bp.o de Cochim (D. André) a ertencem estas almas, dividiu a ilha pelo meio, de leste a oeste ndo do rio Caymel, ficando á comp.a a banda do norte e aos :. a do sul: começaram logo os jes. a entender na fabrica das em 1603 tinham feitas 3, Caymel, Madapé o Chiláo.» Na costa

---

Bolet. 1872 n.o 81 e 1880 n.o 77, — *Doc. rem. Ind.* I, 84, 140, 1.
Conquista isl. Maluc. 188, — *Doc. rem. Ind.* I, 35, 6, 75, 146, 7 e 254, *miss. cath.* III, 182, — *Portg. discov. and miss. in Asia* 146, 7, — *Bolet.*
113 e 145. D'outra perseguição movida um seculo depois pelo gover-chim, exterminando a mór parte dos mission.es, queimando egr.as conta o *Chron. Tissuary* II. 189. De terceira perseguição por Typu n 1789 — v. pormenores em F. Day *The land of the Permauls* 51 e 242.
De reb. japon., indic. et peruan. epist 735. — *Santuar. Marian* VIII 289.

do Malabar tinham os jes. nesse a. 603, 35 egr.[as] de Coulão até o c. Comorim; n'aquelle anno fundaram mais 7 pela terra dentro (13).

1602 jan. 31. C. r. Diz «que gastando (o bp.º D. André) na visitação que fizera (ás missões de Ceylão) (v. I P. 81 e 84) o a. de 98, 4000 pardaos lhe mandára (o vicer.) uma provisão de 1200 pardaos para se lhe pagarem na alfandega de Cochim, aonde lhe não foram pagos»: encom.[da] que lhe faça pagar com effeito a despesa que se verificar que nella fez: e em attenção ao procedim.[to] deste bispo e as razões que elle allega para se lhe augmentar ordenado, lhe faz mercê de mil cruzados de acrescentam.[to] em cada an., além de dois mil cruz. que vence tb.[m] faz mercê ao tangedor dos orgãos, mestre da capella e ao chantre da sé de Cochim, que hajam outro tanto ordenado como os da sé de Goa (14).

1602 jan. 31. C. r. «De alguns annos a esta parte se queixa o bispo e assim o cabido da sé de Cochim, de se lhes não pagarem seus ordenados, e sou informado que chegaram a fechar as portas daq.[la] sé, de que me houve por m.[to] deservido»; encom.[da] «que se lhe faça pagam.[to] de seus ordenados na forma que já ordenei o an., pass., porque não convém que os ministros eccles.[os] passem detrimento na cobrança de seus pagam.[tos]» (15).

1602 fev. 7. Cr. r. Louva o zelo deste bp.º «nas cousas do serviço de Deus e meu», e quer que com particular cuidado se faça o pagam.[to] do cabido da sé de Cochim, «e se paguem os ordenados aos ministros eccles.[os] desse estado, de maneira que não possam chegar a mim mais semelhantes queixas» (16).

1603 fev. 15. C. r. «Tive contentam.[to] de me escreverdes que o bp.º de Cochim D. Fr. André de S. M. fôra a cidade de Goa, obrigado do zelo que tem a meu serviço, tendo visitado a ilha de Ceylão em que procedêra com m.[ta] satisfação, assim no officio de bom prelado como de capitão em companhia de D. Jer.º d'Azevedo, e que tereis lembrança de lhe mandar pagar a mercê que lhe fiz para seu gasto.

«Folguei saber que o bispo de Cochim visitára aqu.[le] an. toda a costa da Pescaria, S. Thomé, Manar, Negapatão e Ceylão, e que fizera nisso m.[to] serviço a Deus e a mim.., na qual visitação gastára 15 mezes»: approva o abono de despesas que o vr. lhe fez.

Na cit. *Rel. das cous. que fezer. os p. comp.* II, 81 v a 84, e no *Santuar. Mar.* VIII t. 99 pode ler-se a curiosa descripção d'uma pro-

---

(13) *Relac. an. das cous. que fezer. os p. comp.* II, 74, 5, — *Voyage á Ceylan et aux Indes*, mr. Zaleski, Roma 1888 p. 83, 4. Diz Guzman *Hist. miss.* I, 123, 4 e 117 que tinham os jesuitas em 1581 no reino de Travancor, 25 egr.[as] e muitas outras no de Coulão com um collegio para meninos, e na c. Pescaria outro collegio, fundado em 1580. Do *Bolet.* 1880 n.º 44, duas cart. r. de 22 jan. 1601, deixa-se ver que aquelles relig.[os] tinham 32 egr.[as] em Travancor no a. 1600,—e da *Hist. P. Basto* p. 69 a 74 consta que tinham os jes. em 1607 na c. da Pescaria e em Ceylão 33 egr.[as], fundadas no periodo de 65 annos, e que ahi havia 60 000 christãos, e na c. do Malabar tinham 15 egr.[as] com perto de 20.000 christãos.

(14) *Bolet.* 1880 n.º 65 e 1881 n.º 27 e 58.

(15) *Bolet.* 1881 n.º 59; 1880 n.º 120 outra c. r. de 15 março 1603. v. *Docum. Ind.* II, 146.

(16) *Bolet.* 1880 n.º 82. v. *Docum. Ind.* I, 18, 73, 5.

issão mui pomposa, e «que até agora porventura se fez na India»; oi em vespera da Expectação da V. Maria de 1602, por occasião de e receber na egr.ª do collegio de Cochim e festejar «as reliquias de uma parte da camisa de V. Maria, e uma cabeça de onze mil virgens e outras de outros santos», á qual por andar enfermo não pôde o bp.º D. André assistir, mas achando-se no collegio «de uma janella do côro a esteve vendo, e no dia seg.te disse missa pontifical, ministrando-lhe as dignid.es e conegos da sé; pregou o bispo de Angamale» D. Fr.co Roz.

A p. 401, 2 da *Vida evangel. y apost. de los frayl. men.* e a p. 41, 2 do *Vergel plant.* se referem dois casos maravilhosos, succedidos em Coulão em 1603 n'uma 6.ª f., factos que o bispo authenticou, e mandou por esta causa fazer uma solemnissima procissão e festas. D'outro facto miraculoso succedido em Meliapor (que então fazia parte da diocese de Cochim), fez este bispo inquirição juridica, e mandou os papeis ao arcebispo de Goa; os quaes diz Gouveia, na no *Jorn. do arceb.* p. 79, se conservavam no archivo da sé de Goa.

Por esses tempos o p. Balthasar da Costa, jes., que andava missionando na c. da Pescaria, começou a professar a vida austera dos jogues no Madure; a elle imitaram alg.s outros mission.os jes. com o fim de mais facilm.te converterem os infieis (17).

A proposito. — Attesta fr. Vice. S. Cater. Sena *Viagg. all'ind. or.* p. 134, 5, que (em 1673) encontrou um mission.º jes. de Maissur, «uomo veramente apostolico, penitente e rigoroso, il quale vestiva al modo di gentilico un sol pano che dalla cinta lo cuopiva sino al ginocchio, scalzo, involto in un lenzuolo di color cenericio, con che diceva di facilitarsi la conversione degli infedeli, non mangiava carne, né beveva vino, obligandosi all' assistenza dé gentili per non scandizzarli: dormiva in terra sopra d'una pelle di capra, sempre sereno, sempre allegro».

Na *Hist. de P. Basto* t. 1 cap. 15 a 18 trata-se largam.te do bp.º D. André, e especialm.te de sua visitação a Ceylão e repartição das missões pelos relig.os que ahi assistiam, e dos conflictos havidos entre este bp.º e os jesuitas acerca da admin.ão das parochias, que estavam a cargo destes na costa da Pescaria, para evitar as quaes desavenças propuzeram elles em 28 out. 1608 a desistencia e renunciação das d.as egr.as, que parochiavam no bispado de Cochim desde Calicut até Ceylão; esta rununciação não foi porém acceita pelo arcebp.º de Goa e govern.or do estado da India (D. Aleixo de Menezes seu despacho de 12 dez. 608), por entender que não era assim serviço de Deus e de s. mag. Vem transcr. na m.ma *Hist. P. Basto* p. 83 e 85 duas c. r. de 15 fev. 1614 mandando fossem restituidas aos es. as egr.as em que elles eram parochos, — pag. 86 o alv. r. de 24 fb. 1619 confirmando outro alv. de 1614 que mandou fossem restituidas as egr.as da c. Pescaria aos jes., — p. 89 a representação que este proposito dirigiram a s. mag. os patangatins da c. da Pescaria,

(17) *Synops. annal. s. J. Lusit.* 256 e 354, — *Hist. J. Brito.*

pedindo fossem seus parochos os p.[es] da comp., — p. 64 e 65 a provisão de D. fr. Aleixo de Menezes de 19 maio 1607 a favor dos jes., — e p. 66, 67 duas cartas tuitivas de 22 jun. 1607.

1605 março 5. C. r. No caso do fal. do arcebp.[o] de Goa, succederá no governo do estado, durante a ausencia do vr., o bp.[o] de Cochim D. André, que por bullas ap. succede na governança do arcebispado (18).

1605 março 15 e 23. Cs. r. escr. ao bp. de Cochim encommendando que vá á cidade de Cochim, e tire devassa dos ministros e mais pessoas que na carga da pimenta commetteram fraudes (19).

Era vigario ger. do bispado de Cochim a esse tempo o p. Rodrigo Pimentel (20).

Em 1606 nomeou o bp.[o] D. André, por vigario da vara em Tuticorim e Ceylão a fr. Manoel d'Elvas, franc.; e depois a fr. Nicoláo da Cruz, por visitador das m.[mas] missões (21).

E' do bispo D. André a seg.

65) 1606?... *Provisão.* Os christãos que quizerem morar em Tuticorim, o poderão fazer livrem.[te], e não terão os relig.[os] da comp.[a] d'ali por diante por seus parochos, senão ao p.[e] fr. Manoel d'Elvas. Tira aos d.[os] relig.[os] toda a jurisdicção que sobre aquelles christãos lhes tinha dado (22).

O vigario da vara fr. Manoel d'Elvas o seg.: —

66) 1606?... *Edital.* Determina que os christãos oriundos de Tuticorim que, em virtude das tyrannias de certo regulo pagão, se tinham passado para as ilhas dos Reis Magos, vão viver á dita povoação de Tuticorim, sob pena de incorrerem em censuras e multas (23).

Na c. r. de 12 março de 1611 recommendou-se ao vr. Ind., não deixasse usar aos p.[es] da comp.[a] dos breves que se dizia terem alcançado de Roma, em prejuizo da jurisdicção e egr.[as] de Cochim, sem primeiro serem examinados e preceder licença regia, e o m.[mo] se praticasse a respeito dos breves obtidos em prejuizo do direito do padroado regio do estado da India (24).

Com a c. r. de 7 março 1612 enviou-se ao v. Ind. o breve pontif. obtido, para o bispo de Meliapor e dous inquisidores de Goa conhecerem das inquietações havidas na c. da Pescaria, entre o bispo de Cochim e os jes (25). Outra c. r. de 14 set. de 1612 manda que Lourenço Corrêa da França venha para o reino, e se enviem os autos das culpas delle, a respeito das desordens que houve na c. da Pescaria entre o bp.[o] de Cochim e os jes. Acerca do desacato que ao

(18) *B. let.* 1881 n.º 130.
(19) ib. 1882 n.[os] 78 e 77.
(20) *Hist. P. Basto* 78, 73.
(21) ib. 63, 7
(22) Ib. 63 lê-se no Agiol. Lus III. 421 que este bispo D. André escreveu uma carta pastoral, contendo a doutrina christã, a qual mandou traduzir na lingua do Ceylão, de que recolheu grande fructo.
(23) *Hist. P. Basto* 65.
(24) *Doc. rem. Ind.* II, 92.
(25) Ib. I, 385; II, 205, 68

bispo fez o capitão de Cochim D. Francisco de Menezes — v. *Doc. rem. Ind.* II, 198.

A c. r. de 22 março de 1613 auctorisa o bp.º de Cochim, a despender as penas do juizo eccles.º no concerto da sé.

Em 24 dez. 1613 informou o vr. Ind. a s. m. que q.do esteve pelo Natal em Cochim, compoz as desavenças do bp.º de Cochim com os relig.os da comp.a e o arceb. de Cranganor, mas não resultou disso tornarem-se aos d.os relig.os as egr.as da costa da Pescaria, antes as tem o bispo providas todas em clerigos da terra: o bispo está pago de todo este anno, e o cabido de 2 quarteis (26).

1615 — *D. Fr. Sebastião de S. Pedro,* pela bulla *Gratiae divinae proemium* de Paulo V de 16 fev. 1615, foi absolvido do vinculo le Meliapor e transferido para o bispado de Cochim, o qual governou) an.s, passando depois para a metropele de Goa (I P. p. 130) (27).

As cartas r. de 7 jan. 1614 e 21 fev. 1615 mandaram se pagasse s ordenados ao bispo e ao cabido da sé de Cochim, em que «não em gr.de sentimento meu sou informado que se não celebraram os fficios div.os, e está fechada ha m.to tp.o por se lhe não pagar» (28). :epetiu-se esta ordem de pagam.to nas cartas r. de 20 março 617 e e 7 março 619, mandando que se pagasse pontualm.te aos ministros as egr.as deste bispado até ao c. Comorim: sobre a qual materia ıcontrei no arch. t. tombo as cs. r. de 28 março 1627; 15 ab. 628;) fev. 639; 20 e 31 março 631; 17 fev. e 31 março 635; 27 março 36; 25 março 638; 17 jan. 639 (com a resposta do vr. de 22 jul. l1); 5 março 643; 4 ab. 644; 15 nov. 646 e 27 março 649.

Ordenou tb.m el-rei que o vr. da Ind. tratasse de desempenhar, prata da sé de Cochim e das mais egr.as, confrarias e mosteiros ıquella cidade, que para o serviço de s. mag. se tinha empenhado ı 1606 — cs. r. de 11 dez. 1607, 23 jan. 610 e outras de 25 ırço 1617; 12 março 618; 4 março 619; 28 março 620; 16 e 25 v. 622; 15 e 19 março 623; 28 fev. e 3 março 625 e 22 e 25 fev. ;27 (29).

Em 1615 dez. 18 escrevia o vr. Ind., que visto s. mag. prohibir edificassem na India mosteiros sem licença sua, mandára impedir ı de freiras que em Cochim se tratava de fundar (30).

---

(26) *Bolet.* 1882 n.º 224 e 1883 n.º 3.

(27) *Corpo diplom. portg.* XII, 195 *Le christianisme à Ceylan* 1900 p. 419, 1, — *De virib. illust. ant. prov. Lusit. ord. S. August* cap. 31, — Far. Souza ia III. 343, — Bocarro 516 e 692, — *Doc. rem. Ind* III, 106 e N, 127 e 207, — ie *Portg. in Ind.* II, 221. Na bibl. nac. Lisb. existe um ms. *(Colleeç. pombal.* 249) contendo a Relação dos serviços que tem feito a s. mag. este bispo de chim — *Miscel hist.* p. 222. No *Bolet.* 1884 n.º 15 está publ. uma c. do vr. Ind. m data:, na qual deu parte a s. mag. que este bispo D Sebastião tomou posse quelle bispado, e era esperado em Goa. V. *Bolet.* 1883 n.os 245 e 261.

(28) *Doc. rem. Ind.* II, 477; v. ib. III, 250 e IV 207 c. r. de 21 fev. 1615. tes da sobredita c. r. de 7 jan. 1614 tinha-se encommendado ao vr. Ind. esse gamento ao cabido da sé de Cochim, em cs. r. de 25 jan. 1601 e 8 março 1609 *Bolet.* 1880 n.os 45, 46, 55, 136 e 1882 n.º 120.

(29) *Doc. rem. Ind.* I, 157 e 303: II, 212, 59, 500: III, 36 e IV, 74 e 191

(30) *Bolet.* 1883 n.os 115 e 161. N. *Doc. rem. Ind.* I, 155 e sg.

Em (dez.?) 1617 informava o vr. Ind. a s. mag.: «O bp.° que foi de Cochim (D. André) está aqui recolhido no mosteiro da Madre de Deus, e como é tão velho fica já mui quebrado e quasi entrevado; continua-se-lhe com o pagam.to da tença de que v. m. lhe fez mercê para sua sustentação» (31).

Consta da c. do vr. da India de 19 fev. 1619, que o bp.° de Cochim D. Sebastião, (de cujas virtudes faz o vr. o merecido elogio, bem como á memoria do bp.° D. André de S.ta Maria), estava a esse tp.° em Goa tratando do pagam.to dos clerigos da sua sé, e da jornada que havia de fazer á ilha de Ceylão. Por c. r. de 20 fev. 1618 mandou-se pagar os ordenados que a este prelado se deviam, do tp.° que foi bispo de Meliapor; por outras c. r. de 5 março 620 mandou-se ao vr. que se despachasse com muita brevid.e o bp.° de Cochim para a visita a Ceylão, assistindo-lhe com todo o preciso para ella; e por outras cartas r. de 24 março 1618 e 26 março 620 mandou-se assentar o ordenado deste bispo em renda certa por onde pudesse ser pago.

Pela c. r. de 7 março 1619 mandou-se pôr perpetuo silencio na causa entre o arcebp.° de Goa e o bispo de Cochim, a respeito da divisão das egr.as e seus direitos em Cochim e Angamale (I P. p. 100).

A c. r. de 26 março 1620 manda que se façam restituir as egr.as da c. da Pescaria aos p.es da comp.a, tirando dellas quaesquer pessoas postas pelo bp.° de Cochim e seu cabido: a c. r. de 7 jan. 621 mandou metter de posse aos d.os p.es da comp.a, nas referidas egr.as da c. da Pescaria, de que estavam desapossados pelo bp.° Da m.ma materia trataram as cartas r. de 10 e 11 fev. 622 e 3 fev. 623. O vr. da Ind. deu conta a s. mag. na c. r. de 20 jun. 624 das desintelligencias que lavravam entre o vig.° da vara posto pelo bp.° de Cochim, e os p.es da comp.a, as quaes não se evitariam em q.to o bispo não désse jurisdicção aos m.mos relig.os; e n'outra carta de 25 março 625 falla da restituição que se tinha feito aos p.es da comp.a das egr.as da c. da Pescaria, e duvida que se moveu de o vigario da vara haver de ser clerigo secular (32).

Por c. r. de 10 de fev, 1622 recommendou-se ao vr. a devassa que o bispo de Cochim tirou em Ceylão sobre as cousas de sua r fazenda, procedendo-se em relação do estado contra os culpados, — remetteu-se ao vr. o relatorio do m.mo bispo sobre os generaes da ilha de Ceylão e mais pessoas, a fim de o vr. evitar os abusos que se haviam introduzido, — mandou-se-lhe outro relatorio do bispo sobre a producção que tinha aquella ilha, e a relaxação em que estavam os capitães geraes nesta materia, em ordem a que sua fazenda recebesse proveito, — remetteu-se copia do que o bispo enviára a s. mag., do tombo das aldeias e terras de Ceylão.

Dizia o vr. a s. m. na c. de 18 fev. 1622: O bispo de Cochim D. Sebastião continúa em sua egr.a com bom procedim.to, «mas tem aspera e vehemente natureza de que se deixa levar, e dizer e escre

(31) *Bolet.* 1884 n.° 15.
(32) V. *Doc. rem. Ind.* III, 47.

ver muitas cousas com menos fundam.to e consideração, da que se requer em que tem seu officio e dignidade».

Na c. r. de 25 fev. 622 mandou s. mag. ao vr. Ind. se estranhasse ao bispo de Cochim, o modo com que lhe escrevera (a el-rei), queixando-se-lhe do conde de Redondo vicerei.

Em 6 jan. 1623 informava a s. mag. o vr. «Chegando a Cochim acudiu logo a mim o cabido, e fizeram o mesmo os vigarios das egr.as e prelados das religiões, sobre o pagam.to de seus ordenados e... que ha m.tos an.s se lhes não paga, e compadeci-me muito de vêr a miseria em que por este respeito estavam; diz como isso elle remediou em parte.

Em 1625 era provisor e vig. g. do bispado o licenc. Pero Nunes Botelho.

Em 24 fev. 1625 escreveu o vr. a s. mag. abonando a pretenção de p. Antonio Martins, conego da sé de Cochim, provido pelo bispo D. André «a cujo rogo leu na dita sé theologia e depois os casos de consciencia, e o fez com gr.de louvor e applauso, fazendo muitos letrados e pregadores de que o bispado ficou cheio..., e pretende este padre que v. m. o mande apresentar no deado da dita sé que está vago». Ao que respondeu s. m. em 25 março 1626 dizendo, que escreveu ao bispo de Cochim que precedendo informação, proponha ao vr. se o julgar, ao d.º conego A. Martins para o cargo de deão da sé de Cochim; e o vr. que lhe passe carta de apresentação para se collar.

N'outra c. de 24 jan. 1625 diz o vr. «O bispado de Cochim está vago com a promoção do arceb. êleito; seja v. m. servido que se proveja...» na de 12 dez. participa que era o cabido de Cochim que em sé vac. governava aquelle bispado; e na de 7 março 626 diz: «Em Cochim não ha ora bispo, e o cabido que governa em sé v. aquella egr.a consta de mui fracos sujeitos e quasi todos nascidos cá e sem letras». Em 23 fev. 1627; «A sé de Cochim está agora vaga e se governa por um clerigo da mesma sé, que para isso elegeu o cabido, e como os mais que nelle estão são mestiços, se fazem ali de ordinario muitas desordens, que não vejo como se possam remediar senão com se dar prelado áquella egr.a, e por me dizerem que estava eleito para ella o bp.º de Meliapor..., lhe tenho escripto para que se venha a Cochim, porque como ahi estiver, ainda que lhe não hajam chegado as bullas, não lhe ha de negar o cabido o governo do bispado, e atalhar-se-ha com isso que não vão por diante as ditas desordens.»

Do bispo D. Sebastião de S. Pedro resta o seg.:

67) 1618?... *Edital?* Prohibe sob p. de excom. a seus jurisdiccionados comprarem madeira para fabricas, a rainha de Coulão. (33).

Por c. r. de 25 março 625 mandou-se que, dos 700 xs. por que se vendêra a náo que tomou em Tuticorim Simão de Mello Pereira, se désse a metade ao cabido da sé de Cochim.

1628 — *D. Fr. Luiz de Brito e Menezes*, transfer. do bispado de

(33) Far. e Souza *Asia* III, 343.

Meliapor para o de Cochim: «hanc tamen secundam sponsam Ludovicus solum a longesalutavit (diz fr. Antonio da Purif.—*De virib. ill. ord. S. Aug.* c. 32 e *Relac. summer. serv. rod. domin. na Ind.* p. 63); nam in totius orientis gubernatorem assumptus, Goa exire non est permissus». Fal. 29 jul. 169 (I P. p 132 e 608) (34).

Collige-se do *Cat. mss. portg. mus. britan.* 239, que no impedimento d'este prelado fôra apresentado por s. mag. para bispo de Cochim, o inquisidor que era em Goa *Francisco de Borges.*

1633 ou 34 — *D. Fr. Miguel da Cruz Rangel,* «persona di grand' umiltá e d'essemplarissima vita»; depois de governar as missões de Solor e Timor (V. adiante capit. *Timor*), nom. bispo de Cochim; presidiu até 14 set. 646 em que fal., tendo neste intervallo governado o arcebispado de Goa (I P. 141).

Na c. r. de 25 março 1636 diz s. mag. ao vr. Ind. «O bispo de Cochim me escreveu... referindo a viagem que fizera de Solor á sesa cid. de Goa e bispados que ficavam então a seu cargo, e o que ordenára em razão do governo delles, e... tratara de aquietar o clero de Cochim, e de que el-rei daq.[le] reino désse satisfação á egr.[a] que derrubara. E o clero ficava quieto e em paz, elle fôra... visitar... a elr. de Cochim, o qual tratara com toda a cortezia... E para o que tocava a satisfação da egr.[a] derrubada, se compromettera em que daria o que elle, o capitão de Cochim e os grandes do seu reino assentassem, em cuja conformid.[e] mandára dar logo posse da egr.[a] e contribuia para a fabrica com toda a pedra e cal necess.[s] e 2 cativos, e offerecia para a mesma egr.[a] uma mão de prata em signal (como é costume seu), de arrependimento do que outra mão fizera...»

O vr. Ind. escreveu a s. m. 4 set. 638 dando conta dos bons procedim.[tos] do arceb.[o] de Goa, que se faz merecedor de todo o agradecim.[to], que s. m. lhe mande dar «assim como ao bispo de Cochim D. Fr. Miguel Rangel, tão conhecido por sua muita caridade como por letras e virtude, e sou informado dos grandes empenhos (dividas) com que vive, por ajudar a sustentar não só a pobres, mas ainda aos sacerdotes da sua egr.[a], que por mal pagos nos an.[s] atraz cerraram aquella matriz com gr.[de] dôr e sentim.[to] dos moradores da mesma cidade, de presente me escreve que passa a Ceylão tanto para visitar aq.[les] reinos, como para administrar crismas e ordenar de sacerdotes; e não faltam opiniões de homens bem entendidos e zelosos do bem da christ.[de] que tem..., e o mostram com razões que a cadeira d'este bispado havia de ser naq.[la] ilha, e que não seria gr.[de] a sua falta em Cochim, sendo tão perto o de Cranganor».

Em 10 nov. 640 escrevia o vr. «O bp.[o] de Cochim D. Fr. Miguel R. anda visitando suas ovelhas na costa de Travancor, e chegando a Tuticorim (35) achou naq.[le] porto «barco em que a 28 agosto par-

---

(34) *It. iner miss. del Ind. or.* 81 e 91. V. *Rebelion de Ceylan...* Lisb. 1681 p. 211. — *Le christianisme a Ceylan* 1900 p. 450.

(35) O que o bispo fez em Tuticorim em 1639, recrutando batalhão de voluntarios por, em ordem a livrar os seus christãos de Ceylão, da oppressão dos hollandezes, consta das *Leituras popul*, Lisb. 1872 p. 379, — *Le christianisme a Ceylan* 191.

Colombo, onde se empregou no serviço de Deus e de v. m...,
o ao céo com taes demonstrações de penitencia, que logo se
'eitos seus como foram as novas que tenho referido a v. m.».
ez. 641 dizia: «O bp.º de Cochim... Rangel, posso affirmar a
e é varão apostolico e perfeito em virtude, e posto que o não
a fama deste prelado e o que vejo por suas cartas e acções,
em quem pode ser em seus procedim.tos, pelos quaes o venero
será justo que v. m. lhe mande fazer particulares favores,
ão se contentando de tratar o espiritual de suas ovelhas,
na guerra de Ceylão quiz animar e acompanhar suas ovelhas,
presença e ainda ali se acha».
0 dezembro 642: «Do bp.º de Cochim... Rangel digo a v.
smo que o an. pas..., anda em Ceylão visitando aquella
é sujeita a seu bispado, onde tb.m assistu a sua defensão,
isso houve necessidade; de presente está em Jana»...
set. 643: «O bp.º de Cochim... Rangel veiu o verão pass.
l.e (Goa), tendo visitado a ilha de Ceylão e reino de Jafna.,
cumprimento de suas obrigações, assim no tocante ao serviço
como de v. m., procedeu de maneira que todos ficaram mui
; e consolados, e por em Jafna haver clamores de gente
a, que dizia haverem-se-lhe tomado suas terras, e por o
dizer alg.as cousas n'este particular, ordenei que se fizesse
junta para o effeito de se restituir as terras mal tomadas
'aes e mesquinhos, em que presidiu o mesmo bispo e se
maneira, que se evitou a maior parte das d.as queixas».
0 dez. 643 pediu o vr. a decisão de s. m., acerca das gr.des
s que houve entre a cid.e de Cochim e o bp.º, sobre a pre-
dos logares que cada um havia de ter nas procissões de S.
, e nas mais que ali se fazem.
4 ab. 644. «Do 1.º dez. 642 se recebeu uma carta de D.
el bispo de Cochim, em que entre outras cousas de qne me
muito de serviço de Deus, meu e de sua obrigação, refere
las necessid.es em que elle e os conegos e sacerdotes da sua
acham, por se lhes faltar de annos a esta parte com o pa-
seus ordenados, de que tive partic.ar desprazer;» encom.da
procureis q.to humanam.te vos fôr possivel, remediar estas
azer pagar com effeito ao bp.º e mais ministros da sua sé, e
certeza e em tal forma, que de se haver feito me envieis na
via certidão; e porque tb.m avisa o bp.º que ordinariam.te
um e aos seus conegos as tres partes de seus ordenados, hei
que daqui em diante se não rateem nem diminuam a pessoas
uas rendas, senão q.do se ratearem as dos ministros secula-
essa, em forma que entrem no rateio uns e outros, para que
liffer.a nem singularid.e ...; tb.m provêr nas vexações com
'atados os catholicos...» — Resp. vr. 7 jan. 645. Em outra
1 conta a v. m. das consignações que estão feitas ao bp.º e
Cochim, e que d'esta cid.e (Goa), se lhe acode tambem
heiro que posso, e conhecendo ao bp.º por pessoa de tão
cedim.os e tão virtuosas acções, não posso deixar de senti

a informação que por carta sua fez a v. m., se collige desta carta; o que v. m. nella manda se cumprirá pontualm.[te]».

Em 1635 deu o bp.[o] Rangel aos capuchos de Goa mui favoraveis cartas, para que seu vigario ger. em Ceylão lhe désse favor e amparo, para a fundação de um convento naq.[le] districto, o que executou; em 642 defendeu os carmelitas e os ajudou para fundarem um conv.[to] de sua ordem em Cochim. No conv.[to] de S. Domingos em Lisboa, hoje egr.[a] parochial, se conserva o retrato deste bispo que veiu da India, com esta epigrafe: *Pater eram pauperum, oculus fui caeco et pes claudo*, porque consta que vivo e depois de morto o honrou o céo com milagres (36)

Era a esse tempo provisor do bispado o conego Manoel de Seabra.

Em Tuticorim escreveu a seg.:

68) 1639 setembro... *Pastoral.* Exhorta os fieis a que roguem a Deus, afaste sua ira da infeliz ilha de Ceylão, que está prestes a cair em poder dos (hollandezes) inimigos da fé catholica, e se faça pela cidade uma procissão de penitencia. O bp.[o] presidiu a essa procissão com os pés descalços, corda ao pescoço, conduzindo uma cruz ás costas; concluida a procissão prégou um sermão que commoveu muito os assistentes (37).

No a. de 1632 para 33 houve em todo o Indostão uma fome geral (ducôllu), em que morreram muitos milhões de pessoas miseraveis, e ainda dos que tinham cabedal foi gr.[de] a mortandade, assim pela gr.[de] falta de mantim.[to], como pela corrupção dos ares occasionada pela m.[ta] secura, e tb.[m] dos corpos mortos onde faltava o cuid.[o] de os queimar ou enterrar (38).

1649 fev. 8. C. r. «O cabido da sé de Cochim em uma das cartas que me escreveu o an. pass., avisou de que com o fallecim.[to] do bispo seu prelado (cujos intentos e zelo abonam m.[to]), ficaram as obras do frontispicio daquella sé mui imperfeitas, por acabar e arriscadas a que os temporaes, que ali são mui fortes, lhe façam gr.[de] damno e ainda ás obras mais antigas; sendo que de presente e a menos custo se poderá tudo segurar, e apontam que do mesmo prelado havia ficado dinheiro bastante para esta obra se acabar;» encom.[da] ao vr. que informando-se a este respeito, «e havendo o cabedal que (o cabido) refere, ou na forma que melhor possa ser, façaes acudir ás obras de que necessita aquella egr.[a]...» — Resp. vr. 20 março 650: «Tenho mandado á cidade de Cochim que, por um official pedreiro que bem o,

(36) *Collecç. doc. e mem. acad. r. hist. portg.* IV 1724 catal. inquisid. Goa p. 8, — *Seconda spedita. Ind. or.*, Roma 1672 p. 47 e 68; Venet. 1683 p. 28 e 40 onde se diz que intentou este bispo fazer «la visita delle sue chièse poverissimamente (sem fausto e ostentação), má fú deriso e forzato á far come gli altri», — *Claustro dominic* III 89 e 287, — *Chron de carmel.* III, 327 e seg. «Varão muito respeitado na India por suas letras e conhecida virtude», diz d'elle o p. Queiroz *Vida P. Basto* 499, 531, 7, 8. V. *Bolet.* 1883 n.° 153: — e ib. 1872 n.[os] 78 e 79 uma carta deste bispo sobre as missões, dat. de 21 jan. 1646.

(37) *Le christianisme à Ceylan* 491, 2.

(38) V. *P. Basto* 197.

entenda, se orcem as obras da sé daquella cidade, e com isso se tomará o melhor meio que ser possa para se haver de raparar.»

1651 março 28. C. r. Sobre a representação de Maria Ribeiro Rangel, Margarida Rangel e Godinha e Marianna Ribeiro, sobrinhas do bispo que foi de Cochim D. Miguel Rangel, dizendo que ao d.º seu thio se ficaram devendo 30000 xs. de seus ordenados, e que delles lhes doára 8000 xs. para poderem ser religiosas, e porque sem elles por sua m.ta pobresa o não poderão ser, pedem lh'os mande pagar para o mesmo effeito: encom.da ao vr. que se tal divida é certa, dê satisfação ao pedido das sobrinhas do bispo.

Em 1663 os hollandezes entrando em Cochim devastaram a cathedral de S.ta Cruz daquella diocese fundada antes de 1523 e posteriormente restaurada, convertendo parte della em quarteis militares, e arrasaram gr.de numero d'egr.as, conventos, collegios e outros estabelecim.tos. Só egr.as havia nesse an. 663 desde Coulão até o c. Comorim em n.º 37 e 5 conv.tos dos domin., franc., august., jes. e capuch. (39).

(Continúa)

P.e Casimiro Nazareth.

---

(39) «La sua cathedrale (de Cochim) che era bellissima, fu cambiata in magazeno della compagnia d'Olanda» — diz Paol. S. Bartol. *Viag.* 83. Testifica Gautier Schouten *Voyage aus Indes or.* I, 385, 415, 22 e 372 que quando os hollandezes tomaram Cochim havia: em Coulão 7 egrejas de pedra e cal grandes e espaçosas fundadas pelos portuguezes; «on trova dans l'isle (Vaipim) une église portugaise, et un grand edifice que apertenait a l'évêque,» — em Tuticorim «trois grandes églises des portg.: celle qui êtiat proche de la mer fut convertie en une loge pour nos gens (hollandezes), et on conserva les deuxs autres por nos exercices de religion». V ib. 151, 377 e seg. Tavernier p. 320, 2 diz; «Les jesuits de Cochin avaient en cette ville la plus belle bibliotheque qui fust en Asie, tant pour la grande quantité de livres qu'on leur envoyait tous les annes d'Europe, que principalment pour les rares manuscrits hebreux, chaldaiques, arabes, persiens, indiens chinois e en d'autres langes d'Orient»: pois esta tão «riche et curieuse bibliotheque le general Van-Gous ne fit point de conscience d'exposer au pilage.» V. *Memoires geogr., phys. et. hist. sur l'Asie, l'Afr... tirés des let. edif. et des voyag. des mission. jes.*, Paris 1767 I, 26, 28, — *Hist. Univ. dep. le commenc du mond.* XXII, 34, 4, — *Memoires pour servir a l'hist. des Indes orient*, Paris 1788 p. 260, 1, — Charles Allen Lawson *British and native Cochin* 2 e d. London 1861 c. 1, — *Anno hist.* I, 40, — *Santuar. Mar.* VIII, 301 *The land of the Permauls* 6, 7, 121, 2, 201 e chronol. 4 — *Inst. V. Gama* II, 128, — *Arch. portg. or*, V. 729, n., — *Vasco da Gama e a Vidigueira*, Lisb. 1898 p. 143, 4 n, — Logar *Malabar* I, 338.

[...]AGNETICO DE LOANDA

[...]nte o anno de 1908

Longitude (E. de Gr.) = 13°.13'.15".

[...]ographo 59m,25 — **Elevação do terraço sobre o solo 20m,0**

[...]	Fuzis	Trovoada	Cacimbo	Nevoeiro	Ceu sereno 0	Algumas nuvens 0 a 1	Pouco nublado 2 a 3	Nublado 4 a 6	Muito nublado 7 a 9	Encoberto 10	Claros 10	Numero de grupos de observações	Valor medio da declinação NW.	Numero de grupos de observações	Valor medio da inclinação S.	Intensidade média da componente horisontal. — Unidades C. G. S.	Intensidade da força total. — Unidades C. G. S.
Numero de dias de					Quantidades de nuvens 0 a 10							Declinação magnetica		Inclinação magnetica		Intensidade magnetica	
2	0	—	—	—	6	4	17	35	34	16	12	3	16° 24' 10",0	3	35° 22' 16",25	0,201780	0,247455
3	1	—	—	—	12	9	21	28	38	2	6	3	16° 25' 03",3	3	35° 18' 52",00	0,202102	0,247679
6	2	11	—	—	4	3	13	28	40	16	16	3	16° 23' 10",0	3	35° 19' 18",75	0,201946	0,247482
3	17	10	—	—	3	3	13	18	40	27	18	3	16° [illegible] 26",6	3	35° 18' 47",50	0,201807	0,247881
4	6	2	1	—	26	16	9	34	20	0	14	3	16° 26' 00",6	3	35° 15' 51",25	0,201895	0,247260
—	—	—	10	—	33	17	13	13	7	17	20	3	16° 13' 10",0	3	35° 14' 50",00	0,202032	0,247385
—	—	—	17	—	35	21	12	11	5	23	18	2	16° 16' 20",0	3	35° 18' 47",50	0,201835	0,24734[illegible]
4	—	—	9	1	12	11	23	15	9	30	24	3	16° 18' 30",0	3	35° 28' 40",00	0,201096	0,246944
3	—	—	1	—	8	1	19	22	16	21	16	3	16° 20' 40",0	3	35° 24' 02",50	0,201737	0,247493
6	5	—	—	—	3	5	14	35	24	18	2	3	16° 20' 40",6	3	35° 27' 38",75	0,201599	0,247508
.	15	4	—	—	6	2	17	29	34	20	12	3	16° 17' 03",3	3	35° 27' [illegible],75	0,201110	0,247272
5	5	2	—	—	10	3	19	42	29	9	11	3	16° 16' 40",0	3	35° 23' 31",25	0,202504	0,248407
9	81	29	38	1	157	96	190	309	302	207	191	—	16°.20'.21",08	—	35°.21'.40",31	0,201810	0,247510

O Director,

ERNESTO AUGUSTO GOMES DE SOUSA.

DIVERSOS

Um conto ronga inedito [1]

Os rongas do districto de Lourenço Marques não teem litteratura propriamente dita. E como poderão elles possuil-a quando nem sequer teem lettras, isto é, visto que ignoram a arte da escripta? Sem lettras não ha litteratura! Ora, entre estes bemaventurados selvagens, não se fazem peças de theatro nem se publicam noticias. E todavia a tribu possue um sentimento litterario muito desenvolvido.

Historia habilmente architectada delicia-os intensamente. Tanto mais que, alguns d'entre elles, teem maravilhoso talento de contista Lingua muito pictoresca, muito esmaltada de omonotopêas, o ronga, harmonioso como o italiano, presta-se muito bem á narrativa e, eu mesmo, confesso ter experimentado, muitas vezes, verdadeiro prazer litterario ao ouvir um dos taes contistas afamados contar qualquer historia.

Mas ha mais. Não tendo o ronga literatura escripta, possue uma literatura oral de riqueza extraordinaria. Refiro-me ao «folk-lore» especialmente de contos maravilhosos com que entreteem as noites de um ao outro extremo da região, do Maputo até ás paragens mais retiradas do Bilene. Um certo numero d'essas curiosas historias foram já colligidas e publicadas. (*Chants et Contes des Ba-Ronga*, par H. J. Junot, Lausaune, Bridel, 1897), mas ficaram muitos mais ainda por descobrir e por notar.

Permitto-me offerecer aos leitores d'este *Boletim* um d'esses contos, ainda inedito

Foi-nos contado no outro dia, na pequena sessão litteraria hebdomadaria da escola de Rikatla, por um dos alumnos que a ouviu, ha muitos annos, na margem do Limpopo, no seu pais de origem. Elle já se não recorda do nome do contista a quem a deve. Isso não é para extranhar. Aquelle tel a-bia ouvido a outro, ao qual qualquer velho membro da tribu a tinha narrado, por que estes contos são extremamente antigos. Ninguem os inventa agora. Transmittem-se como tradicção, de geração em geração. D'ahi deriva ainda o interesse muito especial que se lhes liga. E' provavel que possuam nelles um dos mais antigos monumentos de actividade intellectual do homem. Os estudos comparativos emprehendidos por grande numero de sabios durante estes ultimos annos teem revelado uma admiravel semelhança entre os contos populares das mais differentes nações.

No conto que me transmitte Simeão Maquaqua, o contista do outro dia, ha todavia certos elementos que poderiam ser mais modernos. Não é um conto pondo em scena animaes sómente, como succede nas composições que parecem ser mais caracteristicas do *folk-lore* bantu. Tambem nelle apparecem homens propriamente ditos. Trata-se principalmente de um annel maravilhoso por meio do qual se obtem tudo o que se deseja.

Este episodio encontra-se tambem na minha collecção (obr. cit. pag. 276) com incidentes bastante semelhantes áquelles que se vão ler. Mas encontra-se ainda em um conto berbére recolhido em Mzab por M. Basset, bem conhecido folklorista, e os pormenores da historia ronga concordam bastante com as ver-

[1] Um dos factos que mais concorreu para a affluencia de offertas á Bibliotheca da Sociedade, nos ultimos mezes do anno passado, foi, certamente, a medida tomada pela Ex.ma Direcção de, em conformidade com o § 7.º do art. 19 do Estatuto Geral, se dirigir aos socios correspondentes no extrangeiro.

Entre essas offertas veio a historia ronga inedita que se publica no presente *Boletim*, e de cuja versão do francês, fomos encarregados. Do original ronga foi ella traduzida pelo Sr. H. A Junot, auctor da obra citada acima e de outros considerados trabalhos, taes como: *Le climat de la baie de Delagoa*, Neuchatel, 1897: *Les Ba-Ronga: Etude éthnographique sur les indigènes de la Baie de Delagoa*. Lausanne, 1887, etc.

O conto vertido é um elemento de interesse para o *folklore* das regiões africanas, e como tal, esperamol-o, será devidamente apreciado.

J. F.

sões arabe, grega, russa, albanêsa, egypcia e marroquina! E' portanto muito provavel que o episodio do annel seja de importação extrangeira.

Por outro lado certos elementos d'este conto são bastante ronga, assim a excursão de um grupo de mulheres, sob a direcção de homem, que vão comprar alimentos com fazendas, a outro país. em tempo de fome.

Mas deixemos a palavra a Simeão. E' pena que os meus leitores não possam ver a mimica, por vezes impagavel, com que elle sabe acompanhar a sua narração e que se vejam reduzidos a uma traducção, necessariamente imperfeita, por mais exacta que se esforce por ser!

O annel de Bôa

(conto ronga)

A fome opprimia os habitantes do país. Não havia de comer em parte alguma. Mas dizia-se que debaixo da terra, muito no fundo, havia viveres em abundancia. Um homem, chefe da tribu, decidiu-se a lá mandar as suas mulheres com grande numero de peças de panno para comprarem alimentos. Poz á frente d'ellas o filho — novo ainda — e partiram todos. No caminho encontraram uns rapazes, pastores, que tinham apanhado um rato e que se preparavam para o esquartejar. O filho do chefe tem pena do animal, deu aos pastores uma das peças de panno para que dessem liberdade ao rato. Os outros concordaram, mas as mulheres é que ficaram indignadas por terem assim perdido o seu dinheiro, por causa do animal, ameaçando o chefe de o denunciarem ao pae quando voltassem. Um pouco mais adiante encontraram outros pastores que maltratavam um gavião. Para salvar o passaro o chefe offereceu-lhes tambem uma peça de panno. O rato esgueirou-se para o seu buraco e o gavião voou nos ares.

Continuaram o seu caminho e em breve chegaram aos grandes ninhos de formigas brancas aonde a Boa se aquece ao sol. E' lá que é a sua praça publica *(hubo)*; não longe está o buraco por onde se desce para a sua aldeia subterranea!

— Que querem vocês? perguntou-lhes a Boa.

— Desejamos ir comprar de comer á tua casa, responderam.

— Bem, disse ella, agarrem-se todas á minha cauda, com força, e eu os levarei lá.

E, com effeito, é esta a unica maneira de ir a casa da Boa. E' necessario segurar-lhe a cauda e deixar que ella nos leve.

Entrou no buraco e...vúú... desappareceram todos na terra.

Entraram na aldeia, uma soberba aldeia em que se ouvia por toda a parte o barulho das mulheres que moem grão entre pedras e lá ficaram uma semana inteira na abundancia.

Depois encheram de milho os cestos que levavam, fizeram as suas compras e partiram. A Boa, ia na frente; agarraram-se-lhe á cauda e vieram para fóra. Mas custou; estavam pezados!

Não foi tão depressa como quando desceram, mas lá chegaram a casa sãos e salvos.

As mulheres apressaram-se a ir contar ao chefe da tribu como o filho tinha dado duas peças de panno aos pastores para livrar um rato e um gavião. O pae ficou muito zangado e disse:

— Não ha nada a fazer d'este rapaz na nossa terra; tu não tens senão que ir-te embora.

O rapaz, expulso assim de casa, dirigiu-se para o lado da habitação do rato. Viu os vestigios dos seus passos na areia, seguiu os e encontrou o Senhor Rato.

— Expulsaram-me de casa por tua causa, disse-lhe.

— Vem comigo, respondeu o rato, receber-te-hei na minha aldeia. Mas quando o rapaz quiz entrar pelo buraco que conduzia a casa do rato, foi-lhe isso impossivel.

— O que se ha-de fazer? disse o rato. Espera um pouco; pelo menos quero ir buscar-te alguma coisa de comer.

E, dizendo isto, esgueirou-se pelo buraco e voltou com alguns grãos de milho.

— Toma ; é tudo o que tenho.
O rapaz pediu-lhe então que lhe indicasse a casa do gavião.
— E' lá em baixo, nessa floresta que vês ao longe. Encontrar-lhe-has o ninho em uma arvore muito grande.
Elle não tardou muito a lá chegar ; subiu á arvore e encontrou um monte de ramos em fórma de ninho ; os filhos do gavião estavam no meio. O gavião comprimentou-o, disse-lhe que se sentasse ali, entre os pequenos, que elle iria buscarl-he de comer.
E partiu. Não poude porém, apanhar nenhum pintainho e não encontrou senão alguns farrapos sujos no estrume das aldeias. O rapaz não sabia o que havia de fazer. Pediu-lhe então que lhe indicasse o caminho da casa da Boa. Chegado perto dos ninhos das formigas brancas, encontrou a Boa e contou o que lhe succedera.
— Ah! com que então elles expulsaram-te ? Pois bem, vem a minha casa que eu tomarei conta de ti.
O rapaz foi para casa da Boa. Ficava na companhia das mulheres e entendia-se muito bem com a que guardava as perolas *(tind jalama)* da Boa. Estas perolas estavam guardadas em um cesto. Eram ellas que tornavam poderosa a Boa. Aquella mulher disse-lhe um dia :
— Escuta ! se tu queres obter tudo o que desejas, usa da seguinte astucia: á tarde, quando a senhora Boa voltar, vae á praça e grita, chora e diz : Eu choro pelo annel !
O rapaz assim fez. No primeiro dia, a Boa fingiu que não tinha ouvido nada. O rapaz, no dia seguinte repetiu a scena. E a Boa perguntou-lhe então :
— Quem te fallou no annel ?
— Disseram-me que aquelle que tiver o annel, póde obter tudo o que desejar. Dá-m'o.
A Boa respondeu .
— Nós já somos amigos ; eu posso dar-t'o ; mas não o deixes roubar por ninguem ! E a Bca deu tambem ao rapaz um grande país. Então disse elle quando tinha o annel :
«Que me appareça uma casa !» E appareceu-lhe um casa magnifica !
Depois disse : Que me appareça uma mulher *(litt: uma mãe)* ! E eis que apparece uma esposa para elle.
Emfim, pediu tudo o que quiz : bois, riquezas e foi um homem muito rico!
A mulher d'elle contou todas estas maravilhas aos paes e supplicou-lhe que lhe emprestasse o annel. Elle deixou-se convencer. Pois os bellos paes serviram-se do annel conseguiram tudo no mundo e o rapaz cahiu na mizeria.
Então a Boa reuniu todos os animaes dos campos para discutirem o meio de reentrar na posse do seu annel. A hyena que assistia disse :
— Eu, se quizerem, atirar-me-hei á sua cabana com violencia e arrancar-lhe-hei, pela força, o annel ! E todos gritaram :
— Tu nada pódes fazer. A tua intervenção não vale de nada !
Outros animaes propuzeram outros meios. Nenhum achavam bom.
Por fim, disse o Senhor Rato :
— Eu esgueiro-me pelo meu estreito caminho, entro-lhe na cabana, emquanto elle dorme, trepo ao colmo do tecto, farejo por toda a parte, até que o encontre.
E o gavião ajuntou :
— Pois eu lá estarei para te ajudar.
Partiram. O rato procurou durante muito tempo ; e por fim descobriu o annel no cesto grande. O gavião estava de atalaia.
Quando o rato sahiu, precipitaram-se todos sobre elle para o matar ; mas, num momento, o gavião lançou-se sobre o rato e arrebatou-o nas garras.
Depois levaram o annel á sua amiga.
Disse a Boa :
— E' preciso dar tambem um país o ao Senhor Rato. Mas o Senhor Rato foi incapaz de o governar por que roubava sempre. Experimentam então dar um país ao gavião. Elle tambem vivia da rapina aos seus proprios subditos.
Renunciou-se pois, a tudo.
Quanto á mulher que tinha ficado com o annel, foi condemnada á morte.
E acabou-se a historia.
Rikatla, 30 de Dezembro de 1908. *H. A. Junod.*

IBLIOTHECA DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

Obras entradas nos mezes de outubro a dezembro de 1908

(Conclusão)

(N'esta lista não se incluem as publicações periodicas)

te sur deux espèces de scrofulaire, par J. Daveau. (Extr. do Bol. da Soc Brot. Vol. x). Offerta do auctor.

te sur le fumaria media, par M. J. Daveau. (Extrait du «Bulletin de la Société Botanique de France». Tomo XL-1893. Offerta do auctor.

'e sur le quercus occidentalis Gay, par J. Daveau. Montpellier, 1899. 1 folheto broc. 21,5×13,5. 11 pags. Offerta do auctor.

tice Nécrologique. Alphonse Debeil (Association Internationale Permanente des Congrès de Navigation). Bruxelles, 1908. 1 folheto broc. 24×15,5. 7 pags. Offerta.

'icia ácerca das explorações archeologicas da Cividade de Terroso e do Castro de Laundos no Concelho da Povoa de Varzim, por Rocha Peixoto (1906-1907). (Separata do tomo II, fasciculo 4 da «Portvgalia»). Porto, 1908. 1 folheto broc. 27,5×20. 4 pags. e gravuras. Offerta do auctor.

:ia e Informações. (Estado da Bahia). [Publicação para a Exposição Nacional de 1908]. Bahia. Brazil. 1908. 1 folheto broc. 26,5×19,5. 55 pags. e maps. Offerta do sr. Silio Boccanera Junior.

'anisation du Service de Santé de l'Avant, par Mr. Manuel Gião. (xv Congrès International de Médecine). Lisbonne. 1906. 1 folheto 24×15,5. 12 pags. Offerta do auctor.

ianization, equipment, an operatien of the structural materials testing laboratories at St. Louis, Mo Richard L. Humphrey. Washington, 1908. 1 folheto broc. 23×15. XI+84 pags. e ill. Permuta.

reenkomst tusschen hertog arnold en de verdedigers van het kasteel te grave (1471) Medegedeeld door P. N. van Doorninck. (Overgedruht uit Bijdragen en Mededeelingen der Vereeniging «Gelre», deel XI). s/d. s/l. 1 folheto broc 24,5×16 sem pags esp. Offerta do auctor.

pers on moral education. Communicated to the First International Moral Education Congres held at the University of London, september 25-29, 1908. Edited by Gustav Spiller. London, 1908. 1 vol. broc. 24×15,5. XXX+404 pags. Offerta.

'ria! Carta aberta a Sua Magestade a excelsa Rainha de Portugal senhora D. Maria Amelia, por José Lopes de Castro. Pará, 1908. 1 folha avulso. Offerta do auctor.

tria (La) Boba. Tiempos coloniales, por J. A. Vargas Jurado. Dias de la independencia, por J. M. Caballero Santafé cautive, por J. A. de Torres y Peña. (Biblioteca de Historia Nacional. Volumen I). Colombia, 1902. 1 vol. broc. 25,5×17,5. XX+476 pags. e indice. Offerta.

tria (La) de Colón según los documentos de las órdenes militares, por D. Francisco R. de Uhagon. Madrid, MDCCCXCII. 1 folheto broc. 21,5×14,5. 69 pags. Offerta do sr. Marquez de Laurencin.

triotismo á tona d'agua. O Centenario e o povo. Galas e folias á superficie, ruinas e miseria no interior, por J. Rodrigues Lourenço. Lisboa, 1899. 1 folheto broc. 22×15. 10 pags. Offerta.

riodismo (El) en la Provincia de Buenos Aires. Año 1907. Publicado bajo la Dirección de Carlos P. Salas. (Dirección General de Estadistica). La Plata, 1908. 1 vol. broc. 22×13,5. VIII+243 pags. e fac-simili de jornaes. Offerta.

'ru and Chili. Circular of the of the Peruvian Foreign Office on the Arica and Tacna question. London, 1901. 1 folheto broc. 24×15. 39 pags. Offerta do sr, Dr. Pedro Suarez.

flanzenreste aus der Zeit der XII en Dyn. von G. Schweinfurth (8. Wissenschaftliche Veröffentlichung der Deutschen Orient Gesellschaft). Leipzig, 1908. 1 folheto broc. 35,5×25,5 sem pag. esp. Offerta.

Poesie in prosa (Senilia), por Iwan Turgenjeff. Versione del conte Emilio Badan. Firenze, 1907. 1 folheto broc. 24×16,5. 30 pags e indice. Offerta.
Portugal (Briefe uber) nebst einem Anhang uber Brasilien Aus dem Französischen. Mit Ammerkungen herausgegeben von Matthias Christ. Sprengel. Leipzig, 1782. 1 vol. enc. 18×11 pref 10 + 290 pags. Offerta.
Precursor (El) Documentos sobre la vida pública y privada del general Antonio Nariño. Biblioteca de Historia Nacional. Volume II). Bogota, 1903. 1 vol. broc. 25,5×18. xxxII+653 pags. e indice. Offerta.
Procès Verbal de la XVIe assemblée générale du mardi 28 juillet 1908, à Londres (Bureau International Permanent de la Paix). Londres, 1908. 1 folheto broc. 23,5×15,5. 4 pags. Offerta.
Projectos parlamentares, [por] Adriano Anthero. Porto, 1908. 1 folheto broc. 23×15,5. 56 pags. Offerta do auctor.
Projet concernant la fondation de sections locales pour l'étude de la géographie économique & commerciale, par Georges Delvaux. s. d. n. l. 1 folheto broc. 33,5×21,5. 5 pags Offerta do auctor.
Propaganda (Da) à Presidencia [por] Campos Salles. S. Paulo, 1908. 1 vol. broc. 24,5×16,5. v+448 pags. Offerta do sr. Paulo Orozimbo
Rapport (XVIIe) du Bureau International de la Paix sur sa gestion et ses comptes du 1er juillet 1907 au 30 juin 1908. (Bureau International Permanent de la Paix). s. d. n. d. 1 folheto broc. 22,5×15,5. 8 pags. Inscripção.
Rechten van het Kasteel Liedberg door P. N. v. Doorninck. s. d. n. l. 1 folheto broc. 24,5×17,5. 6 pags. Offerta do auctor.
Recopilación Historial. Escrita en el siglo XVI por el Padre Fray Pedro de Aguado, y publicada ahora por primera vez. (Biblioteca de Historia Nacional. Volumen V). Bogotá. Colombia, 1906. 1 vol. broc. 25×17,5. XII+480 pags. e indice. Offerta.
Recordações de Viagens por Camillo Lima da Costa. Lisboa, 1908. 1 folheto broc. 21×15,5. 19 pags. Offerta do auctor.
Regimen (Do) vegetal e animal e da importancia do crescimento na saude e nas doenças antigamente e na actualidade (em grego), par A. Christidos. s. l. 1905. 1 folheto broc. 27,5×20. 22 pags. Offerta do auctor.
Reisestudien aus dem Westlichen Sudamerika von Therese Prinzessin von Bayern in zwei länden. Band I e II. Berlin, 1907. 2 vol. enc. 25,5×17,5 gravuras e maps. Offerta da auctora.
Relatorios sobre Moçambique, por A. Freire d'Andrade. Volume II e III. Lourenço Marques, 1907-1908. 2 vol. broc. 27×15 e mappas. Offerta.
Rembrandt's Etsen. Met eene inleiding van Severin Ruttgers te Dusseldorf. Leiden, 1906. 1 folheto broc. 37×28 e gravuras. Offerta do sr. Wm. de Bruijn, Rotterdam.
Report of the United Stats fuel-testing plant at St. Louis, January 1, 1906 to June 30, 1907. Joseph A. Holmes. Washington, 1908. 1 vol. broc. 23×14 299 pags. Permuta.
Résolutions du XVIIe Congrès Universel de la Paix. (Londres, 28 août au 1 september 1908). s. l. n. d. 1 folhoto 22,5×15,5 e 11 folhas soltas 23,5×15 Inscripção.
Results of spirits leveling in California 1896 to 1907 inclusive, by S. S. Gannett and D. H. Baldwin. (Bul. 342. Depart of the Interior U. S. Geologic Survey). Washington, 1908. 1 vol. broc. 23×14,5. 172 pags. Offerta.
Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du résumé de l'histoire littéraire du Brésil; par Ferdinand Dénis. Paris, 1826. 1 volume enc. 15×9,5. xxv+625 pags. Offerta do sr. Faria e Castro.
Roumanie (La) 1866-1906, par Popa Burcă. (Ministère de l'Agriculture, de l'Industrie du Commerce et des Domaines). Bucarest, 1907. 1 vol broc. 24,5×16. VIII+494 pags. e maps. Offerta do Consulado da Roumania em Genebra.
Rubber (The) Industry in the Territories of Manica and Sofala by W. H. Johnson. (Companhia de Moçambique). London, 1908. 1 folheto brochado 24,5×18,5. 39 pags. Offerta da Companhia de Moçambique.
Ruwenzori (Il) Viaggio di esplorazione e prime ascensioni delle piú alte vette nella catena nevosa situata fra i grandi lahgi equatoriali dell' Africa Central. Relazione del Dott. Filippo de Filippi. Illustrata da Vittorio Sella,

Membro della Spedizione. (S. A. R. Il Principe Luigi Amedeo di Savoia, Duca Degli Abruzzi). Milano, 1908. 1 vol. enc. 25,5×18. 358 pags. mappas e gravuras. Comprado.

Sardaigne (La) par M. Paul Gaffarel. (Extrait du «Bul. de la Soc. de Geogr. de Marseille»). Marseille, 1907. 1 folheto broc. 24,5×16. 22 pags. Offerta.

Seismogramme des nordpazifischen und sudamerikanischen Erdbebens am 16. August 1906. Begleitworte und Erläuterungen von E. Rudolph und E. Tams. Strafsburg, 1907. 1 vol. broc. 27,5×18. 98 pags. e mappas. Offerta.

Sénégal (Notices sur le) par Eugène Ackermann. Colmar, 1908, 1 folheto broc. 23×14. 53 pags. Offerta do auctor.

Sertões (Os) (Campanha de Canudos), por Euclides da Cunha. (3.ª edição corrigida). S. Paulo, 1905. 1 vol. broc. 24,5×17. VII, indice e 618 pags. e gravuras Offerta do sr. Paulo Orozimbo.

Service de Santé en Campagne Organisation du de l'avant. Communication présentée à la Section de Médecine et Hygiene Militaires et Navales, par Manoel Gião. (XIVe Congrès International de Médecine, Madrid). Lisboa, 1903. 1 folheto broc. 22×16. 8 pags. Offerta do auctor.

Sibari (Intorno) e Turio. Qualche memoria per Pasquale Garofalo. Parte prima. Sibari e Turio. Parte seconda. Versione del XII libro di Ateneo. Napoli, 1899. 1 vol. enc. 23,5×15,5. 212 pags e indice. Offerta do auctor.

Souvenirs militaires du Baron de Bourgoing 1729-1815 publiés par le Baron Pierre de Bourgoing. Paris, 1897. 1 vol. enc. 19×12. XVI+342 pags. e retrato. Offerta do sr. C. F. Gijsberti Hodenpijl.

Statistiques de l'industrie minière dans les colonies françaises pendant l'année 1906. Publiées sous l'administration de Milliès—Lacroix. Melun, 1907. 1 vol. broc. 24×15,5 109 pags. Offerta.

Statistiques des Finances des Colonies Françaises pour les années 1898-1907. Publiées sous l'administration de M. Milliès—Lacroix. (Ministère des Colonies. Office Colonial) Melun, 1908. 1 vol. broc. 24×15,5. X+433 pags. Offerta.

Studii e note critiche sulla riforma giudiziaria del Portogallo annotata da José Dias Ferreira pel Marchese Comm. Avv. Serafino de Gennaro. Napoli, 1905. 1 folheto broc. 19×13. 35 pags. Offerta do auctor.

Study (A) of the topography and municipal history of Praeneste by Ralph van Deman Magolfin. (Johns Kopkins University Studies in Historical and Political Science). N.os 9 e 10. Series XXVI. Baltimore, 1909. 1 vol. broc. 24,5×15,5. 101+XII pags. e gravuras. Offerta.

Sulla Mitologia Greca (Pelo) Duca di Bonito, Garofalo, (no N.º 13 «Età Nova»). Napoli. Offerta do auctor.

Surface water supply of the Great Basin Drainage 1906 (por) E C. la Rue, Thomas Grieve, J. and Henrey Thurtell. (United States Geological Survey. Water. Supply Paper N.º 212). Washington, 1908. 1 vol. broc. e gravuras. 23×14,5. 98 pags. e mappas. Permuta.

Sur les lésions métatyphiques du système osseux. Étude clinique, par le dr. Anastase Christidis. (Extrait de la «Presse Médicale» de Paris et de la «Revu - Médico-Pharmaceutique de Consple. Galate) 1905. 1 folheto broc. 19,5×14. 13 pags. Offerta do auctor.

Technica geral das amputações (Breves palavras sobre a). Por Arthur Barrote. Porto, MCMVIII. 1 folheto broc. 21,5×16. 43 pags. e grav. Candidatura.

Tessaratoma papillosa (Life history of) by J. C. W. Kershaw (From the «Trasactions of the Entolomogical Society of London «September 26 the 1907) 1 folheto broc. 21,5×14. gravuras col. Offerta.

Toponymie (La) du pays des Benadirs. Communication faite le 29 mai 1907 par le Chevalier Joseph Joûbert (VI Congresso Geographico Italiano, 26-31 Maggio 1907). Venezia, 1908. 1 folheto broc. 24×17. 11 pags. Offerta.

Traje (O) Serrano, por Rocha Peixoto. (Ethnographia Portuguesa). [Separata do Tomo II fasc. 3 do «Portvgalia»]. Porto, 1907. 1 folheto broc. 28×20. 30 pags. e gravuras. Offerta do auctor.

Tremblements (Les) de terre ressentis pendant l'année 1904. Par Emilio Oddone. Strassburg, 1907. 1 vol. broc. 27,5×19. XI+361 pags. Offerta.

Trepadeiras, por João de Saldanha Oliveira e Souza. Lisboa, 1908. 1 vol. broc. 19×12,5. 115 pags. e indice. Offerta do auctor.

Tribu (La) et la langue thonga avec quelques échantillons du Folklore Thonga par Henri A. Junod. Lausanne, 1896. 1 folheto broc. 20,5×14,5. 40 pags. Comprado.

Uber das Höklen. Palaolithikum von Sizilien und Sudtunesien von G. Schweinfurth (Sonderabdruck aus der Zeitschrift für Ethnologie Heft 6. 1907). s. l. e. s d. 1 folheto broc. 25×16,5. sem pags. esp. Offerta do auctor.

Uber Triticum dicoccoides Keke in Palaestina G. Schweinfurth. Berlin, 1908. 1 folheto broc. 24×16. s pags esp. Offerta do auctor.

Ubagon (Les) Señores de Hoditegui. Datos y noticias reunidas, por D. Francisco, R de Ubagón Marqués de Laurencin con prefacio de Jean de Jaurgain y una carta de D. Francisco Fernández de Bethencourt. Madrid, 1908. 1 folheto broc. 28×20. 77 pags., indice e gravuras. Offerta do sr. Marquês de Laurencin.

Uma acção negatoria, por José Maria Dias Ferrão. (Proposta pela lei de 9 de julho de 1773 para abolição de um atravessadouro na Comarca da Lousã, seguida da notavel sentença que a julgou). Lisboa, 1908. 1 folheto broc. 22,5×15. 37 pags. Offerta.

Unidade (Da) de Pensamento no cyclo das descobertas. Conferencia por Henrique Lopes de Mendonça (Annaes da Academia de Estudos Livres 4.º Centenario do descobrimento do caminho maritimo para a India). Lisboa, 1898. 1 folheto broc 33,5×15. 49 pags. Offerta.

Uruguay (A campanha do) 1864-65 [por] General J. B. Bormonn. Rio de Janeiro, 1907. 1 vol. broc. 23,5×16. XIII+296 pags. e mappas. Offerta do sr. Paulo Ozorimbo.

Varia Medegedeeld door P. N. von Doorninck. (Overgedrukt uit Bijdragen en Mededeelingen der vereeniging. (Gelre, deel IX) s d. n. l. 1 folheto broc. 24×16. Offerta do auctor.

Vasco da Gama. Drama historico em 5 actos e 6 quadros. (Apresentado como candidato ao concurso aberto pela Commissão Central Executiva do Centenario). Original de Romão Duarte. Lisboa, 1898. 1 folheto broc. 23×15,5. 97 pags.

Veracita storica delle opere certe di C. Sallustio Crispo, par Leopoido Palatini. (Estratto dal «Bolletino della Societa di Storia Patria negli Abruzzi. Anno XI Puntata XXII). Aquila, 1899. 1 vol. broc. 23×16. Offerta.

Veroffentlichte Brief, Aufsätze und Werke 1860 1907 von Prof Dr. G. Schweinfurth Berlin, 1907. 1 folheto broc. 25,5×17,5. 19 pags. Offerta.

Vesuvius (The eruption of) in april 1907 by A. Lacroix. From the Smithsonian Report for 1906. pages 223 248 (with plates I-XIV) Washington, 1907. 1 folheto broc. 24,5×15,5 gravuras. Permuta.

Vida (A) de todos os Santos, por Martina Carolina Reboli de Bulhões Maldonada. Lisboa, 1908. 1 vol. enc. 24,5×15,5. 546 pags., indice e gravuras. Offerta da auctora.

Vida de Herrán Biografia escrita por Eduardo Posada y Pedro M. Ibáñez y premiada en el concurso del centenario. (Biblioteca de Historia Nacional. Volumen III). Bogota Colombia. 1903 1 vol. broc. 25,5×17,5. 478 pags. e indice Offerta do sr. D Francisco José Urrutia, de Rogotá.

Virgen (La) de los faroles. Breve reseña historica escrita por Don Enrique Redel s/l. 1907. 1 folheto broc. 20,5×13,5. 16 pags. Offerta.

Vocabulario Macua portuguez (3.ª parte), por Antonio Camisão. s. d. n. l. 1 folheto broc. 22×15,5 sem pags. esp. Offerta do auctor.

Voorwaarden waarop de Hertog van Gulik en Gelre Soldeniers aanneemt om hem te Dienen in Zijne landen van Gulik en Gelre. Medegedeeld door P. N. v. Doorniuk (overgedrukt uit Bijdragen en Mededeelingen der Vereeniging «Gelre» deel VI). s. d n. l. 1 folheto broc. 24,5×16. Offerta.

Water-Supply investigations in Alaska, 1906-1907. Nome and Kougarok Regions, Seward Peninsula; Fairbanks District, Iukon. Tanana Region by Fred. F. Henshaw and C. C. Covert. Washington, 1908. 1 vol. broc. 23×15. 151+v pags., mappas e gravuras. Permuta.

Xiririca por Edmundo Krug. (Extrahido da «Revista da Sociedade Scientifica» de São Paulo. São Paulo, s/d. 1 folheto broc. s/c 23,5×16. 17 pags. Offerta do auctor.

27.ª Série — 1909 N.º 3 — Março

BOLETIM

DA

Sociedade de Geographia

de Lisboa

FUNDADA EM 1875

SUMMARIO

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
Rua do Diario de Noticias, 110

1909

BOLETIM

DA

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

prietario e editor—*Sociedade de Geographia de Lisboa*—Rua de Santo Antão—Lisboa
Composição e impressão na Typographia Universal
ite a Coelho da Cunha, Brito & C.ª — rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

O ALMIRANTE BAPTISTA DE ANDRADE

o pronunciado na sessão da Sociedade de Geographia de Lisboa em 2 de maio de 1902

bediencia a uma deliberação da Direcção d'esta Sociedade
e perante v. ex.as dizer algumas palavras acêrca da influen-
viços prestados á causa colonial pelo nosso chorado conso-
Baptista de Andrade, principalmente como governador ge-
oi, da provincia de Angola.
rar os serviços do grande extincto no Ultramar, é quasi tra-
oria da nossa mais rica colonia africana durante dois perio-
afflictivos da sua existencia e pôr em relevo o espirito de de-
sacrificio, que o animou na sua longa e fecunda carreira.
tos de temeridade no cruzeiro de Angola, a occupação do
a derrota dos indigenas nas guerras que se succederam e,
tudo, a defeza heroica do Bembe durante o memoravel cerco
.860 tinham cercado o nome de Baptista de Andrade d'uma
e respeito e consideração difficil de egualar.
os europeus era elle o homem valoroso, capaz de arrostar a
io com todos os perigos, mas ao mesmo tempo tendo reflexão
ia para não sacrificar ao renome d'uma gloria ephemera a
interesses dos seus subordinados. Viam n'elle um conjuncto
ões, o ideal dos governadores, de quem esperavam a pro-
seus haveres e a justiça de que tinham sêde.
os idigenas era elle o feiticeiro, o homem superior, invulne-
balas, intangivel a todos os ataques. Revestiam-no, na sua
o, de faculdades e poderes sobrenaturaes. Nada lhe resistia.
esta consagração de feiticeiro no regresso do Bembe. Le-
cêrco, retirava para o Ambriz abrindo caminho á força
o gentio ainda meio revolto. Aonde encontrava hostilidades
ra-as. Ao entrar na sanzala do soba rebelde do Engunde á
seus soldados, como sempre costumava em occasião de perigo,
em punho, um preto occulto entre as cubatas disparou

contra elle, quasi á queima roupa, uma espingarda. O gentio n-
vendo cahir morto immediatamente, como esperava, e vendo
contrario, que elle continuava a marchar imperturbavel de serenida
assusta-se, julga que tem diante de si um feiticeiro, que póde s
risco ser crivado de balas e começa a gritar *«endoque, endoque»*, o q
foi o signal de alarme para a debandada geral. Sobre este facto b
daram-se diversas lendas, que mais o engrandeceram e exaltar
aos olhos do gentio ignaro e supersticioso.

N'essa epoca reinava a anarchia administrativa na Provincia
Angola. A lei era o arbitrio, e a chibata o symbolo governativo.
nosso dominio limitava-se quasi á area dos presidios. Os sobas era
de facto os senhores da terra. A força publica, composta de degre
dos apenas desembarcados, sem ins rucção nem disciplina, era u
ameaça constante á ordem e á propriedade. As feiras tinham se t
nado fócos de desordem e rapinagem. O funccionalismo publico, d
moralisado e sem probidade, entregava-se ao commercio desenfr
damente, abusando dos seus logares e vexando brancos e pretos.

N'estas circumstancias a opinião publica, que é a voz de De
acclamava como salvador da situação o vencedor das guerras
norte, o heroe do Bembe, e levava o conselho do governo a es
lhel-o para governador geral interino, em sessão de 30 de julho de 18
Esta nomeação, porém, não surtiu o desejado effeito por ter chega
o governador geral de nomeação regia, Sebastião Lopes de Calhei
e Menezes.

O novo governador era realmente um homem de grande mer
mento e de incontestavel energia. Introduziu melhoramentos imp
tantes em todos os ramos de serviço publico, merecendo-lhe espe
cuidado a fazenda publica e o serviço militar; mas apezar das s
brilhantes qualidades de homem de governo viu se obrigado a pe
a sua exoneração em 1 de outubro de 1861, oito mezes depois de
sido revestido na suprema magistratura da Provincia, exoneração
só lhe foi concedida em 11 de agosto de 1862. Taes foram as c
trariedades e desgostos que encontrou na sua administração. Foi
tão que o governo da metropole, escutando os echos da opinião e
conhecendo os serviços e merecimentos de José Baptista de Andra
o nomeou governador geral da Provincia de Angola, por decreto
11 de agosto de 1861. A missão era tão honrosa, quanto difficil, r
o bravo marinheiro, educado na escola da disciplina e da obedien
não hesitou um momento e partiu sem perda de tempo a occupa
logar de honra que lhe tinha sido designado. A 19 de setembro as
mia o governo superior da Provincia, sendo alvo n'essa occasião
manifestação mais affectuosa e captivante, de que havia memoria,
parte da população de Loanda, que assim exprimia o sentimento de t
a Provincia. Todos estavam cançados de tantas guerras e sobresa
e todos anteviam a paz indispensavel ao progredir da Provincia c
a chegada do novo governador. Ao norte o Bembe e S. Salvador,
meio de gentio pouco submisso, sem communicações livres com
Ambriz para o seu abastecimento, precisavam ser soccorridos c
urgencia para não succumbirem por falta de recursos. Foi este

)s primeiros cuidados do governador. E' certo que os sobas avassallados estavam cançados e exhaustos de recursos por successivas equisições da auctoridade e que não havia possibilidade de obter carregadores para a expedição destinada a libertar e abastecer os postos do Congo e a conservar aquelles territorios sob o dominio da corôa portugueza. Então o governador, conscio do seu prestigio, faz um appello ao patriotismo dos habitantes de Loanda, pedindo-lhes munições e auxiliares para a expedição e tanto bastou para que todos á porfia fornecessem os carregadores necessarios e a expedição podesse partir para o seu destino a tempo do seu auxilio ser proveitoso e efficaz. A questão a léste era mais grave. A perda da feira de Cassange era um facto capital para a ruina do commercio rico do ser-ão e produzia um mal estar geral, que se reflectia em todas as ma-iifestações da vida economica da provincia. O desastre do tenente-oronel Casal ecoára dolorosamente em todos recantos do sertão e brigára-nos a abandonar os postos avançados de léste para nos ir-ios concentrar em Malange. A victoria tornara insolentes os banga-s, que sem receio atacavam e roubavam as feitorias commerciaes as comitivas. N'estas circumstancias eram precisas medidas imme-atas e energicas para evitar que a sublevação se generalisasse aos ncelhos limitrophes, pondo em risco a nossa soberanía. Por isso ıptista de Andrade, poucos dias depois de desembarcar em Loanda, stituiu o districto de Golungo Alto e nomeou governador do dis-cto e commandante da divisão em operações a léste para bater os ngalas o coronel Borges, militar experimentado e de pestigio.

Queria assim formar uma base de operações e reunir n'um só lividuo as attribuições civis e militares, para que o serviço fosse iis harmonico e a acção mais efficaz e expedita. A divisão compu-a-se de tropas de 1.ª e 2.ª linha e de guerras de povos alliados. ı tropas de 1.ª linha com pouca disciplina e menor instrucção eram 'madas na maior parte de degredados e de pretos libertos incorri-veis. As guerras auxiliares eram constituidas pelos indigenas dos vos alliados, guerrilhas da peior especie, armados de catanas, uços, porrinhos, etc., e que mais se distinguiam no saque e na hagem. Era com forças d'esta natureza que se fazia a guerra nos rtões d'Africa. Os bangalas ao terem conhecimento de que contra es marchava uma columna de 15.000 homens, resolvida a empe-ıar uma campanha decisiva para os subjugar e submetter, e que á ente do governo da provincia se achava o feiticeiro que se immortali-ra nas guerras do Ambriz, resolveram abandonar as suas povoações, ternando-se no sertão e pedir a paz mediante as condições que lhe ssem impostas. O governador geral então, ponderando todos os in-nvenientes da continuação da guerra, convencido de que todos os iumphos das nossas armas não valeriam uma paz honrosa, elle, o omem forte que passára a sua vida a fazer a guerra, que compar-lhára das mortificações da vida de campanha em paizes inhospitos, ptou pela paz agora que tinha as responsabilidades do mando e que he competia velar pelos interesses e bem estar dos seus administra-los. Só elle poderia adoptar esta deliberação sem ser alcunhado de

menos valoroso pela opinião desvairada, porque soubera escrever com sangue do inimigo os seus actos de bravura e verdadeira temeridade nas gloriosas campanhas do Ambriz e S. Salvador do Congo. Foi, pois, auctorisada a paz e, aos 29 de agosto de 1863, foi assignado no Sanze o auto da submissão do Jaga de Cassange. Concordou-se solemnemente que o Jaga seria perdoado, sujeitando-se elle e os sobas seus subordinados a obedecerem ás leis e ás auctoridades portuguezas, restituindo os prisioneiros feitos na ultima guerra e os escravos refugiados nas suas terras, indemnisando o estado e o commercio dos prejuizos soffridos, e obrigando-se ao pagamento do que os seus subditos devessem aos negociantes portuguezes. Para confirmar as condições da paz vinha a Loanda uma embaixada composta do filho do Jaga, D. Bernardo Cassua Cambumba e de mais dois potentados, Cassange Cangila e Nigolla-bole Angila. Quando esta noticia se tornou conhecida pela sua publicação no *Boletim Official* um suspiro de allivio desoppprimiu todos os peitos. Acabára a guerra, que tantas depredações causára ao commercio e á propriedade particular, sem sacrificio de vidas, nem menoscabo da honra nacional, e renascia o trabalho, as transacções, a navegação, a vida economica emfim, que por tanto tempo estivera interrompida. No dia 26 de setembro, no palacio dos governadores em Loanda, foi recebida a embaixada na sala do docel perante o governador geral, conselho do governo, chefes das repartições, officiaes militares e diversas auctoridades, e foi acceita a submissão do Jaga, sendo-lhe perdoado em nome de Sua Magestade o seu anterior e criminoso proceder. E assim ficou encerrado o periodo das guerras do Cassange que por tanto tempo prenderam a attenção do governo e abalaram profundamente os alicerces da riqueza provincial.

Poude agora o governador geral com mais tranquilidade de espirito entregar-se aos trabalhos que já tinha iniciado para a solução dos diversos problemas de que dependia o desenvolvimento e progresso da colonia que lhe fora confiada.

Ao commercio e á agricultura dedicou os seus primeiros cuidados. No intuito de evitar os vexames a que os indigenas estavam sujeitos e facilitar ao mesmo tompo o transporte das mercadorias e generos coloniaes do litoral para o sertão e vice-versa regulou o serviço de carregadores nas bases mais equitativas. Prohibiu a pratica abusiva de algumas auctoridades obrigarem os conductores de generos para o litoral a tirarem guias de transito pelas quaes recebiam emolumentos, o que provocava rixas, afugentando o commercio. Insinuou ao governo da metropole a conveniencia de modificar e regular a cobrança dos dizimos para obviar ás extorsões e violencias que algumas auctoridades exerciam sobre os povos avassallados, levando-os a emigrar para os territorios do gentio independente, com prejuizo do commercio e da agricultura. Insistiu pela adopção de novas pautas aduaneiras mais em harmonia com as necessidades da occasião. Tornou effectivas as disposições que prohibiam que os funccionarios do estado de qualquer classe ou graduação se dessem ao tracto commercial, abusando da sua influencia e estabelecendo uma concorrencia desegual com os verda-

ros negociantes. Promoveu a fundação da Associação Commercial Loanda com o fim de agremiar todos aquelles que se interessassem a exploração e troca dos generos coloniaes, de modo a estudarèm commum, as causas da decadencia progressiva das permutações 1 o gentio e a propôrem os meios de as remover ou attenuar. Emgou os seus melhores esforços para o estabelecimento da navega-, a vapor, no rio Quanza, essa importante arteria fluvial que nos pôr em communicação rapida com os centros productores mais imtantes dos concelhos de léste e estava destinada a imprimir uma a direcção á trilhada commercial, que do interior se dirigia para sta. E como complemento d'esta obra planeou a construcção d'uma a ferrea, que partindo de Loanda fosse terminar em Calumbo na gem direita do rio Quanza.

Evitava assim os perigos e incertezas da barra do Quanza para nercadorias e passageiros em transito, nos vapores da companhia, do-lhes sahida facil e segura pelo bello porto de Loanda, ao mesmo po que resolvia a importantissima questão do abastecimento d'agua ta cidade. Fizeram-se os estudos para a construcção d'este camide ferro, de 42 kilometros de extensão approximadamente, estudos se concluiram em setembro em 1863 e que mereceram a approto e louvor da repartição competente das obras publicas, em Lis-. Cabe, pois, a José Baptista de Andrade a gloria de primeiro ter visto os inestimaveis resultados que adviriam ao engradecimento Provincia, d'uma linha ferrea que desse sahida rapida e barata aos luctos do sertão, que pela maior parte não eram explorados por 1 de meios de transporte, e de ter procurado transformar em reade essa aspiração por trabalhos que se interromperam com a sua da do governo. Ainda como facto de grande importancia para o nvolvimento do commercio e da agricultura elle viu publicar, du-e o seu governo, a carta de lei de 16 de maio de 1864, auctorilo a fundação do Banco Nacional Ultramarino.

Pelo que respeita á agricultura procurou animar a iniciativa parlar, facilitando o engajamento de trabalhadores, alavanca principal todo o progresso agricola.

Aos colonos que não tinham arte ou officio que lhes proporcionasse os de subsistencia, mandou abonar terrenos para cultivarem e conirem as suas habitações, sementes, instrumentos agrarios e outros ilios indispensaveis. Desenvolveu a colonia de Capamgombe no celho do Bumbo.

Aconselhou a cultura do algodão, que a guerra da America tor-1 remuneradora, a cultura da canna do assucar, do café, do cacau, ribuiu sementes de plantas alimentares e industriaes e deu instrucpara a sua cultura. Indicou a conveniencia e as vantagens da ção de carneiros e do pastoreio nos planaltos do sul. Por ultimo eou uma comissão para promover na capital da provincia exposiagricolas e industriaes.

Um outro ramo de serviço publico que lhe mereceu a mais desla attenção, foi a hygiene e a saude publica, factores primarios da peridade material e moral d'um paiz em que as causas de morbi-

lidade e de morte são tão activas e variadas. Comprehendeu que os resultados das emprezas commerciaes, industriaes e agricolas estão intimamente ligados á saude e á vida dos colonos e indigenas e que muitas vezes os mais promettedores emprehendimentos abortam por causas de insalubridade, que não seria difficil remover. A occasião tambem impunha-se As bexigas assolavam toda a Provincia. A epidemia na sua marcha devastadora não poupava brancos, nem pretos. A população possuida d'um terror panico abandonava as senzallas. Os cadaveres pejavam os caminhos. Os doentes eram abandonados á sua sorte em logares desertos, onde falleciam sem soccorros medicos e muitas vezes á mingua. A vida economica da Provincia paralysava. Foi então que o governador Andrade affirmou mais uma vez a sua energia e força de vontade.

As providencias foram energicas e salutares. A vaccinação fez-se em larga escala por toda a parte, improvisaram-se hospitaes, fizeram se visitas domiciliarias, destruiram se focos de infecção, deram se instrucções aos chefes de concelho, instituiram-se commissões de soccorros, emfim adoptaram se todas as medidas que a philanthropia e a sciencia aconselhavam, conseguindo-se dominar a epidemia mais mortifera, que até então reinára na Provincia. A cidade toda foi beneficiada e removidas as principaes causas de insalubridade. No centro mesmo de Loanda existia um montão de cubatas, pejado de monturos e lixos, com a denominação de bairro dos Coqueiros e de Praia do peixe, foco de toda a vadiagem, receptaculo de todas as ladroeiras. Havia muito que a hygiene condemnava este antro de miseria moral e physica, mas faltava a força para o destruir. Foi José Baptista de Andrade que o mandou demolir. Em sua substituição construiu-se nas Emgombotas um bairro indigena bem traçado e espaçoso, que hoje constitue o bairro mais populoso da cidade. Os hospitaes da Provincia n'essa epoca eram o que se pode imaginar que seriam: uns casebres infectos, que mais serviam para aggravar as doenças do que para tratamento e conforto dos enfermos. Entre todos destacava-se pelas suas pessimas condições hygienicas o hospital de Loanda. Era um casa velha, mal apropriada, reunindo todas as condições proprias para o desenvolvimento e propagação das doenças nosocomiaes.

Baptista de Andrade pedira providencias ao governo, sollicitára com todo o empenho a construcção d'um novo hospital, tendo a satisfação de ver attendidas as suas instancias em portaria regia de 26 de fevereiro de 1864, sendo ministro da marinha o conselheiro José da Silva Mendes Leal, e de inaugurar os trabalhos da construcção em julho de 1865.

Via emfim iniciada a melhor das suas aspirações. Mal sabia elle, porem, que ainda d'esta vez seriam baldados todo os seus esforços. Os trabalhos continuaram com afan, é certo, por alguns mezes, mas em outubro, tendo elle retirado para a Europa, ninguem mais pensou em similhante obra. Os trabalhos foram abandonados e perdido o dinheiro que até então com elles se tinha dispendido. Tem d'estas interrupções, d'estes saltos, a nossa administração colonial. Ha uma constante falta de continuidade nos nossos processos administrativos com enorme pre-

juizo do trabalho e da riqueza do paiz. Não ha a tradição, não ha o plano previamente estudado e traçado para orientar e obrigar os que chegam. Porque se suspenderam os trabalhos da construcção do hospital, porque se poz de banda uma obra de tão urgente e imperiosa neccessidade, por todos reconhecida? Porque senão pederiam contas d'este facto? Ninguem o saberia dizer ao certo. E costume! Está nos nossos habitos e nas nossas tradições. O governador que chega, que ás vezes nem de longe viu o paiz que vae administrar, põe de banda os projectos e as obras iniciadas pelo seu antecessor, muito embora representem a satisfação d'uma necessidade publica e sejam o fructo d'uma longa experiencia e d'um perfeito conhecimento das circumstancias economicas da colonia.

Como era costume, a ninguem mereceu reparos o facto.

José Baptista de Andrade reorganisou o Recolhimento pio de D. Pedro v de modo a satisfazer a todas as condições d'asylo da infancia desvalida.

Procurou estabelecer a disciplina e a ordem nos serviços militares e melhorar a situação de todo o funccionalismo, mas ao mesmo tempo exigiu-lhe o exacto cumprimento dos seus deveres e foi inexoravel para com todos que prevaricaram. Teve por isso que destituir muitas auctoridades, que fazer processar outras, o que lhe acarretou não pequenos desgostos, que se foram avolumando nos ultimos tempos do seu governo.

Ahi ficam apontados os principaes factos do primeiro governo de José Baptista de Andrade. Ao cabo de tres annos de lucta, de contrariedades e desgostos o nosso horoe estava cansado, physica e moralmente, e precisava repousar na patria entre os carinhos da familia e as consolações da amisade. Por isso pediu para ratirar para a Europa antes da chegada do seu succesor, entregando o governo da provincia ao conselho do governo. Quando na cidade se espalhou a noticia da proxima retirada do governador geral e se affirmou que os desgostos dos ultimos tempos o tinham levado a tomar essa resolução, os habitantes de Loanda, em grande numero, correram ao palacio a manifestar-lhe a sua gratidão pelos beneficios recebidos e a pedir-lhe que ao menos se conservasse no governo até a chegada do seu succesor. A esta manifestação de estima publica, que muito o sensibilisou, respondeu José Baptista de Andrade nos seguintes termos: «Podeis crer que se o meu soffrimento fosse moral, ficava completamente curado com as vossas palavras, mas eu sinto os estragos produzidos em dezeseis annos de trabalhos na zona torrida, sendo parte d'elles com privações no sertão do Ambriz e Congo e portanto só espero melhorar indo quanto antes tratar-me em Portugal. Tenciono, pois, seguir no proximo paquete, e ouzo esperar que não vos parecerá isto ingratidão, reflectindo que o meu successor deve chegar quatro ou cinco dias depois da minha partida, e que se o esperasse teria de demorar-me mais um mez e só poderia chegar a Lisboa em dezembro ou na maior força do inverno, o que não poderia deixar de ser prejudicial nas minhas circumstancias. Rogo-vos que seja bem acceite esta sincera desculpa e afianço vos que, seja qual fôr a posição em que passe o resto

da minha vida, sempre as noticias sobre a prosperidade de Ang hão-de dar prazer ao vosso grato amigo.»

Estas palavras traduzem a simplicidade e a bondade do seu car cter. No dia 30 de setembro entregou effectivamente ao conselho governo os poderes em que se achava investido, embarcando no d 2 de outubro, com destino á metropole.

Tinha governado a Provincia durante tres annos e pela sua pr dencia e tacto administrativo soubera vencer as difficuldades do car e restabelecer a ordem e a disciplina em todos os serviços. Fora ma dado a Angola para restabelecer a nossa soberania nos territorios Jaga de Cassange e acabar com essa guerra, que se prolongava ha mais de um anno e que a todos arruinava. E com tal habilidade houve, que no fim de poucos mezes restituiu o socego e a tranquil dade á Provincia e viu resnacer as fontes da sua riqueza publica. R tirou-se, pois, coberto de bençãos e acompanhado da saudade de dos os angolenses, que viam n'elle o esteio das suas liberdades, penhor da paz que disfructavam.

São volvidos oito annos. As hostilidades no interior d'Ang manifestam-se em differentes pontos, provocadas como sempre p esbulho dos indigenas e os excessos das auctoridades. Os Demb reagem, primeiro pacificamente pedindo justiça, depois de um mo aggressivo e violento. Os impostos d'uma feira estavam arrematad por dois officiaes de 2.ª linha. Os arrematantes receberam a renda, mas poucos mezes depois quizeram receber segunda vez mesma renda. Os indigenas recusam o pagamento e dirigem-se chefe do concelho para julgar da sua razão. Esta auctoridade, em de proceder a averiguações para depois decidir o pleito com imp cialidade e justiça, mandou um cabo e dois soldados auxiliar os rematantes na cobrança indevida. Foi o signal da revolta. O gen enfurecido corta as cabeças aos soldados e espeta-as em paus, p seando-as pelas senzalas visinhas. De Loanda seguiu uma fo militar para restabelecer a ordem e proteger a auctoridade, que achava cercada. Não foi sufficiente, tendo de se organisar uma lumna para ir em auxilio do primeiro reforço. Esta columna dep de operar contra os povos rebeldes retirou, deixando no Lassa destacamento de 100 praças para manter em respeito o gentio, continuava insubmisso. Por ultimo, esse mesmo destacamento t de retirar por falta absoluta de viveres, sendo perseguido pelo i migo até á passagem do Zenza e abandonando o alferes Cid e vinte soldados, que se achavam defendendo um posto que lhes f confiado, e aonde todos foram trucidados. A noticia d'estes aconte mentos produziu grande sensação em Lisboa. Na Provincia o d alento no animo de todos presagiava grandes e futuras calamidad E' então que inesperadamente chega de Londres um telegramma pedido de S. Vicente, aonde fôra levado pelo vapor da carreira Africa, noticiando que o governador geral tinha sido desacatado aggredido em Loanda, ficando em risco de vida e havendo receio alteração da ordem publica. A noticia era grave, muito grave. Cl gou a receiar-se que a revolta do gentio tivesse vindo até á capi

/incia ou que os degredados tivessem tomado conta da cidade
iando as auctoridades. A anciedade era immensa e n'este mo-
:ritico a opinião publica apontava a José Baptista de Andrade
unico homem capaz de dominar a situação, que ainda não
hecida em todos os seus detalhes, por mais grave que se
tasse. Ao tempo era elle deputado ás côrtes. Convidado para
mmissão cheia de perigos, acceitou sem hesitações. Ia mais
z servir a patria nos climas inhospitos da Africa. Nomeado
dor geral de Angola em 13 de fevereiro de 1873, chegava a
em 12 do mez seguinte, com surpreza e satisfação de toda a
ão sendo o governador geral o menos surprehendido. A aggres-
overnador não tinha tido importancia. Fôra um facto individual,
população se conservara estranha. Os inimigos pessoaes do
dor é que o avolumaram propositadamente para alarmar a
em Lisboa. Era a politica local, cheia de odios e de vingan-
tinha preparado este lance. E conseguiu os seus fins. Se em
porém, a população estava tranquilla e entregue á sua faina
, outro tanto não succedia nos concelhos de leste. O gentio
se atrevido depois do desastre dos Dembos. No Golungo Alto
ia segurança nem de pessoas, nem de propriedade. Em al-
las divisões do concelho as correrias dos Dembos eram con-
roubando as fazendas, assaltando as comitivas e incendiando
ilas. O commercio muito soffria com este estado de cousas e
gio da auctoridade decahia a olhos vistos nos povos de alem-Zen-
ia necessidade, para assegurar a ordem, de concentrar n'um
strategico uma força militar importante, para poder acudir
idez a qualquer parte dos nossos dominios que fôsse amea-
concelho do Golungo Alto, pela sua disposição topographica
recursos materiaes de que dispunha, estava naturalmente indi-
ra esse fim. Foi pois, organisado ali um batalhão de caçado-
1.ª linha com 526 praças. Esta força manteve em respeito os
e as relações commerciaes restabeleceram-se com os povos
-Zenza. Mas o fermento de rebellião tinha ficado e não tardou
ue produzisse os seus effeitos. Um anno depois, as divisões
e Hari do concelho de Ambaca e algumas divisões do con-
o Duque de Bragança rebellaram-se, tornando-se necessario
ir uma força para bater aquelles povos e chamal-os á obedien-
operações foram pouco demoradas e bem succedidas, restabe-
-se a ordem sem difficuldade, mas as tropas soffreram muito
rigores do clima e a falta de viveres, os principaes inimigos
:ram de combater. O estado em que os soldados europeus re-
im a Loanda, confrangia o coração de todos, que os viam anemi-
ios de ulceras e cobertos de farrapos e mais arreigou no espirito
:rnador o proposito de evitar quanto possivel as guerras, que
constituido até então a base de toda a administração. Fazer
a e preparar para a guerra era a preoccupação constante de
s governadores. No meio de tantos cuidados que a pacificação
/incia lhe acarretava, não esquecia José Baptista de Andrade
assumptos, que no seu primeiro governo lhe tinham merecido

cuidadosa attenção: as questões de hygiene, as obras publicas, a viação acelerada e a agricultura. Em 10 de maio de 1873 nomeava uma commissão para conhecer das causas da insalubridade da capital, ques e tinham aggravado, e propôr as providencias conducentes a melhorarem as suas condições hygienicas. Esta commissão, além dos recursos que a camara lhe podesse ministrar, tinha á sua disposição todo o pessoal e material da repartição das obras publicas, ainda que para tal fim fosse necessario parar provisoriamente com todas as obras, que não tivessem immediata relação com a saude publica. A commissão, para dar mais rapido andamento aos seus trabalhos, foi convidada a reunir no proprio palacio do governo.

O abastecimento de agua em Loanda continuava a preoccupal-o. Em toda a parte o abastecimento de boas aguas é condição essencial para a hygiene e bem estar da população. Grande numero de doenças teem a sua origem na má qualidade e insufficiencia de agua potavel. Em Loanda a agua era de má qualidade e insufficiente para o abastecimento da população. Vinha do Bengo, em lanchas, misturada com todas as impurezas e ás vezes chegava a faltar durante dias pela agitação do mar, que impedia a sahida das embarcações pela barra do rio. Não admira, pois, que a resolução d'este problema lhe prendesse muito particularmente a attenção e que empregasse junto do ministro todo o seu valimento para o conseguir. Finalmente, em 30 de outubro de 1874, era assignado em Lisboa um contracto com uma companhia para abastecer Loanda de boa agua e em quantidade sufficiente para todas as suas necessidades. Era uma satisfação aos persistentes trabalhos do governador n'este sentido e á mais legitima aspiração de uma cidade inteira. Voltemos a fallar no hospital de Loanda. Os trabalhos de construcção d'este estabelecimento pararam com a retirada do governador Andrade em 1865. Já nem vestigios se encontravam agora das obras d'essa epocha. O tempo tudo apagára. No emtanto, as condições do velho hospital tinham-se aggravado, se aggravamento podia haver nas condições d'aquelle casebre infecto. A sua capacidade não comportava já, apesar de todas as accumulações, o movimento dos doentes, cujo numero tinha augmentado notavelmente com as praças regressadas da guerra do Duque de Bragança, que quasi todas precisavam de tratamento demorado. Além d'isso, a pulga penetrante recentemente importada do Brazil fazia estragos assustadores na população indigena, o que mais augmentava o numero de doentes. Improvisou-se um hospital no antigo quartel da bateria, alugaram-se casas particulares proximo do hospital da misericordia, mas tudo era insufficiente para receber os enfermos que de toda a parte affluiam. Foi por isso o director das obras publicas da Provincia, engenheiro Sousa e Faro, encarregado de elaborar o projecto e orçamento d'um hospital militar no local anteriormente escolhido pela commissão de 1864 e approvado de novo pela junta de saude. O projecto estava concluido em principios de 1875 e os trabalhos da construcção começaram immediatamente, antes mesmo de ter sido confeccionado o orçamento. O governador Andrade ainda poude vêr concluidas duas enfermarias durante o seu governo. O hospital oc-

cupa hoje uma area de 15:200 metros quadrados, medindo na linha de frente 100 metros por 150 na de fundo. O edificio compõe-se de seis corpos, divididos em 12 pavilhões, e separados entre si por intervallos ajardinados. E' um estabelecimento que honra o paiz e que tem merecido a admiração de nacionaes e estrangeiros. Não é obra d'um só governador, é certo, antes representa a acção constante de muitos governadores; mas a iniciativa da sua construcção pertence de direito ao governador José Baptista de Andrade e a sua conclusão ao conselheiro Ferreira do Amaral, que hoje nos preside. Ainda estava reservada para José Baptista de Andrade outra grande satisfação durante o seu segundo governo: foi o contracto para a construcção da linha ferrea de Loanda a Ambaca, assignado em Lisboa em 9 de dezembro de 1874. A's suas constantes sollicitações ia dever a Provincia esta inestimavel alavanca de engrandecimento e progresso. Ainda em 23 de março, em officio que talvez precipitasse a assignatura do contracto, dizia elle entre, outras cousas, para justificar as vantagens da construcção da linha ferrea e para mostrar a facilidade da sua construcção, o seguinte: «Estou certo que poucos annos depois de funccionar a via ferrea, o movimento da alfandega de Loanda não será inferior ao que tem actualmente a alfandega de Lisboa, e creio mais, que não hão-de passar vinte annos sem que os interesses do commercio façam prolongar a linha ferrea até ás regiões mais centraes da Africa, aos pontos aonde os agentes do commercio da costa occidental se teem encontrado com os da costa oriental. Estabelecida a primeira parte da linha, o prolongamento não ha-de parecer difficil, porque as regiões a atravessar são riquissimas, e de boa indole os seus habitantes, acrescendo a isto o serem muito melhores as condições hygienicas no interior do que no littoral. Sobre os meios para se levar a effeito este projecto, já n'outros similhantes tenho emittido a minha opinião de que julgo muito preferivel entregar-se isto á iniciativa particular, porque o governo sempre tem maus elementos de fiscalisação, não póde dispôr de quantias tão avultadas e levantando-as a juros estes absorvem os rendimentos da Provincia; e pelo menos emquanto as obras não estiverem completas, deve contar-se com grande transtorno nas finanças.» Já não queria o caminho de ferro só até Calumbo, cujo fim principal era o abastecimento de agua na cidade, agora assegurado pelo contracto acima referido. Queria o caminho de ferro de penetração, que partindo de Loanda levasse a effectividade do nosso dominio aos confins da Provincia, assegurando-nos a exploração e o commercio das ferteis regiões da Lunda, productoras de borracha e, talvez quem sabe, permittindo-nos a fixação da nossa raça em alguns planaltos menos insalubres do interior. Sonhava para Loanda o emporio commercial da região do sul do Zaire, sonho que infelizmente se não tem podido realisar. A's obras publicas da Provincia deu todo o desenvolvimento compativel com os recursos que dispunha, e que muito produziam pela fiscalisação e economia com que eram administrados. Elle visitava e inspeccionava pessoalmente todos os dias as obras publicas da capital da Provincia, merecendo-lhe particular interesse a construcção do hospital e a am-

pliação da alfandega, que era insufficiente para o trafego do porto, que dia a dia augmentava. Construiram-se edificios para repartições publicas e residencia dos governadores de Benguella e de Mossamedes. Repararam-se estradas, desobstruiram-se rios, procuraram-se emfim todos os meios de facilitar as communicações. Uma questão, porém, sobrelevava a todas pela sua importancia, pelos interesses que a ella estavam ligadas. Era uma questão de vida ou de morte economica para a provincia. Era a questão do trabalho obrigatorio. Não vinha longe a epocha em que seria extincta a condição servil dos libertos e era preciso com antecipação estabelecer as relações que se deviam manter entre trabalhadores e patrões, de modo a attender não só os direitos d'aquelles, mas tambem os legitimos interesses da agricultura e do commercio, para bem de toda a riqueza publica. O governador compenetrado bem das responsabilidades que lhe podiam advir, e desejando contribuir com grande somma de informações para a resolução d'este importantissimo problema, nomeou uma numerosa commissão, composta dos individuos mais conhecedores e conspicuos da cidade, para estudar a questão do trabalho e formular os regulamentos que mais convenientes lhes parecessem para o fim que se tinha em vista.

Esta commissão desempenhou-se cabalmente do encargo que lhe fôra commettido, e n'um projecto de regulamento do trabalho, apresentado em 28 de março de 1875 e precedido d'um luminoso relatorio, traçou as bases em que deviam assentar as relações entre serviçaes e proprietarios, assim como a tutela bemfazeja a que os indigenas precisam estar sujeitos. A suppressão do trafico da escravatura produzira graves perturbações no commercio, na agricultura e no modo de sêr geral da Provincia; mas o tempo operava a transformação dos costumes, ainda que lentamente, e o trabalho começava a entrar na normalidade. Era preciso agora, para evitar nova crise com a suppressão do estado servil, fazer comprehender aos indigenas os direitos e os deveres de homens livres e incutir-lhes no animo que a liberdade não era a vadiagem e que, antes pelo contrario, n'uma sociedade bem constituida todo o cidadão tem a obrigação do trabalho. Era preciso crear-lhes necessidades e chamal-os ao trabalho pelo salario e pela tutela, quando a preguiça e a indolencia os deixassem indifferentes a todos os estimulos.

A Provincia não tinha falta de braços, mas apesar d'isso na transição que se preparava, as propriedades agricolas podiam ficar abandonadas, se as auctoridades não comprehendessem os seus deveres na difficil conjunctura que se ia atravessar. O governador deu as instrucções precisas para prevenir grandes abalos na riqueza publica e comtudo alguns dos seus delegados pareciam apostados pelo seu proceder em lhe contrariarem os intentos. Houve necessidade de empregar o rigor das leis para com elles e veio como consequencia natural a reacção dos interesses feridos, creando uma opposição surda aos actos da auctoridade, que depois pagou a aggressão violenta e apaixonada. Na junta de fazenda appareceram então irregularidades graves com desvio dos dinheiros publicos, o que levou

o da metropole a adoptar medidas excepcionaes de rigor para
r os deliquentes. De Lisboa fôra um funccionario superior do
rio da marinha inspeccionar os serviços da fazenda e desco-
ibusos e fraudes, que compromettiam muitos funccionarios. O
) bondoso de José Baptista de Andrade afligia-se com estes
que lançavam na desgraça muitas familias ao mesmo tempo
influencia do clima lhe ia minando a sua constituição athle-

' fim adoeceu, tendo de retirar de Angola antes da chegada do
ccessor, e entregando o governo ao conselho governativo em
maio de 1876. Deixava a provincia em plena paz, apezar de
r reoccupado os Dembos militarmente por o julgar inoppor-

ındo assumiu o governo em março de 1873, a situação do con-
do Golungo Alto, segundo um relatorio da epoca, era a se-
: 22 sobas por instigações dos potentados dos Dembos em
sta rebellião contra a nossa auctoridade, sendo 4 da 1.ª divi-
! da 2.ª e 6 da 7.ª. Os sobas que se conservavam fieis, não ti-
ım momento de socego e muitos haviam abandonado as suas
os soldados moveis estavam relaxados e as companhias des-
ıadas, a tropa de 1.ª linha, composta de contingentes de diffe-
corpos tinha tocado a meta da desmoralisação, da nudez, da
ı e do desanimo por causa dos mal succedidos negocios dos
s; os estafetas do correio não transitavam pelos caminhos
ados; emfim, o estado do concelho e mesmo do resto da parte
da Provincia era o mais anormal possivel.
medidas adoptadas pelo governador para reprimir esta desor-
ram tão sensatas e adequadas que em poucos mezes os sobas
s vinham pedir perdão e jurar novos actos de vassalagem, o
ıo era restituido aos seus antigos limites e a força publica,
ıisada e disciplinada, tornava-se uma garantia para a auctori-
para a administração. Os Dembos entregavam-se á cultura
ı dos seus arimos, vindo aos centros commerciaes permutar
productos e contribuindo para o abastecimento dos concelhos
s, sem por qualquer fórma nos hostilisarem. A' fome succedia
dancia e por toda a parte renascia a ordem e a tranquillidade
. Esta transformação operou-se gradualmente sem, violencias
guerras sangrentas e inuteis. José Baptista de Andrade admi-
a provincia de Angola como um pae administra o patrimonio
s filhos: com justiça, com economia e com amor. Os que vi-
ıis de perto a sua obra colonial, é que pódem avaliar os impor-
mos serviços que prestou na administração de Angola, e isto
clamos, sem festas, quasi em silencio, como quem cumpre
naturalmente o seu dever, sem que por tal mereça louvores.
ı de poucas palavras, reflectido, de heroismo tranquillo deixava
factos fallassem por si e que attestassem aos vindouros os
itos. Retirou-se da Provincia, como elle diz no discurso de des-
com a consciencia tranquilla por ter feito quanto estava ao
ance para cumprir com os seus deveres, fazendo votos para

que Angola em poucos annos ficasse em tudo a par das provincias mais ricas de Portugal. Depois da sua chegada a Lisboa continuou ainda por largos annos a influir nos destinos não só da Provincia de Angola mas tambem nos de todo o nosso dominio colonial. Como vogal da Junta Consultiva do Ultramar, como deputado e como par do reino, collaborou em todos os diplomas relativos ás provincias ultramarinas. A sua longa experiencia das cousas africanas, a sua seriedade de caracter e o seu civismo nunca desmentido, davam ao seu conselho uma auctoridade que se impunha ainda aos menos respeitadores.

Mesmo de longe e já n'uma edade muito avançada informou-se sempre com interesse de tudo que se relacionava com a sua querida Provincia de Angola. Acompanhou sempre todas as suas manifestações de progresso e engrandecimento e os principaes actos da administração ultramarina. Via com immenso jubilo que as receitas que em 1875-76, epoca em que deixara a provincia, eram de 566 contos se elevavam em 1900-901 a 1 781 contos e que o movimento commercial se elevára de 5 mil a 15 mil contos no mesmo espaço de tempo Estes resultados, dependentes de differentes factores, representam incontestavelmente um grande progresso em todas as manifestações da riqueza publica. Via tambem que o nosso dominio se ampliava e consolidava nos confins mais afastados da Provincia.

Assim estava creados ao norte e occupado o districto do Congo, tinhamos postos militares em Maquila do Zombo e na confluencia do Cuilo com o Quango e um outro posto n'esse mesmo rio fronteiriço a Muene-Puto Cassongo. No districto de Loanda o telegrapho passára a região do Marquez de Mossulo, ha longas annos insubmisso, e do Dondo fôra a Novo Redondo por Calulo e o Amboim sem a menor opposição do gentio. A léste tinha-se installado o districto de Lunda e os nossos soldados achavam-se aquartellados no Quella Cafuri, Lui e Quango, com tres postos avançados além-Quango no Loremo, Mussuco e Lola. No districto de Benguella e seus confins orientaes estabeleceram-se os postos de Nana-Candungo e Caguengue no alto Zambeze. Mais ao sul occupavamos a região dos Ganguellas e Ambuellas com os fortes Maria Pia, Amelia e Cassinga.

Por ultimo no districto de Mossamedes crearam-se as povoações maritimas de Porto Alexandre e Bahia dos Tigres, ao mesmo tempo que a raça branca se fixava nos planaltos da Huilla e as missões catholicas levavam os seus missionarios até aos povos sanguinarios do Cuanhama e Cuamato. A locomotiva punha os sertões de léste ás portas de Loanda, esta cidade estava abastecida de agua, o seu hospital estava funccionando com applauso geral, o seu porto estava dragado e dotado com uma doca de reparações, o cabo submarino aproximava nos da Europa, as linhas de navegação multiplicavam-se e o telegrapho terrestre abrangia na sua rede os pontos principaes de occupação. Todos estes melhoramentos materiaes, instrumentos indispensaveis do progresso, representam a força viva da expansão da nossa raça, tantas vezes posta em duvida, e realisavam em parte as aspirações colonisadoras do nosso saudoso consocio. Pensava elle que

a epoca da conquista tinha terminado para a nossa possessão do oeste africano e que tinha chegado o momento de tomarmos posse da terra, revolvendo a pela charrua, dominando-a pelo caminho de ferro, cujo, poder de conquista é superior ao de todas as expedições militares, por mais aperfeiçoados que sejam os seus instrumentos de destruição e de morte. Que não é a ferro e fogo que se civilisam os indigenas, e se lhes mostra a suavidade dos nossos costumes, mas sim educando-os pelo trabalho e illuminando-lhes o espirito pela instrucção. Que, quando não fosse por philantropia ao menos por interese não deviamos exterminar os pretos, porque a terra nos tropicos, não podendo ser trabalhada pelos brancos, só os pretos a pódem valorisar. O dominio pela força e pela oppressão cria o odio de raça pela prosperiridade da raça dominadora á custa do empobrecimento da raça vencida e é uma iniquidade social.

Os indigenas não pódem de um salto passar do estado barbaro ao estado de homem civilisado, nem esta transformação é obra d'um decreto, mas pódem e devem ser compellidos ao trabalho, que os educa e eleva, e a receberem a instrucção compativel com o seu desenvolvimento intelectual para percorrerem as étapes da evolução social. Para que a nossa administração seja fecunda, devemos estudar a lingua, os costumes e a indole dos povos indigenas que queremos dominar, para entendermos as suas queixas, ouvirmos as suas reclamações e procedermos de harmonia com os seus usos, quando não offendam as leis geraes da humanidade. Quantas guerras, quantas violencias se podiam ter evitado assim.

Ao n.º 3 de um questionario formulado pelo sempre lembrado ministro das colonias, João de Andrade Corvo, que dizia assim: «Porque modo se póde attender sem inconvenientes para o dominio portuguez aos usos e tradições pelas quaes se governam os indigenas?» respondia José Baptista de Andrade: «Auctorisando os sobas avassalados a decidir as questões entre o seu povo, reservando para as nossas auctoridades só as que não envolvam unicamente gentios da jurisdição dos mesmos sobas.»

É a base de toda a boa administração o conhecimento dos costumes e das ideias dos indigenas.

Nada de leis portuguezas para quem não tem cerebro para as digerir, nada de assimilações impossiveis. A raça branca levou de vencida os indigenas da America do Norte e da Australia, mas em Africa as condições climatericas tornam-na menos resistente que as raças de côr, vedando-lhe os trabalhos agricolas. Os indigenas não teem só deveres a cumprir, teem tambem direitos a usufruir.

Devem por meios directos ou indirectos ser compellidos ao trabalho, mas devem tambem gosar dos benesses da civilisação e serem admittidos nos cargos publicos, quando tenham habilitações e competencia para bem os desempenhar. Ao missionario moderno, aquelle que em vez de fanatisar, ensina a cultivar a terra, a edificar a cubata com hygiene e conforto, a aproveitar os elementos da riqueza natural, pertence um papel preponderante n'esta transformação social. Para bem aproveitar o nosso dominio colonial é preciso primeiro que

tudo fazer o inventario das suas riquezas naturaes. É preciso em primeiro logar nomear missões de estudo para conhecer o valor das terras, os productos do sub-solo, as essencias florestaes, a importancia da fauna, a navigabilidade dos rios. Ao mesmo tempo montar o machinismo economico, construindo caminhos de ferro, abrindo estradas, desobstruindo rios, facilitando as communicações e garantindo a propriedade e a segurança individual.

N'esta ordem de ideias, parte das verbas gastas com a força armada seria empregada em obras publicas, e as Provincias criariam receitas para as suas emprezas locaes. A immigração viria então livremente sem necessidade de subsidios pecuniarios nem de qualquer ordem, e os ensaios de colonisação deixariam de ser infructiferos, como até hoje tem succedido. Como complemento d'estas medidas as colonias teriam leis simples e claras, pouco numerosas para serem facilmente comprehendidas e por todos acatadas e cumpridas.

Fixar-se-hia por muito tempo o seu regimen economico, para que á sua sombra os capitaes se podessem abalançar a emprehendimentos de vulto, sem receio de surprezas do dia de ámanhã. As manufacturas da metropole teriam um tratamento protector, como é justo, mas em compensação os productos das provincias ultramarinas teriam tratamento egual nas alfandegas do continente do reino e ilhas adjacentes. Os coloniaes deixariam de ser tratados como estrangeiros ou cousa parecida, para serem considerados como filhos da patria commum, que para todos é mãe carinhosa. A' iniciativa particular deve Angola a valorisação das suas terras e o seu trafego commercial, e maiores beneficios lhe poderá dever, se houver leis de fomento estaveis e equitativas. Quanto mais equitativas forem essas leis, quanto mais suaves forem os laços que unirem as colonias á metropole, quanto mais reciprocos forem os interesses, mais duradouro será o pacto colonial e mais bemquisto será o nosso dominio.

A escravidão economica, por mais fortes que sejam os seus grilhões, é que não tem força para conservar ligadas á mãe-patria as possessões ultramarinas. Os nossos coloniaes vão ao Ultramar, não em passeio de recreio, mas fertilisar a terra com o suor do seu rosto, com o seu sangue, arrostando todos os perigos e privações para abrir com tenacidade invencivel novos mercados aos productos do seu paiz e levar a nossa influencia aos sertões mais internados. Alguns enriquecem, e ainda bem, mas por cada um que volta rico, quantos succumbiram no campo da lucta e tiveram como premio do seu esforço a sepultura rasa sem as consolações da familia e até sem as da religião. Quem não compartilhou d'estes perigos, d'estas horas de angustia, não os comprehende, nem os adivinha. As riquezas tão rudemente accumuladas vêem depois em emprezas de toda a ordem contribuir para o progresso e expansão da metropole. Merecem, pois, as fortunas dos coloniaes, com tanto risco adquiridas, o respeito e a protecção dispensada aos haveres dos habitantes da metropole como elementos da fortuna publica, e a boa razão e a boa politica aconselham que as colonias sejam consideradas como membros importantes do nosso organismo economico e não como mercados exclusivos dos nos-

sos productos continentaes. E assim se organisaria um plano de solidariedade economica mais efficaz para o nosso dominio colonial do que todas as medidas repressivas para o manter em submissão. Alem de que a capacidade consumidora de todos os povos é egual á sua capacidade productora, e se a capacidade productora dos indigenas, já de si limitada por indole e pelas guerras, fôr contrariada por disposições legislativas, fraco mercado encontrarão as nossas manufacturas nas colonias.

São estas as linhas geraes do plano de administração colonial que José Baptista de Andrade sempre defendeu e que procurou pôr em execução, na parte que lhe dizia respeito, emquanto esteve investido na suprema magistratura da provincia de Angola. A morte de José Baptista de Andrade roubou aos filhos d'esta colonia um dos seus mais sympathicos e desvelados protectores.

Por isso os echos da tradição repetirão por largos annos ainda as expressões com que os indigenas apreciavam o seu governo: «José Baptista de Andrade foi um bom governador, José Baptista de Andrade foi um governador bom».

RAMADA CURTO

OS VULCÕES DAS ILHAS DE CABO VERDE E OS SEUS PRODUCTOS

(Continuado da pag. 64)

O Tope da Corôa

Passo agora a tratar da parte mais interessante da ilha que apresenta tambem as maximas altitudes; quero falar da parte occidental. Não é possivel fazer uma estricta separação d'esta parte da que já foi tratada, e isso por causa da conformação topographica, pois que o declive do norte está tão confundido com aquelle que acaba de ser estudado, que não é possivel indicar a linha de demarcação. A parte do sul e do sueste é pelo contrario muito mais limitada e todas as observações levam á conclusão de que, com bastante approximação, a Ribeira das Patas é o limite de ambas as partes.

O mesmo se vê olhando para o mappa, que é na verdade pouco perfeito. Ao occidente d'este valle a montanha já toma um outro caracter; a crista mais ou menos larga que até agora foi observada, desapparece inteiramente do outro lado da depressão de que tratamos, e dá logar a uma montanha bastante circular, no topo da qual apparece uma planicie. E' esta a montanha do Tope, uma das mais interessantes ruinas de vulcões.

N'esta montanha podem distinguir-se duas partes, acima do Tope da Coroa e do seu terreno anterior. E' sómente pelo occidente que o Tope se precipita; para o norte, léste e sueste estende se no sopé do declive, a uma altura de 1630 metros, uma planicie alta, com-

numerosos cimos independentes, que para o sueste é circumdada por uma cintura de montanhas. Os declives d'esta planicie para o norte são menos escarpados e tambem aqui o declive do norte mostra formas mais brandas que no declive de sul.

O ultimo apresenta muitas semelhanças com o declive da Lagoa Achada e das Aguas Caldeiras. Nos flancos (de principio escarpados e que mais abaixo se aplanam) encontram se numerosos cones, parte arruinados, parte em melhor estado de conservação; estes cones encontram-se tambem no sopé da montanha, como veremos. O declive para sueste é extraordinariamente escarpado, isto é para o lado do valle da Ribeira das Patas que já foi diversas vezes mencionado. Estes declives são em geral escarpados, quasi verticaes, e ha ahi esplendidos fundos que não tem menos de 800 metros.

Da parte superior da Ribeira das Patas, que é habitada e cultivada e que forma uma planicie alta de cerca de 2 kilometros de diametro, vê-se muito bem a estructura das massas pedregosas circumvizinhas. Este circo é rodeado, na semi-circumferencia, por paredes pedregosas escarpadas, ao cimo das quaes se levantam as pequenas crateras do Covão, do Cyro, das Losnas que mencionarei adiante; para o nordeste vê-se esta depressão em que já fallamos que separa as massas da montanha do Tope das massas de Maroços. Tambem n'esta parte o declive é muito escarpado, em quanto que no sul o valle se abre; para léste uma crista que não é muito alta, separa o valle da Ribeira dos Bodes.

O declive oriental da montanha do Tope mostra uma successão regular de camadas de lava de diversas espessuras que são separadas por pequenas camadas de lapilli, de tufo e de pedra pomes.

A disposição das camadas é em parte convulsionada, mas em geral ellas são quasi horizontaes; entretanto no lado norte a inclinação para o norte é muito visivel, e, para o sul mostra se tambem uma inclinação no declive opposto.

Sómente no declive para o occidente é difficil dizer se ha uma inclinação para léste. Numerosos veios, especialmente com o desvio anterior mencionado, atravessam o conjunto, ora em todas as direcções, ora quasi horizontaes, ou formando diversos angulos com a vertical ou mesmo em vertical.

Sobre as massas de lavas mencionadas mostram-se claramente em cima as camadas mais novas de pedra pomes e as lavas e as escorias que foram fornecidas pela cratera mais pequena que se encontra em cima.

O fundo do circo de Patas é em parte ondulado, em parte plano, e mostra alguns terraços separados em nivel d'alguns 30 metros que estão cobertos de entulhos. Estas massas teem muitas vezes modificado o terreno e não pouco contribuiram para isso novas erupções de pedra pomes; estas erupções de modo bem claro tiveram logar depois da formação do circo. A caldeira está isolada na sua parte inferior por um grande cone, o Monte Silva, que ainda mostra os vestigios d'uma abertura de cratera que é de pedra pomes e que tambem tem fornecido uma corrente de lava (limburgite). Tambem na margem de

léste podem ver-se frequentemente vestigios de erupções de pedra pomes que teem coberto o declive para a Ribeira dos Bodes. Estas camadas tem se depositado depois da formação da caldeira.

Até que ponto as erupções fornecidas por ellas contribuiram para a formação do circo e mesmo se o circo deve a sua forma a forças vulcanicas, será com mais proveito discutido no fim do capitulo.

Para o nordeste a montanha do Tope não é bem separada do outro valle da ilha. Na Ribeira Marziana pode-se já deduzir da disposição das camadas que as correntes de lava que se apresentam no valle, devem ainda ser contadas para a montanha de Tope. Mas, se as massas da Ribeira da Cruz contribuiram para a formação d'esta montanha do Tope, para mim, até hoje, isto não pode estar resolvido com certeza. A presença de veios que d'outra forma não se encontram na montanha do Tope, propriamente dita, torna isto pouco provavel. Da Ribeira Marziana vae-se por escarpas para a planicie que n'esta parte se chama Achada Balbo e aonde os mais recentes productos de erupção são bem visiveis.

O declive da montanha para o norte é muito regular; sómente no sopé se encontram algumas pequenas crateras secundarias. Para o occidente o declive é muito escarpado; um valle rico em agua, muito fundo, extraordinariamente estreito e inaccessivel, a Ribeira do Tarrafal do Monte Trigo, divide o declive do sul do occidente; aqui vêem-se em todas as partes as camadas de lava na direcção para oeste com inclinação de cerca de 30°. Em nenhuma parte se vêem veios. O declive do Tope para noroeste é o mais alto; aqui o cimo cae immediatamente para o mar e os angulos de inclinação dos contornos oscillam entre 30°-40°; é sómente para a ponta noroeste da ilha que a inclinação é mais suave.

Vê-se, portanto, que a inclinação da montanha calculada da planicie alta, com a excepção do escarpado declive para a Ribeira das Patas, aonde evidentemente o primeiro declive foi destruido, é approximadamente egual em todas as partes; sómente aonde a montanha se abaixa do alto cimo do Tope para o mar, é que ella é mais escarpada.

Passemos agora a considerar a configuração e a constituição geologica da planicie alta.

Subindo do nordeste, p. ex. na Ribeira Marziana, chegando acima sem ter encontrado qualquer crista d'alguma importancia, encontramo-nos subitamente na planicie alta que aqui se chama Achada Balbo; para o sul esta planicie é limitada por diversos cones, dos quaes o mais importante tem o nome de Cyro e que é visivel na altitude do declive escarpado da Ribeira das Patas; junto d'este encontram-se diversos cones proximos sem vestigios certos de crateras que se levantam a cerca de 200 metros sobre a planicie. Para léste a Achada Balbo é sómente circumdada por alguns baixos cones de pedra pomes que já foram consideravelmente modificados pela erosão. Finalmente, para o occidente a planicie é limitada pelas montanhas que se elevam brandamente e que são as ramificações do Tope da Coroa. Como se pode facilmente imaginar, a Achada Balbo não mostra uma perfeita hori-

zontalidade, porque a erosão tem produzido na extremidade norte uma pequena depressão do nivel; diversas fendas, produzidas pela agua, de uma profundidade de 5—20 metros percorrem esta superficie n'uma direcção noroeste.

Emquanto á composição geologica d'esta, nós encontramos na margem de noroeste e na margem do norte escorias de basalto e de pedra pomes.—Dentro das fendas produzidas pela agua observam-se lavas de cerca de 10 metros de espessura de côr azul-cinzentada e que se inclinam muito brandamente para o noroeste; acima das lavas ha pedra pomes amarella e castanha visivelmente acamada; as diversas camadas teem uma espessura de 0,3 até 1 metro; muitas vezes ha 20 que são dispostas umas sobre as outras. A pedra pomes d'estes depositos é geralmente fibrosa e não granulosa, havendo fragmentos de todas as dimensões desde a grossura de noz até a grossura de uma cabeça. A Achada Balbo mostra forma elliptica, alonga-se na direcção do norte para o sul, e ajunta-se pouco a pouco a uma segunda planicie que se chama o Campo Grande.

Esta planicie começa entre a cratera Panella Quente, marcada no mappa, e o vulcão Cyro fronteiro. Aqui o terreno sobe lentamente poucos metros para o sueste. A planicie entre as duas montanhas tem a largura de cerca de $^1/_3$ de milha. Atraz da pequena cratera Panella Quente e de cratera a que eu dei o nome Monte Luiz, continua-se a planicie até proximo da cratera Siderão. A planicie tem um diametro de cerca de 0,45 milhas, mas atraz da cratera Panella começa uma suave elevação de 10—25 metros sobre o ponto mais fundo. O Campo Grande estende-se do vulcão Panella Quente até ao declive do Pico das Losnas, como tambem da Panella do Pasto até á margem escarpada do Monte Covãosinho. As partes septentrionaes do Campo Grande mostram uma suave elevação a cerca de 10 metros para o noroeste, emquanto que do outro lado da Lagoinha ha uma pequena depressão para o sudoeste. As dimensões são, na direcção Panella Quente—Losnas, de cerca de 0,85 milhas, e das duas pequenas crateras na embocadura do valle de Tarrafal até ao Cyro quasi a mesma distancia. Esta planicie que não é exactamente plana por toda a parte, é interrompida por diversos cones de varias dimensões e altitudes.

A pequena cratera Panella Quente é approximadamente circular; o diametro d'ella é de cerca de 50 metros e a profundidade de cerca de 20 metros; tem uma forma conica regular e consiste em escorias pretas de pyroxenite.

A cratera que denominei Monte Luiz, é um pouco mais baixa e está arruinada para o sueste; tambem consiste em escorias e junto ha uma pequena cratera completa, sem abertura, de cerca de 15 metros de altura.

A sudoeste do Monte Luiz eleva-se o monte Phileno, um regular cone de escorias, e mais longe ha umas outras escoriaes, que lhe estão ligadas.

No sul ha uma pequena serra com dois cimos, o Monte Carneiro, que tem uma estructura similar. O solo da planicie consiste de lavas.

espessura muito pequena (limburgite e nephelinite), cuja inclinação stra que derivam do vulcão principal; o solo da planicie conte de tufo castanho e de delgadas camadas de pedra pomes.

No proprio Campo Grande elevam-se agora 2 altos cones; um, a collina de pedra pomes com uma pequena e pouco funda cratera; a collina é muito escarpada e alta (a altitude é de cerca de 120 tros sobre a planicie). Este cimo, que se chama Renha Perna, tem ıbem fornecido duas pequenas correntes de lava, mas que mal estendem alem do cone. A segunda montanha, o Morro Atravessado, ı uma forma elliptica e mais abaixo para o sueste é a sua antiga tera, já modificada pela erosão e consiste de tufo amarello e de ra pomes. A planicie, ao sul d'estas duas montanhas, tem o nome Campo do Morro Atravessado. D'ella eleva-se um pequeno cone que está meio destruido e que forneceu uma pequena corrente de lava ı pyroxenite, a Lagoinha. D'este ponto para o sudoeste abaixa-se pouco o terreno até dois pequenos cones de escorias, onde começa ɔ declive mais escarpado. Nas fossas do Campo Grande que mosn muitas vezes uma profundidade de 10 e mais metros, pode-se ito bem observar a estructura; tambem aqui se vêem de novo lade 4 a 8 metros de espessura inclinar-se muito brandamente para ıoroeste. Observam-se tambem camadas muito delgadas e muito inctamente dispostas umas sobre as outras, de pedra pomes amaa e castanha. Quanto á constitução petrographica percebem-se muivariedades. No logar chamado Biscouto colligi nephelinite e limbur-, e mais acima, para o Pico das Losnas, basalto com tephrite e ı phagioclase; na primeira localidade encontrei muitas ejecções de ite e olivine. Os ultimos mineraes não são em conglomerados graɔsos, mas em crystaes.

No Campo Balbo e no Campo do Morro Atravessado encontram-se to frequentemente ejecções de grãos grossos, syeniticos; são espemente os ultimos, que mostram muita escoria, que podem indicar antigo chão da cratera.

Tratemos agora da circumvallação sueste, da planicie alta. Do o, um cone meio destruido de 100 a 150 metros, que é disposto declive para a Ribeira das Patas (cone que não está incluido no ɔpa de detalhe), estende-se uma coroa de collinas para o ponto mais , o Pico dos Losnas.

As crateras mais perto do Cyro não estão bem conservadas, mas cones meio arruinados ou indistinctamente conservados que conem em pedra pomes e tufos. A pedra pomes cobre toda esta parte ao declive escarpado da Ribeira das Patas. Algumas d'estas cras forneceram pequenas correntes de lava, como o Lenhal, no lado loeste do qual se encontra uma rocha composta de pyroxene com iores crystaes de hauyne.

Ao Lenhal junta-se a cratera maior do Covão, emquanto que ha fronte d'esta serra uma serie de pequenos cones ligados que tamm são formados de pedra pomes e tufo.

O Covão é uma cratera não inteiramente redonda, um pouco liptica, de cerca 30 metros de profundidade e 500 metros de com-

primento: a parede da cratera sobe muito suavemente do exterior e eleva-se sómente a cerca de 30 metros sobre o Lenhal e o seu promontorio occidental. Consiste n'um tufo particular que é principalmente formado de hauyne, augite e nepheline. O Covão tambem forneceu correntes de lava da mesma composição que se podem observar para o sul e para o occidente.

O declive do Lenhal e do Covão para a Ribeira das Patas não é muito escarpado, porque ha diversas collinas de pedra pomes que produzem um terreno ondulado. Do Covão para o Sul vemos primeiro diversas collinas de pedra pomes; depois chegando-se ao Pico das Losnas vê se uma crista alta, comprida e estreita, que se precipita de modo escarpado dos dois lados e que, em contraste com as massas de pedra pomes consideradas até agora, consiste de lavas. Aqui tambem não ha nenhum traço de cratera, na crista encontram-se numerosas escorias, nos declives massas de lava e muito pouco tufo ou pedra pomes entre ellas.

A léste do Pico das Losnas, no declive, vê se uma pequena planicie, da qual se eleva um pouco mais abaixo um grande cone elliptico *de pedra pomes e de tufo*, *a Achada das Losnas*, mas não está indicado no mappa. Ao Pico liga-se uma collina que consiste de tufo e lava, a que chamei Monte Ella; tem uma disposição em camadas regularmente alternadas de tufo e lavas. A crista de circumvallação abaixa-se de modo visivel para o sul.

Chegamos agora ao Campo Redondo que é muito mais baixo. E' este uma caldeira elliptica, cujo eixo maior tem um pouco menos de 1,6 kilometros, e que é circumdada por uma circumvallação de approximadamente 30 a 50 metros. Mas os declives d'esta não são de modo algum escarpados como para as crateras que temos visto até aqui, mas fortemente modificados pela erosão, lavados e desnivelados; numerosas fossas de agua contribuiram para a modificação da forma primitiva. O declive da circumvallação para o lado do Campo é muito mais brando e egualmente destruido.

Encontra-se aqui, especialmente para a pequena meia-cratera, no occidente, uma gradual transição para a planicie. Esta circumvallação comprehende tufo amarello, branco e vermelho-castanho, e pedra pomes e lava, que tambem se encontram no solo da cratera. Mas no declive occidental, para o mar, declive que é muito baixo, encontram-se sómente mais poderosas correntes de lava. Aqui começa o declive para o mar, que é bastante suave. Deste declive disfructa-se uma explendida vista sobre as ilhas do archipelago do Cabo Verde e tambem sobre a costa sueste da ilha.

É preciso notar que já na planicie se encontram escorias e lava. Na altura da parede da cratera ao sueste está a entrada d'uma grande caverna que se estende bastante para baixo; lembra, em muitos pontos, a caverna antigamente descripta e desenhada por Hartung [1], mas é de dimensões mais pequenas que esta. Ainda que o Campo Redondo e a circumvallação já estão de algum modo modificados pela erosão,

[1] Die Azoren, Atlas.

o me parece haver duvida que este Campo Redondo apresenta uma atera de maior tamanho e que esta grande caldeira não é acaso de-da a uma erosão.

Ao occidente do Campo Redondo eleva-se uma serie de menores maiores cones e de crateras, já em parte destruidas, que formam 1 terreno difficil de representar, o que se dá em toda a parte supe-r do declive para o mar que começa aqui; na direcção para a Ponta Sul e para a bahia de Tarrafal encontram-se as partes mais altas declive, interrompidas por numerosos pequenos cones muito der-idos.

Aqui temos a Panella do Pasto, um grande cone de tufo de 100 á 150 metros de altura, que apresenta um outro mais pequeno, me-de destruido com cratera indistincta; depois ha um pequeno cone m escorias, tambem meio destruido. Atraz d'este ha um cone maior qual se ligam, no declive para o mar, outros ainda.

Ao occidente da Panella do Pasto começa o declive para o valle Tarrafal; alem dos dois pequenos cones gemeos que, consistem de es-orias, ha approximadamente outros seis que se elevam a 20-100 metros nmediatamente perto da margem da planicie alta, e tambem nas mes-as condições se vêem crateras meio destruidas; caminhando para aixo no declive, encontra-se ainda um grande numero de taes cones, uitos dos quaes não só mostram escorias mas tambem maiores rrentes de lava. Esta parte do declive tem muita semelhança com declive sul da parte oriental e media da ilha, como já foi indicado ais atraz.

Agora vamos tratar da descripção da montanha do Tope. Por traz vulcão Panella Quente começa uma suave elevação de terreno que percebe tambem na direcção sul no Monte Carneiro. O declive do pe vae até ás duas montanhas e depois até ao Campo Balbo. Mas a opria subida sob um angulo de 30° começa sómente a 0,5 kilome-s da Panella Quente e immediatamente pela parte de traz do Mon-Carneiro. O declive do noroeste é o mais suave. Diversas collinas quenas, o Figueiral e outras, elevam-se na mesma forma e, pouco pouco, o terreno sobe até á cratera Siderão que está proximo da rgem escarpada. E' uma cratera bastante grande de 60 a 80 me-s de profundidade e de 0,8 kilometros de diametro que tem cerca 100 metros de altura para o lado do noroeste. Na margem do nor-te esta cratera é ligada a um pico um pouco mais alto que con-e de massas de lava fendidas e que desce em declive escarpado para lanicie. A cratera Siderão compõe-se de escorias, tufo e lavas que todas caracterisadas pela riqueza em hauyne; pertencem ás leu-es. As descidas da montanha para o Tope mostram delgadas cama-de pedra pomes, que, segundo a disposição das camadas, véem do e.

Ao passo que a circumvallação norte da cratera Siderão se ele-sómente a 100 metros, a altura da borda sudoeste é apenas de netros e a cratera Siderão é separada do Tope por uma «sella» a; d'esta «sella» o terreno vae agora para cima formando um an-de 30°. Defronte d'este cimo apresenta-se uma cratera, cuja cir-

cumvallação forma um pequeno terraço plano; é o pequeno Covãosinho que tem apenas 25 metros de fundo, emquanto o diametro pode ser de cerca de 200 metros. Aqui encontra-se muita limburgite e lava com pyroxenite como tambem lavas leuciticas, que concordam com as da cratera Siderão, sendo de côr mais escura. Massas projectadas, escorias, crystaes d'augite e conglomerados, bombas e pedra pomes, são muito frequentes. D'aqui até ao cimo o terreno torna se um pouco mais escarpado, encontrando-se muitas massas projectadas de pedra pomes e espessas correntes de lava escoriaceas. Finalmente chega-se a borda da cratera que tem alguns metros de largura. Aqui vemos um atrio de cerca de 200 metros de largura, cujo nivel está approximadamente 80-120 metros abaixo da circumvallação craterica. Ali vê-se muito bem a estructura da circumvallação exterior, Somma; massas de pedra pomes são interrompidas por numerosas correntes de lava que se estendem em todas os direcções. N'este atrio eleva-se a cratera interna do Tope da Coroa; a altitude é approximadamente a mesma que a da Somma, com o diametro interiormente de cerca de 200 metros e de profundidade insignificante (cerca de 20 metros). O cone compõe-se de escorias; na descida oriental observa-se uma corrente de lava, pyroxenite com crystaes de hauyne, que correram dentro do atrio.

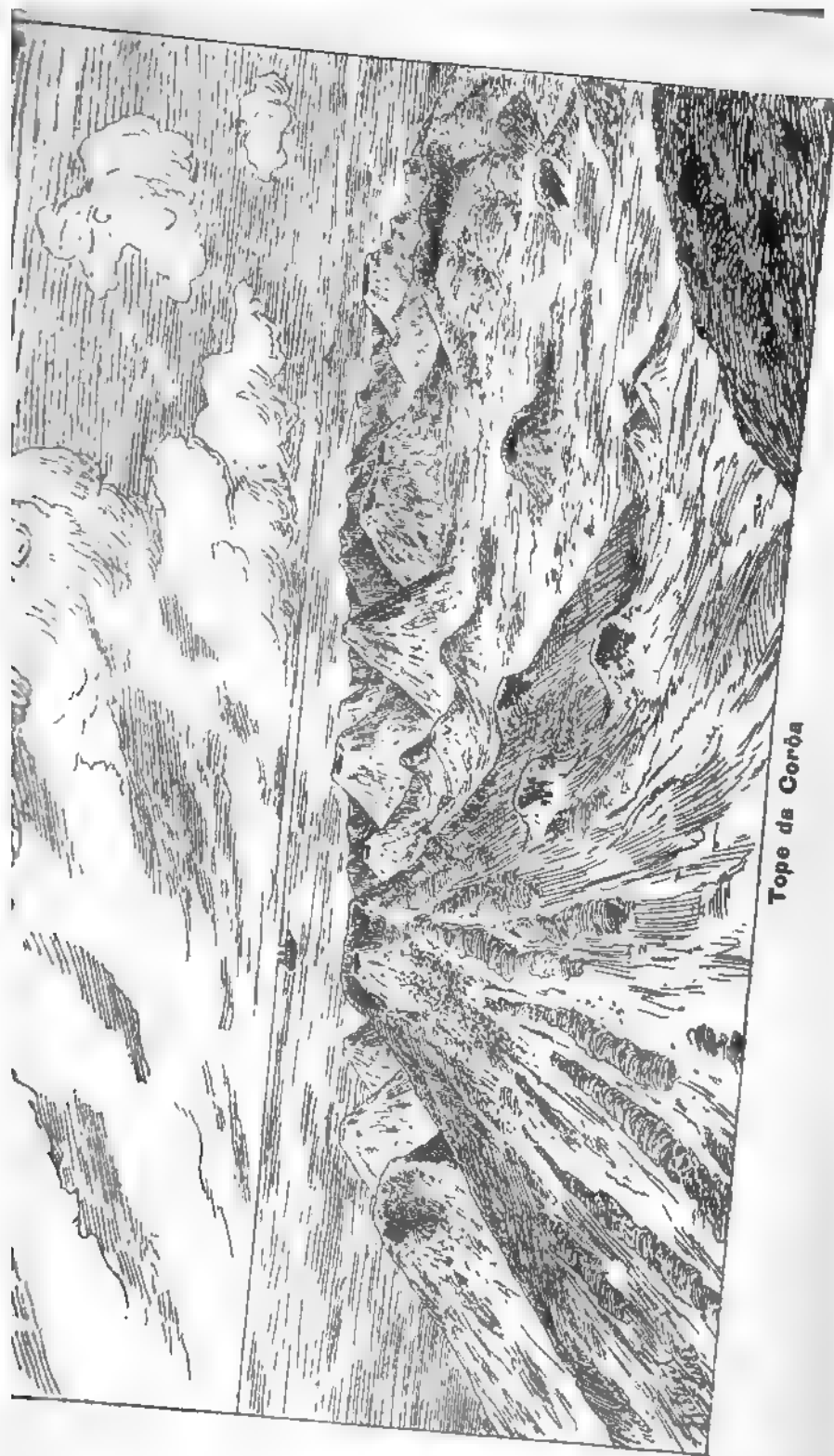
A Somma está derruida para o occidente e aqui o declive d'um cone abaixa-se em escarpa para o mar; n'este logar, a descida é mais escarpada. Para a planicie alta o declive é mais suave, observando-se tambem pequenas crateras meio destruidas, emquanto que ao occidente não se vê nenhuma cratera parasitica. Na descida do norte formaram-se diversas crateras, como por exemplo no alto Monte Aloisio em forma de meia-lua, e outras menores.

Do Covãosinho, que está sómente a algumas centenas de metros mais abaixo, a montanha desce em escarpa formando um angulo de 50° para Campo Grande; a parte inferior para o Monte Carneiro é ainda mais escarpada, de modo tal que é impossivel subi-lo.

Para facilitar a comprehensão apresento uma vista ideal do Tope e dos cones na direcção do nordeste; os perfis podem, por outra parte, servir de complemento.

Quando abrangemos com a vista a topographia d'esta parte da ilha, vemos um vulcão mais antigo que, evidentemente, formava o massiço que hoje é coroado por uma planicie alta, sobre a qual se elevam alguns pequenos cones e crateras. O proprio Tope forma uma especie de cone interno, constituindo uma alta montanha conica, no declive da qual se abrem diversas crateras secundarias.

Occorre a pergunta: mas a planicie, cujos varios aspectos temos estudado e de que alguns logares são conhecidos pelos nomes de Campo Grande, Achada Balbo, Campo Atravessado e que, apezar da acção da erosão tem mantido o caracter primitivo, é um solo craterico ou sómente um campo de lava do Tope?

A esta pergunta, que é de algma importancia para o conhecimento do vulcão, não pode responder-se sem mais explicações. Mas contra a ultima hypothese ha diversos argumentos, especialmente a horizonta-

Tope da Corôa

lidade perfeita da planicie, a presença de numerosas massas
ctadas de rochas que se assemelham a syenite e a diorite, com
bem a presença de marmore, etc.

Tambem a presença de tão numerosos pequenos cones e c
n'uma planicie leva a acreditar em um antigo chão craterico;
dade que os Campos Phlegreos, que sob tantos aspectos são tã
lares, não são os restos d'uma antiga cratera, mas tamber
considerar que a planicie do Tope está a uma altura de 1650
sobre uma mais antiga serra vulcanica. Ha tambem numeros
cios que mostram que o Losnas, o monte Ella e as collinas ao s
do Monte Redondo, como provavelmente as elevações á roda da
Balbo, representam os restos d'um antigo valle craterico, cuja
pode ter sido antigamente de 200 a 300 metros sobre o solo cr

Portanto, é muito provavel que a planicie alta represente
tiga cratera, cujo diametro era consideravel, cerca de 7 a
metros, e circumdada d'uma muralha não muito alta.

A ultima foi destruida por mais recentes erupções, como d
a do Covão, a do Campo Redondo, a de Cyro, e do outro la
formação do maior cimo, o Tope, que, como o Vesuvio, se l
de dentro da Somma e produziu um cóne que é de 600
mais alto do que a muralha externa. E emquanto durava est
ção e se effectuavam os amontoamentos, nas descidas e no
montanha havia numerosas erupções que formavam os pequen
e crateras que temos estudado.

O Tope propriamente consiste em um cone interno e em uma
vallação externa; a cratera externa tem o diametro de cerca
metros, approximadamente egual, portanto, ao diametro da cr
Vesuvio, e tem a profundidade de 200 metros; emquanto qu
interno e a sua cratera são inteiramente insignificantes. A me
da montanha formou se outra cratera, que não pode ser con
como cratera secundaria, mas que provavelmente estava em
ligação com a mais alta, emquanto que as crateras do decl
fundo e do sopé da montanha contribuiram muito pouco para
ção da elevação.

Ha muitas probabilidades de que, simultaneamente com a
ção d'estes numerosos cones na planicie alta, apparecessem o
cone e a cratera situada no declive d'esta planicie no sopé
tanha do Tope; como no declive sul da parte oriental e media
encontram-se aqui, em grande numero, os cones e as cratera

Pode perguntar se qual era o papel do valle da Caldeira da
Creio que esta funda e estreita caldeira não era uma verdade
tera, mas tambem a sua formação não pode ser unicamente a
á erosão, porque a presença de veios em massa, nesta parte, in
ella está em deslocação e em fissuras; o que foi a origem
deira, que depois foi consideravelmente augmentada e afunda
erosão, emquanto que erupções posteriores como esta que forr
Monte Silva, tem provavelmente contribuido para isso. Tamb
pressão em que anteriormente se fallou, entre o Moroços e
do Tope, não seria unicamente devida á erosão, mas estaria

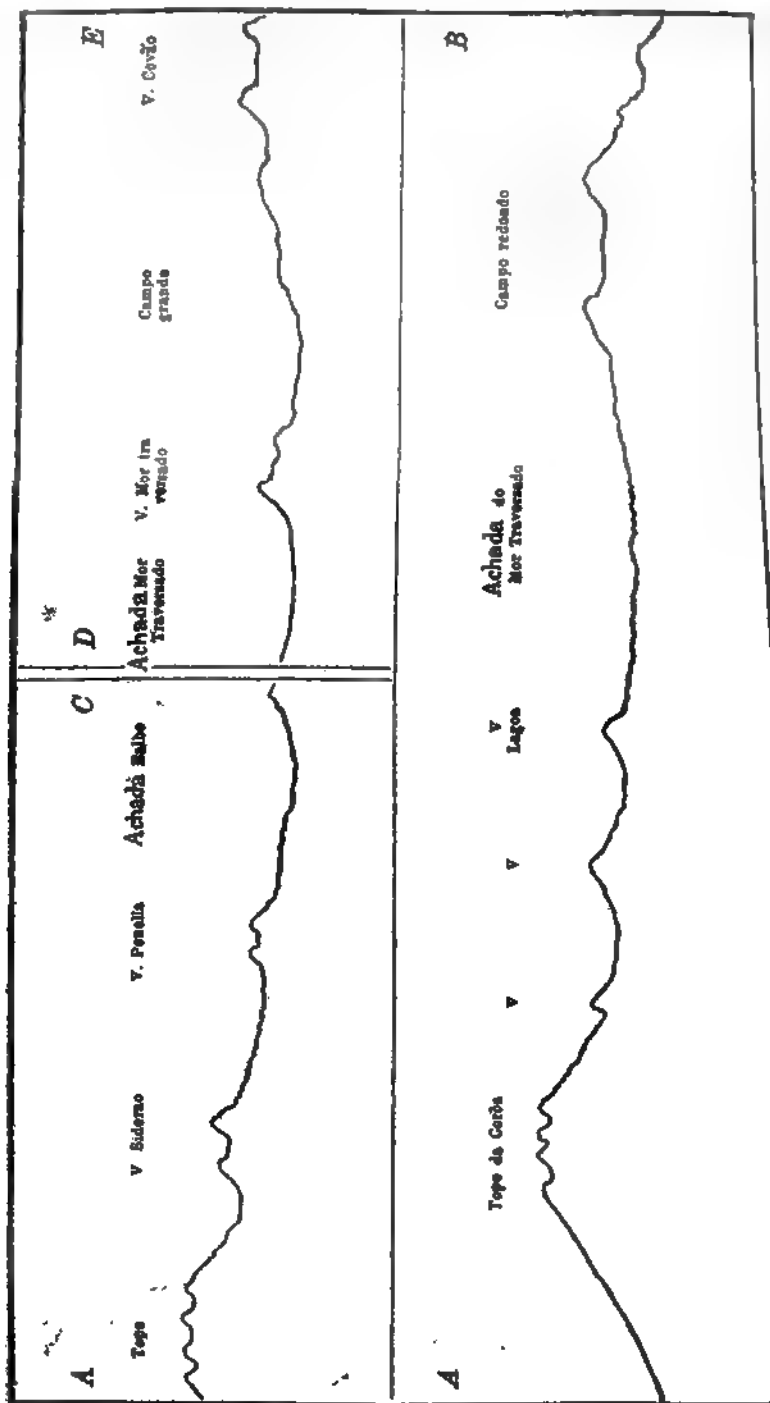
apparição d'estes veios. Portanto não será hypothese desproposidata o querer explicar a formação d'este valle-caldeira pela apparição d'estes ultimos veios.

Comparando agora as duas partes que compõem a ilha, o vulcão Tope e o dorso longitudinal que está ligado com elle (porque é a este typo que a serra vulcanica de S.to Antão se deve reduzir), não se poderá dizer que entre os dois ha uma grande differença de idade. Os effeitos da erosão podem, na verdade, provar que as partes montanhosas entre a Ribeira do Paul e a Ribeira Grande já são muito mais antigas, mas não se pode affirmar que não fossem produzidas ao mesmo tempo que as da Ribeira d'Alto Mira. E' muito provavel que os mais antigos abysmos do Tope, de Moroços e da Cova estivessem simultaneamente em acção.

As actividades das numerosas pequenas crateras no declive do sul, a crista da Lagoa Achada e na planicie alta do Tope são muito provavelmente da mesma epoca. Alem d'isto não é improvavel que estes quenos abysmos de erupção, como existem na crista e no declive sul, istissem tambem em tempos anteriores e fossem elles que, pouco a uco, construissem a serra com as lavas, emquanto que outras crates maiores, como a da Lagoa Achada, da Cova e do Tope, podiam ar em actividade em todos os tempos.

Mais uma observação sobre as camadas sedimentares da ilha. Não foi possivel descobrir aqui vestigios de antiga formação sedimen· como nas outras ilhas; sómente, nas massas projectadas do Campo ravessado é que se encontra calcareo; o calcareo existe tambem na beira Grande em estado de calhaus, mas em proprio logar não o vi nenhuma parte. Formações calcareas, mais recentes, sómente as contrei n'um ponto da ilha, na Ponta do Sol em uma extensão de metros apenas. E' uma camada de 4 metros de espessura de calcareo arinho com residuos de *patella*, *crochus* que ainda existem no mar. Em nenhum outro ponto da ilha vi coisa semelhante. A ilha de to Antão provavelmente não foi submettida a elevação notavel desde sua formação.

Medidas de altura. — As poucas medidas seguintes téem antes por n indicar a relativa differença de altura do que a altura absoluta dos versos pontos. Não era possivel fazer taes medidas absolutas, porie faltava a comparação com o estado barometrico; portanto só as fferenças de diversas alturas consideradas como pontos fixos podiam r calculadas. Devo considerar como exactas duas altitudes indicadas as cartas maritimas como pontos trigonometricos.

Quando comparo um ponto, por exemplo a altura do Tope, com a ltura do Campo Grande, ha uma differença de 620 metros; d'este té ao mar ha a de 1430 metros; por consequencia a altura do Tope ria de 2100 metros; mas na carta maritima é indicada como de 2253. eve attender-se a que o caminho de Campo Grande até ao mar exige ais de meio dia, e que, portanto, podem dar-se variações baromeicas; abstração feita de que os barometros aneroides não podem ter precisão das medidas tomadas com o barometro de mercurio; este ulmo facto ha-de ser especialmente considerado. — Naturalmente as

Perfil da Carta do Tope da Corôa.

ifferenças pequenas dão um erro mais pequeno, porque uma variaīo da pressão atmospherica é facilmente visivel e porque assim o ·ro é facil de reconhecer. E' extraordinario que um anterior obser-ador (provavelmente o unico que além de mim tem feito medidas) .corresse ainda em maiores erros; von Barth calcula a altitude do ope da Coroa em 2075 metros. Portanto ha quasi 300 metros de fferença da altura indicada no mappa maritimo. Mas apezar de am-ıs as medidas (as de Barth e as minhas) indicarem mais pequenas titudes do que das cartas maritimas, escolhi o meu ponto de par-da das ultimas, porque podiam servir-me mais facilmente de ponto ɛo do que o nivel do mar, onde ha muito frequentemente condi-ies de temperatura differentes e tambem por ser relativamente raro r occasião de ir á beira-mar. Se por taes razões as medidas são pu-.mente approximadas, os erros nas differenças de nivel não são tão ınsideraveis que não possam servir de base para a topographia da ıa.

Tope da Coroa, cone interno........	2253	metros
» » » » externo........	2250	»
Losnas..........................	2015	»
Panella..........................	1720	»
Campo Balbo.....................	1570	»
Ribeira das Patas.................	1013	»
Cova, chão da cratera..............	1393	»
Cova, borda da cratera............	1586	»
Maroços.........................	1920	»
Pico da Cruz......................	1990	»
Covão...........................	1820	»
Campo Redondo..................	1:01	»
Campo Grande....................	1640	»
Monte Silva......................	1142	»
Lagoa Achada....................	1372	»
Achada do Morro Atravessado......	1601	»

(Continua)

Dr. C. Gœlter

Traduzido do allemão por Eugène Ackermann

MITRAS LUSITANAS NO ORIENTE

(Continuado de pag. 75 da 26.ª serie)

Em nov. 661 ou 62 se tinha feito «una processione solenne exposition del SS.mo, e con una devota essortatione á penitenza placare l'ira di Dio», tudo pelo receio de que viessem os hollande pôr assedio á cidade de Cochim (40). Em 6 jan. 663 a vista do ricolo gr.de della cita, ordinaramo i portoghese (outra) solenne pro sione di penitenza, per placare l'ira di Dio e implorare il suo adju A noite seg. «si consumó per le chiese il SS.mo, si spogliarono di gli ornamenti, si fece nella piazza di ciascuna un gran fuoco e gettarrano sopra i detti ornamenti, le statue sacre, crocopisi, li pit e messalli e ogn'altra cosa spettante al culto di Dio» (41).

Por obito do bp.º Rangel governou algum tempo a diocese c bido, como adiante se dirá: a cujo rogo diz o sobred,º bp.º de Hie na *Seconda spedit. alt'Ind. or.* l. 2 c. 2, 1663 em Cochim elle sa oleos, e «ordinai ad instanza dé medesimi (conegos) moltissimi reli e clerici secolari di varie parti et alcuni sciammaes e cassanari Serra.»

Deixa-se vêr da *Reforma de los descalzos de n. Senora del men*, fr. Anast, de S. Teresa, Madrid 1739 VII 727 que a esse po (1662) o arcediago da Serra Thomaz del Campo scismatico se sára illegitiman.te da sé episcopal de Cochim. V. sobre este partic *Seconda spedit. all'Ind. or.*, Venet. 1683 p. 85,—*Bolet.* 1872 81, 82, e 89.

1676—*D. Fr. Antonio de S. Dyonisio*, eleito bp.º de Meli não confirm: transfer. para Cochim, depois de sagr, tomou poss 1676. M. 1676. M. 1685 (42).

1688—*D. Fr. Pedro da Silva*, bispo de Cochim, confirm Innoc. XI em 8 jan. 688; algum tempo governou o arcebispac Goa (I P. p. 192.

1694—*D. Fr. Pedro Pacheco*, muitos an.s missionou na A oriental confirm. em bispo de Cochim em 4 jan. 693 por Innoc XII. Na c. r. de 24 de março 1694 diz s. mag. «D. Fr. Pedr checo, a quem foi servido nomear bispo de Cochim, passa na pre monção a esse estado, e como esteve m.tos annos na christde d çbq. tem gr.des noticias daquellas terras...» (43). De Cochim p a presidir a governação do arcebispado de Goa (I P. p. 209), voltou a visitar a sua diocese em 1699 e 1709. O *Chron. Tis*

(40) *Seconda spedit. all' Ind. or.*, Venet, 1683 p. 53,
(41) Ib. 74.
(42) *Dissert. chron. sobre a jurispr. Portog.* V, 218.
(43) *Bolet.* 1864 n.º 51,—e no n.º 65 outra c. de 1694 novb. 19, e ca bispo Pacheco ao vr. Ind, 3 nov. 694.

19 e 22 transcreveu alg.[as] cartas deste bispo. Satisfazendo as
ões deste Bispo de Cochim e do arcebp.[o] de Cranganor D.
ıeiro, expediu Clem[te] XI em 1709 um breve restringindo a
le conferida por Innocencio XII, ao vig. ap. de Verapoly e
io-lhe o exercer jurisdicção, a não ser nos logares onde por
ualquer não a pudessem exercer ampla e plena os prelados
zes. Fal. em Goa em setb. 1714 com 80 an. de idade (44).
rd. r. de 2 ab. 1720 mandou-se dar 100 xs. de congrua an.
hos em Cochim (então sob a dominação dos hollandezes), que
em o padroado portg.

— *D. Francisco de Vasconcellos*, jes., assistia na India quando
1720 D. João V o apresentou em bispo de Cochim; confirm.
v. 721: tomou posse da cadeira episcopal a 10 de maio 722;
até 1742 em que foi governar a metropole de Goa(I P, p. 250).
de 10 ab. 1731 recommendou-se ao governo de Goa, pro-
vitar os vexames que faziam a este bispo os regulos gentios
andezes, e assistisse com sufficiente congrua ao seu vigario
'.

— *D. Clemente José Colaço Leitão*, governou a diocese por 30
Goa presidiu á administração do arcebispado desde fev. 1740
12, (I P. p. 240 e 624).

março 24. Alv. r. «Por parte do bispo de Cochim se me re-
, q. fazendo petição ao vicer. desse est., para q. elle mandas-
a sua congrua desde o dia em q. fal. o seu antecessor, dan-
ɔacho para mandar executar as ultimas ordens minhas (v. I,
11 ag. 1682). lhe manda estes fazer a conta a qual importando
xs, se dividiu em tres partes, applicando-se uma para os
s bullas e ajuda de custo, e as duas partes se repartiram
overn.[or] do bispado *(sic)*, e restando 3645:2.27 se applicou
a se compôr a casa do sup[e], não se lhe applicando outra
n o fundamento de q. segundo as minhas ordens era appli-
ı a sé, q. não havia em Cochim nem o sup.[e] residia senão em
porém ainda q. o sup.[e] não tem sé em Cochim, por estar
dos hollandezes, tem a sua egr.[a] em Anjenga onde reside, e
lita applicação seja para a egr.[a] cathedral e esta é agora
le o sup.[e], se lhe devia pagar a parte q. eu tenho applicado
pedindo-me lhe mande pagar o q. se acha applicado para a
ra acudir as necessid.[es] da egr.[a], e visto o mais q. me expoz
teria»... ordena ao vr. faça «entregar ao sup.[e] a parte da
q. se venceu no tp.[o] da sé vaga e toca a sua egr.[a], deixan-
sua consciencia applicar esta parte da congrua na forma da
com q. eu a mando entregar». Adverte q. ha erro na conta:
ıdo o q. se despende com os ministros ou governadores dos

---

*'olet.*1861 n.º 23,—*Hist. miss. cath.* IV, 353. V. *Hist. B. J. Brito* 341,
sé Vaz, 110 e 225,—*Padr Juze Vaz*, Bomb. 1899 p. 97.
yn. ann. S. J. Lusit. 410,—*Elog. fun. e hist D. Jo. V* p. 293,—*Elog*
'ortg. 158,—*Gazeta Lisb.* 1720 n.º 51 e 1721 n.º 15,—*Descr. moed,* III
adr Juze Vaz p. 2 e 198.

bispados no tp.° da sé vaga, se deve primeiro tirar da congrua como alimentos e do resto se deve fazer a tripartita... tirando-se a despesa das bullas e ajuda de custo do bispo ou seja mais ou menos q. a terça parte, e do que resta se deve fazer duas partes eguaes uma para sé e outra para o novo bispo...

Atraz a pg. 26 e tambem na I P. p. 250 se disse que por c. r. de 7 ab. 1761, tanto o arceb. de Cranganor D. Salvador como este bp.° de Cochim D. Clemente eram mandados recolher ao reino, por terem desobedecido ao mandado de despedir das egr.as os jesuitas que nellas estavam empregados: os motivos que obstavam a saida de D. Clemente da sua diocese constam da seg. carta, que elle escreveu em 20 dez. 1761 em resposta á do vr. da Ind. que acompanhou a referida c. r.: «Com a carta de que v. e. me fez mercê, recebi a que s. m. foi servido mandar-me escrever, na qual me ordena que logo que a receber haja de partir pára a sua côrte, onde me fará participar na minha chegada o que tem que me significar. Não podia haver para mim nas presentes circumstancias obediencia mais gostosa, achando-me ha bastantes tp.os tão aflicto pelas insolencias de mouros e gentios, e pelas desordens de alg.s máos christãos, que já em agosto estive resoluto a sair da diocese e ir-me metter em algum retiro nas serras do Malavar, aonde não tratassse de mais que de me preparar para a morte, que já não pode tardar m.to. Mas considerando por outra parte, que com a minha ausencia crescerão as insolencias e as desordens, sem haver quem lhes faça alg.a opposição, o que cederá em damno irreparavel de m.tas almas, me pareceu que a obrigação de evitar este perigo proponderá m.to a minha conveniencia, e ao cumprim.to do meu desejo, e m.to mais ajuntando-se ao detrim.to da christand.e o prejuizo do padroado real, pois em eu daqui saindo ha de introduzir-se no governo de todo o bispado, como já está no de parte delle, o bispo vigario ap. resid.e em Verapoly. Nem nos poucos dias que aqui se pode dilatar a palla que v. e. mandou para me conduzir, é possivel applicar os meios necessarios, se alg.s ha para prevenir de alguma sorte estes prejuizos, como eu faria com grandissimo gosto para não perde[r] a occasião m.s opportuna que se me podia offerecer, para o tanto por tanto tp.° tenho desejado, e em que só me falta por ultimo com[-] plem.to do meu desejo, o dar-se-me successor que livre do peso qu[e] tomei m.to contra minha vontade, e tenho servido por 15 an.s co[m] summa repugnancia, e de que teria procurado me alliviassem ha mu[i-] tos an.s, se me atrevesse a esperar que o poderia conseguir... Tud[o] isto represento a s. m. na carta que acompanha a esta...»

No relatorio do provincial dos francisc. observantes de 29 jan. 177[?] lê-se o seg.: «O bispo de Cochim tambem abandonou a sua propr[ia] sé, entregando á religião (dos francisc.), e th.m entregaria o gover[no] do bispado se os relig.os o não recusassem aceitar.., mas como as e[n-] fermid.es tem reduzido aquelle prelado a um deploravel estado, e cu[ja] vida não promette m.ta duração...»

1770 fev. 3 C. vr. ao ministro «Por carta de v. e. de 21 de mar[ço] 1768 me manda s. mag. recommendar a continuação das mais effica[-] zes diligencias, para se aprehenderem o arcb. da Serra, bispo de C[ochim]

chim e os m.[s] jes. rebeldes, não perdoando a meio algum afim de o conseguir, ainda á custa das maiores despezas, para se extinguir, inteiram.[te] nesse estado esta abominavel corporação. Não me tenho descuidado ao sobredito respeito, e proseguirei em continuar todas as dilig.[as] que couberem no possivel, sem embargo de que todas as que até o presente tenho praticado, não tem surtido effeito algum, não só porque os mencionados arcb. da Serra e bp.[o] de Cochim vivem com cautella no interior dos continentes aonde residem, e aonde não pode chegar força coactiva e ainda a de uma surpreza, mas tambem porque os potentados asiaticos sendo em tudo os mais infieis, inconstantes e só amigos do seu proprio interesse, o despresam em casos semelhantes.

Em 1745 principiou o p. Antonio Duarte, jes., a edificar a egr.[a] de Manapar.

No reino de Travancor em o sitio de Olicare se fundou em 1759 um hospicio, para servir de alojamento aos relig.[os] francisc. destina dos á missão do Malabar, em quanto se instruissem no idioma do paiz, e pudesse tambem servir aos mesmos relig.[os] de refugio em suas enfermid.[es], corria o sustento dos mission.[os] que nelle residiam por conta da Providencia, e algum subsidio com que lhe acudia o convento de Goa, ainda de ornamentos para a egreja. Em 1769 ensinava nesse hospicio aos mission.[os] a lingoa malabar e tamul o p. fr. Joaquim de S. Diogo (46).

Do bispo D. Clemente restam as seg.: —

69) 174... *Pastoral*. Diz que são falsos e fictos os milagres attribuidos ás imagens do Menino Jesus e de N. Sr.[a], da egr.[a] de Pullicherre...

70) 1752... *Pastoral*. Refere os tormentos soffridos heroicam.[te] pela fé de Christo por Lazaro, e ahi conhecido pelo nome de Devasagayam Pullay, louva a Deus pela virtude que infundiu neste seu servo, exhorta a todos a que guardem a fé, e manda se cante *Te Deum* em todas as egrejas (47).

71) 1771 Janeiro 13. *Provisão*. Diz que fundado em 2 breves de Bento XIV de 1753 e 55, pelos quaes o bispo que não tem coadjutor com futura successão, é obrigado em quanto vive eleger vigario geral, que tenha na sé vacante por virtude dos d.[os] breves, a jurisdicção ordinaria e delegada que exercia o bispo, até se fazer o provimento da diocese, como se explica nos decr. da congr. de propg. de 22 jan. 1759 e 12 maio 1764.—noméa para seu vigorio ger. *in spiritualibus et temporalibus* na diocese de Cochim a fr. Antonio da Padua, fran, e lhe concede toda a sua auctorid.[e] ordin.[a] para que de presente possa usar dos poderes annexos a este officio, e na séde vac. q.[do] ella succeder, exercer toda a jurisdicção na forma dos sobred.[os] breves pontif.[os]. Quer que se por ausencia, enfermid.[de] ou outro impedimento elle bp.[o] não puder attender pessoalm.[te] ao governo da diocese, o

(46) *Bolet.* 1879 n.º 81 p. 649.

(47) V. *Les Martyrs de l'Inde*. Calcutta 1896 p. 219 onde se lê, que na sua propria cathedral cantou o bispo por este facto missa solemne e fez um discurso apropriado (elogio) de Devasagayam.

dito vig. geral supra a sua falta governando em seu nome do bispo (48).

Em 1779 foi restaurada a egreja de S.^to^ Antonio em Amarapady.

1779 — *D. Fr. Manuel de S.^ta^ Catharina*, não chegou a tomar posse do bispado, pois estando em Goa a governar o arcebispado foi nom. arcebp.^o^ primaz (I P. p. 319).

Por c. r. de 12 março 1779 ordenou-se que a este bispo de Cochim, que foi governar o arcebispado de Goa, se lhe pagasse não só a congrua de 12:000 xs. que costumam perceber os arcebp.^os^ primazes, mas tambem a que vencem os bispos de Cochim: e um offic. do minist. determinou que ao m.^mo^ bp.^o^ como administrador do arcebipado, se lhe descontasse no primeiro pagam.^to^ a quantia de 2:000 cruzad. que recebeu adiantados.

N'uma carta que em 20 março 1779 escreveu de Lisboa o p. Caetano Victorino de Faria a camara g. das ilhas de Goa, dando parte da sua vinda de Roma a Lisboa, diz que vai nesta monção o *bp.^o^ de Cochim (S.^ta^ Cathar.^a^) para governar o arcebispado* de Goa; o qual «tanto corresponde com suas raras virtudes ao habito que professa de carmelitano, que se faz dignissimo para maiores empregos, e (os povos de Goa), acharão na sua simplicidade um Baptista, e tal deve ser toda a sua familia, e sendo merecedor de toda a attenção na presença dos nossos soberanos, com maior razão devemos congratular-nos com elles, obrigando-o com humild.^e^ e sincero affecto, e amando-o como pastor e pai que tem coração para todos com iguald.^e^ da caridade e justiça.

1785 — *D. Fr. José da Soledade,* carm., n. em Salreu em 2 ag. 1745. Foi á India em companhia de D. Fr. Manoel de St.^a^ Catharina, com destino de lhe succeder na mitra de Cochim, a que com effeito foi nomeado, depois que o seu antecessor foi confirmado em arcebispo de Goa: sagr. em Goa a 21 nov. 1784; posse a 3 abril 85 na egreja de Coulão. Viveu sempre inquietado e cheio de dissabores por effeito do seu genio fogoso em demasia, e dos enredos que lh tramava fr. Eugenio da Madre de Deus, franc., missionario em Cochim, com os ministros do rei de Travancor: o que foi causa de fug o bispo em 1788 para Goa; e voltando no anno seg., continuaram perturbações até 1799, em que a 16 dez. desapparecendo o dito Eugenio que morava em Olicare, e resultando da devassa que p ordem r. de 8 maio (?) 1799, mandou-se tirar a este respeito, mui mais do que suspeitas contra o bispo, foi este mandado conduzir Goa, e dahi remettido em 4 fev. 1800 preso para Portugal, onde fa em 1825 (49).

---

(48) Ms bibl. nac. Lisb. Um dos breves cit. no principio desta provis. — *E sublimi hac sacrosancti apostolatus specula* de 26 jan. 1753 está no *Bullar.* de Bento XIV t. IV pag 25.

(49) No arch. nunciat. Lisb. existem as bullas dat. de 1783 jul. 18 e 19, relativas á confirmação d'este bispo; de quem fallam *Lusitan. sac.* III, 20, — *Alman, para o a.* 1791 Lisb typ. ac. r sc. p. 46; *p. o. a*, 1795, Lisb. II, 2; *p. o. a. de* 1800, Lisb. p. 73; *do a de* 1807, Lisb. p. 42, — *Compend. vida Euseb. Luc. Caro bp.*

sas inquietações lhe fizeram perder a egreja d'Anjenga e outras, ſ annos depois de administradas pelo vigario ap. de Verapoly, ou o governador deste bispado fr. Thomaz de Noronha.
edificou o bispo Soledade quasi a suas expensas, a egreja de ierre.
iste na bibl. nac. Lisb. uma carta ms. deste bispo ao arceb. ı, dat. de 24 nov. 1787, fol. de 4 p.
ı 4 jan. 1794 escrevia o gov. da Ind. á côrte o seg.: «O arceb. me dirigiu a carta do bp.º de Cochim que vai por copia..., o-me que concorresse para que o rei de Travancor, o livrasse ame que padecia, e de outros maiores que lhe estavão iminen· ısim o fiz pela carta da cop..., remettida a Manoel Bernardes ida, que serve ao m.mo rei na feitoria de Alape, e pelos §§ ıpostas que elle me tem dado e que vão..., verá v. e. que a ormação é nada favoravel ao mencionado bp.º, cujo caracter ente pode v. e. conhecer por alguns dos factos que contém a ue dirigi a v. e. em 21 jan. 1789...: e q.do esteve em Goa ıeceu visivelm.te, que não só lhe faltava aquelle excessivo grão dencia e circunspecção de que necessitaria, para ser prelado elhante egreja, mas que nem ainda tinha aquella ordinaria de ecisaria, para o ser de qualquer que fosse situada em reino ɔo.»
1793 tomaram os inglezes Cochim aos hollandezes.
ı.e João Freire, jes., conhecido pelo nome de Pandaram Soua-i o 1.º missionario que a esse tempo começou a usar de loba çafrão, o que foi adoptado depois por outros missionarios na a Pescaria.
bispo Soledade passo a archivar o transumpto das seg. or-as:—
1785 Julho... (50). *Decreto*. 1... 2... 3... 4 Manda que cilios do culto estejam em poder do parocho respectivo, dentro casa e debaixo de duas chaves, uma das quaes terá elle e sacristão, sob a responsabilidade de um e outro, e nada fique eja que se possa furtar; 5 os defuntos não sejam pranteados ıridos e em horas determinadas ao modo gentilico, travando-se ıver ao tiral-o da casa para o cemiterio, e gritando-lhe ao ɔu-) parocho que isto vir praticar retire-se logo, deixando ficar o em casa, até que os culpados paguem uma multa para a egreja, m penitencia publica: o parocho pelos officiaes da egreja vigie, ıorrer alguem ha na casa alarido e castigue os culpados.

. 13,—*Sernache do Bomjardim*, Lisb. 1906 p. 121,—*Estud Biogr.* 167,—*ıs. ultr.* fev. 1854 a dez. 58 pag. 35—*A Historia of Travancor from the times* by Shungoonny Menon, Madras 1878 p. 268 e seg.
No archivo parochial de Valliatorre, Cochim, deparei com uma parte ecr., cuja data não me foi possivel saber com exactidão. Da mór parte nanças d'este bispo, e das de alguns que lhe succederam no governo d'es-se, não ficou registo na camara eccles. de Cochim; fui achar as que adi-transcrevem nos livros das egrejas de Valliatorre, Peria Tala, Coulão, ıguel, Tuticorim e Manapar.

6. Os parochos não se encarreguem da cobrança dos creditos particulares de seus freguezes, seja porque titulo fôr, nem causa ou pleito que não diga respeito á divina lei e á religião christã; poderão sim arrecadar os creditos proprios e os da egreja; 7 não se poderá emprestar á povoação ou á egreja dinheiro sem... *(inintelligivel)*; nem se faça festa na egreja sem dar se ao parocho, antes do officio das vesperas o que fôr devido; afim d'elle não ficar, no caso de ser removido para outra parochia, detido pela razão de não estarem satisfeitos os seus proventos.

8 As petições para dispensas matrimoniaes, alem de conterem os nomes dos oradores, e se allegar causas canonicas, sejam escriptas devidamente, e com o informe parochial entregues á parte, para ella solicitar a dispensa, salvo sendo o orador pobre, no qual caso o parocho impetre por si a dispensa. Em todos e quaesquer gráos de parentesco é necessario dispensa, sem a qual o matrimonio é nullo. 9 Os parochos não podem converter em seu proveito, as multas impostas aos christãos, mas sob p. de susp. enviar o producto ao prelado para ser empregado em obras pias.

10 Na egreja de... não se faça despesas extraordinarias, antes de se obrar os precisos paramentos e utencilios de culto: em egreja alguma se despenda o dinheiro da fabrica, sem licença do parocho, a quem se entregará no fim do mez a receita que cobrar, sob pena d'interd. aos contraventores. 11 Prohibe sob p. d'excom. fazer dentro da egreja reuniões, para tratar de negocios profanos, ou n'ella depositar cousas dos viandantes, ainda que sejam do rei, como arroz...: no caso de contravenção o parocho publique interdicto nessa egreja; tambem prohibe comer na egreja ou praticar acção que destoe da santidade do logar. 12 não se poderá ouvir de confissão sem estar o sacerdote revestido de sobrepelliz e estola.

73) 1786 Abril 20. *Circular.* Exige dos missionarios resposta com juramento aos pontos seg.: 1 qual é neste bispado a praxe e costume praticado com permissão do rei de Travancor, a respeito de dar velas e cera que serve tanto para o ministerio do altar, como para a administração dos sacram.[tos] e outras ceremonias da egr.[a]; se são christãos, ou os fabriqueiros das egr.[as], ou os vigarios? 2 «quanto é permittido receber pelo costume, pelo uso de cada vela, tomado o preço pelo uso como alluguel?» 3 «Quem deu as velas aos christãos para a ceremonia da administração do sacram.[to] da confirmação segundo o costume deste bispado, q.[do] em visita o administramos, e se quem deu de alluguel as d.[as] velas, levou mais ou menos do d.[o] costume permittido pelo rei?» 4 «Se acceitamos as ditas velas por offerta, ou outra alg.[a] cousa, ou as mesmas velas tornavam para as mãos de quem as deu, depois de feita a ceremonia, afim de servirem as mesmas para todos, até se consumirem no mesmo ministerio?» (51).

74) 1787 Junho 26. *Circular.* Suscita a observancia do seu decreto, pelo qual mandou celebrar os esponsaes perante o parocho, e não demorar muito a benção do matrimonio afim de não sobrevirem

(51) Ms bibl nac Lisb

entar o noivo a casa da noiva, e do trato illicito com suas
novos impedimentos; como tambem mandou que ao celebrar
s, se fixasse praso de não mais de 3 mezes, para a solução do
rohibiu a benedicção do matrimonio antes dessa solução se
Manda que o parocho averigoe antes de ler os pregões do
io, se aquelle decr. se cumpriu, e não estando suspenda os
s e lhe participe.
789 Fevereiro 9. *Circular*. Annunciando que vai prover de no-
hos algumas egrejas :1 recommenda que em todas as fregue-
ro em 2 mezes se liquidem as contas da receita e despesa da fa-
os parochos tenham prompta a copia dessas contas para lhe
ida quando a exigir; e o mesmo façam no futuro depois de
um anno de residencia em qualquer egreja; 2 prohibe sob
sp. aos sacerdotes, solicitar por si ou por outrem o seu pro-
em qualquer parochia; 3 comina a p. de susp. ao parocho
iastico que, sem licença sua, accusar a qualquer christão no
civil.
789 Fevereiro 12. *Circular*. Diz que por ordem do governo
do sido prohibida a passagem de quaesquer generos pela raia
por barcos de navegação, sem serem revistados pelos cobra-
s direitos aduaneiros, ficou retida mais de um mez em mão
s, a caixa em que iam stos. oleos para as egrejas; para obviar
conveniente previne que, de futuro não irão stos. oleos em
nde como d'antes, mas cada um dos parochos os mande bus-
almente pela paschoa, em ambulas pequenas, por official da
go á custa da fabrica.
789 Março 6. *Pastoral*. Attribuindo a morte de muitissima
Travancor, pela epidemia de bexigas, aos peccados publicos
nças, intrigas, dolos e outras abominações, exhorta a todos
ocurem por meio de penitencia applacar a ira de Deus; re-
a aos parochos façam nos logares e no tempo, em que seus
forem feridos deste mal, ou d'outro que elles julgarem ser
e Deus, offendido pelos desmandos do povo, praticas espiri-
iducentes a observancia da divina lei, e á união e paz christã:
movido os corações em ordem a pedirem uns aos outros
os aggravos feitos, se faça procissão de penitencia, pedindo
o acto perdão a Deus, como unico meio de conciliar sua mi-
, e apartar do povo os flagellos da sua justiça.
789 Abril 29. *Decreto*. Mostra a obrigação que tem os chris-
antificar os dias de guarda, assistindo ao sacrificio da missa,
da boca dos seus pastores a palavra de Deus, sem faltarem
e aos mais exercicios de piedade; e a obrigação de se abste-
rabalho. Condemna a malicia de certos chefes das povoações
meio dos mahometanos procuram extorquir dos parochos,
ara os christãos nos dias santificados, prestarem serviços a
s mercadores; prohibe sob p. d'excom. que esses chefes so-
os parochos tal licença, para infringir o divino preceito, ou
alhar em dias de guarda. Os parochos, se alguem lhes vier
elhante licença, o tenham logo por excommungado, e privem

dos sacramentos tanto a quem pedir licença, como a quem prestar taes serviços, haja ou não licença do parocho; e os não absolvam sacramentalmente sem licença sua.

79) 1789 Maio 6 ou 10. *Decreto.* Expõe os gràvissimos inconvenientes que resultam da desobediencia aos preceitos dos prelados ecclesiasticos, e da conspiração contra o sagrado de suas pessoas, impedindo-lhe o exercicio da jurisdicção recorrendo-se aos tribunaes pagãos ou hereticos, para a decisão de causas puramente ecclesiasticas; ao qual acto de rebeldia estão annexas varias penas por bullas d'Urbano VIII e Clemente X. Declara por incursos na excom. reservada os ecclesiasticos e seculares, que por si ou por interposta pessoa, impedirem o exercicio da sua jurisdicção episcopal, ou attentarem contra sua pessoa, ou levarem ao tribunal civil as causas attinentes aos sacramentos, á jurisdicção espiritual. Na confissão quer que se pergunte aos penitentes sobre estes factos e achando-os culpados sejam declarados inhabeis para a recepção dos sacramentos, até serem por elle bispo absolvidos.

80) 1789 Maio 16. *Circular.* Por não ter aproveitado ás fabricas das egrejas, a licença que elle concedeu aos christãos, para irem á pescaria em dias de guarda, com a condicção de reverter em beneficio da fabrica, o producto do peixe apanhado nesses dias, revoga essa licença.

81) 1789 Maio 21. *Circular.* Lamentando a falta de paramentos e alfaia nas egrejas, devido á pobresa dos seus cofres, em consequencia da malversação do dinheiro das irmandades e fabricas, que contra as ordens vigentes convertem em seu proveito os proprios gerentes, manda que os parochos intimem aos administradores para, sob p. d'excom. repôrem no cofre em um mez, todo o dinheiro pertencente á egreja, que uma das chaves do cofre esteja em poder do parocho: este sob p. de susp. não consinta se empreste a quem quer que seja o dinheiro da egreja, mas se applique todo na celebração dos actos do culto, nas reparações e reedificação do templo. Insinua aos christãos que não elejam arbitrariamente quaesquer individuos para gerentes dos cofres, pois succede solicitarem esse officio pessoas caidas em pobresa, para com o dinheiro da egreja menearem sua vida. Nas eleições terá o parocho voto decisivo e escolherá para gerentes, os sujeitos que julgar capazes e conscienciosos, dentr'os abonados que os christãos indigitarem.

82) 1789 Maio 24 ou 30. *Decreto.* Prohibe as seguintes praticas abusivas: dar-se o oleo sagrado aos christãos, para mettendo em ca-nudos de prata os trazerem pendentes nos braços; na missa solemne dar-se aos officiaes da irmandade paz com patena do altar e incensal-os com 3 ductos; assistir o parocho de pluvial, com thuribulo e agoa benta, ao arvorar-se mastro ou bandeira antes de principiar a novena d'alguma grande festa; franquiar pannos dos christãos para ornar pagodes; acrescentar á *Gloria Patri et Beato Antonio,* o que pode induzir os christãos a crer, que S.^{to} Antonio é Deos ou pessoa divina; abençoar com a imagem de V. Maria ou dos Santos, fazendo 3 cruzes sobre o povo, o que é prestar ás imagens o culto de latria, devido só

us. Manda sob p. de excom. que os christãos entreguem logo ao
)arocho, os canudos de prata que contenham santos oleos, para
ı queimados depois de abertos para vêr se encerram reliquias
ıdas.

3) 1789 Maio 31. *Decreto*. 1 Exige dos parochos o rol de seus
tãos, afim de vêr quantos tem cumprido o preceito paschal, e
tos não; 2 para a desobriga fixa o praso desde a septuagesima
ultima dominga de julho, o que diz ser forçado a decretar, por
erem os parochos coadjutores que os auxiliem no confessionario,
em algumas freguezias mui extensas; findo este praso, os paro-
ihe remettam todos os annos o rol dos christãos inconfessos, afim
rem punidos. 3 E porque alguns christãos reservam sua confis-
communhão annua, para a occasião das festas de S. F. Xavier
ottate, ou de S. Thomé em Velly, ou outra de sua devoção, sem
zerem pela quaresma, prohibe confessar esses sujeitos nos dias
melhantes festividades, sem primeiro cumprirem o preceito ec-
stico n'aquelle anno, com o seu proprio parocho ou outro sccer-
com licença d'elle.

4) 1789 Julho 16. *Circular*. Manda que todos os parochos e
)narios do bispado, escrevam de sua letra e assignem um termo
ramento, obrigando-se a executar o decr. de Clemente XII, rela-
a condemnação dos ritos malabaricos, e o remettam á camara
ıiastica.

5) 1789 Julho 30. *Circular*. Diz que é da sua competencia, em
le das leis ecclesiasticas, distribuir todas as multas e condemna-
.mpostas por qualquer titulo aos christãos do bispado, e sem li-
sua os parochos as não podem despender nem ainda em prol de
greja: a este respeito elle publicou o regulamento de 13 dez.
mandando que os parochos lhe dessem contas dessas multas &c.
n de cada anno, para elle as applicar em obras pias. Estranha
amente que, a não ser um delles, nenhum parocho tivesse pres-
tal conta: concede o praso de um mez, para elles enviarem o
as multa arrecadadas desde 13 dez. 1785 e o producto, afim de
)plicado na fundação d'um seminario. Comina a p. de susp. con-
s que commetterem fraudes a este respeito.

6) 1790 Janeiro 5. *Circular*. Manda que os ecclesiastico de bis-
se conformem na recitação do officio e missa, com o calendario
chidiocese de Goa, e não resem dos santos especiaes ao reino da
anha.

7) 1790 Março 25. *Decreto*. Prohibe que nas egrejas de Ceylão,
ı franquiados os paramentos e alfaia sagrada d'uma egreja a ou-
)orque os doadores o levam muito a mal, como porque os chris-
não cuidam de provêr d'esses objectos as egrejas onde faltam,
ıperança de os haverem, quando necessario fôr d'outra egreja.

8) 1790 Setembro 4. *Decreto*. No intuito de cohibir o abuso de
ristão venderem escravos a protestantes, e os comprarem por or-
e com dinheiro destes, o que os christãos ousam praticar a des-
das censuras fulminadas por suas ordenanças e dos seus anteces-
, e com risco da salvação das suas almas e das dos escravos,

manda que os confessores interroguem sobre este ponto os penitentes, e achando os culpados desse abominavel trafico, os não absolvam até o escravo recobrar a liberdade.

89) 1791 Julho 20. *Circular.* Nos 3 dias precedentes a Ascensão do Sr., manda os parochos cantem na egreja convocando os freguezes, as ladainhas e preces pela forma usada na egreja universal. Diz que nestes dias subsiste o indulto concedido aos christãos desta diocese, para não observar a abstinencia de carne.

90) 1791 Julho 30. *Circular.* Auctorisa aos parochos a ouvirem de confissão aos christãos de qualquer parochia do bispado, embora alguns theologos opinem que a jurisdicção dos parochos se limita ao povo da sua freguezia. Por occasião de casamentos, a confissão diz que se ha de fazer com o proprio parocho, ou outro sacerdote com licença delle; aconselha aos parochos a não negarem aos seus freguezes, licença para se confessarem com outro sacerdote, para não dar logar a confissões nullas e até sacrilegas; e no bilhete que derem aos que vivem deshonestamente, para se confessarem com outro sacerdote, mencionem esta circumstancia. Diz que não revoga o determinado no seu decr. de 31 maio 1789 § 3.

91) 1791 Agosto 15. *Circular.* Estranhando que alguns parochos não mantenham em devido aceio as casas parochiaes, nem conservem com cuidado os moveis que por pratica lhes fornecem os christãos por conta da fabrica, adverte que este ponto será um dos principaes de sua investigação na visita episcopal, e será castigado o parocho desmazelado e obrigado a restaurar tudo. Manda que as residencias parochiaes sejam providas dos necessarios utencilios á custa de todas as egrejas, que compõe a residencia; e cada egreja tenha alfaia propria feita a expensas da povoação respectiva.

Par occasião da visita episcopal ás egrejas não exceda de rupia e meia, a despesa diaria em cada egreja com o sustento do prelado, sua comitiva e do parocho; não se convide a jantar a outras pessoas, sem licença sua: á entrada de cada povoação os christãos della não saiam fóra dos limites do bairro, a receber o bispo com instrumentos musicos, bandeiras, etc.; não tragam instrumentos alugados a dinheiro, ou tocadores assalariados; não vistam moços de bailadeiras, por ser indecente apresentar ao seu prelado figuras, que a religião christã prohibe e abomina: durante a visita não se ponham nos altares mais de 8 velas. Se com rupia e meia da fabrica, não quizer algum parocho sem nada gastar de seu, encarregar se da comedoria do prelado e sua comitiva, diz que elle se arranjará, esperando somente que como pratico da terra, o parocho mande comprar os viveres e o que preciso fôr, dentro d'aquella quantia diaria: os parochos não tem de fazer provimento de vinhos, doces etc. para o prelado. Constando ao parocho que o prelado está proximo a chegar á sua egreja, formará rol dos amancebados, dos inconfessos, peccadores publicos, e o relatorio das necessidades espirituaes dos seus parochianos, afim de o prelado remediar estas, e castigar aquelles: se tiver duvidas a expôr, faculdades ou dispensas a pedir, tudo aponte no papel, e lh'o apresente para dar por escripto a resolução etc.

1791 Novembro 2. *Circular*. Prescreve a respeito da adminis-
do sacramento da confissão um formulario de preguntas em
ıez, que os confessores devem fazer aos penitentes: esse for-
) depois de vertido na lingua de cada freguezia, os confessores
ı de cór, e por elle se guiarão no ouvir as confissões sob. p.
).

1792 Fevereiro 15 ou 19. *Circular*. Ordena que os parochos
de susp. mandem dentro em 3 mezes á sua presença, os offi-
e suas egrejas com informação sobre a sua conducta para se-
provados e confirmados no officio, se lhes deferir juramento, e
zerem a protestação da fé prescripta pelo concil. Trid. e por
e Pio IV (52); sem o que não poderão sob p. d'excom. reser-
xercer o seu officio, nem os parochos consentil-os ou mudal-os
arbitrio.

1792 Abril 20. *Circular*. Reprovo os seguintes abusos: usar
inistração do baptismo, de orações diversas das que prescreve
; substituir ao oleo de cathecumenos o do chrisma; benzer nos
onios a prenda dos noivos chamada taly, por oração não appro-
ıla egreja: benzer redes e valês por uma oração que não vem
al: não casarem os christãos nos mezes de julho e agosto, re-
)-os por aziagos; celebrar matrimonio no dia em que se lê o ul-
oclama. Estranha que certos parochos não façam nos domingos
ssão das almas, e o asperges antes da missa e depois de ensi-
outrina christã, nem recitem os actos de fé..., e
ıda que os parochos sob. p. de susp. lhe remettam em carta
as orações manuscriptas, de que usam na administração dos
ntos, e para benedicção das rêdes &c.; 2 se cinjam ao que para
ıistração de cada sacramento prescreve o rit. rom, sem nada
ntar ou diminuir, a não ser as ladainhas na preparação dos
ıdos, o ps. e v. que andam manuscriptos, na celebração do ma-
), e a formula de benzer bentinhos e applicar sua indulg. á
morte.
benedicção de rêdes, valés e taly, diz que deve ser sem ora-
çando se apenas agua benta e dizendo estas palavras *In Dno.*
ris. 4 Os casamentos designados para maio e junho, procu-
ıarocho defferil-os, a titulo de não estarem os noivos correntes
rina, ou d'outro qualquer pretexto, para serem abençoados em
ı agosto: 5 sem passar 24 horas depois do ultimo proclama
)oderá celebrar casamento algum; mas se observem as const.,
screvem o intervallo de 3 dias; 6 todos os domingos se fará
são das almas e o *asperges*, na forma ordenada no ritual.

1792 Maio 6. *Circular*. Manda que se cumpra e execute no
a concessão pontificia, feita a rogo da rainha de Portugal, de
ıeses do reino e ultramar se resar da Dedicação da basil. do
de Jesus e das B. Sancha e Theresa, ter oitavario privile-
festa de Corpo de Deus' e acrescentar-se no canon e na colle-

---

Encontra-se a bulla *Injunctum nobis* de 13 novb. 1564 de Pio IV nos *Do-*
para subsid ao estudo dir. civ. eccl. portg..., Funchal 1894 II, 431.

cta da missa o nome da rainha, depois do nome do bispo diocesano. Para este anno designa dias para se recitarem os officios sobreditos.

96) 1792 Junho 2. *Circular*. Lamentando que não produzisse effeito o seu dec. de 16 junho 1789 (aliás de 31 maio 1789), em que se fixou para desobriga do perceito paschal, o tempo que decorre da septuag. até a ultima dominga de julho, e apezar de ser tão longo este intervallo, se conhecer dos roes de nomes christãos, que nem metade delles se confessam annualmente, manda que os parochos: 1 remettam á camara todos os annos uma só vez no mez de agosto, e não depois da paschoa, o rol dos inconfessos, pelo meirinho da egreja pago, como o que vier buscar santos oleos, pela christandade respectiva, lançando-se esta despesa no livro; 2 declarem no rol o numero total das almas da freguezia, os nomes dos inconfessos, e o numero d'annos que cada um d'elles não se confessou.

3 Tira a reservação imposta no cit. dec., e permitte que os parochos possam absolver em qualquer tempo os inconfessos quer de peccados, quer da censura incorrida por se não terem desobrigado em devido tempo; *salvo se não recorressem ao sacramento por falta da fé* ou por heresia, no qual caso deve recorrer-se a elle bispo: 4 aos que não se confessassem em devido tempo por andarem na guerra, ou ausentes da terra, pode administrar-se a confissão e communhão em qualquer tempo, sem imposição de pena alguma, se recorrerem a estes sacramentos em um mez depois de regressados a suas casas: aos que não se confessassem por não saberem doutrina, por incuria, por viverem em libertinagem ou em inimizade publica, ou por motivo semelhante, permitte que sejam admittidos á confissão, depois de paga multa, que deve ser de 3 phanões (53). por cada anno de omissão: 5 aos que não tiverem posses para pagar multa se imponha penitencia publica, de estarem no domingo de joelhos no meio da egreja, com os braços estendidos, confessando sua culpa e pedindo perdão ao tempo do *Lavabo* na missa: só depois de satisfeita a multa ou a penitencia, e obtida a absolvição da censura na forma ritual, poderão esses omissos ser ouvidos de confissão.

6 Dos chefes de familias ou pessoas graudas das freguezias, de seus filhos e sobrinhosque não se confessassem não se faça esponsaes nem se leia os proclamas, sem que paguem a multa sobredita ou cumpram a penitencia publica: a esses principaes da terra ainda que se não confessassem, se não prive da sepultura ecclesiastica: os escravos e cules, se morrerem sem se confessarem em devido tempo, serão sepultados fóra do logar sagrado. Se qulaquer inconfesso doente chamar padre, este o vá confessar, se elle manifestar arrependimento de peccado da omissão, afiançando algum parente seu o pagamento da multa ou o cumprimento da penitencia publica: 7 os parochos não só procurem cumprir todas estas prescripções, mas ainda inculquem aos freguezes a justiça e conveniencia d'ellas.

(53) Phanão — pequena moeda de prata do reino do Travancor: 7 phanões e 8 cashes fazem 1 rupia; equival um phanão pouco mais ou menos a 2 vintens portg.

97) 1792 Junho 16. *Circular* Prohibe que se armem as paredes egreja e os altares em dias de festa, com papeis pintados e colla- i ao modo gentilico: e se os freguezes teimarem em guarnecer as ·edes com semelhantes louçanias phantasticas, o parocho não cele- ; o acto festivo, e lhe dê parte.

98) 1792 Agosto 6. *Circular*. Derogando a sua circul. de 6 jun. t., relativamente á não confessar o doente, que não se desobrigou ;nos que algum parente seu se obrigasse a pagar multa &c., quer e os parochos não deixem de confessar, quando mesmo não haja iem se responsabilise pela tal multa, mas antes de se pagar essa ulta &c., se vierem a morrer não sejam sepultados no logar sagrado.

99) 1792 Setembro 3. *Circular*, Por ter servido d'embaraço de nsciencia a alguns parochos, o formulario para ouvir confissões pres- ipto no seu decr. de 2 nov. 1791, tira a p. de susp. n'elle imposta; as recommenda aos confessores tenham muita prudencia, discrição zelo no desempenho deste ministerio. Diz que tem ligado com ju- mento os cathequistas, para ensinarem e examinarem na doutrina christãos; exime os parochos de fazerem aos confessandos novo ame no cathecismo, recommendando-lhes comtudo muita vigilancia n que os cathequistas cumpram a sua obrigação.

Por ser indecoroso as mulheres, pelo seu vestuario pobre, faze- m penitencia publica na egreja com os braços estendidos, quer que caso previsto na circul. de 6 jun. ant. § 5, se lhes commute esta nitencia, em outra conveniente ao seu estado. E porque alguns dis- los antes querem pagar multa, do que recorrer aos sacramentos por sobriga, recomenda aos parochos tenham este ponto de multa em gredo, e appliquem aos taes outra pena.

O que dispoz no seu decr. de 31 maio 1789, relativamente a não isfazer ao preceito paschal, a confissão feita em dias festivos sole- ies, quer que se entenda no caso de haver grande concorrencia de nte como em Cottate, Velly &c., para as festas de S. F. Xavier, S. omé..., onde o reboliço da gente estorva a fazer-se a confissão com reparação devida, mas não prohibe que essa confissão por desobriga faça pela festa de cada *cuthaguey* (54).

100) 1791 Novembro 7. *Portaria*. Recommenda aos parochos lhe ponham em um mez, as providencias que lhes parecerem necessa- i, para o bom regimen espiritual e temporal de sua freguezia, ain- que sejam contra o que elle haja determinado; providencias atti- tes a extirpação de vicios e cessação de peccados; meios para uzir os fieis a observança da lei de Deus, e cumprimento das or- s dos seus superiores; para os apartar da observancia dos ritos tilicos, e perseguição ao proximo por espirito de vingança; para estimular á frequencia dos sacramentos com as disposições devidas; a conservar pura a religião, sem mistura de costumes que n'esta a deslustram; para manter a concordia entre os chefes das po- ções, evitando-se os continuos despotismos que elles praticam: in- nem que especies de contractos usurarios se praticam nesta terra,

(54) Cuthaguey—termo malabarico que significa povoação, granja.

para elle os prohibir; e tudo o mais que fôr conducente á manutençã da disciplina da egreja, ao augmento das rendas das egrejas e seu aceio: proponham as providencias que seja mister adoptar, a respeito dos officiaes da egreja &c: de todos estes pontos faça o parocho um memorial para o apresentar em conferencia dos parochos, no dia que elle fica de designar. Particularmente recommenda que proponham os meios de reformar *(sic)* os casamentos, para maior segurança d'este sacramento e maior sujeição dos povos nesta materia.

101) 1797 Junho 8. *Circular*. 1 Tira a susp. imposta aos parochos, que abençoassem os casamentos dos que não se tivessem recebido em face da egreja, 3 mezes depois de celebrados os esponsaes: e permitte que se complete esses casamentos independentemente de sua licença, castigando todavia com multa ou penitecia os morosos. 2 *(Inintelligivel)* Permitte só aos parochos, julgando necessario, castigar os christãos rebeldes... irem a coima *(sic)*; 3 no contracto antenupcial não se imponha multa ao que resilir dos esponsaes, em beneficio d'um dos contrahentes ou em beneficio da egreja, por ser tal pacto defeso e restrictivo da plena liberdade, que deve haver a respeito do casamento; 4 poderão os parochos diminuir quando fôr conveniente a quantia de 3 phanões de multa, pela omissão da confissão annua, e mitigar a penitencia publica, attendendo á diversa condição dos culpados. 5... *(inintlligivel)*... 6 Poderá completar depois de punidos os culpados, o casamento dos que depois de celebrados os esponsaes, frequentassem a casa de sua futura consorte, e tira a prohibição que para isso havia por ant. decr., com tanto que não haja impedimento pelo trato illicito do noivo com alguma parenta da noiva.

102) 1797 Julho 14. *Decreto* do pe, Filippe Nery de Meneláo, nom. pelo bispo visitador das missões da costa Pescaria. Manda aos parochos deste districo: 1 que ensinem toda a doutrina christã antes da missa nos dias de guarda, e digam por si ou pelo cathequista os actos de fé... : 2 advirtam aos cathequistas que durante a missa nesses dias, não sendo cantada, recitem em tamul as preces e deprecações chamadas *Puzei mandiram;* prohibe o canto de hymno em latim, portuguez ou tamul; 3 inquiram antes de lerem os banhos de casamentos, se os contrahentes querem casar livremente e sabem a doutrina christã, e sem na saberem, não proclamem o matrimonio; 4 usem de sobrepelliz e estola ao ouvirem de confissão, como se faz para a administração dos demais sacramentos; 5 façam o recebimento dos noivos in facie ecclesiæ, como manda o ritual, e não na capella mór: 6 em cada egreja haja um só mordomo ou procurador, para em presença do parocho cobrar os rendimentos da egreja, e se o parocho estiver ausente, lhe prestar no fim do mez conta da receita e despeza, recolhendo o parocho o dinheiro no cofre. 7 Pelo uso de plubial nos baptismos, casamentos e enterros, os proes pertencem ao parocho, e não á egreja; 8 nos dias de guarda ninguem irá á pescaria sem licença do prelado; 9 por uma cruz que se levar para o enterro diz que os proventos pertencem ao parocho; levando-se mais cruzes, pertencem á egreja; os enterros dos pobres sejam gratuitos.

103) 1798 Fevereiro 12. *Carta* ao bispo d'Usula vigario ap. da

Malabar. Diz que prescindindo de lhe provar por textos das
ıtifi, e outros documentos, que elle vigario ap. não tem ju-
ɩobre os christãos do Malabar, limita-se a dirigir lhe os seg.
ıguardando resposta. Se não responder, é prova certa de
do que elle affirma a respeito da illegitimidade de sua ju-
se responder fica de lhe demonstrar a verdade mais cabal-

egrejas latinas da diocese de Cochim e proximas a esta ca-
em ou devem comprehender-se na Serra Malabar? 2 os hol-
oram algum dia senhores dominantes da Serra Malabar? 3
até hoje os christãos do rito latino das egrejas visinhas de
u d'outras quaesquer da minha diocese, foram ou pretende-
mente abraçar os erros dos scismaticos jacobitas da Serra
4 ainda hoje os christãos do rito latino tem algum perigo
ı o scisma? 5 v. illma. ou algum dos seus antecessores vi-
, como taes, são successores dos apostolos, ou bispos ordi-
ste Malabar? 6 v. illma. ou algum seu antecessor tem juris-
linaria. e algum territorio particular n'este Malabar. assig-
papa? 7 v, illma. tem do papa o titulo de bispo d'Usula
rapoly? 8 v. illma. querendo meus subditos reconhecer-me
gitimo prelado, pode directa ou indirectamente impedil-os,
elles alguma jurisdicção? 9 presentemente os hollandezes po-
algum impedimento verdadeiro, sobre os ditos meus chris-
ontos de religião ou jurisdicção? 10 o breve obreptício ou
o, que os antecessores de v. illma. tiraram do papa, para dar
o aos subditos meus christãos, pelo impedimento dos hollan-
pelo imaginario perigo de scisma, tem hoje algum valor?»
798 Julho 2. *Circular*. Pelos inconvenientes que resultam
o parocho á sua conta, a defensa dos officiaes da egreja, no
s serem acoimados por alguma falta, delicto ou injusto pro-
, prohibe que os parochos em casos semelhantes tomem a
eja d'outro qualquer seu freguez. Manda que indaguem no
ario, se os penitentes coimaram alguem por vingança, e os
vam antes d'elles satisfazerem o damno causado: fóra do
ario sejam castigados os delinquentes na coima, e se lhes
r a gravidade da culpa. Manda se lea esta circular, convo-
chefes das povoações e os mais que ao parocho parecer. Para
razão que os officiaes da egreja podem allegar de que não tem
ıer que os parochos proponham este negocio á povoação; e
tabeleça condigno vencimento, ou pela fabrica ou por uma
ela povoação; applicando-lhes até então as multas que sobre si
ram na coima; e se a povoação não quizer contribuir para
dos officiaes, não os deixem servir na egreja; nem tomem
seu logar, nem exerçam funcções que requeiram sua assis-
o proprio parocho fôr accusado na coima, poderá defender-
. da egreja.
-*D. Fr. Thomaz de Noronha e Brito*, dominic. inquisidor
ficio e vigario geral de sua cong. na India. Depois de ter
a governação dos bispados de Meliapor e Cochim, eleito bispo

d'esta diocese por D João VI a 3 dez. 1816: recebendo esta nomeação em Goa voltou a Cochim, e entrou novamente no governo do bispado a 1 dez. 1817: confirm. a 16 jan. 1819 e sagr. em Goa a 4 março 1821. Com licença do governo da India partiu de Goa em março 1822 para Portugal, como representante da nobreza e officialidade do exercito de Goa, junto ás cortes soberanas da nação; deixando encarregado o governo do bispado successivamente a fr. Joaquim de St.ª Rita Botelho e ao arcebispo de Cranganor D. fr. Paulo.

Apresentado em 14 de Março 1823 pelo 1.º imperador do Brazil D. Pedro I para a diocese de Pernambuco, foi confirm. por Leão XII em maio 1828: nom. vigario capit. da mesma diocese pelo arcebispo da Bahia, tomou posse por procurador em jan. 1824, e foi regê-la em 1825. Fez para ser confirmado no bispado de Pernambuco, renuncia da mitra de Cochim, que foi officialmente remettida para Roma com aviso de 15 jan. 828 ao ministro Vidigal. Quando chegaram as bullas de sua confirmação, o prelado desgostoso com o governo já havia feito renuncia da sua nova diocese, retirando-se sem licença do governo em principios do an. 1829 para Gibraltar e dahi para Portugal, d'onde voltou a Pernambuco em 1839 sendo ahi bem recebido e nom. pelo governo imperial director do curso juridico de Olinda, logar que exerceu algum tempo e de que se demittiu. M. em 9 julho 1847. Compoz uma *Exposição da doutrina christã* (55). Na *Historia B. J. Brito*, Lisb. 1852 p. 342 e no *Direito civ. eccl. brazileiro* I P III, 1336 está transcr. a carta deste bispo escr. de Goa a 30 nov 1817 ao nuncio de Portugal, solicitando a vinda de padres jesuita para as missões de Cochim. No hospicio de Olicare está deste bisp um retrato em ponto grande meio corpo.

Expediu de Goa a seguinte.

105) 1822 Fevereiro 15. *Pastoral.* Em razão dos acontecimento extraordinarios occorridos em Goa, diz que elle fica privado da satisf ção de se restituir ás suas ovelhas, e tem de ir a Portugal, incumbi de um mandato importante. Confirma no governo d'este bispado a f Joaquim de S.ta Rita Botelho, e lhe confere algumas faculdades.

Vai aqui estampada a relação dos casos reservados, dias de guar e de jejum n'este bispado de Cochim, extrahida d'um livro antigo camara, onde não se acha indicação do prelado que os decretou (56

Casos reservados

1 Heresia, e esta tem annexa a si excommunhão.
2 Blasphemar ou renegar por costume.

---

(55) «O bispo de Cochim tendo chegado ao Rio de Janeiro, e não queren passar outra vez para a Asia, pelo recentimento *(sic)* que ainda lhe ficara grande temporal que apanhou no cabo (de Boa Esperança), se satisfez da nom ção do bispado de Pernambuco, pelo novo imperador do Brazil, o qual bisp dizem render 30 mil cruzados»—*Abelha da China* 1823 n.º 61 p. 270,—*Jorn cath*, Lisb. 1847 n.º 19 e 1848 n.º 24,—*Direito civ. eccles. brazileiro*, Rio de J 1866 I P. II, 581 e P. III, 882, 1328, 9,—*Narraç. da inquisiç. Goa* 90 e seg, *Ann cons. ultr* fev. 1854 a dez. 58 p. 35—Dicc. bibl portg. VII, 359—*Dicc. p* VIII, 450,—*O provimento das egrej. paroch.*, por dr. Francisco do Rego M Recife 1880 p. 113

itiçaria, advinhações: tem annexa excommunhão.
endio voluntario, com intenção de fazer mal.
sar segunda vez, sendo vivo o primeiro conjuge.
samento clandestino, e as testemunhas que a semelhante ca-
ssistem.
temunho falso em autos publicos, ou em juizo, ou em escri-
a.
mãos violentas em clerigo.
lenar por saltos, ou sem devido patrimonio.
ender escravos a pessoa d'outra religião
ivorecer a idolatria ou os ritos gentilicos: tem annexa excom-

ar pancada em pai, mãi ou outros ascendentes.
mar, dar, procurar, ensinar ou aconselhar mesinhas para
eto animado: tem annexa excommunhão.
cesto dentro 2.º grão, assim de afinidade como de consangui-

crilegio, ou seja em razão do logar em que se pecca contra
7.º mandamento, ou seja furtando em qualquer parte cousa
u pertencente á egreja ou jurar falso, ou não cumprir o ju-

da a excommunhão maior, ou seja a que ha por direito com-
pelo direito do bispado.
mmutar votos.
licitar no confissionario, ou antes ou depois da confissão, ou
ifessor ao penitente, ou o penitente ao confessor.
tá reservada e suspensa a jurisdicção do confessor acerca do
cumplice no peccado contra o 6.º mandamento: não pode
o nem absolvel-o.
santos de guarda: Todos os domingos do anno.
as de Christo S. N., a saber: Natal, Circumcisão, Epipha-
nsão e Corpo de Deus.
as de N. Sra., a saber: Purificação, Annunciação, Assum-
ividade e Conceição.
le jejum de preceito: 6.ᵃˢ feiras da quaresma.
do santo.
a do Natal.
indulto (57) não gozam os europeus, nem outros que se não
ndem debaixo do nome de indios, ainda que sejam nascidos
ado.

. p. 226, 7, 53 do meu *Guia dos officiaes da egreja* ou *Manual compl. lo sacristão, do catheq...*, Quillon (Coulão) 1883, 8 de x — 434 — iv p.
ste indulto de mui poucos jejuns no anno foi impetrado da s. sé pelo
emente atraz lembrado em beneficio dos christãos indigenas, no fun-
ser mui parca e pouco suculenta a sua alimentação usual. Dos livros
não consta se no bispado de Cochim subsiste o preceito d'abstinen-
is das temporas. Quanto a abstinencia nos dias das rogações v. atraz
791 jul. 20.

b) Bispos eleitos — Governadores episcopaes — Vigarios geraes — Visitadores da diocese

Castanheda l. 3 c. 120 faz menção d'um vigario ger. em Calicut: não lhe diz o nome.

1515 — *Fr. Manoel de S. Mathias*, franc., superior das missões de Cochim: converteu á fé cath. 12:000 mapulas dos erros do nestorianismo que abjuraram (1).

1545? — *Pe. Pedro Fernandes* ou *Pedro Gonçalves*, visitador e vigario ger. de Cochim nom. pelo bispo de Goa D. João Albuquerque. (2).

1554 — *Fr. Gaspar da Cruz*, rejeitou a mitra de Cochim que lhe foi offerecida (3) V. *Malaca* bispos eleitos.

? — *Fr. Antonio Serrão*, dom., nom. b.º de Cochim, depois da renuncia do b.º D. André de S. Maria; declinou o cargo (4).

1565 — *P. Henrique Henriques*, jes., superior das missões da costa da Pescaria (5).

1578? — *Licenc. Francisco de Mesquita*, chantre da sé, provisor e vig. geral de Cochim, e creio que tambem governador do bispado (6).

? — *Fr. Antonio de Beja*, francisc. da prov. da Piedade, b.º eleito de Cochim, não teve bullas de confirmação porque recusou o cargo.

Pelos fins do sec. 16 fundou em Madure o p. Gonçalo Fernandes, jes., uma egreja e um hospital, e abriu uma escola publica em que ensina á mocidade a lingua tamulica (7).

Do *Arch. portg. or.* III. deixa-se vêr que em 1600 era governador do bispado de Cochim *fr. Nicolão da Cruz*, franc.. Por não ter procedido como convinha nas materias de jurisdicção, e ser causa das inquietações que houveram entre os bispos de Cochim e Angamale e os p.es da companhia mandou-se por c. r. de 28 nov. 1590 fosse elle recolhido ao reino, ordem repetida em c. r. de 5 março 1592 posto que por parte do bispo de Cochim fossem apresentadas algumas razões, em abonação do dito fr. Nicolão, e sua idade e bom governo e ser companheiro do mesmo bispo (8). Na *Hist. P. Basto* p. 63 e 70 se diz que este fr. Nicolao foi nom. visitador das missões de Tuticorim e Ceylão pelo bispo de Cochim D. André de S. Maria. V. atraz p. 38 e seg..

No epitafio sepulcral de *fr. Diogo de Sant'Anna*, aug., na egreja do mosteiro de St.ª Monica em Goa (9), se diz que elle não acceitou a mitra de Cochim.

(Continúa)

P.e Casimiro Nazareth.

(1) *Obras* do arceb. Amorim III. 215.

(2) Lucena, 1680 pag 107. — *Cart S Fr. Xav.* I, 334 — Turselino 159 v, Dauriga [illegible] II. 281 e II 142. — *Hist mis cath.* III 2 c. 3 p. 483.

(3) *Hist.* [illegible]

(4) *Hist S.* [illegible] 23 . — *Claustro domin.* I 86.

(5) Barton [illegible] Gozman I, 106, 7.

(6) *Arch.* [illegible] 461.

(7) [illegible] 281

(8) [illegible] II, 129 e III, 278, 87.

(9) [illegible] *Oriente portg.* 1906 p. 324.

27.ª Série — 1909 N.º 4 — Abril

BOLETIM

DA

Sociedade de Geographia de Lisboa

FUNDADA EM 1875

SUMMARIO

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
Rua do Diario de Noticias, 110

1909

BOLETIM DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

irector, proprietario e editor—*Sociedade de Geographia de Lisboa*—Rua de Santo Antão—Lisboa
Composição e impressão na Typographia Universal
pertencente a Coelho da Cunha, Brito & C.ª — rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

Concurso para uma Memoria ácerca da colonia portugueza no Brazil

I — *Proposta da Direcção*

SENHORES :

Um dos factos que mais justifica a affirmação da capacidade co-
ıisadora de Portugal, é sem duvida a formação d'essa grande na-
›nalidade que foi o Brazil possessão portugueza, e é hoje o Brazil
lependente. Para a creação do Brazil concorreu Portugal durante
:s seculos com o melhor da sua população emigrante; e por tal
·ma a corrente de emigração para a America portugueza se havia
dicado na vida nacional, que, realisada a independencia da colonia,
passados os primeiros momentos de natural hesitação, essa corrente
o affrouxou, antes porventura augmentou de intensidade, e durante
ıitos annos foi ella quem alimentou, quasi exclusivamente, as exi-
ncias, sempre crescentes, de braços e de actividades que a nova
ção independente recebia de bom grado, pois d'isso sómente lhe
sultava proveito.

Com o andar dos tempos outras correntes de emigração europeia
têem dirigido para o Brazil, resultando d'ahi a contraposição de
forços e de aptidões entre os emigrantes das diversas nacionalida-
:s. Por outro lado o Estado brazileiro começou, em certa altura da
a vida independente, a empregar esforços para tirar o maior pro-
:ito das diversas emigrações, no sentido de com ellas reforçar a
·opria nacionalidade.

D'esta maneira as condições em que ao presente se encontra a
›lonia portugueza no Brazil, são bem diversas das que se observa-
m em tempos anteriores. E' certo que a communidade de raça, de
ngua e até certo ponto de costumes de portuguezes e brazileiros os
›rna mais aptos á amalgama; conviria, porém, saber o que mais

aproveita a uns e a outros, se a absorpção completa ou a continuação da differença de nacionalisação; ou antes conviria demonstrar que a continuação d'esta differença é porventura mais util a uns e a outros.

Taes foram, além de outras que este momentoso assumpto naturalmente suggere, as razões que levaram o nosso consocio o sr. Zophimo Consiglieri Pedroso a propôr á Direcção da Sociedade de Geographia que se inscrevesse no orçamento do anno de 1909 uma verba destinada a premiar a melhor Memoria sobre

«o modo mais efficaz de promover a união moral da colonia portugueza no Brazil com a mãe-patria, apresentando os alvitres para evitar a sua desnacionalisação e indicando egualmente os meios mais apropriados para lhe dar a indispensavel força na lucta com as outras colonias estrangeiras, que ali lhe disputam a influencia».

A' Direcção da Sociedade de Geographia pareceu de todo o ponto interessante e de grande utilidade o estudo do problema proposto. Está elle completamente na indole dos trabalhos da nossa Sociedade e a sua resolução corresponde a uma necessidade, complexa, é certo, e portanto difficil de satisfazer, mas que nem por isso se deve deixar de tentar.

O systema de propôr a premio o estudo de determinados problemas scientificos é muito empregado pelas aggremiações de natureza analoga á da nossa Sociedade. A quantia arbitrada para o premio não representa de modo algum o valor do trabalho premiado, e apenas tem de ser considerada como um mero incitamento ou modesto subsidio para auxiliar as despezas de investigação originadas por estudos d'esta ordem.

O verdadeiro valor do premio consistirá em ser elle conferido por uma Sociedade como a nossa, e na publicidade que haja de dar-se á obra premiada.

N'estes termos a Direcção da Sociedade de Geographia, com o voto concorde das Commissões Americana e de Emigração, tem a honra de apresentar á vossa apreciação a seguinte:

PROPOSTA

1.º A Sociedade de Geographia de Lisboa resolve estabelecer um premio unico para a melhor Memoria que fôr apresentada sobre o seguinte assumpto: «o modo mais efficaz de promover a completa união moral da colonia portugueza no Brazil com a mãe-patria, apresentando os alvitres para evitar a sua desnacionalisação e indicando os meios mais apropriados para lhe dar a indispensavel força na lucta com as outras colonias estrangeiras que ali lhe disputam a influencia».

2.º O premio será da quantia de duzentos mil réis.

3.º A Memoria premiada será publicada a expensas da Sociedade de Geographia.

4.º A Direcção da Sociedade fica encarregada de formular o programma do concurso para a Memoria.

5.º A abertura do concurso não impede que qualquer socio possa,

em sessões ordinarias ou especiaes, fazer communicações ou conferencias sobre o thema proposto, ou qualquer das suas partes, ou ainda sobre assumptos a elle correlativos.

Sociedade de Geographia de Lisboa, 25 de Janeiro de 1909.

A Direcção.

II — *Programma do concurso*

A Direcção da Sociedade de Geographia de Lisboa, devidamente auctorisada pelo voto da Assembleia Geral de 8 de Fevereiro do corrente anno, faz publico o seguinte.

1.º

A Sociedade de Geographia de Lisboa põe a concurso a redacção de uma Memoria sobre o seguinte assumpto:

«O modo mais efficaz de promover a completa união moral da «colonia portugueza no Brazil com a mãe-patria, apresentando os al«vitres para evitar a sua desnacionalisação e indicando os meios mais «apropriados para lhe dar a indispensavel força na lucta com as ou«tras colonias estrangeiras que ali lhe disputam a influencia».

2.º

O praso do concurso começa na data d'este programma e termina em 1 de Maio de 1910 ás 4 horas da tarde.

3.º

As Memorias deverão satisfazer ás seguintes condições materiaes:

a) redigidas em lingua portugueza;

b) empregando calligraphia legivel, quando sejam manuscriptas;

c) adoptando, quanto possivel, papel do formato do almasso nacional, com texto de um só lado;

d) não assignadas;

e) tendo no alto da primeira pagina do texto um motto escolhido pelo auctor;

f) encerradas em um envolucro lacrado, sómente com a seguinte indicação exterior: «Memoria sobre a colonia portugueza no Brazil» e o motto escolhido.

4.º

Conjunctamente com a Memoria cada concorrente entregará uma declaração encerrada em envolucro lacrado, da qual conste explicitamente o seguinte:

a) o nome do auctor da Memoria e sua residencia;

b) o motto adoptado;

c) a declaração expressa de que o auctor acceita todas as condições d'este concurso.

O envolucro d'este documento terá tambem sómente esta indicação exterior: «Memoria sobre a colonia portugueza no Brazil» e o motto escolhido.

5.º

As Memorias, juntamente com as respectivas declarações, serão entregues na secretaria da Direcção da Sociedade de Geographia de Lisboa, em qualquer dia util dos ultimos dois mezes do praso fixado no n.º 2.º. O empregado que as receber, lançará um numero de ordem em cada Memoria e respectiva declaração, e entregará ao apresentante um recibo com a declaração d'esse numero e do respectivo motto.

6.º

Decorrido o praso do concurso, será convocado o jury que ha-de apreciar as Memorias apresentadas.

7.º

O jury será presidido pelo presidente da Direcção da Sociedade de Geographia de Lisboa e composto de mais seis vogaes pelo modo seguinte:

a) um director da Sociedade de Geographia;
b) um vogal da Commissão Americana da Sociedade de Geographia;
c) um professor da Escola Colonial;
d) um professor do Curso Superior de Lettras;
e) um funccionario superior do Ministerio dos Negocios Estrangeiros;
f) um funccionario superior do Ministerio do Ultramar.

Cada um dos seis vogaes será escolhido pela respectiva instituição, por solicitação do Presidente.

8.º

O jury receberá da secretaria da Sociedade as Memorias apresentadas, e regulará, como entender, a ordem dos seus trabalhos, a fim de determinar a qual d'essas Memorias deverá ser concedido o premio, ou ainda se nenhuma d'ellas está nas circumstancias de o receber. No primeiro caso o jury procederá á abertura do correspondente documento a que se refere o n.º 4.º. Se d'esse documento constar expressamente, além das outras, a declaração mencionada sob a alinea *c)* d'esse numero, o jury dará por terminados os seus trabalhos. Se, porém, não fôr expressa a declaração de que se trata, o jury resolverá se ha outra Memoria nas condições de receber o premio, e havendo-a, procederá por modo identico, até apurar uma Memoria, cujo auctor tenha satisfeito áquella condição.

Do resultado final d'estes trabalhos será lavrada uma acta, assignada por todos os membros do jury, a qual será entregue ao presidente.

9.º

Havendo uma Memoria premiada, será o facto communicado á Assembleia Geral da Sociedade de Geographia na primeira sessão que se realisar depois de terminarem os trabalhos do jury, sendo convidado a assistir a essa sessão o auctor da Memoria, ao qual será entregue o premio n'essa occasião.

Não podendo o auctor da Memoria assistir á sessão, ser-lhe-ha o premio entregue pela secretaria da Sociedade, que cobrará recibo.

10.º

O premio será a quantia de duzentos mil réis em dinheiro portuguez.

11.º

A Memoria premiada será publicada a expensas da Sociedade de Geographia, pela fórma que a sua Direcção resolver. Sendo a publicação em volume especial, serão dados ao auctor cem exemplares.

Lisboa, 5 de Abril de 1909.

A Direcção.

OS VULCÕES DAS ILHAS DE CABO VERDE E OS SEUS PRODUCTOS

(Continuado da pag. 113)

A ILHA DE S. VICENTE

Esta ilha está ao sul de S.[to] Antão; tem uma forma redonda e uma superficie de cerca de 6 milhas quadradas. Emquanto que na ilha de S.[to] Antão vemos uma serra alta percorrida por fundos abysmos, S. Vicente mostra um terreno baixo, muito menos montanhoso.

As costas de S. Vicente são muito escarpadas ao occidente e ao sul; da ponta do sul até á ponta de léste ha uma pequena planicie de pouca altura, assim como para o nordeste encontramos uma praia um pouco alta.

Estudemos um pouco mais de perto os differentes declives. O declive do norte mostra 2 bahias; a maior forma o grande porto de S. Vicente, um dos mais bellos portos naturaes. Todos os declives são altos, escarpados e pedregosos á direita e á esquerda do porto; unicamente a praia tem pouca altura e forma uma pequena planicie que mais longe se transforma em ondulado terreno montanhoso. A' saida do porto encontra-se o ilheu dos Passaros que tem approximadamente 80 metros de altura, ilheu que forma uma rocha isolada em frente da ponta da Columna.

Ao nordeste abaixa-se o terreno e na serra pedregosa liga-se á planicie de Salamansa que mostra a bahia do mesmo nome.

Um promontorio montanhoso de cerca de 100 metros de altura forma, n'uma extremidade d'esta planicie, a ponta nordeste da ilha. Entre esta ponta nordeste e a ponta oriental, que é alta e rochosa, encontra-se outra bahia. O terreno até á ponta sul é menos alto e é interrompido por algumas novas crateras; d'aqui seguimos quasi geralmente uma bahia alta muito escarpada até á bahia de S. Pedro que está situada na extremidade d'uma pequena planicie que vae quasi até ao porto de S. Vicente; ao passo que d'ali a costa continua de novo cheia de fendas.

S. Vicente compõe-se d'uma serra circular que em todas as partes é escarpada para o interior, mas que se abaixa um pouco mais brandamente para a costa; comtudo a serra não é inteiramente plana, mas formada por terreno em parte plano, em parte ondulado e de pouca altura que a léste se liga pouco a pouco á alta crista. A maxima altura é formada pelo Monte Verde (707 metros), uma crista que se abaixa pelo mar formando um angulo de 45°.

Para dentro a parte superior tem um abysmo de cerca de 300 metros de fundo; é escarpada; depois o terreno transforma-se, pouco a pouco, em uma crista que vae para oeste e norte e que se chama o Campo Inglez.

Do Monte Verde vemos a circumvallação abaixar gradualmente de cerca de 100 metros para o sul e o norte, onde quasi sempre se pode observar uma estreita crista rochosa. A estructura da serra é muito simples; correntes de lava de 1 a 10 metros de espessura, separadas por muitas e estreitas camadas de tufo, justapondo-se com uma pequena inclinação de 10-20° em forma de manto para o exterior. São interrompidas por numerosos e estreitos veios de curso irregular, ora verticaes, ora inclinando-se a formar todos os angulos. Os veios teem de ½ a 3 metros de espessura.

E' exactamente a mesma estructura que se observa na alta corda escarpada que vae do porto de S. Pedro e que se estende com pequena interrupção até á ponta do sul; n'estes valles os declives são para o interior muito mais escarpados e altos, apesar da altura absoluta da crista ser um pouco mais pequena que a do Monte Verde.

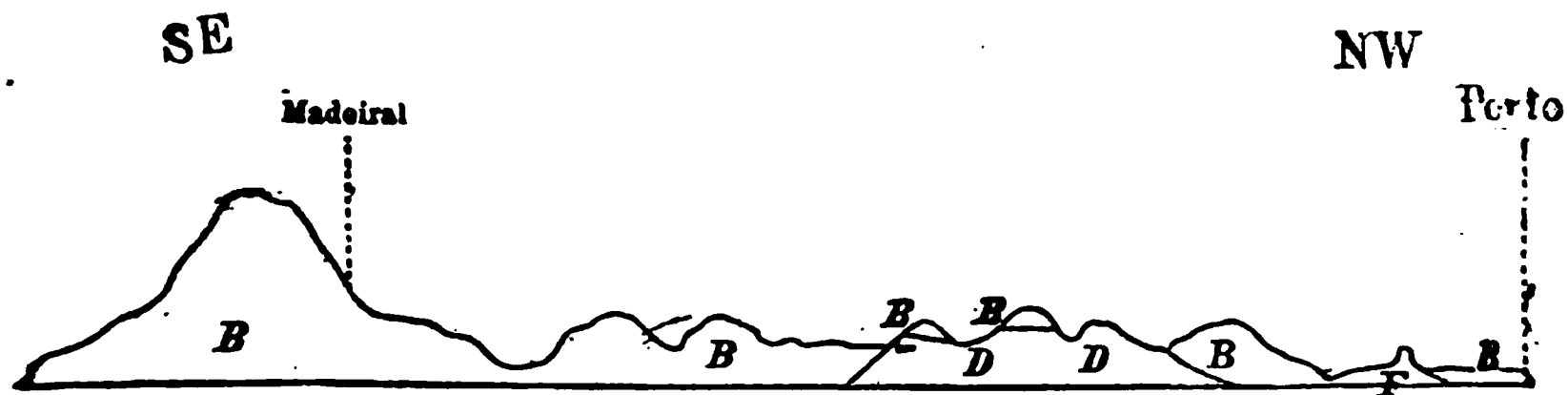
As correntes de lava teem, em toda a parte, muito pequena inclinação e ás vezes não são mesmo separadas por tufos. Tambem deve observar-se que, ao contrario do vulcão rico em pedra pomes de S.^ta^ Antão, a ilha de S. Vicente é extraordinariamente pobre em massas projectadas soltas.

Emquanto ao terreno interior circumdado por esta muralha, tem configuração differente. A léste do porto levanta-se entre a praia e a muralha escarpada um terreno accidentado bastante plano e pouco elevado que na maior parte é coberto por correntes de lava; reconhece-se aqui tambem a passagem de veios. Ao sul a formação é analoga; é um terreno que vae bastante para o interior, que é em parte plano, em parte de baixas collinas; para o lado do sudoeste o terreno de collinas fica mais alto, a parte plana transforma-se em um largo valle, mas ao sul, no pé do Madeiral, a planicie alarga-se e entre os dois valles ha uma divisoria d'aguas muito baixa.

O Campo Inglez e os outros declives do Monte Verde para o interior apresentam espessas correntes de lava com poucas camadas de tufo e muitos veios; é pois exactamente construido como as outras partes da montanha.

A planicie que se estende pela parte de traz do porto e que, como já foi observado, passa a ser terreno de collinas onduladas, consiste de basalto com feldspatho; na parte da planicie que se estende para S. Pedro encontra-se, á distancia de meia hora das ultimas casas, uma pequena elevação de 3 metros apenas que consiste de foyite e que é atravessada por espessos veios de basalto; esta formação, é isolada no meio da planicie; mas com exame mais cuidadoso do sueste d'este ponto vêem-se as collinas que se estendem para o lado interior da muralha occidental da cratera e pelo lado de traz das primeiras (que consistem de basalto porphyrico) e á direita diversas collinas d'uma altura de 40-60 metros que são constituidas de rocha de grãos grossos de syenite ou de rocha analoga com diabase. Encontram-se todas as possiveis variedades de estructura desde a diabase mais compacta até á dorite de grãos mais grossos que, muitas vezes, são ligadas umas ás outras pelas rochas intermediarias; o todo é interrompido por pequenos veios de basalto d'uma espessura de 1-2 metros, emquanto que espessas correntes de 3-9 metros do mesmo basalto jazem sobre as rochas mais antigas.

O massiço é interrompido por maiores massas de lava e não forma por consequencia um todo ligado; pode reconhecer-se a cerca de 3/4 de milha para o SW. do primeiro logar onde se acha a foyite e á mesma distancia para léste.

Em toda a parte o massiço é interrompido e percorrido pela lava mais recente; no sueste da villa de S. Vicente cessa a rocha mais antiga e encontram-se sómente diversos calhaus d'esta, como tambem d'uma rocha da especie do gneiss. A superficie coberta das rochas mais antigas é bastante grande, alcançando quasi uma terça parte de milha quadrada, apesar de fazer abstracção das lavas mais modernas que se teem intercalado entre as diversas massas pedregosas.

Entre a bahia de Salamansa e a cidade de S. Vicente, aonde a crista forma uma pequena depressão que é coberta de grandes massas de areia, encontram-se terrenos de formação sedimentosa que tambem tem interesse. O declive para a bahia de Salamansa é n'este ponto, chamado Amargoso d'uma nascente de agua amarga (sulfato de sodio) que se encontra ali; no cume formou-se uma pequena planicie,

onde se encontram diversas camadas (de cerca de 0,25 metros de espessura) d'um calcareo amarellado compacto no meio da rocha vulcanica; muito perto o chão é coberto de aggregados de calcareo dolomitico que podiam ser tomados por massas projectadas. E' sómente a alguns metros d'ali que se encontra um terreno, de cerca de 50 metros de diametro, de calcareo crystallino avermelhado contendo ferro no meio d'uma rocha phonolithica.

No declive para o mar já não ha nenhum vestigio de calcareo, e, portanto, temos aqui uma serra sedimentosa mais antiga. Emquanto a estes aggregados far-se-hão algumas observações na segunda parte d'esta obra. Ainda não está bem estabelecido se estes terrenos são o residuo d'um antigo monte calcareo, se foram levantados talvez por alguma erupção, mas considerando a grande superficie que é coberta dos diversos fragmentos da antiga formação (fragmentos em que não existe actualmente cohesão), pode chegar-se á conclusão de que realmente tinham formado antigamente um massiço ligado.

Façamos a descripção da parte da ilha que está exteriormente á serra circular e no declive d'esta.

A ponta nordeste que se eleva na planicie de Salamansa é uma montanha vulcanica de cerca de $^1/_4$ de milha de diametro, recente, não alta e sem cratera visivel; uma serie de crateras secundarias mais novas eleva-se na ponta sul. Na praia de S.ta Lucia, ao occidente d'esta ponta, ha um pequeno cone de escorias de 20 metros de altura; depois a um kilometro d'este ha uma cratera elliptica destruida e sem nome que tem fornecido correntes de lava; a altura é de cerca de 1·0 metros sobre a planicie e o chão craterico tem cerca de 400 metros de diametro. Encontram-se diversos pequenos cones de escorias e fragmentos de veios, mais a léste, proximo do Monte Vianna, que apresentam uma cratera um pouco elliptica de cerca de 300 a 400 metros e cuja borda é de cerca de 200 metros sobre a planicie, ha um cone de escorias que tem fornecido diversas correntes de lava que se estendem mais abaixo.

Para a costa ha uma estreita camada de calcareo que vae bastante longe, até 40 metros para o cimo da montanha e que tambem se encontra entre as pontas do sul e do sudeste. A ultima é formada por uma cratera, meio destruida pela acção das vagas; esta cratera tem mais de 200 metros de altura; abaixo encontra-se a pequena cratera Calhau, provavelmente a mais recente da ilha; esta cratera lançou para o mar uma corrente de lava; a sua superficie escoriacea está ainda bem conservada e n'ella se observam diversos pequenos cones salpicados que teem 5-15 metros de diametro e altura de 4-6 metros e que consistem de lava inteiramente escoriacea. A erosão não deixou aqui effeitos ulteriores; tudo dá a impressão d'uma cratera formada ha poucos annos, porque as escorias são muito recentes e porque a cratera está inalterada á superficie da corrente de lava.

Vamos ver agora a historia do vulcão.

S. Vicente representa evidentemente a ruina d'um grande vulcão estratificado, cuja altura era muito mais alta do que o pode fazer suppôr a muralha da cratera ainda conservada; a determinação exacta

da situação da cratera não é muito facil de estabelecer, por causa da falta absoluta dos vestigios de cinzas, mas não será muito arriscado designar o terreno baixo de collinas e as partes planas pelo lado de traz do porto e mesmo talvez uma parte do porto como ponto principal de erupção.

E' difficil dar mais informações sobre a configuração do vulcão por causa das grandes modificações produzidas pela erosão e pelas aguas do mar. O vulcão parece ter-se formado nos promontorios d'um antigo continente, porque as collinas baixas das antigas rochas eruptivas (em verdade não é possivel indicar a edade exacta) indicam uma superficie maior da que foi derivada das erupções, superficie que provavelmente está em relação com os terrenos calcareos. As relações das camadas provam claramente que estas rochas eruptivas de grãos grossos pertencem verdadeiramente a uma formação menos recente. No declive sueste do grande vulcão antigo, que é principalmente constituido de lava com muito poucas camadas de tufo solto e que é caracterisado pela riqueza em veios, formaram-se mais tarde diversas crateras secundarias; é provavel que a formação d'estas não seja muito antiga. A presença de camadas calcareas mais recentes nos declives do Monte Vianna, como tambem a presença de calcite e de formações de tufo calcareo (formação que é possivel que não fosse produzida por lavagem das rochas eruptivas, mas de calcareo maritimo) em diversos pontos, especialmente na costa septentrional, indicam um levantamento do vulcão desde a sua formação.

S. THIAGO

A ilha de S. Thiago está situada em 15° de latitude norte e a 26° de longitude occidental de Paris; tem a fórma de um trapezio; a superficie é de cerça de 18 milhas quadradas. Só em poucos pontos são as costas escarpadas e altas, mas em geral, de 16–20 metros sobre o nivel do mar. As costas apresentam poucas bahias. Podem distinguir-se tres partes; a parte de norte, a parte média bastante plana e a parte do sul formada da montanha mais alta da ilha, o Pico d'Antonia [1] e dos seus promontorios.

No norte da ilha eleva-se o Monte Gracioso que tem 4:500 pés de altura e que é uma cupula de phonolithe que de todos os lados se abaixa de modo extraordinariamente escarpado. O estreito valle de Fontes, separa-os dois promontorios da Serra Malaguetta; na embocadura está a pequena bahia do Tarrafal, em cuja costa ha formações calcareas terciarias de pequena espessura, que foram cobertas pelas lavas que attingem o seu limite septentrional; tambem no valle de Fontes encontram-se estas camadas sedimentosas. As baixas collinas que estão situadas em frente do Monte Gracioso para a costa léste, são cupulas de phonolithe, circumdadas por lavas basalticas. Na ponta das

[1] Nas cartas maritimas erradamente Santo Antonio.

Bicudas encontra-se uma rocha interessante que contem muito ferro magnetico titanifero que é mecanicamente dividido na praia pela acção das vagas. Emquanto que sómente as partes mais leves da praia são arrancadas fica ali a areia mais pesada, formando camada espessa que podia mesmo ser de exploração technica.

Junto com esta rocha granulada encontra-se tambem na costa o deposito de calcareos que não é muito espesso. Ao sul do Tarrafal ha uma pequena planicie que vae lentamente para léste; o todo é um campo de espessas correntes de lava separadas por delgadas camadas de pedra pomes, inclinando-se todas para norte, formando muito pequeno angulo.

A planicie do Tarrafal deve, em parte ao menos, a sua formação á erosão. Seguindo a costa do sul do Tarrafal, as correntes são mais espessas e as collinas que tem formado, são mais altas; em geral observa-se que o terreno se eleva para suéste. A alguns kilometros ao sul do Tarrafal ha uma pequena montanha que representa uma cratera independente de tufo; observa-se a inclinação das camadas de tufo, em fórma de manto, breccias e pedra pomes. As breccias conteem ás vezes fragmentos de calcareos, de escorias e de basalto. Este pequeno vulcão parece não ter fornecido pequenas correntes de lava.

Immediatamente a seguir entramos outra vez na região das lavas; é onde se observam muitas espessas lavas tephriticas e basalticas. Aqui o terreno sóbe de novo consideravelmente para léste; diversos valles estreitos muito fundos, como a Ribeira da Prata, a Ribeira do Tarrafal, atravessam as altas cristas da serra, que vão brandamente para o norte. Os declives são extraordinariamente escarpados, cheios de abysmos e quebradas. No sul da Ribeira da Prata apparecem collinas, que apresentam uma rocha particularmente branqueada (phonolithe) que se estende até á crista da serra.

Esta parte da serra é tambem chamada Monte Branco e é atravessada por diversos abysmos pequenos. O ponto mais alto do massiço septentrional é o Monte da Malagueta; os declives para norte, nordeste e noroeste e numerosos valles de erosão, dão origem a uma serra pedregosa muito cheia de abysmos e muito ramificada. Correntes de lava, de espessura muito diversa, são separadas por camadas de lapilli e tufo; aonde a lava estava em contacto com as ultimas, observa-se quasi sempre uma terra encarnada de alguns centimetros de espessura.

Quando se estudam as camadas nos declives e nos abysmos da serra septentrional, vê-se uma muito pequena inclinação d'aquellas que vão sempre na direcção do norte; nenhum ponto central se observa na serra, como se póde concluir pela sua configuração; não foi do Monte Malagueta que as lavas correram; portanto, devem ter sido projectadas d'uma cratera meridional distante. Do Pico Malagueta para o oeste, a crista, pouco a pouco, torna-se plana; d'aqui para o sul, encontra-se um alto e escarpado declive, que no Pico tem cêrca de 1:000 metros, emquanto que no oeste é sempre de 400 metros. Para léste e para o sueste, cristas de serra vão-se gradualmente aplanando para o lado do mar.

:o d'este declive escarpado, ha uma planicie que tem mais de
netros de largura, a Achada Falcão [1].
ılto declive da Serra Malagueta para a planicie alta notam-se
ıos e estreitos veios, quasi sem excepção verticaes, que vão
nte com a inclinação SW. e que portanto são quasi paralellos.
as pertencem aos basaltos. Estes veios encontram-se nas par-
s remotas da ilha; mas já na Ribeira da Prata e em Porto
› faltam inteiramente. Nos declives para léste, algumas es-
orrentes de lava mostram muito bella separação em columna.
'. Miguel e Porto Formoso, na costa léste da ilha, observa-se
posição radial de camadas, em fórma de roseta, de curtas,
essas columnas de basalto. As rochas das correntes de lava,
parte limburgite, em parte basaltos, feldspatho e nepheline.
arte media da ilha. — Entre a crista da serra da Malagueta
ıpo de serras que está em frente e que se estende do ponto
o para oeste, ha uma planicie em que se elevam diversos co-
sua borda occidental o terreno inclina-se brandamente para o
uitos valles, extremamente fundos e em geral estreitos, muitas
›ntribuiram para modificar a fórma primitiva do vulcão.
opria planicie, a Achada Falcão, é quasi plana e só mostra pe-
ubida para léste; algumas fossas largas com declives verti-
rcorrem a sua direcção de léste para oeste. Na borda do sul,
ıem diversas collinas ligadas, que consistem em espessas mas-
lavas, o Monte Tiro e o Monte Vermelho, que é principal-
omposto de massas vermelhas de tufo (cuja inclinação é para
:), emquanto que por detraz d'estas collinas se elevam os pro-
›s do Monte Grande e do Monte Gregorio, que são do outro
valle de erosão dos Engenhos; póde ver-se ahi muito bem a
ra da planicie alta, correntes de lava inclinadas muito bran-
: para oeste ou noroeste e entre ellas, delgadas camadas de
ə, em contacto com a lava, são muito carregadas de ferro e
:am uma côr vermelho-castanho. Na embocadura do valle dos
ɔs eleva-se pela direita uma alta montanha em fórma de
. de consideravel altura, o Monte Biriando, que se inclina em
para todos os lados e que mostra fórmas muito laceradas e
le abysmos; as camadas d'esta montanha são quasi horizon-
m uma pequena inclinação para o NW. e muitos veios a per-
em todas as direcções possiveis. A encosta do planalto do
Falcão para o occidente é por toda a parte mais escarpada do
a léste; 2 largos valles seguem até ao mar, o valle do Charco
e da Ribeira da Barca; ahi tambem se observa uma inclina-
camadas de lava, formando um angulo muito pequeno para
: e ha relações que são analogas com as do valle dos Engenhos,
ser aqui mencionadas algumas localidades especialmente in-
tes; na parte inferior do valle do Charco encontra-se um ter-

[1] ıada Falcão é o nome da parte da parte media d'esta planicie, outros
›mes de Achada Alem, Achada Mula, mas eu desiguo toda a planicie
me de Achada Falcão.

reno maior de verdadeira rocha sedimentosa, intercalada nas massas basalticas e coberta por ellas. A extensão d'este podia ser muito consideravel, porque vae até ao valle da Ribeira da Barca. Consiste em uma rocha da especie da phyllite e d'um calcareo azul, mais ou menos transformado em marmore granuloso, cuja descripção mais completa farei na parte mineralogica da obra.

Além d'isso, ha tambem uma antiga rocha eruptiva, da especie do foyite. Conforme a disposição em camadas das lavas não ha logar central d'erupção, mas como ellas correram evidentemente de maior distancia até este ponto, póde presumir-se com segurança que não temos aqui um terreno arruinado, mas sim fragmentos d'um terreno que antigamente existia e que tambem, como temos visto, se apresenta nos massiços mais antigos que se encontram em muitos outros pontos da ilha.

No baixo valle do Charco ha frequentes veios d'uma rocha, rica em biotite que faltam no valle superior e são provavelmente identicas ás do Monte Birianda. As rochas d'este monte são phonolithe ou tephrite; no valle da Ribeira da Barca, que é paralello, encontramos de novo camadas de lava, que são separadas por tufo; com muita frequencia encontram-se no valle blocos maiores de calcareo metamorphico. Na margem direita d'este rio começa a formação phonolithica que se estende até ao Monte Branco e d'ahi até ao Rio da Prata. São rochas particularmente branqueadas, separadas em placas que são dispostas quasi horizontalmente com pequena inclinação para o norte. Não posso affirmar se estas massas phonolithicas correram como as massas basalticas do sul para o norte e se podem ser consideradas como correntes de lava, ou se são uma serra independente em fórma de cupula, mas como em muitas partes ha uma disposição de lavas em camadas (disposição analoga á que é observada nas lavas basalticas proximas) bem se póde fazer a primeira hypothese, especialmente porque a configuração da serra não corresponde a um cume em fórma de cupula, mas a um massiço de lava modificado pela erosão.

Da planicie da Achada Falcão elevam-se diversos pequenos cones; o Monte Chegão na base sudoeste da serra da Malagueta, o Monte Aguas Podres, um pouco mais para o oeste, um segundo monte ao sul, e finalmente o pequeno cone de escorias Machouli para léste; nenhum d'estes cones apresenta uma cratera distincta, mas todos mostram os vestigios d'ella e a estructura de escorias e de lapilli confirma a existencia de crateras secundarias.

A altura d'estes não é consideravel; o mais alto que está na base da escarpada encosta da Malagueta, tem apenas 120 metros de altura; o Machouli tem talvez 40 metros. Do lado direito do valle dos Engenhos, encontra se uma continua serra de collinas que vae de léste para oeste. A parte mais oriental, o Monte Vermelho e o Monte Tiro que é proximo, foram talvez formados por erupções recentes; são constituidas por escorias e camadas de lavas, emquanto que as outras partes são separadas por uma depressão do valle. Sómente ha restos das antigas correntes de lava que tambem tem a mesma inclinação das que formam a planicie e os declives da serra. A altura d'estas colli-

as é tambem pequena e inferior a 150 metros. É para notar que a
clinação das camadas, no Monte Tiro e no Monte Vermelho, é diri-
da para norte e para nordeste. Em muitos lugares, especialmente
lado esquerdo do baixo valle dos Engenhos, encontram-se camadas
tufo vermelho-castanho, que é possivel que pertençam tambem a
ıa erupção mais recente, como estas collinas já mencionadas; a cal-
ira da Achada Falcão foi em todo o caso lugar d'uma intensiva acção
lcanica que se manifestou especialmente na formação de cones mais
quenos.

Em quanto ao declive da planicie para léste, ha sómente nas par-
mais altas uma inclinação mais escarpada, mas para a costa é muito
ıdual; muitos valles largos, como o de S. Miguel, Flamengos, Boa
trada, a atravessam; tambem aqui a estructura corresponde ao que
foi dito.

Espessas camadas de lava, com muito pouca inclinação para norte
ıordeste, são separadas por pequenas camadas de tufo; em geral os
os são aqui bastante raros.

O terreno é muito corrido e uma serie de picos em parte bas-
ıte altos e escarpados (p. ex. o Monte da Boa Entrada com 1:500
tros) e alguns outros emergem em fórma de pão d'assucar, como
tos d'antigas massas de lavas das partes mais brandas, formadas
os declives.

A supposição que este valle da Caldeira, de que acabo de falar,
a a primitiva cratera principal da ilha, é refutada pelo estudo
parte meridional como tambem porque o solo da Achada é for-
do por uma camada de lavas, que não mostra uma regular incli-
ão para o exterior, mas que se inclina formando pequeno angulo
a o norte.

O Pico de Antonia e os seus declives meridionaes. — No sul dos
les dos Engenhos e do Pico eleva-se a parte mais importante da an-
ı ruina vulcanica de S. Thiago: a antiga cratera do Pico e os res-
da parte que a rodeia.

O terreno no sudoeste da Achada Falcão está extraordinaria-
ıte transformado e corroido e, de tal modo que só com difficuldade
póde reconhecer, no enredado de numerosos cimos e cristas, uma
gem da antiga configuração da serra. Isto póde-se fazer me-
de cima do pico, aonde é bastante difficil chegar; d'este cimo
uma esplendida vista da ilha e da sua estructura.

O valle do Pico vae do angulo sudoeste da planicie para léste, e é for-
lo por dois pequenos valles, que no nascente são excavados em
na de caldeira; o caminho, que vae da Achada Falcão para o
e dos Orgãos, atravessa estes valles. Para léste a montanha é
s plana e sómente na origem dos valles se elevam algumas mon-
has em fórma de pão de assucar, cheias de abysmos com declives
raordinariamente escarpados. Analoga é a fórma da montanha no
le superior dos Orgãos, e do ponto de vista que já foi mencionado
erva-se um terreno de collinas que brandamente vae aplanando
ı o nordeste, léste e mais longe para sueste; este terreno de
na é cortado por numerosos valles geralmente largos e com

rica vegetação; na direcção do sul eleva-se escarpado sobre elle o Pico de Antonia a cêrca de 1.200 metros.

No valle do Pico, como tambem no valle dos Orgãos, ha sempre declives selvagens e gigantescos, que se inclinam escarpados sobre a antiga borda da cratera. A crista muitas vezes lacerada e coberta de abysmos só em poucos pontos tem guardado a fórma primitiva; em geral a erosão tem-lhe dado fórmas muito especiaes, sendo actualmente em fórma de pilastra que as massas rochosas isoladas immergem nas nuvens.

O nome do valle dos Orgãos que se estende no alcantilado declive, vem das rochas altas especiaes que se elevam em fórma de orgão. Considerando a estructura do declive que em toda a parte é descoberto, vê-se claramente nos valles da Caldeira, do Pico e dos Orgãos e nos valles lateraes, que as lavas são acamadas com uma espessura de 5 a 25 metros e que se inclinam pouco a pouco do Pico de Antonia para o sul e oeste, mas na parte inferior dos Orgãos vão para oeste e sueste formando angulos muitos pequenos. Estas camadas são unicamente separadas por outras muito estreitas de lapilli e de tufo.

E' notavel em toda a parte a pequena inclinação de lavas que já tinhamos observado na parte norte da ilha; o angulo é unicamente de cêrca de 10° e devem ter sido muito fluidas as lavas, para em planicie com tão pequena inclinação poderem ir a uma distancia de 4 e 5 milhas. Numerosos veios pequenos percorrem as camadas de lava em todas as direcções possiveis, emergindo em fórma de muralha.

Já foi notada a variedade de productos de erupção soltos; só no valle da Caldeira do Pico e na origem do valle dos Orgãos se accumulam estas massas e não sómente se apresentam entre as diversas camadas de lava, mas tambem em grandes massas na subida para Gomes Eanes; ellas mostram portanto egualmente o ponto de erupção, o Pico. Em quanto ás massas montanhosas, oppostas ao declive do Pico, em parte alguma teem uma altura consideravel, elevando-se relativamente pouco sobre o sopé do declive, e mostrando a simples estructura de camadas de lava que se inclinam para nordeste e léste. Tambem se pódem observar aqui veios, ainda que menos raramente. Para léste, mais adiante, os veios parecem tornar-se mais raros; para isso contribue tambem a circumstancia de que a direcção do valle que parece concordar com a direcção principal d'estes veios, torna a observação mais difficil.

Ao sueste da serra encontram-se veios mais frequentes e muitas vezes tambem em consideraveis distancias do supposto centro de erupção; em geral vêmos que n'esta direcção a montanha se aplana gradualmente; a acção da erosão é maior aqui e a ella se deve tambem a formação de cristas mais independentes como no Monte Leão, perto de S. Domingos, e em outros logares.

O terreno ondulado de collinas entre estes e o Pico é muito mais corroido do que os dorsos d'esta montanha; mas aqui não ha pontos de erupção recentes.

Toda a serra entre o Rio S. Domingos e o valle dos Orgãos parece constituida de camadas de lava que vão brandamente para léste e

que apresentam tambem n'esta região uma bella separação em columnas, ás vezes tambem em placas como no valle de S. Domingos; o caracter da região naturalmente é muito menos accentuado. Os declives, apezar de pouco altos, são relativamente escarpados e a superficie dos dorsos chega a ser mais em fórma de planicie, os valles parecem muito menos fundos e especialmente nas partes inferiores parecem da mesma largura.

Consideremos agora os declives occidental e meridional do Pico. Do pé da montanha conica superior propriamente dita, a Achada Mula, uma pequena planicie, eleva-se o terreno regularmente de todos os lados para oeste, sudoeste e sul.

O declive da Achada Mula para a planicie da Achada Falcão é ao principio menos accidentado, ás vezes lacerado por abysmos. Isto tem transformado o declive primitivamente regular em uma terra montanhosa, selvagem e escarpada. Da diminuição da altura no occidente póde-se claramente deduzir a fórma primitiva do declive mais brando; uma outra modificação foi produzida pelo declive da serra para a planicie alta da Achada Falcão que é de 300 a 400 metros e que na parte occidental no Monte Gregorio é bastante escarpada, emquanto que na parte superior do valle dos Engenhos é substituida por uma terra montanhosa que tem declives em fórma de terraço. Quanto á estructura geologica, as correntes de lava mostram um pequeno declive para norte e oeste; veios numerosos, quasi verticaes em geral com a direcção S.-N., apresentam-se nos declives escarpados dos valles de erosão. Para o sul e sudoeste o declive é mais brando; tambem aqui o declive original foi muitas vezes modificado pela erosão. De todos os lados se vêem os vestigios d'uma planicie que existia antigamente; já desde a Praya se observa n'uma altura de cêrca de 1.500 metros um terraço maior que se aplana lentamente para baixo e aonde se eleva o verdadeiro cóne.

Investigando-se a borda do sul para o Monte Leão, vê-se logo que o cimo mais alto, o pico actual, é a parte d'um cone que se formou d'uma planicie alta, a ponta d'um cone obtuso. A mesma coisa mostra a subida do cimo. Quando, indo de S. João, se segue o valle, depois de ter deixado a região das crateras secundarias, sobe-se lentamente no interior das massas de lava que teem um declive para o sul.

N'uma altura de 1.500 metros é o pé do cone propriamente dito; ao principio tem a mesma estructura que em baixo, mas depois, a cêrca de 100 metros do cimo mais alto, encontra-se a região do proprio cone que unicamente consiste de escorias e lapilli; no Pico que é tão estreito que apenas algumas pessoas juntas pódem ali ter lugar, já não ha apparencia de corrente de lava. Mesmo se os declives para o sul não são tão escarpados como os que vão para o norte, a erosão tem produzido aqui declives escarpados e muitos abysmos que o teem modificado. Demais é provavel que antigamente o vulcão fosse muito mais alto; o que resta do proprio cone de escorias é unicamente uma parte muito pequena; conforme o calculo a cratera devia ter tido um diametro de 1 a 2 kilometros. Mas é sómente

no cimo mais alto que se encontra um vestigio d'esta; seguramente não se póde fazer nenhuma hypothese sobre a fórma da cratera primitiva, porque só ficou um lado da muralha da cratera, em quanto que a maior parte foi destruida pela erosão.

Planicie ao sul da serra do Pico. — N'uma extensão de cêrca de 1 1/2 milhas estende-se ao pé do declive do Pico de Antonia uma planicie que se abaixa muito brandamente para o mar, um campo de lava, interrompido por erupções mais recentes. A espessura d'este campo de lava está comprenhedida entre 100 e 280 metros. As camadas são quasi horizontaes; a espessura das diversas correntes é muito consideravel e alterna entre 10 e 50 metros; são separadas por delgadas camadas de tufo.

Toda a planicie é atravessada por valles largos e pouco fundos que, em geral, tem a direcção N.-S., e que fazem uma impressão particular, lembrando os fundos *cañons*. Quasi por toda a parte da praia se observa uma delgada camada de calcareo que é de formação recente e que tambem contem as petrificações que ainda existem no mar. As lavas mais antigas do Pico de Antonia são mais remotas do que estes calcareos e assim vêem-se os calcareos encerrando basalto. Onde as lavas correram sobre o calcareo, as superficies das camadas modificaram-se n'uma distancia de cêrca de 0,25 metros e nota-se que o calcareo ficou um pouco granuloso e, em parte, em em grossos grãos crystallinos.

E' a isto que se limitam as observações de contacto feitas por mim. Em quanto ás outras observações de contacto descriptas por Darwin[1] devo confessar que as interpreto d'outra fórma; assim, por exemplo, a pagina 13 o mesmo auctor fala d'uma rocha escoriacea que contém calcareo e pensa que ella deve a sua existencia a uma mistura de lava e de carbonato de calcio, mas eu penso que apenas temos aqui um carbonato de cal que foi levado da rocha pela acção da agua.

Frequentemente observam-se na cal fragmentos de basalto e muitos basaltos conteem tambem fragmentos de cal, mas são simplesmente calcareos com basalto que ás vezes não foram alterados.

Dos effeitos de contacto prolongado não tenho nada observado aqui.

Vamos agora tratar dos pequenos vulcões secundarios que são muito frequentes no declive do sul. Entre o declive do Pico e a costa oriental vê-se uma serie de montanhas conicas que são mais recentes que o campo de lava que as circumdam. Um dos mais importantes é o Monte Vacca, no sopé do qual se encontra a planicie do Ilheu, um alto cone que não sómente tem fornecido escorias, mas tambem lava. Junto elevam-se mais dois pequeninos cones de composição similar e na continuação do sueste encontramos a pequena cratera do Monte Facho, «Darwin's Signal Post Hill», uma pequena collina que consiste em tufos, que tambem tem fornecido correntes de lava que correram sobre as pri-

[1] *Vulcan-Inseln.*

meiras lavas. No cimo do cone de cerca de 20 metros podem ainda ser verificados os vestigios d'uma cratera; diversos veios percorrem as camadas de tufo.

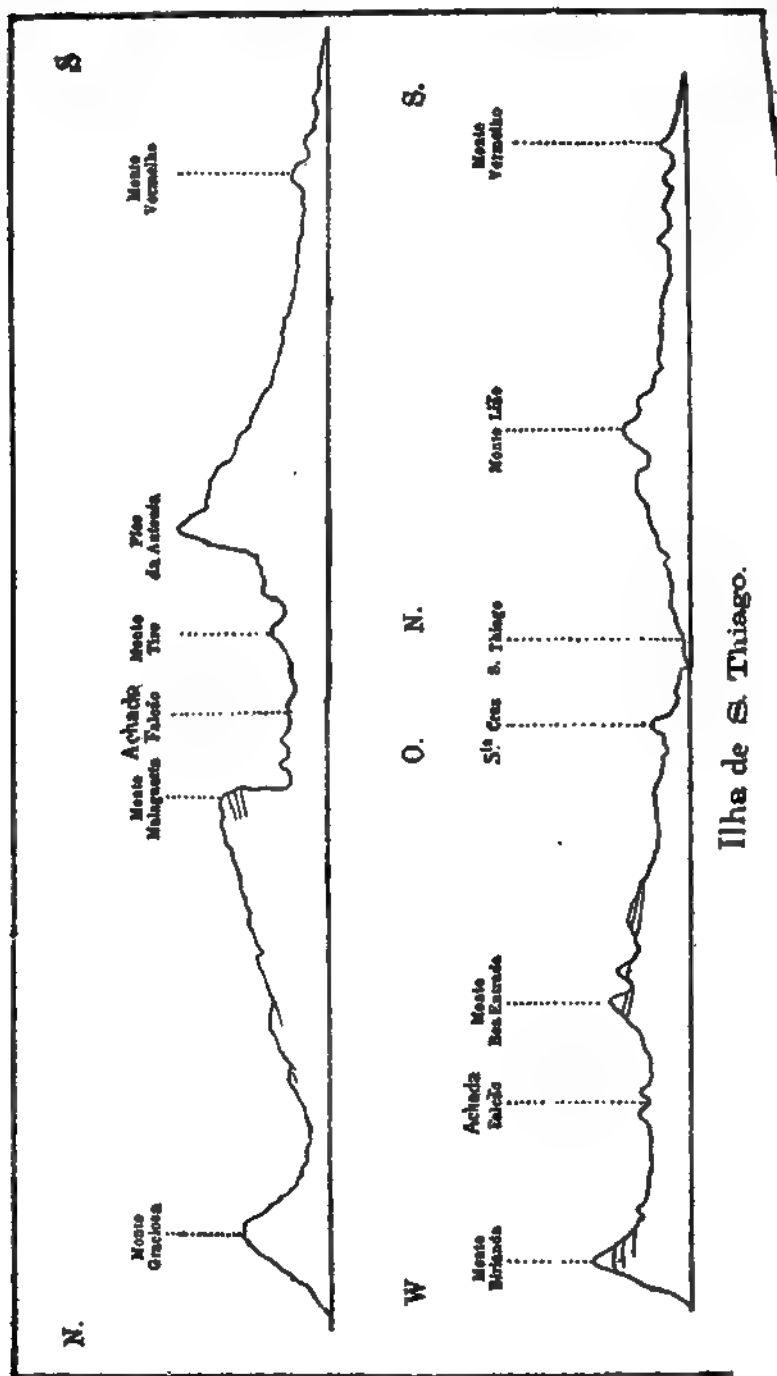
Um peqeneno cone recente e não importante encontra-se ao norte da Praya; a erupção d'este cone descobriu no sopé as rochas mais antigas, que não foram vistas em outra parte da região; é esta uma phonolithe da especie do porphyro que é interrompida por veios de basalto que evidentemente pertencem a esta erupção mais recente. No declive occidental d'esta montanha encontrei um grande terreno de schisto micaceo junto de blocos de diabase, marmore, diorite, gneiss. Em toda a parte se podem observar fragmentos dos ultimos, quando se sobe o pequeno valle, mas eu nunca os vi em logar proprio de formação.

Ao occidente da Praya eleva-se o recente cone do Monte Vermelho que consiste de escorias, mas que tambem forneceu lava. Para o norte liga-se a este cone um outro cone pequeno de escorias. Uma comprida região vulcanica secundaria se encontra entre a Ribeira Grande e a Ribeira de S. João; aqui tambem a erosão contribuiu muito para fazer desapparecer as fórmas montanhosas primitivas, de modo tal que tambem a antiga cratera desappareceu; sómente se percorre um labyrintho de camadas de tufo com correntes de lava que são atravessadas por numerosos veios em todas as direcções. As lavas correram para o occidente e para o sul, emquanto que na direcção septentrional não se vêem. O ponto d'erupção d'estas lavas parece ter sido o Monte Facho, o ponto mais alto da serra.

Ao norte a região liga-se ás lavas mais antigas do Pico de Antonia. Outros pontos d'erupção são o Monte Attaguado perto de S. João, um cone de escorias isolado, ao qual se ligam para o sul diversos e numerosos veios de basalto que atravessaram as correntes de tufo e lava; é especialmente perto de S. João que estes veios são extraordinariamente numerosos; como a erosão muitas vezes levou as massas soltas, vêem-se estes veios emergir isolados em fórma de muralha. Tambem no norte de S. João se vêem mais algumas collinas isoladas; a oeste da Ribeira Grande, á beira-mar, observam-se pequenos cones isolados.

Na costa oriental, perto da aldeia de S. Thiago, encontra-se uma região de lavas mais modernas que cobrem alguns kilometros quadrados. Um dos mais importantes pontos de erupção é ao norte d'este ponto, mas tambem aqui não se encontra cratera bem conservada.

As lavas recentes estenderam-se até S.ta Cruz, outras tambem em direcção septentrional até á embocadura do valle da Boa Entrada. O material das lavas mais modernas é na sua maior basalto com nepheline ou limburgite; o basalto com plagioclase é muito mais raro.

E' interessante dar alguma informação sobre as alturas. A altura do Pico (carta maritimo) é de 2.254 metros, mas von Barth indica 1.357 metros, emquanto que eu sómente encontrei 1.810. Quando fiz a determinação, vi que a altura media da Achada Falcão é de 600 metros e a do Pico Malaguetta de 1.300; segundo Barth o Monte Gracioso tem 645 metros. A altura indicada na carta marima parece-me indubitavelmente exagerada.

Mais algumas observações sobre a formação do vulcão insular. A ilha le S. Thiago é formada por um grande vulcão em fórma de cone, cuja ltura póde ser de 2.500 metros. N'este caso seria a do vulcão vizinho 'ogo que é tão analogo. A cratera principal encontra-se no cimo do ico, onde são ainda visiveis alguns restos da base do cone; as di- ensões da cratera poderiam ser approximadamente de um kilometro julgar pelos fragmentos que existem) e a altura de 900 metros.

Esta montanha em cone eleva-se sobre uma planicie, da qual ada se conserva um fragmento (o declive para o sul); mas a ques- de saber se esta representa um antigo solo craterico (a muralha e circumdava o cone interior) não póde ser resolvida; egualmente r causa de tão avançada erosão nada mais se póde dizer sobre a tiga extensão d'esta planicie que tinha cêrca de 1.530 metros de tura. As correntes de lava, em parte muitas espessas, formando gulo muito pequeno, cobriam toda a parte meridional da ilha, em- anto que do outro lado avançavam de 6 a 7 milhas para o norte. obriam ou corriam em redor d'antigas formações vulcanicas, como cupula de phonolithe do Monte Gracioso ou outras collinas que onsistem da mesma rocha, como aquellas que estão immediatamente a parte de traz da Praya. Por uma deslocação do ponto de erupção ibriu-se, depois ou durante o periodo de acção do vulcão, um grande valle da caldeira do norte da cratera principal, valle que foi sendo augmentando e aberto pela erosão e cuja parte plana fórma a mencio- nada Achada Falcão. Um certo numero de recentes e pequenos abysmos vulcanicos estava em actividade na Achada Falcão e forma- ram diversas montanhas conicas.

A inclinação das camadas mostra que esta caldeira não representa a antiga cratera grande, como se poderia julgar por uma vista super- ficial; estas camadas não se inclinam em fórma de manta para o ex- terior, mas tomam uma direcção para o norte, emquanto que as lavas que formam o chão da planicie alta, teem a mesma disposição de camadas. Portanto a Achada Falcão é um valle lateral formado por erupções ul- teriores, provavelmente combinadas com explosões, que formaram di- versas pequenas montanhas como o Monte Chegao, Aguas Podres, Monte Vermelho, etc.; este valle foi depois augmentado e modificado e sob muitos aspectos póde ser comparado com o «Val del Bove».

No pé do vulcão principal formaram-se alguns pequenos vul- cões secundarios; os maiores formaram os montes entre S. João e Ribeira Grande, depois o cone do Monte Vermelho, Monte Facho, Monte Vacca e outros.

O caso de encontrar restos d'uma formação sedimentosa no valle do Charco e ao norte da Praya mostra que as formações mais anti- gas que já encontramos em S. Vicente, se estendeu até aqui e que é muito possivel possam ter formado um todo uniforme; a presença de mais recentes camadas terciarias nas bordas do vulcão indica uma elevação d'este, ainda que pequena.

Apresento alguns perfis que devem facilitar o entendimento da topographia dos vulcões.

(Continúa). *Dr. C. Gœlter*

Traduzido do allemão por Eugène Ackermann

IMPRESSIONS SUR L'ÉTAT ACTUEL DE LOURENÇO MARQUES ET DE SON PORT AU POINT DE VUE SANITAIRE

Je désirerais montrer dans ce travail bien imparfait les progrès réalisés dans la ville et le port de Lourenço Marques. Tout le monde sait que le climât de Delagoa Bay est mauvais et dangereux, mais le même monde sait moins, plus, il ignore, les sacrifices imposés et les travaux accomplis par les Portugais, pour l'amélioration de la ville et du port. C'est ce que je chercherai à démontrer.

I

L'état ancien — à refaire

Il n'y a pas longtemps encore, peut-être il y a quelque 10 ou 15 ans, que Lourenço Marques et ses environs était appelé à cause de son climat mortel: le tombeau des européens. L'épithète devait être exacte, puisque la fiévre enlevait rapidement les colons européens installés dans les murs de la cité portugaise. Les jeunes colons en particulier, portugais ou autres, souffraient de cet état de choses. D'autre part les autorités, si elles voulaient remédier à cette état, étaient écrasées par la vue et la grandeur de la tâche. Il fallait faire disparaitre d'immenses marais paludéens, planter des arbres, refaire le port qui se trouvait dans un état défectueux et tant d'autres travaux urgents demandaient qu'ils fussent accomplis de suite.

Enlever les marais du bas de la ville était la condition *sine quâ non* de la santé future de la cité.

En effet d'immenses marais, réduits en lacs pendant les pluies de la mauvaise saison, remplissaient le bas de la ville.

Les terribles porteurs de la malaria prenaient leurs ébats dans ces étangs malsains et infestaient les environs.

L'insalubrité régnait partout. On n'osait pas même emmener à Lourenço Marques des enfants en bas âge, de peur de les voir enlevés par les miasmes délétères de l'endroit.

Cet état de choses ne devait pas durer longtemps, car il n'était pas dans l'intérêt de la ville et du pays qu'il durât plus longtemps. C'est alors que les édiles de Lourenço Marques ont compris leur devoir, devoir qui s'imposait, qui, s' il ne se réalisait pas, compromettait gravement la réputation de la Baie de Delagoa et de la ville de Lourenço Marques.

Il s'agissait d'abord de combler le rivage et d'édifier un port qui réponde aux exigences maritimes modernes. Il fallait combler les marais, créer des avenues, planter des arbres, détruire pour reconstruire, bref, une foule de travaux étaient en vue. — Tout cela fut le fruit de ces dix dernières années, temps d'activité inlassable, où la persévérance et le labeur de milliers de noirs ont été mis à l'épreuve.

Les autorités ont agi avec tout le zèle et la compétence d'une édilité soucieuse de son devoir.

Si on compare aujourd'hui deux vues de Lourenço Marques, l'une d'il y a dix ans, et l'autre toute récente, ou pourra facilement s'apercevoir qu'un travail considérable a été accompli. Les Portugais, toujours si fiers de leurs droits et de leurs priviléges, ont senti qu'il ne s'agissait pas seulement d'une responsabilité individuelle, mais collective, et que cela serait faire bénéficier plusieurs peuples à la fois, que de s'attaquer à l'entreprise d'une restauration aussi immense que nécessaire.

Ainsi fut fait. Nous en verrons maintenant les résultats.

II

L'état nouveau

Le résultat fut énorme. Des milliers de contos de réis furent dépensés, mais ce fut une dépense utile. Tout est transformé. Les vieux résidents de Lourenço Marques nous ont dit que ce n'était plus à comparer! Le résultat quel fut-il?

Je n'hésite pas à la dire: une ville moderne. Les marais furent comblés, et le voyageur qui parcourt Lourenço Marques aujourd'hui, ne se doute de rien, en contemplant les belles routes dures, les trottoirs, les massifs de verdure qui bordent les avenues, une jardin botanique — en même temps jardin public — qui donne l'illusion d'un vrai parc, avec lacs, ponts, installations rustiques, etc... — Les rues principales, jadis de sable, sont macadamisées, propres, élégantes et reçoivent tout l'entretien nécessaire.

Le quartier aristocratique, qui a transporté ses demeures à la Pointe Vermeille, posséde de fort belles propriétés et des jardins luxuriants.

Un nouveau cimetière va être maintenant construit, plus en dehors de ville encore, et un service sanitaire bien organisé trouve l'approbation de tous. Chaque année apporte avec elle une amélioration nouvelle, toujours la bienvenue, parce qu'on la sait nécessaire.

La ville s'étend sur les contreforts d'une colline de sable rouge, dans trois directions importantes. Partout des arbres plantés et dans plusieurs points de la ville, de petits jardins privés. Ici de rustiques ponts traversent des étangs d'eau claire, là où autrefois de terribles marais éloignaient les rares passants. Là des trottoirs, cimentés, où le sable brûlant de jadis épuisait les poumons de tous! Mais allons de l'avant! Jetons un regard plus approfondi sur tout ce qui s'est fait. Nous laisserons nos lecteurs juges de la présente situation.

En septembre 1908, le Gouvernement nommait une commission de six personnes comme membres de la «Commission de la Baie.» — Elle avait pour objet l'étude de la baie de Polana, — le beau promontoire qui défend Lourenço Marques, et de ses améliorations pour le bénéfice et l'amusement du public. Elle devait voir si il n'y aurait pas moyen d'y établir des bains publics, et d'autres attractions qui pourraient attirer le public à jouir de la baie et de ses beautés naturelles.

Très probablement l'érection d'un hôtel à la baie sera prise en

considération. Les amateurs d'eau froide, de sports aquatiques, de pêche etc., trouveront das ces importants modifications et ces plans nouveaux, un nouveau moyen de passer d'agréables heures de vacances et de repos.

Que dire du Port et de son administration, du superbe quai avec lumière électrique, poste, téléphone, télegraphe et toutes les accommodations modernes pour les passagers! La puissante lumière du phare d'Inhyack, à l'entrée de la Baie de Delagoa, s'étend jusqu'à 32 miles au large, au lieu de 25 comme auparavant!

Grâce à toutes les énergies données, aux efforts faits, ainsi que l'introduction de réglements sanitaires, Lourenço Marques est maintenant aussi sain qu'une autre ville de la côte Est d'Afrique. Un «Département de la Santé», sous la sage et forte présidence du Dr. Martins, s'occupe de son travail parfois rude, avec une rare habilité. Les hôpitaux ont tout le comfort désirable. Un nouvel hôpital, sur la colline, est en construction.

1.083 cas de fiévre parmi les blancs et les noirs ont été traités pendant l'année dernière. De ces derniers *27* se sont terminés fatalement. *449* cas de mortalité se sont produits pendant l'année (fin Sept. 1907). Il y a eu une diminution de *188* sur les mêmes cas dans l'année précédente. J'ajoute que Lourenço Marques compte actuellement **3,233** blancs qui peuvent lire et écrire, et *1258* noirs instruits. Les non-instruits sont au nombre de *5.358*, dont *1.458* blancs et *3.900* noirs.

Plusieurs sociétés étrangères établies en ville s'occupent de l'instruction et de l'éducation des indigénes.

Et maintenant, il faut conclure.

La puissance coloniale du monde s'augmente d'année en année. Les intelligences les plus sagaces cherchent des débouchés commerciaux sous tous les climats. Les hommes restaurent, construisent, augmentent leurs moyens de communications.

L'Afrique, dans ce domaine-là, n'est point restée en arrière. Depuis le nord jusqu'au sud du continent noir, les puissances européennes qui se l'ont partagé, ont déjà créé partout des villes et des ports dignes d'une civilisation moderne. La main européenne à l'œuvre, a agi avec sûreté, et partout où elle a travaillé, a su trouver des résultats satisfaisants, récompense méritée de son labeur. La colonie portugaise de Mozambique en particulier a avancé dignement sur la voie des rénovations qui est celle d'un progrès libéral et permanent.

Le Transvaal — avec ses richesses incomparables, ses mines, ses champs, ses cultivations fruitières, ses élevages — trouvera t il un coin de la côte oriental de Afrique qui lui aidera à écouler ses produits dans le vaste monde? Voilà quelle était la grave question. Mais ce coin, il l'a trouvé, c'est Lourenço Marques et son port. La superbe baie de Delagoa qui s'ouvre majestueusement sur l'Océan Indien était le port indiqué de la grande colonie Sud africaine.

Les améliorations définitives apportées à la ville et au port de Lourenço Marques ont certainement aidé à faire de la capitale de la Province de Mozambique:

A) *au point de commercial*, le premier port de l'Afrique orientale pour le Transvaal et l'intérieur;

B) *au point de vue sanitaire et esthétique*, une des villes les plus jolies et attrayantes de la côte portugaise.

Je ne veux point dire par là que tout est terminé et qu'il n'y a plus rien à faire pour le bien de la ville de Lourenço Marques, au point de vue sanitaire.

Le Gouvernement portugais s'est montré à la hauteur de sa tâche, et il faut qu'on le sache. J'ai simplement voulu montrer par les lignes qui précédent, ce qu'un gouvernement soucieux de sa tâche, à force de persévérance, a su faire pour le bien commun des nations, si pleinement représentées à Loureço Marques.

Janvier, 1909.

GEORGES DE TRIBOLET

Membre correspondent de la Société de Géographie de Lisbonne
missionnaire suisse à Lourenço Marques.

MITRAS LUSITANAS NO ORIENTE

(Continuado de pag. 75 da 26.ª serie)

1618? — *P. André Palmeiro,* jes., visit. das missões do Malabar e c. da Pescaria (10).

1622 — *Fr. Francisco da Apresentação*, aug., governador do bispado. Diz a *Br. relaç. christd. rel. S. Ag. or.* 23 v, que elle foi «muitas vezes prelado e governador de Cochim» (11): eleito bispo de Cochim — diz certo escriptor.

Em sé vac. de Cochim pela transfer.ª para o arcebispado de Goa de D. Sebastião de S. Pedro, governou algum tempo por si o cabido sem eleger vigario capitular. V. atraz p. 40.

Em 13 fev. 1626 participou a s. m. o vr. Ind. que, por haver desintelligencias entre os p.^{es} da comp.ª e o vigario da vara da costa da Pescaria, posto que pelo cabido de Cochim *s. v.*, elle v. rei tinha escripto ao bispo de Meliapor (D. Luiz de Brito), que se diz estar eleito para Cochim, que venha para aquella egreja acudir a esta e outras desordens que o cabido faz Em 20 jul. 1631 acrescentava: «os clerigos (do cabido de Cochim) estão ainda de peior humor, sem consideração da consciencia, e ainda os males segundo dizem são maiores;

---

(10) Pietro de la Valle diz na sua *viag.* que o p André Palmeira saiu de Goa em 4 nov. 1624 a visitar as missões dos jes. em Cochim. v. *Batalhas c. j japão* 22, 73, 6, 8, 230, 1, 59,—*Lettre. an. d'Eptio.*, *Goa* 1620—42 p. 69,—*Imagt virt. n. Coimb.* II,576, — *The Life of the ven. John Brito.* London 1851 p. 462, — *Doc. rem. Ind.* IV, 284, 6. Pelo a. 1625 era esse p. A. Palmeira visitador das missões Tonkim — Marini *Hist. e relat. del Tunk.* Roma 1665 p 170 e 492, — *Hiseul. sinens.*, Colon. 1700 p. 370,—Alex. Rhodes *Tunkin hist.*, Lugduni 1652 II, 9, 52, 143, 61.

(11) *Bibl. lus.* II, 235 — *Vida P J. Vaz* 60.

procurei encaminhal-os, mas pôde pouca a razão...; convém muito que v. m. proveja do bispo, e tal pessoa que tenha resolução e valor, para encaminhar os muitos deserviços de N. S. que ali ha, e todos são nascidos das provisões que v. m. tem mandado passar aos bispos e arcebispos, para que os vicereis nomêem para beneficioe e dignidades, os clerigos que nos elles apontarem, e como os bispos apontam os que com isto pagam obrigações, estão os cabidos cheois de moços mestiços e mal acostumados.»

Era em 1628 vigario da vara em Tanjuar, districto que fazia parte da diocese de Cochim, fr. Antonio de S. Raymundo, dom., nom. pelo bispo de Cochim (12).

1629 — *P. João de Paiva*, eleito pelo cabido governador do bispado; no seg. a. 630 nom. por s. mag. administrador da prelasia de Moçambique (13).

«A sé de Cochim (c. vr. 18 fev. 1630) está até agora sem bispo, e se governa por um clerigo da mesma sé, que para isto elegeu o mesmo cabido, por nome João de Paiva, que me dizem tem v. m. eleito por administrador de Moçambique, que pelo que ouço não sei se é capaz de occupar este logar tão afastado de Goa; e como me dizem que os mais dos que n'esta sé estão são mestiços, se commettem de ordinario muitas desordens que sem prelado se podem mal remediar» (14).

Na semana santa do anno 1629 os judeos de junto a Cranganor, tomando uma imagem de Christo N. S., depois de a affrontarem e encherem de opprobrios, queimaram com grandes alaridos, sem haver quem o impedisse nem se queixasse ao rei de Cochim de tão abominavel caso; diz s. m. na c. r. de 31 março 1631 que constando que da parte d'este rei de Cochim se não tem dado satisfação, por se haver feito aquelle desacato em suas terras, o vr. da Ind. lhe escreva em termos apertados que o mande castigar com tal demostração que fique em exemplo, «aliás mandarei tomar nisso a satisfação que me parecer»; e que á conta do governador do estado da India está a dar remedio abreviado a estas cousas, sem ser necessario recorrer a s. m. mas, só dar-lhe conta da satisfação e emenda que nella se fizer.

Em 17 dez. 1631 o vr. da India deu conta a s. m. circumstanciadamente, das demasias dos p.es da comp.a na c. da Pescaria, no tribunal da relação de Goa trazendo elles havia «muitos annos demanda, articulando que os christãos d'aquella parte não eram vassalos de v. mag., e depois de se haver dado sentença que aquelles eram os primeiros e mais antigos vassalos que v. m. tivera na India, imprimiram nesse reino um livro em que negavam a v. m. aquelle senhorio; succederam depois as desavenças que tiveram com o bispo de Cochim D. André;» «quando cheguei a Cochim achei que os clerigos do cabido haviam mandado desapossar os p.es da comp. da egr. de S. Pedro

(12) *Relab. sum. serv rel. domin. Ind* 6 v.

(13) *Ens. hist. ling. concani* doc. 5, — *Arch. relaç. Goa* doc. 38, — *Bolet.* 1884 n.os 33 e 167.

(14) *Ens. hist, ling. concani* 203, — *Bolet.* 1884 n.º 167.

de Tuticorim»: em virtude das provisões regias «mandei tirar os clerigos della e metter os p.[es] da comp. como com effeito se fez»; refere os conflictos que se deram entre os ditos padres e os capitães Antonio Moniz e Pero Soares Brito: com o fim de atabafar certos excessos tomaram os ditos padres, «por conservador em Cochim o arcebispo de Cranganor, que declarou por excommungado e de participante o dito Soares Brito, a que acudiu o cabido declarando que Pero Soares não estava excommungado, e que encorreria em excom. toda a pessoa que o tivesse por tal, passou carta o juiz dos feitos ao arceb. de Cranganor, que desistisse das censuras, a primeira não obedeceu, a segunda sim». (Foi publ. essa carta do vice-rei nas *Instrucç. d'el-rei ao arceb. de Goa* 1774, N. Goa 1846 p. 25 a 31, e a p. 37 a 43 outra carta de 17 dez. 1631 sobre o mesmo assumpto).

163. — *D. Francisco Barreto*, eleito bispo de Cochim, depois de tel-o sido de Cranganor, como atraz se disse.

Sem indicação d'anno de nomeação apontam a *Corogr. portg.* III, 363 e *Côro das musas* IV, 295 um bispo (eleito?) de Cochim — *D. Fr. Clemente Vieira.*

1633? *P. Dyonisio Lopes da Rocha*, chantre da sé de Cochim e governador do bispado *sede vac.* (15).

Na c. r. 1 de março de 1634 diz s. m., que o cabido de Cochim lhe requereu, que havendo passado dois annos sem se lhe pagar de suas ordinarias mais que quartel e meio, fazendo no governo de Goa continuas instancias, ultimamente obrigados da necessidade e pobresa havia um anno que desampararam o serviço da sé; que importavam as ordinarias do cabido, vigarios e ministros perto de 8:000 xs. cada anno; que lhe devem 30.000 xs. dos atrazados; que se mandasse provêr a sé de missaes, breviarios, psalterios, antiphonarios, graduaes e ornamentos por a grande falta que de tudo havia; que se acudisse á necessidade de renovar o madeiramento da sé; — e tendo consideração que os summos pontifices concederam aos reis de Portugal as rendas dos dizimos d'esse estado, com obrigação de sustentarem os ecclesiasticos d'elle, o escandalo que se segue de verem os mouros e gentios, que os sacerdotes e ministros das egrejas padecem necessidades, e se chega a estado de as fecharem por falta de pagamento de seus ordenados, — ordena ao vice-rei que logo se faça aos ecclesiasticos o pagamento de suas ordinarias, e informando-se a respeito de ornamentos, livros e outras cousas de que aquella sé tem mais necessidade e se não podem excusar, as mande fazer por conta da fazenda publ. e o madeiramento da sé tambem se faça de modo que não venha o damno a ser maior. «E de novo vos encommendo que trateis de executar o que por esta carta vos ordeno, com o cuidado e zelo que fio de vós, por ser materia que toca ao descargo da minha consciencia, e tambem ao serviço de Deus e meu, e que me aviseis de tudo o que fizerdes».

1636 março 27. c. r. «Em carta de 7 março 634 mandei..., que

(15) *Bolet.* 1872 n.º 76 p. 315, — *V. P. Basto* 179, 90.

se consignasse ao cabido da sé de Cochim e clero della, o pagamento de suas ordinarias..., e que para pagamento de 3.000 xs. que o cabido dizia se lhe deviam dos atrazados, lhe nomeasse consignação em que lhe fosse satisfazendo a prasos, e informando-se dos ornamentos, livros... de que a sé tinha necessidade, a fizesse provêr de tudo..., e o madeiramento da egreja... se lhe acudisse...: ao que o conde (vice-rei) respondeu (em 6 dez. 1634)... que ao cabido se pagava, na fórma da lista que enviou e o assento que com elle fez o bispo D. Fr. Luiz de Brito governando esse estado, e os conegos deixaram de continuar o serviço da sé por muitas vezes, e ultimamente no proprio dia em que lhe pagaram parte do que lhe deviam, com geral escandalo, e não só deixaram de acudir aos officios divinos, porém até a dizerem missa, e havendo alguns conegos que por sua devoção queriam continuar no côro, lh'o prohibiram com censuras, e da mesma maneira prohibiram as egrejas parochiaes abrirem-se, e viviam com ruim exemplo, e no que tocava aos atrazados, se lhe devia muito menos do que diziam pelo muito tempo que não acudiram ao serviço da sé, em que era visto não terem vencimento de suas ordinarias; que aquella egreja não estava perto de fazer ruina, e se repararia do que conviesse e se proveria do necessario». «O cabido de Cochim excedeu no modo de mandar fechar a sé com notavel escandalo daquelle povo, e que não deveria fazer assim maiormente quando se lhe pagava com pontualidade..., e ao bispo mando escrever que ha informação que os seus conegos vivem escandalosamente, e que procure remedial-o, e o mesmo se encarregou tambem ao arcebispo de Goa, para que como metropolitano desse estado, trate de evitar as desordens que nesta materia houver.»

1636 março 27. c. r. O cabido da sé de Cochim me escreveu..., representando o continuo trabalho que tivera no governo daquelle bispado, e em defender a sua jurisdicção e no serviço da sé, em quanto por falta de pagamentos a não fecharam, e lembrando o que tinham para seu ornato e reparo..., e pagamento de suas ordinarias e satisfação do que se lhes deve.» Encarrega o vice rei de fazer «pagar aos capitulares desta sé como tenho mandado..., e ao cabido mando escrever como o ordeneis assim (?), e que elles devem receber seus pagamentos sem fazerem mais excessos semelhantes.»

1638 março 25. c. r. «O deão e cabido da sé de Cochim me representaram por c. de 15 janeiro 636, as queixas que tem de se lhe não pagarem suas ordinarias, e de o... vosso antecessor lhes haver consignado um quartel e meio por anno, que acceitaram com intento de reclamarem a mim, sem tratar de lhes pagar mais de 30:000 xs. que lhes deviam..., lembrando-me a necessidade que aquella sé tinha de se reedificar, antes que de todo se arruinasse, e de se lhe darem as cousas necessarias para o culto divino e administração dos sacramentos. E assim a que conviria que o bispo daquella egreja fosse clerigo e não religioso, e que fossem occupados os clerigos daquella egreja nas vigararias, coadjutorias e governos, e não religiosos como de presente se faz, e se concedesse ao cabido que, nas sedes vag. pudesse provêr os beneficios como fazem os bispos. E havendo visto

ıdo, por quanto por muitas vezes tenho escripto aos meus vice-reis, roverem com todo o cuidado, fazerem pagamentos a estes conegos aos mais ecclesiasticos desse estado, por ser obrigação tão precisa cudir-lhes com a pensão que lhe tenho signalado, e lhe é devida, e ão convém dar-lhes occasião a que faltem a suas obrigações, prourando o sustento por outras vias e com negociações de pouco serviço de Deus e meu», encommenda ao .v rei procure «se pague a stes conegos e ao mais clero assim o que se lhes estiver devendo, omo o que forem vencendo, para que cessem estas queixas que todos os annos se me fazem; e me informeis... da necessidade de que aquella sé tem de se reedificar, e o dinheiro que será necessario para este effeito, donde se poderá tirar, cumprindo neste particular e no provimento las cousas necessarias para se celebrar o culto divino nella, as ordens que tenho dadas. E no que toca ao provimento daquelle bispado haver le ser em clerigo, fico advertido para quando se tratar delle, e assim nando responder ao cabido. E quanto a poderem provêr os beneficios que vagarem nas sedes vacantes, visto ser commettido estes provimentos aos meus vice-reis não ha que deferir.»

Resposta do v. rei 13 dez. seg. Diz por quaes impedimentos se diminuiram os pagamentos do que se devia ao cabido de Cochim, «e comtudo trabalharei o que me fôr possivel, por dar cumprimento ao que v. m. ordena. E no tocante a pedirem bispo clerigo digo, senhor, que não só em Cochim mas em todos os mais bispados e arcebispados, convém ao serviço de Deus e de v. m. e bom governo, serem os preıdos clerigos e não frades, e o mesmo digo em todas as vigararias, e que ha muitos escandalos de serem frades, e dizem abertamente ue os bispos não tem jurisdicção sobre elles, demais dos bispos frades inclinarem ás suas religiões do que aos clerigos. E no particular de ıde poderá sair a despeza para a reedificação da mesma sé matriz, jo difficuldade, porque se ás paredes vivas falta o elemento a mesma fique enxergando para os materiaes, e no que este rev. cabido pede viagem de China para Japão me parece mui bem o fazer-lhe v. m. ercê della. .»

Por c. r. de 4 abr. 16 8 exigindo s. mag. informação do v. rei bre certa pretenção do sobredito Dyonisio Lopes da Rocha, (não entrei registo do seu requerimento), respondeu o v. rei em 15 dez. g.: «A consulta do p.e chantre da sé de Cochim Dyonisio Lopes Rocha, de que v. m. faz menção nesta presente carta, se viu em nselho do despacho, em cujo decreto se nao achou habilitação que rogasse a lei contra os filhos sacrilegos, por quanto o filho por quem quer mercês de v. m., foi havido nestas partes depois de haver vindo sse reino, feito sacerdote...»

1637 — *D. Fernando da Incarnação e Menezes*, da casa dos senhos da Barca, dominic., nom. bispo de Cochim, e depois bispo do garve; fal. em 1657 antes de ser sagr. (16).

---

(16) *Hist. S. Domg.* v. 164, 5, 263, — *Claustro domin.* I, 59, e III, 63, 204, — *iol. domin.* v, 584, — *Mem. hist. bp. Algarve* 390.

1640 — *Pe. Manoel d'Almeida*, jes. visitador das missões do Canará e Malabar; chegou a Calicut em 20 nov. 1640, e foi proseguindo com a visitação das egrejas do sul.

1643 março 5. c. r. «Por a obrigação de mandar acudir ao pagamento das ordinarias do cabido, clero e reparo da sé de Cochim, ser tão precisa dos reis deste reino em razão dos dizimos dessas partes, que como mestres e governadores da ord. de Christo lhes pertencem, como por carta de 27 março 640 se vos advertiu. encommendando vos antecipasseis esta despeza ainda ás da guerra...» de novo recommenda esta materia ao v. rei, «posto que na vossa de 7 ag. 641 respondestes, que esperaveis pela informação do bispo de Cochim, que de presente andava em Ceylão, por quanto não convém nem sou servido que se dilate semelhante pagamento, e satisfareis ao que sobre elle se vos havia escripto, de maneira que as queixas do cabido e clero cessem de todo».

1644 março 31. c. r. Deferindo ao requerimento dos patangatis da c. da Pescaria, que pediam os mandasse conservar na posse em que estavam de 90 annos a esta parte, e os escusasse de serem governados por capitão e ouvidor, e que havendo ahi vigario da vara clerigo, e désse o prelado a quem tocar a um dos p.^es^ da comp., como tem feito o bispo Rangel, com o que vivem em toda a paz e quietação, — manda s. mag. ao v. rei informe sobre esta materia.

1645 janeiro 15. c. r. «O cabido da sé de Cochim se me queixou dos máos pagamentos que se lhe fazem de seus ordenados, e que (tambem) padece o culto divino com as faltas... em acudir a elle como convém; e porque as rendas reaes d'esse estado estão em primeiro logar obrigadas aos ministros do santo evangelho», encommenda que o vedor da fazenda de Cochim «faça em primeiro logar pagar ao dito cabido seus ordenados, para que por esse respeito não faltem n administração do culto divino».

1647 — *D. Fr. Antonio de Serpa*, nom. bispo de Cochim; rejeito a dignidade (17).

1649 — março 15. c. r. «Os vigarios das 5 egrejas de Cochim m escreveram que sendo pobres, e cumprindo devidamente com as obr gações de bons parochos, se lhe retarda muito o pagamento de se salarios e ordinarias, e que dos atrazados se lhe deve quantidade co sideravel, procedendo-se em differente forma com o cabido, a que não são inferiores no merecimento», encommenda «que ordeneis q como ministros da egreja sejam bem tratados e pagos, assim do q forem vencendo como do atrazado (sendo possivel), para que escuse fazer me semelhantes queixas» — Resp. v. rei 28 nov. 1650. «Os v garios das egrejas de Cochim tem consignado suas ordinarias nos r ditos da alfandega da mesma cidade, onde se lhe pagam com toda pontualidade, porque bem considero não terem outra cousa para s

(17) *Chron. prov. Piedade* 715, — *O P. Santo Antonio de Lisb.* (por M. Branco), Lisb. 1887, p 117, — *Chron. prov. Soledade* 332, 864, — *Bibl. lus.* I, 3 — *Agiol. lus.* III, 129 e 442, — *Dicc pop.* XI, 358, — *Portg ant.e mod.* II, 353.

nto, e se alguma hora succede faltar lhes com os pagamentos, é ıe faltam os pagamentos da dita alfandega.

ım 1650 governava a diocese o cabido: «O bispado de Cochim ıverna pelo cabido (escrevia o vice-rei da India a s. mag. 19 dez. com toda a quietação e socego que se pode desejar».

650 — *D. Fr. João Coelho*, carmelita, nom. por D. João IV bispo ochim em 18 outub. «Logo que recebeu... o aviso da mercê, foi ıço... e se não levantou (dos pés do monarcha) sem lhe acceitar ısa, e tão livre esteve (o rei) de ficar contra elle, que d'ali por e o estimou ainda mais». Fal. a 29 dez. 1668 (18).

653? — Junta governativa composta dos *P.es Francisco da Costa* de Cochim, e *Manoel Sanches Sarmento*, chantre e commissario ol. da bulla da cruzada: governou a diocese por provisão do ca-*sede v.* (19).

anto na *Prima Spedit. all'Ind. or.* p. 95, 7, 122, 30, 2, 64 como *econda Spedit.* p. 53 e 63 se faz menção d'alguns actos do gover-ı bispado de Cochim pelo cabido *sede v.*, não sei se em 1658 ou

— *P.e Diogo Lourenço*, conego da sé de Cochim, nom. governa-o bispado pelo cabido *sede v.*, depois da entrada dos hollandezes ochim.

— *P.e Amaro d'Almeida Cardoso*, governador episcopal. Quando José Vaz em 1668 chegou a Coulão, o governador episc. de ım o livrou de certo embaraço.

668 — *D. Fr. Fabião dos Reis*, carmelita, bispo eleito de Cochim 668 pelo principe regente D. Pedro II; não teve bullas de con-ção, porque o papa não queria n'aquelle tempo confirmar as no-ões dos nossos reis. Em 1671 nom. bispo de Cabo Verde: Cle-x não teve duvida em o confirmar em 15 junh. 1672: sagr. a t.; fal. em 1674 (20).

672 — *D. Bernardo de Santa Maria*, conego regr., enjeitou o de bispo de Cochim. Em 1679 nom. bispo de S. Thomé na ı (21).

675 — *P.e Rafael de Figueiredo*, visitador e vigario geral do bis-de Cochim, *sede v.* A p. 181, 2 nota 16 da I P. destas *Mitras* dito, que este R. Figueiredo foi sagr. em Cochim bispo tit. de neto, por Thomaz de Castro: a *Historia eccles. malabar.* p. 442 liz que foi D. Custodio de Pinho quem o sagrou em 1676.

82 — *P.e Salvador Diniz*, nom. governador episcopal de Cochim rceb. D. Manoel de Souza Menezes.

---

8) *Mem. hist. arceb., bp. ord N. S. Carmo*, fr. Man. de Sá, Lisb. 1724 I, ı, 182, 425, — *Corogr. portg.* III, 632.

9) *Bolet.* 1872 n.° 62 p. 374. — *Vida P. Basto* 202, 33. V. *Imag. virt.* n° 428, 9.

0) *Mem. hist. arceb., bp. ord. Carmo* I, 144,5, 210, 33 e II, 427, — *Corogr.* III, 624, — *Mem. do col. r, S. Paulo* 178, — *Ann. consultr.* 1859 a 61 p. 10 *biogr.* 162.

) *Cat. mss. bibl. Ebov.* III, 72.

1683?—*Fr. Antonio da Silveira Soares*, domin. pelo mesmo arcebispo Menezes governador episcopal de Cochim.

168 ?—*Fr. Manoel do Horto*, franc. da prov. de Xabregas, eleito por D. Pedro II bispo de Cochim, e depois de Malaca; nenhuma d'estas mitras acceitou. M. 1717 (22).

16..—*D. Fr. Antonio de Santa Thereza*, arrab., nom. bispo de Cochim, não confirm.; depois bispo sagr. de Malaca (23).

1688—*B. João de Brito*, nom. superior de todas as missões do Malabar; em 1690 visitador das do Maduré. Trazia o seu traje de saneaxi sobre a batina (24).

?—*Padre Nicoláo Luiz.*

?- *P. Amaro d'Almeida Cardoso*, pela 2.ª vez nom. governador do bispado pelo bispo D. Pedro Pacheco antes de partir para Goa.

1717—*D. Fr. Francisco* ou *Pedro dos Martyres*, nom. pelo cabido de Goa *s. v.* governador episcopal de Cochim depois da morte do bispo Pacheco. Eleito por D. João V bispo de Cochim: indo a Goa esperar as bullas deixou em seu logar a fr. Manuel das Neves; fall. antes de ser confirmado. «O bispado de Cochim se acha... vago por morte do bispo eleito fr. Francisco dos Martyres»—communicava o vice-rei da India a s. mag. em 13 jan. 1719.

1720—*P. Antonio Dias*, jes., visitador das missões do Malabar (25).

?—*Fr. Manoel da Neves*, franc., pro governador do bispado de de Cochim, nom. pelo sobredito governador episcopal Martyres.

1738?- *P. Carlos Miguel Bertholdi*, jes., superior dos missionarios e visitador das missões do Carnate e Madure (26).

1742—*P. Francisco da Cruz Fernandes*, vigario geral do bispado por nom. do bispo D. Francisco Vasconcellos, quando este foi a Goa pelos fins de 1742.

1743?—*Fr. Carlos da Conceição*, franc., governador episcopal por nom. do cabido de Goa *s. v.* depois da morte do bispo Vasconcellos.

1745—*Fr. Antonio da Conceição*, august., era prior e provincial de sua cong. na India, e provisor do arcebispado de Goa, quando D. João V o nomeiou (em jan. 745) bispo de Cochim (27).

1750—*P. Francisco da Cruz Fernandes*, 2.ª vez nom. vigario geral pelo bispo D. Clemente, quando este foi a Bombaim em nov. 1750.

1771—*Fr. Antonio da Padua*, francisc., nom. pelo mesmo bispo D. Clemente vigario geral e governador do bispado, pouco antes de sua morte (31 jan. 71), mas elle renunciou, e foi nom. o seg.

1771—*Fr. João do Amor Divino*, francisc.; nom. depois de fal.

---

(22) *Chron. seraf. prov. Algarve* I introd. 279 e IV, 353.

(23) *Espelho de penit.*—*Chron. Arrab.* II, 656.

(24) *Imag virt. n. Lisb.* 799,—*Hist. B. J. Brito* 274,—*Hist. miss. cath.* IV, 351,—*O Catholico*, Lisb. 1851 n.º 16 p. 4.—*The life of the v. John de Brito*, London 1851 p 379 80, 431, *Mernaz—Maria*, *Lisb.* 1906 março. p. 76.

(25) *Synops annal s. J. in Lusit.* 382.

(26) *Carta de edific., gl. trab.dos mission. da comp. J. nas miss. de Madure* 1740, Lisb. 1746 p. 11.

(27) *Gazeta de Lisboa* 1745 n.º 4.

o bispo D. Clemente governador e vigario geral do bispado de Cochim por prov. do arcebispado de Goa 22 abril; exerceu o cargo até 4 jan. 76, em que foi removido por se achar infamado entre os christãos, etc..

Em 1772 solicitou e conseguiu da junta de missões estabelecida em Goa, providencias para se concertar e pôr nos termos decentes o hospicio d'Olicare, afim de servir para a residencia dos missionarios, que ali se vão instruir no conhecimento e uso da lingua d'aquellas terras.

Consta da *Viag. alle India oriental* de fr. Paol. S. Bartol. que em 1776, havia de Coulão até o Cabo Camorim, na costa e no interior 75 egrejas entre grandes e pequenas, fundadas por missionarios portug.

Em Goa exerceu fr. João do Amor Divino o cargo de guardião do conv.[to] de S. Francisco, d'onde escreveu em 28 março (1776) uma carta ao arceb. Assumpção e Brito, dando conta das perturbações causadas na diocese de Cochim, pelos mission.[os] da propaganda.

1777 — *P. Caetano Francisco do Couto*, n. de Pangim, nom. governador episcopal de Cochim por prov. de 2 dez. 76; tomou posse em 2 ou 3 jan. 77, e occupou o logar até 11 nov. 79. «E' muito bom theologo e philosopho (diz d'este p. Couto um documento que tenho presente), mas o seu genio é acre e orgulhoso» : teve uma lucta accesa com os franciscanos que parochiavam algumas egrejas d'aquelle bispado, e com os propagandistas (28). V. atraz *Canará* p. 16.

1779 — *Fr. José da Soledade*, carm. Afim de compor as desordens e perturbações que havia assim em Cochim como em Cranganor, o administrador do arcebispado de Goa Santa Catharina nomeiou governador das duas dioceses o dito Soledade, seu companheiro que levou de Lisboa, o qual com effeito tomando posse do cargo (de governador episcopal de Cochim) em 12 nov. 79 compoz aquellas dissensões, e reduzindo tudo a paz e concordia voltou a Goa a dar conta da sua commissão. Tornou o mesmo St.[a] Catharina a nomeal-o para ir governar o bispado de Cochim; e elle partiu logo levando comsigo por missionarios 5 religiosos francis. 7 clerigos e 6 oratorianos para a missão de Ceylão. Em 1783 ou 84 nom. bispo de Cochim, como atraz p. 45 se disse (29).

Em 1780 compoz o p. Filippe Soares, jes., um *Manual de devoção* em tamul; d'elle se faz uso ainda hoje nas egrejas da c. da Pescaria.

1799 — *Fr. Luiz de S. José Ribamar*, ex-provincial dos reform. da Madre Deus, em Goa, governador do bispado por provis. arceb. de 8 março; posse a 1 d'abril; exerceu o cargo até 28 dez. 1803 em que se embarcou para Goa. D'elle restam as seg. ordenanças: —

---

(28) *Manifesto do governo provisional do est. da Ind. portg.* N. Goa typogr. do gov. (1839?) p. 11 e sg., — *A Conjur de* 1787 *em Goa* p. 13, 42 seg. e doc. 35 p. 54, — *Observador* 1839 n.º 16 p. 235, — *Anglo Lusit.* 1887 n.º 74, — *Obras* arceb. Amorim III, 247, 8.

(29) *Conjur. de* 1787 *em Goa* p. 44 e seg., 35 p. 55, — *Obras* arceb. Amorim III, 247.

106) 1799 Maio 14. *Circular.* Annunciando a sua nomeação em governador d'este bispado, confirma a jurisdicção e faculdades concedidas aos parochos pelo bispo *(Soledade)*, a excepção da faculdade de dispensar no 2.° grao de parentesco; manda que todos observem as leis diocesanas sob as penas decretadas, e se houver algum inconveniente para executar alguma das ordenanças lh'o exponham por escripto, indicando ao mesmo tempo o remedio a applicar. Exige dos parochos uma relação de quantos adultos e não adultos ha em sua freguezia, e quantos inconfessos, declarando se senão confessarêm foi por culpa dos christãos ou do parochos: e até 1 d'agosto mandem o producto das multas, afim de serem recebidas por inventario e applicadas conforme a leia dispõe; e lhe esclareçam sobre as necessidades de suas christandades respectivas. Manda avisar aos cristãos que se tiverem motivos de queixa contra algum parocho, lhe representem para elle providenciar.

107) 18... *Decreto.* 1 Diz que estão em vigor os decretos e ordenanças do bispo Soledade; 2 manda que em cada egreja haja «uma cadeira com separação bastante para confesionario das mulheres a que se não dará outro uso, e isto nao havendo confessionario na capella mór»; 3 e em cada missão o inventario da alfaia da egreja casa parochial, e um cadastro de «todos os costumes de cada egreja especialmente aquelles de que vem ao parocho algum proveito»; 4 o parochos observem as determinações feitas por p. Filippe Eery M neláo na vista celebrada em 1797; 5 lhes remettam todos os anno em outubro o producto das multas com o rol dos inconfessos, e n havendo inconfesso, ou não estando cobradas as multas, isso mesm lhe digam.

108) 1803 Março 16. *Portaria.* A respeito das nerchas *(offerta* na capella de St.° Antonio d'Ovarim (ou Obery), a cargo do parocl de Gurdalle, prescreve o seguinte: — se a offerta fôr cousa comes vel, pertencerá ao parocho; sendo traste util á egreja se applicará esta: sendo ouro ou prata, metade sera ao parocho, outra metade egreja; no fim do anno se da conta ao prelado dá receita e sua app cação.

109) 1803 Dezembro 28. *Circular.* Diz que vai partir para Go para dispensas matrimoniaes etc. se recorra a fr. José de S. Joaqui residente no hospicido 'Olicare; revoga as faculdades que elle tives concedido a algum missionario d'egreja longinqua, de dispensar 2.° grao de parentesco; concede a todos os parochos com eertas re tricções a faculdade de absolver dos reservados. Despede-se e pe lhe relevem as faltas, que tivesse commetido durante a sua admin tração.

(Continúa)

P.e Casimiro Nazareth

27.ª Série — 1909 N.º 5 — Maio

BOLETIM

DA

Sociedade de Geographia de Lisboa

FUNDADA EM 1875

SUMMARIO

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
Rua do Diario de Noticias, 110

1909

BOLETIM

DA

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

ºoprietario e editor—*Sociedade de Geographia de Lisboa*—Rua de Santo Antão—Lisboa
Composição e impressão na Typographia Universal
:nte a Coelho da Cunha, Brito & C.ª — rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

OS VULCÕES DAS ILHAS DE CABO VERDE E OS SEUS PRODUCTOS

(Continuado da pag. 151)

A ILHA DO MAIO

a do Maio é a oeste e a uma distancia de poucas milhas da ilha hiago. Tem fórma elliptica; raramente ella apresenta bahias ıtes. As costas estão a pequena altitude e em parte alguma sitios escarpados. No meio da ilha eleva-se uma pequena ıo muito alta e cujo ponto mais elevado tem cêrca de :ros de altitude; é o Monte Penoso que se inclina para o o occidente de modo alcantilado, emquanto que lentamente a para léste. N'elle apoiam-se as montanhas menos eleva- nte Grande e Monte Branco, que se aplanam para o mar; do do, para o sudoeste continua a serra de collinas do Monte do Monte Batalha, dirigindo-se pouco a pouco para o sul e Ao norte do Monte Penoso ha uma planicie que não é muito ıe é circumdada da serra do Monte Antonio que tem de 100 ıetros de altura.

:rista da serra já nomeada encontra-se terreno quasi plano. ◌ sul e oriental da ilha faltam inteiramente ribeiras e quaes- .les dignos de menção; sómente na região do Monte Grande nte Penoso se vêem alguns valles mais largos e muito menos Em quanto a topographia da ilha é muito pouco complicada, ões geologicas são muito menos simples.

ılla planicie entre a serra e a costa é coberta de formações s[1]; entre estas formações encontram-se muitas vezes na ıa rocha basaltica escura disposta em camadas. O Monte Ba- m uma composição complicada, consiste na sua maior parte massa phonolithica ao occidente, da qual se encontram forma- is antigas com calcareo e com schisto micaceo. No contacto

---

[1] :has calcareas que pela maior parte consistem de restos de fosseis, ıão pódem determinar-se mais de perto. A determinação exacta do in- npossivel.

encontram se diervsas formações mineraes.—E' tudo coberto d'uma corrente de basalto que provavelmente tomou o seu curso do Monte Penoso.

Quando se vae do valle do Monte Batalha para o nordeste, encontram-se junto da plonolithe que já foi mencionada, fragmentos de rochas mais antigas, como syenite, gneiss, etc. — Mais adiante existem nos declives do Monte Grande para o nordeste calcareos que se transformaram em dolomite.

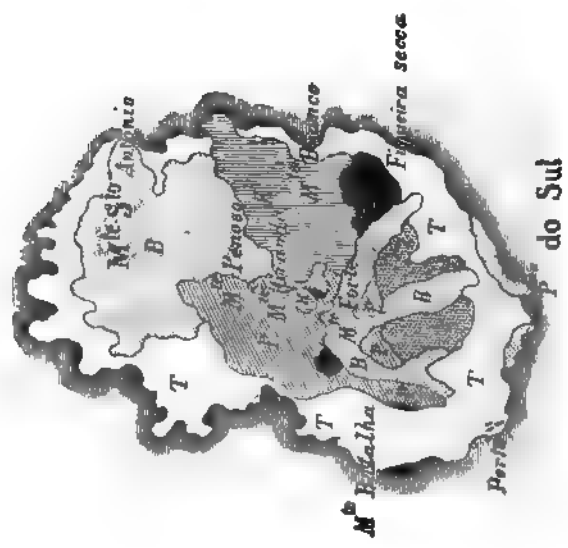
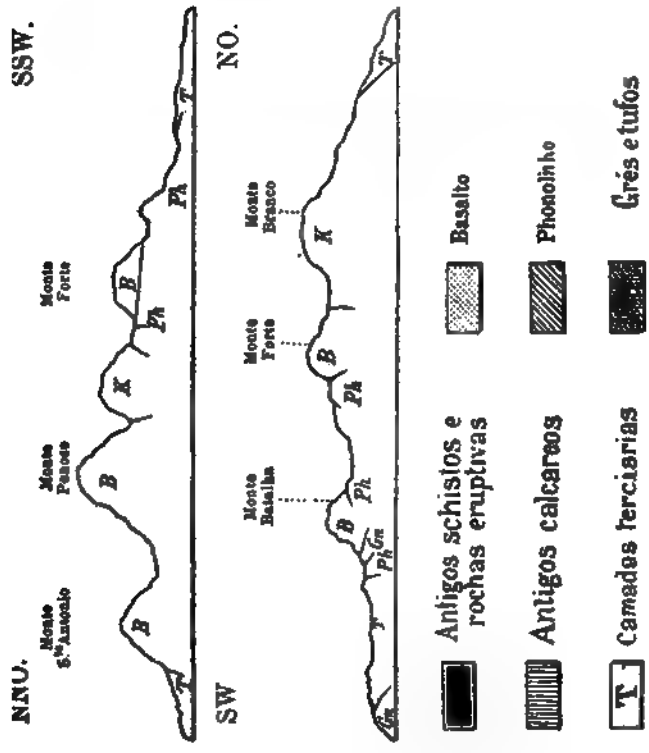
A planicie entre o Monte Penoso e o Monte S.^{to} Antonio comprehende camadas de lava e massas de tufo. O ultimo monte apresenta uma estructura de lavas com camadas de tufo; as lavas apresentam uma grande riqueza em augite. — São muito frequentes os veios que se dirigem para o norte. — E' exactamente assim que o Monte Penoso é construido, as camadas inclinam-se para léste, em quanto que as camadas do Monte Antonio dirigem-se para o norte. — As collinas do Monte Forte e tambem em parte as collinas do Monte Grande consistem de phonolithe; nos flancos encontram-se rochas em camadas que pódem ser consideradas como tufos com phonolithe; tambem ha correntes de lava que correram do Monte Forte para léste e sul. Finalmente no sul do Monte Penoso eleva-se um massiço de camadas sedimentosas que vae até á costa de léste.

O Monte Branco, como tambem uma parte do Monte Grande, foram formados de camadas de calcareo que se inclinam para léste e sueste, formando um angulo de 20 a 30°. Estas camadas de calcareo são muitas vezes atravessadas por pequenos veios de bas... ricos em augite, mas que não produziram nenhuma acção de cont...

A presença d'estas rochas mostra que não é, como em muito... tros casos nas diversas ilhas, um terreno isolado, mas que se tra... grandes massas de camadas sedimentosas no lugar proprio.

Na Figueira Secca, que já é no sopé da serra, ha bastante di... e foyaite que formam um massiço continuo.

Além d'isso encontram-se muitas vezes no declive sul do M... Forte pequenas partes d'estas rochas. Na costa oriental encont... gneiss; no norte da aldeia Maio tambem se encontram numer... blocos d'um gneiss que contém granates que parecem formar a... base. A areia, ao longo da costa, mostra distinctamente as p... constituintes d'este gneiss que aqui parece formar a base, mas ... bem não deixa observar as rochas em posição. As camadas tercia... já mencionadas encontram-se por toda a parte da costa sobre as ...tras rochas.

Resumindo a presença das rochas mais antigas vê se: appar... de pequenas massas de calcareo transformado (mas em posição... Monte Batalha; presença de pequenas massas d'antigas rochas e... ptivas ao norte do Monte Batalha e ao sul do Monte Forte, de... d'um massiço importante perto de Figueira Secca; apparição de c... sideraveis e espessas massas calcareas no Monte Grande e no M... Branco, como tambem dos gneiss mencionados e dos schistos ... Monte Batalha. Portanto não póde haver duvida de que a ilha do Mai... representa os restos d'um continente mais antigo que, segundo toda a probabilidade, estava em relação com a representação analoga das ilhas de S. Vicente e de S. Thiago. Não se póde dizer nada de bem

certo sobre a idade dos calcareos; a inclinação d'elles é para léste e sueste. Os calcareos pódem ser paleozoicos ou mesozoicos, em nenhum caso estão em relação com as camadas terciarias mais recentes que, em toda a parte, estão acamadas horizontalmente que se depositaram depois da erupção dos basaltos e que demais só pódem ser encontradas na planicie proxima da costa de não grande espessura.

Na ilha do Maio a rocha eruptiva mais antiga do tempo terciario é de phonolitte que foi ulteriormente modificada; depois véem os basaltos.

O Monte Penoso foi evidentemente o ponto de erupção d'estas rochas; provavelmente a planicie entre o Monte S. Antonio e o Monte Penoso (que foi preenchida com tufos de côr castanha e com basalto) era a cratera, porque as lavas da ultima correram para léste e sul e as do Monte S.to Antonio para norte. Tambem as correntes no Monte Batalha e no Monte Forte derivam d'este periodo de erupção. Durante e depois d'este periodo houve evidentemente um levantamento das camadas terciarias entre 15 e 30 metros. Muitas das erupções, por exemplo o Monte S.to Antonio, eram submarinas, porque se encontram na sua crista delgadas camadas de calcareo com fosseis terciarios ou recentes. O vulcão Maio, que provavelmente se formou em primeiro logar e na margem do continente, foi bastante insignificante quando se compara aos outros vulcões das ilhas de Cabo Verde (Fogo, S. Thiago, S.to Antão e S. Vicente).

Os perfis juntos mostram tambem a estructura da ilha, em quanto que o mappa indica a disposição das diversas camadas.

II

PARTE PETROGRAPHICA MINERALOGICA

Methodos de investigação

A investigação dos mineraes que existam como partes constituintes de qualquer rocha, póde attingir dois fins: ou dar uma determinação approximativa, como especialmente era costume fazer para a petrographia, na distincção da mica, do pyroxene, do plagioclase, da olivina, etc.; ou então obter um conhecimento exacto das partes que constituem as rochas sob o ponto de vista microscopico e chimico.

E' occasião de dizer alguma coisa sobre os novos methodos de investigação dos mineraes que formam rochas. E' claro que com as placas micrographicas, que aliás são importantes para a investigação microscopica, não se póde obter um conhecimento completo da composição, mas em todo o caso tal exame terá de preceder os outros, taes como o das investigações opticas e chimicas especiaes, a determinação da solubilidade nos acidos, da fusibilidade, do peso especifico, etc.

Investigação microscopica. — Nem sempre me foi possivel fazer as

vações com lamellas ou placas micrographicas em diversas di-
es, como desejava; em muitos casos tive de contentar-me com
os planos d'extincção em placas micrographicas não orientadas,
que taes observações, depois dos trabalhos dos ultimos annos,
m muito a desejar sob o ponto de vista de segurança e ainda
ité certo ponto as deducções que se façam, sejam ás vezes in-
s.
as essas observações não me pareceram inteiramente inuteis,
ialmente quando era possivel estudar tambem os mineraes sob
s pontos de vista. Em muitos casos é tambem muito util a ob-
ção á luz convergente, por adaptação das disposições correspon-
s, lente condensadora, mas para rochas compactas isto só se
gue com muita difficuldade.
ão é necessario demonstrar que para a determinação qualitativa
ciso fazer intervir a observação dos contornos dos crystaes, a
tura microscopica, a absorpção, as côres de interferencia e ou-
lados opticos caracteristicos. Nos tempos recentes as reacções
chimicas tem tambem tomado importancia. Junto com diversas
ões já mais antigas, como a corrosão com o acido muriatico para
erminação de diversos mineraes, especialmente para o reconhe-
to da calcite, da nepheline, da apatite, que já foram frequente-
empregadas, ha nos tempos mais recentes o methodo de cor-
de Boricky [1] e as reacções da chamma de Szabo [2]. A primeira
-se especialmente para as rochas porphyricas e granulosas, mas
nosso caso, aonde em geral ha rochas compactas, serve de pouco.
ido a minha opinião, quando ha graos maiores, chega-se mais
e seguramente ao fim por meio da analyse qualitativa, ou por
ios ensaios de solubilidade (ás vezes tambem de fusibilidade) ou
leterminação do peso especifico. Exactamente nos casos em que
hodo de Boricky é verdadeiramente muito util (como, por exem-
ara a distincção da nephelina da leucite), não póde ser muito
gado e mesmo occasionalmente é bastante difficil de empregar se,
e ás vezes ha grande difficuldade em apreciar as differenças
itativas entre os fluoretos de potassio, sodio e calcio. Evitei,
ito, este methodo que é um pouco subjectivo e não muito ap-
el [3].
methodo da reacção da chamma de Szabo daria, naturalmente,
bons resultados para as diversas variedades de feldspatho, se
não dependesse mais do que o de Boricky da habilidade e da
sição do observador. A's vezes, por exemplo, para a distincção
phelina e da leucite, como para a do feldspatho com calcio e so-
do feldspatho potassico, póde ser ainda empregado e conduz mais
a e facilmente ao fim. Mas, mais importante do que as colora-
la chamma, é a observação da fusibilidade. Szabo applicou para

---

Prag, 1877.
Budapest, 1876.
Deve notar-se que só no fim dos meus trabalhos ouvi fallar do methodo
hrens.

os feldspathos este methodo de observação, que eu prefiro egualmente para outros mineraes, por ser menos subjectivo. Para muitos mineraes póde deduzir-se da fusibilidade a percentagem em sodio e ferro, o que para a distincção das augites, das ampliboles, das micas, dá muito bom resultado, especialmente quando se examina simultaneamente um grande numero de casos e sempre quando se trata de mineraes analysados. E' especialmente para a distincção de duas variedades diversas d'uma especie de mineral e para a observação da sua apresentação conjuncta que se póde bem empregar a fusibilidade, por exemplo para o feldspatho, para a augite. Para a observação da fusibilidade empreguei um meio differente do methodo de Szabo; eu emprego uma folha de platina sobre a qual estendo os grãos da area, $^{2}/_{3}$ millimetros de diametro de modo uniforme, e junto com os grãos a examinar estendo um grão da mesma especie d'uma variedade conhecida. Para aquecer emprego um massarico de gaz, com o qual podem ser obtidas successivamente temperaturas altas diversas; n'isso destingo os graus: incandescencia vermelha escura, incandescencia vermelha clara, incandescencia começando a ser branca, incandescencia branca clara. Tambem meço o tempo.

Quando se póde partir de diversos mineraes que já foram analysados, é mais facil indicar por comparação entre quaes se poderá classificar o mineral respectivo que se pretende analysar.

Póde tambem empregar-se a fusibilidade para a separação mechanica dos mineraes, mas na verdade só muito approximada.

Quando ha grãos que não estão uns sobre os outros, mas juntos dos outros (o que se póde obter facilmente com um crivo de buracos de egual tamanho), póde acontecer que, elevando lentamente a temperatura, os grãos facilmente fusiveis se derretam juntos sobre a folha o que póde eliminar os outros. D'esta maneira póde-se obter a substancia para separar e melhor investigar dois mineraes que, por exemplo, differem na percentagem de sodio ou de magnesia.

Para isso póde tambem, em alguns casos, auxiliar-nos a propriedade que téem diversos mineraes, de poder ficar magneticos pela fusão, pois que estes depois de ser removidos da folha, com um canivete, podem ser separados dos outros mineraes por uma agulha magnetica.

Isolação dos principios constitutivos das rochas. — Quando a investigação optica crystallographica não conduz ao fim, a analyse, como tambem a determinação do peso especifico devem ser preferidas a todos estes ensaios. Mas, para isso, é necessario fazer o isolamento das partes constituintes. Um dos fins mais importantes da petrographia é chegar a este isolamento, porque não sómente deixa reconhecer exactamente as partes constituintes, mas tambem porque, quando é completo, dá a possibilidade de fazer uma determinação quantitativa e mineralogica da composição da rocha; de facto, se esta composição fôsse conhecida para os typos mais importantes, a nomenclatura e a divisão das rochas, que é tão difficil, podia mais facilmente ser resolvida. Já téem sido feitos muitas vezes ensaios para a determinação d'esta: Roth, Boricky, Koch e outros, téem experimentado calcular a composição quantitativa com as analyses; mas isto só se póde

casos rarissimos, mesmo quando todos os principios consti-
as rochas podem ser analysados quantitativamente, tal pro-
sempre arriscado, porque pequenos erros analyticos podem
a grandes erros; sómente em muito poucos casos foi possi-
uma analyse dos principios constitutivos, sem empregar para
ethodos mais modernos. Os ultimos podem tambem conduzir
lquer investigação chimica á separação approximativa dos
que formam rochas, especialmente para aquellas que não
a verdade diversas precauções, para evitar perdas de pó da
m muitos casos póde-se, pelo menos, obter um resultado
ado, em quanto á composição quantitativa e isto pelos tres
de separação de que falaremos mais adiante; este é espe-
o caso quando analyses de tufo e analyses parciaes per-
ma verificação e um complemento. Penso que, quando se
er um conhecimento exacto da composição quantitativa mi-
a das rochas, poder-se-hão muito bem encher as falhas que
a classificação e na nomenclatura; em todo o caso será um
rogresso, quando junto com a analyse qualitativa se puder
fazer a analyse quantitativa para a separação dos typos. As-
rdade que se dá lugar a uma apparente complicação, que a
deriva de todo o progresso da sciencia, complicação que aliás
is que apparente; em todo o caso só se terá para a classi-
ma base melhor, quando a composição exacta fôr determi-
sim é, por exemplo, que alguns mineraes, mesmo quando
parte essencial integrante, são inteiramente desprezados
eraes accessorios, por exemplo, a hauyne; para a olivine a
oisa succedeu por muito tempo, mas hoje a olivine é consi-
mo uma parte constituinte muito importante, especialmente
e trata de classificação. Mas, quando se tiver chegado ao
exprimir a composição por formulas, indicando as relações
raes representados, a rocha será inteiramente conhecida pela
ctura interna. Quando eu sei que uma rocha consiste de 4
plagioclase, 4 partes de augite e 2 de magnetite, não é pre-
er tempo em saber o nome d'ella, se é diabase, diorite ou sye-
uando a esta informação eu junto a da idade, dizendo se é
, antiga ou recente, e quando tambem fallo da estructura
quero dizer que a estructura macroscopica me parece quasi
ortante que o que se chama a textura microscopica), pare-
e a rocha fica bastante caracterisada.
nto, devo recommendar a introducção de formulas de rochas
imam a composição mineralogica, apezar de saber que só de-
naior progresso nos methodos d'investigação é que estas po-
applicadas de modo geral. Experimentei de novo essas formu-
as rochas cuja composição era conhecida, e de modo analogo
presentação da composição de misturas isomorphas as lettras
los mineraes. Assim Or_9 N_8 Ag_2 Mn_1 [1] significa uma rocha

[1] evitar a analogia e confusão com formulas chimicas é talvez bom col-

que comprehende 9 partes de orthoclase, 8 p. de nephaline, 2 p. de augite e 1 p. de magnetite; tambem se podiam exprimir as composições em percentagem, mas segundo a minha opinião isto parece menos claro.

Naturalmente taes formulas não podem ser empregadas de modo geral, mas como por muitas razões me pareciam convenientes, creio me desculparão a imperfeição da tentativa.

Quando não se pode executar uma exacta separação dos principios constituitivos (e n'esse caso não podem determinar-se os expoentes, como succede nas formulas chimicas dos mineraes) serão estes expoentes designados por m e n. — Para os symbolos dos mineraes escolho a primeira lettra inicial e, em casos duvidosos, as duas primeiras [1]. Aliás taes formulas não são nada mais que abreviaturas que permittem uma vista mais facil e que podem simplificar a descripção, o que não succede quando se dá a composição em palavras.

— Ha tres methodos, que podem ser empregados e que devemos ao homem de genio Fouqué, para o isolamento das partes constituintes.

O primeiro refere-se ao peso especifico em soluções densas e foi estudado por Thoulet et Goldschmidt; este tornou-se em muitos casos um dos mais exactos e uteis para a separação das partes constituintes; mais tarde o dr. Klein melhorou o methodo de separação pelo borowolframato de cadmio que é uma solução d'um peso especifico ainda mais alto do que o do biiodureto de mercurio. Mas deve notar-se que para mim a solução de Goldschmidt é em geral sufficiente e especialmente para investigações petrographicas; só raramente é necessaria uma solução mais densa, porque o borowolframato de Klein permitte unicamente separar com mais facilidade a magnetite, separação que tambem podia ser feita de outro modo. Portanto em geral pode-se poupar esta solução dispendiosa. É ainda preciso notar que para a primeira separação emprego sempre copos allemãos de Bohemia, compridos e estreitos, e só depois o apparelho de Thoulet.

O segundo processo de separação dos mineraes sem ferro e dos mineraes com ferro é o do electro-iman; este processo é em verdade menos perfeito que o já designado, mas exactamente no caso em que o primeiro é pouco exacto, o segundo pode ser muito util. Ha pouco tempo publiquei uma noticia sobre a acção do electro-iman sobre os mineraes de diversa percentagem em ferro e então explicava o modo de proceder para a separação [2].

A proposito farei mais algumas observações.

A condição principal é a de empregar o grão de grossura exacta, porque, se fôr grosso de mais, ha producção de erros, como tambem quando os grãos são finos de mais.

---

locar uma virgula entre os diversos symbolos: portanto não haveria de ser $Or_9 N_8 Ag_2 Mn_1$, mas Or_9, N_8, Ag_2, Mn_1.

[1] Compar. Koch. Zeitschr. d. d geolog. Gesellschaft, 18,335.

[2] Sitzungsber. der K. Akademie, 1882.

;u emprego grãos de 0,5 millimetro de diametro. Variando a
do electro-iman e as distancias do pó para os polos, podem ob-
3 bons resultados.

-Verifiquei que nem n'este, nem no primeiro dos methodos de-
.dos, é necessario empregar grandes quantidades de substancia.
ué empregava até 2 kg. de rocha. Conforme a minha experien-
astam em muitos casos de 20 a 30 grammas; sómente é neces-
repetir muitas vezes a operação e tomar cuidado que não haja
ıs. Para a separação completa, quando se aprecia a composição
;itativa, é bom não empregar mais de 30 grammas; para um
leto isolamento em vista da analyse bastam em geral 300 gram-

-O terceiro methodo é o emprego de acido fluorhydrico em di-
s graus de concentração, mas parece-me que este methodo ainda
sa de muito aperfeiçoamento; os meus ensaios têem mostrado
lle é muito menos seguro que os dois outros methodos, porque
icil manter sempre, como é necessario, a mesma temperatura, a
ıa grossura de grão, a mesma diluição; aqui já pequenas diffe-
s podem facilmente produzir erros. Assim é que este methodo
de ser empregado, quando se trata da analyse de parte soluvel,
xemplo para obter leucite, nepheline. Para uma separação com-
ou para purificar os mineraes insoluveis, orthoclase, augite, bio-
do plagioclase, cumpre proceder com a maior prudencia, porque
facilmente pode acontecer que, empregando tempo de mais
ando acido demasiadamente concentrado, um pouco d'aquelles
issolvam, ou tambem no caso opposto os referidos mineraes
m em parte ficar inatacados; depois é sómente uma mistura de
aes que se analysa.

ambem tenho experimentado o acido chlorhydrico em diversos
de concentração, mas que em geral não era tão favoravel, de
ıodo que eu não posso recommendar este methodo para a sepa-
dos mineraes.

or exemplo, quando a augite pulverisada é por muito tempo tra-
com acido chlorhydrico concentrado, a augite fica um pouco de-
osta.

ómente para a separação da nepheline e da hauyne do ortho-
e da augite se pode empregar com successo acido chlorhydrico,
ıe aquelle é muito facilmente soluvel.

Quando possivel, a materia assim isolada foi empregada para a
se quantitativa, porque só esta analyse quantitativa podia dar
mação exacta acerca dos mineraes. Foi assim tambem que se
verificar a composição extraordinariamente differente dos mi-
s formando as rochas; quando a analyse quantitativa era im-
ivel, foram feitas a determinação do peso especifico, a analyse
itativa, ou foi empregada o methodo de Boricky, mas pelos mo-
já indicados o ultimo methodo só foi executado nos casos mais
; finalmente foram tambem feitos frequentemente ensaios de fu-
idade.

Entre as rochas eruptivas que havemos de estudar, temos a dis-

tinguir dois grupos inteiramente distinctos pela edade: rochas antigas e modernas. Apesar da edade das primeiras não poder ser facilmente determinavel, é bom lembrar que ha uma evidente ligação com schistos cristallinos e com antigos calcareos e que esta ligação indica mais uma edade paleozoïca que mesozoïca, porque as rochas são mais antigas que os calcareos mesozoïcos da ilha do Maio. Na formação de schistos que segundo parece é bastante extensa e de que se encontram vestigios nas ilhas do Maio e S. Vicente, todas estas antigas rochas eruptivas eram em camadas ou em veios, sem ter dado apparencia da formação d'um massiço geral.

Segundo a relação mineralogica as rochas que hão-de ser descriptas aqui comprehendem os seguintes grupos:

Rochas eruptivas mais antigas: Foyaite, syenite, diorite, diabase.

Rochas eruptivas mais modernas: Leucitite, phonolithe, tephrite, basanite, basalto de plagioclase, nephilinite, basalto de nepheline, limburgite, pyroxenite.

Rochas eruptivas mais antigas

Foyaite. — [1]. E' especialmente a foyaite typica que se encontra na direcção sudoeste do porto de S. Vicente a cerca de 1/3 de milha. E' uma rocha de grão grosso que forma uma pequena collina de poucos metros de altura perfeitamente isolada; a rocha syenitica é interrompida por estreitos veios de basalto. Como partes constituintes vêem-se á vista desarmada crystaes de orthoclase, augite e nepheline; com a lente vêem-se em pequenas cavidades pequenos cubos de analcime. Ao microscopio reconhecem-se secções um pouco turvas de orthoclase e plagioclase, as ultimas com riscas gemeas; a nepheline apparece frequentemente em crystaes que são transparentes e em secções que são limitadas por orthoclase e ás vezes apparece transformada.

A augite apresenta-se sómente em filetes e pedaços, mas não em secções regulares de crystaes que são fracamente pleochroiticos e que apresentam uma côr cinzento-escura. Junto ha tambem (mas um pouco mais raramente) algumas secções de hornblenda pleochroiticas de côr castanha que são visiveis pela clivagem

A pyroxene derrete se muito facilmente ao calor da incandescencia vermelha e forma uma massa vitrea magnetica de côr verde escura.

Só raramente se pode observar magnetite. Titanite não ha nas minhas placas micrographicas.

— Fiz a decomposição d'esta rocha em partes constituintes com o electro-iman, empregando acido chlorhydrico. Os crystaes de analcime, que aliás são raros, foram investigados macroscopicamente. 6^{gr},5 de foyaite foram decompostos pelo electro-iman em duas partes, da qual uma contem augite, magnetite, hornblenda e a outra as par-

[1] Compar.: Rosenbusch, Mikrosk. Physiegr II; Stelzner, N. J, 1881.

tes constituintes sem ferro. A magnetite é eliminada do pó fino por uma agulha magnetica.

Aquecendo com algum acido chlorhydrico diluido separa-se o feldspatho da nepheline. Assim obtem-se, com uma perda de 2 %:

Magnetite 0gr,15 ou 2 %; augite e hornblenda 1gr,18 ou 19,5 %; feldspatho 2gr,25 ou 35 %; nephelina (rom alguma analcime) 2gr,6 ou 41,5 %.

— Orthoclase e augite foram sem difficuldade investigados desde cerca de 90gr de pó grosso da rocha; a hornblenda foi o mais que era possivel separada da augite pela lente e pelo microscopio. Foi o sr. F. Kertscher que fez a analyse da rocha e do feldspatho.

	Feldspatho	Augite	Analyse do tufo
$Si\ O_2$	67,82	41,08	55,76
$Al_2\ O_3$	16,99	9,11	21,61
$Fe_2\ O_3$	1,03	17,18	1,65
$Fe\ O$	—	15,99	4,09
$Mn_2\ O_3$	—	vestigios	vestigios
$Ca\ O$	0,19	6,09	2,26
$Mg\ O$	—	2,29	0,74
$K_2 O$	7,89	—	5,34
$Na_2 O$	4,11	8,70	6,94
$H_2 O$	1,75	—	3,49
	99,78	100,44	101,88

— O pó da rocha foi examinado com chloro e acido sulfurico, mas deu resultado negativo.

Um calculo exacto da composição mineral quantitativa não podia ser feito por causa da analcime e em geral não é possivel por causa de decomposição. Como aqui a separação mechanica pode muito bem fazer se, as indicações acima são provavelmente muito exactas. A formula da rocha seria assim: $Fe_2\ N_2\ Ag_1$.

Na foyaite de grão grossos encontram-se pequenos veios de 0m,20 de largura, que examinados ao microscopio se apresentam como foyaite; a rocha tem muita analogia com a foyaite de grãos grossos, mas é muito mais rica em pyroxene e hornblenda. Reconhece-se facilmente plagioclase e orthoclase na rocha quebrada pouco recente.

Encontra-se uma rocha especial no valle de Charco (S. Thiago); apresenta uma massa opaca de côr castanho-escura com diversas agulhas de hornblenda e augite. Ao microscopio a rocha parece de grãos pequenos e tem alguma semelhança com as foyaites, apesar da estructura macroscopica d'estas ser tão differente e de lembrar uma rocha vulcanica mais recente. Vêem-se muitissimas secções de côr castanha de hornblenda com inclusões de magnetite, tambem se vêem muito frequentemente muitos crystaes, claros e pequenos (de augite e orthoclase em gemeas de Carlsbad).

Em geral a nepheline apparece pouco relativamente, e apresenta-se em exemplares irregularmente limitados; a presença da nephelina confirma-se de modo microchimico, a nephelina é um pouco turva e decomposta.

Ha pouca magnetite, podendo tambem mencionar-se apatite. Só excepcionalmente se vê plagioclase nas placas micrographicas.

A rocha contem inclusos d'uma rocha granulosa, rica em hornblenda e augite, mas que n'um exame mais cuidadoso são reconhecidos como segregações granulosas da massa rochosa compacta. Apesar da semelhança com rochas vulcanicas recentes, eu fallo aqui d'este encontro, porque tambem está ligado ás mais antigas formações sedimentosas.

— Do Monte Forte (Maio) colleccionei uma rocha que tem pouca propagação dentro da phonolithe e que evidentemente pertence á formação mais antiga, como se apresenta em Figueira Secca, mas de que está realmente separada por phonolithe. E' uma nephelinesyenite de côr escura com grãos muito pequenos que contem augites de formação porphyroidica. Já exteriormente differente das foyaites que acabo de descrever, é ainda muito mais nas placas micrographicas que se mostra esta differença.

A rocha é extraordinariamente rica em augite; o constituinte pyroxenico apresenta-se em grandes secções de crystaes, ou tambem em cristalloides de côr castanha e até roseos, quando a espessura é muito pequena. O plano de extincção é de cerca de 36°; muito frequentemente encontram-se gemeas. Em geral os crystaes estão agrupados de tal modo que não é rara uma disposição radial em roseta; se o comprimento dos exemplares é pequeno comparado com a largura, o todo offerece o aspecto d'uma estrella com muitos dentes. As augites são muito pobres em inclusos.

Junto com a augite ha frequentemente biotite de côr clara em lamellas ou em pedaços; tambem se encontra hornblenda que é facil de reconhecer pela clivagem e algumas secções de magnetite. Das outras partes constituintes bem crystallisadas ha tambem o orthoclase que se apresenta em filetes compridos, em individuos soltos e em gemeos de Carlsbad. Reconhecem-se ainda algumas plagioclases na risca gemea.

Entre estes mineraes maiores encontra-se abundantemente uma massa fundamental turva um pouco decomposta, que comprehende orthoclase e nepheline que não está em crystaes distinctos, mas cuja presença pode ser provada chimicamente. Segundo uma determinação feita com o electro-iman a percentagem em magnetite, biotite, augite, hornblenda é de cerca de 35 % da massa total.

Syenite. — Uma segunda rocha do logar da Achada acima mencionado pode denominar-se como augite syenite ou augite-diorite. Contem muita augite em columnas muito espessas ou em placas espessas; esta augite apresenta-se nas placas micrographicas em grandes secções vermelhas. A maior parte d'estas são gemeas de 4 a 5 lamellas. Ha orthoclase e plagioclase. Com a augite ha tambem hornblenda de

côr castanho-vermelha e mica de côr amarella. A differença consiste na falta de nepheline na ultima, aonde por isso a plagioclase se apresenta abundantemente.

Diabase. — Como typo podem ser considerados alguns pedaços de rochas que se encontram perto do porto de S. Vicente e que véem d'este grande massiço em camadas de antigas rochas eruptivas, como já foi mencionado.

Exteriormente apresentam-se como rochas escuras em grãos mais ou menos grossos com muitissima augite. Esta augite apresenta-se ainda mais nas placas micrographicas, ha ainda secções de côr castanha ou côr de rosa de dimensões consideraveis que em geral não apresentam uma forma crystallina, mas que apresentam um contorno mais redondo. Contem inclusões de magnetite e tambem d'apatite. Gemeas são muito frequentes, especialmente as polysyntheticas.

A augite é fusivel ao calor da incandescencia branca. As plagioclases que consistem de muitas lamellas, estão claramente crystallisadas e apresentam secções rectangulares ou hexagonaes alongadas; o angulo da direcção d'extincção com a aresta P/M oscilla entre 0 e 31°; portanto aqui teriamos anorthite; mas é muito mais provavel que haja diversas plagioclases, porque a analyse do feldspatho perfeitamente puro, obtido com a solução de Goldschmidt e com o electro-iman, dá uma mistura que corresponde á serie do labrador; portanto, se a medida d'este angulo tem um valor qualquer, ter-se-hiam assim diversas plagioclases, mais ricas em silica que a andesina, junto com as anorthites; é verdade que não é certo que se possa dar tão grande papel a estes valores do angulo, quando se trata de secções maiores, cuja orientação não é exactamente conhecida, especialmente quando, como aqui, não ha microlithes, mas secções mais largas. Observe-se, porém, que os pesos especificos dos diversos grãos não concordam inteiramente. O feldspatho é pobre em inclusos; podem ser mencionadas algumas folhas de mica e de magnetite; a ultima não é rara na rocha. Em lugar da augite ha hornblenda de côr castanho-clara, como tambem frequentemente mica de côr castanha. A apatite é rara.

Alguns grãos d'olivina, dão na vista por causa da fractura ser recente. Em geral toda a rocha é muito menos decomposta que a foyaite.

A presença do orthoclase póde-se demonstrar.

A analyse da rocha, como tambem do feldspatho, completam o conhecimento d'esta; póde tambem notar-se que diversos grãos de feldspatho foram examinados sob o ponto de vista da solubilidade em acido chlorhydrico e que todos se mostraram facilmente soluveis, com a excepção d'uma pequena quantidade que podia ter sido orthoclase. Se, portanto, existe uma differença d'estas, é bem provavel que elle se comprehenda dentro dos limites andesine-anorthite, e com isso concorda o peso especifico que é cerca de 2,7. A analyse d'esta rocha, executada por F. Kertscher, dá uma percentagem em potassio excepcionalmente anormal.

Os resultados são:

	Analyse de tufo	Plagioclase
SiO_2	39,64	50,41
Al_2O_3	16,98	29,00
Fe_2O_3	6,61	—
FeO	9,31	—
CaO	10,58	13,91
MgO	6,65	—
K_2O	3,09	6.57 da differenç
Na_2O	5,95	
H_2O	1,32	0,61
	100,13	100,00

Da separação mechanica das partes constituintes póde-se conc que na rocha ha cerca de 55 — 60 % de feldspatho, o que conc com os resultados analyticos, mas tambem se conclue que a au ha-de conter alcali.

Tem egualmente muita semilhança com a rocha acima desc uma diabase d'um antigo terreno perto da Praya, contendo olivi uma rocha de Figueira Secca, na Ilha do Maio, que consiste de n augite, biotite, plagioclase, magnetite em grão. Aqui ha uma r que é interessante, porque consiste inteiramente de pyroxene e de tite. A ultima apresenta uma gamma de côres amarellas e lig mente vermelhas e encontra-se em crystalloides de visivel clivag contem poucos inclusos de magnetite.

Junto com estas partes constituintes predominantes, ha bioti côr castanha em pedaços e filetes. Esta biotite é fortemente chroitica e está misturada com apatite e magnetite. A plagioclas se encontra sómente em alguns grãos, é muito decomposta e geral muito rara. Tambem ha magnetite. A rocha lembra a abstracção feita da pequena percentagem em feldspatho, as r neovulcanicas do pyroxene e a base vitrificadora, de que tratar adeante.

Diorite. — Uma segunda rocha, da mesma serie de collinas terior de S. Vicente, tem exteriormente perfeita apparencia de rite; é uma rocha clara, de grãos pequenos e que consiste em mnas de feldspatho e de augite. Nas placas micrographicas rec ce-se alguma biotite, magnetite, muito raramente apatite e tit O feldspatho apresenta-se em crystaes com formação gemea disti mente polysynthetica. Os planos d'extincção parecem indicar labr mas os ensaios de fusão, como tambem a approximada determinaç peso especifico com a solução de biiodureto de mercurio, mos que os grãos são diversos, mas tambem podiam apresentar lab e andesina e um pouco de plagioclase ainda mais acido. Em ge augite não tem limite regular, mas apresenta-se em compridos f e em grãos. E' pleochroitica; as côres castanha, rosa, verde-ma os matizes que correspondem aos eixos de elasticidade. Dos inc póde mencionar-se magnetite e apatite. A augite derrete-se nas das, ao calor da incandescencia vermelha-clara; ao calor da inca

cencia que começa a ser branca, derrete-se inteiramente para formar um vidro escuro. Aqui ha, como tambem o confirma a analyse, uma augite analoga á akmite. A biotite apresenta-se em listas compridas e muito estreitas, que são impregnadas de apatite, magnetite e feldspatho.

Com o auxilio d'um poderoso electro-iman foram perfeitamente separadas do plagioclase, depois de repetir duas vezes, magnetite, biotite e feldspatho, mas a plagioclase ainda tinha um pouco de biotite. Na primeira parte a magnetite foi extrahida pela agulha magnetica; a biotite foi separada da augite pelo facto de que a mistura, sobre uma placa de vidro á distancia de 2 millimetros dos polos d'um electro-iman, perde unicamente a augite, em quanto que a biotite fica. Repetindo as operações e empregando depois a solução de biiodureto de mercurio, podiam separar-se quasi completamente os mineraes; sómente uma pequena parte da plagioclase, a mais pesada, estava contaminada com um pouco de biotite; mas como, empregando-se 12,7 gr., esta parte era só de 0,35, reconheci que podia fazer um bom calculo. Com a quantidade acima mencionada cheguei ao seguinte resultado: perda 0,45, magnetite 1,80, biotite 0,75, augite 1,6, plagioclase 7,8, mistura de plagioclase com alguma biotite 0,35.

Isto expresso em percentagens dá 66 — 68 % de feldspatho, 11 — 13 % de augite, 7 — 8 % de biotite, 15 % de magnetite, o que póde dar a formula $Pl_{18} Py_3 Bt_2 M_4$.

As analyses que fiz, deram o seguinte:

	Plagioclase	Augite	Rocha
$Si O_2$	56,36	47,99	49,66
$Al_2 O_3$	27,01	13,30	21,19
$Fe_2 O_3$	0,17	11,32	4,91
$Fe O$	—	10,39	5,37
$Ca O$	8,57	5,14	6,78
$Mg O$	vestigios	6,16	2,59
$K_2 O$	0,67	—	0,81
$Na_2 O$	8,11	0,60	7,02
Perde a calcinação	—	—	1,32
	100,89	100,90	99,65

Além d'isso, na rocha ha vestigios de acido phosphorico e de acido titanico. Estas analyses são a prova de que é exacta a composição quantitativa da rocha que indiquei. Calculando-se as percentagens em $Si O_2$, $Al_2 O_3$, $Ca O$, $Na_2 O$ com as partes constituintes, obtem-se approximadamente os valores que são exigidos para o valor do tufo; em verdade não se póde fazer uma verificação muito exacta por causa da biotite.

Nas ultimas collinas que existem da rocha mais antiga e que seguem ao sul da ilha de S. Vicente para o interior, apresentam-se rochas dioriticas com grandes inclusos de hornblenda, augite e biotite, mas que aliás são exactamente semelhantes ás que foram agora des-

criptas. A hornblenda apresenta geralmente uma côr vermelho-castanha e é muito difficilmente fusivel; portanto não é provavelmente uma hornblenda sodica e contém muitissimas inclusas de magnetite, apatite, emquanto que a augite é muito mais pura. A segunda rocha que se encontra em contacto immediato com estas, é uma mistura de plagioclase e orthoclase, muito predominantes, com um pouco de augite avermelhada e com alguma biotite. Ella é interrompida por nephelinite, mas não apresenta variações no contacto.

(Continua)

Dr. C. Gœlter

Traduzido do allemão por Eugène Ackermann

MARRUECOS

Es el pais de las grandes crises, de las contradicciones y de las anomalias. El desorden y la anarquia constituen su estado normal.

Las crises se suceden en Marruecos á cual mas aguda y, cosa extraordinaria! cuando mas se le cree proximo á succumbir, elude el peligro y sale de ellos airosamente para caer de nuevo en la misma postracion.

Amenazando desmoronarse, es una agonia la vida de este mal llamado imperio del Moghreb, objeto, no obstante, de todas las codicias. Es el eterno enfermo que no quiere morrir y que muere; es tambiem el moribundo de siempre que vive á pesar de todo.

Esto no puede llamarse un pais, un imperio ó un sultanato. Es un conglomerado de kabilas fieras y turbulentas de espiritu independiente, sin cohesion ni disciplina, que tiran por donde quieren, sin mas autoridad que su fiereza, ni mas norma que su capricio.

Obedecen al Sultan condicionalmente y asta cierto punto, y cuando no les conviene, sacuden el yugo del soberano y se lanzan á la mas desenfrenada anarquia. Asi viven en perpetua lucha, destrozandose entre si y desentendiendose por completo de las exhortaciones, advertencias ó amenazas del Sultan, quien á la postre tiene qui sucumbir y negociar con ellos para atraerles á su causa y hacerles entrar en razon.

Impera aqui la autocracia y el Sultan, absoluto y tirano, es dueño de vidas y hacienda, pero, asi y todo, su autoridad es mas bien nominal y no alcanza á muchas tribus de suyo independientes y avezadas á la guerra, las cuales considerandose inespugnables en sus montañas inaccesibles desafian descaradamente al gobierno Sheriffano, bien negandose á pagar las contribuciones ó ya rechazando á los gobernadores que el Sultan nombra para ejercer jurisdiccion en sus comarcas.

Si estas kabilas ceden alguna vez y se rinden á las intimaciones de la Corte, es mas bien obedeciendo á un sentimento religioso que atendiendo á un mando imperativo. El fanatismo religioso lo puede

o y tocando este resorte es como el Sultan consigue hacerse res-
ar lo mas de las veces.
El Sultan es el Pontifice Supremo en la Religion; es el gefe espi-
ıal de todos los musulmanes y es en fin el Principe de los creyen-
. Asume los dos poderes: el temporal y el espiritual. Por esto su
rza principal y su autoridad omnimoda descansan en la religion
: es la base de su poder absoluto.
El Koran le proclama principe sagrado é inviolable, superhombre
inizado á quien deben rendirse todas las voluntades y para quienes
todas las homenages y todas las obediencias. El Sultan es el re-
sentante de Mahoma sobre la terra y el solamente goza de todos los
echos y prerrogativas del trono, se no que es objeto de la venera-
ı de todos los fieles que ven en el simbolo socrosanto de la Ley
ránica.
Esos mismos derechos tan especiales y amplios como son, le im-
ıen, de igual modo, superiores deberes y uno de ellos es el de ser
nas celoso guardador de la Religion.
A ese punto concreto han de converger todos sus afanes y en él
de inspirarse toda su politica. Para mantener la integridad del
ım ha de romper con todos los convencionalismos, arrostrar todos
peligros y sacrificar las mayores conveniencias. No debe ane-
.rle nada ante el complimento de su deber.
Y no basta con que sea fiel á los preceptos religiosos, si no que
de demostrarlo elocuentemente y con toda la solemnidad que no
lugar a dudas. El Sultan ha de ser como la mujer de Cesar. No
amente ser puro sino demostrarlo.
El desgraciado Muley Abdelazis no solo descuidó esos extremos
ınciales, si no que ni siquiera tuvo la habilidad de contemporizar.
gó á cartas descubiertas y eso le perdio; esa fué su ruina y de ahi
destronamiento.
No es, como erroneamente se crée, que la estrella de ese desven-
:ado monarca se haya eclipsado por su amor á la civilización ó á
s ideas progresistas, no; es que concebió muchas tonterias y lo que
pasaba de juegos de chiquillos, se convertia á los ojos de los fana-
os en elementos endemoniados atentatorios á los fueros del Islam
amenazadores de la destruccion del imperio. El afan immoderado
l último Sultan á las bicicletas, máquinas fotográficas, automobiles,
:gos artificiales, hoguetes y toda clase de chiriñocas, dió el traste
ı su teoria. No supo disimular en sus aficiones infantiles; no supo
ıtemporizar en las circunstancias dificiles, no supo dar gusto á los
ros y no comprendio que las formas son el todo en esta vida, de-
do á la religion al parecer desamparada, por no saber rodearla del
ırato y ficciones necesarias, mostrandose á la vista del pueblo como
roroso creyente.
Pero el se entregó á los placeres gastronómicos en compañia de he-
:s, se dejó rodear y estrechar la mano por infiéles, a quien los mo-
llaman immundos, que contaminan con su contacto la sagrada per-
a del Sultan, jugó al billar con cristianos y vistiendo su mismo
e, se fotografó en union de amigos no musulmanos que le desa-

creditaran en el concepto público y fué causa de la crisis dinastica que hemos padecido y de la cual el pais sufre todavia las consecuencias.

Asi anda este desgraciado pais, digno de mejor suerte, de tumbo en tumbo, y sin que una alma caritativa le tienda una mano que le proteja.

Podria tal vez venirle la salvacion de allende el Estrecho, pues por el contrario ese es su mal. La avaricia de los unos, las concupiscencias de los otros, la codicia y avidez de todos son la causa de que este pais se mantenga estacionado en su mortal languidez.

Las rivalidades lo destruyen todo. Los celos, las pequeneces, las miserias, las luchas mezquinas, los intereses encontrados, la intriga, la conspiracion, el prurito invencible de hacer fracasar la accion del vecino, el deseo ardiente de entorpecer su labor en cualquer sentido que sea, hacen que este pais se mantenga sumido en el atraso y la inaccion paralizando lastimosamente la obra de la civilizacion de la que tanto espera y necesita el imperio de Marruecos.

En Europa no se entenden y no hay medio humano de que lleguen á un acuerdo leal y honrado. Algunas veces las circunstancias parecen obligarlos a deponer sus querellas y rivalidades ante la amenaza de un peligo y llegan á una inteligencia salvadora que puede ser la salvaguardia de los interesses de Europa y de la seguridad de los residentes en el Moghreb, pero al poco tiempo sobreviéne algo imprevisto y ya hoy un cambio completo de decoracion. Surge, digamos, un incidente cualquiera y esto sirve de pretesto para dejar sin efecto los convenios internacionales, violando los tratados y tirando cada cual por donde mas conviene à sus aspiraciones.

De aqui que no haya reformas, no puede el pais apreciar todavia las manifestaciones del progreso moderno. Marruecos vivendo á las mismas puertas de Europa, está todavia relativamente tan apartado de la civilizacion como puedan estarlo los confines mas remotos del mundo.

El Sultan desde lejos contempla las luchas de sus enemigos y vé con fruicion como se acometen para anularse, los llamados porta-estandartes de la civilizacion, y astuto, como bon nassaqui, esplota en su favor esas rivalidades de Europa que constituyen su fuerza y su defensa.

Ante los exabruptos de Europa, S. M. Sheriffiana parece protestar, pero se regocija en su fuero interno al ver como los otros hacen su juego facilitandole armas que el sabe despues esgrimir maravillosamente.

De este modo el Maghzen no tiene para que soltar prendas y todo queda en *statu quo*. Europa pide siempre, pero rara vez consigne lo que desea. El Sultan se manifesta dispuesto á complacerles, pero les pide que se pongan antes de acuerdo y como no se llega á este feliz resultado, ni el Sultan cede ni la causa europea consigue aquello a que tiene legitimo derecho.

Uno y otros se quedan en sus respectivas posiciones, y entonces el Sultan, fuerte con la derrota de sus adversarios, se cree en el caso de decir, «contra el vicio de pedir hay la vontad de no dar».

Tanger, 8 Enero 1909.

Pinhas Asayag
S.C.S.G.∴

MITRAS LUSITANAS NO ORIENTE

(Continuado de pag. 164)

1803—*Fr. José de S. Joaquim*, francis. desde 28 dezb. governou interinamente o bispado de Cochim; nom. governador episc. effetivo por prov. archiep. de 10 de março 1804; posse a 10 maio; ontinuou até 14 de março 1806.

1806—*Fr. José do Patrocio Telles*, dominic. mestre em theologia, vigario geral (em 1794) de sua congreg. em Goa; era desde 1802 governador do arcebispado de Cranganor; foi nom. ao mesmo cargo em Cochim em 25 fev; posse a 21 abril fal. d'ahi a pouco mezes.

1806—*Fr. Thomaz de Noronha*, nom. governador episc. «para fazer cessar as desordens e confusão que não tinham acabado com a ausençia do bispo Soledade», por provis. archiep. de 8 ou 14 out. 1806, posse a 14 dez. Percorrendo muitas parochias conferiu aos seus jurisdiccionados o sacramento de chrisma. Em 7 maio 1810 saiu para Goa, encarregando o governo da diocesse ao p. Francisco de Miranda. Foi depois bispo sag. como atraz se disse. Eis a resenha summario de suas ordenanças:—

110) 1806 Dezembro 16. *Pastoral.* Annunciando a sua nomeação ao cargo de governador episc, diz que o acceitou conhecendo aliás não ter forças para desempenhar cabalmente os deveres inherentes. Aqui chegado se dirigiu ao governo do reino de Tranvancor, e ao governo inglez, e um e outro o autorisou por suas lettras patentes a exercer as funcções do seu cargo, de que tomou já posse. Confirma as faculdades e licençasconcedidas por seus antecessores; declara que terminou a jurisdicção do vigario geral F..:, com o fallecimento do governador episcopal que o criára. Recommenda a todos a observancia das leis divinas, e aos parochos incita a diligentemente exercerem o seu officio de cura das almas.

111) 1807 Janeiro 10. *Edital.* Prevenindo que vai abrir visita ás egrejas, recommenda aos parochos preparem os que houverem de receber chrisma, instruindo-os no cathecismo: manda lhe denunciem os peccados publicos que houver, especialmente sobre os seg. pontos:—

1 Se o parocho reside na parochia; se ensina e prega ao seu povo, se administra os bens moveis e immoveis da egreja, se administra os sacramentos e o fez com sobrepelliz e estola, e decencia devida? como administra a confissão? se tem mulheres em casa, se consola os doentes e desvalidos, se sae a publico sem lôba, se tem algum vicio, se é exacto e cuidadoso no cumprimento das suas obrigações, se castiga por sua mão e com excesso, se tolera escandalos ou relaxações, se ensina e faz ensinar aos domingos a doutrina christã?

2 Se os cathequistas procedem bem e cumprem suas obrigações, principalmente de ensinarem a doutrina christã; se por occasião do casamento ou pela quaresma dão a força de presentes, por correntes no cathecismo os que o não sabem, cuidam no aceio da egreja?

3 se os officiaes das irmandades foram eleitos com cabalas, se administram os bens d'ellas com zelo, se guardam o compromisso, vivem em harmonia, se alguem commetteu fraudes contra a confraria, ou emprestou alfaia d'ella para uso profano?

4 se algum christão finge dons celestes para ser reputado santo, serve-se d'embustes para extorquir dinheiro, se em sua afflicção recorre a remedios supersticiosos, se tange ou dança no pagode, se orna ou faz festa a idolos, se pratica ritos gentilicos, como fazer banquetes no 7.º dia d'obito, pôr na sepultura iguarias de que gostava o defuncto, festejar o menstruo, fazer convites para celebrar o 6.º dia do nascimento de seus filhos; se permanece sem se confessar pela quaresma, se compra ou vende christãos principalmente a quem o não é, se ensina doutrina christã a seus domesticos, e os faz baptisar; se commetteu rapto, estupro, incesto, ou vive amancebado se dá dinheiro ou faz contractos com usura, se concorre com dinheiro, industria, conselho ou d'outro modo para o culto de falsa divindade, se proferia proposição heretica ou adheriu ao paganismo, se faltou com o respeito e obediencia ao seu parocho, ou o maltratou, infamou, ou levou ao fôro civil?

112) 1807 Fevereiro 9. *Ordem.* A fim de atalhar os males que resultam de se não prestar contas ao prelado, da receita e despeza das irmandades em devido tempo, manda que os gerentes d'ellas as prestem todos os annos.

113) 1807 Fevereiro 12. *Pastoral.* Diz que são usanças gentilicas e contrarias ao direito natural, divino e ecclesiastico as seguintes: 1 herdarem aos paes as filhas e não os filhos; 2 pertencer á mulher e se lhe entregar tudo o que o marido ganha; 3 ser ella a cabeça da casa, e governar o marido e a familia; 4 enviuvando o pae da familia, ser este abandonado dos filhos, deixando-o morrer á mingoa; 5 dar a noiva o seu dote ao pae ou maiores do noivo, e não a este; 6 arrogarem se as thias e as irmãs o direito de venderem os sobrinhos e irmãos; 7 impedirem os amos a seus criados o casamento.

D'estes costumes anti christãos resultando males gravissimos, diz que lhes vae applicar algum remedio, sem offender as leis do paiz: recommenda a todos reflitam sériamente nos inconvenientes, que dos estylos sobreditos dimanam, e aos quaes elles que são christãos renunciaram no baptismo, e tratem de restituir ao homem a sua dignidade natural, contituindo-se elles mesmos superiores de suas mulheres e cabeças de sua casa, persuadindo-se que assim verão achar em seus filhos quem cuide d'elles na velhice.

Prohibe abslutamente vender seu parente e se o fizer, o vendido não será havido por escravo, e o vendedor perderá o dinheiro devendo os parochos pôr todo o empenho em executar isto. Ao celebrar-se esponsaes perante o parocho, se deposite nas mãos d'este o dote da noiva, afim de se entreg. no dia do recebimento ao noivo, sem o parocho poder deduzir d'essa quantia o que lhe ficassem a dever os noivos ou seus parentes. Os parochos persuadam aos amos dos escravos a promoverem seus casamentos, tirando assim a causa da frequente prostituição a que se abandonam os servos, obrigados a viver em celibato.

114) 1807 Fevereiro 23. *Decreto.* Lamentando que por distur-
›s havidos em algumas parochias, estejam em confusão as cousas
inentes á egreja de..., diz que munido de poderes competentes foi
i pessoalmente e logrou congraçar os espiritos etc., e recommenda
s parachos procurem manter a paz, cumprindo fielmente os regula-
entos que deixou formulados em cada egreja.

115) 1807 Novembro 20. *Pastoral.* Alegra-se por estarem n'este
spado, com favor de Deus e pelo zelo dos prelados seus antecesso-
s e dos parochos, extirpados em grande parte os abusos, que ainda
gam no arcebispado de Cranganor, como conheceu quando o gover-
va; comtudo ainda ha aqui alguns estylos anti-christãos, como o
o de taly, e o de casarem as moças antes de completos 12 annos
idade, o que attribue em grande parte á ignorancia do povo. Pre-
ne que jamais concederá disqensa de impedimento dirimente, aos que
meçarem pelo taly os preparativos das nupcias, sem depôrem esse
y e fazerem penitencia. E' nullo o casamento da moça que não tiver
annos feitos, a menos que evidentemente a sua rebustez a não ha-
ite para o matrimonio, alguns mezes antes do complet. esta idade.
im de livrar os parochos das importunações dos nubentos e seus
rentes, e evitar a demasiada facilidade de celebrar-se casamento
stergando as leis da egreja, tira aos parochos jurisdicção para aben-
ar d'esses matrimonios, se houver entre os contrahentes impedimento
nonico qualquer que seja, e dá por suspenso o parocho que por fra-
esa ou depreso, attentar abençoar casamento dos impedidos.

116) 1808 Jan. 3. *Officio* dirig. a *Fr. José da Graça* vig. ger.
b. de Meliapôr, entregando-lhe as christandades da costa de Co-
mandel e dando-lhe jurisdicção sobre ella.

117) 1808 Fevereiro 12. *Circular.* Malversação do dinheiro das
rejas, com descredito dos parochos, a quem cumpre zelar pelo in-
emento e boa applicação, manda que elles façam tantos cofres de 3
aves, quantas as fabricas a seu cargo; n'elles se recolha todo o di-
eiro pertencente á fabrica, não o tirando senão para as despesas
dinarias; e haja os neccessarios livros para se escrever a receita e
speza, assignando as verbas o parocho e 2 freguezes, que elle pa-
cho nomeará para o ajudarem na cobrança das rendas.

118) 1808 Maio 24. *Portaria.* Manda que na egreja de... se
a o cofre prescripto *(na circul. de 12 fev. ant.)*; d'onde não se ti-
á dinheiro para se emprestar á povoação ou a particulares, sem
positar no cofre penhor equivalente d'ouro ou prata; officiaes que
vem sem salario, principalmente se o fazem com zelo, poderá em-
star-se até 50 phanões sem penhor, e até 500 sem juro, mas sobre
nhor, o qual não poderá vender-se senão passados annos, com licença
prelado. Manda que seja vendidos em 15 dias todos os mais pe-
ores existentes em cofre, depois de citados seus donos para pagar
ue ficarem a dever; e sejam intimados para pagar tambem os de-
lores por obrigação d'ola, e não no fazendo sejam perseguidos *(sic)*;
modo que d'hi a um mez não haja no cofre senão dinheiro limpo, etc.

119) 1808 Maio 26. *Circular.* Lastimando-se de que por falta da
trucção no cathecismo resultem muitos males á christandade: 1 ad-

verte aos parochos que lhes tomará (elle), sobre este ponto conta a mais escrupulosa, e tambem a tomará um dia o Autor da nossa religião, e sem indulgencia castigará e expulsará os que encontrar omissos, no cumprimento d'esta sua obrigação tão importante; 2 manda que elles nomeiem logo cathequistas nas povoações onde os não haja, sujeitos de bom comportamento e instruidos; 3 os quaes não sirvam seu officio, sem provisão e previo exame perante elle governador e sua approvação, e o mais conforme ao que a este respeito está decretado: 4 que os parochos tenham mais cobro no aceio de sua residencia, e se habitarem uma ou duas casas parochiaes, não deixem as demais em abandono; por pouco numerosa que seja sua christandade, o parocho a não desampare, privando-a muito tempo das vantagens de sua assistencia pessoal; mas se considerem perpetuos visitadores de suas missões, não permanecendo em um logar senão o tempo preciso para instituir, santificar e arguir; passando logo o outro logar para desempenhar as mesmas funcções: não residam constante e habitualmente n'uma de suas egrejas, mas sim repartam o tempo por todas ellas; e os faz responseveis diante de Deus e d'elle governador, se não visitarem ao menos trez vezes no anno todas suas ovelhas, dando-lhes o pasto da doutrina, etc.

120) 1808 Agosto 16. *Decreto.* I Suscitando a observancia da sua circul. de 12 fev. ant.: 1 diz que os cofres das egrejas devem ter 3 chaves, uma das quaes terá o parocho, outra o mordomo, terceira o cathequista; 2 não se abra o cofre sem estarem presentes todos os clavicularios, nem se tire ou recolha o dinheiro sem pôr a verba competente no livro, assignada por todos; não se empreste dinheiro do cofre senão ás pessoas da povoação respectiva, sob a garantia de penhor d'oiro ou prata e não d'ola; nem se tire dinheiro senão para os gastos indispensaveis; 4 no principio do anno se nomeie um mordomo, pessoa abonada e de consciencia timorata, o qual se der boas contas, poderá o parocho tornar a nomeal-o quantas vezes lhe parecer; mas escolha outro, se aquelle no fim do anno não saldar suas contas.

II Estranha que os christãos promptos a queixarem-se do parocho, quando lhes falta alguma cousa, se esqueçam de que é digno de retribuição quem trabalha; e manda que na occasião do mordomo e cathequista ir ajustar com o parocho as contas da egreja com a povoação, saldem tambem as da povoação com o parocho, dando-se logo o que se lhe dever, sem adiar a solução para além d'um mez quando muito; aliás o parocho não diga missas nos dias de guarda, nem abençõe os casamentos dos chefes e principaes da povoação, até se realisar o pagamento de suas consignações; o mesmo façam se, até ao fim de setembro seg. os christãos não cumprirem as prescripções da I parte d'este decr.

III Reprova o costume dos cathequistas e christães baptisarem as creanças sem haver verdadeira necessidade, por quanto o ministro d'este sacramento é o sacerdote, e os leigos o não podem conferir senão em perigo de vida do baptisado: recommenda aos parochos que desterrem esse costume contrario ás leis ecclesiasticas.

(Continúa) P. Casimiro Nazareth.

BIBLIOTHECA DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

Obras entradas nos mezes de janeiro a março de 1909 *

(N'esta lista não se incluem as publicações periodicas recebidas com regularidade)

lbsente (L'). Le vainqueur de la mer. Roman illustré [por] Léon Berthaut. Paris, 1906. Offerta do auctor.
ctes du XIV Congrès International des Orientalistes. Alger, 1905. Paris, 1907-1908. 2 vol. Inscripção.
ere Perennius. A' memoria de D. Maria Izabel Van Zeller em homenagem de respeito 1749-1819. Os seus descendentes. Porto, 1908. Offerta.
fricano (O). Numero de propaganda a favor da Instrucção. Lourenço Marques, 25 de dezembro 1908. Offerta.
lfageme (O) de Santarem ou a Espada do Condestavel. Drama em 5 actos [por] Almeida Garrett. Edição popular da Sociedade Litteraria «Almeida Garrett. Lisboa, 1909. Offerta.
'manaque Náutico para el año 1910. San Fernando, 1908. Offerta do Instituto y Observatorio de Marina de San Fernando.
ocución dirigida por el señor general da división don Leopoldo Orellana en el acto de la entrega de bandera al batallon infantil y respuesta del abanderado Federico Herrera. Guatemala, 1908. Offerta.
titude and azimuth; tables for facilitating the determination of lines of position and geographical position at Sea. By Radler de Aquino. Annapolis, 1908. Offerta do auctor.
nelie van Portugal (Koningin) door Henri van der Mandere. Haarlem, 1909. Candidatura do sr. J. F. H Boachette.
nendoeira (Esboço monographico da). Noticia historica por J. V. Gonçalves de Sousa e M. de Sousa da Camara (Separata da «Revista Agronomica»). Lisboa, 1908. Offerta dos auctores.
nor por Conquista. Comedia em tres actos. [Por] Luiz Augusto Rebello da Silva. Lisboa, 1907. Comprado.
iales del Consejo de Ministros. Colombia Bogotá. N.os 52 a 55 — (de 12 a 21 de dezembro de 1908 e de 11 e 22 de janeiro de 1909). Offerta do sr. Antonio Ferreira de Serpa.
nnuaire Météorologique pour 1906 publié par les soins de A. Lancaster. Bruxelles, 1906. Offerta.
nnuaire pour l'année 1908-1909. Université de Toulouse. Toulouse, 1908. Offerta.
nnuario da Escola Medico-Cirurgica do Porto coordenado sob a direcção de Thiago de Almeida. 1907-1908. Porto, 1908. Offerta.
nnuario das Escolas Normaes do Porto. 1882-1909. Porto, 1909. Offerta.
ntero de Quental. (Liga de Educação Nacional). Communicação por Fidelino de Figueiredo. Lisboa, 1909. Offerta do auctor.
nthropologie Bolivienne (Conférence sur) [por] M. le Dr. Chervin. Paris, 1907. Offerta do auctor.
rgentina (Republica). Estadisticas Comerciales y Monetarias de los años 1905-1906-1907. Obsequio del Banco Español del Rio de la Plata. Buenos Aires, 1908. Offerta do sr. Antonio Ferreira de Serpa.
rgentine (La République) au Premier Congrès International du Froid Rappart présenté par le déléguéo fficiel y. S. Rey Basadre. (Em francês e inglês). Paris, 1908 Offerta.

* A pedido de alguns dos nossos consocios, estas listas passam a ter paginação especial a artir do presente numero, podendo no fim do que disser respeito ao mêz de dezembro de cada nno juntar-se de modo e formar um pequeno folheto. Resolvemos tambem, por motivos obvios, reumir o mais possivel as indicações contidas n'estas listas, visto que ellas não teem pretenções catalogos mas simplesmente a pequenas notas que tragam o mais possivel os socios ao corente do movimento da nossa Bibliotheca.

Ausspruch (Der) über Edom im buche maleachi von D. Alexander von Bulmerincq. Dorpat, 1906. Offerta.
Barra (A) da Tutoya pelo Dr. Justo Jansen Ferreira Maranhão, 1908. Offerta do auctor.
Beobachtungen (Ergebnisse der Meteorologischen im Jahre 1904.) Vom Dr. Paul Schreiber. Dresden, 1908. Permuta.
Bijdragen tot de astronomische plaatsbepaling op de Westkust van Afrika. [Por] C. Sanders. Verschenen, 1908. Offerta do sr. Villen Johannes Leyds.
Biografia de José Trinidad Reyes por Ramon Rosa. Tegucigalpa. 1905. Offerta do sr Rómulo Eduardo.
Boletin de Estatistica de la Republica de Nicaragua Num. 3 y 4. Junio de 1908. Offerta.
Boletin del Ministerio de Relaciones Exteriores. Bogotá N.os 3 e 4 (de Novembro e Dezembro de 1908). Offerta do sr Antonio Ferreira de Serpa.
Bosnie (La) et l'Herzégovine. Ouvrage publié sous la direction de Louis Olivier par Louis Bertrand, Paul Boyer, Emile Demenge e outros. Paris, 1901. Comprado.
Bosquejos historico litterarios [por] Luiz Augusto Rebello da Silva. Lisboa, 1909. Comprado.
Brazil (O) mental. Esboço critico [por] Bruno (José Pereira de Sampaio). Porto, 1898. Comprado.
Brazil (Os Indios do). Memoria apresentada pelo Dr. Nelson C. de Senna no 3.º Congresso Scientifico Latino americano reunido no Rio de Janeiro. Bello-Horizonte, 1908. Offerta do auctor.
Bucolicum Carmen (Il) e i suoi commenti inediti. [Por] Antonio Avena. Padova, 1906. Offerta do sr Moschetti.
Budget (Le) et la politique étrangère de la France. Discours prononcés à la Chambre des Députés par M. M. Paul Deschanel, D.'Estournelles de Constant, Jean Jaurés, A Ribot. Paris, 1903. Offerta.
Bulletin de l'Association Technique Maritime. N.º 18. Session de 1907. Paris 1907. Offerta.
Calendario della Basilica Pontifica del Santissimo Rosario in Valle di Pompeia per l'anno 1909. Offerta.
Camoens [Pelo] Visconte d'Almeida Garrett. Napoli, 1907. Offerta do sr. Antonio Padula.
Camoens (The place of) in literature by Joaquim Nabuco s/l e s/d. Offerta.
Carestia da vida nos campos. Cartas a um lavrador [por] Bazilio Telles. Porto, 1904 Comprado.
Cartilla del niño patriota. Guatemala, 1908. Offerta.
Centenario Goldoniano [por] Ferdinando Galanti. Venezia, 1907. Offerta do auctor.
Ciencia (La) Agricola, por el académico D. Hermenegildo Gorria (Memorias de la Real Academia de Ciencias y Artes de Barcelona) Barcelona, 1908. Offerta.
Circular sobre division territorial y la manera como debe enseñar-se la geografia de Colombia. Segunda edición. Bogotá, 1908. Offerta do sr. Antonio Ferreira de Serpa
Climate (Notes on the) of Mont'Estoril and the Riviera of Portugal or the Climate of the Mont'Estoril determined by theFlora and by oceanic and atmospheric Currents by Dr D G. Dalgado Lisboa, 1908. Offerta da Bib. da Acad Real de Sciencias de Lisboa
Clues de Provence (Sur les) et sur les irrégularités des courbes d'équilibre des cours d'eau. Sur les gouffres de la mer et le volcanisme. Sur le gouffre des Corbeaux et la Fontestorbes (Arriège). [Por] E. A. Martel. Rennes, 1908. Offerta do auctor.
Colombie (E'tude sur les mines d'or et d'argent de la [por] Vicente Restrepo. Bruxelles, 1908. Offerta.
Colombie (La). Revue mensuele. Deuxième année. N.º 15. février 1909. Bruxelles. Offerta.
Commerce français (À quoi tient l'infériorité du) [por] Georges Aubert. Paris, 1899. Offerta.
Commerce (Le) par Gustave François Paris, s/d Offerta.
Compte-rendu général [do] Congrès International de Sauvetage d'hygiène &. de

sécurité maritimes à Saint-Nazaire &. Nantes du 23 au 30 aunt 1908. Rennes, 1908. Inscripção.

iferencia Centroamericana de Washingtou. Managua, 1908. Offerta.

igo (Advertencia ás observações meteorologicas feitas na Missão Portugueza de S. Salvador do). S. Salvador do Congo, 1908. Offerta.

igo (Il) [por] E. Baccari. Roma, 1908. Offerta do auctor.

igresso (4.°) Cientifico (1.° Pan-Americano) que se reunira en Santiago de Chile el 25 de diciembre de 1908. 2.° boletim. Trabajos preparatorios hasta el 30 de Junio de 1908. Santiago de Chile, 1908. Inscripção.

ngresso de Saint-Nazaire e Nantes (Missão Portugueza ao) por Vicente Almeida d'Eça. Lisboa, 1908. Offerta do auctor.

ntos e Lendas por Luiz Augusto Rebello da Silva. Lisboa, 1908. 2 vol. Comprado.

ntribution à la connaissance du Lias et du Dogger de la région de Thomar [por] Paul Choffat. Lisbonne, 1908. Offerta.

rrection (De la) des Rivières à fond mobile telles que la Loire. Extrait du Bulletin de la Société d'Encouragement pour l'Industrie Nationale (107 Année. N.° 3. Mars, 1908).

rrientes (Las) Eléctricas Industriales, accidentes y primeros auxilios por el Doctor Decref. Madrid, 1907. Offerta.

gh-Register gehanden int Casteel Batavia vant passerend daer ter plaetse als aver geheel Nederlandts India. Anno, 1679. Van Dr. F. de Haan. Batavia, 1909. Permuta.

fensa hecha verbalmente por el señor representante y abogado de Guatemala, licenciado Don Carlos Salazar en el primer debate habido en la Côrte de Cartago con motivo de la demanda del Gobierno de Honduras, contra las de El Salvador y Guatemala. Guatemala, 1908. Offerta do sr. Antonio Ferreira de Serpa.

kaden. Monatsberichte (Vorläufige Mitteilung) der Königl. Sächs Landes. Wetterwarte, 1906-1907. [Por] Paul Schreiber. Dresden, 1906-1908. Permuta.

lagoa (The) Directory 1909. Lourenço Marques, s/d. Offerta.

l poema «i Lusiadi» di Camoens Due episodi. Traduzione in verso italiano di Antonio Padula. Napoli, 1908. Offerta do auctor.

scripção geographica, politica e historica do Estado do Paraná por Alcibiades Cesar Plaisant. Coritiba, 1908. Offerta.

scription of a new species of Sea Snake from the Philippine Islands, with a Note on the palatine teeth in the Proteroglypha by John van Denburgh and Joseph C. Thompson. (Proceedings of the California Academy of Sciences. Fourth Series. Vol. III. December 31, 1008).

utsches Meteorologisches Jahrbuch für 1903. Vom Direktor Dr. Paul Schreiber. Dresden, 1908. Permuta.

ccionaaio geografico estatistico historico de España y sus posesiones de Ultramar por Pascual Madoz. Madrid, 1845-1850. 16 vols. Offerta.

ctadura (A). Subsidios moraes para seu juizo critico [por] Bruno (J. Pereira de Sampaio). Porto, 1909. Comprado.

ctámenes emitidos por siete jurisconsultos americanos acerca del litigio entre Guatemala y Honduras pendiente ante la Corte de Justicia Centro Americano. s/l. 1908. Offerta.

ie mittlere Temperatur der Luft im meeresniveau, dargestellt als Funktion der geographischen Länge, Breite und Jahreszeit von Dr. H. Fritsche s/l, 1909 Offerta do auctor

ireito (O) portuguez carece de ser reformado por Antonio Amaro Conde. Lisboa, 1909. Offerta.

iscurso prounnciado pelo Dr. Egas Moniz B. de Aragão a 10 de março de 1900 por occasião de tomar posse da cadeira da lingua allemã. Bahia, 1900. Offerta.

ix contes écrits dans le nord [por] Pierre Hamp. (Cahier de la quinzaine). Comprado.

ocuments. Directorium ad Passagium Transmarinum. [Reprinted from «The American Historical Review», vol. XII, N.°s 4. July 1907]. Offerta.

Door Nederlandsch Oost-Indië. Schetsen van Land en Volk, bewerkt door T. J. Bezemer. Met een inleiding van J. T. Niermeyer. Wageningen, 1905. Offerta.

Early Dutch and English voyages to Spitsbergen in the seventeenth Century, including Hessel Gerrito's «Histoire du pays nommé Spitsberghe» 1613, translated into English, for the first time, by Basil H. Soulsby, and Jacob Segersz van der Brugge's «Journall of Dagh Registere Amsterdam, 1634; translated into English, for the first-time, by J. A. J. de Villiers. Edited, with introduction and notes by Sir W. Martin Conway. London, M.D.CCCCIV. Comprado.

Economia Nacional (Problemas da) Agricultura, Commercio e Navegação de Portugal nas suas relações com o mercado mundial por Constancio Roque da Costa. Lisboa, 1909. Offerta do auctor.

Embassy (The) of sir Thomas Roe to the Great Mogul 1615-1619, as narrated in his journal and correspondence. Edited from contemporary Records by Wiliam Foster. London, MDCCCXCIX. Comprado.

Enfant (l') et la reine morte [por] Pierre Mille. (da collecção «Cahiers de la Quinzaine» 18 octobre 1908). Comprado.

Enumeration des algues marines et d'eau douce observées jusqu'á ce jour en E'gypte par M. Reno Muschler. Le Caire, 1908. Offerta.

Estatistica das Pescas Maritimas no Continente do Reino e ilhas adjacentes no anno de 1906. Coordenada pela Commissão Central de Pescarias. Lisboa, 1908. Offerta.

Estatistica do Commercio e Navegação. Anno de 1907. Circulo Aduaneiro da Africa Oriental. Provincia de Moçambique. Lourenço Marques, 1908. Offerta da Direcção Geral do Ultramar.

Estatistica Geral dos Correios. Anno de 1906. Lisboa, 1909. Offerta.

Estatutos da Associação Academica do Curso Superior de Letras. Lisboa, 1909. Offerta.

Estatutos da Associação de Beneficencia. Caixa de Soccorros a Estudantes Pobres. Lisboa, 1909. Offerta.

Estatutos da Associação de Monte-Pio dos officiaes, creados, creadas e mais empregados da Casa Real. Lisboa, 1896. Offerta.

Estudo sobre a exequibilidade do projecto de pharolagem da Costa de Moçambique, por Hugo de Lacerda Lourenço Marques, 1908 Offerta do auctor.

Estudos historicos e economicos [por] Bazilio Telles Porto, 1901. Comprado

Evolucion (La) del principio de arbitraje en America. Memoria historica juridica presentada al cuarto Congreso Cientifico por Francisco José Urrutia Bogota, 1908. Offerta do auctor.

Evolution (L') souterraine [por] E. A. Martel. Paris, 1908. Offerta do auctor

Exhibition of a collection of samples lent by Mr. Alexander W. Drake of New York, 1909. Offerta.

Exposé général des travaux du Dr. René Martial. Troisième édition. Le Man[s] 1909 Offerta

Extraits de Cinquante Notes à l'Académie das Sciences (1885-1906) [por] E. A. Martel. Rennes, s/d. Offerta do auctor.

Factures (Les) essentiels de l'acclimatement du bétail européen dans les pay[s] chauds Rapport introductif par le vétérinaire de régiment Meuleman. Paris, 1909. Offerta

Fastos da Egreja [por] Luiz Augusto Rebello da Silva. Lisboa, 1907. Comprad[o]

Ferrocarriles (Los) y la Bolivia actual (na «Gaceta de los Caminos de Hierro Anno LII. Madrid 1.º de Noviembre de 1907. Num. 2:664. Offerta.

Fundo de defesa maritima pelo vice almirante Augusto de Castilho. Lisbo[a] 1909. Offerta do auctor.

Futuro (Um) Municipio Mineiro na Matta do Peçanha. [Por] Nelson de Senn[a] Bello Horizonte, 1908. Offerta.

Geografia (Scritti di) e di storia della geografia concernenti l'Italia pubblica[ti] in onore di Giuseppe Dalla Vedava [por] Filippo Iorena [e outros]. Firenz[e] 1908 Offerta da Società Geografica Italiana.

Geographical (A) account of countries round the Bay of Bengal, 1669 to 167[9] by Thomas Boudrey Cambridge, MDCCCCV. Comprado

Geologie (Traité de) [por] Emile Haug. Paris, 1907. Comprado.

Geology (The) and ore deposits of the Cœur d'Alene district, Idaho by Frederic[k] Leslie Ransome and Franck Cathcart Calkins, Washington, 1903. Permuta.

Geração (A) nova. Ensaios criticos por José Pereira de Sampaio (Bruno). Porto, a/d. Comprado.

Gonçalo (Der São). Fanz unserer Caboclos von Edmundo Krug. São Paulo, 1908. Offerta.

Guanches (The) of Tenerife. The holy image of our Lady of Candelaria and the Spanish conquest and Settlement, by the Friar Alonso de Espinosa. London, M.D.CCCCXII. Comprado.

Guatemala (Defensa del gobierno de) ante la corte de justicia Centro Americana de Cartago en el assunto de Honduras. (Em espanhol e inglês). Washington, 1908. Offerta.

Guerra da Peninsula (Noticia de alguns documentos ineditos sobre a) por Antonio Cabreira. Lisboa, 1908. Offerta.

Guerra Peninsular. Centenario da instituição da junta provisional do Supremo Governo do Reino, no Porto. Conferencia por Francisco de Paula da Silva Villar. Um discurso de Pitt. Lisboa, 1908. Offerta do auctor.

Guerra Peninsular. Conferencia realisada no regimento de infantaria n.º 14 por Numa Pompilio da Silva. Lisboa, 1909. Offerta do auctor.

Guiné Portugueza. Memoria offerecida ao Ill.mo e Ex.mo Sr. conselheiro Augusto de Castilho por Christiano José de Senna Barcellos. Lisboa, 1908. Offerta.

Guyane Française par Henry Richard. Paris, 1906. Offerta do auctor.

Habitações populares por José Caeiro da Matta. Coimbra, 1909. Offerta do auctor.

Haiti (Statistique générale de la République d') publiée par la Chambre de Commerce de Port au-Prince dressée par les soins de Georges Sejourné. Port au-Prince, 1908. Offerta do sr. Antonio Ferreira de Serpa.

Hans Staden. Suas viagens e captiveiro entre os selvagens do Brasil. (Instituto Historico e Geographico de S. Paulo.) S. Paulo, 1900. Offerta do sr. Alfredo de Toledo.

Historia de Portugal desde a fundação da monarchia até á revolução de 1820 [por] Henrique Schaeffer, vertida e continuada sob o mesmo plano, até aos nossos dias, por J. Pereira de Sampaio (Bruno). Porto, 1893-1899. 5 vols.

History of the Incas by Pedro Sarmiento de Gamboa and execution of the Inca Tupac Amaru by Captain Baltasar de Ocampo Translated by Sir Clements Markham [Second series N.º XXII de] The Hakluyt Society. Cambridge, MDCCCCVII. Comprado.

Homenaje á la memoria del presbitero doctor José Trinidad Reyes en el quincuagésimo aniversario de su fallecimiento. Tegucigalpa, 1905. Offerta do sr. Rómulo Eduardo.

Homens e Arvores [por] João da Rocha. Vianna, 1908. Offerta da Liga d'Instrucção de Vianna de Castello.

Honduras literaria. Collección de escriptos en prosa y verso por Rómulo E. Durón. Tegucigalpa, 1897-1900. Offerta do auctor.

Hygiene de Pangim [por] Ayres Fernandes Sá. Nova Goa, 1908. Offerta do auctor.

Jahrbuch der Weltreisen und geographischen Forschungen von Wilh. Berdrow. Leipzig, 1908. Offerta do sr. F. Korth.

Ibsen (le portrait d') [por] Suarès (da collecção «Cahiers de la quinzaine» 13 décembre 1908). Comprado.

Idéa (A) de Deus [por] Bruno [José Pereira de Sampaio]. Porto, 1902. Comprado.

Iguape (A ribeira de) por Edmundo Krug. Setembro, 1904. (em português e allemão) São Paulo, 1908. Offerta do sr. Alfredo do Toledo.

Ilha (A) de S. Thomé e a Roça Agua-Izé [pelo] Conde de Sousa e Faro. Lisboa, 1908. Offerta do auctor.

Impotencia (A) sexual no homem e na mulher pelo Dr. W. A. Hammond. Traducção de J. A. Bentes. Lisboa, 1903. Offerta.

Indian (The East and West) Mirror, being an account of Joris van Speilbergen's. Voyage round the World (1614-1617) and the Australian navigations of Jacob Le Maire. (De «The Hackluyt Society»). London, MDCCCCVI. Comprado.

Informe presentado por el Consejo Administrativo de la Sociedad Nacional de Agricultura á la Asamblea de 1908. San José, Costa Rica, 1908. Offerta.

Informe que el superintendente de las rentas públicas señor Lino de Pombo presenta al Ministerio de Hacienda y Tesoro referente al movimiento del Ramo en el año de 1907. Bogota, 1908. Offerta do Ministerio de Relaciones Exteriores da Republica da Colombia.
In memorian D. Carlos I e D. Luiz Filippe de Portugal. Bahia, MCMVIII. Offerta da Commissão da Colonia Portugueza na Bahia.
Inspección sobre las Asociaciones Beneficas médico-farmacéuticas. Madrid, 1906. Offerta.
Institut Canadien-français d'Ottawa. Réminiscences par Pascal Poirier. Ottawa, 1908. Offerta.
Internacia Scienca Revuo. Oficiala Monata Organo de la Internacia Scienca Asocio Esperantista Genevo. Svislando 5 Jaro Augusto 1908. N.º 56.º. Offerta.
Introducção ao problema do trabalho nacional [por] Bazilio Telles. Porto, 1902. Comprado.
Jaarboek van het Departement van Landbound in Nederlandsch. — Indië. 1907. Batavia, 1908. Offerta.
Jean Christophe à Paris [por] Romain Rolland (da collecção «Cahiers de la quinzaine» 21 février 1909). Comprado.
Japeti Genus [por] Duca di Bonito Garofalo (no n.º 17 do anno II de 1 de janeiro de 1909 da «Età Nova», de Napoles). Offerta.
Journal (The) of John Jourdain 1608-1617. Describing his experiences in Arabia, India, and the Malay Archipelago. Edited by William Foster. Cambridge, MDCCCCV. Comprado.
Klimatographie von Österreich. Von Eduard Mazelle. Wien, 1908. Offerta.
La Meuse (La vallée de) pittoresque (entre Namur et Givet). Namur, s/d Offerta.
Lao-Tze e sua doutrina segundo Tao-te-king (Conferencia realisada no Gremio Militar de Macau em 3 de janeiro de 1909) [por] M. Silva Mendes. Macau, 1908. Offerta do sr. Luciano José Cordeiro.
Legislação Novissima do Ultramar (Collecção da). Volume XXXV e Repertorio alphabetico do anno de 1907. Offerta da Direcção Geral do Ultramar.
Liederbuch (Das) des königs Denis von Portugal. Von Henry R. Lang. Halle, 1894. Offerta do editor.
Life (The) story of Sir Charles Tilston Bright with which is incorporated the story of the Atlantic Cable, and the first telegraph to India and the Colonies. Offerta do sr. M.e Robert Kaye Gray.
Lourenço Marques. Souvenir of the visit of members of the Transvaal Institute of Mechanical Engineers. September, 1908. Transvaal, 1908. Offerta do Conselho de Administração do Porto e dos C. F. L. M.
Mammiferos do Estado da Bahia por Antonio Joaquim de Sousa Carneiro (Exposição Nacional de 1908) Bahia, 1908. Offerta do sr. Silio Boccanera Junior.
Manhã Poesia. Por José Maria Ferreira. Lisboa, 1909. Offerta do auctor.
Manual do Viajante em Portugal coordenado por L. de Mendonça e Costa. Lisboa, 1907. Comprado.
Mathématiques (Cours de) par Charles de Comberousse. Paris, 1890-1907. 5 vols. Comprado.
Mémoires de la Société Bourguignonne de Géographie et d'Histoire. Dijon, 1907-1908. 2 vols. Permuta.
Memoria de la gobernación y sus anexos presentada a la Asamblea Nacional Legislativa por el señor ministro Don José D. Gámez. Managua. 1906-1907. Offerta.
Memoria del Secretario de Estado en el despacho de Gobernación y Justicia Dr. Don J. Ignacio Castro. Tegucigalpa, 1909. Offerta.
Memoria presentada al Congreso Nacional Legislativo por el Secretario de Estado Gral. Maximo B. Rosales. Tegucigalpa, 1909. Offerta.
Memoria presentada al Soberano Congreso Nacional por el general Dionisio Gutierrez. Tegucigalpa, 1909. Offerta.
Memorial de titulos e trabalhos scientificos pelo dr. Egas Moniz Barreto de Aragão. Bahia, 1907. Offerta do auctor.
Mensaje dirigido al Soberano Congreso Nacional por el señor Presidente de la Republica de Honduras Gral. Don Miguel R. Davila. Tegucigalpa, 1909. Offerta.

(La) les marins et les sauveteurs par Léon Berthaut. Paris, 1899. Offerta.
orological Observations made at the Hongkong Observatory in the year 1907. Hongkong, 1908. Permuta.
ico. Su evolución social. Director literario: Lic. D. Justo Sierra. Mexico, 1900. Offerta do sr. Presidente da Republica Mexicana.
eraes (Riquezas) do Estado da Bahia por Antonio Joaquim de Sousa Carneiro. Offerta do sr. Silio Boccaneia Junior.
eilungen des Seminars für Orientalische Sprachen an der Königlichen Friedrich Wilhelms. Herausgegeben von dun Direktor Dr. Eduard Sachau. Berlin, 1908. Offerta.
ambique (Alguns projectos e obras executados na provincia de) por Carlos Roma Machado de Faria e Maia. Lisboa, 1909. Offerta do auctor.
ambique (Estudo para o estabelecimento de um sanatorio na provincia de) pelo chefe de serviço de saude José de Oliveira Serrão de Azevedo. Lourenço Marques, 1909. Offerta.
schott. Weekblad voor Gezondheidsleer, Populaire Geneeskunde en ter bestrijding der Kwakzalverij. Redactie: Dr. Ch. Bles. Amsterdam, 1907–1908. Candidatura do sr. Aeur Ch. Bles.
ographias e outras obras referentes a varias localidades e monumentos do continente de Portugal. Breve indicação por Eduardo Rocha Dias. Lisboa, 1908. Offerta do auctor.
ograph on the higher Crustacea of the carboniferous rocks of Scotland by B N. Peach. Glasgow, 1908. Offerta de Lieut. Colonel James Lang.
phology (The) of Ruppia Maritima by Arthur Harmount Graves. New Haven, 1908. Permuta.
ional reclamation of Arid Cands by C. J. Blanchard. Washington, 1907. Permuta.
rologia de D. José Maria Rodriguez Carballo y Cebolla. Barcelona, 1909. Offerta.
y Delgado. Elogio por Luiz Couceiro. 1908. Offerta do auctor.
e Gebirgsnamen. Forschungen (Stein, Schutt und Geröll) von C. Täuber. Zurich, s/d. Offerta do sr. F. Kort.
ragua (La República de) por J. Matamoros J. Managua, 1906. Offerta.
e (De) todos os gatos são pardos, por Luiz Augusto Rebello da Silva. (2.ª edição). Lisboa, 1908. Comprado.
way. Official publication for the Paris exhibition 1900 [por] Sten Konond [e] Karl Fischer. Kristiania, 1900. Offerta do sr. Robert Schumburg Saltsjöbaden.
ri Contemporanei (I). Galleria biografica internazionale di Roma. Direttore e editore P. Carducci Teisser. (Revista semanal illustrada). Offerta.
s broncineas. Ramillete de Odas. [por] Maximo Soto Hall. Guatemala, 1908. Offerta.
s chorographicas do districto de Antonio Dias Abaixo no Valle do Piracicaba e Comarca de Itabira do Matto Dentro. Por Nelson C. de Senna. Bello Horizonte, 1908. Offerta do auctor.
e nécrologique. Baron Quinette de Rochemont [por] C. de Joly. s/l e s/d. Offerta.
e nécrologique sur J. F. Nery Delgado (1835–1908) par Paul Choffat. Lisbonne, 1908. Offerta do auctor.
elles Archives des Missions Scientifiques et Litteraires. Paris, MDCCCCVII–MDCCCCVIII. 3 vols. Permuta.
mento da receita e tabellas da despesa ordinaria e extraordinaria das provincias ultramarinas e districto autonomo de Timor no anno economico de 1908–1909. Lisboa, 1908. Offerta da Direcção Geral do Ultramar.
nes (Les) de la Bibliothèque de l'Université de Toulouse par Louis Vie. Toulouse, 1908. Offerta.
ier, son hygiène, son atelier, son habitation par le Docteur René Martial. Paris, 1909. Offerta do auctor.
zzo Bianco. Museo di Storia e d'Arte. A cura del municipio. Geneva, 1908. Offerta do sr. M. A. Boscassi.
: (Album do Estado do) [por Ernesto Mattoso]. Tem o texto em portuguez, francez e inglez. Paris, 1908. Offerta.

Par la ville révoltée. (Da collecção «Cahiers de la Quinzaine» 31 Janvier, 1909.) Comprado.
Passa de uvas (Producção e preparação da). Versão do italiano por J. V. Gonçalves de Sousa. Lisboa, 1908. Offerta do auctor.
Pastorelas del presbitero dr. Don José Trinidad Reyes restauradas por Rómulo E. Duron. Tegucigalpa, 1905. Offerta.
Patria (La), Publicación quincenal de literatura ciencias y artes. Año xiv. Tomo vi. Numeros 16 y 17 de 30 de Junio y 15 de Julio de 1908. Offerta.
Pêches (Les) à Vapeur en Angleterre et en Ecosse par M. Léon Berthaut («Le Tour du Monde» 21 Novembre 1908). Offerta do auctor.
Peine (La) des hommes. i Marée fraiche [por] Pierre Hamp. (da collecção «Cahiers de la Quinzaine» 15 Novembre 1908) Comprado.
Peine (La) des hommes. ii Vin de Champagne [por] Pierre Hamp (da collecção «Cahiers de la Quinzaine» 29 novembre 1908) Comprado.
Pernambucano (Folk Lore) pelo Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa (in «Rev. do Inst. Hist. e Geog. Braz.» tomo lxx—1907). Permuta.
Pesca (Copia de uma representação sobre assumptos de) entregue ao Senhor Ministro da Marinha e Ultramar, no dia 25 de fevereiro de 1909, pelos proprietarios de «Cercos Americanos» de Setubal. Offerta.
Plus près des choses [por] René Salomé (da collecção «Cahiers de la Quinzaine». 27 décembre 1908). Comprado.
Poesias Póstumas [por] Gonzalo de Castro con un prólogo de Arturo Reys. Madrid, 1906. Offerta.
Politica (La) exterior del general Cipriano Castro (por) Tito V. Lisoni. Santiago de Chile, 1908. Offerta.
Portogallo (Il) nella Storia della Civitá. [por] Antonio Padula. Napoli, 1906. Offerta do auctor
Portuenses illustres [por] Bruno (José Pereira de Sampaio). Porto, 1907-1908. Comprado.
Portugal e a guerra das nações [por] Bruno (José Pereira de Sampaio). Porto, 1906. Comprado.
Portugal the picturesque. Viewed through «The Tatler's» Eyeglass A Land rich in romance, picture, and history. London, March 17,-1909. Offerta.
Portuguese literature to the end of the 18th Century by Edgar Prestage. London, 1909. Offerta do auctor.
Presupuestos generales del Estado para al año económico de 1909. Madrid, 1909 Offerta.
Principe de Martirio. (Versos por) João Maria Ferreira. Lisboa, 1909. Offerta do auctor.
Problema (O) Agricola [Por] Bazilio Telles. Porto, 1899. Comprado.
Proceedings of the United States National Museum. Volume xxxiii. Washington, 1908. Permuta.
Programma do sarau de caridade a favôr dos sobreviventes da catastrophe de Messina e Regio promovido pela Sociedade de Geographia no theatro de D. Maria ii em 15 de Janeiro de 1909. Lisboa, 1909.
Publicistas (Os modernos) portuguezes [por] Bruno (José Pereira de Sampaio). Porto, 1906. Comprado.
Quadros biographicos dos padres illustres de Goa. Estudos do Padre Expectação Barreto. Bastorá, 1899. Offerta do sr. Caetano Maria Villa Flôr Pinto.
Quelques-uns de la Commune (da collecção «Cahiers de la Quinzaine» 17 Janvier 1909) Comprado.
Questão (A) do Gerez nos Tribunaes. Tenções e accordão do ultimo julgamento no Tribunal da Relação. Contra-minuta de revista pelo advogado do auctor Dr. Henrique Alves de Sá. Porto, 1909 Offerta
Questão (A) religiosa [por] Bruno [José Pereira de Sampaio] Porto, 1907. Comprado
Question sociale (La) por André Liesse. Paris, s/d. Offerta.
Rapport officiel Cinquième Congrès International des délégués représentant les Associations des Maîtres filateurs et tisseurs de coton. Manchester, 1908. Inscripção.
Rapports présentés au Premier Congrès International des Industries Frigorifi-

ques de Paris par le Comité National Argentin. Publication faite sous la direction de M. Pierre Bergés. Buenos Aires, 1908. Offerta.

'ectificaciones historicas en defensa de la biografia del Pbro. Doctor José Trinidad Reyes que escribió el Dr. don Ramón Rosa, por Romulo E. Durón. Tegucigalpa, 1906. Offerta do auctor.

'eport of his Majesty's Astronomer at the Cape of Good Hope to the Secretary of the Admiralty, for the years 1906 and 1907. London, 1908. Offerta.

'eseña de los principales balnearios de España por los médicos directores de baños Joaquim M. Aleixandre e Arturo Pérez y Fabregas. Madrid, 1903. Offerta.

Reseña Historica de los Ferrocarriles del Perú, por Federico Costa y Laurent. Lima, 1908. Offerta da Sociedade de Ingenheiros do Peru.

Revista de Instruccion Publica de Nicaragua. Managua. Anno I. N.º 1, Offerta.

Revue du Mois (La). Tomes I a IV. Paris, 1905 a 1908. Comprado.

Revue (La) Mauve Mensuelle Littéraire Artistique Théâtrale. Huitième année N.º 82 Janvier, 1906. Offerta.

Rhin (Du) au Niagara. Pages d'histoire et impressions d'art [por] Léon Berthaut. Paris, s/d.

Saint-Pierre Miquelon (À) por M. Léon Berthaut (in Tour du Monde 9-16.). Août, 1902. Offerta.

Sanidad Nacional. Disposiciones oficiales emanadas del Ministerio de la Gobernación durante el año 1904-1905-1906 volumen VIII, IX e X. Madrid, 1905 a 1907. 3 vol. Offerta.

'an Marco. Discorso di Ferdinando Galanti. Venezia, s/d. Offerta do auctor.

ão Paulo (The State of) [Brazil] Statistics and General Information (Department of Agriculture. Commerce and Public Works). 1903. S. Paulo, 1904. Offerta do sr. Alfredo de Toledo.

udade. Homenagem a José Augusto de Oliveira Alvarenga. In Memoriam. Porto, s/d. Offerta do sr. Oliveira Passos.

sión solemne dedicada á honrar la memoria del sr. D. Angel del Romero y Walsh. (Memorias de la Real Academia de Ciencias y Artes de Barcelona). Barcelona, 1909. Offerta.

am et les siamois par l'abbé Similien Chevillard. Paris, 1889. Offerta.

beria [por] Ferdinando Galanti. Venezia, 1907. Offerta do auctor.

edlung (Die) am Kilimandjaro und Meru von E. Th. Förster. Berlin, 1907. Offerta do sr. F. Koith.

stemas C. G. S. de unidades eléctricas y principios fundamentales en que estan basados por Enrique E. Laroza. (Sociedad de Ingenieros del Perú). Lima, 1908. Offerta.

lenne commemorazione di S. M. Fed.ma Don Carlo I Re del Portogallo e delle Algarvi e di S. A. R. Don Luigi Filippo. (Società Luigi Camoens per la diffusione degli studi portoghesi in Napoli). Napoli, s/d. Offerta do sr. Antonio Padula.

uth Africa (The Native Races of). A history of the intrusion of the Hottentots into the hunting grounds of the Bushmen, the aborigines of the country, by George W. Staw. London, 1905.

Paolo (Lo Stato di). [Brasile]. Publici durante l'amministrazione des consigliere Dr. Francisco de Paulo Rodrigues Alves. Seconda edizione. San Paolo, 1902. Offerta do sr. Alfredo de Toledo.

Paulo (I progressi di) [par] G. B. Cecchi. São Paulo, 1907. Offerta do sr. Alfredo de Toledo.

Paulo (The anthropology of the State of). Brazil. By Prof. Dr. Hermann von Ihering. Second enlarged edition. São Paulo, 1906. Offerta do sr. Alfredo de Toledo.

ecial exhibition of selected water colors by American Artists. Fourth Season. (Cincinnati Museum). s/l. 1909. Offerta.

éléologie (La) au XXe siécle par M. E. A. Martel. Paris, 1905. Offerta do auctor.

itzbergen (Swedish Explorations in) 1758-1908. (Reprinted from *Imer*, 1909, H. 1.) A. G. Natthorst: Historical sketch. J. M. Hulth: Bibliography, G. de Geer: List of maps. Stockolm, 1909. Offerta do Kongl. Universitetets i Uppsala Bibliotek.

Staatssekretär Dernburg in Britisch-und Deutsch-Sud.-Afrika von Dr. Oskar Bongard. Berlin, 1908. Offerta do sr. F Korth.
Statistica della Emigrazione Italiana per l'Estero. Negli anni 1906 e 1907 con una appendice di confronti internazionali. Roma, 1908 Offerta.
Stastistical tables relating to British Colonies, Possessions, and Protectorates. Part XXXI 1906 London, 1906. Comprado.
Succès (Du) des Nations, [par] Dr. Emile Reich. Traduit de l'anglais par Madame Raoul Franquez. Paris, s/d. Comprado.
Survicances du régime communautaire en Portugal. (Abrégé d'une monographie inédite) par A A. da Rocha Peixoto Coimbra, 1908. Offerta do auctor.
Svargâcho Mârg va Nihal Komkanen Utarlale Mihapurchyâ Missionârân Padri L. dũ C Pherrâmv. Mangulore, 1908. Offerta do auctor.
Tabellas de premios. A Equitativa dos E. U do Brazil Sociedade de Seguros Mutuos sobre a Vida. Lisboa 1906. Offerta.
Tegucigalpa (La Provincia de). Bajo el Gobierno de Mallol. Estudio historico por Romulo E. Duron, 1817-1821 Tegucigalpa, 1904. Offerta.
Tehuantepec (Ferrocarril Nacional de), por el ingeniero Don Angel Peimbert. Mexico, 1908. Offerta.
Trabalho bemdito, por D. Virginia de Castro e Almeida. Lisboa, 1909. Comprado.
Travels (The) of Peter Mundy in Europe and Asia 1608-1667. Vol. I. Travels in Europe, 1608-16 8. Edited by Richard Carnac Temple. Cambridge, MCMVII Comprado.
Tristezas, por João Maria Ferreira. Lisboa, 1908. Offerta do auctor.
Tutela (A) administrativa e as promoções dos empregados municipaes. (O Municipio de Lisboa nos ultimos 30 annos). Lisboa, 1909 Offerta.
Über die Bedeutung der photographischen Melkunst. Inaugurationsrede des Rectores magnificus der k k. Technischen Hochschule in Wien. Prof. E. Dolezal. November, 1908 Heft. 3. Offerta.
Ultimatum (Do) ao 31 de Janeiro. Esboço d'historia politica, por Bazilio Telles Porto, 1905. Comprado.
Uno scritto inedito di Carlo Gozzi, [por] Ferdinando Galante. Venezia, 1900. Offerta do auctor.
Venezuela (Relaciones geográficas de la Gobernación de) [1767-68] con prólogo y notas de D. Angel de Altolaguirre y Duvale. Madrid, 1909. Offerta.
Vêpres (Les) de l'Oncle Jean. Entretiens économiques avec ses amis de Saint Émilion. Lettre préface de Frédéric Passy. Bordeaux, 1909. Offerta do editor.
Vida (Sobre a consideração da irradiação no problema dos seguros de), por Antonio Cabreira. Lisboa, 1908. Offerta.
Veinte meses de administración en el Ministerio de Agricultura, por Ezequiel Ramos Mexia. Buenos Aires, 1908. Offerta.
Vitesse (La) de l'érosion torrentielle, par M. E A. Martel. s/l e s/d. Offerta do auctor.
Voyage (The) of Captain Don Filipe Gonzalez in the ship of the Line San Lorenzo, with the Frigate Santa Rosalia in Company, to Easter Island in 1770: preceded by an extract from mynheer Jacob Roggeveen's official Log of his discovery of and visit to Easter Island, in 1722. Transcribed, translated, and edited by Bolton Glanvill Corney Cambridge, MDCCC. Comprado
Voyage (The) of Robert Dudley, afterwards styled earl of Warwick and Leicester and duke of Northumberland, to the West Indies, 1594-1595, narrated by Capt. Wyatt, by himself, and by Abram Kendall. Edited by George F. Warner. London, MDCCCXCIX. Comprado.
Voz (La) de los emigrados descontentos Tegucigalpa, 1908. Offerta.
Wirtschafsgeographie mit eingehender Berucksichtigung Deutschlands von Dr. Christian Gruber neu bearbeitet von Dr. Hans Reinlen. Berlin, 1908. Offerta do sr. F. Korth.

27.ª Série — 1909 N.º 6 — Junho

BOLETIM

DA

Sociedade de Geographia de Lisboa

FUNDADA EM 1875

SUMMARIO

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
Rua do Diario de Noticias, 110

1909

O Marquez de Sá da Bandeira

Busto em marmore inaugurado na sala «Portugal»
na sessão solemne de 21 de Junho de 1909

27.ª Série — 1909 N.º 6 — Junho

Director, proprietario e editor—*Sociedade de Geographia de Lisboa*—Rua de Santo Antão—Lisboa
Composição e impressão na Typographia Universal
pertencente a Coelho da Cunha, Brito & C.ª — rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

O MARQUEZ DE SÁ DA BANDEIRA

A sessão solemne na Sociedade de Geographia de Lisboa

A Direcção da Sociedade de Geographia de Lisboa deliberára realisar uma sessão solemne em honra do Marquez de Sá da Bandeira, que fôra seu socio fundador, e que é pelo consenso unanime considerado o iniciador da restauração das possessões ultramarinas no periodo constitucional e o propugnador indefesso da abolição do trafico e da annulação do estado servil nas colonias portuguezas.

Desejando dotar a séde da Sociedade com a effigie do glorioso estadista, e sabendo que a Senhora Duqueza de Palmella havia cinzelado o busto do Marquez de Sá da Bandeira, a Direcção solicitou d'aquella illustre senhora, que é tambem artista illustre, permissão para fazer uma copia da sua obra. A Senhora Duqueza de Palmella deferiu ao desejo da Direcção offerecendo á Sociedade de Geographia a sua propria obra, preciosa dadiva de valor inestimavel. Adiante se publicam os documentos relativos a este importante facto da historia da Sociedade de Geographia.

A sessão solemne em 21 de junho do corrente anno realisou-se na sala *Portugal*, devidamente adornada, com o cerimonial estabelecido para esses actos.

Era numerosa a assistencia de socios e de senhoras das suas familias, e igualmente numeroso o concurso de convidados, avultando os do corpo diplomatico.

El-Rei D. Manuel II, Presidente de Honra da Sociedade, assumiu a presidencia da sessão, acompanhado por S. A. R. o Infante D. Affonso, e secretariado pelo sr. Consiglieri Pedroso, vice presidente da Sociedade, e cons. Ernesto de Vasconcellos, secretario geral.

A sessão começou cêrca das 9 horas e meia da noite pelo discurso pronunciado pelo sr. Consiglieri Pedroso, que terminou convidando El-Rei a descerrar o busto do Marquez de Sá da Bandeira.

Realisado este acto, que foi saudado pela assembleia, foi dada a

palavra ao sr. *Vicente Almeida d'Eça*, vice-presidente da Sociedade, que leu o elogio historico do estadista.

Por ultimo El-Rei pronunciou o discurso de encerramento da sessão, que foi muito applaudido.

A seguir se publicam os tres discursos.

Tanto á entrada na sala *Portugal* como á saida, El-Rei foi muito victoriado; por este motivo e pelas outras circumstancias que concorreram na sessão solemne de 21 de junho, bem póde dizer-se que ella foi uma das mais brilhantes que a Sociedade de Geographia de Lisboa tem realisado.

Discurso d'El-Rei D. Manuel II

Esta festa, á qual tenho o grande prazer de presidir, é, e não podia deixar de o ser, eminentemente grata ao meu coração.

N'ella se glorifica alguem que soube sempre arriscar a vida pela patria e pela liberdade, com a serena facilidade de quem julga, ao fazel-o, praticar a mais singela e natural das cousas. O culto de seus heroes é para as nações uma necessidade e um dever. Não se glorifica um nome, de qualquer modo illustre, sem que a nossa obra sinta a satisfação do impreterivel dever cumprido. O marquez de Sá é um dos mais bravos e devotados soldados da liberdade. Ajudou-a nobremente a plantar; e para que mais promptamente crescesse e medrasse, regou-a com o seu sangue generoso.

Isto só bastava: mas ha mais. E' tambem o estadista que tanto da sua vida, tanto da sua alma consagrou á solução do nosso problema ultramarino; é o humanitario illuminado e bom que tanto se afadigou por que a escravidão desapparecesse de toda a terra, sobre a qual ondeasse desfraldada a nossa bandeira gloriosa. Pela minha parte habituei-me desde sempre a admirar no marquez de Sá o Bayard portuguez, pois que foi em tudo e sempre «sans peur et sans reproche».

Não me é menos grata esta glorificação por a ver gentilmente realisada n'esta casa, n'esta Sociedade de Geographia, composta de tantas pessoas, todas tão sinceramente devotadas a bem servir a patria e a sciencia, n'esta Sociedade a que, por este motivo, me prendem laços de estima e affecto; e ainda por ver associado a ella o nome da neta de outro homem illustre, d'um dos estadistas que mais mereceram da nossa querida patria no periodo da iniciação do regimen constitucional.

Graças a esta illustre senhora ficará perpetuada n'esta casa a memoria e imagem do grande portuguez que continuará ainda a ser na morte estimulo, como foi na vida exemplo de patriotas e de heroes.

Alegra-me vêr indissoluvelmente unida a tal memoria a d'uma artista insigne que procurou e conseguiu que a gloria de o ser se viesse unir ás outras que lhe illustram o nome.

A' Sociedade de Geographia agradeço de coração o prazer que me proporciona de poder associar-me, pela minha presença, a esta dupla glorificação justissima.

Discurso do sr. Consiglieri Pedroso

SENHOR:

Em nome da Sociedade de Geographia, e no desempenho de indeclinavel dever do meu cargo, agradeço a Vossa Majestade o ter vindo presidir á solemne commemoração de hoje, e agradeço egualmente a Vossa Alteza o haver-se associado com a sua presença a essa commemoração.

O Marquez de Sá da Bandeira, soldado entre todos valoroso, ministro honradissimo e grande cidadão, merecia effectivamente que Vossa Majestade, chefe da nação que elle tanto amou e tão bem serviu, lhe prestasse á memoria esta homenagem; e não se diminue Vossa Majestade, antes pelo contrario se exalta, tomando publicamente o primeiro logar no acto, que representa pagamento inadiavel de uma divida nacional a quem poz sempre a sua espada, a sua intelligencia e o seu coração ao serviço da patria, que nelle perdeu, póde sem exageração affirmar-se, o ultimo dos seus heroes!

Nesta sala, Senhor! que é quasi um templo, onde nenhum portuguez póde entrar sem estremecer de commoção; n'este recinto, ia a dizer sagrado, onde tudo nos fala das nossas passadas glorias e dos dias saudosos do nosso poderio e esplendor; sob o augusto docél dos nomes immortaes, que do alto d'essa cimalha ainda agora estão contando ao mundo a epopeia sem par dos nossos feitos, era bem que se celebrasse, como em local mais que nenhum outro apropriado, a ceremonia piedosa de consagrar em manifestação reconhecida o agradecimento de um povo inteiro á memoria do estadista, que, em época de plena decadencia, tão cheia de incertezas e tão cortada de anciedades, teve a visão clara de como intimamente está ligado o futuro de Portugal á sorte do dominio ultramarino, que os audazes marinheiros dos seculos XV e XVI nos legaram como herança, que seria crime de lesa-patria desbaratar!

Honrar o nome, Senhor! e invocar o exemplo dos que, empunhando a bandeira portugueza, apoz si deixaram um rasto de luz, que illumina a posteridade com os seus clarões e nos abre a alma aos mais justificados orgulhos, é cumprir patriotico dever, realçado ainda pelo sentimento da gratidão, que se impõe igualmente imperativo ás nações e aos reis.

Só não teem razão de existir os povos condemnados a desapparecerem, por haverem voluntariamente abdicado da sua missão. E sómente são merecedores de similhante eliminação ignominiosa, com que a justiça implacavel da historia castiga essas tristes renuncias, que são vergonhosas deserções do posto de honra confiado pelo destino, os que esquecem, em indifferença equivalente a inglorio suicidio, as paginas do seu passado; paginas que são o archivo precioso, onde devem conservar-se, cercadas da carinhosa veneração dos seculos, as mais gloriosas recordações patrias, especialmente quando es-

ıas lembranças queridas, que são tambem nobiliarchico brazão de ;randeza, ultrapassando os limites estreitos da nação a que perten- ·em, foram inscrever-se em lettras de ouro na consciencia universal!

Em nome da Sociedade de Geographia convido, pois, Vossa Ma- ·estade a descerrar o busto que, profundamente reconhecido, eu agra- eço á gentil e fidalga generosidade de quem — infelizmente ausente 'este momento por doença — tem a sua individualidade inconfundi- el ligada a tanta magnanima iniciativa e a tanta obra santa.

A Sociedade de Geographia acceita, como presente de inestima- el valor, a formosa composição que a admiravel intuição artistica ı inspirada e primorosa cinzeladora lhe quiz offertar, para que n'esta la, cujo nome de bom presagio é o da nossa terra tão amada, fi- sse esculpida em marmore duradouro a homenagem ao Marquez Sá que ainda assim não viverá alli tanto como a que está gravada ı nossos corações de Portuguezes.

ORAÇÃO LIDA PELO SR. VICENTE ALMEIDA D'EÇA

Senhor;
Alteza Real;
Senhoras e senhores.

Dissertando ha mais de dezesete seculos sobre o modo *Como se deve escrever a Historia*, Luciano, o samosateno, affirmava que entre esta e o elogio se interpõe grossa muralha, pois se o auctor do panegyrico só tem a preoccupação de louvar, louvar sempre, não duvidando usar da mentira, se com ella conseguir o seu fim, o historiador não pode empregar a menor falsidade, tanto mais que a critica examina cada asserto seu com a pedra de toque do amor da verdade, como o cambista experimenta uma a uma cada moeda que lhe apresentam, rejeitando as que não tenham o cunho perfeito e a liga de lei. E desenvolvendo o seu pensamento, insiste em que o unico dever do historiador é dizer a verdade sem fraqueza, sem temores, constituindo-se juiz imparcial, benevolo para todos, mas estranho a qualquer incitamento que não seja o do culto da verdade, pois só d'esta maneira se alcançará a *utilidade* da historia, — o exemplo, para o futuro, do que succedeu no passado [1].

Boa era a lição do ironista de Samosata, do demolidor das velhas tradições hellenicas, escrevendo na decadencia d'uma civilisação que assombrára o mundo. Entretanto eu não sei nome de historiador antigo, de que se possa affirmar que nenhuma paixão o animou ao narrar e ao apreciar. Thucydides é sempre, por mais que procure occultal-o, um atheniense; os *Parallelos*, á força de symetricos e laudatorios, quasi tornam suspeitos os heroes de Plutarcho; Livio nunca se esquece do Cesar que ha-de lel-o; Tacito exagera as qualidades dos Germanos para fazer avultar os defeitos de Roma; ora o elogio excessivo, ora a satyra por egual excessiva, e sempre a paixão, justa ou injusta, se porventura estas qualidades se podem attribuir ao que de si é agitado e anormal.

Decorrem tantos seculos e hoje, n'esta ancia de apurar a verdade, a deusa que as mais das vezes não se adorna com diaphano manto, pois se occulta sob nuvem espessa, hoje dizem-nos que o historiador ha-de ser chimico, biologo, bacteriologista, ha-de manusear o escalpello e o microscopio, ha-de provocar as reacções, ha-de fazer culturas, para descobrir precedentes atavicos, investigar taras individuaes, apurar influencias de meio, e com toda esta carriagem de instrumentos auxiliares travar a grande batalha de vencer o erro e determinar a verdade dos factos e dos homens.

Ora, para só falarmos dos nossos, eu vejo João de Barros inebriado pelos perfumes da India, e, mais perto de nós, Herculano, o pontifice maximo, subjugado pelas manifestações de vigor da recon-

do municipalismo, Oliveira Martins impressionado, e por isso
ınista (poeta da Historia, lhe chamou ha pouco um sabedor[2])
o do Condestavel e dos inclytos Infantes, Pinheiro Chagas
pela palavra sonora dos homens da Revolução.
ȝ é, pois, a verdade na Historia?
ıse do monumento erigido a Sá da Bandeira uma formosa fi-
mulher escreve em tabula de bronze os feitos do heroe. E'
a; fixa o braço mutilado, o leão que se levanta, o estandarte
do gloriosamente, as algemas quebradas da escrava; e tudo
ensina aos vindouros, para memoria e estimulo; na sereni-
sua belleza, não investiga maculas, nem perpetúa imperfei-

ȝerá esta a Historia do chimico e do biologo; não serão as
ȝs reconstituidoras de Niebhur, ou as affirmações perempto-
Iommsen, ou as ironias socraticas de Carlyle. De certo. Mas
ɔria dominada pela paixão do bello e do grande, e só esta
os dá alento para os combates da vida; e só a Historia as-
convem a nós, Portuguezes, porque é assim que ella condiz
ıssa propria natureza.
de sonhadores, temos atravessado a vida no sonho e na chi-
o nosso fado. Expulsámos, os primeiros, o Mouro da Penin-
ınhámos que haviamos de subjugal-o em sua propria casa;
ınseguimos nós, mas ninguem o tem conseguido ainda. Em
lendario Preste João devassámos os mares e desenhámos o
undo. Para completar o desenho tentámos todas as soluções
ȝma das quatro passagens[4]. Com um punhado de homens pre-
ı abarcar o Oriente. Um dia lembrámo-nos de desviar as
› Nilo; n'outro dia propuzemos cortar o isthmo de Panamá.
isso tinhamos repartido o mundo em Tordesilhas; e depois
s o Venturoso,

> «chamando-*lhe* senhor, com larga copia,
> da India, Persia, Arabia e da Ethiopia»[5].

nos plainos da Mauritania o mais sonhador dos nossos reis;
ȝm lethargo durante sessenta annos; mas logo resurgimos e
himera nos subjuga. Com outro punhado de homens fizemos
Tinhamos construido o *Botafogo* que cortou a cadea da Go-
ıagando-a com os pelouros jorrados pelas suas trezentas e
peças[6], e o *S. Martinho* com oitocentos homens de compa-
ːemos então a *Monte d'Oiro* destinada a trazer de Saboia o
ı mallograda princeza D. Izabel[8], e depois Mafra, que é um
.e pedra, e a custodia da Patriarchal que é um thesouro de
[9]. Tentámos, os primeiros, a navegação aerea, como fomos os
ȝ, se não estou em erro, que pensámos em aproveitar a força
lo vapor d'agua[10].
ora? Agora continuamos na chimera. E' a Africa que nos at-
n'ella que vamos fundir o nosso esforço, é por ella que que-
ontinuar a viver, poucos, assediados, reduzidos nos meios,

mas tenazes, sonhadores; este foi, nos nossos tempos, o sonho de Sá da Bandeira. E na metropole traçámos ha pouco o perimetro da nossa capital, mais desenvolvido que o de Paris, e dentro d'elle estamos lançando avenidas mais extensas que as das outras capitaes da Europa. Sempre apaixonados pelo bello e pelo grande, Portuguezes!

Se, porem, considero as qualidades affectivas, altruistas, do povo portuguez, eu não sei que outro n'ellas o sobreexceda ou ainda o eguale, tanto é o exagero, por vezes, da nossa chimera na bizarria do tratamento a estranhos e no carinho para com os desgraçados. Foi de Portuguezes a embaixada que espantou a côrte de Leão X, e de Portuguezes foi a que mais impressionou a côrte ingleza, ao saudar a coroação da Rainha Victoria, a ponto de só ficar na tradição popular o nome do Duke of Pellmell [11]. E aqui mesmo, n'esta sala que é de *Portugal*, os chefes dos tres mais poderosos Estados da Europa foram recebidos por modo tão rico de louco enthusiasmo, que não haveria por esse mundo deslumbramentos de luxo ou fantasias de pragmatica que pudessem vencer os effeitos produzidos aqui.

Mas bate a desgraça á porta dos estranhos? Nós concebemos a chimera de estancar as inundações da Andaluzia, fartar a fome do Ceará, accudir a Messina derruida, entregando todos, sem contar, o que para a nossa mediania é muito, e não nos preoccupando se depois alguem virá de fóra trazer soccorro aos infortunios das terras malditas do Douro ou ás necessidades das terras oscillantes do Ribatejo.

Assim temos sido e assim seremos: sonhadores, aventureiros, prodigos, semeando pelo mundo ideias, arrojos, fortunas, de que outros, mais frios e mais positivos, véem depois a colher os fructos abundantes. E porque assim somos, assim vemos nós a historia dos nossos grandes nomes, que só essa nos enleva e seduz; e assim deveria eu, n'esta hora de saudação, debuxar o perfil d'um grande nome nosso. Sobeja-me a boa vontade; fraqueja, porem, a natural disposição, para mais desajudada de rasoavel tempo de preparo [12]; de modo que apenas poderei, e com esforço, lançar alguns traços indecisos na tela que requeria desenho firme e colorido opulento.

Vós, senhores, me desculpareis.

*

* *

SENHOR:

Vossa Majestade, que ainda ha pouco se applicava tão afincadamente ao estudo dos grandes nomes da nossa historia, sabe que logar primacial occupa entre elles o de Sá da Bandeira.

Com a apresentação da minha respeitosa homenagem, rogo a Vossa Majestade o alto favor da sua benevolencia, se eu não puder evocar, como desejaria, perante o Chefe da Nação a nobre figura d'aquelle que tão bem a serviu.

*
* *

Na figura historica d'esse notavel portuguez que foi Sá da Ban-
ıra, tres principaes feições se accentuam: a do *soldado*, a do *poli-*
ɔ e a do *colonial*. Brevissimas palavras direi a respeito das duas
meiras.

Bernardo de Sá Nogueira de Figueiredo assentou praça de ca-
:e de cavallaria em abril de 1810, contando pouco mais de quar-
ze annos de edade; mezes depois era promovido a alferes e logo
:rava em campanha. E que gloriosa campanha era essa, em que o
enil militar ia fazer as suas primeiras armas!

Estamos celebrando, desde o anno passado, o centenario da Guerra
Peninsula; n'esse periodo, que decorre desde 1808 até 1814, quasi
se conta um dia em que algum feito notavel praticado então não haja
ser commemorado agora; e todos elles se conglobam no arranque,
dadeiramente sobrehumano, com que o corpo inteiro da nação, na
pera desorganisado e exangue, se levantou depois, soberbo e forte,
a repellir o invasor. E' mais um exemplo da grandeza do nosso
mo, que nenhuma impossibilidade amedronta: sentímos a aguia de
poleão que nos cravava as garras, levantámo nos no mais exaltado
sonhos e conseguimos o inconcebivel, expulsal-a para muito alem
s fronteiras.

Não posso resumir sequer o que foi esse movimento extraordina-
que atirou com os paizanos bisonhos, feitos soldados heroicos pela
ça da propria vontade, desde as linhas de Torres até aos plainos
sul da França; não devo, n'esta hora de saudação, recordar como
enganou o maior capitão dos tempos modernos suppondo que po-
conquistar *pela força* este povo, pequeno em numero, mas grande
tradições e na energia, que póde ser dominado pela bondade
pela justiça, mas que não tolera a violencia nem o despo-
no; apenas peço para recordar, como synthese do que foi a Guerra
Peninsula, o que vós, senhores, observastes e sentistes ao apre-
r os modelos propostos para um dos monumentos que ha-de com-
morar essas glorias.

Eil-o, o castello da patria portugueza, em que a tradição da con-
sta do Oriente se recorda no estylo, e a memoria do Mestre d'Aviz
os Infantes se aviva nos mausoleus, verdadeiros altares sobre os
es o povo jura libertar a patria dos ultrages que a assoberbam;
go o povo, feito soldado, se lança na refrega, tendo por unico
go o mar, o mar que Portugal havia dominado e que se lhe con-
vava fiel[13]. Impellido por uma só ideia, libertar a terra sagrada da
ria, avança em cunha, como outro dos modelos inspiradamente
trava, o povo inteiro, feito soldado, toda a nação, homens validos,
ios, mulheres, creanças.

Pois bem; quasi creança era Sá da Bandeira. Seguiu com os ou-
; illustrou-se em successivos combates e veiu a cahir malferido
ximo de Tarbes. Glorioso baptismo de sangue!

Vem depois o periodo calamitoso que durou quasi trinta annos,

em que o solo da patria, ainda mal guarecido das profundas feridas causadas pelas tres invasões, novamente foi ensanguentado, agora porem com sangue de irmãos. Como nos grandes cataclysmos, em que a terra soffre primeiro um violentissimo abalo que subverte as cidades, arrasa as montanhas, rasga as campinas, e em seguida, ainda por longos mezes, os abalos não cessam, se bem que diminuindo successivamente de frequencia e de intensidade, até que chega o repouso, assim a sociedade portugueza teve que soffrer, pela fatalidade das coisas e muito pela cegueira dos homens, que se recusavam a ver o que era evidente, esse dilacerar das proprias carnes, esse amputar violento do que já não tinha elementos de vida, e que era necessario modificar ou substituir para que uma vida nova reanimasse a nação.

Bernardo de Sá, escusado é dizel-o, foi pela vida nova, e por ella se bateu denodadamente. Então a sua biographia enche-se de paginas brilhantes, em que não se sabe o que mais admirar, ou o esforço do soldado ou o estoicismo do homem nos momentos de maior perigo: a retirada para Hespanha, o desembarque no Mindello, a defesa do Porto, a perda do braço direito no Alto da Bandeira, que lhe deu jus ao glorioso apellido accrescentado, as emprezas da Patuleia. De entre tantos rasgos de heroicidade ou de serena deliberação um sómente recordarei. No mais intenso dos ataques contra o Porto, poucos dias antes da acção do Alto da Bandeira, pareceu imminente o sossobro da causa. Bernardo de Sá, governador da praça, consultado pelo Imperador, não teve uma só palavra de desalento; se fosse indispensavel a retirada, elle ficaria com tresentos homens para a cobrir, o que o mesmo seria que votar-se de animo sereno á morte certa! Assim fizera o *chevalier sans peur et sans reproche;* por isso Sá da Bandeira foi justamente cognominado o Bayart portuguez.

*

* *

Se poucas palavras pude dedicar ao soldado, poucas mas sinceramente sentidas, grande difficuldade se me offerece quando pretendo caracterisar o homem publico.

Em verdade é tão estranho o espectaculo da nossa historia politica a seguir á implantação definitiva do systema liberal, observam-se por vezes taes contradições nos homens que, todos, commungavam nas mesmas ideias, mas alguns d'elles apresentaram tanta variação de opiniões durante a sua carreira publica, que eu só admiro como foi possivel manter a integridade nacional, posta em tamanho perigo por esses violentos embates das opiniões e dos chefes que as acaudilhavam. Contar o numero de gabinetes que se succederam n'esses annos de intensas luctas politicas, observar como por vezes n'um só anno uma mesma pasta era sobraçada seguidamente por tres e quatro ministros, e verificar que, a despeito d'esta causa gravissima de enfraquecimento, a nação pôde não só manter-se, mas prosperar, dá-nos direito a crer na sua vitalidade, posta a dura prova em tão frequentes conflictos.

.ictos de ideias? de homens? Ouço dizer que hoje não ha
ıde de ideaes, mas simplesmente variedade de sympathias
es. E eu pergunto se não seria sempre assim, se não foi pelo
ssim n'esse periodo agitado a que me estou referindo. Que
a radical podemos hoje descortinar entre os ideaes de Mou-
ɜ Palmella, dos Passos, dos Cabraes, de Saldanha, de Sá da
ı? Pois não seriam todos liberaes? Não seriam todos patriotas na
e honesta accepção d'esta palavra? Não tinham todos arris-
ɾida pela ideia nova? Não haviam todos, ou quasi todos, re-
ıas lições da emigração o ensinamento do que era necessario
ra crear uma patria moderna? O que significaria, pois, essa
.cia de opiniões, que ao tempo se apresentava tão antagonica,
ıje se dilue para o observador imparcial n'um commum anceio
lhoria da nação? Porventura estarei em erro; mas afigura-
ue, á parte alguma variação nos processos, o que mais pre-
a era a seducção dos caudilhos; ou não fossemos nós um
sonhadores, facilmente impressionaveis pela palavra enthu-
pelo gesto dominador.

e como fosse, cumpre dizer que Sá da Bandeira se manifes-
pre denodado campeão das ideias liberaes, e por isso, n'essa
le de facções e partidos, militou nos que apregoavam proces-
ı avançados, e assim foi naturalmente *setembrista* e mais tarde
ta. Ministro da Marinha logo no periodo da Regencia do Por-
depois numerosas vezes ministro d'essa e d'outras pastas, e
presidente do conselho. Par do Reino desde a nova organi-
essa Camara em 1834, a ella concorria assiduamente, e n'ella
, em linguagem sobria e despretenciosa, as reformas que
lmente procurava fazer vingar — a libertação dos escravos, a
ção da vida colonial, a melhoria das instituições militares —;
ım sobria, por vezes aspera no ataque, que reproduzia a sin-
lo seu viver e a firmeza das suas convicções. Aos velhos te-
ido que Sá da Bandeira abrigava, sob a apparencia de seccura,
ores qualidades de homem de coração, de sentimento e tal-
ngenuidade; são assim os soldados.

para que empregar maior esforço em definir o valor do homem
do, se tenho uma testemunha que d'elle me dispensa por com-
'. Pedro V...

ndo este nome se pronuncia, quando no silencio do gabinete
ecordado, eu não sei que mystica impressão de sortilegio
ɜra de quantos téem procurado, baldadamente, entender o que
espirito, tão fóra do commum, tão superior, de cujos pen-
s de stoico, de cujos actos de santo seriamos tentados a duvi-
d'elles não houvesse a prova incontestavel...

'edro V, despedindo-se de Sá da Bandeira em uma das vezes
fôra ministro, escreveu-lhe estas memoraveis palavras, que
ıaltecem o rei como ennobrecem o homem de Estado: «Nos
ıos que servimos juntos, divergimos algumas vezes de opi-
Nunca abrimos, pelo menos todas as minhas lembranças me
crel-o, nenhuma d'essas feridas d'alma, que se dissimulam e

não se esquecem. Por isso nos despedimos com egual sentimento, e quer-me parecer que com pesar egual. E' que o visconde conserva no poder todas as excellencias, e deixe-me dizer toda a originalidade do seu caracter, toda a pureza do seu coração, toda a desprevenção da sua intelligencia» [14].

*

* *

E agora o *colonial*.

Esta expressão é moderna, de uso recente entre nós; mas a idéa que ella representa, é antiga, pois data desde que pela primeira vez se procurou lançar para novas terras a actividade da nação. Colonial foi, o primeiro em Portugal, o Infante D. Henrique; de coloniaes era composta a famosa junta de mathematicos de D. João II, pois que elles não faziam sciencia pura, mas principalmente promoviam os progressos geographicos em funcção dos resultados desejados — o augmento do poder maritimo e ultramarino; colonial até ao mais intimo dos pensamentos foi D. Manuel.

E este nome recorda como é que duas classes ou categorias de *coloniaes* se podem destrinçar quasi desde o principio, dualidade que vem até aos nossos dias e que ha-de sempre existir, porque resulta da propria natureza: os coloniaes da *metropole* e os coloniaes do *ultramar;* os que vêem as coisas de *cá,* os que as observam *lá;* os que consideram o conjunto dos interesses geraes do imperio ultramarino, os que sómente attendem a um determinado interesse local ou regional. As famosas *Cartas* de Affonso d'Albuquerque, o maior dos nossos coloniaes *de lá,* são o mais claro testemunho de como essa dualidade, por vezes antagonica, se manifestou desde que as questões se avolumaram em importancia; dos exemplos modernos, da actualidade, por estarem no conhecimento de todos, não creio necessario fazer citação.

A grande difficuldade, para o chefe metropolitano d'uma administração ultramarina, consiste em saber e poder equiponderar os esforços, tantas vezes divergentes, accedendo, sempre que seja justo, ás indicações dos que mais de perto observam os phenomenos sociaes em regiões, muitas d'ellas situadas a tão desvairadas distancias, e mais directamente conhecem os interesses economicos, de seu natural exigentes e clamorosos, mas resistindo a essas exigencias e clamores, quando da sua satisfação possa resultar um mal maior do que aquelle a que se pretende dar immediato remedio. Tanto ou mais ainda que do conhecimento das coisas, carece esse tal chefe do conhecimento dos homens, que uns adquirem a custo pelo trato prolongado, e outros alcançam rapidamente, em poucas palavras trocadas, na leitura d'um documento escrito; esta ultima qualidade é attributo dos verdadeiros estadistas, e com ella podem superar as difficuldades maiores das suas difficeis funcções.

Pois Sá da Bandeira teve essa qualidade, e por isso foi um bom ministro do Ultramar, abrindo essa serie notavel de nomes que se distinguiram na nossa administração colonial depois de 1834, e que conta, para só falar dos mortos, alem de Sá da Bandeira, a quem cha-

ei o libertador, Mendes Leal, o regenerador dos elementos mari-
›s, Rebello da Silva, o reformador da administração, Andrade
vo. o que applicou os modernos instrumentos de trabalho.
Primeiro na serie, e n'uma epoca em que mal começavam a deli-
·-se as modernas theorias de sciencia colonial [15], Sá da Bandeira
ıaturalmente o primeiro a defrontar-se com as difficuldades enor-
que se lhe apresentavam, e das quaes só mencionarei — a neces-
de de applicar em *toda* a sua extensão (a tantos obrigava o dou-
arismo dos tempos) *todos* os principios da Carta Constitucional a
s os cidadãos da nação nova, qualquer que fosse a sua raça ou o
grau de civilisação — a paixão politica que agitava ainda algumas
possessões — e a geral decadencia a que todas ellas haviam che-
o.

O quadro d'essa decadencia, apresentado por Sá da Bandeira ás
tes no seu primeiro relatorio ministerial de 1836, é por tal forma
gestivo, que me desculpareis, senhores, o extrahir d'elle alguns
traços de maior impressão [16].

«O estado critico e de anarchia em que se acham quasi todas as
ʳincias subordinadas a este Ministerio...

«As ilhas de Cabo Verde soffrem ainda os resultados da horrivel
e que durante tres annos de sêcca fez perecer trinta mil dos seus
tantes...

«Os nossos estabelecimentos da Guiné estão reduzidos aos pequenos
es que occupamos, achando-se os territorios que nos pertencem,
inados pelos negros Papeis e por outras nações.

«O forte de Ajudá... usurpado pelos negros.

«Sobre Cabinda e Molembo apenas nos restam pretenções.

«Na Africa Oriental desintelligencias e conflictos entre o Gover-
ır nomeado e uma junta que ali se havia instaurado... Lourenço
ques invadido pelos cafres Vatuas, os quaes incendiaram o estabele-
nto, destruiram a Fortaleza e assassinaram o Governador... Em
de Sena... restando-nos apenas as villas de Tete e Queli-
e.

«Na India Portugueza terriveis acontecimentos depois da chegada
Prefeito e do Governador Militar...»

Basta. A isto se achava reduzido o nosso dominio ultramarino, e
lhe dar vida era chamado Sá da Bandeira.

*

* *

Expostos os males em toda a sua nudez, restava apresentar-lhes
emedios. Sá da Bandeira tinha um *plano* preconcebido. Irrefuta-
em todos os seus pontos? Nem elle mesmo o affirmaria. Mas com
is fundamentaes exactas, tão exactas que o não se terem ainda
sado algumas d'ellas é causa de imperfeição grande no nosso sys-
ı de administração ultramarina.

Do proprio relatorio a que me estou referindo, constam as provi-
ias mais urgentes já postas em pratica pelo ministro, bem como

as que só o poder legislativo podia decretar. Permitta-se-me que cit algumas palavras.

«Nas provincias do Ultramar um unico juiz estende a sua juris dicção sobre territorios a distancia de 100 e 200 leguas da sua resi dencia, sobre povos ignorantes, pobres, habituados a uma longa op pressão...

«Creio que a força militar e naval que temos na Asia excede em muito as necessidades do paiz, absorvendo inutilmente grande parte das rendas publicas...

«Para avaliarmos o que são os Dominios Portuguezes Ultramarinos não devemos considerar sómente o que actualmente são, mas sim aquillo de que são susceptiveis. O estado em que acham, é devido não só ao mau governo que tem tido a metropole, mas a este ter prestado a sua attenção quasi exclusivamente ao Brazil. Os naturaes de Africa foram tomados e transportados alem do Atlantico para tornarem rico um immenso paiz cujos habitantes se recusavam á civilisação...

«Nas Provincias do Ultramar existem ricas minas d'ouro, cobre, ferro e pedras preciosas.

«Em Africa podemos cultivar tudo quanto se cultiva na America...

«Para a cultura só se necessita da industria e dos capitaes europeus. Promova se o estabelecimento dos Europeus, o desenvolvimento da sua industria, o emprego dos seus capitaes, novas colonisações, e n'uma curta serie de annos tiraremos grandes resultados que outrora obtivemos das nossas colonias. Mas para isto é necessario reformar inteiramente a legislação colonial...

«Entre as primeiras (reformas de importancia vital) tem logar uma organisação completa do Ministerio do Ultramar, de sorte que possa haver e conservar se um systema de governo e de vigilanci permanente, independente da mudança dos ministros da Corôa, um organisação de cada governo ultramarino tal que o Governador Gera sem cessar de ter força e energia, seja restringido na auctoridad quando tenda a usar d'ella mal[17]...

«Propagando a instrucção, a civilisação e a moral, cessando pa isso de ali enviar malfeitores, que vão augmentar a depravação, e quem feitos soldados se teem dado armas que auxiliam seus crim

«Devemos promover a fundação de novas colonias e a introducç da industria europeia, franqueando ao commercio legal com todas nações estrangeiras os portos principaes dos nossos dominios...

«Libertando de todo o onus a navegação portugueza entre a m tropole e as colonias, e d'estas entre si, e recebendo em Portugal vres de direitos as suas producções, do mesmo modo que ali deve ser recebidas as producções de Portugal...

«Mas todas estas essenciaes providencias serão inefficazes, se ell não forem acompanhadas por uma lei capital, base da civilisação e prosperidade dos povos africanos: esta lei é a da abolição do commerc da escravatura... A politica, a moral e o interesse nacional nos deve determinar a abolir este trafico; embora se excitem os clamores d especuladores e das auctoridades corrompidas; é n'este caso que espada da justiça deve ser empunhada com mão de ferro[18].»

Não vos dizia eu, senhores, que era um *plano* cheio de proposições definidas, das quaes algumas ainda hoje parecem hereticas?

Pois bem. Sá da Bandeira apresentava ás Côrtes e seu relatorio em 19 de fevereiro de 1836. Dois mezes mais tarde deixava de ser Ministro da Marinha e Ultramar.

*

* *

Foi o depois novamente por diversas vezes, sempre em ministerios curtos, excepto o de 1856-59, no qual, pela duração relativamente maior, de quasi tres annos, e tendo decorrido já largo tempo sobre a estreia, elle teve occasião de pôr em pratica muitos dos seus pensamentos.

Museus, bibliothecas, jardins botanicos, observatorios, colonias com europeus, viagens de penetrações, explorações mineiras, desenvolvimento da agricultura, introducção de especies novas, companhias de commercio e de navegação, organisações civis, militares, judiciaes — quantos projectos, quantos incitamentos, quantos rogos, quantos desgostos, quantas desillusões! Desillusões? Não. Sá da Bandeira era inquebrantavel na sua fé. Sonhador? talvez; utopista? chamavam-lhe; não conhecia todas as circumstancias do meio, que fizeram mallograr algumas das suas tentativas? pois se ainda hoje as estamos tacteando! Mas era um crente; e só a fé abala as montanhas; e por isso elle, colhendo por vezes resultados de tão poucovulto, realisou o grande, o maior serviço—semeou ideias que haviam de fructificar mais tarde, apoz lenta germinação. Trinta e sete annos depois do seu primeiro ministerio, Sá da Bandeira publicava *O trabalho rural africano e a administração colonial*. E', julgo eu, o seu ultimo escrito de alguma extensão; n'elle se vê compendiada a obra do colonial, em linguagem sobria, livre de todo o enfeite; n'elle sobretudo se revela a qualidade primacial de Sá da Bandeira, a crença inabalavel no valor das possessões ultramarinas.

Eu não saberia, nem que o soubesse, deveria n'esta occasião citar e analysar essa longa serie de medidas em que se desentranhou a fé que Sá da Bandeira tinha no futuro do Ultramar Portuguez, n'esse *Portugal Maior* que nos deslumbra a nós todos, e em que todos, creio-o bem, *hoje* acreditamos, sonho que para nós se tornou n'uma necessidade, visão que, se um dia se desvanece, ai da nacionalidade portugueza! Nem a historia do *colonial* que foi Sá da Bandeira está ainda feita em todo o desenvolvimento que ella deve ter [19]; mas do pouco que pude dizer e do muito que sabeis, senhores, vós podereis concluir se não é verdade que a memoria de Sá Bandeira merece o nosso respeito.

E esse respeito sobe de ponto quanto consideramos a obra principal de Sá da Bandeira, — a emancipação dos escravos. Por ella se empenhou desde o começo, pois a considerava base fundamental da regeneração das colonias; por ella soffreu os maiores desgostos; por ella teve de applicar as suas maiores energias; só ajudado, pode di-

zer-se, pela pobre marinha de guerra dos brigues, das escunas, das lanchas de bocca aberta, que fizeram prodigios na repressão do trafico; por essa obra a sua alma de patriota foi muitas vezes cruelmente alanceada. Mas, intemerato e persistente, com o poder de ministro, com a penna de propagandista, com a palavra de parlamentar, luctou, luctou sempre, até conseguir a completa realisação de seu pensamento. E quando a conseguiu, julgou terminada a sua obra e pôde morrer descançado.

Essa obra perdura. Temos de o conclamar todos bem alto; essa obra perdura. Quanto se pode exigir da lei fatal da civilisação, que faz livres os homens, mas que os obriga ao trabalho, pois só o trabalho lhes dá jus a viver, a todos, europeus ou não, tudo temos feito tão bem como quaesquer outros, melhor que muitos; ninguem honestamente pode affirmar o contrario. Por isso repito ainda: a obra de Sá da Bandeira perdura.

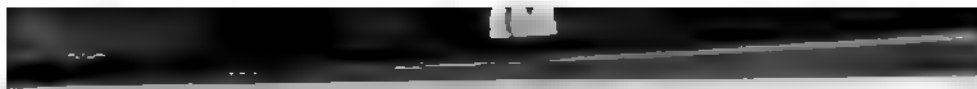
*

* *

Bem quizera eu avivar outros traços da physionomia intellectual de Sá da Bandeira. Mas conheço que por demais tenho usado da vossa attenção.

Entretanto permitti a quem, por indole e por natureza da sua habitual applicação, mais convive com os livros do que com os homens, permitti que vos recorde como Sá da Bandeira foi um amante dos livros, um estudioso e um erudito, principalmente na geographia[20] e na historia, seus estudos de eleição, bem como o das sciencias militares, em que era peritissimo. E não se limitava a ler, ler sempre, armazenando conhecimentos até aos ultimos dias da sua vida; por todos os meios procurava diffundir esses conhecimentos, attribuindo com razão á ignorancia, mais do que á maldade, muitos dos erros commettidos na administração e na vida economica[21].

Por isso logo em 1836 Sá da Bandeira ordenou a publicação mensal d'um *Memorial Ultramarino e Maritimo*[22], cujo plano traçou com mão de mestre, mas de que apenas sahiu um numero! Tres annos depois, em 1839, organisava-se a *Associação Maritima e Colonial*, de que Sá da Bandeira foi um dos socios fundadores, e em cujos *Annaes* collaborou largamente[23]. Essa Associação, que teve alguns annos de prosperidade, e que publicou muitos estudos ainda hoje interessantes, pode dizer-se que foi a predecessora das duas aggremiações que depois vieram a herdar-lhe os intuitos: o *Club Militar Naval* e a *Sociedade de Geographia de Lisboa*.

Em 1851 Fontes, o primeiro ministro da Marinha da Regeneração, creou o Conselho Ultramarino, forte instituição que eu não posso atinar porque foi mais tarde supprimida no nome, inutilisada e quasi destruida na essencia[24]. Naturalmente estava Sá da Bandeira indicado para presidente do novo orgão de administração; e assim, ou no Ministerio ou no Conselho Ultramarino, elle podia vigiar sempre pelo proseguimento da sua obra, consultar novas medidas, e continuar as diligencias pela diffusão dos conhecimentos necessarios á prosperidade

A Senhora Duqueza de Palmella

Auctora e doadora do busto do Marquez de Sá da Bandeira

das colonias; de tudo são prova cabal os volumes dos *Annaes do Conselho*[25].

N'esses trabalhos não se esquecia de aproveitar todas as opportunidades para fazer reviver a memoria dos grandes nomes portuguezes; apenas mencionarei o monumento mandado por elle erigir em Sagres em honra do glorioso Infante D. Henrique, o primeiro colonial portuguez[26].

Em 1875 o nosso nunca esquecido Luciano Cordeiro, esse sonhador, entre os sonhadores, do Portugal Maior, reune um punhado de homens de boa vontade e funda a Sociedade de Geographia. Sá da Bandeira estava no declinar da sua tão gloriosa vida; mas apressou-se a acceitar jubiloso a collaboração na obra que se iniciava. Só em abril de 1876 se realisou a primeira sessão da nova Sociedade; a esse tempo já Sá da Bandeira era morto. Mas justamente a nossa Sociedade o inclue no numero dos seus fundadores; e por isso, logo na primeira opportunidade, outro socio fundador, que ainda nos acompanha dedicadamente, commemorou a obra colonial de Sá da Bandeira[27].

A solemnidade de hoje é o natural complemento da de então, desvalioso pelo que a mim respeita, mas realçado pela inauguração a que viemos assistir. O temperamento artistico do Duque de Palmella, companheiro e amigo de Sá da Bandeira, transmittiu-se acrisolado á illustre artista que é a Senhora Duqueza, auctora do busto. Merecidamente ella compartilha das homenagens d'esta hora, credora como é do mais profundo agradecimento da nossa Sociedade[28].

*

* *

E' tempo de concluir.

Quando, por uma clara manhã de primavera, deixamos o Tejo e nos engolfamos no alto mar, um interessante espectaculo se nos offerece, espectaculo que a sciencia facilmente explica, mas que, da primeira vez, produz estranheza. As coisas a que a nossa vista estava habituada, muitas das quaes se nos afiguravam grandes, vão desapparecendo a pouco e pouco; palacios, zimborios, fortalezas, massiços de arvoredo, o focinho da Rocca, o perfil do Espichel, tudo se vae abaixando no horizonte, tudo se dilue a breve trecho em massa informe, de contornos cada vez mais indistinctos, até que essa mesma desapparece, alagada pelas aguas e occulta pela tremulina. Mas ao mesmo tempo que esses objectos de quotidiano contacto deixam de existir para os nossos olhos, elles observam com admiração, e até com espanto, que outros, de cuja existencia apenas se sabia na cidade, são verdadeiramente grandes, e esses quanto mais nos afastamos, mais vão subindo, subindo, como que a quererem topetar com as nuvens. E' a Serra de Cintra; é a Arrabida; gigantes da natureza, perante os quaes todos os outros accidentes são coisa humilde.

Pois bem; o mesmo nos succede na contemplação dos homens do nosso quotidiano convivio. Afiguram-se-nos grandes, eminentes, muitos d'elles. Mas um dia engolfamo-nos no mar da Historia, e então,

quasi todas essas grandezas se diluem e desapparecem, alagadas nas aguas da mediania, occultas pela tremulina da indifferença. Só os nomes verdadeiramente grandes permanecem, alguns até que parecia terem cahido no olvido, mas que, observados agora á distancia apropriada, mostram a natural estatura, e tanto mais sobem no geral conceito, quanto mais se afastam das paixões da epoca em que viveram.

Sá da Bandeira, delineando o epitaphio da sua sepultura, determinou que n'ella se inscrevessem estas palavras: «Servindo o seu paiz, serviu as suas convicções; morreu satisfeito; a Patria nada lhe deve». N'estas palavras está a psychologia de quem as dictou: era um *homem de trabalho* e um *homem de bem,* duas expressões genuinamente portuguezas, e que, applicadas com justiça ao sonhador da restauração ultramarina, fazem d'elle um homem grande de Portugal.

«Serviu a Patria e morreu satisfeito.» Com a serenidade que só dá a consciencia do dever cumprido, bem podia elle, na hora derradeira, dizer como Anthero:

«Na mão de Deus, na sua mão direita,
«Descançou a final meu coração!»

NOTAS

1. *Œuvres complètes de Lucien de Samosate*, trad. fr. de E. Talbot. Paris, 1857, tomo I, pag. 357 e segs.

2. «Oliveira Martins é o poeta da Historia. E' um evocador.» Sr. Conde de Sabugosa, *Historiadores portuguezes*, conferencia na Liga Naval, Lisboa, 1909, pag. 29.

3. *O Monumento de Sá da Bandeira*, noticia historica por Henrique de Barros Gomes, Lisboa, 1884, pag. 83. Este livro deve ser consultado com proveito para o estudo de Sá da Bandeira.

4. A quarta passagem, do *Nordeste*, foi realisada ao invez das outras, isto é. do Pacifico, pelo norte da Europa, até ao Atlantico, pelo portuguez David Melgueiro em 1660. Este facto é pouco sabido. Veja-se a respeito d'elle o *Relatorio da Exposição da Cartographia nacional*, pelo sr. Ernesto de Vasconcellos, Lisboa, 1905, pag 9.

5. Os dois versos dos *Lusiadas*, canto IV, estancia CI, são :

«Chamando-te senhor, com larga copia,
Da India, Persia, Arabia e da Ethiopia.»

6. O galeão *S. João*, navio chefe da armada que, sob o commando de Antonio de Saldanha, se juntou em 1535 á armada hespanhola commandada por André Doria, para a empresa de Tunis, teve a alcunha de *Botafogo*, por ser armado, segundo a tradição, de 366 peças. Veja-se Quintella, *Annaes da Marinha Portugueza*, Lisboa, 1839, tomo I, pag. 410.

7. O galeão *S. Martinho* foi o navio chefe da Esquadra de Portugal, que fez parte da Invencivel Armada, em 1588, e n'elle embarcou o Duque de Medina Sidonia, capitão general de toda a Armada. Veja-se Quintella, *Annaes da Marinha Portugueza*, tomo II, pag. 27.

8. A nau *S. Francisco d'Assis* teve a alcunha de *Monte d'Oiro* pela riqueza das esculturas e obra de talha na poppa e costado, bem como no interior, sendo o poleame quasi todo doirado. Foi o navio chefe da esquadra que em 1682, sob o commando do Conde de S. Vicente, conduziu a Nice a Princesa D. Izabel, filha de D. Pedro II, destinada a casar com o Duque Victor Amadeu de Saboya ; esse casamento não se realisou. Veja-se sr. Benevides, *Rainhas de Portugal*, tomo II, pag. 117.

9. A *custodia rica* da Sé Patriarchal é uma obra prima da arte portugueza no seculo XVIII, tanto pela bellissima concepção do desenho, como pela perfeita execução do artefacto e excellente distribuição das 4:120 pedras preciosas, quasi todas diamantes e brilhantes, que a enriquecem. Foi feita pelo celebre ourives Joaquim Caetano de Coelho, que empregou cêrca de seis annos no trabalho. El rei D. José deu-a á Patriarchal em 1760. Avaliam-na hoje em mais de 400 contos.

10. Accursio das Neves, *Variedades* tomo II, pag. 83 e segs., cita os trabalhos do portuguez P.e Pinto residente em França no seculo XVIII, de quem diz que foi dos primeiros que n'aquelle paiz se applicou ao estudo das bombas movidas pelo vapor d'agua. Tenho, alem d'isso, reminiscencia de ter lido algures que um portuguez, anteriormente ao seculo XVIII, reconhecera a força elastica do vapor d'agua.

11. Li em tempos, sem que possa dizer onde, uma extensa composição poetica, escrita em linguagem popular ingleza, narrando as festas do casamento da Rainha Victoria, na qual, ao tratar do cortejo real, se fala com emphase no *Duke of Pellmell*. Sobre esta missão extraordinaria veja-se S.ra D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, *Vida do Duque de Palmella*, vol. III, pag. 160 e segs.

12. A Direcção da Sociedade de Geographia de Lisboa encarregou-me, em sessão de 31 de maio de 1909, de elaborar o elogio historico do marquez de Sá da Bandeira.

13. Allusão ao facto de que as victorias da Guerra Peninsular deveram muito a conservar-se livre o mar para o abastecimento das tropas. Sobre este assumpto e sobre a parte que a marinha portugueza teve na historia militar d'essa epoca, realisou o sr. João Braz de Oliveira uma notavel conferencia no Club Militar Naval em 26 de junho do corrente anno, que se poderá ler nos *Annaes do Club*.

14. Barros Gomes, *O Monumento de Sá da Bandeira*, pag. 8.

15. A primeira obra moderna, de valor, que trata da *sciencia* da colonisação, parece ter sido a de Herman Merivale, intitulada *Lectures on Colonization and Colonies*, cuja 1.ª ed. foi publicada em Londres em 1842. Na bibliotheca da nossa Sociedade existe um exemplar da 2.ª ed., Londres, 1861, um vol. de 685 pags. É de notar que a tão afamada *Encyclopedia Britannica*, no vol. XVI da 9.ª ed., Londres, 1883, onde deveria vir a noticia sobre Merivale, nem sequer lhe insere o nome; e no vol. XXX da chamada 10.ª edição (vol. VI dos augmentados á 9.ª), Londres, 1902, pag. 641, trata de Charles Merivale, e, por incidente, diz que foi irmão de Herman, mas nem uma só palavra escreve sobre a obra d'este, que bem o merecia.

Anteriormente a Merivale, o pouco que se escrevia sobre colonisação, era obra dos economistas, de cuja sciencia aquella constituia uma parte, aliás tratada com pequeno desenvolvimento; e o proprio Merivale foi um professor de Economia Politica.

Como quer que seja, não vejo que as *Lectures on Colonies* tivessem sido conhecidas de Sá da Bandeira, que aliás foi um erudito e conheceu outras muitas obras estrangeiras posteriores áquella, parecendo que os seus auctores favoritos foram Dalton *The history of the British Guiana*, e Grey, *The Colonial Police of Lord J. Russel's administration*. Veja-se *O trabalho rural africano*, *passim*.

16. Sirvo-me da publicação feita no n.º 1 e unico do *Memorial Ultramarino e Maritimo*, de que adiante se fala. Tambem foi publicado em folheto volante de 6 pags. sob o n.º 162 dos documentos apresentados ás Côrtes, imitação do *Parliamentary Papers*, que depois caiu em desuso, como tantas outras praticas uteis. A leitura de todo o Relatorio é do maior interesse, não só historico, mas ainda por applicação actual.

17. Observe-se que, em continuação, dizia Sá da Bandeira: «Isto conseguir-se-ha na minha opinião assemelhando a administração de cada Governo Geral ao das Colonias inglezas denominadas da Corôa, taes como Ceilão, Mauricia e Cabo da Boa Esperança.»

18. Esta *mão de ferro* teve Sá da Bandeira de empregal-a contra dois governadores geraes que oppuseram difficuldades ao cumprimento do decreto de 10 de dezembro de 1836, que prohibira a exportação de escravos. Veja-se, entre outros, Pinheiro Chagas, *Os Portuguezes na Africa*, etc., tomo VII, Lisboa, 1890, pag. 73 e segs.

19. Soriano publicou em 1887-88, uma *Vida do Marquez de Sá da Bandeira*, em dois grossos volumes, com o total de 1.060 paginas. A biographia do illustre marquez occupa-se quasi principalmente dos seus feitos militares e dos seus

ectos politicos, entremeiada, porém, da critica mais apaixonada e por vezes mais extraordinariamente injusta dos actos dos homens contrarios ás ideias de Sá da Bandeira, ou talvez melhor, ás do auctor. A respeito da parte, para nós a mais notavel, da vida de Sá da Bandeira, a que se refere á sua acção colonial, consagra lhe Soriano apenas seis paginas, tomo II, pags. 446-450, sem ao menos dar o necessario relevo a essa acção!

Bem mais interessante, embora muito mais curta, é a obra do sr. André de Meyrelles, *O Marquez de Sá da Bandeira*, Lisboa, 1876, de que muito me aproveitei para o meu trabalho.

20. Sá da Bandeira não se esqueceu da cartographia do Ultramar, a que procurou dar impulso, e com justificado desvanecimento escreveu estas palavras: «Os mappas menos incorrectos das colonias africanas são: 1.º, o de Angola, coordenado pelo marquez de Sá da Bandeira e Fernando da Costa Leal, 2.ª edição, Lisboa, 1870; e o da Zambezia, coordenado pelo marquez de Sá da Bandeira, 2.ª edição, Lisboa, 1867.» *O Trabalho rural africano*, pag. 171, nota.

21. Veja-se na Nota seguinte a portaria de 5 de fevereiro de 1836, em que esta idea é affirmada.

22. Parece-me interessante transcrever a parte principal da portaria de 5 de fevereiro de 1836, que determinava a publicação do *Memorial*.

«Sendo da maior importancia dar *toda a publicidade* aos negocios que dizem respeito ás Provincias Ultramarinas, dos quaes entre nós ha *tão pouco conhecimento*, o que sem duvida é uma das *causas principaes* da decadencia em que ellas se acham, convém para esse fim que se publique um Memorial Periodico, que contenha; — 1.º Uma parte Official, que comprehenda as providencias Legislativas e Ordens do Governo relativas ao Ultramar, o que tudo será dado por extracto; bem como as participações Officiaes *de lá transmittidas*, cujo conhecimento seja util ao Publico. — 2.º Uma parte não Official, na qual appareçam memorias *por extenso, ou em resumo*, sobre o estado das mesmas Provincias, sua industria, producção, etc., *movimento commercial e naval*, e preços correntes dos principaes generos de exportação tanto nas mesmas Provincias como em Lisboa. Além d'estes objectos conterá o mesmo Memorial, noticias que possam ser de utilidade á nossa navegação, tanto de guerra como mercante. Com este fim Ordena Sua Magestade a Rainha que pela Secretaria de Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar, se publique mensalmente um folheto de impressão que se intitulará = *Memorial Ultramarino e Maritimo* = : e Ha por bem a Mesma Augusta Senhora encarregar este trabalho ao Official Maior d'este Ministerio.»

23. *Annaes Maritimos e Coloniaes, publicação mensal redigida sob a direcção da Associação Maritima e Colonial.* — O numero 1 da primeira serie é de novembro de 1840, e na Introducção, depois de recordar a tentativa do *Memorial Ultramarino*, dizendo que a sua redacção fôra encarregada ao Official Maior Antonio Maria Campêlo, lê-se o seguinte (pag. 11): «Mas bem que os talentos reconhecido saber d'este senhor, e a extensão dos conhecimentos positivos que o Governo possue sobre as cousas do Ultramar, fossem garantes seguros da efficacia e do inteiro desempenho d'aquelle trabalho, causas que não conhecemos obstaram todavia á sua continuação e publicou-se apenas o primeiro folheto.

«A Commissão de redacção... vae pois encher este vazio, dando começo á publicação dos *Annaes Maritimos e Coloniaes*...»

A publicação dos *Annaes Maritimos e Coloniaes* terminou com o n.º 4 da 6.ª serie, 1846.

24. Sobre a injustificada suppressão do Conselho Ultramarino, veja-se Luciano Cordeiro, *Marinha e Colonias, estudos sobre a sua administração e reforma. I. O Ministerio e a Secretaria d'Estado*, Lisboa, 1888, pag. 112 e segs.

25. *Annaes do Conselho Ultramarino, parte official*, I serie, Lisboa, 1867; series VII-VIII, Lisboa, 1869 — A parte não official, que publicava Memorias, Noticias, Instrucções, etc., teve a mesma divisão. O Conselho Ultramarino, pu-

blicou além d'isso o *Boletim*, que consta de dois vols. de *Legislação Antiga* e quatro de *Legislação Novissima*, chegando esta ultima até 1862.
Hoje não ha uma publicação official que substitua os *Annaes*.

26. «A 24 de julho de 1840, no reinado de D. Maria II, a instancias de s. ex.ª o visconde, hoje marquez, de Sá da Bandeira, então secretario de estado dos negocios da marinha e Ultramar, foi finalmente erigido em Sagres ao infante D. Henrique, um monumento feito em 1839, o qual se acha aqui representado, conforme o desenho que s. ex.ª teve a bondade de mandar ao auctor.» Major, *Vida do Infante D. Henrique*, trad. port., Lisboa, 1876, pag. 371.
O final da inscripção latina, de bello estylo lapidar, diz que o monumento foi mandado levantar

CURANTE REI NAVALIS ADMINISTRO
VICE COMITE DE SA DA BANDEIRA.

27. Referencia ao socio fundador o sr. cons. Rodrigo Affonso Pequito, hoje vice-presidente da Sociedade. Sendo em 1877 segundo secretario, leu na 1.ª sessão solemne annual de 7 de março d'esse anno um Relatorio que foi publicado sob o titulo de *A Sociedade de Geographia de Lisboa e o Marquez de Sá da Bandeira*, Lisboa, 1877, 26 pags.

28. Seguem os documentos relativos á preciosa offerta feita pela Senhora Duqueza de Palmella, á Sociedade de Geographia de Lisboa:

a) Lisboa, 1 de Fevereiro de 1907.
Ex.ma Senhora. — Deseja a Sociedade de Geographia pôr, na sua sala *Portugal*, e em pedestal condigno, o busto do Marquez de Sá da Bandeira, que foi o iniciador do movimento colonial portuguez, que a Sociedade de Geographia de Lisboa tem honradamente secundado. Creio ser V. Ex.ª a proprietaria d'um busto do bravo Marquez, que se mostra no Muzeu d'artilharia; quererá V. Ex.ª permittir que esse busto se reproduza por conta da Sociedade, e que ao preito que deseja prestar á memoria de tão grande varão, a Sociedade possa juntar o agradecimento eterno pela generosidade d'uma senhora tão illustre pelo seu nascimento como grande pelo seu coração? — Assim o esperamos e por isso representa esta carta o pedido da Sociedade que tenho a honra de representar. V. Ex.ª resolverá.
Aproveito esta opportunidade para me assignar com a mais respeitosa consideração. De V. Ex.ª — Attento Venerador e Criado — *Francisco Joaquim Ferreira do Amaral.*
Ex.ma Senhora Duqueza de Palmella.

b) Lisboa, 27 de Fevereiro de 1907. — Ill.mo e Ex.mo Sr. — Por motivo de saude, não foi possivel responder mais cedo ao officio de V. Ex.ª datado do 1.º do corrente. — Com effeito sou eu a proprietaria do busto do Marquez de Sá da Bandeira, que está no Muzeu de Artilharia, por offerta minha; sou tanto mais proprietaria d'elle, por ser trabalho meu feito de memoria. Quiz fixar eu mesma no marmore as feições do grande militar e verdadeiro homem de bem a quem eu e minha familia sempre tivemos muita amisade. — Terei muito gosto e honra em offerecer á benemerita Sociedade de Geographia de Lisboa uma reproducção d'este meu trabalho, executado e retocado por mim. Bem vê V. Ex.ª que n'estas condições não posso permittir que pessoa alguma, nem mesmo essa Sociedade, o mande copiar. — Tenho verdadeira pena de que a minha má saude não permitta comprometter-me a entregar o meu trabalho em determinado praso, além de que a esculptura é uma arte que demanda muito tempo, mas peço a V. Ex.ª que conte com a minha maior boa vontade de o fazer o mais breve possivel.
Agradecendo a V. Ex.ª a occasião que me proporciona de poder prestar uma homenagem á memoria do nosso querido amigo o Marquez de Sá da Bandeira, subscrevo-me — De V. Ex.ª Mt.º Att.ª Vn.ª — *Duqueza de Palmella.*
Ill.mo e Ex.mo Sr. Cons.º Francisco Joaquim Ferreira do Amaral.

c) Lisboa. 8 do Março de 1907.

Ex.^{ma} Senhora. — Tenho a subida honra de accusar a recepção da attenciosa carta de V. Ex.ª de 27 do mez findo, em que por fórma extremamente gentil e em resposta ao meu pedido V. Ex.ª se dignou dar-me a conhecer a delicadissima intenção em que está de fazer uma reproducção do busto do Marquez de Sá da Bandeira que existe no Muzeu de Artilharia e com ella presentear esta Sociedade. Grande favor e grande honra seria já para nós que V. Ex.ª tivesse permittido fazermos a reproducção por nossa conta. Póde, portanto, V. Ex.ª avaliar de quanto reconhecimento se tornará credora por parte d'esta Sociedade com a offerta que lhe promette, que para ella representa uma das mais distinctas deferencias até hoje recebidas.

Antecipando a V. Ex.ª os mais calorosos e expressivos agradecimentos, permitta V. Ex.ª que lhe apresente os protestos da minha mais respeitosa e elevada consideração. — De V. Ex.ª — Mt.° Att.° Ven.^{or} e Criado. — O Presidente — *Francisco Joaquim Ferreira do Amaral.*

d) Illustrissima e Excellentissima Senhora.

Embora sejap ossivel, por ser natural, que ao conhecimento de V. Ex.ª tenham chegado os echos da manifestação feita a V. Exª e ao seu laureado nome de eminente cultora da arte, pela dadiva generosa e gentil, com que V. Ex.ª distinguiu esta Sociedade, offertando-lhe o busto por V. Ex.ª cinzelado do Marquez de Sá da Bandeira, a fim de que na sua sala *Portugal* elle fique como perduravel lembrança dos assignalados serviços coloniaes pelo mesmo Marquez prestados ao Paiz, temos a subida honra de em nome da Direcção da Sociedade de Geographia e interpretes do sentir d'esta, vir mais uma vez agradecer a V. Ex.ª a alta distincção que nos conferiu e apresentar a V. Ex.ª os testemunhos que todos aqui fazemos para que a preciosa saude de V. Ex.ª se mantenha por dilatados annos, bem como a de todos que a V. Ex.ª mais caros são.

Deus guarde a V. Ex.ª — Sociedade, 24 de Junho de 1909 — Illustrissima e Excellentissima Senhora Duqueza de Palmella — O Vice-Presidente em exercicio, *Vicente Almeida d'Eça.* — O Secretario Geral, *Ernesto de Vasconcellos.*

e) Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Tive a satisfação de receber o penhorante officio de V. Ex.ª, assignado tambem pelo digno Secretario Geral, agradecendo em nome da Direcção d'essa benemerita Sociedade de Geographia de Lisboa, o busto do Marquez de Sá da Bandeira que, com immenso gosto, offereci á mesma Sociedade, accedendo ao pedido que ha um anno me fôra feito pelo Ex.^{mo} Presidente Conselheiro Ferreira do Amaral.

Não são Vv. Ex.^{as} que me devem agradecimentos, mas sim eu, que não só tive a grande honra de ver figurar um trabalho meu na historica sala *Portugal* d'essa Sociedade, como o enormissimo prazer de ver tão patrioticamente aproveitar esse ensejo para da fórma a mais solemne ser prestada grandiosa e merecida homenagem a um portuguez benemerito por quem, além da amisade, sempre tive a maior admiração.

Deus guarde a V. Ex.ª — Lisboa, 1 de Julho de 1909. — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Vicente Almeida d'Eça, Vice-Presidente em exercicio da Sociedade de Geographia de Lisboa. — *Duqueza de Palmella.*

OS VULCÕES DAS ILHAS DE CABO VERDE E OS SEUS PRODUCTOS

(Continuado da pag. 180)

Rochas eruptivas mais recentes

Leucitite. — Rochas leuciticas são raras nas ilhas de Cabo Verde, a unica que eu conheço, vem do Tope da Coroa e da cratera visinha do Siderão. Póde fazer-se a distincção de duas rochas que differem macroscopicamente, mas que são identicas pela composição mineralogica.

Uma d'ellas é rocha de côr cinzenta clara e forma a parede craterica do Siderão, fazendo lembrar uma trachyte rugosa e aspera; é cavernosa, frouxa, porosa e apresenta numerosas cavidades.

A outra rocha que certamente se encontra tambem no Siderão, como corrente de lava, mas mais frequentemente dentro das correntes da cratera exterior do Tope é perfeitamente compacta, de côr azul escura; ambas contéem maiores crystaes de augite, que são muito isolados e numerosos crystaes azues de hauyne (rhombododecaedros e octaedros) que tem até 5 millimetros de comprimento e contéem tambem grãos. A riqueza d'esta rocha em hauyne, apezar de não ser constante (as variedades de côr cinzenta contéem muitas vezes mais de 33 %, emquanto que as escuras são mais pobres) é caracteristica e excede frequentemente a da rocha bem conhecida de Melfi. A hauyne, conforme a analyse que vae indicada, adiante é uma noseane ou hauyne sodica das mais puras; ella apresenta se macroscopicamente, como tambem na massa fundamental da rocha e tem uma côr azul escura.

Os crystaes tem diversas dimensões, ás vezes só visiveis ao microscopio. Em placas micrographicas mostra a hauyne um contorno em geral hexagonal ou quadratico; só raramente é circular. Muitas vezes esta hauyne é quasi inteiramente pura, alguns d'estes crystaes contéem inclusos de microlithes, de massa vitrosa e de liquidos. Os pequenos crystaes nunca mostram os conhecidos systemas estriados nem a borda escura; esta borda tambem falta nos crystaes maiores que nas orlas são mais intensamente coroados. De vez em quando apparece um nucleo escuro; na orla de crystaes vêem-se muitas vezes dois systemas estriados que são perpendiculares entre si; em secções hexagonaes, vêe se tambem tres eixos que se cruzam em angulos de 60°. Nas secções quadraticas as estrias são dispostas em angulo de 45°. A augite apresenta-se em secções crystallographicas de côr verde até verde-amarella, que são bastante grandes, mas encontram-se microlithes d'este mineral, que aliás nunca se encontra em grãos e que é notavel pela sua pureza. As secções não mostram nenhum ou sómente pouco pleochroismo, muitas vezes uma clivagem bem perceptivel. Nunca se viu uma orla de magnetite.

Entre as secções, a maior parte são gemeas e frequentemente ge-

; polysyntheticas que comprehendem 3 a 4 lamellas. Com as su-
cies ordinarias ∞ P. ∞ P∞ . ∞ P∞ . P∞ ha tambem O P. Em quasi
s os crystaes predomina muito o clinopinacoide sobre o orthopi-
ide. A fusibilidade d'esta augite microscopica é mais alta que a
кmite e é muito mais baixa que a do diopside; derrete se ao co-
› da incandescencia branca e fórma uma massa vitrea que não é
ıetica. Em quanto ás relações opticas são as mesmas da augite;
ianos d'extincção variam entre O—35°. Além d'estas augites mi-
ɔopicas, encontram-se muito esporadicamente diversos crystaes
ɔridos de augite, que são da mesma fórma crystallina, variando
ɜ 5.—12 millim. Conforme a fusibilidade, esta augite é identica
ılla de que já se falou acima; não pude fazer investigação optica.
Maiores inclusas, que consistem d'um conglomerado de pequenos
taes de biotite e de hornblenda, são muito raras.

O principal constituinte da rocha é a leucite, que é sómente visi-
microscopicamente, mas em crystaes distinctos, portanto não ha
ida sobre a natureza leucitica das correspondentes secções octo-
aes; aliás os resultados da investigação chimica tirariam esta du-
ı, apezar do que em geral nas secções a falta da risca gemea já
reconhecida; são sómente algumas das maiores secções de $\frac{1}{2}$ até
ıillimetro de diametro que fazem excepção.

Apezar d'isso, estes não se mostram inteiramente isotropos, porque
rotação da preparação entre o nicol superior e o inferior, cruzados,
ha perfeita obscuridade em todos os lugares. As leucites apresen-
ı inclusos dispostos em coroa ou em geral são microlithes augiti-
; tambem se póde notar opacidade. Além d'isso, ha os diversos
ıeraes que são crystallisados e uma pequena proporção transpa-
te, amarello-clara de base vitrificadora, que conforme os resulta-
da analyse póde fazer suppôr os elementos da nepheline e da leu-
:, e d'um mineral rico em acido silicico, mas o calculo é incerto,
que como principios constituintes accessorios ha em algumas par-
a plagioclase em listas muito pequenas, que comprehendem 2 a 3
ıellas.

A quantidade d'esta plagioclase é entretanto pequena e em muitos
ares não se vê nenhum feldspatho; portanto este ultimo não póde
considerado como principio constituinte.

Como principio constituinte accessorio podem tambem notar-se a
ınite nas conhecidas secções em forma de ferro de lança e apatite;
› se podia asseverar se havia tambem algum nepheline, mas crys-
oides d'esta são bem provaveis em algumas placas micrographi-
. Encontra-se magnetite em secções quadraticas que não são fre-
ıntes. A rocha foi decomposta nos seus principios constituintes
o electro-iman e pela solução de biiodureto do mercurio. Primeiro
ninava-se a magnetite com um iman em forma de pequena vara ou
agulha, depois com o electro-iman foi extrahida a augite, empre-
ıdo uma corrente que não era demasiadamente forte. O resto,
ɜro dizer a leucite com hauyne e um pouco d'augite, é tratado com
ıolução e a augite obtem-se em estado bastante puro, emquanto que
mineraes primeiro nomeados não podem ser mais largamente se-

parados, mas a percentagem em hauyne pode calcular se com a analyse. N'uma segunda experiencia [1] procedia-se de forma a separar-se primeiro pela solução de Goldschmidt a augite e a magnetite da leucite e da hauyne e só depois a magnetite foi extrahida com o iman, emquanto que por outro lado a augite que contem um pouco dos outros mineraes, foi purificada com o electro iman, sendo por esta forma libertada da leucite e de hauyne as pequenas quantidades do augite.

Para a analyse da hauyne empregavam se quasi sómente os crystaes macroscopicos que foram estudados e que pela solução foram libertados da rocha adherente.

Operando com 28,5 gr. encontram-se na decomposição da rocha 0,62 gr. de magnetite, 2,3 de augite, 24,8 de hauyne, leucite e base vitrificadora e ha 0,86 de perda.

A quantidade de hauyne é de quasi 30 % na amostra empregada, portanto a rocha consiste de 2 ½ de magnetite, 9 — 11 % de augite, 59 — 60 % de leucite e base vitrificadora e de 30 % do hauyne.

A analyse chimica deu:

	Analyse (I) do tufo	Crystaes maiores de augite	Augite microscopica	Noseau
SiO_2 (²)	48,46	38,22	41,76	35,99
Al_2O_3	21,81	13,08	17,81	29,41
Fe_2O_3	2,17	9,29	2,01	0,31
FeO	3,75	9,14	7,47	—
CaO	4,58	14,80	19,47	0,21
MgO	0,68	11,73	8,01	—
KO	5,86	—	—	—
Na_2O	8,41	4,32	3,72	20,91
SO_3	2,97	—	—	10,5
Cl	0,13	—	—	0,5
Perde a calcinação	2,08	-	—	1,6
	100,90	100,58	100,25	99,6

A substancia analysada provem das variedades escuras. A ana(yse II foi feita com substancia que foi obtida d'um crystal maio t∞P∞ . ∞P. ∞P∞ sem superficie terminal). Portanto as duas augi les não são perfeitamente eguaes. Da alta percentagem em acido s licico na analyse do tufo pode-se concluir que a base vitrificadora co responde a uma combinação mais acida que a da leucite.

Calculando-a sobre 29 % de hauyne como tambem sobre as quar tidades que correspondem a 10 % d'augite e a 2 ½ % de magnetit ficam para a leucite, a base vitrificadora e os principios constituint accessorios as quantidades indicadas em I. Deduzindo d'estas para leucite a quantidade de leucite que corresponde a 6 % de potassio e

[1] Executada pelo sr. F. Kertscher.
[2] Com vestigios de TiO_2.

0/0 de sodio, obtem-se as quantidades indicadas em II que sobejam ara plagioclase, titanite, nepheline e base vitrificadora.

$Si\ O_2$	— 33,5	— 12,5
$Al_2\ O_3$	— 11,4	— 4,5
$Na_2\ O$	— 2,4	— 1,4
$Ca\ O$	— 2,3	— 2,3
$K_2\ O$	— 5,9	— —

Resulta d'isto que a base vitrificadora tem uma composição mais cida do que os mineraes separados, mas em consequencia da preença de mineraes accessorios e pela composição aliás incerta da ucite, o calculo não dá conclusão bem clara acerca da natureza da ase vitrificadora; a presença dos elementos da plagioclase e da nehelina n'esta estaria aliás d'accordo com a composição. Calcula-se a analyse e do tratamento mechanico a seguinte composição approimada: hauyne 30 %, leucite 35-40 %, augite 10 %, magnetite ½ %, base vitrificadora 12 %, principios constituintes accessorios itanite, plagioclase, nephelina, inclusos de biotite, augite) 10 %, ortanto pode estabelecer-se a formula:

$$L_7\ Ag_1\ Hy_6\ Gl_2$$

Differe um pouco uma variedade que vem do Topo da Corôa e ue apresenta muito pouco hauyne microscopica dentro d'uma massa edregosa preta e compacta. Os principios constituintes são os mesos como nas rochas já descriptas; unicamente é mais rica em augis, ao passo que hauyne e leucite téem muito menos importancia. as por isso apresenta-se nephelina em secções rectangulares, é verde que só raramente; tambem a plagioclase é mais frequente que estas rochas, mas a base vitrificadora observa-se sómente em vestios e portanto esta rocha parece distinguir-se das outras. Estão ystallisadas na rocha secundaria as combinações correspondentes a phelina e a plagioclase que são ricas em silica, e que muito provalmente se apresentam na base d'estas collinas, como se deprehende s resultados analysados. Cortada esta rocha forma um termo de ansição entre a tephrite e a leucitite.

Phonolithes

As bastantes numerosas phonolithes que se encontram nas ilhas Cabo Verde podem ser divididas, conforme a composição mineragica em diversos grupos:

1) Augite-phonolithes: a) Ricas em orthoclase. b) ricas em nephelina com pouco orthoclase.

2) Phonolithes em hornblenda.

As rochas ricas em phonolithe e as que são ricas em nephelina dem ser divididas em porphyroidicas e em compactas. Em geral phonolithes com hornblenda são bastante raras.

Como as duas divisões são muito pouco diversas pela estructura e pela composição qualitativa, parece melhor na descripção separar os typos que são inteiramente differentes, quero dizer as rochas compactas e as rochas porphyricas.

1) Augite phonolithes. Apparecem rochas porphyroidicas, pela presença de maiores crystaes de augite de feldspatho e n'esta serie umas são mais ricas em orthoclase e outras mais ricas em nephelina. A's primeiras pertence uma rocha da Ribeira de S. Thiago de côr clara.

Ao microscopio apparece uma massa fundamental formada de orthoclase, plagioclase, augite e nephelina, em que predomina o primeiro mineral, a orthoclase. Os dois feldspathos apresentam-se em pequenos pedaços que apresentam poucos inclusos. A orthoclase apresenta-se frequentemente em gemeas de Carlsbad, pela sua percentagem em plagioclase que é bastante importante; esta rocha forma uma transição para as tephrites, ás quaes se liga pela alta percentagem em augite. A augite apresenta em geral uma côr amarellada e não tem a apparencia das augites verdes das outras phonolithes; ella contem bastantes inclusos e apresenta secções de crystaes.

Em geral ha muito pouca nepheline; a magnetite encontra se em geral mais frequentemente do que nas phonolithes. Ao norte da Ribeira da Barca encontram-se rochas pallidas, decompostas, muito molles e facilmente pulverisaveis, mas que pela composição correspondem exactamente a estas rochas. Uma rocha do Monte Birianda na Ilha de S. Thiago é semelhante, mas tem tambem biotite e hornblenda com a augite e encontra-se em grandes massas injectadas, ou em crystaes ou em fragmentos. Finalmente haveria tambem de mencionar aqui uma rocha que se apresenta como incluso no tufo da parte inferior do valle do Paul e que faz lembrar uma andesita hungara; dentro d'uma massa acinzentada e um pouco porosa ha muitas pequenas agulhas de augite e algumas agulhas de orthoclase. Ao microscopio a rocha é como a da Ribeira da Barca, mas aqui a augite tem muito menos importancia e é formada como as pequenas augites da rocha porphyroidica da Praya; a rocha contem muito menos nepheline.

A orthoclase apresenta-se em pequenas gemeas e tambem em crysteas simples; ha plagioclase, mas não frequentemente. De natureza porphyroidica e apresentando orthoclase ha uma rocha de Amargoso (na Ilha de S. Vicente) que contem dentro d'uma massa fundamental rica em nepheline muitos filetes grandes de feldspatho. A augite apresenta se em pedaços de cor verde claro. Das diversas rochas porphyroidicas, pobres em nephelina vamos dar aqui uma descripção especial da phonolithe da Praya. Esta rocha que se encontra em forma de corrente ao norte da cidade, apresenta dentro d'uma massa fundamental rochosa de cor acinzentada grandes crystaes de orthoclase e crystaes d'augite, em diversos logares, mas só sporadicamente vêemse tambem algumas grandes lamellas de biotite. Os maiores crystaes de orthoclase, aonde predominam a base e a superficie longitudinal, apresentam na investigação optica uma direcção d'extincção que forma com a aresta P/M um angulo de quasi 0°; portanto estes

tencem ao felspatho monoclino; são em parte simples, em
meas conforme o typo de Carlsbad. Nas secções micros-
rystaes apresentam diversos inclusos de microlithes augi-
iores augites apresentam-se em forma de conchas com a
dos crystaes; são individuos simples que na secção tem
ara e que apresentam um fraco pleochroismo, são tambem
neos. E' sómente ao calor da incandescencia branca que
para formar um vidro de cor castanha não magnetico.
nuito rara e só se apresenta sporadicamente como inclu-
egados de delgadas lamellas.
o á massa fundamental, comprehende principalmente
nos individuos de nepheline, um pouco decompostos que
juntos uns aos outros e que ao exame microscopico apre-
sos de augite e de magnetite. O segundo constituinte da
mental, a orthoclase, é muito mais raro e encontra-se
te em gemeos de Carlsbad. A augite forma a parte cons-
is rara da massa fundamental; é sómente a magnetite,
l em algumas placas micrographicas, que é ainda mais
anto que as maiores augites da natureza porphyroidica
m crystaes bem formados, as augites microscopicas en-
ó em pedaços ou em listas pouco regularmente limitadas,
faceis de reconhecer como augite pela ausencia do pleo-
tambem pela clivagem. Alem d'isso vê-se nas placas mi-
pequenos microlithes da augite de côr verde pallida. As
i que não contéem inclusos.
neraes accessorios apresentam-se, em algumas placas mi-
, crystaes de titanite em forma de lanças, mas ha ausen-
a hauyne.
vel que dentro da massa fundamental haja com a nephe-
co de base vitrificadora, mas a distincção e separação é
em consequencia de decomposição começada.
ha foi decomposta pelo electro-iman e pela solução de
e mercurio. Em primeiro logar o ferro magnetico foi eli-
iman, depois com uma corrente mais fraca foi procurada
era muito carregada de nepheline, depois a mistura foi
á solução e assim se obteve uma exacta separação. Em
esiduo de nepheline e de orthoclase, não se pode isolar
a maneira obtem-se:

etite	3,5 — 4 %
e	11 — 12
elina [1]	46 — 49
clase	24 — 26
clase e Nephelina	9 — 11

---

[1] phelina foi extrahida pelo electro-iman com uma corrente muito

Como, submettendo á solução, a separação exacta não foi possivel, a rocha foi submettida ao acido chlorhydrico concentrado aquecendo moderadamente 2 ½ horas; o resultado foi que 4 grammas deram 2 gr. 7 de parte soluvel e 1 gr. 3 de parte insoluvel. Esta ultima parte insoluvel consiste de augite, orthoclase e de um pouco de magnetite; pode calcular se (depois da deducção da magnetite) uma percentagem de 65 % de nephelina; para a orthoclase ficam 22 %. Agora obteve-se um pouco menos de orthoclase que na primeira separação. Mas como todas as partes constitutivas são analysadas, a separação mechanica pode verificar se.

Da presença de dúas variedades de augite veiu uma difficuldade; porque estas pertencem evidentemente a diversos estados de formação e tambem porque differem pela côr, estructura e forma crystalina, podia tambem admittir-se uma diversidade de composição. Para a separação da augite maior porphyroidica fez-se um pó grosso de cerca de 0,35 millimetros de diametro e este foi submettido á solução de biiodureto de mercurio; a magnetite e os grandes crystaes d'augite precipitam-se, emquanto que os mais pequenos crystaes microscopicos d'augite (sendo misturados de nephelina e de fldspatho) nadam na solução. D'este modo obtem-se os maiores crystaes d'augite que podem facilmente ser separados da magnetite, especialmente quando pela lente os maiores crystaes d'augite são eliminados, quando o pó grosso pulverisado é mais fino e quando o pó é liberado pela solução de outros mineraes adherentes. A quantidade de augite pura obtida d'esta maneira e reconhecida pela investigação microscopica é de cerca de 3 grammas sobre 80 grammas, portanto de 2 ½ até 3 % da massa rochosa. Depois de ter obtido assim os grandes crystaes de augite em estado puro, obtiveram-se augites microscopicas pelo electro-iman e pela solução de biiodureto de mercurio. Tambem pode verificar-se a pureza d'estas augites microscopicas. A percentagem d'ellas é de 10 % apenas.

Estas, como os maiores crystaes de feldspatho extrahidos, foram analysados.

I Grandes crystaes de augite	II Pequenos crystaes de augite		III Crystaes de feldspatho	IV Parte soluvel da rocha	V Rocha
SiO_2 —	43,99	38,15	62,42 [1]	47,56	53,80
Al_2O_3 —	14,01	25,96	18,98	25,17	23,59
Fe_2O_3 —	2,09	11,08	vestigios	2,11	3,57
Fe O —	8,84	6,17	—	—	1,88
Mn O —	0,30	4,97	—	vestigios	vestigios
Ca O —	19,42	4,53	1,52	2,96	2,26
Mg O —	10,88	1,99	vestigios	0,84	0,87
K_2O —	—	—	8,16	4,07	4,77
Na_2O —	1,09	7,91	8,66	12,41	9,05
Agua	—	—	—	4,85 [2]	1,50
	100,62	100,76	99,75	100,00	101,29

. A analyse do feldspatho mostra que provavelmente havia a va-
edade contendo calcio e sodio. Como os maiores cystaes de augite
ram purificados pelos dois methodos e como alem d'isso foram pro-
rados com a lente, estes crystaes eram bastante puros. Tambem é
m claro que para as augites microscopicas a percentagem em soda
io vem de misturas, e isso apesar da substancia ser menos perfeita
que para os primeiros mineraes. A analyse da parte soluvel mos-
a, que ella corresponde mais ou menos a uma nephelina em decom-
sição.

Verificando os resultados da analyse do tufo, admittindo os resul-
dos obtidos pela acção de acido chlorhydrico, obtem-se 50,5 %,
acido silicico, portanto relativamente pouco. Por isso pode ser,
e talvez a orthoclase da massa fundamental seja mais acida que os
andes crystaes. Tambem pode ser que estes sejam atacados pelo
ido chlorhydrico, o que é provavel pela percentagem em cal.

Admittindo um maximo de 60 % de nephelina e de 21 % de or-
oclase, o que tambem concorda com a separação mechanica, ob-
m-se para SiO_2, Al_2O_3, Na_2O, K_2O, Ca O quasi exactamente as
antidades dadas pela analyse. As quantidades acima indicadas, 10
de augite e 3,5 de magnetite parecem corresponder á composição
antitativa; a formula seria N_6, Or_3, Ag_2.

De entre as augites-phonolithes compactas faremos a distincção
s que são ricas e das que são pobres em ortoclase. As primeiras
racterisam-se pela alta percentagem em orthoclase, mas que ape-
r d'isso é raramente a metade da rocha.

---

[1] Analysado pelo sr. F. Kertscher.
[2] Determinado por differença

O feldspatho apresenta-se em compridos filetes que na maior parte das placas micrographicas são em gemeas de Carlebad e que apresentam uma disposição parallela. Em placas, que são parallelas, as separações que a maior parte das rochas apresentam, vê-se um ajuntamento estreito de filetes compridos rectangulares ou hexagonaes com alguns rectangulos de nepheline, tambem em disposição parallela, mas mais raros.

Apresenta-se ainda frequentemente plagioclase em compridos filetes, que consistem sómente de poucas lamellas. Ha augite em quantidade variavel. Junto com algumas secções de augite, maiores e relativamente raras, apresentando tons de côr amarella e estructura em concha, ha tambem augite verde em pequenos filetes, agulhas e pedaços.

Em nenhum caso nos certificamos da existencia d'uma massa fundamental vitrificadora. Bem pode ser que esta falte inteiramente. Algumas rochas contém em estado isolado alguns crystaes de hauyne, que são maiores, de côr azul e que ás vezes parecem amarellos por causa da decomposição. Em geral ha muito pouco magnetite de 1 $^1/_2$ a 3 $^0/_0$.

Em quasi nenhuma parte se encontrou titanite. Phonolithes ricas em orthoclase apresentam se na cratera da Cova contendo hauyne e mais ou menos augite. Os diversos pyroxenes maiores que se encontram são difficilmente fusiveis.

Na Ribeira da Torre ha, de entre as phonolithes que vieram, em corrente, da cratera da Cova, rochas em veios de côr acinzentada clara que contêem dentro d'uma massa fundamental compacta orthoclase em disposição parallela, muito pouco augite, mas alguma hornblenda; estas rochas são caracterisadas por manchas pequenas, redondas e escuras. Ao microscopio apparecem estas manchas como inclusos d'uma outra rocha a estructura granulosa e que comprehende compridas agulhas de hornblenda, de côr castanha e muito pleochroiticos, como tambem filetes de orthoclase e nepheline. Fazendo a comparação das agulhas de hornblenda d'estes inclusos com as da rocha, vê-se a perfeita identidade. Tambem se encontram os fragmentos verde-claro de augite da rocha n'estas manchas e a orthoclase, que se apresenta na massa rochosa compacta, egualmente se vê n'estas manchas, em quanto que a nepheline só tem um papel subordinado. Portanto tem-se n'estas manchas a mesma composição como na rocha compacta, sómente a estructura das primeiras é differente, é de grãos pequenos, em quanto que a da rocha é porphyroidica pela presença de pequenos filetes de orthoclase e de agulhas de hornblenda. Considerando-se a orla das manchas, vê-se uma gradual transição da massa compacta para partes crystallinas e isso de modo seguinte. Nos confins da massa compacta apresentam-se em grande quantidade crystaes de hornblenda e orthoclase e vê-se muito bem como a massa compacta é pouco a pouco transformada em massa crystallina. Portanto não se trata d'um incluso propriamente dito, mas d'um processo de crystallisação que se apresenta em certos logares.

As phonolithes manchadas não são raras na região que explorei.

ı-se no Monte Gracioso e especialmente na região da Cova.
ɔcha já mencionada, que contem manchas de côr acinzentada
to escuras, observam-se diversas correntes que se tem der-
ı Ribeira do Paul e da Torre; tambem se nota que a ro-
eral clara, é caracterisada por manchas redondas verde-es-
o vi differença entre a phonolithe manchada e a phonolithe
formemente clara; pela rocha da Ribeira da Torre vêem-se
nassa fundamental de côr acinzentada verde manchas bas-
uentes de côr verde-escura que apresentam uma formação
·edonda ou alongada. Ao microscopio observa-se massa ro-
ito rica em orthoclase, perfeitamente crystallina que apre-
ıctura fluida.

croscopio as manchas só se distinguem por côres mais in-
maneira que parecem mais transparentes do que o resto
mas não se descobriu pigmento; as duas partes são egual-
ͽntes e identicas em estructura e em composição; o mesmo
nos outros lugares. Os feldspathos e as augites que são dis-
allelamente, atravessam as manchas e as massas fundamen-
ıaneira tal que aqui não se encontra nenhuma differença.
:has da Cova, manchadas ou não, apresentam microscopi-
mesma apparencia: muitos filetes de orthoclase, geralmente
ͽ Carlsbad, augite verde em pedaços muito pequenos, ne-
n crystalloides quasi sempre em quantidade consideravel,
ca magnetite. A hauyne é rara; ás vezes falta inteiramente.
em mencionar-se algumas titanites.

entagem em augite é ás vezes extraordinariamente pequena.
ɔs maiores da hornblenda e de biotite são inteiramente
·.

: verificou base vitrificadora.

analyse chimica da variedade manchada, rica em orthoclase
n augite:

$Si\ O_2$	56,09
$Al_2\ O_3$	22,22
$Fe_2\ O_3$	4,08
$Ca\ O$	0,69
$Mg\ O$	vestigios
$Na_2\ O$	9,16
$K_2\ O$	7,21
$H_2\ O$	1,09
$S\ O_3$	vestigios
	100,54

has compactas, pobres em orthoclase, assemelham-se micros-
te muito ás que foram descriptas; apresentam grandes va-
conforme o lugar aonde se encontram; as rochas ricas em
da Cova são semelhantes ás rochas pobres em nephelina
ı lugar. Algumas são ricas em augite, como por exemplo

a do declive nordeste do Pico da Cruz que tambem contém nephelina e que apresenta muita semelhança com as nephelinites do mesmo lugar. Ali a augite está muito mais representada do que em geral nas phonolites ; são agulhas verdes e partes em pedaços que pela fusibilidade se apresentam como augites sodicas.

Tambem a haayne está representada. Outras rochas compactas apresentam-se no Amargoso, S. Vicente, no Monte Gracioso, S. Thiago, ao norte da Ribeira da Barca, S. Thiago.

2. Phonolithes com hornblenda. Comparado com as rochas augiticas o numero das phonolithes com hornblenda é muito pequeno e somente na Ilha do Mayo se encontram em grande extensão. Em primeiro lugar pode mencionar-se aqui uma rocha porphroidica do Monte Batalha que, por muitos motivos lembra a porphyrephonolithica da Praya ; esta rocha apresenta uma massa fundamental compacta e verde com grandes crystaes de hornblenda e mais raramente do felsdspatho. Ao microscopio vem-se maiores crystaes de hornblenda de côr castanha e muito pleochroiticos; os crystaes de hornblenda são de secções hexagonaes ou alongadamente rectangulares; ao mesmo tempo ha secções maiores e mais raras de orthoclase que pertencem aos fragmentos ou aos grãos. Pela fusibilidade a hornblenda parace rica em soda. Já ao calor da incandescencia vermelha ella se derrete e forma um vidro verde. A massa fundamental comprehende principalmente mnito pequenos crystaloides de nepheline. Tambem se apresenta augite em grandes filetes sem pleochroismo. A orthoclase vê-se em pequenos filetes rectangulares; em geral, forma crystoes simples. A massa fundamental está um pouco decomposta. Alem d'estas rochas porphyroidicas apresentam-se no mesmo massiço phonolithico rochas compactas, mas que apresentam agulhas de hornblendas muito delgadas e compridas. Ao microscopio este mineral mostra secções compridas, em forma de agulha ou em pedaços, de côr castatha e fortemente pleochroiticas que muitas vezes são agrupadas em pequenas columnas. Nem sempre se pode reconhecer a clivagem, mas em todos os casos observados foi facil notar a clivagem da hornblenda. As direcções d'extincção das grandes secções formam com a direcção longitudinal angulos de 0-15°; a hornblenda funde-se ao calor da incandescencia vermelho-clara. Em outras rochas do mesmo lugar encontra-se a hornblenda sob forma diversa, isto é com mais frequencia em pedaços irregularmente limitados que teem inclusos de apatite, magnetite, feldspatho e clivagem visivel. Relativamente á sua quantidade a orthoclase é variavel e apresenta-se em pequenos filetes que não são dispostos parallelamente. A's vezes apparece tambem plagioclase. A nephelina encontra-se em secções rectangulares e redondas, mas não é recente, sendo muitas vezes caracterisada pela polarisação de aggregação. Entre as rochas do Monte Batalha podem perceber-se daus variedades, uma contém hornblenda em grandes pedaços que só raramente tem tambem orthoclase em maiores secções, emquanto que a nephelina está representada em pequena quantidade. A magnetite é rara. A segunda variedade é similar exteriormente ; contém muitas

has de hornblenda, como foram descriptas, e nephelina já decom a.

A orthoclase aspresenta-se mais em pequenas secções; são em il simples crystaes, raramente gemeos.

A magnetite é aqui mais frequente que na primeira variedade, a yne falta inteiramente. Foi em uma só placa micrographica que viu a titanite.

Sobre a primeira variedade foi feita, com o electro-iman, separa- mechanica, porque a estructura mais grossa da rocha a facilita- Com a solução de biodureto de mercurio obteve-se sobre $15^{gr},5$; lspatho, nephelina e alguma hornblenda $13^{gr},5$; hornblenda, nephe- e magnetite $1^{gr},45$. A magnetite extrahida com o iman da agulha a $0^{gr},35$. Foram extrahidos depois com o eletro-iman $0^{gr},3$ de nblenda.

Da primeira parte foram extrahidos $0^{gr},95$ de hornblenda. O re- io que comprehende nephelina e feldspatho, dá 6^{gr} que consistem ıcipalmente em nephelina 2 6^{gr},é que comprehendem pricipalmente spatho.

Finalmente a rocha foi tambem submettida á solução do acido ›rhydrico; assim a parte soluvel (nephelina e productos de decom- ição, depois de tirar a magnetite) e a parte insoluvel estão na pro- ção de 53 para 46. Portanto a composição approximada seria de 14 % de hornblenda, 3 % de magnetite, 44-52 % de nephelina erca de 35 % d'orthoclase. O Sr. F. Kertscher fez da segunda iedade uma analyse de tufo, emquanto que eu, com a ajuda do :tro-iman e da solução de mercurio, obtive $2\frac{1}{2}$ grammas de horn- ıda pura para analyse, partindo de cerca de 55 grammas de ro- . Na rocha analysada o estado recente da hornblenda era notavei quanto que a nephelina já estava decomposta em diversos lugares orque ao microscopio se vêem pequenas cavidades cheias de zooli- s (secções radiadas, provavelmente de natrolithe). Esta segunda iedade é muito mais rica em hornblenda do que a primeira, o que vê pelos resultados das analyses. Como se verificou ao microsco- , a hornblenda era muito pura, o que n'este caso podia compre- ıder-se porque ella formava maiores individuos de $\frac{1}{2}$–2^{mm} de com- mento.

	Analyse do tufo	Hornblenda
$Si\ O_2$	50,05	39,96
$Al_2\ O_3$	20,98	16,91
$Fe_2\ O_3$	2,12	3,42
Fe O	4,05	8,86
Ca O	4,12	15,94
Mg O	1,65	6,03
$Na_2\ O$	8,43	9.01
$K_2\ O$	6,19	—
Perde a calcinação	4,35	101,13
	101,94	

Esta hornblenda contém muito pouco acido silicico e portanto não pode ser considerada como arfvedsonite.

Tambem pode designar-se como phonolithe com hornblenda uma rocha de declive léste do Monte Gracioso que mostra ao microscopio muitas agulhas de hornblenda de côr castanha, claramente pleochroiticas, com bem pronunciadas fissuras e que apresenta egualmente alguns crystaes de augite de cor verde clara. Ha muito mais nephelina que orthoclase em gemeos de Carlsbad ou em individuos simples. A plagioclase é muito rara.

(Continúa) *Dr. C. Dœlter*

Traduzido do allemão por Eugène Ackermann

MITRAS LUSITANAS NO ORIENTE

(Continuado de pag. 186)

121) 1809 Maio 14. *Circular.* 1 Prohibe que se administre a extrema-uncção aos que, ao mesmo tempo se não confessarem ou o não tiverem já feito pela paschoa; nem se dê sepultura em sagrado aos que morrerem sem este sacramento. Diz aos parochos confidencialmente que podem absolver e ungir, os que constar certamente que pediram por si a confissão, ou perguntados se a querem, responderem: sim; ainda que no momento se não possam confessar: no qual caso não será sepultado o defunto, sem que seus parentes paguem a multa costumada, ou cumpram por elle a penitencia na forma decretada: se isso não puder executar-se sem inconveniente, o parocho avisa-o logo. 2 As multas que se impõe aos inconfessos, não podem ser commutadas em missas, apropriando o parocho a si o dinheiro, pois que por disposição dos canones, quem applica a si a multa é obrigado a restituir em dobro: deduzindo pois o estipendio da missa, a despesa de cêra, etc., deve dar ao resto da quantia o destino devido.

122) 1809 Junho 24. *Circular.* Diz que havendo mais de 3 annos que está governando este bispado, apesar das providencias adoptadas se afflige pelo achar tão confuso e desolado, que apenas n'elle conhece um esqueleto do outr'ora tão afamado bispado de Cochim; e se bem conhece a sua fraqueza, não se julga dispensado de ainda trabalhar por evitar sua total ruina. Entre as causas da decadencia, aponta a falta d'um seminario, para a criação dos mancebos que queiram consagrar-se ao estado ecclesiastico: lamenta que alguns moços vão ao seminario de Verapoly, ganhar ahi com a educação o amor aos interesses dos missionarios estrangeiros, diametralmente oppostos aos d'este bispado e do padroado portug. (30).

(30) Depois de se despedir da diocese de Cochim parece que esqueceu este *prelado a doutrina tão repassada de patriotismo* que inculcava n'esta circular; em Portugal envidou todos seus esforços — testificam-no os *Annaes da prop. da fé*. Lisb 1840 n.º 68 prologo e p. 81 e 82, — já para promover n'este a maior colheita possivel de esmolas, em prol da associação da propagação da fé instituida em França, da qual collecta não podia elle ignorar que não participavam minimamente as missões do padroado portug. mas toda reverte em beneficio das mis-

om muito trabalho diz que tem fundado a suas expensas, não sa para sua residencia (31), mas outra em forma que n'ella assisjá 12 seminaristas com seu mestre, debaixo dos regulamentos riptos pelo concilio Tridentino, e elle intenta ampliar esta casa; acha-se embaraçado para fazer pontualmente o pagamento prodo ao mestre, que o merece pelos seus talentos e pela exactidão que desempenha o seu officio, por não terem contribuido para lespesa os que o haviam promettido. Diz que não ignora ser-lhe tado pelas leis ecclesiasticas, quotisar a este fim os beneficiados ocese, mas isto lhe repugnava; vê-se porém agora forçado a fapor circumstancias, e quer que cada parocho contribua com uma ena quantia, só para pagamento do mestre do seminario. Segue ıta do rateio. Manda que remettam estas taxas (importantes em 'p.), em dezembro de cada anno, a elle governador ou ao mestre minario: não duvida (diz) estejam por isso os parochos, convende que elle solicita esse dinheiro, antes como esmola para obra ia, do que como contribuição, e tambem não durará muito tempo, cessará logo que se não careça d'este soccorro.

23) 1810 Janeiro 5. *Portaria.* Manda pelo parocho da egreja . proceder ao inquerito, sobre as representações e farças ao gentilico ahi feitas, contra as ordens vigentes, e se leia e pue na egreja o termo respectivo, advertindo a todos que, se não em impedir os divertimentos honestos, não se pode consentir os ıe tantos males surdem.

24) 1810 Fevereiro 28. *Circular.* Avisa aos parochos que elle leixar as dioceses de Cochim e Cranganor, de cujo governo esencarregado, e seguir viagem para Goa inesperadamente, posto ieja sua intenção não desistir d'este governo senão ali: despedeos parochos e dos christãos, deixando-lhes este testemunho do o que lhes consagrou, e de agradecimento pelos esforços que cada ez pelo ajudar: pede que lhe perdôem as offensas que d'elle harecebido; dos parochos affirma que, com pequena excepção, não ı na sua vida particular senão motivos de consolação.

810—*P. Francisco de Miranda*, nom. vigario geral do bispado, ırov. do governador episcopal fr. Thomaz de Noronha de 27 fev.: u o logar desde 7 março até 29 abril.

1810—*Fr. José da Virgem Maria da Porciuncula*, francisc., por prov. archiep. de 24 março governador bispado; posse a 29 ; suspenso por portaria archiep. de 13 junho 1811.

ıstranjeiras, cujos interesses são «diametralmente oppostos aos deste lo e do padroado portug. já para fazer publicar vertidos do francez, sem tivo algum, os ditos *Annaes* em que tambem elle não desconhecia, são los injustamente os padroadistas em geral, e os missionarios portug. de specialmente (a quem esta circular era dirigida), de desobedientes á s. sé, maticos!!

l) Essa casa, fundada perto do hospicio d'Olicare no predio «Talaven-To- i demolida em 1879 por estar arruinada, servindo-se dos poucos materiaes itaveis para se reedificar o dito hospicio. O referido predio havia o mes- 'ernador episcopal comprado por 2:000 rupias, e deixado por escriptura para fruição dos seus successores com alguns encargos.

Expediu as seguintes circulares:

125) 1810 Maio 14. *Circular.* Annuncia a sua nomeação para governador episcopal d esta diocese, aponta as faculdades que lhe foram concedidas para o bom desempenho do seu ministerio; manda que os parochos e christãos o reconheçam por tal e obedeçam sob pena de excom. e pena pecuniaria: recommenda aos parochos que prosigam diligentemente na cura das almas, etc.

126) 1810 Maio 22. *Circular.* Absolve os parochos da contribuição posta por seu antecessor, para manutenção do seminario, o qual diz nunca existiu, e que assim se denominava, não passa de ser escola de latim, sem as condições proprias de collegio ou seminario: comtudo diz que quer conservar esta escola á sua custa, e ainda por si mesmo dar lições de logica, embora os alumnos não queiram seguir a vida clerical; para pagamento do mestre de latim, podem os parochos contribuir, querendo, mas por isso não creiam obsequiar a elle governador.

127) 1810 Maio 22. *Circular.* Censura que os parochos não tenham enviado os esclarecimentos exigidos, sobre o andamento dos negocios das egrejas; e estranhando que alguns discolos estejam semeando más doutrinas no bispado, fica de dizer em breve o que se ha de fazer: entretanto exige a folha de contas das multas cobradas no anno findo.

128) Julho 10. *Circular.* Diz que vae visitar as egrejas, exhorta a todos a que lhe alcancem de Deus a necessaria graça, para cumprir este seu dever, de modo que a visita redunde em proveito dos christãos; na visita lhe não encubram os culpados, nem por odio accusem os innocentes, mas digam o que souberem para se applicar ao mal o remedio conveniente. Para constar aos visitadores das egrejas o que foi ordenado nas visitas anteriores, haja em cada egreja um livro especial a estes fins, e os parochos tenham limpos o rol de christãos, os livros das contas da fabrica, do inventario...

129) 1811 Maio 27. *Circular.* Para satisfazer a requisição do governo de Travancor, exige dos parochos uma nota declarando o numero de egrejas matrizes e filiaes da sua missão, a população christã a seu cargo e o numero de infieis convertidos em cada anno.

1811 *Fr. Domingos da Conceição*, francisc., interinamente encarregado do governo do bispado por portaria archiep. de 13 junho: administrou esta diocesse desde 15 ag. até 24 nov., conjunctamente com a de Cranganor. Expediu a seg.

130) 1811 Agosto 16. *Circular.* Diz que sobre seus hombros curvados com o peso do governo espiritual de Cranganor cahiu nova cruz, a do governo de Cochim: confessa a exiguidade de suas forças para expedir tantos negocios das duas dioceses, mas obedecendo á vontade de Deus, acceitou o encargo: pede a coadjuvação dos parochos, para bem desempenhar as funcções inherentes ao seu officio, do qual tomou posse no dia antecedente, e manda que todos reconheçam a elle por governador d'este bispado, pae e pastor que ha de acudir a todas as suas necessidades: os exhorta a que vivam com caridade, e acalmem os rigores da divina justiça. Confirma as faculdades concedidas aos parochos...

—*Fr. Manuel de S. Joaquim*, ex-vigario geral da congr.
n Goa: nom. governador do bispado por prov. archiep. de
posse a 24 nov; presidiu até 1 dez. 1817.
já a transcrever summariamente as ordenanças por elle pro-

1811 Novembro 24. *Circular.* Annuncia a sua nomeação
nador d'este bispado, que tomou posse; o que os parochos
christãos; recommenda muito aos parochos instruam seus
s na doutrina christã, e nas maximas do evangelho; con-
.culdades... Exige dos parochos os seg. esclarecimentos:
rejas e capellas estão debaixo de sua superintendencia, seu
confrarias e legados pios n'ellas ha, de qual modo são ad-
i as fabricas das egrejas e capellas, que bens moveis e im-
is possuem, que festas principaes se celebram, qual a po-
parochia, e quantos ecclesiasticos ha n'ellas emprega-

1812 Março 16. *Circular.* Lomenta que alguns parochos
·m de cumprir os seus deveres de pastores d'almas, e se li-
:amente a promover os seus interesses privados, multando
es em casos alheios ao foro ecclesiastico, attrahindo por
a aversão dos seus parochianos, e a animadversão dos ma-
ivis, o que diz é resultado do esquecimento das leis e es-
cesanos. Para atalhar este mal manda: 1 que se observem
leterminações do bispo D. José da Soledade, sob as penas
minadas; 2 idem as do seu antecessor fr. Thomaz de No-
·speito das gerencias dos cofres e fabricas, e a contribuição
ninario; 3 revoga as ordenanças dos governadores do bis-
arias ás prescripções do bispo Soledade e do governador
idverte aos parochos que hão de ser punidos rigorosamente os
m á observancia da legislação sobredita, e premiados os
xactamente a cumprirem. Suscitando a observancia do dec.
bispo de 30 julho 1789, manda que os parochos sob p: de susp.
am em 20 dias, o producto das multas por qualquer titulo
cobradas, ameaçando com castigo os que n'isto forem in-
futuro remettam producto de multas, em janeiro de cada
o com contribuição para o seminario, o qual vae restabe-

ipa aos parochos que falleceu em Goa o arcebispo Sta. Ca-
manda fazer nas egrejas signaes e suffragios por sua alma:
virtudes que adornavam o finado prelado, cuja morte foi
:anteada em Goa; e espera que Deus o tenha levado a si para
ial remuneração como aos Borromeus, Sales, Bartholomeu
·es e outros grandes prelados a quem elle imitou.
.813 Setembro 9. *Edital.* Diz que não foi visitar as egrejas
), por esperar que viria bispo sagrado que o fizesse com
·eitamento dos christãos; mas como o tempo vae-se prolon-
s abusos multiplicando, rompidas as difficuldades que se
está resolvido a ir com o divino auxilio percorrer as fre-
nanda que os parochos preparem convenientemente os que

houverem de ser chrismados, promptifiquem as contas e inventarios das egrejas e irmandades, etc.

134) 1816 Outubro 7. *Circular*. Para ser fielmente comprido remette aos parochos por copia o decr. de 15 fev. 1792 do bispo Soledade, pelo qual se lhes prohibiu mudarem a seu arbitrio os officiaes da egreja, e a este servirem sem approvação do prelado e provisão.

1817 — *D. Fr. Thomaz de Noronha*, eleito bispo de Cochim; em virtude da c. r. de 6 dez. 1816 foi nom. pelo cabido de Goa governador do bispado de Cochim: entrou no governo da diocese a 1 dez. 1817: em 9 dez. 1820 foi a Goa receber a consagração episcopal. Expediu as ordenanças que seguem:

135) 1817 Dezembro 2. *Circular*. Annunciando a sua eleição em bispo de Cochim, diz que por c. r. de 6 dez 1816 *(recebida estando elle em Goa)*, lhe mandou el-rei fosse logo administrar esta diocese, com o poder, titulo honras e prerogativas de bispo, e aqui ficasse esperando as bullas de confirmação; em obediencia ao qual mandato regio largou o provincialado que em Goa occupava, e veiu tomar conta do governo d'este bispado: o que os parochos avisam aos christãos.

136) 1818 Janeiro 16. *Circular*. Reprova que alguns missionarios por comprazer com os desejos dos christãos, usem de traje ridiculos e singulares; o sacerdote deve vestir camisa, calções, meias, sapatos de coiro ou panno, vestido talar fechado ou abotoado e não aberto, o qual nas missões do interior será branco, cabeção branco ou colarinho pegado ao vestido com botões: aconselha que se traga um cinto para segurar o vestido atado em laço pela parte anterior. Nada d'orelhas furadas, nem bonet encarnado, mas sim uma cobertura branca, como uma copa ou chapéu forrado de panno branco.

137) 1818 Junho 27. *Circular*. Lembra que ordenou na visita feita em 1808 ás egrejas do bispado, se elegesse o mordomo da egreja no principio de cada anno; o que os parochos não tem observado, pelo que os faz responsaveis diante de Deus; elles são obrigados a restituir o que por sua negligencia deixam furtar aos mordomos perpetuos, e ficam sujeitos ás censuras ecclesiasticas: lamenta o estado deploravel em que se acham os cofres das egrejas, pela inobservancia d'aquella sua recommendação: sob p. d'excom. se observe pois o seu decr. de 16 ag. 1808 relativo á eleição annua de mordomo, e ao modo de gerir os cofres. No fim de cada anno os parochos lhe remettam as contas da receita e despeza das fabricas, com rol dos christãos.

(Continúa)

P.^e Casimiro Nazareth.

27.ª Série — 1909 N.º 7 — Julho

BOLETIM

DA

Sociedade de Geographia de Lisboa

FUNDADA EM 1875

SUMMARIO

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
Rua do Diario de Noticias, 110

1909

27.ª Série — 1909 N.º 7 — Julho

Director, proprietario e editor—*Sociedade de Geographia de Lisboa*—Rua de Santo Antão—Lisboa
Composição e impressão na **Typographia Universal**
pertencente a Coelho da Cunha, Brito & C.ª — rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

SVEN HEDIN

Illustre Explorateur Suédois

De toutes les régions asiatiques mal ou vaguement connues le Tibet, jusqu'à ces derniers temps, était assurément celle qui semblait tenir «le record» en bravant les tentatives audacieuses et les efforts presque désespérés des explorateurs.

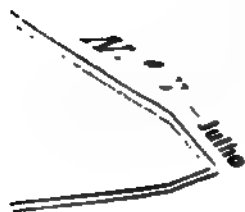
Contrée bien étrange, immense, désolée, mystérieuse, s'espaçant entre l'Inde et la Chine, à laquelle la rattachait un lien plutôt lâche d'imprécise vassalité, contrée, si stérile et dénudée soit-elle, disputée à la fois par les ambitions rivales du Colosse moscovite, de l'avide Albion et de l'astucieux Fils du Ciel.

Géographiquement le Tibet est représenté par un énorme trapèze accidenté, formidable plateau glacé, surgissant de 4 à 5.000 pieds au-dessus du niveau de la mer, à une vertigineuse altitude et d'où émergent de gigantesques massifs déchiquetés et des pics colossaux aux neiges éternelles.

Bref, le Tibet [1], appelé par les Chinois *Si-Tsang* ou *Tsang* de l'Occident, constitue une des régions les plus inaccessibles et les plus lugubrement désolées du globe, citadelle presque inexpugnable, défiant l'escalade de l'envahisseur, contre lequel paraissent se liguer et la nature et l'homme, c'est-à-dire l'indigène.

«Mille difficultés, a écrit le voyageur russe, le colonel Préjvalski, «dans son célèbre ouvrage *La Mongolie et le pays des Tangoutes*, «attendent dans ces régions le voyageur européen. La raréfaction «de l'air, résultant de l'énorme altitude, épuise ses forces et celles «des animaux. Les brusques variations de la température, les froids,

[1] On rencontre le mot Tibet vers le v^e siècle dans les annales chinoises sous la forme de *Tou-bat* et plus tard sous celle de *Tié-bou-té*, *Tou-boté*. Les Mongols l'appellent *Tubeut* ou *Tœbœt*. Les voyageurs arabes employaient la désignation *Al-Tubbet* et *Al-Thabat*. Marco Polo dit *Tebot*.

une mission, quatre Capucins, qui réussirent chapelle, dont la cloche est encore conservée l'opposition des Lamas la fit abandonner, et, ucin toscan Orazio della Penna, auteur d'une oyaume de Tybet (1730), «avec des larmes ner le dos à Lhassa et renoncer au doux rêve regrettables démêlés s'étaient d'ailleurs t certains Jésuites, par exemple les P. Manoel Freyre, Portugais, qui, sous ystérieuse, séjournèrent 13 ans dans

rier hollandais Samuel Van der 4 et 1735, parvint à se frayer, On ne peut que déplorer la d'ordonner la destruction rées par lui sur le Tibet. ouver une perte scien- lité des notes d'un voyageur, comme

es noms de trois e tibétaine. Ce sont M. des Indes, le lieutenant Sa- de ce siècle, le Dr. Thomas Man- aliste — qui malheureusement ne laissa ation que des notes absolument dépourvues 1839, le Hongrois Csoma de Kôrsô visita seu- Ladak; c'est le premier Européen qui, sur les dié la langue tibétaine.

vons rappeler la mémoire des deux missionnaires Evariste Huc et Joseph Gabet, qui atteignirent y demeurèrent sept semaines. Le premier a donné exploration intitulée: *Souvenir d'un voyage dans bet.*

es, les savants pandits hindous, envoyés en mis- gouvernement de Calcutta, eurent la chance d'en- Maïn-Singh en 1866 et 1875; un autre, A. K., en t Soriat Chandra Dass, directeur d'une école à), qui a accompli deux voyages en 1879 et 1882, iloumpo et le deuxième au lac Palté et à Lhassa. Bengale a tenu à publier, sur les résultats de ces x rapports: *Narrative of a journey to Lhassa* et *ourney round lake Palti, in Lhoka, Yarlung and*

'erceval Landon, correspondant spécial du *Times*, ch. xvi, p.

lui qu'une carte manuscrite, conservée précieusement dans lbourg, en Zélande.

«les bourrasques, l'absence de combustible, l'insuffisance du fourrage, «l'âpreté des défilés à travers les montagnes, tels sont les premiers «obstacles contre lesquels il faut lutter. Ajoutez la population mé«prisante, même hostile envers tout étranger, la tracasserie et la «mauvaise foi des autorités locales».

De son côté, F. Grenard [1], un Français celui-là, ne donne pas du pays, comme maudit, une description plus flatteuse (?), lorsqu'il écrit: «Terre dure et avare qui ne livre qu'à regret un peu de pain aux «malheureux qui l'habitent. Auprès de cette contrée les plus sauva«ges cantons de la Suisse ressemblent à des parcs de plaisance!»

Les monts Kouen-Loun au nord, les colossales chaînes de l'Himalaya au sud, appelé *Toit du Monde*, *Degré du Ciel*, *Séjour des Dieux*, pittoresques sobriquets nullement usurpés, constituent les remparts septentrionaux et méridionaux qui bordent majestueusement le redoutable plateau tibétain.

Aussi compte-t on les hardis pionniers qui, au péril de leur vie, se sont hasardés dans ces steppes perdues, sauvages, presque incultes, pendant la moitié de l'année couvertes de neiges ou noyées par des pluies diluviennes, où sont maigrement disséminées des populations mongoles superstitieuses, fanatiques, essentiellement *xénophobes*, enfin adonnées à la polygamie et à la polyandrie. Le Tibet, c'est un autre «Royaume Ermite», avec ses prodigieuses *Lamaseries*, ses bizarres couvents, ses anachorètes passant une partie de leur vie dans les caves, avec ses Dalaï-lamas ou chefs spirituels aux fantastiques incarnations, avec ses «moulins à prières» et ses pèlerinages de dévôts rampant une année entière ou usant leurs genoux autour des lieux saints, autour des montagnes sacrées!

Lhassa, «la Mecque» tibétaine du bouddhisme, reste rigoureusement fermée aux étrangers de l'Occident; c'est tout au plus si en quatre siècles, jusqu'à la fameuse expédition anglaise du colonel Younghusband en 1904, une douzaine de missionnaires chrétiens sont parvenus à s'y glisser.

Le premier Européen qui passa par le Tibet fut le moine Odoric de Pordenone, Frère Mineur [2], qui l'aurait visité vers 1325, mais sans parvenir jusqu'à Lhassa. Trois siècles plus tard le missionnaire portugais Antonio Andrada, Jésuite, parcourut les parties Ouest et Nord du Tibet (peut-être y ayant pénétré par la région du lac Manasarobar) et traversa toute la région depuis le Tchabrang à l'Ouest jusqu'au Tangout et à la Chine proprement dite à l'Est. Vers 1661, deux autres Jésuites, Jean Grüber de Linz et le P. d'Orville, entraient clandestinement dans la «Cité interdite» et Astley dans sa *Collection of Voyages* a donné de curieux extraits de la narration du premier.

En 1708 la Propagande envoya des Indes à Lhassa par Katmandu

[1] *Le Turkestan et le Thibet.*

[2] Cet Italien décrit le royaume de *Tybot* (dans quelques manuscrits *Riboth*) «subgiet au grand Caan», dont les habitants demeurent en «tentes de *feutre* (feutre) noir». — Odoric de Pordenone, édition Cordier, ch. XXIX, p. 450.

;, pour fonder une mission, quatre Capucins, qui réussirent y élever une chapelle, dont la cloche est encore conservée e ville [1]; mais l'opposition des Lamas la fit abandonner, et, il 1745, le capucin toscan Orazio della Penna, auteur d'une *tizia* sur le royaume de Tybet (1730), «avec des larmes yeux, dut tourner le dos à Lhassa et renoncer au doux rêve ait caressé!» De regrettables démêlés s'étaient d'ailleurs tre les Capucins et certains Jésuites, par exemple les P. Desideri, Italien, et Manoel Freyre, Portugais, qui, sous sements et de façon mystérieuse, séjournèrent 13 ans dans Sainte».

siteur suivant fut l'aventurier hollandais Samuel Van der ui, à deux reprises, entre 1724 et 1735, parvint à se frayer, a route jusqu'à Lhassa même. On ne peut que déplorer la idée qu'eut ce voyageur original d'ordonner la destruction nort de toutes les annotations rédigées par lui sur le Tibet. ; difficile, a écrit M. P. Landon, de trouver une perte scien- comparable à l'immolation de la totalité des notes d'un qui était si distingué à la fois comme voyageur, comme et comme explorateur érudit».

entre les années 1774 et 1812, on trouve les noms de trois ui ont entamé plus ou moins l'énigme tibétaine. Ce sont M. ogle, scribe de la Compagnie des Indes, le lieutenant Sa- ier et, au commencement de ce siècle, le Dr. Thomas Man- athématicien et orientaliste — qui malheureusement ne laissa gereuse exploration que des notes absolument dépourvues De 1825 à 1839, le Hongrois Csoma de Kôrsô visita seu- pays de Ladak; c'est le premier Européen qui, sur les es, ait étudié la langue tibétaine.

e, nous devons rappeler la mémoire des deux missionnaires français Evariste Huc et Joseph Gabet, qui atteignirent 1846 et y demeurèrent sept semaines. Le premier a donné n de son exploration intitulée: *Souvenir d'un voyage dans e et le Tibet.*

tre reprises, les savants pandits hindous, envoyés en mis- e par le gouvernement de Calcutta, eurent la chance d'en- Lhassa: Maïn-Singh en 1866 et 1875; un autre, A. K., en is surtout Soriat Chandra Dass, directeur d'une école à (Sikkim), qui a accompli deux voyages en 1879 et 1882, à Tachiloumpo et le deuxième au lac Palté et à Lhassa. neur du Bengale a tenu à publier, sur les résultats de ces is, deux rapports: *Narrative of a journey to Lhassa* et *of a journey round lake Palti, in Lhoka, Yarlung and*

ı, par Perceval Landon, correspondant spécial du *Times*, ch. xvi, p.

reste de lui qu'une carte manuscrite, conservée précieusement dans Middelbourg, en Zélande.

N'oublions pas les noms des explorateurs russes Roborovsky, Kozlov, Pevtsov et surtout l'illustre genéral Prjévalski[1], auteur du magnifique ouvrage *Mongolie et Pays des Tangoutes*, qui parcourut le Tibet central et fut malheureusement arrêté, à la traversée du massif de Tungla, soit à 260 kilomètres de la «Ville interdite».

Nous arrivons aux intrépides voyageurs français : Bonvalot «qui, «comme l'a dit Sven Hedin, a montré la voie aux voyageurs de l'Oc«cident» ; Capus ; le vaillant et regretté prince Henri d'Orléans, ravi trop tôt à la Géographie ; l'infortuné Dutreuil de Rhins, tué lâchement par les Tibétains en 1894 sur le Yang-Tsé ; son courageux compagnon Grenard ; puis l'Anglais Littledale et son neveu Fletcher qui réalisent de nouvelles découvertes. M. Rijnhart, un autre téméraire explorateur, a disparu en 1898 au Tibet sans laisser aucune trace. L'année suivante, le bouriate Tsybikov fut envoyé dans la mystérieuse contrée par le gouvernement de Saint-Pétersbourg.

Enfin, dans ces derniers temps, nous avons encore à citer l'Américain Rockhill, l'Anglais Bower, de l'Etat-Major de l'Inde, Madame Massieu, au viril courage, le commandant d'Olonne, dont on connaît les superbes explorations en Chine et au Tibet, que Sven Hedin n'a pas hésité à qualifier de *remarquables et mémorables*.

Tous ces intrépides voyageurs ont assurément rivalisé au Tibet de vaillance et d'audace ; mais, sans conteste, l'explorateur qui a déchiré le voile épais recouvrant une partie considérable de cette région, celui dont les prodigieuses découvertes dans cette «Nuit Asiatique», comme celles de Stanley «dans les Ténèbres de l'Afrique», ont étonné le monde, c'est le Suédois Sven Hedin, que le 8 mars dernier la Société de Géographie de Paris, en séance solennelle à la Sorbonne, a reçu, fêté et applaudi avec enthousiasme.

Sven Hedin est né à Stockholm en l'année 1865 ; il ne compte donc que 44 ans, et c'est déjà le cinquième grand voyage qu'il vient d'accomplir. Il peut paraître intéressant de rappeler comment se sont développés, dès son jeune âge, le goût des aventures et la passion de l'inconnu chez le futur découvreur du *Transhimalaya*.

«C'est avant tout, a-t il dit, la lecture de Stanley et de Living«stone qui m'a décidé. Etant encore enfant, je rêvais de suivre leur «bel exemple, et ma vie se passa à réaliser ce rêve ! Je n'avais pas «encore quitté l'école quand j'assistai à la réception splendide qui «fut faite à mon compatriote Nordenskjold. Ce fut là l'*impetus* qui «me poussa en avant». Le jeune homme suivit, à la célèbre Université d'Upsala, les cours de géographie et de géologie pour se préparer à la mission qu'il avait le dessein de remplir.

Une occasion inespérée s'offrit au bouillant étudiant d'aller à Bakou, sur la Caspienne, à titre de professeur chez M. Nobel, de la grande famille suédoise, si connue par les prix qu'a fondés le richissime et généreux Mécène de ce nom. Il y passa six mois, et, comme

[1] Né en 1839, mort en 1888 à Karakol (Turkestan russe), ville qui porte aujourd'hui son nom, *Prjévalski*, par ordre du Tsar.

› trouvait à proximité de l'Asie, il en profita pour entreprendre
excursion en Perse, et c'est ainsi que le jeune homme, brûlant
narcher sur les traces des grands explorateurs, fit ses premières
es à travers cette merveilleuse contrée que Pierre Loti a décrite
son magique talent dans cet adorable poème en prose: *Vers
han!*
Sven Hedin n'était pas riche alors; pour toute fortune il n'avait
n millier de francs; mais, si son pécule était petit, grande était
énergie et plus vaste encore sa noble ambition. En sens inverse
oyageur académicien, il parcourut la Perse du Nord au Sud, de
éran vers Ispahan, Chiraz et le golfe Persique. A cause de ses
iques ressources, il allait seul, sans caravane ni escorte, avec un
maváder, simple muletier changé à chaque relais.
Cinq ans plus tard, grâce à la générosité du roi Oscar II qui
éressait à l'avenir d'un de ses plus intrépides sujets, Sven Hedin
idmis à accompagner à Téhéran une mission diplomatique. Avec
inlassable patience le Suédois se mit à apprendre non seulement
usse, mais encore plusieurs idiomes asiatiques, entre autres le
, le persan, le *yagataï*, dialecte très répandu en Asie centrale et
devait lui être plus tard d'un grand secours.
Puis commence l'extraordinaire série de ses cinq grands voyages,
poursuivant presque sans répit pendant vingt ans et couronnés
succès, Dieu sait au prix de quels opiniâtres efforts, de quelle
eilleuse intrépidité, de quel magnifique héroïsme!
S'il est vrai, comme l'a dit M. le Gouverneur général Roume,
recevant cette fois-ci le voyageur suédois à la Sorbonne, que le
ie soit une longue patience, comment qualifier la persévérance
sionnée dont Sven Hedin a fait preuve au cours de plus de neuf
iées consacrées à l'exploration de ces plateaux, tour à tour brû-
ts et glacés, de ces sommets redoutables que les plus hautes ci-
s des Alpes, surmontées des pics les plus élevés des Pyrénées,
parviendraient pas à égaler?»
Son premier voyage d'exploration d'Orenbourg à Pékin par le Tur-
in, le Pamir et les Steppes Kirghizes, lui prit en tout quatre an-
, de 1893 à 1897. Les débuts de Sven Hedin dans l'aventureuse
ère de l'explorateur se révélèrent par des coups de maître et les ré-
ts géographiques obtenus par lui eurent une importance capitale.
Le voyageur suédois, a dit en 1903, en les résumant, M. Gran-
ier, de l'Institut, alors président de la Société de Géographie
Paris), a parcouru les plateaux neigeux du Pamir, franchi les
nts Alaï, gravi jusqu'à une hauteur de 6.300 mètres, les pentes
cées du Mouz-tag-Ata, «le père des monts de glaces». Se lan-
t ensuite en plein inconnu, il a pénétré au péril de sa vie dans
Takla-Makane, vaste désert d'où toute vie est absente, où il n'y a
d'eau, où des vents violents ne cessent de soulever des vagues
sable, menaçant à tout moment d'ensevelir les voyageurs. Ce fut
idant vingt-cinq jours, à travers ces horribles solitudes, une
rse folle et pleine de périls jusqu'au Khotan-Daria, où la cara-
ie trouva l'eau qui, depuis cinq jours, lui faisait complètement

«défaut. Dans cette traversée M. Sven Hedin a perdu deux de ses «compagnons, tous ses bagages, tous ses instruments et tous ses «chameaux, et, s'il a échappé et fait échapper son escorte à la plus «terrible des morts, il le doit à son énergie indomptable qui a exalté «la force morale de ses compagnons!»

Bel éloge, bien mérité à tous les titres!

Après cette dure odyssée Sven Hedin se résigna enfin à prendre quelques mois de repos, certes bien gagné. Puis l'infatigable voyageur se remit en route pour tenter l'exploration de l'Hindou-Kouch, abordant le chemin suivi 600 ans auparavant par Marco Polo [1], le fameux voyageur vénitien du Moyen-Age, et il atteignit Pékin, traversant un immense désert, où il fit la découverte des ruines de plusieurs cités antiques, que, sous la constante action des vents, les sables à la longue ont ensevelies.

Le second voyage du Suédois ne devait pas être moins fécond en superbes découvertes; il eut pour but le Turkestan et le Tibet, le Tsar ayant mis à la disposition de l'explorateur scandinave une escorte de quatre cosaques. En voici à grandes lignes les principaux résultats: la détermination complète du cours des fleuves le Yarkend-Daria et le Tarim inférieur, qu'il descendit en radeau jusqu'aux environs du grand lac le Lob-Nor, un des derniers vestiges du Si-Haï, la Mer Occidentale, «ancienne Méditerranée de l'Asie Centrale», dont le grand géographe allemand Richtofen a évalué la superficie à deux millions de kilomètres carrés, et qui, depuis la visite de Marco Polo, n'avait été revu que par deux explorateurs: le Russe Prjévalski et Bonvalot, ce dernier à la tête d'une mission française.

Sven Hedin eut le mérite de constater qu'à l'extrémité du fleuve Tarim, couvert de roseaux, s'étendaient deux bassins, l'un complètement sec et correspondant au lac indiqué sur les cartes chinoises, l'autre, plein d'eau et situé au Sud du premier, était le vaste réservoir lacustre entrevu par Prjévalski. Ainsi le Lob-Nor s'était bien effectivement déplacé et les assertions du voyageur russe se trouvaient confirmées de la sorte.

Puis Sven Hedin découvrit une vieille ville chinoise du IIIe siècle, sur les bords du fond desséché de l'ancien Lob-Nor, qui, comme l'a reconnu et écrit le prince Henri d'Orléans, n'existe plus.

«D'ailleurs, l'apport du Tarim diminue d'année en année, a justement observé le fils du duc de Chartres, et on peut prévoir le temps «où le désert aura recouvert de son linceul de sable, que les histo«riens ne peuvent soulever, l'emplacement d'Abdallah, de Vupelu«kan et d'Eurtin. Cette région si curieuse, d'autres ne la verront «plus après nous, ajoute avec mélancolie le prince explorateur, au«teur du bel ouvrage *De Paris au Tonkin par terre*».

Enfin, Sven Hedin traverse les quatre chaînes parallèles de l'Arka

[1] Marco Polo parle du Tibet, bien qu'il ne l'ait pas visité. Voici son appréciation peu flatteuse sur les Tibétains: «Il sunt maint grant larrons... Il sunt mau custumés», etc.

Ch. cxvi, de l'édition de la Société de Géographie de Paris.

'ag, dont les vallées ont une altitude supérieure à celle du Mont ›lanc, et part pour le Tibet qu'il parcourt jusqu'au Tengri Nor, où ı résistance des autorités tibétaines contraint la caravane à se diri-'er par un itinéraire nouveau vers le Ladak et l'Inde.

La dernière série des grands voyages de Sven Hedin, ayant le ?ibet pour objectif principal, a duré trois ans et trois mois et a commencé au mois d'août 1906. Le Suédois avait projeté au début l'aborder par l'Hindoustan le pays des Lamas; mais, les plateaux ;ibétains depuis l'expédition anglaise à Lhassa étant devenus plus impénétrables que jamais et les autorités chinoises ou indigènes ar-çêtant impitoyablement tous les voyageurs, Sven Hedin recourut à la ruse et fit d'abord semblant de prendre la direction du Turkestan; puis, une fois enfoncé dans les régions désertiques, il changea brus quement d'orientation et piqua droit vers l'Est, soit au cœur même du Tibet. «Le désert, a-t-il dit, la steppe immense et glacée dans «laquelle ma caravane disparut comme un petit canot sur l'Océan, «fut ma meilleure sauvegarde!»

Sven Hedin s'avançait avec une caravane composée de 36 mules et 56 poneys, dirigée par le fameux Mohammed Içа, qui avait successivement accompagné les Carey, les Dulgeisch, les Dutreuil de Rhins, les Younghusband, les Ryder et les Rawling. C'est alors que l'explorateur eut à lutter contre de terribles difficultés de toutes sortes: formidables tourmentes de neiges, épouvantables tempêtes de vent; en deux jours onze mules et deux poneys périrent; le thermomètre descendit à 38° centigrade au dessous de zéro! Sven Hedin eut en partie les pieds gelés. Pendant trois longs mois les voyageurs, comme isolés du reste du monde, n'aperçurent aucune trace d'homme ou même d'être vivant! Enfin, harassée, épuisée, la caravane parvint à atteindre Chementso, où, grâce à des chasseurs nomades, elle put s'approvisionner de moutons et d'antilopes.

A diverses reprises, l'explorateur a maille à partir avec les autorités locales. A Semoku, par exemple, le gouverneur demande au voyageur pourquoi il est revenu dans le pays malgré la défense formelle qui lui en a été faite.

Brusquement interpellé, le Suédois répond: «Je vous aime trop; «je ne peux pas me passer de vous.—Il faut partir par la même «route, dit sur un ton impératif l'irascible fonctionnaire.—La loi «de mon pays me défend, réplique le voyageur têtu, de retourner «sur mes pas!»

Le gouverneur insiste, tout en usant de ménagements, car il sait que son hôte de marque est un ami du puissant et redoutable Tachi-Lama, qui, en 1907, l'a fort bien accueilli à Chigatsé; puis il exige que l'étranger s'éloigne.

Le madré voyageur renonce *en apparence* à son entreprise, mais [refuse de faire connaître son itinéraire de retour, qu'il exécute à ı guise, s'arrangeant de manière à couper deux fois en diagonale s régions montagneuses qu'il s'obstine à explorer.

Renvoyant la plus grande partie de sa caravane et en compagnie quelques domestiques, Sven Hedin poursuit sa route vers le lac

de Manasarobar, célèbre lieu sacré, où accourent, depuis l'époque reculée des Védas, d'innombrables pèlerins. Les Lamas l'ont qualifié de *Pays des Dieux!* En effet, l'Hindou croit fermement qu'un bain pris par lui dans le lac sacro-saint le prémunit à jamais du péché; de même un pèlerinage au Manasarobar et aux montagnes environnantes le garantit du purgatoire, et cette pieuse pratique lui assure, après sa mort, une place auprès des dieux, où la *Tsamba* succulente lui est servie dans des plats d'or. En outre, une petite rivière des plus pittoresques, dont l'onde pure comme le cristal alimente le lac, est aussi considérée par les Tibétains comme sacrée, et sur ses rives on remarque toutes sortes de bizarres reliques, d'oriflammes, de cornes, de multiples inscriptions comme autant de curieux ex voto.

Sven Hedin, alors fasciné par ce mystérieux Tibet qu'il trouve chaque jour plus étrange et plus énigmatique, est émerveillé des beautés de ce lac admirable, aux flots azurés, où nagent des milliers de cygnes, lac cerclé d'un majestueux cycle de monts altiers, aux cimes couronnées de neiges, dominé par l'imposante montagne du Kailas, qui vit s'abriter le premier monastère bouddhique, enfin comme nimbé de l'auréole des légendes hindoues, suivant lesquelles de ses flancs s'échapperaient les quatre fleuves divins : le Satledji, l'Indus, le Gange et le Tsan-Po. Saisi d'enthousiasme, le voyageur du Nord s'écrie sur un mode lyrique : «Jusqu'au jour de ma mort, je ne l'oublierai pas ce lac sacré; toute cette contrée vit dans mon âme «comme une légende, comme un poème !»

Mais la poésie avec ses enchantements ne faisait pas oublier à l'explorateur le but de son hardi voyage et il sut découvrir que la petite rivière si pittoresque représentait la source même du Satledji, que, par erreur, on croyait jusqu'à ce jour sortir du lac de Raskatal; il reconnut en outre que les eaux profondes du Tage-Tsangpo coulent sous terre, d'un réservoir lacustre à l'autre. Sven Hedin passa donc un mois sur les bords merveilleux du lac enchanteur le Manasarobar, et il eut de la peine, lui qui sortait de l'horreur des solitudes glacées, *à s'arracher à ces captivantes délices de* «la Capoue» tibétaine.

A Chigatsé le Suédois reçut pendant quarante-neuf jours l'hospitalité des plus cordiales du Tachi-Lama, le premier personnage dans la hiérarchie religieuse au Tibet après le Dalaï Lama de Lhassa, qui, lui, surnommé «Joyau de Majesté», est à la fois roi et dieu, Maître souverain de la vie et de la fortune de ses sujets. Libre de ses mouvements, Sven Hedin put à Chigatsé, grâce à l'intelligente affabilité du «saint personnage», assister à d'imposantes fêtes religieuses et même photographier non seulement des monuments d'une architecture si spéciale, mais encore des types si originaux de Lamas ou de nonnes et des groupes d'indigènes aux costumes si curieux.

Avec une nouvelle ardeur, l'inlassable voyageur se remit en route, prenant la direction du Nord en vue d'une exploration plus complète de l'importante province de Bongha; nous ne pouvons suivre Sven Hedin dans le méandre compliqué de ses longues, difficiles et dangereuses pérégrinations; nous résumerons plus loin les résultats saillants de cette expédition ou plutôt de cette rude «campagne» de plus

ɔis ans et qu'il acheva en rentrant enfin dans «le courant civi-
par Simla, résidence estivale du vice-roi des Indes.
ɔus avons fait allusion à l'hostilité persistante que les autorités
ines et les indigènes opposèrent aux efforts répétés de pénétra-
lu docteur suédois. Aussi, résolu à donner le change aux fonc-
ıires, l'astucieux voyageur eut-il souvent recours à plus d'une
ɔour leurrer leur méfiance. C'est ainsi que Sven Hedin, ayant
nt des mois renoncé à ses vêtements d'Européen, vécut affublé
sordide défroque de berger tibétain, poussant même l'abné-
ı jusqu'à s'enduire le visage, deux fois par jour, d'une cou-
e graisse noire. «Mais j'avais beau faire, déclara-t-il sans re-
, jamais je n'arrivai á être aussi sale que ces gens-là!»
ependant, pour duper plus complètement les soupçonneux Tibé-
qu'il rencontrait, le pseudo-pasteur ne manquait pas à leur vue
scendre de cheval et de se placer, comme le dernier des bergers
lus misérables, à l'extrémité même de son troupeau de mou-

Mais, ajoutait modestement et comme avec remords le faux pas-
, je n'ai aucun talent pour soigner les moutons et, par ma faute,
erdis un grand nombre de ces bêtes.» C'est grâce à ces subter-
que l'habile diplomate, qui avait plus d'un tour de bâton dans
ıac, réussit à combler tant de taches blanches qui, avant lui,
aient sur la carte du Tibet.
'après les propres déclarations de Sven Hedin, ses plus impor-
s découvertes au cours de son troisième voyage sont d'abord
des véritables sources du Bramapoutre et de l'Indus ainsi que
ırs oriental du Satledji, qui sort des lacs Manasarobar. Puis la
nce inconnue du Bongha a été deux fois traversée en sens dif-
t; mais, au-dessus de ces belles explorations d'une vaste portée
aphique, il faut placer la découverte de cette gigantesque agglo-
tion de montagnes qui constitue le massif le plus puissant et le
compacte du monde entier et dont la moyenne de hauteur, dé-
nt le niveau de la mer, est supérieure à celle d'Himalaya. Ses
ne sont pas plus élevés, mais ses cols ont une altitude supé-
: de 3:000 pieds en moyenne à celle des passes himalayennes.
xtrémités de cette formidable série de monts étaient seules con-
jusqu'ici, et c'est l'explorateur suédois qui a relevé la partie
ıle, elle la plus haute de toutes et située dans la province de
ha. Un fait demeure désormais incontestable, c'est que la région
bet, où l'on reste soixante-quatre jours sans rencontrer vestige
in et où l'on voyage pendant des semaines à des altitudes de
:000 mètres, est sans contredit, à l'exception des grands déserts
ɔle et des steppes polaires, le pays le plus désolé et le plus dés-
du monde.
lisée Reclus avait raison d'écrire en parlant du Tibet: «Terre
de loin le diadème des neiges étincelant au soleil fait appa-
e comme un pays d'enchantement, mais que les rares gravis-
s apprennent à connaître comme le pays de la froidure, des
mentes et des neiges!». Et l'illustre géographe d'ajouter avec

non moins de justesse : «De toutes les contrées du Royaume du Mi-«lieu le Tibet est celle qui s'est le mieux défendu contre les influen-«ces extérieures ; ce que fut jadis la Chine, le Tibet l'est encore : «un Etat presque inabordable ! Si le gouvernement tibétain a réussi «à prolonger l'isolement politique de son peuple, il le doit à la na-«ture et au relief de son sol».

Ajoutons que Sven Hedin a décidé de donner au colossal relief montagneux qu'il a découvert et qui bouche un des blancs les plus étendus que renfermait encore la carte du Tibet, le nom de *Transhimalaya.*

Mais l'explorateur suédois ne s'est pas borné à la description des *régions qu'il a traversées ; il a su exprimer* et nous rendre sensibles la sauvage grandeur et la sublime majesté des merveilleux paysages qu'il a contemplés. Il les a vus non seulement avec des yeux de savant mais encore avec un sens très artistique, en poète ému et ravi. Voici, par exemple, traduit avec élégance par M. Charles Rabot, explorateur lui aussi et géographe bien connu, le récit de l'ascension par Sven Hedin du mont Mouz-tag-Ata :

«La nuit est superbe. Dans un ciel d'un bleu sombre la lune se «lève, jetant des feux aveuglants, comme le reflet d'un bouclier «d'argent frappé par le soleil. L'œil étonné peut à peine soutenir «son éclat. Autour du campement c'est un extraordinaire scintille-«ment, un étincellement de milliards de petits cristaux de glace qui «brillent comme une poussière de vers luisants. Au milieu de ce «rayonnement blanc et tranquille l'escarpement situé de l'autre côté «du glacier de Yem-Boulak dessine sa colossale silhouette noire avec «une netteté parfaite, tandis que dans le fond du précipice l'énorme «courant de glace étend sa lividité cadavérique. Par moments résonne «une détonation sourde ou un tonnerre lointain, produit par la for-«mation d'une crevasse ou par le glissement d'une avalanche ; puis «tout redevient silencieux, de ce grand silence de nature morte qui «s'entend comme une harmonie poétique et qui peu à peu vous pé-«nétre et vous enveloppe en vous faisant passer un frisson d'effroi».

On voit par là que l'érudit explorateur se double à l'occasion d'un artiste et d'un poète.

Nous avons dit que le voyageur suédois avait terminé son odyssée par Simla aux Indes. De là il gagna le Japon où il fut fêté chaleureusement ; puis il se rendit à Saint-Pétersbourg, où le Tsar l'accueillit avec grande cordialité, l'Empereur de toutes les Russies prenant vif plaisir à écouter, dans son cabinet couvert de cartes du Tibet, les émouvants récits du hardi voyageur, dont la dernière exploration a valu à la science 230 échantillons de roches, 700 dessins panoramiques, la détermination de l'altitude de 800 points, enfin de nombreux renseignements sur les routes et le climat du Tibet, sur les tribus, les mœurs, la religion, les usages des indigènes.

Rien de surprenant que partout où il passait le voyageur se vit l'objet d'honneurs extraordinaires, car la révélation de la gigan-

tesque chaîne de monts entre la région des lacs et le Brahmapoutre, le *Transhimalaya* (jointe à celle des sources mystérieuses de trois grands fleuves) aurait certes suffi à illustrer le nom d'un explorateur.

Aussi peut-on dire que, précédé de l'éclatante renommée de ses prodigieuses découvertes, Sven Hedin fut reçu au retour comme un prince et comme un héros. En Suède l'enthousiasme se changea en délire. Lorsque le glorieux enfant du pays débarqua à Stockholm, sur le quai étaient réunis les ministres, les principales autorités de la capitale, le corps des professeurs et tous les étudiants drapeau en tête et escortés de la musique.

Le triomphateur monta dans le carrosse du roi Gustave v qui l'attendait et se rendit aussitôt au palais. Protecteur éclairé de la géographie, le monarque lui fit le plus gracieux accueil et voulut de sa main le décorer de la grande croix de l'Etoile Polaire. Le soir, un grand banquet fut donné en son honneur et le dimanche suivant les habitants de Stockholm, dans une fête populaire à Skansen, au musée et au jardin ethnologique, se réjouirent d'acclamer avec transport leur illustre compatriote, dont la gloire rejaillit avec tant d'éclat sur leur pays septentrional et on peut ajouter sur toute la Scandinavie.

Paris également ne pouvait manquer de faire une réception aussi solennelle que chaleureuse au célèbre explorateur, qui, d'ailleurs, n'était pas un inconnu pour la capitale de la France, où à trois reprises il est déjà venu et a été toujours accueilli très cordialement.

Le 8 mars au soir, la grande salle de la Sorbonne était trop petite pour contenir la foule accourue entendre et applaudir Sven Hedin. Entouré des illustrations de la Science, M. Roume, vice-président de la Société de Géographie et ancien Gouverneur général de l'Afrique Occidentale française, a salué en excellents termes l'hôte de marque qu'avaient déjà reçu avant lui, en 1898 et en 1903, des sommités scientifiques telles que Milne Edwards et Alfred Grandidier, de l'Institut.

L'orateur a payé au grand voyageur un juste tribut d'hommages, lorsqu'il a dit :

«En consultant les meilleurs cartes russes et anglaises des plateaux tibétains, Sven Hedin avait remarqué qu'au cœur même du Tibet, un vaste espace n'était rempli que par deux mots, l'un qui désigne un endroit non existant, l'autre fort compréhensible, *inexploré !* — L'explorateur suédois mit l'ambition de sa vie entière à combler cette importante lacune de la cartographie asiatique !»

Puis Sven Hedin se fait entendre : aux premiers mots du conférencier, bien pris dans sa petite taille ramassée et trapue, l'œil vif, spirituel, le regard presque malicieux, la poitrine barrée des grands cordons de la Légion d'Honneur et de l'Etoile Polaire, de toutes parts éclatent les applaudissements nourris, répétés.

Comment résumer un récit tellement vivant, d'une allure toujours alerte et primesautière, émaillé d'anecdotes gaies et spirituelles, le tout dit avec bonhomie, simplicité et une exquise «humour». Pen-

dant deux heures le conférencier a tenu l'auditoire attentif, sous le charme de sa parole captivante, et ce n'est pas un petit éloge qu'on puisse faire de l'orateur suédois que de constater la facilité avec laquelle l'étranger s'exprime dans notre langue en un français original, pittoresque, peut-être pas toujours *absolument* correct, mais en un français faisant image et dont l'altération, par exemple «*la déguise*» pour le déguisement, donnait à sa narration une piquante saveur, j'allais dire un goût spécial de terroir.

Nous avons parlé de l'explorateur comme géographe, comme érudit, comme littérateur et poète. Il faut encore ajouter qu'il est un diplomate *de primo cartello*. En effet, les plus grands difficultés, les plus rudes obstacles peut-être que l'audacieux et opiniâtre voyageur eut à surmonter, ce fut non pas tant l'absence de routes, le manque de vivres, la rigueur exceptionnelle du climat dans un pays surnommé «la région des glaces», que l'hostilité des habitants, que la mauvaise volonté, tantôt ouverte tantôt dissimulée des autorités chinoises et tibétaines, absolument opposées à laisser l'étranger escalader leurs mystérieuses montagnes. Aussi que de ruses, de détours, de stratagèmes, pour donner le change avec une merveilleuse diplomatie aux soupçonneux indigènes, aux fonctionnaires si méfiants ! Nous avons dejà mis en relief ce mérite insigne du voyageur.

Et cependant, malgré tant de périls courus, tant de fatigues et de privations de toutes sortes, Sven Hedin ne rêve que nouvelles explorations dans ce fantastique Tibet, qui, en dépit de ses terribles frimas, de ses aveuglantes bourrasques de neige et de ses blancs déserts de glace, semble exercer sur cette nature aventureuse un charme inexprimable, une irrésistible fascination.

La France, qui compte avec fierté tant de vaillants explorateurs du Tibet, continuera de suivre avec vif intérêt et grande sympathie les autres découvertes que ne manquera pas de faire en cette région Sven Hedin, et cela d'autant plus chaleureusement que les explorations suédoises et françaises au pays des Lamas présentent ce trait commun qu'elles sont uniquement inspirées, en dehors de toute égoïste préoccupation politique, par le noble amour tout désintéressé de la Science en général et de la Géographie en particulier.

Chevalier Joseph Joûbert.

OS VULCÕES DAS ILHAS DE CABO VERDE E OS SEUS PRODUCTOS

(Continuado da pag. 222)

Tephrite

Este grupo de rochas é muito mais raro nas Ilhas do Cabo Verde do que nas Canarias. De um modo geral são tephrites de nepheline que, conforme são mais ligados a rochas phonoliticas, estão mais perto das nephelines e que, quando são ligados a basalto estão mais perto das tephrites. As primeiras parecem ser as mais frequentes. A estas pertencem muitas rochas espalhadas que formam a crista entre a cratera da Cova e Pico da Cruz na Ilha de S. Antão, e que tambem se apresentam um pouco modificadas na caldeira da Ribeira das Patas. Ao segundo typo pertencem diversas rochas que se apresentam no sopé do Pico d'Antonio no valle da caldeira dos Orgãos na Ilha de S. Thiago

1). *Tephrites similares ás phonolithes.* A plagioclase apresenta-se sómente em pequenos filetes e microlithes; os primeiros téem geralmente uma forma rectangular alongada ou são hexagonaes e consistem em poucas lamellas. Alem d'isso algumas placas micrographicas conteém tambem maiores secções de feldspatho; são frequentes os inclusos de vidro e de microlithes. Emquanto á natureza d'esta plagioclase, o maximum da zona d'extincção na zona P/M não é egual em toda a parte, e mesmo conforme ás reações microchimicas, o que se dá para as diversas rochaś; a plagioclase parece uma transição entre a oligoclase e o labrador. Muitas rochas que apresentam uma transição para as phonoltihes, contéem tambem muito menos orthoclase em individuos simples ou em gemeos de Carlsbad. Pode muitas vezes observar-se, por exemplo na Cova, uma transição perfeita entre tephrites e phonolithes. A nepheline apresenta-se mais raramente em secções de crystaes claramente limitadas, mais frequentemente em crystaloides, apesar dos primeiros nunca faltarem inteiramente. A presença da nepheline foi verificada pelas reacções.

Debaixo d'este ponto de vista estas rochas assemelham-se muito ás phonolithes, onde tambem são mais raras as secções de hexagonaes estrictamente limitadas. Emquanto á proporção da nepheline e da plagioclase, ella é muito variavel mas a primeira predomina em geral.

Com respeito a pyroxene as diversas rochas apresentam bastante variedade. Nas rochas do Pico da Cruz ha grandes secções verdes de crystal (forma ordinaria) com clivagem bem visivel, fraco pleochroismo, que contéem alguns inclusos de magnetite ou orgãos irregularmente limitados, que tambem contéem alguns microlithos isolados de cor verde, pallida. Em um rocha de Salto Prieto apresenta-se esta parte constituinte em pequenos filetes de cor verde clara, em quanto que são raras outras secções maiores. Só em muito poucas rochas podem ser verificadas duas augites diversas. E' rara a hornblenda que se apresenta unicamente em alguns grandes crystaes de cõr vermelho castanha. Mas os grandes crystaes de biotite são frequentes.

Emquanto á natureza do pyroxene podem verificar-se na maioria dos casos secções d'extincção semelhantes ás da augite ardinaria. Sob o ponto de vista da fusibilidade os pyroxenes não são tão facilmente fusiveis coma a akmite, mas apesar disso mais facilmente que a augite ordinaria. Pode admittir-se que a maior parte das augites téem a mesma composição que a da augite que foi isolada do Pico da Cruz e que contém soda e magnesia.

Mas pode dizer-se que ha algumas differenças na constituição chimica, porque tambem as ha na cor e nos angulos d'extincção. Na verdade estes angulos não provam sempre grande cousa, porque só raramente as secções foram feitas no plano da symetria. Portanto os pyroxenes d'estas tephrites não seriam akmites propriamente ditas, mas augites pobres em acido silicico que tem magnesia e soda. A hauyne encontra-se na maior parte d'estas rochas, mas não em dimensões microscopicas; as côres são azul, castanha e amarella; a forma das secções é quadratica ou hexagonal. A hauyne desempenha alli mais o papel d'uma parte accessoria de rocha; como taes podia egualmente ser designadas a apatite que se encontra pouco e a titanite que se encontra ainda menos e inteiramente isoladas; a magnetite encontra-se muito mais frequente que nas phonolithes. A maior parte dos principios são crystallinos e a base verificadora só raramente se observa.

Exteriormente as rochas são muitas vezes differentes, apezar da estructura microscopica ser concordante; podem distinguir-se diversos typos.

As rochas, que são muito frequentes na parte nordeste de S.^{to} Antão e que bem provavelmente téem o ponto de erupção na Cova ou no Pico da Cruz, são em geral de côr acinzentada-clara ou acinzentada-castanha; são um pouco porosas, muitas vezes domiticas; em principos microscopicos ellas só contéem augite que está incluida porphyricamente.

Ao microscopio apresenta-se a augite em secções amarellas ou verdes com um pouco de magnetite; os planos d'extincção variam entre 0 e 40°. A plagioclase apresenta-se aqui sómente em pequenos pedaços compridos que provavelmente são oligoclase conforme as relações opticas e as reacções microchimicas. Pode deduzir-se d'isto a presença da orthoclase pelas secções opticas que apresentam muito pequenos augulos de extincção e que são simples crystaes, como tambem uma alta percentagem d'elle em $Si\ O_2$ e em Ke O.

Não se podia fazer separação mechanica da plagioclase, mas a orthoclase não é aqui sómente um principio accessorio; a rocha apresenta-nos um intermediario entre a tephrite d'um lado e a phonolithe do outro; a transição vê se muito bem no lugar e podem seguir-se facilmente as diversas rochas de transição. A nephelina pertence aos principios predominantes; a quantidade d'ella é consideravel, as curtas columnas e os grãos são alias bastante recentes.

Ali encontra-se mais magnetiste do que nas phonolithes.

Não é rara a hauyne em secções hexagonaes ou quadraticas, com orla de côr amarella-castanha, emquanto que o interior que é acinzentado, apresenta os conhecidos systemas de listas rectangulares. O

$Si\ O_2$	28,87
$Al_2\ O_3$	14,59
$Fe_2\ O_3$	22,88
$Ca\ O$	11,53
$K_2\ O$	1,94
$Na_2\ O$	3,51

Infelizmente estas analyses parciaes não dão bons pontos de referencia para se poder julgar a proporção quantitativa; a parte mais pesada apresenta uma percentagem mais alta em cal que póde fazer presumir um feldspatho basico, mas talvez tambem um pouco de *mellilithe; infelizmente as secções, que apresentavam as clivagens* pela base, não podiam distinguir-se com certeza da nepheline.

A parte soluvel mais leve contém evidentemente, junto com a nepheline, um feldspatho mais rico em acido silicico, emquanto que a parte insoluvel que tambem continha potassio, continha provavelmente além da hornblenda, alguma orthoclase; é para notar que na parte soluvel se encontra tambem um pouco de magnesia. Os resultados obtidos pelos ensaios são portanto de pouca importancia e mencionei este exemplo para mostrar que para uma rocha tão compacta o emprego só da solução não póde dar um resultado satisfactorio.

Tambem rica em feldspatho é uma rocha da parte superior do valle dos Orgãos no sopé do Pico de Antonia. Não é recente e apresenta cavidades com calcite e com zeolithes que não se pódem determinar. O que predomina é a plagioclase em filetes rectangulares e tambem a orthoclase em quantidade não muito pequena. Mas a nepheline só é secundaria e só se póde verificar com certeza pelas reacções microchimicas. E' bastante rara a augite em grãos e pequenos crystaes vermelhos. Uma rocha que se encontra em veios no Salto Prieto, na Ilha de S. Antão, é intermediaria entre a phonolithe e a tephrite. Contém os dois feldspathos em quantidades quasi eguaes.

Nota-se pela sua riqueza em augite que é verde clara e não pleochroitica e apresenta-se ora em maiores secções, ora em pequenos pedaços e agulhas. Ao microscopio vê-se freqeentemente hauyne com orla amarella.

Póde designar se como rica em nepheline uma rocha do R. das Patas que se apresenta em veios. Contém maiores crystaes porphyroidicos com augite e hornblenda que se caracterisam pelos inclusos de hauyne. O ultimo mineral é muito frequente, no interior não é corado e decomposto, emquanto que na borda é amarello castanho. A plagioclase apresenta-se em pequenos filetes que não são frequentes e consiste de 2 a 3 individuos gemeos; esta associação predomina na nepheline que se apresenta frequentemente em crystaes caracterisados por numerosos inclusos.

Tephrites analogas aos basaltos. — Entre as rochas que investiguei, vi pouco d'estas. Como exemplo vou dar uma rocha compacta escura que vem d'uma corrente saida da Cova para léste; esta rocha foi apanhada perto da aldeia em S. Antão; é muito rica em au-

a qual é de duas formações de idade differente ; primeiro em gran-
crystaes, em fórma de concha, regularmente formados, que ao
ocospio tem tons vermelhos e amarellos, confórme são em agu-
ou microlithes de côr amarella pallida ou de côr verde que apre-
ım inclusos (magnetite) ; confórme a fusibilidade os maiores crys-
de augite podiam conter soda e magnesia ; nas placas microgra-
ıs os crystaes parecem-se com a augite ordinaria.
) feldspatho não é muito frequente ; são curtos filetes de plagio-
que comprehendem de 2-3 lamellas ; os planos d'extincção são
).
ι nepheline apresenta-se em rectangulos e em secções redondas
parecem isotropicas ; provavelmente são igualmente de base inco-
amorphra e transparente como a agua. Tambem ha frequente-
e magnetite.
)utra rocha da costa oriental da mesma ilha é de côr acinzentada
ra, apresenta algumas augites porphyroidicas e lamellas de mica.
nicroscopio vêem-se maiores crystaes de augite, de biotite e de
blenda de côr castanha ; tambem ha muita nepheline em secções
gonaes com inclusos dispostos em zona e com mais raros filetes
ɜldspatho. Além das augites maiores encontra-se muito frequen-
ɪnte, em pequenas secções de crystaes, muito pouco augite pleo-
itica de côr amarella verde. A magnetite não é rara. A hauyne
. A rocha lembra muito a nephelinite que teremos de descrever
nte e que parece uma transicção d'esta.
\ rocha microcrystallina do Pico Lsonças, de composição seme-
te, é rica em nepheline. Uma rocha da Ribeira Marziana da ilha
.to Antão é muito rica em plagioclase e extremamente compacta
ɪura ; ao microscopio apresenta-se como uma mistura egual de
ioclase e de augite. A plagioclase apresenta-se em filetes compri-
que geralmente comprehendem só 2-4 lamellas (a determinação
planos d'extincção deu 0-18°) ; a augite é avermelhada em lar-
taboas rectangulares ou em taboas hexagonaes alongadas. A ne-
ina é muito secundaria, apresenta-se em maiores secções de crys-
isolados ou em pequenos crystalloides, é clara como agua e tem
as microlithes.
\ magnetite é frequente. A rocha corresponde macroscopica-
te e microscopicamente aos basaltos com plagioclase. Uma rocha
exteriormente parece basalto com plagioclase, encontra-se em veios
'alle superior dos Orgãos. Não tem olivine e contem muitos pe-
ıos crystaes de augite de côr castanha ; é muito frequente a pla-
lase em filetes, mas a nepheline que se reconhece em secções
ıngulares, é rara. A rocha é notavel pela apparição de base vi-
ɪadora de côr castanha-clara com productos de desvitrificação em
ıa de roda que excepcionalmente se encontram aqui em grande
ıtidade. Encontra-se pouca magnetite.
Jma rocha que existe perto da Praya, fórma um typo especial.
ɪriormente assemelha-se a basalto, mostra muitos crystaes maiores
ıornblenda de côr-castanha e muitos pleochroiticos, algumas la-
ıs de biotite e augites vermelhas não pleochroiticas. Estes mine-

raes estão em uma massa fundamental um pouco decomposta que comprehende pequenas augites vermelhas, muita nepheline em secções claras, plagioclase e um pouco de magnetite.

Alguns grãos esporadicos de olivine começando a eliminar formam uma transição para a basanite.

Esta rocha é notavel pela alta percentagem em hornblenda, emquanto que todas as outras contéem principalmente augite; ella corresponde á buchonite.

Deve se mencionar a rocha que atravessa a foyaite do Porto de S. Vicente; exteriormente é muito rija, compacta e preta; é extraordinariamente difficil fazer placas micrographicas com esta rocha e n'este caso mesmo as excellentes placas da casa Fuess não davam bons resultados no exame do microscopio.

Ao microscopio vêem se algumas plagioclases maiores e pouco maiores augites. O resto consiste d'uma mistura muito compacta de pequenas augites vermelhas, de muitas e estreitas agulhas de plagioclase, de partes em decomposição sem côr e irregularmente limitadas, que provavelmente pertencem a nepheline, diversos productos de decomposição, entre outros calcite e muito magnetite. Esta rocha podia muito bem ser classificada com as tephrites, apezar de não ter sido possivel saber qual é a massa fundamental nas placas micrographicas.

Uma analyse feita pelo sr. F. Kertscher deu os seguintes resultados que confirmam a opinião de que ha uma tephrite, porque a percentagem da alumina é na verdade um pouco alta de mais para um basalto com plagioclase:

$Si\ O_2$	43,07
$Al_2\ O_3$	16,11
$Fe_2\ O_3$	15,42
$Mg\ O$	5,71
$Ca\ O$	10,87
$Na_2\ O$	4,49
$K_2\ O$	2,67
Perda na calcinação	2,97
	101,41

Basanite

As rochas de que vamos tratar aqui, estão comprehendidas entre o basalto com nephelina e a plagioclase; por todos os seus caracteres pertencem ao basalto, emquanto que se afastam inteiramente das phonolithes. Estão bastante espalhadas nas ilhas do Cabo Verde, especialmente na ilha de S. Thiago.

Mineraes constituintes. A augite é em geral o principio constituinte; apresenta-se em secções de crystaes de forma ordinaria ou em crystalloides de côr castanha, mais raramente verde-amarella e que pela estructura microscopica se assemelham aos basaltos com feldspatho, concordando com estes nas propriedades opticas e na fusibilidade.

: se apresentam macroscopicamente crystaes e grãos de au-
ephelipe apresenta-se ás vezes em columnas curtas, mas tam-
uentemente em grãos. Ao microscopio a nepheline apresen-
secções irregulares; é geralmente clara como agua, muito
contem poucos inclusos; nunca se viu nepheline em disposi-
nas.
gioclase apresenta-se em geral em filetes muito recentes pu-
ındes, raramente em microlithes que comprehendem poucas
Conforme os planos de extincção pode concluir-se para a
rte a existencia d'uma plagioclase pobre em acido silicico
), o que concorda com a solubilidade nos acidos.
vine apresenta-se ao microscopio sómente em grãos maiores
·cções de crystaes (hexagonaes) que mostram muitas vezes
castanha, emquanto que o interior não tem côr e apresenta
: maiores inclusos, em geral só poros. Para notar são os re-
ı massa fundamental e os crystaes rasgados pela mesma
:e podem deixar adivinhar a presistencia da olivine. A oli-
:a chega a ser de tamanho microscopico. As olivines são em
ıs em ferro e fundem-se mais facilmente que as olivines em-
para os ensaios de fusão que tem de 5 — 9 % de Fe O.
lgumas d'estas rochas encontra-se um pouco de base trans-
:omo agua e quasi descorada e que não mostra productos
rificação.
ıgnetite é muito frequente. A hauyne falta inteiramente; a
a de todas estas rochas é porphyroidica; em uma massa fun-
que comprehende augite, nepheline ou plagioclase, ha maio-
aes, especialmente de augite; muitas rochas são perfeita-
istallinas, em outras a base encontra-se em quantidade menor
s importante. As rochas podem ser divididas em 2 classes,
a predominancia da nepheline ou da plagioclase. Uma ro-
se encontra no declive do Pico de Antonia, da Ilha de S.
: que apanhei na passagem de Gomes Annes, pertence ás
ricas em plagioclase; é muito regularmente formada de pe-
;rãos, mas contém tambem alguns crystaes maiores de pla-
e muita olivine que foram muito laceradas pela penetração
ı fundamental. A rocha comprehende augite, que ao micros-
·esenta tons vermelhos e castanhos, e plagioclases irregular-
ıitadas. Ha pouca nepheline e esta apparece sómente em
[a bastante magnetite; a base vitrificadora falta inteira-

tephrite egualmente rica em plagioclase cobre em camadas
es e as diabases, ao sul da cidade de S. Vicente; é uma
ısanite. A olivine descorada em geral não se apresenta muito
:mente e tem secções hexagonaes regulares. A biotite que é
equente, encontra-se em filetes de côr amarella castanha e
eochroiticos. A plagioclase apresenta-se em alguns crystaes
porphyridicos, como tambem em pequenas secções de crys-
rystalloides. Em consequencia dos seus planos de extincção
:lase pertence á andesine; ella contém frequentemente biotite

e magnetite, ao microscopio vê se augite em algumas secções maiores de côr avermelhada; raramente magnetite.

A nephelina não apparece em crystaes, mas encontra-se na massa fundamental não muito raramente em secções recentes redondas ou em secções inteiramente irregulares.

A's basanites pertence tambem uma rocha que se encontra em corrente no pequeno cone pela parte de traz da Praya e que já exteriormente se apresenta como rocha preta compacta com muitos inclusos de augite.

Ao microscopio não se reconheceu muita olivine em grãos (descorados e com a transparencia da agua), mas vêem-se grandes crystaes d'augite muito numerosos e fragmentos de crystaes que apresentam tons castanhos ou avermelhados, que são fracamente pleochroiticos, e cuja estructura em concha contém muitos inclusos de vidros e de magnetite, como tambem de microlithes. Os planos de extincção (no plano da symetria) são de 36.° A augite funde se sómente ao calor da incandescencia branca clara; provavelmente temos aqui uma alumina-augite rica em magnesia. Junto com estes crystaes ha mais outros microscopicos em forma de filetes de côr amarellada, muito differentes pela grandeza, desde 1/2 millimetro de comprimento até agulhinhas pequenas, formando a parte principal; não são pleochroiticos e contéem poucos inclusos. A nepheline apparece em secções rectangulares ou redondas que não são muito frequentes e muitas vezes de dimensões differentes; a nepheline é muito recente e quasi que não tem inclusos. A plagioclase é um principio constituinte mais raro, que se apresenta em curtos filetes que comprehendem 2-3 lamellas; os planos de extincção são de cerca de 26.° Ha frequentemente magnetite; podem tambem alguns pedaços de biotite mencionar-se. A base vitrificadora falta.

Outra rocha rica em plagioclase vem da Ribeira Prata na ilha de S. Thiago. Inteiramente compacta, de côr acinzentada preta, consta de alguns grãos maiores de olivine que ao microscopio são descorados e cuja formação é porphyroidica. O corpo constituinte principal é a augite, que se apresenta ao microscopio em crystaes simples, em pequenas e alongadas agulhas hexagonaes ou rectangulares e tambem em filetes que são de côr castanha, sendo os filetes notaveis pela ausencia de inclusos. Entre as augites que se juntam em grandes massas, apparecem partes transparentes como agua que comprehendem pequenos filetes de plagioclase e de nephelina. Os primeiros contéem poucas lamellas; os planos de extincção são entre 0 25°. A nepheline apparece em secções redondas ou em curtos fragmentos irregularmente limitados; é transparente e clara como agua, muito recente e com excepção d'alguns microlithes em agulhas, que não são regularmente repartidos, não tem inclusos. Tambem se apresentam pedaços de biotite e de magnetite; a ultima é bastante frequente. Falta a base vitrificadora.

A rocha que vem da cratera Cailhão (S. Vicente) que está ainda bem conservada, cratera que é uma lava um pouco cavernosa de côr escura e cujas cavidades estão muitas vezes cheias de calcite, apre-

a ao microscopio pequenos crystaes de olivine de orla amarella estão misturados com um grão muito fino de pequenos filetes de ioclase, de pequenas augites, de pequenos grãos de nepheline e ompridos filetes muito estreitos. Os ultimos pertencem a um mi l de um só eixo, são soluveis em acido chlorhydrico, apresentam gem na base e pertencem provavelmente á familia da scapolithe, ellilithe cuja presença Stelzner [1] acaba de demonstrar nos basal lo sul da Allemanha.

Não pude alcançar prova certa d'isso, porque os filetes não são ıentes. O pó d'esta rocha foi submettido pouco tempo ao acido hydrico concentrado e a parte soluvel foi investigada. Com ›78 de pó de rocha obteve-se um residuo decomposto de 0gr,239 prehendendo magnetite, augite, orthoclase e talvez plagioclase; rte soluvel contém 34,5 % de acido silicico, 18,9 % de Fe_2O_3, % de Al_2O_3, 9,7 % de CaO; 7,9 % de Na_2O e um pouco otassio. A plagioclase predomina bastante, porque, julgando pela entagem em soda, a nepheline só era secundaria.

Jma segunda rocha inteiramente composta e que se apresenta blocos no sopé d'esta montanha, mostra egualmente identicos fi-, e muita augite e maiores crystaes de plagioclase.

Examinei outra rocha da Achada Falcão; ella é egualmente por-oidica, com pequenos crystaes de olivine; a nepheline predo- n'esta rocha e forma tambem um substractum, entre o qual equenas augites de côr amarella clara estão distribuidas. A pla-ase apresenta-se em quantidade insignificante em crystaes gemeos yntheticos maiores ou menores; portanto esta rocha approxi-e dos basaltos com nepheline. N'esta rocha encontram-se tambem etes de que já se falou, e que possivelmente são mellilithe. A ro-foi decomposta com acido chlorhydrico. Com 0gr,5 de substancia ,15 de residuo insoluvel; na parte decomposta encontrou o sr. ertscher:

SiO_2	40,76 %
Al_2O_3	17,32
Fe_2O_3	17,03
CaO	6,76
MgO	6,99
Alcalis	8,14 (differença)

esta composição corresponde tambem uma mistura de plagio-pobre em acido silicico, talvez labrador, magnetite e nepheline. iduo insoluvel pertence, provavelmente e exclusivamente, á au-talvez tenhamos aqui 30 % de olivine, 10 % de magnetite,) % de plagioclase e de nepheline. Portanto a composição se- Pl_2, N_2, Ol_3, Ag_3, Mn_1.

ma basanite de Lenhal (S.to Antão) é extraordinariamente rica.

---

[1] Iahrbuch für Mineralogie, 1882, I vol.

em augite e é caracterisada por hauyne azul, accessoria. A augite amarellada e não pleochroitica apresenta-se em crystaes e em crystalloides de dimensões muito differentes; junto vêem-se diversos crystaes separados de olivine. A plagioclase apresenta-se em poucos individuos, emquanto que a nepheline é mais frequente em sessões claras rectangulares. Ha muita magnetite. Diversos filetes que lembram mellilithe, apresentam-se tambem. Ha base vitrificadora.

Exteriormente a rocha é compacta e inteiramente preta, e porque a plagioclase é muito esporadica, a rocha podia ser classificada com as nephelinites. A percentagem de acido silicico d'esta rocha é egualmente muito pequena, 38 % apenas.

Rica é tambem uma rocha que se apresenta em corrente cêrca de 30 metros abaixo do Pico de Antonia (S. Thiago); separada em placas, semelhantes no exterior a uma phonolithe, compacta, de côr acinzentada, apresenta ao microscopio numerosas augites de côr verde, muitas vezes com uma tintura avermelhada, sem pleochroismo, depois pequenos filetes de plagioclase com grandes planos d'extinoção, mas que, em geral, são raros, e finalmente muita nephelina em individuos irregularmente limitados; ha tambem base vitrificadora com productos de desvitrificação em fórma de rodellas. Olivine em pequenos crystaes claros de orla amarella não é frequente, a magnetite sim. Falta a hauyne. A rocha assemelha-se ás tephrites, por diversas razões, entre outras pela pequena percentagem em olivine. Uma analyse deu:

SiO_2	43,09
Al_2O_3	17,45
Fe_2O_3	18,99
CaO	9,76
MgO	4,63
K_2O	1,81
Na_2O	5,02
H_2O	0,33
	101,08

A alta percentagem em magnesia mostra que temos aqui uma rocha rica em augite, o que é tambem indicado pela percentagem em ferro.

(Continúa) *Dr. C. Dalter*

Traduzido do allemão por Eugène Ackermann

MITRAS LUSITANAS NO ORIENTE

(Continuado de pag. 226)

138) 1818 Agosto 14. *Pastoral.* «Como poderão suscitar-se no espirito de alguns christãos das partes de Cochim, escrupulos ou duvidas sobre as nossas intenções e designios, quando os exhortamos a nos renderem a sua devida obediencia, como legitimo prelado da mesma cidade e territorios, por esta declaramos diante de Deus que conhece o fundo dos corações, que a nossa firme intenção é de immediatamente irmos risidir em Cochim e ali estabelecr um seminario de latim, portuguez e inglez com capella publica ou egreja maior se assim fôr preciso. Declaramos mais que nem nós nem algum dos prelados futuros d'este bispado podemos, sem escandalosa injustiça alienar, emprestar ou dispôr de outro qualquer modo dos bens moveis e immoveis das egrejas, nem ainda de alguma cousa que tenha sido dada por algum prelado. E pedimos que a justiça de Deus venha sobre equelle prelado que o contrario fizer»

139) 1818 Setembro 24, *Decreto.* Fazendo sentir aos christãos a injustiça com que tratram desdenhosamente os novos christãos, diz que este ridiculo procedimento é filho de ignorancia e soberba dos antigos christãos, recommenda aos parochos, lembrem a estes que tambem seus avôs foram novos christãos e havidos pelos gentios como estrangeiros tolerados; e trabalhem por augmentar o numero de crentes, tratando os neophitos com carinho e bons modos; pois não succeda que, vendo-se estes repellidos por seus co-irmãos em Christo, se desgostem e arrependam-se de haverem abraçado a fé. Os gentios sendo bem tratados pelos christãos, não ha motivo para serem despresados depois de convertidos ao catholicismo: parece que não é a pessoa, mas a sua propria religião que elles despresam. Este decreto não se expede, só para ficar trancripto no livro, mas para servir de norma aos parochos, os quaes o leam a seus freguezes, não na egreja mas na casa parochial. Lembra aos parochos a necessidade de haver cathequistas, para instruirem os adultos que tiverem de ser baptisados.

140) 1819 Maio 26. *Circular.* Attribue aos seus peccados e aos dos christãos, os diversos flagelos da divina justiça, manifestados pelas chuvas extemporaneas, que arruinaram de todo e em toda a parte as sementeiras.—pela absoluta falta de peixe—e epedemia que tem causado tanta mortandade, recommenda aos parochos, exhortem aos christãos a fazer penitencia e applacar a ira de Deus; e tratem por sua parte de instruir o povo nas verdades evangelicas, o convidem a frequentar os sacramentos de que foge, e a dar-lhe o exemplo da penitencia e da vida christã. Prescreve preces publicas, e nas missas manda se que diga a oração *por tribulatione* e a anthiph. *stella cœli* contra a peste, a qual remette vertida em portuguez, para depois de posta em tamil, se recitar todos os dias nas egrejas, e dar-se ás

familias para se dizer em suas casas. Permitte que os parochos repartam aos necessitados o producto das multas d'este anno.

141) 1819 Julho 24. *Circular*. Suscita a observancia de suas ordenanças attinentes á gerencia dos cofres das egrejas, as quaes se fossem cumpridas não surdiriam as incessantes inquietações que ha nas parochias: novamente manda que tenha o parocho uma das chaves do cofre, e outra o sachristão ou algum dos principaes das freguezias; estranha que na egreja de... por desmazelo do parocho, não só as chaves mas o mesmo cofre esteja entregue ao povo, o que equivale a estar entregue a piratas. Se não houver segurança na casa parochial, se guarde o cofre na casa d'outro claviculario.

142) 1820 Fevereiro 15. *Circular*. 1 Estranhando que certos parochos especialmente na costa da Pescaria, tenham convertido suas casas em tabernas publicas, onde distribuem vinho aos cabeças das povoações com frequencia, diz que apenas lhe constou esse indigno procedimento dos parochos, expediu uma pastoral estygmatisando tal infamia, e prohibindo-a sob pn. d'excom. (32). Agora que sabe que esse vicio tem tambem contaminado algumas residencias parochiaes na costa do Malabar, lamenta que não tenha bastado para reprimir a predita medida, e a expulsão d'alguns parochos achados entregues ao excesso do vinho..., e renova a pena fulminada na citada pastoral, contra todo o parocho que fôr culpado n'esta materia. 2 Reprova o novo baile gentilico introduzido recentemente n'estas partes, chamado *cutto*, que alguns parochos consentem, vão vêr, e ainda permittem fazer no adro da egreja: por deshonesto, provocativo a luxuria e idolatrico, o prohibe com p. d'excom. aos christãos que n'elle tomarem parte, e aos parochos que o consentirem.

143) 1820 Novembro 13. *Pastoral*. Annunciando a chegada de suas bullas de onfirmação em bispo d'esta diocese, diz que vae a Goa sagrar-se, não podendo dizer se o seu estado de saude lhe permittirá voltar. Encarrega o governo da diocese ao governador episcopal de Cranganor fr. Joaquim de Sta. Rita Botelho, e lhe confere a necessaria jurisdicção, reservando-se a communicar-lhe faculdades, depois de ler em Goa as suas bullas: as que conferiu aos parochos, as restringe agora a certos casos. Recommenda aos parochos, não deixem acumuladas nos cofres das egrejas, grandes sommas, o que excita a cubiça dos ladrões, mas empreguem-nas na acquisição de paramentos, vasos e utencilios de culto; prohibe que se conserve muito dinheiro no cofre, para com os interresses augmentar o cabedal, por terem por este systema, as egrejas perdido grandes valores de que os ladrões se tem apoderado. Concede 40 dias dias d'indulg. com certas condicções.

1820—*Fr. Joaquim de St.ª Rita Botelho*, nom. governador do bispado por prov. do bispo D. Thomaz de 13 nov. 1820, e confirmado n'este cargo por outra prov. do mesmo bispo de 15 fev. 1822. Largou Coulão em jan 1823, entregando o governo ao seguinte.

1823—*D. Fr. Paulo de S. Thomaz d'Aquino e Almeida*, arce-

(32) Tal pastoral não achei.

ɔ de Cranganor (V. atraz pg. 26), encarregado do governo e ad· stração do bispado de Cochim por prov. de março 1822 do bispo Thomaz de Noronha, quando este partiu para Portugal. Chegando Goa ao Malabar em dez. 1822, tomou conta do governo d'este ado em jan. 1823: fal. a 20 dez. seg. Expediu as ordenanças que em:

144) 1823 Janeiro 27. *Circular*. Para ser publicada nas egrejas ette aos parochos copia da provisão episc. de 2 março 1823, que encarrega o governo d'este bispado, durante a ausencia do bispo esano.

145) 1823 Fevereiro 21. *Circular*. Suscita a observancia do . episc. de 26 junho 1818, que manda aos parochos remettam á ıra no fim do anno as contas das fabricas, declarando qual a re- ı, a despeza e as sobras, e se os creditos estão cobrados.

1823—*P.^e Francisco de Miranda*, vigario geral do bispado na ı da Pescaria encarregado em 8 nov. 1823 da administração a diocese pelo governador do bispado D. Fr. Paulo, por se achar almente doente. Presidiu até 4 abr. 1824. o seg:

146) 1823 Dezembro 29. *Circular*. Manda fazer demonstrações bres pelo fallecimento do governador d'este bispado e arcebispo Cranganor D. Fr. Paulo: diz ser grande perda esta para uma e a diocese, de prelado tão preclaro; ordena que seja promulgada egrejas a carta d'esse finado governador de 8 novembro (que re- e por copia aos parochos), confirmando a elle Miranda no cargo vigario geral, communicando certas faculdades em beneficio dos stãos de Cochim, e encarregando-o do governo d'este bispado nte o seu impedimento.

1824—*Fr. Manuel de S. Joaquim das Neves*, provido em go- ador do bispado a 21 jan. 1824; posse a 4 abr. continuou com verno d'esta diocese e da de Cranganor até 1849. Pouco tempo que ve ausente do bispado, commetteu o governo ao vigario geral p. José Rodrigues, por prov. de 9 maio 1835. Attribue-se a fr. Ma- o poemeto joco-serio intitulado *O velho da montanha*, e publ. em baim no *Pregoeiro da Liberdade*, em 1841, e avulso em 32.º de : descreve por que manhas se apoderaram os alumnos da propa- a das egrejas portug. do Malabar; desenha o caracter do vigario le Verapoly e seus missionarios, e o dos parochos portug. que a epoca ominosa ahi pastoreavam. Fal em Coulão a 10 jan. 1849: epul. em Tangacheira na capella de st.ª Cruz que elle fundara Sua necrologia está pub. na *Abelha de Bombaim*. 1849 n.º 20.

Com respeito ao espolio do governador episcopal fr. Manuel Ne- nformava o vigario J· B. Moreira ao arcebispo de Goa: —

1866 junho 13. «Os bens do... Neves disputa se por aqui, se rão pertencer a certos herdeiros de Portugal, que actualmente se

---

33) Seu epithaphio sepulchral está trancripto na *Descripção moed*, III, 384, *titulo Vasco da Gama*, II. 130. V. portaria rég. 1843 abril 26 em resposta icio d'este superior ecclesiatico de 22 de janeiro ant., dando parte das usur- s que faziam os missionarios da Propaganda.

acham representados... (por) Mathias Gomes, commerciante e residente em Pangim. Antes da minha vinda esteve n'esta (o dito Gomes), com uma procuração dos herdeiros para demandar o possuidor d'aquelles bens Estevão Neves. Esta causa está na côrte e deve ser julgada em Calicut. Algumas testemunhas que tem deposto n'esta causa asseveram que o governador Neves vendêra em Madrastra uma boa casa pertencente á missão portug. e outra em Cochim pertencente a este bispado. Que este dinheiro com o rendimento dos palmares do bispado e algum de suas economias fez entrar em um banco. Com o que mais tarde veiu a comprar as propriedades, que hoje são objecto de questão. Por conseguinte se este bispado tem ou não direito de reclamar estes bens de seu fallecido governador Neves, religioso prof., só a v. e. importa declaral-o.»

1867 março 30. «Logo depois da morte (de fr. Manoel), tomou posse de seus bens Estevão Serafim das Neves, então secretario d'esta camara, sem titulo algum que legalisasse esta posse. Este illegal possuidor ao principio apenas se julgou depositario de taes bens: porém pouco depois, valendo-se da fortuna adversa do r. padroado pôde conseguir, não sei como, que a r. junta da faz. de Goa o considerasse como universal herdeiro (do Neves), mandando pagar lhe os ordenados vencidos pelo mesmo Neves, como governador d'este bispado. Note v. e. que Estevão S. Neves. quando tomou posse daquelles bens, como depositario delles, o conseguiu sem inventario! E só depois elle mesmo a seu bello prazer os inventariou!

«Não ha muito tempo que o governo britannico exigiu á viuva de Estevão, a apresentação dos titulos que a auctorisavam a possuir aquelles bens. Mas como por essa occasião tambem apparecesse Mathias Gomes..., a reclamar com procuração da familia do Neves aquelles bens, por isso o gov. britan. os não possue já.

«Agora resta saber se estes bens pertencem á familia do Neves, se ao bispado de Cochim onde elle quasi na maxima parte os adquiriu. A lei britannica diz que a successão de bens deve ser regulada, segundo a lei religiosa de cada um: e por conseguinte com respeito aos bens do Neves mandando a lei britannica, que se observem as prescripções da religião catholica, a quem deverão estes pretencer? A' muito justa e sabia apreciação de v. e r.... (submetto) este negocio, prompto a dar a v. e. todos os esclarecimentos que v. e.... exigir-me e eu com verdade puder obter »

Da resolução do arcebispo sobre este objecto nada me consta: em 1876 sendo eu vig. ger. de Cochim tornou a apparecer ahi Mathias Gomes, lealmente habilitado para dispor dos referidos bens, e com effeito procedeu á venda de todos os bens de raiz, cedendo ao padroado, a meu pedido, a de S.ta Cruz de Tangacheira, com a horta adjacente.

Consta d'um documento official dat. de 24 jul, 1828 e assignado pelo governador episcopal Neves, que conforme a divisão feita em 22 dezb. 1616 entre o arcebispado de Cranganor e o bispado de Cochim, e confirmada por Paulo V em 6 fev. 1616, e «tambem segundo as listas e documentos da camara episcopal, pertencem ao bispado de Co-

s egrejas seg: Cruz dos Milagres, Vaipim, Bendurte, Mattan-
Palurte, Castello, Saude, S. Luiz, Arthinguel, Manicorte,
i, Tumboly, Cattur e todas as mais para o sul.»
m 27 março 1829 o governo de Madrasta decidiu, que a egreja
ttancheira pertence ao bispado de Co him e não ao vicariato
de Verapoly. E' esta a sentença mais antiga (que me consta),
e a favor das egrejas portug. e seus bens tem proferido os tri-
inglezes da India, em pleitos movidos pelos christãos ou mis-
os portug. para reivindicar as egrejas usurpadas.
aquella sentença de 27 março 1829 appelando o vigario apost.
unaes de Madrasta em 1838 confirmaram a posse da egreja de
ıcheira a favor dos prelados do bispado de Cochim.
proposito da reivindicação da referida egreja, devida em grande
aos esforços do governador episc. Neves, recebeu este a seg.
lo arcebispo S. Galdino: «Tenho sabido pelo p. mestre Piedade,
questão da egreja de Cochim ficou firmemente decidida pela
› vinda de Madrasta, do que me alegro e dou os parabens a v.
ıão houvesse mais do que dar-lhe parabens, guardaria isto para
occasião opportuna, e poupar-me-ia a gastar os meus tantos
ı posta, mas acho o gasto bem empregado para não retardar
ı v. r., que se quer a cousa bem segura para si e para os seus
sores, que deixe Coulão e vá pessoalmente viver para Cochim,
a cabeça do bispado. Até agora os srs. de propaganda metten-
como piolho por costura, tinham tirado ao bispado a sua capi-
sua sé, agora seja sé essa mesma egreja e v. r. faça ahi o seu
› episcopal, ainda que seja uma palhota por agora. Parece-me
: v. r. fizer o que eu digo (se é que o não tem já feito), não
s de Verapoly só esta egreja, vai paralisando a sua influencia,
e ir pouco a pouco restaurando a integridade do bispado de Co-
Eis aqui o que lhe diz um velho, que já fez 60 annos de idade
lo bispado: v. r. fará o que entender ou o que puder. Goa 4
1829.»
ão aqui estampadas as ordenanças do governador episc. Ne-
-
47) 1824 Abril 5. *Circular*. Annuncia a sua nomeação em admi-
lor d'este bispado, por morte do governador d'esta diocese e
de Cranganor D. Paulo, e por ausencia do bispo diocesano D.
ız; e diz que tomou já posse d'este cargo. Encommenda-se ás ora-
ıos parochos e missionarios, e pede lhe alcancem de Deus as
arias luzes e graça, para se haver no governo do bispado tão
ıente, como nos outros empregos que occupou; revoga as facul-
especiaes que tivessem conferido aos missionarios, os prelados
ntecessores: nomea por seu vigario geral no bispado o pe. José
dos Remedios e Costa. parocho de Coulão, e lhe encarrega a
istração d'esta diocese durante a sua ausencia em Cranganor.
ımenda aos parochos cumpram pontualmente suas obrigações,
almente a de instruirem a seus freguezes, sob pena de experi-
rem os rigores da justiça, se deixarem de fazer praticas moraes
ıas de guarda.

148) 1825 Julho 9. *Decreto*. Manda que na egreja de Valliatorre: 1 haja um cofre de 4 chaves, que o parocho tenha uma dellas e tres freguezes as outras tres; e um escrivão para apontar no livro a receita e despesa; 2 nelle se recolha todo o dinheiro da fabrica, não se levando em conta a despesa feita antes de se receitar dinheiro ao cofre; 3 se ponha no principio de cada mez, os juntos clavicularios com o parocho, o dinheiro cobrado no mez ant., tirando só o necessario para as despesas d'um mez; 4 não se faça despesa extraordinaria sem consultar o parocho e os principaes freguezes: 5 havendo sobras consideraveis, se applique nas reparações do templo e casas parochiaes, e compra de paramentos e alfaia para a egreja. 6 Por motivos que expende, prohibe sob p. d'excom., emprestar dinheiro da egreja, ainda que seja sobre penhores; 7 restringe a gerencia dos fabriqueiros a um anno, de jan. a dezb; podendo serem reeleitos, se tiverem administrado com muito zelo e fidelidade: 8 até 10 jan. impreterivelmente os fabriqueiros, prestem conta de sua gerencia, aliás lhes seja vedada e suas familias a entrada da egreja; 9 os freguezes no mez de dezb. proponham para fabriqueiros, 8 individuos abonados e de consciencia timorata, e o parocho achando-os idoneos, lhe envie a lista d'elles, para elle escolher 3 frabriqueiros e 1 escrivão, que entrem na gerencia em janeiro; 10 em jan. lhe sejam remettidas as contas da fabrica do anno transacto. 11 Prohibe ajuntamento dos christãos sem annuencia do parocho, para se tratar das cousas da egreja; o individuo que sendo chamado para essa junta por aviso do parocho, não comparecer, seja considerado desobediente. 12 Manda lêr este decr. em 3 domingos seg. e tornar a ler annualmente a 1 jan. e em 2 domingos subsequentes.

149) 1825 Outubro 6. *Decreto*. Reprova que alguns parochos occupem no seu serviço domestico, as moças que vém á egreja aprender cathecismo, prohibe isto sob p- de susp. e privação do officio.

150) 1825 Outubro 8. *Decreto*. Suscita a observancia do decr. episcopal de 15 de fev. 1820, que prohibiu sob p. de excom. aos parochos, darem vinho em suas casas aos freguezes, e aos christãos a celebração do baile *cutto*. Declara incursos n'esta p. os executores do baile eos que o mandam, aconselham ou permittem; e se algum d'estes exercer officio na egreja seja demittido.

151) 1825 Outubro 21. *Circular*. Com o fim de cohibir certos escandalos, que se commettem pela infracção do preceito de santificação dos dias de guarda, revoga á licença que porventura alguns christãos tivessem para irem a pescaria n'esses dias: prohibe aos parochos sob p. de susp. conceder semelhantes licenças, e manda que sejam punidos os infractores do sobredito preceito, com interd. pessoal se os delinquentes forem poucos, e com interd. local se forem muitos, não levantando esse interd. sem licença sua.

152) 1825 Dezembro 29. *Circular*. Annuncia que vai visitar as egrejas, o que muitos annos se não ha feito, e ha certesa de não voltar o bispo D. Thomaz; os parachos promptifiquem as contas das egrejas, o inventario da alfaia sagrada e o rol de christãos; e instruam no cathecismo os que houverem de ser chrismados; adverte que não admi-

te sacramento aos adultos, que antes se não tiverem con-
ra despacho dos negocios urgentes a sua ausencia de Cou-
·orra ao vigario geral pe. J. M. Remedios e Costa.
ⅰ26 Junho 21. *Decreto*. Recommenda ao parocho da egreja
strua o povo especialmente os moços d'um e outro sexo,
quistas, e por si na cadeira e no confessionario; 2 observe
te os decr. diocesanos relativos a administração temporal
3 lembra que a pratica mais efficaz que elle (parocho) póde
s freguezes, é a que é acompanhada do bom exemplo...;
4 diz que o parocho é instituido por causa do povo, e não
mado por causa do parocho; e Deus lhe ha de pedir (ao
)nta dos que se perderem por sua nigligencia.
326 Outubro 12. *Decreto*. Suscita a observancia das orde-
mulgadas pelos bispos Soledade e Noronha, e pelos gover-
sc...: especialmente manda que se cumpra estrictamente:
ecr. de 9 fev. 1789, o § 7 do decr. de 13 dez. 1785 e
ecr. post. pelos quaes prohibiu com penas graves: *a)*
dinheiro da egreja, salvo sobre penhores de valor bastante;
festa sem a povoação satisfazer antes do officio das ves-
s debitos á egreja e ao parocho; *c)* mandou que os paro-
ssem no fim do anno os seus creditos, e saldassem suas
ı a povoação e egreja, e ficassem desembaraçados para a
)relado poderem passar para outra residencia; *d)* prohibiu
)s accusar aos christãos no fôro civil sem licença do prelado.
8 do decr. do 13 dez. 17*5 e os decr. post., que mandam
rochos escrevam as petições de dispensas matrim., se as
io soubessem fazer, expondo com claresa e verdade as cau-
:as, a serie dos ascendentes dos noivos, a quantia do dote,
es dos contrahentes e seus maiores; precedendo a essa di-
ustificação por 4 testemunhas juramentadas, e attestação
ı qual importará prejurio, se desconformar se com a verdade.
cr. 31 maio 1789 e os subsequentes, que mandam aos pa-
iar no mez d'agosto á camara o rol dos inconfessos, com
do no. d'annos que elles se não confessaram por sua culpa;
decr. de 13 dez. 1785, o decr. de 30 jul. 17*9 e os post.
ım aos parachos sob p. de susp. enviar á camara, no fim
lista das multas com o seu producto; 5 o decr. de 21 maio
post. que mandam: *a)* se recolha o dinheiro da egreja em
chaves, ficando uma em poder do parocho, e 2 em poder de
s, e nas povoações pequenas com uma o cathequista, e algum
s principaes com outra; *b)* se eleja no fim do anno 2 mor-
)azes, probos e abonados, e nas povoações pequenas um
para junto com o parocho gerir os dinheiros da egreja por
um anno; *c)* se dê cada 3 mezes balanço ao cofre, em pre-
)arocho e principaes da pavoaçãc; no fim do anno se reve-
ıtas, e em jan. se remettam ao prelado para serem julgadas
ıdas; *d)* prohibiu aos seculares a gerencia da fabrica por
m anno, sem licença do prelado.

ıúa) P.e Casimiro Nazareth.

quim da Cruz Lima, Raul Mario de Sousa. *Correspondentes :* srs. Dr. Charles Bles, Baron Rudolf Schumann, Jhr. H. J M. von Rich Wyck, J. F. E. Bouchette, dr. F. Colson.

Dia 11 — Conferencia promovida pela Liga de Educação Nacional, «A Tetralogia de Wagner» pelo sr. Antonio Arroyo, na sala Portugal.

Dia 21 — Abertura da exposição das *maquettes* para o monumento da Guerra Peninsular na sala Portugal.

Abril

Dia 3 — **Sessão especial.** Presidente, o sr. cons. Ferreira do Amaral; secretarios, os srs. cons. Ernesto de Vasconcellos e dr. Silva Telles.

Resumo da sessão — Communicação inscripta do sr. Jeronymo da Camara Manuel sobre Londres, acompanhada de projecções electro-luminosas.

Dia 4 — Encerra-se a exposição das *maquettes*.

Dia 5 — Reunião da Direcção.

Dia 19 — **Sessão ordinaria.** Presidente, o sr. cons. Ferreira do Amaral; secretarios, os srs. cons. Ernesto de Vasconcellos e dr. Silva Telles

Resumo da sessão — Expediente. Voto de sentimento pelos socios fallecidos. O sr. Cabreira manda para a mesa um folheto de que é auctor. O sr. Petra Vianna apresenta uma proposta acerca do tratado com o Transvaal. O sr. Manuel F. Viegas Junior faz uma communicação acerca do estado economico e financeiro da India Portugueza, seu desenvolvimento e progresso, acompanhada de projecções electro-luminosas.

Socios admittidos n'esta sessão. — *Ordinarios :* srs Alvaro da Cunha Balsemão, John Arthur Russell, Carlos Ferreira Borges, José Luiz da Luz, Antonio Joaquim Ribeiro, Ernesto de Sousa Coelho, Frederico Augusto Cortes de Menezes, Antonio Henriques Nunes de Aguiar, Miguel Pinto de Figueiredo, Manuel Ignacio da Rocha Teixeira, José Bonniz, Carlos de Oliveira Carvalho, Carlos O' Donnell Hearn, dr. Albertino da Veiga Preto Pacheco Giraldes Velho, Pedro Celestino Caldeira de Castel-Branco, João Serra, José Marques Pires, João Rodrigues da Graça, Casimiro Dias de Almeida, dr. Joaquim de Almeida Novaes, Manuel de J Rodrigues Pereira, Fernando Le-Coq, Alberto Morgado de Almeida, Henrique Pinto da Motta, José Francisco de Moura e Sá, Francisco Jeronymo Soares Lima, dr. Antonio Centeno. *Correspondentes :* srs. Dr. Caetano Maria Villa Flôr Pinto, Pietro Carducci Teiner, dr. Felix Meyer, Mizza Mahmud Khan, Comte Baguenault de Puchesse, Paul Labbé, Elie G. Hazera, Ed. Rott, Guilherme Swarth.

Dia 26 — **Sessão especial.** Presidente, o sr. cons. Ferreira do Amaral; secretarios, os srs. cons. Ernesto de Vasconcellos e dr. Silva Telles.

Resumo da sessão. — Communicação sobre o Oceano Glacial Arctico e a ilha de Nova Zembla pelo socio correspondente mr. Charles Benard, presidente da Sociedade Oceanographica do Golpho de Gasconha. Esta conferencia realisou se na sala Portugal e foi acompanhada por cerca de 200 projecções electro-luminosas.

Dia 29 — Reunião da Direcção.

.ª Série — 1909 N.º 8 — Agosto

BOLETIM

DA

Sociedade de Geographia de Lisboa

FUNDADA EM 1875

SUMMARIO

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
Rua do Diario de Noticias, 110

1909

7.ª Série — 1909 N.º 8 — Agosto

BOLETIM

DA

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

rector, proprietario e editor—*Sociedade de Geographia de Lisboa*—Rua de Santo Antão—Lisboa
Composicão e impressão na Typographia Universal
pertencente a Coelho da Cunha, Brito & C.ª — rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

L'ILE DE MADÈRE CONSIDÉRÉE AU POINT DE VUE DE SES RICHESSES MINÉRALES

PRÉFACE

Dans le présent travail je vais donner un aperçu de mes observa-ions et de mes études sur l'île de Madère, depuis 1907 jusqu'à ce our. Une première fois j'y avais passé environ 4 mois, depuis le lébut de Mai jusqu'au début de Septembre 1907. En Octobre 1908 'ai refait une étude de quelques points spéciaux, entre autres de la égion de Camara de Lobos. Depuis j'ai complété et analysé l'ensem-ble de mes observations sur l'île.

Il est vrai qu'il existe déjà bien des ouvrages sur l'île de Madère, nais aucun n'a été écrit au point de vue spécial où je me place, c'est-à-dire au point de vue minier. Je puis donc dire que l'ouvrage que e présente aujourd'hui au public est incontestablement une nouveauté économique et minéralogique.

Maintenant il est bien évident que pour parler avec avantage des questions minéralogiques, il faut en même temps traiter un peu des questions économiques et donner également les quelques petites descriptions générales.

C'est ce que j'ai fait, mais en cherchant surtout à ne pas ennuyer le lecteur ; j'espére y être arrivé en faisant les descriptions aussi courtes que possible.

L'ordre qui a été suivi dans le texte pourrait ne pas paraître excessivement dogmatique ; cependant il est bon de se rappeler qu'il s'agit moins de donner quelques vérités scientifiques, énoncées en peu de mots comme dans un théorème, que de donner une idée claire de ce que sont les recherches et de ce que peuvent être les industries minières à l'île de Madère.

Ainsi qu'on le sait, la grande masse de Madère est d'origine volcanique. Cependant il y a une partie qui est d'origine sédimentaire ; il y a des couches de calcaire et de lignite avec des fossiles animaux et végétaux. Naturellement les substances minérales de l'île de Ma-

dère ne sont pas excessivement nombreuses, cependant il y a des minerais de manganèse, de fer, etc.

Les pages qui suivent vont expliquer ce que l'on peut espérer à ce point de vue à l'île de Madère.

Généralités sur les montagnes de Madère, et sur les moyens de transports

L'île de Madère, la plus belle île du Portugal, est étendue en longueur de l'ouest à l'est et mesure 60 kilom. entre la Ponta (cap) de Pargo à l'ouest et celle de San-Lourenço qui forme son extrémité la plus orientale. Sa plus grande largeur, entre la pointe de San Jorge au nord et celle da Cruz au sud, est d'environ 14 kilom.

L'île de Madère se compose de grandes masses basaltiques assises sur des terrains de formation plus ancienne. Mais même dans les parties essentiellement et uniformément volcaniques, il y a des modifications résultant de la différence de force avec laquelle les révolutions souterraines ont agi sur chacune d'elles.

L'île de Madère et ses dépendances peuvent être considérées comme ayant d'abord été des roches de transition, déchirées plus tard par les convulsions de volcans, dont les éruptions successives ont accru l'élévation des îles en recouvrant la base primitive de couches de tuf et basalte. Cette base de calcaire ancien a été observée à Madère audessous du basalte jusqu'au point où le niveau de la mer ne permet plus de la poursuivre.

Une chaîne de montagnes qui n'est, à vrai dire, que le noyau de l'île elle-même, la parcourt dans toute sa longueur et en détermine la direction. Elle est en général moins élevée vers ses deux extrémités que dans se partie moyenne. Là elle se dédouble pour enceindre un plateau creusé de profondes vallées qui forme le centre du massif. C'est sur la partie nord de cette haute région que sont rangées les sommités culminantes de Madère, le Pico Ruivo, celui des Torrinhas, celui do Cidrão, celui do Arrieiro.

La portion de la chaîne qui couvre la partie occidentale de l'île prend le nom de Paúl da Serra.

La basalte prismatique de Madère est en général compact, d'une cassure large et conchoïde; les masses inférieures sont d'espace en espace dans un état assez avancé de décomposition, produite en partie par les sources qui en jaillissent.

La forme et la direction des filons de basalte ne laissent pas douter qu'ils n'aient commencé par en haut et se soient écoulés entre les crevasses formées dans le calcaire, par les convulsions qui ont déchiré la première structure et produit les formes que nous voyons aujourd'hui.

Le plateau le plus considérable de toute l'île de Madère est celui de Paúl da Serra; il a plus de 1:000 mètres de haut. Le moyen l

rapide pour aller de Funchal à Paúl da Serra consiste à aller à
a do Sol. De là par le Lombo das Adegas ou y arrive en 2 bon-
ıeures.
.e plateau a environ 12 klm. de long sur 4 klm. de large et il
mpose en principe de nombreuses laves qui n'offrent rien de par-
er au point de vue pratique. Tantôt il est couvert d'un sol sa-
ıeux, tantôt de pâturages. Bien des familles qui vivent au pied
plateau ont trouvé profit à y aller couper du bois et mener paî-
es troupeaux.
.es voyages au Paúl da Serra ne peuvent pas se faire en tout
s, car pendant les mauvaises journées de la saison d'hiver et
ant les journées de pluie, même de la saison dite bonne, le pla-
est couvert de nuages et l'orientation est fort difficile, car en des-
ant de ce plateau on peut (suivant l'orientation) descendre de tous
ôtés; à Seixal, S. Vicente, puis dans les vallées des ruisseaux de
lalena, das Canhas, de Ponta de Sol, de Tabua, de Ribeira
a, tout comme dans les vallées des divers ruisseaux de Calheta,
Estreito de Calheta et de l'Arco de Calheta. De plus en hiver le
est couvert de neige et c'est le point de la côte Sud où la tem-
ture descend le plus.
.e plateau voisin du Fanal peut être fort intéressant au point de
géologique, mais ce n'est pas précisément là qu'il faut chercher
nétaux utilisables.
la droite de Paúl da Serra et en se dirigeant vers le Caramujo
ouve le pic da Urze. Un peu plus loin se trouvent les Estanqui-
qui servent de maison d'abri. Plus bas se trouve le plateau du
mujo.
.es sommets du Caramujo descendent d'un côté vers la vallée de
icente, de l'autre vers celle d'Enfer (Ribeira do Inferno).
.es parties élevées de l'île de Madère se couvrent matin et soir
rouillards épais dont l'origine est due à l'inegalité du refroidisse-
de la terre et de la mer. Ces brouillards prennent ici un déve-
ment peu ordinaire en raison de la grande élévation du sol.
)n conçoit facilement que, de cimes ainsi presque continuellement
ıeuses, il jaillisse beaucoup de sources, et que leurs versants
ıt arrosés par un grand nombre de ruisseaux qui, cachés au fond
ravins, forment presque tous des cascades très pittoresques.
quefois les fortes pluies ou les orages donnent aux torrents une
ance de destruction dont ou peut seulement avoir une idée lors-
a visité les pays de montagnes. Mais en général ces ruisseaux
nt jamais bien riches en eau.
.a moyenne de la quantité annuelle de pluie peut s'évaluer à près
mètre dans l'île de Madère; il est bien entendu que c'est sur
ommets qu'il pleut davantage. Une végétation vigoureuse com-
les richesses de toutes les latitudes, depuis la fraise jusqu'aux
ıes, depuis la vigne et la canne à sucre jusqu'aux myrtes, aux
res et aux lauriers.
es voyages à l'intérieur de l'île de Madère s'effectuent dans des
ions très défectueuses. Il n'y a pratiquement pas de routes car-

rossables, le seule qui existe se trouve entre Funchal et Camara de Lobos. Si l'on ne veut pas aller à pied, il faut aller à cheval ou en hamac. Mais même en acceptant les inconvenients de ces deux modes de locomotion, on ne peut pas toujours s'en servir.

Le cheval ne peut pas passer partout, car parfois le chemins bordent des précipices, sont tellement escarpés qu'ils ressemblent plutôt à des escaliers qu'à de chemins. D'autre part même en hamac on ne peut pas facilement passer dans tous ces chemins. Puis il y a d'autres inconvénients de ces deux modes de locomotion. D'abord le cheval est fort coûteux et il faut mon seulement payer son propriétaire, mais aussi la nourriture du cheval, celle du guide et puis les innombrables boissons que ce dernier *veut* consommer à tous les débits que l'on rencontre.

En hamac on n'a pas à payer la nourriture d'un cheval, mais les boissons de deux hommes, etc. Les prix, soit à cheval, soit par hamac, sont excessivement élevés et presque prohibitifs. Aussi est il juste de dire que la grande majorité des gens va à pied.

Ce qui facilite un peu les relations de l'île, ce sont les vapeurs côtiers qui permettent de diminuer un peu la longueur des trajets, mais ces vapeurs côtiers sont encore bien primitivement organisés.

La navigation autour de l'île de Madère est une chose assez imparfaite, d'abord par suite de l'état de la mer qui, du côté do Nord, est loin d'être bon, puis par suite du manque de ports convenables. Il y a deux compagnies fortement rivales, Blandy et Gonçalves, qui envoient des vapeurs dans les différentes directions, mais ce n'est que sur le côté Sud qu'il y a ce qu'on peut appeler des services quotidiens. En général il est rare que sur cette côte le temps soit tellement mauvais qu'il n'y ait pas possibilité d'embarquer ou de débarquer, mais sur la côte Nord les voyages ne sont d'abord qu'hebdomadaires et en outre ils sont très souvent supprimés par suite du mauvais temps, car certaines des petites «plages» rappellent celles de la Côte Occidentale d'Afrique et en outre on n'y a pas les fameux surf-boats et les équipages si adroits des piroguiers noirs.

L'un des ports le plus périlleux ou du moins des plus désagréables est sans contredit celui de S. Vicente, aussi ne sert-il guère aux passagers, mais presque uniquement pour le transport du peu de marchandises qui y arrivent. De tous les ports de la côte du Nord, c'est celui de Porto Moniz qui semble le meilleur ; c'est un peu un port naturel de par une île placée à proximité et de par des restants basaltiques de terre ferme qui a été peu à peu enlevée par l'eau.

Si jusqu'à présent les voyages par vapeur autour de l'île sont parfois des plus désagréables, il n'en est pas moins vrai que les frets sont très modérés, aussi toutes les localités au bord de la mer bénéficient elles considérablement de ce mode de transport, tandis que pour les points situées à 1-3 heures de marche de la mer les frais rendent le transport presque impossible Les transports autour de l'île par mer sont donc fort économiques et certainement, s'ils étaient rendus plus agréables, ils serviraient à une grande partie de la clientèle voyageuse de l'île, car ainsi qu'il a été dit plus haut les routes

encore très défectueuses ; d'abord presque partout elles ne font monter et descendre ; ensuite même des routes dites royales (es- as reaes) n'ont parfois que la largeur nécessaire pour laisser pas- ıne homme. Elles sont à la charge du gouvernement, mais beau- n'ont de royal que le nom. Il y a des chemins très périlleux, ınt au pied de montagnes s'elevant presque perpendiculairement l'autre côté étant parfois presque verticalement à des centaines de es au-dessus de la mer. Les chemins les plus pénibles sont ceux ront de Ponta Delgada à Porto Moniz. Il y a, en particulier entre 'icente et Seisal, des passages qui sont des plus périlleux. Les es dites royales comprennent plus de 300 klm., mais la seule vraiment carrossable est celle de Funchal à Camara de Lobos le ne comprend que 9 à 10 klm. Des traîneaux attelés à des bœufs ant, sur certaines routes, pénétrer à l'intérieur de la contrée sur distance d'un nombre restreint de kilomètres.

Les richesses minèrales de l'île de Madère

Avant de traiter des richesses minèrales, je crois utile de donner ques renseignements économiques sur la belle île de Madère. Je par- de choses vécues, observées et étudiées dans mes divers tra- d'exploration de l'île de Madère.

L'île de Madère est enchanteresse ; sur un bien petit espace, il à la fois tous les climats et un peu de presque tous les produits ı terre. C'est surtout celui qui est de passage, qui débarque d'un au où la vie est en somme um peu monotone, qui est émerveillé outes les beautés naturelles de l'île. Mais celui qui y passe des ıines, puis des mois, ne tarde pas à reconnaître que, par suite de itions économiques mal comprises, le séjour de Madêre est beau- moins enchanteur qu'il ne le semble à première vue, du moins celui qui n'est pas millionaire.

A la capitale même de l'île, c. a. d. à Funchal, les conditions ›rielles de la vie sont en général agréables. Toutefois, pour l'é- ger sans économies qui arriverait là pour gagner sa vie, la lutte rait dure.

A la campagne, toute belle qu'elle soit, les conditions de la vie difficiles. L'alimentation est très défectueuse ; dans beaucoup droits on n'a pour ses repas que des œufs, du poisson et du pain ı plupart du temps l'un ou l'autre de ces aliments vient à man- . Il est vrai que le vin ne manque nulle part, mais d'un côté ce que du vin de l'année (car tout vin vieux est expédié aux négo- ts de Funchal), de l'autre ce vin de l'année (de vente courante) lus que généralement traité avec de l'eau de vie de canne à sucre communique au vin une odeur et une saveur *sui generis* qui géné- nent ne sont pas des plus agréables pour celui qui est accoutumé vins d'Europe.

Les gens prétendent que le vin ne se garderait pas, si l'on n'y tait de l'alcool sous une forme quelconque. Cela est possible ; c'est peut-être aussi parcequ'ils ajoutent d'abord de l'eau avant

de faire les additions d'alcool? En tout cas ils feraient mieux d'ajouter une substance n'ayant pas l'odeur si forte de l'alcool de canne à sucre. De plus le vin est très souvent chargé d'une odeur sulfurée des plus désagréables, qui provient d'un traitement soufré exagéré ou mal compris. Dans les villages on ne tue du bétail qu'une fois par semaine, généralement pour le samedi et le dimanche. Et comme l'on ne tue chaque fois qu'une seule bête, il s'agit d'arriver à temps pour avoir son morceau de viande.

Il y aurait un moyen bien simple de remédier à l'alimentation en somme défectueuse et peu faite pour donner beaucoup d'intelligence à la race de la campagne. Ce serait d'organiser des transports réguliers de vivres de la capitale aux divers villages ou d'avoir au moins dans chaque chef-lieu de conseil (concelho) une boutique convenable où l'on pourrait se procurer le nécessaire. Mais c'est qu'ici on se heurte à l'indifférence de la race de la campagne; pourvu qu'elle ait du vin et surtant de l'eau-de-vie de canne à sucre, elle se soucie en général peu de ne manger que du pain, des œufs, du poisson.

Le gros du bétail, que les gens de la campagne peuvent avoir, est vendu à la ville, les porcs ne servent guère que pour Noël, les poulets sont considérés comme des aliments à peu-près réservés aux malades.

Quand il ya des légumes, on les expédie presque toujours en ville. Il en est de même des fruits. Or on conviendra que l'activité physique et intellectuelle d'une race dépend, en partie du moins, de ce qu'elle mange.

On voit d'ici, qu'ou point de vue du pittoresque, le pays soit réellement merveilleux.

L'instruction est très arriérée; le pourcentage d'illetrés est énorme.

Quant au point de vue moral, on peut être assez satisfait.

En général les gens sont plus ou moins indolents et amateurs de la béatitude, terrestre et céleste. Leur caractère est assez doux. Sauf les défauts du bavardage, d'esprit cancanier, parfois médisant, ils sont d'un commerce facile. Ils sont généralement fort simples, sauf en ce qui concerne les questions d'argent. Pour gagner ou économiser une somme insignifiante, ils sauront à l'occasion faire des prodiges.

Sans exagération aucune, je crois qus l'île de Modere est le paradis du clergé catholique. Rarement j'ai vu les prêtres plus considérés qu'ici. Quand les gens d'un village parlent de leur saint, ils soulévent leur chapeau.

A Madere la population des villes se partage en trois classes bien distinctes. La classe supérieure se fait remarquer par son aménité, son goût et ses bonnes manières; ses mœurs, ses habitudes, son costume sont empruntés à l'Europe; les modes y tiennent de celles de France, les mœurs de celles d'Angleterre.

La classe ouvrière, de son côté, est aussi laborieuse qu'il est permis de l'attendre d'elle sous un climat aussi chaud.

La classe intermédiaire ou marchande est la seule à laquelle on

ɜr son éloge. Sans parler ici d'une certaine rapacité qui
, le voyageur est trop souvent, de sa part, l'objet d'une
ertinente, d'éclats de rire, de ricanement ou de dédain.
ırdent comme ridicule tout ce qu'ils ne comprennent pas,
; pas faute de le montrer, puisant dans leur ignorance
:royable dose de suffisance et d'orgueil.
ɔe qui concerne la composition, le classement et la phy-
rale de la population de l'île de Madère.
la race est principalement portugaise, car lorsque les
ivérent à Madère ils trouvérent l'île inhabitée et ils ti-
·tugal la population qu'ils y établirent.
, à ce qu'il paraît, le premier chef de la colonisation
; d'origine italienne. Plus tard vinrent s'agréger succes-
éléments fort dissemblables, notamment des juifs, des
s négres, transportés comme esclaves des côtes d'Afri-
archipel vers la fin du 15[e] siècle. Les vaisseaux de
ions qui depuis cette époque ont constamment et de plus
enté ces parages, y ont aussi apporté leur bonne part
enfin les Anglais qui ont occupé Madère de 1801 à
laissé en l'abandonnant de nombreuses familles établies,
beaucoup dans la composition de cette population.
ɔn le sait, c'est l'agriculture qui est la principale ri-
elle de l'ile de Madère et c'est surtout le vin de Madère
rsellement connu. Mais ce bon vin fin de Madère, que
Europe savons si bien apprécier au cours d'un bon re-
guère dans l'île. Ce n'est qu'à Funchal qu'on en trouve.
qu'il n'en existe pas de naturel, loin de moi telle pen-
est très probable que, comme pour les vins dits de
ɔnne quantité du vin, dit de Madère, est fabriquée hors
e savantes usines d'Angleterre, d'Allemagne, etc.
Sud, ce sont les concelhos de Camara de Lobos, Fun-
:a qui produisent le vin le plus estimé et de plus grande
rciale. A la côte Nord, ce sont les localités de Porto
Seisal qui produisent la plus grande quantité de vin.
ı vin, il y a la canne à sucre dont l'eau-de-vie est lar-
mmée par les habitants de l'île, soit à l'état nature,
ge avec le vin.
roduits agricoles intéressants, il y a les bananes qui
font l'objet que d'une faible exportation, quand on la
le des îles des Canaries.
ıl les methodes agricoles surivies à Madère ne présen-
articulier. Les irrigations seules, dans un pays où elles
ıvent de grandes difficultés, et où elles sont cependant
ssité pour certaines cultures, ont toujours été l'objet de
soin. L'eau des torrents est amenée dans les champs
noyen de canaux artificiels appelés *levadas,* qui traver-
dans toutes les directions, et dont l'ensemble constitue
ɜrfait.
unes de ces *levadas* ont été construites par les premiers

colons de l'île, au commencement de 15.e siècle. Leurs esclaves étai des Maures ou des Orientaux captifs, et il est à croire que l'on d à ces étrangers l'idée première de ce soin si grand donné à l'irri tion des terres, et de l'habileté supérieure déployée dans son appli tion, deux choses jadis fort peu appréciées de l'agriculture européen

Jusqu'à présent l'industrie minière n'a guére été pratiquem representée à l'île de Madère ; c'est à peine s'il y a eu quelques c rières de calcaire pour la fabrication de la chaux. Par contre, d légendes et des bruits particuliers circulent d'un bout à l'autre d l'île et non seulement parmi beaucoup d'illettrés, mais aussi parm certaines des personnes instruites.

Les plus malins sont sceptiques et sourient quand ils entendent parler de grandes richesses minérales, mais beaucoup d'autres sur la simple vue de dépôts rouges ou jaunes, provenant de la décomposition des silicates de fer des basaltes, s'imaginent qu'il doit y avoir forcément de grandes richesses minéralogiques à l'intérieur de l'île. Mais ce sont surtout les paillettes ou les cristaux à couleur dorée, soit de pyrite, soit de silicates bronzés, qui excitent fortement leur imagination, de telle sorte qu'on les entend parler de mines d'or, d'argent, de platine.

C'est au milieu d'un tel état d'esprit que j'arrivai à Madère vers la mi-avril 1907. Dès le début, je cherchai à distinguer ce qu'il y avait de réel et ce qu'il y avait de chimérique. Je m'efforçai de voir s'il y avait moyen de créer des industries quelconques et de perfectionner les quelques industries déjà existantes.

Madère étant une terre essentiellement agricole, n'a que peu ou point d'industrie manufacturière proprement dite. Tous les objets de première nécessité, meubles, habillements, y sont pour ainsi dire apportés du dehors.

Les habitants exploitent bien les basaltes pour en faire des meules ou pour construire des murs ; lls élévent bien quelques moulins ; mais tout cela est restreint dans le cercle de quelques besoins immédiats, auxquels l'importation étrangère ne pourrait ou ne saurait pourvoir, et qu'il est plus facile de satisfaire sur place, grâce aux matériaux que l'on a sous la main.

Il n'en est pas de même du commerce, auquel la fécondité du sol donne une singulière activité.

Son principale, pour ne pas dire l'unique article d'exportation, est, comme chacun sait, le vin célèbre qui a répandu ou loin le nom de l'île. C'est là sa richesse. Cependant le succés extrême avec lequel les vins de Madère et de Porto Santo sont accueillis sur tous les points du globe, loin d'encourager cette industrie dans l'archipel, semble en avoir au contraire diminué la production par la contrefaçon trop considérable et surtout trop heureuse qui lui fait concurrence.

Dans les pages qui suivent, j'ai condensé mes efforts, mes travaux, mes observations qui se rapportent à l'étude des richesses minérales de l'île.

ıdiqué plus haut que, jusqu'à présent, il n'y a pas d'in-
ɐ à l'île de Madère.
: depuis plusieurs années déjà, ou avait pris des «ma-
:scoberta de minas» (c. à d. des déclarations de décou-
es) dans divers des concelhos de l'île. J'ajouterai de
nanifesto ne peut forcément parler que d'indices. A
n'y a que quelques uns de ces manifestos, pris jadis,
avoir une réelle valeur. Parmi les plus récents de ces
y en a deux relatifs au pétrole. C'est par cette substance
encé mes recherches minières à l'île. Avant d'en parler,
r quelques-unes des opinions sur la possibilité ou non
des gisements utilisables à Madère.
·e partie de l'île de Madère est composée de rochers
ınique constitués par deux rangées, à peu prés paral-
:ction Est-Ouest, qui arrivent à atteindre par endroits
.e 2:000 mètres d'altitude.
s roches basaltiques et les différents conglomérats qui
majorité des terrains de Madère. En ce qui concerne
ıts, il y a tous les termes intermédiaires depuis le con-
caillouteux jusqu'à celui qui ne renferme pour ainsi
matière agglomérante. Le basalte domine dans les zo-
ısi que sur les pentes. Sou aspect extérieur varie sui-
tution, sa température primitive et les conditions que
ıé son éruption.
ıent il est dur, de couleur d'un noir-verdâtre, presque
général sans cristaux bien définis et se compose d'un
ıe de feldspath, de labrador et d'augite. Les surfaces
inférieures de ces couches paraissent scarifiées et po-
ıite du contact de la lave encore liquide avec l'air et

e plusieurs centaines de mètres au-dessus du niveau de
alte semble par endroits s'être transformé en un trapp
compact, riche en olivine.
personnes qui pensent que, comme l'île est volcanique,
n y trouver en fait de substances minérales utilisables.
ı'est pas dans les laves ou dans les basaltes que l'on
lement beaucoup de substances utiles. Cependant s'il
ı moins extrêmement probable que la plus grande par-
été produite par des éruptions basaltiques du miocène,
moins vrai qu'il existe en différents points des couches
Ces couches sédimentaires se manifestent en quelques
ɔériphérie de l'île, mais surtout au centre ; seulement
r, dans certains cas défavorables, on risque d'avoir à
ıal, car parfois ces couches sédimentaires sont recou-
ɜ centaines de mètres de substances éruptives. Toute-
ant des profonds ravins et de certaines gorges naturel-
peut-être y arriver sans trop grandes dépenses. Comme
t, certaines couches sédimentaires se présentent égale-
nité des bords de la mer, mais les travaux pourront

être parfois assez difficiles, parcequ'en quantité d'endroits les montagnes s'élévent presque perpendiculairement et parceque parfois il y a à peine l'emplacement nécessaire pour faire soit des puits, soit des galeries.

En ce qui concerne l'existence du pétrole, je dirai qu'il y a déjà un grand nombre de théories scientifiques qui expliquent la formation du bitume et du pétrole, mais que jusqu'à présent il n'y en a pas une seule qui soit complétement satisfaisante. Ainsi qu'on le sait, il y a trois théories principales de la formation du pétrole: 1º celle de la formation organique, c'est-à dire de la décomposition de substances végétales ou animales, contemporaine du sol où la substance existe; 2.º la formation ancienne ou contemporaine du pétrole à l'intérieur de la terre par suite de la production de réaotions purement chimiques; 3º la théorie de l'origine volcanique du pétrole, d'après laquelle les éruptions auraient été accompagnés d'une formation de pétrole.

En ce qui concerne la théorie de l'origine volcanique, elle suffirait par elle-même pour justifier les recherches.

Mais la théorie de la formation organique peut également être invoquée dans le cas présent, car à Madère il y a également des couches sédimentaires. Les résidus organiques qui s'y trouvaient pouvaient avoir été soumis, par la chaleur des éruptions volcaniques postérieures, à une distillation spéciale et pouvaient en conséquence avoir produit du bitume et du pétrole.

Je ne crois pas que l'on arrivera jamais à trouver à l'île de Madère des quantités bien considérables de pétrole, mais je crois qu'il n'est pas absolument impossible d'en trouver de petites quantités utilisables qui ajouteront un peu de richesse aux superbes richesses agricoles de l'île.

En tout cas une chose est bien certaine, c'est que jusqu'à présent il n'y a pas de théorie de la formation du pétrole qui soit absolument parfaite. On ne peut donc pas se baser de façon bien certaine sur telle ou telle theorie pour dire qu'il y a ou qu'il n'y a pas de pétrole à l'île de Madère.

Il faut donc chercher expérimentalement, ce que j'ai fait.

A environ 300 metres de l'agence des bateaux de Calheta et à environ 500 mètres de la localité du même nom se trouve un endroit légèrement pétrolifère et ceci à proximité d'un mur qui a été construit en 1906 pour protéger la route et pour remédier aux ravages de l'action de la mer et les roches basaltiques presque verticales.

C'est en effectuant les travaux nécessaires aux fondations du mur qu'en 1906 les ouvriers remarquérent une odeur de pétrole. Cette odeur n'est pas une chose fugitive, car elle existe depuis des mois. En creusant à 1 ½ ou 2 mètres, on remarque qu'autour des blocs de basalte concassés et empâtés dans une masse argileuse (qui elle-même semble provenir de la décomposition des basaltes), il y a une odeur de pétrole assez forte et de plus, qu'en arrosant cette terre avec de l eau, cette derniere se recouvre à la surface d'une couche oléagineuse. On remarque qu'à certaines époques cette couche olé-

ıeuse est plus abondante qu'à d'autres et que parfois il y a des ntements jusqu'au bord de la mer.

Je vis moi-même le premier trou, creusé par les gens du pays, ı retirai de la terre imprégnée de pétrole; je fis creuser un puits :ôté et les mêmes phénomènes se renouvelèrent, quoiqu'un peu plus blement. Mais ceci n'a rien de bien extraordinaire, car on sait bien 'en faisant un trou, ce n'est qu'au bout de quelque temps (variable vant les circonstances) qu'il y a apparition de pétrole surnageant ıu qui peut également exister.

A côté de ces premiers trous je fis creuser un peu plus haut à 3 tres de profondeur et j'eus l'occasion d'observer les mêmes indices l'existence du pétrole. Il est vrai que l'on pourrait s'étonner que ı ait trouvé un peu de pétrole à proximité de roches volcaniques en particulier basaltiques. Toutefois il est bon de faire remarquer 'à l'endroit où l'on trouve ce pétrole le terrain est à la fois argi:x, sableux et caillouteux. Et s'il n'y a qu'un tout petit peu de pé'le, il ne faut pas s'en étonner, car on sait bien que près de la sur:e du sol les suintements ne sont jamais importants. Si l'on veut ir davantage, il faut creuser. Il est vrai que ce n'est pas en creuıt à 8, 10 ou même 20 mètres que l'on pourra trouver le véritable trole, mais on aura l'immense avantage d'avoir des indications encore ıs précises. D'autant plus qu'il est bien reconnu que les puits à pé le ne doivent pas nécessairement être creusés à l'endroit où se proisent les suintements, mais souvent à une distance que seule l'étude profondie du terrain peut faire reconnaître.

Celui qui n'a pas vu cet endroit pétrolifère, pourrait se demander l est possible qu'il y ait du pétrole? A cela je repondrai qu'à l'heure tuelle il n'y a aucune théorie scientifique empêchant d'admettre la ssibilité de l'existence du pétrole à l'île de Madère. Il est même ssible d'en trouver d'après les conditions de formation de quelques ints de l'île. Mais ce qui a plus de valeur que toutes les théories que n peut faire, c'est que les indices de pétrole ont été réellement reconnus.

Bien des gens se figurent également que, parceque l'île de Mare est volcanique (et encore ils oublient qu'il y a une partie qui ne st pas), il n'y a pas moyen d'y trouver de l'or.

Mettons donc les choses au point.

Il est vrai que ce n'est pas dans les basaltes qu'il faut chercher r. Mais il y a roches éruptives modernes et roches éruptives ancien:s. Parmi ces dernières les diabases, les porphyres à diabase, etc. nt susceptibles de renfermer de l'or sous ses divers états, entr'aues sous celui de l'association à la pyrite de fer.

Or ces roches existent en divers points de l'île, donc cela seul jusfierait parfaitement de faire des recherches pour l'or. Je ne dis pas ı'il y a réellement de l'or à l'île de Madère, mais je prétends que n ne peut pas dire qu'il n'y n'en a pas.

Venir dire de façon doctorale qu'à Madère il ne peut pas y avoir l'or est une façon fort sotte de parler; en tout cas au point de vue ientifique rien ne permet de dire de façon nette qu'il ne peut pas avoir de l'or.

L'île de Madère se compose de masses éruptives, mais dans ces dernières il faut distinguer les masses éruptives anciennes et les masses éruptives plus modernes.

Parmi les anciennes il faut remarquer l'hypersthénite qui se compos d'hypersthène et de labradorite, puis les diabases et les porphyres à diabase à coloration d'un noir verdâtre ou d'un vert gris-noirâtre avec un peu de feldspath, ensuite les mélaphyres, puis les dolérites, les trachydolérites, etc. Seulement il convient de reconnaître que les masses éruptives anciennes n'ont que peu de développement à l'île de Madère. D'autre part il est bien clair que les masses éruptives plus modernes, telles que les basaltes, ne peuvent pas renfermer de l'or.

Je vais donner maintenant *grosso modo* les résultats des recherches minières aux îles de Madère et de Porto Santo.

A l'île de Madère j'ai trouvé des oxydes de manganèse même assez répandus, quoique parfois avec un pourcentage un peu faible.

Voici d'abord la composition d'un produit plus ou moins pulvérulent de Fajão da Ovelha dans le concelho de Calheta : peroxyde et autres oxydes de manganèse 31,2 %, oxyde de fer 45,1 %, argiles et autres silicates 14,5 %. Le minerai semble s'être accumulé dans les fissures de roches manganésifères et il est bien possible qu'il n'est autre chose que le produit de décomposition des dites roches. D'ailleurs j'ai rencontré à l'île de nombreuses roches qui, à l'analyse chimique, ont été reconnues être des silicates de magnésie, de fer, d'alumine et de manganèse. Il y a surtout une substance analogue à bronzite qui est fort répandue et qui au soleil luit plus ou moins à façon de l'or et qui pour cela a induit en erreur tant de gens qui « force» pensaient qu'il devait y avoir de l'or. On avait même pris, y a quelques années, un certain nombre de déclarations de découvertes de mines de ladite substance.

Je ne vais pas jusqu'à dire qu'il n'y a pas d'or du tout à l'île, seulement jusqu'à présent je n'en ai pas encore vu beaucoup. A Porto da Cruz j'ai rencontré une roche, légèrement verdâtre, quand elle est humide, s'oxydant très rapidement à l'air et devenant alors plus ou moins brune et renfermant principalement du feldspath et de l'olivine et en plus une petite proportion de très petits cristaux de pyrite de fer et cette dernière elle-même très légèrement aurifère.

Mais ce n'est pas grand chose et pour l'instant il est absolument impossible de songer à exploiter des quantités si insignifiantes.

A côté des minerais de manganèse indiqués, il y a également à l'île des minerais de fer qui sont manganésifères.

Un bon type est celui de la Ribeira d'Alfora près de Camara de Lobos. Là on trouve, entre les conglomérats, des veines à composition suivante :

Oxydes de fer et de manganèse......	73,15 %
Argile et autres silicates............	17,50 %

: que les minerais de manganèse sont principalement em-
dans la métallurgie, pour la préparation des fontes à man-
ɪour celle des ferromanganèses; 2) dans les industries chi-
ur la préparation de l'oxigène, du chlore et des chlorures
; 3) dans la verrerie, pour l'affinage des verres colorés
ıte ferreux.
es minerais de manganèse de l'île de Madère seraient-ils
; de bien des applications et, aussi qu'on le verra plus
n a encore de bien meilleurs à l'île de Porto Santo.
les matières premières nécessaires à la fabrication de la
ciment, de la faïence et de la porcelaine sont richement
s à l'île de Madère.
ırtout près de Rabaçal et ensuite à Boa Ventura que l'on
bon kaolin, tandis qu'en d'autres endroits il est mélangé
'ertaine proportion de feldspath inaltéré et qu'alors sa te-
:alis est naturellement plus élevée. Le kaolin du Rabaça
),20 % de silice, 36,50 % d'oxyde d'aluminium, 1 % de
otasse et 13,5 % d'eau. Il n'y a que des traces de fer et
; seulement que des traces de magnésie.
grise ordinaire est assez répandue à Caniço, Gonçalo, Ca-
La composition la plus fréquemment rencontrée est: silice
ɾyde d'aluminium 35,3 %, oxyde de fer 0,5 %, eau 12,9
:omposition est celle d'échantillons de Gonçalo.
; grande partie du calcaire consommé à l'île de Madère
île de Porto Santo, mais à l'île de Madère même il y a
calcaire. Témoin celui de S. Vicente qui a la composition
ɪxyde de calcium 55,16 %, acide carbonique 43,34 %,
). Parfois il y a 0,5 % d'oxyde de fer, mais parfois il
ıe des traces.
: Porto Santo qui a 16 kilm. de long et 3 kilm. de large
grande partie volcanique comme l'île de Madère, mais les
limentaires et en particulier les couches calcaires y sont
'eprésentées et même bien plus qu'à Madère. On y trouve
d'animaux, tout comme de plantes.
ques points, p. ex. entre le Pico do Castello et le Pico de
trachytes ont percé la masse des conglomérats et des ba-
:alcaire existe sous toutes les formes possibles, mais prin-
au bord de la mer et sourtout au dessous du niveau.
ncontre la calcite, le marbre, l'arragonite, le calcaire amor-
.rnes, les calcaires siliceux, etc. C'est à l'îlot, nommé Ilheu
que l'on trouve le calcaire le plus pur.
.es variétés de trachyte que l'on trouve au Pico do Cas-
n a une qui est presque blanche et qui se compose de pe-
facilement pulvérisables qui ne sont pour ainsi dire que
ı. A côté il y a d'autres variétés qui renferment également
ine et de l'augite.
de Porto Santo il y a deux gisements d'oxydes de man-
ı au Zimbralinho, l'autre entre la Rocha do Alto do Pé do
ɐ Porto da Canna Vieira. Le minerai se présente sous

forme de morceaux plus ou moins grands, est amorphe et de coloration d'un gris-noir. Voici la composition du minerai de Zimbralinho: peroxyde de manganèse et autres degrés d'oxydation inferieurs du manganèse 39,9 %, oxyde de fer 30,1 %, argiles et autres silicates 15,4 %. Il y a un peu de chaux et le minerai est naturellement imprégné de sulfates et de chlorures de sodium et de magnésie, attendu qu'il se trouve presqu'au bord de la mer.

En somme, de tout ce que j'ai vu jusqu'à présent ce qui, pour l'instant, semble de plus positif ce sont les minerais de fer et de manganèse:

1) Les minerais de fer de Camara de Lobos et celui de Ponta do Sol. Le 2e qui est réellement parfait n'existe, il est vrai, qu'en quantité faible, mais son pourcentage en fer est très élevé et il se peut qu'on en trouverait davantage à de plus grandes profondeurs.

2) Les minerais de manganèse de Fajão da Ovelha et de Porto Santo. Les premiers sont beaucoup moins riches en pourcentage, mais il se peut qu'ils le deviendraient en faisant des excavations assez profondes.

Quant à ceux de Porto Santo, ils sont plus riches, mais il n'est peut-être que tout juste de reconnaître qu'ils sont dans un endroit plus difficile à exploiter, que sous ce rapport-là ils sont donc dans un état d'infériorité. Cependant il est bon de se rappeler qu'ils pourront servir pour l'avenir.

Voilà donc ce qu'il y a de plus positif. En dehors de cela nous avons toutes sortes de choses intéressantes qui, dans l'avenir, pourront nous fournir des choses fort utiles. Nous avons toutes les couches sédimentaires, dont nous avons reconnu l'existence en quantité d'endroits et qui sont suceptibles de renfermer de pétrole, du bitume, de la houille, etc.

Mais nous avons aussi la possibilité (et jusqu'à présent personne ne peut démontrer le contraire) de trouver de l'or. Il est vrai que là, où les gens du pays pensaient qu'il y en avait, il n'y en a pas eu, mais peut-être que là où l'on s'y attend le moins, on en trouvera des quantités sensibles.

Voici maintenant quelques renseignements plus détaillés sur diverses analyses effectuées.

I. — Analyse commerciale d'un minerai de fer provenant de la ribeira da Alfora, à l'ouest de Camara de Lobos et à l'est du Cabo Girão.

La matière renferme des parties cristallisées ainsi que d'autres parties amorphes à couleur brune et noire et se compose d'hydrates de protoxyde et de peroxyde de fer avec de l'oxyde de manganèse et de la silice et un peu d'argile.

Le résultat d'un essai est le suivant:

feu (eau et acide carbonique)................ 8,30 %
nsoluble dans l'acide chlorhydrique bouillant.... 17,50 %
de fer et de manganèse...................... 73,15 %
›n dosés, etc.

100 — 73,15 — 17,50 — 8,30)........... 1,05 %

ır en phosphore est assez élevée et atteint .... 0,604 %

: bon de se rappeler que la métallurgie arrive à utiliser cou- des minerais qui ne renferment même que 30 % de fer. Quant portion de phosphore elle arrive à être éliminée sans grande par les procédés métallurgiques spéciaux.

ninerai se trouve à l'endroit dénommé Ribeira da Alfora et ès à l'intersection du sentier allant de Camara de Lobos au Rancho et de ladite Ribeira da Alfora, qui en amont porte de Ribeira da Gracia. D'après ce que les gens m'ont dit, le main droite de la «ribeira» appartient à José Gonçalves Hen- e Camara de Lobos, et celui à main gauche appartient à Um- e Jesus. Le bas de la même rivière da Alfora s'appelle le A cet endroit-là et à environ 10 minutes de distance du ntersection, il y a également un minerai de fer qui a à-peu- même composition que celui qui vient d'être analysé précé- :. D'ailleurs tout à côté il y a une source d'eau douce qui elle- t environnée d'oxydes de fer variés.

- Analyse du minerai de fer de la furna au dessus du Caes ı do Sol (propriété Giorgi).

ılyse a montré que ce produit n'est autre chose que du pero- fer cristallisé, remarquablement pur. Voici le pourcentage reconnu :

› % de fer métallique.

donc un fort bon minerai. Malheureusement jusqu'à présent reconnu qu'en faible quantité.

– Analyse du minerai de manganèse de Fajão da Ovelha › de Calheta).

de manganèse avec d'autres degrés d'oxydation
eurs du manganèse........................... 31,2 %
: de fer.................................... 45,1 %
silicates variés............................ 14,5 %
: et eau chimiquement combinée............... 5 %
n dosés..................................... 4,2 %

,rque. L'échantillon soumis à l'analyse représente la teneur . Il y a des parties plus pauvres, mais il y a également des ien plus riches. La matière elle-même n'est jamais bien ho- mais renferme toujours des silicates provenant des roches s.

IV. — Analyse d'un minerai de manganèse provenant de la «Rocha do Zimbralinho», de l'île de Porto Santo.

Bioxyde de manganèse avec d'autres degrés d'oxydation inférieurs du manganèse	39,9 %
Oxydes de fer	30,1 %
Argiles et silicates variés	15,4 %
Humidité et eau chimiquement combinée	7,1 %
Corps non dosés (chaux, chlorure de sodium, sulfate de soude)	7,5 %

Remarque. Le minerai se trouvant au bord de la mer est forcé ment imprégné de chlorure de sodium et de sulfate de soude ainsi qu de sels de magnésie.

Il est assez bon, seulement par la voie de terre il est très diffici de l'exploiter. Il faudrait faire des chemins ou venir en barque p mer. L'échantillon est terreux, noir et à-peu-près homogène.

V. — Analyse d'un minerai de manganèse provenant da «Roc do Alto do Pé do Cocho», de l'île de Porto Santo. Les échantill de minerai de manganèse «da Rocha do Alto do Pé do Cocho, p o lado Sul do Porto da Canna Vieira» sont plus riches que ceux manifesto Blandy, du Sitio da Rocha do Zimbralinho.

VI. — Analyse du minerai de fer do Jogo da Bola de la fregu de S. Jorge.

Ce minerai est un hydroxyde de fer brun-noirâtre qui renfe entr'autres les oxydes $Fe^3 O^4$ et $Fe^2 O^3$ et qui, dans divers des éc tillons examinés, contient un minimum de 48 % d'oxyde de fer.

Il est très intéressant de voir combien les oxydes de fer son chement représentés à l'île de Madère.

Il n'est pas impossible qu'avec des fouilles sérieuses, mais teuses et qui ne pourront être faites que par des gens très e prenants et courageux, on arrive à mettre en évidence de vérit trésors de fer.

Les échantillons du Jogo da Bola proviennent du fond d'un rain à proximité du bureau des postes de S. Jorge.

VII. — Analyse d'une roche de la Fonte da Junqueira, à Port Cruz.

La roche de Porto da Cruz n'est pas un produit à compos nette et homogène dont il est possible de faire aisément une an complète et exacte.

C'est un mélange à composition très variable de divers silic feldspath et d'olivine (silicate complexe d'alumine, de chau soude, de potasse, de magnésie, etc.).

Dans ce mélange se trouvent répartis plus ou moins irrégu ment des petits cristaux de pyrite de fer à composition bien co et régulière renfermant 53,2 % de soufre et 46,5 % de fer.

Cette pyrite est très légèrement aurifère. La proportion d'or tenue dans la roche est très faible, varie entre 1 gr. et 1 gr. 5 à la tonne.

/III. — Analyse d'une terre de Porto da Cruz qui renferme éga-
:nt un peu de pyrite de fer.

le viens de reexaminer et très attentivement une roche provenant
Lameiro et en particulier du terrain de Dona Rita Leal, de la
uezia de Porto da Cruz.

Il y a bien là de toutes petites portions de pyrite de fer et, si je
ens en parler aujourd'hui, c'est simplement pour dire, que si ja-
s l'on a envie de faire des fouilles dans la freguezia de Porto da
z, il conviendra de les faire d'abord à la Fonte da Junqueira qui
squ'aujourd'hui du moins) me semble l'un des endroits les plus fa-
ables.

Je ne garantis pas qu'à la Fonte da Junqueira on trouvera très
:ainement des richesses; je viens seulement dire que l'endroit est
ez curieux et que si plus tard on a envie de faire quelques recher-
s, il conviendrait de ne pas oublier cet endroit.

IX. — Analyse de la roche da Quinta Grande, entre Camara de
ios et le Campanario.

Il a été reconnu que la roche en question est une substance à
position variable, mais renfermant des silicates de magnésie, de
d'alumine, de chaux et de manganèse. (Ce dernier métal ne se
ve pas en bien grande quantité).

Ce produit naturel est analogue à celui qui est revendiqué dans le
ifesto pris en Mai 1907 par Mr. Anthero Lyra et ceci à Porto-Moniz.

X. — Analyse d'une substance analogue à la bronzite qui est fort
ndue à l'île de Madère et qui, au soleil, luit plus ou moins à la
n de l'or et qui pour cela a induit en erreur beaucoup de gens
pensaient qu'il devait y avoir de l'or.

C'est un silicate complexe de magnésie, de fer, d'alumine, de
x et de manganèse, etc. Exemple les échantillons qui proviennent
Pico das Achadas de Santa Anna.

Manifesto de Mr. Gonçalves).

XI. — Analyse d'un kaolin provenant de Rabaçal.

Le produit est blanc et renferme quelques fragments de feldspath
complétement altéré, de quartz et de mica.

D'ailleurs il est très facile de séparer par lévigation le quartz et
ca.

L'analyse a indiqué la composition suivante:

Silice	49,20 %
Alumine	36,50 %
Oxyde de fer	traces uniquement
Soude et potasse	1,00 %
Magnésie	un peu plus que des traces
Eau	13,15 %
Total	99,80

e produit est donc assez bon, il est intermédiaire entre le kao-
: Chine et celui de Saint-Yrécix en France.

Il est un silicate hydraté d'alumine.

Le kaolin de Boa Ventura est presqu'identique à celui de Rabaçal, sauf qu'il est très légèrement calcaire et un peu plus ferrugineux. De plus il est moins abondant.

XII. — Analyse d'une argile d'un gris-clair provenant de la freguezia de Gonçalo, à proximité de la freguezia de Caniço et sur la droite de la route qui va de Funchal à Caniço.

Silice	50,5 %
Alumine	35,3 %
Oxyde de fer	0,5 %
Eau	12,9 %
Total	99,2

L'argile est grisâtre, à cassure terreuse, happant à la langue, faisant avec l'eau une pâte plastique et offrant une odeur particulière lors qu'on la présente un instant à l'haleine humide.

A l'air sec elle perd une partie de son eau en subissant un retrait considérable. Elle abandonne le reste lorsqu'on la calcine et naturellement le retrait augmente avec la température.

En somme le produit examiné provient de la décomposition sur place des roches feldspathiques (provenant elles-mêmes des basaltes) et est en somme une argile relativement pure et utilisable.

XIII. — Analyse d'une argile de Caniçal, du concelho de Machico.

Cette argile est un peu moins bonne que celle de Gonçalo et de Caniço et se rapproche même davantage des marnes.

Il y a 44 % de silice combinée et environ 14 % d'alumine.

Puis il y a, suivant les échantillons, de 5 à 10 % d'oxyde de fer (ceux qui ont 10 % sont les échantillons qui paraissent trés rouges) et de 10 à 30 % de carbonate de chaux.

En plus il y a des traces d'alcalis, de fer, etc.

Les échantillons des fossiles des «fossil beds» sont des mélanges à composition variable de calcaire et de silice.

Je ne dis pas qu'à Caniçal il n'y ait pas de meilleurs argiles que celles dont la composition vient d'être indiquée; je dis uniquement que les échantillons examinés ont eu la composition ci-dessus.

XIV. — Analyse du calcaire de S. Vicente.

Ce calcaire cuit donne une chaux grasse.

Sa composition est la suivante:

Oxyde de calcium (chaux)	55,16 %
Acide carbonique	43,34 %
Argile	1, 5 %
Oxyde de fer	traces

Il est vrai qu'il y a des échantillons qui renferment un peu plus d'oxyde de fer, jusqu'à 0,5 %, mais en général ce calcaire est très

ı oxyde de fer et s'il est parfois trés coloré, c'est tout sim-
ar suite de la présence d'un peu de roches volcaniques pro-
lites.

us après la cuisson la teneur de l'argile est naturellement
e et arrive à atteindre 2,8 °/o.

yse indiquée se rapporte à un échantillon à structure un
aroïde ; d'autres échantillons donnent quelques 0/0 en moins,
ıferment un peu d'eau.

atières premières employées pour la fabrication des ciments
ment représentées à l'île de Madère, depuis la marne pâ-
u'à la pierre calcaire la plus dure, depuis d'argile plastiqne
chiste argileux.

résulte que l'on peut obtenir des ciments à compositions
très variées, mais il en résulte également que, suivant les
nts, le procédé de fabrication des ciments de Madère sera

en examinant minutieusement les qualités physiques et chi-
s matières premières et en faisant l'étude des localités d'ex-
et des conditions économiques que l'on arrivera à créer à
ndustrie de ce genre.

- Analyse de la terre à apparence argileuse provenant de
e lignite de S. Jorge (na Ilha).

ns des morceaux (mais pas tous) de cette terre ont la cu-
priété de se fendiller en quantité modérée d'eau. On voit
ce qui doit se produire dans ces terrains là en contact de
pluie et cela explique bien des éboulements. La substance
ne que fort peu de calcaire, mais environ

°/o de silice
,9 °/o d'alumine et d'oxyde de fer.

st donc pas une argile proprement dite, mais une espèce
provenant de toutes sortes de roches et renfermant des
variables de divers silicates et non pas seulement de silicate

nia) Eug. Ackermann

OS VULCÕES DAS ILHAS DE CABO VERDE E OS SEUS PRODUCTOS

(Continuado da pag. 248)

Basalto com feldspatho

Esta rocha que se encontra muito em todas as ilhas, apresenta-se em correntes e em veios.

Todos os basaltos com feldspatho são muito semelhantes microscopicamente, ao posso que sob o ponto de vista macroscopico são ora porphyroidicos, ora compactos, ora com estructura doleritica. Em muitos predomina a plagioclase, mas em alguns a pyroxene. A hornblenda falta inteiramente, emquanto que a biotite apresenta-se ás vezes.

Plagioclase. — Esta parte constituinte existe geralmente em estreitos filetes ou em microlithes que comprehendem poucas lamellas; junto com estes ha alguns, mais ou menos frequentes, de secções hexagonaes maiores que consistem de numerosos individuos polysyntheticos; nas rochas com formação doleritica aquelles formam muitas vezes a maior parte, emquanto que ás vezes faltam inteiramente nas rochas compactas. Em quanto á estructura microscopica da plagioclase, offerece pouco de notavel; em geral contém poucos inclusos de magnetite, apatite ou augite; inclusos de vidro existem em quasi toda a parte, mas sómente em pequena quantidade. Todas as plagioclases são muito recentes e quasi nunca turvas. Emquanto ás relações opticas, os planos d'extincção foram verificados em muitissimas rochas como os da anorthite, 0 até 37°; outras rochas contéem plagioclase, cujos planos d'extincção corresponderiam ao labrador. Mas quando se verificam nas rochas primeiro nomeadas os diversos feldspathos, aonde é possivel, seja pela fusibilidade, seja pelos methodos de Szabo e de Borick, vê se que nem todos os individuos se apresentam egualmente; é verdade que taes experiencias são extraordinariamente delicadas e enganam-nos facilmente, mas apezar d'isso parece-me provavel que nem todos os individuos téem a mesma composição, apezar das differenças não serem muito consideraveis; taes differenças apresentam-se não sómente entre as plagioclases porphyroidicas e os pequenos filetes e os microlithes, mas tambem entre os ultimos. Em dois casos era possivel ver que as determinações opticas não correspondem á composição chimica média, uma boa prova que n'estes casos os diversos individuos são differentes opticamente e chimicamente; infelizmente não podiam fazer-se as observações opticas, porque a formação dos individuos só permitte fazer as placas micrographicas pelo methodo de Michel-Lévy, o que, conforme as recentes investigações de Schuster, póde muito facilmente produzir erros. Considerando todas as relações, vê-se que é provavel que haja

ɜ dos diversos crystaes de feldspatho. Com toda a certeza ficar-se que todos os basaltos com plagioclase estudados ı feldspatho que seria mais acido do que a andesine.

ne. — Este principio constituinte de rocha apresenta-se em porphyroidicos, como tambem em crystalloides, grãos e . Em algumas rochas apresentam se duas augites, ás ventes pela côr, que provavelmente não se têem formado no aço de tempo ; são crystaes maiores e cristalloides ou mi- Mas em muitas rochas encontra-se a augite em crystaes ɜ formados de grandeza diversa, confórme o grão da ro- ; as pyroxenes são monoclinas (até ao ponto em que foi posicar), pelo menos não se podia provar a presença d'uma ·hombica.

iores augites apresentam muito frequentemente estructura s e apparecem geralmente em secções de crystaes regular- nados com tons de côres vermelha, castanho ou castanho ı ; os primeiros tons apresentam um notavel pleochroismo. anto ás relações opticas das augites, os planos d'extincção dem-se entre 0-30° e são portanto os da augite ordinaria. ɜnte as augites dos basaltos com feldspatho são basicas, ɜrro e em magnesia. A soda encontra-se em pequena quanrtanto sob o ponto de vista da fusibilidade apresentam-se cilmente fusiveis ; é sómente ao principio do calor da in- :ia branca que se póde observar a fusão. Os gemeos são juentes; ás vezes ha tambem gemeos polysyntheticos. A stallographica é a fórma usual; ás vezes vê-se tambem o augites apparecem como inclusos magnetite, apatite e vi- ɔequenos individuos apresentam mais frequentemente sec- ;onaes alongadas ou tambem nas extremidades pequenos mirredondados; mais raramente são crystalloides ou grãos. nunca as pequenas augites são pleochroiticas ; os tons de são geralmente amarellos, raramente castanhos. A cliva- .tas vezes visivel.

usos, a magnetite e o vidro são em geral raros.

neos apresentam-se entre os maiores e entre os menores (em verdade entre estes ultimos muito raramente); as for- meas polysyntheticas parecem ser muitos raras. As augites is por serem recentes. A repartição d'ellas é muitas vezes é frequente a disposição radial dos individuos ou uma ão volumosa n'um ponto das placas micrographicas.

supplente da pyroxene ha, ás vezes, biotite; esta nunca se staes bem distinctos, mas, em geral, em particulas que só verificar microscopicamente.

ne que, com uma unica excepção, foi verificada em todos s contendo feldspatho e quasi sempre um incluso ou pelo primeiro producto de consolidação. Apresenta-se em crys- :ções hexagonaes e tambem em grãos ; ao microscopio apre- coloração amarello-clara ou então descorada; n'este ul- apresenta geralmente uma orla verde serpentinisada ou

uma orla castanha impregnada de oxydo de ferro. E' muito pobre em inclusos, magnetite, biotite e microlithe.

Só raramente faltam na massa fundamental as rasgaduras. Não ha inclusos vitreos. Mas póde admittir-se que a olivine era o primeiro producto de solidificação solida já, quando a massa fundamental era ainda muito liquida. A quantidade de olivine é muito variavel, mas, em geral, póde dizer-se que não se encontra em grandes quantidades; nunca chega a ser de dimensões microscopicas. Sob o ponto de vista chimico a maior parte das olivines não são muito ricas em ferro, portanto muito difficilmente fusiveis e sómente ao calor da incandescencia branca. Parece que não ha ferro titanico nas rochas examinadas. A magnetite apresenta-se em geral em secções regulares.

Estructura. — Confórme a estructura podemos distinguir basaltos doleriticos, granulosos e compactos.

Considerando a estructura microscopica pódem distinguir-se basaltos puramente granulosos e basaltos que contéem base vitrificadora; mas os ultimos são raros e mesmo n'esses raros a base só se apresenta em pequena quantidade. Em quanto á composição quantitativa a pyroxene predomina em toda a parte; em algumas rochas a plagioclase é inteiramente subordinada. Pódem distinguir-se diversos typos da rocha.

a) Rochas microscrystallinas compactas. Como primeiro typo te mos unicamente rochas que parecem compactas exteriormente e qu raramente contéem olivines ou augites porphyroidicas. Ao microsc pio parecem uma mistura de grãos finos de augite e plagioclase co mais ou menos olivine, mas a ultima apresenta-se geralmente e maiores crystaes ou em grãos.

Só raramente tem a plagioclase predominante, mas são em ger mais ricas em feldspatho do que as rochas doleriticas.

Estas rochas apresentam-se na Bahia do Tarrafal, da ilha de Antão, com massa fundamental microcristallina, com augites averm lhadas e com feldspatho, cujos planos d'extincção o tornam semelhan á anorthite; tambem se apresenta no valle de Boa Entrada com fel spatho rico em acido silicico; o limite dos planos d'extincção é 27°; ha pouca olivine e muita magnetite.

No valle superior do Pico ha uma rocha que apresenta ao micr copio muitas augites avermelhadas, não pleochroiticas, de divers tamanhos, parte em crystaes, parte em grãos. Junto com esta augi que predomina, apparece a plagioclase em filetes de crystaes geme polysyntheticos.

Os planos dos filetes d'extincção variam entre 0 e 37°; os filet contéem pequenos grãos de magnetite e microlithes d'augite. Alé d'isso a olivine apresenta-se tambem em pequena quantidade, não e grandes mas em pequenos crystaes. Nota-se claramente a presen da magnetite.

N'este caso a decomposição da rocha, pela solução de biiodure de mercurio ou pelo electro-iman não foi bem completa, porque

; intermediarios de plagioclase-olivine, de plagioclase-augite
ram ser bem separados aqui. Em primeiro lugar a magne-
;tirada, depois fez-se a separação com a solução, em seguida
ı-se o electro-iman. Obtive assim 0^{gr},65 de magnetite, 2^{gr},5
e pura, 1^{gr},4 de plagioclase, 2^{gr},4 d'uma mistura de augite
ine e plagioclase, 0^{gr},6 de augite com plagioclase. Analy-
tra vez os productos intermediarios de 2^{gr},4, havia n'estes
de olivine e cêrca de 0,4 de augite, mas estas indicações
proximadas. A percentagem da composição é approximada-
seguinte:

etite	9 %
e	39-46 %
ıe....................................	6-10 %
oclase................................	32-45 %

analysar a augite e a plagioclase era necessario empregar
ıuantidades, afim de obter finalmente as partes mais puras. Do
ima descripto foram analysadas cerca de 100 gr. e obtive-
^{gr},5 de augite e 2 gr. de plagioclase; a primeira era appro-
ente pura, emquanto que a ultima tinha olivine e vestigios
ɔ, como tambem era misturada com inclusos vitrosos e com
grãos de magnetite, e é por isso que tem tambem ferro e

alyse de tufo foi executada pelo sr. F. Kertscher, as analy-
aes foram feitas por mim.

	Analyse de tufo	Augite	Plagioclase
....	42,65..........	42,15.........	48,88
....	15,35..........	21,51.........	28,92
....	6,46..........	3,79.........	1,52
....	8,19..........	9,43.........	—
....	11,96..........	12,28.........	11,29
....	7,14..........	7,55.........	1,01
....	1,47..........	—	0,61
....	5,02..........	2,98.........	6,79
....	1,28..........	—	—
	99,52	99,69	99,02

ındo pela percentagem em soda, a percentagem em plagio-
dia talvez ser mais alta que 40 %. A analyse mostra que
em um feldspatho da serie da anorthite, apesar de por aquella
ıoder chegar a uma formula d'esta, porque a substancia que
·o e magnesia estava em todo o caso contaminada. Com a
e com a separação mechanica pode-se calcular approximada-
seguinte composição: Ag $_5$, Ol $_1$, Pl $_5$, Mg $_1$.
ɔ outras rochas que tambem aqui pertencem, podem ser men-
as seguintes.
·ista entre os valles dos Picos e dos Orgãos na ilha de S.

Thiago assemelha-se inteiramente á rocha que acabei de descrever, mas não contém pouca biotite.

Ponta do Sol, S. Antão: pequenas olivines transformadas em hydroxyde de ferro; exteriormente um pouco porosas e ao microscopio apresentando uma regular mistura de augite e plagioclase.

Porto de S. Vicente: exteriormente compacta, muita augite. Cratera de Vianna, S. Vicente: escoriacea, pouca olivine que está egualmente transformada, mais plagioclase do que nas outras rochas.

Boca da Curuja, S. Antão: rocha em veio, compacta e preta, muita augite avermelhada semelhante á rocha do Pico.

b) Dolerite. O segundo typo de estructura que é muito menos frequente, é o doleritico: rochas granulosas ou rochas tendo em uma massa fundamental, que desempenha um papel secundario em grãos finos, muitos maiores inclusos. Quasi todas estas rochas são caracterisadas pela pobreza em plagioclase e a augite é o principio constituinte que predomina. Exteriormente apresentam-se como massas granulosas de côr escura com muita olivine e com augite preta.

Ao microscopio vê-se que a olivine é muito variavel em quantidade, encontra-se em geral em secções hexagonaes, é descorada ás vezes com orla amarella. As augites avermelhadas ou de côr castanha apresentam estructura em concha e os inclusos que já diversas vezes foram mencionados. Os crystaes são mais raros do que os grãos; todas as augites, quer sejam de alguns millimetros de comprimento ou só microscopicas (o que é raro), apresentam as mesmas relações e não se podem differençar. A plagioclase encontra-se em filetes bem limitados de diversas dimensões que, conforme os planos de extincção, parecem ser anorthite; estes filetes são muito puros e comprehendem de 8 a 10 lamellas; não são muitos. Ha frequentemente magnetite em secções quadraticas, que muitas vezes são dispostas em cordões; tambem é frequente a magnetite em grãos; ha falta completa de massa vitrificadora. Estas rochas são especialmente na costa do noroeste de S. Vicente perto do porto; tambem as encontrei no Pico Losnas, na ilha de S. Antão; a ultima rocha é muito rica em olivine. N'uma d[illegible] rochas de S. Vicente, perto da cidade, foi analysada a pyroxene, q[illegible] só se derreteu ao calor da incandescencia branca; é misturada c[illegible] magnetite e com grandes inclusos vitrosos. A magnetite foi elimin[illegible] com a agulha magnetica, os maiores dos inclusos vitrosos foram [illegible]parados pela solução de biiodureto de mercurio.

A analyse feita pelo sr. F. Kestscher deu:

$Si\,O_2$	45,14
$Al_2\,O_3$	8,15
$Fe_2\,O_3$	5,25
$Fe\,O$	5,20
$Ca\,O$	19,57
$Mg\,O$	14,76
$Na_2\,O$	1,46
	99,53

?ortanto, conforme a sua composição, a augite assemelha-se á au-
ordinaria, a alumina.
ι rocha acima indicada contem muitas augites grandes, como
ıem o feldspatho se apresenta em maiores individuos. A magne-
é muito abundante na rocha. Emquanto á plagioclase, que, com-
da com a pyroxene, é muito secundaria, é facilmente soluvel com
des planos de extincção e pertence provavelmente á serie do la-
or. A rocha não é muito rica em olivine que tambem se apre-
ι em maiores crystaes. Todas estas rochas granulosas são muito
ıtes. N'uma das rochas de S. Vicente apparecem na augite re-
:ntada mais em crystalloides, microlithes estreitos, curtos e opa-
que se assemelham um pouco ás trichites, que são dispostos pa-
:amente em duas direcções e que se cortam ora sob um angulo
0°, ora sob um angulo de 115°. A quantidade d'estas microlithes
ıito consideravel, a direcção d'elles parece não estar em relação
qualquer das superficies ordinarias dos crystaes.
) Rochas porphyroidicas. As rochas porphyroidicas com grandes
:ções de augite e olivine (e em um caso tambem de plagioclase)
am tambem um terceiro typo.
:stas rochas apresentam uma massa fundamental compacta, preta,
muitos crystaes maiores de augite e de olivine, ambos de côr
·ellada ou verde.
ιo microscopio reconhece-se entre os principios constituintes, sepa-
s de modo porphyroidico, a augite de côr castanha, que apresenta,
;eral, secções regulares e estructura em concha com inclusos de
), magnetite e microlithes; a augite está muito frequentemente cor-
ι, a massa fundamental é rasgada e vêem-se crystaes quebrados.
) mesmo acontece á olivine que é muito menos frequente. A massa
amental comprehende pequenos filetes de augite, que se asseme-
muito aos grandes, e pequenas secções de plagioclase e magne-
Estas rochas véem da cratera do Facho (tem ali muito pyroxene),
[adeiral (S. Vicente), onde formam correntes e no valle da Cal-
ι dos Picos onde são muito ricas em olivine. No Fortim de S.
nte ha algumas plagioclases maiores, no cimo do Pico Malagueta
Thiago) com olivines vermelhas e com massa fundamental con-
) bastante plagioclase; finalmente ha, na costa norte de S. Vi-
) para o lado do ponto onde as rochas passam, as rochas dole-
ıs assim como no baixo das correntes da planicie, immediata-
e atraz da Praya.
?omo basaltos muito pobres em plagioclase ha duas rochas de
ação porphyroidica, uma da Ribeira da Torre perto da Povoação,
tra da Achada Lacrim, em S.to Antão. São rochas escuras, um
o porosas, que contéem muitos grãos verdes de augite; na Ri-
ι da Torre esta augite é orlada exteriormente de oxydo de ferro.
microscopio vêem-se muitissimas secções com pyroxene de côr
·ellada, não pleochroiticas, contendo muitos inclusos de vidro e
nagnetite que se encontram na massa fundamental, consistindo
naior parte de pequenos filetes de augite, onde existe tambem
vitrificadora descorada.

A plagioclase forma pequenos filetes; a medida deu 0 até 18°
para os planos de extincção. Na massa fundamental a plagioclase está
pouco representada. A olivine encontra-se em quantidade rasoavel,
mas sómente nos individuos maiores; a magnetite é abundante. A
augite é muito difficilmente fusivel e apresenta as relações opticas da
pyroxene ordinaria. Ainda menos plagioclase contém uma rocha porphyroidica do porto de S. Vicente, na qual ha grandes augites e olivines em uma massa fundamental que, ao microscopio, se apresenta
como mistura microcrystallina de pequenos crystaes castanhos de augite, com alguns filetes de plagioclase esporadicos e com magnetite,
cordões que consistem em octaedros em filas.

Esta rocha representa a transição para as limburgites, porque a
plagioclase só tem o caracter accessorio e falta inteiramente em diversos logares. A olivine está ricamente representada na rocha.

Uma rocha da Ribeira Funda, no declive sul do Pico da Cruz,
corresponde em composição e em estructura a uma augite-andesite.
Em uma massa fundamental, consistindo de agulhas de augite e de
base vitrosa incolor, ha muitos crystaes e grãos de augite de côr
amarellada, muito impuros e contendo muito vidro, magnetite, microlithes em forma de roda, alguns de grandeza consideravel, outros
apenas microscopicos; depois ha plagioclase em compridos filetes rectangulares que em opposição com a augite, são muito puros e cujos
planos de extincção são de 0 a 20°; geralmente ha 2 a 3 lamellas gemeas juntas. A magnetite é bastante frequente.

Entre os diversos mineraes não é rara a base vitrificadora descorada, clara como agua, e que sómente tem muitos poucos microlithes
de augite, sem nenhuns productos de desvitrificação.

A analyse da rocha feita pelo Sr. F. Kertscher deu o seguinte
resultado:

SiO_2	41,83
Al_2O_3	18,00
Fe_2O_3	16,11
CaO	11,83
MgO	4,98
K_2O	2,47
Na_2O	4,70
Perda a calcinação	0,91
	101,43

Mostra em todo o caso que não se trata d'uma augite-andesite,
que se reconheceu já pela estructura.

Tambem não se pode designar a rocha como uma tephrite, porque
com segurança não se pode dizer que haja percentagem de nepheline,
mas provavelmente ella é muito visinha dos basaltos com plagioclase
e com nepheline, porque os elementos da nepheline estão dentro
rocha, como se vê pela analyse, e provavelmente na base vitrificadora. Se não houvesse a percentagem de plagioclase que foi estab

, a rocha podia mais facilmente ser incorporada nas pyroxenites. 'isoriamente classifiquei a rocha aqui, nos basaltos com feldso.

Nephenlithes

Estas rochas são em geral bastante frequentes.

Podem ser separadas em dois grupos: 1) rochas ricas em nephe- que junto com augite contéem como principio predominante a eline em numerosos crystaes distincto; 2) rochas pobres em ne- ine, em que predomina a augite, emquanto que a nepheline está parte substituida pela base vitrificadora, de tal maneira que em as rochas esta base é muito mais abundante do que a base vitri- ora. Isto produz termos intermediarios para as pyroxenites que reveremos depois.

Jm principio importante de diversas nephelinites é a hauyne que pode ser considerada como principio accessorio. Em quanto á ictura as rochas são muitas vezes compactas, de grãos finos ou hyroidicas.

:) Rochas ricas em nepheline. — A nepheline mostra-se sómente :rystaes, cujas secções hexagonaes ou secções curtas rectangulares sentam ao microscopio inclusos de microlithes (provavelmente de te), dispostos em corôa e agrupados em zona.

) tamanho d'estes crystaes varia muito; ás vezes são até micros- :os. Geralmente a nepheline é muito recente e só raramente se rva a decomposição.

A pyroxene apresenta tons amarellos e verdes; encontra-se em crys- de forma usual como em crystalloides e em algumas partes des- çada em microlithes alongadas; em muitas rochas ha duas va- ıdes d'augites, das quaes as maiores devem ser designadas como ısos ou como formadas primeiramente, emquanto que as outras a parte integrante da massa fundamental.

Nas primeiras tem-se reconhecido augites, em partes ricas em , de pequena fusibilidade, mas que provavelmente não téem a posição da akmite, mas antes a da augite, da leucitite ou da foyai- com isto concorda a forma crystallina, que não apresenta pyra- es agudas, e concordam tambem as relações opticas, apezar de eu ter podido fazer sempre medidas bem exactas com a foyaite.

Só raramente a pyroxene é substituida por biotite ou hornblenda. pyroxenes contéem como inclusos magnetite, mássas vidrosas, mi- ithes. Para uma divisão d'estas rochas a hauyne é um principio cteristico e muito frequente que não sómente se apresenta micros- camente, mas tambem macroscopicamente; a hauyne tem rara- ıte uma côr azul, mas em geral é de côr castanha ou acinzentada. orma crystallina é o rhombododecaedro, mais raramente o octae- ; egualmente se apresentam grãos de forma muito irregular. Em ımas rochas apparecem duas variedades de hauyne que são diver- exteriormente pela côr, chimicamente pela percentagem em cal ıda. A estructura microscopica d'estas hauyne varia bastante se- do os diversos lugares.

Dos outros principos constituintes só ha, em grãos maiores, a magnetite que é bastante rara, como tambem a apatite que não é vulgar. A base vitrificadora falta inteiramente ou então existe em muita pequena proporção. Podem estabelecer-se diversos typos de que que tratarei em breve.

1. Nephelinites com hauyne do Covão. — Rocha porosa de côr vermelha acinzentada com grandes hauynes ∞ 0,0 até 11 millim. de espessura de côr acinzentada castanha ou azul escura ou em grãos e com algumas augites maiores. As hauynes apresentam ao microscopio um contorno hexagonal, quadratico octogonal e mesmo, ás vezes, inteiramente irregular; são descoradas, castanhas, raramente de côr acinzentada azul; contéem poros gazosos, mas não contéem inclusos mineraes. A orla é frequentemente mais escura do que o centro, mas nunca preta opaca; ao contrario aqui ha uma lista escura, em geral castanha, mas perfeitamente transparente, que é parallela ao contorno e que lembra uma formação de conchas. Notaveis são as rasgaduras da massa fundamental na hauyne, como tambem se apresentam no quartzo, na olivina, nos maiores feldspathos; estas rasgaduras mostram em todo o caso que a hauyne se formou em primeiro logar. Alem d'esta hauyne castanha vêem-se, com a lente, pequenos grãos de hauyne de côr azul pallida que não apresentam contornos regulares de crystaes.

Esta hauyne foi analysada quanto á percentagem em cal e verificou-se que era muito maior do que a hauyne de côr castanha. Ao microscopio apresenta-se em muito pequenos grãos de côr verde pallida.

Portanto a rocha contém duas variedades de hauyne, uma rica em soda e outra rica em cal.

As augites maiores apresentam ao microscopio secções regulares e contéem magnetite, vidro e microlithes; não são pleochroiticas. Derretem-se ao começo da incandescencia branca, contéem magnesia e tambem soda. O producto da fusão, de côr castanha, não é magnetico.

A augite não é pleochroitica. As augites pequenas são verdes, mas mais claras; provavelmente aqui as duas variedades differem pouco uma da outra; a quantidade é insignificante. A nepheline apresenta-se em grandes crystaes, cujos inclusos já mencionados são dispostos em zona. A magnetite como a apatite apresentam-se muito raramente.

Quanto ao peso, a rocha pode ser dividida em duas partes pela solução de biiodureto de mercurio; a parte mais leve é de 76 % e contém nepheline e hauyne, emquanto que a outra de 24 % contém magnetite e pyroxene; mas como a primeira parte tem alguma augite, teve de fazer-se uma separação ulterior com o electro-iman. N'esta operação com uma corrente mais fraca pôde extrahir-se mais 9 % d'augite, misturada com pouca nepheline. Em quanto á segunda parte pôde extrahir-se com o electro-iman 2 % de magnetite.

Portanto, quando se calcula a hauyne pelas determinações de acido sulfurico, a composição da rocha é a seguinte: hauyne 25 %, nepheline 40-45 %, augite 28-32 %, magnetite 2 %, o que podia dar a relação seguinte entre os diversas mineraes: H_6 ; N_{11} ; Ag_7.

nvestigações que tenho feito deram os seguintes resultados:

	I Analyse do tufo	II Hauyne
	I	II
$)_2$	41,09	34,95
O_3........................	18,35	29,41
O_3..	14,89	1,38
O	8, 9	4,40
O........................	1,78	—
O..	8,79	19,01
O........................	3,14	0,33
....	2,11	8,11
....	0,45	0,86
O	1,16	1,83
	100,65	100,28

a rocha a nepheline foi muito rica em potassio, emquanto que era com certeza rica em cal, o que tambem se dava com a a leucitite. Semelhante a esta é uma rocha porosa de côr es- . do Monte Ella na ilha de S.to Antão que contém muita ne- m crystaes ou em crystalloides os quaes nas placas apresentam a quantidade pequenas agulhas (augite) e grãos, ora dispostos , ora irregularmente repartidos; aqui ha tambem hauyne rocha do Covão; mas, comparada com a outra, esta rocha é n augite; faltam inteiramente crystaes maiores d'este mineral, contram agulhas verdes muito pequenas juntas com os crys- helinicos e apenas vestigios de magetite.

lhantes, mas mais pobres em hauyne, são as rochas do Campo e do Topo do Padre, em uma collina de declive da Ribeira

Continua)

Dr. C. Dœlter

Traduzido do allemão por Eugène Ackermann

MITRAS LUSITANAS NO ORIENTE

(Continuado de pag. 255)

6 Os decr. de 15 fev. 1820 e 8 out. 1825, que prohibiram sob p. d'excom., aos parochos dar vinho aos freguezes, e aos christãos celebrar ou assistir a *cutto;* 7 o decr. de 6 out. 1825, que prohibiu aos parochos sob p. de susp., empregar em seu serviço as moças que vem ao cathecismo; 8 os decr. de 16 maio 1789 e 21 out. 1825, que revogaram as licenças dadas para pescar nos dias santificados, e mandaram fossem interdictos os pescadores e ainda as egrejas havendo escandalo.

9 Os decr. de 15 fev. 1792, 26 maio 1808 e outros post., que mandaram aos parochos sob p. de susp., que em 3 mezes enviassem á presença do prelado os sachristães e cathequistas não provisionados, *afim de serem examinados &c.*, e declararam incursos na excom. tanto os que servissem estes officios sem provisão, como os parochos que o permittissem; 10 o decr. de 6 maio 1789, que declarou excommungados os clerigos e seculares, que levassem ao tribunal civil as pessoas ecclesiasticas, ou os negocios meramente ecclesiasticos ou pertencentes a religião catholica, procurassem directa ou indirectamente impedir a jurisdicção do prelado, ou contra elle conspirassem. A absolvição de todas essas penas e censuras a reserva para si.

155) 1828 Maio 13. *Carta* do p.e José Maria dos Remedios e Costa, encarregado do governo das missões do Malabar, durante a visita do governador episcopal ás egrejas de Coromandel, dirigida ao missionario de... Responde a carta d'este, louvando as boas disposições d'elle e de F. etc., de reconhecerem a jurisdicção do governador do bispado de Cochim; transmitte copias das bullas de confirmação do bispo D. Thomaz de Noronha, nas quaes o papa manda aos christãos de Cochim prestem a elle obediencia, não podendo portanto os verapolytanos fazer a isso objecção alguma; diz que o dito vigario visto obedecer ao prelado de Cochim, fica tendo jurisdicção que lhe dá o governador do bispado para parochiar aquella freguezia, podendo considerar nulla qualquer censura que a este respeito lhe vier do vig. ap....

156) 1828 Junho 23. *Pastoral* do governador episc. dirigida aos christãos de Mattancheira. Folga com a resolução que elles tomaram de reconhecer a jurisdicção do «vosso proprio bispo, como manda s. sant. no breve que vos dirige... de 16 dez. 1819». As egrejas visinhas a Cochim sahiram da jurisdicção do bispado sob pretexto de que o governo hollandez não permittia aos bispos de Cochim exercer livremente a sua jurisdicção n'estas egr.as e de que os christãos repugnavam obedecer aos bispos de Cochim: como estes pretextos, verdadeiros ou falsos, já não existem, «não tendes escusa para deixar de obedecer aos mandados da s. sé, obedecendo ao vosso proprio prelado, nem de nossa parte ha objecção para deixar de reconhecer-vos por subditos do bispado». Exhorta os a que perseverem n'este proposito, e promette promover o seu bem espiritual.

157) 1828 Julho 4. *Carta* para o vigario e deputados da egr.ª de Mattancheira. Diz que soube com satisfação da publicação feita na egr.ª de S. Pedro e S. Paulo de sua pastoral (de 23 jun.) e do breve pontif. Os bispos de Cochim estimarão «achar na sua capital uma egreja, que por ser a primeira em voltar á sua obediencia (depois de uma ausencia de quasi cem annos, pois ainda no anno de 1729 a egr.ª de Mattancheira com o seu vigario p.º Antonio Rodrigues obedecia ao sr. bispo D. Francisco de Vasconcellos...), merece preferencia sobre as outras. Um governador episcopal não póde fazer tanto bem como um bispo proprio..., entretanto eu não deixarei de empregar... diligencia... por augmento espiritual e temporal d'essa egr.ª e desde já... ponho a disposição do r. p. vigario Francisco R. Torres dois pagodes d'estrella (7 rp. ?). ., para applicar em beneficio d'uma escola na egr. de Mattancheira, em que se ensine a ler, escrever, contar e doutrina christã..., a qual quantia me obrigo pagar mensalmente desde 15 do corrente..., e constituo o dito... vigario inspector da escola... Além dos ditos 2 pagodes que sahirão do dinheiro que vem ás nossas mãos para applicar em obras pias, ou da nosso propria congrua..., o vigario ha de ser matriculado para receber a congrua de Gôa, como recebem outros vigarios d'este bispado».

158) 1828 Julho 4. *Edital.* Pelo breve de Pio VII de 18 dez. 1819 concede-se por 15 annos indulg. plen. ao primeiro sacerdote que fôr enviado para alguma missão do bispado de Cochim, e a todos os christãos a quem é enviado, se conf. e commung. orarem..., e como o p.º Francisco Torres seja o primeiro sacerdote despachado para a freguezia de Mattancheira, depois de 1819, com jurisdicção do bispado, — declara que a este vigario e aos christãos d'aquella freguezia aproveitam as graças sobreditas.

159) 182> Julho 11. *Carta* ao vigario de Mattancheira. Pois que os christãos não se contentam com uma escola que elle desejava se criasse ahi, mas instituiram duas, uma de malabar e outra de portuguez e inglez, applica a pagamento dos professores, mais um pagode cada mez, e para os primeiros pagamentos remette 30 rp., e manda fazer «um pandel ou escola malabar no adro da egreja», e se puderem fazer ambas as escolas perto da egreja seria muito melhor, afim de serem vigiados os professores e poderem os alumnos ouvir missa.

160) 1828 Julho 12. *Portaria.* Constando-lhe que em Mattancheira alguns confrades da irmandade de N. S. do Rosario tem sido injustamente privados das regalias de confrades, «por motivos estranhos á mesma confraria», declara que essa privação é illegal e usando das faculdades especiaes que tem da ordem de S. Domingos a quem privativamente pertence instituir confrarias do Rosario, dá licença aos sobreditos irmãos para se formarem em confraria na egr. de Mattancheira, elegendo entre si os officiaes; institue o vigario Francisco R. Torres director da confraria, e lhe confere certas faculdades espirituaes e a de admittir novos irmãos: a confraria juntar-se-ha no primeiro domingo de cada mez na egreja, resará o terço e em mesa tratará das cousas pertencentes á irmandade; cada anno se cantará uma missa á Sr.ª do Rosario...

161) 1828 Julho 24. *Carta* a p.^e F. R. Torres «Os moradores da cidade de Cochim .. foram desde o principio freguezes da collegiada e depois cathedral de St.ª Cruz, que ficava dentro dos muros da cidade. No a. de 1663 entraram os hollandezes em Cochim, converteram a cathedral de St.ª Cruz em godão para metter fazendas, e todas as outras egrejas da cidade em usos profanos, guardando sómente a egr. de S. Francisco Xavier para uso da sua religião reformada. Os moradores de Cochim ficando sem egreja dentro na cidade, foram obrigados a recorrer ás egrejas visinhas, e é mais natural que recorressem antes a Mattancheira aonde podiam ir sem perigo, do que a Vaipim .., e os bispos de Cochim... continuaram a governar aquellas egrejas por mais de 60 annos depois da entrada dos hollandezes...» Não tem fundamento a pretenção do vigario verapolytano de Vaipim, de que são seus freguezes os moradores de Cochim e das visinhanças; e é «de estranhar que tendo algumas pessoas de Cochim ficado protestantes..., nem o (dito vigario) nem qualquer outro (dos verapolitanos) reclamem estes freguezes, e agora reclamam com tanta furia aquellas que obedecem ao seu proprio pastor e não a bispos de Turquia, como elles fazem».

162) 1829 Janeiro 24. *Edital.* Achando-se actualmente destruida a egr.ª cathedral de St.ª Cruz de Cochim, e não havendo dentro da peninsula de Cochim outra egreja mais visinha á cidade que possa servir de cathedral, senão a egr. parochial de Mattancheira, declara esta egr.ª de N. S. da Vida e Mattancheira para servir de cathedral do bispado de Cochim, até a reedificação da egreja de St.ª Cruz dentro da cidade, e por conseguinte nesta egr.ª deve haver sempre throno pontifical e docel, como nas cathedraes. Por auctoridade que tem da s. sé concede indulg. plen. aos christãos d'este bispado, que em 5.ª f. st.ª assistirem aos officios divinos e commungarem na egr.ª de Mattancheira.

163) 1829 Abril 11. *Edital.* Annuncia ao vigario, clero e freguezes da egr.ª cathedral de Mattancheira, que a restituição d'esta egr.ª ao bispado de Cochim, ao qual pertence por direito indisputavel, assim como todas as mais egr.ªs que ficam dentro do territorio do mesmo bispado, foi confirmada por decisão do governo de Madrasta de 27 de março ultimo; «devemos pois dar muitas graças a Deus por este beneficio, assim particulares como publicos com *Te-Deum* solemne e repiques de sinos...»

164) 1836 Maio 26. *Pastoral.* Admoesta os christãos a se precaverem das suggestões de fr. B..., parocho intruso na egr.ª d'Anjenga, por nomeação do bispo d'Amata vigario ap...

165) 1836 Julho 28. *Decreto.* Concede certas regalias na capella de St.º Antonio d'Allappé, aos descendentes dos fundadores d'ella, Manuel Bernardes d'Almeida *(feitor portuguez)* (35), e sua mulher D. Maria Matheus Bernardes d'Almeida.

166) 1837 Abril 14. *Circular.* Em ordem a atalhar os abusos

(35) *Instituto Vasco da Gama* II, 176. *A Viag.* fr. Paol. S. Bartol. falla n'esse Manoel Bernardes ou outro do mesmo nome, feitor desde 1776.

nettem certos parochos na administração do sacramento da
sobre o que diz ter recebido accusações gravissimas, pro-
sacerdotes sob p. de susp. confessar a homem ou mulher: 1
arochial ou n'outro logar fóra da egreja; 2 sem estar o con-
vestido com sobrepeliz e estola rôxa; 3 confessar a mulhe-
lo confissionario com grade ou ralo; 4 e de noite ou depois
isto até o sol nado. 5 Manda que haja em todas as egrejas
ario com grade, feito á custa da fabrica.

1837 Agosto 3. *Circular.* Annunciando que vae visitar as
manda que os parochos o notifiquem aos freguezes, e lhes
o que tem a fazer n'essa occasião; e preparem os que hou-
ser chrismados, para o que lhes remette instrucções em in-
mil. Manda aos cathequistas, habilitem os meninos na dou-
stã.

1837 Agosto 29. *Portaria.* A respeito da applicação das of-
egr.ª de Cottate, confirma os regulamentos já dados (36), e
ie á egreja pertencem os trastes que lhe pódem servir, como
astiçaes, paramentos, imagens..., em qualquer dia do anno
fffereçam; o que não puder guardar-se, se venda e o produ-
no cofre: 2 do que não servir á egreja e fôr offerecido dia
(de S. F. Xavier) e na novena, deve-se fazer monte e divi-
or em 3 partes: á fabrica, ao prelado e ao parocho; do que
r no decurso do anno, cabe metade á fabrica, outra ao pa-
as vélas de cêra pertencem ao parocho; a cêra bruta e o
offerecido para vélas, entre no monte das offertas, sendo a
› dia da festa ou na novena; aliás pertence em meias á fa-
o parocho. Ameaça com os rigores da divina justiça, os que
speito commetterem fraude e astucia, directa ou indirecta-
'anda se lêa na egreja esta portar. para ser cumprida, e evi-
disputas.

1838 Março 16. *Officio* ao prior da egr.ª de Amarapady e
la vara p.e Francisco Torres. Em resposta ás cartas d'este
d'este mez acompanhadas de copias de publicações ou li-
'amatorios (publ. pelos vig. ap. do Malabar e Verapoly), diz
es libellos elle (govern.or episc.) é tratado «de scismatico por
aunicação com os scismaticos de Goa», e exhorta aos chris-
ste bispado ecclesiasticos e seculares a prestar-lhe (ao vig.
liencia. Explica o que sejam scismaticos conforme a doutrina
logos, — são os que voluntariamente se separam dos outros
da egreja catholica. «Não me consta que em Goa ou em

São datados estes regulamentos de 25 de janeiro e 28 abril de 1836: não
registo na camara. A egreja de Cottate foi ha pares de annos usur-
risdicção do padroado: pudera não, se era tão rendosa! fóra fundada
ionario portuguez André Bucério, jesuita, começando sua construcção
março de 1603; foi dedicada á SS. Trindade, e se pôz n'ella a effigie de
sco Xavier — *Lettere an. d'Etiop Malab. Goa* 1620-24 pagina 84, — *San-*
. VIII, t. 95, — *Rel. ann. das cos. fezer. os p. comp.* I. 2 p. 77 v, 8, 80, —
l. anal de las cosas que hiser. J. por las part. del or. pag. 109 á 112, —
geogr. sacr. 278, 9, — *Les Martyrs de l'Inde,* 219, 21, 2.

Portugal... haja scismaticos... Todo o fundamento do vig. ap. é uma generica falla feita (em 1 fev. 1836) aos cardeaes em consistorio, pelo papa... Gregorio XVI... (queixando-se) de desordens em Portugal commettidas contra a egreja em tempo de guerra civil e dissensões politicas...; d'ella não se pode concluir que o... (papa) declarasse scismatica a nação portugueza..., nem se faz n'ella menção alguma dos dominios portug. fóra da Europa, nem consta terem continuado as ditas desordens, nem os ultimos dois vigarios capitulares de Goa cessado de ter correspondencias com a côrte de Roma, alcançando as faculdades que pediam, e... o arceb. eleito de Goa tenha recebido de Roma ao fim de jul. p. p., quando em Roma se sabia muito bem da sua vinda para Goa uma carta muito honorifica, e como eu tenha recebido em fev. p. p. uma semelhante carta..., tratando-me como governador e prelado ordinario do bispado de Cochim, é bem claro que estas noticias de scismaticos são invenções... (do vig. ap.), que por semelhantes meios infames pretende enganar os christãos simples e abarcar todas as egrejas na sua jurisdicção... (e são tambem invenções do vig. ap. de Madrasta que publicou o seu libello de 4 de janeiro), e dos vagabundos missionarios francezes de Pondichery...» Manda que aos christãos vacillantes, se os ha, o pr[illegible]er comunique o conteudo d'este officio.

170) 1838 Março 17 *Circular*. Exhorta aos christãos a permanecerem firmes e inabalaveis, contra as machinações do vig. ap. de Verapoly e seus adherentes.

171) 1838 Março 21. *Pastoral* dirigida aos freguezes da egr. Mattancheira. Alegra-se com a resolução d'elles de não quererem «separar-vos da s. egreja catholica..., e vos exhortamos... a permanecer firmes n'esta resolução até o fim.» Quanto ás publicações que tem sahido de Verapoly, «de scismaticos no bispado de Cochim», [illegible] que não passam d'intrigas. «Por uma carta do em. card. Franzo[ni] prefeito da s. congr. de p. fide, escripta a nós por mandado de s.... Gregorio XVI em 29 jul. p. p., que recebemos em fever., conhece claramente que em Roma não consideram o governador [do] bispado de Cochim fóra do gremio da... egreja, nem tambem [o] prelado de Goa, a quem tambem foi dirigida uma carta semelhante da mesma data, como nos consta por outra carta do mesmo... card. pref., e por conseguinte taes scismaticos de Goa e bispado de Cochim sómente existem nas perigosas e desesperadas publicações do vig. ap. de Verapoly...»

172) 1838 Abril 6. *Officio* ao vig. da vara F. Torres (Amarapady). «Não merece attenção» a carta de F. missionario verapolytano, cuja copia recebeu, «por ser um tecido de disparates» e repleto de calumnias. N'uma publicação feita pelo vig. ap. do Malabar, em 3 do corrente, e dirigida aos habitantes do Malabar «pretende provar mas não prova que eu sou scismatico..., que eu tenho resistido ás ordens de Roma em Ceylão, e que para isso institui lá um vigario geral chamado Caetano Antonio.» Quando elle fez essa nomeação diz que não sabia do que a s. sé determinára a respeito de Ceylão. «Eu sómente recebi a carta de Roma aos 2 fev...., e desde aquelle dia não

urisdicção alguma em Ceylão». «Eu reconheço o (arcebispo
Goa)... como vigario capitular nom. pelo cabido, de quem
jurisdicção e não da rainha de Portugal... D. Fr. Thomaz
ıa foi nom. bispo de Cochim pelo soberano de Portugal, a
ence e pertenceu sempre a dita nomeação, e o governou (o
res annos antes de receber as bullas da confirmação, com
› derivada do metropolitano de Goa».

.838 Agosto 8. *Pastoral.* Avisa aos christãos da egr.ª de
ira, que por sentença dos tribunaes de Madrasta, foi con-
posse d'esta egreja, a favor dos prelados d'este bispado.

844 Abril 3 (37). *Pastoral.* Em virtude da faculdade con-
a s. sé ao arcebispo de Goa, para conceder indulg. plen.
ião da sua promoção á dignidade episcopal, e pelo arce-
le gov.^{or} episc. communicada em beneficio dos seus subdi-
de indulg. aos que contritos... se confessarem e commun-
isitarem... resando...

.846 Agosto 31. *Circular.* Annuncia aos christãos a morte
io XVI, e a eleição de Pio IX.

1847 Janeiro 16. *Portaria.* Diz que são insubsistentes os
:os, por que F.... foi excommungado pelo vigario ap. de

847 Maio 10. *Circular.* Manda promulgar nas egrejas o ju-
. por Pio IX.

— *D. Fr. José das Dôres*, aug. prof. em Goa, nomeado
Cochim por D. Miguel; confirmado em 1833 (18 de março?);
eu a sagração porque desde logo foi por decreto de 5 ag.
considerada nulla a sua apresentação. Fal. em Lisboa, em
com 89 an. de edade (38).

334 se construiu em Amarapady a capella de... (St. Anto-
ıeçando as obras em setb. e concluindo-se em dezb.: custou

d'outubro 1838 o clero e o povo das dioceses de Cranganor

ırecendo-me cousa notavel que desde 8 ag. 1838, data da pastoral que
ompendiar, até 3 abr., 44 data d'esta circul., nenhuma ordenança do
episcopal Neves estivesse registada na camara, tratei de indagar;
m a saber com assombro, que um livro do registo desta camara fôra
setembro ou outubro 1867 pelo vigario geral deste bispado para a
ȝario ap. de Coulão, onde se achava então hospedado, e não tornára
oivo. Conjecturo que o livro subtrahido seja o desse tempo — 1838 a
ıe presidia ao governo das duas dioceses de Cochim e Granganor o
Em vão diligenciei por haver á mão esse livro. As duas ordenanças
em a esta circul. de 3 abril 1844 n.^{os} 167 e 168, como a que abaixo se
ɔ n.º 171 creio que vi transcr. com mais algumas na compilação do p.
ɛel — *Questões suscit. do Malab. pela promulg. do breve «Multa proe-*
que fallei na I P p. 463 n.

studos biogr 166, — *Jorn. soc. cath.* Lisboa 1848 n.º 24 pagina 325. O
eto de 5 d'agosto 33 declara que são considerados vagos todos os ar-
e bispados, que foram confirmados pela santa sé, bem assim todos os
ɛcclesiasticos nomeados pelo governo do usurpador: está transcr. esse
Collecç. legisl. eccles.-civ. Porto 1896 I, 30, *sustent. do clero parochial*

e Cochim, pertencentes á jurisdicção do padroado, lavraram um protesto declarando: — que o estabelecimento dos vicariatos apost. no Malabar e outras partes do oriente, em contravenção das regalias da corôa portug., longe de servir de ajuda aos respectivos prelados diocesanos, são um flagello e prejudica a religião, causando disturbios entre os catholicos; que particularmente o arcebispado de Cranganor conta tantos sacerdotes que, quando mesmo não haja ordenação por alguns annos, não haverá falta de parochos e ministros do culto; que não sabem por que razão não foram ainda confirmados os bispos apresentados pelo rei de Portugal; que ha pouco o vigario ap. de Malabar com escandalo geral publicou um papel, declarando que sob p. d'excom. seus subditos não podiam communicar com os jurisdiccionados do bispado de Cochim, não só *in divinis* mas em nenhuns actos civis ou particulares; que os subditos d'aquelle vigario apostolico não são alguns que elle ou seus missionarios convertessem, mas são proselitos dos bispados portug. de Cochim e Cranganor, e sujeitaram-se por bem conhecidas intrigas á precaria jurisdicção da propaganda; que em 9 d'abril ult., por outro papel declarou o dito vigario ap. que a rainha de Portugal e a nação portug. eram scismaticas, assim tambem o arcebispo eleito de Goa e os prelados suffraganeos. Citam factos tumultuosos provocados pelos propagandistas em Anjenga, Mattancheira, Sopo *(sic)* e Coulão, lançando fóra das egrejas os missionarios portug. com pancadas e desordens; que mais publicou o vigario ap. que o papa lhe ordenára, que as dioceses de Cranganor e Cochim fiquem d'ahi por diante sujeitas á jurisdicção d'elle vigario ap. Dizem que esperam o s. padre, á vista do exposto, deixará as egrejas d'estas duas dioceses no seu antigo ser, continuando a serem governadas por prelados portug., e os missionarios da propg. se limitem a ministrar n'aquellas partes onde os do padroado de sua ajuda careçam. Pedem ás auctoridades ecclesiasticas de Goa enviem este protesto á s. sé (39).

Consta dos *Ann. prop. fe.* Lisb. 1889 n.º 67 p. 406, que em Cochim havia em 1838 perto de 80 egrejas parochiaes do rito latino sujeitas ao governador d'este bispado com mais de 50:000 almas e 48:000 almas com 22 egrejas sujeitas ao vigario ap. de Verap[illegible] (40).

1840—*D. Fr. Joaquim de Sta. Rita Botelho,* nom. bispo de Cochim por decr. de 28 fev. assim concebido: «Achando-se vago o bispado de Cochim, e concorrendo na pessoa do presbytero Joaquim S. Botelho a sciencia e louvaveis costumes necessarios para o bom desempenho das funcções episcopaes, do que já deu prova na qualidade de governador e vigario capitular do arcebispado de Cranganor, bispado de Malaca e mesmo do sobredito de Cochim», o nomeia bispo d'esta diocese. Governou o arcebispado de Goa, como se disse na P. p. 499, 500.

(39) *Bolet.* 1838 n.º 58.

(40) *Christian researches in Asia,* Claud. Buchanan, London 1812 p. 1[illegible] V. Logan *Malabar* I, 213.

. um bispo eleito de Cochim referem-se os *Annaes marit. e colon.* n.º 8 p. 253. Devia ser a qualquer dos dois sobreditos D. Joa- Botelho ou D. José das Dôres.
'm 1843 reverteu á jurisdicção do padroado a egr.ª d'Anjenga, fôra usurpada em 1837: passou outra vez ás mãos dos propa- istas em 1853, depois de publicar-se na India o breve *Probe* s.

849 — *P.e Francisco Xavier Borges*, missionario em Cochim ; 1809; nom. vigario geral das missões desde o c. Comorim até ngany por prov. do govern.or episc. d'esta diocese de 19 jul. , e das da c. da Pescaria pela de... setb. 41: promovido a go- idor do bispado em 9 jan. 49 (41); posse a 25 jan.; presidiu á rnação d'esta diocese e da de Cranganor até 29 jun. 855. Sua spondencia official está publ. no *Bolet.* 1853 n.º 30. V. *Defensor padroado* II, 47, — *Abelha B.* 1853 n.º 260. Continuou a viver Cochim como simples missionario desde 29 jun. 1855 até abr. 58, que se recolheu a Goa sua terra natal. «Em attenção aos impor- s serviços» por elle «prestados ao r. padroado ha 47 annos e r-se actualmente incapaz de exercer o seu ministerio pela sua çada idade, sem meios de subsistencia», a port. do gov. de 23 ag. ıandou se lhe abonasse a importancia equivalente a 2 missões do ro das de Cranganor: o que foi approvado pela port. r. de 27 .858. Sua biographia foi publ. no *Anglo-Lusit.* 1888 n.º 105 (42).
'm 1850 os missionarios da propaganda apossaram-se da egr. g. de Calicut, e de todos os bens e rendimentos pertencentes a

or sentença de março 1852 foram reivindicadas judicialmente as as usurpadas de Trichinopoly e Sarangany: o vig. ap. Aleixo z tendo appellado da sentença, relativa á egr.ª de Trichinopoly, 853 foi decidida a appellação a favor dos padroadistas, e con- ıado o vig. ap. nas custas. Poucos annos depois em 58 15 ag. ecidido a favor dos padroadistas o litigio que se movia, sobre o no pertencente á mesma eg.ª de Trichinopoly (43).
'm tempo de perturbações e guerras que desolaram o sul da India, ıltimos annos do seculo XVIII, um rei de Shevaguingue, que es- ı ás perseguições dos seus inimigos e a uma morte certa, devido á protecção especial de S. Francisco Xavier, padroeiro da supra ionada egr. de Sarangany, como aos bons officios do missionario g. que então parochiava aquella missão, como tributo de gratidão essão *in perpetuum* á egreja e ao missionario de todos os seus os dominicaes, sobre a aldeia de Sarangany e arredores, bem ı de todos os tributos e taxas que elle percebia. Um dos succes- d'esse rei tentando revogar a sobredita doação, o tribunal do ıissario inglez de Tanjore a quem o missionario portug. recorreu,

---

(41) *Jorn. s. egr. lus.* 1849 n.º 1.
(42) *Bolet.* 1855 n.º 34.
(43) *Bolet.* 1852 n.º 15; 1853 n.º 32 e 1858 n.º 84, — *St. Tho. Cath. Cronicle* n.º 25.

o obrigou a reconhecer e respeitar aquella doação, o que o governo depois sanccionou. O missionario de Sarangany é pois como o senhor do logar, toma conhecimento dos delictos policiaes e os castiga, superentende no bom comportamento e segurança dos habitantes, exige e cobra os impostos etc. Em virtude da doação as rendas d'esse pequeno principado são applicadas á conservação do culto, á mantença do missionario e a obras de caridade.

No sobredito a. de 1852 reverteu tambem ao padroado outra rendosa missão — a de Surana.

Ora estas duas missões de Sarangany e Surana, de tão pingues rendimentos, não podiam deixar de estimular a cobiça de certa gente; os proprios invasores da propriedade alheia nos ministram circumstanciada informação das manobras que empregaram para as empolgarem.

A respeito da egr. de Surana lê-se o seg. nos *Les nouveaux jésuites français dans l'Inde* II Paris 1886 p. 297 a 299: —

«Il y avait à Souranam une ancienne église dédiée á S. Jacques le Majeur, qui était un lieu célébre de pélerinage. Chaque année il s'y célébrait au 25 juillet une fête pompeuse où accouraient en foule les chrétiens les idolâtres du pays. Il s'y faisait des offrandes considérables... Ce poste important... (que estava a cargos dos missionarios de Gôa, fundadores d'aquella egr.), était regardé comme tellement imprenable, surtout à cause de certaines décisions antérieures des magistrats anglais, que nos missionaires (francezes) n'avaient pas jugé prudent ni *opportun de faire aucune démarche directe pour s'en emparer* (usurpar)». Um d'esses missionarios francezes foi comtudo d'outro parecer: «il dirigea sans bruit tous ses efforts, tous ses plans, toutes ses manœuvres vers cette conquête difficile. Il lui en coûta trois longues années de travail.... Il fallait agir avec une profonde réserve et le plus parfait secret, de peur que l'ennemi (o missionario portug. de Gôa que a parochiava) ne vînt à prendre l'éveil. Les clefs de l'église étaient aux mains des catéchistes, qui ainsi en étaient censés les possesseurs. Ces catéchistes, il fallait les gagner... Il fallait encore assez bien enrégimenter nos chrétiens des environs (que eram aliás mui poucos, pois a grande maioria dos christãos da propria localidade eram subditos do padroado), pour qu'en cas de rixe et d'opposition violentes, ils vinssent nous prêter leur influence et même leurs bras. Le p. F. s'occupa de tout, organisa tout et le 27 juin 1858 il fit son entrée dans le village, et prit possession de cette église fameuse .. Mais là ne se termina pas la lutte, et le triomphe complet ne devait arriver que quelques mois plus tard .. Les autorités subalternes (decidiram o pleito a favor dos padroadistas. mas a decisão dos magistrados inglezes lhes foi contraria)... Il se trouva cependant un juge anglais qui... cassa la decision de ces magistrats, et declara que l'église devait être rendue á ses anciens possesseurs, les prêtres de Gôa (44). Il fallut

(44) Provavelmente o auctor allude á sentença proferida a favor dos padroadistas em 10 set. 1858, sobre essa egreja de Surana que tinha sido usurpada pelos missionarios da propg francezes — *Bolet.* 1858 n.os 78 e 80.

r un temps céder à l'orage et remettre à nos ennemis ce poste quis avec tant de peine». O missionario francez appellou para o ɪunal de Madrasta, o qual decidiu que os christãos podiam chamar suas egrejas os missionarios jesuitas francezes. «Ainsi le 1.er dé- ɪb. 1858 le p. F. rentra..., pour ne la plus quitter, dans cette ise si longuement et si chaudement disputée».

Em 1853 se fundou a nova egr. do Espirito St. de Manapar, por sido usurpada a que fôra construida em 1746 (45).

1854—*P.e Agostinho do Rosario Lourenço*, n. de Margão, pro- sor no seminario fundado pelos propagandistas em Bombaim, do ıl cargo desistiu em 1840?; nom. administrador do hospicio e se- ɪario de S. Francisco Xavier de Culabo; agrac. com o habito de risto por decr. de 20 nov. 1840. Nom. governador episc. de Cran- ıor e Cochim por prov. de 8 ab 54; ficou sem effeito esta nomeação ter fallecido por submersão, antes de partir para o seu destino.

1855—*P.e Antonio João Ignacio Santimano*, n. de Colvá, nom. 'ern.or episc. de Cochim e Cranganor por prov. de 2 jan. e 2 março posse a 29 jun. (46); confirm. no governo d'uma e outra diocese ı o titulo de provisor e vigario geral por prov. archiep. de 31 jan.

Estão repletas as pag. do *Boletim* 1855 a 61 da correspondencia ·ial d'este superior ecclesiastico, dando conta aos governos eccle- tico e civil de Gôa da conversão d'infieis, reversão á jurisdicção padroado de innumeraveis cassanares e christãos, fundação e res- ·ação d'egrejas e capellas, reivindicação das egrejas usurpadas, : citarei por notaveis as que foram insertas no *Bolet.* 1855 n.os e 36: 1856 n.os 49, 50 e 75; 1587 n.os 4, 29, 31, 65, 72 e 75; 8 n.os 2, 76 e 78; 1860 n.o 36 e 1861 n.os 15 e 20; muitas d'ellas roduzidas na *Abelha B* 1855, 56, etc.

Foram os seus serviços em prol da religião e da defeza das rega- da corôa port. louvados em ports. r. de 29 fev. 1856 e 1 out. 57); a port. r. de 24 nov. 1856 (48) approvou a deliberação da junta faz. de Gôa, que elevou de 1500 a 2500 xs. a congrua an. arbi- da ao p.e Santimano. Por decr. de 11 set. 1855 agrac. com o hab. Christo: a p. r. de 13 out. 57 (49) concedeu-lhe licença para usar medalha offerecida em 12 jul. 57, pelos cassanares e christãos de anganacheira; por decr. de 18 set. 58 nom. conego honorario da de Gôa. A p. r. de 4 ag. 58 (50) louva o dito Santimano pela ıção que fez a favor do bispado de Cochim, de uma casa que fez ficar á sua custa (despendendo 1200 xs.), contigua ao hospicio)licaré.

Em jul. 1858 foi decidida pelos tribunaes a favor dos padroadis-

---

(45) Vidè atraz pag 44, — *Oriente Cath.* n.o 54.

(46) Vidé *Abelha B.* 1855 n.o 358, — *Instituto Vasco da Gama* II, 128 9 — *dr. biogr. p. ill Goa* I, 145.

(47) *Bolet.* 1857 n.o 31 e 1857 n.o 95, — *Abelha B.* 1857 n.o 50. Vidé *Bolet.* 7 n.os 18 e 43; 1848 n.o 27 e 1851 n.o 6.

(48) *Bolet.* e *ann. cons. ultr.* II. 858, — *Sustent. clero paroch.* 133, 4.

(49) *Bolet.* 1857 n.o 95 e 65, — *Abelha B.* 1857 n.o 50.

(50) *Bolet.* 1858 n.o 79 e 80.

tas, a demanda proposta em set. 1854, para a reivindicação da egr. de Vemcollacoram, usurpada pelos propagandistas, e em ag. 14 outro litigio sobre a egr. de Malyadipathy (51).

Em port. r. de 16 out. 1858 declarou o governo, que era muito agradavel a el rei a disposição em que estava a christandade de Calicut, de reverter á jurisdicção do padroado; e que a representação que se annunciava a tal respeito, seria benignamente acolhida pelo soberano, que se prestaria de bom grado a conceder-lhe a real protecção (52). Com effeito os christãos de Calicut dirigiram ao governo do est. Ind. uma representação em 27 setb. 1862, pedindo que se nomeasse e sustentasse um missionario portg. naquella cidade; e outra ao arcebispo de Goa em 17 dezb. 63.

Por resolução de 21 fev. 1861 remittiu o governo de Travancor, os foros atrazados em divida do predio da possuição da egreja portg. de Pettah em Trevandrum, e mandou que no futuro se applicasse a renda deste predio, como se havia feito a respeito da missão de Valliatorré, tambem portg., para as despesas da illuminação da mesma egreja (53).

P. Santimano escreveu um *Compendio dos elementos das poesias latina e portg.* Goa 1846, 4 XV-84 p. Attribue-se-lhe a publicação de *Catonis disticha moralia et Litii monita pedagogica*, edit. novis. Goa 1851. Annunciou no *Bolet.* 1848 n.os 11 e 27; 1853 n.o 8 e 1858 n.o 18 a publ. de um *Methodo facillimo de agricultura, commercio e industria* e a *Hist. do nascim., vida e martyr, do B. João de Brito, com notas, seguida d'uma noção hist. das missões do r. padroado portg. na India:* não consta que se imprimissem.

P. Santimano fal. em Olicaré a 5 set. 64, desgostoso pela suspensão que lhe foi infligida pela port. archiep. de... 1864; n'este documento, que está archivado na camara eccl. de Cochim, se lhe attribuem faltas graves no exercicio do seu cargo (54).

Estampamos summariamente as circ. por elle publicadas: —

178) 1855 Julho 30. *Circular.* Annunciando aos seus jurisdicci narios a sua nomeação para governador ep. de Cranganor e Cochin ratifica as provisões dos missionarios..., e por 3 mezes as licenç ou faculdades que elles tivessem, devendo nesse praso apresent lh'as: e os sacerdotes e os officiaes das egrejas, que não tivere provis., que as levem logo. Manda que sejam promulgadas nas eg jas as letras apost. que concedem jubileu, e designa praso para cumprimento das obras prescriptas para se lucrar esta graça.

179) 1855 Julho 18. *Circular.* Manda publicar nas egrejas Cranganor e Cochim, a bulla da definição da Conceicão Im. da S Virgem.

180) 1855 Agosto 16. *Circular.* Exige dos missionarios as s

(51) 26. 1858 n.º 74.
(52) *Hist. estabel. scientif. Portg.* XI, 81.
(53) *Bolet.* 1861 n.º 20.
(54) V. *Obras* arceb. Amorim II, — 345,6, *Hist. estabel. scientif. Portg*

›rmações: anno da fundação da egreja respectiva e das confrarias, ıl a população da missão, o rendimento da egreja, o numero de erdotes e cathequistas que ha na freguezia.

181) 1855 Setembro 15. *Circular.* A vista da grande distancia de ılão a algumas egrejas, proroga por mais 3 mezes (circ. de 30 . ant.) as prov., licenças e faculdades concedidas aos missionarios os officiaes das egrejas; no qual praso lhe sejam apresentadas afim as confirmar se o entender. Diz que são ob e subrepticias as pro-ões que diz possuir o diacono cassanar. ., cuja audacia tem che-lo a ponto de celebrar missa, illudindo os povos; manda aos mis-narios não admittam em suas egrejas, e se nellas apparecer lhe mem susp. das ordens &c.

182) 18.5 Dezembro 10. *Circular.* Por ordem superior manda os missionarios annunciar aos christãos, a feliz nova da inaugura- › do reinado em Portugal de D. Pedro V, e festejal-a com as de-nstrações de regosijo costumadas.

183) 1857 Junho 9. *Circular.* Diz que consta pelos jornaes estar assignada a concordata, entre el-rei de Portugal e a s sé, relati-nente á jurisdicção &c. das egrejas do oriente, mas ainda não rati-ıda. Esta noticia tem atordoado os adversarios do padroado portg., ncitado alguns delles a praticar actos improprios de ministros de ıngelho. Contra as machinações premune os missionarios e os chris-s subditos do padroado, e os exhorta a permanecer firmes e ina-aveis.

184) 1857 Setembro 28. *Circular.* Prescreve preces nas egrejas Cranganor e Cochim para Deus não permittir, que venham a sof-r damno estas egrejas, pela guerra que os inglezes tem declarado India...

185) 1859 Setembro 7. *Circular.* Pelos parochos manda annunciar ı christãos que, em dez. seg. vai em Goa fazer-se a exposição do po de S. Francisco Xavier.

1864 — *P.^e^ Antonio Paulo Pinto*, n. de Sangoldá: era em 1853 tor do seminario de S. Thomé em Meliapor; nom. vigario ger. e go-rnador das dioceses de Cranganor e Cochim por provis. archiep. 10 ou 19 dezb. 64. Em principios de maio 65 retirou-se para Ma-ısta, entregando o governo ao seguinte e d'ali escrevia em 25 nov. ao arcebp. «Foi a minha incapacidade a causa de não executar as ordens de v. e., e assim fui obrigado a antes escolher a incorrer desagrado de v. e. e ficar suspenso, do que reassumir o cargo *(de)erior)* das missões de Cochim e Crang., que a minha consciencia dictava eu não podia desempenhar devidamente...» Pedia ser dis-ısado do serviço da missão, para o que lhe faltavam forças, e le-ntar-se-lhe a suspensão.

1865 — *P.^e^ José Emiliano Corrêa*, n. de Candolim. nom. por pro-ı. de 18 dez. 1856 missionario em Cochim, onde começou a exercer seu ministerio desde 27 jan. 57; vigario ger. interino desta dioc. Cochim e da de Cranganor desde 7 maio 1865 até 22 ou 26 ab. 66.

(Continúa) P.^e^ CASIMIRO NAZARETH.

BIBLIOTHECA DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

Relação dos manuscritos, gravuras, photographias, medalhas, atlas e cartas geographicas, adquiridos pela Bibliotheca da Sociedade de Geographia de Lisboa durante o anno de 1908.

Manuscritos

Cacau de S. Thomé. Traducção manuscrita de artigos publicados no «Gordian», de Hamburgo, nos numeros 319 320 de 6 e 20 de agosto de 1908.

Conte (Un) ronga inédit. Traduction de K. A. Junod. Rikatla, 30 décembre 1908. Este conto foi publicado, traduzido em português, no *Boletim* da Sociedade de Geographia de Lisboa. Preenche duas laudas e meia folha de papel escrito á manhina. Offerta. Sr. H. A. Junod.

Curso de Dynamica professado en Escola Polytechnica por Albano Francisco Figueiredo e Almeida. s/l. n/d. vol. broc 32,5×22,5-326 pags. Offerta do sr. General Ildefonso d'Azevedo.

Curso de Hydraulica. Lições professadas na respectiva cadeira da Escola Polytechnica. s/d. n/l. vol. broc. 32×23,5. 103 folhas lithog. Offerta. Idem.

Diario Historico. Curiosidade para distracção de Francisco José Maria d'Azevedo. Teve principio no anno de 1865. Folhas in. capa forrada de papel amarellado, 32×22,5. Offerta, idem.

Eclipse total do sol em 22 de dezembro de 1870. Projecção da sombra na carta geographica de Potugal. Instrucções para os observadores do eclipse. São 4 e meia folhas de papel almasso, manuscritas, e parte de uma carta de Portugal (Cabo da Roca para o sul) onde está marcada a linha do eclipse central do sol no dia astronomico 21 de dezembro de 1870. Tem uma capa de papel rosa. 35×24. Offerta.

Escola do Exercito Instrucção theorico-pratica sobre Artilheria. Lições lithographadas do curso de Fortunato José Barreiros. 524 pags. 24×17. 19 estampas annexas. Sem data. Offerta do sr. General Ildefonso d'Azevedo.

Instrucções provisorias para o commandante d'um grupo de baterias (Assignado pelo chefe do Estado Maior J. Fernandes da Costa Junior. Cap., abril de 1887). E' a prova do copiographo de um manuscrito de 15 fls. in. Tem uma capa de papel verde. 30×22,5. Offerta.

Lei de caça para a protecção dos animaes em Camarões (Africa Occidental). Traducção manuscripta do «Deutsche Post» n.º 56 de 1*i* de Agosto de 1908.

Lições de Topographia coordenadas na conformidade do programma approvado (Escola do Exercito). Formam 1 vol. 384 pags.+xiii+8 de ind. Offerta do sr. General Ildefonso d'Azevedo.

Litteratura (A) italiana, sua evolução desde o seculo xviii ao xx. Memoria aos Exm.os Membros da Real Sociedade de Geographia de Lisboa apresentada por José Cervaens y Rodriguez, professor e publicista, 1908. Manuscrito de 51 pags. de 24 linhas; na capa, em papel almasso branco, vê-se, proximo do canto superior direito, o sello grande da Sociedade, colorido, tendo á esquerda uma palma; prendem-a ao texto fitas estreitas, de *moirée*, amarellas e vermelhas. Offerta do auctor.

Relatorios das Missões ao Cuanhama e Evale pelo capitão de infantaria e do serviço do Estado Maior João d'Almeida. E' uma prova á machina de escrever do relatorio publicado pelo Governo Geral da Provincia de Angola em 1907. Offerta do auctor.

Satsuma Opstanden ved Julius V. Peterson. Este manuscrito, cujo prefacio ou introducção tem a data de 1 dezembro de 1908, comprehende, alem do indice occupando uma pag. seguida de uma carta (163×102). mais 104 pags. numeradas e com texto só pela frente. Incluidas no texto existem algumas photographias de costumes, monumentos, etc. Parece copia a limpo de uma obra prompta a ser publicado. Constitue um caderno broc. 27×21,5. Offerta do auctor.

Synopses de leis militares. 2 livros de papel pautado, de 50 fls. cada um. s.d n d. Dimensão 33×22. Offerta do sr. General Ildefonso d'Azevedo.
Viagem de S. A S. o Principe Real. Diario Nautico de Lisboa para Moçambique c/escalas, feito a bordo do paquete «Africa» de que é proprietaria a Emprezа Nacional de Navegação, por Guilherme A. Vidal Junior. Anno de 1907. Vol. enc. em pasta 33×22. Manuscrito de 104 fls. com 70 fls. escriptas. Refere-se á viagem feita pelo Principe Real D Luiz Fillippe, filho de D. Carlos I Rei de Portugal. Offerta do sr. Guilherme A. Vidal Junior.

Photographias e gravuras

Visconde de Santarem (1.º) e familia. Copia do quadro a oleo de Domingos Antonio de Sequeira. E' uma photographia 22.5×16,5 do quadro referido, offerecida pelo actual sr. Visconde de Santarem.
Custodio José de Mello. Retrato do official de marinha brazileira que foi chefe da revolta da armada do Brazil em 1893. A revolta começou em 6 de setembro. Custodio de Mello falleceu em 15 de março de 1902 com 62 annos incompletos. Offerta.
Vista do Lobito em dia de vapor inglês. E' um pequena photographia 15×12 da bahia do Lobito, pouco tempo depois da abertura á exploração do primeiro troço do Caminho de Ferro de Benguella. Offerta.
Lourenço Marques. Observatorio Campos Rodrigues. Sete photographias, 15×20 cada uma, representando: 1.º Vista de conjunto, tirada do lado sul 2.º Lado da casa destinada a repartição dos serviços meteorologicos. 3.º Parte da casa que serve de morada e dependencias. 4.º Barraca da luneta de passagens. 5.º Installação do instrumento de passagens. 6.º Pendulas do tempo sideral e do tempo médio. 7.º Sala do chronographo e distribuição de circuitos electricos. Offerta do sr. Hugo de Lacerda.
Seismogramme des nordpazifischen und sudamerikanischen Erdbebens am 16 August 1906. Auf Beschluss der permanenten Kommission der Internationalen Seismologsgischen Assozation, herausgegeben von dem Zentralbureau und der Kaiserlichen Haupstation für Erdhebenforschung zu Strassburg i. Els. 1907. Offerta do sr. Francisco Affonso Chaves.
Ville (La) Colombo sur le grand et agreable Isle de Ceylon riche de caneille la quelle a été batie par les Portugais il y a plus de 200 ans et en 1656 elle a eté prise par les Hollandois E' uma pequena gravura antiga feita sobre madeira e colorida. Deve ser folha de qualquer publicação geographica do seculo XVII. Offerta.

Medalhas e moedas

Medalha commemorativa do casamento de D. Pedro V com D. Estephania Em bronze. Diametro 73mm. Peso 190 grammas. No anverso: dois bustos de perfil, em cabello, sobrepostos, voltados á esquerda; circumda os bustos a legenda: «D. Pedro V, Rei de Portugal e dos Algarves D. Estephania Rainha de Portugal e dos Algarves». No exergo: «Leopold Wiener Bruxelles». Sobre os bandós da rainha vê-se parte de um diadema que pode ser a que deu D. Pedro V, como presente de noivado, a D. Estephania. Era uma joia riquissima em que se haviam gasto quatro mil pedras preciosas e que que custára 78.841$830 réis. No reverso: a bordo de uma galeota a rainha, de pé, em attitude de desembarque, ampara-se ao braço direito de uma mulher de grandes azas a qual sustenta com a mão esquerda um facho sobre a cabeça da rainha. Em outro plano está D. Pedro V, de cabeça descoberta, de pé, grande uniforme e manto; offerta uma corôa, que sustenta na mão esquerda, a D. Estephania, convidando-a com a mão direita a desembarcar. Pela parte de traz do rei, uma poltrona. Na pôpa da galeota um genio que sustenta na cabeça, amparando-os com as mãos, os escudos das casas reinantes. No exergo a data «29 Abril 1858» e por baixo L. Wiener. Esta data é a da celebração, em Berlim, do casamento em que o rei foi representado pelo marechal duque da Terceira. D. Estephania chegou a Lisboa no dia 18 de maio do mesmo anno, tendo logar a ratificação

do consorcio na egreja de S. Domingos. Este exemplar tem de interessante o ter sido comprado em Ambaca, por duas macutas (60 réis), pelo naturalista F. Newton, em 1906. Os indigenas a quem foi comprada, jogavam com ella um jogo de malha Offerta.

Bilhete de cem réis. Dimensões 86×44. É um exemplar de bilhetes para trocos muito em uso no Brazil no tempo do Imperio. É do commerciante Fernando Nienau, de Nova Petropolis. Sem data, como em geral todos os d'esta especie. Não citado na obra de Julio Meili «O meio circulante no Brazil». Offerta.

Atlas

Wirtschafts—Atlas der deutschen Kolonien. Herausgegeben von dem Kolonial Wirtschaftlichen Komitee. Berlin, 1907. Dimensões, 44×34. Comprado.

Rapport sur les Moluques. Reconnaissances géologiques dans la partie orientale de l'Archipel des Indes Orientales Neerlandaises, par R. D. D. Verbeek. Atlas contenant : Carte N.º I. Carte la partie orientale de l'archipel des Indes Orientales Néerlandaises. Carte N.º II. Esquisse géologique A escala das cartas é de 1:3000.000 e o atlas contém ainda 18 folhas annexas com desenhos e perfis. Offerta.

Cartas Geographicas

The World's telegraphic system 1897. Published by Crosby Lockwood & Son, London. Folha colorida 63×22. Na margem inferior esquerda, lê-se a seguinte nota : «N. B. Only the principal land lines which connect up to the submarine cable». Offerta.

Carta de Portugal e suas colonias, coordenada por Hugo G. de Lacerda, gravada e publicada por A. L. N. de Carvalho, 1873. Grav. col. Offerta.

Europa

Rayaume (Le) de Portugal et des Algarves, divisé en ses Archevèches, Evéchés et Territoires, par le Sanson à Paris, chez H. Jallot, 1695. Escala de 9 leguas, 62,5 ^{mm} Grav. col. Comprado.

Regnorum Portugalia et Algarbiæ Tabula, tam in suas Sacras quem Profanas Ditiones Distincta, quam Nobilissimo Consult.^{mo} Spectat.^{mo} Vire D^{no} Alexandro Nunes d'Acosta Politicas Portugalliæ Pegis res. Amstelod. Agenti debito obsequio consecrat. et offert. Auctor Carolus Allard. Gravura colorida ; dimensões 58,5×49,5. Seculo XVI. Comprado.

Portugal (Le) dedié au Roy par son très humble, très obéissant, et très fidèle serviteur et sujet, le P. Placide. Escala de 10 leguas de Espanha de 3:400 passos geometricos cada uma, equivalente a 68^{mm}. Esta carta que parece ser do seculo XVIII, contém tres pequenos quadros explicativos dos signaes e das fortalezas de Lisboa, a indicação das sondagens e a planta dos arredores do Porto, junto da embocadura do Douro. Grav. colorida. O desenho da carta é irregularissimo e deve ser reproducção de outra carta muito anterior. Comprado.

Carta Geographica de Portugal, publicada por ordem de Sua Magestade, levantada em 1860 a 1865, sob a direcção do Conselheiro F. Folque, pelos officiaes do exercito A. J. Pery, C. A. da Costa e G. A. Pery. Escala 1:500 000. Grav. a preto. Offerta.

Carta Militar de Portugal. Xavier Machado desenhou e coordenou, 1884. Escala 1:2000 000. Grav. color. Offerta.

Carte itinéraire de l'Espagne et du Portugal, dressée par ordre de S. E. M. le Maréchal Duc de Bellune, sous la direction de M. le lieutenant général Comte Guilleminat. Paris, 1823. Escala de 1:740.000. Gravuras a preto, 16 folhas. Offerta.

Carta de Portugal, com a rede das estradas construidas até maio de 1907. Escala de 1:500.000. Offerta.

Carta Topographica da cidade de Lisboa e seus arredores, referida ao anno de

1879, redigida e gravada na Direcção Geral dos Trabalhos Geodesicos, 1884. Escala de 1:5000. Grav. a preto. Offerta.

Plan of the City of Lisbon and its environs. Escala de 2 milhas, 102^{mm}. Interessante gravura publicada em Londres. Epigraphes em portuguêz e inglês. Tem um pequeno indice de referencias. Offerta do sr. Jordão A. de Freitas.

Folha N.º 16-C da Carta de Portugal na escalla de 1:50.000. (Valle de Figueira, Torres Novas, Arruda dos Pizões e Valle de Frades). Ampliada e rectificada na Direcção Geral dos Trabalhos Geodesicos e Topographicos no anno de 1801. Offerta.

Folha N.º 19-C da Carta de Portugal na escala de 1:50.000 (Canha, Quinta Grande e Samora Correia). Ampliada e rectificada na Direcção Geral dos Trabalhos Geodesicos e Topographicos, no anno de 1904. Offerta.

Carta agricola do districto de Beja, 2.ª parte Concelho de Cuba, por Gerardo A. Perv. Grav. a preto. Dimensões 45,5×36. Offerta.

Planta do Rio Tejo desde o porto de Villa Velha até ao porto da Amieira, para servir aos estudos do mesmo rio, dirigidos pelo brigadeiro graduado d'Engenharia Manuel José Gomes Guerra. Escala de 1:20 000. Lith. a preto. Offerta.

Perfil longitudinal do Canal dos Braços ás Portas do Rodam. V. J. Corrêa, copiou. dez. 1858. Escala de 1:6000. Grav. a preto. Offerta.

Porto de Setubal. V. J. Corrêa des. Escala de 1:26.600. Grav. a preto. Offerta.

Bayonne. Echelle 1:50.000. Dressé, héliogravé et publié par le Service Géographique de l'Armée, en 1908 d'après les travaux executés sur le terrain en 1905. Offerta.

Lunéville. Echelle 1:50.000. Dressé, héliograve et publié par le Service Géographique de l'armée, en 1908, d'après les travaux executés sur le terrain en 1903. Offerta.

Théatre de la guerre entre la France et l'Allemagne. Verlag von Julius Abelsdorff in Berlin. Escala de 5 milhas, 45^{mm}. Colorida, assente em tela. O titulo lê se em tres linguas, francês, inglês e allemão. Offerta do sr Dr. Walther Schultze.

Verklaring der Teekenen tot aanedijzing der Wegen. Dimensões 33×17. Na margem superior direita, lê se a seguinte nota manuscripta: «Cette carte est projettée par le chef de bataillon Hollandais W. P. d'Auzan de Boisminart que assista à la campagne de Russie en 1802».

Funchal Bay surveyed by Captain A. T. E. Vidal, 1843. Publishing according to Act of Parliament at the Hydrographic Office of the Admiralty. Escala 8 milhas 282^{mm}. Grav. a preto. Offerta.

Africa

Afrika [por] A. Herrich. Escala de 1:14.500.000. Gravura colorida. Offerta.

Oudjda. Maroc (500.000e). Echelle 1:500.000. Dressé et publié par le Service Geographique de l'Armée en 1906. Offerta.

Bou Taleb. Algérie. F^{elle} N.º 26. Echelle 1:200.000. Dressé gravé et publié par Service Géographique de l'Armée (1907). Offerta.

El Homma. Tunisie. F^{elle} N.º LXXIV. Echelle 1:100.000. Dressé, héliogravé et publié par le Service Géographique de l'Armée. Offerta.

Oglat Merteba. Tunisie. F.^{elle} N.º LXXXII. Echelle 1:100.000. Dressé, héliogravé et publié par le Service Géographique de l'Armée. Offerta.

Gafsa Tunisie. F.^{elle} LXVI. Echelle 1:100 000. Dressé, héliogravé et publié par le Service Géographique de l'Armée. Offerta.

Douz. Tunisie. F.^{elle} N.º LXXXIX Echelle 1:100.000. Dressé, héliogravé et publié par le Service Géographique de l'Armée.

Archipelago de Cabo Verde. Escala de 1.500.000. 1900. (Commissão de Cartographia). Offerta.

Archipelago de Cabo Verde. Escala de 1:1000 000. Lith. Nacional Editora, Lisboa. Offerta.

Ilha do Sal. Plano hydrographico do Porto de Santa Maria, 1902. Escala de 1:10.000. (Commissão de Cartographia). Grav. a preto. Levantado pelo ca-

pitão-tenente da armada Christiano José de Senna Barcellos em 1900. Offerta.

Plano hydrographico do Porto Grande de S. Vicente. Escala de 1:20000, 1900. Levantado em 1899 pelo capitão tenente C. J. de Senna Barcellos. (Commissão de Cartographia). Offerta.

Ilha de Santo Antão. Plano hydrographico do Porto da Ponta do Sol, 1900. Levantado pelo capitão-tenente da armada Christiano José de Senna Barcellos, em 1899. Escala de 1:10 000. (Commissão de Cartographia). Offerta.

Ilha do Maio. Plano hydrographico do Porto Inglez, 1903. Escala de 1:10.000. Levantado pelo capitão-tenente da armada Christiano José de Senna Barcellos. Offerta.

Ilha de S. Thiago. Plano hydrographico da bahia do Tarrafal. Escala de 1:5000, 1890. (Commissão de Cartographia). Offerta.

Planta hydrographica do Porto da Praia (Ilha de S. Thiago de Cabo Verde). Levantada em 1882. Escala de 1:8000. Offerta.

Carta da Guiné Portugueza. 1899. Escala de 1:500.000. (Commissão de Cartographia). Offerta.

Esboço da Carta da Provincia da Guiné. Escala de 1:500.000. 1906. (Commissão de Cartographia). Offerta.

Carta da Ilha de S. Thomé. 1902. (Commissão de Cartographia). Offerta.

Carta da Ilha do Principe. 1893. Escala de 1:100.000. (2.ª edição) (Commissão de Cartographia). Offerta.

Carte du Dahomey. Echelle 1:500.000. (Service Géographique des Colonies). 1908. Em 3 folhas. Offerta.

Carta de Angola. 1900. Escala de 1:3.000.000. (Commissão de Cartographia). Offerta.

Angola. Mappa coordenado pelo Visconde de Sá da Bandeira e por Fernando da Costa Leal. Lisboa 1864. Escala de 400^{km}=157^{mm}. Gravura a preto. Offerta.

Carta da Africa Occidental Austro Equatorial contendo o itinerario e explorações de Capello e Ivens 1877-1880. Escala 1:1.481.480. Gravura a preto. Offerta.

Carta das possessões portuguezas da Africa meridional segundo as convenções celebradas em 1891. Escala de 1:6.000.000. (Commissão de Cartographia). Offerta.

Carta da Africa meridional portugueza. Escala 1:6.000.000. 1886. (Commissão de Cartographia). Offerta.

Plano hydrographico do Porto de Loanda. Escala de 1:50.000. 1896. (Commissão de Cartographia). Offerta.

Plano hydrographico da Bahia do Lobito. Escala de 1:19.000. 1891. (Commissão de Cartographia). Offerta.

Little Fish Bay (Mossamedes) surveyed by commander D. A. Crofton. 1888. Escala de 1 milha maritima equivalente a 84^{m}. Sondagens em pés. Offerta.

Plano da Bahia dos Tigres. 1836. Escala 1:120.000. (Commissão de Cartographia).

Dispositivo de marcha. M. Diniz des. Manuscrito colorido 2,44×1,57. Representa o dispositivo da marcha das tropas commandadas pelo capitão sr. Alves Roçadas na campanha do sul de Angola em 1907.

Expedição ao Sul de Angola em 1907. Campanha do Cuamato. Itinerario Escala 1:25.000. M. Diniz des. Manuscrito colorido 2,15×1,55.

Expedição ao Sul de Angola em 1907. Combate de Mufilo. Manuscrito colorido. M. Diniz des. Dimensões 1,82×1,23. Este mappa que representa o logar onde se deu o combate de Mufilo pelas tropas commandadas pelo capitão do Estado Maior Alves Roçadas, serviu, com os dois precedentes, na conferencia do mesmo official feita em 31 de maio de 1908 na S.G.L.

Carta de Moçambique. 1903. Escala de 1:3.000.000. (Commissão de Cartographia). Offerta.

Plano hydrographico das passagens navegaveis ao norte da Inhaca e do fundeadouro a oeste d'esta ilha na Bahia de Lourenço Marques, levantado em 1901-1906 segundo determinação da Commissão Permanente de Melhora-

do Porto de Lourenço Marques. Escala de 1 milha 73mm. Gravura a

hambane. 1905. Escala de 4 milhas 81mm. Tem sondagens. (Commis-
Cartographia).
nto hydrographico da foz do Pungue e do Buzio com parte do curso
io. 1891. Escala de 1 milha 28mm. (Commissão de Cartographia).
paizes adjacentes. Mappa coordenado sobre numerosos documentos,
se comprehendem as viagens do Dr. Lacerda, Monteiro e Gamitto,
ıa e Teixeira, Green, Chapman e outros. e muito especialmente
ustre Dr. Livingston; pelo Marquez de Sá da Bandeira. 2.ª edição.
1817. Grau de latitude média equivalente a 31mm. Lith. a preto.
ao canto inferior esquerdo a planta do delta do Zambeze; fóra da
ia, na margem esquerda, o itinerario de Tete a Lunda seguido
edição do major Monteiro. Offerta.
elta do Zambeze e terrenos adjacentes. Por Affonso de Moraes Sar-
Escala de 1:500.000. 1891. Gravura a preto. Offerta.
ambeze. Mappa coordenado por Affonso de Moraes Sarmento de
38. Escala 1:400.000. Gravura a preto. (Edição do «Jornal de Via-
o Porto).
nto para os estudos do Caminho de Ferro da Beira a Manica, effe-
em 1891 sob a direcção do capitão de Engenharia J. Renato Baptis-
pliado com diversos itinerarios coordenados por A. A. d'Oliveira.
le 50km 100mm. Gravura a preto.
- Sofala, 1896 Escala de 1:1' 00.000. Grav. col. (Commissão de Car-
ia).
ographico da Bahia do Mocambo, 1890. Escala de 1:40.000. (Com-
le Cartographia).
çambique. Rectificações e ampliações á carta ingleza, 1904. Escala
lha 45mm. Estudos feitos sob a direcção do primeiro tenente Leotte
, etc., em abril e maio de 1903.
nto hydrographico da barra do Rio Meige (Kinga), 1903. Escala de
Levantado sob a direcção do 2.º tenente João Fiel Stockler.
nto hydrographico do Porto Nacála, 1904. Escala de 1:25000. (Com-
le Cartographia).

India

ographico da enseada da Agoada e barra do rio Mandovi. Escala
. 1798. (Commissão de Cartographia).

Asia

traat Sunda tot Batavia onder speciale gœdkeuring von den Schout-
t E. G. von der Plaat. Gravada no Deposito dos Trabalhos Geode-
Reino, sob a direcção do cons.º F. Folque, brig.º grad.º e publicada
oa em 1861. Grav. a preto. Trabalho cuidado, com planos hydro-
os de muitas bahias. Offerta.
ninsula de Macau. Feita e desenhada por Freire Corte Real, 1900.
ões 1,22×0,61. É um manuscrito colorido em que está indicado o
dos melhoramentos do porto de Macau, do sr. Adolpho Loureiro.

ographico do Porto Exterior de Macau, 1904. Escala de 1:10.0000.
ssão de Cartographia).

America

lar de la República Oriental del Uruguay, con la ubicación de las
ruraes existentes. Este mappa foi publicado em Montevideo. Por
ueno quadro de referencias que tem ao canto inferior esquerdo,
ue, á parte Montevideo, o Uruguay tinha um total de 790 escolas
ıa população de 791:586 habitantes, população calculada em 31 de
o de 1966. Offerta.

Mapa escolar del Departamento de Montevideo con la ubicación de las escuelas rurales y urbanas existentes. Este mappa tem a designação das quatro escolas ruraes creadas pela lei de 20 de abril de 1907. O Departamento de Montevideo tem uma população de 308.454 habitantes e as escolas existentes eram em numero de 84, das quaes 4 ruraes e um jardim de infancia. Offerta.

Carta geral do Estado de S. Paulo. Organisada pela Commissão Geographica e Geologica. Engenheiro João Pedro Cardoso. Escala de 1:1000.000. 1908. Grav. colorida. Offerta.

Traçado de penetração e de ligação das estradas de ferro do Estado de Pernambuco, pelo Dr. Olympio Leite Chermont. Recife, 1958. Escala de 1:10.000. Copia em papel Marion. Offerta do auctor.

Traçado de penetração e de ligação das estradas de ferro no 2.º districto de fiscalisação. Rede Great Western nos Estados de Alagoas, Pernambuco, Parahyba e Rio Grande do Norte, pelo Dr. Olympio Leite Chermont, 1908. Escala de 1:2000.000. Copia em papel Marion. Offerta.

Estado de Alagôas. Traçado de penetração e de ligação, pelo Dr. Olympio Leite Chermont, 1908. Escala de 1 legua de 20 ao grão equivalente a 12^{mm}. Copia em papel Marion. Offerta

Estado da Parahyba. Traçado de penetração, pelo Dr. Olympio Leite Chermont. Escala de 1:10.000. 1908. Copia em papel Marion. Offerta.

Map of St. Mary's County showing the topography and election districts, 1903. Scale 1:62.500. Maryland Geological Survey. Carta solta formando com as duas seguintes um pequeno atlas sob o titulo de «St. Mary's County Atlas». Offerta.

Map of St. Mary's County showing the Agricultural Soils, 1903. Scale 1:62.500. Maryland Geological Survey. Offerta.

Map of St. Mary's County showing the geological formations, 1903. Scale 1.62.500. Maryland Geological Survey. Offerta.

Mappas topographicos publicados pelo «Department of the Interior» do «M. S. Geological Survey»

Folhas	Estado	Folhas	Estado
Breese	Ill.	Morganfield	Ky.
Charin Falls	Ohio.	Natural Bridge Special	Va.
Clarion	Pa.	New Holland	Pa.
El Paso	Tex.	Otter	W. Va.
Forsyth	Mo.	Pontiac	Mich.
Frostburg	Md.-Pa.-W. Va.	Pomeroy	Ohio-W. Va.
Galatia	Ill.	Ravenna	Ohio.
Goshen	N. Y.-N. J.	Rockville	Md.
Grants Pass	Oreg.	Walton	W. Va.
Johnstown	Oa.	Warren	Ohio.
Kenna	W. Va.	Waukee	Iowa.
Keno	Ohio-W. Va.	Wheaton	Ill.
Kernville	Cal.	Woodbury	Tenn.
Minnetonka	Minn.		

.ª Série — 1909 N.º 9 — Setembro

BOLETIM

DA

Sociedade de Geographia

de Lisboa

FUNDADA EM 1875

SUMMARIO

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
Rua do Diario de Noticias, 110

1909

27.ª Série — 1909 N.º 9 — Setembro

BOLETIM

DA

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

rector, proprietario e editor—*Sociedade de Geographia de Lisboa*—Rua de Santo Antão—Lisboa
Composição e impressão na Typographia Universal
pertencente a Coelho da Cunha, Brito & C.ª — rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

L'ILE DE MADÈRE CONSIDÉRÉE AU POINT DE VUE DE SES RICHESSES MINERALES

(Continuado da pag. 277)

Néamnoins, mélangée en certaine proportion à des calcaires, elle ›urrait servir à la fabrication de certains ciments.

XVI. — Analyse d'un produit argileux avec empreintes végétales avec traces de bois fossile provenant de la Furna de Porto da ruz.

Ce produit a une composition analogue à celui de la mine de li- ìite de S. Jorge. Toutefois certains des échantillons sont un peu us riches en silicate d'alumine, la teneur en oxyde de fer est à peine › quelques %.

La perte au feu (eau, etc.) représente environ 19 %.

Ce produit est en somme un silicate d'alumine fort impur, mêlé toutes sortes de matières pulvérulentes provenant de la désagréga- ›n de roches silicatées plus complexes. A la rigueur, mélangé à une ›rtaine proportion de calcaire et dans certaines conditions, il pour- ıit servir à fabriquer du ciment.

En ce qui concerne les petits vestiges de bois fossile (que l'on ›ut presque appeler lignite), ils renferment plus de 20 % de cen- res.

XVII. — Note au sujet de l'existence des traces d'urane dans un roduit à base d'argile et de silicates variés provenant de la Furna e Porto da Cruz.

Quelques-uns des échantillons sont imprégnés d'une substance d'un une-verdâtre. En examinant cette substance qualitativement, j'ai sconnu qu'il y avait de l'oxyde d'urane, mais en trop faible quantité our être dosé! Néanmoins c'est fort intéressant, car cela montre éjà une association curieuse. En effet nous avons là du bois fossile ignite), des argiles et de l'oxyde d'urane.

Cela permet d'espérer de bonnes variétés de lignite.

Maintenant je tiens à faire remarquer que certains des échantil- ›s de la Furna en question sont imprégnés d'oxydes de fer variés,

jaunes et jaunes-bruns et qu'il s'agit de *ne pas* confondre ces 2 produits jaunâtres.

Celui dont j'ai parlé ci-dessus est jaune-verdâtre et il pourrait très bien contenir une petite quantité de radium. Mais hélas! les quantités vues jusqu'à présent sont faibles.

XVIII. — Analyse du produit blanchâtre qui surmonte le haut du produit argileux de la Furna de Porto da Cruz.

Au-dessus d'un produit limoneux à base d'argiles et de silicates variés de la Furna de Porto da Cruz il y a une substance blanchâtre, fort abondante, qui se compose de nombreux petits grains, plus ou moins agglomérés et qui sont très faciles à pulvériser. En les analysant j'ai reconnu qu'il y a une très forte proportion de feldspath avec un peu de sanidine.

En somme le produit est riche en silice et en silicates facilement fusibles et pourrait entrer dans la fabrication de certains verres et de certains ciments.

Ce produit ressemble beaucoup à celui que l'on trouve en certains points du Pico de Castello de l'île de Porto Santo.

XIX. — Remarque (hypothétique d'ailleurs) au sujet de l'existence du mercure sur certains des pics de l'île de Madère et de celle de Porto Santo.

Beaucoup des hauteurs indiquées dans les divers ouvrages qui ont été publiés sur l'île de Madère sont très discordantes. Il n'y a pas trop de quoi s'en étonner, puisqu'elles ont été déterminées avec des baromètres. Il n'y a qu'un nivellement scientifique qui puisse donner des résultats rigoureusement exacts.

Peut-être bien qu'avec un appareil barométrique primitif à mercure un explorateur quelconque aura laissé un peu de mercure sur les sommets? Cela pourrait expliquer comment on aurait pu trouver un peu de mercure sur certains des pics des îles de Madère et de Porto Santo.

XX. — Essai d'un minerai de manganèse de la «Rocha do Alto do Pé do Cocho» à l'île de Porto Santo.

Au moment de quitter l'île de Madère pour aller faire un voyage en Europe, j'ai reçu des nouveaux échantillons de minerai de manganèse provenant de la «Rocha do Alto do Pé do Cocho para o lado Sul do Porto da Cana Vieira».

C'est un minerai provenant des terrains pris en «manifesto» de 1882 par Mr. João de Salles Caldeira et ceci à la Freguezia de Nossa Senhora da Piedade de l'île de Porto Santo.

L'examen extérieur des échantillons et la comparaison avec les échantillons antérieurs me permettent d'affirmer que le minerai de manganèse da Rocha do Alto do Pé do Cocho est bien meilleur et plus riche que celui du manifesto Blandy du «Sitio da Rocha do Zimbralinho.»

Maintenant il n'est que tout juste de dire que les deux minerais, celui de l'ancien manifesto de Salles et celui de Blandy, sont dans des endroits où il y a certaines difficultés d'expoitation, qui cependant ne sont pas insurmontables.

— Analyse d'une terre rouge provenant de S. Antonio.
. été remis un peu de terre rouge que l'on prétendait venir
tonio et l'on m'a chargé de voir s'il y a de l'or. J'ai fait les
question, mais la quantité d'or présente est probablement
e (s'il y en a), car les essais n'ont pas donné la réaction de

enant en opérant sur une plus grande quantité, il serait peut-
ible d'obtenir un résultat plus satisfaisant.
. — Essai qualitatif des «racines et des tiges de plantes (?)»
lbeds» de Caniçal, près de la Ponta de S. Lourenço. Il y a
faible pourcentage de phosphate de chaux avec de 70 à 85
rbonate de chaux, un peu de magnésie et de l'acide silici-

au fond a-t-on réellement affaire à des fossiles?

---

elques produits minéraux de l'île de Madère, les terres colorées

de Madère, tout comme bien d'autres terrains volcaniques,
particulièrement riche en oxydes de fer, aux teintes les plus
depuis le jaune-rouge jusqu'au brun-rouge. Les oxydes en
sont ou purs ou mélangés à certains des produits de décom-
des basaltes et des laves.
matières sont essentiellement susceptibles d'être employées
polissage des divers métaux (et même d'autres substances tel-
le verre) ainsi que comme matières colorantes minérales. —
nême peu de pays où les teintes minérales arrivent à être si

terai en particulier une belle teinte orangée, que l'on trouve
voisine de Porto Santo.
les terres colorées de Madère on peut, par des mélanges
és, obtenir toutes les teintes usuelles.
oint de vu du polissage, l'efficacité des substances renfermant
de de fer dépend d'abord de leur dureté, mais il faut en même
u'elles soient à un état de finesse extrême, car autrement el-
ent l'effet opposé.
oxydes de fer (purs ou impurs) qui se trouvent dans la na-
trouvent rarement à un tel degré de finesse qu'ils puissent
loyés directement aux opérations de polissage. Et cependant
de ceux qu'on trouve à l'île de Madère ne demandent qu'u-
aration relativement restreinte. C'est qu'en effet beaucoup
x ont été entraînés par les eaux des torrents de la montagne
osés ensuite. C'est en somme la nature qui a produit une tri-
et une lévigation partielles.
sans que cela en ait l'air à première vue, les matières simi-
eviennent assez cher, car vu le degré de finesse qu'il s'agit
r, le prix augmente sensiblement.
trême finesse est si indispensable, qu'il faut que la matière

soit plus qu'absolument impalpable, car dans bien des cas, même les grains que l'on ne sentirait pas à la main arriveraient à rayer les métaux que l'on veut polir.

C'est surtout pour l'or et l'argent qu'il est indispensable d'avoir des poudres aussi fines que possible.

Dans ce qui va suivre, je vais décrire la manière d'amener ces terres colorées à un état permettant de les employer dans les arts.

La trituration des terres colorées rouges ne s'effectue avec avantage qu'à l'état humide. L'oxyde de fer se divise sous l'eau; les grains les plus gros absorbent ce liquide et se laissent ainsi bien plus facilement triturer.

C'est pour cela que l'on mélange à de l'eau la substance à moudre, de manière à obtenir une bouillie liquide que l'on soumet ensuite à la trituration. Les dispositifs employés pour la trituration doivent être mécaniques et aussi précis que possible, pour peu qu'il s'agisse d'obtenir de la matière extrêmement fine.

Le meilleur dispositif est celui qui comprend 3 cylindres qui reposent sur des coussinets de bonne construction. Quant aux cylindres ils sont généralement en porphyre qui, ainsi qu'on le sait, est une roche plus dure que l'acier qui a la propriété de bien faire adhérer la poudre à pulvériser, de manière à obtenir ensuite le maximum de finesse.

Le premier de ces cylindres reçoit la matière à pulvériser qui vient de l'entonnoir situé au-dessus et la transmet pendant le mouvement au second, en tournant plusieurs fois au-dessus du deuxième cylindre; puis du deuxième cylindre la matière est amenée au troisième et ensuite à une espèce de racloir qui enlève la matière fine et la fait tomber dans un bassin placé au-dessous.

Les divers cylindres sont doués d'une vitesse différente et le cylindre d'avant a un mouvement de droite et de gauche pour faciliter encore mieux la mouture.

Ils ont 700 mm. de long. et 400 mm. de diamètre.

La machine a une capacité d'environ 1:500 kgr. de bouillie, ce qui correspond à environ 700 kgr. de terre colorante sèche.

Après la trituration la terre colorée est soumise à la lévigation. Ainsi qu'on le sait, cette opération consiste en ce que les corps qui ont une plus grande densité que l'eau y restent d'autant plus longtemps suspendus que les parties sont plus fines. Par ce procédé il est possible de séparer mécaniquement les parties les plus fines des parties les plus grosses d'un corps et d'obtenir des poudres infiniment plus fines que celles que l'on obtiendrait par la trituration directe.

Bien entendu cette opération de lévigation a dû être précédée d'une trituration fine de la matière.

Pour la trituration on peut se servir d'un appareil fort simple qui consiste en plusieurs réservoirs en fer disposés en étages l'un au-dessus de l'autre et qui sont en communication les uns avec les autres par des conduites. Un appareil de ce genre comprend au moins 3 à 4 boites cylindriques, mais il y en a parfois bien davantage.

La disposition de ces boites est telle que chacune est toujours

ée que la suivante, de manière à ce que le liquide puisse fa- couler de l'une dans l'autre. Les dimensions de ces boîtes- s sont calculées d'après l'importance de l'exploitation et es quantités que l'on veut laver.
l'opération on dilue la pâte dans 5 à 6 fois la quantité d'eau voie le liquide, devenu bien plus fluide, dans la plus élevée s en fer. Au bout de quelque temps, quand on peut suppo- es parties les plus grosses de la poudre en suspension dans sont déposées au fond, on ouvre le robinet de communica- la deuxième boîte, de manière à introduire le liquide et on alement un certain temps jusqu'à ce que les parties les plus ient pu se précipiter. On continue ainsi jusqu'à ce qu'on é au dernier réservoir dans lequel on laisse reposer l'eau ; qu'elle soit devenue tout-à-fait claire.
on la soutire pour pouvoir ensuite enlever la matière colo- ıt de grande finesse.
les divers réservoirs on a donc des poudres de diverses fi- ce sont les plus élevés qui renferment les poudres les plus tandis que les plus bas renferment les poudres les plus fi-

a plus qu'à sécher, en étalant la masse sur des toiles et en omplètement égoutter l'eau, puis on coupe en morceaux la i est déjà relativement solide, et on les dispose sur des plan- .ir libre ou dans des étuves.
: qui concerne la composition de ces terres colorées de Ma- st à remarquer que la proportion d'argile et de silicates fria- se trouvent avec l'oxyde de fer n'est pas nuisible, attendu ›mpêche pas la bonne trituration comme la silice p. ex.
à la teinte rouge des terres colorées de Madère il ne faut ırs croire que plus la terre est rouge, plus elle est riche en fer. C'est vrai parfois, mais pas toujours, car quelquefois dépend du plus ou moins de temps pendant lequel ces ter- é exposées aux températures de la chaleur interne. Elle dé- .ement de la température à laquelle ces terres ont été sou-

erres rouges de Madère peuvent être également employées ›olissage des objets en caoutchouc durci. Suivant le but à ı fait des mélanges de terre rouge et de pierre ponce à dif- :grés de finesse. Le prix de matière similaire d'autres pays 5 à 30 centim. le kilogr. autrement dit de 250 à 300 frs. Or à Madère le prix de revient serait *infiniment* plus bas.
les autres produits de l'île de Madère qui sont également es d'emploi pour le polissage il y a les cendres volcaniques ·ment des particules de lave, de feldspath, d'augite, de fer ıe, de leucite et qui se rapprochent en composition des onces. Quand elles sont convenablement triturées et tami- eut donc également s'en servir pour le polissage, sauf à se qu'elles sont un peu plus dures que les terres colorées en

Les mêmes substances qui servent au polissage servent également au nettoyage des divers métaux, seulement il faut qu'elles soient encore bien plus fines pour le nettoyage que pour le polissage.

Il est bon de se rappeler la différence qu'il y a entre le nettoyage et le polissage.

Tandis que dans le polissage il s'agit d'obtenir des surfaces tout-à-fait planes et polies et d'éliminer les rugosités, dans le nettoyage il s'agit de rendre le poli primitif aux objets qui ont déjà été polis, mais qui ont souffert par l'usage, la lumière, les gaz, l'eau, etc. Il s'agit de les débarrasser de la couche fine d'oxyde ou de sulfures métalliques, ainsi que de toutes graisses.

Les poussières et les graisses peuvent être éliminées par simple lavage. Même les métaux nobles ont à être soumis à l'opération du nettoyage, car non-seulement ils s'oxydent ou se sulfurent à la longue, mais ils se recouvrent également de matière grasse.

L'emploi des matériaux employés pour le nettoyage peut donc avoir deux buts: ou bien il s'agit de débarrasser l'objet à nettoyer de la graisse et de la poussière adhérentes; ou bien il s'agit d'enlever les couches d'oxydes qui se forment sur les divers métaux. Dans le premier cas le savon, l'eau et la brosse suffisent; dans le deuxième il s'agit d'employer des substances qui agissent mécaniquement et chimiquement. On peut, bien entendu, employer aussi simultanément le lavage à l'eau de savon avec les moyens mécaniques et chimiques. Parmi les substances de nettoyages qui agissent simplement mécaniquement, il y a d'abord toutes les matières qui sont employées pour le polissage ; il est vrai que leur action est relativement faible. Parmi les substances agissant simplement chimiquement il y a surtout les acides qui dissolvent les couches d'oxydes, mais qui ne peuvent être employés qu'à un certain état de dilution, à moins de produire un effet tout contraire. — Quant aux substances qui agissent à la fois chimiquement et mécaniquement ce sont des alcalis ou des acides dilués mélangés à des corps pulvérulents; elles agissent de manière à ce que les acides ou les alcalis agissent en dissolvant, tandis que les corps pulvérulents agissent en polissant.

Plus l'objet à nettoyer est poli, plus la substance à employer pour le polissage doit être fine, car autrement elle attaquerait également le poli de l'objet, une fois que la couche de graisse et d'oxyde a été éliminée. Or au contraire le nettoyage doit restituer et non détruire le poli; c'est pour cette raison qu'il n'y a que les corps en poudre extrêmement fine qui puissent être employés. Si pour le nettoyage on devait employer une substance grossière ou attaquant grossièrement, alors pendant le nettoyage on obtiendrait une substance fissurée au lieu d'une surface bien polie. Il faut donc que ies substances employées pour le nettoyage soient soigneusement choisies d'après la nature des objets.

En ce qui concerne p. ex. les très légères couches d'oxydes ou de sulfures qui se forment sur l'argenterie, il suffit d'agents de nettoyages fort faibles. Dans la plupart des cas, il suffit de frotter avec un objet de laine pour rendre l'argent blanc. Par contre les alliages de

cuivre, de laiton et d'autres compositions, exigent des substances de nettoyage agissant bien plus énergiquement; alors il faut que la couche oxydée soit éliminée à l'aide d'un corps agissant mécaniquement et ensuite à l'aide d'un acide.

Les manifestos de descoberta de minas

Dans les dernières années on a pris à Madère, conformément à la loi portugaise, une série de «Manifestos de descoberta de minas», autrement dit on a fait la déclaration légale de découvertes de mines.

Le tableau qui suit résume les diverses déclarations:

MADÈRE

Noms des Concelhos	Noms de la freguezia ou de l'endroit	Vestiges rencontrés ou supposés	Année de la prise du «manifesto»	Personne par ou pour qui le «manifesto» a été pris	Renseignements particuliers sur la position de la mine
Calheta	Calheta	Pétrole	1906	Mr. Gonçalvez et João Maria Henriques et Braz	
»	»	»	1906	»	
»	Arco de Calheta	Fer et outres métaux	1903	Schiappa de Azevedo (pour Manuel Gonçalvez)	
»	Fajão da Ovelha	Fer et Manganèse	1907	João de Freitas Martins	
Camara de Lobos	Camara de Lobos	Fer et autres métaux	1903	Manuel Gonçalvez	Na escarpa da rocha do Cabo Girão entre a Ponte d'Agua e a Fajão dos Asnas.
»	»	»	»	Empreza de pesquizas mineraes na Ilha da Madeira	

Noms des Concelhos	Noms de la freguezia ou de l endroit	Vestiges rencontrés ou supposés	Année de la prise du «manifesto»	Personne par ou pour qui le «manifesto» a été pris	Renseignements partic liers sur la position de la mine
Machico	Caniçal	Argent, fer, or et outres métaux	1903	Manuel Gonçalves	Entre os picos (Castanho e Cleri(
»	»	Or, fer et au tres métaux	1903	»	Cabeça de Abelhei
»	»	»	1903	»	Terrenos sul e sues do Pico de Cance lo.
»	»	Charbon et fer	1903	»	Sopé do Monte Go do
»	»	Fer et autres métaux	1903	»	Base do Pico da No sa Senhora da Pi dade
»	»	»	1903	»	Pico das Forjas Pico das Lages
Ponta do Sol		Fer et autres métaux	1903	Schiappa de Azevedo (pour Manoel Gonçalvez)	Sitio da Achada (Cabeço do Junc em terreno do Pa da Serra
Porto - Moniz	Villa Porto Moniz	Fer, Manganèse, Argent et or	1907	Anthero Lyra	Terrenos do Pass dio, do logar d: Fortunas, do cu ral da Burra e d Poços
»		Platine, or et autres métaux	1903	Manuel Gonçalves	No Rabaçal. Da Mo tada dos Rossad para o Monte Ga lbarte
S. Vicente		Fer et autres métaux	1903	Manuel Gonçalves	Terrenos de ser baldia do Cabe do Lombo do Mo ro, vertente pa a Ribeira de S. V cente, internand se nos terrenos d Estanquinhos
Sant⁴ Anna	S. Jorge	Lignite	1903	Manuel Gonçalves	Nas margens de : beiro do Meio e tre o Pico do Me e a «Ilha»
»	S. Roque de Fayal	Sulfure de fer, galène, argent et autres substances	1903	»	Sitio do Ribeiro Fi
»	Santa Anna	Or platine et autres métaux	1903	»	Sitio da Achada (Cruz

Noms des Concelhos	Noms de la freguezia ou de l'endroit	Vestiges rencontrés ou supposés	Année de la prise du «manifesto»	Personne por on pour qui le «manifesto» été pris	Renseignements particuliers sur la position de la mine
anta Cruz	Caniço	Fer et autres métaux	1903	»	Sobre as escarpas da ponte de Garajão entre a ribeira dos Piornaes e a do Furtado.

PORTO SANTO

orto Santo	Freguezia de Nossa Senhora da Piedade	Manganèse	1882	Blandy	Sitio da Rocha do Zimbralinho
»	»	Manganèse	1882	João de Salles Caldeira	Rocha do Alto do Pé do Cocho, para o lado sul do Porto da Cana Vieira
»	Freguezia da Baleira	Fer, aluminium et autres métaux	1903	Manuel Gonçalvez	Pé da Rocha da Nossa Sennora ou Feiteiras da Freguezia da Baleira
»	»	Aluminium, lignite, fer et autres métaux	1903	» »	Sul do Pico Juliana
»	»	Fer et autres métaux, lignite, aluminium	1903	»	Picos da Gandaia e e Facho
»	»	Fer et autres métaux	1903	»	Vertente Sul do Pico do Castello
»	»	Fer et autres métaux	1903	»	Ilheo de Baixo e Ilheo de Ferro

Dans les renseignements qui suivent et qui sont extraits des registres officiels des diverses «camaras dos concelhos» je laisse le texte portugais

Concelho de Camara de Lobos

I — Mina de ferro e outros metaes situada na Escarpa da Rocha , Cabo Girão, tendo por ponto de partida esta rocha, vertente com Oceano, entre a Ponta d'Agua e a Fajão dos Asnas, internando-se bre as montanhas do Cabo Girão entre o Pico da Cruz da Caldeira a Quinta Grande na direcção Sul para Norte.

Estas rochas improductivas são de diversos proprietarios.

Concelho de Machico

I. — Em 28 de maio de 1903. Ponto de partida entre os picos do Castanho e Clerigo, situados na freguezia do Caniçal, comprehendendo os Picos das Pedras, Corraes e Cabeço dos Lagos, tendo por eixo o ribeiro dos Covões, que com os ribeiros da Abelheira, Louzal e Lagos é affluente da ribeira do Caniçal.

Os vestigios encontrados n'esta mina são prata, ferro e ouro e ainda outros metaes.

II. — Em 28 do subdito mez e anno. Outra mina.

Tem ponto de partida no cabeço da Abelheira, Picos da Vista dos Covões, Murta, Barreiro, Branco e dos Barreiros que dão vertentes para os ribeiros dos Covões, Abelheira, Louzal e Ribeira dos Lagos, affluentes da ribeira do Caniçal.

Os vestigios encontrados são d'ouro, ferro e outros mineraes.

III. — Idem na mesma data. Tem ponto de partida nos terrenos Sul e Sul Este do Pico de Cancello, conhecido pelos nomes de Babispo, Babozinho e Serradinho na freguezia de Caniçal, a Leste da Ribeira da Palmeira.

Vestigios de ferro, etc.

IV. — Mesma data. Tem ponto de partida ao sopé do Monte Gordo e seus terrenos adjacentes. Na freguezia do Caniçal, entre o pico de Cancello do Oeste e a Prainha ao Sul (carvão, ferro, etc.).

V. — Mesma data. Ponto de partida na base do Pico da Nossa Senhora da Piedade e Achada adjacente na freguezia de Caniçal. Ferro e outros mineraes.

VI. — Mesma data. Tem ponto de partida no Pico das Forjas e Pico das Lages, vertente da ribeira da Abra e da dos Forjas.

Freguezia do Caniçal. Ferro e outros mineraes.

Concelho de Ponta do Sol

I. — Mina de ferro e outros mineraes no sitio da Achada do Cabeço do Juncal em terreno baldio de Serra de Paul. O ponto de partida encontra-se no centro da mesma Achada pertencente a logradouro commum do concelho da Ponta de Sol e confina pelo Norte com os Estanquinhos e Pico da Fonte da Bica e pelo Sul com o Pico das Pedras.

1903. — Schiappa d'Azevedo, procurador de Manuel Gonçalvez.

Concelho de Porto-Moniz

I. — 1993. Manuel Gonçalvez.

Mina d'ouro, platina e outros mineraes no Rabaçal.

O ponto de partida dirige-se da Montada dos Rossados (Rabaçal) para o Monte Guilharte, segundo de Este para Oeste, atravessando o Ribeiro dos Poços, affluente da Ribeira da Janella, e crusa com dykes de basalto que segue o mesmo ribeiro na linha do Sul para Norte. As casas do Rabaçal ficam a Nordeste da mina e a primeira ponte sobre o Ribeiro dos Poços a Sudoeste.

II. — 1907. Anthero Lyra.

Mina de ferro, manganez, prata e ouro. — É um campo de terreno, situado na Villa de Porto Moniz, conhecido pelos nomes de Passadio, Logar das Fortunas, Curral da Burra e Poços. Terrenos estes que ao todo, parte Norte com o Calhau do mar, Sul com a parede que parte da estrada municipal (rua dos Capitaes) e segue para o lado do Serrado, leste com Dona Maria Narcisa Gonçalves de Freitas e Oeste caminho dos Poços.

Concelho de S. Vicente

I. — Manuel Gonçalvez. Mina de ferro e outros mineraes situada em terrenos de serra baldia de logradouro commum denominados do Cabeço do Lombo do Mouro, vertente para a Ribeira de São Vicente e pertencentes ao Concelho de S. Vicente, internando-se nos terrenos dos Estanquinhos.

O ponto de partida é situado no Cabeço do Mouro, tambem denominado Pico da Fonte da Bica, confronta pelo Oeste e Sul com os Estanquinhos, pelo Leste e Norte na vertente, com a Achada e casa de abrigo da Caramujo.

Concelho de Santa Anna

I. — 29 de maio de 1903. Manuel Gonçalvez.

Mina de lignite situada nas margens do ribeiro do Meio entre o Pico do Meio tambem conhecido pelo nome Falhadal e a Ilha, em terreno de serra da freguezia de S. Jorge, do Concelho de Santa Anna.

A cerca de 300 metros sobre o nivel do mar o seu afloramento aparece quasi ao nivel do leito do ribeiro do Meio (na margem esquerda (?), affluente do Ribeiro Grande de São Jorge.

II. — 29 de maio de 1903. Mina de sulfureto de ferro, galena, prata, ouro e outros mineraes no sitio do Ribeiro Frio, montado dos Baptistas, entre os kilm. 13 e 15 da estrada n.º 23 do districto de Funchal ou seja entre o sitio do Feiteiras do Baixo e a Levada do Furado.

O ponto de partida é o montado dos Baptistas que confina pelo

Oeste e pelo Norte com a estrada referida e o Ribeiro Frio. — Manuel Gonçalvez.

III. — 29 de maio de 1903. Manuel Gonçalvez.

Mina de ouro, platina e outros mineraes situada no Pico da Achada da Cruz estendendo-se para o Pico da Fajão da Corça na margem direita da Ribeira Grande de S. Jorge, dentro de cujo perimetro se comprehende tambem o Pico do Moledo na vertente para a referida Ribeira onde profundam alguns dykes de tufo mineral.

As pesquizas poderam ser effectuadas na margem direita da Ribeira Grande em nivel inferior a dos terrenos cultivados.

O ponto de partida d'esta mina acha-se na vertente do Pico da Achada da Cruz para a Ribeira de S. Jorge, ficando-lhe pelo Norte o Pico Alto de São Jorge, vulgo Jogo da Bola.

Concelho de Santa Cruz

I. — Maio de 1903.

Guilherme Telles de Menezes, procurador de Manuel Gonçalvez.

Mina de ferro e outros mineraes na freguezia de Caniço do concelho de Santa Cruz.

Sobre as escarpas da rocha para o mar na ponta de Garajão entre a ribeira dos Piornaes a oeste d'aquella ponta e a ribeira do Furtado entre as duas ribeiras.

Na direcção de Sul para Norte o seu ponto de partida é na ponta de Garajão.

Os terrenos adjacentes e ao nivel superior são de diversos proprietarios.

Concelho de Porto Santo

I. — 1882. Blandy.

Mina de manganez no sitio da Rocha do Zimbralinho, freguezia da Nossa Senhora da Piedade.

O sitio onde existe a mina é na rocha por baixo da propriedade pertencente a José Sebastião da Silva Moura e confronta pelo Norte e Sul com o dito Moura, Leste com o caminho do concelho e outros e Oeste com o mar.

O ponto de partida é a rocha do Zimbralinho.

II. — 1882. João de Salles Caldeira.

Mina de manganez na Rocha do Alto do Pé do Cocho, para o lado do Sul do Porto da Cana Vieira, freguezia de Nossa Senhora da Piedade.

Confronta pelo Norte e Sul com o Moura, Leste com o caminho do concelho e outros e Oeste com o Mar. O ponto de partida é a rocha do alto do pé do Cocho, para o lado do sul do Porto da Cana Vieira.

III. — 1903. Manuel Gonçalvez.

Mina de ferro e alumen e outros mineraes no Pé da Rocha da

Nossa Senhora ou Feiteiras da freguezia da Baleira a partir do caminho das «Cayentes» na vertente Sul para o Mar e cortada pela ribeira da Figueirinha de Brito até a praia da Vigia segundo a linha Norte-Sul e ficando-lhe a Portella a Leste e o Pico do Castello a Norte-Nordéste.

IV. — 1903. — Manuel Gonçalvez.

Mina de alumen, lignite, ferro e outros mineraes situada no Sul do Pico Juliana da freguezia da Baleira, dominando os sitios dos Poços, Moledo, Ribeira da Serra de Dentro que ahi tem a sua origem e que se dirige para Leste, bem como os sitios das Coroadas, Pejadouros e Picos do Fado e Gandaia que ficam ao Sul do seu ponto de partida.

V. — 1903. — Manuel Gonçalvez.

Mina de ferro e outros mineraes nos Picos da Gandaia e Facho da freguezia da Baleira.

Assim como lignite, alumen na vertente Sul dos referidos picos.

VI. — 1903. Manuel Gonçalvez.

Mina de ferro e outros mineraes situada na Vertente Sul do Pico do Castello a partir d'este Monte até os sitios dos Barrancos e Barroca.

O ponto de partida é no Pico do Castello da freguezia da Baleira.

VII. — 1903. Manuel Gonçalvez.

Mina de ferro e outros mineraes no Ilheo de Baixo, dirigindo-se do Sul para Norte, interrompida pelo Oceano até de novo apparecer no Ilheo do Ferro que lhe fica ao Norte.

Les premiers travaux miniers à effectuer à l'île de Madère

En somme de tout ce que j'ai vu jusqu'à présent ce qui, pour l'instant, semble de plus positif ce sont les minerais de fer et de manganèse :

1) Les minerais de fer de Camara de Lobos et celui de Ponta do Sol. Le 2.e qui est réellement parfait n'éxiste, il est vrai, qu'en quantité faible, mais son pourcentage est trés élevé et il se peut qu'on en trouverait davantage à de plus grandes profondeurs. Pour celui de Camara de Lobos il conviendra de faire des puits, des galeries, etc.

2) Les minerais de manganèse de Fajão da Ovelha et de Porto-Santo. Les premiers sont beaucoup moins riches en pourcentage, mais il se peut qu'ils le deviendraient en faisant des excavations assez profondes. — Quant à ceux de Porto Santo, ils sont plus riches, mais il n'est peut-être que tout juste de reconnaître qu'ils sont dans un endroit plus difficile à exploiter, que sous ce rapport-là ils sont donc dans un état d'infériorité. Néanmoins dès à présent ils mériteraient d'être exploités.

Mais en dehors de cela il y a toutes sortes de choses intéressantes qui pourront fournir des produits fort utiles. Il y a toutes les couches sédimentaires dont l'existence a été reconnue en quantité d'endroits et qui sont susceptibles de renfermer du pétrole, du bitume, de la houille et en outre des calcaires, des argiles et bien d'autres substances utilisables.

Voici quels sont les travaux qu'il y aurait à effectuer en premier.

1) En un ou en plusieurs des points du ravin de la Ribeira da Caldeira de Camara de Lobos il faudrait creuser de petits puits et de là suivre par des galeries les veines les plus épaisses de minerai de fer.

2) Faire l'exploration rigoureuse de tout le vallon de Fajão d'Ovelha où l'on a rencontré de l'oxyde de manganèse; ensuite choisir l'emplacement des galeries d'exploitation.

3) Déblayer l'endroit de la mine de lignite-jais de S. Jorge; faire une galerie qui suivra le gîte, mais en ayant soin d'exécuter ici un boisage, car le terrain a une certaine tendance à glisser. Comme travail également nécessaire il sera bon de faire un chemin praticable allant de S. Jorge à ladite mine.

4) Faire la prospection rigoureuse des diverses autres zones ferrugineuses de l'île, en particulier celles de la Ponta de San Lourenço, puis du massif du Cabo Garajão, ensuite de la zone de fer oligiste de Ponta de Sol; puis de l'ensemble de l'île de Porto Santo qui, en certains points, est riche en oxyde de fer.

5) Faire l'analyse physique et chimique des diverses couches des «fossilbeds» de Caniçal. Doser le calcaire, le silicate d'alumine, la silice, les phosphates, etc. Voir l'utilisation comme engrais, comme matière première en vue de la fabrication des chaux, des chaux hydrauliques et des ciments.

6) Choisir l'emplacement de la future fabrique de ciment madèrien. A se rappeler que rien qu'à l'île on en consomme 1:800 tonnes par an et que l'on en consommera bien davantage, quand il y aura une fabrique sur place et que de plus l'on pourra en exploiter aux îles voisines.

L'emplacement sera de préférence près de Funchal.

Etablir le devis de la construction et le prix des machines à acquérir.

7) Etude le l'installation d'une tuilerie pour la fabrication des briques et des tuiles. Le mieux à Caniçal ou sinon près de Funchal.

8) Voir également à installer la fabrication des tubes en grès.

9) Pendant la belle saison chercher à recueillir plusieurs tonnes du kaolin blanc da Ribeira da Janella.

10) Explorer méthodiquement et à fond les parties de l'île qui n'ont pas encore été visitées par moi, p. ex. le chemin de Camacha à San Antonio da Serra, etc

11) Faire quelques excavations dans les ravins du Curral, du Curralinho, puis examiner soigneusement les fonds du Ribeiro Secco, du Ribeiro de S. João, du Ribeiro de João Gomes.

12) Si possible faire quelques fouilles en profondeur dans l'endroit

dit Malvasia à Ribeira Grande. Voir si au fond du calcaire il n'y a pas de pétrole.

13) Rechercher les veines de fer entre Magdalena et Arco de Calheta (ancien manifesto Schiappa d'Azevedo).

14) Essayer de suivre de haut en bas le fond de la Ribeira da Janella, même là où il n'y a pas de chemin.

15) Etablir l'endroit des eaux ferrugineuses que l'on voudra capter et mettre en bouteilles.

Se procurer l'appareil à acide carbonique.

16) Creuser quelques petits puits et au besoin quelques galeries pour rechercher si à Porto da Cruz les roches éruptives anciennes, qui renferment un peu de pyrite très légérement aurifère, ne s'enrichissent pas à une certaine profondeur.

(Continúa) Eug. Ackermann

OS VULCÕES DAS ILHAS DE CABO VERDE E OS SEUS PRODUCTOS

(Continuado da pag. 287)

2. Rocha do Tope da Coroa. — As rochas do declive do sudoeste d'esta montanha para o lado da Bahia de Tarrafal apresentam um outro typo; são compactas, de côr amarella com numerosos crystaes e grãos azues e porphyroidicos. Ao microrcopio a nepheline apresenta-se em secções regulares, hexagonaes ou rectangulares, com inclusos de agulhas e grãos de augite e em crystalloides. A nepheline é frequentemente turva e decomposta. Junto com ella ha, e não em pequena quantidade, augite amarella, lembrando a côr do limão, que provavelmente é rica em ferro pela decomposição, o que prova a coloração amarella de rocha. São em geral secções de crystaes, cujos planos d'extincção concordam com os da augite ordinaria. Estas augites são muito puras.

Pertencem ás augites sodicas pela sua fusibilidade.

Nas secçõos da hauyne que são muito frequentes (quadradas, hexagonaes e redondas) apparece frequentemente no interior um nucleo corado de azul escuro que é circumdado d'uma capa descorada, clara como agua e muito pura; só no interior do nucleo se apresentam os systemas de riscas pretas rectangulares, emquanto que estes faltam na capa; mas muitas vezes as hayunes são inteiramente descoradas e de pureza ideal. A titanite apparece como constituinte raro em secções de crystaes em forma de lança e de côr verde pallida; a magnetite e a apatite, em grandes secções, são raras. Verifiquei a presença de base vitrificadora incolor com pequenos grãos e com microlithes d'augite.

Bem differente é uma nephelinite da circumvallação da Somma do Tope da Coroa, rocha escoriacea de côr preta, lembrando o breu, e que contem muitas augites que ao microscopio parecem amarellas, côr de ocre. As pequenas augites da massa fundamental são da mesma côr; encontra-se hauyne de côr castanha pallida em secções redondas maiores. Ha pouca nepheline, mas em geral em crystaes maiores, emquanto que se observa tambem base vitrificadora, descorada, com productos de desvitrificação em forma de rodellas e que não são parte insignificante na composição da rocha.

A augite é facilmente fusivel; as sus relações opticas collocam-na quasi ao lado da pyroxene ordinaria; é bem possivel que haja muita analogia com as augites da leucitite e com a tephrite.

3. Rocha ao sul da Povoação, S.to Antão. — Um typo de rocha, até um certo ponto semelhante á rocha mencionada, apresenta-se na costa oriental da ilha de S.to Antão. Este typo foi apanhado ao sul da Povoação no declive para o mar. E' rocha muito compacta de côr verde escura sem maiores inclusos; n'esta rocha a nepheline forma o mais importante constituinte 60 — 80 %; tambem aqui são regulares as secções de crystaes com inclusos dispostos em zona (augite, apatite) que estão muitissimo juntos, havendo alem d'isso maiores grãos e crystalloides. A augite de côr verde clara apparece em agulhas, em algumas partes, em pedaços, e em microlithes; o seu pleochroismo é muito fraco. Estas augites são facilmente fusiveis, mas por via da pequenez dos individuos, a experiencia não é bem definitiva, porque talvez a pouca nepheline que está junta facilite a fusão. Quanto aos planos de extincção, podia, na verdade, verificar-se que são pequenos, 0-16.°, e de tal maneira que é possivel que haja aqui akmite. Foi impossivel fazer a separação mecanica dos dois constituintes, porque a augite apresenta-se em individuos (crystaes) que são pequenos de mais. Mas o pó da rocha foi sujeito á solução do acido hydrochloritico e na parte insoluvel verificou-se bastante soda, cerca de 4 %. Ha tambem magnesia e já a analyse do tufo faz presumir isto, porque, alem da augite, não ha mineral com magnesia.

Verificou-se tambem a presença da cal, de maneira que, segundo toda a probabilidade, se trata d'um mineral mais pobre em acido silicico que a akmite; mas se, como o pódem fazer suppor as relações opticas, devia realmente apresentar-se a akmite, ha, em todo o caso, uma consideravel mistura do silicato com diopside com o silicato com akmite.

O facto d'esta pyroxene ser muito rica em ferro, vê-se tambem pela alta percentagem em Fe_2O_3 (percentagem verificada pela analyse), a qual só póde attribuir-se á augite, porque é curioso que a magnetite falte inteiramente na rocha. Podia tambem mencionar-se, como principio inteiramente accessorio, a plagioclase em pequenos filetes. A analyse deu:

Si O_2	46,95
$Al_2 O_3$	21,59
$Fe_2 O_3$	8,09
Ca O	7,97
Mg O	2,49
Na_2 O	8,93
K_2 O	2,04
Perde a calcinação	2,09
	100,15

pelo HCl foi verificada que cêrca de 60-70 % da rocha são
a formula seria N_2, Ag_1.
.quanto que as nephelinites consideradas até agora são cara-
pela presença de crystaes nephelinicos maiores regularmente
, outras rochas em diversos pontos apresentam um typo
rente.
va-se por estas augites maiores porphyroidicas de grandeza
vel (1-5 millim.) que ao microscopio apresentam tons ama-
marellos-castanhos, que ellas não são pleochroiticas, que
m muitas rasgaduras atravez da massa fundamental e que
torno em geral está na direcção do comprimento. A massa
tal em que ha d'estas augites que, como mostrou um exame
l, são difficilmente fusiveis e muito ricas em cal e em
apparece ao microscopio bem uniformemente granulosa e
m pequenos filetes de augite muito numerosos de côr ama-
allida e de nepheline em grãos, mais raramente em secções
tangulares ou hexagonaes arredondadas, que frequentemente
s muito juntas n'um ponto.
nephelines, sempre de grandeza insignificante, e em geral
compostas, contéem pouco sinclusos, rodellas e grãos, que
dispostos em zona. A base vitrificadora, transparente como
ontra-se em pequena quantidade, mas a distincção da ne-
difficil.
lo não ha secção de crystaes, a presença da ultima é pro-
a semelhança com a primeira e pelas reacções chimicas. E'
quente a magnetite em pequenos grãos. Como substituinte
observa-se frequentemente biotite em pequenos pedaços de
nha escura. Estas rochas encontram-se na Ribeira João Af-
ilha de S.[to] Antão (rocha compacta acinzentada muito rica em
), no Salto Prieto (rocha preta compacta com muita augite),
d'Agua, Ribeira das Patas (rocha acinzentada compacta com
predominante), e na ilha de S. Vicente sobre a diabase (ro-
ra com muita biotite microscopica, augites muito grandes e
grãos arredondados de nepheline que formam a parte prin-
composição da rocha).
phelinites pobres em nepheline. — N'estas rochas a nepheline
ada é secundaria e este mineral apparece em crystalloides,
frequentemente em grãos. Em todas ellas a augite é o prin-

cipio predominante, ás vezes com hauyne; esta ultima é sempre ac-cessoria.

Ha sempre base vitrificadora em quantidade notavel; é inteira-mente transparente como agua, descorada e apresenta quasi unica-mente productos microlithicos de decomposição.

A magnetite é frequente. Portanto este typo distingue-se do a-terior pelo predominio da pyroxene.

Rocha do Campo Grande (R. Biscouto). — A rocha é exterior-mente muito recente, dura e prefeitamente compacta, e apresenta n-placas micrographices, grandes crystaes amarellados de augite (e-geral grãos) que não são pleodroiticos, com inclusos de magnetite de vidro; além d'isso em grande numero agulhas pequenas e cur-de augite de côr amarella pallida que estão muitas vezes grupad-São como os grandes crystaes inteiramente simples sem pleochrois-com distincta clivagem da augite; ha ainda nepheline, em peque-filetes rectangulares ou em grãos: as nephelines, que são muito -quenas, são transparentes como agua, muito recentes, sem inclus-A nepheline é muito inferior em quantidade á augite. A biotite nã-rara em pequenos pedaços, e a magnetite em grãos é bastante f-quente. Ha muito frequentemente base vitrificadora; é transpare-como agua e tem productos de desvitrificação em fórma de rodella-

Muito analoga á rocha de que acabo de fallar, é uma outra a-escura da Ribeira Fria, da ilha de S.to Antão, que tem numerosas -gites maiores, que ao microscopio se apresentam como consistindo 5-6 lamellas gemeas; os tons de côr são amarellos e acastanhad-havendo apenas pleochroismo; apresenta se base vitrificadora tr-parente como agua e rica em microlithes, e magnetite em maio-grãos que é bastante frequente. Para o resto veja se o que já se di-havendo a accrescentar que esta rocha é ainda mais pobre em -pheline que a do Campo Grande e que 2 ou 3 secções com plag-clase indicam uma transição para a tephrite. Outra rocha da Ach-Mula, da ilha de S. Thiago, não contéem maiores inclusos e aprese-se como uma mistura de muitas e pequenas agulhas de augite e nepheline que é, em geral, granulada e com base vitrificadora tra-parente como agua, que se apresenta em quantidade não peque-Tambem se vêem pequenos pedaços de biotite; ha muita magnet-

Rocha da Bahia de Tarrafal, S.to Antão. Exteriormente compac-de côr azul escura, esta rocha, apresenta ao microscopio inclu-maiores amarellados, secções muito puras de augite; são frequen-simos os filetes pequenos amarellos, de augite, de comprimento m-tissimo variavel, chegando até a ser microscopicos, estes filetes c-téem poucos inclusos de magnetite e de vidro; não são pleochroitic-Alguns maiores que foram isolados, só se derretem difficilmente calor da incandescencia branca; póde ser que seja uma augite or-naria com aluminio. Apresenta se frequentemente base vitrificado-transparente como agua. A nepheline apparece em pequenos grã-transparentes como agua, mais raramente em secções de crystaes q-estão repartidos esporadicamente na rocha. A magnetite é frequen-

Pela diminuição da nepheline e pela predominancia da base vit-

a ha uma transição para a pyroxenite. Vamos contar junta-
com a pyroxenite de diversas rochas que contem nepheline
rincipio accessorio.
nephelinites pobres em nephelines téem muita semelhança com
espondentes basaltos com nepheline, de que aliás só se distin-
pela percentagem em olivine que é em geral muito pequena.

Basaltos nephelinicos

as rochas são muito frequentes nas ilhas do Cabo Verde. Ex-
iente e, em geral, escuras e compactas, téem maiores inclusos
ine e de augite, emquanto que a nepheline só se apresenta
copicamente. Ao contrario de diversas nephelinites, por exem-
stas que foram estudadas ao principio, elles contéem relativa-
pouca nepheline. A olivine é sómente um principio accessorio,
nto que a augite é a parte constituinte principal. Em algumas
nites encontra-se base vitrificadora em maior quantidade. Nas
que tenho visto e estudado, distingo tres typos.
O primeiro typo é representado por rochas semelhantes de di-
lugares; são em geral rochas muito compactas, que sómente
iclusos de diversas olivines maiores, mas que em geral consis-
'uma mistura cryptocrystallina de augite, nepheline e magne-
augite encontra-se em maiores crystaes e fragmentos, que ao
copio apresentam as usuaes secções de côr avermelhada ou
la, que são muitas vezes agrupadas em conchas, pouco pleo-
cas e que téem muitos inclusos de magnetite (opacite), vidro e
thes. Pela fusibilidade da pyroxene, reconhece se a existencia
gnesia n'esta, pois que é sómente fusivel ao calor da incandes-
branca clara; os planos d'extincção são os da augite ordina-
clivagem á facilmente visivel. Apresentam-se gemeos. Junto
ram-se muitos filetes mais pequenos de augite e agulhas de di-
es microscopicas que são em geral bastante eguaes ás maiores
rmam a parte principal da rocha. Encontra-se olivine sómente
ios e crystaes maiores, que ao microscopio parecem descorados,
rla verde e tambem castanho-vermelha e que são muito puros.
como para os basaltos com feldspatho, apparece a olivine como
constituinte primeiramente formada, provavelmente com incluso.
nepheline é mais raramente visivel em secções regulares do
n grãos, e emquanto á quantidade é muito inferior á augite. E'
te recente, transparente como agua e, em geral, sem inclusos,
cção feita de diversos microlithes e inclusos vidrosos; a magnetite
ante frequente [1]. Eu conheço estas rochas da parede craterica
de S. Vicente (com pouca nepheline e com alguma base vitrifica-

[1] Tenho de notar aqui, que as secções opacas de todas as minhas rochas,
que em geral não téem dimensões muito pequenas, podiam provavelmente
agnetite, e é por isso que não empreguei a denominação «Opacite»; em
casos predominam as secções quadraticas; o acido titanico apresenta-se
e em vestigios e a leukoxene falta mesmo nos basaltos plagioclasicos e nas
s.

dora descorada); d'uma corrente dos vulcões secundarios de S. João, Ilha de S. Thiago (com muito olivine de orla vermelha castanha, nepheline frequentemente em secções de crystaes em quantidade mais abundante que nas outras rochas), da R. Patas (rocha compacta, extraordinariamente rica em augite). Pela sua estructura as rochas são de formação porphyroidica, mas comparada com os inclusos a massa fundamental predomina.

2) *Rocha porphyroidica da R. Patas.* — Este basalto que se apresenta em corrente contém, ao contrario das rochas já descritas, muitos inclusos macroscopicos de augite e olivine, e pela sua comparação com a massa fundamental vê-se que esta é secundaria.

A olivine apparece em cristaes de côr amarella acinzentada, que apresentam $\infty P\breve{\infty}$, $\infty P\bar{\infty}$, ∞P, e $0P$ $P\bar{\infty}$, sendo em geral um pouco arredondados. Para as augites póde reconhecer-se a usual fórma crystallina. A augite preta é muito recente, em quanto que as olivines são muito decompostas. Ao microscopio vê-se entre os maiores inclusos uma massa fundamental microcrystallina. As augites não são pleochroiticas e contéem maiores inclusos de magnetite e pouco microlithes; os planos d'extincção são os da augite ordinaria; com isto concorda tambem a fusibilidade, porque estas só se derretem ao calor da incandescencia branca formando um vidro castanho.

As olivines apresentam productos de decomposição, emquanto que a augite é notavelmente recente; só interiormente é brilhante e transparente ao microscopio, em quanto que a crusta é opaca e turva. Esta transformação não formou serpentina, mas principalmente uma mistura de carbonato de magnesia e de ferro que, em diversos logares das secções, são limite oval arredondado, mostrando estructura concentrica em concha. Então a decomposição vae do exterior para o interior, não de modo regular, mas com fendas e cavidades, de tal fórma que ao microscopio vêem-se, na olivine recente, os productos de decomposição irregularmente repartidos. Não foi muito possivel effectuar uma separação mechanica; com a solução de biiodureto de mercurio obtiveram-se duas partes; uma tem os principios da massa fundamental, a outra tem magnetite, olive e augite. Aqui a olivine é excepcionalmente mais rica em ferro do que a augite. Com um eletro-iman e com uma fraca corrente não pôde ser separada a olivine da augite, nem mesmo approximadamente. Tambem as pequenas augites da massa fundamental foram muito difficeis de separar dos principios acima enumerados e de tal modo que os resultados não foram satisfactorios. As quantidades de olivine e da augite estão em relação com a nepheline (com pequenos augites) como 6:4. Pela analyse calculam se 25 % de nepheline, da percentagem em acido carbonico cêrca de 25 % de olivine decomposta, mais 6 % de magnetite (extrahida pela agulha magnetica); ficando portanto 44 % de augite. A formula approximada seria N_4, Ol_4, Ag_7, Mn_1.

A massa fundamental que apresenta tambem, ás vezes, productos de decomposição, consiste em crystaes de nepheline maiores e transparentes como agua, apresentando alguns microlithes, filetes de augite e magnetite.

Portanto a rocha é pobre em nepheline; não póde determinar-se
a certeza se havia base vitrificadora; em todo o caso só se póde
·esentar em pequena quantidade.
Pelo Sr. F. Kertscher foi feita uma analyse d'esta rocha como
ıbem da olivine, emquanto que a analyse de augite é devida a
n.

	Analyse do tufo	Augite	Olivine
O_2...	40,13........	40,81........	29.37
O_3............	16,17........	14,24........	—
O_3............	5,71........	7,89.	—
O..............	8,89........	5,95........	20,79
O..............	10,99........	16,01........	—
O	7,05........	14,35........	26,56
O	1,22........	—	—
O.............	4,10........	0,61........	—
)..............	5,97........	—	20,52
O..............	0,97........	—	2,68
	101,20	99,86	99,92

3. *Rochas compactas em nepheline.* — Uma rocha muito com-
ta de Porto Formoso, na costa oriental de S. Thiago, que é ca-
erisada por bella separação em columnas, consiste d'uma rocha
ıogenea de augite amarella com nepheline, que não é muito trans-
ınte, em secções de crystaes e com base vitrificadora descorada.
Alguns crystaes maiores de olivine parecem inclusos n'esta mis-
; a magnetite é frequente. A estas pertence uma rocha da R.
ıs no declive oeste do valle da Caldeira; é uma rocha muito com-
a, rica em augite; tambem tem de mencionar-se o Pico Losnas,
se apresenta uma rocha compacta escura, em que a olivine é
ante escassa e caracterisada pela presença esporadica de inclusos
osos. Na Achada Lacrim as rochas são caracterisadas por crys-
castanhos maiores de hornblenda e por alguma biotite que sub-
ıe em parte a augite.
O Monte Batalha (Mayo), a bahia de Tarrafal (S.[to] Antão), a R.
'orre (S.[to] Antão) téem rochas muito ricas em olivine e contendo bio-
Estas rochas encontram-se egualmente na R. Fria, na R. Pinta
n muitos outros pontos da ilha de S.[to] Antão; ellas são pobres em
ıeline e contribuiram muito para a estructura do massiço vul-
ico.
Em algumas d'estas rochas a nepheline é em tão pouca quanti-
, que se formam termos intermediarios entre o basalto com ne-
ine e a limburgite, porque em muitas d'ellas a nepheline chega a
principio secundario. Ellas estão muito representadas nas ilhas
Cabo Verde; p. ex. no valle de Tarrafal, S.[to] Antão, ha rochas es-
s com alguns inclusos d'olivine que apresentam ao microscopio
issima augite avermelhada ou amarellada com algumas nepheli-
mais raras, irregularmente limitadas. A magnetite existe em

abundancia. Ha tambem rochas pobres em nepheline e ricas em augite que se encontram na Achada Lagoinha como no Morro Espadana (S.[to] Antão) e que só apresentam poucos grãos d'olivine.

No Rio Prata (S. Thiago) ha tambem uma rocha muito rica em nephelina, que contém porphyroidicamente olivines maiores de orla castanha e augites amarellas entre massa fundamental que apresenta principalmente augite e magnetite e vestigios de base vitrificadora. E' notavel que estas rochas pobres em nepheline distinguem-se dos outros basaltos com nepheline principalmente porque a olivine, ou até mais frequentemente a pyroxene, augmenta á custa da nepheline, emquanto que a base vitrificadora tem menos importancia; em alguns casos esta base é até esporadica. Estas rochas téem mais tendencia para passarem a um composto de augite, olivine, magnetite ; n'este composto a olivine só raramente é principio microscopico.

Comparando a nephelinite com os basaltos com nepheline vê-se uma perfeita concordancia da maior parte dos ultimos com o quarto typo das rochas já descritas, ricas em nepheline, ou das rochas mais pobres em nepheline; os representantes d'estas duas series só se distinguem pela percentagem em olivine. Ao contrario os typos 1,3 das nephelinites faltam aos basaltos nephelinicos.

Limburgites

As limburgites ou basaltos com magma são muito abundantes nas ilhas do Cabo Verde. Mas nem pela apparencia exterior, nem pela estructura microscopica lembram a rocha de Limburg descrita por Rosenbusch, porque antes de tudo falta-lhes a alta percentagem de olivine; é verdade que a olivine nunca falta inteiramente e é ás vezes bastante consideravel, mas tambem se vê em quantidade insignificante; emquanto que a augite fórma o principio essencial, a base vitrificadora é subordinada e até d'ella se apresentam só vestigios em diversas rochas.

Esta base vitrificadora corresponde muitas vezes á nepheline sob o ponto de vista chimico; em muitos casos parece ter os elementos da plagioclase. Portanto estas limburgites approximam-se mais dos basaltos com nepheline, das basanites e dos basaltos com feldspatho.

A olivine é geralmente rica em ferro, e portanto facilmente fusivel; apresenta-se em crystaes e em grãos, que, muitas vezes são muito recentes, mas que frequentemente tem uma orla castanha ou verde-clara, apresentando productos de transformação com oxydo de ferro e com serpentina; muitas vezes apparecem fragmentos de crystaes, como tambem se pódem observar, com muita frequencia, rasgaduras na massa fundamental. A augite apresenta tons vermelhos e castanhos, ás vezes amarellos, tem fraco pleochroismo; os maiores crystaes são em fórma de concha. Frequentemente ha gemeos. Como inclusos ha magnetite, vidro, microlithes e opacite. Junto com os filetes maiores e agulhas de formação porphyroidica ha tambem pequenos filetes, mas que parecem não bem identicos; as augites maio-

difficilmente fusiveis e não contéem quantidade consideravel
ıli.
ıa só raramente se apresenta; a hornblenda falta inteiramente.
ısi todos os casos a base vitrificadora é de côr castanho-clara
ırello-clara; mais raramente é transparente como agua e des-

vezes apresenta productos microlithicos de desvitrificação, es-
ıente quando a base vitrificadora é descorada; outras vezes é
.da em globulos. Em geral é inteiramente ou, pelo menos, em
oluvel em acido chlorhydrico concentrado, e fórma frequente-
com os acidos uma massa de apparencia gelatinosa; ás vezes
nte soluvel com formação d'um deposito d'acido silicico. Pla-
ırographicas, submettidas ao acido chlorhydrico, deixam
.r em muitas rochas a formação de pequenos cubos de Na Cl;
ınte vê-se a magnetite, em grandes secções quadraticas. Tam-
apresenta apatite.
ha do Tarrafal. Entre as correntes de basalto que deri-
de Malagueta para Tarrafal (S. Thiago), encontra-se a
este lugar uma que consiste em limburgite e que apresenta
fundamental preta compacta com poucos crystaes de olivine.
ineral encontra-se nas placas micrographicas em grandes crys-
ıcorados, idealmente puros, com orla amarella. A augite, que
principio essencial, encontra-se em pequenos e simples crys-
.gulhas; contém tambem poucos inclusos, aqui só ha crystaes
. A magnetite em secções quadraticas é em quantidade mo-

ıase vitrificadora de côr castanha encontra-se em quantidade
onsideravel, apresenta uma desvitrificação globulosa e em pe-
E' soluvel em acido chlorhydrico concentrado ou em acido flu-
ıo frio. Placas micrographicas atacadas com acido chlorhy-
ıntêem pouquissimos cubos de chloreto de sodio, mas outros
chloretos. A analyse da parte soluvel (depois da separação
ne da magnetite) deu pouca alumina, algum ferro, muita cal,
co de magnesia, pouca soda e potassa. Estas experiencias
ı que na base se encontram especialmente os elementos d'uma
ase muito rica em cal, emquanto que os elementos da nephe-
ı mais raros. Com isto concordam tambem os resultados da
feita por mim e que são:

$Si\,O_2$	42,69
$Al_2\,O_3$	14,14
$Fe_2\,O_3$	15,86
$Ca\,O$	11,59
$Mg\,O$	9,06
$Na_2\,O$	3,12
$K_2\,O$	1,75
$H_2\,O$	1,71
	101,94

Semelhante a esta rocha é uma da Achada Falcão com base castanha muito predominante que apresenta productos de desvitrificação em fórma de rodella.

A olivine encontra-se esporadicamente e portanto esta rocha está em relação com as pyroxenites. Uma rocha avermelhada da cratera do Facho (S. Thiago) tem pouca olivine e sómente em fragmentos; apresenta pequenas augites de côr castanha e um pouco de base vitrificadora de côr castanha clara. Uma rocha escoriacea, porosa e preta do Monte Silva (S.to Antão) apresenta tambem diversas hauynes azues, macroscopicas.

Rocha da Cova. — Uma rocha da cratera da Cova é muito semelhante á rocha de que se fallou, mas além de numerosos crystaes maiores de olivine contém tambem crystaes maiores de augite em uma massa fundamental compacta de côr azul-escura. Ao microscopio vêem-se as olivines bastante puras, mas frequentemente quebradas pela penetração da massa fundamental, o que produz ás vezes as mais curiosas fórmas.

Encontram se crystaes pequenos e microscopicos de olivine e fragmentos de outros maiores. A augite em secções regulares, em geral não pleochroiticas, contém muito vidro e magnetite.

A massa fundamental que predomina, é uma mistura de pequenos crystaes de augite com base vitrificadora e com bastante magnetite. A base vitrificadora, de côr castanha clara, é aliás mais subordinada, apresenta-se em rodellas muito pequenas, de côr escura, muitas vezes dispostas em estrella; frequentemente em granulos. Não é inteiramente soluvel em HCl; a parte decomposta contém pouca alumina, mas muita cal; portanto aqui tambem são provaveis os elementos d'uma plagioclase.

Rochas porphyroidicas. — Uma rocha d'uma cratera secundaria de S.ta Cruz, da ilha de S. Thiago, mostra duas variedades de augite; uma vermelha que muito vezes tem a estructura em concha, e que, em parte, é muito grande; e outra em pequenos crystaes amarellos. As augites maiores estão como as olivines muitas vezes dilaceradas da massa fundamental; a olivine está representada mais esporadicamente. A base vitrificadora é de côr amarella suja, um pouco decomposta, e apresenta productos globulosos de desvitrificação.

Porphyroidica com maiores augites é uma rocha do declive sul do Tope para Tarrafal com base subordinada; e tambem com pequenas, numerosas augites ha uma rocha do Cailhão (Calhão) de S. Vicente.

Existe tambem aqui uma rocha da R. Prata, que tem maiores olivines e augites; é notavel que só as primeiras tenham rasgaduras pela acção da massa fundamental. A massa fundamental contém muita augite, de base vitrificadora castanha decomposta e de magnetite; a corrosão com acido chlorhydrico deu muitos cubos de chloreto de sodio. E' bem possivel que esta rocha seja semelhante ao basalto nephelinico; uma das provas é a observada separação de acido silicico gelatinoso.

Uma rocha do declive do sul do Pico da Cruz apresenta muitissima olivine em crystaes descorados e em fragmentos e relativamente pouca augite, depois magnetite em secções quadraticas e em quanti-

bastante consideravel uma base de côr castanha-clara com pro-
os de desvitrificação em fórma de rodellas, que ás vezes apresen-
disposição radial. Pela riqueza em olivine e pela grande per-
agem em base esta rocha approxima-se muito da verdadeira lim-
ite.

As rochas até aqui consideradas apresentam base corada. Entre
ochas com base descorada he a mencionar ũma rocha que se apre-
a em veios na Ribeira d'Alta Mira, que contém muita olivine de
castanha, de tal maneira que uma secção apresenta frequente-
te um grande numero de grãos. A augite e a magnetite são bas-
e frequentes. Tambem não é em pequena quantidade que ha a
vitrificadora granulada, apresentando ás vezes microlithes opa-
em fórma de rodella. Esta base toma uma apparencia gelatinosa
s acidos, contém muita alumina e muito ferro, portanto é possi-
que tenha os elementos da nepheline.

A esta pertence uma rocha em veio da cratera do Facho com gran-
crystaes de olivine de orla verde, que contém subordinada e em
uena quantidade base vitrificadora descorada. Outra rocha do
Malagueta contém egualmente grandes crystaes d'olivine e de
ite e pequenas lascas castanhas de mica não esporadicas, mas que
parte estão muitissimo juntas. A base vitrificadora que é bastante
ndante, apresenta microlithes descoradas.

Rocha porphyroidica do valle dos Orgãos. — Este basalto contém
tos crystaes maiores descorados de olivine em fragmentos, crys-
e grãos de augite côr de rosa, não pleochroiticos e fendidos com
ta magnetite, vidro e microlithes, biotite em pedaços maiores ou
conglomerados de pequenas folhas juntas, como tambem crystaes
ores de magnetite. A massa fundamental em que ha estes inclusos,
siste, na sua maior parte, em pequenos filetes vermelhos e grãos
ugite, entre os quaes apparece, em não pequena quantidade, base
ificadora transparente como agua e descorada, contendo muitissi-
agulhas compridas e muito estreitas, apresentando em alguma
e sómente productos de desvifitricação glubulosos.

Não póde provar-se a existencia da nepheline. Tambem aqui a
vitrificadora é soluvel em acido chlorhydrico ; dá muitissima
Cl com outros pequenos crystaes; contém muita cal e soda ; prova-
nente continha os elementos da nepheline junto com os da pla-
lase e é por isso que a rocha é semelhante ás tephrites.

A analyse feita pelo Sr. F. Kertscher deu :

$Si\ O_2$	40,28
$Al_2\ O_3$	18,18
$Fe_2\ O_3$	17,07
$Ca\ O$	13,53
$Mg\ O$	5,32
$K_2\ O$	1,43
$Na_2\ O$	4,38
Perde a calcinação	1,20
	101,39

Limburgite com nepheline accessoria

As duas rochas que seguem, contéem junto da base vitrificadora um pouco de nepheline claramente determinavel, approximam-se dos basaltos pobres em nephelines; uma é tambem do valle dos Orgãos e apresenta ao microscopio crystaes maiores e fragmentos de olivine que contéem inclusos de magnetite e de mica, e augites maiores vermelhas com muita magnetite e biotite em grandes pedaços vermelhos castanhos.

Na massa fundamental a augite é mais frequente; tambem ha, nos limites irregulares dados pela augite, um pouco de nepheline como principio accessorio, magnetite e base vitrificadora.

E' muito pobre uma rocha do Salto Prieto com grandes augites e olivine e com não pouca mica castanha em pedaços; na massa fundamental que consiste em augite, magnetite e um pouco de base vitrificadora, ha tambem, em partes, secções irregularmente limitadas de nepheline.

Um typo especial está representado na rocha da Pedra Molar da ilha de S.[to] Antão. Consiste de olivine, augite, base vitrificadora e alguns crystaes muito secundarios de plagioclase e provavelmente tambem d'alguns grãos de nepheline que não se poderam verificar. Aqui a rocha póde ser mais bem classificada, porque certamente não se podia provar que pertence a basanites.

A estructura é porphyroidica, mas comparada com os inclusos a massa fundamental (augite, olivine) é unicamente subordinada. Os dois principios são muito recentes, a olivine está em geral em grãos, contém só poucos inclusos de magnetite, mas muitos poros vitrosos. A augite é egualmente recente, ao microscopio é amarello-clara, não pleochroitica, os planos d'extincção no plano de symetria são de cêrca de 39°, e a fusibilidade é muito alta. Dos inclusos só ha para mencionar a magnetite. Não podia fazer-se uma completa separação da olivine e da augite por causa do peso especifico e da percentagem em ferro que é quasi egual para ambas.

Estes dois mineraes, a olivine e augite, em inclusos porphyroidicos, crystaes maiores ou grãos (estes ultimos especialmente para a olivine) formam a massa principal da rocha; entre elles vê-se ao microscopio uma massa fundamental subordinada que consiste principalmente em pequenos crystalloides resultados de augite, contendo tambem base vitrificadora descorada e transparente como agua, que apresenta como producto de desvitrificação compridas e estreitas agulhas descoradas.

Notaram-se ainda alguns, poucos, filetes de plagioclase com formação gemea polysynthetica clara; algumas pequenas secções redondas pertencem talvez á nepheline. Não ha frequentemente magnetite; pódem tambem mencionar-se alguns crystaes isolados de apatite.

D'esta rocha foram extrahidos com a lente os crystaes maiores de augite e de olivine, depois separados da magnetite pela agulha magnetica e ainda separados pela solução da massa fundamental que lhe estava adherente. As tres seguintes analyses foram executadas pelo Sr. F. Kertscher:

	Analyse de tufo	Augite	Olivine
$Si O_2$	41,12	46,94	39,33
$Al_2 O_3$	10,17	5,67	1,24
$Fe_2 O_3$	2,60	6,18	—
Fe O	9,82	5,43	15,63
Ca O	14,90	17,83	—
Mg O	13,34	14,18	43,88
K_2 O	2,27	—	—
Na_2 O	6,61	1,83	—
Perde a calcinação	6,67	—	—
	101,50	98,06	100,08

Pyroxenite

unto com os basaltos consistindo em olivine, augite, base vitrifi-
·a e que são designados como basaltos com magma, encontram-se
em nas ilhas do Cabo Verde rochas que pódem ser designadas
basaltos com magma, mas sem olivine. O nome do basalto com
na não me parece muito bem escolhido, tão pouco o nome hya-
lane, que caracterisa em todo o caso outra rocha que consiste
ipalmente em vidro, o que se não dá com a maior parte dos ba-
s com magma. Portanto o nome basalto vitroso, que eu antes
riria para estes basaltos com magma, não é tambem muito con-
ente, porque a massa vitrosa muitas vezes é unicamente secun-
. Por isso só posso concordar com Rosenbusch quando elle es-
o nome da limburgite para as rochas com olivine, de que os
sentantes mais antigos são os porphyros com diorites; mas
do se admitte o nome de limburgite, a divisão que não contém
ie ha de ter um nome especial, porque seria um erro designa-la
limburgite sem olivine.
omo o pyroxene é o principio mais importante e mais frequente,
ne de pyroxenite parece-me muito conveniente para taes rochas[1].
pyroxenite consiste em augite, base vitrificadora, magnetite e
soriamente hauyne, raramente plagioclase, e nepheline que
ittam a transição para outras rochas correspondentes com ba-

m quanto á natureza da base, ella é como para as limburgites
ôr amarella castanha ou descorada; a primeira é muita rica em
, mas na ultima elle não falta inteiramente; confórme a percen-
n em magnesia, que muitas vezes não é inteiramente insignifi-
, os elementos da augite existiriam tambem na base, isto tanto

N'uma communicação provisoria de Jouyovitch este nome foi proposto
uma rocha similar dos Andes que consiste em augite, titanite, base vitrifi-
a e magnetite. Mas confórme Rosenbusch (N. J. F. M, 1881, p. 58) uma
enite apparentemente semelhante das Canarias é sómente tephrite. Aliás
ha escolhido este nome sem conhecer este trabalho e tambem é inteira-
indifferente saber se estas rochas dos Andes pertencem ou não a este

para a base corada como para a base descorada; além d'isso encontram-se elementos de nepheline e provavelmente tambem de plagioclase.

Por isso é provavel que as tephrites ou as nephelinites estejam mais perto das pyroxenites, como se dava para as limburgites. Não é muito facil decidir a questão, porque mesmo submettendo-as ao acido chlorhydrico não se obtem sempre um resultado seguro. Portanto não me parece muito conveniente classificar as limburgites ou as pyroxenites com os diversos grupos basalticos: basalto com plagioclase, basalto com nepheline, etc., e consideral-os como formação vitrosa, o que talvez muitos fizessem. Em quanto aos principios constituintes [1] d'estas rochas, o pyroxene é muito semelhante ao pyroxene dos basaltos nephelinicos e limburgiticos; ás vezes o pyroxene apresenta se porphyroidicamente, mas em geral só em pequenos individuos amarellos ou vermelhos, exactamente como nas limburgites a base vitrificadora. Pódem distinguir-se rochas com base castanha e rochas com base descorada.

Com as pyroxenites com base corada pode muito bem ser classificada uma rocha no sopé do Tope. Esta rocha é exteriormente compacta e dura e só apresenta algumas augites maiores.

Ao microscopio vêem-se, na base vitrificadora, abundante e de côr castanha-clara, muitas secções com augite da forma usual ou em fragmentos, em geral individuos simples, mais raramente gemeos contendo inclusos de magnetite, microlithes e base vitrificadora.

As placas micrographicas são as da augite ordinaria e de côr amarella clara e pleochroiticas. Em diversos pontos a base apresenta muitas vezes differentes côres desde o castanho-escuro até ao amarello-claro; n'ella descobre-se, alem de pequenos microlithes d'augite e de productos de desvitrificação em forma de rodellas, globulites em massa. E' pouco atacada pelos acidos.

Encontram se muito bonitas pyroxenites nos cones da Lagoa Achada; são em geral rochas de côr preta carregada com cavidades que, em alguns casos, apresentam carbonatos como productos de decomposição.

A massa fundamental compacta não contém segregações mineraes; ao microscopio apresenta pequenos filetes amarellados de augite que estão em grande numero confusamente entrelaçados, e magnetite em secções quadraticas que não são muito frequentes e não contéem pouca base vitrificadora de côr castanha-clara até amarello pallida, que

[1] Seria de grande interesse saber se ha rochas mais antigas, preliminares da pyroxenite. Taes rochas só podiam encontrar-se na divisão dos plagioclases, porque rochas com nepheline mais antigas são muito raras.

Perto de Predazzo e no Monzoni encontram-se na verdade rochas, que consistem quasi exclusivamente em pyroxene, biotite, magnetite e em feldspatho accessorio.

Tambem uma das rochas de S. Vicente que consiste principalmente em augite e biotite, podia ser considerada como tal. Entre as massas projectadas de S. to Antão encontram-se muitos conglomerados granulosos que, segundo a composição, pertencem ás pyroxenites.

rece em grandes pedaços e na qual ha descorados microlithes ticos.

Alem d'isso contém extraordinariamente poucos productos de desvi- :ação que são algumas pequenas rodellas de côr castanha-escura. bem se podia mencionar mica ferruginosa que se apresenta em :o pequenas placas transparentes e redondas. Submettido á acção acido chlorhydrico o pó da rocha decompõe-se pouco. A solução effectivamente alumina e soda, portanto contem os elementos da ıeline, mas a quantidade da parte decomposta é muitissimo peque- infelizmente não se pode determinar a composição da parte in- vel.

Outra rocha da pequena cratera Lagoinha é mais porosa, escoria- mas tem a mesma composição e estructura, somente ha aqui um :o de hauyne azul como principio accessorio. No Morro dos Ladrões, leclive sul da planicie do Tope, ha uma rocha exteriormente muito pacta com estructura bem semelhante á da rocha de Lagoa, con- lo porem diversas augites maiores juntas aos pequenos filetes rellos; a base castanha de pequenissima espessura é muitas vezes :orada, e muito pobre em productos de desvitrificação, dos quaes e podem mencionar diversas trichites, com fragmentos em dispo- o radial; placas micrographicas d'esta rocha submettidas a acidos :sentam acido silicico gelatinoso e pequenos cubos de chloreto odio; portanto apresenta-se-nos um composto que corresponde á heline.

Alem d'isso no pó da rocha ha bastante cal e magnesia, em quan- de tal que bem pode suppor-se a existencia dos elementos da pla- lase. No Campo Grande ha uma rocha muito semelhante tambem)ase soluvel em HCl e contendo os elementos da nepheline.

A propagação de pyroxenites semelhantes na planicie do Tope não :quena; em quasi todas a base é soluvel. As rochas até hoje con- radas apresentam base castanha, mas tambem um numero d'ellas ém base vitrificadora descorada e clara como agua.

Rocha em veio do Madeiral, S. Vicente. — E' exteriormente com- a, de côr acinzentada-escura até azul-escura; apresenta ao micros- o muita augite em crystaes amarellos-claros não pleochroiticos de ıenas dimensões, que são em geral individuos simples e estão :usamente entrelaçados. A base descorada, transparente como a, apresenta poucos productos de desvitrificação que se assemelham gumas rochas da rocha castanha que já foram descritas. Appa- :m em algumas partes microlithes descoradas que, ora se accumu- n'um ponto, ora em disposição parallela, e que tambem apresentam nações tortuosas ou dendriticas e até em alguns sitios trichites ag- padas em estrella. Ha muita magnetite, tambem não é rara a yne em pequenas secções hexagonaes ou quadraticas com nucleo ıro, orla descorada, frequentemente com as conhecidas listas es- ıs. Fiz uma analyse do tufo (I) d'esta rocha; tambem a parte vel (II), que se obteve submettendo-a por diversas horas ao acido rhydrico concentrado, foi analysada.

	I	II
SiO_2	40,95	42,91
Al_2O_3	24,19	24,06
Fe_2O_3	9,51	11,26
CaO	10,99	12,10
MgO	5,11	2,01
Na_2O	5,69	4,89
K_2O	1,89	1,92
H_2O	1,62	0,85 (differença)
So_3	vestigios	vestigios
	99,95	100,00

32 é a percentagem da parte insoluvel em acido chlorhydrico concentrado (augite); a alta percentagem em cal da parte soluvel indica a existencia d'um feldspatho basico junto da nepheline.

Rocha do Monte Penoso. — Do Monte Penoso (Mayo) vem outra rocha que exteriormente é inteiramente compacta. Ao microscopio apresentam-se além de maiores augites avermelhadas, filetes de augite em geral muito pequenos e base vitrificadora descorada rica em microlithes e em grãos. Em placas micrographicas mais espessas vê-se muitas vezes á roda d'um nucleo maior reduzido e escuro uma capa descorada, cheia de microlithes cuja disposição é em corôa; por uma apreciação superficial podia pensar-se em leucite, mas investigando mais de perto vê-se especialmente em placas delgadas micrographicas, que não só estas secções redondas, mas tambem ainda outros ellipticas são quasi quadradas, alongadas e muito irregulares e apresentam uma disposição parallela dos microlithes. Em geral encontra se no meio um pequeno amontoamento de pequenos microlithes á roda d'uma augite e magnetite maiores; em nenhum lugar podem ser observados vestigios de côres de interferencia. A base descorada que, nesta rocha forma a massa principal, apresenta se como «substratum» dentro do qual os pequenos microlithes de augite de côr amarella clara, como tambem pequenos grãos, estão dispersos; a magnetite é abundante em maiores secções quadraticas e em pequenos grãos. Accessoriamente encontram-se filetes esporadicos de feldspatho (provavelmente orthoclase ou plagioclase).

Tambem se apresentam diversas biotites de côr amarella acastanhada em pedaços muito pequenos.

Atacadas pelo acido chlorhydrico mostram as placas micrographicas junto com outra formações de crystaes tambem pequenos cubos de chloreto de sodio; submettendo o pó da rocha ao acido chlorhydrico concentrado, este pó é decomposto na sua maior parte com separação de acido silicico gelatinoso; a solução dá muita alumina, soda, cal e tambem magnesia, mas pouca potassa. Na parte soluvel foram determinados os alcalis; por Na_2O eram 4,52 % e por K_2O 0,89 % de massa total. A parte soluvel da rocha contém 84 %; ha

sómente a parte soluvel) 5,29 % de Na_2O e 1,02 % de
alyse do tufo deu

$)_2$	44,49
$()_3$	22,94
O_3	7,90
'	6,14
()	5,75
()	2,96
'	2,10
O	5,36
e a calcinacão	3,03
	100,67

ando a analyse do tufo com as duas determinações na
el, obtem-se approximadamente resultados concordantes;
em da soda é predominante comparada com a da potassa.
percentagem de potassa na rocha é um pouco maior do
e soluvel, é provavel a supposição, que já foi feita, de que
adicamente feldspatho potassico; em caso nenhum podia
eucite.
ha-de tambem haver os elementos da augite, porque toda
em em magnesia não podia vir das augites microlithicas,
crolithes d'augite fossem atacados pelo acido chlorhydrico.
cha egualmente compacta tem alguma semelhança com o
te Grande, não apresentando porem a apparição dos nucleos
aqui ha muito mais frequentemente augite em pequenos
ulhas amarellas do que na rocha que já foi designada;
amente a base é semelhante a esta, mas contem os ele-
nepheline, porque submettida à acção do HCl, dá muito
o gelatinoso e chloreto de sodio.
nte devem ser mencionadas duas rochas que têem muita se-
m aquellas que já foram descritas, mas que contéem peque-
ades de nepheline. Uma vem da Achada Balbo, é muito rica
tem base vitrificadora descorada, é rica em microlithes e
lugares encontra-se um pouco de nepheline em secções
nte limitadas. Ha frequentemente magnetite.
lhante uma rocha rica em augite que é muito frequente na
e de S. Vicente. Contém uma base descorada, muito rica
hes, mas que é frequentemente decomposta e que apre-
gações de zeolithes, radiaes, e de calcite. Não pode ser de-
com certeza a nepheline. Ha alguma magnetite. A apatite
e accessoriamente.
alto de Tarrafal (S.[to] Antão) que tem base vitrificadora e
tém um pouco de nepheline.
do valle superior do Pico. — Como appendice fallaremos
guinte rocha, porque pela predominancia da base vitrifica-
gue-se das tephrites, com que podia ser classificada por
ivos.

Exteriormente é inteiramente compacta, preta, quasi semelh
á pedra de breu; ao microscopio apresenta-se como principio
importante a augite, em secções regulares, não pleochroiticas de
loração amarella que contéem um pouco de magnetite e que não
de grandes dimensões. Juntos apparecem alguns filetes isolado
plagioclase consistindo em 2 a 3 lamelas, e egualmente nepheline
pequenas columnas descoradas ou em secções redondas, apresent
tambem poucos inclusos. Ha muito abundantemente pequenos
drados e grãos de magnetite. A base vitrificadora está muito e
lhada; é descorada, um pouco decomposta em algumas partes e
tém sómente poucos microlithes, ás vezes vêem-se tambem n'ella
quenos grãos, formações dendriticas castanhas, poros tortuosos,
em muitos logares é perfeitamente homogenea. Não é possivel f
uma separação mechanica por causa da grande percentagem da
gnetite que existe em todas as partes; d'esta rocha foi feita pelo
F. Kertscher uma analyse de tufo (I) e uma outra parcial da p
soluvel (II) em acido chlorhydrico.

	I	II	
$Si O_2$	45,04	47,63	
$Al_2 O_3$	16,04	11,62	
$Fe_2 O_3$	7,10	18,85	
Fe O	8,23	—	
Ca O	10,19	11,17	
Mg O	4,46	2,57	
$K_2 O$	2,85	2,17	
$Na_2 O$	6,11	4,21	
Agua	0,33	2,38	(differença).
	100,35	100,00	

A percentagem da parte não decomposta é de 32 %.

(Continúa)

Dr. C. Dœlter

Traduzido do allemão por Eugène Ackermann

MITRAS LUSITANAS NO ORIENTE

(Continuado de pag. 299)

1866 — *P.e José Benedicto Moreira,* sendo parocho collado da fre-
zia de Melides no bispado de Beja, foi ainda frequentar o 4.º
o do curso superior no semin. de Santarem, e preparava se a con-
ıar o 5.º quando acceitou o emprego de missionario no arcebispado
Goa, para que foi nom. por port. r. de 4 nov. 1855. Chegou a
a em 22 jan. 66 e por provis. archiep. de 4 abr. seg. foi nom.
ario geral de Cochim e interino de Cranganor: posse a 22 abr.;
sidiu ao governo da diocese de Cranganor até 24 dez. 66, e ao do
pado de Cochim até 14 dez. 67, em que fez entrega do governo
missionario José Emiliano Corrêa, em virtude da port. archiep.
566 de 12 nov. ant.

A port. r. de 16 jan. 1868 ordenou, que a junta da faz. pub. de
a suspendesse qualquer abono, que em virtude do decr. de 7 jun.
55 ou da port. r. de 4 jul. 66 se fizesse aos padres J. Benedicto
reira e J. Ayres da Silveira Mascarenhas (vig. g. que foi de Cran-
.or), visto estarem sem emprego no serviço da egreja por graves
siderações.

Outra port. r. de 19 março 1869 exigia do arcebp. informação
re a pretenção deste ex-vig. g. Moreira, de ser empregado n'Africa
cargo igual ao que desempenhou em Cochim: não sei qual fosse
esposta do arcebispo.

Da correspondencia official do Moreira com o arcebp. transcrevo
eg.:

1816 Julho 6. «... O que com toda a urgencia me cumpre levar
resença de v. e. — é as tristes circumstancias em que se acham
nissionarios portug. nesta diocese de Cochim, por falta de meios.
uns ecclesiasticos tem daqui saido sem a previa licença de v. e.,
ue teria sido uma grave falta, se a não acompanhasse uma cir-
ıstancia, a que quasi chamaria não attenuante mas extinctiva de
ninalidade! — a carencia absoluta dos meios para satisfazer as
neiras necessidades da vida phisica e social. A continuação deste
ıdo de abatimento, em que acham os missionarios portug. nesta
cese, seria além d'um grave deslustre para o nosso r. padroado
ta diocese, que tanto se empenha pelo florescimento da real causa
tg., uma falta de justiça para com aquelles que sem esperança
lgum prospero futuro temporal..., deixam a familia e a patria,
ra viverem ou antes para se atirarem aos soffrimentos, incommodos
privações, que só o fiel da balança divina pode com exactidão afe-
!... A congrua de 480 pardaos ao anno (eram então 216), será
o demasiada mas actualmente sufficiente para o missionario desta
ocese... Sei que a alimentação nesta diocese tem soffrido consi-
ravel augmento em seus preços: e bem assim que cada missão
ralmente conta algum numero de egrejas a esta annexas e em gran-
s distancias umas das outras. Seria pois ocioso narrar os incom-
dos e despezas que semelhantes distancias occasionam».

1866 Julho 9. «Dizem os... vigarios... das egrejas de Mutupettah, o de Oriur, o d'Aur e o de Malyadipettah que soffrem muito por não ter a faculdade de dispensar nos impedimentos do 2.º gráo mixto, 3.º e 4.º E que levasse eu á... presença de v. e. a necessidade de que v. e. lhes conceda taes poderes, porque achando-se estes a grande distancia desta residencia, e ainda mais porque não havendo por aquellas missões senão o correio de sircar (governo local), e sendo este muito pouco regular, facilmente as cartas se desencaminham. E que os christãos daquellas missões não soffrem demora em seus casamentos; por isso que tem por costume tratal-os e só com antecipação de poucos dias se apresentam ao seu vigario, e quando este não pode consentir na celebração do matrimonio, ou vão viver no concubinato, ou procuram casar segundo o estilo gentilico.»

1866 Setembro 8. Sei quanto v. e. do coração se empenha por melhorar a sorte dos missionarios do r. padroado nesta diocese de Cochim. Negocio importantissimo: que por mais d'uma vez hei merecido a honra de levar á respeitavel presença de v. e. r. E perdoe-me v. e. se me torno já demasiado importuno. Mas a justiça e a dignidade da patria assim o exigem. Ex. sr. As egrejas do r. padroado nesta d. de Cochim são extremamente pobres; a alimentação consideravelmente encarecida; e a congrua do missionario portg. insufficientissima, para suprir as faltas d'uma e os excessos d'outra. Em tão difficeis circumstancias estes padres, que em terra estranha defendem os direitos da patria — respondem d'uma maneira tão implicita como significativa — Peço licença para o meu regresso a Goa!... V. e. muito bem sabe quantos ecclesiasticos tem daqui saido, sem a previa licença de v. e. deixando desprovida a missão. Muitas egrejas dão hoje obediencia aos... vigarios ap., por não terem sido em devido tempo providas de missionarios. D'algumas missões me tem pedido padres, accrescentando que não lh'os mandando com brevidade passariam para a jurisdicção apostolica. E depois o que dirá v. e.? o que dirá s. mag.? Se estes males e outros d'igual importancia são produzidos pela falta de padres: esta é a consequencia necessaria de defficientissimo salario, que os mesmos recebem. Tenho em meu poder dous requerimentos para obter de v. e. licença para o regresso de 2 missionarios a Goa, e sei que mais alguns se preparam para fazer igual pedido a v. e. r. E porque em causa semelhante só v. e. é juiz, eu não ousarei emittir opinião, porém só direi que o mais poderoso motivo ou movel de semelhantes e tão repetidas supplicas, é o que acima fica dito.»

1867 Março 4. «Com respeito a visita (ás egr.as) os motivos que me levaram a annuncial-a foram: o ser esta uma das obrigações que o direito canonico tanto recommenda aos vigarios geraes, e no que v. e. nenhuma restricção me havia feito; e porque apenas entrei em algumas egrejas reconheci logo que n'esta diocese bem como na de Cranganor, havia males extremamente radicados: os quaes só uma rigorosa visita poderia, se não extinguir, ao menos minorar. Ninguem como v. e. tão bem conhece os incommodos e despesas d'uma visita: maxime nesta diocese, em que as egrejas estão a consideravel distan-

s outras, e aonde só necessidades se encontram. Se em
as missões do r. padroado se tocavam, hoje tem entre
s d'alguns dias... Devo observar a v. e. que as egrejas
o e latinas do arcebispado de Cranganor, não podem ser
lo superior, senão em muito pequeno numero; porque a
dellas estão tão distantes e dispersas, que seriam indis-
spezas muito superiores ao salario d'um governador da
ém estas, e sr., são as que mais carecem de visita... Se
do não quer lentamente ir perdendo aquellas christanda-
rdenar ao superior que as visite, estabelecendo-lhe para
zenda pub. algum subsidio. Mas este deve ir munido dos
poderes para administrar o sacramento da confirmação...
lades que (á jurisd. apost.) pertencem, não se esquecem
o seu sentimento por esta falta involuntaria dos nossos
ambem principalmente por esta occasião deve o superior
habito, que não seja preto, porque nas missões do Sul,
s semi-gentias expulsam o padre que lhes apparecer, não
bito preto mas ainda quando use em seu vestuario qual-
a cousa de côr preta... Só por muito amor da patria e
um superior pode desejar visitar tão vastas e dispersas
de não ha nem pão, nem carne e a agua é pessima.»
io 10. «De dezb. (1866) até abr. (1867) tem chegado a
5 missionarios goanos. Se v. e. puder mandar com a
vidade mais 3 ou 4 missionarios, será de grande benefi-
as christandades. Com respeito ao regresso dos missiona-
reio ter observado as... determinações de v. e.... Um
deve regressar á patria depois d'um certo numero d'annos
Esperar que o missionario primeiro se impossibite, não
. E isto é tanto mais para ponderar, quanto é certo que
o regressando á patria, carece de trabalhar para ali po-
seus ultimos dias. Deixal-o pois sair, só quando elle tem
te perdido sua saude, seria reduzil-o ao extremo da mi-
do este regressa a patria ainda com algum vigor, encon-
na parochia, como premio dos seus serviços, mas se ali
mo! o que poderá v. e. dar-lhe? o que lhe offerece a pa-
sta diocese alguns missionarios que tem dez e mais annos
alguns dos quaes, logo que (sejam substituidos) por ou-
d'ahi, devem merecer a v. e. a graça de seu regresso á
ive occasião de saber que a r. junta da fazenda não abona
nario que regresse a Goa, a importancia da sua passagem.
e respeito dever reclamar alguma providencia a v. e.:
mem que com tanto sacrificio serve a patria e a religião,
o tratamento.»
uho 27. «... Ao mesmo tempo que em Coulão (soffria
ia quasi desapparecer-me o ultimo dinheiro com que ape-
eria sustentar por alguns dias: dinheiro que me havia
stado pelo... governador de Cranganor. Dirigi me a
li soube que (o dito governador) soffria atrazos em seus
senão tão consideraveis como os meus, já muito para la-

mentar. E por isso só tinhamos uma de duas a abraçar — ou regressarmos a Goa, mas já na 2.ª classe, ou vivermos por algum tempo reunidos, até a vinda dos ordenados, se estes se não demorassem muito; porque o pouco dinheiro que só restava ao (governador de Cranganor) já não podia dividir-se. Seguir a 1.ª era em extremo vergonhoso para (a minha terra); a necessidade e a vergonha da patria mandava-nos abraçar a 2.ª Depois de 14 mezes nas costas do Malabar e mais de 18 de India, recebi hontem algumas notas, que o meu procurador me enviou por conta de 4 mezes dos meus ordenados vencidos e cobrados: cuja importancia ainda aqui me não pode ser paga, por chegarem só a metade das notas, ficando em Goa as outras metades. Tal é, e. sr. a historia fiel e sem commentos da minha estada em Feira d'Alva, que continuará até á recepção d'algum dinheiro, por que ancioso espero (55). Nunca desejaria fazer semelhante revelação, porque sei que esta importa uma triste infamia a santa terra de meus pais. Tenho-a suffocado 18 mezes, e ainda hoje só a v. e. ouso, por que o dever m'o ordena, fazel a.»

1867 Outubro 5. «Eu continúo, e. sr., a ouvir as sentidas queixas dos r. missionarios desta diocese, não só por verem que as suas diminutas e insufficientes congruas não são augmentadas, mas ainda porque o pagamento destas é em extremo tardio! Tem sido os rev. missionarios goanos o sustentaculo do r. padroado em circumstancias tão adversas: e Deus sabe que sacrificio! não obstante lhes asseverarem os zoilos desta gloria portg. «que a nossa patria nunca satisfaria aos encargos que a concordata prescreve! «Estes r. missionarios, e. sr., vejo-os hoje um pouco desanimados. Em tão serias circumstancias creio ter cumprido um dever de portuguez e catholico, submettendo tão importante negocio á muito sabia apreciação de v. e. e da... junta da faz. por intermedio de v. e.... Continúo unicamente em nome da justiça, a pedir a v. e. a graça de permittir aos r. missionarios, que nesta diocese contam dez ou mais annos de serviço ao r. padroado, o seu regresso a Goa. Porque exigir-lhes mais seria esperar que estes depois de velhos e pobres aqui se impossibilitassem, para em Goa receberem da paternal sollicitude de v. e. o bem merecido premio por seus tão superiores serviços. Dez annos de bons serviços não podem deixar de merecer a muito justa e sabia consideração de v. e. Mas para substituir estes velhos e já cançados missionarios, espero os 6 novos missionarios que por vezes tenho (pedido a v. e.).»

1867 Novembro 9. Transmitte ao arcebp. copia d'uma carta do vigario de Dindigal, «pela qual v. e. conhecerá que este missionario acaba de abandonar a missão: e eu receio que pelo mesmo motivo mais algum missionario seja obrigado a igual procedimento. Isto felizmente dá se só nas missões do Pandy: porque ali... os casamen-

(55) Tinha o *ordenado mensal* de xs. 416. 3 20 o p. Moreira, e outro tanto o governador de Cranganor p. Ayres Mascarenhas: e atraz ficou dito que quasi metade desta quantia (216 xs) era o *ordenado annual* de cada missionario de Cochim.

tos são quasi todos nos gráos prohibidos (e o tal missionario nem o superior da missão tinha faculdade de dispensar n'esse impedimento). O ecclesiastico que assim acaba de proceder, é um missionario habil, zeloso e de optimas qualidades. Não posso pois impor-lhe a menor pena. O relatorio que este acaba de me apresentar, o conhecimento pessoal que d'elle tenho, todas as informações obtidas me certificam, que o seu procedimento não involve culpabilidade. São lamentaveis as consequencias de não ter o superior destas missões, poder para dispensar em todos os gráos prohibidos, e bem assim de os poder delegar, segundo a necessidade o exigir n'um ou n'outro missionario do Pandy. O simples missionario da jurisd. ap. está munido destes poderes.

«... Sente-se mais que as diminutas congruas desta diocese não tenham até agora sido augmentadas. E isto quando se obriga o missionario a fazer á sua custa as despesas da viagem de Dindigal e Madure, a Oriur, etc. Quando o missionario mandado para qualquer destas missões, declarar ao superior que por falta de dinheiro não pode seguir uma viagem tão dispendiosa, como poderá o superior prover as missões? Não affirmarei agora que tenha sido esta uma das razões por que as missões do Pandy, que o sangue de João de Brito e de outros heroes portg. regaram, se acham hoje quasi na infidelidade! Mas é certo que o superior desta diocese desejando muito fazer alguma cousa em beneficio destas missões, que são talvez a maior gloria do padroado portug. nas Indias orientaes, nada pode. E hoje muito menos ao saber que o missionario lhe pode dizer — não tenho, não estou prevenido para uma viagem de tanta despeza, E as despezas para o missionario nas missões do Pandy na entrada são grandes: tem as despezas da viagem que são de 40 a 50 rp. ou mais; tem de comprar cavallo e o uniforme de missionario de Pandy...

«Torno a lembrar a v. e. a necessidade de ser criado o logar de visitador para as missões desta diocese. Só um visitador poderá com menos despeza passear cada uma das missões, tomar contas ás egrejas, fazer entrar nos respectivos cofres os bem moveis do dominio da egreja e os titulos das propriedades etc., o que hoje na maxima parte pára em poder dos confrades, e o que tem dado occasião a que muita cousa de dominio da egreja. pertença hoje a um ou outro com grave damno das missões e do culto.»

P.e Moreira expediu as seguintes:

186) 1866 Maio 18. *Circular*. Annuncia a sua nomeação para o cargo superior ecclesiastico desta diocese, exhorta os missionarios a que cooperem com elle para estender o reino de Jesus Christo; incita a todos a que pratiquem a caridade, evitem escandalisar o proximo e trabalhem por merecer no céo uma corôa incorruptivel; recommenda aos parochos que ensinem a doutrina christã principalmente ás creanças; faz vêr quanto lucram os proprios parochos afastando a mocidade do máo caminho; para exemplar propõe-lhes S. Francisco Xavier, e aconselha que procurem. como este missionario e apostolo das Indias, arrancar das garras da idolatria a tanta gente que não conhece o N. D. Salvador Jesus Christo.

predios das egrejas e das irmandades. Junto com os mappas requisitados pela sua circul. de 13 set. 1866, lhe mandem outro mappa da receita e despeza da fabrica e das irmandades sejam inventariados todos os objectos do culto, bens moveis e immoveis da egreja, titulos de suas fazendas...

192) 1867 Dezembro 14. *Circular*. (expedida depois de cessada a sua administração). Despede-se dos missionarios e christãos, diz que não declina de si a responsabilidade das faltas, que durante a sua administração porventura commettesse, auctorisa a todos a dar-lhes publicidade. A' vista dos mappas recebidos das parochias, diz que conseguiu vêr criadas 40 escolas em Cochim e 190 em Cranganor. Inculca aos missionarios a conveniencia de proseguirem n'esta obra de educação e instrucção da mocidade, expende os beneficios que á sociedade derivam da instrucção publica e religiosa, por cujo incremento n'este bispado elle empregou os maiores desvelos: encommenda a fundação em cada freguezia d'um cemiterio apropriado. Diz que solicitou das auctoridades competentes o augmento de congrua aos missionarios, com esperança de o conseguir brevemente. Ainda uma vez diz que se elle tiver commettido alguma falta, no desempenho de suas funcções publicas, pode quem quizer denuncial-a á auctoridade competente. Pede aos missionarios não se esqueçam delle em suas orações.

1867 — *P.e José Emiliano Corrêa*, novamente nom. vigario geral interino do bispado por port. archiep. de 12 nov.; exerceu este cargo até 13 abr. 69. Recolhendo-se a Goa foi nom. parocho de Nagoá por decr. de 18 jan. 71. Fal. a 26 de maio de 1881.

Por decr. de 19 out. 1868 foi acceita a doação d'um edificio sito em Allappe, feita por alguns ecclesiasticos e seculares do bispado de Cochim, para n'elle se fundar seminario para educação do clero indigena (57).

1869 — *P.e Benedicto do Rosario Gomes*, encarregado provisoriamente da administração do bispado a 13 ab.; presidiu até 16 maio.

1869 — *P.e Antonio Vicente Lisboa*, n. de Assagão, missionario em Mazagão desde 3 jun. 1866 até março de 69. Nom. vigario geral de Cochim por provis. de 10 de março; posse a 16 de maio. Retirou-se por doente para Bombaim em out. 74. Em 1860 intentou reimprimir *A vida do v. p. José Vaz;* não levou a effeito o projecto (58). Escreveu um opusculo intitulado *Roman papacy*, Cochin, 1873 4.º de 117 p. e 5 cap.: trata — da prophecia sobre a queda do papado — das prevenções contra o papa — da supremacia dos papas — do exercicio d'esta supremacia por S. Pedro e seus successores — da residencia de S. Pedro em Roma — e do papado anglicano. Nom. parocho de Siolim por decr. de 15 de dez. 1874. Fal. em 11 nov. de 83.

(57) *Bolet.* 1868 n.os 93 e 94. Esse semiario, cuja construcção custou perto de 18000 rp., foi fundado em 1870 pelos esforços principalmente dos p. Pedro Casimiro da Presentação, n. de Cathur, p. Paulo da Conceição Achilles de Terrath e José Amparo de Freire clerigo n. de Manacheira.

(58) V. *Bolet.* 1860 n.º 92.

iu as circulares seg.:
869 Maio 25. *Circular.* Annuncia a sua nomeação para vi-
il do bispado, exhorta aos missionarios a coadjuval-o com
ões, para bem se desempenhar de suas funcções; propõe-
imitação as virtudes de S. F. Xavier: promette traba-
çadamente pela felicidade eterna dos seus jurisdicciona-

869 Julho 7. *Circular.* Para satisfazer a requisição do go-
al, exige dos missionarios as seg. informações: nome do
o, em que elle como chegou a Travancor, orago da principal
quantas egrejas filiaes tem a seu cargo, numero dos con-
fé no anno findo, numero de escolas parochiaes, que disci-
las se ensinam, quantos alumnos as frequentam. Avisa que
egaram s. oleos.
870 Agosto (30?) *Circular.* Para a inauguração do semi-
lado em Allappé, designa o dia 16 d'outubro, e approva o
a da ceremonia; louva e agradece as generosas contribui-
s pelos christãos para a erecção e dotação d'este instituto;
s christaos a mandar ahi seus filhos para serem educados e
, e a exemplo dos israelitas que concorreram para a cons-
manutenção do templo de Jerusalem, continuem a contri-
o engrandecimento do seminario.
1870... *Circular.* Transmitte aos missionarios copia da
rcul. do arcebispo de 26 ab. 1873, que manda conservar
s o *statu quo*, não admittindo novos subditos a jurisdicção
do; protestar se algum dos da sua jurisdicção fôr recebido
onario da outra jurisdicção, e não edificar egreja nem ca-
licença sua do arcebispo.
1874 Setembro 26. *Circular.* Por doente diz que vai mu-
a Bomfim temporariamente: durante a sua ausencia confere
onarios poderes para terminarem as duvidas que occorre-
speito da gerencia dos cofres das egrejas, e as questões
es dos freguezes, podendo todavia estes recorrer a elle vig.
ndo suas supplicas por intermedio do missionario F....
s missionarios a fazerem a exposição do SS. Sacramento
idades solemnes de sua egreja, se fôr de pratica; se falle-
missionario, o missionario visinho lhe communique tal occor-
nando conta interinamente da missão que vagar. Para direcção
pondencia indica o logar onde vai morar em Bombaim.
a cooperação que lhe deram os missionarios cumprindo fiel-
suas determinações, e recommenda a todos vivam em har-

—*P.e Benedicto do Rosario Gomes*, vigario geral de Cran-
i outra vez incumbido interinamente da administração do
e Cochim, por port. de 23 set. de 1874: cessou em 30

—*P.e João Avelino Marçal Barreto*, vigario geral do Ca-

---

iente Cathol. 1869 n.º 58.

nará, como atraz se disse; sendo-lhe proposto igual cargo em Cochim em officio da junta gov. do arcebisp. de 31 março 1875, recusou acceital-o (60).

1875 — *P.e Casimiro Christovão de Nazareth*, n. de Pangim, nom. vig. ger. de Cochim por provis. de 14 ab.; posse a 30 maio. — Minha correspondencia a respeito da fundação d'egrejas e de um collegio, e sobre outras materias de serviço publico, está inserta no *Bolet.* 1875 n.os 101 e 102; 1876 n.o 100; 1877 n.o 36 e 1878 n.o 16 (61).

Eis o transumpto das ordenanças expedidas: —

198) 1875 Junho 2. *Circular.* I Participei que tinha tomado posse do cargo de vigario geral deste bispado, para o qual fui nom., e requisitei dos missionarios as seg. informações: — 1 numero e nome das egrejas a elles commettidas, estado d'ellas, anno de sua fundação; e se este anno foi caiado o edificio interna e externamente, ou em que tempo se faz essa caiação; se as egrejas estão aceiadas, quando é a festa do orago; além da missa aos domingos, que funcções religiosas e exercicios de piedade se celebram na egreja; 2 quantas capellas ha na parochia, se n'ellas ha missa, e os aprestos necessarios a esse fim; 3 se na egreja ha confraria, nome do titular, data da instituição, se tem compromisso approvado, quaes as fontes de receita, qual a despeza ordinaria, a quanto montam os fundos, em que se empregam as sobras, quaes os creditos e dividas da irmandade; quaes as fontes da receita da fabrica, quaes as despezas ordinarias e os encargos. 4 Qual a população catholica, se todos os adultos se desobrigaram pela quaresma ultima do preceito paschal, ou quantos o não fizeram; se o parocho tem empregado as diligencias que o zelo sacerdotal inspira, para attrahir ao tribunal da confissão os inconfessos; se na freguezia se celebrou alguma vez a 1.a communhão de meninos com solemnidade; 5 quantos infieis pouco mais ou menos haverá domiciliados no territorio da missão; 6 nos ultimos tres annos quantos infieis adultos foram convertidos ao catholicismo; se poderá sem alteração da ordem, tentar se com esperança de bom resultado a conversão de mais alguns; 7 quantos cathequistas ha na missão, se elles cumprem pontualmente a sua obrigação de ensinar a doutrina christã; a cujo cargo está seu pagamento, se são necessarios mais. 8 Quantas escolas publicas ha na missão, quantos alumnos frequentam cada escola, se o missionario as superintende; 9 se ha na missão clerigos d'ordens menores, com as habilitações necessarias para ordenarem-se in sacris, ou individuos com propensão para seguirem a vida clerical &c; 10 se ha na missão algum instituto de caridade, ou se para fundação de instituto que mais adaptado seja ás necessidades do logar, pode contar-se com o auxilio dos parochianos, e ahi mesmo apurar-se os meios para o seu estabelecimento.

II Exigi tambem: 1 o inventario dos vasos sagrados e alfaia de

(60) v. *N Mensag cor J* 1901 abr. p. 246

(61) *O Clero Portg*, Lisb 1890 n.o 154. — *Bolet. Colonial*, Lisb, 1890 n.o 30 1891 n.o 1, — *Ann Miss ultr* III Lisb. 1891 p. 120.

egreja, com declaração do estado em que se acham estas cousas, 1 as forneceu, se a egreja necessita de mais alguns utencilios do ; 2 uma nota dos serviços prestados pelo missionario á religião padroado, neste bispado e fóra delle.

99) 1875 Junho 11. *Portaria.* Restabeleci em Coulão uma escola chial, correndo o pagamento de salario do mestre, parte por dos chefes de familias, parte por minha conta.

00) 1875 Junho 17. *Portaria.* Mandando contribuir com 30 ru- mensaes, em beneficio do seminario d'Allappé (cujas aulas vão ir-se a 1 de jul.), aos afazendados de 5 freguezias visinhas d'Al- , e indicando o modo de se fazer regularmente esse pagamento, elles promettido quando o seminario foi fundado.

01) 1875 Junho 19. *Portaria.* Mandando intimar aos devedores fre da egreja de..., para no praso de... pagarem suas dividas uitos annos; aliás vender-lhes os penhores, e no caso de insuffi- ia obrigal-os a pagar o remanescente.

02) 1875 Junho 19. *Portaria.* Mandando annunciar aos christãos ., por seu parocho que, a 1 jul. se ha de abrir em Tangacheira, escola d'inglez e outra de musica, afim d'os pais mandarem seus a essas escolas fundadas a minha custa, sendo nellas o ensino uito.

03) 1875 Junho 26. *Portaria.* Providenciando a respeito da de- ga de grande numero de christãos inconfessos da missão de..., por devedores aos cofres da egr.ª de sommas avultadas, outros não saberem a doutrina christã.

04) 1875 Junho 27. *Portaria.* Dando providencias para a boa ncia dos cofres e fabrica da egr.ª de Valliatorré, que se acham desfalcados por malversação dos gerentes.

05) 1875 Julho 8. *Circular.* Recommendei aos missionarios: 1 fizessem nos dias de guarda antes da missa, cathecismo e predi- moraes; 2 nomeassem em cada bairro cathequista, para ensinar zes na semana a doutrina christã, podendo arbitrar-se-lhe uma ficação rasoavel á custa da fabrica; 3 não se limitando a ensi- o cathecismo aos domingos, o parocho o fizesse mais vezes na na, quanto suas occupações permittissem; e procurasse que tam- a ensinassem o sacristão e os demais officiaes da egreja, e na a parochial o professor; 4 exhortassem os chefes de familias, cialmente as mãis, a ensinarem os rudimentos da fé a seus filhos mesticos, e a recitarem em familia o terço do rosario, as la- has &c.

06) 1875 Julho 9. *Circular.* Communicando aos missionarios ucções para popularisar-se o ensino da doutrina christã; e man- lo que nas escolas parochiaes os professores ensinem a seus dis- los o cathecismo: fiz sentir a necessidade de haver no fim do lectivo exames publicos, sendo solemnemente condecorados com alhas, dous meninos que mais se distinguissem no estudo do ca- ismo; e inculquei a utilidade de se generalisar a solemnidade da communhão de meninos.

207) 1875 Julho 17 e 19. Dous *Avisos.* Designando dia para na

egr.ª d'Oliveré fazer-se o acto da consagração ao SS. CORAÇÃO DE JESUS, dos christãos de..., e outros dias, para o mesmo nas demais egrejas.

208) 1875 Agosto 9. *Circular.* Participando aos missionarios que o arcebispo D. Ayres tinha tomado por procurador, posse da cadeira archiep. de Goa em 28 jul.; e mandando fazer no canon da missa menção deste prelado.

209) 1875 Agosto 12. *Circular.* Exigindo dos missionarios: 1 a folha da receita e despesa de cada um dos cofres e fabrica das egrejas a seu cargo, correspondente aos 3 ultimos annos; 2 uma nota dos legados pios deixados á fabrica e ás confrarias declarando se elles foram cumpridos; 3 relação nominal dos devedores da fabrica e das confrarias, quantia devida, sua proveniencia, data da acquisição &c.; 4 um relatorio dos estylos, praticas e observancias de sua egreja, relativamente á eleição dos gerentes da fabrica e das irmandades, suas obrigações, prerogativas e attribuições, e ás festividades, funcções ecclesiasticas &c.

210) 1875 Setembro 17; Dezembro 11; e 1876 Junho 8. Tres *Circulares.* Annunciando o meu intento de visitar as egrejas do Malabar e Coromandel; mandando aos missionarios ter promptos os livros do registo parochial, o rol de christãos, o inventario das cousas pertencentes á egreja, as contas da fabrica e irmandades, e o mais que é de pratica; que tomassem apontamento por escripto, das necessidades mais urgentes de cada povoação e egreja a seu cargo, e m'o apresentassem afim de eu providenciar.

211) 1875 Setembro 17. *Circular.* Mandei promulgar nas egrejas, a provis. circular do arcebispo de Goa, relativa ao jubileu do anno s.to

212) 1875 Outubro 19; Dezembro 10; e 1876 Janeiro 28. Tres *Portarias* ampliando as providencias tomadas em port. de 17 jun. ult., relativamente ás contribuições em beneficio do seminario d'Alleppé.

213) 1875 Dezembro 15. *Circular.* Mandando cantar *Te-Deum* nas egrejas, depois de constar da chegada a Goa do arcebispo primaz; lembrando que n'este mez deve fazer-se exame dos meninos de doutrina christã, e depois a sua communhão solemne (circular 9 jul.); novamente exigindo as folhas da receita e despesa das egrejas, com a relação dos devedores (circ. 12 ag.), de certos missionarios que ainda as não remetteram.

214) 1876 Fevereiro 8. *Circular.* Por ordem superior prohibi que os missionarios retivessem subditos alheios; requisitei informações para eu reclamar as egrejas ou familias que tivessem sido usurpadas ao padroado; applaudi o zelo com que n'algumas egrejas se cumpriu o prescrito a respeito da communhão geral dos meninos; aconselhei certas precauções para a maior segurança dos cofres das egrejas.

215) 1876 Março 9. *Circular.* No intuito de aperfeiçoar a instrucção da mocidade no cathecismo e nas lettras, recommendei aos missionarios: 1 que houvesse todos os annos no mez de maio exames nas escolas das materias estudadas, e do cathecismo; 2 se conferisse

ios aos alumnos que se distinguissem; 3 se me remettesse 8 dias
ıs do exame, um mappa declarando o logar onde está a escola,
ː do professor, qual o seu vencimento, numero de meninos de
sexo matriculados, examinados, e nome e filiação dos meninos
ıiados; 4 se reabrisse a escola em jul. seg.; se apontasse faltas
alumnos que não comparecessem; 5 periodicamente o missiona·
.nspeccionasse as escolas de sua parochia, e promovesse o adian-
ento dos alumnos, particularmente no cathecismo; 6 me infor-
se quaes mancebinhos da freguezia tem aptidão para cursarem
eminario os estudos clericaes; 7 nos dias de guarda ajudassem a
ıa, não o sacristão, mas 2 meninos da escola parochial, por turno,
idos de tunicas encarnadas feitas á custa da fabrica; 8 nos do-
gos pelas 4 horas da tarde, houvesse na principal egreja da mis-
rosario ou terço cantado ou resado com ladainha, e onde puder
tambem a benção do Divinissimo; 9 mandei pelos missionarios
ortar aos officiaes das egrejas filiaes, e aos principaes christãos
povoação, a recitarem em commum n'essas egrejas nos domingos
tarde, o rosario, ladainhas, actos de fé, esperança e caridade,
.ver depois lição de cathecismo aos meninos.

216) 1876 Abril 25. *Circular* dirigida aos missionarios das egre-
de... no Malabar. Por ordem superior mandei publicar n'essas
jas duas ou mais vezes que, o bispo intruso João Elias Mellus é
matico, publico e notorio excommungado por auctoridade do papa,
ortanto nenhum fiel pode communicar com elle, sem incorrer na
na excom. reservada a s. sé, e se por desgraça algum fiel o fi-
o parocho me avisasse para o mandar denunciar por excommun-
., na egreja a que pertencer e nas circumvisinhas.

217) 1876 Maio 1. *Circular*. Insinuei: que não se interrompesse
crificio da missa para fazer se a procissão do Divinissimo, e de-
se consumir a hostia exposta á publica adoração: 2 não se ex-
sse a S. Eucharistia, em quanto na egreja não houvesse taber-
lo e ciborio, para nelle se guardar a hostia, afim de ser consu-
ı no dia seg.; 3 nem se fizesse a procissão do Divinissimo, sem
em desobrigados do preceito paschal os parochianos pela mór
ː; 4 não se fizesse a exposição sem causa grave, nem mui fre-
temente, para não succeder o povo desestimar o mysterio tão
avel. 5 Exigi dos missionarios, que ainda não tinham remettido,
ıformações requisitadas na circ. de 12 de ag. ant., attinentes aos
os sobre a eleição de mordomo das festas, &c.

218) 1876 Junho 10. *Circular*. Transmitti aos missionarios a port.
iep. de 24 de maio ant., que eleva n'este bispado á minha requi-
', o estipendio da missa resada a meia rupia. Com auctorisação
rior e com certas condições, dispensei os missionarios das egrejas
es, da obrigação de applicarem nos dias de guarda a missa *pro*
lo. Insinuei aos missionarios o que tem a fazer, para alcançar
lucção dos legados pios caso as fabricas ou confrarias os não pos-
cumprir.

(Continúa) P.^e Casimiro Nazareth.

MOVIMENTO SOCIAL

Nos mezes de Maio a Agosto de 1909

Maio

Dia 3 — **Sessão ordinaria.** — Presidente, o sr. Almeida d'Eça; secretari os srs. cons. Ernesto de Vasconcellos e dr. Silva Telles.

Resumo da sessão. — O sr. dr. Amaro Conde apresenta uma proposta acê da questão do cacau. O sr. presidente diz que terá o devido expediente sr. Petra Vianna pede informações sobre a sua proposta acêrca do conve com Transvaal. O sr. presidente communica que a proposta vae ser envi á Commissão Africana. O sr. dr. Silva Telles faz o resumo d'uma communica em nome do sr. Eugéne Ackermann sobre as riquezas mineraes da ilha da deira, e em seguida realisa a sua communicação sobre os tremores de terra. V dé sentimento pelos socios fallecidos srs. dr. Seabra Couceiro, Domingos S. vares e Alvaro Penalva: o sr. presidente refere-se a estes fallecimentos e especial ao ultimo.

Socios admittidos n'esta sessão. — *Ordinarios:* srs. Alfredo de Bettenc e Mello, Balthazar Pereira Alves, dr. Duarte Gustavo Roboredo Sampa Mello, Gervasio da Silva Lima, Antonio dos Santos Camecelha Pinheiro, berto Ferreira da Silva Pinheiro, Manuel Ignacio Correia. *Correspondes* srs. Edmundo Krug, José Feleciano d'Oliveira, Charles Lemire, Leon Poin

Dia 6 — Reunião da Commissão de Paz e Arbitragem. — Presidente: dr. João de Paiva; secretario, o sr. José de Paiva Soares Diniz. Resolve telegraphar ao *Bureau Permanent de la Paix*, em Berne, communicand a Commissão representado ao governo portuguez sob a constituição d'um selho de Direito Internacional junto do Ministerio dos Negocios Estrange

Dia 8 — Constituição da Commissão Organisadora da Batalha de Flô favor dos povos Ribatejanos.

Dia 9 — Audição na sala *Portugal* d'um piano electrico apresentado casa Neuparth.

Dia 10 — Reunião da Direcção.

Dia 11 — Reunião da Liga de Educação Esthetica.

Dia 15 — Conferencia da Liga da Educação Nacional.

Dia 16 — 2.ª audição do piano electrico.

Dia 16 — Recepção pela academia de Lisboa ao escriptor hespanhol Bl Ibañez.

Dia 20 — Inauguração na sala *Portugal* do Congresso das Uniões Chri da Mocidade.

Dia 22 — Conferencia da Liga de Educação Nacional.

Dia 23 — Encerramento do Congresso das Uniões Christãs da Mocid

Dia 27 — 1.ª Lição sobre pedagogia pelo sr. Faria de Vasconcellos, c organisado pela Liga de Educação Nacional.

Dia 29 — Conferencia da Liga de Educação Nacional.

Junho

ia 3 — Reunião da Commissão Africana. — Presidente: o sr. cons. Ma-Pinto, secretarios os srs. Quirino da Fonseca e Judice Biker. Ordem dos hos: apreciação da proposta sobre o tratado com o Transvaal, apresen-pelo sr. cons. Petra Vianna em Assembleia geral. Pelo sr. cons. Rodrigo to foi proposta a nomeação d'uma sub-commissão composta de cinco mem-encarregada de elaborar o parecer sobre a proposta e bem assim de colli-ɔdos os elementos de apreciação que possam concorrer para o estudo dos ısses economicos e politicos de Moçambique. A sub-commissão ficou com-dos srs. cons. Madeira Pinto, presidente; Cordeiro de Sousa, Francisco iantos, Judice Biker e Quirino da Fonseca. Constituida a sub-commissão, ou os srs. Cordeiro de Sousa e Judice Biker seus relatores.

)ia 3 — 2.ª Lição sobre pedagogia pelo sr. Faria de Vasconcellos.

)ia 5 — Conferencia da Liga de Educação Nacional pelo sr. dr. Tilva Tel-êrca de Darwin.

)ia 7 — **Sessão ordinaria.** — Presidente, o sr. Almeida Eça; secretarios: . cons. Ernesto de Vasconcellos e dr. Silva Telles.

esumo da sessão. — O sr. Leon Poinsard faz uma communicação sobre ıinte thema: «a mulher na sociedade moderna, o seu papel social e a cção». O sr. presidente presta a devida homenagem ao sr. Poinsard. ːguida o sr. presidente communica o pedido de demissão do cargo de pre-ːe do sr. cons. Ferreira do Amaral, que por ter estado mais de tres annos con-vos na presidencia deve ser elevado ao cargo de presidente honorario. O sr. naro Conde julga não poder esta assembleia pronunciar-se n'esse sentido. cons. Rodrigo Pequito responde ao sr. dr. Amaro Conde. O sr. dr. Amaro ː refere-se á sua proposta sobre o cacau apresentada na sessão anterior. presidente informa ter a proposta sido enviada á commissão respectiva. cclamação foi approvada a proposta da Direcção para o cargo de presi-honorario do sr. cons. Ferreira do Amaral. O sr. dr Amaro Conde pergunta ta deliberação é consignada na acta da sessão. O sr. presidente responde ativamente. Voto de sentimento pelo fallecimento dos socios, srs. Elysio es e Visconde do Rio Sado.

ocios admittidos n'esta sessão. — *Ordinarios:* srs. Francisco de Sousa ːiro, José Maria d'Araujo Freire d'Andrade, José Leal, Leopoldino Maria ːo Melino, Manuel Lopes Ferreira, Diogo Peres, Alfredo Kendall, Elias sto Rodrigues Bastos, Anthero de Carvalho Magalhães, Raul Morgado ıeida, Henrique Achaioli de Sá Nogueira, Fernando Astolpho da Costa, Rodrigues Tição, Luiz Pimentel Pinto, José Benedicto d'Almeida Pessa-Candido Augusto Ferreira Lopes, Joaquim Nunes, Fernando Augusto Frei-ulio Ernesto de Moraes Sarmento, Cesar Augusto Perestrello Franco, dr. ıto de Campos Andrade, Edward Joseph Summers, Francisco Perestrello ısconcellos, José Rodrigo Hyndman, Manuel Nunes Corrêa, William John . *Correspondentes:* A. Barincou, A. Desient, Jos. Barincou, dr. J. Woo-an, Julian Maldonado, Manuel Jacintho Ferreira da Cunha, dr. Vicente ːr de Baros Wandesley Araujo, dr. Juan Manuel Hurtado Machado, Victor ıge, Dr. Rafael Ricardo Revenga, José Ramon Sevilla, Roberto Bone, José ı Fernandez, Luiz Cousin.

)ia 8 — Sessão da Academia de Sciencias de Portugal. Palestra sobre as-mia pelo sr. Mello Simas; communicação do sr. P.e Hymalaya sobre terre-ɜ.

)ia 10 — Sessão da Liga de Educação Nacional — Encerramento dos tra-ɪs.

)ia 12 — Reunião extraordinaria da Direcção.

)ia 12 — 3.ª Lição sobre pedagogia pelo sr. Faria de Vasconcellos.

Dia 19 — 4.ª Lição sobre pedagogia pelo sr. Faria de Vasconcellos.

Dia 21 — **Sessão solemne.** Na sala *Portugal* sob a presidencia de Sua Magestade El-Rei D. Manuel II, Presidente de Honra da Sociedade, com assistencia de Sua Alteza Real o Sr. D. Affonso. Inauguração do busto do Marquez de Sá da Bandeira offerecido pela Senhora Duqueza de Palmella, sua auctora. Elogio historico lido pelo sr. Almeida d'Eça. (A noticia d'esta sessão foi já publicada no n.º 6 da presente serie do *Boletim*).

Dia 26 — 5.ª Lição sobre pedagogia pelo sr. Faria de Vasconcellos.

Julho

Dia 3 — 6.ª Lição sobre pedagogia pelo sr. Faria de Vasconcellos.

Dia 9 — 7.ª Lição sobre pedagogia pelo sr. Faria de Vasconcellos.

Dia 14 — **Assemblêa geral administrativa extraordinaria** (1.ª convocação) para a eleição do cargo de presidente vago pela sahida do sr. cons. Francisco do Amaral. Transferida por falta de numero.

Dia 14 — Reunião da Direcção.

Dia 17 — 8.ª Lição sobre pedagogia pelo sr. Faria de Vasconcellos.

Dia 17 — Pela Direcção é entregue ao sr. cons. Ferreira do Amaral, e sua casa, a proclamação de Presidente honorario.

Dia 20 — Reunião extraordinaria da Direcção.

Dia 24 — 9.ª Lição sobre pedagogia pelo sr. Faria de Vasconcellos.

Dia 29 — **Assemblêa geral administrativa extraordinaria** (2.ª convocaçã Eleição do logar vago de presidente. Foi eleito o sr. Zophimo Consiglieri P droso que era um dos vice-presidentes da Sociedade.

Dia 31 — 10.ª Lição sobre pedagogia pelo sr. Faria de Vasconcellos.

Agosto

Dia 2 — Reunião extraordinaria da Direcção. — Posse do novo presider sr. Zophimo Consiglieri Pedroso.

Dia 7 — 11.ª Lição sobre pedagogia pelo sr. Faria de Vasconcellos.

27.ª Série — 1909 N.º 10 — Outubro

BOLETIM

DA

Sociedade de Geographia de Lisboa

FUNDADA EM 1875

SUMMARIO

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
Rua do Diario de Noticias, 110
1909

BOLETIM

DA

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

or, proprietario e editor—*Sociedade de Geographia de Lisboa*—Rua de Santo Antão—Lisboa
Composição e impressão na **Typographia Universal**
rtencente a Coelho da Cunha, Brito & C.ª — rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

L'ILE DE MADÈRE CONSIDÉRÉE AU POINT DE VUE DE SES RICHESSES MINÉRALES

(Continuado da pag. 321)

Quelques-uns des souvenirs des courses autour de l'île

['ai parcouru l'île de Madère dans tous les sens; tout le pour- de l'île aussi bien que les vallées et les sommets de l'intérieur. été amené à reconnaître que ce n'est peut-être pas exactement le pourtour que l'on devra chercher à exploiter, quoique ce se- plus commode au point de vue de l'embarquement des pro- s.

C'est dans le noyau central de l'île et jusqu'à environ 400-500 le hauteur que se trouvent les couches renfermant des calcaires ımorphiques, etc. C'est dans les bas-fonds des vallées de S. Vi- e, de S. Anna, de S. Jorge et peut-être aussi en certains points Curral das Freiras, etc. que l'on a des chances de trouver des ıux utilisables.

C'est probablement à la même hauteur ou en allant en descendant l'on pourrait retrouver le pétrole qui, de façon si capricieuse, manifesté par quelques légers suintements à Calheta. Il est bien ible que ce n'est pas à Calheta qu'il faudra le chercher, mais en points bien différents.

J'ai dit que c'est à-peu-près jusqu'à une hauteur de 500 mètres l'on pourra trouver des zones renfermant des substances utilisa- différentes des basaltes. Pourquoi? Parceque là se trouvent des aires plus ou moins transformés en marbre ou parfois en arrago- qui renferment des fossiles (et parfois de fort beaux) et en par- lier des fossiles du miocène.

Cela nous indique donc qu'il y a là des couches différentes des ıltes, des trachytes et des conglomérats.

On aurait pu croire que le marbre pouvait provenir d'une accu- ation de calcaire amorphe qui aurait été transformé en calcaire tallin sous l'influence de la chaleur des diverses éruptions. Et ce aire amorphe aurait eu pour origine la décomposition des roches

basaltiques qui, comme toutes les roches, renferment un léger pourcentage de chaux. — Mais l'existence incontestée de nombreux fossiles jusqu'à 500 m. d'altitude (ce que j'ai donc constaté expérimentalement) prouve de la façon la plus claire qu'au centre de l'île de Madère il y avait des couches sédimentaires antérieures à l'éruption volcanique et qui ont été surélevées par elle. J'ajoute d'ailleurs que j'ai constaté un phénomène analogue aux Canaries; là aussi on trouve des fossiles à une très grande hauteur.

Chose remarquable! Les mêmes fossiles que l'on voit à S. Vicente (aux fours à chaux à l'endroit nommé Achada do Furtado), se retrouvent à l'Ilha de Baixo, l'un des îlots qui environnent Porto Santo.

Cette formation de S. Vicente est du miocène et est la chose la plus ancienne que l'on connaisse de l'île.

A l'endroit géologiquement intéressant qui se trouve à environ 140 m. de hauteur on trouve de nombreux coquillages fossiles et des débris d'échinodermes. Il n'est donc pas extraordinaire d'admettre que l'île de Madère était immergée autrefois 440 mètres plus bas.

L'épaisseur de la couche à coquillages n'est pas bien aisée à déterminer; par endroits on peut l'évaluer à 10 m., mais en d'autres elle peut bien être 4 fois plus forte.

Les restes de végétation de S. Jorge, la lignite et empreintes de plantes du tertiaire, se trouvent à 360 m. de hauteur environ. Les couches de lignite de S. Jorge sont des couches plus récentes que celles à calcaire de S. Vicente.

La formation de dunes de S. Lourenço avec des coquillages du pliocène supérieur atteint une altitude de 30 à 40 m. environ. — Nous voyons que de tout ce qu'il y a de sédimentaire rien ne dépasse 440 m. (ou approximativement 500). Au contraire plus bas on doit retrouver beaucoup de ces choses sédimentaires, mêlées naturellement aux roches basaltiques.

Les formations de S. Jorge et celles de São Lourenço sont plus récentes que celles de S. Vicente.

Comment arriverons-nous à la zone intéressante de Madère? En profitant des indices des vallées, des gorges, des ravins de la région centrale. Alors, avec peut-être relativement peu de travaux, on arriverait à mettre en évidence quelques richesses naturelles.

Maintenant il est vrai que la nature a rendu les choses un peu plus difficiles pour l'île de Madère, car ou bien il faudrait percer des centaines de mètres de matières éruptives avant d'arriver aux substances utiles, ou bien il faudra s'ingénier à trouver les points spéciaux des gorges où, en attaquant par de petites galeries latérales, on arriverait aux gisements utiles.

En tout cas et de façon générale cela ne vaut guère la peine d'exploiter les couches au bord de la mer. D'abord elles seraient d'exploitation fort difficile par suite de la presque perpendicularité des roches; ensuite, sauf de petits indices de calcaire ordinaire, d'arragonite, de silex, de kaolin, etc., elles sont en somme éruptives et ne peuvent pas, en principe, renfermer beaucoup de minéraux utiles.

Il peut arriver que l'on croira voir quelque chose dans ces roches avoisinant la mer, mais ce ne seront toujours que de petites choses d'importance forcément restreinte.

Suivant les conditions, le basalte donnera des produits de décomposition variés qui seront de l'oxyde de fer, du kaolin, des argiles variées, de la silice, des mélanges divers de kaolin, de silice et de calcaire. Sauf le kaolin que l'on rencontre à un certain état de pureté, ces produits seront en général à teneur faible. C'est en particulier le cas de l'oxyde de fer que l'on trouve avec un faible pourcentage mais trés répandu et de tous les côtés et formant souvent un enduit des roches basaltiques.

Je suis allé plusieurs fois à S. Vicente pour examiner l'emplacement du gisement de calcaire métamorphique et j'ai pu constater (en tant que l'on peut se baser sur les parties visibles) qu'il occupe un espace d'au moins 10 mètres de hauteur. Il y a là des carrières ainsi que des fours à chaux; fours et carrières sont exploités de façon intermittente.

En tout cas ces excavations sont fort utiles, car elles vous donnent des renseignements de plus en plus nombreux sur la nature de ces terrains.

J'ai aussi parcouru une région des plus pittoresques depuis le haut de S. Vicente jusqu'à l'Encumiada. Dans la Cova do Lenço do Cabo da Varja (à 1/2 h. de marche de la fabrique de beurre de l'Estreito da Varja) il y a bien des pierres blanches, mais ce sont des mélanges impurs d'argiles blanchâtres, de calcaire, de silicates variés.

Cette pierre blanche est analogue à celle que l'on trouve en certains points de la Rocha Branca du Caramujo, à quelques minutes au-dessous et du côté de la levada.

A la Cabeça do Lombo do Mouro il y a des pierres ferrugineuses qui n'ont qu'un intérêt restreint, car on les retrouve en quantité d'autres endroits et elles ne sont pas particuliérement riches, du moins les indices extérieurs ne l'indiquent pas.

Je suis allé également de l'Encumiada au Curral das Freiras en passant par la Tenda dos Ferreiros et par le Sitio dénominé «primeira vista do Curral».

Ce sont des régions qui, en beauté naturelle, peuvent rivaliser avec la Suisse. Mais depuis l'Encumiada jusque de l'autre côté du Curral tout est purement volcanique, des laves, des trachytes, des produits de décomposition, mais peu de choses pouvant permettre d'espérer de véritables mines métalliques. Dans les bas-fonds on trouve par-ci, par là des veines ferrugineuses (mais pas très riches et là où elles le sont, ce n'est que sur une faible épaisseur) ainsi que des veines blanchâtres de mélanges de kaolin, de feldspath, etc.

En venant de l'Encumiada et 20 à 25 minutes avant d'arriver au petit pont sur la rivière du Curral, on remarque à droite du chemin des basaltes imprégnés de cristaux, de silicates blancs du groupe des amphigènes et des zéolithes. En somme dans toute la région les masses purement volcaniques ont un tel développement qu'elles gênent la mise à découvert des couches utilisables. Il était utile néanmoins de

voir cette région pour savoir que ce n'est pas là qu'il faudra chercher. A la fois pour les métaux et pour le pétrole, il faudra plutôt concentrer les recherches dans les zones sédimentaires ou dans celles de métamorphisme et c'est dans ces zones qu'il faudra s'efforcer de faire des excavations sérieuses.

Il est possible qu'à l'occasion de nouveaux travaux, de route, ou de levadas par ex., on découvre de nouvelles couches de sédimentaires dans l'île et alors là aussi on pourra rechercher les métaux et le pétrole. Mais pour l'instant il faudra nous en tenir aux indices recueillis à S. Vicente, à S. Jorge et à ceux à recueillir dans les régions voisines de Santa Anna, Santa Cruz et Porto da Cruz.

Lorsque j'ai vu à Calheta les indices de pétrole (faibles, il est vrai, mais n'en existant pas moins), cela m'a moi-même un peu surpris, parcequ'en somme on y est dans les terrains basaltiques. Or toute grande C[ie] étrangère qui voudrait faire sur une grande échelle des sondages pour pétrole, ne va pas commencer par faire un sondage en pays purement basaltiques. Elle dira : Il y a des indices de pétrole, c'est bien, mais où sont les terrains susceptibles de renfermer le pétrole ? Et quand elle saura qu'il y a ici des terrains où le pétrole peut se rencontrer (quand il y en a), c'est dans les terrains tertiaires ou dans ceux de métamorphisme de l'île qu'elle ferait les recherches.

Si l'on n'avait vu que les terrains sans avoir vu les indices de pétrole, cela n'aurait pas de valeur certes. Mais on a à la fois vu les indices de pétrole de Calheta et l'on peut présumer les terrains pouvant renfermer du pétrole.

En allant de Funchal vers le nord pour gagner la base du Pico Ruivo, on rencontre d'abord le Mont de l'Eglise (a Igreja do Monte) et plus loin trois chaînes parallèles de plus de 1:0C0 m. de hauteur et ayant derrière elles une large vallée, le Curral das Freiras, abîme immense que domine d'un côté le Pico Ruivo.

Il est presque impossible de rendre l'impression que produit sur le voyageur l'aspect de cette vallée, lorsque, arrivé au sommet de la route, il voit tout-à-coup la vallée se dérouler sous lui comme un tableau fantastique ; ses pieds s'arrêtent avec un frisson involontaire ; il tremble de surprise, de terreur et d'admiration sur les bords d'un effroyable précipice d'une profondeur de 500 mètres.

Les roches basaltiques semblant avoir été rompues, fracassées, dans la grande convulsion qui, déchirant les couches fondamentables, enfanta cette étonnante vallée, élargie et creusée par les torrents qui en battent les flancs depuis des siècles.

Les surfaces des roches qui s'élévent et s'élancent comme des tours et des remparts, contrastent avec les teintes du tuf et les différents verts des parties couvertes de végétation ; à droite les Torrinhas, à gauche le pic d'Arrieiro ; au dernier plan le pico Ruivo et dans le bas de la vallée un torrent qui roule au milieu de vignobles et de jardins.

Ceux qui visiteront l'île en vue d'évaluer ses richesses minières, feront bien de se méfier des exagérations de la part des natifs. L'île.

est petite et les richesses minières ne sont forcément pas des plus abondantes ; cependant comme la plupart des natifs n'ont jamais vu des pays avec de grandes mines, le moindre indice de minerai leur semble intéressant. C'est pour cela qu'ils s'en exagérent la valeur, qu'il vous font parfois courir des heures par de mauvais sentiers où même à travers des bois où il n'y a pas de sentier du tout, pour finalement ne rien vous montrer. Cependant il est vrai qu'il n'en est pas toujours ainsi.

C'est surtout dans le massif central que des natifs, soi-disant en connaissance de gisements intéressants, m'ont fait courir après des fantômes. Il est vrai que le même fait se reproduit dans tous les pays où l'on fait des recherches minières ; à côté des quelques bonnes choses, il y a toujours beaucoup de mirage.

Le Curral est une localité située à prés de 600 mètres de hauteur, mais comme elle est elle-même située au fond d'une gorge, il faut pour y venir de Funchal grimper jusqu'à prés de 1:000 m. de haut, à l'endroit nommé le Serrado.

Quoique la distance à vol d'oiseau du Serrado au centre du Curral soit insignifiante, il y a un nombre considérable de tournants de la route et il faut environ une petite heure pour aller à pied d'un point à l'autre. Le Curral n'est d'ailleurs qu'à 17,5 kilom. de Funchal, mais à pied on met près de 3 h. $^1/_2$ à 4 h., car la route ne fait que monter et descendre.

Le Curral est l'une des localités les plus fertiles de l'île, la vigne et les arbres fruitiers y sont richement représentés. D'ailleurs non-seulement tous les environs de Funchal, mais toutes les parties de l'île sont ravissants et forment un contraste avec la laideur de l'intérieur de la ville de Funchal.

Les maisons extérieures de Funchal, disposées parallélement au rivage offrent de loin un aspect des plus agréables, mais lorsqu'on pénètre dans la ville on ne trouve presque plus que des rues étroites, tortueuses, sales, pavées de cailloux ou de quartiers de basalte.

Quant aux environs immédiats de Funchal, ils sont d'un charme extrême ; ce n'est qu'une succession de maisons de campagne et de jardins presque toujours en fleurs.

Au fond du paysage et le dominant tout entirer est l'église de Nossa Senhora do Monte, d'où l'on jouit d'une vue réellement exceptionnelle.

Camacha, à un peu moins de 2 h. de distance de Funchal, est la résidence d'été de bien des étrangers qui habitent Funchal en hiver. Camacha est encore plus haut que l'église dite do Monte, aussi est-ce également un bien d'excursion favori pour les gens de Fnnchal.

Le torrent qui passe au fond du val du Curral s'appelle Ribeira dos Soccorridos.

Du fond de la Ribeira dos Soccorridos on a creusé une tranchée-puits a fin de dessécher le bas de la rivière et d'amener toute l'eau qui se trouverait là dans une «levada» allant vers Funchal. Cela a été pour moi une trés bonne fortune de pouvoir observer les roches d'une tranchée-puits de 13 m. de profondeur et surtout au fond de la

vallée, ceci au Logar do Poio, de la Ribeira dos Soccorridos. Mais j'ai vu et bien nettement que les roches de 13 m. de profondeur sont égales à celles de la surface et c'est là un fait intéressant qui nous dispense de faire de plus amples fouilles dans le fond du val du Curral. Chose curieuse, déjà avant d'avoir vu cette tranchée de 13 m. de profondeur, je me disais que le val du Curral etait «relativement» moins profond que ceux de S. Vicente et de S. Jorge, qu'en conséquence c'est dans les vallées de S. Vicente et de S. Iorge qu'il fallait songer à creuser d'abord. Les résultats de l observation de la tranchée du Logar do Poio de la Ribeira dos Soccorridos m'ont montré qu'il en est bien ainsi.

Sur la route de Funchal à Santa Anna il y a 2 points particulièrement curieux, le Poizo et le Ribeiro Frio.

Au premier, à une dizaine de kilom. de Funchal et à une altitude considérable, il y a une maison d'abri pour les voyageurs surpris par le mauvais temps, en particulier pendant la saison d'hiver. Il ne faut pas oublier qu'à ces altitudes l'hiver est terrible, il y neige et il y fait très froid ou bien alors il y tombe des torrents d'eau presque glacée.

Si au Poizo il y a relativement peu de végétation, il n'en est plus de même au Ribeiro Frio qui se trouve à une heure de marche de là. Du haut de la montagne d'où descend le torrent, le Ribeiro Frio, la vue est des plus belles sur Fayal et sur la Penha d'Aguia, une montagne détachée qui s'élève presque perpendiculairement au bord de la mer et qui est comprise entre le Fayal et Porto da Cruz. A Porto da Cruz même il y a des choses particulièrement curieuses. D'abord un dôme de trachyte qui couronne les substances argileuses à empreintes végétales de la Furna du Port de Porto da Cruz et qui couronne également divers massifs un peu plus loin Puis il y a une diabase porphyrique de couleur vert-noirâtre avec des inclusions de feldspath et d'une olivine transformée.

Dans la substance argileuse de la Furna de Porto da Cruz il y a des empreintes de plantes et également du bois fossile. Il paraît qu'autrefois on y a aussi trouvé des rognons de pyrite de fer.

L'un des endroits les plus pittoresques de Madère est sans contredit le Rabaçal. Pour y arriver le plus simple est de prendre le bateau côtier jusqu'à Calheta.

Pour celui qui vient par mer le premier aspect de Calheta est décourageant. D'abord l'endroit pour les débarquements est des plus difficiles; il y a là des vagues qui en cas de mauvais temps rendent tout débarquement impossible, ainsi que j'ai eu l'occasion de le constater fin avril et au début de mai. De plus les montagnes qui viennent presque perpendiculairement jusqu'au bord de la mer sont pratiquement dénudées. Enfin la plage même comprend d'énormes cailloux sur lesquels il est très difficile de marcher. Heureusement que tout récemment on vient de construire une vraie route allant de l'agence de bateaux jusqu'à Calheta.

De Calheta il y a une fort bonne route d'environ 15 kilom. qui mène jusqu'au Rabaçal. Un peu avant d'y arriver on traverse le tun-

ael das Levadinhas qui a environ 1 kilom. de long et qui se trouve à une altitude de près d'un milier de mètres. La température y est presque toujours des plus fraîches. Ce tunnel donne passage à une canalisation d'eau et ces canalisations sont certainement l'une des choses les plus curieuses de l'île. La végétation environnante est des plus riches; avec les vallées de S. Jorge, de Boa Ventura et de S. Vicente c'est l'un des endroits les plus boisés.

A peu de distance de la sortie du tunnel indiqué se trouve une maison qui, pendant la belle saison, est le rendez-vous de tous les touristes. Et à proximité également il y a les deux belles sources des «25 fontes» et «do Risco» au milieu d'un paysage de fougères les plus gracieux. (D'ailleurs on donne également le nom de Risco à la montagne qui domine les deux sources). Ces deux sources sont le commencement de la Ribeira da Janella qui se jette dans la mer au nord-ouest de l'île, à proximité de Porto-Moniz.

A l'origine d'un ravin profond et étroit qui forme la tête de la Ribeira da Janella, à l'extrémite occidentale de l'île, s'éleve un rocher d'au moins 300 mètres de hauteur. Des eaux abondants s'en échappent, partie en une large cascade qui s'élance du sommet, partie sous la forme de ruisseaux innombrables sortant de toutes les fissures qui découpent sa surface, et que les arbrisseaux qui y croissent divisent de manières diverses. Au lieu de laisser tomber ces eaux à la base du rocher dans un abîme profond, d'où elles coulaient inutiles et abandonnées, à travers le ravin et la vallée da Janella jusqu'à l'Océan, on a réuni ces eaux dans un canal horizontal creusé dans le rocher de manière à ce que les eaux venues d'en haut, arrêtées dans leur course, soient obligées d'y couler. Puis ce canal passe par une galerie voûtée et à la sortie l'eau est dirigée par un aqueduc découvert (ou levada) à bien des kilomètres de distance.

C'est ce canal qui passe par le tunnel dont il a été parlé plus haut.

J'ai aussi effectué des recherches dans la zone du Rabaçal au Fanal.

L'itinéraire suivi a été le suivant: Rabaçal, Tilcalhau, Le Risco, puis retour au Tilcalhau, Escuvidos, 25 fontes, Lombada de Baixo, Fanal.

On m'avait demandé d'attacher une importance spéciale à la recherche de roches pouvant être aurifères. Avant tout je dois dire, qu'il faut bien distinguer entre les roches où l'on voit soi disant l'or à l'œil et entre celles où on ne le voit pas. Dans ces dernières il peut cependant y en avoir et alors ce seront les moyens chimiques perfetionnés qui nous permettront de le reconnaître. Par contre il arrive souvent que des matières qui semblent contenir de l'or n'en renferment pas du tout. En ce qui concerne les matières qui, à la seule inspection, semblent indiquer de l'or, je dirai que, dans beaucoup de conglomérats à consistance variée, j'ai reconnu de petits cristaux de couleur bronzée ou même presque dorée que peut être bien des gens confondent parfois avec de l'or ou avec des substances aurifères. En analysant cette substance j'ai reconnu qu'elle se compose en partie

d'oxyde de fer et d'autres métaux combinés à la silice à l'état de silicates. Ces espéces de conglomérats, produits remaniés provenant de la transformation et de la décomposition des roches éruptives, sont fort abondants de tous les côtés. — Comme preuve des plus simples que ces paillettes bronzées ne sont pas de l'or, je dirai que certains des morceaux qui paraissent avoir été exposés longtemps aux agents atmosphériques montrent nettement et simplement de l'oxyde de fer jaune.

Ce que je viens de dire sur le peu de richesse en or que l'on peut attendre à priori de ces conglomérats se rapporte également aux produits ocreux de coloration brune ou brune-jaunâtre que l'on trouve parfois à l'état pulvérulent ou en masse de résistance extrêmement faible.

Tout ce qui précède se rapporte au Fanal de Cima qui est à environ 2 h. de marche de Rabaçal.

Les environs du Rabaçal sont également intéressants par un gisement de kaolin au fond de la Ribeira da Janella.

Il y a des affleurements de kaolin qui existent en divers points de la Ribeira da Janella, à droite et à gauche de la vallée, mais c'est surtout à l'intersection des vallons venant l'un de la maison du Rabaçal, le deuxième du Risco, le troisième des «25 fontes» que l'on rencontre le véritable kaolin, parfois en fragments assez considérables. C'est en somme entre la rivière qui vient du Risco et entre celle qui vient des «25 fontes» qu'il y a, tout près de l'intersection, un endroit où le kaolin est de bonne qualité. En portugais ou appelle l'endroit intéressant «No pé do lombo de baixo, perto das 25 fontes de Rabaçal». Mais en divers autres points de cette zone on en trouve également.

Par endroits le produit blanc est du kaolin pur, c. a. d. des silicates d'alumine pur. Par contre ailleurs, il renferme un peu de carbonate de chaux ou bien encore des silicates d'alumine complexes. Mais il ne sera pas trop difficile d'isoler le kaolin pur.

Au nord de l'île et proche de S. Vicente se trouve «le Valle do Inferno», l'une des vallées les plus sauvages de toute l'île. C'est surtout sur la côté nord de l'île, où l'action de la mer est plus prononcée et où les pluies sont plus abondantes, que les ravins sont fortement découpés et où les torrents tombent parfois verticalement. Aussi le côté nord est-il en général plus pittoresque et plus sauvage; cependant à la fois au nord et au sud la végétation est partout magnifiquement belle et variée. Il n'y a que l'extrême Est de l'île, près de Caniçal, qui laisse à désirer à ce point de vue là. Les versauts du sud sont plus secs et moins pittoresques que ceux du nord; en général les torrents du côté sud sont à peu-près secs en été, par contre beaucoup de ceux du côté nord ont de l'eau toute l'année. On a soin de capter toute l'eau susceptible d'être utilisée, ceci en construisant des petits canaux dits levadas qui amènent l'eau dans les endroits où l'on peut en avoir besoin pour des moulins, pour des distilleries de canne à sucre, ou pour des besoins quelconques. Et quand sur le versant du nord on ne peut utiliser toute l'eau, on l'expédie parfois par

le petits canaux au côté sud. C'est le cas p. ex. au Rabaçal, où les :anaux traversent un tunnel, ainsi qu'il a déjà été dit ailleurs.

Quoique le calcaire ne soit pas précisèment une substance abonlante à l'île, il y en a néanmoins de divers côtés. Déjà j'ai cité celui le S. Vincent. Or il y en a même pour ainsi dire aux portes de Funhal.

Une chose fort remarquable est la présence d'un affleurement de alcaire aux environs immédiats de Funchal, à 10 ou 15 minutes de 'hôtel Reid età une altitude d'environ 50 à 60 mètres, à l'endroit nomné Ajuda et à proximité de la levada dos Piornaes. L'affleurement résente de très gros blocs de calcaire et sur une largeur de plusieurs nètres. Il est facile d'en voir la continuation au-dessous des terres, 2 ou 3 mètres de profondeur. Sur les côtés le calcaire est mélangé e particules de basalte et de laves volcaniques, car c'est le basalte ui a soulevé les anciennes couches sédimentaires de calcaire et leur donné la forme bombée qu'elles ont en suivant à une certaine proondeur la crête du Pico da Cruz. Dans sa partie moyenne le calcaire l'apparence des bons calcaires de S. Vincent et il est assez curieux ue la ligne qui joint ce point aux carrières de S. Vincent est à-peurès dans la direction sud-nord.

Il y a aussi du kaolin à Boa Ventura.

Voici quelques renseignements sur ce qu'il y a de curieux dans ette paroisse :

1) Un peu au-dessus de l'engenho (l'engenho est un établissement ù l'on distille la canne à sucre) et à droite de la «ribeira» il y a de ort jolis échantillons de kaolin d'un beau blanc.

2) Au haut de la Ribeira dos Moinhos il y a des dépôts ferrugiineux variés.

3) Le calcaire de la vallée de S. Vincent pourait peut-être se etrouver de l'autre côté de la montagne du côté de Boa Ventura, nais ce que jusqu'à présent on voit de plus clair dans cet endroit ont des produits trachytiques blanchâtres, absolument impropres à aire de la chaux.

Je suis allé de l'Arc de S. Jorge à S. Jorge. Arrivé là, j'ai pris n sentier qui au bout d'1 h. 1/2 m'a amené dans une profonde gorge ù il y a des indices de mines de lignite avec des empreintes de lantes, en particulieur de feuilles dans les argiles.

Les indices de lignite se trouvent en face d'un élargissement de vallée et commencent à peu de distance au-dessus de la ribeira. Iais la nature plus ou mois argileuse du terrain, qui est à pente ssez forte, fait qu'il y a des éboulements fréquents, ce qui fait qu'à heure actuelle les indices de lignite ne sont plus très apparents. 'our y arriver en descendant du chemin de S. Jorge à Santa Anna faut 1 h. 1/2 et il faut franchir 7 fois la rivière au milieu des ronces pineuses. Le chemin pour y arriver est détestable et là nous rentrons ans l'une des questions les plus vitales pour l'île.

Les moyens de transport à l'intérieur doivent être perfectionnés. 'ans les bas-fonds de la vallée de S. Jorge il y a de la lignite, seument il faut pouvoir y arriver facilement et pour cela il faut des

chemins. Pour toutes les industries futures il conviendra d'améliorer les voies de communicatiou. Il ne faut pas croire la lignite sans valeur. En Italie on s'en sert couramment pour les usines. Ici à l'île de Madère cela doit être une réserve pour l'avenir. Il suffit de construire des fours ou des fourneaux appropriés et l'on pent s'en servir. Cela permettra même de remédier au déboisement qui s'effectue un peu trop vite. L'endroit où se trouvent les indices de lignite se nomme l'Ilha; il est entre S. Jorge et Santa Anna. D'ailleurs je crois qu'il doit y avoir plusieurs endroits de la région avec des indices similaires, p. ex. à Porto da Cruz et à Porto Moniz.

Les eaux ferrugineuses que l'on rencontre à l'île de Madère sont en général faibles, c. à. d. la proportion de fer qu'elles renferment ne peut exister qu'à une température basse et ces eaux se décomposent avec une grande rapidité en donnant un dépôt d'hydroxyde de fer. C'est une telle eau qu'il y a à Santo Antonio près de Santa Anna.

Si les eaux de Madère sont parfois ferrugineuses, elles sont presque toujours douces et presque sans chaux. Ce n'est que dans le voisinage de Caniçal et da Ponta de São Lourenço (tout comme à Porto Santo d'ailleurs) qu'il y a de l'eau saumâtre avec chlorures et sulfaltes de sodium et de magnésie. On m'avait parlé de la «mine de fer et de plomb» de Santa Anna; aussi je n'ai pu faire autrement que d'aller voir ce qui en est.

J'ai eu soin de m'informer convenablement de l'endroit et je suis allé à la source minèrale ferrugineuse do Lombo de Santo Antonio qui se trouve à environ 18 minutes de marche de la Hospedaria Domingos Figueira et à environ 9 minutes de l'eglise de Santa Anna. Mais ce n'est nullement au plomb que l'on a affaire. J'ai fait les essais de l'eau; c'est une eau qui renferme du bicarbonate de fer en solution, mais cette solution ne tarde pas à se décomposer et à donner des dépôts brun jaunes d'hydrate de peroxyde de fer. D'où provient le fer? Il peut provenir de la décomposition des roches basaltiques qui, ainsi qu'on le sait, renferment de l'oxyde de fer, avec de la silice, de l'alumine, de la chaux, de la magnésie et qui suivant les conditions, déposent l'un ou l'autre de ces corps. C'est l'origine la plus probable de ce fer en solution. Maintenant il pourrait également y avoir à proximité de ladite source des veines riches en oxyde de fer. mais ce n'est qu'une probabilité et non pas une certitude. Autour de la source il y a des dépôts ferrugineux à consistence visqueuse et à couleur jaune brune. Au-dessus et au-dessous il doit y en avoir de semblables.

Quant à l'existence du plomb, il se peut bien que des gens aient vaguement confondu la couleur de l'oxyde de plomb jaune avec celle de l'hydrate de peroxyde de fer, mais le raisonnement suivant montre bien que cela ne peut pas réellement être du plomb. Si en effet c'était du plomb, il y a longtemps que les gens qui en boivent auraient été empoisonnés, ne serait-ce que partiellement:

L'examen attentif de toute la côte entre Porto Moniz et Santa Anna m'a obligé d'admettre que, sauf de petites indications d'arragonite, de kaoline t parfois de mélanges de kaolin et de calcédoine, il

i'y a dans cette zone de l'île que des matières basaltiques, des conglonérats et leurs produits de décomposition. — En allant à marée basse ;ur le bord de la mer, de Porto Moniz à Seixal, je n'ai pas vu le noindre indice de quoique ce soit de différent des basaltes et des ›roduits de décomposition.

J'ai vérifié la nature du «manifesto» pris par Mr. Anthero Lyra. l s'agit ici d'une zone comprise entra la mer et petite ville de l orto Moniz et qui ne s'étend ni à droite, ni à gauche, attendu qu'imméiatement après la montagne s'élève presque perpendiculairement.

Quant au soi-disant minéral, c'est plutôt un conglomérat de roches n'un vrai minéral. J'y ai reconnu du fer, du manganése, de la chaux, e l'alumine, de la magnésie, de silice, etc., mais jusqu'à présent je 'ai raison sérieuse pour y admettre la possibilité de l'existence de l'or u de l'argent.

(Continúa)

EUG. ACKERMANN

OS VULCÕES DAS ILHAS DE CABO VERDE E OS SEUS PRODUCTOS

(Continuado da pag. 358)

Formação de tufo e massas projectadas

Estas são especialmente representadas na ilha de S.to Antão ; nas utras ilhas são mais raras. Distinguem-se verdadeiros tufos, lailli, areias ; os primeiros não são muito frequentes na ilha de S.to Anão ; n'esta ilha predominam as camadas de fragmentos soltos de pera pomes e de lapilli que se estendem em grandes superficies e inda as breccias e as massas do tufo arenosas que já foram mencioadas e que consistem em augite, crystaes d'olivine e lapilli, reunidos ·ouxamente por um agluttinante de côr vermelho castanha e que em articular são numerosas entre Aguas Caldeiras e a Achada Lagoiha ; estas massas são frageis, desfazendo-se facilmente e não é posvel apanhar mesmo pedaços. Vamos fallar em resumo d'estas forıações de tufo.

Tufo phonolitico. — Na ilha do Mayo apresentam-se rochas parcularmente escuras e acamadas, que pódem ser designadas como ıfos secundarios da phonolithe.

E de facto ellas contéem como a phonolithe agulhas de hornblenda de augite, fragmentos de orthoclase e de nepheline, e muitos proıctos de transformação, entre outros calcite e mica; esta mica dá mbem a impressão de formação secundaria. Pódem ser observadas ansições da phonolithe decomposta em massas acamadas semelhan- ; a grés.

Lapilli de pedra pomes. Na ilha de S.to Antão as pedras pomes

pertencem pela sua composição ás phonolithes. São muito frequentemente fibrosas, ás vezes em grãos e n'este caso desfazendo-se facilmente em pó. Estas pedras pomes apresentam-se ao microscopio como vidros perfeitamemte homogeneos sem qualquer separação de crystal; até não se vêem nem microlithes, nem belonites; sómente ha uma abundante presença de poros e grãos em disposição parallela, em fórma de saco ou tortuosas, que percorrem em cordões a placa micrographica. A analyse chimica d'este fragmento de pedra pomes do Campo Grande indica que a rocha pertence ás phonolithes.

$Si\,O_2$	51,61
$Al_2\,O_3$	24,72
$Fe_2\,O_3$	1,10
$Ca\,O$	0,49
$Mg\,O$	vestigios
$K_2\,O$	7,89
$Na_2\,O$	8,35
$S\,O_3$	vestigios
Perde a calcinação	5,62
	99,78

Um tufo interessante é o da cratera do Covão. Contém grandes crystaes de hauyne, augite, olivine e nepheline. Microscopicamente descobrem-se ali fragmentos de diversas rochas, especialmente nephelinite, basalto nephelinico microcristallino, pyroxenite, tudo cimentado por um vidro descorado que contém grãos escuros.

Uma areia frouxamente conglomerada da cratera da Cova, que se apresenta em forma de bancos, mostra-se ao microscopio como uma mistura de augites, olivines, basalto nephelinico e basalto vitroso semelhante ao vidro de plagonite com grãos de augite e de olivine. E' notavel a semelhança que ha entre o ultimo e uma plagonite de Köhlerberg, perto de Auel, que me foi apresentada pelo Dr. Hussak, e tambem uma outra de Gleichenberg.

Na planicie que se estende junto á extensa e alta crista de S.[to] Antão, ha muito frequentemente pedra pomes e tufos castanhos. Estes ultimos são rochas molles com muitas manchas castanhas, que ao microscopio apresentam muita augite recente, olivine inteiramente transformada em hydroxido de ferro e uma zeolithe radiar que se apresenta em massa em toda a placa; esta zeolithe parece ser o producto da decomposição da antiga materia agglutinante. Os tufos do valle dos Orgãos e da Achada Falcão, S. Thiago, apresentam dentro d'uma massa vermelha acastanhada muitissima augite amarella, mas não foi possivel fazer muitas lamellas delgadas para investigação mais minuciosa.

Areias olivinicas.—Interessantes são as areias vulcanicas grossas e finas que se encontram na crista do Maroços, na Lagoa Achada e perto do Tope em camadas que em parte téem alguns metros de espessura. Consistem em olivine, em crystaes ou em fragmentos, de côr verde-escura ou clara, como tambem, ás vezes, de côr amarellada até

:uro; alem d'isso comprehendem augite, hornblenda, pla-
ualmente em crystaes e em lascas. Ao microscopio estes
specialmente a olivine que é transparente, deixam apparecer
numero de poros e de inclusos vitrosos, que muitas vezes
os em cordão; outros crystaes são percorridos por uma
malha de pequenos inclusos vitrosos claros de forma par-
es inclusos apresentam exactamente os phenomenos des-
presentados por Penk[1]. Nos feldspathos apparecem tambem
lusos de crystaes e agulhas lisas e pequenas; as ultimas
se tambem na olivine. Mas faltam maiores fragmentos de
Notavel é a observação d'um grão de granito vermelho.
ada esta areia com as bombas clivinicas, vê-se immediata-
breza d'estas em inclusos vitrosos e em poros, bem como
crystaes; a olivine e a augite só apparecem em grãos.
ıra as areias não se trata de bombas d'olivine divididas,
? se admittir uma nova formação pela pulverisação, como
vulcanicas. Pelo menos isto prova que a olivine não vem
ivinica preexistente, mas do proprio magma.
ıto á formação da olivine, parece-me preferivel a hypothese
ração anterior á dos outros mineraes, muito preferivel a
ıese de inclusos. Tambem as boas observações de Becher
m como, p. ex. nas ilhas de Cabo Verde, algumas rochas
:sentam muito juntas, como a nephelinite e o basalto ne-
:omo a tephrite e a basanite, contem ás vezes olivine e
s não a contem. Afinal entre os dois, com ou sem olivine,
ıdes differenças nos pontos da fusão.
r a certeza ácerca d'isso eu fiz algumas experiencias de
maiores fragmentos das rochas. Os resultados d'estas ex-
são que diversas rochas, como o basalto olivinico da R.
lerite olivinica de S. Vicente, a nephelinite da Povoação e
e da Lagoa, se derretem quasi no mesmo tempo ao calor
cencia branca. Mesmo a ultima rocha sem olivine se funde
tempo, portanto não se pode dizer que em taes rochas a
undida. Tambem a circumstancia de que rochas sem olivine
›m olivine se encontram juntas, não prova que estas são
amente identicas, porque rochas com composição aliás
rente mineralogicamente encontram-se juntas frequente-

› creio (como já tenho dito para as lavas do Monte Ferro)
eparação [2] de olivine no magma muito antes da sua erupção,
:ação era provavelmente em muitas grandes massas; depois
daços e fragmentos foram levados pelo magma fluido; mas
mas, conforme a composição chimica, podiam fornecer

---

rift der d. geol. Gesellschaft, 1878, Cap. v, f. 20. 26.—Tambem os
entados de crystaes f. 24, 25 se observam para a olivine.
admittem Rosenbasch, Roth e outros. Nas lavas sardicas encontrei
ıdamente egual percentagem em magnesia.

Peridotite.—Centro dos conglomerados são especialmente notaveis pela frequencia as bombas olivinicas; é especialmente o caso para as ilhas de S. Antão e de Fogo.

Em geral são frequentes do tamanho de punho. A olivine tem aqui uma cor amarellada, mais paramente verde-amarella. A estructura é inteiramente granulosa; ao microscopio a olivine caracterisa-se pela sua grande pureza com presença escassa de magnetite e vidro. A pyroxenite que só é muito rara apresenta-se em maiores secções verdes; é uma augite ordinaria com alumina. A olivine está quasi inteiramente intacta e a transformação em serpentina quasi nunca se apresenta. Estas bombas d'olivine de diversos tamanhos encontram-se muito frequentemente em S. Antão, na crista, entre Aguas Caldeiras e o Salto Prieto e tambem no Tope. Crystaes d'olivine de cor amarella escura encontram-se perto do vulcão Penella, S. Antonio; sem em parte bem crystallisados e apresentam as superficies ∞P.∞P∞. P. 2P∞; provavelmente todos estes crystaes são massas projectadas. No Pico da Cruz ha conglomerados em grãos, especialmente de hauyne azul, muitissima augite, alguma olivine e magnetite

Crystaes d'augite.—A presença de crystaes d'augite soltos é enorme; especialmente em S.^to Antão encontram-se milhões d'estes crystaes de augite ou fragmentos de crystaes junto com crystaes de hornblenda e de mica, muitas vezes frouxamente ligados por massa contendo areia no valle da Garça, na parte elevada para a direcção dos Marouços. — E' o caso que se dá na crista das Aguas das Caldeiras para a Achada Lagoinha, onde tambem as areias castanhas contéem um grande numero de augites. Tambem no Tope e no Campo Grande o chão é inteiramente coberto de grandes crystaes de augite. A forma dos crystaes da augite e da hornblenda é a usual; algumas medidas de angulos davam os valores vulgares.

Nas placas micrographicas as augites apresentam uma coloração verde amarella, nenhum ou apenas um fraco pleochroismo, quasi nenhuns inclusos, porque, coisa notavel, os inclusos vitrosos que formam a areia, faltam quasi inteiramente nos crystaes maires e sómente ha poros de gaz que percorrem a placa. A direcção dos planos d'extincção no plano de symetria forma com o eixo vertical um angulo de 37-39°, portanto exactamente o da pyroxene ordinaria.

Dois d'estes crystaes de augite foram analysados; um vinha das Aguas de Caldeiras, o outro do valle de Garça.

	I	II
$S\,O^2$	45,79	44,11
$Al^2\,O^3$	7,89	9,66
$Fe^2\,O^3$	3,51	4,95
Fe O	4,81	5,43
Ca O	21,60	21,92
Mg O	14,81	14,06
Na^2 O	1,55	vestigios
	99,96	100,13

Tambem na ilha do Mayo ha muito frequentemente augite solta en-
o Monte Antonio e o Monte Penoso; as relações crystallographicas
oticas são as mesmas.

Mica de côr castanha escura, apresentando a forma usual, pleo-
oitica, com angulo de eixo de 8-10°, encontra-se solta no Monte
melho, no Monte Charco e no valle da Fazenda em S. Thiago.

Pyroxenite. — Na ilha de S.to Antão encontram se conglomerados
pyroxene predominante, que não é menos abundante que as pe-
tites. No Tope encontram-se muito frequentemente conglomerados
grãos de augite e biotite, com alguma titanite.

No Pico da Cruz ha tambem conglomerados consistindo em au-
, hornblenda castanha, mica escura, magnetite e alguma titanite.
uns d'estes conglomerados são aqui semelhantes aos schistos mi-
eos, na maior parte d'elles descobrem-se vestigios de vidro ama-
o claro com microlithes e poros

De grande interesse é uma rocha que se apresenta em blocos no
mo logar e que consiste principalmente em augite, hauyne, tita-
e magnetite; apresenta coloração castanha com muitas manchas
es e é de grãos grossos. Ao microscopio vê se a augite com cli-
em bem distincta formando a massa principal da rocha. A au-
apresenta-se sómente em crystalloides e grãos maiores, não em
itaes, e nas placas micrographicas tem uma côr verde amarella até
le clara. Como inclusos ha vidro castanho, alguns microlithes e
netite, ás vezes apatite e muitos poros de gaz. A hauyne, em
os maiores ou sem limites regulares, nunca chega a ser de di-
sões microscopicas e em placas è azul-clara, muitas vezes des-
ida; contem diversos microlithes, inclusos de vidro e muito poros;
nuito raramente foram observados systemas de listas rectangula-

A titanite em grandes crystaes de côr verde pallida em forma de
a ou fragmentada apparece como principio accessorio mais fre-
nte e contém muitissimo microlithes compridos, como tambem in-
os vitrosos e poros. A magnetite apresenta-se em grandes placas;
bem se vêem em diversos logares lamellas de *Eisenglanz*. A
ite em crystaes não é demasiado rara. Entre os maiores princi-
encontra-se intercalado em diversos logares vidro castanho claro
microlithes. D'este foram extrahidas, com a lente, augite e hau-
, depois submettidas á solução do biidoreto de mercurio, á agu-
magnetica e afinal analysados. A analyse de tufo foi feita pelo
Kertscher; as analyses mineraes por mim. (Foi por engano que
Miner. Mith. 1882, Heft VI a olivine foi tambem mencionada
e os mineraes acompanhando esta hauyne):

	Analyse do tufo	Augite	Hauyne
$Ti\ O^2$	1,95	vestigios	—
$Si\ O^2$	35,91	36,79	31,99
$Al^2\ O^3$	17,03	16,97	28,93
$Fe^2\ O^3$	14,81	15,37	0,45
$Fe\ O$	—	2,23	—
$Ca\ O$	15,44	18,90	9,88
$Mg\ O$	6,07	8,99	—
$K^2\ O$	0,64	—	—
$Na^2\ O$	4,43	0,60	15,53
SO^3	1,90	—	12,07
$H^2\ O$	1,48	—	1,59
	99,66	99,85	100,41

Cumpre tambem mencionar na rocha vestigios de acido phosphorico, de manganesio e de chloro. Pelas analyses calcula-se uma percentagem de cerca de 15 % de hauyne e de 7 % de titanite, emquanto que pela agulha magnetica foram extrahidos cerca de 7 %.

Portanto a formula seria: Ag_9, Hy_2, Tt_1, Mn_1.

Uma outra massa projectada do declive sul do Pico da Cruz tem, exteriormente, quasi a apparencia d'um schisto micaceo; a amostra que possuo apresenta em um angulo um fragmento de lava adherente, que tambem n'este logar se pode observar em massa projectada em forma de veios.

De diversas partes foram feitas placas micrographicas; a propria lava apresenta ao microscopio uma base mais ou menos predominante de côr amarella-castanha com numerosos microlithes de augite, com raros e estreitos filetes de plagioclase, grandes crystaes verdes de augite, secções castanhas hexagonaes de hornblenda orlada de opacite, alguns grãos azues de hauyne, filetes amarellos de biotite, tendo sido observado um crystal de titanite; na orla ha partes acastanhadas levemente que dão muito menos pro uctos de desvitrificação do que a propria rocha. As placas de contacto da lava com a massa granulosa mostram a ultima impregnada e percorrida por vidro, de tal maneira que ha uma mistura perfeita entre os principios d'este e o vidro da rocha; os primeiros são: augite granulosa verde-clara, com inclusos de vidro amarello (que concorda exactamente com o vidro da rocha), de poros e de pequenos grãos de hauyne; depois muita hornblenda castanha, ás vezes com orla de opacite, e muita biotite em filetes; accessoriamente ha hauyne de côr azul pallida, quasi descorada, em pequenos grãos, egualmente com inclusos vitrosos amarellos, poros e microlithes; os systemas de listas pretas revelam-se como cordões de poros. Além dos fragmentos de basalto vitroso contendo plagioclase, apparece, em pequenos pedaços só microscopicos, um vidro mais claro, muito mais pobre em productos de desvitrificação, que além de microlithes d'augite contém octaedros de spinelle muito pequenos, regulares, de côr verde-escura.

Além d'isso ha frequentemente partes d'um magma que concorda

com as primeiramente nomeadas, mas que contém muito mais secções quadraticas de magnetite; provavelmente n'este caso muitas vezes os oxydos de ferro contidos dentro da base chegaram á crystallisação; não raramente observa-se nos crystaes a apatite. Nas partes do conglomerado granuloso mais distantes do logar de contacto ha as partes constituintes d'esta augite, hornblenda e biotite em disposição granulosa; depois ha inclusos d'aquella rocha fracamente amarellada, quasi descorada, que é rica em magnetite e augite e que é aqui muito mais crystallina que nos logares de contacto e contém alguma plagioclase. Finalmente ha tambem partes tenues de vidro claro que cimenta os diversos constituintes e que contém maiores microlithes d'augite, crystallites [1], formando estrellas e poros. Só raramente ha hauyne e em muitos pequenos grãos. Augite, hornblenda e biotite contéem um pouco menos inclusos que no logar de contacto.

Nos pedaços que estão mais distantes d'este logar de contacto, vê-se que o conglomerado ficou em grãos bastantes grossos; as dimensões das hornblendas e das augites téem pelo menos duas vezes o tamanho dos pedaços já mencionados.

Tambem a hauyne, que só se apresenta em pequenos grãos nas placas em que já temos fallado, é visivel aqui em grandes grãos; viram-se crystaes de hornblenda em conchas, em quanto que este mineral só se apresenta em grãos perto do logar de contacto.

Nota-se ainda a diminuição dos inclusos vitrosos nas partes d'este conglomerado de grão grosso e tambem uma diminuição da augite; esta é em quantidade diminuta, quando se compara á hornblenda e á biotite. Egualmente se verifica a presença de maiores crystaes de magnetite que faltam junto do contacto. Vidro amarello claro e homogeneo é mais raro e d'elle encontram se sómente vestigios, mas os inclusos de magma parecem muito mais crystallinos, contéem plagioclase, augite e alguma nepheline, podendo muito bem observar-se que os dois magmas mencionados nas placas anteriores, dos quaes um só tem plagioclase e augite e o outro especialmente muita magnetite, passam de um ao outro e representam uma rocha que corresponde á tephrite, a base diminuindo com a distancia da zona de contacto.

Como se formou este conglomerado?

Podia julgar-se primeiro que ha aqui um incluso que foi apanhado e penetrado por um magma fluido. Mas quando se considera que os principios de augite, de hornblenda, de biotite, de hauyne são identicos, que os inclusos vitrosos diminuem n'estes principios com a distancia da zona de contacto, que a textura nos lugares mais distantes de zona é em grãos mais grossos, que os magmas, que a principio eram differentes, chegam a ser crystallinos nas placas micrographicas e até a parecer identicos, ver-se-ha que é muito provavel que tenha havido aqui uma separação do magma.

No sopé do Tope encontram-se massas granulosas que consistem n'uma hornblenda de côr castanho-escura, pleochroitica, de augite

[1] Como foram tambem descriptas por Zirkel nas *Pechsteine* de Arran.

monoclinica, de magnetite em grandes folhas, hematite em pequenas placas e bastante apatite em crystaes. E' notavel que na augite como na amphibole ha agulhas, bastante compridas e largas, pretas e opacas, que são dispostas em duas direcções que formam entre si um angulo de cerca de 750. E' possivel que haja aqui inclusos de ferro titanifero.

Conglomerados ricos em feldspatho—Na planicie alta da serra do Tope encontra-se uma serie de conglomerados em grossos grãos que consistem principalmeute em feldspatho, hornblenda, augite e mica.

Um pedaço que vem da Achada Balbo, apresenta muitissima augite de côr verde clara, fracamente pleochroitica, em geral em partes irregularmente limitadas, como as da foyaite, ou em fragmentos; crystaes de hornblenda em secções de côr amarella castanha, claramente hexagonaes, como se pode ver pela clivagem, apresentam tambem grandes filetes de biotite. A orthoclase apresenta-se em grãos irregularmente limitados como tambem em grandes filetes; ha tambem um pouco de plagioclase que se reconhece nas riscas gemeas.

Os dois feldspathos são muito recentes, transparentes como agua, e contéeem um grande numero de poros, tambem inclusos de vidro e de liquido.

Como principio accessorio que se apresenta frequentemente, vê-se titanite crystallisada com muito numerosos microlithes e com alguma apatite e magnetite.

E' semelhante uma massa projectada perto da Lagoinha para a Cratera Renha Perna, mas n'esta massa a hornblenda predomina sobre a augite, emquanto que pela maior parte a plagioclase substitue a orthoclase; tambem apparece secundariamente um pouco de granato em secções castanhas, quasi descoradas e irregulares, titanite e mica ferruginosa em pequenas placas hexagonaes.

Com maior percentagem em granato existe uma rocha do Campo Grande com secções de melanite castanho-amarelladas e irregularmente limitadas.

Tambem aqui o principal constituinte é a orthoclase, junto com a plagioclase; a titanite apresenta-se frequentemente em crystaes, mas os oxydos de ferro faltam inteiramonte. Todos os constituintes contéem poros da gaz e inclusos de vidro e de liquidos. Hornblenda castanha, como augite e biotite, estão representados frequentemente. Ao microscopio vêem-se secções descoradas isotropas, que são soluveis em acidos e que pertencem talvez á sodalithe; são inteiramente cheias de poros.

Tambem contém granato um conglomerado do mesmo lugar que consiste principalmente em orthoclase e plagioclase. O granato, que é aqui um simples granato com alumina, tem simplesmente um papel accessorio; o mesmo acontece com a hornblenda que se apresenta esporadicamente e com augite.

Uma rocha do Mr. Travessado que, conforme a minha opinião, é syenitica, caracterisa-se pela diminuição do feldspatho e pelo predominio da biotite. Esta biotite apresenta-se em filetes muito pleochroiticos ou em algumas partes, em pedaços, contendo sempre inclusos

atite. Hornblenda de côr castanha facilmente conhecida pela
›m encontra-se em grandes crystaes (em parte gemeos). A au-
ıe está mais subordinada, apresenta-se em grãos de côr violeta,
n grande quantidade agulhas pretas que correm nas duas dire-
parallelas acima mencionadas ; a titanite forma maiores crys-
ae são bastante frequentes.
orthoclase é mais rara do que nas rochas já descritas e forma
redondos. Junto ha muitas vezes e, em quantidade superior á
lase, um mineral regular, que se apresenta em grãos, que tem
›m rectangular e muitos cordões de poros, que é soluvel em
chlorhydrico com separação de acido silicico, que contem alu-
e muita soda e que microscopicamente se assemelha muito a
ɜ ou a sodalithe ; como não ha SO^3 na rocha, mas como foi ve-
a uma percentagem de Ce, a supposição que ha sodalithe é
provavel, tanto mais que a pequena percentagem em apatite
ma alguma podia ter produzido maior percentagem em chloro
ue este mineral isotropo, que tambem se apresenta na rocha de
› Grande, não podia pertencer a outro mineral formando ro-

ı todas as massas projectadas examinadas a feição recente e
, dos constituintes, que as caracterisa, quando se compara com
ıas mais antigas, como tambem a presença enorme de poros e
lusos vitrosos, torna-as bastante definidas [1]; portanto mesmo
uns d'estes conglomerados, conforme a composição e a estru-
podem ser classificadas com as syenites, ha outras qualidades
; differençam bastante e que tornam provavel a sua separação
ı do magma em profundidade consideravel, em que podia tomar
structura plenamente crystallina.
Campo Grande encontrei tambem fragmentos de marmore
›rmação [2] podia ser a dos blocos da Somma ; não foi possivel
ıma investigação mais completa, nem como conglomerado con-
o principalmente em augite e hematite, porque os pedaços per-
se pela fractura da placa.

Mineraes de contacto

valle R. da Barca ha um grande terreno que consiste em schisto
areo acinzentado compacto, coberto de lavas de basalto, e que
ontra incluido n'ellas. Pelo contacto o calcareo transformou-se

---

ı' para notar que nas rochas syeniticas de S. Vicente faltam os inclusos
ı, encontrando-se ali sómente inclusos de liquidos.
.liás, mesmo considerando estes pedaços de marmore simplesmente como
ı d'uma massa montanhosa interrompida, não poderia chegar-se á con-
de que as outras massas projectadas, de que fallámos ha pouco, são
ı inclusos, porque como Fritsch e Reiss (*Tenerife*, p. 348) fazem bem
›odem existir junto com os productos da actividade vulcanica pedaços
ıas que existem na profundidade. Na verdade não é sempre facil fazer
stincção entre as duas, como vêmos para as bombas olivinicas. Este
:o podia se objecto de muitissima discussão.

em marmore e calcareo dolomitisado. Além d'isso um exemplar apresenta a serpentinisação, o que faz com que a serpentine se apresente em bandas, como por exemplo no Canzocćoli; um outro exemplar está inteiramente dolomitisado e apresenta nas cavidades pequenos rhomboedros em forma de sella de Brennerite, tendo ainda de mencionar-se uma outra camada que ao microscopio apresenta uma mistura de mica castanha em espessos filetes, secções de augite e de calcite em grãos grossos; lembra muito as massas semelhantes do Monzoni. Infelizmente não podia demorar-me muito tempo n'este sitio, o que me impediu de apanhar mais exemplares.

Mas na ilha de Mayo ha frequentemente em diversos lugares, no contacto dos basaltos e das phonolithes com os calcareos mais antigos, dolomitisação, formação d'ankerite e de carbonato de ferro; mas sómente ali, aonde maiores correntes ou veios téem envolvido pequenas massas de calcareo, aonde tenues correntes de lava ou pequenas veias entraram em contracto com os calcareos, não ha qualquer acção bem visivel. — E' interessante uma massa de calcareo transformada pela phonolithe a léste do Monte Batalha. Ao contacto a phonolithe está muito transformada e tem absorvido carbonatos.

O marmore que é inteiramente granuloso, apresenta no lugar de contacto, n'uma zona de cerca de 2 millim., crystaes verdes de epidote, numerosos crystaes de granato que ao microscopio se apresentam como rhombododecaedros de côr verde pallida. A calcite em rhomboedros (gemeos polysyntheticos) apresenta muitos inclusos de liquido; o granato contém inclusos eguaes. Não pôde verificar-se a existencia de inclusos vitrosos: apresentam-se muitos microlithes. Tambem se encontram pequenos crystaes de magnetite no marmore. Nas partes mais distantes do lugar de contacto faltam os crystaes de granates.

Darwin descreveu uma modificação do calcareo do terciario recente da Praya pela lava que correu sobre elle, mas a acção é limitada a uma zona de poucos centimetros. N'este caso não havia dolomitisação.

No contacto dos schistos e da phonolite no Monte Bàtalha formaram-se massas em breccias com alguns fragmentos de phonolithe, que são completamente cheios de opala; tambem ha aqui crystaes de ferro titanifero que em geral não se vêem nas phonolithes.

E' singular uma concreção de calcareo, cavernoso, exteriormente amarello castanho do Amargoso, S. Vicente; a capa exterior consiste em calcareo compacto, interiormente em marmore azulado e coberta de numerosos crystaes pequenos de calcite ∞ R. O R e de rhomboedros de dolomite em forma de sella (em parte com mais ferro, portanto ankerite). Alem d'isso ha em tenue efflorescencia um mineral verde, e crystaes pequenos de baryta ∞ P. O P. Estas concreções esphericas de calcareo cobrem o chão em toda a parte; proximo ha um banco de calcareo amarello ferruginoso, dentro das lavas e singularmente intacto. E' bem provavel que este banco de calcareo só fosse coberto de tenues camadas de lava no proprio lugar ou, pelo menos, muito perto da camada primitiva. E' bastante difficil represen-

m-se as diversas condições da formação d'estas concreções calca-
, mas a modificação bem clara que apresentam não póde ser ex-
ada pela simples acção das aguas, apezar de provavelmente ser
to natural consideral-as como concreções. Devo notar que uma
ide massa calcarea da visinhança, circumdada de phonolithe, foi
sformada pela maior parte em calcareo crystallino granuloso.
Mineraes secundarios — Assim se apresenta a calcite muitas vezes
diversos basaltos.
Tambem em diversas phonolithes a sodalithe encontra-se junto
outras zeolithes que não foram determinadas precisamente; tam-
dentro da foyaite encontra-se a analcime (de dupla refracção) e
ilcite, que provavelmente se formaram da nepheline.
Encontra-se sulfato de ferro no Amargoso, Dumreicherite, um novo
eral do grupo do alumen.
Na ilha de S.to Antão encontrei em diversos lugares, no valle do
., na Ribeira das Patas, nas fendas da lava, um sal formado em
tas que, pela composição chimica, parece approximar-se muito do
ien com magnesia. Uma analyse feita pelo Snr. F. Kertscher
:

SO^3	36,65
Al^2O^3	7,14
$Mg\,O$	11,61
H^2O	45,01
	110,41

Alem d'isso ha vestigios de Ce e Na; o mineral é facilmente so-
l em agua, é adstringente e derrete-se na agua de crystallisa-

A investigação microscopica mostrou que as crostas consistem em
s hexagonaes alongados que são muito semelhantes a secções de
patho; consistem na zona vertical de uma grande superficie, do
pinacoïde e dos prismas que na secção apparecem rectangulares
gados. Os planos d'extincção formam um pequeno angulo com o
vertical; como superficies terminaes apparecem duas superficies
podiam ser hemipyramides ou orthodomes.
Tambem a investigação á luz convergente mostrou que não póde
im mineral rhombico; deve-se portanto admittir um systema tri-
ou monoclino.
Como todas as propriedades do crystal parecem indicar que é
oclinico, pode muito bem admittir-se a presença d'este systema.
só poderei chegar a alguma conclusão quando tiver obtido maio-
crystaes. Mais tarde fallaremos d'isso.
Emquanto á composição chimica, o mineral distingue-se do alu-
com magnesia não sómente pela percentagem em agua, mas
em pela proporção da magnesia e de sulfato d'alumina; a for-
é approximadamente $4\,Mg\,O,\,S\,O^3 + Al^2O^3\,(^3SO^3) + 36\,H^2O$.
ineral mais semelhante a este é a sonomaite de Hayden com 33

de H^2O; sobre as condições crystallographicas d'este sal não pude saber nada. E' em honra do sr. Al. Freiherr von Dumreicher, em Lisboa, que eu denominei o sal acima descrito Dumreicherite.

Camadas terciarias com petrificações

As camadas terciarias com petrificações existem mais ou menos em todas as ilhas.

Os calcareos contéem geralmente organismos (bryozoarios) e até são em parte inteiramente formados d'estes; mas é muito difficil determinar as petrificações. Em S.to Antão, S. Vicente, S. Thiago e Mayo pôde verificar-se que as petrificações são as que até hoje vivem [1] no mar. Concorda isso portanto com o facto de todas estas camadas se terem formado durante as erupções ou pouco depois.

Aguas mineraes

Nas ilhas de S.to Antão e da Brava apresentam-se aguas alcalinas com acido carbonico. A Brava tem uma unica agua que é muito rendosa e que está a cerca de 1/4 d'hora do porto; esta agua é muito rica em acido carbonico livre, alem disso contem carbonato de sodio e de magnesia, sulfato de cal, magnesia e soda. Conforme a temperatura as aguas mineraes de S.to Antão contéem mais ou menos acido carbonico, carbonato de sodio.

A agua da R. do Paul (temperatura 14° c) é a mais gostosa e tem menor percentagem de alcalis; lembra por muitos motivos o «Giesshübler Sauerbrunn»; a agua da R. Grande é de temperatura mais alta, 20 — 28°c, emquanto que a da R. Patas é mais rica em acido carbonico (temperatura 19° C).

O numero das nascentes de S.to Antão é aliás extraordinariamente grande, eu vi 14; infelizmente não pude fazer analyses quantitativas, porque quasi todas as amostras se perderam juntamente com muitas das rochas.

(Continua)

Dr. C. Dœlter

Traduzido do allemão por Eugène Ackermann

---

[1] Sowerby fez a descripção de diversos fossilios apanhados por Darwin. A pedido do Prof. Neumayr mandei apanhar recentemente conchas nas ilhas de Cabo Verde; estas como tambem algumas petrificações estão em poder d'aquelle senhor que as estudou.

MITRAS LUSITANAS NO ORIENTE

(Continuado de pag. 351)

219) 1876 Junho 10. *Circular*. Suscitei a observancia da circ. le 8 fev. ant., pela qual mandára cumprir estrictamente as prescriıções da port. archiep. de 26 ab. 1873, sobre a não violação do *statu 'uo* estipulado na concordata, e prohibira aos missionarios permittir , passagem dos subditos do padroado para outra jurisdicção, ou .dmittir para a recepção dos sacramentos a jurisdiccionados alheios. 'or novas ordens do primaz, mandei que os missionarios sob preceito ormal d'obediencia, cumprissem estrictamente o determinado na reerida port. de 26 abr.; disse que o primaz reservava a si o conheimento dos casos previstos no direito, a que se allude naquella porar.; prohibi administrar sacramentos a não ser aos subditos do pa.roado, a respeito dos quaes não haja duvida, e havendo contestação, ecorressem a mim; insinuei que cuidassem das ovelhas que lhes estão onfiadas, n'ellas empregassem o seu zelo, e aguardassem respeitosos decisão das questões existentes pelos poderes superiores; dessemne parte de qualquer alteração, mudança ou invasão que houvesse a parte dos missionarios estranhos.

220) 1876 Agosto 7. *Portaria*. Prescrevendo regulamento para collegio «Ornellas» fundado em Tuticorim (62)

221) 1876 Agosto 28. *Portaria regulamentar* a respeito da admiıstração das fazendas e grammas da missão de Mutupettah.

222) 18 6 Agosto 30. *Despacho* Facultando a erecção em Mutuettah de 2 capellas sob a invocação: do B. João de Brito em Ten'endel, e de S. Casimiro em Tanniutu.

223) 1876 Setembro 7. *Portaria regulamentar* acerca da adminisração da receita (offertas) e despeza da capella do B. João de Brito, m Oriur.

224) 1876 Outubro 9 e 28. Duas *Circulares*. Convidei os missioarios a que subscrevessem e promovessem collectas, em beneficio do ollegio fundado em Tuticorim, e recrutassem alumnos para elle.

22) 1876 Novembro 11. *Circular*. Avisei que para satisfazer ás ecessidades das egrejas e capellas deste bispado, estava eu resolvido mandar vir de Portugal e da China paramentos, livros liturgicos e tencilios de culto; requisitei dos missionarios relação d'objectos de ue carecessem suas egrejas, afim de encorporando todas as relações ızer somente duas encommendas.

226) 1876 Novembro 16 e Dezembro 10. Duas *Circulares*. Pelos ıissionarios mandei avisar os christãos que em jan. proximo havia de ıtar aqui de visita o arcebispo primaz; e os exhortassem a rogar a 'eus para que elle chegue incolume ao porto de Cochim, e consiga

---

(62) V. *O Liberalismo desmascar.*, Guimarães 1877 I, 440. — *Progresso Cal.* Guimar. 1.81 n.º 5 p. 56,—*Doc.* apres. as Côrt. *Negoc. com a s. sé.* Lisb. 37 II, 97.

os fins que se propõe na presente visita. Indiquei as missões que o primaz havia de visitar desta vez; communiquei instrucções para a recepção e agasalho do hospede tão illustre; mandei apparelhar os que houvessem de ser chrismasdos &c.

227) 1876 Dezembro 18. *Despacho*. Facultando o benzimento da pedra fundamental da egreja de N. S. de Nazareth, em Paramala.

228) 1877 Janeiro 30. *Circular*. Communiquei aos missionarios para fazer constar aos christãos a fausta nova da chegada do primaz a Amarabady, e em todas as missões mandei fazer certas demonstrações de regosijo.

229) 1877 Abril 12. *Circular*. 1 Antes da celebração do matrimonio, mandei que os missionarios verificassem escrupulosamente, se os noivos são parentes ou tem outro algum impedimento inquirindo 2 visinhos de cada contrahente e o cathequista sob juramento; 2 os proclamas fossem lidos na principal egreja da missão, se ambos os noivos ou um delles morasse perto della, aliás na egreja que elles habitualmente frequentam; e tambem se explorasse suas vontades em ordem ao casamento, pela fórma usada na metropole de Goa: nas missões onde já se usa fazer a exploração e ler os banhos, se guardasse este costume, e se introduzisse a pouco e pouco onde não estivessem em voga nem proclamas nem exploração; desde já avisando o povo, que no futuro não se havia de abençoar matrimonio algum sem estes preliminares; procedendo todavia a este respeito com prudencia, e evitando detrimento ás partes.

3 Declarei em que casos os missionarios deviam ler os proclamas por si mesmo; que sendo lidos pelo cathequista, não se lançasse sobre elle pannos, lenços &c, para depois as partes os resgatarem a dinheiro: querendo os parentes dos noivos gratificar a quem ler os proclamas, o podiam fazer fóra da egreja acabada a fundação religiosa; 4 prohibi ter expostos na egreja arcazes, escadas, materiaes para guarnição e decoração do templo, padiolas, palanquim &c, e removendo para outra parte estas cousas desnecessarias para as funcções quotidianas, com que vi atravancadas algumas egrejas; recommendei aos parochos muito cuidado em ter sempre limpos os candelabros, não deixando manchar o pavimento ou paredes da egreja com azeite, as toalhas d'altar com pingos de cêra...; 5 mandei inculcar aos christãos as vantagens da sepultura no cemiterio com os ritos da egreja, e os missionarios procurassem estabelecer na missão em que actualmente se achasse e nas visinhas, o uso do enterramento aos cadaveres, com previa encommendação d'alma, acompanhamento da cruz parochial, do parocho e irmandade, e se evitasse quanto possivel o sepultar dentro d'egrejas e capellas.

6 Por ordem superior recommendei aos missionarios procurassem extirpar o abuso de prestarem alguns christãos das classes inferiores serviços nos pagodes, principalmente como musicos; lembrei-lhes que isto está prohibido pela const. de Bento XIV de 12 set. 1744; 7 em virtude das recommendações do primaz fiz saber aos missionarios, que elles prestariam bom serviço se aproveitassem o tempo que lhes sobrasse dos seus apostolicos trabalhos, para ministrarem ao semanario

que se publica *(A Cruz)* noticias de suas missões, do estado que se acham, dos progressos que fazem, das escolas fundadas...

8 Pelo meio de cada anno mandei que os missionarios me remettessem a estatisca da população de sua parochia, indicando o numero dos innocentes, ausentes, inconfessos &c.; a resenha dos adultos convertidos á fé, declarando sua idade, nome do baptismo &c.; o mappa do movimento escolar, designando o sitio da escola parochial, nome do professor, numero de meninos que a frequentaram; em que dia se verificaram os exames, e a solemnidade da sua 1.ª primeira communhão, e numero dos que commungaram. 9 Indiquei as informações que se devem exibir, para se obter licença para fundação d'egreja ou capella.

230) 1877 Abril 18. *Portaria.* Facultando o benzimento dos alicerces da capella de S. Christovão, em Vetticat.

231) 1877 Maio 2. *Circular.* Por ordem superior mandei aos missionarios: 1 fazer o registo dos baptismos, casamentos e obitos em livros distinctos, nos termos prescriptos pelo ritual rom.; 2 remetterme annualmente a estatistica dos baptismos de parvulos e d'adultos, e dos obitos; 3 confeccionar o rol exacto de christãos, e enviar-me copia d'elle; 4 remetter-me para se inserir no «Calendario ou Annuario estatistico» que o primaz intenta publicar em Goa em 1878, uma nota contendo o nome da missão, orago da egreja, padre que a serve, numero d'egrejas e capellas filiaes, população catholica, numero de escolas parochiaes, materias que n'ellas se ensinam, numero d'alumnos que as frequentam; 5 para se inserir no «Calendario» de 1879 mandei apontar, e pelo meado de jul. 1878 remetter-me, o numero das confissões, communhões por desobriga e por devoção, viaticos, e extrema uncções que houver na missão de jul. 77 a jun. 78: insinuei o que se devia fazer no caso de ser transferido o missionario d'uma egreja para outra. 6 A alguns parochos disse que ainda não tinha recebido as folhas da receita e despeza dos cofres, relativas ao anno passado e requisitadas pela circular de 12 ag. 75; 7 a certos missionarios impuz responsabilidade pelas consequencias da contravenção havida em suas parochias, de minha circular de 1 maio 76, prohibindo fazer exposição do Divinissimo, sem estarem desobrigados do preceito paschal a maior parte dos parochianos. 8 Suscitei a observancia de minha circular de 1 jul. 75, recommendando que nunca se omittisse nas egrejas nos dias de guarda, praticas moraes e nas escolas a lição do cathecismo; 9 para a reducção dos legados pios recordei o insinuado na circ. de 10 jun. 76.

232) 1877 Maio 25. *Circular.* A 3 jun., 50.º anniversario da sagração episcopal de Pio IX, determinei que se cantasse *Te Deum* nas egrejas, em virtude da recommendação do arceb. primaz.

233) 1877 Maio 30. *Portaria.* Providenciando a respeito da administração dos sacramentos, aos christãos devedores da egreja de...

234) 1877 Maio 30. *Portaria.* Transmitti ao vigario da vara... as accusações vindas contra o p.e ...; e mandei proceder a investigação dos factos, e punir os calumniadores ou o parocho..., e levar a effeito as providencias que indiquei para atalhar o escandalo.

235) 1877 Junho 25. *Portaria*. Provendo as necessidades espirituaes dos christãos durante a ausencia dos seus parochos, que vão fazer exercicios espirituaes no seminario d'Allappé.

236) 1877 Junho 25. *Circular*. Inculquei aos missionarios a conveniencia da instituição de irmãs de caridade indigenas, cujo officio fosse ensinar a doutrina christã aos meninos, visitar e tratar os enfermos e ajudar a bem morrer os moribundos; fiz vêr as graças espirituaes que lucram pelas const. *Ex debito pastoralis officii* de Pio IV de 7 out. 1571, e *Ex debito nobis* de Paulo V de 6 out. 1607, os que se consagram ao officio de ensinar a doutrina; e quão proveitosas são para quem pratica, e áquelles em cujo favor se exercem, as obras de misericordia, especialmente visitar e consolar os enfermos, servil-os, ministrar-lhes qualquer regalo, ajudar com orações os agonisantes &c. Mostrei que a instituição de semelhantes mestras da infancia e enfermeiras é uma necessidade nas missões, por não poderem os parochos das fraguezias dilatadas, acudir a todos dada a occasião, para os doutrinar no cathecismo adequadamente, para os confortar com sua presença nas enfermidades, para ajudar a bem morrer os constituidos em agonia; e tambem por não haver no bispado sacerdotes ou clerigos desempregados, que possam coadjuvar os parochos no desempenho destas funcções.

Declarei que caracteres devem ter as pessoas que se ha de escolher para irmãs de caridade, afim de se esperar d'ellas o exercicio do seu ministerio, com o devido fervor e zelo em prol dos seus conterraneos; que conselhos o parocho lhes deve dar, os exemplos que deve propôr, o methodo que deve insinuar para ellas exercerem cada uma das funcções convenientemente, a retribuição que no céo ellas hão de alcançar... Fiz vêr que não pode servir de impedimento para essa instituição, a pobresa dos moradores de certos logares.

«Suggerindo estas considerações espero confiadamente que, conferindo com os seus collegas visinhos, constarão sobre os mais apropriados meios, de levar a effeito o meu pensamento de criação das irmãs de caridade: projecto que mereceu já a approvação do nosso meritissimo primaz, a quem foi communicado, promettendo-me s. ex.ª enviar os estatutos, que requisitei d'alguma congregação irmãs de caridade na França; depois de receber os quaes formularei regras, para a devida organisação dessas preceptoras da puericie, dessas enfermeiras e consoladoras dos doentes e moribundos.

«Pois que não nos é dado por ora instituir verdadeiras congregações de irmãs de caridade, como as ha na Europa, e que espalhadas por todo o mundo, estão prestando á religião e á humanidade serviços tão relevantes, procuremos ao menos formar, pelo modelo desses anjos terrestres, algumas pessoas do devoto sexo, que sem a formalidade de votos, e sem se desprenderem dos laços de familia, prestem officiosamente, quaes mães carinhosas e irmãs sollicitas, alguns bons serviços espirituaes e corporaes á geração apenas nascente, como aos que luctam com as dôres e a morte.

«Esperançado estou de que o nosso bom Deus não deixará de abençoar, e fecundar os esforços que V. empregarem, por implantar

em sua missão, obra de tamanho alcance..., dando-me conta do resultado de suas diligencias pelos fins de outubro seg....»

237) 1877 Junho 30. *Circular.* Aos missionarios perguntei: 1 se convém estabelecer por uma medida geral, hora certa para em cada egreja celebrar-se cada funcção religiosa, de modo que commodamente todos possam concorrer a ella, ao mesmo tempo poupando-se aos missionarios a saude e forças que, nestas terras adustas não pode deixar de resentir-se pela tardança da hora da alimentação e do repouso, cortando-se os abusos que a este respeito ha n'algumas missões, devido ao capricho dos mordomos, á desidia dos parochianos e a complacencia do paracho; 2 se convém estabelecer salario em moeda aos officiaes das egrejas, tirando-lhes assim pretexto para faltar ao serviço, occupando-se na pescaria... para terem de que viver; 3 que medidas convém adoptar em cada missão para a maior segurança dos cofres das egrejas; 4 como simplificar a celebração dos actos solemnes da nossa religião, cortando-se com as vaidades humanas, sem comtudo faltar á decencia e até ao explendor do culto, empregando-se em coisas mais do agrado de Deus e utilidade dos christãos, o dinheiro que se gasta em foguetes, musica gentilica, excessiva cêra, guarnições phantasticas do templo, banquetes. . Mandei inculcar aos mordomos a conveniencia de haver durante a novena, e sobretudo no dia da festa, pregação da palavra divina; tambem mandei organisar e submetter á minha approvação, o orçamento das despezas que annualmente faz cada cofre, para celebração dos actos religiosos, declarando quaes são as consignações do parocho..., e apresentando a receita dos cofres; prohibi que no futuro se fizesse despeza excedente á receita. 5 Pelos parochos mandei rectificar as ideas do povo rude, e dar-lhe as noções essenciaes do culto que devemos prestar a Deus e aos Santos; 6 e inculcar-lhe a conveniencia de empregar no aceio do templo, acquisição de paramentos e alfaia, o dinheiro que se desperdiça em superfluidades.

7 Perguntei que inconveniente havia para se fazer nas egrejas todos os dias de manhã, o exercicio tão salutar da oração mental, como se pratica nas egrejas do arcebispado, pelo proprio parocho e não pelo sacristão; disse aos missionarios que procurassem ler attentamente a pastoral de 26 out. 1813 que a este proposito publicou o arcebispo S. Galdino; 8 por que meios generalisar o uso de se recitar em familia quotidianamente á boca da noute, o terço do rosario de N. S.; 9 como fazer extensivos para muitos meninos os beneficios da instrucção e educação, que se ministra no seminario d'Allappé e no collegio de Tuticorim. Exigi a relação nominal dos chefes de familias que, tendo mais de um filho de 14 annos para baixo, estivessem no caso de ter algum delles a estudar n'um daquelles estabelecimentos; 10 como introduzir no bispado as conferencias sobre materias theologicas; 11 quaes outros melhoramentos se poderá sem grande difficuldade introduzir no bispado, se ha abusos a extirpar &c.

238) 1877 Agosto 18. *Circular.* Por ordem superior avisei os missionarios que se não dirigissem á secretaria archiepiscopal senão por meu intermedio, salvo...

239) 1877 Agosto 23. *Circular.* Disse aos missionarios que eu tinha redigido e mandado imprimir em Goa, um regulamento para a gerencia das fabricas e cofres das irmandades, o qual se ha de pôr em execução em janeiro seg.; em cada missão encarreguei o seu parocho e mais 3 freguezes de ter apparelhado certos trabalhos, quaes os de tombação e inventario dos bens das egrejas, resenha dos creditos e dividas, orçamento da receita e despeza, tarifa das consignações parochiaes, factura de cofres e livros onde os não houver, catalogo dos confrades, publicação d'editos para se descobrir os bens sonegados.. ; exigi certas informações, que deverião vir em novembro seg.

240) 1877 Setembro 12; Dezembro 27; e 1878 Junho 22. Tres *Portarias* criando uma escola de musica vocal e instrumental em Tangacheira; e recommendando aos parochos recrutassem para ella ao menos 2 mancebos de sua freguezia, e todas as egrejas contribuissem um tanto... para o regular andamento desta escola.

241) 1877 Setembro 14. *Despacho.* Facultando o benzimento dos alicerces da egreja de Santa Cruz, em Manghato, que se ia restaurar.

242) 1877 Setembro 18. *Circular.* Suscitei a observancia da pastoral de 6 maio 1789 do bispo Soledade, cuja copia remetti aos missionarios; disse que não só Urbano VIII e Clemente X, mas ainda recentemente Pio IX pela sua const. — *Apostolicæ sedis* de 4 id. out. 1869, prohibiu sob gravissimas penas, impedir directa ou indirectamente o exercicio da jurisdicção ecclesiastica, recorrer em materias espirituaes ao fôro secular, obrigar os juizes seculares a levar ao seu tribunal pessoas ecclesiasticas...; fiz vêr que a pastoral predicta não foi derogada nem revogada, mas antes a mandaram observar as ordenanças de 16 março 1812 e 12 out. 1826. Para ninguem allegar ignorancia recommendei aos parochos, que no domingo immediato lessem e explicassem ao povo esta minha circular com a sobredita pastoral; e as tornassem a lêr todos os annos no 1.º domingo de janeiro.

Se algum christão incorrer nas penas cominadas nas ordenanças referidas, pelo facto de recorrer ao fôro civil em materias ecclesiasticas, mandei que o paracho me avisasse e participasse tambem aos missionarios visinhos, para elles não admittirem o tal á recepção dos sacramentos, nem dar-lhe sepultura ecclesiastica... Todas asvezes que qualquer christão fôsse punido pela auctoridade superior deste bispado com censura canonica, mandei que o seu parocho o communicasse aos missionarios visinhos.

244) 1877 Outubro 17. *Portaria.* Na missão de Amarabady, mandei que, ao enterro de qualquer christão assistissem obrigatoriamente ao menos dez irmãos da confraria, se ella fosse convidada.

245) 1877 Outubro 17. *Portaria.* Approvando os estatutos da associação de caridade, que se projectava fundar em Valliatorre, com o fim de fomentar a instrucção religiosa e civil da mocidade, estender e propagar a fé catholica entre os idolatras, e socorrer a pobresa desvalida (63).

(63) Pelo modelo desta associação de caridade, se fundaram outras duas

246) 1877 Outubro 26. *Portaria.* Infligi a pena... a 6 christãos da missão de..., por ter um d'elles levado ao fôro civil o seu parocho, para decisão de materias puramente ecclesiasticas, em contravenção das ordenanças ecclesiasticas, e os outros servido de testemunhas, se não fomentadores.

247) 1877 Dezembro 5. *Circular.* Exigindo dos missionarios informações, sobre o andamento das escolas parochiaes.

248) 1877 Dezembro 15. *Circular.* Em virtude da recommendação archiepiscopal, mandei pelos missionarios avisar aos christãos, que em dezemb. seg. se ia expôr o corpo incorrupto de S. Francisco Xavier em Goa.

249) 1877 Dezembro 21. *Portaria.* Approvando a tarifa de covaes na missão de Mutupettah; e a de contribuições que tem a pagar os arráes e os pescadores em Kilakarey e Pannatar.

250) 1877 Dezembro 12. *Circular.* Declarei que, visto os sacristães e cathequistas preencherem funcções importantes nas missões; 1 não fosse considerado official da egreja, quem não apresentasse até 31 janeiro seg. a sua provisão; 2 não havendo official provisionado, o parocho propuzesse logo algum individuo de bons costumes, sciencia, não dado á ebriedade &c., afim de se lhe passar provisão temporaria ou vitalicia; 3 prohibi que servisse o logar d'official, sem previo exame feito pelo parocho, sobre se elle sabe administrar o baptismo em caso de urgente necessidade, e sem previo juramento de bem cumprir o seu officio, prestado perante mim, ou o vigario da vara ou outro vigario por mim designado; mandei que se registasse no livro da egreja tanto a provisão como o termo do juramento; 4 antes da celebração d'esponsaes ou matrimonio, o parocho inquirisse do sacristão e do cathequista com previo juramento (circ. de 12 ab. ant.) se entre os nubentes ha algum impedimento publico, se elles estão instruidos na doutrina christã de modo que possam ensinar aos filhos que lhes nascerem; que fosse suspenso o official, que scientemente occultasse ao parocho o impedimento existente; 5 alternadamente pelas semanas assistisse dia e noute em a egreja, ou na casa do cofre, um d'esses officiaes sem se ausentar, salvo de licença do parocho, e deixando substituto; 6 se hovesse na egreja, sacristia ou casa do cofre furto, roubo, incendio ou facto criminoso, preveni que seria responsavel o official a quem cabia estar ahi de semana; podendo relevar se-lhe a responsabilidade, se provar que não houve culpa de sua parte.

7 Prescrevi certas garantias e vantagens aos officiaes de igreja que houvessem prestado servirço sem nota, por 15 annos; 8 recommendei e instei muito com os missionarios, que tivessem abertos bem os olhos sobre o procedimento de cada um dos officiaes: e os exhortassem muitas vezes a bem cumprir seus deveres; auctorisei-os a punir com certa medida o official que commettesse falta grave. 9 Tornei a exigir informações sobre estabelecer-se aos officiaes salario em dinheiro (circ.

---

em Puntorré e Manapar com estatutos por mim approvados em 5 e 9 abr. 1880; a sociedade de temperança em Tuticorim, estat. approv. em 17 outb. 4, e a assoc. de S. Vicente de Paulo tambem em Tuticorim, estat. approv. em março 84.

20 jun. ant.), por ser obvio que não se pode exigir bons servi
d'empregados mal retribuidos.

251) 1878 Janeiro 15. *Circular*. Transmittindo aos missionar
summarios da bulla da cruzada, vindos do arcebispado.

252) 1878 Janeiro 21; Maio 15. Duas *Portarias* criando fon
de receita para o seminario d'Allappé.

253) 1878 Janeiro 24. *Portaria*. Relativamente a celebração d'ac
festivos na egreja d'Olicaré, determinei o seg.: 1 prohibi as guar
ções do templo com folhas de papel (circ. 16 jun. 1792); antes
principal festividade mandei se caiassem de branco as paredes
egreja, a sacristia e repartimentos, por dentro e por fóra; o tecto
forrasse de branco e o pavimento fosse lavado; 2 prohibi o toque
musica gentilica no adro ou visinhanças da egreja; devendo o pa
cho providenciar para não haver fogos artificiaes nem festins, a exem
do que se deixou de fazer em Pettah, Cattur &c., por deliberação d
freguezes, revertendo em beneficio da egreja, o dinheiro que nest
cousas se gastava; 3 designei a quantidade e pezo das velas, c
que se ha de guarnecer os altares; 4 antes de começar a noven
mandei que se areasse e limpasse os utencilios do culto, as insigni
da irmandade &c.

5 Prohibi que se deixasse em cima da meza do altar imagens, bandej
com flores, borrifadores; insinuei que a imagem estivesse na banque
e as outras cousas na credencia, ou degraos ao altar; 6 item se usas
do pallio em occasiões diversas das indicadas nas rubricas e ceren
nial da egreja; 7 na funcção da *Salve* se suprimisse o *asperges*; es
aspersão querendo fazer-se, fosse antes da Salve, ou depois d'ella:
fixei hora certa para principiar a missa da novena, a *Salve*, o offic
das vesperas, a missa festiva &c.; 9 além do panegyrico no dia da fest
o parocho insinuasse ao mordomo, a convidar um ou mais sacerdote
para durante a novena annunciarem a palavra evangelica, uma
outra vez se não fôr todos os dias; 10 prohibi que se fizesse 2 proc
sões n'um dia; não houvesse procissão do Divinissimo, sem estare
presentes ao menos 30 irmãos; e estarem desobrigados do precei
paschal, os que pegarem as varas do pallio.

11 Determinei que possivelmente procurasse o parocho que,
que aesistissem ás funcções religiosas estivessem vestidos decent
mente e a coberto todo o corpo; e os irmãos da confraria tivesse
sua opa e murça limpa e aceiada; 12 prohibi que se fizesse a coroaç
do novo mordomo, com os paramentos da missa...

254) 1878 Janeiro 30. *Circular*. No intuito de reprimir a deva
sidão que lavra em algumas missões, e preservar desse contagio
mocidade, aconselhei aos missionarios a instituição de congregaçõ
de meninos, cujo objecto fosse: 1 assistirem pontualmente nos di
de guarda á lição da doutrina christã, á pregação e a missa; e d
mingos de tarde á benção do Divinissimo, havendo-a; 2 a rezare
as 3.as f. e 6.as o terço do rosario, depois de recitar cada grupo
meninos e de meninas alguns capitulos do cathecismo, sob a inspecçã
do parocho ou cathequista; 3 assistirem em corporação ás procissõ
da freguezia festivas e funebres; 4 acompanharem S.to Viatico, e

irmãos por turno quando o parocho fôr administrar st.ª uncção; 5 praticarem as 6.as f. da quaresma o exercicio da via sacra sob a vigilancia do cathequista: se não admittir na congregação senão sujeitos de 7 a 14 annos d'idade, que tenham conservado a integridade do corpo e puresa de costumes.

Communiquei aos missionarios instrucções para infundir nos congregados sentimentos de piedade, os habilitar a fazerem com devoção sua 1.ª communhão, e induzil-os a frequentarem os sacramentos; mandei celebrar no 4.º domingo d'agosto missa com solemnidade, e n'ella commungarem os meninos da congregação, incluindo a funcção com o acto de sua consagração ao Coração Immaculado da Virgem Purissima, padroeira da congregação. Designei o logar que nos prestitos hão de occupar os jovens congregados: mandei fazer incessantes recommendações aos meninos, e ainda mais ás meninas, para não apparecerem em publico sobretudo na egreja, sem terem o corpo coberto; ser excluido da corporação quem commetesse acção contraria a pureza, se ella vier a divulgar-se.

Nas frequentes praticas moraes que prescrevi, privativas para esses meninos, mandei lhes inculcar a devoção para com a Rainha das Virgens, a reverencia devida á casa de Deus; ensinar-lhes o methodo de ouvirem com fructo a missa, de fazerem o exame de consciencia, e a preparação para a recepção dos sacramentos; insinuar-lhes a obediencia aos pais e mestres, a absterem-se de proferir palavras mal soantes, evitar o ocio e a vadiagem; fazer-lhes sentir as vantagens da virtude da castidade, pondo-lhes ante os olhos os exemplos maviosos das vidas de S. Luiz Gonzaga, St.ª Rosa de Lima... Insinuei o que se deveria fazer para fomentar a piedade nas missões longinquas, cujos habitantes não gozam do beneficio da assistencia continua do parocho; mandei fazer interessar por esta obra os cathequistas, advertir os pais de familias no confissionario, na cadeira e em particular, tomassem as necessarias precauções, afim de não periclitar a innocencia de seus filhos menores, providenciar quanto ser possa, para se evitar a promiscuidade dos sexos, quer no leito, quer nas recreações, especialmente nos ajuntamentos nocturnos; fazer analogas recommendações aos professores, a respeito dos seus discipulos; advertir aos noivos que se abstivessem em quanto se não receberem em face da egreja, de cohabitarem juntos, de frequentarem a casa um do outro, de se verem a sós, e n'este sentido fazer as necessarias recommendações a seus pais.

«E como tem succedido, que algumas pessoas do sexo feminino se hão deixado requestar, confiadas estultamente na promessa dos estupradores de as tomar por esposas, quero que desde já se previna aos christãos que, V. não interporão a sua auctoridade, quando porventura lhes fôr requerido, para compellir o deflorador a receber a deflorada por sua mulher, nem eu o farei tão pouco, embora se alleguem depois razões de infamia para as familias, não se realisando o consorcio da mulher seduzida com o seductor.

«Não concluirei sem acrescentar que estou intimamente persuadido que, entre os casados não haveria deploraveis escandalos d'infidelidade,

e se guardaria, melhor a castidade conjugal, se V. lhes gravassem na memoria as recommendações tão salutares, que fez o archanjo Raphael ao joven Tobias, antes de desposar Sarah filha de Raguel.

«Deus permitta que sejam fecundas de bons resultados, estas poucas palavras que me pareceu dever dirigir a V., com o fim de combater um vicio, que maior numero de almas leva para o inferno, e arraigar nestas missões a mimosa virtude que converte os homens em anjos»...

255) 1878 Fevereiro 1. *Portaria.* Por faltas que commettessem os alumnos do seminario d'Allappé, mandei que não fossem maltratados com castigos corporaes.

256) 1878 Maio 9. *Portaria.* Facultando o benzimento da pedra fundamental da egreja de B. João de Brito, em Tekecaré.

257) 1878 Junho 6. *Circular.* Afim de preservar Deus o dignissimo arcebispo primaz das febres palustres, de que foram victimas alguns dos principaes funccionarios publicos em Goa, mandei pelos parochos avisar os christãos a fazer rogativas ao céo.

(Continúa)

P.e CASIMIRO NAZARETH

7.ª Série — 1909 N.º 11 — Novembro

BOLETIM

DA

Sociedade de Geographia de Lisboa

FUNDADA EM 1875

SUMMARIO

LISBOA

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL

Rua do Diario de Noticias, 110

1909

27.ª Série — 1909 N.º 11 — Novembro

Director, proprietario e editor—*Sociedade de Geographia de Lisboa*—Rua de Santo Antão—Lisboa
Composição e impressão na Typographia Universal
pertencente a Coelho da Cunha, Brito & C.ª — rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

Commissão luso-brasileira

Na sessão de 10 do corrente mez de novembro a Assembleia Geral ordinaria da Sociedade de Geographia de Lisboa approvou por acclamação a seguinte proposta da Direcção, largamente fundamentado pelo seu auctor, o sr. Consiglieri Pedroso. Presidente da Sociedade, e cujo alcance é de importancia maxima para Portugal, para o Brasil e para a Sociedade de Geographia:

Considerando que na evolução politica do mundo contemporaneo é facto historico, que se não póde contestar, a irresistivel tendencia para a unificação moral dos grupos ethnicos que falam o mesmo idioma, podendo até por isso definir-se o dominio da lingua na sua funcção social, como a patria espiritual de uma nacionalidade;

Considerando que nem os mais poderosos estados logram eximir-se a esta universal tendencia, como o prova o movimento de concentração, que no momento actual se está operando nos povos anglo saxonicos, nos germanicos propriamente ditos e mesmo nos povos slavos, apesar das differenças de religião e de linguagem que separam estes ultimos entre si;

Considerando que em virtude d'esta tendencia é legitimo prever-se como irremediavel, em futuro relativamente pouco distante, senão o desapparecimento, pelo menos a desintegração das pequenas nacionalidades, que não consigam defender-se pela massa dos seus habitantes da absorpção, consequencia fatal da lucta pela existencia, cada vez mais implacavel entre as grandes nações, que na sua ancia de açambarcamento tanto inquietam os agrupamentos secundarios, embora muito adeantados em cultura;

Considerando que Portugal e Brasil pela sua origem, historia e tradições, pela lingua que ambos falam, pela raça a que pertencem e pelos multiplices interesses que os ligam, sem embargo do glorioso facto consumado da independencia brasilica e, não obstante, portanto,

serem duas soberanias politicas separadas e perfeitas, constituem na realidade em face das outras aggremiações nacionaes e exoticas um grupo áparte, nitidamente delimitado, com individualidade distincta e por conseguinte com um destino historico completamente autonomo, circumstancia a que o direito internacional não póde ficar estranho;

Considerando que na situação de isolamento reciproco, em que se encontram, as duas nações estão compromettendo a grandeza do papel primacial que deviam representar no mundo, com grave prejuizo dos interesses proprios e apenas com vantagem para as nações rivaes que se estão aproveitando habilmente da desunião de ambas;

Considerando que a grande nação brasileira, não obstante os quasi illimitados recursos de que dispõe, e as brilhantes qualidades dos seus filhos, que se estão impondo á consideração universal pela sua intelligencia e illustração, pelo seu patriotismo e pela sua actividade, corre o risco de se ir desnacionalisando pouco a pouco pela introducção, cada vez em mais larga escala, de elementos de immigração estranhos ao seu caracter historico e até antipathicos á sua idiosyncrasia ethnica — provaveis causadores de futuras perturbações e de inevitaveis perigos para a União;

Considerando que este serio risco de desnacionalisação lenta mas segura sómente o Brasil póde conjural-o pela approximação e relações cada vez mais estreitas com Portugal, possuidor ainda hoje de um rico e vastissimo imperio em Africa, de territorio reduzido na Europa, não ha duvida, mas berço de uma robusta e prolifica população largamente espalhada pelo mundo, de extraordinarias faculdades de adaptação e resistencia, população indispensavel — e não substituivel por outra — para a conservação e pureza da raça nacional do Brasil;

Considerando mais que o problema da gradual e progressiva fusão da numerosissima colonia portugueza, que vive no Brasil, com a terra que lhe dá tão generosa hospitalidade, é para os futuros destinos da nacionalidade brasileira de capital e decisiva importancia, mas sómente de solução integral possivel, quando as duas nações, hoje separadas e quasi estranhas uma á outra, se harmonisarem no superior interesse de uma fecunda approximação;

Considerando por outro lado, que a economia nacional portugueza só ao contacto intimo da exuberante seiva brasileira póde robustecer-se e tonificar-se, sendo além d'isso fecundissimo campo para a nossa actividade material e progredimento moral as vastas regiões cobertas pela gloriosa bandeira auriverde;

Considerando por isso como verdade evidente, sem possibilidade de discussão sequer, que a resolução definitiva do problema economico portuguez depende grandemente — quaesquer que sejam os esforços, a sinceridade e a intelligencia que para ella se empreguem dentro das nossas estreitas fronteiras — de plenamente se realisar um forte e largo accordo luso-brasileiro, formula de renascimento mundial da nossa commum nacionalidade;

Attendendo a que a tradicional alliança de Portugal com a Inglaterra, base da nossa situação politica internacional, assim como inti-

mas relações de cordealidade com as tres nações latinas, nossas irmãs, e com a Allemanha nossa cooperadora em Africa, em cousa alguma são prejudicadas pela unificação moral de Portugal com o Brasil n'um pacto superior, permanente e «sui generis» tal como o impõem os especialissimos laços fraternaes existentes entre as duas nações que falam a lingua portugueza;

E attendendo finalmente a que á Sociedade de Geographia de Lisboa pelos seus fins, pela sua constante tradição e pelo logar proeminente, tão excepcionalmente em evidencia que occupa na vida nacional portugueza compete n'esta hora difficil para a patria cooperar quanto em si caiba no movimento de renovação do nosso querido Portugal;

Tenho a honra de propôr que, nos termos do artigo 40.º dos Estatutos, se crie uma commissão geral permanente com o titulo de «Commissão luso-brasileira», a qual terá, entre outros, os seguintes fins:

1.º — Estudar a forma mais adequada de se realisarem congressos periodicos luso-brasileiros, que devam em prasos a fixar reunir-se alternadamente em Lisboa ou Porto e no Rio de Janeiro ou outras cidades brasileiras, com o intuito de discutir todos os assumptos de ordem intellectual e economica que interessem em commum e exclusivamente ás duas nações, e onde haja de fazer-se a propaganda das deliberações que pelos mesmos congressos e pelos governos dos dois paizes tenham de ser tomadas a beneficio de ambos os povos, respeitando-se escrupulosamente a independencia de cada um d'elles e evitando-se toda e qualquer interferencia, por minima que seja, na vida interna e no modo de ser dos dois paizes reciprocamente;

2.º — Estudar a forma de se negociar um tratado de incondicional arbitragem entre Portugal e as suas colonias de um lado e o Brasil do outro, e de se realisar a conveniente cooperação das duas nações em assumptos de caracter internacional;

3.º — Estudar a fórma de se ultimar, com a urgencia que razões obvias aconselham, um tratado de commercio, ou antes, um largo entendimento commercial entre as duas nações, procurando-se a maneira, até onde fôr possivel vencer as difficuldades naturaes inherentes ao assumpto, de que uma a outra concedam respectivamente vantagens especiaes, que deixem de ser transmittidas aos outros estados, não sendo portanto attingidas pela clausula da «nação mais favorecida», inscripta actualmente nos tratados já existentes tanto de Portugal como do Brasil com os paizes estrangeiros;

4.º — Promover a creação de uma linha de navegação luso-brasileira entre os dois paizes, sob o alto patrocinio de ambos os governos;

5.º — Promover a fundação em Lisboa de um entreposto central para o commercio do Brasil na Europa, e de um entreposto central no Rio de Janeiro para o commercio portuguez na America, podendo no caso de isso ser conveniente fundar-se outros dois entrepostos, um no Porto e outro no Recife ou onde mais convenha ao Brasil;

6.º — Promover a construcção de dois palacios, um em Lisboa e

outro no Rio de Janeiro, destinados á exposição e venda permanent dos productos nacionaes de cada um dos dois paizes no outro;

7.º — Promover, sempre que fôr possivel, a unificação ou pelo menos a harmonisação da legislação civil e commercial dos dois paizes

8.º — Promover a approximação intellectual — scientifica, litteraria e artistica — dos dois paizes, dando aos professores e diplomados brasileiros em Portugal e aos professores e diplomados portuguezes no Brasil os mesmos direitos com equivalencia dos respectivos titulos de habilitação;

9.º — Promover visitas regulares de excursionistas e de estudo de intellectuaes, de artistas, de industriaes e commerciantes portuguezes ao Brasil e brasileiros a Portugal e ás suas mais important colonias;

10.º — Estudar a maneira de se fundar em qualquer das duas capitaes ou simultaneamente em ambas uma revista que seja o org para servir de interprete permanente a este movimento de approximação luso brasileira;

11.º — Promover mais intimas e continuadas relações entre a imprensa brasileira e a imprensa portugueza pela troca de collabora e pela instituição de reuniões periodicas dos editores de livros e representantes do jornalismo de ambas as nações;

12.º — Promover a intelligencia entre si respectivamente das sociedades scientificas, artisticas, de instrucção, de beneficencia, gymnastica, de tiro, de natação e outros desportos maritimos e terrestres, etc., pertencentes aos dois paizes, assim como das associações academicas brasileiras e portuguezas, creando-se tambem bolsas de viagem para os estudantes de cada um dos dois paizes no outr

13.º — Promover o movimento da approximação luso-brasileira Brasil, ou por intermedio de alguma das sociedades ali existent como a Sociedade de Geographia ou o Instituto Historico Brasileir que, á semelhança da Sociedade de Geographia de Lisboa, queira no territorio da União pôr-se á frente d'este movimento, ou contribuind para a fundação no Rio de Janeiro de uma liga luso-brasileira, com os mesmos intuitos que os da Commissão permanente, cuja creação aqui se propõe;

14.º — Finalmente estudar a maneira de se fazer da benemerita colonia portugueza no Brasil a activa intermediaria da approximação moral dos dois povos, approximação que terá como symbolo da realidade da sua existencia a formosa lingua de Camões e Gonçalves Dias a falar-se dos dois lados do Atlantico e a servir, em duas patrias fraternalmente enlaçadas, de vinculo inquebrantavel á raça luso-brasileira, cujo destino historico assim engrandecido deverá, a bem da civilisação, alargar-se triumphante pelas mais bellas regiões do globo, ás quaes o immortal genio latino, representado pela nossa commum nacionalidade, imprimirá com o supremo encanto da forma o estimulo da sua energia eternamente creadora.

L'ILE DE MADÈRE CONSIDÉRÉE AU POINT DE VUE DE SES RICHESSES MINÉRALES

(Concluido da pag 365)

En étant au loin en mer, venant du Brésil, on aperçoit deux grands caps qui encadrent Funchal, le Cabo Girão à l'ouest et le Cabo Garajao à l'est. Le plus majestueux est le premier. Il est à l'ouest de Camara de Lobos; c'est une montagne qui n'a qu'environ 600 mètres, qui est donc infiniment moins haute que d'autres montagnes de l'île, mais qui a la particularité de s'élever presque perpendiculairement au bord de la mer. De tous les points des bords de l'île, c'est celui qui est le plus élevé de façon absolument perpendiculaire. Jadis cette partie-là devait se prolonger bien plus avant dans la mer; peu à peu cette dernière est venue en arracher des fractions. Bien des eaux à proximité du Cabo Girão sont plus ou moins ferrugineuses.

Pour aller au Cabo Girão on passe par Camara de Lobos. Comme l'unique route convenable de l'île de Madère est celle de Funchal à Camara de Lobos, il est évident que Camara de Lobos est l'une des localités où arrivent le plus souvent les étrangers. Camara de Lobos est une petite ville qui vit à la fois des vignes, de la canne à sucre et de la pêche. Le port qui est desservi par les bâteaux côtiers de la C.ie Blandy ainsi que par celle de Gonçalves n'est pas toujours des plus commodes et quand le temps est mauvais les bâteaux côtiers ne peuvent guère y relâcher.

C'est à 1 quart d'heure de distance qu'il y a un bon gisement de minerai de fer, refermant également un peu de manganèse.

La localité la plus occidentale de l'île est Ponta do Pargo. Pour y arriver on peut aller presque directement par mer, en allant de Funchal au Pesqueiro; de là un chemin fort escarpé ménera à Ponta do Pargo. On peut également débarquer à Calheta et aller de là à l'Estreito de Calheta, puis à Prazeres, à Fajã de Ovelha, etc. C'est à peu de distance de cette route de Fajã de Ovelha à Ponta do Pargo que j'ai trouvé des dépôts d'oxyde de fer et de manganèse.

A la côte sud et à l'est de Funchal le paysage est moins beau que dans les autres régions de l'île.

Il y a là deux petites villes, Santa Cruz et Machico, dont les habitants vivent des produits de la vigne et de la canne à sucre et également de la pêche.

Santa Cruz est une petite ville assez propre dont les habitants s'occupent en grande partie de pêche.

A environ 3/4 d'heure de marche il y a un ancien cratère, la Lagoa, qui en hiver est transformé en une mare. A un quart d'heure environ de ce cratère il y a un pélérinage frequenté, l'église de S.to Antonio da Serra, d'où l'on a une vue fort étendue sur l'est de l'île.

Machico est une petite ville de l'île de Madère qui est relativement la plus proche du groupe des îles «Desertas». Pour les gens qui vont de Funchal à Porto da Cruz, c'est par Machico que l'on

passe. On va en effet en bateau de Funchal à Machico, puis on prend la route (à pied ou en hamac) en passant par le col de Portella. On met environ 4 heures pour aller de Machico à Porto da Cruz.

La localité la plus à l'est de l'île de Madère est Caniçal. C'est à peu-près la seule région de l'île où la bonne eau potable soit rare pendant la saison sèche. Entre Caniçal et la pointe extrême, la Ponta de S. Lourenço, l'eau est rare et la végétation également. Le contraste est d'autant plus fort, quand on arrive de toutes les autres partie de l'île où la végétation est si riche.

Aprés avoir quitté le village de Caniçal et en se dirigeant vers l'est, on peût dire adieu à tout arbre. Quelques herbes, des successions d'argile grise, rouge, blanche, des sables et puis l'on arrive aux lieux dits «Fossil beds». Pendant la saison sèche c'est à peine s'il y a un semblant de mare où il y a un peu d'eau qui, bien entendu, n'est guère potable. C'est avec la plus grande peine que l'on pourrait trouver quelques broussailles pour allumer en feu.

A Caniçal même il y a quelques puits qui donnent de l'eau qui cependant n'est pas de très fameuse qualité, qui est plutôt saumâtre. A proximité du village il y a un peu de canne à succre, quelques mûriers, etc., mais en somme ce n'est pas grand'chose comme végétation. Caniçal rappelle sous bien des rapports les parties désolées des Canaries. Cependant il y aurait moyen de transformer les environs de Caniçal en une végétation très fertile. Au Pico Castanho qui le domine à l'ouest, il y aurait moyen de creuser en certains points spécialement choisis, quelques puits peu profonds donnant de l'eau; cette eau pourrait être amenée par des levadas et fertiliser ainsi la région.

Caniçal est trés intéressant en ce sens qu'il y a les argiles les plus variées, puis plus vers l'est, à proximité de l'ermitage de Nossa Senhora da Piedade, il y a une masse silico-calcaire également susceptible d'utilisation.

A mon avis, si l'on voulait se donner la peine de faire les travaux d'irrigation nécessaires, Caniçal, vu son climat chaud, conviendrait à la culture du café. Mettons que ce café ne s'exporterait pas bien loin, il n'en servirait pas moins aux besoins d'une partie de l'île. Donc au point de vue économique ce petit coin de Caniçal pourrait ne pas être perdu. Il est vrai que jusqu'aujourd'hui, il n'est pas riche; la misère qu'il y a n'est pas gaie à voir.

En continuant à marcher vers l'est à travers les argiles et les [...]bles on arrive à un ilôt, Ilheu de Fora, où on trouve un phare.

Disons quelques mots sur diverses industries accessoires de Ma-

sa ... l'île de Madère n'est extrêmement riche financièrement parlant, ... 'anmoins bon de reconnaître que sur une petite surface il y a
dère. ... grande population et que, si les méthodes économiques
Si ... ux comprises, le pays serait même fort riche.
il est n... ...ursale d'une banque française à l'île de Madère donne-
une asse... ...néfices; l'escompte de la Banque de Portugal à Madère
étaient mi... ...; celui des maisons de banques particulières est 8 à
Une suc...
rait de gros ...
est de 6 1/2 %
9 %.

La banque de Portugal n'accepte pas de dépôts; les maisons de banque particulières acceptent des dépôts de 3 à 5 %.

Le commerce et l'industrie de Madère sont très sérieux, les effets protestés y sont une rareté. Donc les affaires à faire sont très importantes et sans pertes.

Le capital nécessaire pourrait être de 2 millions de francs; même pour le commencement il ne serait pas nécessaire d'avoir plus de 500.000 frs. Il est fort probale que quelques-uns des éléments locaux de l'industrie et du commerce puissent s'y associer, en apportant 100.000 frs. par exemple.

Le grand désir d'une bonne partie de la classe bourgeoise de Madère est d'être «respectable» à la façon des Anglais. Vêtements noirs et parfois chapeau haut de forme, tel est leur idéal. Fort souvent une fois qu'ils ont cela, ils ne demandent plus autre chose.

Parmi les industries de Funchal il y a à l'est une poterie fabricant toutes sortes de produits vernis, qui ne sont pas réellement bien inférieurs à ceux du Portugal, mais qui demandent à être perfectionnés.

L'industrie de la chaux existe dejà, celle du ciment pourrait fort bien être créée à l'île, car les matières premières necessaires y existent et en outre les prix de vente de la chaux et du ciment sont assez élevés. On en jugera par les prix suivants. A Madère la chaux se vend au volume, une mesure de 78 litres coûte 4$200 réis. Le ciment se vend 3$000 réis les 12 fois 15 kgr., c. à. d les 180 kgr., ce qui fait un prix d'environ 16 $^{2}/_{3}$ de milreis la tonne. D'autre part la houille nécessaire à la fabrication est bon marché; on a de la bonne houille d'Angleterre à 8 milreis la tonne.

Les salaires à payer aux ouvriers mécanicions sont de 700 à 800 reis et aux ouvriers pour l'abattage du calcaire de 500 réis.

En dépit du climat propre à la culture des fleurs odoriférantes, la fabrication des parfums est une industrie qui jusqu'à présent n'a pas encore reçu d'attention à Madère. Si le midi de la France, particulièrement la région de Nice à Menton, est si avantageuse pour la fabrication des parfums, les beaux versants de Madère le seraient encore plus et surtout ceux de la côte sud.

On sait que les femmes de Madère travaillent à des prix fort bas à de nombreux travaux de broderie.

La broderie de Madère est une industrie connue sur tous les marchés d'Europe. C'est une industrie essentiellement domestique, mais qui fait que les femmes négligent leur ménage. Jamais on n'a a exporté autant de broderie de Madère comme à présent. Or la main d'œuvre des femmes occupées à la broderie s'emploierait aussi aisément aux travaux des fabriques des parfums.

L'île étant plutôt consacrée à la culture de la vigne et de la canne à sucre, la quantité de blé produite n'est que le quart de celle qui est consommée.

L'osier pousse bien partout sur les bords des ruisseaux ou des mares et fait la base d'une industrie qui serait encore meilleure, si à l'île on savait rendre les ouvrages en osier plus résistants et égale-

ment si on savait le recouvrir de vernis et de peinture comme cela se fait ailleurs, p. ex. dans certaines parties d'Allemagne. Le point faible des objets en osier de Madère est leur fragilité.

Une bonne opération industrielle consisterait à mettre en bouteilles l'eau minérale de S.to Antonio, mais avec la précaution de la charger d'un peu d'acide carbonique que l'on fabriquerait sur place dans un petit générateur. De cette manière on pourrait maintenir une forte proportion de bicarbonate de fer en solution, tandis qu'autrement l'eau ne serait guére transportable. Il s'agirait donc de construire un établissement de captage de l'eau auquel on ajouterait un générateur à acide carbonique. — A Funchal même on vend à l'heure actuelle 3 sortes d'eaux, l'une de S.to Antonio, l'autre de Machico et la 3.e de Porto Santo.

Un verre de chacune de ces eaux se vend 10 reis à Funchal, mais c'est surtout les premières qui arrivent en mauvais état, gardées simplement dans des vases en terre. L'eau de Porto Santo est celle qui est la plus en vogue, seulement au fond cela me semble être uniquement eau trés légérement saumâtre renfermant, de par les infiltrations de la proximité de la mer, du sulfate de soude et du chlorure de sodium. Ensuite sur place, à Porto Santo même, on la charge d'un peu d'acide carbonique. Il y a là un fabricant de limonade, qui fabrique également l'eau minérale de Porto Santo. D'ailleurs toute l'eau de l'île de Porto Santo est plus ou moins légérement saumâtre et cela se comprend aisément quand on considère les petites dimensions de l'île.

Avant de terminer ce récit, je vais rappeler quelques-uns de mes autres souvenirs sur l'île voisine de Porto Santo qui appartient au groupe de Madère et qui en dépend géographiquement et administrativement. Cette île se trouve à 55 kilom. au nord de l'île de Madère.

Il faut à un vapeur environ 4 leures pour aller de Madère à Porto Santo. Elle est de petite population et de culture encore plus petite. L'unique produit agricole d'exportation est le vin et encore cette exportation va en diminuant.

C'est l'île qui fournit la majeure partie de la chaux consommée à l'île de Madère.

La plage de Porto Santo est jolie, surtout quand elle est vue de la mer; alors elle est tout particulièrement coquette avec les quelques palmiers, les sables blanchâtres et les moulins à vent que l'on voit de tous les côtés, car il ne faut pas oublier qu'il y a là beaucoup de vent. Porto Santo rappelle un peu les pays africains proprement dits; en tout cas Porto Santo se rapproche déjà bien plus, par l'apparence, des îles des Canaries que de l'île de Madère.

Il y a un phare à l'ilheu de Cima; tout comme à Madère le phare se trouve à l'Ilheu de Fora.

C'est à l'ilot de Baixo, situé à côté de l'île de Porto Santo, qu'il y a également des dépôts miocènes, tout comme près des fours à chaux de S. Vicente.

Ainsi que je l'ai déjà dit plus haut dans une autre partie de ce travail, il y a à Porto Santo une ocre orangée d'une teinte fort ri-

produite sans nul doute par la dècomposition du basalte et que ne retrouve pas aussi belle à l'île de Madère même.
'u m'a prétendu qu'à proximité du Pico do Facho de l'île de Santo il y a, pendant la saison des pluies, une source dont a une odeur de pétrole. Il est bien possible que cette eau arà se recouvrir de gouttelettes de pétrole, mais comme je n'y pas pendant la saison des pluies, je n'ai pas pu le vérifier.
[aintenant à Porto Santo il y a non seulement les terrains volues représentés par des conglomérats, des basaltes et des tra:s, mais il y a les terrains sédimentaires qui, géologiquement et l'expérience, seraient capables de renfermer du pétrole.
i les hôtels et auberges de l'intérieur de Madère laissent à dé, l'île de Porto Santo est encore pire. Là il n'y a rien du tout. est vrai que des gens de Funchal vont y passer le mois des venes p. ex., mais alors ils descendent chez des amis et ils ont ensoin d'apporter des provisions. Les gens de Porto Santo seraient affamés s'ils n'avoient comme ressource le poisson de la mer. ;uoiqu'il en soit, si à présent Porto Santo n'a plus aucune imnce, il n'en a pas été de même dans les temps passés. De nomt souvenirs historiques s'y rattachent. C'est une île qui a été dérte avant Madère même. Christophe Colomb y a passé et il a sé la fille d'un ancien gouverneur de l'île. Donc si l'île de Porto) est intéressante au point de vue géologique, elle l'est tout auau point de vue historique.

érêt scientifique des recherches minéralogiques à Madère et à Porto Santo

près avoir fait l'ètude minéralogique des îles de Madère et de Santo, après avoir examiné l'île de Gran Canaria et avoir été 'ois de passage à S. Vicente, l'une des îles du groupe du Cap j'ai commencé à faire l'étude comparative de ces diverses réet en particulier j'ai essayé de voir les points de ressemblance dissemblance qu'il pouvait y avoir avec certains des territoires côte occidentale d'Afrique correspondant aux mêmes latitudes. étude a d'autant plus d'intèrêt que j'avais moi-même séjourné ɔn trois ans en Afrique Occidentale française et que j'avais eu sion de reconnaître des zones offrant une grande analogie, comme xemple les terrains volcaniques de la presqu'île du Cap Vert où, comme à Madère, tout comme aux Canaries, tout comme aux u Cap Vert, il y a d'anciennes couches sédimentaires qui semavoir un grand lien de parenté. (Il est vrai que jusqu'à préje n'ai pas eu l'occasion de passer aux Açores et c'est regrettaar ainsi je ne puis pas en parler ici).
onc j'ai voulu rechercher le lien de parenté qu'il y a entre les ınes couches sédimentaires de ces diverses îles et la côte de st Africain. Et naturellement j'ai commencé par faire aussi des rches bibliographiques. Il y a un ouvrage assez remarquable du Ɔœlter, professeur à l'Université de Graz, qui a été publié en 1882

et en langue allemande sur les volcans des îles du Cap Vert et sur leurs produits. J'ai traduit cet ouvrage en français et en portugais.

Il y a là des choses remarquablement intéressantes, mais il y a là également, non pas précisément des erreurs (car un auteur ne peut pas toujours deviner ce qui se découvrira après lui), mais des choses qui aujourd'hui sont inexactes.

Examinons cette question. Aux îles du Cap Vert il y a, au milieu de formations volcaniques plus récentes, de nombreux terrains sédimentaires d'origine antérieure. C'est en particulier à l'île de Mayo que l'on trouve de ces couches. Aussi sans exagération aucune, il est permis de prétendre que dans le sous-sol des diverses îles du Cap Vert il y a des couches sédimentaires anciennes qui autrefois, avant la production des éruptions volcaniques, devaient avoir été reliées ensemble et devaient avoir formé ainsi un ancien petit continent. C'est un fait indéniable.

A la base de cet ancien petit continent il y a des gneiss, des micas et des argillites; un peu plus haut il y a des calcaires.

On rencontre les schistes cristallins qui, à bien des reprises, sont traversés par la syénite, la diorite et la diabase qui sont fortement représentées aux îles de Mayo et de S. Vicente. Il est vrai que les masses calcaires qui se rencontrent à l'île de Mayo sont plus récentes que ces dernières roches éruptives, mais en tout cas elles sont plus anciennes que les couches tertiaires de peu d'épaisseur qui ont été étudiées là.

L'existence d'une ancienne formation sédimentaire antérieure aux formations éruptives est pleinement démontrée; mais ce qui est plus difficile à dire est quelle était l'étendue desdites formations. Il est évident qu'elles devaient s'étendre au-delà des limites actuelles de l'archipel des îles du Cap Vert, mais ce qui est moins clair, c'est de savoir si ce petit continent était oui ou non relié au continent actuel de l'Afrique Occidentale. Or voici ce que le Dr. Dœlter vient nous dire. Il dit qu'il pense que non, parcequ'à toute la côte occidentale d'Afrique entre les degrés 10 et 20 de latitude nord il y a manque absolu de formations calcaires. Or c'est une erreur profonde!

Il se peut qu'en 1882 ces formations aient été inconnues ou peu connues, mais il n'en est pas moins vrai que depuis moi-même j'ai reconnu en Afrique Occidentale française de nombreuses formations calcaires sédimentaires avec des fossiles similaires aux quelques-uns que l'on trouve en des parties choisies des îles de Madère, des Canaries et des îles du Cap Vert.

Or comme l'argument principal des adversaires de la probabilité de la réunion des îles de l'Atlantique à la côte occidentale de l'Afrique disparait, tout simplement parceque depuis on a reconnu de nouveaux faits en Afrique Occidentale française, je ne vois pas pourquoi l'on se refuserait à admettre la possibilité de l'existence d'un ancien continent atlantique (que je n'appellerai pas Atlantide, puisque ce nom a été un peu discrédité par les légendes). Il se peut que cet ancien continent ait été un peu moins étendu que ne le disent les légendes, c'est possible, mais je crois qu'il a existé.

Par contre ce qui est également probable, c'est que l'ancien continent hypothétique ne s'étendait guère au-delà de l'ouest des îles de Madère, des Canaries et du groupe du Cap Vert, mais qu'il était réuni au continent actuel de l'Afrique. Et pourquoi? C'est parceque dès l'île de S.[to] Antão du groupe des îles du Cap Vert, qui est l'île la plus occidentale dudit groupe, il n'y a plus de terrains sédimentaires anciens.

EUG. ACKERMANN.

OS VULCÕES DAS ILHAS DE CABO VERDE E OS SEUS PRODUCTOS

(Concluido da pag. 368)

CONCLUSÃO[1]

Os terrenos de mais antiga formação que se espalham nas Ilhas de Cabo Verde, formação que se apresenta no seu maximo desenvolvimento na ilha de Mayo, fazem suppor que na area que hoje occupam, havia um grande e antigo continente; os gneiss, micas e argillites formaram a base sobre a qual se elevaram as massas calcareas. Encontramos estes schistos cristallinos muitas vezes interrompidos por erupções de antigas rochas eruptivas, syenite, diorite, diabase, que mesmo hoje téem importancia não pequena, especialmente nas ilhas de S. Vicente e Mayo. As massas calcareas que se encontram na ilha de Mayo são mais recentes que estas rochas eruptivas, mas, em todo o caso, são mais antigas do que as camadas terciarias de pouca espessura que foram ali estudadas.

A existencia d'uma antiga formação sedimentar anterior e eruptiva é portanto indubitavel; qual era a extensão d'esta, seria uma questão difficil de resolver. Pode bem admittir-se que ha-de ter-se estendido mais largamente que no archipelago mesmo, mas tambem é bastante duvidoso se esta formação estava em communicação com o actual continente Africano; em toda a costa occidental da Africa de 10° até 20° N. faltam inteiramente as formações calcareas[2]; mas

---

[1] A litteratura mineralogica e geologica sobre as ilhas do Cabo Verde é muito pequena; pode-se mencionar especialmente as observações de Darwin sobre os arredores da Praya (Ilhas vulcanicas) e os jornaes de viagem de Barth (Ausland 1887); a noticia de Stelzner já foi citada. O resto é de pouca importancia.

[2] *Nota do traductor*, — O Dr. Dœlter diz que em toda a costa occidental da Africa de 10° até 20° N. faltam absolutamente as formações calcareas. Neste ponto engana-se. Deve comtudo reconhecer-se que não é sua a culpa, porque em 1882, data da publicação do seu livro, as formações calcareas da Africa entre 10° e 20° N. eram desconhecidas ou pelo menos muito poucos conhecidas. — Em todo o caso posso dizer que, quando andei, ha poucos annos, no Senegal,

ali existem, mais no interior, schistos ricos em quartzo; pelo menos conheço-os na região superior do Rio Grande; mas tambem ao norte podiam encontrar-se.

E' duvidoso que estas massas estejam em relação com as massas das ilhas de Cabo Verde; parece pouco provavel em razão da falta das formações de calcareo no continente. — Uma outra questão seria saber se este continente estava ligado com as Canarias e a ilha da Madeira, aonde tambem ha restos d'uma antiga formação eruptiva e se o continente [1] que antigamente foi tomado por esta terra se estendia tanto para o Sul. Por agora o problema não pode resolver-se.

Mas como quer que seja, as erupções que causaram os vulcões de Cabo Verde, produziram-se nas costas d'um massiço maior, depois de, provavelmente a léste ou a suéste d'este massiço, se ter formado uma depressão, porque uma extensão para o occidente do antigo continente não é provavel, pois já na ilha de S.to Antão, a mais occidental do grupo, não podiam encontrar-se nenhuns terrenos d'estes. E' difficil dizer quaes são as ilhas que se formaram primeiro, mas, considerando os effeitos da erosão, podem bem ser consideradas as ilhas de Mayo, S. Thiago, Boavista, S. Vicente como as mais antigas, emquanto que as ilhas do Fogo, S.to Antão, S. Nicolau mais recentes; provavelmente os vulcões não estavam todos em actividade ao mesmo tempo, mas pelo menos alguns eram simultaneos. Em quanto ao principio das erupções, é difficil de o fixar exactamente; na ilha de Mayo ha sobre os basaltos camadas que teem petrificações muito semelhantes aos animaes que ainda existem; o mesmo se encontra nas outras ilhas. Portanto pode bem ser que as erupções só tenham começado na parte mais recente da epocha terciaria.

Todas as ilhas apresentam vulcões isolados. A ilha de S Thiago apresenta um alto vulcão estratificado, cuja cratera principal devia ter sido o Pico d'Antonia. O cone tem cerca de 1:000 metros de

em pesquizas minereas para o Governo Francez, vi eu mesmo numerosas formações sedimentares calcareas com fosseis semelhantes áquelles que se encontram em algumas partes das ilhas da Madeira. das Canarias e de Cabo Verde. As formações sedimentares calcareas encontram se na Africa franceza. em primeiro logar proximo de Dakar, depois nos arredores de Thiès, mais entre Thiès e a «Pointe Sarène» e provavelmente se encontrarão no subsolo d'uma grande parte do Senegal. quando se fizerem sondagens, seja com o fim de obter agua, seja por qualquer outro motivo. — Estando assim evidentemente provada a existencia, no continente da Africa entre 10° e 20° N., de formações calcareas, desapparece completamente o argumento principal dos adversarios da probabilidade da juncção d'algumas das ilhas do Atlantico com a costa occidental da Africa. E' claro que esta juncção não era tão extensa, como dizem os partidarios da existencia da Atlantide, mas ao menos parece-me certo que uma pequena parte da supposta Atlantide verdadeiramente existiu. As antigas formações sedimentares das ilhas de Madeira, das Canarias e de Cabo Verde estavam provavelmente ligadas entre si e tambem com uma pequena parte do actual continente da Africa

[1] Como se sabe, ha muitos adeptos da existencia da Atlantida que pensam que ella pode ser transferida n'esta região, mas o maior numero de motivos para isso são puramente hypotheticos.

a e está sobre uma planicie alta de 1:500 metros, que nos tempos os era provavelmente circumdada d'uma parede craterica exte- Mais tarde os flancos do Pico d'Antonia foram provavelmente :os do lado do norte pelas explosões e, na caldeira assim produ- formaram se pequenos cones, como o Monte Chegão e o Monte nelho.

A actividade d'erupção explosiva d'estes combinada com os effei- ulteriores da erosão produziu finalmente um valle de caldeira de :ilm. de largura, a Achada Falcão, cujo terreno se eleva a uma 'a de 700 metros. O grande vulcão do Pico apresenta uma estru- a inteiramente symetrica, de todos os lados correm correntes de de pouca espessura até a uma grande distancia, produzindo pla- s como a de Tarrafal, S. Thiago, Ilheu. Tambem ha veios em s as direcções, é verdade sómente na circumvizinhança do prin- ponto d'erupção, mas em geral estes veios são pouco espessos ignificantes, quando se comparam ás correntes. As massas de lava separadas por pequenas camadas de massas soltas projectadas; este vulcão do Pico a quantidade é pequena. Simultaneamente, e ›em depois da actividade do vulcão principal, havia pequenas ›ras secundarias em actividade.

ndependente dos vulcões principaes apresentam se em diversos os cupulas em forma de sino, formadas de phonolithe, como por nplo o Monte Gracioso que tem 1:000 metros de altura; depois quena cupula atraz da Praya, etc. Durante o tempo de erupção a de S. Thiago foi submettida a um levantamento, como se per- pelo exame das camadas terciarias mais recentes que se encon- na costa; uma parte das lavas está abaixo d'estas camadas ter- as, mas a maior parte das lavas está pela parte de cima.

›mquanto aos productos do vulcão, são principalmente de natu- basaltica; são os basaltos com plagioclase os mais frequentes, ha basaltos com nepheline e limburgite, mais raramente te- e, basanite, phonolithe. Com excepção da ultima as rochas são atureza basica e a percentagem em acido silicico é de menos de 'o.

lão se pode estabelecer uma diversidade d'edade das rochas mi- ogicamente diversas ou mesmo limitação d'uma qualquer região :ial. Todas as rochas estão muito juntas umas das outras e apre- ım-se em correntes que se formaram em pouco tempo uma outra.

ı ilha de Mayo parece não ter sido nunca a séde de intensa acti- le vulcanica. A rocha mais frequente, a phonolithe, forma uma serie ristas que talvez fossem elevadas em forma de sino; mais tarde ou-se em vulcão de pouca altura, o Monte Penoso, que, prova- enté estava ligado com o Monte S.to Antonio, que está em logar sto a uma distancia de 2 kilometros e que é um vulcão normal tificado; d'este vulcão sahiram lavas em forma de veios que inter- ›eram as formações eruptivas e sedimentares.

ı ilha do Fogo é um vulcão estratificado muito semelhante ao de hiago; consiste em um massiço mais antigo que se formou pri-

meiro e que a cerca de 1:500 metros de altitude é coroado por um planicie. N'esta eleva-se o novo cone, que comprehende a Somma com um cone interior; as lavas do novo cone são de natureza basaltic e contéem muita olivine. (Sobre as dimensões da cratera veja as indicações de Stübel em «Von Fritsch und Reiss, Tenerife»).

A ilha Brava é uma rocha de pouca altura que consiste em phonolithe rica em feldspatho.

No grupo septentrional das ilhas de Cabo Verde, S.to Antão é maior e a mais importante. Mostrei que este vulcão comprehend uma alta e poderosa montanha conica de crista comprida que est ligada com a montanha do SW. para NE.

A primeira, o Tope da Coroa, é provavelmente a parte que ultimamente cessou as suas erupções; comprehende o mais antig massiço que, n'uma altitude de 1:600 metros, é limitado por planicie que era provavelmente o antigo chão da grande cratera de cerca d 6 kilometros de diametro e cujo valle de circumvallação ainda exist em parte, tendo sido a outra parte destruida por ulteriores erupçõe de pequenos cones.

No interior d'esta cratera eleva-se o alto cimo do Tope, que tam bem tem uma cratera dupla, cujo interior só tem 200 metros de dia metro; á roda d'este cone ha no antigo chão craterico uma serie d pequenas crateras que não são muito altas, como o Siderão, o Pe nella, o Campo Redondo, o Covão, etc., que em parte destruiram a parede da cratera [1]. A crista longitudinal, que se junta no Topo foi formada por um grande numero de abysmos, como o dos Marc ços, a Lagoa Achada, a Cova, que provavelmente estavam ao mesm tempo em actividade, mas tambem fizeram, especialmente no de clive sul, provavelmente em todos os tempos, com certeza no fim d actividade d'erupção, um grande numero de crateras, cujos restos s vêem por toda a parte e que não sómente deram producto d'erupção mas tambem correntes de lava. Emquanto á natureza da lavas, ha ainda a léste as phonolithes e as tephrites, a oeste e n sul ainda ha os basaltos, nephelinicos e plagioclasicos, como a lim burgite e as pyroxenites. Enormes veios de varia composição mine ralogica designam especialmente a parte media da ilha. Por toda parte e em particular na região do Tope, apparecem, juntas uma das outras, as mais diversas rochas sob o ponto de vista mineralogico

O vulcão de S. Vicente apresenta-nos um grande vulcão simples que é principalmente construido de muito possantes correntes de lava que se estendem em forma de capa em todas as direcções. Veios enormes, de diversas direcções, interrompem por toda a parte o valle de circumvallação. Na orla exterior d'este valle formou-se uma serie de pequenas crateras secundarias que não deixam de ter importan cia, e que pelo seu estado de conservação parecem muito mais novas do que a cratera principal. No interior do valle craterico e mesmo n valle craterico reconhecem-se os restos das antigas formações sedi

[1] Veja o mappa. O grande numero de crateras produz uma imagem qu lembra os vulcões da lua.

; e eruptivas. A presença de rochas de grãos grossos no meio lo de S. Vicente é, em todo o caso, muito notavel, e poder-se se estas rochas pertencem, realmente, a uma formação iga e se talvez não são productos mais novos do vulcão que, no centro d'este, a alta pressão, obtiveram tal estructura; as palavras póde-se perguntar se não ha aqui um exemplo de ecentes de estructura granitica, como já se tem dito diversas.

minha primeira viagem pensei que seria assim e fiz todo o para esclarecer este ponto importante; felizmente tive occa- visitar o logar diversas vezes e em intervallos de diversos e tal modo que tinha bastante tempo para verificar sufficien- esta hypothese. Apezar de não querer negar a formação de e estructura granitica mesmo nos tempos recentes, não me ue haja aqui um exemplo d'esta.

ochas de grãos grossos não formavam de facto um massiço tinuo, mas muito provavelmente (antigamente como agora) n, ligadas com camadas sedimentosas, uma superficie maior ida hoje se levanta o cimo da circumvallacão da cratera do o. Portanto não se póde dizer que ha uma massa central que or é plenamente crystallina, na orla porphyroidica ou com- estructura varía muitissimo no massiço das rochas mais an- a uma perfeita transição da diabase de grão fino, quasi com- á syenite de grãos grossos, sem nenhuma disposição regular ca.

iesmas rochas com schistos, gneiss e calcareo, apresentam-se ás vezes, nas outras ilhas, na R. Barca, perto de Praya, na Mayo, aonde isso se não dá e tambem na ilha de S. Vicente rompidas por veios de basalto e cobertas por correntes de é para notar que as rochas que atravessam, são mineralo- himicamente bem differentes das rochas atravessadas. Por- as rochas microcrystallinas de S. Vicente, como as inteira- ialogas das outras ilhas, devem ser cousideradas massas que am antigamente. Aliás, penso eu, que ha provavelmente pe- lifferenças entre as rochas eruptivas antigas macrocrystalli- recentes. Muitas das rochas que foram designadas por al- loradores como graniticas são de facto porphyroidicas. É só n Siebenbürgen que eu conheço alguns poucos dacites de es- verdadeiramente granitica, que de facto se distinguem das iais antigas apenas pela presença muito esporadica de inclu- sos. Tambem não posso admittir a completa identidade dos nais antigos com os mais recentes. Se em epocas antigas se a principalmente rochas graniticas, emquanto que actual- pparecem principalmente rochas compactas, se em periodos os tufos apparecem raramente, emquanto que são muito re- ara os vulcões actuaes, a erosão e o conhecimento defeituoso or dos vulcões não têem que ver com isso, mas as condições , pressão, exhalação de gaz e impregnação, hão-de ter mos- ferenças quantitativas.

O typo do vulcão da ilha S. Nicolao é a crista longitudinal; o ponto mais alto tem cerca de 1:300 m.; o do Sal parece ser um grande vulcão, bastante baixo. Não tenho informações sobre a ilha da Boavista, mas vi calcareos de côr acinzentada que véem de lá e se diz que são abundantes; esta ilha é muito plana e apresenta só poucas elevações.

Entre as mais antigas rochas das ilhas do Cabo Verde, estão especialmente representadas as diabase, diorite e syenite com nepheline de composição chimica varia, emquanto que a percentagem em acido silicico está comprehendida entre 56 e 41.

As rochas eruptivas mais recentes são em parte phonolithes, em parte basalticas. Faltam as rochas trachyticas. As primeiras decompõem-se em rochas augiticas muito frequentes, e em rochas com hornblenda.

Conforme a estructura, são muitas vezes porphyroidicas ou compactas pela presença de maiores crystaes de augite, orthoclase ou hornblenda; em diversas predomina a orthoclase, em outras a nepheline, emquanto que os bisilicatos só se apresentam em pequena quantidade; algumas contéem duas augites chimicamente combinadas, das quaes as maiores são em geral sem soda, e as pequenas, que se apresentam na massa fundamental, são augites sodicas. As phonolithes juntam-se ás rochas basicas, tephryticas ou ás rochas com plagioclase e nepheline. Em primeiro lugar ha uma divisão que contem orthoclase com a plagioclase, que mesmo parecem ter muita semelhança com as phonolithes. Mas a segunda divisão approxima-se em todos os sentidos dos verdadeiros basaltos nephelinicos ou plagioclasicos e passa a estes; n'estas rochas a augite que se funde difficilmente, é de côr avermelhada e não verde como na primeira divisão; este mineral (a augite) chega a ser constituinte principal, em quanto que a nepheline e o feldspatho são secundarios. Estas rochas são muito regularmente formadas quer tenham olivine (e n'este caso são basanite) quer a não tenham. Os nomes tephrite e basanite foram aceites especialmente pela analogia com as Canarias, mas os nomes basalto plagioclasico e nephelinico exprimiriam melhor a relação com os basaltos. A estes basaltos com plagioclase e nepheline podem agrupar se os basaltos feldspathicos, que aliás differem só pouco em composição chimica e de que o feldspatho é em geral um basico, pertencendo á serie do labrador. Pela estructura distinguem-se rochas doleriticas, porphyroidicas e compactas; a base vitrificadora falta lá inteiramente. Na maior parte a augite é o constituinte principal; a olivine encontra-se em quantidade variavel.

Os basaltos nephelinicos dividem-se em basaltos sem olivine ou nephelinites e em basaltos com olivine. Dos primeiros ha alguns que se approximam das rochas tephriticas, sendo a nepheline o constituinte principal, emquanto que a augite sodica verde é mais rara, mas em compensação ha mais frequentemente a hauyne (noseane). Conforme a sua percentagem em acido silicico estas rochas correspondem approximadamente ás tephrites. Uma outra divisão das nephelinites é de modo inteiramente analogo formada como os verdadeiros basaltos ne-

nicos, em quanto que finalmente uma parte é caracterisada pela
ɜza em nepheline e se approxima das pyroxenites. Para os ver-
iros basaltos nephelinicos a olivine é muitas vezes só accessoria,
aramente se apresenta em grande quantidade; a augite de côr
nelhada ou amarellada, que se apresenta muitas vezes porphyroi-
funde-se difficilmente, não contem sóda e é sempre constituinte
ipal; tambem estas rochas passam, pela diminuição da nepheline,
rochas com base vitrificadora predominante ou limburgite. As ro-
sem feldspatho nem nepheline são em geral limburgite que tem
ıe; em parte consistem sómente em augite, vidro, magnetite, py-
ıite; as duas rochas apresentam uma base ora castanha, ora des-
la, que sob o ponto de vista chimico téem em parte os elementos
epheline, em parte os elementos da nepheline e da plagioclase,
raramente da plagioclase só. Portanto estas rochas são seme-
ɩes ás tephrites (basanites), em parte com as nephelinites (basal-
ıephilinicos), em parte com os basaltos a plagioclase.
Como representantes das rochas leuciticas foi observada uma ro-
bastante frequente, uma augite com noseane e leucite, cuja per-
ıgem em acido silicico a colloca ao lado das phonolithes; pela
rpção da plagioclase e da nepheline esta rocha passa a uma
›-tephrite.
E' principalmente na ilha de S.to Antão, aonde a erosão tem
ado menos, que ha areias soltas, tufos, massas projectadas; aqui
ominam especialmente lapilli e pequenas massas projectadas de
a pomes; as ultimas pertencem mineralogicamente á phonoli-

Ia areias que contéem olivine e os constituintes d'esta são muitis-
ricos em inclusos vitrosos. A consideração da presença da oli-
faz prevêr que ella foi produzida por separação do magma.
eriencias de fusibilidade não deram differença alguma no ponto
ısão de magmas com olivine e de magmas sem olivine. As mas-
projectadas de S.to Antão são particularmente interessantes pelo
ominio da augite e pela alta percentagem em hauyne, depois pela
ença de muita titanite e melanite; tambem estas ultimas parecem
segregações granulosas d'uma massa vitrosa.
Conforme a composição chimica as lavas dos vulcões aqui con-
·ados formam uma serie continua, cuja percentagem em acido si-
o varia entre 56 e 38, mas lavas mais basicas são mais frequen-
As rochas ricas em acido silicico, as phonolithes, são em geral
ıais antigas, mas apesar d'isso apresentam-se tambem, em tem-
ulteriores, erupções de phonolithe.
Na ilha de S.to Antão, aonde com certeza as phonolithes são mais
gas, apresenta-se no Tope, como uma das rochas mais recentes,
ucitite com 48 % de $Si\ O_2$. Como já foi indicado, é notavel a
posição dos numerosos e pequenos abysmos do Tope. No Covão
ıephelinite, no Pico Losnas ha basalto com plagioclase, no Side-
ha leucitite, na Lagoa Achada ha pyroxenite, no Campo Grande
s as rochas basalticas possiveis; mas afinal a percentagem em
o silicico não varia muito, fica comprehendida entre 41 e 48.
ı

	SiO_2	Al_2O_3	Fe_2O_3	FeO	CaO	MgO	K_2O	Na_2O	H_2O	SO_3	Somma	
Phonolithe, Cova S.^ta^ Antão....	56,09	22,22	4,08	—	0,69	vestigios	7,21	9,16	1,09	vestigios	100,54	—
Pedra pomes, Campo Grande. ..	51,61	24,72	1,10		0,49	vestigios	7,89	8,35	5,62	vestigios	99,78	—
Leucitite, Siderão	48,46	21,81	2,17	3,75	4,58	0,68	3,86	8,41	2,08	2,97	100,90	0,13 Cl
Tephrite, Cova	47,44	23,71	6,83	3, 3	6,47	1,95	3,34	6,40	1,73	—	101,40	—
Nephelinite, Povoação...	46,55	21,59	8,09	—	7,97	2,49	2,04	8,93	2,09	—	100,15	—
Basalto com plagioclase, R. Patas.	41,83	18,60	16,11	—	11,83	4,98	2,47	4,70	0,91	—	101,43	—
Limburgite, Pedra Molar.......	41,12	10,17	2,60	9,82	14,90	13,34	2,27	6,61	0,67	—	101,50	—
Nephelinite, Covão	41,09	18,35	14,89	—	8,79	1,78	3,14	8,79	1,26	2,11	100, 5	0,45 Cl
Basalto com nepheline, R. Patas.	40,13	16,17	5,71	8,89	10,99	7,05	1,22	4,10	0,97	—	101,20	5,97 CO_2
Massa projectada, Pico da Cruz..	35,91	17,03	14,81	—	15,44	6,07	0,64	4,43	1,48	1,90	99,66	1,95 TiO_2
Phonolithe, Praya, S. Thiago...	53,80	23,59	3,57	1,88	2,26	0,87	4,77	9,05	1,50	—	101,29	—
Pyroxenite (tephrite), Picos.....	45,04	16,04	7,10	8,23	10,19	4,46	2,85	6,11	0,35	—	100,35	—
Basanite, Pico....	43,09	17,45	18,98	—	9,76	4,63	1,81	5,02	0,33	—	101,08	—
Limburgite, Tarrafal.	42,69	14,14	15,86	—	11,59	9,06	1,75	3,12	1,71	—	99,92	—
Basalto e plagioclase, Picos...	42,65	15,35	6,46	8,19	11,96	7,14	1,47	5,02	1,28	—	99,52	—
Limburgite, Orgãos...........	40,28	18,18	17,07	—	13,53	5,32	1,43	4,38	1,20	—	101,39	—
Tephrite, S. Vicente..........	43,07	16,11	15,42	—	10,87	5,71	2,67	4,49	2,97	—	101,41	—
Pyroxenite, Madeiral..........	40,95	24,19	9,51	—	10,99	5,11	2,59	5,69	1,62	vestigios	99,95	—
Phonolithe, Mayo.......	50,05	20,98	2,12	4,05	4,12	1,65	6,19	8,43	4,35	—	101,94	—
Pyroxenite, Mayo	44,49	22,94	7,90	6,14	2,06	5,75	2,10	5,86	3,03	—	100,67	—

a de S. Thiago as lavas apresentam pouca differença em
ιs uma differença mineralogica muito maior. Nos valles de
Ͻrgãos ou na Achada Falcão encontram-se juntas as mais
rochas. Na ilha de S. Vicente predominam as rochas com
e. Na ilha de Mayo são muito estreitamente ligados uns aos
saltos nephelinicos, pyroxenites, limburgite.
ɔella junta indica a variavel composição chimica das lavas
'o vulcões.
ıarando as rochas de que temos fallado, com as rochas ana-
ɔutras regiões, podiamos ter uma analogia para as phonoli-
ͻ tephrites com as das Canarias, mas segue-se das analyses
honolithes e as tephrites das Canarias são muito mais acidas
as Ilhas de Cabo Verde; tambem se vê que as phonolithes
ırias téem mais cal e magnesia que as de Cabo Verde. Tam-
ınalyses de basanites das Canarias apresentam uma percen-
: 50 [1] de acido silicico. Portanto as phonolithes da Bohemia
riam antes com estas, por exemplo as de Kl. Prusin e de
uk; tambem são muito perto as phonolithes do Monte Ferru
ɔnha que eu examinei. As phonolithes typicas do Auvergne
hon são em geral mais acidas.
phrites não teem comparação com typos europeus. Emquanto
ɔom leucite e com noseane, encontram-se typos semelhantes
ıs da Laacher-See, por exemplo pelas analyses de Roth das
ɔm leucite e com noseane de Rieden e de Olbrück, mas ne-
'estas tem a percentagem em Si O_2 da nossa rocha. E' com
de Vultur que a nossa rocha tem a maxima analogia, como
a analyse de Rammelsberg [2].
ısaltos com plagioclase de Bohemia contéem muito mais alu-
ɔ os de Cabo Verde; concordam melhor com os ultimos as
do Meissner e do Scheidsberg, analysadas por Mohl. Das ne-
ı a da Povoação concorda até um certo ponto com a nephe-
Katzenbusckel [3] analysada por Rosenbusch; a nephelinite
ɔ concorda com as lavas da Eifel, mas a percentagem em
pouco mais fraca. Emquanto aos basaltos nephelinicos de-
ıparar-se às lavas de basalto da Eifel analysadas por Hus-

ɔoucas limburgites, que foram examinadas até hoje, é a de
que se approxima muito da nossa. As analyses de Mohl do
l e do Sababurg [5] provam que as tachylites podem ser muito
das pyroxenites. Aonde pequenas massas de calcareo foram
s por maiores massas de lava, podem ser observados phe-

ıch u. Reiss, Tenerife Winterthur. — Boricky, Studien an den Pho-
öhmens. — Doelter, Die Producte des Vulcan Monte Ferru — Roth,
ur Petrographie. 1879. — Vom Rath, Z. d. Geol. gesellschaft, 1864.
d. geolog. gesellschaft. 1860.
Nephelinit vom Katzenbuckel, 1869.
Ferveckc, N. J. f. M., 1879.
l, N. J. f. M, 287.

nomenos de contacto. Formação de marmore em grão grosso, dolomitisação, formação de serpentina ou de zonas de contacto de crystaes de epidote e de granato, foram observadas muitas vezes e são interessantes, porque especialmente a formação de mineraes ao contacto de mais recentes rochas e eruptivas é bastante rara [1].

Nas ilhas Brava e S.to Antão foi reconhecida a presença de muitas nascentes mineraes ricas em acido carbonico e algumas de alta temperatura.

Os mineraes que foram descriptos, são muito interessantes. As orthoclases isoladas são muito ricas em soda. Pela orthoclase da Praya, que vem da phonolithe, a percentagem em soda é um pouco mais alta que a percentagem em potassa; a determinação dos planos de extincção indicou um feldspatho monoclinico e a observação á luz convergente confirmou isto. E' verdade que não se pode provar com toda a certeza se toda a soda provém da orthoclase ou se não ha junto um pouco de oligoclase, mas, em todo o caso, só muito pouca soda se pode conter na ultima (a oligoclase), porque uma serie de crystaes examinados provaram ser monoclinicos.

Nas diversas rochas as plagioclases são differentes, mas em geral parecem mais pobres em acido silicico; é provavel que appareçam frequentemente n'uma mesma rocha plagioclases que correspondem a diversas misturas. Em todo o caso é nas tephrites que as plagioclases parecem mais acidas.

As augites tambem são muito diversas nas diversas rochas; ás vezes são sodicas, outras vezes não são sodicas, mas em geral a maior parte d'elles tem uma pequena percentagem de acido silicico, menos de 40 % frequentemente. Estas augites conteem muito mais $R_2 O_3$ do que as outras que foram examinadas e confirmam a existencia da combinação $R^{II} R_2^{III} Si O_6$. Em muitas augites sodicas a percentagem em $Si O_2$ é tão fraca que a supposição d'um silicato $Na\ 2\ Si_3 O_9$ ou d'um silicato com akmite não parece possivel. Portanto é necessario reconhecer a existencia d'um silicato basico $Na_2 R^{III}_2 Si O_{13}$. Mas o calculo das percentagens d'estas interessantes augites ha-de fazer-se n'outro logar. Das 3 hauynes estudadas duas eram sodicas, a do Siderão, e uma pura noseane, apesar da sua semelhança com a hauyne calcica typica.

Tambem as olivines são muito diversas, porque a relação entre Fe e Mg é muito variavel, o que é tambem indicado pela differença da fusibilidade. Alem d'isso segue-se das analyses que as nephelines das rochas aqui estudadas tem mais potassa que a generalidade das já analysadas, porque por um $K_2 O$ ha ás vezes só 3 de $Na_2 O$ e até só 2. Os seguintes mineraes fazem parte da composição das nossas lavas (classificadas pela frequencia): augite, plagioclase, nepheline, orthoclase, olivine, hornblenda, hauyne, magnetite, leucite, biotite, titanite e granate. Os mineraes da serie trachytica, quartzo e tridy-

[1] R. Hoernes descreve esta presença de rocha de granate em Samothracia mas a granate não se encontra em contacto directo com a lava.

:e faltam inteiramente. Comparando com outras regiões vulcanicas
ɔredominio da augite, nepheline e tambem da hauyne é notavel.
ı relação ás combinações mineraes rochosas a nepheline e a augite
m ou sem olivine) são as mais frequentes, depois veém as rochas
ɔ nepheline e com plagioclase ou com nepheline e orthoclase e de-
s as plagioclasicas, augiticas e olivinicas.

As lavas dos vulcões de Cabo Verde offerecem portanto uma abun-
ıcia de interessantes mineraes e combinações de mineraes, e só las-
o que por causa de diversas difficuldades e accidentes (entre os
.es devo contar especialmente a perda d'uma quantidade de
ɔstras de rochas) não me fosse possivel fazer investigação mais com-
:a das rochas de todos os vulcões; mas confio que por tudo que
se aqui, vou estimular a fazer outros trabalhos com o mesmo fim.

Dr. C. Dœlter

Traduzido do allemão por Eugène Ackermann

MITRAS LUSITANAS NO ORIENTE

(Continuado de pag. 351)

258) 1878 Junho 26. *Circular*. 1 Por occasião do incendio e rou-
ı havidos nas egrejas de..., mandei tomar as necessarias precau-
s para se evitar semelhantes sinistros, e fiz responsaveis os paro-
ıs e os gerentes dos cofres das egrejas, se por sua falta a egreja
řer algum damno; aconselhei a acquisição de cofres de ferro;
citei a observancia de minha circular de 22 dez. 1877, pela qual
ɔuz aos officiaes da egreja a obrigação de se não ausentarem do
ıplo de noute; mandei que se recatasse o lume da lampada, dos
tiçaes...; se abrisse biennalmente os cepos ou mealheiros das
'ejas, e se recolhesse o dinheiro no cofre.

2... «Sem exigir para as egrejas e capellas das missões deste
pado, luxo nem magnificencia. quero e desejo sejam ellas ao menos
ıpas e aceiadas, e o templo do Altissimo se não assemelhe a al-
rgue, onde Elle seja acolhido como por caridade». Mostrei que a
iguidade dos meios pecuniarios nas missões menos populosas, se é
staculo para a magnificencia da egreja, não justifica o desalinho do
nplo, dos altares. da sacristia. Suscitei a observancia da minha
cular de 12 ab. 77, e recommendei que: *a)* na egreja as imagens
ıuadros fossem taes que inspirassem respeito e devoção; *b)* os canticos
lingoa vulgar que se dizem na egreja, exprimissem pensamentos pios;
não ficassem patentes na egreja, objectos que só servissem para certas
:asiões, pois o templo do Senhor não deve ser armazem de vendilhões,
n parecer museu de curiosos; *d)* se puzessem as velas no altar

direitas, com a competente dirandela, e distantes um palmo uma da outra; *e)* houvesse ao pé do altar almotia ou escarradeira para se lançar a agua do lavatorio dos dedos do celebrante; *f)* se não tolerasse no calix, na peanha das imagens &c. inscripção ou emblema indecoroso; *g)* houvesse para cada altar frontal permanente de marmore ou de taboa pintada a oleo; *h)* se evitasse na egreja susurro, choros de crianças, gritos dos mechanicos.

3 Mandei se advertisse aos pais de familias que apresentassem seus filhinhos á pia baptismal, o mais depressa possivel depois de nascidos, e se combatessem as razões que elles allegam para adiar o sacramento; se limpasse biennalmente a fogo as ambulas dos st.[es] oleos; não se conservasse o sal em vaso de metal, por ser sabido que o oxydo que o metal produz em abundancia, é mui perigoso sobretudo para creancinhas; mas se guardasse em copo de crystal &c. coberto com cartão; não se impuzesse aos baptisandos nomes que a Escriptura attribue a Deus, mas nome de santo canonisado, e appellido de familias portuguezas, se o pai da creança o não tivesse; se observasse estrictamente as leis geraes da egreja, e as peculiares do bispado (circ. 14 ab. 1837), que sob p. de susp. probibem ouvir de confissão as mulheres, sem sobrepelliz e estola, e fóra do confissionario; se considerasse desde já em vigor esta prohibição nas egrejas, onde ha confissionario fixo ou portatil, e d'ahi a 2 mezes onde o não houvesse, devendo n'esse praso fazel-o; ficando exceptuada d'esta prohibição a confissão das mulheres surdas, enfermas ou impedidas de irem á egreja, as quaes serão confessadas em logar conveniente.

Relativamente a celebração das funcções ecclesiasticas, mandei se observasse em todas as egrejas do bispado, o disposto na portaria de 24 jan. ant.: com respeito a hora disse que o parocho d'accordo com os gerentes da confraria, fizesse uma pauta designando tempo de principiar cada uma das funcções; se lesse essa pauta ao povo, e affixasse á porta da egreja: onde não houvesse relogio aconselhei a construcção de relogio solar, perto da egreja.

4 Inculquei a conveniencia de haver em cada uma das missões repositorio historico-ecclesiastico denominado *Annaes da parochia*, dividido em duas partes, consignando se na I parte: *a)* a origem e fundação da parochia; *b)* data da erecção da egreja e capellas filiaes; *c)* variação da população em cada decennio, com as causas que a motivaram; *d)* nomes e naturalidades dos parochos que regeram a parochia, data de sua entrada, posse, transferencia ou morte, com os factos importantes da sua vida; *e)* data da visita dos arcebispos primazes, dos bispos diocesanos e vigarios geraes, com a relação dos successos notaveis então havidos; *f)* nomes dos fundadores e bemfeitores da egreja, donativos por elles feitos, circumstancias que occasionaram esse donativo, seu valor, renda, titulo dos bens de raiz, confrontações; *g)* denominação das confrarias, e associações de piedade e caridade existentes na missão, seu objecto, data da approvação de compromisso ou estatutos; *h)* as peregrinações mais notaveis que houvesse na missão, as graças espirituaes e corporaes alcançadas pelos re-

s, suas offertas; i) descripção dos actos solemnes e extraordina-
ıavidos na egreja, como o jubileu, consagração da parochia ao
ção de Jesus, 1.ª communhão de meninos (64).
omprehenderá a II parte: a) a relação dos costumes e habitos
vo, as tradições ou lendas locaes, usos e trajos, superstições que
n na celebração das festas, baptisados, bodas, funeraes; canções
ares, b) a diversidade de cultos existentes na missão, os princi-
erros dos sectarios, seus ritos, numero de ministros e adheren-
·) descripção dos monumentos historicos, ruinas...; d) consigna-
› resultado das lucubrações philologicas sobre os nomes desusados
christãos) e sobre nomes patronimicos, em malabar ou tamul,
a versão d'elles em portuguez; e) descripção topographica do
sem desattender a geologia, a botanica, a linguistica, segundo
o do talento e conhecimentos scientificos do respectivo missio-
.

De novo recommendei se recrutassem alumnos para o seminario
ıppé, e o collegio de Tuticorim; e os parochos observassem at-
nente as tendencias e vocação dos meninos piedosos, os encami-
em á virtude, procurassem aos que fossem pobres os meios para
ı educação n'um daquelles dois estabelecimentos; e depois de
tidos vigiassem o seu comportamento durante as ferias. Mostrei
ıs economias que um sacerdote e parocho podem fazer, melhor
'ação não podem ter do que para preparar obreiros para a vinha
ınhor; que visto ser dilatado este bispado, e difficilmente poder
ıiodiocese de Goa fornecer o necessario pessoal de missionarios,
ıastorear mais de 75.000 almas de que estas missões se compõem,
ter envidarem os missionarios todos os seus esforços, para pro-
para a egreja, entre os proprios indigenas, dignos successores
ıus apostolicos trabalhos, quer seja educando por si mesmo pie-
levitas, quer seja recolhendo a maior somma de offertas, para
o d'elles em Allappé ou Tuticorim. Antecipadamente respondi
jecções que poderá allegar se, para se não executar o que acabo
ıinuar.

Recommendei aos parochos applicassem os seus desvelos pasto-
por arredar os seus parochianos do hediondo vicio da embria-
inculcando-lhes a sobriedade, se não a total abstinencia de
ıs alcoolicas, especialmente nos dias de guarda, no da com-
ão, e vespera d'esse dia. Afim de evitar o perigo de enterrar-se
ıitadamente as pessoas caidas em lethargia, prohibi sepultar-se
ão algum antes de espaçarem 24 horas de fallecido, salvo caso
ste.

---

(64) V. meu *Guia dos officiaes da egr.* 189, 90.

c) CEYLÃO (1)

Foi descoberta esta ilha pelos portug. em 1505, onde entrando successivamente muitos religiosos a annunciar aos habitantes a lei evangelica, das ordens que já havia na India, como franc., domin., jes. e august., a todos se repartiram, como adiante se verá, varias costas ou districtos para nelles fazerem as suas missões. Logo em Colombo se edificaram muitas egrejas, e se fundaram muitos conventos de religiosos em que muito se servia a Nosso Senhor.

1520? — *P.e João Vaz Monteiro*, n. de Setubal, primeiro vigario confirm. de Ceylão: edificou esta ilha de egrejas e christãos; fal. em 1536; o seu tumulo foi descoberto em 1836 (2).

1540 — *Fr. João da Villa do Conde*, franc., superior dos respectivos missionarios (3). Diz Lafitau IV, 14 que o vicer. D. Affonso de Noronha fez prender o vigario ger. de Ceylão, e o obrigou a solver 20:000 pardaos. Seria fr. João?

1593 março 10. C. r. A pedido dos padres de S. Francisco resolve, que não devem entrar outros religiosos em Ceylão, senão os daquella ordem, pela muita confusão que disso resultaria.

1597 — *Fr. Francisco do Oriente*, franc., commissario e superior da missão.

Em c. r. de 7 fev. 1602 dizia s. m. ao vicer. Ind., que folgava de saber que em Ceylão, estavam feitas muitas egrejas e muitos christãos pelos rel. francisc. (4).

N'esse anno 1602 entraram os jesuitas em Ceylão com o titulo de parochos (5).

Duas c. r. de fev. 1602 e 15 fev. 1603 permittem, que entrem em

---

(1) Sobre a introducção e expansão do cristianismo em Ceylão — v. alem dos AA. que abaixo hei de citar, os seg.: — *Skecht of the rise and progress of the cath. Church in Ceylon.* Colombo 1848; traduz. em portg. e publ. no *Arch. pittor.*, Lisb., I. 10, 28, 35 e 42; e reproduz. na *vida P. José Vaz*, Margão 1867 p. 283 e seg., — *Christianiy in Ceylon; its introduct. and progress under the portg.* — J. Emerson Tennent, London 1850, — *Le christianisme à Ceylon*, Courtinay (Ladislas Zalesky), Lille Paris, Rome 1900, — *Vida p. José Vaz* 253 e sg., — *Defensor do r. padre* — II, 37, — *Ceylon in* 1884, John Ferguson, London 2 ed. 1884 — *History of Ceylon for the use of...*, by one of the oblat fathers in Jaffna (1889?): the progres of catholicism in the island has been studly followed from the beginin g — diz a *European correspond.* 88 fev. 21, apreciando este compendio de historia. — *The Colombo theological magazine.*

(2) *Arch. pittor.* I, II, — *Vida P. J. Vaz* 284, *Inscr. lapid. Ind. portg.* 96 *Estudos sobre as missões no ultramar*, Egydio Per. Oliv. Azevedo, Porto 1886 p. 208 *Oriente portg.* 1907 jul. p. 287 e sg. A lousa sepulcral d'este bispo descoberta n'umas ruinas, tendo o governo inglez posto á disposição do vigario ap. (Silani) para conservar como memoria historica, o depositario a fez despedaçar e lançar os fragmentos, nos alicerces da cathedral que se reedificava em Colombo: mesma sorte tiveram as lapides do rei D. João Dharmapala, convertido pelos mission. portg. (v. adiante nota fin. *D*), e de muitos outros sacerdotes portug. benemeritos d'aquella missão — *Jornal das colon.* Lisb. 1886 setb. 27.

(3) V. I. P. destas *Mitras* p. 37, — Soled. *Hist. Saraf.* III, 536 e IV, 206.

(4) *Bolet.* 1880 n.º 80.

(5) *Rel. ann. das cos. q. fezer. os p. comp.* l. 2 p. 73 v, 4.

Ceylão mais religiosos que os de S. Francisco, por não serem bastantes para promulgação do evangelho, pela muita quantidade de gente que ha nella, e que poderiam entrar tambem os religiosos da companhia (6). Outra c. r. de 23 março 1604 (7) resolve a representação dos relig. francisc. que impugnam a entrada em Ceylão dos jesuitas, e dizem que tinham provisão para elles somente prégarem o evangelho naquella ilha — e diz que sem embargo de tal provisão continuem a apostolisar em Ceylão vivendo em harmonia uns e outros religiosos, como o vicr. e o arcebispo de Goa assentaram.

1606? — *Fr. Manoel d'Elvas*, franc., nom. pelo bispo de Cochim vigario da vara em Tuticorim e Ceylão, como atraz p. 38 ficou dito.

1606? — *Fr. Nicoláo da Cruz*, nom. pelo bispo de Cochim visitador das missões de Tuticorim e Ceylão (8).

1610 — *Fr. Francisco Negrão*, domin., visitador das missões, e commissario (9).

«O bispo de Cochim D. Fr. Sebastião de S. Pedro, a cujo governo pertencia o espiritual desta ilha (Ceylão), nos concedeu (aos franciscanos) liberdade para levantar nella quantas egrejas e parochias nos parecessem necessarias» — diz com referencia ao a. 1614 Soled. *Hist. Seraph. III*, 555.

1615 — *P.e Luiz Marianno*, superior da missão (10).

1616 dez. 30. C. vr. Ind. Informa a s. mag. que o pagamento das ordinarias dos religiosos, que andam occupados na conversão da ilha de Ceylão ha falta, e lhe tem chegado disso queixas, e que os religiosos franciscanos deixaram algumas egrejas, porque totalmente se lhes não pagava: a culpa disto tem Antonio Vaz Freire que foi tão absoluto, que pretendeu sempre que ninguem tinha na India superioridade sobre elle, nem obedeceu nenhuma ordem, mas como lá fôr outro vedor da fazenda correrá isto melhor (11).

«Alguns annos depois 1614 dividiu-se Jaffna em 34 freguezias, edificando os port. em cada uma dellas uma formosa egreja e uma escola, provendo-as todas de parochos e mestres» (12).

Das cs. r. de 2 março 1615 e 7 março 1619 (13) consta que os relig. francisc. haviam instituido varios collegios em Ceylão.

1616? — *Fr. André Vaz Freire*, jes., visitador das missões de Ceylão. Depois arceb. eleito de Cranganor, como atraz ficou dito.

Na c. r. de 21 fev. 1617 diz s. mag. estar informado, em como em Ceylão havia rendimento bastante, para se pagarem as ordinarias annuas aos religiosos que residem ahi, e aos 4 vigarios de suas christandades, e se poder acudir a outras cousas do serviço d'el rei. N'outra c. r. de 10 março s. mag. mandava-me que não só aos rel. do

---

(6) *Bolet.* 1881 n.º 74 e 1880 n.º 105.
(7) Ib. 1881 n.º 111.
(8) V. atraz p. 38 e no *Bolet* 1883 n.º 119 c. do vicr. Ind. 1615 dez. 30.
(9) *Le christianisme a Ceylan* 507.
(10) Boccarro 483.
(11) *Bolet.* 1883 n.º 223.
(12) *Arch. pittor.* I, 12. *Vida P. José Vaz* 1967 p. 288.
(13) *Doc. rem. Ind.* II, 286.

minio, mas tambem aos jes. que ahi residiam, se lhes pagasse ordinaria pela faz. pub. — *Doc. rem. Ind.* IV, 9 e 31.

Os officiaes da camara de Colombo tendo posto na casa da dita camara, a estatua dum geral (capitão da fortaleza) de Ceylão, em um logar onde tinham a figura de um anjo, tirando a para isso, a c. r. de 22 março 1620 declarou, que não convinha que esta desordem passasse adiante, e mandou que o vr. da Ind. désse ordem para que se tirasse a estatua do dito geral, e fosse restituida a elle a imagem do anjo como d'antes estava.

A c. r. de 10 fev. 1622 mandou que o vr. Ind. provêsse do necessario a egreja matriz de Colombo, e pagasse aos ministros della; outra c. r. de 15 março 1623 ordenou que se concertasse a egreja de Colombo e outras; e a c. r. de 26 fev. 624 determinou se provêsse a egreja de Colombo e as mais da ilha de Ceylão; applicando se algumas rendas para seus pagamentos.

Em 13 março 1623 escrevia o vr. Ind. á côrte: «Não estão as cousas destas partes em estado de o carregar de novas obrigações, e assim emquanto ellas não melhorem e se não acabar a conquista de Ceylão, entendo pelas informações que acho daquella ilha, que não convém tratar-se por ora de bispo para ella».

1624? — *Fr. Antonio da Visitação*, dom., superior das christandades do Sul (14). Não sei se é a este vigario geral de Ceylão que se referem as *Relaç. sum. serv. rel. domin. Ind.* p. 7.

1625 março 31. C. r. Faz mercê por esmola aos relig. do conv. de St. Antonio de Colombo, de um elephante que nasceu no dito convento de uma (allea?). A c. r. de 3 jan. 1612 tinha declarado serem os elefantes em Ceylão, fazenda real (15). — Resp. vr. a 2 fev 626.

No mesmo a. 1625 recebia o vr. Ind. ordem r. para «repartir os logares da ilha de Ceylão pelas 4 ordens de S. Domingos, S. Francisco, comp. de Jesus e august.»: o que se levou a effeito (16).

1629 jan. 25. C. r. O vr. cohiba o abuso dos possuidores das aldeias de Ceylão, que por seus particulares interesses impedem aos naturaes da terra que se façam christãos, sendo uma das causas dizer-se que não trabalham os dias santos em quanto eram gentios; e remova logo os aforamentos das aldeias que tiverem, e os castigue. — Resp. vr. 1630 fev. 20 (17).

Consta da c. r. de 22 fev. 1629 que passando os jesuitas para Ceylão a ajudar nas cousas da christandade daquella ilha, deu o capitão D. Jeronymo d'Azevedo ao collegio d'elles de Colombo, algumas aldeias, etc., que naquelle tempo estavam desertas, e os padres gastando muito dinheiro seu e mettendo muita industria as cultivaram e povoaram (18).

---

(14) *Hist. S. Doming.* IV, 330.
(15) Doc. rem. Ind. II, 135.
(16) *Br. relaç. christ rel S. Ag. or.* 10 v.
(17) *Bolet.* 1884 n.º 108 e 174.
(18) *Bolet.* 1884 n.º 116. V. *Christian. a Ceylan.* 431, e sg. 45, 511 e sg. cap. 61, — Doc. rem. Ind. II, 116 e IV, 32, — Jornal das Colon. Lisboa 1608 n.º 1 301.

O relatorio ou representação (13 dez. 1629) de fr. Simão de Nazareth, provincial dos francisc. de Goa, dirigida a s. mag. diz o seg.: «Em Ceylão estão 50 religiosos velhos e benemeritos de exemplo, que ha muitos annos lá residem e todos confessam e pregam na lingoa, e tem convertido 60:000 almas, mas lá está agora um clerigo vigario que tudo perturba com penas que leva a estes novos conversos». Em Jaffna estão 30 religiosos... e tem convertido perto de 30:000 christãos, e tambem está ahi outro clerigo que faz o mesmo que faz o de Ceylão». Em «Manar ha 7 egrejas com 7 religiosos afóra os que assistem no convento, e ha passante de 15:000 christãos cujos pais e avós converteram os frades de S. Francisco» (19).

Em (12 nov.?) 1630 informava o vr. a s. m.: «A experiencia tem mostrado que é escusado bispo em Malaca, tambem me parece que o de Meliapor é ali de pouco effeito, e o seria de muito se v. m. o fizesse de Ceylão..., e o bispo de Ceylão com facilidade pode visitar S. Thomé (Meliapor) e Negapatão que lhe ficam muito visinhos, e já se entende que nas partes onde se excusam bispos, se podem tambem excusar conegos».

Em 21 março 1636 (*Mitras Lusit. no Oriente,* I. P. p. 119) respondeu s. mag. que quanto ao bispo de Meliapor residir em Ceylão, não havia que innovar.

1634? — *Fr. Lucas da Cruz* ou *d'Aguiar*, nom. pelo bispo de Cochim, Rangel, visitador das egrejas de Ceylão e Manar (20). V. de adiante capit. *Timor*.

Para não alongar em demasia este meu trabalho, limito-me a recommendar aos leitores procurem vêr no arch. da torre do Tombo: — a c. r. de 29 fev. 1636, sobre o que referiu fr. Diogo da Conceição, guardião e commissario dos francisc. de Jaffna, do fructo que estes tinham feito naquella christandade, as reitorias que tinham e religiosos occupados nellas, instrucções que recebiam dos vigarios da vara postos pelos bispos de Cochim, e serem por estes eleitos os seus religiosos para vigarios e visitadores: — relatorio do mesmo fr. Diogo sobre esta materia: — resp. v. r. 11 nov. 636 dizendo que tem informação que os religiosos de S. Francisco assistentes em Jaffna, procedem bem convertendo muitos infieis, mas que é prejudicial serem os religiosos vigarios da vara.

Em c. r. de 25 março 1636 avisando s. mag. ao vr. Ind., que o commissario g. da ord. de S. Francisco de Goa se queixava, de que «é grande incoveniente para o bom governo das christandades, e seus ministros, a multidão de vigarios da vara que ha de Ceylão até Jaffna, sem haver bastado para se reduzirem a menos (a advertencia do vicerei), antes se acrescentou outro de novo», — outro vr. respondeu em 11 nov. 636 que tinha «ao bispo de Cochim advertido do que v. m. manda sobre os muitos vigarios da vara que ha em Ceylão».

---

(19) *Bolet.* 1885 n.º 241.

(20) *Hist. S. Domg.* IV, 681. A p. 167 da I. P. d'estas *Mitras* se disse que esse fr. Lucas da Cruz foi eleito em 1660? vigario capitular do arcebispado

(21) *Hist. g. Ethiop.* 669, 70.

Consta d'outra c. r. de 27 março 636, que o bispo de Cochim governador do arcebispado de Goa, não podendo ir visitar e compôr as cousas de Ceylão, mandara seus visitadores a tratar desta materia; e que elle como passasse a Cochim, e deixasse concertadas as cousas que haviam necessidade de sua presença, faria essa visita pessoalmente, e atraz pag. 41 ficou dito que com effeito fez essa visita, na qual occasião fez por ordem regia repartição das missões de Ceylão, aos religiosos franciscanos, jesuitas e agostin. para sua cultivação.

A c. r. de 5 março 1644 manda que aos christãos de Jaffna e ilha de S. Jorge de Manar se guardem seus costumes e privilegios, castigando os capitães e ministros que o contrario fizerem.

1646 — *P.*[e] *Manoel d'Almeida*, superior da missão.

? — *Fr. Gonçalo de S. José:* em 1630 é que com este nome, entrou para frade de S. Francisco no conv. de Goa, o *p.*[e] *Gonçalo Velloso*, n. da India (Goa?) que era então deão da sé, provisor e vigario geral e vigario capitular (22). Alguns annos depois de professar foi a Ceylão por visitador das missões, e ahi morre de idade mui crescida, sendo depois os seus restos mortaes trasladados para o conv. de S. Franc. de Goa, e depositados n'uma das paredes da casa do capitulo atraz da capella.

1656? *Fr. Francisco da Madre de Deus,* franc., visitador das missões e commissario (24).

1655 — *P.*[e] *Francisco Rebello Palhares*, vigario da vara em Ceylão (25).

Em 16 ,8 que a praça de Colombo capitulou com os hollandezes, havia n'ella fundadas pelos missionarios portug. 2 egrejas, 4 conv. de franc., domin., augustin. &c. e 1 col. de jes.; fóra da praça existiam 7 paroch., em Galle 1 paroch. e 1 conv. de franc.; em Malwana, Manar e Wanny 15 egrejas; em Jaffna 1 egr. e col. de jesuitas

---

(22) *Mitras lus.* no or. I, 136, 138 e 608 — e *O Ultramarino*, Lisboa 1901 jun. 21 meu art. *Deães da sé de Goa. Le Christianisme à Ceylan* 542.

(24) *Hist. Portg. restaur.* II, 496.

(25) *Fatal. hist. Ceyl.* I. 1 c. 12. — *Hist. de l'isle de Ceyl.* c. 12. — *Arch. pittor.* I, 23. — *Santuar. Mar.* VIII. 117, 61, 2. — *Bolet.* 1879 n.º 105, — J. Hough III, 82 e seg Em 12 maio 1656 caiu Colombo em poder dos hollandezes; havia n'essa cidade fundados pelos missionarios portuguezes «convents, churches, monasteries and hospitals were erected within the wils» — J. Emerson Tennent *Ceylan* II, 27. Os rel august. tinham em Ceylão um convento e 13 egrejas em que administravam os sacramentos como parochos. O estado de desolação em que se acharam os catholicos em Ceylão, depois que d'aquella ilha se apoderaram os hollandezes, descrevem-no Robert Knox *Relat. ou voyage de l'isle de Ceyl.*, Lyon 1693 p. 365 a 68, ab. Gouyon *Histories des Indes orientales*. Paris 1744 II. 203 e III, 53, — Navarrete. — *Le christianisme a Ceylan* 457. 45, 6, 64, 91, 505. 11, 2, 618, 97. — *Isle de Ceylan — Croquis, mœurs et coutumes*, J. — B. van der Aa. sj. Bruxelles 1900 prolog p. 8. — Aug. Jean *Le Madure* Lille 1889 p. 8, — *L'apôtre p. J. Vaz* p. 9, 10 e 87. — *Padr Juze Vaz* 91, — J. Ferguson *Ceylon in* 1884 p. 5 e 6. «Les hollandais s'emparérent de Ceylan et mirent tout à l'œuvre pour détruire la foi catholique. Il y eut des martyrs. Ces apôtres du nouvel evangile, ces propagateurs zelés du christianisme réformé par Luther firent venir les bonzes bouddhistes du Thibet, rebâtirent leurs temples et rétablirent leur culte sacrilége, sur les ruines des églises catholiques» — *Voyage à Ceylan et aux Indes*, mgr. Zaleski p 11. — *Le christian Ceylan* 452.

conv. de domin. e franc. Nas provincias de Waligam, Tenmara
', Wadamarachy, Patchellepally, Puttam &c., 27 egrejas e muitas
ellas. Junto de quasi todas as egrejas e capellas havia «bonnes
les pour les enfants endigénes». De todas estas egrejas e estabele-
ientos, foram tomando posse os hollandezes, convertende as egrejas
templos protestantes, desfazendo os collegios, banindo os padres
holicos, e procurando de todos os modos derrubar a religião ca-
lica (26).

No reino de Jaffna havia no principio do seculo XVII (dizia em 1852
igario apost. Betachini, cit no *Dict. Miss. Cath.* II, 517), 34 paro-
ıs com uma população sujeita aos mission. portg., a qual professava
ua maioria o catholicismo; só n'essa provincia (de Jaffna) não havia
ıos de 40 a 50 sacerdotes pertencentes ás 3 ordens dos domin.,
c. e jes., uns com egrejas e conventos, outros com uma egreja e
collegio. «Se o governo portuguez se tivesse ahi conservado, quasi
ı a ilha de (Ceylão) seria hoje catholica». «Aujourdui, après deux
les et demi, on ressent encore à Ceylan les effets bienfaisants de
omination portugaise» (27).

Com a entrada dos hollandezes em Colombo ficando extincta a
andade da Misericordia daquella cidade se declarou por assento
·elação de Goa, cofirmado por provis. de 18 fev. 165(, do governo
Ind., que á irmandade da misericordia de Goa pertenciam como
eça das mais d'este estado, os bens das misericordias de Colombo,
ombo e Negapatão.

1696 — *Ven. P.e José Vaz*, n de Sancoale, nom. pelo cabido v.
missionario em Ceylão em 1687; por provis. do bispo de Cochim
Pedro Pacheco de 10 fev. 696 (28), nom. seu vigario geral em
lão. Por seus esforços se restabeleceu a religião catholica em Cey-
sendo unicamente empregados n'esta missão os padres de Goa
congr. do orat. de S. Filippe Nery; trouxe ao gremio da egreja
tos hereges, afervorou os catholicos na reforma dos costumes,
:ou 11 ou 12 missões, fundou 2 novas residencias em Potulão e
dia: em 1697 fundou um hospital em Colombo e em 1699 outro
Candia. Durante a sua ausencia de Ceylão, encarregou o governo
missões ao *p.e Nicolao Gamboa* (29).

---

(26) *Vida p. J. Vaz* 84, — *L'apôtre J. Vaz* 92, — *Padr Juze Vaz* 98 e 176.
(27) *Vida p. J. Vaz* 52.
(28) Sua *Vida* passim, — *Estud. biogr.* 232,3, — *Arch. pittor. I,36.* — *Life of
er Joseph Vaz* by Sim. Cus. Chitty. Colombo 1848, — *L'Apôtre p. Joseph Vaz*,
utta 1896, — *Christian miss.*, Marshall I, 359, 60,6 : Waziers I, 223, — *Au-
ı dos ind.* prel. 1893, — *Santuar Mar.* VIII, 339, — *Dict. miss. cath.* II, 318,
Dicc. pop. XIII, 291, — *O Catholico*, Lisboa 1852 n.º 23 p. 8, — *Reparos sobre
tatist...*, sr. p. P. A. Cotta, Colombo 1886 p. 5 e 8, — *Obras* arcebispo Amo-
III, 257, — Card. Baluffi *Divinit. de l'église manif. pour sa charité* II, 224,5 —
t. 1860 n.º 68; 1864 n.º 94 e 1879 n.º 105, — *Anglo-Lusit.* 1887 n.º 58 e se-
ıtes, — *S. Francisci Xavierii monita et exempla*, — Trichinopoli 1897 p. 123,
— *Padr Juze Vaz, apostl. Ceilãocho*, Bomb. 1899, — *Le christian, Ceylan.* 639
guintes.
(29) *Vida P. J. Vaz* 204,5, — *Repar. sob. estat.* 8,9, — *Anglo-Lust.* 1887 n.º
— *L'ap. p. J. Vaz* 171, 3. 90, — *Padr Juze Vaz* 93, 7, 176. *Le christian. á
an* 692 e seguites.

Tal fama correu na India, em Portugal e Roma das virtudes e zelo apostolico do p.e J. Vaz que, por recommendação de Clemente XI o card. Tournon, nuncio e visitador ap. da India e China pelos poderes amplissimos que tinha, esteve a ponto de o nomear bispo de Ceylão. Na c. r. de 11 abr. 1726 el-rei chama ao p. J. Vaz grande servo a Deus, e fundador da missão de Ceylão verdadeiramente apostolico. Adoecendo gravemente renunciou o cargo de superior no padre José Menezes, e acabou como santo em Candia a 17 jan. 1711. Nos Ultimos mezes antes de sua morte, «tendo um postema interior dentro de um ouvido, de que purgava materia com grandissimas dôres em toda a cabeça, e sem poderem os medicos atinar com o curativo. — dando padre Vaz conta deste seu mal em carta (ao preposito da congr. do orat. de Goa) diz: Nenhum medico até agora tem podido alcançar que mal seja; eu não posso deixar de entender que seja isto mesinha saudavel do Medico celestial, que com a sua sabedoria divina e amor fratenal quer curar os achaques de minha alma, porque sempre foi servido aos seus chamamentos e inspirações, por isso permitte que não possa fallar alto, nem ouvir a outros quando fallam manso; porque sempre gostei de ouvir louvores proprios não merecidos, por isso em castigo correspondente sinto no ouvido (ardores?); e pois sempre quiz encobrir os meus defeitos e mais achaques da minha alma, para que outros os não conhecessem, quer que a doença do meu corpo em ordem a cura, nenhum medico a conheça». Poucos annos depois o bispo de Cochim D. Francisco Vasconcellos, a cuja diocese pertencia Ceylão, tratou de sua beatificação: em 1737 se fez em Goa o competente processo, apurando se grande numero de milagres que se attribuiam a intercessão de padre J. Vaz depois de sua morte; como porém se preterissem algumas formalidades essenciaes foi esse processo invalidado por Bento XIV, o qual mandou fazer novo exame: não me consta que isso se fizesse (30).

Com tão solidas bases firmou este apostolo a fé em Ceylão, que em 1717 havia naquella ilha, fóra do territorio hollandez, 70:000 catholicos, 15 egrejas e cerca de 400 capellas.

Nos seg. termos faz o bispo de Cochim D. Fr. Pedro Pacheco elogio dos serviços que fizeram a Deus e serviço ás almas o vig. ger. padre José Vaz e seus seis companheiros: uma carta que elle escrevera ao superior dos oratorianos de Goa: — «...Remetto a V. cartas... e com ellas os devidos parabens do bom successo com que os rev. missionarios entraram na ilha de Ceylão, e para que em tudo resplandecesse o digno premio de heroica resolução, de por servir a Deus renunciarem a patria, nos seus primeiros passos encontraram... c

(30) *Bibl. Lus.* II. 472 a 74. — *Vida P. J.* 219, 20, — Ferdinand Diniz Portugal, 225, — *Quad. hist. Goa* II. 101.2. — *A Cruz nos 2 mund.* 400, — *Santuar. Mar.* VIII. 343, — *Repar. sob estat.* 4, 5, 7 e append. E, — *The Church militant in Ceylon and in Ind.* Ceylon 1888 p. 9, — *Ultramar* 1865 n.º 321, — *Dicc. bibl.* X. 115, — *Revista contempor. Portg. e Bras.* V, n.º 11, — *Dicc. pop.* VI, 122 XVI, 92. — *Anglo Lust.* 1887, n.º 67, — *L'ap. J. Vaz* 124 .66, — *Padr Juze Vaz* 172. — *Le christian. Ceylan* 696 e sg., — *Oriente illustr.*, Bastora 1889, I, 149 e seg.

logro de seus desejos, na vista do seu r. vig. geral e dos mais padres... Grande foi o beneficio, assim porque os de Deus sempre o são, como porque pequenas não eram as ancias de todos a vêl-o, do que eu sou testemunha do fervor como porque os acompanho; mas se grande foi o beneficio, grandes foram tambem, segundo a pouquidade humana, as rendidas graças em solemnes festas feitas... Exclamo... o vigario g. todo banhado em alegres lagrimas por tão grande ventura já delle não esperada este anno, e quando sonhou Vanny que viria sete sacerdotes juntos e sete missas em um dia? Emfim tudo foram jubilos... Muitas graças deve esta congregação a Deus N. S., por criar sejeitos tão inclinados ao bem e ao proveito das almas, que não só aonde vão, mas por onde vão fazer nellas grande fructo, o que digo não só pelo que lhes dava esta casa que é muito, mas pelas noticias que me chegam do exemplo e fructo que fizeram aonde quer que passaram alguns dias», (Copiada d'um ms. quasi illegivel.)

Desde o restabelecimento da religião cath. em Ceylão, estes esforços do padre José Vaz, continuou ella a fazer parte da diocese de Cochim, e unicamente empregados nas missão os padres goenses da congr. do orat.

1711 — *P.e Jose de Menezes*, mission. em Ceylão de 1696 ou 97; encarregado por p. José Vaz em 7 jan. 711, presidir a governação das missões de Ceylão: fal. jan. 1717 (31).

172. — *P.e Jacome Gonçalves*, n. de Divar, cogr. desde 1700, nom. em 1705 mission. de Ceylão: ahi esteve 33 annos exercitando o seu ministerio com tanto zelo que, só em Jaffna se contavam em seu tempo 16:0.0 almas de confissão. Na presença do rei de Candia convenceu herejes calvinistas que semeavam os seus erros com damno dos catholicos, mandando o rei que saissem logo do seu reino. Occupou o cargo de vig. ger. e superior da missão perto de vinte annos. Renunciando o governo da missão no p. Martinho Xavier, morreu elle de febre tisica a 17 jul. 1742; sendo sepult. na egr. de Baluarte (em Colombo) que elle fundara.

Compoz os seg. livros nas linguas chingalez, tamul e portug. «dos quaes (diz a *Biblioth· lus.* II, 472) fez grande despeza nos treslados, para que multiplicados por falta de impressão se espalhassem: — *Catechismo breve sobre os princip. myster. da fé, novissimos, sacramentos... Explicação da ceremon. da missa, uma para os domingos onde ha missa...* 1715, 4, — *Chronica da hist. sagr..; com refutaç. do gentilismo*, fol. 2 t. 1735, — *Resumo desta chronica em dialogo*, 4, — *Explicação dos evangelhos dominicaes e festivaes*, 1730, 4, — *Sermões da Paixão de 9 passos*, 4, — *Vida dos santos*, 1735, 4, — *Itenerario de Milagres*, 1732, 4, — *Espelho de virtudes; modo da oraç. ment.*, 4, — *Juizo de Deus*, 4, — *Medicina para a cegueira dos gentios*, 4, — *Principios... origem da lei de Buda*, 1733 (composto á instancia do rei de Candia, que com a sua lição se desenganou da

(31) *Vida P. J. Vaz* 219, *Le christianisme à Ceylan* 707.

falsidade daquella ceita).—*Medicina espirit. dos enfermos*, 4,—*Creação do mundo a resurr. univ. em versos*, 1725,—*Canções para todas as festas de Christo, Senhora, apostolos e para os dias de sabbado e domingo*, 1730,—*Vocabulario chingala lusitano*, 1730, 4,—*Vocab. lus. ching.* 4,—*Vocab. lus. tamulico chingala com o valor. das frazes chingalas*, 4,—*Escola christã*, 4,—*Controversia em dialogo contra reformados*, 4,—*Egreja cath. e reformada*, mostrada por 2 partes..., 8,—*orig. e refut. da seita dos mouros*, 8,—*Refut. do gentilismo*, breve e efficaz, 8,—*Refut.* das 4 seitas, paganismo, *mourismo, judaismo, e calvinismo*, 4,—*Diccion. breve de palav. selectas e difficeis da chronica e evangelhos*, 8, — *Allivio da consciencia na missão*, 8, — *Demonstração da eg. cath.* por notas, 4, 1720,—*Controverso breve e efficaz acommodada para os calvinistas de Ceylão* (32).

1742—*P.e Martinho Xavier*, era prefeito espiritual da cong. de Goa, quando foi nom. visitador das missões de Ceylão, e por seu secretario o p.e Bernardino Monroy: sairam ambos de Goa em 11 fev.; em Angenga foram recebidos com satisfação pelo bispo de Cochim, o qual commetteu ao p. Martinho todos os poderes necessarios para visitar «auctoritate ordinaria» a christandade. Chegou a Ceylão em principios d'abr., durou a visitação muitos mezes, acabada a qual procurou estabelecer a forma de vida commum iniciada pelo p. Jacome, e para a sua conservação perpetua fez decretos utilissimos. Reedificou a egr. do baluarte de Colombo, provendo-a dos necesserios ornamentos: o rei de Candia offereceu uma imagem de marfim de N. S. Rosario (33). Em 1745 era preposito da sua congreg.

(Continúa) P.e CASIMIRO NAZARETH.

---

(32) *Repar. sob. estat* 4 e append. E. — *Le christ. Ceylan* 782.
(33) *Las mision catól.* Barcelona 1880 p. 57.

7.ª Série — 1909 N.º 12 — Dezembro

BOLETIM

DA

Sociedade de Geographia de Lisboa

FUNDADA EM 1875

SUMMARIO

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
Rua do Diario de Noticias, 110
1909

r.ª Série — 1909 N.º 12 — Dezembro

BOLETIM

DA

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

ector, proprietario e editor—*Sociedade de Geographia de Lisboa*—Rua de Santo Antão—Lisboa
Composicão e impressão na Typographia Universal
pertencente a Coelho da Cunha, Brito & C.ª — rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

USOS E COSTUMES DOS INDIGENAS DE MOÇAMBIQUE [1]

Conferencia na Sociedade de Geographia de Lisboa em 7 de dezembro de 1908

Mesdames et Messieurs!

Dans votre vaste colonie de Moçambique il y a un district retiré, u connu, d'accès difficile, et tout particuliérement riche en beau- ; naturelles : c'est celui de Nwaphulane, pays de collines, de forêts, verts pâturages, de lacs paisibles, situé a 60 km. à l'est de Lou- nço Marques.

En arrivant au sommet d'une de ces collines, tout à coup vous us trouvez en face de l'Océan Indien ; cette masse d'eau sombre à beauté tragique qui va se confondant avec le ciel, ces vagues puis- ntes à la blanche écume qui viennent se briser pour se reformer ns cesse, toutes ces couleurs, toute cette lumière, le sentiment de berté qui s'empare de vous, tout cela vous grise et vous enivre ; on

---

[1] Rikatla, Lourenço Marques, caixa 21. 8-10-09.

Monsieur E. de Vasconcellos, Sécretaire de la Société de Géographie, Lis- bonne.

Honoré et cher Monsieur!

Voici enfin la copie de la conférence qui j'ai eu l'honneur de donner à la So- été de Géographie il y a environ un an. Pardonnez-moi ce retard :j'avais nvoyé mon manuscrit à quelqu'un qui me l'a renvoyé il y a 2 mois seulement.

Je pense souvent avec plaisir aux quelques relations qui j'ai eu le privilége avoir avec vous et votre Société de Géographie ; j'en garderai toujours un uvenir reconnaissant.

J'avais dit à Mr. Junod de vous envoyer nos livres d'école portugais-ronga. a-t-il fait? Si non, je me ferais un plaisir de le faire. J'espére de tout eur que votre école coloniale continue à bien marcher.

Croyez-moi, très honoré Monsieur, votre respectueux et bien affectionné.
Ch.es Bourquin.

court, on chante, on voudrait trouver des accents, des paroles, des airs en harmonie avec cette scène sublime; et tout à coup en présence de cette nature qui dépasse à un tel point notre capacité, qui laisse si loin derrière elle tout ce qui a été dit ou peint ou chanté par les hommes, une vague souffrance s'empare de nous, souffrance de son impuissance à exprimer ce que l'on ressent, souffrance qui fait naître en nous le sentiment de notre petitesse et de notre vanité.

Il y a quelques semaines, en entrant dans le Tage, par une belle matinée d'automne, tandis que notre navire s'avançait lentement sur le fleuve puissant, dont la vue évoque tant de glorieux souvenirs, en apercevant, baigné dans la lumière d'um joyeux soleil, l'amphithéâtre majestueux et pittoresque de votre fière cité, j'ai eu peine à contenir mon enthousiasme et mon émotion. Les mêmes sentiments je les ai éprouvés à Cintra du haut du Castello dos Mouros, à Cascaes, à Algés, en face de l'Océan, à Alfeite et là-bas à Palmella, de la terrasse de son vieux chateau, en face d'un des plus beaux panoramas qu'il soit donné à l'homme de contempler ici-bas. Tout cela, la lumière de votre beau soleil, qui éclaire tout sans rien blesser, de votre soleil qui a quelque chose de la douceur lunaire, vos oliviers au feuillage argenté, vos palmiers luxuriants, vos cyprès si sérieux, mais jamais lugubres, tout cela m'a gagné le cœur et m'a fait aimer votre pays.

De l'abondance du cœur la bouche parle et je n'ai pas pu garder pour moi ces sentiments et ces impressions que je n'oublierai jamais.

Et je laisserai parler encore mon cœur en vous disant ma reconnaissance pour l'honneur qui m'est fait de pouvoir parler devant vous de cette province de Moçambique qui est devenue pour nous comme une seconde patrie.

Je tenais à vous exprimer ces sentiments dans ma langue maternelle parce que tous vous connaissez bien le français; mais je me permettrai de faire ma conférence dans la langue de Camões pour vous montrer notre grand désir de la connaitre et de la propager.

Desde alguns annos assistimos a uma transformação extraordinaria da vida dos povos. Em algumas semanas os vapores dão a volta ao mundo, em algumas horas, n'um futuro proximo talvez, os balões transportar-se-hão da Europa aos antipodas e acontece que já agora em alguns minutos, sem cabos sub-marinos, sem fios aereos, a Inglaterra e os Estados Unidos communicam-se. Os povos compenetram-se, influenceiam-se, confundem-se cada vez mais. Andamos com uma rapidez inaudita para a unidade do genro humano, unidade que nos conduzirá inevitavelmente a um destino commum, mas novo.

Considerae por exemplo a China. Em pouco tempo, logo que o caminho de ferro, que liga o transsiberiano a Pekin, esteja terminado, o comboio irá em 12 dias de Paris até Pekin. E pensae na influencia desconhecida que vão ter estes 400 milhões de Chinezes, que assimilam a nossa civilisação com uma rapidez extraordinaria.

Quando ouvimos as conversações, quando lemos os jornaes, parece

tão das colonias seja politica, commercial e nada mais,
, delimitadas as zonas d'influencia, reguladas as questões
ivas, conjurados os conflictos entre nações rivaes, tudo
udo está feito.
ım grave erro.
ɔs, como os individuos, são ligados um aos outros pelos nu-
ços de solidariedade. Por uma correspondencia impossivel
ıender, podemos dizer que tudo o que faz uma creatura
com mais forte razão um povo, influenceia os outros, ser-
le proveito ou de prejuizo. O povo vizinho tem um pouco
ɔs temos um pouco d'elle.
ıa como na Africa os Europeus recentemente desembarca-
niudo impressionados ao ver a influencia que o meio am-
sobre os antigos residentes.
to de tres mezes estive em Paris. Por cima de certos ar-
e-se ver um taboleta com estas palavras: «Um vicio novo».
ɔ opio que das colonias passou para França. Este vicio
'az serios estragos no sul da França, e dizem que os nu-
cidentes que se téem dado, n'estes ultimos annos, na mari-
za, não são extranhos a este novo vicio. Pois o perigo
ropa é que os vicios que desolam a China, a India, a
ctem as nações europeas.
ɔ ha a necessidade, o dever presente e urgente de traba-
odas as nossas forças para purificar a atmosphera moral
os com os quaes entramos cada vez mais em contacto.
le ver como esta purificação póde ser feita, examinemos
fluencia da civilisação sobre os pretos.
eiramente notemos que o preto é um ser que vive intei-
vida do instincto, que ainda não nasceu para a vida intel-
› o seu desenvolvimento moral é nullo, e o seu estado so-
mais ou menos uma animalidade aperfeiçoada. São por a
e seres menores, que dentro d'organismos d'homens feitos,
›s d'homens feitos, apenas possuem uma razão infantil e
encia sempre vacillante. Dizer a causa d'este estado, d'esta
dizer porque em geral os Africanos não se desenvolveram
ovos europeus, é difficil. Devemos procurar uma d'essas
seu systema politico, social e religioso.
ľes mortos, e podemos dizer todos os mortos, são os deu-
ão; o que elles fizeram, é o que deve ser feito. A tradição,
é a lei; deixar esta tradição para entrar n'um caminho
ɔcado mortal, é um sacrilegio.
onde vem este «immobilismo» na tradição? Porque foi
encontraram, como nas outras nações, homens mais intel-
ais energicos, valentes, reformadores, para sacudir o jugo
ição secular, arrastando a massa refractaria após si no ca-
ɔrogresso?
or H. Junod, missionario, um membro da vossa illustre
se me não engano, no seu importante livro sobre os «Ba-
. como principal causa d'este estado de coisas a seguinte:

«A nossa civilisação é a resultante dos esforços combinados de milhões d'intelligencias e de centenares de povos. Temos a prova que n'uma epoca, não muito distante, já pertencendo á historia, muitos povos europeus não eram mais desenvolvidos do que os pretos. Mas estes povos habitavam a Europa, e ao sul d'este continente estende-se um mar, no interior das terras, mar que facilita as relações de povo a povo. Cada descoberta feita por uma nação tornava-se facilmente a propriedade da outra.

«Na Africa não ha náda semelhante: poucas ou nenhumas bahias; rios a miudo innavegaveis, desertos separando as tribus umas das outras; cada tribu reduzida assim aos seus proprios esforços, sem contar uma natureza que pouco obriga os homens ao esforço. Faltou-lhe, n'uma palavra, a influencia do exterior para fecundar a faculdade inventiva da qual elle possue os germens.»

Nas heranças tivemos o privilegio d'esta influencia do exterior, d'estas relações internacionaes, favorecidas pelas condições geographicas do nosso continente, explicando o desenvolvimento da nossa civilisação indo-europea. Temos seculos de civilisação atraz de nós, e esta civilisação ensinou a uma importante minoria, pelo menos, a dominar os nossos maus instinctos. Graças á influencia do christianismo e d'outros factores, os bons instinctos da nossa raça tiveram a occasião de se fortificar, de se fixar, de se desenvolver; aproveitamos actualmente dos esforços, das luctas accumuladas, capitalisadas (d'alguma maneira) pelas gerações passadas.

Mas estes povos da Africa, que principiam a sahir da barbaria, ainda não tiveram tempo de aprender a moderação e quando elles se acham na presença dos productos da nossa civilisação, não são capazes de distinguir o bem do mal; são fracos deante de todas as novas tentações que os assaltam. E esta fraqueza, esta minoridade do preto manifestam-se sobretudo na presença das bebidas alcoolicas, que são para a raça preta, segundo a phrase d'um medico portuguez, que viveu muitos annos em Moçambique, um perigo terrivel, mais terrivel do que todas as doenças das quaes elle soffre.

De 1903-1905 uma commissão, nomeada pelo governo inglez, fez uma investigação, a respeito dos pretos, na Africa do Sul, interrogando 330 pessoas de todas as profissões. Este «Report of the South African Native Affairs Commission» foi apresentado aos membros do parlamento inglez por ordem de S. M. o rei Eduardo VII. «A civilisação, não a verdadeira civilisação, que procura com o bem physico, material, tambem o bem intellectual, moral, espiritual dos homens, a que é triumpho da justiça e da caridade, mas a civilisação materialista que pensa só no seu proveito presente, material, que procura só mais conforto, mais goso, essa civilisação, diz este relatorio, causa aos indigenas um prejuiso moral enorme. Torna-se familiar com novas fórmas de immoralidade, de intemperança, de deshonestidade. Essa civilisação causa-lhes tambem um prejuizo physico consideravel, visto que a variola, a tuberculose e outras doenças provenientes da immoralidade, são presentes da nossa raça.»

Mas como luctar contra a desmoralisação dos pretos que traz

não sómento a ruina moral, mas tambem a ruina physica e
? Os proprios missionarios já pensaram que, no melhor meio
ɜder, é primeiramente civilisar os pretos e evangelisa-los de-

os factos não deram razão a este methodo que á primeira
ırece tão logico. Póde-se dizer que a experiencia sobre este
o é universal. A de Marsden, o apostolo da Nova Zelandia,
. Durante 15 annos procurou civilisar puramente e simples-
s pretos e no fim d'este tempo chegou á conclusão de que é
io que os pagãos conheçam primeiramente o dom de Deus e
sto virá depois.
diz The Report of S. Afr. Native Affairs Commission?
oz que se fundassem hospitaes e que se luctasse contra o
ıo. Mas este relatorio chega á conclusão que, para luctar
sta desmoralisação, só a adopção da fé e da moralidade
: efficaz.
nhece que a moralidade é incontestavelmente mais alta na
ristã da população.
te relatorio conclue com estas duas soluções:
commissão está convencida que um factor importante para
ação dos indigenas está no christianismo.
lla tem opinião de que um ensino moral e religioso deve ser
todas as escolas indigenas.
ɔora para acabar estas considerações geraes, da influencia
sões não sómente sobre o individuo, mas sobre a situação
:a do paiz.
duvida, o nosso fim é essencialmente moral; é provocar no
uma transformação intima, a efflorescencia da consciencia,
ando-lhe o ideal de justiça e de santidade que está no Evan-
ommunicando-lhe o amor d'esse ideal, dando-lhe a convic-
este ideal póde e deve ser realisado, apezar dos impulsos
)s.
sso fim é crear individualidades, homens que desconfiem de
os — que saibam que teem de se guardar das tentações — que
)ouco a pouco o habito da reflexão interior, da vigilancia de
editação dos seus deveres, da victoria sobre os desejos infe-
[ue se libertem pouco a pouco da bestialidade natural ou
ı, que um novo espirito trabalhe e reforme.
como disse o grande philosopho francez Raoul Allier: «Nas
nações individuaes, as transformações sociaes estão em ger-
homem novo traz em si mesmo a existencia e a prophecia
ndo novo.»
ɜ por exemplo para a influencia do principio da monogamia.
ıs a preguiça proverbial do preto, a difficuldade que ha, a
)ara os brancos, de encontrar a mão d'obra.
bem, o monogamo, que já não tem muitas mulheres para o
'em, vê-se na obrigação de trabalhar d'uma maneira regular
) intermittente. Ora a consequencia d'isso é um rendimento
lho superior tanto na qualidade como na quantidade. — Gra-

por toda a parte escolas bem organisadas, dirigidas, su
los proprios indigenas, aonde se acha uma escola norr
alumnos, uma imprensa com uma duzia de impressores
res indigenas que imprimem, todos os annos, milhares d
jornal na lingua dos pretos, no Lessuto digo, quand
peste bovina, os pagãos supersticiosos não queriam deix
seu gado e por esse motivo perderam quasi tudo, ao
christãos mais intelligentes, mais desenvolvidos, o fizera
salvaram d'esta maneira 70 por cento do seu gado.

E' assim que o Evangelho pode transformar estes
collaboradores uteis no desenvolvimento economico e sc

E desejo exprimir aqui o nosso reconhecimento pe
que o governo portuguez sempre mostrou para com a n
desejo tambem assignalar a lei escolar tão liberal, tão a
necessidades dos indigenas, elaborada ha algum tempo p
d'Andrade, governador geral de Moçambique. Esta lei
vida, uma das melhores das leis escolares indigenas no s
O sr. H. Junod, um dos nossos missionarios, enviou a
uma carta a um jornal importante de Cabo. Eis aqui
sumo d'esta carta.

Grandes progressos se teem feito ultimamente em
tidos na colonia portugueza de Moçambique. O actual go
ral, sr. A. Freire d'Andrade, um homem muito energi
tem vindo, ha dois annos a esta parte, trabalhando arduam
lhorar as condições materiaes da provincia.

A questão da instrucção indigena não podia deixar
attenção de tão sagaz administrador. Tem este paiz dois
mentos de riqueza: o porto e os seus indigenas; e qualc
mento nas condições do porto e dos indigenas tem
grande importancia.

Em dezembro de 1907 foram promulgadas 3 portari

Mas o que faz a superioridade d'este codigo é que admitte em
meiro logar que a creança indigena só conhece a sua lingua e que
tanto precisa primeiro ser instruida por meio d'ella.

O fim que se tem em vista, é ensinar a lingua europeia, mas este
é alcançado gradualmente, guardando-se a necessaria transição.

Nota-se em todo o diploma a intenção de evitar educação vulgar-
ate dita de papagaio.

O codigo inclue o ensino da geographia, da historia, do desenho,
arithmetica, da gymnastica e do canto. Devem ser ministradas no-
s praticas de agricultura juntamente com instrucção profissional e
historia natural. Será necessario ter na visinhança da escola uma
ta lavrada pelos alumnos para experiencias agricolas.

Com respeito ao ensino religioso é elle ministrado em cada classe
seu caracter é inteiramente livre. Ha completa tolerancia para
as as missões que aqui trabalham para o progresso do indigena.

E' este um facto que desejo deixar especialmente consignado. O
islador collocou-se acima de rivalidades confessionaes e nada im-
de o ensino do Evangelho ás creanças rongas.

Tenho um grande prazer em lhe poder mandar tão satisfactorias
formações sobre o ensino indigena n'estas paragens e tenho espe-
nça de que o bom trabalho do sr. Freire d'Andrade e do seu habil
cretario sr. dr. Sousa Ribeiro será duradoiro, pois é evidente a sua
ande utilidade para os indigenas d'esta vasta colonia.

Charles Bourquin
Missionnaire

TUDO ECONOMICO E FINANCEIRO DA INDIA PORTUGUEZA, SEU DESENVOLVIMENTO E PROGRESSO

Conferencia na Sociedade de Geographia de Lisboa em 19 de abril de 1909

Senhor Presidente, minhas senhoras e meus senhores:

Agradeço a V. Ex.ª, Senhor Presidente, as palavras amaveis com
me honrou aprsentando-me a esta assembléa, perante a qual me
o hoje pela primeira vez, palavras inspiradas mais do que na jus-
, no espirito de boa camaradagem que liga a nossa grande fami-
militar.

E a V. Ex.as direi que não poderei nem satisfazer a vossa expe-
tiva nem o meu desejo.

não é para ellas; e, se o não conseguir por completo, é
sempre poderei dizer o que desejo e o que é necessario
sem prejuizo d'essa verdade.

Não vou fallar, meus senhores, d'esse vasto Imperi
d'Albuquerque, que, no dizer do padre Manuel Godinho
lação de viagem» chegou a constar de 8:000 leguas
de 29 cidades — cabeças de provincia — afóra outras de
dando a lei a 33 reinos tributarios; porque, se é certo qu
é rememorar os dois seculos mais brilhantes da histori
é menos certo que aquelles que se presam de ser po
são-no sem duvida todos quantos aqui estão, se não sint
dos comparando esse passado glorioso com o presente
nas e miseria.

Não, meus senhores; não vou fallar d'essa India das
d'essa India que durante muito tempo nos mandou as s
regadas de requissimos productos orientaes que fizera
n'essa época, um deposito de phantasticas riquezas; n
d'essa India que fez do Rei D. Manuel, um rei negociante
Reis, agentes de negocios. Não, não é d'essa India que
Vice-Reis ao formoso Mandovy assistirem á partida d
que iam em demanda de novas conquistas, ou á part
que, com os porões atulhados de riquezas, se dirigiam
não é d'essa India que eu vou falar-vos, porque essa
perdeu-se depois de nos ter arruinado, depois de nos t
nós.

Da mesma forma, meus senhores, não falarei d'es
Industão, d'essa nossa formosa Lisboa do Oriente, de q
que — «quem viu Gôa não tem necessidade de vêr Lisbo
essa ha já muito que tambem não existe. O que d'ella r
casião de vo'-lo mostrar em algumas projecções luminos

téem a vantagem de resolver, de per si, os problemas da nossa
ıinistração colonial.
O momento é de trabalho; por isso, continuando como até aqui
ente a viver da contemplação do passado, teremos fatalmente de
esmagados e absorvidos por essa pleiade de luctadores da guarda
nçada da civilisação, que domina o presente e que segue á con-
ıta do futuro.
Não podemos, pois, meus senhores, por mais heroica e respeita-
que seja a tradição historica da nossa India, d'essa meia duzia
ɔalmos de terra que ainda ali possuimos do vasto Imperio de Af-
ıo d'Albuquerque, continuar a conservá-la só como padrão de
ia, como temos feito até aqui. E' pois indispensavel que a faça-
produzir e consumir. E' para isso, meus senhores, que eu, o
s humilde de todos os officiaes do nosso exercito e o mais obscuro
todos os funccionarios que téem passado por essa dedada portu-
za no mappa da Asia, me atrevi a vir aqui fallar-vos da nossa
ia.
Oxalá, meus senhores, esta minha palestra possa prestar para al-
ıa cousa e, especialmente, interessar aquelles que dirigem os des-
s da Patria, que darei por muito bem empregado o trabalho que
custou.

*

* *

A nossa India, hoje, está reduzida a 3:806 kilometros quadrados
ıberrimos terrenos, na sua maioria incultos, com uma população
500:000 habitantes, na sua maior parte servos da gleba, mal ali-
ıtados, mal civilizados, mas bem funccionalisados. E' a estes
)6 kilometros quadrados de terrenos que nós chamamos o Estado
India, que é administrado por um Governador Geral e dois Go-
ıadores de Districto. Não é, pois, por falta de governadores que
ɔlonia chegou ao estado miseravel em que se encontra, como terei
ısião de demonstrar no decorrer d'esta minha palestra.
Os districtos de que se compõe a colonia são: Gôa, Damão

O districto de Gôa, o maior e o mais importante sob todos os
tos de vista, divide-se em Velhas e Novas Conquistas. As Velhas
ıquistas, com uma area de 717 kilometros quadrados, dividem-se
tres concelhos; e as Novas Conquistas, com uma area de 2:653
ımetros quadrados, dividem-se em seis concelhos e um commando
ıtar.
O districto de Damão é constituido pelos concelhos de Damão e
ganã Nagar-Avely. Este concelho acha-se separado do de Da-
› por uma faxa de territorio inglez d'uns 20 kilometros. O conce-
de Damão tem uma area de 90 kilometros quadrados e o da Pra-
ã de 460.
O districto de Diu, com uma area de 55 kilometros quadrados,
um unico concelho — Diu.

E' esta a divisão administrativa que, como V. Ex.^{as} vêem, é abundantissima; mas a judicial não o é menos, pois consta d'uma Relação, seis comarcas, cinco julgados municipaes e cento e dez juizes populares.

A divisão ecclesiastica e a militar são de todas as mais abundantes e são estas as que mais comem ao depauperado orçamento da colonia.

Para não me alongar muito com a descripção de todas estas divisões, resumi-las-hei no seguinte: um governador por cada 1:263 kilometros com 177:260 habitantes, divididos por 4,3 de concelho constituidos por 36 freguezias com 169 aldeias. Cada concelho com uma area de 292 kilometros, 8,3 de freguezia com 40:907 habitantes. Cada comarca e julgado com uma area de 346 kilometros, tendo 1,1 de concelho com 9 freguezias com 48:345 habitantes. Cada parochia com uma area de 35 kilometros com 4:924 parochianos, mas d'estes só 2:432 são christãos. Cada 347 christãos com um presbytero, pois existem na colonia 757 presbyteros. A força militar da colonia é de 2:919 homens, o que dá quasi um soldado por kilometro quadrado. O numero de officiaes em effectivo serviço é de 97, sendo, actualmente, um pequeno numero do exercito do reino.

Se o numero de funccionarios fosse, entre nós, funcção da prosperidade d'uma colonia, era, sem duvida alguma, esta colonia a mais prospera de todas as que possuimos, mas se assim succede com alguma nação colonial, o que eu creio, entre nós não se dá isso, muito especialmente pelo que diz respeito á nossa India.

Esta só se não encontra no seu estado primitivo por ter já um orçamento, onde se indica o que se deve tirar a uns para dar a outros; de resto, estou em crêr que a maior parte dos seus habitantes vivem mais miseravelmente que outr'óra.

Nem de esperar é outra cousa d'uma colonia que, não podendo ser mais que agricola, ainda hoje emprega na cultura dos seus ferteis terrenos os mesmos processos que os seus primitivos fundadores empregavam, terrenos que no presente seculo ainda se acham amarrados ao systema communal.

E assim é que os possuidores dos 3:806 kilometros quadrados são: nas Velhas Conquistas, — em primeiro logar, os particulares; em segundo, as communidades; em terceiro, as confrarias; e em quarto, o Estado. Nas Novas Conquistas é o Estado possuidor de mais de dois terços d'elle, isto é, cerca de 2:000 kilometros. No districto de Damão possue o Estado todos os terrenos da Praganã, n'uma area de 460 kilometros, e no de Diu possue ainda uma grande parte.

Os terrenos cultivados a arroz, tanto nas Velhas como nas Novas Conquistas, pertencem na maior parte ás communidades, calculando-se que a sua area se eleva a 200 kilometros. Dos terrenos cultivados só uma decima parte produz durante todo o anno, emquanto as nove decimas partes restantes só produzem durante a epoca das chuvas — quatro mezes no anno.

Não me deterei em dizer o que sejam as communidades, porque decerto V. Ex.^{as} o sabem e muito melhor que eu: apenas direi que,

apesar d'essa volumosa legislação que regula os negocios das communidades, a propriedade territorial continúa, amarrada ao systema communal, a assistir ás luctas entre gancares, cuntocares e particulares, não para a libertarem d'esse pesado jugo, mas para ver qual dos grupos terá a primasia da exploração dos seus magros rendimentos.

Emquanto aqui a evolução da propriedade tem passado pelas mesmas transformações que caracterisam todas as outras instituições, a evolução da propriedade lá só se tem evidenciado em enriquecer os que menos trabalham. Vejamos como.

Mais de dois terços dos terrenos pertencentes ás communidades são cultivados a arroz e é por isso que, vulgarmente, se diz que as communidades são as maiores proprietarias da nossa India. Estes terrenos vão á praça de 3 em 3 annos, para serem arrendados. A essa praça póde concorrer qualquer pessoa, mas para evitar isso e para dar logar a que os syndicateiros continuem a enriquecer-se á custa d'esses arrendamentos e do trabalho do colono, nome dado aos que trabalham a terra, as communidades dividem os terrenos em grandes lotes e tão grandes quanto menor fôr o numero dos syndicateiros.

Arrendados os lotes, os syndicateiros dividem-nos em tantos pequenos lotes quantos forem os trabalhadores que se lhes tenham offerecido para cultivar.

Os colonos pagam ao seu senhor 50 % a mais da producção. Além d'isso, se o senhor lhe tiver adeantado a semente necessaria para semear o lote, restituem-lh'a augmentada do juro de 25 %, e se se der o caso, o que quasi sempre se dá, do senhor ter fornecido ao colono o arroz necessario para a sua alimentação durante a epoca da cultura, tem ainda de lh'o satisfazer augmentado do juro de 25 %.

D'aqui resulta que se o anno agricola não fôr bom, o colono não chega a tirar mais que o necessario para pagar ao senhor, e dado o caso de não chegar, fica o restante a vencer o juro de 25 % a 4 mezes, ou sejam 75 % ao anno.

Estes syndicateiros em Gôa são conhecidos dos colonos pelo nome de alcistas, em virtude de se denominar alça a differença entre a renda que pagam e a que recebem.

O que succede nos arrendamentos dos terrenos das communidades, succede nos do Estado. Os que este arrenda, em virtude de se acharem mais ou menos cultivados, são alguns na Praganã, e, em Gôa, os das aldeias Assolnã, Vellim e Ambellim. N'estes, como n'aquelles, ha tambem alcistas e colonos, só com a differença que os alcistas na Praganã tomam o nome de *Saucares*, e são ainda mais agiotas, se isso é possivel! No arrendamento da propriedade particular desapparecem o alcista, o saucar e o colono, para darem logar ao *batcará* e ao *mandcar*.

O mandcar não é mais feliz do que o colono.

Se não paga como elle capital e juros em genero, paga-os em trabalho e sem limites.

Aqui teem, meus senhores, o regimen da propriedade na nossa India, e por elle é facil calcular qual seja o estado da sua agricultura.

Está amarrada, como Prometheu, só com a differença de que este estava atado ao rochedo e ella está atada á ignorancia, á agiotagem, ao desleixo e ao nosso mau tacto administrativo.

Os systemas agrarios, as machinas aratorias, os processos de irrigação e as sementes de que se servem, são ainda semelhantes aos que estabeleceram os primeiros agricultores que do Canará desceram a vertente occidental dos Gattes e vieram agricultar o Concão, lançando os fundamentos da vida civil e prégando a religião de Brahma.

Até hoje nem o trabalho material se tem importado em corrigir a natureza, nem o intellectual em alterar a primitiva constituição da propriedade de fórma a fazê-la produzir o que ella póde produzir.

Mette dó, meus senhores, vêr a maneira como se cultiva a terra, a pouca que se cultiva, n'essa colonia que nada mais póde ser, porque para mais nada tem condições de vida, do que uma grande propriedade agricola com todos os serviços correlativos.

Ali, nada, absolutamente nada se tem feito que tenda a melhorar os processos da cultura pelos adubos e a economisar a mão de obra, supprindo a sua falta pelo emprego de instrumentos agrarios aperfeiçoados.

Os 531:798 habitantes da colonia, póde dizer-se, são ainda alimentados pela abundancia de substancias que lhes ministra uma agricultura produzida pelas simples forças naturaes multiplicadas pelo tempo.

A charrua, principal instrumento para a cultura da terra, é constituida por um gancho de madeira, umas vezes movido á força de braços e outras por uma infezada e faminta junta de vaccas, que esgravata a terra a uma profundidade que poucas vezes attinge mais de 10 centimetros.

Está tudo entregue á fertilidade do solo e á natureza.

É tal o desprezo pela agricultura, é tal a ancia de obter um logar á depauperada meza do orçamento da provincia, que o recrutamento militar que aqui constitue um pesado tributo de sangue e tão pesado que leva o pequeno agricultor a vender o ultimo palmo de terra que tem, para se remir, lá é desejado pela classe trabalhadora a ponto de haver sempre na repartição militar mais de 500 requerimentos de mancebos pedindo o seu alistamento.

É assim, meus senhores, que a nossa India possue 6:000 funccionarios publicos, incluindo, é claro n'eate numero 2:900 soldados, visto elles serem lá considerados como taes, pois, uma vez alistados, jamais teem baixa. D' ali só para o cemiterio.

É assim, meus senhores, que a producção agricola mal dá para o consumo d'uma terça parte da população, tendo sido necessario importar no anno economico de 1905-1906 generos alimenticios n'um valor de mais de 800 contos, entrando o arroz, como base principal da alimentação, com o valor de 634 contos.

A differença do valor da importação do arroz, para o valor total a importação dos generos alimenticios, que é de 166 contos, cabe os seguintes generos, tambem da primeira necessidade: grão de bico 9:784$400; trigo 69:000$000; milho 1:600$000; nachinim 7:200$000; evada 480$000; legumes 26:400$000; batatas 6:000$000; cebolas :000$000; farinha de trigo 9:200$000 réis; e inhames, surnos e uberculos em geral, 2:333$600.

Isto pelo que diz respeito á agricultura; porém no que diz reseito a sua filha primogenita — a pecuaria e suas derivadas, tambem quadro não é menos lastimoso. Esta, póde dizer-se, não existe.

Todo o gado, tanto para abater como para trabalho, é imporado.

Assim, no anno civil de 1906, importaram-se para abater 8:363 abeças de gado bovino, que, a uma media de 8$000 por cabeça, leva o valor total da importação a 66:904$000.

Para o mesmo fim, o valor da importação de gado caprino, lani;ero e suino foi, n'aquelle mesmo anno, de 7:400$000 réis. Ainda no nesmo anno, o valor da importação da manteiga indiana, cosida e ião cosida, se elevou a 18:000$000 réis. Tudo isto, meus senhores, oi importado dos territorios visinhos da nossa India, que em nada ão superiores aos nossos senão em terem quem os fecunde e faça roduzir.

As culturas mais importantes na nossa India são as do côco, aroz e cajú.

Da cultura do côco tem-se abusado muito com manifesto desprezo la dos generos de primeira necessidade e isto devido, no meu entenler, a essa cultura ser bastante mais facil e menos dispendiosa que qualquer outra e ainda porque a sua boa collocação suppria o deficit erealifero com vantagem; mas hoje, que a abundancia interna e exerna lhe difficulta a boa collocação, torna-se necessario limitar essa ultura e empregar a actividade na de cereaes que venham reduzir deficit cerealifero e supprir a desvalorisação d'aquella.

A exportação dos productos do coqueiro, a unica de algum vaor na colonia, não chegou, no anno economico de 1905-1906, a atingir o valor de 300 contos, emquanto o deficit cerealifero foi 'aquelle anno, como já disse, superior a 600 contos.

Vê-se portanto quanto é urgente e necessario ter em vista que a iossa India não póde deitar-se á sombra dos coqueiros, porque poierá ter que morrer de fome a olhar para os seus armazens alfandegarios atulhados de generos de primeira necessidade, pois nada proluzindo, nada poderá consumir.

Não podendo consumir por não produzir, insignificante deve ser seu commercio.

Assim é, na verdade.

O seu commercio está reduzido á simples operação da troca entre s mesquinhos productos que exporta e os que importa em valor muito nais elevado, saldando a differença com as remessas metalicas envialas pelos filhos que fóra d'ella mourejam a sustentação de suas famiias.

O' seu movimento commercial em 1905-1
seguinte: importação 1.983:046$400 réis; ex
réis, o que dá uma differença entre o valor d
portação de 820:574$000 réis a favor d'aque

O principal commercio de importação é
portos da India ingleza, especialmente com o
ção é de 75 % da importação total.

A importação das mercadorias da metrop
entrando o vinho no valor de 31:391$300 réi
cadorias, que se limitaram a aguas minera
d'ouro, typo d'impressão e azeite de oliveira
que pagaram de direitos 8:958$400 réis.

O nosso vinho de pasto paga n'aquella nc
e adicionaes, 36 réis por litro, ou sejam mai
lor. Não se póde dizer que seja uma má atte
está luctando a nossa viticultura.

Mas, como ia dizendo, a nossa India te
duzida ao côco, castanha de cajú, mangas, b
salgado e areca.

A exportação do côco não corresponde á
que tambem lhe não corresponde a producç
só porque é muito rudimentar a sua cultura,
terrenos se acham esgotados por muitas pro
alguma pelo emprego de adubos.

A exportação da areca tem diminuido mu
mine dentro em pouco, dada a sua accentuad

Semelhante sorte está reservada á mang
exportada no valor de 43:931$600 réis, pel
existe já no interior dos territorios da Indi
mente em Poona, onde a grande granja ag
feito uma rigorosa selecção das suas melhor
cessos que a moderna sciencia aconselha par
entre nós a sua producção e selecção está co
Natureza. Não se dispensa o minimo cuidado
dignas eram de melhor sorte. Todas ellas se
muitos e variados parasitas e só vêem o seu
dos seus servos na epoca em que os seus fo
fructos estão em condições de serem colhidos

A exportação do bambú, regula, em me
annuaes. Podia tornar se bastante valiosa s
pregasse mais do que a operação de o colher.
os reproduz sem o mais pequeno auxilio do
não transportam a grandes distancias, são li
de producção que, em geral, se reduzem a alg
os de mais consideravel valor nas florestas d

A exportação da castanha de cajú é, e
27.000$000 reis annuaes.

Dada a sua grande força de vegetação, o
que tambem só vêem o seu proprietario de a

e cuidado com elle e meios faceis de transporte para a Europa seria ımbem para a colonia uma fonte de riqueza digna de ser aprovei- ıda.

A exportação da lenha não foi nos ultimos annos além de 8 con- ɔs, mas poderia augmentar muito se as florestas fossem tratadas omo deviam ser. Com a sua limpeza e desbaste augmentaria muito massa lenhosa podendo exportar-se uma maior quantidade.

A exportação do sal, a mais importante depois da do côco, é, em ıedia, de 40 contos annuaes. Foi outr'ora o producto de exportação ıais valioso.

O tratado luso-britanico, a falta de navegação que leve sal aos por- ɔs de Macau, Shangai, Singapura, Siam, e aos da costa oriental 'Africa, e os processos da sua fabricação da edade patriarchal, fo- ım e ainda são as causas da sua decadencia.

A sua exportação é só permittida para os territorios britanicos elo caminho de ferro e por navios de grande lotação, e como elle ı pela sua má qualidade não póde competir com o da industria bri- ınnica, muito menos o póde sobrecarregado com aquelles fretes.

Aqui tendes, meus senhores, o quanto é insignificante o commer io da colonia.

No tocante ás industrias, tambem as coisas se não passam de dif- ɜrente fórma.

Os poucos artistas existentes na colonia, sem instrucção profis- ional de especie alguma, e servindo-se de instrumentos de trabalho ĩo modestos como antiquados, sem moldes, sem desenhos, e despro- idos de todos os recursos que a arte chama em seu auxilio, repro- uzem em modestissimas officinas desageitados artefactos só proprios ara o consumo local que, em geral, não conhece esmeros d'arte e puros de execução.

De todas as nossas colonias é sem duvida esta, de que estou fal- ındo, a que se encontra em melhores condições para o desenvolvi- ɔento de muitas e variadas industrias, porque é de todas ellas a que ossue maior quantidade e variedade de materia prima.

Só a do sal produz mais do que o necessario para o consumo lo- al ; de todas as restantes produz pouco e mau. Os processos empre- ’ados na fabricação do sal são tudo o que ha de mais primitivo. A onstrucção das marinhas é de tal fórma imperfeita que, além de não roduzirem a quantidade de sal que podiam fornecer, o que produ- em apresenta-se com um aspecto pouco limpo.

Em geral o marnoteiro prepara a marinha patinhando a terra sem e importar que ella fique plana e dura. Não a cylindra e quasi não mprega o rodo para retirar.

Os canaes que conduzem a agua ás marinhas são pouco cuidados, e fórma que, quando ella lá entra, vae bastante suja.

Deu tambem um grande golpe n'esta industria o aperfeiçoamento o da ingleza. A nossa não só não se lhe antecipou, mas nem ao me- os lhe seguiu as pisadas.

De todas as industrias existentes na colonia a que constitue ubere o Estado, é a do abkary, lavra do coqueiro á sura.

Antes do tratado de 26 de novembro de 1878 com os nossos visinhos inglezes, era uma industria muito rendosa, tanto para o Estado como para os proprietarios dos coqueiros.

Durante a sua vigencia conservou-se ainda estacionaria, mas finda ella, cahiu na crise que os nossos alliados premeditaram ao celebrar o contracto.

A industria do abkary lá é a industria vinicola cá. As cepas lá são os coqueiros e os cajueiros. As nossas cepas só dão vinho com muita despeza; as de lá dão tudo entregues á Natureza.

Não creio que exista arvore tão rica como o coqueiro.

Dá vinho (sura), alcool, assucar, oleos, cocos, filaça, lenha, madeira, olas para as paredes e coberturas das casas, e até dá pinceis para as caiar e pintar.

Cada coqueiro destinado á producção de sura paga de imposto 10 rupias annuaes e cada cajueiro 5 rupias.

O regimento da distillação de espiritos do coqueiro é o da livre distillação em alambiques particulares mediante uma licença de 2 rupias por anno. A' distillação de espiritos de cajú e canna doce é feita em destillarias officiaes. Os alambiques empregados na distillação d'estes espiritos são bem rudimentares e antiquados. Reduzem-se a uma grande panella de barro assente sobre duas pedras grandes para se lhes poder accender fogo por baixo, tendo adaptado á bocca um tubo de ferro por onde sahe o espirito.

Na distillação d'estes espiritos empregam-se algumas essencias aromaticas, sendo a mais usada em Damão a da flôr de maurá.

N'outros tempos existia nas mattas de Praganã esta arvore em grande quantidade, mas um espirito pouco previdente mandou-as cortar todas de fórma que passamos a importar essa essencia da India Ingleza até ao anno passado, em que foi prohibida a sua exportação, dando-nos um golpe bem fundo nas nossas finanças, arruinando a industria do abkary em Damão.

Depois d'esta industria vem a da jagra, assucar do pobre. E' pequena e muito rudimentar. Não chega a produzir o necessario ao consumo d'uma terça parte da população; por isso, no anno economico de 1905-1906, foi necessario importar jagra no valor de 123:667$200 réis, e assucar no de 23:461$600 réis.

Esta industria está sujeita ao systema de eiras, especie de régie de fabricação.

A industria da extracção do oleo de côco e de gergelim é tambem insignificante, tendo sido importados esses productos em 1905-1906 no valor de 14 contos.

São estas as industrias que se aproveitam das muitas a que se presta o coqueiro.

Do seu exame conclue-se que se produzem espiritos de mais, e jagra, assucar e oleos de menos; por isso, é necessario diminuir aquelles em beneficio do augmento d'estes.

A industria da ceramica está reduzida ao mau fabrico de algumas bilhas de barro e de telha do antigo systema portuguez. Não dispõe de fornos. As telhas e as bilhas depois de feitas são empilhadas

e cobertas com uma ligeira camada de terra, sobre a qual collocam lenha, a que deitam fogo.

A industria da cal é tambem insignificante. A' falta de calcareo, servem-se de conchas vindas á praia.

Produz o necessario, porque a maior parte das construcções são feitas, ou de olas, ou de barro amassado.

A industria dos caldeireiros é de alguma importancia, mas muito rudimentar. Os seus executores não possuem mais do que um martello, um ferro de soldar e uma bigorna na officina que tem por cobertura a abobada celeste.

A industria da marcenaria está muito longe de attingir o desenvolvimento que podia ter.

N'esta industria ha só a admirar a paciencia com que os seus artifices transformam a madeira n'uns desageitados moveis com instrumentos tão rudimentares como aquelles de que se servem. D'ahi resulta não só serem caros e mal feitos todos os artigos de marcenaria, mas ainda insufficientes para o consumo local, sendo necessario recorrer á importação, que, em media, regula por seis contos de reis annuaes.

A industria do calçado é de todas a que nos ultimos tempos mais se tem desenvolvido e que satisfaz ás exigencias da população. Para o seu desenvolvimento muito tem concorrido o elemento europeu e será elle que sempre lhe ha-de imprimir a força evolutiva.

A industria da ourivesaria é uma das mais rudimentares; é na que mais caracteristicamente se notam os vestigios da civilização indiana. O ourives de lá não é ourives porque tenha decidida vocação para a arte; é ourives porque toda a sua familia o tem sido e porque pertence á casta dos ourives.

As suas officinas de trabalho, as mais bem montadas, possuem apenas uma pequena mesa que serve para os artifices trabalharem de cócoras, um pequeno fogareiro, uma ou duas pinças, um ou dois buris e um ou outro instrumento de corte.

Não tem moldes nem desenhos, e os artigos que os seus avós confeccionavam ha 100 ou 200 annos, são ainda hoje os que elles confeccionam. Não conhecem esmeros d'arte, e para produzirem qualquer artigo empregam o dobro da materia prima que seria necessaria se fosse fabricado por um bom artista.

Os toscos artigos confeccionados não chegam para o consumo local, tendo a colonia importado, apesar da sua pobreza, em 1905-1906 um total no valor de 16 contos.

A industria da tecelagem em Damão e Diu, está no ultimo periodo da sua decadencia. Os atoalhados, pela boa qualidade do tecido e firmeza das côres de estampagem, e os tecidos chamados *chelas* de Diu, são ainda hoje afamados, como afamadas eram as sedas cruas de Damão. Depois que a machina a vapor dos territorios britanicos veiu substituir o trabalho manual, esta industria, que era de grande importancia n'aquelles districtos, morreu quasi que por completo.

Emquanto á industria do cairo, que tão remuneradora é na India

Ingleza e para a qual existe abundante materia prima nos nossos territorios, nem mesmo se torna digna de nota.

A dos lavrados e trabalhos em sandalo é tambem muito insignificante. Falta aos seus executores instrucção, arte e bom gosto.

Aqui está, meus senhores, o estado em que se encontram as poucas industrias que existem n'aquella nossa colonia.

A mão d'obra tambem as não ajuda. E' má, e porque é má torna-se cara. Nem o operario nem o proprio trabalhador dos campos possuem os mais rudimentares conhecimentos do que seja produzir sem esforço e com economia.

Os salarios são modestos, insignificantes mesmo, mas, apesar d'isso, o trabalho produzido não corresponde ainda á sua modestia, tal é o pouco trabalho produzido por cada individuo.

O trabalhador dos campos revolve geralmente a terra com as mãos e só em casos em que ella é mais dura é que emprega a enxada e nunca a pá, que é instrumento que desconhece inteiramente.

Em parte alguma o trabalhador dos campos produz menos do que lá. Não tem a verdadeira educação do trabalho, porque tambem a não possuem aquelles que, por seu proprio interesse, lh'a podiam ministrar.

O trabalhador serve se dos mesmos processos e dos mesmos instrumentos de que se serviam os seus maiores ha 500 annos.

O que succede com os trabalhadores ruraes, succede com os operarios de qualquer arte ou officio. Assim, o banco de trabalho do carpinteiro é o chão. E' sobre esse banco que elles fazem todos os trabalhos e sempre de cocoras. Não conhecem a serra; empregam sempre o serrote em todos os cortes. O serrote, a juntoura, a plaina e todos os ferros de cepo são quasi sempre movidos por dois artistas.

O alfaiate tambem trabalha no chão. Ahi talha e coze. Qualquer fato sahido das suas officinas vem sempre em estado de se não poder vestir sem primeiro ser lavado.

Pretende se justificar estas praticas na tradição, como, em geral, se justifica tudo quanto se faz n'aquella colonia em contrario a todas as boas regras e principios.

E' tambem devido á tradição que V. Ex.^as teem ouvido falar das grandiosas mattas da nossa India, e tantas vezes o teem ouvido que estou certo acreditam na sua existencia e grandiosidade.

Pois eu, meus senhores, posso affirmar a V. Ex.^as, sem receio algum de desmentido, que mattas é coisa que não existe na nossa India.

E como haverá mattas, se percorrendo os orçamentos da provincia, desde que elles existem, se não encontra ahi verba alguma destinada ao tratamento das florestas? Sem dinheiro é evidente que a melhor boa vontade não póde transformar uma brenha n'uma matta.

E' cruel e muito cruel a guerra devastadora que o Estado e os particulares movem a essas brenhas que, graças á sua regeneração natural, ainda hoje possuimos n'aquella colonia.

Para se poder calcular até que ponto é encarniçada essa guerra, basta dizer que ainda hoje, no seculo XX, em que as florestas são con-

: uma das maiores riquezas publicas, ali se cultive pelo pro-
cumerim, processo que caracterisa a epoca pastoril.
›rocesso de cultura n'uma colonia possuidora d'um solo tão
como é o da India, só nenhum amor pelo trabalho o justi-
parte dos povos, mas não se póde justificar um governo que
consente, mas até o regularisa por leis baseadas nos usos.
ıcessão da parte das florestas para *cumerins* é feita annual-
nem mesmo esta concessão foge ás garras dos syndicateiros.
e sempre elles que tomam de arrendamento estas florestas
m queimar e agricultar pelos seus colonos, a quem exigem
nto a Natureza póde produzir.
e ainda uma outra pratica antiga que, se não é tão barbara
ıella, só por si daria a medida mais que sufficiente para se
o grau de respeito que temos pelas florestas. E' a concessão
ãs. O Colvã consiste no corte das arvores a certa altura,
ıa. Qualquer particular requer ao governo a concessão de
ılvãs. Conseguida esta, o que sempre succede, o particular
nas florestas e ahi mutila a torto e a direito as arvores que
como melhor lhe convem. As que rebentam, ficam arvores
ıs, e as que não rebentam dão logar a novo Colvã no anno

: peior que tudo isto são as usurpações systematicas.
:prietario confinante com as florestas não se contentando só
rte d'esta ou d'aquella essencia florestal, vae ainda augmen-
seus terrenos á custa d'ellas pelo seguinte processo: — re-
administrador das mattas para cortar no seu predio, cujas
ções diz quaes são, e que mais lhe convem, determinado nu-
essencias florestaes. Deferido o requerimento, o proprietario
bel prazer os cortes que quer nos terrenos do Estado, visto
terem marcas, balisas ou quaesquer divisorias que os deli-
›s outros. No anno seguinte faz novo pedido e novos cortes
'ae augmentando a sua propriedade como melhor lhe parece.
'a que isto se não possa evitar, é que se faz essa tremenda
ı aos serviços da agricultura, que só na provincia de Per-
e o Estado possue relativamente poucos terrenos, reinvindi-
a fazenda mais de 600 hectares, afóra a floresta de Tam-

:ontracto de arrendamento da nossa linha ferrea, é o Estado
a fornecer annualmente á companhia arrendataria a massa
ıe que ella carecer para as locomotivas que puzer em circu-

fornecimento tem sido feito pelas florestas mais proximas da
Embarbacem e Pondá, e pela forma como está sendo feito e
rande massa lenhosa que é necessario fornecer por anno, fa-
se deprehende que, dentro em pouco, essas grandes flores-
ıo transformadas em cinzas pelas locomotivas da companhia,
ficaremos sem florestas e com o material circulante de sen-
Zuari.
nte prejudicial ás florestas é tambem um ou outro governa-

dor entender que ellas devem supprir a defficiencia de qualquer verba orçamental ou fazer face a qualquer despeza imprevista, ordenando para isso grandes cortes e venda de madeiras, geralmente nas florestas da Praganã, sem se attender mais do que á quantidade necessaria para dar a somma desejada.

Nas actuaes tabellas orçamentaes da colonia vem inscripta a verba de 29 contos de receita das florestas, receita proveniente dos Cumerins, Colvão e fornecimento de lenha á companhia do caminho de ferro, mas como despeza com a sua regeneração e tratamento só lá vem a de 7:456$400 réis destinada ao pessoal burocratico, ao pessoal que deve dirigir os trabalhos necessarios para transformar as florestas em mattas, mas que não dirige por não ter a quem.

Aqui teem, meus senhores, o que são as tão falladas mattas da nossa India; e já veem que disse a verdade, quando lhes affirmei que lá não existiam mattas.

A nossa má orientação administrativa faz-se sentir tambem muito na instrucção.

Esta, apesar de lá termos uma escola medica, um lyceu e uma escola normal, é pouca e pessimamente orientada.

A instrucção elementar, base de toda a instrucção e da felicidade de todos os povos, é ministrada sómente em 101 escolas, sendo 84 de lingua portugueza, 7 de maratha e 10 de guzeratte. Das 84 escolas da lingua portugueza só 69 são régias. D'estas 69 são 63 do sexo masculino e 6 do sexo feminino. Das 15 escolas de corporação são: 9 do sexo masculino e 6 do sexo feminino. As 7 escolas de maratha são todas régias e das 10 de guzeratte, é uma régia e 9 de corporação.

Se entrarmos em linha de conta só com as escolas regias, vemos que ha: uma escola do sexo masculino, onde se ensina portuguez — a lingua da mãe patria, para 4:060 individuos; e uma do sexo feminino para 45:995.

Entrando em linha de conta com as de corporação, ha uma do sexo masculino para 3:553 individuos e uma do sexo feminino para 22:997. D'aqui resulta que o ultimo censo da população accusa 90 % de analphabetos. No entanto, meus senhores, publicam-se lá mais de 40 jornaes e revistas, sendo 3 diarios. Para que a instrucção seja má concorrem muitos e diversos factores, sendo os principaes, o methodo de ensino, a incompetencia de muitos dos professores, a falta absoluta de material de ensino, a escassez de mobiliario conveniente e o pessimo alojamento de quasi todas as escolas.

Para clara ideia do seu alojamento descreverei o edificio d'uma das da capital, que, de resto, não constitue excepção.

Essa casa mede 6 metros de comprimento, 3,5 de largo e 3,5 de alto, o que dá uma cubagem de 73,5 metros cubicos.

O pavimento é assoalhado mas atapetado por uma grande camada de lixo.

Do tecto pendem habitualmente bastantes teias de aranha, e nas paredes mal caiadas ha grandes manchas de pó. Mais parece uma immunda prisão do que uma escola. Como mobiliario tem meia duzia de desconjuntadas mezas e alguns mal ageitados bancos, sem encosto.

um canto, o mais escuro da casa, está a meza do professor, mais propria para figurar n'um museu que n'uma escola. Sobre za ha um velho e sujo tinteiro e ao lado algumas canetas já partidas e com os aparos ferrugentos.
omo material de ensino tem um quadro que n'outros tempos ter sido preto. Nada mais ha.
' n'esta casa, onde a custo entra a luz e exalando um cheiro a insuportavel, que durante annos e annos ali vae receber a luz strucção uma parte da gente da capital.
as escolas secundarias, as coisas não correm melhor, antes, pelo ario, correm ainda peior, se isso é possivel.
'estas, como n'aquellas, falta tudo.
anto a escola medica, como o lyceu e escola normal, servem s para preparar funccionarios publicos.
reio ser um luxo termos lá uma escola medica só para habilitar duos a exercer o logar de delegado de saude por 192$000 réis es ou o logar de amanuense de qualquer repartição, porque é ra isto que essa escola está auctorisada a habilitar legalmente.
ão menos luxo é a escola normal que serve só para habilitar ssores para as 84 escolas de instrucção primaria, que tantas são las onde se ensina a lingua portugueza na colonia. Em menos) annos haverá mais individuos com o curso d'essa escola que cessarios para professores das escolas elementares durante 50
.
lyceu, se não é tanto luxo como aquellas duas escolas é, todavia, stabelecimento de ensino pouco prestavel, tal como está. E' um elecimento de pessoal com direitos adquiridos e nada mais.

--

qui está, meus senhores, dito d'uma forma muito geral, o que é a nossa India, em que estado se encontram todas essas passadas esas de que nos falla a historia e os vestigios confirmam, como occasião de vos mostrar d'aqui a pouco.
ó quem percorre aldeia por aldeia e observa o viver intimo d'esse é que póde fazer uma pallida ideia da miseria que vae por essa ia possuidora do solo mais uberrimo de todo o Hindustão.
odavia, meus senhores, no meio de tanta miseria, é um povo morre de fóme, é verdade, mas morre fazendo festas, dançando, do missas e rezando.

* *
*

ueixa-se a nossa India, e com muita razão, de que nós, em vez sinarmos os seus filhos a agricultar os seus uberrimos campos, os d'elles uns burocratas que, no meio em que vivem, nem poer uteis a si nem aos seus e muito menos á sociedade em geral.
tempo de a attendermos; é tempo de ensinar os seus filhos r do seu rico solo tudo quanto elle póde dar, que é muito; a ar-lhes que na terra que os viu nascer, existe mais que a sus-

tentação de suas familias, sustento que elles vão mourejar a lon
quas paragens.

Para isso, meus senhores, a medida que se impõe como base
damental do progresso e desenvolvimento da colonia é, sem duv
a modificação do regimen da propriedade.

E' fóra de duvida que o systema communal adoptado pelos
fundadores prestou n'outros tempos relevantes serviços á India,
hoje não succede assim, e, além d'isso, esse systema não se con
com a liberdade da terra, que foi uma das maiores conquistas ec
micas do seculo XVIII.

Não resta pois duvida de que se torna necessario a desamor
ção dos bens das communidades, tanto para desenvolver as forças
ductivas e a prosperidade agricola da colonia, mas ainda para o augm
das receitas do Estado.

Da mesma forma se torna necessario que o Estado se desfaça
numerosos terrenos que possue, reservando para si, unicamente
occupados pelas florestas, que devem ser regenerados, os destin
a ensaios agricolas, á sustentação de gados reproductores, ao est
lecimento de povoações e ainda quaesquer outros que forem julg
necessarios para trabalhos agricolas ou de irrigação.

Para este fim, os primeiros trabalhos a executar devem s
levantamento da carta agricola e a divisão em lotes de todos os
renos a aforar, lotes que não deverão ser superiores a um hec
para terrenos de varzea e a dois para os outeiraes.

A desamortisação dos terrenos das comunidades póde ser f
pelo Estado ou directamente pelos particulares.

Feita pelo Estado, traria a essas corporações mais garanti
poderia ser feita dividindo as varzeas em lotes de hectares e os
renos outeiraes de dois hectares, calculando-se o valor pela media
arrendamentos dos ultimos 5 annos, fixando-se-lhe um juro que s
calculado por aquella mesma funcção. O Estado entregaria a es
corporações o valor da desamortisação em acções do valor corres
dente a cada lote.

Uma vez o Estado na posse das propriedades, procederia ao
aforamento em parcellas correspondentes áquelles lotes, fixando-ll
fôro necessario para o pagamento do juro da acção corresponde

Estes foros poderiam ser remidos no fim de 20 annos pelo pa
mento do fôro correspondente ao valor da desamortisação que
tivesse sido attribuido, ou desde logo pelo pagamento da acção c
respondente ao lote.

A desamortisação feita directamente pelos particulares podê-lo
ser mediante a compra dos lotes vendidos em hasta publica ou
meio de aforamento calculado nas condições já expostas.

Semelhantemente se deveria proceder com relação aos terre
ainda hoje na posse do Estado.

Todo o terreno aforado deveria ser indivisivel emquanto se
achar remido o foro, e inalienavel emquanto se não encontre com
tamente cultivado.

Se no fim de 10 annos o Estado ainda possuisse terrenos p

aforar, seriam concedidos 3 hectares dos proprios para a cultura do arroz e 5 dos outeiraes, isemptos de quaesquer encargos durante 10 annos, a quem provar ter chamado á cultura todos aquelles que possue, e se essa cultura fôr intensiva, aquella isempção poderia ir até 20 annos.

Nas Novas Conquistas deveria o Estado reservar os terrenos necessarios para o estabelecimento de novas povoações, calculando para cada habitação, pelo menos, 1/4 de hectare de terreno. Este terreno e a habitação quando construida pelo Estado, seria indivisivel e sómente transmissivel nos termos da lei vigente. O fôro d'este terreno e o da casa, quando construida pelo Estado, seria calculado: o do terreno em funcção do preço dado ao lote considerado inculto, não sendo em caso algum superior a 10 %, e o da casa, em funcção só do custo da edificação.

Todo o individuo deveria ser obrigado a cultivar e aquelles que não exercessem qualquer profissão, arte ou officio ou não procurassem pelo trabalho meios de ganhar a vida, dever-se-lhe-hia applicar a lei em vigor para taes casos.

Todo o individuo devia ser obrigado a plantar nos seus terrenos a quantidade e qualidade de arvores que o Estado lhe fornecesse e indicasse.

São estas as principaes bases que julgo mais convenientes para um novo regimen de propriedade na nossa India, unico capaz de permittir o desenvolvimento agricola de que tanto carece a colonia para a sua regeneração economica.

Esse desenvolvimento agricola está tão intimamente ligado á exploração economica da terra e está de tal forma relacionado com factores tão diversos e dependente de circumstancias tão variadas, que mal póde ser realisado por quem não tiver conhecimentos apropriados. E' por isso que todas as nações, que já reconheceram ser a agricultura a principal base da sua prosperidade, organisam de preferencia escolas agricolas onde a theoria é convenientemente estudada e campos experimentaes para ahi se verificarem as verdades que a sciencia ensina.

Essas escolas são de importancia diversa e preparam o pessoal para os diversos misteres da vida agricola. Umas formam o pessoal dirigente; outras, as mais praticas, habilitam o pessoal que tem de executar os diversos trabalhos. E' uma d'estas escolas que se torna urgente installar na India e que sirva não só para a educação do pessoal dirigente e executante, mas que pelos seus bons resultados estimule os particulares a seguirem os seus methodos de trabalho.

N'essa escola os principaes livros deveriam ser os tractos de terreno em que a lição se estudasse executando os diversos methodos que a agricultura moderna emprega, e os professores homens que tivessem verdadeiro conhecimento da execução d'esses methodos, e assim em vez de escola poder-lhe-hiamos chamar Granja agricola. O seu estabelecimento deveria ser feito nas Novas Conquistas, não só porque são ahi mais bastos os terrenos incultos pertencentes ao Estado como ainda porque se prestam melhor a todas as especies de cultura, quer pela riqueza dos terrenos, quer pela abundancia das aguas.

D'esta granja deverião sahir, para distribuir pelos agricultor
todas as plantas e sementes de mais reconhecido valor economi
sendo gratuita a sua distribuição aos considerados pobres, assim co
se lhes deveriam fornecer, por emprestimo, durante os primeiros
ou tres annos, as machinas aratorias e o gado necessario para a
voura dos seus campos.

Da granja deveriam partir, na epoca das diversas culturas par
diversas aldeias da colonia, turnos de pessoal já habilitado na
cução dos trabalhos agricolas, os quaes, com o auxilio dos adm
tradores do conselho ensinariam aos agricultores a melhor form
executar os processos mais modernos e mais remuneradores.

Na mesma granja deveria ser montado um laboratorio para
lyses de terras, adubos e sementes Essas analyses seriam feitas
primeiros tempos, a quem as requisitasse.

Estabelecer-se-hia tambem na granja um jornal exclusivat
agricola, impresso em portuguez e maratha, que se distribuisse
tuitamente a todas as pessoas da familia agricola.

Esse jornal, que convinha fôsse illustrado tanto quanto po
indicaria aos agricultores os trabalhos a executar em cada ep
anno mais economicamente, as culturas que a experiencia acon
e, emfim, todas as indicações mais necessarias ao progresso e
volvimento da agricultura.

Annexo á granja montar-se-hia um posto de reproducção e
de gado destinado á agricultura, ao commercio e ao abastec
de solipedes.

Tambem annexo a este posto haveria pequenas machinas
fabrico da manteiga, mais com o fim de instruir e vulgaris
industria do que de negociar.

Sendo tambem de bastante valor economico a cultura do
para consumo em folha, porquanto o valor da sua importa
anno economico de 1905-1906, se elevou a réis 65.631$200,
o solo da colonia bastante proprio para essa cultura, deveri
d[illegible] se a ella, afim de evitar que o districto de Belgão levasse
mente á colonia aquella quantia.

Ligada a colonia por carreiras de vapores ás costas or
occidental d'Africa, podia esta cultura ser feita em larga esca
quanto encontraria seguros mercados nas nossas colonias d'
duas costas.

Não é de mais insistir na necessidade de fazer entrar em c[illegible]
[illegible] esses milhares de hectares de terreno que não p[illegible]
[illegible] nada durante 8 mezes do anno, só porque a
[illegible] a quem tudo [illegible] os habitantes da colonia
[illegible] gar.

[illegible] senhores, que haja povo algum que tant
[illegible] Divina Providencia e que tanto confie na N
[illegible] chove, rezam, mandam dizer missas
[illegible] aproveitar esse abundante lenço
[illegible] do solo se encontra por toda a pa
[illegible] formosissimas cascatas que con

hydraulicas se encarregariam de substituir a Divina Provi-
ındo ella fosse mais avara.
, é necessario que o alvião demolidor que lançou por terra
os templos da religião de Brahma existentes nas Velhas
s, rasgue hoje com a mesma fé e denodo as entranhas da
cunde e a faça produzir ; é necessario que nas escolas pra-
gricultura se insinue no espirito dos individuos que nas di-
ɔcas vão pelas aldeias prégar a religião da agricultura, a
que outr'ora era ensinada aos que dos mosteiros partiam a
religião de Christo, para que elles com a sua crença pos-
da sua propaganda pelo menos os mesmos resultados.
s disse, meus senhores, que é tão desapiedada a guerra que
os particulares movem ás florestas da colonia que, apesar da
cia do solo e da sua força de regeneração natural, terão de
ımpo aos seus inimigos dentro em pouco, se em seu auxilio
processos adequados de regeneração, conservação, melho-
exploração.
leira que até hoje não constitue rendimento algum das mat-
rradamente se entender que deve ser reservada para o exclu-
ımo do Estado, que a deixa perder por a não poder utilisar,
ıssar a constituir rendimento, muito especialmente a das
ıe na limpeza e desbaste tenham de ser cortadas.
lmente ou em periodo ainda menor, conforme as necessida-
'oducção de madeiras, mandaria o governo central á colonia
carregar as madeira de que precisasse para as suas cons-
ıavaes e outras, e as restantes, isemptas de direitos de im-
deveriam ser vendidas aqui para a marcenaria nacional.
que as florestas entrem em franca exploração e regeneração,
'gurar que o seu rendimento se elevará a mais de 100 con-
s annuaes e que em vez de florestas, passaremos a ter mat-
ıagnificas arvores que hoje, se escapam dos colvãs e da ne-
ica dos *cumerins*, não escapam aos liames que as apertam e

*

* *

e occasião de dizer a V. Ex.as que transacções commerciaes
escala não ha na colonia, nem mesmo poderá haver emquanto
ura não attingir o maximo grau de desenvolvimento e em-
o forem restabelecidas as relações commerciaes com os prin-
rtos da Europa, da Africa, do Extremo Oriente e da mãe-

envolvimento da agricultura e a exploração das florestas
.zer á colonia os recursos necessarios para subsidiar uma ou
ɔanhias de navegação que, pelo menos mensalmente, façam
seus vapores no nosso magnifico porto de Mormugão, quer
m da Europa para o Extremo-Oriente e vice versa, quer
n para a Africa e d'ahi para a Europa.
forma, do Extremo Oriente viriam com facilidade para o

bebidas que não sejam brancas; mas, dada a sua ten
abuso e especialmente por parte dos menos ferrenhos e
já hoje consomem bastante vinho de pasto, tinto, que be
didas dos estranhos e até mesmo da propria familia; e
sumo é ainda relativamente restricto, é unicamente dev
do vinho por causa do transporte e direitos aduaneiros q
alfandegas vão além de 100 % do seu valor. Se, porém
é vedado o uso dos vinhos tintos, outro tanto não lhes
os vinhos brancos de pasto, generosos e champagnes qu
um largo consumo entre elles. Estes já elles podem beb
da ira dos seus deuses. De mais, habitando a India, alén
mais de 100 milhões de individuos de outras religiões q
bem o uso dos vinhos tintos, poder-se-hia vender alguns
pipas d'estes, com um preço ao alcance do publico, e de
lhes o gosto por elles.

Em quasi toda a India, a distincção que ainda pó
uma pessoa é a offerta de um copo de vinho com o ro
sabor a vinho do Porto.

Crear depositos de vinhos em Mormugão e encarreg
ganda d'elle caixeiros viajantes habeis que se façam ac
abundantes amostras e de pessoal conhecedor das lingua
dos povos, é uma das medidas que mais urgentement
Esses caixeiros viajantes não devem ser funccionario
além da sua remuneração fixa devem ter uma percenta
venda.

Nos nossos territorios deve ser consentida a sua ven
nas onde se vendem espiritos nativos, tornando-se assim
cil accesso aos que, por circumstancias de religião e out
sam entrar nas tabernas da sua exclusiva venda.

A isempção de direitos na nossa colonia e uma rigor

portuguezes tomassem a iniciativa d'isso, auxiliando-os o governo com uma protecção pautal que, por maior que fosse, não prejudicaria a industria da colonia. Para essa tentativa deveriam os commerciantes e industriaes mandar á colonia um delegado seu estudar os padrões mais em uso e mais do agrado do gentio.

Como já tive occasião de indicar, as industrias n'aquella nossa colonia encontram-se, com pequenas differenças, ainda no estado primitivo, o que de resto não é para estranhar, visto o operario não possuir instrucção profissional de especie alguma. Crear uma ou mais escolas de artes e officios é uma necessidade, mas que ellas sirvam para instruir operarios e não para dar logar a afilhados. Entre muitas e variadas especies de materia prima que a colonia produz para muitas e diversas industrias, está o côco, cuja fibra é d'um incalculavel valor para as industrias da filaça. Ha tambem o bambú, que podia ter uma larga applicação na marcenaria, mas, como aquelle, é só explorado como combustivel.

Uma das industrias que mais convem aperfeiçoar desde já é a do sal. O aperfeiçoamento d'esta industria poucos encargos trará ao productor em relação ás vantagens que d'ahi lhe podem advir.

A industria do abkary é por assim dizer a unica que traz alguns rendimentos ao Estado, mas é tambem por causa d'ella que temos recebido as maiores desconsiderações dos nossos visinhos britanicos. Com razão? sem razão? Não me proponho discutil-o agora, porque o momento não é proprio para isso.

A remodelação do regimen do abkary impõe-se, principalmente sob o ponto de vista economico. O actual regimen nada tem que o recommende, a não ser para sustentar esse exercito de fiscalisação que absorve quasi todo o seus rendimento.

A sua remodelação póde ser feita por duas formas: tributando unica e exclusivamente os espiritos vendidos nas tabernas, ficando livre a producção, ou tributando sómente esta, ficando livre aquella.

O primeiro caso é o que julgo mais em harmonia com os interesses da fazenda e até mesmo dos particulares. Por isso, é este que vou expôr, como já tive a honra de o fazer ao governo da colonia, por m'o pedir.

Sabe-se qual o numero de palmeiras e outras arvores lavradas á sura para espirito, relativamente a cada concelho, e, portanto, sabe-se tambem qual é o rendimento annual d'essa lavra por cada concelho. Partindo da media da receita nos ultimos 5 annos, deveria pôr-se em arrematação a venda dos espiritos por cada concelho.

O arrematante, em vista da importancia por que lhe fosse adjudicada a arrematação e dos lucros que calculasse poder tirar, fixaria a cada taberna das existentes no concelho, tendo em vista o maior ou menor negocio que cada uma possa fazer, a importancia a pagar.

O taberneiro acceita ou não acceita. Se acceita, paga ao arrematante a importancia da avença nos periodos que contractarem; se não acceita, fica ao arrematante o direito de pôr ahi, por sua conta e sem mais encargos que o da licença industrial, uma taberna; e ao taberneiro resta-lhe, ou fechar a porta, ou manifestar na fazenda o

numero de litros de espirito que calcula poder vender no periodo de tempo por que desejar o manifesto.

Como principio deveria estabelecer-se que ninguem pudesse vender espiritos ou sura senão a taberneiro ou a arrematante, quando este tenha tabernas por sua conta, impondo-se uma pesada multa á transgressão d'este principio, cuja fiscalisação seria feita pelos que essa transformação vae lesar directamente, como são os taberneiros e os arrematantes.

A fiscalisação dos taberneiros que não acceitassem a avença como o arrematante, seria feita por meio de varejos dados pelos empregados fiscaes no serviço da repartição de fazenda concelhia. Ao proprietario fica o direito de lavrar á sura para espiritos as palmeiras que quizer, sem outro imposto mais do que o predial. A's distillarias, que n'este caso passariam a ser particulares, seria estabelecido o imposto de alambique conforme a sua producção.

Por esta forma, seria dispensado quasi todo esse exercito de fiscalisação que leva mais de duas terças partes do rendimento do regimen em vigor.

Não menos cuidado deverá merecer a industria da jagra, — *assucar do pobre*, que, como já disse, no anno economico de 1905-1906 foi importada no valor de 123:587$200 réis, contando com o assucar propriamente dito, cuja importação foi de 22:641$600 réis.

Afigura-se-me que a melhor forma de desenvolver esta industria é o Estado na sua Granja agricola fazer plantações de canna sacharina e incitar os lavradores, por meio de premios, a irem ahi receber a instrucção respeitante á sua cultura e fabrico do assucar, e á medida que se fosse desenvolvendo a plantação e o fabrico, elevar os direitos de importação da jagra e assucar, mas só até ficar a favor da industria nacional metade dos direitos de importação.

Os premios devem consistir em isempções de contribuições ao Estado, e devem ser tanto maiores quanto maior fôr a quantidade de assucar e jagra produzida em menor tempo e melhor fôr a sua qualidade.

E' fóra de duvida que o Estado nem deve ser industrial nem agricultor, mas, dada a falta de iniciativa que ha no povo da India, é a elle que lhe compete tomar a iniciativa de todas as industrias que possam contribuir efficazmente para a regeneração economica da colonia, e a de que acabo de fallar, é uma das que muito póde concorrer para isso.

A falta d'instrucção elementar e a má orientação da que existe são, sem duvida, as causas que mais teem concorrido para o estado miseravel em que se encontra a colonia.

Crear, pois, o numero de escolas necessarias para diffundir a instrucção elementar tanto quanto possivel e dotal as de bons professores, bom material de ensino e regular mobiliario deve ser o principal cuidado de quem se proponha conseguir a regeneração economica da colonia.

Os livros adoptados nas escolas elementares deverão ter por objectivo ensinar os alumnos a conhecer a fauna, a flora, a agricultur

s artes, as industrias e tudo que diga respeito á economia rural e omestica.

Junto de cada escola deverá haver um pequeno tracto de terreno ultivavel onde o professor ensinará praticamente as lições respeitanes a cada dia, fazendo comprehender bem aos alumnos que luctar om a natureza corpo a corpo é tão heroico como conduzir á victoria m punhado de valentes soldados; que o trabalhador que cultiva os ampos é um heróe, tem como elles os seus combates, as suas victoias.

A existencia da escola normal não se justifica.

A sua extincção impõe-se moral e economicamente, como moral economicamente se impõe a extincção da inspecção d'instrucção rimaria.

Remodelar o ensino do lyceu de forma a habilitar ao mesmo tempo ara a matricula nas escolas superiores do reino e a concorrer aos ogares de professorado, é uma medida economica de grande necesidade, como de grande necessidade é dotar esse estabelecimento e le todo o material indispensavel ao ensino.

A escola medica, tal como está montada, não serve para nada. Ou e estabeleça em condições de bem servir ou se extinga. Não será uxo de mais ter uma escola medica para habilitar individuos a exerer a clinica, quando muito, d'uma terça parte dos habitantes da coonia?

Pode dizer-se sem receio de contestação que mais de duas terças artes dos habitantes da colonia se entregam ainda, em occasiões de pidemia, a praticas supersticiosas, e sempre, ao Gaddipond.

Está tão descurada a hygiene publica, que chega a parecer que o erviço de saude não existe como instituição do Estado.

Se na capital, onde existe uma junta de saude, um delegado de aude e um medico municipal, se encontra a cada canto um laboraorio aperfeiçoado de cultura intensiva de todos os germens pathoenicos, facilmente se poderá calcular o que succederá por esses cenenares de povoações com alguns milhares de habitantes entregues xclusivamente ao Gaddipond.

Facil será calcular qual será a hygiene publica e privada do conelho de Sanguem com uma area de 815 kilometros quadrados com 1 aldeias habitadas por mais de 26:000 individuos, entregues á ciencia medica d'um só individuo — o delegado de saude.

Se na capital, onde ha tanta auctoridade medica se encontram ommodamente installadas as epidemias de variola, do sarampo e da este, não deixando tambem de a visitar ameúdadas vezes a cholera, que succederá a essas centenares de povoações nas mesmas cirumstancias das de Sanguem?

Succede o que é natural que succeda — transformarem-se em imortantes abastecedores dos cemiterios.

A junta de saude tem circumscripto quanto póde a sua acção ao erviço de clinica hospitalar, ao ensino medico, ás juntas de inspecção nos casos em que esta ou aquella epidemia tem maior incremento, mita-se a mandar ao local um delegado seu, mas sem material de

desinfecção e sem pessoal competentemente habilitado, porque nada d'isso possue.

A construcção d'um hospital central em harmonia com as condições aconselhadas pela moderna sciencia é uma necessidade, pois o que existe não passa d'uns velhos e infectos casarões edificados n'um pantano.

A construcção d'uma enfermaria-hospital, especialmente para gentios, nas Novas Conquistas, e a creação ahi da assistencia medica sob a direcção d'um facultativo do quadro de saude, é tambem de urgente necessidade.

A mudança de grande numero de povoações para locaes mais hygienicos e o estudo d'um typo de casas para gentios, a fim de que elles possam viver em casas como gente e não em covas á semelhança de feras, como tantos milhares d'elles, é tambem uma necessidade.

Do Instituto Vacinico deveria partir periodicamente para todas as povoações da colonia pessoal competentemente habilitado á vacina.

Emfim, a junta de saude, além de dirigir effectivamente todos os serviços d'assistencia medica, de hygiene publica, e de estudar, preparar e propôr todas as medidas julgadas necessarias para a sua execução, deveria ainda publicar e distribuir instrucções sobre todas as regras hygienicas a observar em todos os casos e ordenar a todos os medicos sobre que tenha acção directa, conferencias nas diversas povoações sobre a hygiene e suas vantagens.

Em resumo, meus senhores, é necessario que a assistencia medica seja uma instituição do Estado; é necessario que a junta de saude estenda a sua acção além das paredes do hospital, que vá aonde chegue a nossa fronteira.

Como já disse e por mais de uma vez, uma das causas que muito tem concorrido para a decadencia da agricultura da colonia tem sido a agiotagem. Lá o capitalista não procura renda de capitaes; usurario como é, procura sómente enriquecer-se á custa do devedor, a quem, por artimanhas de contractos, leva um juro muitas vezes superior a 200 %, muito especialmente quando o capital é destinado á agricultura. N'estas condições, e sendo necessaria a cooperação do capital para que o agricultor possa tornar effectiva a laboração dos terrenos, pelos instrumentos, machinas, sementes e adubos, torna-se tambem necessaria e urgente a creação de caixas economicas agricolas que arranquem os cultivadores á usura do capitalista.

Para este fim poderiam transformar-se n'ellas as communidades possuidoras de maior capitaes, como são as das Ilhas, Bardez, Salsete e Pondá, constituindo cada uma uma caixa economica agricola regional.

Nas Novas Conquistas, onde são necessarios maiores capitaes, poderia ser estabelecida uma d'essas caixas economicas com os capitaes das restantes communidades e ainda com os depositos judiciaes e particulares.

A transformação das communidades em caixas economicas agricolas nenhum augmento de despeza lhes traria, visto terem já um numeroso pssoal empregado na sua administração.

A remodelação do regimen penal impõe-se ali como uma neces-
.dade economica, moral e physica. A substituição das prisões pelo
ystema de trabalho em colonias agricolas não tem ali difficuldades
e resolução, porque a colonia ainda tem incultos mais de dois terços
os seus terrenos, porque ahi ainda ha quasi tudo para fazer e fal-
ım braços para fazer o muito que é necessario que se faça.

Nós que tanta coisa importamos do estrangeiro, não nos ficava
ada mal se de lá importassemos a organisação do regimen penal
olonial. E não querendo ir muito longe, bastaria transpôr a cordilheira
os Gattes, que encontrariamos ahi alguma cousa que nos podia servir.
hi veriamos nós n'um districto, uma colonia agricola para os delin-
uentes de menos de 20 annos de edade, e n'outro, uma para os de-
nquentes de mais de 20 annos, n'outro uma para as creanças que
em familia vagueiam pelos grandes e pequenos centros, e ainda
'outro uma industria para todos aquelles que mais aptidão mostram
ara as industrias.

D'estas é um bom exemplar a que os nossos alliados possuem na
ossa antiga possessão de Thanà, onde trabalham mais de mil pri-
ioneiras na imitação das alcatifas da Persia, em tapetes, sarjas e outros
ecidos que nos mercados da Europa passam por ser confeccionados
'aquelle paiz e como taes são vendidos a peso d'ouro.

Na nossa India, segundo um documento official, o movimento da
opulação criminal, no ultimo trimestre de 1907, foi de 428 indivi-
uos, cuja distribuição por edades é a seguinte; até 20 annos, 73;
e 21 a 30, 168; de 31 a 40, 100; de 41 a 50, 45; e de mais de 50
nnos 42.

Se estes numeros representarem a media do movimento criminal
e todo o anno, teriamos que elle era de 1:384 individuos.

Torna-se pois necessaria a substituição do regimen penal pelo
·abalho ao ar livre, empregando uns, os que maiores delictos tenham
ommettido, n'essas obras de irrigação indispensaveis para o desenvol-
imento da agricultura; outros, n'uma colonia agricola, que póde ser a
ranja de que já fallei, e ainda outros na regeneração e limpeza das
orestas.

E esses centenares de desgraçadas creanças que por lá vagueiam
omo cães vadios por falta de mão protectora que as desvie do vicio
do crime, deverão ser recolhidas nas escolas de artes e officios,
'uma granja agricola estabelecida nas Novas Conquistas á seme-
iança da que temos em Villa Fernando, e ainda n'um estabelecimento
ue o Estado monte para a aprendizagem das industrias da filaça,
a tapeçaria e de muitas outras, para o que existe já abundante ma-
eria prima.

E' já bastante longa, meus senhores, a lista do muito que ha a
ızer n'aquella colonia para o seu desenvolvimento e regeneração eco-
omica, mas ainda a não fecharei sem indicar mais alguns alvitres que
eputo de urgente necessidade.

A actual capital, meus senhores, nada tem que a recommende.
Durante a epoca das chuvas, 4 mezes no anno, desapparece por
ompleto

As casas somem se sob os resguardos das olas e zinco, e as ruas transformam-se, umas em medonhos charcos, e outras em viçosos prados onde vaccas e bufalos fazem as suas provisões para resistirem á fome que vão passar durante o resto do anno. O seu solo, parte de alluvião e parte conquistado ao Mandovi e ao esteiro e varzeas das Fontainhas, é tudo o que ha de mais pantanoso. Sem esgotos e sem possibilidade de os poder ter pela pequena differença de nivel em relação ás baixas marés, nunca póde ser uma cidade medianamente hygienica. Continuará a ser sempre um palmar n'um pantano onde se veem muitas vezes as palmeiras atravessar os tectos.

Afóra meia duzia de edificios publicos sem architectura de especie alguma e outros tantos particulares, as restantes habitações, se assim se lhes pode chamar, são reductos inexpugnaveis onde se encontram commodamente installadas todas as epidemias que teem em cada cubiculo um laboratorio aperfeiçoado para a sua cultura.

No populoso bairro das Fontainhas é onde se encontram esses laboratorios em maior quantidade e em melhores condições para a cultura intensiva de todos os germens.

Ahi, n'um montão de casas que mais parecem covis de feras que habitações humanas, tive occasião de vêr uma familia composta de 5 pessoas de mistura com uma vacca, um bezerro e um bufalo, a viverem n'um unico compartimento de $5^m \times 5^m$ que recebia ar e luz só por uma estreita porta.

Não tem tambem a actual capital á semelhança do que existe na maior parte das modernas cidades da Asia e Africa a separação dos bairros gentios dos destinados a europeus. Uns e outros vivem ahi conjuntamente, parecendo os europeus comprazerem-se em compartilhar da miseria d'aquelles, para assim darem o exemplo da egualdade e fraternidade.

A agua para abastecimento da cidade é a de alguns poços e a de duas fontes. Estas só correm durante 8 mezes do anno, e aquelles, considerados só como depositos, são limpos quando começa a carestia da agua, por esses desgraçados que não podendo compral-a, trazem a lama para cima para a espremerem e lhe tirarem algumas gottas de agua com que mitigam a sêde.

Pelo lado do porto de mar tambem a actual capital não é recommendavel, por isso que só dá accesso a pequenos vapores durante 8 mezes do anno, conservando se fechado até á mais pequena embarcação durante a epoca das chuvas.

O planalto de Mormugão possue todas as condições necessarias ao estabelecimento d'uma boa cidade.

E' alem d'isso o terminus da nossa linha ferrea e possue o melhor porto de toda a costa do Malabar; está inquestionavelmente destinado a representar um grande papel no movimento commercial de toda a parte central da India, se os nossos governos se resolverem a cuidar d'elle.

Ir pouco a pouco transferindo para esse planalto a actual capital, é uma medida de urgente necessidade e de grande alcance economico e politico, como de urgente necessidade é dotar esse magnifico

porto com todos os melhoramentos necessarios a pôl-o em condições de poder vir a representar o papel que lhe está destinado.

Para isso convem que todos os melhoramentos a introduzir ali não fiquem completamente á descrição, como estão, da companhia arrendataria da nossa linha ferrea, porque, se por um lado ella tem interesse em augmentar o rendimento da linha, o que augmenta com o augmento do movimento do porto, por outro lado é ingleza e, como tal, possue o patriotismo necessario para não ir até ao ponto de prejudicar o seu porto de Bombaim.

Ligar a colonia á mãe-patria por carreiras de vapores, mais ou menos regulares, é tambem uma urgente necessidade.

Já tive occasião de dizer a forma da metropole mandar á colonia um vapor algumas vezes por anno sem grande dispendio, e agora lembrarei a necessidade de obter da Empreza Nacional de Navegação o estabelecimento d'uma carreira de vapores mensaes que ligue a colonia com os portos da costa oriental d'Africa, não sendo a importancia dos seus fretes superior aos pagos pelos vapores que véem pelo canal.

Presentemente não se encontra a colonia em condições de pagar qualquer subsidio áquella Empreza, mas logo que ella seja o que deve ser — uma grande propriedade agricola — não só se encontrará em condições de pagar esse subsidio, mas ainda qualquer outro que se reconheça necessario para o augmento do seu commercio.

Entrando a colonia em franco desenvolvimento poder-se-ha ir pensando em levantar n'ella um emprestimo para o pagamento da linha ferrea de Mormugão, evitando assim a grande drenagem do ouro — 73:000 libras — que o estrangeiro nos leva annualmente em juros do capital empregado na construcção d'essa linha.

Actualmente existem negociações entre o nosso governo e o britanico para a construcção d'uma linha ferrea que ligue o porto inglez de Karwar com a nossa linha ferrea, ahi por alturas de Mormugão.

E' fóra de duvida que a construcção d'esta linha virá augmentar muito os rendimentos da nossa, mas é convicção minha que ella virá affectar muito o commercio do nosso porto de Mormugão.

O assumpto é para maduro estudo e não para ser resolvido por uma simples nota de serviço.

Bem sei, que se não consentirmos na construcção d'ella, os nossos visinhos a construirão, se acharem meio de transpôr as ramificações dos Gattes, atravez dos seus territorios a entroncar com o prolongamento da nossa para alem da fronteira, ahi por alturas de Londa; mas, ainda assim, convém pensar maduramente no assumpto.

Creio que a construcção d'essa nova linha visa a fazer alguma coisa do porto inglez de Karwar, onde já teem gasto muito dinheiro, ainda que nem todo com bom resultado pratico.

*
* *

Aqui está, meus senhores, dito muito de fugida, o que é neces-

sario fazer na nossa India para que ella possa vir a ser mais algum
coisa do que é.

E' certo que para a sua regeneração, é necessario dinheiro
muito dinheiro, mas desde que se queira entrar n'uma franca reg
neração economica, dentro das suas actuaes receitas, ha mais que
sufficiente para a montagem de todos os serviços, como passo a de
monstrar.

Para maior facilidade de exposição irei analysando os divers
capitulos das actuaes tabellas orçamentaes da provincia, indicand
dentro de cada um as reducções que mais se impõem sob todos
pontos de vista.

No capitulo primeiro encontra-se logo no artigo primeiro uma de
peza que é a consequencia de muitas outras e que nada, absolut
mente nada, tem que a justifique na actualidade. E' a d'um govern
dor geral com o vencimento de 10:400$000 réis annuaes.

Um governo geral n'um territorio de 3:806 kilometros quadrad
sem commercio, sem industrias e sem agricultura, é um verdadei
luxo na miseria.

Se no tempo em que a nossa India era um Imperio e em cad
monção mandava as suas naus atulhar a casa da India de riquiss
mos productos orientaes, havia necessidade de lá termos um Vic
Rei, hoje, que tudo isso desappareceu, hoje que os habitantes d'
quella meia duzia de palmos de terra a que ficou reduzido esse Im
perio d'outr'ora, não produzem pão para comer senão durante uma ter
parte do anno e não teem agua para beber senão durante duas te
ças partes, mal se justifica que seja um governo de provincia e
forma nenhuma um governo geral.

A tradição que é sempre muito respeitavel, n'este caso não
pode ser, salvo o caso de querermos continuar a viver d'ella até q
morramos de fome ou sejamos absorvidos por quem entenda que, sen
pobres, não podemos continuar deitados á sombra dos coqueiros
ler a biblia e a historia do passado.

A nossa India de hoje, meus senhores, não precisa de grandes e
tadistas para a governar.

Não podendo ella ser mais do que uma grande propriedade ag
cola, de quem precisa para a governar é d'um homem conhecedor
agricultura e que lhe tenha verdadeiro amor; é d'um homem que n
visitas que faça aos seus concelhos não se limite só a ir á egreja a
sistir ao Te-Deum, á camara fazer espalhafatosos discursos e assis
a jantares officiaes; emfim, é d'um lavrador. E' d'um lavrador q
saiba incitar os habitantes ao emprego da charrua, a melhorar
processos de cultura pelos adubos e a economisar a mão d'obra, su
prindo a sua falta pelo emprego de instrumentos agrarios aperfeiço
dos á cultura do arroz, do trigo, das hortaliças, dos legumes, e,
nalmente, que saiba vêr, dirigir e fiscalisar todos os trabalhos d'es
grande propriedade agricola.

E' d'um governador assim que ella necessita, e é mais facil da
lh'o com o titulo de governador de provincia que com o de govern
dor geral.

Por identicas razões se não justificam os governos de Damão e Diu. São dois governos sem meios de governar e quasi sem terem a quem governar, a não ser as ruinas que os cercam por todos os lados. Estes governadores com as attribuições que teem, não são mais que duas figuras decorativas á razão de 2:194$000 réis annuaes cada um. Teem menos attribuições e, portanto, prestam menos serviços, que qualquer *Mamlut dar* da mais pequena *Taluca* dos collectorados dos territorios dos nossos visinhos inglezes.

A superintendencia do governador de Damão, a pouca que os governadores de districto podem exercer, está hoje reduzida á area de 94 kilometros quadrados de terrenos cheios de ruinas e miseria, visto a Praganã de Nagar-Avely estar directamente subordinada ao governo geral.

A acção do de Diu é ainda muito menor porque muito menor é a area dos terrenos do districto — 52 kilometros quadrados. Como aquelle, só tem ruinas e miseria.

A substituição d'estes dois ultimos governos por commandos militares, capitanias móres, residencias ou qualquer outra coisa, impõe-se mais pelo lado moral que pelo economico.

Depois d'estas vem a suppressão da escola medica, caso não possa ser mantida em condições de poder satisfazer ao seu fim, e a annexação da escola normal ao lyceu, cujas vantagens já tive occasião de vos demonstrar.

E' quanto n'este capitulo se impõe como de mais urgente necessidade de reduzir e supprimir.

No capitulo 2.° que trata da administração geral da fazenda, isto é, do pessoal destinado á arrecadação dos impostos — 1.000:000$000 réis de receita da colonia — ha tambem muito que reduzir. Este pessoal absorve perto de 200 contos, isto é, uma quinta parte da receita total da colonia.

A repartição superior de fazenda, pelo pessoal alli empregado, mais parece uma secretaria de Estado d'um grande Imperio que d'uma colonia cujo rendimento não chegaria para pagar a dez repartições como ella.

Se adoptassemos a divisão administrativa dos nossos visinhos inglezes, o nosso Estado da India não seria mais do que um pequeno collectorado, dividido, quando muito, em trez Talukas, tendo cada uma um chefe; mas se, ao contrario, fossem elles que adoptassem a nossa divisão administrativa, necessitariam de tantos empregados na administração do seu Imperio da India, como teem em todo o seu vasto emperio colonial e na metropole.

A nossa India, com uma area de 3:806 kilometros quadrados divididos por 13 concelhos, não necessita de mais d'uma repartição de fazenda por cada concelho.

Deixando o Estado de ser proprietario, desapparecerá a administração rural das aldeias de Assolnã, Velim e Ambollim, e com ella essa despeza que só se justifica com a necessidade da existencia de mais um logar para anichar afilhados.

Adoptado o regimen do abkary de que fallei, poderão ser reduzi-

das a 2 as 4 companhias da guarda fiscal, resultando d'esta reducção, uma economia annual de, pelo menos, 76 contos de réis.

O capitulo 3.º trata da administração da justiça que como já disse é ministrada na colonia pelos seguintes magistrados: 3 juizes de Relação; um juiz procurador da corôa e fazenda; 6 juizes de Direito; um auditor dos conselhos de guerra; um ajudante do procurador da corôa e fazenda; 6 delegados; 5 juizes municipaes; 5 sub-delegados; 9 conservadores do registo predial; e 110 juizes populares.

N'uma colonia como aquella, sem commercio, sem industria e sem agricultura, creio que são comarcas de mais.

Em Bombain, cidade cosmopolita de mais d'um milhão de habitantes, ha apenas dois juizes para lhe ministrar a justiça e o viajante que se veja forçado a dar duas bengaladas em qualquer Bametó, não terá que interromper a viagem para prestar contas á justiça, porque em menos de 4 horas estará quite com ella, ao passo que na nossa India teria tempo de dar a volta ao mundo a pé, primeiro que obtivesse o recibo da quitação, taes são os intrincados processos da nossa legislação judiciaria.

Querendo, pois, entrar a valer n'uma franca regeneração economica d'aquella nossa colonia, deve-se, sem ainda faltarem os meios para a applicação da justiça, reduzir a 3 as 6 comarcas; duas para as Velhas Conquistas e uma para as Novas, e tambem a 3 os 5 julgados municipaes; um para Damão, outro para Diu e o terceiro para Mormugão, e dar á nossa justiça uma fórma de processo mais ou menos semelhante á dos nossos visinhos inglezes.

A existencia d'uma Relação lá tambem não se justifica hoje com os rapidos meios de communicação que existem.

A fusão de todas as que temos nas nossas colonias, dando-lhes por séde Lisbôa ou Lourenço Marques, impõe-se como uma das medidas de maior alcance economico.

No capitulo 4.º estão incluidas as verbas destinadas á administração ecclesiastica, cuja somma total é de 80:000$000 réis.

Segundo o censo de 1900, dos 531:798 habitantes da colonia só 262:661 são christãos, sendo os restantes 269:137 sectarios da religião de Brahma e outras.

Se hoje fôsse possivel calcular todas as despezas que temos feito com a propagação da religião christã n'aquellas paragens, era de crêr que chegassemos á conclusão de que cada alma que temos mandado para o céu por via de Roma, nos tivesse custado, pelo menos, um conto de réis. Não é nada para o serviço de Deus, mas é muito para o estado desgraçado das nossas finanças.

Uma das causas que, no meu entender, tambem muito tem contribuido para o estado miseravel em que se encontra a colonia, é o excesso de fanatismo religioso dos seus habitantes, que os leva até á obcecação. A maior parte do tempo da sua vida passam-n'o resando, ouvindo missas e promovendo manifestações do culto, nas quaes gastam tudo quanto teem e quanto não teem.

Por toda a parte se vêem grandes templos que levam annualmente ao Estado, communidades, confrarias e particulares, milhares e mi-

lhares de rupias para a sua conservação, para afinal serem frequentados por bem poucos catholicos, porque bem poucos são, relativamente, os que lá temos.

Conservar o exclusivamente necessario para a sustentação do culto religioso dentro da colonia e supprimir o restante, empregando esse dinheiro em escolas de agricultura, na construcção de canaes de irrigação, no desenvolvimento e progresso da colonia, emfim, na religião do trabalho, deve ser uma medida que Deus não deixará de receber com o mesmo agrado com que recebe as almas que lhe mandamos por via de Roma.

A pratica Inglaterra entrega-nos a christianisação dos seus subditos que nos custa rios de ouro, para converter um ou outro de tempos a tempos, emquanto ella converte á religião do trabalho e do progresso milhares e milhares d'elles sem se importar que sejam christãos, mouros, hindús ou protestantes.

No capitulo 5.º estão inscriptas as verbas da despeza a fazer com a administração militar, cuja somma se eleva a perto de 400 contos.

Não tendo nós a pretenção, como é impossivel ter, de nos querermos defender de qualquer nação que lá vá tentar contra a nossa soberania, não se justifica um tão grande numero de forças na colonia.

A ordem interna acha-se assegurada e para a sua garantia diz-nos a historia que uma companhia europeia d'infantaria e uma secção de artilharia de montanha são forças mais que sufficientes.

As praças de guerra que outr'ora lá tivemos, não são hoje mais que montões de ruinas; por isso, bem dispensavel é a secção de artilharia de guarnição que lá temos.

A existencia de um tão grande numero de forças da guarda fiscal que ali ha para a fiscalisação do abkary, só se justifica com o pessimo regimen em vigor.

Não menos injustificavel é a existencia de 4 companhias indigenas d'infantaria no seu effectivo mixto e a de dois corpos de tropa de 2.ª linha.

Sem receio de errar, posso affirmar a Vv. Ex.as, que metade da força da colonia está desviada do serviço por incapaz, com diversas licenças, sendo a principal a da junta e em diversos serviços mais proprios de creados que de soldados.

Se se quer desenvolver a colonia de preferencia a continuar a tel-a como viveiro de funccionarios e militares, torna-se necessario reduzir ao indispensavel as forças que a guarnecem e lhe absorvem mais de metade da sua receita.

Adoptado o regimen do abkary que expuz, as forças da colonia podem reduzir-se ao seguinte: uma companhia europeia de infantaria; uma secção de artilharia europeia de montanha; duas companhias de infanteria, um corpo de policia indigena com uma secção de praças europeias; duas companhias indigenas para o serviço da guarda fiscal.

São estas as forças de que a colonia necessita, quando se queira fazer d'ella o que ella deve ser. D'esta reducção, sem prejuizo para a manutenção da ordem interna, unica a que podemos aspirar, resul-

tará uma economia muito superior a 200 contos annuaes que bem podem ser applicados na creação dos serviços de que já fallei e que sem elles se não póde fazer progredir a colonia.

No capitulo 6.º que trata da administração de marinha nada ha que reduzir: ha que melhorar, cumprir e fazer cumprir. O serviço da navegação interna, como está sendo feito, só serve para enriquecer a companhia estrangeira que o faz como quer.

Projecta-se pôl-o em execução por conta do Estado, mas é de crer, como quasi sempre succede, que elle não seja do mais que um meio de roubar braços á agricultura para lhes dar logar á meza das receitas da colonia.

Nos restantes capitulos encontram-se consignadas muitas despezas que podem e devem ser muito reduzidas e até mesmo algumas supprimidas por completo.

Aqui está, meus senhores, como na colonia se encontram os recursos necessarios para o seu desenvolvimento e para a fazer entrar no concurso universal do desenvolvimento das industrias. Para isso só é necessario que cada um de nós concorra com a sua parcella de trabalho, com a mesma fé e com o mesmo desejo de ser util á nossa Patria com que eu aqui vim.

Tenho dito.

MANUEL FERREIRA VIEGAS JUNIOR.

A EXPOSIÇÃO DOS MEIOS DE TRANSPORTE NA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA

Realisou-se, durante os mezes de outubro e novembro do corrente anno, mais uma das exposições parcellares que a Sociedade de Geographia de Lisboa tem organisado, ora com os proprios elementos que possue, como succedeu n'esta, ora juntando-lhes os que, a seu convite, outras entidades ou particulares apresentaram á observação do publico.

D'esta vez tratava-se de mostrar os numerosos e interessantes modelos dos meios de transporte terrestres e fluviaes, usados nas colonias portuguezas.

Esses modelos pertencem todos ao Museu da Sociedade; e assim a exposição teve principalmente por fim, reunindo-os na sala *Portugal* e dispondo-os d'um modo agradavel á vista, chamar especialmente para esse grupo a attenção dos visitantes. Foi uma excellente lição de coisas.

No preambulo do *Catalogo*, de que adiante falamos, o sr. cons. Ernesto de Vasconcellos, escreve as seguintes palavras, ás quaes nada mais é necessario accrescentar para se ficar sabendo qual o fim da exposição:

«No pensamento dominante de fazer convergir as attenções publicas sobre as nossas colonias de além-mar, iniciou a Sociedade de Geographia de Lisboa uma serie de certamens de que a Exposição de Cartographia Nacional foi brilhante começo e a Exposição dos quatro productos ricos das mesmas colonias foi seguimento, não menos notavel.

«Effectua-se agora uma exposição parcellar de artigos do Museu Colonial que, podendo grupar-se em secções ou classes especiaes, convem pôr em evidencia, dando uma perfeita noção do seu valor e importancia, e demonstrando muitas vezes as aptidões dos indigenas e o seu grau de civilisação. A secção que se expõe, refere-se aos meios de transporte, quer terrestres quer fluviaes, com uma pequena divisão destinada á arte de pesca indigena. Assim, figura na modesta exposição tudo quanto se refere a embarcações usadas pelos indigenas das possessões africanas e asiaticas e bem assim aos carros, machilas, cadeirinhas e outros meios de transporte terrestre, empregados nas mesmas colonias.

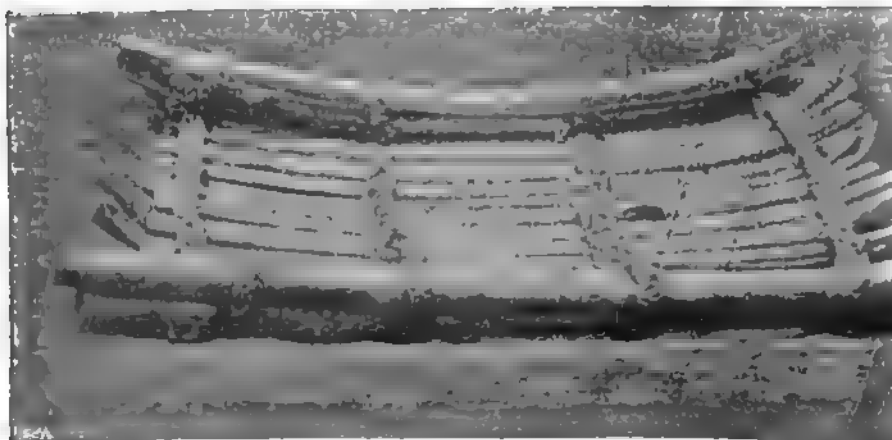
«Junto da exposição se collocaram tambem quadros a oleo e photographias directas, colhidas nas mesmas colonias, que dão a imagem dos objectos no seu natural e mostram a fidelidade dos modelos expostos.»

A exposição foi muito visitada e mereceu as attenções da imprensa. Por isso, parece-nos preferivel reproduzir dos jornaes *O Dia* e *Diario de Noticias*, alguns trechos das apreciações por elles publicadas.

«O Museu Colonial da Sociedade de Geographia é hoje um dos mais importantes e completos do mundo, sendo a admiração de todos os geographos e viajantes africanos que o teem visitado.

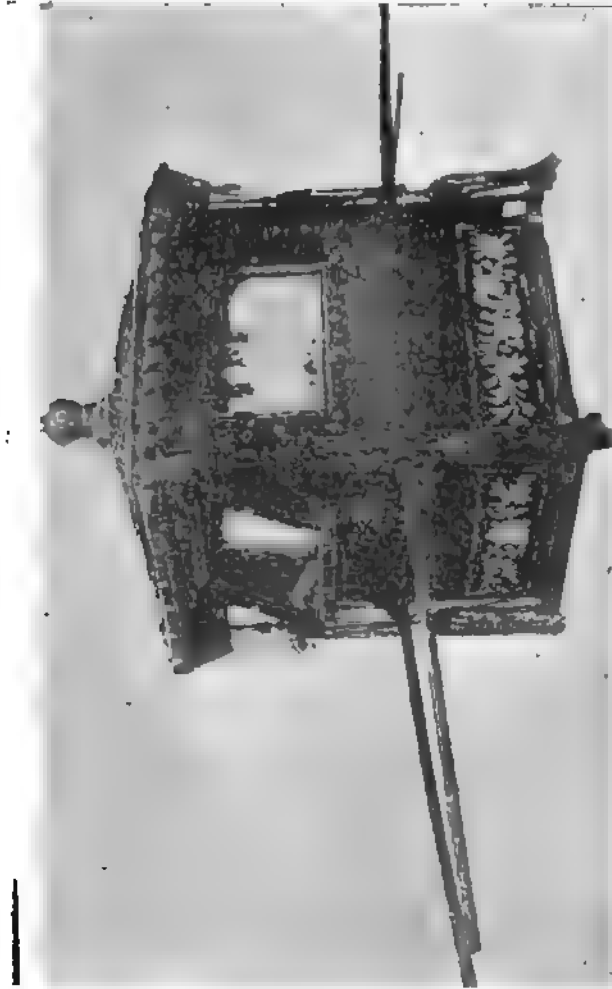
«Estas exposições parciaes do Museu, grupando objectos congeneres, dando, por assim dizer, uma certa unidade aos que se acham dispersos pelo Museu, constituem uma boa obra que a Sociedade de Geographia faz, no desempenho da sua missão educativa, que é e deve ser tambem uma funcção essencial d'aquella collectividade, que tantos titulos tem conquistado ao applauso e á benemerencia do paiz.

«Ao fundo da sala *Portugal*, sobre um estrado coberto de areia estão dispostas varias embarcações, algumas curiosas, que se acham tambem espalhadas por toda a sala.

«Alguns exemplares são deveras interessantes e chamam a attenção, como, por exemplo, o barco cavado em um só tronco d'uma arvore chamada *poilão*, usado na Guiné e fabricado por indigenas d archipelago de Bijagós, e que em geral é ornamentado nos travezes sendo os extremos enfeitados com cabeças de animaes.

Jangada — Moçambique

«Destacam-se tambem, por exemplo, as jangadas fabricadas bordão de palmeira e que os indigenas de Moçambique usam para travessia dos rios; as *casquinhas* de Moçambique feitas com a cas do *musucu;* as *almadias*, cavadas em um só tronco e que servem transporte de passageiros no Zambeze; os *pangaios* para navegaç de longo curso e de grande cabotagem e as *tonas* da India; as *la chas*, de Macau com catavento representando um peixe de compri cauda, no mastro grande, e a que os chinezes dão o nome de *ta mang;* os *tancás*, com toldos de palha entrançada e que navegam t pulados por mulheres, as classicas *tancareiras*, que os movem por me de pás; as casas fluviaes chinezas, que os inglezes denominam *Flowe boats* (barco das flores) usados em passeios e festas nos rios da Chin

«São curiosos estes barcos, que parecem grandes gaiolas fluctua

tes. Na tolda trazem numerosos vasos com flôres perfumadas, entre caixas com arbustos de folhas verdes e de outras côres, disposto tudo com muito gosto. A' noite accendem as lanternas orientaes, de vidros corados, que ornamentam os barcos, dando-lhes um aspecto phantastico. Só os chinas podem entrar a bordo, sendo a admissão inteiramente vedada aos europeus. Dentro do barco cantam, folgam e tocam nos seus exquisitos instrumentos.

Cadeira de luxo — Gôa

«A phantasia asiatica é prodiga em barcos, porque, além d'estes, ha os barcos dragões, os barcos serpentes, os barcos de mandarim, que são de um luxo e de uma riqueza extraordinarios, alliados a uma extravagancia impressionante e cujos modelos se vêem na exposição.

«Entre elles destaca-se o barco *Pavão*, usado pelos nababos ricos

e principes de Bengala. A' prôa fica uma especie de pavilhão coberto de veludo vermelho bordado a ouro e de onde pendem as cortinas do mesmo estofo. A cobertura é supportada por columnas envernizadas, cercadas em baixo por uma balaustrada. Uma cabine pequena serve de copa, em que se collocam fructas e se fazem gelados e outros refrescos. Debaixo do toldo, á prôa, está a bancada reservada ao nababo, dono do barco, e aos lados estão varias almofadas para os convidados. Estes barcos são tripulados por trinta a quarenta remadores, sob o commando de um patrão armado de uma vara para regularisar a marcha.

Lorcha de pesca — Macau

«Muitos outros barcos se destacam ainda, deveras interessantes.

Sub-secção de pesca

«E' curiosa tambem esta parte da exposição em que figuram as redes, as linhas e respectivos anzoes, os pesqueiros, as armadilhas, as fisgas, os estanca-rios e outros apetrechos de pesca usados tanto na costa oriental, como na costa occidental da Africa, na India e em Timor.

«Ao centro da sala eleva-se um lago artisticamente disposto em que se vêem varios modelos de redes e linhas e habitações e palhotas dos indigenas de Timor, assentes sobre prumos, semelhantes ás habitações lacustres.

«Sem ser a mais empolgante é uma das partes mais interessantes da exposição.

Transportes terrestres

«O que fere mais a vista n'esta secção, são as *machilas* que se apresentam com variados feitios, conforme são usadas em Angola, em Moçambique e na India.

«Ha ainda as cadeiras de luxo para transporte de passeiantes em Macau; as cadeiras feitas de junco e bambú, cobertas de oleado para a estação das chuvas; os trens muito usados na India, que são empurrados pela parte detraz e guiados por quem vae dentro; os carros tirados por bois em uso na India; varios carros para transporte de creanças; e para não faltar nenhum meio de transporte terrestre, até figura na exposição um carro mortuario para feretros de pessoas importantes, usado em Timor e que é um exemplar muito curioso.

Barco de pesca — Timor

«N'essa secção encontram-se tambem, entre outros, os seguintes objectos:

«Sella forrada de veludo verde bordado a oiro, com crescentes de indicação arabe. Esta sella foi tomada ao regulo de *Badóra Boncó* pelas forças portuguezas, em seguida ao combate da Campampe, na Guiné, em 1 de dezembro de 1907. Fôra offerecida em 1897 pelo governador Alvaro Cunha ao regulo de Coiada em recompensa de um presente de 400 vaccas feito ao governo portuguez, e foi fabricada em Lisboa.

«Selim raso, de cabedal, com lóros, estribos de ferro e rabicl
de Angola (Duque de Bragança). Pelo acabamento deve ser traba
indigena, aperfeiçoado comtudo. O indigena chama ao selim *ricobo*

«Silha, lóros e estribos para cuda, de Timor. Os estribos são
bricados de chifre de bufalo e são de pequenas dimensões, porque
cavalleiros apoiam n'elles unicamente os dedos pollegares dos p

«Cadeira de luxo para transporte de passeiantes, de Macau.
palanquim d'este modêlo é para ser transportado a braços por m
de correias que passam aos hombros dos carregadores. E' forrado
teriormente de damasco de seda vermelho e por fóra de baeta ver

«Cadeira feita de junco e bambú, coberta de oleados para a e
ção das chuvas, de Macau. Os chinezes chamam-lhe *kin*. Serve p
transporte de passeiantes e é conduzida a braços por meio de c
reias.

«Lanterna, serve para illuminar o caminho durante o transpo
individual em cadeiras. Industria macaista.

«Trem de quatro rodas, Gôa. Este carro, como se sabe, nã
privativo de qualquer paiz; mas é muito usado na India. E' emp
rado pela parte detraz e guia-o quem vae dentro.

«Carro para ser tirado por bois. Estes carros são feitos de bam
teca, ou sissó, com rodas de aro de ferro. Servem especialme
para transportes agricolas.

«Carros para transportes de creanças: um de Macau, feito
canna de bambú, e dois da India, de bambú e junco.»

Dos 117 modêlos expostos foi feito um Catalogo, que a So
dade publicou, com o seguinte titulo: *Museu Colonial — Expos
parcellar — Secção de meios de transporte terrestres e fluviaes — C
logo illustrado, sob a direcção de Ernesto de Vasconcellos, secret
geral da Sociedade de Geographia de Lisboa.* Lisboa, 1909, 22 p

N'este Catalogo, além da enumeração dos modelos expostos,
contram-se interessantes indicações sobre quasi todos elles, bem c
diversas photogravuras dos mais importantes.

D'ellas se reproduzem algumas na presente noticia.

BIBLIOGRAPHIA

O 2.º Visconde de Santarem e os seus Atlas Geographicos, por Jordão A. de Freitas, official da Real Bibliotheca d'Ajuda. (Estudo publicado pelo actual Visconde de Santarem). Lisboa, Officina Typographica, 7, Calçada do Combro, 1909. — 1 vol. in-4º de 202 pags. com 2 retratos do 2.º Visconde de Santarem e 3 fac-similes dos titulos das collecções dos Atlas.

Succede frequentes vezes que um homem foi verdadeiramente notavel no ramo de actividade a que dedicou a sua vida, n'essa especialidade prestou importantes serviços ao seu paiz, ainda depois de elle ter desapparecido do numero dos vivos, os seus trabalhos são aproveitados por outros, e entretanto a vida d'esse homem é quasi desconhecida e a critica das suas obras não se faz, ou então, o que é muito peior, escrevem-se a respeito d'elle erros que depois são copiados inconscientemente, por tal maneira que, no decorrer dos tempos, vem a radicar-se uma tradição muito contraria á verdade.

Uma das victimas d'esta incuria ou ingratidão dos homens foi o Visconde de Santarem, o incomparavel estudioso que escreveu o *Quadro Elementar* e a *Historia da Cosmographia.* O que até ha pouco havia sido publicado a respeito do escritor e da sua obra monumental, era ou errado nos pontos mais essenciaes ou banal nas noticias e nas apreciações. E comtudo ninguem que tenha querido estudar a historia diplomatica do nosso paiz ou a historia da cosmographia, da cartographia e dos descobrimentos, ninguem o tem podido fazer sem recorrer á obra de Santarem, explorando os riquissimos filões d'essa inexgotavel mina de informações, de erudição e de apreciações.

Muito provavelmente influiu para este resultado, além de outras causas proprias dos tempos, a circumstancia de não ser o Visconde de Santarem *persona grata* aos que dominavam na politica, nas letras e nas sciencias; isto dizemos d'um modo geral, pois é certo que o Santarem forçava, por assim dizer, a admiração pelos seus trabalhos e pela sua tenacidade a alguns, poucos, dos que d'esses trabalhos iam tendo conhecimento. Mas eram poucos; a grande massa, superficial em todas as epocas, ignorava a obra de Santarem, nem se esforçava por conhecel-a. Demais outros rumos foram tomados pela mentalidade portugueza, que, triste é dizel-o, a desviaram dos estudos historicos; e mesmo n'estes o horror ao verdadeiro livro e a adoração pela *plaquette*, pela synthese que, á força de querer ser leve e curta, é necessariamente superficial, sepultou no pó das bibliothecas as obras em mais de um volume e os nomes dos seus auctores.

O Santarem vingou-se bem dos que o incommodavam; nas suas *Cartas* ha rajadas de satira contundente para elles; tanto peior para o escritor; maior se tornava a conspiração do silencio.

Felizmente a natural acção do tempo veio a desfazer essas mesquinharias, e hoje o Visconde de Santarem é uma gloria consagrada da sciencia portugueza. Por isso, de alguns annos a esta parte, téem apparecido estudos sobre a vida e a obra de Santarem, poucos ainda para o que é devido ao notavel escritor, mas que entretanto valem pelo que significam na reinvidicação do respeito a que elle tem direito.

N'esta cruzada naturalmente se salientou a Sociedade de Geographia de Lisboa. Publicou ella, por occasião e a proposito da Exposição de Cartographia, a Memoria intitulada *O Atlas do Visconde de Santarem*, do sr. Martinho Ferreira da Fonseca, que tambem é auctor d'um estudo, *O Visconde de Santarem, apontamentos para a sua biogrophia*; publicou no seu *Boletim* uma importante collecção de *Cartas ineditas do Visconde de Santarem;* e inaugurou em sessão solemne o retrato d'elle, offerecido pelo seu neto, o actual sr. Visconde de Santarem.

Pois foi a expensas d'este digno descendente e representante do illustre escritor que se publicou agora o *Estudo* de que estamos dando noticia. Bem haja o prestimoso auctor d'esta publicação, pois que, não querendo guardar, como avarento, as preciosas collecções de documentos que tem conseguido reunir e que

são justamente o seu orgulho, pelo contrario as faculta a quem d'ellas pretenda tirar noticias em prol da divulgação dos trabalhos do seu illustre antepassado, e o que mais é, promove a larga publicidade d'essas noticias.

Não cabe no pequeno espaço destinado a esta leve menção da obra, nem no tempo de que dispõe quem a subscreve, aliás admirador devotado de Santarem, o fazer extensa apreciação critica do *Estudo*.

Por isso apenas em breves palavras diremos como elle foi ordenado.

Começa por *Apontamentos biographicos*, em que se apuram alguns factos da vida do escritor, até ha pouco duvidosos ou mal determinados; n'esses *Apontamentos* encontram-se naturalmente indicações sobre as diversas obras que o Visconde de Santarem ia publicando ou preparando.

Segue-se o assumpto especial do Estudo — *Os Atlas* —, que occupa a maior parte do livro.

Como é sabido, as preciosas folhas dos Atlas de Santarem foram publicadas soltas e a espaços irregulares; d'ahi resultou o interessante problema de determinar qual a ordem em que essas folhas deveriam ser collecionadas, formando volume, ou fosse segundo a intenção do auctor, ou fosse segundo a mais racional sequencia que devesse ser adoptada. Já alguns estudiosos tinham tentado resolver o problema; o sr. Freitas apresenta uma nova solução. E para chegar a ella naturalmente fez um estudo minucioso dos trabalhos, espantosos trabalhos, de Santarem para colligir e preparar a publicação d'estes *Monumentos* de cartographia, verdadeiros monumentos da arte de quem primeiramente os havia desenhado e da critica scientifica de quem os publicou.

E', pois, de todo o interesse o *Estudo* que estamos noticiando, e terá elle de ser consultado por quem pretenda conhecer esta parte da extensa obra do Visconde de Santarem.

No decurso das paginas do *Estudo* vislumbra-se a quasi certeza de que, na lastimosa dispersão da livraria de Santarem e dos seus manuscritos, nem tudo se perdeu. Parece que existe o *quarto volume* do *Essai sur l'histoire de la cosmographie* e que seria esse o volume destinado a narrar a obra do Infante D. Henrique. Se isto fosse certo! E por fim, na penultima pagina do *Estudo*, dá o sr. Freitas a grata noticia de que na Bibliotheca da Academia appareceram os originaes de volumes do *Quadro Elementar* não publicados.

Pois, sendo isto assim, só ha uma coisa a fazer: publical-os. E' um dever da Nação.

A. E.

Armas portateis e material de artilharia, conforme o programma do ensino da Escola Naval, por João Baptista Ferreira, capitão-tenente da Armada, lente da Escola Naval, vogal da Commissão technica de artilharia, 1 vol. in-4.º grande, de XXIX-689 pags. com mais de 1.000 estampas intercaladas no texto. Lisboa, Imprensa Nacional, 1909.

Não pertence propriamente aos estudos do nosso *Boletim* a critica de obras sobre a materia, tão especial, das sciencias militares. Mas é obrigação dar noticia d'um livro offerecido gentilmente á Bibliotheca da nossa Sociedade, mórmente quando, como no caso presente, esse livro se apresenta bem escrito e de grande utilidade.

O titulo da obra sufficientemente mostra qual o seu assumpto. Trata-se de descrever essa variada e complexa quantidade de *armas* que a industria dos homens tem inventado para os habilitar a atacar ou a defender-se. Que variedade e que extraordinaria complexidade, principalmente nos ultimos cincoenta annos! Tanta que chega quasi a parecer que se attingiu o maximo no alcance dos projecteis, na precisão do tiro, e tambem na facilidade com que muitos d'esses mecanismos, comparaveis em delicadeza aos dos relogios, poderão deformar-se e prejudicar o uso efficiente da arma.

Tamanha variedade e complexidade obrigaram fatalmente ao desenvolvimento grande na exposição; e é uma das qualidades d'este livro o ter encontrado o justo meio-termo, de modo que, dizendo tudo quanto é necessario saber-se, não se alonga demasiadamente quando é possivel ser breve.

Faremos tambem notar a boa distribuição das materias e a profusa illustração do texto. Em descripções de material, um bom modelo e um bom desenho são auxiliares indispensaveis da exposição oral ou escrita; mais ainda, os modelos não dispensam os desenhos, porque estes podem mostrar secções, partes de peças ou machinismos, direcções de movimentos, effeitos de flexões e outros phenomenos que nos modelos nem sempre podem ser observados facilmente.

Ainda uma outra observação nos seja permittida.

N'esta obra deu-se rasoavel partilha ao fabrico do material. E' certo que n'isto, como em tudo o mais, o auctor seguiu o programma adoptado. Mas sabendo-se a parte que teve na elaboração d'esse programma, fica registada a vantagem apontada; com effeito, se o simples soldado ou marinheiro não tem que saber nem pode entender a serie de operações empregadas para se chegar a obter o artefacto que lhe é entregue para a defesa ou para o ataque, não succede o mesmo com o official, que pode entender como se realisou esse fabrico, e que necessita de o saber, quando mais não seja, para na occasião propria remediar a avaria, se ella é remediavel com os meios de que possa dispôr.

Mas fique para os technicos a apreciação do trabalho scientifico, a qual aliás já tem sido feita em termos justos e agradaveis, e seja para o *Boletim* a expressão devida do agradecimento pela offerta.

A. E.

MOVIMENTO SOCIAL

Nos mezes de setembro a dezembro de 1909

Setembro

Dia 4 — Reunião da Liga de Natação.

Dia 10 — Reunião da Liga de Natação.

Outubro

Dia 3 — Abertura da Exposição de meios de transporte indigenas coloniaes na sala Portugal.

Dia — Reunião da Direcção.

Dia — Abertura da Escola Colonial com assistencia dos srs. Ministro da Marinha e Ultramar e cons.º Director Geral do Ultramar, sendo feita a oração *de sapientia* pelo professor sr. Lourenço Cayolla.

Novembro

Dia 3 — Reunião da Direcção.

Dia 9 — Envia-se telegramma a Sua Majestade o Rei Eduardo VII da Gran Bretanha pelo seu anniversario natalicio.

Dia 10 — 34.º anniversario da Sociedade. Embandeirou-se e illuminou-se a fachada. Encerrou-se a Exposição de transportes indigenas coloniaes.

Dia 10 — **Sessão ordinaria.** — Presidente, o sr. Z. Consiglieri Pedroso; secretarios: os srs. cons. Ernesto de Vasconcellas e dr. Silva Telles.

Resumo da sessão. — O sr. secretario geral Ernesto de Vasconcellos apresenta as offertas do sr. Camara Manuel do seu livro intitulado «Portugal e In-

glaterra», do sr Visconde de Santarem do livro intitulado «O 2.º Vi[...] Santarem e os seus Atlas geographicos, por J. A. de Freitas». O [...] dente agradece a sua eleição, e procede á leitura da proposta sob[...] cordo luso-brazileiro, e em seguida falla sobre as vantagens da mesm[...] posta foi publicada no *Boletim* de novembro).

O sr. Amelio de Barros põe os seus serviços á disposição da Soci[...] ferindo-se á creação d'uma carreira de navegação para o Brazil O [...] dente põe em seguida a proposta á votação, sendo approvada por unan[...] communica que Sua Magestade El-Rei, logo que regresse do estrang[...] installar a commissão luso-brasileira que ha-de dar cumprimento á p[...] propõe que se agradeça a Sua Majestade e se enviem saudações ao ch[...] tado da nação brazileira e ao sr. Barão do Rio Branco. O sr. Madurei[...] refere-se á sympathia que aos portuguezes merecem os socios da Soc[...] Geographia do Rio de Janeiro. Pelo sr. presidente foi feita a commun[...] socios fallecidos, tendo palavras de homenagem especial para os srs [...] Pereira, Castanheira d'Almeida, André Leproux, Alves Diniz e Range[...] Communica a exoneração a seu pedido do cargo de vice-presidente da [...] do sr. cons. Rodrigo Pequito e o preenchimento d'essa e de outra vaga [...] conde de Penha Garcia e cons. Ramada Curto

A' sessão assistiram os srs cons. F. Paula Azeredo, Ministro da [...] Ministro do Brazil e respectivo secretario, consul do Brazil e os o[...] cruzador brazileiro *Benjamim Constant*.

Socios admittidos n'esta sessão. — *Ordinarios:* Dr. Antonio de Se[...] de Vasconcellos, Visconde da Olivã, Luiz Schwalbach, Manuel Si[...] Abreu, José Sotero e Silva, Antonio Augusto de Seixas, Arthur Ch[...] chiale de Carvalho, Antonio Augusto Baptista, José d'Andrade Junior[...] da Silva Mendes, Edgar Augusto Cardoso, Antonio José Pereira, Al[...] Sandocelho, Francisco Penna, Antonio de Brito, Arthur Marques Car[...] Antonio da Rocha e Sousa, Dr Abel Annibal d'Azevedo, José Rodrig[...] Dr. Alfredo Pinto Lello, Manuel Antonio Iniguez, Sebastião Vieira [...] Julio Affonso Vieira da Cruz, James Martin, Dr. Antonio Caetano Ab[...] Egas Moniz, Dr. Antonio Cassiano Neves, Cesar Augusto Falcão, [...] Areia Larga, Antonio Luiz Cabral, Egas d'Alpoim Cerqueira Borg[...] João de Sousa Schiappa d'Azevedo, Augusto de Brito Monteiro, Jo[...] Pereira, Sebastião Horta e Costa, Dr. Antonio Augusto Cerqueira, Joã[...] tas Branco, José Lucio Alves Chaves, Dr. Mario de Artagão, Paulo F[...] gre, José de Mello da Camara Manuel de Mello, Augusto de Lacerd[...] lindo Correia Leite, José Augusto Correia, Manuel E. Gomes de Car[...] Henrique de Vasconcellos —*Correspondentes:* Jayme Garcia d'Abreu, [...] sem, Baronvan-Albrecht, Paul Vibert, J. P. da Costa Motta, D. Davi[...] Dionisio Ramos Montero, Dr. Escragnolle Doria, Antonio Duarte [...] Ariosa.

Dia 15 — Reunião da Direcção

Dia 15 — Envia-se a Sua Magestade El-Rei as felecitações da [...] pelo seu anniversario natalicio.

Dia 18 — **Sessão livre.** — Presidente, o sr. Z. Consiglieri Pedroso [...] rio o sr cons. Ernesto de Vasconcellos, tomando assento á direita do [...] dente o sr Consul do Brazil Communicação do socio sr. Augusto d[...] a proposito da proposta luso-brasileira; «As duas patrias».

Dia 19 — Reunião da Imprensa de Lisboa, correspondentes dos j[...] Porto e Brazil com assistencia da Direcção da Sociedade, afim de s[...] starem ácerca da proposta de accordo luso-brasileiro. Esta reunião tev[...] sala da India.

Dia 23 — **Sessão livre.** — Presidente, o sr. Z. Consiglieri Pedroso [...] rio o sr. Dr. Silva Telles, tomando assento á direita do sr. presidente [...] nistro do Brazil.

Communicação do socio sr. Escragnolle Doria: «Da necessidade urgente de um accordo luzo-brazileiro».

Dia 25 — Visitam as installações da Sociedade os officiaes do navio-escola *Presidente Sarmiento*, sendo acompanhados pelos srs Ministro e Consul da Republica Argentina e sendo recebidos pela Direcção da Sociedade.

Dia 29 — Reunião da Direcção.

Dezembro

Dia 1 — Embandeiramento e illuminação da fachada da séde da Sociedade commemorando a Restauração de Portugal; assiste ao Te-Deum o sr. conde de Penha Garcia, representando a Direcção da Sociedade.

Dia 4 — A Direcção aguarda S. M. El-Rei na gare do Rocio, á sua chegada do estrangeiro. A' noite illumina-se a fachada da séde da Sociedade.

Dia 6 — **Sessão ordinaria.** — Presidente, o sr. Z. Consiglieri Pedroso; secretarios: os srs. cons. Ernesto de Vasconcellos e dr. Silva Telles.

Resumo da sessão. — Lê-se a lista das pessoas que constituem a Commissão luso-brazileira. Foi lido um telegramma de S. M. El-Rei em que promette presidir á sessão da installação da referida commissão. Voto de sentimento pelos socios fallecidos. O sr. Presidente apresenta á assembleia duas propostas, uma da Direcção sobre «o estado actual da immigração dos portuguezes em paizes estrangeiros» e a outra sobre «a fórma pratica de combater a campanha de descredito acêrca do cacau de S. Thomé. São as seguintes:

Senhores: — Considerando que a campanha de descredito, que ha tempo se está promovendo no estrangeiro, sobre tudo em Inglaterra, contra a mão d'obra agricola da nossa colonia de S. Thomé, em vez de afrouxar, parece pelo contrario cobrar actualmente novo alento, dando logar todos os dias a incidentes offensivos do nosso brio, como esse episodio que agora mesmo se está desenrolando n'um dos tribunaes de Londres;

Considerando que a essa desleal e perfida propaganda, infelizmente até hoje não bastante combatida, cumpre, por superior interesse nacional, oppôr urgentemente auctorisado e categorico desmentido, para que ella não alastre mais, ameaçando-nos com uma *boycottage*, que fere mais ainda o nosso pundonor de nação honrada do que prejudica os interesses materiaes do nosso commercio colonial;

Considerando que tal campanha de descredito, inspirada em motivos faceis de perceber, só poderá ser victoriosamente contraditada por quem, pela sua alta situação e imparcialidade, nem sequer posa ser suspeito de advogar vantagens proprias ou de se prestar a defender menos legitimos interesses alheios;

E attendendo a que a Sociedade de Geographia tem moral e scientificamente a auctoridade indispensavel para, com exito, se oppôr a essa lamentavel corrente de diffamação systematica que, pela apathia de muitos, chegou assim a avolumar-se com grave risco do nosso bom nome de povo, que tanto tem sacrificado os seus interesses materiaes aos principios humanitarios, de que nas colonias foi sempre e continua a ser o defensor mais estrenuo;

Tenho a honra de propôr:

1.º — Que a Sociedade de Geographia envie os seus dois secretarios geraes, no caso de elles a isso patrioticamente se prestarem, em missão especial a Paris e a Londres (um a cada uma d'estas cidades), com o fim de elucidar a opinião publica européa, por meio de conferencias devidamente documentadas ou outra qualquer fórma de propaganda, a respeito da falsidade das allegações, em que se funda a campanha de descredito, que persistentemente continua a mover-se contra a mão d'obra agricola da nossa colonia de S Thomé;

2.º — Que a Sociedade de Geographia procure desde já entender-se com as Sociedades de Geographia d'aquellas duas capitaes para que as conferencias acima referidas se realisem de accordo com essas sociedades e, sendo possivel,

na séde d'ellas ou pelo menos na de alguma instituição analoga, cuja seriedade scientifica seja por todos reconhecida;

3.º — Que a Sociedade de Geographia represente ao governo, solicitando attenta a impossibilidade de ella propria o fazer, que o mesmo governo occorra ás despezas necessarias para os dois secretarios geraes da Sociedade se desempenharem da missão de que vão ser incumbidos.

6 de dezembro de 1909.

O Presidente da Sociedade de Geographia
(a) *Consiglieri Pedroso.*

Senhores: — No anno de 1880 a Sociedade de Geographia expunha ao governo que era uma necessidade urgente fazer-se um recenseamento, tão exacto quanto possivel, dos nossos compatriotas que residem e trabalham em territorios estrangeiros.

Entre estes paizes alguns ha em que os nossos patricios constituem verdadeiras colonias de livre emigração, das quaes citaremos os diversos Estados da Republica do Brasil, Georgetown, S. Francisco, Oackland e outros pontos da California, o archipelago de Sandwich, New-Bedford e Providence e ainda Boston, Brooklin, a Argentina e o Uruguay, não falando em Shanghae, Hong Kong, Bangkok e Bombaim, onde os filhos de Macau e de Gôa formam importantes nucleos de colonisação portugueza, na sua maioria representada por empregados no commercio e casas bancarias, para o que téem notaveis aptidões.

Toda esta dispersão da familia portugueza, principalmente aquella que reside fóra do Brasil e das republicas do Prata, está perdendo de ha muito as caracteristicas da nossa nacionalidade, porque para a sua descendencia, nos paizes em que reside, não tem meio sequer de lhe ministrar o ensino da lingua patria e quando essa descendencia provém de ligações com familias nativas, é immediatamente assimilada com prejuizo para o nosso paiz, para as nossas tradições e até para o nosso commercio maritimo.

Foram muito incompletas as informações que, em consequencia d'aquella exposição, se recolheram dos nossos funccionarios consulares, apesar das instantes recommendações do governo; mas dada a reluctancia dos nossos compatriotas em se inscreverem nos respectivos consulados, não se podia exigir mais d'esses funccionarios.

De 1880 até ao presente, ha 29 annos, os nossos consules teem prestado mais attenção ao assumpto a que nos queremos referir, e, por vezes, um ou outro relatorio encerra dados interessantes sobre o numero e occupações dos nossos compatriotas residindo no seu districto consular, e, portanto, induz-nos isto a crêr que será no momento actual relativamente facil obter-se um recenseamento geral mais exacto dos colonos portuguezes nos paizes a que atraz nos referimos, como subsidio para o estudo da transformação por que tem passado a colonisação portugueza nos paizes visados.

D'este recenseamento, comparado com o anterior, se retirará lição proveitosa para o movimento da nossa emigração, sabendo-se como ella tem variado qual a sua importancia e observando as caracteres predominantes da sua situação politica ou economica, vendo qual é a influencia que o meio em que vivem sobre elles opera, nos usos, na lingua, nas faculdades de trabalho e sobretudo se procuram illustrar-se a si e aos seus filhos, quando tenham constituido familia.

Feito este estudo, cumpriria depois procurarem-se os meios de estreitarmos com essas colonias livres relações de varia ordem, quer commerciaes, quer politicas e tratar-se-hia de promover que entre ellas se fundassem escolas para ensino da nossa lingua e divulgação da nossa litteratura.

D'esta reunião de interesses só nos podem advir vantagens e os nossos colonos não ficarão por fim em circumstancias de inferioridade, relativamente aos das outras nacionalidades.

N'estas condições, e tendo decorrido 29 annos depois do primeiro inquerito, parece conveniente e assim tenho a honra de propôr, que a Sociedade de Geographia, além dos esforços que directamente empregue para esse fim, solicite do governo a necessaria auctorisação e recommendação para que os consules portuguezes nos paizes e localidades acima citados, respondam ao seguinte questionario.

Numero de colonos portuguezes residentes no districto respectivo e dos que annualmente n'elle dão entrada, ou d'elle saem; se augmenta ou diminue o movimento de entradas e saidas; causas?

Qual a sua procedencia, edade e profissão?

Quaes os caracteres predominantes da colonisação portugueza, sua situação e emprego?

Qual é a influencia do meio sobre os nossos colonos?

Vivem agrupados ou disseminados?

Conservam a lingua, os habitos e tradicções da sua nacionalidade?

Fixam-se no paiz, criam familia ou procuram regressar ao reino. Deixam-se assimilar?

Estado intellectual e litterario. Fundam sociedades de beneficencia ou de soccorro mutuo, manteem escolas de portuguez, sustentam hospitaes?

Ha publicações portuguezas na colonia ou existem sociedades litterarias ou de recreio?

Serão bem acceites professores da lingua patria e poderão obter salario remunerador?

Sustentam relações commerciaes com o paiz de origem e com as possessões portuguezas?

Não as havendo, qual o meio de as promover e effectuar?

Quaes os productos em que commerceiam?

Quaes as suas occupações principaes no commercio, na industria ou na agricultura?

Dedicam-se á pesca?

Conseguem fortuna? Collocam-a no paiz ou transferem-a para Portugal?

Ha capitalistas importantes?

Ha navegação nacional para os portos em que ha colonos portuguezes?

Como promovel-a e quaes os incentivos para a poder haver?

A este questionario juntarão as nossas auctoridades consulares, ou as associações a que a Sociedade se dirija, todas as demais informações que julguem uteis, para mostrar o grau de prosperidade nas nossas colonias de immigração.

Os questionarios devidamente preenchidos serão recolhidos na Sociedade de Geographia, que sobre elles fará um estudo completo de modo que se possa retirar d'elles a conveniente lição, a fim de promover que se cuide dos meios indispensaveis para melhorar e aperfeiçoar as mutuas relações e interesses entre essas colonias e paizes de immigração em Portugal e seus dominios.

(a) *Ernesto de Vasconcellos.*

O sr. presidente e o sr. secretario Ernesto de Vasconcellos justificam as propostas. Trocam-se explicações sobre a proposta do cacau, entre os srs. dr. Amaro Conde, Pedro Vieira, Marquez de Val Flor e dr. Matheus Sampaio. As duas propostas foram approvadas. O sr. secretario geral dr. Silva Telles apresenta á assembléa uma recente publicação do professor da Universidade de Genebra, o sr. Lhodat, que a dedicou a Portugal.

Socios admittidos n'esta sessão. — *Ordinarios:* Srs. Constancio d'Oliveira, Leopoldo Guilherme Tavares Cardoso, José Moreira Rato, Carlos Nellis, Thomaz Jorge, João Evangelista Pinto de Magalhães, Augusto Duarte, José da Cruz Viegas, Marianno de Carvalho Costa, José Victor Sousa Peres Murinello, dr. João da Nobrega Araujo, Manuel Martins Cardoso, Bernardino dos Santos Cardoso, Felix Picard, D. Joaquim Henrique de Lencastre, Manuel Damaso de Jesus Junior, Manuel Simões Serra, Antonio d'Oliveira Gomes, João Carlos David, Domingos José Ribeiro Rraga, Manuel Maria de Sousa Cruz Vieira, Francisco Antonio d'Almeida, José Augusto dos Santos Lucas, Antonio José Barbosa Resende, Alberto d'Almeida Teixeira, Carlos Malheiro Dias, Henrique Lopes de Mendonça, Manuel Rodrigues Larangeira.— *Correspondentes:* srs. Alfredo Casanova, dr. Francisco Augusto Pereira da Costa, dr. D. Tomás Cerón Camargo.

Dia 10 — Reunião da Secção d'Arte, sob a presidencia do sr. José Velloso Salgado, para se pronunciar acerca da consulta feita pelo representante da Re-

publica Argentina em Portugal, com relação á representação do nosso paiz n
proxima Exposição de Arte no Centenario a realisar em Buenos Ayres.

Dia 13 — Reunião da Direcção.

Dia 16 — A Direcção vae agradecer a El-Rei a offerta do retrato que S
Magestade havia feito á Sociedade.

Dia 19 — Conferencia na sala «Algarve», pelo sr. dr. Alberto Bramã
acerca do divorcio.

Dias 16 e 24 — Reunião da sub-commissão africana, sob a presidencia
sr. conselheiro Madeira Pinto, para se pronunciar sobre o parecer apresenta
pelo sr. Judice Biker sobre o tratado do Transvaal.

Dia 26 — Reune na sala «Algarve» a assembléa da Cooperativa Pred.
Portugueza, a fim de distribuir por sorteio dois predios aos seus associados.

Dia 27 — Reunião da Direcção.

Movimento dos socios ordinarios em 1909

Existentes em 31 de Dezembro de 1908	2.277	
Transitados de correspondentes	19	
Admittidos	180	2.4

A deduzir

Por se despedirem	65	
Transitados a correspondentes	24	
Fallecidos	63	
Eliminados segundo o n.º 4 do artigo 14.º do Estatuto	59	2
Existentes em 31 de dezembro de 1909		2

Socios fallecidos em 1909

Mezes	Nomes	Profissão	Data da eleição
Janeiro..	Jayme Arthur da Costa Pinto	Proprietario — Vice-Presidente da Secção de Excursões Scientificas em 1908	20- 3-883
»	José Rodrigues Fortée Rebello	Negociante	4- 4-898
»	Cons. Francisco Maria da Cunha	General — Vice-Presidente da Direcção de 1883 a 1887 — Presidente de 1888 a 1890 — Presidente Honorario, Vogal do Conselho Central 1894-95. Vogal das Commissões Africanas, Asiatica e Insular	12- 8-878
»	Nicolau José da Silveira Mongiardini	Official da Administração Militar	6- 3-899
»	Manuel Augusto Ferraz de Mello	Proprietario	5-12-904
»	Cons. José Pereira Barbosa	Negociante	6- 6-895
»	Manuel Fernandes d'Azevedo	Capitalista	9- 3-903
»	Manuel Nunes Correia	Proprietario	8- 3-893
»	Francisco Alfredo Nunes	Negociante	1- 6-885
»	Affonso de Moraes Sarmento	Official do Exercito — Vogal da Commissão Africana e das Secções de Engenharia e Cartographia	6-12-880
»	Emydio da Silva Monteiro Macedo	Parmaceutico	7- 3-904
Fevereiro	Henrique Augusto Dias de Carvalho (honorario)	General — Vogal das Commissões Africana, Asiatica, Emigração e Sciencias Militares	29-12-876
»	Joaquim Dias Ferreira	Negociante — Vice-Presidente da Commissão Insular em 1900	8- 3-897
»	Manuel José de Moraes	Commerciante	16-12-901
»	Antonio d'Araujo Cerveira Serra	Commerciante	8- 1-900
»	Dr. Adolpho Bernardo Frœlick Lamayer	Medico	3- 6-901
Março....	José Alberto Fortuna Rosado	Funccionario publico	26- 1-891
»	Manuel Fernandes Pessoa	Pharmaceutico	5- 3-906
»	Conde de Burnay	Capitalista, Industrial e Commerciante — Vogal das Secções de Industria e Commercio	9- 1-893
Abril....	Dr. João Henriques Dias Chaves	Medico	8-11-897

Mezes	Nomes	Profissão	Data da eleição
Abril....	Luiz Antonio Netto da Silva	Funccionario publico.........	30- 8-87
»	Roberto Schlesinger..	Negociante	7- 5-90
»	Joaquim Ennes Rua......	Commerciante	7- 4-898
»	Benigno da Silva Tavares	Lavrador e industrial	9- 3-90
»	Dr. Antonio Seabra Couceiro.............. ..	Jurisconsulto................	2- 4-90
Maio. ...	Alvaro Valdez Penalva...	Official da Armada — Vice-Secretario da Commissão Africana em 1908.............	8-11-897
»	Christovão da Costa Cezar de Castro	Funccionario publico.........	30- 9-897
»	Dr. Antonio Ferreira d'Almeida................	Medico	24- 1-89
»	Ricardo Loureiro	Proprietario................	3- 3-89
»	Thomaz Augusto da Costa França	Professor	6- 3-89
»	P.e Felisberto Augusto Vieira do Bem.........	Ecclesiastico	6- 6-892
Junho....	Elysio Mendes...........	Proprietario —Vice-Presidente da Commissão Americana 1898-1899 e 1901-1903 —Presidente da mesma Commissão de 1904 a 1909.........	7- 1-879
»	Visconde do Rio Sado....	Juiz e Pproprietario — Vogal da Secção de Sciencias Sociaes e Jurisprudencia......	6-12-897
»	José Augusto d'Oliveira ..	Funccionario publico.........	8-12-902
»	Manuel Francisco Migueis	Proprietario.....	8-11-897
»	João Feliciano Marques Pereira	Funccionario publico — Professor da Escola Colonial—Vogal das Commissões Asiatica e de Emigração...........	5- 6-893
»	Manuel Castanheira d'Almeida	Funccionario publico — Presidente da Commissão de Paz e Arbitragem — Vogal da Commissão de Emigração e das Secções de Physica e Climalogia, Ethnographia, Economia Politica e Estatistica e Industria............	2- 3-891
»	Francisco José Caldeira ..	Funccionario publico.........	9- 3-903
Julho....	Ernesto Torre do Valle.	Negociante	11- 5-903
»	Joaquim José de Figueiredo Leal	Proprietario e lavrador.......	1- 6-903
»	André Leproux.........	Eengenheiro Director da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes	5- 6-905
»	José Raphael Pinto Pessoa	Commerciante	19-11-906
Agosto...	Arthur Adolpho dos Santos	Empregado publico	7- 5-906
»	Francisco d'Assumpção Pereira	Fiscal da Bolsa de Lisboa	11- 4-904
»	Antonio José Araujo.....	Official do Exercito—Vice-Pre-	

Mezes	Nomes	Profissão	Data da eleição
		sidente da Commissão Africana 1898-1900—Vice-Presidente da Commissão de Emigração 1907-1908...........	25-10-886
»	Pedro d'Alcantara Gomes.	Official do Exercito	7- 3-898
»	Alexandre José d'Abreu..	Proprietario.................	10- 3-905
»	Manuel Corrêa de Pinho..	Negociante.................	14- 5-894
Setembro	José Norberto da Silva Pinto	Banqueiro.................	7- 5-906
»	José Dionisio Carneiro de Sousa e Faro..........	Empregado publico	30-11-884
Outubro..	Alfredo Annibal Valego Themudo	Proprietario.................	7- 5-906
»	Cons. Gaspar d'Azevedo de Araujo e Gama........	Advogado e proprietario......	8- 3-897
»	Manuel Joaquim Alves Diniz	Commerciante—Vice-Presidente da Commissão Insular 900-903 — Vogal da Secção do Commercio	1- 6-885
»	Francisco Rangel de Lima	Funccionario publico.........	8- 3-897
»	Arthur Zaluar	Empregado no commercio.....	20- 1-890
»	Antonio Francisco da Silva	Negociante	7- 2-898
Novembro	João Adolpho Gerken.....	Empregado publico	8- 2-892
»	Conde de Almeida Araujo.	Proprietario —Vice-Presidente da Commissão Americana 1900 a 1907	
»	Antonio da Silva Pimenta	Proprietario....	4- 4-898
»	D. Luiz Maria da Camara.	Funccionario publico.........	10-11-909
Dezembro	Antonio José Gomes	Negociante..................	10- 4-899
»	José de Sarmento Velloso.	»	10- 4-905
»	José Guilherme Macieira.	»	6- 5-907
»	Dr. Joaquim Arantes Pereira	Medico	19-11-906

MOVIMENTO DO MUSEU COLONIAL DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA EM 1909

Receberam-se para o Museu durante este anno os seguintes objecto

Fevereiro

10.533 — Viaducto «Ayres d'Ornellas» (modelo em prata) do Caminho Ferro de Benguella sobre o Lengue. Lembrança da visita feita em Setembro 1909. Offerta da Companhia do Caminho de Ferro de Benguella.

Março

6.642 — Ouro de Timor, 15 grammas. Valor: 5 1/4 Pardaus. Offerta de regulo por occasião do anniversario natalicio de Sua Majestade Por interveu do Ministerio da Marinha e Ultramar.

6.643 — Minerio de cobre proveniente de terras de Vemasse, Comman militar de Baucau — Timor.

1.222 — Cabeça de hippopotamo do logar de Canoco na Alta-Zambe morto pelo offerente o Sr. Manoel Joaquim Calçada Bastos.

— Espiritos nativos (23 exemplares) fabricados nos distillatorios ficiaes de Damão e Nagar Avely do Estado da India. Por intervenção do nisterio da Marinha e Ultramar. N.os 1.113, 1.126, 1.147, 1.158, 1.159, 1.1 1.189, 1.172.

Abril

1.211 — Punhal feito com ponta de antilope, fabricado no Xime, «Rio Gêb Guiné.

1219 — Ossatura da cabeça de cavallo, com inscripções arabes, feita pe Mandingas da Guiné. Offerta do Sr. João Augusto d'Oliveira Muzanty.

Maio

8.811 — Formiga branca. Nome indigena Baga-Baga. Apanhada no po militar de Cuh-Cunda — Balantas — Guiné. Offerta do Sr. Tenente Vello

9.254 — Porta arabe em miniatura. Trabalho arrendilhado em pau sa Offerta do Sr. José Simão Xavier de Sousa, de Zamzibar.

Junho

Collecção de borboletas de Moçambique em preparação. Offerta Sr. Leopoldo de Magalhães.

1.442 — Milho da colheita de 1909. — Circumscripção do Chai-Chai Gaza, Moçamqique. Offerta do Sr. Governador Geral de Moçambique.

1.752 — Quadros a oleo — 2 exemplares — com paysagens chinezas. Ad ridos por compra

Julho

6.648 — Madeira opalisada da Região do Arizona — petrificação tal procedente da familia das camphoreiras da America do Norte. Offerta do s correspondente o Ex.mo Sr.

Agosto

9.787 — Freio e redea, usados nos jumentos pelos Mandingas.

424 — Instrumento musico de cordas. Industria indigena da Guiné. Off do Sr. Henrique C. S. Barahona

Setembro

10.427 — Colleira de coiro usada nos jumentos pelos Mandingas. Serve para os prender ás mangedoiras e transportal-os á mão. Industria indigena na Guiné Portugueza. Offerta do Sr. Francisco de Paula Miranda Diniz.

Outubro

6.949 — Cipó-Santa Cruz. Tronco de madeira oriundo de Campinas no Estado de S. Paulo no Brazil. Offerta do Sr. Joaquim Dias da Silva.

Novembro

6 616 — Ouro proveniente das areias da ribeira de Ribiçusso na ilha de Timor, pesa 21,5 grammas. Offerta do Sr. Governador do Districto por intervenção do Ministerio da Marinha e Ultramar.

Dezembro

6.617 — Jarras de fina procellana e pintura chineza, expostas na sala da *India*. Adquiridas por compra.

Durante o anno, junto com os trabalhos ordinarios da limpeza geral, procedeu-se á beneficiação de diversas secções de productos e artigos coloniaes, taes como: as das armas chinezas, collecções de zoologia, fructos, cacaus, cafés, madeiras, tecidos, etc.

Estatistica dos visitantes ao Museu em 1905

Mês	Visitantes
Janeiro	1:238
Fevereiro	1:354
Março	1:630
Abril	2:080
Maio	1:945
Junho	2:394
Julho	1:857
Agosto (incluindo excursionistas)	2:956
Setembro » »	3:060
Outubro » »	2:898
Novembro	1:773
Dezembro	1·687
Total	24:872

Resumo

Visitantes em dias destinados pelo regulamento	20:937
» forasteiros e excursionistas	3:577
» estrangeiros	358
Total	24:872

Visitantes assistentes a festas e exposições na sala «Portugal»

Ao concerto da Tuna Feminina	3:300
Exposição de maquettes para o monumento da Guerra Peninsular	11:400
Ao Congresso Pedagogico	3:500
A duas audições musicaes de piano electrico	1:300
Ao Congresso Nacional das Uniões Christãs	2:600
A' sessão solemne de inauguração do busto de Sá da Bandeira	3:800
Exposição Parcellar da Secção de Meios de Transporte	3:700
Total	29:600

A pedido do Instituto Geografico de Agostini se publica textualmente o seguinte aviso :

L'Istituto Geografico de Agostini ouvre en Rome avec le 1er Janvier 1910 une maison de vente au pubblic pour seules pubblications de gèographie et de tourisme. Annexè à la maison il y a un Office gèneral de vente pour l'Italie des publications susdites.

Vue l'importance internationale et nationale de Rome et que la maison sera sans doute frequentèe par tout le studieux de gèographique nous en donnous communications à nos lecteurs et aux maisons editoriales des cartes gèographiques et touristiques, guides etc., parce que Elles faissant offres de depot de leurs pubblications et conditions de vente.

Ecrire toujours à **Instituto Geografico de Agostini — Roma, 64-65 Via della Stamperia.**

INDICE

AS MATERIAS CONTIDAS NA 27.ª SERIE

BIBLIOTHECA DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

Obras entradas nos mezes de abril a junho de 1909

(N'esta lista não se incluem as publicações periodicas recebidas com regularidade)

Accordãos do Tribunal da Relação de Loanda do anno de 1908. — Loanda, 1908. — Offerta.

Allegações finaes na acção ordinaria proposta por Antonio Flavio Martins Ferreira contra o dr. Antonio Joaquim dos Santos e outras. Feitas pelo advogado dr. Alfredo Toledo. — São Paulo, 1900. — Offerta.

Almanach de Casa-Branca para 1904. Editor-proprietario Luiz Soares Pereira. Anno III. — Casa-Branca, 1904. Offerta do sr. dr. Alfredo Toledo.

Année (L') I — L'année internationale par Félicien Challaye. — II L'année politique par P. G. La Chesnais. — III L'annèe ouvrière par Albert Thomas. — Paris, 1909. — Comprado.

Année (L') Scientifique et industrielle. Cinquanto-deuxième année (1908) par E'mile Gautier. — Paris, 1909. — Comprado.

Annuaire du Commerce. Didot Bottin, 1909. — Paris. Tomes I-II — Départements-E'tranger. — Paris, 1909. — Comprado.

Annuaire Météorologique pour 1909 publié par les soins de J. Vincent. Bruxelles, 1908. — Offerta.

Annuario [da] Escola Medico-Cirurgica de Lisboa em 1906-1907. Coordenado sob a direcção de P. A. Bettencourt Raposo. — Lisboa, 1908. Offerta.

Annuario do Lyceu Central de Lisboa. 3.ª zona escolar, á Lapa. Anno escolar de 1906-1907. Lisboa, 1908. — Offerta.

Annuario do Lyceu Nacional de Aveiro. Anno lectivo de 1907-1908. Aveiro 1909. — Offerta.

Annuario Estatistico de Portugal. 1904-1905. — Vol. I. Ministerio da Fazenda, — Direcção Geral de Estatistica e dos Proprios Nacionaes. Lisboa, 1908. — Offerta.

Anthropologie (d') Congrès International et d'Archéologie Préhistoriques. Compte rendu de la treizième session. Monaco, 1906. Tome II. — Monaco, 1908. — Inscripção.

Annuario Estadistico de la República Oriental del Uruguay. Anos 1907-1908. — Tomo I. — Montevideu, 1909. — Offerta da Dirección General de Estadistica del Uruguay.

Appellação Civel n.º 3:785. — Appellantes: Oreste Piza, sua mulher e outros. Appellados: Os herdeiros de D. Maria Genoveva Amaral Ribas. Razões da appellação de fls. 266 pelo advogado dr. Alfredo de Toledo. — S. Paulo, 1903. — Offerta.

Appellação Civel n.º 4:270 — Appellante. Convento de Nossa Senhora do Carmo de S. Paulo. Appellado: dr. Rodrigo Pereira Barreto. Razões do appellante por seus advogados dr. Joaquim Augusto Ferreira Alves e Alfredo de Toledo. — S. Paulo, 1905. — Offerta.

Appellação Civel n.º 4:765. — Appellantes: ex.ma sr.ª viscondessa do Rio Tinto e outros. Appellado: Joaquim Pinto Pereira de Almeida. Razões dos Appellantes pelo advogado dr. Alfredo de Toledo. S. Paulo, 1906. — Offerta.

Appellação Civel n.º 5:639. — Razões do appellado pelo advogado dr. Alfredo de Toledo. S. Paulo, 1909. — Offerta.

Archiv für Photogrammetrie (Internationales). Organ der «Osterreichischen Gesellschaft für Photogrammetrie» in Wien. 1. Jahrgang. März 1908. — Heft 1. — Offerta.

Argentina (Modern). The El-Dorado of To-Day with notes on Uruguay and Chile by W. H. Koebel. — London, 1907. — Offerta do auctor.

Astronomia (La) aplicada á la navegación de los buques rápidos por el academico numerário Excmo. Sr. D. José Ricart y Giralt publicada en abril de

1909 (Memorias de la Real Academia de Ciencias y Artes de Barcelon Vol. VII Núm. 11). Barcelona, 1909. — Offerta do auctor.

Atti del Sesto Congresso Geografico Italiano. Adunato in Venezia dal 26 al 3 Maggio 1907. Volume primo. Notizie, Documenti, Rendiconti e Relazion Venezia, 1908. — Inscripção.

Atti della Società Italiana per il progresso delle scienze publicati per cur dei soci Reina, Pirotta, Folgheraiter, Ricci, Amoroso. Seconda riunion Firenze-Ottobre, 1908 Roma, 1909. — Offerta.

Au large (VI) [par] Maxime Vuillaume. Mes cahiers rouges (da collecção «Ca hiers de la Quinzaine» 28 Mars 1909). — Comprado.

Automoveis (Noções geraes sobre) por Francisco da Fonseca Benevides. — Lisboa, 1908 — Offerta do auctor.

Bandeira (A) Nacional (Estudo a proposito de uma conferencia) [por] José Fe leciano. S. Paulo, 1907-1908. Offerta do auctor.

Bandeira (A) Portugueza. Orgão dos Interesses da Colonia Portugueza no Bra zil. N.os 115 a 118. Anno III. — Offerta.

Ban (Le) et l'Arrière Ban du Duché de Rethel à la fin du XVIIème siècle pa Paul Pellot. — Paris, 1909. — Offerta.

Benguella (Breve noticia sobre o planalto colonisavel de). Governo geral d provincia de Angola Loanda, 1908. — Offerta.

Brazil (O descobrimento do) por José Feliciano. (Esboço de apreciação histo rica) 4.° centenario. S. Paulo, 1900 Offerta do sr. dr. Alfredo de Toled

Brésil (Le) au XXe siècle par Pierre Denis. Paris, 1909. — Comprado.

Breves indicações sobre tiro para uso dos atiradores civis (União dos Atirado res Civis Portuguezes). Lisboa, 1909. — Offerta.

Capital Paulista Revista de Artes e Lettras Anno IV n.° 31 serie III n.° 7. Fe vereiro. S. Paulo, 1902. — Offerta.

Capitão (O) Torquato de Toledo, por Elpidio Leite (Destacado da Revista d Instituto Historico de São Paulo, vol. 8.° 1903). São Paulo, 1904. — Offerta

Captage et protection hygiénique des eaux d'alimentation par M. E. A. Mart et M. C. Dr. Henry Thierry. Paris, 1907. — Offerta.

Carta aberta aos Congressistas Municipaes, por Dominó Branco. Lisboa, A. c [1909]. — Offerta.

Cartas de Paris por Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos. Vol. III. — Offerta do sr Antonio Vasconcellos.

Cartilha Ganadera. Indicaciones generales más necessarias para organisar un estancia moderna por Alfredo Ramos Montero (Republica Oriental del Uru guay) — Offerta

Catalogo contendo, entre outras obras, as acquisições feitas desde 1898 a 190 Nova serie. Tomo I. (Real Bibliotheca Publica Municipal do Porto). Porto 1909 — Offerta.

Cavallaria (A) nos exercitos modernos [por] F. Sá Chaves. (Obra premiad no Certamen Internacional de Estudos Militares de Madrid). — Penafie 1906. — Offerta do auctor

Chorographia do Municipio de Boa Vista do Tremedal, Estado de Minas Geraes escripta especialmente para o Album Illustrado de Minas por Antonio d Silva Neves Bello Horizonte, 1908 — Offerta.

Chorographia do Municipio do Rio Pardo, Estado de Minas Geraes. Por Anto nio da Silva Neves Bello Horizonte, 1908. — Offerta.

Chronica de El Rei D. Affonso, II-III por Ruy de Pina (Bibliotheca de Classico Portuguezes) — Lisboa, 1906. — Comprado.

Chronica de El-Rei D Sancho, I-II por Ruy de Pina (Bibliotheca de Classico Portuguezes) Lisboa, 1906 — Comprado

Chronica de El Rei D Diniz por Ruy de Pina (Bibliotheca de Classicos Portu guezes) Volume I-II Lisboa, 1907 Comprado.

Colonial administration in the Far East The Province of Burma. A Repor prepared on behalf of the University of Chicago by Alleyne Ireland. Cam bridge, 1907. 2 vols. — Comprado.

Colonies (Le peuplement de nos). Concessions de terres. Madagascar, Indo Chine française, N.lle Calédonie, Congo, Tunisie, Djibouti. Par Ch. Lemire 4.e edition. Paris, 1909 — Offerta do auctor.

ometas, estrellas cadentes e bolidas (A proposito do fim do mundo) por José Feliciano. S. Paulo, 1899. — Offerta do sr. dr. Alfredo de Toledo.
ompte-rendu des travaux du Congrès National des Sociétés françaises de Géographie. 28 session. Juillet-Août. 1907. Bordeaux, 1908. — Inscripção.
ongreso Histórico Internacional de la Guerra de la Independencia y su epoca (Publicaciones del) (1807-1815). Celebrado en Zaragoza durante los dias 14 á 20 de Octubre de 1908. Tomo I. Zaragoza, 1909. — Inscripção.
onstrucção Civil. Vol IV. Trabalhos de carpintaria civil por João Emilio dos Santos Segurado (Bibliotheca de Instrucção Profissional). Lisboa, s/d. — Comprado.
ontestacion del Congreso Nacional al mensaje del Señor Presidente de la Republica. Tegucigalpa, 1909. — Offerta.
orona funebre dedicada á la memoria de la virtuosa y distinguida señora doña Joaquina Cabrera de Estrada. s/l e s/d. — Offerta.
reux (Le) du Soucy (Côte d'Or) por M. E. A. Martel. Extrait des comptes-rendus de l'Association Française pour l'avancement des Sciences. Congrès de Cherbourg, 1905. Paris, 1906. — Offerta do auctor.
uestion Venezolana Colombiana, Caracas, s/d. (1908). — Offerta do sr. dr. Durid Ricardo.
anemark (Le). Etat actuel de sa civilisation et de son organisation sociale par J. Carlsen, H. Olrick, C. N. Starcke. Copenhague, 1900. — Offerta do auctor.
e Minahassa. Haar Verleden en haar Tegenedoordige Toestand door N. Graafland — Offerta.
escripção da Egreja do Espirito Santo parochial da Villa de Aldeia Gallega do Riba-Tejo, coordenada por José Joaquim d'Ascensão Valdez (Separata do Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes). Lisboa, 1909. — Offerta do auctor.
iscoveries (The) made by Pedraluarez Cabral and his Captains, an attempt to harmonise the narrations of the voyage set forth by Barros and by Correa, by James Roxburgh. Tasmania, MCMIX. — Offerta.
iscurso proferido na 1.ª sessão solemne da Liga Monarchica do Porto na noite de 17 de Maio de 1909, por Antonio de Lemos. Porto, 1909. — Offerta do auctor.
iscursos proferidos na sessão solemne da inauguração do retrato de Sua Majestade El-Rei o Senhor D. Manuel II na sala das sessões da Camara Municipal de Lourenço Marques em 23 de maio de 1909 pelos srs. dr. José de Oliveira Serrão de Azevedo e dr. Angelo Ferreira. Lourenço Marques, 1909. — Offerta.
ducação (A) e a urbanidade. Aos professorandos de 1902. (Discurso do seu paranympho) por José Feliciano (lido a 11 de dezembro de 1902). São Paulo, 1903. — Offerta do sr. Alfredo de Toledo.
in Vorkämpfer der deutschen Kultur in Brasilien. Hamburg, s/d. — Offerta.
leitorado (O) na Federação (Razões do recurso eleitoral n.º 5:897) por Alfredo de Toledo. São Paulo, 1905. — Offerta.
migrazione e Colonie Raccolta di rapporti dei R. R. Agenti Diplomaci e Consolari. Vol. III. America. Parte I. Brasile (Ministero degli Affari Esteri. Commissariato dell' Emigrazione). Roma, 1908 — Offerta.
quatori (Dix années en). Le retour d'Emin Pacha et l'expédition Stanley par Gaetano Casati. Ouvrage traduit avec l'autorisation de l'auteur, par Louis de Hessem. Paris, 1892. — Offerta do sr. Antonio Martins d'Araujo.
quilibrio (L') ed il moto perpetuo della Terra girante intorno al Sole, por Giuseppe Borredon. Napoli, 1908. — Offerta.
rgebnisse der meteorologischen Beobachtungen an den Landesstationen in Bosnienhercegovina in den jahren 1906 und 1907. Herausgegeben von der bosnisch-hercegovinischen Landesregierung. Sarajevo, 1908. — Offerta.
ruption (The) of Vesuvius in April, 1906 by A. Lacroix (from the «Smithsonian Report» for 1906, pags. 223-248. Washington. — Permuta.
stadistica del impuesto sobre los transportes de viajeros y de mercancias por las vias terrestres y fluviales. (Dirección general de contribuciones, impuestos y rentas). Año de 1906. Madrid, 1906. — Offerta.

Estatutos do Monte-Pio Nacional. Associação de Soccorros Mutuos creado por funccionarios administrativos em 1905. Ampliados e reformados em 1907. Lisboa, 1908. — Offerta.
Evolucion. Revista Mensual de Ciencias y Letras. Relación oficial del primer Congreso Internacional de Estudiantes Americanos celebrado en Montevideo de 26 de Enero á 2 de Febrero de 1908. Montevideo. Marzo, Abril, Mayo y Junio de 1908. — Offerta.
Fate (The) of the widows amongst the ba-ronga. By The Rev. H. A. Junod. s/l. 1900. — Offerta do sr. R. Kalla.
Fleuves, Canaux et Ports (Association Internationale Permanente des Congrès de Navigation). Bruxelles, 1908. — Inscripção.
Formulario e Guia Medico por Pedro Luiz Napoleão Chernoviz. Decima oitava edição. Paris, 1908. — Comprado.
Gedenkschrift of memorie van J. V. Stein van Gollenesse. (Selections from the records of the Madras government.) Madras, 1908. — Offerta.
Gisements de Diatomées fossiles à Furnas (Ile de S. Miguel) par F. A. Chaves. Extrait du Bulletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelles. Lisbonne, 1909. — Offerta do auctor.
Great Britain. Handbook for travellers by K. Baedeker. Sixth edition revised and augmented. Leipzig, 1906. — Comprado.
Grundwasser (Das) in Hamburg. Mit Beruecksichtigung der Luftfeuchtigkeit. der Lufttemperatur, der Niederschlagsmengen und der Flusswasserständ dargestellt von dr A. Voller. Hamburg, 1908. — Offerta.
Guadalupian (The) Fauna by George H. Girty (Department of the Interior United States Geological Survey. Professional Paper 58). Washington, 1908. — Permuta.
Guayana (Por las selvas de). Desde el Atlantico hasta la sierra de Parima, por los rios Barima, Amacuro, Demerara, Esequibo, Massaruni, Cuyuni, Acarabisi y Venamo. [Por] Elias Toro. Caracas, 1905. — Offerta do sr. dr. Durid Ricardo.
Guerra (A) Russo-Japoneza [por] F. Sá Chaves. (A Cavallaria na campanha da Mandchuria). Conferencias feitas na Escola Pratica de Cavallaria no periodo escolar de 1905-906. Lisboa, 1907. — Offerta do auctor.
Guerra Peninsular (Programma e regulamento da exposição biblio-iconographica que na Bibliotheca Nacional de Lisboa ha-de realisar-se em commemoração centenaria da...). Lisboa, MCMIX. — Offerta.
Guerras da Independencia. As três invasões francezas por Marcellino Mesquita (Bibliotheca do Povo e das Escolas). Lisboa, 1908. — Comprado.
Gustavo Beyer. Notas biobibliographicas por Vieira Fazenda e M. de Oliveira Lima. S. Paulo, 1908. — Offerta.
Hai-Nan. Le pays et ses habitants [por] Cl. Madrolle. Conférence du 19 février 1909. Texte extrait du «Bulletin du Comité de l'Asie Française». — Offerta do auctor.
Hamburger Beitrage. Donnerstag. N.º 20 Agosto de 1908 (N.º 433). — Offerta.
Historia da civilisação primitiva e oriental. Em conformidade com o programma dos Lyceus. (Bibliotheca do Povo e das Escolas). Lisboa, 1908. — Comprado.
Historia da Litteratura Portuguêsa (Bibliotheca do Povo e das Escolas). Lisboa, 1909. — Comprado.
Historia organica e politica do exercito portuguez por Christovam Ayres de Magalhães Sepulveda. Lisboa, 1904-1908. — Offerta do Ministerio da Guerra.
Historia tragico-maritima compilada por Bernardo Gomes de Brito. (Bibliotheca de Classicos Portuguezes. Vol. XI). Lisboa, 1908 — Comprado.
Historia de Shanghai by C. A. Montalto Jesus. s/l. 1909. — Offerta do auctor.
History of Ceylon from the earliest times to 1600 A.D. as related by João de Barros and Diogo do Couto. Translated and edited by Donald Ferguson. Colombo, 1909. — Offerta do sr. Donald Ferguson.
Homenaje á la memoria del presbitero doctor José Trinidad Reyes en el quincuagesimo aniversario de su fallecimiento. (Discursos, Poesias, &). Tegucigalpa. — Offerta da Secretaria de la Universidad Central da republica de Honduras.

Hotel (O) Universal de Pedras Salgadas. Porto, 1909. — Offerta.
Hygiène (L') du logement par Paul Juillerat. Paris, s/d. — Comprado.
Iceland. Its history and inhabitants by herr Jon Stefansson (from The Smithsonian Report for 1906, pages 275 294). Washington. — Permuta.
Illustracion (La) República de Colombia). Serie 1.ª N.º 2. Bogotá, Septiembre de 1908. — Offerta.
Imprensa (Annaes da) Cearense. Catalogo organisado pelo Barão de Studart (Separata do volume 1.º da Parte II do tomo especial da «Revista do Instituto Historico e Geographico Brazileiro»). Rio de Janeiro, 1908. — Offerta do auctor.
Incendio (O) da rua da Magdalena. Por que é que Leandro Gonzalez mandou deitar fogo ao predio n.º 237 ? Lisboa, 1909. — Offerta.
Indo-Chine (Les cinq pays de l') française, l'établissement de Kouang-Tchéou, le Siam, par Ch. Lemiere. Augers. 1899. — Offerta.
Instituto Historico e Geographico [de S. Paulo]. Sessão de inauguração de séde social. [N.º 11:065. 26 de janeiro de 1909 de «O Estado de S. Paulo»]. — Offerta.
Instituto (O) de Sciencias Naturaes do Collegio de Campolide, pelo Padre Oliveira Pinto. Separata da revista annual «O Nosso Collegio». Lisboa, 1909. — Offerta.
Interpretation (The) of topographic maps by Rollin D. Salisbury and Wallace W. Atwood (Department of the Interior United States Geological Survey. Profissional Paper). Permuta.
Istituto Coloniale Italiano. Pel quarto anno di vita. Relazione del Presidente Senatore Giacomo de Martino e programma di lavoro. Roma, 1909. Offerta do Istituto.
Jahrbücher der K. K. Zentral-Anstalt für Meteorologie und Geodynamik. Offizielle publikation. Jahrgag 1907. Wien, 1909. Offerta.
Japon (Le) moderne. Son évolution, por Ludovic Naudeau. Paris, 1909. Comprado.
Java The Wonderland (Nederland Royal Mail Line) s d. e s/l. Offerta.
Jean-Christophe à Paris [por] Romain Rolland II. Dans la maison, 2 (da collecção «Cahiers de la Quinzaine, 28 février 1909.) Comprado.
Jenaer Studentenleben zur Zeit des Renommisten von Zachariae. Geschildert von Edmund Kelter. Hamburg, 1908. Offerta.
Jules Verne (A). Poésie récitée au théâtre d'Amiens à l'occasion du 1.er anniversaire de Jules Verne. 24-25 mars 1906. Par Ch. Lemire. Amiens, s/d. Offerta.
Julia y Julieta [pelo] Dr. Luiz Alfonso Berganzo. Poema. Mexico, 1909. Offerta do auctor.
Klimatographie von Osterreich. Herausgegeben von der Direktion der k. k. Zentralanstalt für Meteorologie und Geodynamik. III Klimatographie von Steiermark von Dr. Robert Klein. Offerta.
Kolonie und Heimal Berlin. N.ºs de 30 Agosto de 1908, de 10 de Novembro de 1908. Offerta.
Land (The) of the Castanet. Spanish Sketches by H. C. Chatfield-Taylor. Chicago, 1896. Offerta do sr. Dr. Ricardo.
Laws (The) of England being a complet Statement of the whole law of England. By the Right Honourable the Earl of Halsburg and other lawyers (Vol. 1, 2, 3, 4, 6 e 7). London, 1907. Comprado.
Lista annual de antiguidades dos officiaes da armada e mais pessoal em serviço dependente do Ministerio da Marinha referida a 31 de dezembro de 1908. Lisboa, 1909. Offerta.
Litige (Le) des scories et des terres cuites anthropiques des formations néogènes de la Republique Argentine par Florentino Ameghino. Buenos-Ayres, 1909. Offerta.
Lusitano (O). Orgão dedicado á Colonia Portugueza no Brasil. Numero I Anno I. (Este numero contem 4 retratos da familia Real Portugueza.) Offerta.
Macau (A Sanidade de). Traços de Hygiene Urbana e Social. Conferencia realisada no Gremio Militar de Macau em 25 de Fevereiro de 1909 por Antonio do Nascimento Leitão. Macau, 1909. Offerta do auctor.
Madeira (Contribuições para o estudo da) por Carlos Azevedo de Menezes. Funchal, 1909. Offerta.

Madeira, old and new, by W. H. Koebel. London, 1909. Offerta do auctor
Manual Politico do Cidadão Portuguez por Trindade Coelho. 2.ª edição. P... taciο de Alberto d'Oliveira. Porto, 1908. Comprado.
Matto Grosso. Revista mensal de Sciencias, Lettras, Artes e Variedades. Cuia... Fevereiro 1909. Anno VI. Numero 2. Offerta.
Medalha (Uma) de Fr. D. Antonio Manoel de Vilhena, Grão-mestre da ord... de S. João de Jerusalem, inedita no Livro de Furse por Arthur Lam... Da collecção organizada por José Lamas. Lisboa, 1908. Offerta do auct...
Memoria Anuario correspondiente al curso académico de 1908 a 1908 que... publica en cumplimiento de lo que dispone el articulo 26 del Reglame... Universitario. Habana, 1909. Offerta.
Memoria con sus correspondientes anexos que al ciudadano presidente de... Republica presenta al ciudadano secretario de Estado en los despachos... Hacienda y Comercio. Santo Domingo, 1908. Offerta.
Memoria explicativa e justificativa dos actos e da situação da Companhia R... dos Caminhos de Ferro Atravez d'Africa. Porto, 1909. Offerta.
Memoria historica da Estrada de Ferro Central do Brazil organisada por M... nuel Fernandes Figueira. Rio de Janeiro, 1908. — Offerta.
Memoria presentada al Congreso Nacional Legislativo por el secretario de ... tado en el despacho de Hacienda y Credito Publico General. D. Mig... Oqueli Bustillo. 1906-1908. Tegucigalpa. 1909. — Offerta.
Merveilles (Les) de la vie. Études de philosophie biologique pour servir... complément aux «énigmes de l'Univers» par Ernest Haeckel. Paris, ... — Comprado.
Messinese (Alcune osservazioni sugli epicentri sismici della Calabria e dei) ... tratto dalla «Rivista di Fisica, Matematica e Scienze Naturali». (Pav... Anno X. Febbraio, 1909. Numero 110. — Offerta.
Méthode (De la) dans les sciences par M. M. les professeurs H. Bouasse. E. D... kheim, A. Giard, A. Job etc. Paris, 1909. — Comprado.
Meu (O) livro e a imprensa [por] Raphael das Dores. Lisboa, 1909. — Offe... do auctor.
Mexico (Breves apuntes sobre historia de la educacion en) por el profesor F... domero Zenil. (Publicaciones de la Direcion General de la Enseñanza N... mal.) Mexico, 1909. Offerta.
Morales et religions. Leçons professées à la l'École des Hautes Études Soci... par M. M. R. Allier, G. Belot, le Baron Carra de Vaux, F. Challaye, ... Croiset, L. Dorison, E. Ehrhardt, E. de Faye, Ad. Lods, W. Monod, ... Puech. Paris, 1909. Comprado.
Muerte (La) de Jesus. Poesia par el dr. D. Luiz Alfonso Berganzo. Mex... 1908. Offerta.
Museum für Völkerkunde. Berichterstatter, Robert Vonwiller. s/l. 1907.
[illegible] d'Italia [versos por] Numa Pompilio. Vizeu, 1909. Offerta... auctor.
National reclamation of arid lands by C. J. Blanchard. (from The Smithsoni... Report for 1907, pages 469-492). Washington. Permuta.
Naval (The) Annual. Edited by T. A. Brassey 1909. London, 1909. Compr...
[illegible] (De) [illegible] door Dr. F. J. L. Krämer. Historisch gedenkboek ui... gegeven door het Nieuws van den Dag. Amsterdam. 1900. Offerta.
[illegible] Lisboa, 1909. Offerta.
[illegible] personal académico (Real Academia de Ciencias y Artes. A... [illegible] 1909 (xxvi de la creación de este Cuerpo, cxxxix d... creación [illegible] Real Academia). Barcelona, s. d. Offerta.
[illegible] (To) and through the northwest passage by Capt Ro... [illegible] Smithsonian Report for 1906, pages 249-273). W... [illegible]
[illegible] Nacional do Rio de Janeiro em 1908). Vol... [illegible]
[illegible] Historico [por] Francisco da Fonseca B... [illegible] 1908. Offerta do auctor.
[illegible] Charles Péguy (da collecção «Cahiers d... [illegible] Comprado.
[illegible] gedenkschrift, geschreven in 17...

D. door Adriaan Moens. (Selections from the records of the Madras Government). Madras, 1908. Offerta.

Oranje Nassau Mecklenburg Schwerin Gedenkboek uitgegeven ter gelegenheid van het heuwelijk van Koningin Wilhelmina met Hertog Hendrik Mecklenburg Schwerin. Amsterdam, 1901. Offerta.

Orçamento (O) para 1908-1909 e a situação financeira do país. Discurso pronunciado na Camara dos Senhores Deputados na sessão de 12 d'Agosto de 1908, por J. M. de Queiroz Velloso. Lisboa, 1908 Offerta do auctor.

Organizacion del Servicio de Tesoreria (Volumen sexto) Documentos correspondientes al segundo trimestre de 1908. (Abril a Junho) [República de Colombia]. Bogota, 1908. Offerta.

Pais (Do) da Luz. Communicações medianicas de Eça de Queirós, Camillo Castello Branco e outros, obtidas por Fernando de Lacerda. Vol. I-II. Lisboa, 1908. Offerta do auctor.

Parlamento (Ao) Portuguez. Representação dos Filhos de S. Thomé. Lisboa, 1908. Offerta.

Perú versus Bolivia [por] Euclydes da Cunha. Rio de Janeiro, 1907. Offerta do sr. Dr. Vicente F. B. Wanderly Araujo.

Pescas (As) Maritimas em Portugal, por Vicente Almeida d'Eça (Sociedade de Geographia de Lisboa). Lisboa, 1909. Offerta do auctor.

Poema Transcendente por Saturnino Barbosa dedicado á Academia Brasileira de Letras. (Sem sciencia não ha salvação). S. Paulo, 1909. Offerta do auctor.

Portugal Contemporaneo por Augusto Forjaz Pereira de Sampaio com um prologo de José de Sousa Monteiro, da Academia Real das Sciencias de Lisboa e a Collaboração litteraria de alguns outros escriptores portuguezes. Publicação de O. Malho. Rio de Janeiro, 1905. Offerta do auctor.

Portugal no Cabinet des médailles de Paris, [por] Arthur Lamas. Lisboa, 1909. Offerta.

Portuguese Bankruptcy Proceedings (on) The Siam Weekly Mail. May 3 rd, 1909. Offerta.

Presupuestos generales del estado para el año económico de 1909. Madrid, 1909. Offerta.

Problema (O) naval portuguez por Ayres d'Ornellas. Alguns elementos para a sua resolução. Lisboa, 1909. Offerta do auctor.

Projecto de reforma dos Estatutos da Real Associação dos Architectos Civis e e Archeologos portuguezes elaborado por Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos Braga, 1909. Offerta do auctor.

Quadros (Os) Açóricos e a Critica. Homenagem dos Alumnos do Lyceu de Angra do Heroismo ao seu illustre professor, sr. Dr. Ferreira Deusdado. Angra do Heroismo, 1908. Offerta.

Quiros Ribeiro und sein «Himmelssteig» von Louise Ey. Sonderabdruck aus dem 2 hefte 1909 der Zeitschrift «Die Kultur» Offerta do auctor.

Questão (A) Feminista, por Jayme d'Almeida (Esboço critico). Porto, 1909. Offerta do auctor.

Rapport annuel du Conseil de l'Université (6 Janvier 1908). Comptes-Rendus des Travaux des Facultés et des Observatoires. Rapports sur les Concours lus au Conseil de l'Université de 6 décembre 1907 (Université de Toulouse). Toulouse, 1908. Offerta.

Rapport sur les travaux exécutés en 1906-1907. (Service Géographique de l'Armée). Paris, 1907-1908. Offerta.

Razões de Appellação nos autos da Appellação Civel N.º 2079 pelo advogado Dr. Alfredo de Toledo. (Tribunal de Justiça de São Paulo). São Paulo, 1902. Offerta.

Records of Fort St. George. Country correspondence political department. 1740, 1748, 1800 a 1804. Madras, 1908-1909. Offerta do Governo de Madrasta.

Reforma (A) Constitucional. [por] José Feliciano. São Paulo, 1908. Offerta do auctor.

Regicidio (O). Discurso proferido na commemoração funebre mandada celebrar pela Universidade, em homenagem á memoria do Rei e do Principe assassinados, pelo doutor Alves dos Santos. (Separata do «Annuario da Universidade»). Coimbra, 1909. Offerta do auctor.

Register van de Werken van het Koninklijk Instituut van Ingenieurs 1907-[illegible]
S. Gravenhage, 1909. Offerta

Regulamento e programma. Grande concurso hippico internacional de 16
de maio de 1909 sob a alta protecção de S M El-Rei. Sociedade Promo[illegible]
d'Apuramento de Raças Cavallares (Turf-Club) Lisboa, 1909. Offerta.

Relatorio da Grande Commissão Executiva da Colonia Portugueza para a r[illegible]
pção de S. Majestade El-Rei D. Carlos 1.º de Portugal e da Grande C[illegible]
missão da Colonia Portugueza do Rio de Janeiro apresentado pela
directoria. Rio de Janeiro, 1909. Offerta.

Report of the general manager of railways for the year ended 31st Decem[illegible]
1908. (Central South African Railways). Pretoria, 1909. Offerta.

Report of the Transvaal Department of Agriculture. 1st July, 1907, to
June, 1908. Presented to both Houses of Parliament by Command of
Excellency the Governor. Pretoria, 1909. Offerta.

Report on the scientific results of the voyage of S. G. «Scotia», during
years 1902, 1903, and 1904, under the leadership of William S. Bruce.
lume II, Physics. Volume IV e V, Zoology. Edinburgh, 1907-1908-1909.
ferta.

Report (Second Annual) of the commitee of Control of South African Cen[illegible]
Locust Bureau. Prepared for publication and edited by Claude Fuller. C[illegible]
Town, 1909. Offerta.

Report (Seventh Annual) of the director of the Bureau of Science to the Hon[illegible]
rable the Secretary of the Interior by Paul C. Freer. Manila, 1909. Offe[illegible]

Report (Twenty-sixth annual) of the Bureau of American Ethnology to the
cretary of the Smithsonian Institution 1904-1905. Washington, 1908. [illegible]
muta

Requerimento enviado por diversas vezes aos Srs. Presidentes do Estado e
Srs. Secretarios do Interior, Por Joseph William Mee. S. Paulo, s-d.
ferta.

Rio Branco (Barão do). Collecção de periodicos de S. Paulo (Brazil) noticia[illegible]
as homenagens prestadas ao Barão do Rio Branco em abril de 1909.
as seguintes: «S. Paulo» de 19 e 20: «Diario Popular» de 19 e 20: «C[illegible]
mercio de S. Paulo» de 19 e 20; «A Platéa» de 20; «A Gazeta» de
«Correio Paulistano» de 21; (9 numeros). Offerta.

Rocky (The) Mountains. By William Morris Davis. Internationale Wochensc[illegible]
für Wissenschaft Kunst und Technik herausgeben von Prof. Dr. Paul
neberg. Berlin-Schellingstr 16. 3 April 1909 Offerta.

Roleta: [illegible] par Farniente Filho. Portugal secundo Monte-Carlo, Notas d[illegible]
[illegible] Paris, 1909. Offerta do auctor.

Ruwenzori [illegible] Parte scientifica. Risultati delle osservazioni e studi com[illegible]
[illegible] raccolto dalla spedizione. Volume I. Zoologia-Botanica.
[illegible] Geologia, Petrografia e Mineralogia. Milano, 1909. Comprado

Selections from the records of the Madras Governement. Dutch records N[illegible]
4. 5. Madras, 1908. Offerta do Governo de Madras.

Serra Negra. Ephemérides, por Pedro da Silveira. S. Paulo, 1902. Offert[illegible]
sr. Dr. S de Jangh Ricardo.

Singer (A history of the building construction, its progress from foundati[illegible]
flag pole. Edited by O. F Semsch. New York, 1908. Offerta da Compa[illegible]
Singer

Sobre o fundamento biolojico e o nexo moral das liberdades publicas, po[illegible]
[illegible] Lisboa, 1908 folha avulso com capa; Offerta do aucto[illegible]

Société [illegible] l'Étranger. Angleterre, Allemagne, Autriche, Italie, Esp[illegible]
[illegible] Russie, Japon, États-Unis, por J. Bardoux e outros. Ave[illegible]
[illegible] de M. A. Leroy Beaulieu et une conclusion de Jean Bordeau[illegible]
[illegible] Comprado.

Sonetos [illegible] por Fidelino de Figueiredo. Lisboa, 1908. Offer[illegible]
auctor.

Sort [illegible] Novela Pallaresa por D. Agustin Coy y Cotonat. Barc[illegible]
[illegible] Juan P. Criado y Dominguez.

Source [illegible] de Fontaine l'Evêque (Var) en 19[illegible]
[illegible] Offerta.

Source (E'tude sur la) de Fontaine l'Evêque (Var) par M. E. A. Martel en collaboration avec M. le Couppey de la Forest. Paris, 1905. Offerta.
Souvenir de la fête célebrée à l'E'cole Normale de São Paulo (Brazil) en l'honneur de Mr. Paul Doumer le 16 Septembre 1907. São Paulo, 1907. Offerta.
Statuts (Association des licenciés sortis de l'Université de Liége. Ouvre mutuelle scientifique d'expansion Belge.) s/l, s/d. Offerta.
Successão de estrangeiros no Brazil pelo advogado Dr. Vicente Ferrer de Barros Wanderley Araujo. Recife, 1909. Offerta.
Synopse dos diplomas officiaes de caracter permanente publicados no «Boletim Official» da provincia de Moçambique referida ao anno de 1908 e coordenada por A. Abranches de Sousa. Lourenço Marques, 1909. Offerta.
Tiradentes e a educação civica. Conferencia realizada a 20 de abril pelo professor José Feliciano no «Gremio Normalista». São Paulo, 1907. Offerta do sr. Dr. Alfredo de Teledo.
Trabalho (O) Folha popular. Espirito Santo do Pinhal, 11 de Julho de 1907. Anno II N.º 86. Offerta.
Traditionalisme et démocratie por D. Parodi. Paris, 1909. Comprado.
Traduko en Esperanto de la Decidoj & Deziroj vocdonitaj de la deligitaro Lundon 3an Augusto & Jaudon 6an Augusto 1908. (Naua Kongreso Internacia de Geografio). Gênevo, 1909. Offerta.
Transvaal (De eersete annexatie van de) pelo Dr. W. J. Leyds. Amsterdam 1906. Offerta do auctor.
Travail (Le) du Zarathoustra por Daniel Halévy. (da collecção «Cahiers de la Quinzaine» 25 Avril 1909). Comprado.
Uber die Ausbreitung der Wellen in der drahtlosen Telegraphie von Arnold Sommerfeld (Sitzungsberichte der Königlich Bayerischen Akademie der Wissenschaften Mathematischphysikalische Klasse, Jahrgang 1909, 2 Abhandlung. München, 1909. Offerta.
Uber die elementare Herleitung des Weierstrass'schen Vorbreeitungssatzes von F Hartogs (Sitzungsberichte der Königlich Bayerischen Akademie der Wissenschaften Mathematisch physikalische Klasse, Jahrgang 1909, 3. Abhandlung. München, 1909. — Offerta.
Uber die Temperaturveränderungen von Luft beim Stromem durch eine Drosselstelle, von Emil Vôgel. München, 1909. — Offerta.
Une familie rethéloise aux xvie et xviie siècles ; la famille Lefebure, par Paul Pellot. Sédan, 1909. — Offerta.
Usines (Les) et la colonie de la maison Schimmel & C.ie à Miltiz près Leipzig · Miltitz, 1908. — Offerta.
Venezuela, por Tomás Caivano. Traducido al castellano de la segunda edición italiana por el mismo auctor. Barcelona, 1897. — Offerta do sr. D. Ricardo.
Verhandlungen der osterreichischen Kommission für die internationale Erdmessung. Protokoll über die am 29. Dezember 1907 abgehaltene Sitzung, por Dr. Edmund Weiss. Wien, 1908. — Offerta.
Verne (Jules). Discours de réception prononcé à la séance du 10 février 1908 par M. Ch. Lemire. Réponse de M. Oct. Thorel (Académie des Lettres des Sciences et des Arts d'Amiens.) Amiens, 1908. — Offerta do auctor.
Verne (Les fêtes Jules). L'inauguration du monument. (No «Mémorial d'Amiens» de 9 e 10 de maio de 1909). — Offerta.
Visita (A) do medico suéco Dr. Gustavo Beyer ao Brazil no anno de 1813 e a fabrica de ferro do Ipanema. Memoria apresentada ao Instituto Historico e Geographico de São Paulo pelo socio João Wetter. São Paulo, 1909. — Offerta.
Zum Deutsch Amerikanischen Gelehrten-Austausch. Von William Morris Davis. Na Internationale Wochenschrift fur Wissenschaft, Kunst u. Technik, 14. November, 1908. N.º 46. — Offerta.

Relatorios

Associação Camoneana José Victorino Damasio. Gerencia do 1905-1908.
Associação Commercial de Lisboa. Anno de 1908.
Associação Commercial do Porto. Anno de 1908.

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

Proposta da Direcção sobre uma Memoria ácerca da colonia portuguesa no Brazil

SENHORES:

Um dos factos que mais justifica a affirmação da capacidade colonisadora de Portugal, é sem duvida a formação d'essa grande nacionalidade que foi o Brazil possessão portuguesa, e é hoje o Brazil independente. Para a creação do Brazil concorreu Portugal durante tres seculos com o melhor da sua população emigrante; e por tal forma a corrente de emigração para a America portuguesa se havia radicado na vida nacional, que, realisada a independencia da Colonia, e passados os primeiros momentos de natural hesitação, essa corrente não affrouxou, antes porventura augmentou de intensidade, e durante muitos annos foi ella quem alimentou, quasi exclusivamente, as exigencias, sempre crescentes, de braços e de actividades que a nova nação independente recebia de bom grado, pois d'isso sómente lhe resultava proveito.

Com o andar dos tempos outras correntes de emigração europeia se teem dirigido para o Brazil, resultando d'ahi a contraposição de esforços e de aptidões entre os emigrantes das diversas nacionalidades. Por outro lado o Estado brazileiro começou, em certa altura da sua vida independente, a empregar esforços para tirar o maior proveito das diversas emigrações, no sentido de com ellas reforçar a propria nacionalidade.

D'esta maneira as condições em que ao presente
a colonia portugueza no Brazil, são bem diversas
observavam em tempos anteriores. E' certo que a co
de raça, de lingua e até certo ponto de costume:
guezes e brazileiros os torna mais aptos á amalg
ria, porem, saber o que mais aproveita a uns e a
absorpção completa ou a continuação da differença
lisação; ou antes conviria demonstrar que a contin
differença é porventura mais util a uns e a outros.

Taes foram, alem de outras que este momento:
naturalmente suggere, as rasões que levaram o no:
o Sr. Zophimo Consiglieri Pedroso a propôr á Dire
ciedade de Geographia que se inscrevesse no or
anno de 1909 uma verba destinada a premiar a
moria sobre

«o modo mais efficaz de promover a união mc
nia portugueza no Brazil com a mãe-patria, apre:
alvitres para evitar a sua desnacionalisação e indi
mente os meios mais apropriados para lhe dar a i
força na lucta com as outras colonias estrangeiras,
disputam a influencia».

A' Direcção da Sociedade de Geographia pare
o ponto interessante e de grande utilidade o estudo
ma proposto. Está elle completamente na indole d
da nossa Sociedade e a sua resolução correspond
cessidade, complexa, é certo, e portanto difficil de sa
que nem por isso se deve deixar de tentar.

O systema de propôr a premio o estudo de d
problemas scientificos é muito empregado pelas aggr
natureza analoga á da nossa Socidade. A quantia ar
o premio não representa de modo algum o valor
premiado, e apenas tem de ser considerada como
citamento ou modesto subsidio para auxiliar as des
vestigação originadas por estudos d'esta ordem.

O verdadeiro valor do premio consistirá em se

Proposta

1.º A Sociedade de Geographia de Lisboa resolve estabele-
r um premio unico para a melhor Memoria que fôr apresen-
da sobre o seguinte assumpto: «o modo mais efficaz de pro-
over a completa união moral da colonia portugueza no Brazil
m a mãe-patria, apresentando os alvitres para evitar a sua
snacionalisação e indicando os meios mais apropriados para
dar a indispensavel força na lucta com as outras colonias
trangeiras que ali lhe disputam a influencia».

2.º O premio será da quantia de duzentos mil réis.

3.º A Memoria premiada será publicada a expensas da So-
edade de Geographia.

4.º A Direcção da Sociedade fica encarregada de formular
programma do concurso para a Memoria.

5.º A abertura do concurso não impede que qualquer socio
ossa, em sessões ordinarias ou especiaes, fazer communicações
conferencias sobre o thema proposto, ou qualquer das suas
rtes, ou ainda sobre assumptos a elle correlativos.

Sociedade de Geographia de Lisboa, 25 de Janeiro de 1909.

A Direcção.

Sociedade de Geographia de Lisboa

Assembléa geral · Sessão administrativa

E' convocada a assembleia geral, em sessão period[illegible] administrativa, para o dia 10 de fevereiro de 1910, pela[illegible] e meia horas da noite, sendo a ordem da noite o julgamen[illegible] dos actos e contas da gerencia e a eleição da mesa, direc[illegible] e comissão de contas.

Sómente pódem tomar parte na assembléa os socios q[illegible] estejam nos termos do § 3.º, artigo 16.º e artigo 27.º do Est[illegible]tuto Geral.

A Mesa